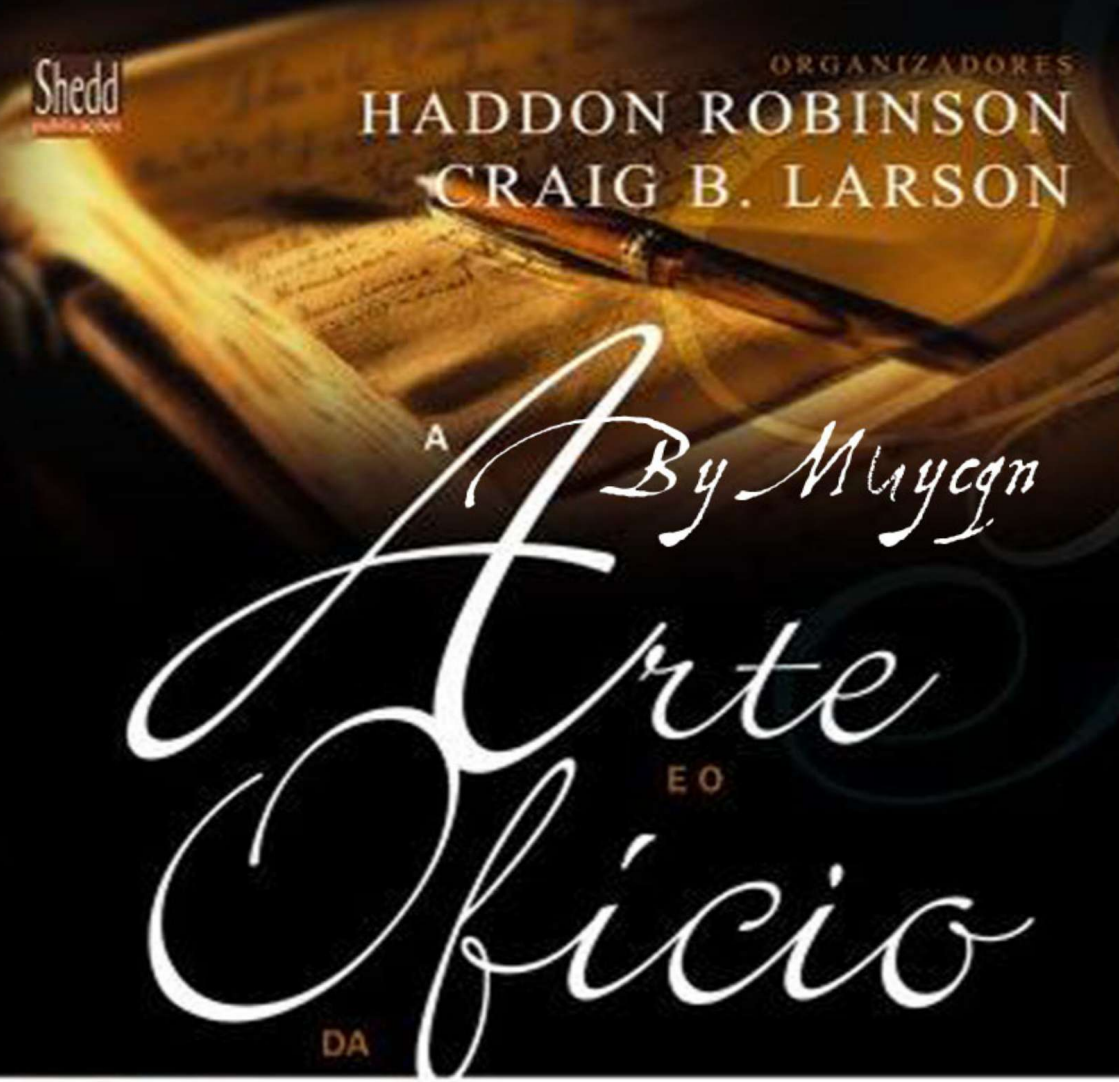


PREGAÇÃO BÍBLICA

UM MANUAL ABRANGENTE PARA OS COMUNICADORES DA ATUALIDADE

A ARTE E O OFÍCIO DA PREGAÇÃO BÍBLICA

UMA ANTOLOGIA DE MAIS DE 200 CAPÍTULOS ESCRITOS POR ALGUNS DOS PREGADORES MAIS RESPEITADOS DA ATUALIDADE TRATANDO DE TODOS OS ASPECTOS DO OFÍCIO DO PREGADOR.

"Não há outro recurso de pregação como este, carregado de *insights* e desafios profundamente relevantes tanto para o principiante inseguro quanto para o veterano calmo e senhor de si. Se você dá grande valor à pregação e ao crescimento, não me surpreenderei se você ler e reler este livro durante o restante da sua vida".

CRAIG BRIAN LARSON



COLABORADORES

Jay Adams · David L. Allen · Gordon Anderson · Kenton C. Anderson · Jeffrey Arthurs · Craig Barnes · Dan Baty · Alistair Begg · Rob Bell · John Beukema · Paul Borden · Stuart Briscoe · Wayne Brouwer · Mark Buchanan · D. A. Carson · Noel Castellanos · Bryan Chappell · Rodney L. Cooper · Fred B. Craddock · Ken Davis · Ed Dobson · Richard Doebler · Maxie Dunnam · Lee Eclov · Kent Edwards · Richard Exley · Richard Foster · Randy Frazee · Mark Galli · Scott M. Gibson · Bill Giovannetti · Stephen Gregory · Ted Haggard · Daniel T. Hans · Richard P. Hansen · Wayne Harvey · Jack Hayford · David Helm · Bill Hybels · David Jackman · Darrell W. Johnson · Timothy Keller · Jay Kesler · Matthew D. Kim · John Koessler · Craig Brian Larson · Greg Laurie · Duane Litfin · Crawford Loritts · Grant Lovejoy · Dick Lucas · Gordon MacDonald · James MacDonald · Steven D. Mathewson · Alice Mathews · S. Bowen Matthews · Dave McClellan · Marilyn Chandler McEntyre · Joe McKeever · Rick McKinniss · Robertson McQuilkin · Kevin A. Miller · Jesse Miranda · Jim Nicodem · Susan Maycinik Nikaido · John Ortberg · Larry Osborne · Bill Oudemolen · Earl Palmer · Ben Patterson · Randal Pelton · John Piper · Ian Pitt-Watson · Kenneth Quick · Michael Quicke · Alfredo Ramos · Eric Reed · Rick Richardson · Haddon Robinson · Torrey Robinson · Ed Rowell · Stephen N. Rummage · Bob Russell · Greg R. Scharf · Jim Shaddix · Emily E. Shive · Lewis Smedes · Chuck Smith · Fred Smith · Andy Stanley · Chris Stinnett · John R. W. Stott · Joe Stowell · Don Sunukjian · Chuck Swindoll · Barbara Brown Taylor · Virginia Vagt · John Vawter · Dave Veerman · Walter Wangerin Jr. · Rick Warren · Timothy S. Warren · Scott Wenig · Warren Wiersbe · F. Bryan Wilkerson · Dallas Willard · William Willimon · Paul Scott Wilson · Mike Yearley

Shedd publicações

ISBN: 978-85-88315-82-2

ORGANIZADORES

HADDON ROBINSON
CRAIG BRIAN LARSON



PREGAÇÃO BÍBLICA

TRADUTORES

VALDEMAR KROKER
DANIEL HUBERT KROKER
REBECA HUBERT KROKER

DEDICATORIA

Haddon Robinson

Sid Buzzell
Scott Gibson
Duane Litfin
Don Sunukjian
Bruce Waltke
Colegas no ministerio a quem me sinto honrado em chamá-los de "amigos".

Craig Brian Larson

À minha esposa Nancy e aos meus filhos, Aaron, Ben, Mark e Brian David, que têm apoiado esse elevado chamado; e às igrejas a que servi por abrirem seu coração para receber a Palavra da Vida

UMA ORAÇÃO DE GEORGE HERBERT (1593-1633)

Senhor, como pode o homem pregar a tua palavra eterna?
Ele é vidro frágil e imprestável.
No entanto, no teu templo tu lhe conferes
Esse lugar glorioso e transcendente,
A ser uma janela por tua graça.

Mas quando temperas no vidro a tua história,
Fazendo tua vida brilhar dentro
Do teu sagrado pregador, então a tua luz e a glória
Mais reverenciadas se tornam, e mais ganho trazem,
O que sem isso seria diluído, desanimador e tênue.

Doutrina e vida, cores e luz em um
Quando se combinam e se fundem, produzem
Estima forte e admiração; mas a fala somente
Desvanece como uma coisa em chamas
E no ouvido soa, não na consciência.

SUMÁRIO

Como usar este livro 15
Colaboradores 17
Agradecimentos 23

Parte 1

O SUBLIME CHAMADO DA PREGAÇÃO 25
Como posso ser fiel ao que Deus quer que a pregação seja e faça?

1. As Convicções da Pregação Bíblica 26
   Haddon Robinson
2. Uma Definição de Pregação Bíblica 26
   John Stott
3. Uma Dose Semanal de Dignidade Condensada 33
   Craig Brian Larson
4. Superalimentados, Subdesafiados 34
   Jay Kesler
5. A Teologia e a Pregação Cheia de Poder 37
   Jay R Adams
6. A Pregação que Eleva os nossos Olhos 40
   Crawford Loritts
7. Conduzir e Alimentar 41
   Jack Hayford
8. João 3.16 na Clave de Dó 46
   Jeffrey Arthurs
9. Cresça na Sua Pregação 49
   Bill Hybels
10. A Formação Espiritual por meio da Pregação 54
    Robertson McQuilkin
11. Pregando a Vida na Igreja 61
    Jeffrey Arthurs
12. Minha Teoria da Pregação 66
    Haddon Robinson
13. Permanecendo na Linha 68
    David Helm
14. A História da Pregação 73
    Michael Quicke

Parte 2

A VIDA ESPIRITUAL DO PREGADOR 81
Como devo cuidar da minha alma para estar espiritualmente preparado para pregar?

15. Um Cálice Transbordante 82
    Dallas Willard
16. O Pregador Patenteado 84
    Warren W Wiersbe
17. Orei por minha Pregação 90
    Joe McKeever
18. Como Funciona a Unção? 94
    Lee Eclov
19. Extremamente Puro 98
    Kenton C. Anderson
20. Leitura Obrigatória 103
    Haddon Robinson
21. Como Distribuir Corretamente a Carga da Pregação 104
    Larry W. Osborne
22. Como Pregar em meio ao Sofrimento Pessoal 110
    Daniel T. Hans
23. Um Profeta entre Vocês 115
    Maxie Dunnam
24. Queimando Gasolina Limpa 121
    Scott Wenig
25. Como Pregar quando Começa a Faltar Oxigênio 123
    Mark Buchanan
26. Por Que Caminho antes de Pregar 126
    Walter Wangerin Jr.
27. Pregando para Abalar os Demônios 128
    Craig Barnes

28. Santa Expectativa 132
Haddon Robinson

Parte 3

CONSIDERANDO OS OUVINTES 135
Como devo mudar a minha abordagem conforme quem está ouvindo?

29. Pregando a Cada Um em Particular 136
Haddon Robinson
30. O Poder da Simplicidade 143
Chuck Smith
31. A Vista da Platéia 147
John Koessler
32. Pregando para Pessoas Comuns 149
Lewis Smedes
33. Por Que Pregadores Sérios Usam Humor 154
John Beukema
34. Conecte os Ouvintes por meio do Diálogo 169
JeJJrey Arthurs
35. Auto-Revelação que Glorifica a Cristo 172
Joe Stowell
36. Como Ser Ouvido 174
Fred Smith
37. Abrindo a Mente Fechada dos ouvintes 179
Ed Dobson
38. Transformando a Platéia em uma Igreja 185
Will Willimon
39. Pregando para Mudar o Coração 192
Alistair Begg
40. Pregando a Verdade, a Justiça e o Estilo de Vida Estado-unidense 196
Rick McKinniss
41. Pregando a Moralidade em uma Época Amoral 200
Timothy Keller
42. A Pregação para outras Culturas 206
Rick Richardson
43. Conectando com Pós-Modernos 210
Robertson McQuilkin
44. Pregando em meio ao Pluralismo 213
Timothy Keller
45. Conectando com Não-Cristãos 216
John Koessler
46. Como Traduzir Sermões Masculinos para Mulheres 219
Alice Mathews
47. Ele Falou, Ela Ouviu 222
JeJJrey Arthurs
48. Como conectar com Homens ... 226
Bill Giovannetti
49. Criando um Sermão Atraente para os Solteiros 231
Susan Maycinik Nikaido
50. Pregando a Pré-Escolares 233
Marilyn Chandler McEntyre
51. A Pregação aos Estado-unidenses Hispânicos 235
Noel Castellanos, Jesse Miranda., Alfredo Ramos
52. A Pregação para Estado-Unidenses Afro-Descendentes 238
Rodney L Cooper
53. Pregação para Estado-Unidense Asiáticos 242
Matthew D. Kim
54. O Trabalho Vence? 247
Lee Eclov
55. Um Sermão, Duas Mensagens 250
Wayne Brouwer
56. O Pregador Brincalhão 253
Richard P. Hansen
57. Que Autoridade ainda Temos? 257
Haddon Robinson

Parte 4

INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO 263
Como posso compreender o significado correto das Escrituras e apresentar a sua relevância a ouvintes tão singulares?

58. Por Que o Sermão? 264
Ben Patterson
59. Extraindo o Ouro do Texto 268
John Koessler
60. Ser Fiel antes de tudo 274
David Jackman
61. A Carta de Intenções de Deus 279
Greg R. Scharf
62. Cinco Questões Cruciais para a Exposição Bíblica 284
Earl Palmer
63. As Regras do Jogo 287
David L. Alien
64. Por Que todos melhores Pregadores São Teológicos 292
John Koessler
65. Permitindo que os Ouvintes Façam as Descobertas 299
Earl Palmer
66. Condenação e Compaixão 303
S. Bowen Matthews
67. A Impropriedade da Teologia do "Sim" 308
Ben Patterson
68. O que os grandes Treinadores — e Pregadores — sabem 309
Craig Brian Larson
69. A Pregação que Abre Ouvidos e Corações 315
Haddon Robinson
70. Conduzindo os Ouvintes à Árvore da Vida 317
Ted Haggard
71. Fundamentos do Gênero Literário 320
David L. Alien
72. De a.C. até a Hora do Culto ... 324
Steven D. Mathewson
73. A Grande Idéia da Pregação Narrativa 330
Paul Borden, Steven D. Mathewson
74. A Vida em Levítico 343
Rob Bell
75. Aplicação Interna 346
David Veerman
76. Aplicação sem Moralismo 353
Bryan Chappell
77. Harmonizando Conteúdo Bíblico e Aplicação para a Vida 360
Haddon Robinson
78. Mostrando a Promessa 367
Craig Brian Larson
79. Ajudando os Ouvintes a Praticar o que Pregamos 370
Randy Frazee
80. A Heresia da Aplicação 375
Haddon Robinson
81. Pregando com Vistas à Verdadeira Santidade 381
Randal Pelton
82. Menos Joe, Mais Jesus 384
Joe Stowell
83. A Pregação que Promove o Centrar-se em Si Mesmo 385
Craig Brian Larson
84. O Perigo da Pregação Prática 389
Lee Eclov
85. Graça: Uma Licença para a Perambulação? 391
Bryan Chapell
86. O Precioso Som da Graça e da Santidade 393
Kenton C. Anderson

Parte 5

ESTRUTURA 397
Como eu gero, organizo e sustento a idéia de forma clara?

87. Sendo Liberto do Molde de Cortar Biscoitos 398
Haddon Robinson
88. Diga e Faça 403
Fred Craddock
89. Conectando o Conteúdo Bíblico com os Ouvintes Contemporâneos 404
Mike Yearley

90. Claramente 409
Haddon Robinson
91. Habilidades de Clareza Oral 412
Don Sunukjian
92. Perguntas que Revestem os Ossos de Músculos 415
Don Sunukjian
93. As Melhores Grandes Idéias 435
Entrevista com Haddon Robinson
94. O Poder da Seqüência 441
Craig Brian Larson
95. Esboços que Trabalham Por Você, não Contra Você 445
Steven D. Mathewson
96. A Tensão entre Claridade e Suspense 449
Don Sunukjian
97. O Sangue Vital da Pregação 453
lan Pitt-Watson
98. Armadilhas da Aliteração 453
Don Sunukjian
99. Modulando a Tensão 456
Craig Brian Larson
100. O Título Orientado por Propósitos 457
Rick Warren
101. Por Que eu Deveria Dar Ouvidos a Você? 459
Kent Edwards
102. Conclusões Satisfatórias 461
Kent Edwards

Parte 6

ESTILO 465
Como posso usar os meus pontos fortes e meus diversos tipos de sermões para atingirem o seu completo potencial bíblico?

103. Como Determinar seus Pontos Fortes e Fracos 466
Duane Litfin
104. A Pregação que é Interessante 475
Stuart Briscoe
105. Como Elaborar uma Experiência 480
Rob Bell
106. Sete Hábitos de Pregadores Altamente Eficientes 487
Craig Brian Larson
107. O Estado de Espirito do Sermão 494
Fred Craddock
108. Ensinando a Biblia Toda 499
D. A. Carson
109. A Pregação Expositiva em Forma de Drama 500
Haddon Robinson
110. Sermões Versículo por versículos que de fato Pregam 502
Steven D. Mathewson
111. O que Torna a Pregação Textual Realmente Singular? 509
Steven D. Mathewson
112. A Pregação Temática também Pode ser Expositiva? 516
Timothy S. Warren
113. O Sermão Temático Bíblico 520
Don Sunukjian
114. O Sermão Temático acerca de Personagens Bíblicas 523
Timothy S. Warren
115. O Sermão Temático acerca de Questões Contemporâneas 528
Timothy S. Warren
116. O Sermão Temático acerca de Tópicos Teológicos 532
Timothy S. Warren
117. Extraindo o Máximo dos Paradoxos Bíblicos 536
Richard P. Hansen
118. Extraindo o Máximo da Série de Sermões 543
Craig Brian Larson
119. As Tendências nas Séries de Sermões 549
E Bryan Wilkerson
120. Uma Série que Convence 552
Entrevista com John Ortberg
121. Sermões em Forma de Narrativa na Primeira Pessoa 555
Torrey Robinson

122. A Pregação Bíblica Consiste na Mudança de Vida, não na Forma de Sermão 559
John Ortberg
123. Sete Princípios para Alcançar as Pessoas Perdidas 561
Dick Lucas
124. A Pregação Evangelística na Igreja Local 571
Haddon Robinson
125. A Pregação Orientada para as Necessidades Percebidas 574
Entrevista com Duane Litfin
126. Pregando para os que Estão Preparados para a conversão 579
Entrevista com James MacDonald
127. Como Pregar com Ousadia em uma Cultura do "Seja o que o For" 584
Entrevista com Greg Laurie
128. Pregando com um Coração de Líder 586
Jim Nicodem
129. A Crítica da Nova Homilética 589
Scott M. Gibson

Parte 7

HISTÓRIAS E ILUSTRAÇÕES 597
Como encontro exemplos que são esclarecedores, fidedignos e convincentes?

130. Contando Histórias em 3-D 598
Kevin A. Miller
131. Pirotecnias na Pregação 602
Craig Brian Larson
132. A Pregação como Narração de Histórias 608
Fred Craddock
133. Como Contar uma História Emocionante 613
Craig Brian Larson
134. Dando Vida às Histórias da Bíblia 617
Steven D. Mathewson
135. Suspense 620
Dave McClellan
136. Como Pregar como John Grisham Escreve 623
Bill Oudemolen
137. A Boa Tensão 626
John Ortberg
138. Usando Ilustrações da Cultura Popular 628
Kevin A. Miller
139. Adaptando Ilustrações para que Sejam Úteis a Você 634
Craig Brian Larson
140. Exposição Demais 640
Richard Exley
141. Ilustrando com Integridade e Tato 646
Wayne Harvey
142. Notas de Rodapé no Púlpito 650
Chris Stinnett
143. Como Evitar Sermões Centrados no Pregador 652
Craig Brian Larson
144. Ilustrando com fatias da vida ... 653
John Ortberg
145. O Impacto das Ilustrações do Discípulo do Cotidiano 657
Craig Brian Larson

Parte 8

PREPARO 661
Como devo investir o meu limitado tempo de estudo para que esteja preparado para pregar?

146. Por Que Acaricio a Bíblia no meu Criado Mudo 662
Ben Patterson
147. Quando o Sermão não Cabe em um Caderno Inteiro 664
Haddon Robinson
148. Centrado 671
Richard Foster
149. Uma Longa e Preciosa Conversa com Deus 674
Darrell W Johnson

150. Um Impulso Misterioso para Orar....679
Lee Eclov
151. Preparando o Mensageiro....683
Gordon Anderson
152. Arrebatado pela Presença Companheira....685
Bill Hybels
153. A Difícil Tarefa da Iluminação....689
Lee Eclov
154. Pregação de Coração para Coração....693
Dan Baty
155. Imaginação: o Aliado Negligenciado do Pregador 697
Warren W Wiersbe
156. A Pregação que Engrandece a Deus....704
Lee Eclov
157. Quando um Sermão Está Suficientemente Bom?....708
Stephen Gregory
158. Extraindo o Máximo do seu Computador....710
Richard Doebler
159. Como Montar uma Biblioteca de Primeira Linha....713
Jim Shaddix
160. O que Torna um Sermão Profundo?....716
Lee Eclov
161. Antes de Você Pregar....719
Ed Rowell
162. Pontos de Inspiração....721
Lee Eclov
163. Simplifique....724
Charles Swindoll
164. Usando o Sermão de outra Pessoa....726
Haddon Robinson
165. Como Planejar uma Série de Sermões mais Rica e Profunda....727
Haddon Robinson

Parte 9

PREGANDO O SERMÃO....729
Como eu falo de forma que cative a atenção dos ouvintes?

166. A Fonte da Paixão....730
Paul Scott Wilson
167. A Compaixão É Necessária....731
Jeffrey Arthurs
168. Pregando com Intensidade 738
Kevin A. Miller
169. Sem Anotações, Muitas Anotações, Anotações Breves....743
Jeffrey Arthurs
170. No Olho do Ouvinte....752
Kenton C. Anderson
171. Sem Voz, Sem Pregação....756
Emily Shive
172. Eliminando os meus Tiques do Púlpito "ãã...ãã"....759
Kenneth Quick
173. Lendo as Escrituras em Público....762
Jeffrey Arthurs
174. A Importância de Ser Insistente....764
John Ortberg
175. O Dia em que Perdi as Estribeiras....765
Lee Eclov

Parte 10

TEMAS ESPECIAIS....767
Como prego em datas especiais e acerca de temas difíceis de forma nova e confiável?

176. Quando Você não Está Ansioso para que Venham os Dias Especiais....768
John Beukema
177. Pregando os Horrores....77'3
Barbara Brown Taylor
178. Preparando as Pessoas para o Sofrimento....778
John Piper

179. Pregando o Inferno em uma Época de Tolerancia 780
Timothy Keller
180. Pregando com Vistas ao Compromisso Total 786
Bill Hybels
181. Pregando em Situações de Crise 795
Gordon MacDonald
182. Quando Chega a Notícia 800
Eric Reed
183. Sermões Redentores para Casamentos e Funerais 805
Stephen N. Rummage
184. O Sermão que Estabelece um Marco 807
Jack Hay for d
185. Você Tinha de Trazer o Assunto à Tona 816
Stuart Briscoe
186. Pregando acerca de Questões Contemporâneas 822
Grant Lovejoy
187. Pregando acerca daquele Tópico tão Sensível 825
Bill Hybels
188. Pregando com Compaixão e Convicção acerca do Sexo 833
Craig Barnes
189. O Sermão Cada Vez Mais Difícil: Casamento 834
Bob Rus se 11
190. Quando o Sermão Começa a Agir 839
Haddon Robinson
191. Transpondo o Abismo do Mercado 843
Andy Stanley
192. Sermões sobre os Dízimos que as Pessoas de fato Gostam! 845
Bob Russell

Parte 11

AVALIAÇÃO 851
Como obtenho o feedback construtivo de que preciso para continuar crescendo?

193. A Pregação Bem Focada 852
Bill Hybels
194. A Agonia e o Êxtase do *Feedback* 862
John Vawter
195. Como obter o *Feedback* de que Você Precisa 865
William Willimon
196. Um *Check-Up* Abrangente 869
Haddon Robinson
197. A Ciência das Pesquisas 870
Virginia Vagt
198. Lições do portal *Preaching Today* 872
Lee Eclov
199. Como manter os Ouvintes Atentos 876
Craig Brian Larson
200. O meu Pior e o meu Melhor Sermão de todos os Tempos 880
Barbara Brown Taylor
201. Aprendendo com Gigantes 881
Kevin Miller

COMO USAR ESTE LIVRO

Os capítulos deste livro vêm de quatro fontes: o melhor do melhor da pregação de vinte e cinco anos da revista *Leadership* (Liderança), quase cinco anos de *PreachingToday.com*, em torno de vinte anos de *Preaching Today* em áudio (estes três primeiros são recursos da *Christianity Today International)* e capítulos escritos especificamente para esta publicação.

Um manual como este — transbordando de informações úteis — tem de ser bem administrado. Assim como comer chocolate, os capítulos podem ser tão preciosos que temos vontade de ler e continuar lendo, mas a quantidade de percepções e descobertas pode ser esmagadora. Assim como participar de um seminário de uma semana, chegamos a um ponto em que há coisas demais para assimilar, coisas demais em que pensar enquanto nos preparamos para pregar.

Como no caso de grandes músicos, as pessoas no ministério crescem ao longo do tempo. Esperamos que este manual seja um recurso com que você cresça ao longo dos próximos anos. Você vai focalizar propositadamente em um princípio importante de um capítulo por semanas ou meses. A certa altura, isso vai se tornar sua segunda natureza, e você vai estar preparado para focalizar intencionalmente a sua atenção em outro princípio.

Se você ainda não tem uma *checklist pessoal* de pregação, elabore-o, pois servirá como um repositório de coisas que você quer se lembrar de fazer enquanto prepara e prega um sermão. Faça acréscimos a essa *checklist* enquanto lê este livro (marcando os números das páginas para voltar a elas mais tarde), sabendo que você não vai conseguir crescer e trabalhar em todos esses aspectos ao mesmo tempo. Mas com uma *checklist* você fica despreocupado e tem um plano de crescimento que pode usar e com o qual pode trabalhar na proporção em que suas habilidades permitirem. Talvez, neste ano, você não consiga implementar aquelas grandes idéias encontradas em algum artigo, mas o fará no próximo.

Depois de preparar um sermão, verifique a sua *checklist para* ter certeza de que cobriu ao menos os pontos essenciais. A *checklist* ajuda a elaborar o processo formal de prepação de sermões que previne que você seja paralisado pelas complexidades de pregar bem.

No manual, esboçamos as partes e os capítulos com o propósito de proporcionar uma seqüência natural, mas o material não está edificado como os tijolos em uma parede. Cada capítulo existe por si mesmo. Você pode começar a ler em qualquer lugar que desejar e saltar para trás e para frente, à vontade, na busca de interesses especiais.

Talvez você goste especialmente de alguns autores e queira ler tudo que eles escreveram neste livro. Para fazer isso, pesquise no *Sumário.*

Você talvez queira ler tudo que o livro traz acerca de um tema (Estilo, Preparação, Ilustrações, etc). Para fazer isso, consulte o *Sumário* e verifique qual das onze *partes* trata do tema que procura.

Outra forma de estudar o livro é, sem dúvida, ler um capítulo de cada vez, focalizando uma área mais geral da pregação — como ilustrações ou estilo. Esses capítulos cobrem a área mais evidente, mas observe que não o fazem de forma exaustiva. Este livro não é uma enciclopédia da pregação. Por exemplo, o livro não contém capítulos acerca da pregação em cada uma das grandes tradições.

Recomendamos este livro a você com nossas orações e nossa fé, crendo que ele pode traçar o mapa para o seu crescimento e enriquecimento no sublime chamado da pregação durante anos por vir e esperando que você encontre muitos artigos que acabem na sua lista de releitura anual.

Rendemos gratidão especial à multidão de autores cujos capítulos estão entre estas capas, por sua experiência e permissão de usar o seu material. Esses autores concordam na importância da pregação; naturalmente eles não concordam em tudo em relação a como se deve fazê-lo. Até mesmo nas páginas deste livro há saudáveis diferenças de opinião.

Queremos expressar nossos agradecimentos também a Paul Engle, editor assistente do departamento editorial da Zondervan, por sua visão e direção para este livro durante todo o curso do projeto; e para os editores, em particular o editor assistente John Beukema, e assistentes alistados nas páginas de "Colaboradores" por sua dedicação, habilidade e trabalho de amor.

Tem sido grande alegria e honra servir a vocês nesse esforço.

Haddon Robinson
Craig Brian Larson

COLABORADORES

ORGANIZADORES

Haddon Robinson
Craig Brian Larson

EDITOR EXECUTIVO

Kevin Miller

EDITOR ASSISTENTE

John Beukema

EDITORES COLABORADORES

Kenton C. Anderson
Jeffrey Arthurs
Rich Doebler
Lee Eclov
Mark Galli
John Koessler

ASSISTENTES EDITORIAIS

Leslie Bauer
Drew Broucek
JoHannah Reardon

AUTORES

Jay Adams ensinou homilética no Westminster Theological Seminary em Filadélfia e é autor de *Preaching According to the Holy Spirit* (Timeless Texts, 2000). Mesmo aposentado, continua pregando e escrevendo.

David L. Alien é professor de pregação expositiva da cadeira W. A. Criswell do The Criswell College em Dallas, Texas, e coordenador do Instituto Jerry Vines.

Gordon Anderson é reitor da North Central University em Mineápolis, Minnesota.

Kenton C. Anderson é professor assistente de teologia aplicada no Northwest Baptist College and Seminary em Langley, Colúmbia Britânica, e foi presidente da Evangelical Homiletics Society e é autor de *Preaching with Integrity* (Kregel, 2003).

Jeffrey Arthurs é capelão e professor assistente de pregação no Gordon-Conwell Theological Seminary em South Hamilton, Massachusetts, e foi presidente da Evangelical Homiletics Society.

Craig Barnes é pastor da Shadyside Presbyterian Church em Pittsburgh, Pensilvânia, foi pastor da National Presbyterian Church em Washington, D.C., professor de liderança e ministério no Pittsburgh Theological Seminary, e autor de *Sacred Thrist* (Zondervan, 2001).

Dan Baty é pastor da Valley Brook Community Church em Fulton, Maryland.

Alistair Begg é pastor da Parkside Church em Cleveland, Ohio, fala diariamente no programa de rádio "Truth for Life" e é autor de *Made for His Pie asure* (Moody Press, 1996).

Rob Bell é pastor-mestre na Mars Hill Bible Church em Grandville, Michigan, e autor de *Velvet Elvis* (Zondervan, 2005). Também é destaque na primeira série de filmes curta-metragem NOOMA.

John Beukema é editor assistente de *PreachingToday.com*, pastor pregador na Western Springs Baptist Church em Illinois, e autor de *Stories from God's Heart* (Moody Press, 2000).

Paul Borden ex-professor de homilética no Denver Seminary, é diretor executivo interino da associação American Bap-

tist Churches of the West em San Ramón, California.

Stuart Briscoe é pastor da Elmbrook Church em Brookfield, Wisconsin, e autor de *Preach It* (Group, 2003).

Wayne Brouwer é pastor da Harderwyk Christian Reformed Church em Holland, Michigan.

Mark Buchanan é pastor da New Life Community Baptist Church, Duncan, Columbia Britânica, e autor de *Things Unseen* (Multnomah, 2002).

D. A. Carson é professor de pesquisa do Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School em Deerfield, Illinois, e author de vários livros, incluindo O *comentário de João* (Shedd Publicações, 2006).

Noel Castellanos é presidente da Latino Leadership Foundation e pastor da Nearwest Connection em Chicago, Illinois.

Bryan Chapell é reitor do Covenant Theological Seminary em St. Louis, Missouri, e autor de *Pregação cristo céntrica* (Cultura Cristã).

Rodney L. Cooper é professor de discipulado e desenvolvimento de liderança no Gordon-ConwellTheological Seminary, ex-diretor nacional de ministérios educacionais dos Promise Keepers e co-autor de *We Stand Together* (Moody Press, 1996).

Fred B. Craddock é professor ilustre de pregaçao da cadeira Bandy e professor emérito do Novo Testamento na Candler School of Theology na Emory University em Atlanta, Geórgia, e autor de *As One without Authority* (Chalice, 2001).

Ken Davis é orador e comediante, presidente Dynamic Communications International em Arvada, Colorado, e autor de *Secrets of Dynamic Communication* (Zondervan, 1991).

Ed Dobson é pastor da Calvary Church em Grand Rapids, Michigan, e autor de *Starting a Seeker-Sensitive Service* (Zondervan, 1993).

Richard Doebler é pastor do Cloquet Gospel Tabernacle em Cloquet, Minnesota.

Maxie Dunnam é reitor do Asbury Theological Seminary em Willmore, Kentucky, e autor do volume 31 do *Communicators Commentary* (Nelson, 2003).

Lee Eclov é pastor da Village Church of Lincolnshire em Lake Forrest, Illinois, editor consultor da revista *Leadership* e colunista de *PreachingToday.com.*

Kent Edwards é professor assistente de ministério e liderança cristã no programa de doutorado da Talbot School of Theology em La Mirada, Califórnia. Ex-presidente da Evangelical Homiletics Society. É autor de *Ejfective First-Person Biblical Preaching* (Zondervan, 2005).

Richard Exley é autor e orador residente emTulsa, Oklahoma, e é autor de *Witness the Passion* (Whitestone, 2004).

Richard Foster é professor de formação espiritual na Azusa Pacific University em Azusa, Califórnia, e autor de *Celebração da disciplina* (Editora Vida, 1990).

Randy Frazee é pastor da Pantego Bible Church em Arlington, Texas, e autor de *The Connecting Church* (Zondervan, 2001).

Mark Galli é editor administrativo de *Christianity Today* e co-autor de *Preaching That Connects* (Zondervan, 1994).

Scott M. Gibson é deão assistente e professor assistente de pregação e minis-

tério no Gordon-Conwell Theological Seminary em South Hamilton, Massachusetts, e editor de *Making a Difference in Preaching* (Baker, 1999).

Bill Giovannetti é pastor da Windy City Community Church em Chicago, Illinois.

Stephen Gregory é pastor da Alliance Church of Dunedin em Dunedin, Flórida.

Ted Haggard é pastor da New Life Church em Colorado Springs, Colorado, presidente da National Association of Evangelicals e autor de *Dog Training, Fly Fishing, and Sharing Christ in the 21st Century* (Nelson, 2002).

Daniel T. Hans é pastor da Gettysburg Presbyterian Church em Gettysburg, Pensilvânia.

Richard P. Hansen é pastor da First Presbyterian Church em Visalia, Califórnia.

Wayne Harvey é pastor da First Baptist Church em Sanford, Flórida.

Jack Hayford é presidente da International Church of the Foursquare Gospel e reitor do The Kings College and Seminary, Van Nuys, Califórnia, pastor fundador da The Church on the Way em Van Nuys, e autor de *The Spirit Formed Church* (Regai, 2004).

David Helm é um dos pastores da Holy Trinity Church em Chicago, Illinois, e membro do Charles Simeón Trust.

Bill Hybels é pastor da Willow Creek Community Church em Barrington, Illinois, e autor de *Liderança corajosa* (Editora Vida).

David Jackman é presidente do The Proclamation Trust, diretor do Cornhill Training Course, e autor de *Opening Up the Bible* (Hodder & Stoughton, 2003).

Darrell W. Johnson é professor assistente de teologia pastoral no Regent College em Vancouver, Colúmbia Britânica, e autor de *Experiencingthe Trinity* (Regent College Publishing, 2002).

Timothy Keller é pastor da Redeemer Presbyterian Church em Manhattan, Nova York, e autor de *Ministries of Mercy* (Zondervan, 1989).

Jay Kesler é reitor emérito da Taylor University e pastor pregador da Upland Community Church em Upland, Indiana.

Matthew D. Kim é candidato a Ph.D. em Ética Crista e Teologia Prática na Universidade de Edimburgo, Escócia.

John Koessler é professor e chefe do departamento de Estudos Pastorais do Moody Bible Institute, Chicago, Illinois, e autor de *True Discipleship* (Moody Press, 2003).

Craig Brian Larson é editor de *PreachingToday.com* e *Preaching Today Audio*, pastor da Lake Shore Church em Chicago, Illinois, e co-autor de *Preaching That Connects* (Zondervan, 1994).

Greg Laurie é pastor da Harvest Christian Fellowship em Riverside, Califórnia, evangelista de Harves Crusades, fala no rádio no programa *A New Beginning*, e autor de *Why Believe* (Tyndale, 2002).

Duane Litfin é reitor do Wheaton College em Wheaton, Illinois, e autor de *Public Speaking* (Baker, 1992).

Crawford Loritts fala diariamente no rádio no programa *Living a Legacy*, vice-diretor nos Estados Unidos da Cruzada Estudantil e Profissional, e autor de *Lessons from a Life Coach* (Moody, 2001).

Grant Lovejoy é professor assistente de pregação no Southwestern Baptist

Theological Seminary, Fort Worth, Texas.

Dick Lucas é presidente fundador do Proclamation Trust, radicado na Inglaterra. Em 1998, aposentou-se como reitor da St. Helens Church, Bishopsgate, em Londres.

Gordon MacDonald é editor da revista *Leadership*, ensina no Bethel Theological Seminary e no Gordon-Conwell Theological Seminary, e é autor de *Ordering Your Prívate World* (Nelson, 2003).

James MacDonald é pastor da Harvest Bible Church em Rolling Meadows, Illinois, fala no rádio no programa *Walk in the Word*, e autor de *Lord, Change My Attitude* (Moody Press, 2001).

Steven D. Mathewson é pastor da Dry Creek Bible Church, Belgrade, Montana, e autor de *The Art of Preaching Old Testament Narrative* (Baker, 2002).

Alice Mathews é professora assistente de ministerios educacionais e de mulheres no Gordon-Conwell Theological Seminary e autora de *Preaching That Speaks to Women* (Baker e IVP, 2003).

S. Bowen Matthews é pastor de Brandywine Valley Baptist Church em Wilmington, Delaware.

Dave McClellan é pastor auxiliar da Riverwood Community Chapei em Kent, Ohio.

Marilyn Chandler McEntyre é professora de inglês no Westmont College em Santa Barbara, California, e autora de *Drawn to the Light* (Eerdmans, 2003).

Joe McKeever é pastor da First Baptist Church de Kenner, Louisiana.

Rick McKinniss é pastor da Kensington Baptist Church em Kensington, Connecticut.

Robertson McQuilkin é reitor emérito da Columbia International University em Columbia, Carolina do Sul, e autor de *Understanding and Applying the Bible* (Moody Press, 1992).

Kevin A. Miller é editor executivo de *PreachingToday.com*, vice-presidente de recursos da Christianity Today International e autor de *Surviving Information Overload* (Zondervan, 2004).

Jesse Miranda é professor e diretor do Center for Urban Studies and Hispanic Leadership na Yanguard University em Costa Mesa, California.

Jim Nicodem é pastor da Christ Community Church em St. Charles, Illinois.

Susan Maycinik Nikaido é editora geral da revista *Discipleship*.

John Ortberg é pastor-mestre da Menlo Park Presbyterian Church, em Menlo Park, California, editor colaborador de *PreachingToday.com* e autor de *The Life Youve Always Wanted* (Zondervan, 2002).

Larry Osborne é pastor da North Coast Church em Vista, California.

Bill Oudemolen é pastor da Foothills Bible Church em Littleton, Colorado.

Earl Palmer é pastor da University Presbyterian Church em Seattle, Washington, e autor de *Mástering the New Testament: 1, 2, 3 John and Revelation* (W Publishing Group, 1991).

Ben Patterson é pastor do campus do Westmont College, Santa Barbara, California, e editor colaborador de *Christianity Today* e da revista *Leadership*.

Randal Pelton é pastor da The People's Church, Hartland, New Brunswick, Canadá.

John Piper é pastor da Bethlehem Baptist Church em Minneapolis, Minnesota, autor de *Em busca de Deus* e *A supremacia de Deus na pregação* (Shedd Publicações).

O falecido **Ian Pitt-Watson**, autor de *A Primer for Preachers* (Baker, 1986), foi professor de pregação no Fuller Theological Seminary.

Kenneth Quick é chefe do departamento de teologia prática do Capital Bible Seminary em Lanham, Maryland, e autor de *Healing the Heart ofYour Church* (ChurchSmart, 2003).

Michael Quicke é professor de pregação e comunicação no Northern Seminary em Lombard, Illinois, e autor de *360 Degree Preaching* (Baker, 2003).

Alfredo Ramos é pastor do ministério hispano na Moody Church em Chicago, Illinois.

Eric Reed é editor gerente da revista *Leadership.*

Rick Richardson é vice-diretor nacional de evangelismo na Intervarsity Christian Fellowship, ministro ordenado da Anglican Mission in America, e autor de *Evangelism Outside the Box* (IVP, 2000).

Haddon Robinson é Professor Ilustre de Pregação da Cadeira Harold John Ockenga no Seminário Teológico Gordon-Conwell em South Hamilton, Massachusetts; editor geral de *PreachingToday.com*; professor do programa de rádio *Discover the Word*, e autor de *Pregação bíblica* (Shedd Publicações).

Torrey Robinson é pastor da First Baptist Church em Tarrytown, Nova York, e co-autor de *Its Ali in How You Tell It* (Baker, 2003).

Ed Rowell é pastor da Tri-Lakes Chapei em Monument, Colorado.

Stephen N. Rummage é professor assistente de pregação e diretor do programa de estudos de doutor em ministérios do Southeastern Baptist Theological Seminary em Wake Forest, North Carolina, e autor de *Planning Your Preaching* (Kregel, 2002).

Bob Russell é pastor geral da Southeast Christian Church em Louisville, Kentucky, e autor de *Líder de carne e osso* (Edições Vida Nova, 2006).

Greg R. Scharf é professor e chefe do departamento de teologia prática da Trinity International University em Deerfield, Illinois.

Jim Shaddix é capelão e professor assistente de pregação do New Orleans Baptist Theological Seminary em New Orleans, Lousianna, e co-autor de *Power in the Pulpit* (Moody Press, 1999).

Emily E. Shive é instrutora de voz e oratória no Western Seminary em Portland, Oregon.

O falecido **Lewis Smedes**, autor de *My God and I* (Eerdmans, 2003), foi professor emérito de teologia e ética do Fuller Seminary em Pasadena, Califórnia.

Chuck Smith é pastor da Calvary Chapei, Costa Mesa, Califórnia, fundador da Calvary Chapei Fellowship, e professor no rádio do programa *The Word for Today.*

Fred Smith é executivo aposentado em Dallas, Texas, membro da diretoria da Christianity Today International, e editor colaborador da revista *Leadership.*

Andy Stanley é pastor da North Point Community Church na região metropolitana de Atlanta, Geórgia, e autor de *The Next Generation Leader* (Multnomah, 2003).

Chris Stinnett prega na Park and Seminóle Church em Seminóle, Oklahoma.

John R. W. Stott é prior emérito da Ali Souls Church em Londres e autor de *Between Two Worlds* (Eerdmans, 1982).

Joe Stowell é pastor-mestre da Harvest Bible Chapei em Rolling Meadows, Illinois, e autor de *The Trouble with Jesus* (Moody Press, 2003).

Don Sunukjian é professor de pregação na Talbot School of Theology, La Mirada, Califórnia, e colunista de *PreachingToday. com.*

Chuck Swindoll é pastor da Stonebriar Community Church, Fisco, Texas, reitor do Dallas Theological Seminary, professor de Bíblia no rádio no programa *Insight for Living,* e autor de *The Grace ofAwakening* (W Publishing Group, 2003).

Barbara Brown Taylor é a professora da cadeira Harry R. Butman de religião e filosofia no Piedmont College em Demorest, Geórgia, e autora de *Speaking of Sin* (Cowley, 2001).

Virginia Vagt foi diretora de pesquisa e planejamento da Christianity Today International.

John Vawter faz palestras pelo ministério *Youre Not Alone* e é autor de *Hit by a Ton of Bricks* (Family Life Publishing, 2003).

Dave Veerman é associado da Livingstone Corporation em Carol Stream, Illinois, e colaborador inicial da *Life Application Study Bible* (Tyndale, 1997).

Walter Wangerin Jr. é autor residente na Valparaiso University em Valparaíso, Indiana, e autor de *The Crying for a Vision* (Paraclete, 2003) e *O livro de Deus* (Mundo Cristão, 2000).

Rick Warren e pastor da Saddleback Church em Lake Forest, Califórnia, e autor de *Uma vida com propósitos* (Vida, 2002).

Timothy S. Warren é professor de ministérios pastorais no Dallas Theological Seminary e ministra a adultos na Lake Pointe Church em Rockwall, Texas.

Scott Wenig é professor assistente de teologia aplicada no Denver Seminary e pastor de desenvolvimento de liderança na Centennial Community Church em Littleton, Colorado.

Warren Wiersbe é autor e palestrante, e co-autor de *Preaching in Black and White: What We Can Learnfrom Each Other* (Zondervan, 2003).

F. Bryan Wilkerson é pastor da Grace Chapei em Lexington, Massachusetts.

Dallas Willard é professor na School of Philosophy na University of Southern California em Los Angeles e autor de *Renovation of the Heart* (NavPress, 2002).

William Willimon é bispo da North Alabam Conference of the United Methodist Church e é editor de *Pulpit Resource* e da *Concise Encyclopedia of Preaching* (Westminster John Knox, 1995).

Paul Scott Wilson é professor de homilética no Emmanuel College na University of Toronto e autor de *The Four Pages of the Sermón* (Abingdon, 1999).

Mike Yearley é pastor-mestre na North Coast Church em Vista, Califórnia.

AGRADECIMENTOS

Na Parte 4, o artigo "A grande idéia da pregação narrativa", de Paul Borden e Steven D. Mathewson, é uma adaptação do capítulo "Realmente há uma grande idéia nessa história?", de Paul Borden, no livro *The Big Ideas of Biblical Preaching* (Baker, 1998), editado por Willhite e Gibson. Usado com permissão por Baker Book House (www.bakerbooks.com), copyright © 1998. Todos os direitos a esse material estão reservados.

Na Parte 5, o artigo "O sangue vital da pregação", de Ian Pitt-Watson foi extraído do livro *A Primer for Preachers*, p. 61, de Ian Pitt-Watson. Usado com permissão da Baker Book House, copyright © 1986. Todos os direitos a esse material estão reservados.

Na Parte 11, o artigo "Um *check-up* abrangente", de Haddon Robinson, foi extraído de *Pregação bíblica*, Shedd Publicações, copyright © 2002. Usado com permissão. Todos os direitos a esse material estão reservados.

Parte um

O SUBLIME CHAMADO DA PREGAÇÃO

Como posso ser fiel ao que Deus quer que a pregação seja e faça?

Capítulo 1

AS CONVICÇÕES DA PREGAÇÃO BÍBLICA

Haddon Robinson

Para realizar a árdua tarefa de serem pregadores da Bíblia, homens e mulheres no ministério precisam estar comprometidos com certas verdades.

(1) *A Bíblia éa Palavra de Deus.* Como Agostinho o coloca: "Quando a Bíblia fala, Deus fala". Essa é a convicção de que se eu posso realmente entender uma passagem em seu contexto, então o que eu sei é o que Deus quer dizer (eu não penso que muitos evangélicos, assim como muitos liberais, acreditem nisso).

(2) *Toda a Bíblia é a Palavra de Deus.* Não apenas Romanos ou Levítico, não apenas Efésios ou Ester. Não apenas as passagens "quentes", mas também as "frias".

(3) *A Bíblia é auto-atestatória.* Se pessoas podem ser expostas a um entendimento das Escrituras de maneira regular e constante, então elas não precisam de argumentos a respeito da veracidade das Escrituras. Portanto, um ouvinte ou leitor não precisa aderir totalmente à idéia dos dois primeiros compromissos para que Deus possa trabalhar na vida dessa pessoa por meio de sua Palavra.

(4) *Isso conduza uma abordagem da pregação do tipo: "Assim diz o Senhor".* Não estou me referindo a um método homilético aqui, mas a um desejo de abrir as Escrituras de modo que a autoridade da mensagem se apóie na Bíblia (isso funciona contra o espírito contrário à autoridade de nossa sociedade).

(5) *O estudante da Bíblia precisa tentar chegar à intenção do autor bíblico.* A primeira questão é: "O que o autor bíblico queria dizer ao leitor da Bíblia? Por quê?". A teoria da Reação do Leitor adotada por muitos estudiosos literários hoje em dia não funciona no estudo da Bíblia. Posto de maneira simples: "A Bíblia não pode significar o que não significou".

(6) *A Bíblia é um livro sobre Deus.* Ela não é um livro religioso de conselhos sobre as "respostas" que precisamos para um casamento feliz, sexo satisfatório, para o trabalho ou para perder peso. Embora as Escrituras reflitam muito a respeito dessas questões, elas são, acima de tudo, sobre quem Deus é e o que Deus pensa e quer. Eu entendo a realidade unicamente se tenho apreciação por quem ele é e o que deseja para sua criação e de sua criação.

(7) *Nós não "tornamos a Bíblia relevante"; mas apenas mostramos sua relevância. A* verdade é tão relevante quanto a água para a sede, e a comida para a fome. A publicidade moderna cria necessidades que de fato não existem para vender a mercadoria.

Capítulo 2

UMA DEFINIÇÃO DE PREGAÇÃO BÍBLICA

John Stott

Pretendo fornecer uma definição de exposição bíblica e apresentar uma defesa dela. Parece-me que essas duas tarefas pertencem uma à outra pelo fato de que a

defesa da exposição bíblica deve ser achada em sua definição. Aqui, então, está a definição: *Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça.*

Agora me permita extrair as implicações dessa definição de tal modo que apresente uma defesa da exposição bíblica. A definição contém seis implicações: duas convicções a respeito do texto bíblico, duas obrigações para expô-lo e duas expectativas como conseqüência.

Duas convicções a respeito do texto bíblico

(1) *Ele é um texto inspirado.* Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado. *Revelação* e *inspiração* andam juntas. *Revelação* descreve a iniciativa que Deus tomou de desvelar-se e, assim, mostrar-se, já que, sem essa revelação, ele permaneceria o Deus desconhecido. *Inspiração* descreve o processo pelo qual ele fez isso, isto é, falando aos profetas e aos apóstolos bíblicos e por meio deles, e sussurrando sua Palavra de sua boca de tal forma que ela também saísse da boca deles. Caso contrário, seus pensamentos teriam sido inatingíveis para nós.

A terceira palavra é *providência,* isto é, a amável provisão pela qual Deus providenciou para que as palavras que ele disse fossem escritas de forma a constituírem o que chamamos de Escrituras e, desse modo, as preservou ao longo dos séculos de forma a serem acessíveis a todas as pessoas em todos os lugares e em todos os tempos. As Escrituras, portanto, são a palavra de Deus escrita. É sua auto-revelaçao de forma falada e escrita. As Escrituras são o produto da revelação, inspiração e providência de Deus.

Essa primeira convicção é indispensável para pregadores. Se Deus não tivesse falado, nós não nos atreveríamos a falar, porque não teríamos nada a expressar exceto nossas triviais especulações. Mas já que Deus falou, nós também precisamos falar, comunicando a outros o que ele nos comunicou nas Escrituras. De fato, nós nos recusamos a ser silenciados. Como Amós o coloca: "O leão rugiu, quem não temerá? O SENHOR, O Soberano, falou, quem não profetizará?", isto é, passe adiante a Palavra que ele disse. Similarmente, Paulo, ecoando o Salmo 116.10, escreveu: "Nós também cremos e, por isso, falamos" (2Co 4.13). Isto é, acreditamos no que Deus disse e é por isso que também falamos.

Tenho pena do pregador que chega ao púlpito sem Bíblia em suas mãos ou com uma Bíblia que é mais trapos e farrapos do que a Palavra do Deus vivo. Ele não pode expor as Escrituras porque não tem Escrituras para expor. Ele não pode falar porque não tem nada a dizer, ao menos nada importante. Ah, mas dirigir-se ao púlpito com a confiança de que Deus falou, que ele fez com que o que disse fosse escrito, e que temos esse texto inspirado em nossas mãos, aí sim nossa cabeça começa a girar, e nosso coração a bater, e nosso sangue a correr, e nossos olhos a brilhar com a glória absoluta de ter a palavra de Deus em nossas mãos e lábios.

Essa é a primeira convicção, e a segunda é esta:

(2) *O texto inspirado é, até certo ponto, um texto fechado.* Essa é a implicação da minha definição. Expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado. Assim, ele precisa estar parcialmente fechado se for para ser esclarecido. E eu penso que imediatamente vejo seus "pêlos protestantes" eriçados com indignação. O que você quer dizer? Por acaso é que as Escrituras estão parcialmente fechadas? As Escrituras não são um livro completamente aberto? Você não acredita no que os reformadores do século XVI ensinaram a respeito da clareza das Escrituras, que elas são transparentes? Não pode até mesmo o simples e o inculto ler a Bíblia por si mesmo? Não é o Espírito Santo o nosso mestre dado por Deus? E, com a Palavra de Deus e o Espírito de Deus, não devemos dizer que não precisamos do magistério eclesiástico para nos instruir?

Eu posso responder com um ressonante sim a todas essas questões, mas o que você diz de maneira correta precisa ser classificado. A insistência dos reformadores na clareza das Escrituras se referia à sua mensagem central — seu evangelho de salvação pela fé em Jesus Cristo somente. Isso é claro como o dia nas Escrituras. Mas os reformadores não sustentavam que tudo nas Escrituras estava claro. Como eles poderiam fazer isso, quando Pedro disse que existiam algumas coisas nas cartas de Paulo que nem ele conseguia entender (2Pe 3.16)? Se um apóstolo nem sempre entendia outro apóstolo, dificilmente seríamos modestos se disséssemos que nós entendemos.

A verdade é que precisamos uns dos outros na interpretação das Escrituras. A igreja é corretamente chamada de comunidade hermenêutica, uma comunhão de crentes em que a Palavra de Deus é exposta e interpretada. De modo particular, precisamos de pastores e professores para expô-la, para esclarecê-la de modo que a possamos entender. E por isso que o Jesus Cristo que ascendeu, de acordo com Efésios 4.11, ainda está dando pastores e mestres à sua igreja.

Você se lembra o que o eunuco etíope disse na carruagem quando Felipe lhe perguntou se ele havia entendido o que estava lendo em Isaías 53? Ele disse: "Ora, é claro que posso. Você não acredita na clareza das Escrituras?". Não, ele não disse isso. Ele disse o seguinte: "Como posso entender se alguém não me explicar?" (At 8.31).

E Calvino, em seu maravilhoso comentário desse trecho em Atos, escreve a respeito da humildade do etíope, dizendo que ele gostaria que houvesse mais homens e mulheres humildes em seus dias. Ele contrasta essa humildade com aqueles que descreveu como arrogantes e confiantes em suas próprias aptidões para entender. Calvino escreveu:

> E por isso que a leitura das Escrituras dá resultado com tão poucas pessoas hoje em dia porque mal se acha um em cem que alegremente se submete ao ensino. Ora, se qualquer um de nós for ensinável, os anjos descerão do céu para nos ensinar. Não precisamos de anjos. Nós deveríamos usar todos os auxílios que o Senhor coloca diante de nós para o entendimento das Escrituras e, em particular, pregadores e mestres.

Mas se Deus nos deu as Escrituras, ele também nos deu mestres para expô-las. E aqueles de nós que foram chamados para pregar precisam se lembrar disso. Como Timóteo, devemos nos devotar à leitura pública das Escrituras e à pregação e ensino (lTm 4.13). Devemos tanto ler as Escrituras para a congregação como extrair toda nossa instrução e exortação doutrinais delas.

Aqui, portanto, está o exemplo bíblico de que Deus nos deu nas Escrituras um texto que é tanto inspirado, tendo origem ou autoridade divinas, quanto, até certo ponto, é fechado ou é difícil de entender. Portanto, em adição a nos ter dado o texto, ele nos deu professores para esclarecer o texto, explicá-lo e aplicá-lo à vida das pessoas hoje.

Duas obrigações na exposição do texto

Posto que o texto inspirado precisa ser exposto, como isso deve ser feito?

Antes que eu tente responder a essa pergunta, permita-me dirigir-nos a uma das principais razões pelas quais o texto bíblico é, até certo ponto, fechado e difícil de entender. Isso diz respeito ao abismo cultural que se abre de forma muito ampla e profunda entre os dois mundos — o mundo antigo em que Deus falou sua Palavra e o mundo moderno em que nós a ouvimos. Quando lemos a Bíblia, retrocedemos dois milênios além da revolução do microprocessador, além da revolução eletrônica, além da revolução industrial, retrocedemos e voltamos a um mundo que há muito tempo cessou de existir. Assim, mesmo quando lemos a Bíblia em uma versão moderna, ela parece esquisita, ela soa arcaica, ela parece obsoleta e parece antiquada. Nós somos tentados a perguntar, como muitas pessoas fazem: *O que esse antigo Livro tem a me dizer?*

Não se ressinta do abismo cultural entre o mundo antigo em que Deus falou e o mundo moderno em que nós vivemos. Não se ressinta disso porque isso nos causa problemas. E umas das glórias da revelação que, quando Deus decidiu falar a seres humanos, ele não falou em sua própria linguagem, porque se Deus tem uma linguagem própria e nos tivesse falado por meio dela, nós certamente nunca a teríamos entendido. Em vez disso, ele condescendeu em falar em nossas linguagens, particularmente no hebraico clássico e no grego comum. E, ao falar as linguagens do povo, ele espelhou as próprias culturas deles, as culturas do antigo Oriente Próximo e do mundo greco-romano e do judaísmo palestino. E esse fato do condicionamento cultural das Escrituras, da conseqüente tensão entre o mundo antigo e o mundo moderno que determina a tarefa da exposição bíblica e coloca sobre nós nossas duas obrigações.

(1) *A primeira obrigação é fidelidade ao texto bíblico.* Você e eu precisamos aceitar a disciplina de nos colocar dentro da situação dos autores bíblicos — sua história, geografia, cultura e linguagem. Se negarmos essa tarefa ou se a realizarmos de um modo relaxado ou indiferente, isso será indesculpável. Isso expressa desprezo pela maneira que Deus escolheu para falar ao mundo. Lembre-se, esta-

mos lidando com o texto inspirado por Deus. Dizemos que acreditamos nisso, mas nosso uso das Escrituras nem sempre é compatível com o que dizemos ser nossa visão das Escrituras. Com que cuidado diligente, meticuloso e consciente deveríamos estudar por nós mesmos e esclarecer a outros as exatas palavras do Deus vivo! Assim, o erro mais grosseiro que podemos cometer, é impor nossos pensamentos de século XXI às mentes dos autores bíblicos, para manipular o que eles disseram a fim de adaptar isso ao que gostaríamos que eles tivessem dito e, depois, reivindicar a defesa deles às nossas idéias.

Calvino acertou novamente quando, em seu prefácio ao comentário da carta aos romanos, escreveu uma bela frase: "É a primeira tarefa de um intérprete deixar seu autor dizer o que ele diz em vez de lhe atribuir o que nós pensamos que ele deve dizer". É aí que começamos. Charles Simeón disse: "Meu empenho é tirar das Escrituras o que está ali e não acreditar no que eu penso que possa estar lá".

Isso, então, é nossa primeira responsabilidade — fidelidade à antiga palavra das Escrituras.

(2) *A segunda obrigação é sensibilidade para com o mundo moderno.* Embora Deus tenha falado ao mundo antigo em suas próprias línguas e culturas, ele pretendeu que sua Palavra fosse para todas as pessoas em todas as culturas, incluindo a nós no começo do século XXI em que nos chamou para viver. Portanto, o expositor bíblico é mais do que um exegeta. O exegeta explica o significado original do texto. O expositor vai adiante e aplica isso ao mundo moderno. Precisamos nos esforçar para entender o mundo em que Deus nos chamou para viver, pois ele está mudando rapidamente. Precisamos sentir sua dor, sua desorientação e seu desespero. Tudo isso é parte de nossa sensibilidade cristã na compaixão pelo mundo moderno.

Aqui, portanto, está nossa obrigação dupla como expositores bíblicos: esclarecer o texto inspirado das Escrituras tanto com *fidelidade* ao mundo antigo quanto com *sensibilidade* para com o mundo moderno. Nós não devemos nem falsificar a Palavra a fim de obter uma pretensa relevância nem devemos ignorar o mundo moderno a fim de obter uma pretensa fidelidade. É a combinação de fidelidade com sensibilidade que cria o expositor autêntico.

Mas porque esse processo é difícil, ele também é raro. A falha característica dos evangélicos é serem bíblicos, mas não contemporâneos. A falha característica dos liberais é serem contemporâneos, mas não bíblicos. Poucos de nós sequer começam a se importar com ser ambas as coisas simultaneamente.

À medida que estudamos o texto, precisamos nos fazer duas perguntas na ordem certa. A primeira é: O que ele significou? Ou, se você preferir: O que ele significa?, porque ele significa o que significou. Como alguém disse: "Um texto significa o que seu autor quis dizer".

Assim, o que ele significou quando ele o escreveu? Então fazemos a segunda pergunta: O que ele diz? Qual é sua mensagem hoje no mundo contemporâneo? Se agarramos seu significado sem irmos à sua mensagem, o que ele diz a nós hoje,

nós nos entregamos ao estudo de antigüidades que não está relacionado ao presente ou ao mundo real em que Fomos chamados para ministrar. Se, entretanto, começamos com a mensagem contemporânea sem nos ter dado à disciplina de perguntar: "O que isso significou originariamente?", então nos entregamos ao existencialismo — sem relação com o passado, sem relação com a revelação que Deus deu em Cristo e pelas testemunhas bíblicas de Cristo. Precisamos fazer ambas as perguntas e precisamos fazê-las na ordem correta.

Duas expectativas como conseqüência

Se estamos convencidos de que o texto bíblico é inspirado, ainda que fechado ou precisando ser aberto até certo ponto, e se aceitamos nossa obrigação de abrir o texto de um modo que é tanto fiel quanto sensível, o que podemos esperar que aconteça?

(1) Podemos esperar ouvir a voz do próprio Deus. Nós acreditamos que Deus *falou* por meio dos autores bíblicos, mas também precisamos acreditar que Deus *fala* por meio do que ele falou.

Essa era a convicção dos apóstolos em relação ao Antigo Testamento. Eles inserem suas citações do Antigo Testamento com uma ou outra de duas fórmulas: ou "Está escrito", ou: "A Palavra diz". Paulo até mesmo poderia fazer a pergunta: "O que as Escrituras dizem?". Nós poderíamos responder a ele: "Paulo, sem essa. O que você, por acaso, poderia estar pensando a respeito de *O que as Escrituras dizem*? As Escrituras são um livro antigo. Livros antigos não falam. Como você pode perguntar: "O que as Escrituras dizem?". Mas as Escrituras falam. Deus fala por meio do que ele falou. O Espírito Santo diz: "Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o seu coração" (veja Hb 3.7). A palavra de Deus é viva e poderosa, e Deus fala por meio dela com uma voz viva (4.12).

Agora, uma expectativa destas — a de que à medida que lemos e expomos as Escrituras Deus falará com uma voz viva — está em uma situação ruim hoje em dia. Como alguém disse: "Nós inventamos uma maneira de ler a Palavra de Deus da qual nenhuma palavra de Deus jamais surge". Quando o momento para o sermão chega, as pessoas fecham seus olhos, apertam as mãos com uma fina mostra de piedade e reclinam-se para sua dose costumeira. E o pregador as encoraja com sua voz e maneira solenes.

Quão absoluta e radicalmente diferente é quando tanto o pregador como as pessoas esperam que o Deus vivo fale. As pessoas trazem sua Bíblia à igreja. Quando a abrem, sentam na beirada de sua cadeira e esperam que Deus fale. Elas esperam, famintas, uma palavra de Deus. O pregador se prepara de tal forma que espera que Deus fale. Ele ora antes do culto e no púlpito para que Deus faça isso. Ele lê e expõe o texto com grande seriedade de propósito. E, quando termina, ora novamente. Em meio a essa grande tranqüilidade e solenidade, quando sua mensagem acaba, todos sabem que Deus está presente e confronta seu povo consigo mesmo.

Essa é a primeira expectativa, e a segunda é esta.

(2) O povo de Deus lhe obedecerá. A Palavra de Deus exige uma resposta de obediência. Nós não devemos ser ouvintes esquecidos, mas obedientes. Nossa vida e saúde espirituais dependem disso. Por todo o Antigo Testamento, ouvimos a terrível lamentação de Deus: "Oh! Como gostaria que vocês ouvissem a minha voz". Deus ainda está dizendo isso hoje. Ele continuou mandando seus profetas a seu povo, mas eles continuaram zombando de seus mensageiros, desprezaram suas palavras e ridicularizaram seus profetas, até que a ira de Javé foi despertada contra o seu povo e não havia remédio. O epitáfio gravado no túmulo de Israel era: "Eles se recusaram a ouvir".

Temo que a situação seja a mesma nos dias de hoje. O dr. Lloyd-Jones escreveu em seu grande livro *Pregação e Pregadores* que as eras decadentes da história da igreja foram aquelas em que a pregação decaiu. E verdade. Não apenas a pregação da Palavra, mas também o ouvir da Palavra decaiu. A pobreza espiritual de muitas igrejas por todo o mundo hoje é devida, mais do qualquer outra coisa, ou à falta de disposição em ouvir ou à incapacidade para ouvir a Palavra de Deus. Se indivíduos vivem pela Palavra de Deus, assim fazem as congregações. E uma congregação não pode amadurecer sem um ministério bíblico fiel e compreensivo e sem escutar a Palavra por si mesma.

Como devemos reagir? A reação à palavra de Deus depende do conteúdo da Palavra que foi falada.

- Se Deus fala a nós a respeito de si mesmo, nós respondemos nos humilhando perante ele em adoração.
- Se Deus fala a respeito de nós — nossa desobediência, leviandade e culpa — então respondemos em penitência e confissão.
- Se ele fala a nós a respeito de Jesus Cristo e a glória de sua pessoa e obra, nós respondemos em fé, agarrando-nos a esse Salvador.
- Se ele fala a respeito de suas promessas, nós nos determinamos a herdá-las.
- Se ele fala a respeito de seus mandamentos, nós nos determinamos a obedecer-lhes.
- Se ele fala a nós a respeito do mundo exterior e suas colossais necessidades materiais e espirituais, então respondemos quando surge dentro de nós sua compaixão para levar o evangelho por todo o mundo, para alimentar os famintos e cuidar dos pobres.
- Se ele fala a nós a respeito do futuro, a respeito da vinda de Cristo e da glória que se seguirá, então nossa esperança está acesa e decidimos ser santos e estar ocupados até que ele venha.

O pregador que se aprofundou no texto, que o isolou e desenvolveu seu tema principal, e que ficou profundamente agitado ele mesmo pelo texto que estudou, baterá o martelo em sua conclusão. O pregador concederá às pessoas uma chance de

reagir a ele, freqüentemente em oração silenciosa à medida que cada um é conduzido pelo Espírito Santo a uma obediência apropriada.

É um enorme privilégio ser um expositor bíblico — estar no púlpito com a Palavra de Deus em nossas mãos, o Espírito em nosso coração e o povo de Deus perante nossos olhos aguardando esperançosamente a voz de Deus para ser ouvida e obedecida.

Capítulo 3

UMA DOSE SEMANAL DE DIGNIDADE CONDENSADA

Como um sermão confere valor à alma

Craig Brian Larson

Eu fui à casa de uma mulher que freqüentava a igreja que eu pastoreio. Quando entrei no apartamento, seu marido estava dormindo na sala em uma cama móvel, e sua aparência esquelética e pele amarelada estampavam um ser consumido pelo whiskey. Quando ele acordou e nos encontramos, sua voz estava rouca e áspera por causa do fumo e amedrontadoramente alta. Havia algo detestável nos seus olhos que fizerem meu sangue gelar.

Esse era o homem exigente e abusivo que a mulher em nossa igreja tentava apaziguar dia após dia. Ela me contou histórias deprimentes sobre ele.

Eles viviam na dependência da Assistência Social e sua casa evidenciava pobreza em todos os cantos. No "jardim" sujo estava um pneu abandonado. O chão da cozinha estava inclinado de maneira abrupta e as paredes melancólicas precisavam de pintura. Na sala de estar, o pano dos braços das cadeiras estava completamente gasto, uma ou duas cadeiras inclinadas por causa de uma perna faltando, as almofadas não ajudavam a esconder o estado dos móveis. Ratoeiras estavam por toda parte. Duas lâmpadas que certamente não tinham mais de 40 watts cada uma iluminavam vagamente o lugar.

Mas a cada semana algo que a levava a um plano mais elevado e radiante acontecia na vida dessa mulher. Ela ia à igreja e ouvia um sermão. Aquele sermão não era nada mais nada menos do que uma dose condensada de dignidade que salvava e enobrecia seu espírito esgotado. Regularmente, eu via as lágrimas de gratidão enquanto ela pegava na minha mão antes de ir para casa.

Não importa qual a nossa situação, a vida diária em um mundo decaído é uma caminhada árdua marcada pela depreciação. Os que freqüentam nossas igrejas são bombardeados diariamente por valores falsos e crenças que rebaixam a criação de Deus, por desprezos e insultos pessoais, pela acusação de Satanás. Sua mente é assaltada com imagens indecentes e profanas, as quais Deus censura precisamente porque rebaixa a criação. Elas estão sujeitas a pecados que desfiguram a imagem de Deus dentro delas. Elas experimentam imagens distorcidas de si mesmas que contradizem a verdade de Deus.

Depois de uma semana semelhante a essa, é um milagre que uma pessoa ainda assim consiga entrar na igreja com algum sentimento de valor (e a face de muitos confirma isso).

Mas então elas ouvem pregações ungidas, e o peso se inverte no momento em que as pessoas sentem o céu as atraindo. O sermão revela o caráter de Deus, que infunde toda a vida com significado e majestade. O sermão diz quem nós somos na visão de Deus: criados à imagem divina, amados indescritivelmente, destinados à glória. O sermão revela pecados — depois anuncia como ser redimido. O sermão honra a moralidade que exalta o gênero humano. O sermão admite que as pessoas têm capacidade de pensar e de discernir a respeito da vida e do Livro da Vida. O sermão desafia a vontade, tratando as pessoas como agentes responsáveis cujas escolhas importam eternamente. O sermão prega Cristo Emanuel, para sempre santificando a carne humana, o segundo Adão que um dia ressuscitará crentes à sua semelhança. Um sermão é a mais intensa dose de dignidade que qualquer pessoa pode receber.

Ouvir todo um sermão de qualidade é quase como subir o monte da Transfiguração. Antes daquele momento, Jesus assemelhava-se a qualquer outro homem. Ele parecia um homem comum, e se vestia e se arrumava como um. Mas no monte da Transfiguração, sua aparência mudou para revelar sua plena natureza divina. A glória de Deus irradiou publicamente, sua face resplandecendo como o sol e suas roupas se tornando celestialmente brancas. A cortina foi puxada para trás, revelando a realidade.

Durante um sermão, nós somos, de certo modo, transfigurados. Nossa verdadeira dignidade recebida de Deus brilha abertamente. Nada mais na vida trata um homem ou uma mulher de maneira que pressuponha tanto valor ou tantos poderes.

Não existe presente mais valioso que eu poderia dar àquela mulher oprimida que o meu melhor e o melhor de Deus em um sermão. E uma dose semanal de dignidade condensada.

Capítulo 4

SUPERALIMENTADOS, SUBDESAFIADOS

A mensagem precisa travar a batalha pela vontade

Jay Kesler

Pregar é diferente de ensinar pelo fato de chamar ao comprometimento e tentar levar as pessoas a um ponto de ação.

A necessidade do desafio

Em algum lugar li a respeito de dois homens. Quando um homem pregava, as pessoas reclinavam-se para trás e diziam: "Que interessante". Quando o outro pregava, elas diziam: "Vamos marchar". Para mim, pregar é um apelo à vontade.

Anos atrás, Billy Graham disse que se ele pregava sem um apelo, não sentia perda de energia. Mas se pregava e fazia um apelo, ele ficava exausto posteriormente. A exigência de pregar para o comprometimento é muito maior. Obviamente, todo mundo, às vezes, prega sem fazer um apelo, mas a batalha espiritual ocorre de um modo maior quando nosso apelo pode mudar a lealdade e a dedicação de uma pessoa.

Alguém disse: "Os homens não se rebelam contra a idéia de Deus; os homens se rebelam contra a vontade de Deus".

Um sermão-chave resultou no chamado para o meu próprio ministério. Eu era cristão. Sentia um anseio de alcançar outros com o evangelho, mas meu pai, um líder sindical, era anti-igreja, anticristão, mas principalmente antipregador. Quando senti o chamado para pregar, a tensão começou a se intensificar na minha alma a respeito de encarar uma disputa entre a vontade do meu pai e a de Deus.

Fui ouvir um evangelista de tenda chamado Pete Riggs. O tema de sua cruzada era "Permita-se ir e permita Deus agir". Lembro-me da influência quase irresistível do Espírito Santo para seguir a voz de Deus.

Eu fui para frente e fui cercado por pessoas que me conheciam e sabiam como me ajudar. Naquela noite, um dos meus pastores deu este versículo de Paulo: "Contudo, quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho!" (1 Co 9.16). Essa tem sido a minha percepção a vida inteira — ai de mim se não pregar o evangelho.

Vivendo no mundo da educação superior nos últimos dezoito anos, em quase toda reunião observo que faltam desafios reais, porque muitos educadores não fazem idéia do porquê da sua existência. Educação hoje em dia é utilitarismo. Saímos da reunião pensando: *Estou dando minha vida para preparar a força de trabalho para o século 21.* Muitos educadores pensam em relevância apenas em termos de materialismo e mobilidade ascendente.

Isso não é nada desafiador para mim. Nós não somos ações humanas; somos seres humanos. Ajudar alguém a ser é o nosso verdadeiro desafio.

Desafios que valem a pena remontam aos seres humanos criados à imagem de Deus. Qualquer coisa que faça uma pessoa menos do que isso — um meio para um fim, por exemplo — eu considero injustificado.

Subdesafiando uma Congregação

Existe um perigo tremendo de vacinação. Assim como um pouco de reagente na vacina o protegerá de contrair varíola, assim pequenas doses do evangelho o prevenirão de uma inflamação da fé. Eu penso que foi Tozer quem disse: "Sermõezinhos geram cristãozinhos". Uma apresentação da verdade que não chega ao lu gar onde ouvintes entendem que ela envolve movimento ou comprometimento pode ter um efeito de vacinação. E por isso que muitas pessoas ortodoxas não são evangélicas; e muitas evangélicas não são evangelistas.

Quando pregamos o evangelho fielmente, ele resulta em missão, expansão e desejo evangelístico. Ele tem tanto uma dimensão vertical de salvação quanto uma dimensão horizontal e social de caridade prática.

Em um ambiente em que as pessoas estão mais sentadas sobre as premissas do que em pé sobre as promessas, alguma coisa normalmente está errada com a pregação. Isso começa com o pastor. A coisa mais fácil no evangelismo é descer — descer até os menos instruídos, até a juventude, descer até a rua, até os empobrecidos. Mas se os pastores não tiverem um ministério para com os seus semelhantes — líderes de comunidade e assim por diante — eles não podem intimidar as pessoas o suficiente para conseguir que elas mesmas façam isso. Eles precisam liderar pelo exemplo.

Características do Desafio Excessivo

Certa vez, um garoto em um acampamento da Mocidade para Cristo me perguntou: "Você pode orar por meu pastor?".

Eu sou cauteloso em relação a esse pedido, perguntando-me o que motiva a crítica ou a "preocupação" pelo pastor. Eu perguntei: "Por qual motivo você quer que eu ore por seu pastor?".

Ele disse: "Todo domingo, depois que ele prega, nós cantamos três ou quatro hinos de apelo e parece que ele não fica feliz até conseguir fazer com que todos nós estejamos olhando para baixo, até que todo mundo fique reduzido a quase nada pelo cansaço. Eu não entendo isso".

"Pelo que você quer que eu ore?".

Ele disse: "Vamos orar para que meu pastor possa se sentir perdoado".

Isso me impressionou. Esse garoto entendeu algo profundo. O pastor tentava exorcizar sua própria culpa por meio de uma espécie de catarse, ao contrário de entender a graça.

Gilbert Beers disse: "Moisés, mesmo conduzindo os filhos de Israel do Egito à Terra Prometida, tinha de caminhar na velocidade do menor cordeiro". Pastores precisam sentir quando as pessoas estão sobrecarregadas.

Existem certas pessoas que você precisa levar para um canto e dizer: "Você precisa gastar mais tempo com sua família. Eu sei que você tem um dia de trabalho na igreja nesta semana, mas eu não penso que você deveria vir. Leve seus filhos para pescar". Você precisa conhecer sua congregação para saber quais pessoas precisam de desafio e quais precisam de descanso.

Como presidente da Universidade de Taylor, eu dirigi em volta do campus em um círculo, como Josué em volta das muralhas de Jerico e orei: "Senhor, aqui está a circunferência deste lugar. Por favor, Deus, faça alguma coisa. Eu preciso do Senhor". Nenhum pastor pode desafiar efetivamente as pessoas ou conduzir pessoas para Deus sem o poder da oração.

Capítulo 5

A TEOLOGIA E A PREGAÇÃO CHEIA DE PODER

Nove convicções provenientes do cerne da pregação bíblica

Jay E. Adams

Os pontos em que verdadeiramente eremos determinam o que fazemos. Os aspectos em que eremos no cerne do nosso coração acerca da pregação determinarão como nós a realizamos. Nesse sentido, nada pode ser mais prático do que nossa teologia da pregação. As nove convicções a seguir são fundamentais para a pregação bíblica.

1. O objetivo fundamental da pregação é agradar a Deus

E uma convicção central da fé que Deus é soberano e que todas as coisas precisam ser feitas para agradá-lo. Agradar a um Criador soberano significa descobrir o que ele deseja e, por meio de sua graça, fazer sua vontade. Pregar a Palavra de Deus do modo de Deus deveria ser o alvo de pregadores fiéis. Como soberano, Deus nos diz o que pregar e como fazer isso. Ministros da Palavra não têm o direito de se desviar de suas instruções. Idéias e especulações humanas, portanto, precisam ser estranhas ao púlpito.

2. A pregação agrada a Deus unicamente quando é fiel às Escrituras

A pregação cristã começa com as Escrituras. A menos que os pregadores adquiram e mantenham as convicções próprias — e, portanto, atitudes que decorrem delas — nas Escrituras, eles falharão em pregar do modo que agrade a Deus. A eficácia da nossa pregação não é determinada pelo número de pessoas que a estão presenciando, nem pelo número de profissões de fé, mas pela fidelidade dos pregadores à mensagem que somos chamados a pregar. Aqueles que não proclamam a Palavra de Deus fielmente podem alegar números e supostas conversões e profissões de fé. E alguns que fazem isso falham em atrair seguidores em grandes números. O Deus soberano é o que produz os resultados. Quando Isaías começou a pregar a um povo rebelde, foi informado anteriormente que os resultados seriam mínimos porque o povo carecia dos olhos para ver e dos ouvidos para ouvir. O fracasso para obter resultados visíveis, entretanto, não deve ser usado como uma desculpa para pregações defeituosas.

Essa mensagem, em toda ocasião, precisa ser fiel à Bíblia. O pregador é um arauto *{keryx)* cuja incumbência é transmitir a verdade de Deus a seu povo e chamar os eleitos do mundo para a igreja. Para esses fins, precisamos entender o que se exige de nós e como atingir isso.

3. As Escrituras são as inerrantes e inspiradas palavras escritas de Deus

Todos os verdadeiros pregadores reconhecem a Bíblia como uma fonte da qual aprendem e proclamam a verdade de Deus. Eles aceitam o que lêem ali como palavra inspirada e inerrante nos originais. Por "inspiração" (o termo em 2Tm 3.16 significa "soprado por Deus"), eles entendem que as palavras bíblicas são tanto a palavra de Deus como se ele as tivesse dito por meio do sopro. Se alguém pudesse ouvi-lo falar, ele não diria nada mais nada menos e nada diferente do que está escrito por meio dos seus apóstolos e profetas. As Escrituras são as exatas palavras de Deus por escrito.

4. A pregação é uma responsabilidade sagrada

A atitude que essas convicções deveriam trazer à tona é a reverência pelo texto que o pregador expõe, junto com um grande desejo de aprender o que cada trecho significa, de modo a comunicar esse entendimento dessa mensagem àqueles que ouvem. Além disso, intérpretes de confiança das Escrituras reconhecem que estão lidando com a informação mais importante de toda a vida e querem ser fiéis ao fazer isso. Nós não nos ocuparemos com um estudo ordinário ou com a preparação inadequada de mensagens. Reconheceremos que em tudo que dizemos representamos o Deus do universo e que, se falharmos em entender ou proclamar fielmente a verdade, distorceremos a Deus. Ser fiel ao texto e ao Espírito Santo que fez com que ele fosse escrito é nossa preocupação fundamental. Em relação a isso, ministros conscientes sempre mantêm 2Timóteo 2.15 como seu referencial.

5. As *Escrituras foram planejadas não apenas para os ouvintes originais, mas para nossos ouvintes singulares de hoje*

Como arautos que levam uma mensagem de Deus àqueles que a ouvem, nós não ficaremos satisfeitos com uma abordagem do texto que o enxerga como do passado, algo longínquo. Nós somos gratos porque as Escrituras são para todos os tempos, para pessoas em todos os países. Nós nos lembramos das palavras de Paulo quando ele declarou que "essas coisas [do Antigo Testamento] ocorreram como exemplos para nós" (ICo 10.6) e que "foram escritas como advertência" (v. 11). Conseqüentemente, precisamos entender que a mensagem do texto é para a edificação de nossos ouvintes tanto quanto para aqueles a quem ela foi originariamente escrita.

Acreditando nisso, precisamos pregar o texto como uma mensagem contemporânea. Nós direcionaremos as palavras do texto à nossa congregação como se elas tivessem sido escritas com eles em mente. Nós fazemos assim porque, como Paulo explicou, esse é o fato verdadeiro. Portanto, não faremos preleções em relação ao que aconteceu com os amalequitas; antes, falaremos a respeito de como a experiência deles está relacionada aos nossos membros da igreja. Isso significa que não pregaremos sobre os amalequitas, mas sobre Deus e seu povo a partir do relato do

procedimento de Deus com os amalequitas. Nossa pregação, então, será vigorosa e contemporânea em sua natureza.

Os pregadores hoje, como o Senhor que poderosamente escreveu a sete de suas igrejas em Apocalipse 2 e 3, analisam sua congregação de forma que o que pregarem atinja suas necessidades. Embora a pregação possa ser expositiva, como quando alguém prega um livro em seqüência, a própria escolha do livro bíblico deve ser feita tendo essas necessidades em mente.

6. A intenção originária do texto determina sua mensagem para os ouvintes hoje

Pregadores instruídos precisam demarcar partes das Escrituras para sermões com base em sua intenção. Essa intenção também pode ser referida como o *telos* ou o propósito do trecho. Toda passagem de pregação, então, é selecionada porque em si mesma é uma mensagem completa de Deus. Essa mensagem pode ser parte de uma maior, mas é uma mensagem que desafia o ouvinte a crer, a desacreditar, a mudar ou a fazer alguma coisa que Deus deseja e que, no final das contas, contribuirá para os dois grandes propósitos da Bíblia — ajudar os membros da nossa congregação a amar a Deus e a seu próximo.

Em toda a história da pregação, infelizmente isso com freqüência não foi assim. Pregadores usam as Escrituras para seus próprios propósitos e não para os propósitos para os quais elas foram dadas, assim perdendo o poder inerente a qualquer trecho usado na pregação. Não é sem razão que o evangelho de João é usado mais freqüentemente que qualquer outro para levar ao conhecimento salvador de Jesus Cristo; ele foi escrito para esse propósito. O Espírito, que produziu a Bíblia, abençoa seu uso quando a intenção do pregador é a mesma que a sua própria.

7. O tema de cada mensagem é Deus e Pessoas

A pregação contemporânea que proclama a mensagem de Deus a seu povo é sempre pessoal. Isso significa que o pregador não tentará pregar na forma de uma aula expositiva. Nós precisamos evitar a linguagem e os conceitos abstratos. Não falaremos a respeito da Bíblia, mas vamos pregar sobre Deus e sua congregação a partir da Bíblia. Precisamos "abrir" as Escrituras como Jesus o fez (Lc 24.32), informando nossos ouvintes sobre seu conteúdo, mas sempre tornando visível a relevância do texto para eles. Nós reconhecemos que não estamos apenas fazendo um discurso, mas estamos pregando para pessoas sobre sua relação pessoal com Deus e seu próximo. Isso quer dizer: precisamos delinear nosso sermão no modo da segunda pessoa. A pai avra predominante não será eu, ele, ela ou isso, mas *você.* Precisamos aproveitar a deixa acerca desse aspecto da pregação de Jesus no Sermão do Monte.

8. A clareza é fundamental

A fim de pregarmos de forma eficiente, precisamos adotar um estilo claro e simples que é facilmente entendido por aqueles que ouvem. Precisamos reconhecer

que o apóstolo Paulo declarou que ser claro é uma obrigação (Cl 4.4) e até mesmo pediu que seus leitores orassem para que Deus o ajudasse a cumprir sua obrigação. Não apenas nós mesmos oraremos pela nossa pregação, mas é necessário fazer com que nossa congregação se interesse por fazer isso também.

Em nossos esforços para manter completa clareza, precisamos adotar uma linguagem não técnica (a não ser que a expliquemos). Precisamos evitar terminologias "tediosas", termos obsoletos e estilo antiquado. Precisamos proclamar a mensagem de Deus sem entonações estranhas, cacoetes ou qualquer outra coisa que chame a atenção para si mais do que para a verdade. Nós mesmos precisamos permanecer no fundo da cena o máximo possível, confiando que Cristo está na frente da mensagem.

A fim de atingirmos clareza, usaremos ilustrações e exemplos que ajudem os leitores na compreensão. Essas ilustrações e exemplos precisam ser escolhidos primariamente das experiências contemporâneas, de modo que por meio deles sejamos capazes de demonstrar não apenas o que a passagem significa no dia-a-dia, que ela é prática, e não apenas teórica, mas também como Deus espera que o leitor se aproprie da verdade.

A verdade de Deus não deve ser misturada desordenadamente na proclamação. Ela deve fluir inexoravelmente do começo ao fim de maneira racional e lógica. Isso significa que um pregador diligente toma tempo para pensar não apenas a respeito do conteúdo, mas também sobre a forma em que ele é apresentado. Pregadores que realmente se importam trabalham para tornar a verdade de Deus tão simples e fácil de entender quanto possível (sem perda de significado), para que o seu rebanho possa recebê-la facilmente.

9. *Nosso dever é pregar corajosamente*

Pregadores humildes são parecidos com o apóstolo Paulo, que pediu por oração para que, "destemidamente" tornasse "conhecido o mistério do evangelho" (Ef 6.19). Eles se lembram do que pode ser chamado de a oração do pregador, em que o discípulo orou para comunicar a palavra de Deus "corajosamente" (At 4.29). Pregadores desse tipo reconhecem que a palavra para "coragem" usada aqui (*parresta)* e em todo o livro de Atos, a que caracterizou a pregação do Novo Testamento, significa "liberdade para falar sem medo das conseqüências".

Capítulo 6

A PREGAÇÃO QUE ELEVA OS NOSSOS OLHOS

Que tipo de pregação — que tipo de pregador — consegue levantar a barra para saltadores de baixa estatura?

Crawford Loritts

E inerente à pregação um sentimento de autoridade divina que a distingue da boa comunicação. Os grandes pregadores são bons comunicadores, mas nem to-

dos os bons comunicadores são necessariamente grandes pregadores. E a diferença é a autoridade. Minha definição de pregação é que ela é uma palavra de Deus para as pessoas em um momento da história.

Todo pregador precisa ter em mente três grandes axiomas:

1. Nunca ouse ficar em frente de um grupo de pessoas com uma Bíblia na mão sem esperar mudanças. Nós precisamos ter uma confiança divina — confiança em Deus e em sua Palavra, confiança de que Deus mudará a vida das pessoas sempre que falarmos com base no seu livro.

2. *Lembre-se que o objetivo de todo ministério é a transformação.* O objetivo do ministério não é para que as pessoas gostem de você, nem para que o aceitem. O objetivo final de Deus é mudar a vida das pessoas.

3. *No final das contas, a eficácia de nossa pregação jorra da santidade de nossa vida pessoal.*

Em 2Coríntios 2.17, Paulo diz: "Ao contrário de muitos, não negociamos a palavra de Deus visando lucro". No grego, a palavra *negociar* se refere a fabricantes de vinho que faziam uma pequena fraude. Eles diluíam o vinho e o faziam passar por vinho puro. Paulo diz que é para não violarmos a integridade da verdade da palavra de Deus. Não nos tornarmos tão preocupados com a "comunicação" a ponto de o conteúdo puro ficar diluído. Paulo continua a dizer: "antes, em Cristo falamos diante de Deus com sinceridade". Isso nos diz para sermos genuínos em nossa comunicação, mantendo nossa integridade. Não seja um orador que se torna ator, que se torna tão escravizado pela necessidade de dizer algo de tal modo que as pessoas o ovacionem em pé. Não esteja excessivamente preocupado em transformar uma frase de um modo que ganhe os sorrisos e a aprovação das pessoas.

O púlpito traz consigo uma inebriação. Quando aumenta o reconhecimento é necessário que aumente o quebrantamento, para que você não brinque com as pessoas. Nós precisamos lembrar que estamos lidando com questões eternas, com a verdade, com coisas que exigem transparência e integridade completas.

Capítulo 7

CONDUZIR E ALIMENTAR

Como ocorre a intersecção entre a pregação e a liderança

Jack Hayford

Nós estamos em uma cultura de igreja que coloca muita ênfase na liderança. Pastores pensam não apenas em termos de pastorear pessoas, mas também em termos de liderar a igreja, o corpo corporativo de Cristo. Ainda assim, enquanto pensamos em ser líderes e pastores competentes, precisamos pensar a respeito da tarefa da pregação. Este artigo examina a interseção entre a liderança e a pregação.

O discernimento entre os papéis dos pastores de liderar e ensinar é essencial. Precisamos discernir quando estamos pregando simplesmente para promover um

programa e quando estamos pregando para promover o reino. É importante manter essas coisas claramente distintas.

A natureza da vida da igreja global e a natureza da batalha espiritual exigem que reconheçamos nossa tarefa não simplesmente como reunir pessoas e ensinar a Bíblia a elas. Grupos pequenos podem fazer isso — sem haver ali qualquer tipo de congregação ou um pastor especificamente designado para isso. As pessoas podem fazer isso em sua casa com sua própria família, e essas coisas devem acontecer. Mas um pastor, por definição, é uma pessoa que não está apenas alimentando o rebanho, mas também está levando as pessoas a algum lugar.

Pastores de ovelhas fazem isso. Eles conduzem e alimentam. Essa é a essência do trabalho pastoral. Qualquer um de nós que pastoreou descobriu que as pessoas preferem ser alimentadas a ser conduzidas. Pessoas que estão com fome da Palavra, como deveria ser o caso das boas ovelhas do rebanho de Cristo, gostam de aprender. Elas gostam de experimentar novidades, coisas que aquecem sua alma, as encoraja, as estimula e lhes dá discernimento e instrução. Mas quando você começa a dizer: "Gente, é tempo de nos mexermos, não apenas sermos alimentados", o rebanho começará a rosnar e a murmurar, porque as ovelhas preferem se assentar e comer ali por um bom tempo. Mas há tempo e lugar em que o ministério da pregação do pastor precisa apontar a direção para a igreja.

Por exemplo, há muitos anos eu preguei uma série de mensagens a respeito de uma questão que minha igreja estava enfrentando. Os anciãos da igreja recomendaram a aquisição de um grande imóvel. Nós compramos um imóvel inteiro de uma igreja que seria acrescentado ao *campus* que já tínhamos. A quantia de dinheiro envolvida nessa aquisição era um salto enorme para nós.

Eu senti o Senhor mover meu coração para que adquiríssemos esse novo *campus* mesmo antes de qualquer coisa ter sido apresentada à congregação e, aliás, antes de nós sabermos ao certo se podíamos realmente comprar a propriedade. Eu me senti conduzido a pregar uma série de mensagens com base no livro de Josué. Assim, preguei uma série intitulada: "Aproprie-se dos seus amanhãs".

Eu examinei o texto em que Deus disse a um grupo de pessoas em tempos antigos: "Eu tenho um lugar para vocês e um propósito prometido para vocês nesse lugar". Esse propósito exigiria todo um conjunto de passos a fim de que isso acontecesse. Isso não aconteceria sem empenho. Não aconteceria sem visão e fé. Não aconteceria sem falhas ao longo do caminho. Assim, aquela série "Aproprie-se dos seus amanhãs" se tornou o cartão de visita para o novo *campus.*

Mas o meu papel como líder não ultrapassou meu papel como alimentador. Quando introduzi a série, eu não disse: "Estou pregando essa série de mensagens porque nós estamos pensando em comprar uma propriedade". De fato, aquela série de mensagens nem sequer tratou da aquisição de propriedades. Eu preguei a série de mensagens porque sabia que cada pessoa em minha congregação estava em algum lugar de sua vida em que Deus estava apontando para novas possibilidades.

A posse dos amanhãs de sua vida tinha seus princípios estabelecidos em dar passos para frente a fim de realizar a esperança e as possibilidades dessas promessas. Meu primeiro interesse era nutrir as pessoas, para que, onde quer que elas estivessem em sua vida, encontrassem alguma coisa que as alimentaria com princípios para se apropriarem do que Deus tinha para elas.

Eu acredito que aquela série preparou corações para se expandirem além de onde estavam. Quando veio a visão para um *campus* adicional, eu pude fazer menção daquela série e imediatamente as pessoas conseguiram fazer a conexão com o que Deus estava nos chamando a fazer como igreja. Eu pude expandir a percepção da prontidão de Deus para fazer mais do que pensamos, mas também pude ajudá-los a reconhecer que nós teríamos um preço a pagar, um caminho a percorrer. Para mim, aquele era um caso clássico de liderar e alimentar. De certo modo, aquela série de sermões se transformou em pontos cardeais pelos quais a igreja podia navegar. Ela se tornou um sistema de referência de valores, crenças, de um modo de olhar a vida de forma que, quando tivessem de agir, estariam prontos.

A responsabilidade da liderança

Todo pastor tem uma responsabilidade de liderança. O pastor não pode simplesmente ser um camaleão que se adapta a tudo que as pessoas querem. Eu compreendo que você pode ter todos os tipos de problemas políticos em potencial e até mesmo perder seu emprego, mas existem momentos em que o pastor precisa elevar a sua voz. Se tenho coisas a dizer que trazem consigo um potencial de discordância em algumas pessoas, eu normalmente me encontro com líderes na igreja antes e faço com que fiquem sabendo o que estou sentindo. Então eu posso ir perante as pessoas com um sentimento de companheirismo e a parceria dos líderes reconhecidos para falar com a autoridade da Palavra de Deus.

E claro que os diferentes graus de liderança com que cada pastor é capacitado — e eu acredito que as capacidades de liderança são simplesmente parte dos dons de uma pessoa — comumente serão proporcionais à dimensão do pastoreio para o qual Deus chamará esse pastor. Quanto maior uma igreja, obviamente maior é a necessidade do dom de liderança.

Liderando grupos ao liderar indivíduos

O principal chamado do pastor como líder e alimentador não é apenas liderar a igreja como um corpo, mas liderar cada indivíduo como uma ovelha. Lemos em Isaías 40.11: "Como pastor ele cuida do seu rebanho, com o braço ajunta os cordeiros e os carrega no colo; conduz com cuidado as ovelhas que amamentam suas crias". A tarefa pastoral não é apenas dizer: "Ei, rebanho!", e esperar que todas as ovelhas sigam. Há ovelhas que às vezes precisam ser carregadas nos braços. Há algumas que, como as ovelhas-mães, são formidáveis com as novas. E preciso ter sensibilidade para liderar pessoas que estão passando por uma crise ou uma fase de

transição na sua vida. Há um foco de liderança pessoal, assim como há um foco de liderança grupai ou corporativa.

Para mim, o valor principal é o meu chamado para nutrir o propósito criativo de Deus. Com "propósito criativo", quero dizer o propósito para o qual Deus inventou uma pessoa, aquilo para o que a pessoa foi feita. Sou chamado para nutrir esse processo em cada indivíduo na igreja. No púlpito, esse indivíduo é meu alvo; quero nutrir essas pessoas para cumprirem o propósito para o qual Deus as fez e ajudar a conduzi-las nos passos de bebê para toda a visão que Deus tiver para suas vidas.

Eu faço isso esperando que em algum lugar ao longo do caminho elas captem a visão de Deus para sua vida e se alinhem com ela. Eu não vejo meu ensino como simplesmente instrucional, educacional ou informal. Ele é sempre profético, apontando para a frente, chamando para algum ponto de avanço. Ele está conduzindo as pessoas a se superarem.

Eu lidero as pessoas com cada mensagem. Mas o alvo é nutrir o propósito bondoso de Deus na vida delas. Hoje não insistirei em que satisfaçam alguma exigência ética. Não quero fazê-los atingir algum objetivo da nossa igreja local. Mas quero ajudar essa pessoa a se tornar aquilo para o qual ela foi criada.

Nesse contexto, então, o maior desejo que eu tenho é — por meio da ministração da Palavra — conduzir as pessoas à convicção acerca de três coisas. A primeira é que percebam o compromisso absoluto de Deus em seu amor por elas, o amor que nos justificou por meio do sangue de Jesus Cristo. A segunda convicção é que elas saibam que esse mesmo amor é o amor que está comprometido com o cumprimento da visão de Deus para elas. E a terceira é chegar à firme confiança de que haverá um triunfo, independentemente de seu ambiente presente, sua luta ou seus medos. Eu quero que elas percebam que haverá uma vitória. Aquela vitória pode assumir diferentes variações do que a pessoa pensou quando começou a jornada, entretanto, no final todos vencerão triunfantemente.

Assim, esse é o meu objetivo: liderar as pessoas com essas convicções. Primeira, Deus criou você com elevado propósito e destino específico. Isso pulsa por meio da paixão da minha pregação. Segunda, o amor de Deus o envolveu e o conduzirá até lá. Deus está com você e nunca o abandonará. O Senhor está cuidando de você. Terceira, qualquer que seja o ponto de conflito ou a evidente reversão, haverá uma vitória final.

Conduzir as pessoas até essa visão de si mesmas é, em si, alimentá-las, mas também é liderá-las, porque nossa tendência é pensar: "Você pode dizer que eu sou uma pessoa com um propósito especial, mas eu ainda não sinto isso. Eu sei que Deus me ama, mas é simplesmente difícil sentir isso hoje — e especialmente tão imerecido se olho para como me comportei nessa semana". Elas pensam: "Estou lidando com algumas coisas difíceis e eu sei que você está falando sobre vitória na frente, mas é melhor que você me lembre disso, porque no momento está sendo difícil pensar nisso".

Todo mundo precisa ser liderado constantemente por essas coisas. E a essência da ação do pastor, como a passagem de Isaías diz, é liderar graciosamente o rebanho, mas com um braço sensível que acompanha aqueles que são jovens e lidera aqueles que estão prestes a liderar cordeiros — aquelas pessoas que estão em transição, que estão carregando a possibilidade de novo propósito e nova vida. Ainda não é um tempo confortável para elas.

Esse é o papel de liderança do pastor. Toda alimentação dever estar centrada ao redor destas prioridades: ajudar as pessoas a terem uma percepção do propósito de Deus, uma percepção de seu amor e uma percepção de seu compromisso com a vitória final.

Escolhendo temas de pregação para a liderança

Às vezes, eu presto atenção em eventos atuais e seleciono assuntos de pregação de acordo com isso. Por exemplo, a minha igreja fica em uma área da Califórnia com muitos terremotos. Durante o terremoto de 1994, que foi terrivelmente devastador para a nossa região, preguei sobre questões como o sofrimento e a providência de Deus. Outro exemplo foi quando preguei sobre questões referentes aos tumultos de Los Angeles em 1992.

Aquelas coisas exigiram ministração da Palavra de Deus voltada para um tópico predominante e que ocupava grande parte de nossa vida. Qualquer pastor nessas circunstâncias que não interrompesse uma série bem idealizada com a qual estivesse ocupado não seria realista com as Escrituras, sem mencionar que também não seria realista com o mundo. A Bíblia se dirige a pessoas em necessidade, em desordem e em momentos críticos de sua vida. Esses momentos apresentam um desafio de liderança ao pastor. Como eu conduzo o rebanho durante esse tempo horrível de mudanças drásticas e respondo aos questionamentos que essas mudanças causam na sua mente? Como posso liderar as oportunidades de ministério para um crente pensante? O que eu posso ser no ambiente dessa crise?

Quando a Guerra do Golfo ocorreu, preguei dois domingos de manhã sobre a atitude dos crentes com respeito à guerra. Líderes chamam a atenção para questões em pontos de crise.

Nesse tipo de pregação de liderança, também tive de liderar em momentos que senti que Deus estava falando a nós como uma congregação em relação às nossas atitudes. Lidei com coisas como atitudes étnicas. Preguei uma série sobre como lidar com a aparência de Los Angeles visto que ela mudou radicalmente nos trinta anos em que eu tenho pastoreado aqui. Tivemos de decidir se faríamos uma espécie de migração e mudaríamos de local para sermos a congregação branca que éramos quando assumi a igreja há muitos anos. Chegou um ponto em que senti que precisávamos dizer, como corpo, que seríamos uma congregação que se comprometeria com a multietnicidade em nossa igreja. Precisávamos decidir que não teríamos preferências; seríamos tolerantes em nossa vida de igreja. Não estávamos

em uma cruzada política para sermos multiétnicos, mas em uma cruzada do reino para sermos pessoas que mostram o que significa ser um grupo composto de "todas as nações, tribos, povos e línguas".

Assim, preguei uma série intitulada "Superando o Mundo".[1] Nós queríamos passar à frente do progresso da sociedade em relação a isso e não ser controlados pelas atitudes raciais e étnicas com as quais cada um de nós havia sido doutrinado pela sociedade em que estávamos inseridos. Quando pregamos esse tipo de mensagem, não apenas as pregamos no domingo de manhã. Elas são anunciadas com bastante antecedência. Elas são uma espécie de marco, e a igreja fica lotada quando as pregamos. E são sermões longos; não raro, nessas ocasiões, os nossos pastores pregam um sermão de uma hora e quinze ou uma hora e vinte e cinco minutos sobre um tema significativo. Pregar sobre tópicos de interesse e relevância atuais é uma boa maneira de liderar por meio das Escrituras e, ao mesmo tempo, alimentar as pessoas. Quero encorajar a você, pastor, a manter principalmente a visão de que você está lidando com pessoas que têm seus próprios desafios a encarar. Precisamos nutrir o rebanho e, então, com base nessa saúde, ver o corpo de Cristo se mover de forma saudável em direção à realização de seus objetivos.

Capítulo 8

JOÃO 3.16 NA CLAVE DE DÓ

Por que verdadeiros pregadores são líderes de adoração

Jeffrey Arthurs

Uma tendência inadequada tem ocorrido em algumas igrejas — a separação entre pregação e adoração ou louvor. Não quero dizer que as duas coisas já não são realizadas no mesmo culto, mas que muitas pessoas pensam nelas como distintas mesmo quando ocorrem juntas. O termo louvor se tornou praticamente sinônimo de cantar, especialmente cantar música contemporânea. Com nossa ênfase saudável do pós-modernismo na experiência, a adoração é valorizada como algo mais atraente, holístico, participativo e até mesmo transformador do que a pregação, que por sua vez traz a conotação de cognição e do monólogo autoritativo. O louvor é "para cima", a pregação é "para baixo", e os dois nunca se encontram.

Em contraste com essa tendência, argumento que a Bíblia descreve a pregação e a adoração como firmemente entrelaçadas em uma relação simbiótica. O texto de 1 Pedro 4.11 capta esse conceito: "Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus [...] de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo".

[1] [N. do T.] Em inglês, "Outracing the World", um jogo de palavras que faz lembrar, ao mesmo tempo, "raças" e "corrida" destacando o fato de que essa igreja queria superar o mundo na forma de lidar com a questão racial.

A adoração é revelação e resposta

A adoração pode ser resumida como revelação e resposta. O que esse resumo perde em precisão, ele ganha em amplitude. Ele é amplo o suficiente para incluir tudo aquilo que a Biblia chama de louvor, incluindo o canto e a oração, assim como apresentar nosso corpo como sacrifício vivo (Rm 12.1) e repartir com outros (Hb 13.16). Ele é amplo o suficiente para capturar a extensa amplitude de atividades e modos caracterizando o louvor na Bíblia — cantar, gritar, silenciar, arrepender-se, lembrar, servir, dar, devolver o dízimo, interceder, tocar um instrumento musical, levantar as mãos, dançar, ajoelhar-se, jejuar e festejar. Todas essas atividades são respostas instigadas pela revelação do caráter e da vontade de Deus.

Dois textos clássicos defendem a idéia de que o louvor é revelação e resposta. O primeiro é Isaías 6, em que o profeta viu o Senhor sentado em um trono elevado e exaltado. A revelação da santidade de Deus instigou Isaías a responder: "Ai de mim" e: "Eis-me aqui. Envia-me" (Is 6.5,8). O segundo texto, Miquéias 6, descreve uma troca similar. Miquéias pergunta como ele poderia adorar: "Deveria oferecer holocaustos de bezerros de um ano?". Deus responde com uma lembrança do que já havia sido revelado: "Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o SENHOR exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus" (Mq 6.6b,8).

Nesses textos, o próprio Deus (ou seus serafins encarregados) revela sua glória, mas, mesmo quando Deus usa instrumentos humanos — a loucura da pregação — o processo é o mesmo. Ele se revela a si mesmo e estimula uma resposta. Portanto, o louvor é improvável (ousemos dizer que é impossível) sem a pregação.

Sei que meu argumento saltou rapidamente sobre as cercas da objeção,&então me deixe qualificar o argumento. Não estou dizendo que a pregação precisa ocorrer em todo o período de adoração. Um hino fora de moda pode ser um louvor maravilhoso. Nem estou dizendo que a única forma em que Deus se revela é por meio das palavras. Ele também comunica aspectos de sua glória por meio da natureza, da arte e do companheirismo. Já louvei a Deus enquanto caminhava na beira do *Grand Canyon*, ouvia um concerto e desfrutava do carinho do amor dos meus amigos.

Eu estou dizendo que quando Deus revela sua magnificência, ela naturalmente produz reações de louvor — arrependimento, riso, obras de justiça, cântico e assim por diante. Também estou dizendo que Deus escolheu a pregação como um canal primário de sua auto-revelação, de modo que a separação entre adoração e pregação não é natural, na melhor das hipóteses, e é prejudicial, na pior das hipóteses. Quando reduzimos o louvor somente aos seus componentes experimentais, afetivos e artísticos, já não fazemos o louvor bíblico. O verdadeiro louvor está enraizado na auto-revelação de Deus — por isso, a necessidade da pregação.

A pregação revela o caráter de Deus e também revela suas expectativas para o seu povo. A pregação explica a doutrina e a aplica ao dia-a-dia. Como Warren

Wiersbe diz: "O sermão não é um quadro na parede, pendurado lá para que pessoas o admirem. [...] O sermão é uma porta que se abre para um caminho que conduz o viajante a novos passos de crescimento e ao serviço para a glória de Deus (*.Preaching and Teaching with Imagination [Pregando e Ensinando com a Imaginação*], p. 218). Visto que os sermões exortam e equipam, eles são indispensáveis para o aspecto de resposta da adoração.

A igreja primitiva sabia disso. No livro *The Reading and Preaching ofthe Scriptures in the Worship of the Christian Church [A leitura e pregação das Escrituras na adoração da igreja cristã*], Hughes Old resume a *Didaquê,* um manual da vida de igreja do começo do século II: A congregação adoradora entendeu que Cristo estava presente com eles "por meio do ensino e da pregação da palavra de Deus". Em contraste com uma doutrina que se desenvolveu alguns séculos depois, "a *Didaquê* ensina a doutrina da presença real que é querigmática, não eucarística" (p. 265). Quando encontramos essa visão elevada da pregação, ficamos surpresos de ver que muito da exortação da *Didaquê* é instrução moral dirigida, prática e realista. Ela fala do relacionamento entre professores e estudantes, maridos e esposas e pais e filhos. Ela promove pureza e atos de caridade. A igreja acreditou que no meio de tal instrução moral Cristo se revelou a si mesmo. A revelação era mesclada com resposta.

A combinação de revelação e resposta, e o padrão dessa ordem, estão presentes na maioria das cartas de Paulo. Ele começa com doutrina e depois procede para a exortação. Esse padrão também caracteriza muito a pregação bíblica — explanação e depois aplicação. É uma forma testada pelo tempo e faz sentido.

O padrão é tão antigo quanto o Israel pós-exílico quando Esdras leu a lei em voz alta "desde o raiar da manhã até o meio-dia", enquanto todo o povo "ouvia com atenção" (Ne 8). Na resposta, o povo "ergueu as mãos e respondeu: 'Amém! Amém!' Então eles adoraram o SENHOR, prostrados, rosto em terra". Os Levitas "instruíram o povo na Lei, e todos permaneciam ali. Leram o livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o". Isso incitou tristeza quando o povo percebeu o quanto havia se desviado, mas logo Neemias e Esdras pediram um fim ao seu pranto: "Podem sair, e comam e bebam do melhor que tiverem, e repartam com os que nada têm preparado. Este dia é consagrado ao nosso Senhor". A revelação da glória de Deus e de suas exigências produz resposta.

O papel do pregador como revelador da glória e da vontade de Deus é captado em uma citação de Cotton Mather, o teólogo da Nova Inglaterra: "O grande desígnio e intenção do ofício de um pregador cristão é restituir o trono e domínio de Deus na alma dos homens" (citado em John Piper, *A supremacia de Deus na pregação,* Shedd Publicações).

As implicações da pregação na adoração

Duas implicações resultam de meu argumento de que a pregação existe em uma relação simbiótica com a adoração. Primeiro, a pregação precisa ser completamente centrada em Deus (teocêntrica), não centrada no homem (antropocêntrica).

Se um visitante na sua igreja puder confundir o seu sermão com um discurso de auto-ajuda, crítica moral severa ou uma aula espiritual, você não está pregando biblicamente. A recomendação de Barth de preparar sermões com a Bíblia em uma mão e o jornal em outra é útil contanto que seguremos a Bíblia em nossa forte mão direita. A Bíblia precisa interpretar o jornal. Outra forma de dizer isso é que a busca por relevância precisa começar com problemas percebidos, mas essas necessidades precisam ser ligadas a problemas fundamentais — escuridão e rebelião — e as soluções precisam incluir arrependimento e fé em Deus instigados por sua beleza extraordinária. Pregadores são líderes de adoração. Nosso trabalho é enaltecer a Deus, explicar seus decretos e estimular respostas. Essa é a essência do louvor.

Uma tendência na homilética, popular entre nossos irmãos e irmãs reformados, entendeu essa implicação, Essa tendência é chamada de pregação cristocêntrica. Você pode discordar de alguns detalhes desse programa (eu mesmo tenho dúvidas em relação à sua hermenêutica), mas certamente todos nós aplaudimos sua postura básica: a pregação é sobre Jesus! Essa postura não nega nossa necessidade de analisar os nossos ouvintes, mas ela vai negar formas extremas de adaptações aos ouvintes. Afinal, não é o rabo que abana o cachorro.

A segunda implicação da pregação como algo essencial à adoração é que pregadores deveriam trabalhar em sintonia com todo o período de louvor.

Isso requer planejamento. Nós devemos ajustar o canto, a oração, a música especial, a oração, o testemunho, a comunhão e outros elementos de acordo com o padrão geral de revelação e resposta, assim como com a revelação específica para aquele culto. As igrejas na tradição litúrgica têm feito isso por séculos. Talvez os períodos de louvor dessas igrejas se beneficiariam com mais flexibilidade, de modo que pudessem, por exemplo, dar espaço depois do sermão para um testemunho como uma resposta direta. As igrejas da tradição "livre" poderiam se beneficiar com mais estrutura. Por exemplo, elas poderiam adotar a tradição de terminar cada culto com uma exortação para estimular resposta ao que foi revelado.

Independentemente de como trabalharmos esses detalhes, minha esperança é a de que a pregação seja vista como indispensável para a adoração e o louvor, visto que ela tanto revela a Deus quanto estimula a resposta.

Capítulo 9

CRESÇA NA SUA PREGAÇÃO

O chamado para pregar exige o nosso melhor

Bill Hybels

Para você que quer afiar seu dom de ensino, quer ele seja um dom de nível máximo quer esteja em algum lugar mais abaixo em sua combinação de dons, você está desejando exatamente o que Paulo encorajou Timóteo a procurar: "Seja dili-

gente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso" (lTm 4.15). Paulo disse a Timóteo que trabalhasse em melhorar sua pregação. Você, por sua vez, pode estar perguntando: "Como eu faço isso? Como eu melhoro a minha pregação?". Aqui estão algumas idéias que se mostrarão muito úteis na prática.

Ouça a boa pregação e o bom ensino

Em quase toda disciplina, se você quer melhorar, precisa observar outros. Se você quer desenvolver seu modo de jogar golfe, precisa observar golfe. Estude vídeos que mostrem pessoas fazendo correta e eficazmente os movimentos da tacada. Eu participo de competições de barco à vela. Assim, mesmo que eu não esteja em um barco participando de uma competição, assisto a outras pessoas competindo, de forma que possa observar suas habilidades. Observo atentamente como eles preparam suas velas e como sua equipe trabalha, e observo suas táticas. A maneira de nos tornarmos melhores em qualquer coisa é nos colocarmos em uma situação em que podemos obter mais informação a respeito do que estamos tentando melhorar.

A maioria de nós tem dois ou três comunicadores que realmente nos inspiram. Nós dizemos: "Rapaz, eu gostaria de falar um pouco mais como ele", ou: "Um pouco mais como aquele". Faça mais do que só querer. Obtenha um catálogo dos vídeos deles. Leia coisas a respeito deles. Vá ouvi-los quando puder. E em vez de ouvi-los despreocupadamente, leve suas luvas de trabalho para ouvi-los.

Faça algumas perguntas claras. Por que aquela introdução funcionou tão bem? Por que aquele ponto foi compreendido com tanto poder? O que havia na estrutura da mensagem que a tornou tão memorável?

Na minha opinião, o recém-falecido E. V. Hill foi um dos melhores pregadores que já existiram. Uma vez eu assisti a um vídeo dele, admirando o seu senso de ritmo. Ele chegou a uma parte muito sensível em sua pregação, fez uma pausa e depois caminhou vagarosamente em volta do púlpito. Deixou que tudo ficasse em completo silêncio naquele lugar. Então, com uma voz mais baixa, disse algo com grande emoção e bondade. Foi um desses momentos de Deus.

Foi útil, para mim, assistir a isso porque meu temperamento é muito como uma metralhadora. Minha tendência é dizer: "Certo, aqui está o ponto. Agora vamos!". E se eu não estiver gastando tempo para observar cuidadosamente os grandes pregadores e mestres, acabarei moendo muitas pessoas com minha intensidade. Preciso aprender a fazer pausas, alterar o nível de entusiasmo e variar a intensidade do que faço.

Alguns pregadores são grandes contadores de histórias; eu simplesmente quero chegar ao ponto do que estou dizendo. Assim, quando conto uma história que é cheia de humor em potencial, capaz de colocar um pouco de humor no lugar, normalmente estou tão ansioso para chegar ao desfecho da história que falho em tomar o tempo necessário para embelezá-la.

John Ortberg recentemente contou uma grande história a respeito dele e o dr. B (dr. Gilbert Bilezekian) que acabaram viajando em um mesmo vôo. O dr. B tinha conseguido um *upgrade,* mas John estava no fundo do avião. Ele se divertiu com aquela história por alguns minutos, extraindo um grande humor dela com comentários como: "Eu estava comendo uma substância parecida com galinha no fundo enquanto o dr. B estava jantando uma refinada comida chinesa". O ponto é este: John se divertiu bastante com essa história e, ao mesmo tempo, chamou a atenção para um ponto de peso. Ela proporcionou a oportunidade para o humor. Assim, ouça grandes pregadores e mestres não com a intenção de imitá-los, mas, antes, para aprender lições que possam melhorar sua própria pregação e ensino.

Esta próxima afirmação é tão óbvia que hesito até mesmo em fazê-la. Desenvolva seu próprio estilo singular e único. Embora você queira aprender com grandes pregadores, não queira copiar o estilo deles.

John Maxwell e eu damos seminários de comunicação por todo o país e temos dois estilos muito diferentes. John usa um suporte para partitura, um banquinho e precisa de duas ou três coisas para beber em volta dele. Ele se mistura com as pessoas na platéia, anda pelos corredores, esconde-se atrás de plantas, atira coisas e faz perguntas às pessoas. O seu estilo é tão diferente do meu que ele se diverte caçoando de mim a respeito disso. Uma vez ele pegou um pedaço de giz e desenhou uma linha em frente ao púlpito. Ele disse: "Eu dou cem dólares para quem ultrapassar aquela linha". Nós rimos a respeito disso porque nossos estilos são muito diferentes. Mas quer saber? Estou confortável com o meu; e ele, com o dele. Existem coisas que podemos aprender um com o outro, mas não deveríamos tentar copiar um ao outro.

Uma prática útil que utilizamos na Willow Creek é fazer tempestades de idéias com outras pessoas. As pessoas ficariam chocadas se soubessem o quanto externamos nossas idéias aqui. Se estou empacado com alguma coisa, eu vou para a sala da Nancy, a do Lee ou a do John. E digo: "Estou trabalhado nessa mensagem. Eu poderia chegar a esse ponto desse jeito ou daquele. O que você acha?". Grandes comunicadores fazem borbulhar idéias sobre comunicação recreativamente. Quando você obtém a oportunidade de fazer isso, não pense que precisa sentar em sua mesa em total isolamento. Diga: "Eu vou pregar sobre esse tema ou texto. O que você gostaria de ouvir a respeito dele?".

Nós freqüentemente fazemos isso com ilustrações também. Nós apenas perguntamos a alguém: "Alguma vez já aconteceu algo extraordinário com você que eu poderia usar como ilustração?". Isso é uma grande fonte de histórias novas e revigorantes e somos cuidadosos em dar crédito quando contamos uma dessas histórias. Então se lembre, você não está nisso sozinho. Ouça a mensagem e o ensino de grandes comunicadores.

Entenda a dinâmica da urgência

Uma segunda maneira de se desenvolver como comunicador envolve entender a dinâmica da urgência. Há muitos anos, quando eu estava tentando dar um passo

em direção a melhorar minha própria pregação, ouvi cerca de quinze ou vinte sermões diferentes enquanto perguntava: "Quais são os denominadores comuns de grandes pregações e ensinos?". De forma clara, o que emergiu no topo foi essa percepção de urgência. Fiquei repetidamente perplexo diante de como a pregação dessa pessoa estava sendo expressa como se fosse a questão mais urgente do planeta. Assim, eu comecei a analisar isso.

Se a pregação é feita da maneira correta, você vive com um texto ou um tópico por uma semana e ele cria energia em seu espírito. Você pensa sobre ele, fala com pessoas sobre ele e pede que Deus o unja. Assim, no momento em que você estiver pronto para pregar, esse assunto é o item mais urgente em seu espírito. Se tiver se preparado propriamente, existe uma urgência vinda de você que não é inventada. Isso se torna comunicação convincente.

Jesus era mestre nisso. No final do Sermão do Monte, ele diz: "Vocês todos devem saber que há uma tremenda tempestade no horizonte". Isso acorda as pessoas, não acorda? Elas estão olhando para o céu, tentando achar as primeiras nuvens. Ele continua: "Agora, vocês podem pegar as palavras que eu acabei de dizer a vocês e desconsiderá-las. Isso seria como construir uma casa na areia. Quando uma tempestade vier, sua vida será completamente arrasada. Ou você pode pegar as palavras que acabei de dizer e construir sua vida sobre elas. E quando essa tempestade atingir sua vida, você vai permanecer em pé. De qualquer modo, você pode contar com este fato: há uma tempestade vindo" (veja Mt. 7.24-27).

Bem, as pessoas sabem que você está falando sério quando você prega com uma urgência dessas. Acho que grande parte do sucesso de Billy Graham tem sido sua urgência. Não a invente. Viva com um texto e deixe-o crescer em seu espírito até que você esteja se sentindo totalmente tomado pelo tema. Aí você está preparado para pregar.

Esforce-se por clareza

Em terceiro lugar, se você quer melhorar sua comunicação, esforce-se para ser claro. Quando treino professores por aqui, sempre faço duas perguntas a eles: "O que você quer que eles saibam? O que você quer que eles façam?". Se ele não puder responder a essas duas perguntas imediatamente, digo: "Você não está preparado. Não castigue o seu público com essa mensagem".

Assim, muita pregação hoje em dia é um movimento sinuoso. E uma caminhada por seis ou sete canteiros de tulipas, colhendo uma pequena flor aqui e outra ali. Você chega ao fim e não sabe o que o pregador queria que você soubesse. Você precisa passar pelo teste da clareza.

Você também precisa dedicar tempo para a criatividade. E tão fácil para nós cairmos na rotina e nunca mudarmos o nosso estilo. Nós estimulamos nossos professores na Willow Creek a deixar de lado a abordagem de dar tudo bem mastigado a fim de sacudir as coisas de vez em quando. Nós os encorajamos a usar um

estilo em que se fazem perguntas ou se usam alguns artefatos, em vez de apenas ficar em pé encostado no púlpito com uma Bíblia na mão. Descobrimos que os artefatos são notavelmente úteis. Uma vez, eu estava falando a respeito das pressões da vida e levei um dispositivo químico completo com um bico de Bunsen. Quando eu acendi aquele bico de Bunsen e coloquei uma proveta sobre ele e as coisas começaram a ferver, as pessoas estavam realmente ouvindo — tudo porque eu usei um pequeno artefato.

Em uma outra ocasião, eu estava me preparando para ensinar sobre a ternura de Deus. Tive a idéia de pregar sobre a passagem que diz: "[Deus] não quebrará o caniço rachado". Assim, consegui um caniço rachado (um galho) e o segurei enquanto dizia: "Alguns de vocês se sentem hoje como esse galho rachado". Eu falei com eles a respeito da ternura de Deus enquanto segurava aquele pequeno artefato.

Quando visitei os escritórios e casas de nosso pessoal nas semanas seguintes, muitos tinham um galho rachado em sua escrivaninha ou a tinham prendido a sua geladeira. Foi maravilhoso. As pessoas se lembram desse tipo de coisa.

O fator suor

Um quarto elemento no aperfeiçoamento de sua pregação é o que eu chamo de o fator suor. A maior parte das nossas pregações melhoraria muito se nos disciplinássemos a acrescentar uma hora ao nosso preparo. Muitos pregadores não acreditam que o trabalho entra na equação para uma grande pregação. Mas você não se torna bom em nada a não ser que tenha pago o preço do suor. Você simplesmente precisa pagá-lo. E quando você descobre o quanto precisa pagar para o nível de qualidade aceitável, então aquele preço precisa se tornar uma condição em seu horário.

Honestamente, isso requer de mim um mínimo de vinte horas por semana para elaborar uma mensagem aceitável. Assim, esse tempo se torna absolutamente inegociável na minha agenda na semana em que eu tenho de pregar. E se tenho um funeral ou sou chamado para fora da cidade para alguma emergência, sou conhecido como alguém que chega ao escritório às três e meia da manhã porque sei que isso requer vinte horas de meu tempo. Eu não posso burlar essa regra de qualidade. Se eu invisto o tempo no preparo, Deus geralmente me dá a mensagem. Mas o suor é essencial.

Avaliação

Em seguida, a avaliação representa uma enorme parte do processo de aperfeiçoamento para todos os comunicadores em crescimento. Se eu cresci como um comunicador nos últimos vinte e cinco anos, muito disso vem de avaliações que peço após cada pregação que faço. Toda vez que eu prego uma mensagem na Willow Creek, tenho meia dúzia de pessoas que a avaliam. Temos um sistema, e dependo dessas pessoas. Não peço simplesmente a qualquer um para fazer isso, porque alguns usariam isso como um machado. Convido pessoas que me amem, mas

amem a Deus e essa igreja, para que me dêem o seu retorno honesto. O que funcionou bem? O que precisa ser melhorado? Sou específico com meus avaliadores. "Não me diga: 'O ponto três foi horrível', porque isso não me ajuda. Se acha que o ponto três foi fraco, então me diga como poderia melhorá-lo". Normalmente tenho uma hora até que eu pregue a mensagem novamente e talvez possa integrar um pouco desse retorno na vez seguinte que eu a pregar.

Freqüentemente, sou tentando a cortar caminho quando estou preparando uma mensagem. Mas aí eu penso: *Se eu cortar esse caminho, o advogado Russ Robinson, um dos meus avaliadores, vai me matar, e co?n razão... se eu fizer isso.* Eu sei que aquele caminho cortado será o primeiro na lista dele. Assim, eu não posso fazer isso.

Se eu ficar tentado pegar um pequeno atalho teológico, o dr. B estará me esperando do outro lado. Assim, eu penso: *Rapaz, eu não quero enfrentá-lo.* E se perco a oportunidade de ser um pouco mais engenhoso em minha apresentação, John sempre me mostra a forma como eu poderia ter retomado algo no final que a teria tornado uma coisa mais tocante. Há tantas maneiras de se beneficiar e crescer a partir de uma avaliação bem elaborada.

Viva em união com Jesus

Finalmente, eu simplesmente não posso terminar sem dizer isto: Viva em tal união com Jesus Cristo que seu poder e sua força fluam pela sua pregação. Isso soa como se não precisasse ser dito, mas nada pode substituir essa verdade. Em termos simples, aqui está como isso funciona. Ore que nem louco. Confie que nem louco. Espere Deus trabalhar. E depois lhe agradeça quando ele o fizer.

Para saber mais sobre o que Bill Hybels acha da avaliação, veja o capítulo 193, "A pregação bem focada".

Capítulo 10

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL POR MEIO DA PREGAÇÃO

Quatro componentes da pregação que transformam vidas

Robertson McQuilkin

Recentemente me pediram que eu falasse em uma conferência sobre pregação a respeito do tópico: "Formação Espiritual por meio da Pregação". A primeira coisa que surgiu subitamente em minha mente foi: *Formação espiritual— e o que mais você faz por meio da pregação?* Talvez a pregação evangelística não seria classificada como formação espiritual, mas certamente ela visa começar o processo.

Meu segundo pensamento foi: *Por meio da pregação? De que ovitra forma você ajudaria pessoas a crescer espiritualmente?* Ah, eu quase esqueci — o aconselhamento poderia fazer isso, embora com freqüência ele não faça isso intencionalmente. Ou o ensino, embora muitos pensem meramente em informar o cérebro. A pala-

vra escrita certamente poderia ser classificada como tal, embora a maior parte dela seja apontada em outras direções. E existem os mais novos modelos de formação espiritual — compartilhar em grupos pequenos e mentorear uns aos outros. Ou a última forma de discipulado pessoal — novo para os protestantes ao menos: recrutar um diretor espiritual. Mas a pregação ungida pelo Espírito Santo é o meio que parece o mais bem designado para ajudar na formação espiritual.

Aqui está. Eu fiz isso, o indesculpável — minhas reflexões a respeito do tópico revelaram meus preconceitos, meu código de acesso! Ao menos isso tem o mérito de permitir a você clicar em "deletar", se nós não estivermos fazendo sentido. Mas se você encontra ressonância no meu entendimento sobre o propósito e potencial da pregação, clique aqui, e nós poderemos alcançar algumas conclusões a respeito de como promover crescimento espiritual por meio da pregação. Falando de maneira prática, como temos certeza de que nossa pregação resulta em transformação espiritual?

Eu sugiro quatro coisas indispensáveis. Nossa pregação deve ser fundamentada na Bíblia, ser energizada pelo Espírito, exigir um veredicto e ser conectada com o público.

Fundamentada na Bíblia

Quando eu dig o fundamentada na Bíblia, algumas pessoas automaticamente pensam em pregação expositiva. Pregação expositiva é a minha favorita. De fato, eu freqüentemente vou embora me sentindo mal alimentado quando a mensagem não é expositiva, escorregando do texto. Mas não é isso que eu quero dizer com fundamentada na Bíblia. Seja qual for a estrutura ou a abordagem homilética toda palavra que eu disser do púlpito precisa estar sob a autoridade funcional das Escrituras. Ela precisa ser fiel ao significado das Escrituras, fiel às ênfases das Escrituras, fiel ao propósito das Escrituras.

A Palavra de Deus é designada para funcionar como a autoridade controladora. Isto é, todo sermão precisa ser desenvolvido, consciente e intencionalmente, sob a autoridade das Escrituras, de modo que a Bíblia — não a tradição ou um sistema teológico — funcione como o centro controlador. A Bíblia não é apenas um decodificador para filtrar falso ensinamento, mas o programador no controle. Assim, em relação a promover crescimento espiritual, três grandes temas nas Escrituras controlam meu conteúdo:

1. O padrão de Deus para a vida cristã
2. A provisão de Deus para que eu alcance esse padrão
3. Nossa responsabilidade em acessar essa provisão.

Esses temas estão espalhados pelas Escrituras, mas eles estão mais do que espalhados. Eles são o ponto essencial da revelação, de modo que, se minha pregação não foca constantemente esses temas, como eu posso afirmar que me fundamento na Bíblia? Vamos considerá-los brevemente.

O padrão de Deus

O padrão de Deus não é nada menos do que ele mesmo. De Gênesis, em que nós somos criados à sua imagem, ao Apocalipse, em que a imagem é plenamente restaurada; da ordem de Jesus de que devemos ser perfeitos como o Pai é perfeito (Mt 5.48) ã declaração de Paulo de que o novo está sendo renovado segundo a semelhança daquele em cuja imagem ele foi originariamente criado (Cl 3.9,10) — nosso objetivo é Deus. Nós precisamos sempre empregar, em detalhes pragmáticos e aplicações específicas, o padrão de Deus na vida cristã.

Eu fui visitar uma igreja dinâmica, em crescimento e orientada para missões para uma conferência sobre missões. Ao encontrar o pastor titular, fiquei surpreso por ele dizer que nós havíamos nos encontrado antes e ainda mais surpreso por ouvir que aquele primeiro encontro havia sido transformador para o seu ministério. No final de uma semana de missões em um dos principais seminários evangélicos, Brent me contou, ele havia se oferecido para me levar ao aeroporto. Eu havia compartilhado com os estudantes a história do amor de Deus por todo o mundo, claramente revelado de Gênesis até Apocalipse, e a ordem que nós recebemos para a participação plena em concluir o que ele começou. Como estudante no doutorado, Brent evidentemente não havia comparecido aos cultos na capela. Quando sentamos para tomar café no aeroporto, eu perguntei a respeito de seu ministério, e ele disse que pregava a palavra. Com isso, ele queria dizer exposição versículo por versículo. Eu perguntei a respeito do programa de missões da igreja, e ele disse que não havia tal programa. Então eu respondi: "E que palavra você está pregando?". Naquele instante, conforme ele testemunhou, sua vida e ministério inteiros haviam sido transformados.

A provisão de Deus

Você pode dizer que o padrão de Deus produziu aquele efeito nele. Mas o padrão de Deus poderia ter sido terrivelmente angustiante sem a provisão de Deus. O segundo grande tema das Escrituras é a provisão de Deus para nossa salvação no seu pleno esplendor — do perdão inicial até o desenlace final, quando "seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é" (ljo 3.2). O padrão precisa ser sempre ligado à provisão.

Entregue-se ao Espírito Santo, aquele que nos criou segundo o padrão de Deus em primeiro lugar (Gn 1.27), que nos convence a respeito de nossa desesperança e impotência (Jo 16.8), que sopra nova vida em nós (Jo 3.6), que nos transforma em completas novas criaturas com um novo e vasto potencial (2Co 5.17), que habita em nós como nosso companheiro interior (Jo 14.17), que nos concede o Livro (2Tm 3.16,17) e diariamente ilumina o seu significado e que nos transforma de um estágio do caráter glorioso de Jesus em outro (2Co 3.18). A pessoa do Espírito Santo é a provisão do Deus trino para vivermos conforme o padrão de Deus em um mundo incrédulo.

Não são todos que ensinam isso. Em uma igreja que freqüentei por dois anos, eu amava a pregação expositiva profunda de lá. Gradualmente, entretanto, comecei a perceber que algo estava faltando. O pregador obviamente acreditava muito na pecaminosidade humana. Ele também acreditava na justificação e glorificação. Mas, aos poucos, passei a entender que ele não acreditava em muita coisa no meio desses estágios. Um estudioso da Bíblia nacionalmente reconhecido também freqüentou aquela igreja, mas a abandonou antes de mim. Outro dia eu encontrei novamente esse estudioso reformado e influente e nós falamos a respeito da visão da vida cristã a que nós dois havíamos sido expostos: "Pessimismo arrogante", ele disse. "Aqueles homens não ofereciam nenhuma esperança de poder para viver a vida". Selecionando apenas aquelas passagens que favoreciam suas doutrinas, éramos deixados com pouca esperança para o ínterim entre a salvação inicial e a final. Mas Deus colocou à nossa disposição plena provisão na pessoa do Espírito Santo para nossa capacitação para sermos transformados de um estágio de seu glorioso caráter em outro. Assim como o padrão é o próprio Deus, também a provisão é ele mesmo.

Nossa responsabilidade

Mas as pessoas da sua congregação perguntarão: "Como eu me conecto com isso? Como isso acontece?" Nós precisamos ser fiéis em explicar as implicações de nossa responsabilidade pessoal para acessar essa provisão. O código de acesso é simples. A gloriosa verdade está acessível a todos. Fé. Fé para a salvação inicial, fé para a transformação, fé para o crescimento em direção ao nosso objetivo. "Livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumador da nossa fé" (Hb 12.1,2).

Porque tantos membros de igreja parecem estar espiritualmente atolados? É claro que um planalto espiritual não é possível. Ou estamos nos elevando em linha espiral rumo a uma semelhança cada vez maior com Jesus e intimidade com ele cada vez maior ou estamos descendo em espiral, distantes dessa conexão firme, cada vez mais distantes dele. O que devemos fazer quando essa subida é vacilante? O que deu errado? Nós dizemos que fé é a chave, mas por que ela parece não funcionar? Por que a conexão não produz os efeitos esperados?

Talvez exista uma desconexão, afinal. Talvez o pregador apenas os tenha conectado ao pólo positivo da fé, negligenciando o lado negativo do arrependimento. A fé da Bíblia — quer seja para a salvação, quer para a santificação — é bipolar: arrependimento para com Deus e fé para com nosso Senhor Jesus Cristo (At 20.21). Se a fé for apenas a aprovação intelectual de certas verdades essenciais, uma pessoa não é mais salva que os demônios que também crêem (Tg 2.19).

E a santificação? Submeter-se e acreditar, são os mesmos dois pólos da fé bíblica. Negligencie um ou outro, e o crescimento pára porque existe uma desconexão. Pregar um ou o outro fora da proporção da necessidade das pessoas? Desconexão!

Esses, então, são os temas que precisam ocupar o cardápio da dieta das pessoas, se somos sérios a respeito de nutrir a formação espiritual: o padrão de Deus — ele mesmo; a provisão de Deus — o Espírito; e nossa responsabilidade — te.

Energizada pelo Espírito

É possível fascinar uma congregação de forma que os números aumentem rapidamente, explicar o texto da Bíblia tão profissionalmente que a reputação de alguém ressoe até os corredores da universidade que cursou, informar a mente tao cuidadosamente que nossa congregação é reconhecida como especialista em Bíblia e, ainda assim, negligenciar a formação espiritual. Sem o poder capacitador do Espirito, renovado cada vez que alguém se dirige ao púlpito, nossa congregação não demonstrará nenhuma vida de qualidade milagrosa. Famílias e colaboradores não pactados pelo inexplicável. Qualquer bom psicólogo poderia explicar suas atitudes e comportamento em termo de genes, ambiente na infância e circunstâncias presentes. E quem iria à igreja em busca dessa vida tão desprovida de sobrenatural!-dade?

A não ser que o fogo do Espírito tenha liberdade total, podemos esquecer a formação espiritual.

Despreparados para a missão de Cristo

Essa é a lição que os discípulos tiveram de aprender. Depois de três anos no seminário de Jesus, depois do trauma da morte horrível de seu mestre e a alegria de sua ressurreição, eles ainda viviam segundo a sua própria agenda — a agenda determinada por tradições, por séculos de interpretação errônea das Escrituras e por suas ambições mundanas. "Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?", eles perguntaram (eles tinham em mente expulsar os romanos e, sem dúvida, colocar-se em doze tronos em volta do Senhor Jesus).

Jesus respondeu: "Não, não. Essa não é sua tarefa. Eu tenho, entretanto, uma tarefa para vocês. Mas vocês não estão prontos para ela". Não estavam prontos? Depois de três anos na escola de teologia do Messias?

Seguindo a ressurreição, por um período de seis semanas de preparação final, ele já tinha dado suas ordens de marcha pelo menos três ou quatro vezes (Jo 20.21; Mt 28.18-20; Lc 24.47,48; Mc 16.15). E ainda assim eles não conseguiam entendê-las. Assim, ele lhes disse para retornarem a Jerusalém e esperarem até que estivessem prontos. Esperar o quê? O Espírito Santo! "Esperem até que o fogo caia — então vocês estarão bem equipados para executar o plano". Não há registro de que ele lhes havia dito para esperar de joelhos, mas eu imagino que ele fez isso porque é isso que eles fizeram. E, então, o fogo caiu. Talvez estejamos nos enganando a respeito do que ele tem em mente para nós. Nós simplesmente não estamos prontos para essa tarefa de estremecer o mundo. Será que ele está dizendo: "Espere. Permaneça de joelhos. Volte a seus estudos até que o fogo caia"?

Indicadores de uma vida cheia do Espírito

Freqüentemente o Novo Testamento usa linguagem figurada para descrever essa experiencia de estar "cheio" do Espírito. Como você se sentirá, com o que se parecerá quando estiver cheio do Espírito? O Novo Testamento usa essa palavra figurada "cheio" de três modos diferentes. Às vezes ela parece se referir ao que a maioria dos contemporâneos que se especializam em enchimento do Espírito têm em mente — uma percepção da presença do Espírito — "exultando no Espirito Santo", por exemplo (Le 10.21). Deus tenha piedade do pregador que nunca tem essa agitação, essa percepção extática da presença de Deus.

As vezes, entretanto, a Bíblia parece indicar um relacionamento mais do que jm sentimento — quem está no comando? (Ef 4.29-32; 5.17,18). Se o Espírito Santo está no comando completo de um relacionamento, você poderia dizer que essa pessoa está cheia do Espírito. Deus tenha piedade da congregação onde o pregador não está submetido incondicionalmente e completamente à disposição do Espírito.

Sem dúvida, o uso mais comum dessa linguagem figurada é usada para apontar o resultado, a evidência de uma vida cheia do Espírito, chamada de "dons" ou "frutos" (ICo 12; G1 5.22,23). E isso que significa ser cheio do Espírito — estar sob o comando do Espírito Santo de tal forma que uma vida de milagres seja evidente, uma colheita abundante de frutos do Espírito que todo fiscal de frutos na congregação pode ver. Assim, a única maneira de explicar os resultados da Dregação daquele homem é dizer — poder do Espírito!

Observe o seguinte a respeito da vida cheia do Espírito dos apóstolos: Toda vez que uma crise estourava, uma nova oportunidade estava à espreita ou as coisas não aconteciam de acordo com o plano, o que eles faziam? Voltavam aos joelhos. E o que Deus fazia como resposta? Ele os enchia com o Espírito. Então eles pregavam com ousadia, com poder que transforma vidas. Pessoas cheias do Espírito eram enchidas, diz o relato (At 4.31).

Como isso acontecia? Acho a analogia de um barco à vela útil. Uma escuna deslizando pela água, as velas cheias de vento, é uma visão bonita. Mas então um vento vem do oeste e woosh! Aquelas velas, já cheias, ficam realmente cheias. E o mesmo acontece com o Espírito. Ele pode estar de forma estável no comando de nossa vida e ministério, mas depois vem uma necessidade especial, uma oportunidade especial. Então vem o tempo de se dirigir ao púlpito. Estivemos de joelhos e rogamos para que o vento do Espírito soprasse. E naquele dia há a pregação cheia do Espírito. Se a formação espiritual tiver de ocorrer por meio da pregação, esse será o dia.

Ela exige um veredicto

Se eu for pregar de um modo que resulta em formação espiritual, meu sermão precisa exigir um veredicto. Esse princípio não está na mesma categoria que os

dois primeiros princípios nessa série — que a pregação é baseada na Bíblia e energizada pelo Espírito — mas ela reflete o que é a pregação fundamentada na Bíblia e energizada pelo Espírito.

A pregação que exige um veredicto é uma das coisas que distingue a pregação do ensino. O ensino visa à mente, a pregação, ao coração. "Espere aí! Quando eu ensino, estou tentando levar meus ouvintes à ação e, quando eu prego, estou instruindo minha congregação nas verdades das Escrituras". É claro. Bom ensino visa à mudança, e boa pregação é ensino sólido.

Por que, então, a distinção? Várias tendências de influência na pregação defendem que a abordagem homilética correta é a exposição versículo por versículo do texto, ensinando tantas verdades quantas o autor conseguir comprimir na passagem. Eu diria que isso é mais bem descrito como ensino. Mas quando o pregador faz o ensino de uma passagem cooperar com um só objetivo que chama a uma resposta ou exige evidência de várias passagens das Escrituras para tornar plenamente compreensível um ponto que requer ação, isso é pregação, pregação que exige um veredicto.

Nos meus tempos de estudante, um professor favorito costumava trovejar: "Jovens, nunca pesquem com uma linha lisa!". Nosso alvo não é apenas fascinar a platéia — os profissionais do entretenimento são muito melhores nisso. Não deveria ser nosso alvo apenas aumentar o estoque da informação bíblica correta — um livro ou computador pode servir esse fim. Nós estamos atrás é de mudança. Se a platéia vai embora animada ou mais instruída na Bíblia mas não muda, não houve formação espiritual. Formação espiritual é mudança, e mudanças acontecem quando escolhas são feitas. E assim, a pregação que exige um veredicto é crítica para a formação espiritual ou, como Paulo o diria, para a transformação.

Paulo é ainda mais específico. Ele nos chama para transformar nossa mente — reformar nossos programas mentais — até demonstrarmos mais e mais uma descrição correta da boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2). Como isso acontece? "Rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo" (Rm 12.1). A mudança vem pelo Espírito de poder quando são feitas escolhas, de forma que a pregação precisa exigir um veredicto se quisermos que haja formação espiritual.

Conectada à platéia

Para conectarmos com os nossos ouvintes, precisamos traduzir a mensagem para a linguagem e as formas de pensamento contemporâneas.

Mas a nossa mensagem não é completamente contracultural? Essa era a afirmação de um professor de teologia prática com quem eu conversei recentemente. Estávamos discutindo, em um almoço, sobre um colega que tem um ministério transformador para adolescentes e jovens adultos em todo o mundo. Jack tem mais de sessenta anos, mas ele consegue se conectar! Enquanto conversávamos

sobre o impacto desse homem já em idade avançada, meu companheiro de almoço se empolgou com um discurso firme a respeito de como Jack desmente todo esse discurso a respeito de uma lacuna entre as gerações: "Você precisa entender a mente pos-moderna e conectar com ela? Que asneira!".

Eu fiquei atônito ao sentir a intensidade de seu sentimento a respeito do que ele pensava ser o erro de se tentar ser relevante de diferentes maneiras a diferentes auditorios. Eu também fiquei preocupado em pensar que aquilo representava o pensamento de Jack, de forma que eu liguei para o Jack para descobrir.

Ele nu. "E justamente o contrário", ele disse. "Eu estudo e trabalho arduamente para entender o pensamento pós-moderno e como conectar com uma mentalidade completamente diferente". Aliás, ele ensina isso. Ele anuncia a sua classe que e es serão avaliados em relação aos comentários que fará — isso ganha a atenção dos alunos — e procede falando em suaíli. Então, diz a eles que não há por que Mar sua própria língua para alguém que não a entende. Depois de fazer essa observação, ele os ajuda a analisar a mente pós-moderna.

A responsabilidade do pregador, então, é entrar na cabeça, aliás, no coração de sua platéia e transmitir verdades e palavras que possam ser entendidas, que conectem. Mais do que isso, pensamentos e verdades que levem à ação. Jesus não deu uma passada de algumas semanas por aqui nem ficou falando em uma linguagem celestial. Ele se tornou um de nós.

Nós precisamos seguir seu exemplo e usar uma pregação encarnada. Não podemos nos esconder atrás dos muros da verdade eterna e imutável, satisfeitos em pronunciar jargões teológicos com precisão, arremessando granadas de textos bíblicos por cima do muro sobre a platéia. Isso é suaíli! Transformação espiritual flui a partir de comunicação conectada com a platéia.

McQuilkin: Conectando com pós-modernos".

Capítulo 11

PREGANDO A VIDA NA IGREJA

Como Deus usa o ministério da sua Palavra para criar e fortalecer o seu corpo

Jeffrey Arthurs

Entre as inúmeras atividades de um pastor, a preparação de um sermão é classificada como aquela que ocupa mais tempo. Levantamentos indicam uma media de dez a quinze horas por semana, e essa média não inclui as horas de preparaçao informal que ocorrem por meio de leitura auxiliar, da observação da cultura e da interação com membros da congregação. Preparar sermões é uma grande parte de nossa vida. Por que nós fazemos isso? Por que somos pagos para

pregar? Por que nossa congregação espera um bom sermão toda semana? Por que gostamos disso?

Essas razões têm algum mérito — o mérito do dever cumprido, pessoas satisfeitas e o prazer do estudo — mas eles não são bons o suficiente. Uma razão melhor, aquela que eu suspeito que anima a maioria de nós, é a convicção de que a pregação é indispensável à vida da igreja. Por meio da pregação, Deus forma a igreja e a faz crescer.

Antes de explicar essa afirmação, tenho uma advertência: estou usando o termo *pregação* no sentido completo do conceito bíblico. A Bíblia usa trinta e três palavras para descrever as riquezas da pregação — anunciar, espalhar as boas novas, testemunhar, ensinar, debater, exortar e assim por diante. Minha aplicação do termo inclui o sentido estereotipado de "sermão do púlpito no domingo', mas não é limitado ao *discurso* público (a pregação pode ocorrer com uma platéia de uma pessoa), a *forma* de monólogo (a pregação pode ocorrer no diálogo, veja At 17.2,3) ou *lugar ? tempo* (a pregação pode ocorrer em casa, no escritório ou na praça, assim como na igreja). A descrição que a Bíblia dá de pregação é mais bem compreendida como um termo genérico como *comunicação bíblica* ou *falar em nome de Deus.* A expressão de John Stott *entre dois mundos* resume esse ministério.

Por meio da pregação Deus chama a igreja à existência

Renascemos por meio "da palavra de Deus, viva e permanente [...] Essa é a palavra que lhes foi anunciada" (lPe 1.23,25). A fé vem por ouvir a Palavra de Deus, e ouvir requer que alguém pregue (Rm 10.14,15); a pregação é o meio pela qual Deus forma sua igreja. Por meio da pregação, Deus concede fé, arrependimento e nova vida.

A descrição que a Bíblia faz da pregação como um poder imenso nasce de uma teologia forte da Palavra de Deus. Por meio de palavras, Deus criou os céus e a terra. Ele falou, e aconteceu. Por meio de palavras, ele amaldiçoa e abençoa. Ele fala, e acontece. Suas palavras não são meramente vibrações da atmosfera causando vibrações agradáveis em nosso ouvido interno; nem são simplesmente traços e pontos, rabiscos e riscos de tinta em um papel. Antes, elas são forças criativas que encarnam e produzem sua vontade. Suas palavras quebram corações de pedra (Jr 23.29), purificam do pecado (Ef 5.26), atravessam a consciência (Hb 4.12), nutrem bebês (lPe 2.2), produzem frutos (Mc 4.20), iluminam nosso caminho (SI 119.105) e nos mostram quem verdadeiramente somos (Tg 1.22-25). A pregação bíblica libera o poder espiritual dinâmico da Palavra para nos iluminar e persuadir a ficarmos longe dos prazeres do mundo. Por meio da pregação, ele nos torna seu corpo, sua igreja.

O livro de Atos demonstra como Deus forma a igreja por meio da pregação. No dia do Pentecostes, "Pedro levantou-se com os Onze e, em alta voz, dirigiu-se à multidão" e cerca de três mil foram acrescentados à recém-formada igreja em

Jerusalém (2.l4ss.). "Os que haviam sido dispersos pregavam a palavra por onde quer que fossem", e a igreja na Samaria foi formada (8.4ss.). "Os que tinham sido dispersos por causa da perseguição [...] chegaram até a Fenicia, Chipre e Antioquia, anunciando a mensagem", e a igreja na Síria foi formada (11.19ss.). "Quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor [...] e creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna" (13.44,48). "Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiu com eles com base nas Escrituras, explicando e provando que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos", e a igreja na Macedônia foi formada (17.2ss.). "Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago" para proclamar o Deus desconhecido, e a igreja na Grécia foi formada (17.22ss.).

Tenho um amigo que está vendo a igreja se formar no Camboja entre o povo *tampuan.* Ele está vendo isso acontecer enquanto a história de Deus é ensinada sistematicamente com um estudo chamado "Da Criação à Cruz". Meu amigo é um incansável supervisor, administrador, tradutor, professor e conselheiro nessa igreja, de modo que ele está bem consciente de que Deus age por meio da atividade humana, mas ele também diz que tem a extraordinária experiência de simplesmente ver a igreja "acontecer" ao redor dele com vida própria. A semente cai em vários solos e brota e, em alguns casos, dá frutos. Para usar uma imagem diferente, por meio da pregação, Deus forma sua noiva, a igreja. Ele também usa a pregação para tornar a noiva bela.

Por meio da pregação Deus faz a igreja crescer

A obra da salvação *começa* quando a Palavra é pregada, e a obra da salvação *continua* à medida que a Palavra é pregada. "Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Para isso eu me esforço, lutando conforme a sua força" (Cl 1.28,29). O autor dessa declaração, Paulo, aconselhou seu filho na fé, Timóteo, a adotar uma "estratégia de crescimento" similar: "Dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino" (lTm 4.13).

Porque Deus santifica por meio de sua Palavra (Jo 17.17), a pregação que explica e aplica essa Palavra santifica os ouvintes. E por isso que os pastores precisam ser mestres (Ef 4.11,12; lTm 3.2; Tt 1.9). Eles precisam repreender, corrigir e exortar — com toda a paciência e doutrina (2Tm 4.2) enquanto refutam falsas doutrinas, explicam a doutrina correta e exortam o rebanho a seguir a voz do Pastor.

A igreja primitiva nem sempre agia corretamente, mas eles acertaram esse aspecto. Por exemplo, a *Didaquê,* um manual da ética da igreja que data do começo do século II, refere-se a um conjunto de ministérios de ensino: bispos, diáconos, mestres itinerantes, apóstolos e profetas. A igreja primitiva entendeu a convicção dos apóstolos de que, por meio da pregação, Deus santifica sua igreja.

A ênfase na pregação continuou no século II, da maneira como é descrita na *Primeira Apologia* de Justino Mártir, que descreve o "louvor semanal dos cristãos":

> No dia chamado domingo, todos que vivem em cidades ou no interior se reúnem em um lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, tanto quanto o tempo permitir; depois, quando o leitor termina, o presidente verbalmente instrui e exorta à imitação dessas coisas boas.

No final do século II, Tertuliano escreveu na sua *Apologia*-.

> Nós nos reunimos para a leitura dos escritos sagrados. [...] Com as sagradas palavras, nutrimos a nossa fé, animamos a nossa esperança e fortalecemos a nossa confiança [...] e confirmamos os bons hábitos. No mesmo lugar, são feitas também exortações, e são ministradas repreensões e sagradas censuras.

No século IV, Crisóstomo expressou suas convicções sobre a pregação em um sermão a respeito de Efésios 6.13. Ele disse que o corpo de Cristo, assim como o corpo humano, é suscetível à doença. Medicina, dieta, mudança de clima e sono ajudam a restaurar o corpo físico, mas elas podem curar o corpo de Cristo?

> Um único meio e uma forma de cura nos foi dada [...] e esse meio é ensinar a Palavra. Esse é o melhor instrumento, essa é a melhor dieta e é o melhor clima; isso serve no lugar da medicina, isso serve no lugar da cauterização e incisão; onde quer que seja necessário cauterizar e amputar, esse método precisa ser usado; e, sem ele, nada servirá.

Pela Palavra de Deus, nascemos de novo, e a igreja é formada. Pela Palavra de Deus, essa igreja cresce para ser como a Cabeça. Por meio da pregação, Deus solta o furacão de sua Palavra.

Implicações

Quatro implicações surgem dessa teologia bíblica da pregação.

Primeiro, a "análise da platéia" é crucial (Que termo frio! Ele pertence à Madison Avenue, não à igreja, mas você sabe o que quero dizer — precisamos pensar na nossa platéia e chegar a conhecê-la). Se os pregadores devem explicar e aplicar a Palavra, eles precisam saber o quanto os ouvintes entendem a Palavra, concordam com ela e a praticam. Os ouvintes são ímpios endurecidos, céticos sinceros, cristãos nominais, pecadores despertos, apóstatas escarnecedores, novos convertidos extremamente zelosos, discípulos maduros ou uns sabe-tudo indisciplinados? Eles estão progredindo na fé, duvidando da realidade do mundo sobrenatural ou procurando respostas? Quer por meios formais, quer informais, os pregadores precisam entrar na mente e no coração dos ouvintes. Quando fazemos isso, descobrimos que expressamos tantas idéias com tão pouca aplicação prática. Acredito que foi Spurgeon quem disse: "Jesus nos disse para pastorearmos as suas ovelhas, não suas girafas".

Quando era pastor há alguns anos, eu analisei a minha congregação com um questionário escrito. Eu perguntei a eles que instruções precisavam pessoalmente Eu esperava algumas das respostas, mas algumas me surpreenderam: como discernir a direção do Espírito Santo, como ser um discípulo completamente devoto como perseverar na fé nas provações e uma fome por entendimento básico do Antigo Testamento. Essas respostas me ajudaram a entender que pastagens abrir.

Mesmo que você não faça análise formal, "a compreensão pela empatia" (a expressão de Fred Craddock em *Preaching [Pregando],* p. 97) ajudará você a alimentar as ovelhas. Pegue uma folha de papel em branco e escreva no topo: "Como e ser...". Embaixo, escreva uma faceta da experiência humana: como é encarar uma cirurgia, morar sozinho, ficar rico de repente, ser rejeitado por um grêmio estudantil, ir para o exército, ficar incapacitado a ler ou estar com quarenta anos de idade? A partir desse exercício, você verá formas para aplicar e ilustrar a Palavra.

Uma segunda implicação nasce da primeira: a melhor pregação éfeita por pastores. Essas pessoas são as mais bem equipadas para fazer "análise de platéia". Pregadores itinerantes — acho que sou um deles, já que meu ministério primário é ensinar em um seminário — podem e precisam fazer análise de platéia, mas nada pode substituir viver, trabalhar, brincar, sofrer com a "platéia". Como Ian Pitt-Watson diz: "A pregação divorciada do interesse pastoral é cega. Ela não sabe nem a respeito do que está falando e nem para quem está falando". *{Preaching. A Kind ofFolly [Pregação: um tipo de loucura],* p. 58). Presbíteros são guardiões das almas, significando que eles "observam" as almas (como quando assistimos TV), "cuidam" das almas (como quando observamos o fogo) e "guardam" as almas (como quando vigiamos a noite toda). Ao observar o rebanho, pastores sabem quando afligir os que estão confortáveis e confortar os aflitos.

Uma terceira implicação é corolário das duas primeiras: há intersecção entre a pregação e o aconselhamento. Os pregadores precisam ouvir antes de falar. Ouvir dúvidas, dores e enigmas é indispensável à análise e pastoreio da platéia. Ao ouvir, nos entramos em contato com as experiências, valores e profundidade do conhecimento e caráter moral do nosso povo. Isso vai mostrar sua condição espiritual e, como Richard Baxter explicou em *O pastor aprovado,* [PES], podemos ter uma surpresa: alguns membros de nossas igrejas não são convertidos. O ministério pessoal nos mostra coisas assim. Assim, o aconselhamento nos ajuda a nos associar com Deus na formação e crescimento da igreja.

Em minha igreja anterior, os presbíteros começaram a comparar anotações de nossas várias reuniões de aconselhamento e descobriram que estávamos nos defrontando com uma epidemia de problemas matrimoniais. Cerca de 25% dos membros da igreja estavam em algum estágio de separação ou divórcio! Começamos imediatamente a chamar a atenção para essas questões publicamente, assim como em particular. E claro que o pregador nunca deve revelar informações particulares no púlpito, mas a sala do conselheiro deve ajudar na escolha dos textos e

temas do pulpito. Idealmente, o pregador/conselheiro prega publicamente como uma medicina preventiva — quando a igreja não está no meio de uma crise.

Uma quarta implicação é que há uma intersecção entre pregação e liderança. A imagem da edificação sugere como o conselheiro/guardião das almas/pregador pode liderar: A construção está apoiada sobre uma fundação fraca? Talvez o ensino doutrinário essencial seja necessário. Vândalos arrombaram a construção? Então, as crenças roubadas precisam ser repostas e o sistema de segurança ativado. A construção está inacabada? Talvez precisemos chamar empreiteiros, como evangelistas. Há previsão de tempestades? Certifique-se de que as venezianas estão fechadas contra as maquinações do diabo e que há luz e água em estoque para enfrentar provações.

Os pregadores olham para o todo e usam o ministério de ensino para liderar. Um componente importante dessa liderança é preparar outros para realizar a obra do ministério (Ef 4.11,12). Pregadores ensinam, facilitam, equipam e modelam. Dessa forma, a pregação é uma forma de mentoreamento. Deus criou a igreja de forma que as ovelhas naturalmente sigam os pastores. Sim, eu sei, algumas ovelhas mordem os pastores, mas a maioria das ovelhas, intuitivamente, sente sua necessidade de condução e proteção. Elas, de forma instintiva, levantam, procuram e seguem os líderes. O resultado é que aquela igreja, aos poucos, adota os valores, a visão e até mesmo a personalidade do pastor.

O pregador é um pastor, conselheiro, líder e mentor, não "alguém sem autoridade". A Bíblia descreve o pregador como uma *testemunha* (At 2.20.24) — alguém que tanto declara o testemunho apostólico como revela sua experiência com Deus; um *pai* (ICo 4.13-16) — alguém que disciplina de forma amável, que é digno de ser imitado e que é usado por Deus para gerar vida; uma *mãe* (Cl 4.19) — alguém que passa por dores para ver seus filhos nascidos e criados; e um *despenseiro* (ICo 4.1,2) — alguém que distribui comida e bens materiais para a família em nome do Mestre.

Por meio da loucura da pregação, Deus libera o poder de sua Palavra para formar e fazer crescer a sua amada igreja. Assim, a pregação é indispensável à obra de Deus.

Capítulo 12

MINHA TEORIA DA PREGAÇÃO

Três idéias formam, a minha abordagem à pregação

Haddon Robinson

A pregação expositiva é a transmissão de um conceito bíblico, derivado e transmitido por meio do estudo histórico, gramático e literário de uma passagem no seu contexto, que o Espírito Santo primeiro aplica à personalidade e à experiência do pregador, e depois, por meio do pregador, aplica ao ouvinte. Minha abordagem à homilética reflete as pressuposições dessa definição.

1. Pregadores transmitem idéias

Embora pregadores possam estudar as palavras e a gramática de um texto e até mesmo possam apresentar um pouco do estudo no sermão, palavras e frases não podem ser fins em si mesmas. Se o pregador leva a sério a sua tarefa de desenvolver um sermão, precisa desenvolvê-lo como uma idéia. Os que têm estudado e praticado a oratória por dois mil e quinhentos anos concordam que a maneira mais eficiente de estruturar uma fala é construí-la em torno de um único conceito. Eu me fundamento nesse conceito e o aplico tanto ao estudo da Bíblia como à transmissão de sua verdade. Tanto a Bíblia como o sermão são formas de literatura e ambos transmitem idéias.

Portanto, eu dedico um capítulo do meu livro-texto, *Pregação bíblica,* [Shedd Publicações], à determinação da anatomia de uma idéia. Isso resulta de duas perguntas essenciais: "Do que exatamente essa pessoa está falando?". A resposta inteira e completa dessa pergunta é o "assunto" de um trecho bíblico ou de um sermão. A resposta a uma segunda pergunta: "O que essa pessoa está dizendo a respeito daquilo sobre o qual está sendo falado?" leva ao "complemento" da idéia porque completa o assunto. Juntos, o assunto e o complemento levam à idéia do texto e do sermão.

2. A idéia do trecho bíblico deve governar a idéia do sermão

Idealmente, a autoridade do sermão não se encontra no pregador, mas no texto. A pregação bíblica, em sua essência, é mais uma filosofia do que um método. Quer seja realizada por um ministro quer não, a pregação bíblica começa com uma resposta honesta à questão: "Eu, como pregador, tento me submeter às Escrituras ou uso as Escrituras para apoiar o meu pensamento?". Levando-se em consideração as formas históricas, gramáticas, literárias e o contexto da passagem, o expositor considera o que o escritor bíblico queria que seus primeiros leitores compreendessem.

3. A pregação bíblica precisa ser aplicada

Depois de descobrir o pensamento do autor em seu contexto, os pregadores precisam discernir o que o Espírito Santo quer que eles digam a homens e mulheres na presente geração a que eles pertencem. A postura dos pregadores efetivos é que eles não estão fazendo preleções sobre a Bíblia aos seus ouvintes. Em vez disso, estão falando aos seus ouvintes sobre os ouvintes da Bíblia. A aplicação, portanto, não é incidental na pregação expositiva. Ela é essencial.

Um sermão bíblico pode assumir muitas formas. Assim como os autores bíblicos usaram muitos gêneros diferentes da literatura para transmitir suas idéias, também pregadores estão livres para usar qualquer forma que represente adequadamente o que as Escrituras ensinam. Ao construir o sermão, as mesmas duas perguntas podem ser usadas para expor a idéia do sermão. Os pregadores também precisam saber o assunto de seu sermão e o que precisamente estão dizendo a respeito do seu assunto.

Sermões bíblicos fortes precisam ser "bifocais". Eles refletem tanto a idéia e o desenvolvimento do texto como também refletem as preocupações e questões do ouvinte. É apenas por meio de pregação relevante e bíblica que homens e mulheres podem vir a entender e experimentar o que o Deus Eterno tem a dizer para eles hoje.

A abordagem de Haddon Robinson à pregação está explicada detalhadamente em seu livro-texto, *Pregação bíblica* (Shedd Publicações), que é usado em seminários e faculdades teológicas em todo o mundo.

Capítulo 13

PERMANECENDO NA LINHA

O que significa ir além ou ficar aquém da precisa linha da verdade

David Helm

Há alguns anos, fui intimado a testemunhar em um inquérito de assassinato. O oficial de justiça me fez levantar a mão direita e disse — e você conhece estas palavras: "Você jura solenemente dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, com a ajuda de Deus?". Eu fiz isso. Sentei e falei.

Houve um dia em que você fez o seu juramento para dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, com a ajuda de Deus. Esse é o juramento que precisamos manter — a linha das Escrituras. É difícil, não é mesmo? E fácil ir além da linha ao adicionar nossas palavras às Palavras de Deus. Também estamos suscetíveis a ficar aquém da linha. Estamos suscetíveis a acrescentar à sua Palavra ou a tirar da sua Palavra e, ainda assim, nós juramos defendê-la.

Deuteronômio 4 começa assim:

> E agora, ó Israel, ouça os decretos e as leis que lhes estou ensinando a cumprir, para que vivam e tomem posse da terra, que o SENHOR, o Deus dos seus antepassados, dá a vocês. Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas nada retirem, mas obedeçam aos mandamentos do SENHOR, o seu Deus, que eu lhes ordeno (Dt 4.1,2).

Você não acrescenta e também não retira, para que possa manter a linha, a Palavra. A Palavra é a mediadora. Quando você acrescenta à Palavra, esta não está mais mediando. Portanto, você não está mais guardando-a. Não acrescente, não retire, para que possa manter a linha, os mandamentos.

O pregador de Deus no jardim do Éden não manteve a linha

> Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o SENHOR Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: "Foi isto mesmo que Deus

> disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'?". Respondeu a mulher à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: 'Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão' " (Gn 3.1-3).

Antes de continuar, quero fazer duas observações a respeito de Satanás e Eva. Há uma distinção decisiva. O uso errado que Satanás faz das palavras de Deus é perverso e mau, mas o de Eva não. O uso errado que Satanás faz das palavras de Deus é intencional. É calculado. É uma distorção que tem a intenção de ridicularizar o caráter de Deus. Martinho Lutero disse algo no sentido de que essa não é uma pergunta sendo feita; é uma acusação sendo anunciada.

Pense nisso deste modo. Eu tenho um filho de quatorze anos. Digamos que eu diga para ele chegar em casa até as onze horas da noite. O seu amigo diz: "A que horas você precisa chegar?". Ele diz: "Eu tenho que chegar até as onze". "O seu pai realmente disse que você precisa chegar às onze?". Ele está fazendo uma pergunta? Não, ele está, na verdade, contestando meu caráter. Ele está dizendo ao meu filho: "O seu pai não é bom" — e isso é mau!

O desejo de Satanás, então, é fazer com que Eva questione a bondade do caráter de Deus. E ao duvidar do caráter de Deus, ela desobedeceria à voz de Deus. Isso é assim em toda a Bíblia e é assim também na sua vida. As táticas de Satanás são previsíveis. Ele subitamente acusará o caráter da bondade de Deus para que você possa abandonar a Palavra. E isso é perverso.

A incapacidade de Eva de permanecer na linha, entretanto, é mais compreensível. Encaremos os fatos: Eva não era como Satanás. O acréscimo de Eva é similar ao que os pais dizem aos seus filhos: "Se nunca chegar perto da beira do despenhadeiro, você nunca precisará se preocupar com cair lá de cima". Se nunca puser sua mão no fogão, nunca precisará se preocupar com ser queimado". Eva pensou: *Eu sei que não devo comê-lo, assim vou dizer a mim mesma que não posso tocá-lo.* Isso é compreensível. Ela está construindo salvaguardas. Mas isso tem um fim pernicioso.

Eva precisa de um pregador — não necessariamente um que julgará sua rebelião, mas que protegerá seu relacionamento com Deus. O perigo de Eva, nesse ponto, é que seu relacionamento com Deus será transformado em uma religião em que ela cumpre regras para satisfazer a Deus. Assim, Satanás está em rebelião, mas Eva está à beira de introduzir a religião.

Não seria excelente se um pregador tivesse estado lá naquele dia? Ah, mas havia. Veja Gêneses 3.6: "seu marido". Deus, em sua providência, sabe que o mundo precisaria de um pregador antes da Queda e ele providencia um. Assim, quando a questão é levantada, ele tem um homem sob juramento que julgará o Maligno de uma vez por todas e que protegerá o relacionamento de sua família — a igreja, naquele ponto da história — e impedir a religião de entrar no mundo.

Perceba, a Palavra dada a Adão em Gênesis 2.16 é anterior à criação da mulher em 2.18. Assim, Deus havia visto a necessidade de um pregador e supriu o mun-

do com seu pregador. Tudo que Adão precisa saber é entrar no tribunal. Ele precisa levantar sua mão direita e precisa dizer: "Eu juro dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, com a ajuda de Deus. E a verdade é esta: Satanás, sua palavra é perversa e má. Eu a condeno e a julgo. Você agora aguarda o julgamento de Deus sobre você. Eva, sua palavra é enganosa e ela introduzirá a religião no mundo. E para proteger você, não permitirei que isso aconteça. Deus não disse: 'Não toque'".

Adão precisa se levantar e pregar. Ele abre um caminho estreito aqui? Ele permanece na linha? Gênesis 3.6 é um dos versículos mais tristes na Bíblia: "Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que" — pregou? Não — ele "comeu também".

Esse é o homem de Deus, que foi criado e chamado para pregar. E é o homem de Deus que, a partir desse jardim, deveria implantar o reino de Deus até os confins da terra. Esse é o homem de Deus que deveria preservar a Palavra de Deus e mediar a vida pela Palavra. Esse é o homem de Deus que deveria ascender ao púlpito, fechar a porta atrás de si, trancar-se ali e dizer a verdade.

Em vez de subir os degraus e falar a respeito de Deus, ele desce até o pecado. Ele sucumbe ao poder de Satanás. Ele participa da enganação de Eva. Ele concede a Satanás a sua vitória. Ele concede à religião um ponto de apoio. E a humanidade foi amaldiçoada desse momento em diante. Há pessoas em nossos dias que cumprem as ordens de Satanás. Elas estão inclinadas à rebelião abjeta contra Deus, elas odeiam seu caráter e o assaltarão diante de todos. E há pessoas ludibriadas pelo engano de Eva; elas estão inclinadas a satisfazer a Deus pela sua prática religiosa.

Naquele dia a linha da Escritura é anulada. A linha é quebrada. Deus não tem um pregador no mundo. Assim, Deus se torna seu próprio pregador e defende sua própria Palavra. Isso é o que acontece em Gênesis 3.14,15. Deus fala e julga a serpente. Ele fala no versículo 16 e julga a mulher. E nos versículos 17-19 ele fala com Adão e o considera responsável por tudo. A terra agora está sujeita à maldição, e o pregador agora está sujeito à terra. E a terra do jardim a partir do qual Adão deveria cultivar o reino de Deus até os confins da terra é um pedaço de cemitério, que o homem precisa deixar até que desça novamente àquela terra no dia de sua morte.

Os pregadores de Deus no Antigo Testamento não mantiveram a linha

Deus não tinha pregador nos capítulos iniciais da Bíblia, fora umas poucas exceções. Você pode citar Enoque. Você pode citar Noé. Mas em grande parte, Deus é sua própria voz. Não há pregador. De fato, ele ainda está falando por ele mesmo quando chama seu povo no monte Sinai. É a sua voz: "Disse Deus...".

Naquele dia, as pessoas ficaram apavoradas quando ouviram Deus pregar. Eles disseram em Deuteronômio 18: Nós vamos morrer se ouvirmos você pregar. Deus diz: Então darei um pregador a vocês, e ele será uma pessoa do seu próprio povo, um profeta. E eu colocarei minhas palavras em sua boca e — o quê? — ele dirá o que eu mandar.

Moisés é esse grande profeta, mas mesmo ele, o grande profeta, tropeça na linha das Escrituras. Em Números 20.8, Deus disse a Moisés: "Pegue a vara [....] e fale àquela rocha...". Esse é um esboço de sermão muito simples. Mas, no versículo 11, Moisés levantou sua mão e bateu na rocha duas vezes. Ele hesitou em relação às linhas das Escrituras. Qual era o dilema? Versículo 12: "Como vocês não confiaram em mim para honrar minha santidade à vista dos israelitas, vocês não conduzirão esta comunidade para a terra que lhes dou". A falha de Moisés foi que ele não considerou a palavra e a santidade de Deus para manter o controle sobre o povo. Ele depreciou Deus perante os olhos do povo.

Assim, o grande profeta vacilou. Os grandes sacerdotes do Antigo Testamento vacilaram. Os sacerdotes nem mesmo podiam falar. Eles apenas usavam linguagem de sinais. Os filhos de Arão tinham a posição privilegiada da linguagem de sinais perante a congregação, mas eles entraram nisso com um fervor estranho, como está em Levítico 10. *Eu estou em uma posição privilegiada. Eu vou assinar desse jeito hoje.* Eles abusaram de sua posição.

Os grandes profetas fracassaram e os grandes reis também. O capítulo 15 de 1 Samuel é um dos mais tristes das Escrituras: "Agora vão, ataquem os amalequitas e consagrem ao SENHOR para destruição tudo o que lhes pertence. Não os poupem; matem homens, mulheres, crianças, recém-nascidos, bois, ovelhas, camelos e jumentos" (ISm 15.3). Isso estava de acordo com as palavras do Senhor. Mas nos versículos 9,13, lemos:

> Mas Saúl e o exército pouparam Agague e o melhor das ovelhas e dos bois [...]. Pouparam tudo o que era bom, mas tudo o que era desprezível e inútil destruíram por completo. Quando Samuel o encontrou, Saul disse: "O SENHOR te abençoe! Eu segui as instruções do SENHOR".

"Estou mantendo a linha das Escrituras", diz Saul. Esse dia era ou não era um bom dia para o povo de Deus? Eles estavam felizes quando saíram do culto.

Samuel, entretanto, perguntou:

> Então que balido de ovelhas é esse que ouço com meus próprios ouvidos? [...] Acaso tem o SENHOR tanto prazer em holocaustos e em sacrifício quanto em que se obedeça à sua palavra? A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros. Pois a rebeldia é como o pecado da feitiçaria e a arrogância como o mal da idolatria. Assim como você rejeitou a palavra do SENHOR, ele o rejeitou como rei (15.14, 22,23).

Só mesmo Cristo manteve a linha das Escrituras

Os grandes profetas, os grandes sacerdotes, os grandes reis — eles falharam em manter a linha. Somente quando a eterna Palavra de Deus, presente com Deus desde o início, adotou a carne humana foi que a linha foi mantida. Por meio de Mateus 4, você sabe que esse é o Homem, quando ele vai ao deserto por aqueles 40 dias. Ao passo que Moisés pecou ao manipular a Palavra, extraindo água da rocha de acordo com seus próprios desejos, Jesus não sucumbe à tentação de transformar as pedras em pães. Ao passo que os grandes sacerdotes falharam porque tinham presunção no lugar de sacrifício, pensando que Deus não os mataria, Jesus não sucumbe a isso, e se recusa a se jogar de um lugar alto como se Deus fosse ofuscar sua Palavra e salvá-lo de qualquer forma. Jesus não sucumbiu à tentação de Saúl e Davi nem à de todos os outros reis. Ele não se apropria de um reino humano pela sua própria palavra. Ele não sucumbe à tentação de se submeter às palavras de Satanás para receber o reino. Ele mantém a linha. Ele sozinho realiza o trabalho difícil e oneroso de ser um pregador bíblico.

Veja o quanto isso foi difícil para ele. Não foi um trabalho fácil. Em Mateus 19.3, os fariseus estão se afastando da linha: "É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?". Lá está aquela insinuação de novo: *qualquer*.

Veja o que Jesus faz no versículo 4. Em primeiro lugar, ele responde: "Vocês não leram que, no princípio, o Criador 'os fez homem e mulher'?". Ele diz: Eu juro dizer a verdade, a verdade de Gênesis 1. Então ele diz: Eu direi toda a verdade, a verdade de Gênesis 2: "'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne". Ele diz a verdade da Palavra de Deus, ele diz toda a verdade e não diz nada além da verdade em Mateus 19.6b: "Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe".

Você pensaria que eles ficariam agradecidos por causa de um homem que conseguia manter a linha das Escrituras. Mas eles não estavam. Observe as palavras dos fariseus no versículo 7: "Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora?". Eles estão tentando colocar a declaração verdadeira de Jesus, fundamentada em Gêneses 1 e 2, em oposição com a declaração verdadeira de Moisés, fundamentada em Deuteronômio 24. A coisa é sofisticada. A mesma coisa está acontecendo hoje em dia. Esse é um trabalho sofisticado. As pessoas opõem uma passagem na Palavra de Deus a outra passagem na Palavra de Deus.

Jesus diz: "Eu não estou jogando esse jogo". Nós temos muito o que aprender com isso em relação a como lidar com dilemas como união sexual entre pessoas do mesmo sexo. Sua apologética está aqui em Mateus 19.8: "Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio". Ele diz: Manterei Moisés e a intenção criada por Deus e não permitirei que guerreiem entre si.

De fato, Jesus continua em Mateus 19.9: "Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher,

estará cometendo adultério". O que ele está fazendo aqui? Ele está dizendo: Vocês não me colocarão em guerra com a intenção criada por Deus e a exceção de Moisés. Eu os colocarei em guerra com as duas coisas, porque o seu princípio é um divórcio fácil e sem culpa e isso é contra Gênesis 1 e 2 e isso é contra Deuteronômio 24.

É isso que Jesus faz. Você é chamado a fazer a mesma coisa e é assim que você mantém a linha. E por isso que Jesus pode dizer perante Pilatos: Eu vim testemunhar a verdade. É por isso que na cruz ele é o grande profeta falando e sua ressurreição atesta que ele é o rei de Deus.

Deus chama seus pregadores hoje para manterem a linha

O que *é* maravilhoso é que Deus concede seu ministério a você e a mim. Nós somos pessoas decaídas. Somos filhos de Adão. Mas ele nos pede para pregar. Observe o que 2Coríntios 4.1,2 diz:

> Portanto, visto que temos este ministério pela misericórdia que nos foi dada, não desanimamos. Antes, renunciamos aos procedimentos secretos e vergonhosos; não usamos de engano, nem torcemos a palavra de Deus. Ao contrário, mediante a clara exposição da verdade, recomendamo-nos à consciência de todos, diante de Deus.

E então 2Timóteo 2.15:

> Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade

Diga a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, com a ajuda de Deus. Deus ainda precisa de um pregador no mundo.

Capítulo 14

A HISTÓRIA DA PREGAÇÃO

Uma avaliação da pregação atual à luz da história

Michael Quicke

A história da pregação, com sua procissão de personalidades e escolas de pregação, é tão rica e complexa quanto a própria história do cristianismo. Essa breve visão pretende identificar quatro tipos de pregação que dominaram a história. Em conclusão, algumas questões práticas serão levantadas para pregadores do século XXI.

Tipos principais de pregação

Enquanto é notoriamente difícil classificar os estilos de pregação, é possível contrastar as convicções e práticas distintivas de quatro tipos principais de pregação bíblica (embora muitos pregadores sejam complexos na prática).

Pregadores mestres têm uma convicção distintiva de que os ouvintes devem compreender as Escrituras. Tais pregadores permanecem próximos do texto e explicam o seu significado de forma dedutiva. Tipicamente instrucional e doutrinai, essa pregação examina os versículos em ordem lógica. Alguns exemplos de pregadores mestres são John Stott, John Ortberg, Timothy Keller, Jack Hayford e John MacArthur. Freqüentemente racionais no estilo, pregadores mestres querem tornar as informações compreensíveis. Uma forma de sermão freqüentemente usada por pregadores mestres é a exposição versículo por versículo.

Pregadores mensageiros têm uma ênfase distintiva na capacitação de Deus tanto das Escrituras como do próprio evento da pregação. Embora tal pregação compartilhe características dedutivas e proposicionais em comum com o ensino, ela soa bem diferente. Pregadores mensageiros freqüentemente são dramáticos no estilo. Enquanto pregadores mestres usam a parte esquerda do cérebro, referindo-se a pequenos detalhes e construindo seus sermões com muitos tijolos, pregadores mensageiros usam o cérebro direito, usando alguns blocos de construção grandes. Freqüentemente, pregadores mensageiros apresentam algumas questões audaciosas e chamam para uma reação holística. Exemplos de pregadores mensageiros incluem Billy Graham, Gardner Taylor, Jeremiah Wright, Robert Smith Jr., o reformador Martinho Lutero e Karl Barth.

Pregadores indutivos têm uma convicção distintiva de que as necessidades dos ouvintes são mais importantes e que a pregação precisa ser relevante para eles. Em contraste marcante com a pregação dedutiva dos mestres e mensageiros, esse estilo tem uma dinâmica indutiva que parte de onde as pessoas estão e volta às Escrituras para achar o texto apropriado. Tal pregação indutiva pode ser evangelística (como acontece com a orientação de "necessidades sentidas" ou com a pregação sensível aos que buscam), apologética (defendendo o cristianismo contra doutrinas falsas), pastoral (suprindo as necessidades da congregação ou sociedade), ou política (chamando a atenção para temas atuais). Exemplos de pregadores indutivos incluem Bob Russell, John Maxwell, Brian MacLaren, Rick Warren e Bill Hybels.

Pregadores narrativos têm uma convicção distintiva de que os sermões devem ter um formato de história que cativa os leitores em uma experiência da verdade de Deus. Embora a maioria dos pregadores use histórias, esse tipo de pregação presta atenção particular no padrão em que ouvintes ouvem e planeja sermões apropriados. Com suas raízes na narrativa das Escrituras e, especialmente, nas parábolas de Jesus, ela recentemente ganhou popularidade. Exemplos notáveis de pregadores narrativos são Calvin Miller, Max Lucado, Lee Strobel, Barbara Brown Taylor e Eugene Lowry.

Esses diferentes tipos são expressos ao longo da história da pregação por pregadores e escolas de pregação.

Período 1: Os primordios do Novo Testamento

No tempo de Cristo, a adoração da sinagoga judaica incluía leituras da Lei, seguidas pelos profetas por meio de comentario na forma de uma pregação de ensino. Entretanto, no primeiro sermão de Jesus no contexto de ensino da sinagoga (Le 4.14-21), ele, dramaticamente, apareceu como um pregador mensageiro, anunciando boas novas em si mesmo — "Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir" (Lc 4.21). Tal pregação mensageira forte e preposicional encontra-se no coração do ministério de Jesus, proclamando o reino de Deus (Mc 1.14; Lc 4.43) e incumbindo discípulos (Mt 28.20; Lc 9.2; 10.9). Nós também vemos Jesus como um pregador narrativo. Suas parábolas continuam sendo exemplos clássicos desse ensino (Mt 18.23) e revelam o poder da comunicação por meio da narração de histórias.

Quando a igreja nasceu por meio do Espírito Santo e por meio de um sermão (At 2.14-41), a pregação mensageira causou rupturas de barreiras missionárias em todos os momentos, à medida que a igreja avançava para o mundo gentio, proclamando a graça inclusiva de Deus (como acontece em At 10.34-40; 13.16-49; 17.22-34). Apóstolos definiam a fé por meio da proclamação do *querigma* — fatos essenciais a respeito de Jesus Cristo (ICo 15.3,4) — e a pregação assumiu muitas formas: em ambientes formais, ao ar livre e em viagens. A pregação de ensino tem um papel-chave em edificar a igreja (e as cartas de Paulo exibem muitos dos traços orais da pregação). Formas de pregação indutiva também surgiram nesse período. Paulo, no Areópago (At 17.16-31), proporciona-nos um modelo antigo de pregação sensível aos que buscam. Observe a sua motivação transcultural (ICo 9.19.23). No período após o ano 150 d.C., os bispos também parecem ter tido um papel-chave na pregação apologética contra heresias antigas como o gnosticismo (similar ao fenômeno mais recente da Nova Era).

Período 2: Pregação clássica

Com o estabelecimento e aceitabilidade crescente da igreja (particularmente com a conversão do imperador Constantino em 312), a pregação enfrentou uma de suas maiores crises. Como ela corresponderia à elevada arte clássica da retórica — a arte de influenciar uma platéia pela persuasão? Anteriormente, o apóstolo Paulo havia advertido de que a eloqüência engenhosa poderia comprometer a "loucura" da pregação (ICo 1.20-25), embora ele mesmo obviamente fosse persuasivo em sua cultura grega (como acontece com seu uso habilidoso da técnica de diatribe em Romanos).

Durante os séculos III e IV, por meio da influência dos pais fundadores da igreja, tanto os pregadores mestres como os mensageiros haviam adotado princípios retóricos, especialmente do discurso retórico com sua introdução, séries de pontos e conclusões sumárias. Isso teve efeitos duradouros. A igreja oriental desenvolveu o sermão grego por meio de Orígenes (185-254) em Cesaréia, e Crisóstomo

(337-407) em Constantinopla (a atual Istambul). Ambos combinaram exegese cuidadosa do texto com sermões cuidadosamente estruturados. Similarmente, a igreja ocidental desenvolveu o sermão latino, alcançando seu auge com Agostinho (354-430) de Hipona, Norte da África, que escreveu o primeiro livro-texto de pregação, *Acerca da doutrina cristã — Livro 4.* A pregação indutiva também confrontou muitas heresias em voga. Porém, com o declínio da civilização Romana na Idade das Trevas, a pregação também decaiu, freqüentemente assumindo a forma de repetições mecânicas de sermões antigos.

Na Idade Média (1100-1500), a pregação clássica reviveu por meio de uma série de influências. As universidades redescobriram o papel educacional dos sermões e criaram muitos auxílios para o ensino. Ordens de frades pregadores, como os dominicanos e os franciscanos, também tiveram grande impacto desenvolvendo sermões com um único versículo da Bíblia, com três pontos e subpontos, freqüentemente chamado de o método escolástico. Pregadores discordantes como John Wyclif (1330-1384) reagiram a esse método e pregaram de improviso versículo por versículo. A pregação também foi impactada pela necessidade de motivar voluntários para as cruzadas contra o Islã. Tal pregação era uma forma incomum e controversa de pregação indutiva e seu mais famoso exemplo é Bernardo de Claraval (1090-1153).

Período 3: Reformas e a impressão

A grande figura da Renascença, Desidério Erasmo (1466-1536), editou o primeiro Novo Testamento grego a ser impresso em 1516 e o traduziu para o latim. Isso ajudou o tumultuoso redescobrimento da Bíblia por meio de Martinho Lutero (1483-1546), que, instruído em um mosteiro agostiniano, desenvolveu um estilo de pregação mensageira que priorizava o conteúdo, a simplicidade e a aplicação diária da Bíblia. Sua teologia da pregação descrevia a Palavra de Deus em três formas: a Palavra encarnada (Jesus), a Palavra escrita (a Bíblia) e a palavra proclamada (a pregação).

Posteriormente, os protestantes foram uma nova força contribuindo com muitos outros pregadores significativos, como João Calvino (1509-1564) na Suíça, um entusiasmado pregador mensageiro. Em um tempo rico de pregação, católicos romanos começaram sua Contra-Reforma, e novos grupos radicais surgiram, como os anabatistas. Vários novos movimentos surgiram em diferentes contextos, como os puritanos na Grã-Bretanha, que eram pregadores mestres com sermões que continham duas partes: uma exposição dos pontos doutrinais e sua aplicação aos ouvintes. Esse estilo simples e direto continua sendo um modelo significativo de ensino hoje.

A pregação da Reforma se beneficiou muito com a invenção do tipo de impressão móvel de João Gutenberg (por volta de 1456). A impressão em massa permitiu que os sermões fossem lidos e seu ensino favoreceu o catecismo uniforme às massas. A impressão encorajou os sermões dedutivos com formas lineares de

pontos e subpontos. A tecnologia sempre impactou a pregação, como acontece hoje com a revolução eletrônica.

Período 4: Pregação evangélica e diversidade crescente

Entre os protestantes, a pregação explosiva inflamou o surgimento do evangelicalismo durante os séculos XVIII e XIX com muitas ênfases diferentes. George Whitefield (1714-1770) popularizou a pregação ao ar livre e carregada de emoção e, viajando entre a América e a Grã-Bretanha, influenciou outros pregadores importantes. Entre eles estavam João Wesley (1703-1791), o fundador do metodismo, um notório pregador mensageiro, e Jonathan Edwards (1703-1758), um intelectual de peso cujos ensinamentos puritanos conduziram ao Primeiro Grande Avivamento (1726-1750) na América do Norte.

Whitefield também encorajou a pregação negra com uma sucessão notável de pregadores afro-americanos chegando a Andrew C. Marshall em Savanah (1812-1856). Pregadores negros freqüentemente usavam a pregação narrativa para habilmente recontar as Escrituras e entrelaçar as suas próprias.

O século XIX foi uma época de ouro para a pregação mensageira. A maioria das denominações afirmava possuir "pregadores estrelas", como Charles Simeón (1759-1836), anglicano, C. H. Spurgeon (1834-1892), batista e Catherine Booth (1829-1890), do exército da Salvação. Charles Finney (1792-1875) e Dwight Moody (1837-1898) usaram técnicas de evangelismo de massa. A pregação mensageira também floresceu entre pregadores americanos liberais, como é representado por Philip Brooks (1835-1893), episcopal.

No século XX, houve diversidade adicional. O movimento de teologia bíblica encorajou a pregação teológica, como em Karl Barth (1886-1968), que endossou o modelo do mensageiro. A pregação indutiva adotou a psicologia para aconselhar pessoas do púlpito, como acontece em Harry Emerson Fosdick (1878-1969). Outros, respondendo evangelisticamente às necessidades espirituais, usaram comunicação de massa. Billy Graham (nascido em 1918) se tornou o pregador evangelístico mais ouvido e visto de todos os tempos. Martin Luther King Jr. (1929-1968) ganhou importância internacional, já que a sua pregação chamava a atenção para a pobreza, o sofrimento e a opressão.

Mais recentemente, tem havido também uma maior análise de algumas das principais tradições da pregação, como a pregação negra (freqüentemente narrativa no estilo) e a pregação feita por mulheres (freqüentemente pastoral), que, embora representada por algumas grandes figuras no passado, como Hildegard de Bingen (1098-1179), tem crescido dramaticamente desde a década de 1920.

. A evolução eletrônica e a ênfase nos recursos visuais têm diversificado os estilos de pregação e intensificado o uso da narração de histórias.

Os pregadores das megaigrejas refletem estilos diferentes, embora a atual adoração sensível à busca das pessoas se encaixe no modelo indutivo, indo ao encontro das pessoas onde elas estão.

Uma advertência

Freqüentemente, a pregação tem sido analisada de um ponto de vista que omite muito da riqueza da história, incluindo-se aí o impacto da pregação da América Latina e da Ásia. A igreja mundial de hoje tem visto um tremendo crescimento na parte sul do mundo — América Latina, África e Ásia. Além de tudo, muito da "igreja do norte" da América do Norte e da Europa ocidental parece estar em declínio, enquanto a "igreja do sul" (alguns a chamam da "igreja da maioria") mostra um significativo renascimento que se assemelha ao período de vitalidade espiritual e ao impacto missionário do Novo Testamento.

A história da pregação é imensamente rica, e pregadores podem aprender uns com os outros. É essencial reagir a um crescente conjunto de experiências das práticas dos pregadores negros, hispânicos, asiáticos e das pregadoras femininas, assim como continuar aberto à pregação narrativa e outros estilos.

Pontos e questões práticos

A história da igreja mostra uma conexão vital entre pregação eficiente e missão de igreja saudável. Do Novo Testamento em diante, a pregação desencadeou cada expansão missionária da história. Os pregadores do início causaram "alvoroço por todo o mundo". Algumas pregações têm impacto imediato. Crisóstomo confrontou questões de estilo de vida de sua congregação urbana e criticou aspectos do Império Bizantino; Lutero se dirigiu aos alemães com respeito a cada questão de importância moral, política e social. Os efeitos duradouros da pregação com freqüência são dramáticos. A reforma começou a era moderna para a civilização ocidental, moldando a Europa cristã e semeando o movimento missionário moderno. Ela promoveu renovação e a vida de igreja reformada e afetou a sociedade.

A pregação é uma questão espiritual, caracterizada desde os seus primordios no Novo Testamento por vitalidade espiritual (ITs 1.5), clareza do evangelho (lCo 15.3, 4), relevância transcultural (ICo 9.19-23) e ousadia (At 4.13; 9.27). Toda pregação necessita de vitalidade espiritual. Existe agora menos crença na presença de Deus no evento da pregação? Existe menos ousadia hoje em dia? Hoje, a "igreja do sul" parece estar crescendo por meio da pregação, mas a "igreja do norte" defronta-se com a necessidade crítica da redescoberta da autenticidade e coragem espirituais por meio da oração.

Existem tradições da igreja hoje que a pregação deveria desafiar? Em vários pontos de sua história, a pregação precisou reformar a igreja em suas práticas e doutrina. A Reforma foi, em parte, precipitada por um ataque corajoso à riqueza e privilégio da igreja romana que vendia garantias (indulgências) para a abreviação do purgatório. João Wesley pregou por preocupação pela vida santificada e fundou o metodismo.

A igreja pode ser facilmente desviada por riqueza, privilégio e complacência em degradar a doutrina. A pregação envolve liderança, já que se foca a vontade de

Deus para sua igreja expressa pela correção, repreensão e encorajamento (2Tm -.2: cf. 3.16). Essa continua sendo uma tarefa difícil, mas necessária para o século XXI.

Quão necessário é o ensino doutrinário hoje? Reforma e renovação são sempre associadas com redescobrimento pessoal do texto e doutrina bíblica depois de um :empo de analfabetismo bíblico. O exemplo mais claro é a descoberta de Martinho Lutero das convicções paulinas a respeito do pecado, da graça e da justificação pela :e. Sempre que pregadores estiverem pessoalmente comprometidos em pôr em prática a Bíblia por meio da explicação e aplicação de sua verdade, a pregação rormará "pessoas do Livro". Entretanto, quando a pregação se torna mecânica e rotineira, ela perde seu poder, como na Idade das Trevas.

Onde a pregação apologética é necessária hoje? Pregadores apologéticos tentam entender e confrontar falsos ensinamentos atuais. Um tipo antigo de movimento da Nova Era chamado gnosticismo foi seguido de uma série de ataques às crenças ortodoxas sobre a divindade de Cristo, a natureza da salvação e as reivindicações de exclusividade do cristianismo. Agostinho continua sendo o melhor exemplo de um pregador cujo intelecto, exegese e perspicácia doutrinária defenderam a ortodoxia contra vários rivais, como a heresia pelagiana, que diminuía o papel de Cristo na salvação. No relativismo e diversidade espiritual de hoje, os pregadores precisam responder aos formadores de opinião rivais com apologética clara para fundamentarem as reivindicações de exclusividade do cristianismo.

Os pregadores podem ser mais relevantes? A pregação evangelística começa com pessoas perdidas onde elas estão. George Whitefield desenvolveu pregações ao ar livre com grande talento dramático. Como Paulo no Areópago, a pregação recente, sensível à busca das pessoas, está fazendo conexão com autoridades contemporâneas a fim de estabelecer a credibilidade das afirmações cristãs. Bill Hybels, na igreja Willow Creek, representa essa abordagem. A pregação pastoral, em que os pregadores respondem a necessidades específicas entre os membros da congregação, como acontece com Fosdick, pode cativar apropriadamente. Será que há maneiras novas de assegurar que as boas novas foram tornadas relevantes?

Como a mídia e as formas de comunicação em transformação afetam a pregação? A fim de serem ouvidos e entendidos, os pregadores sempre precisaram se relacionar com a cultura contemporânea. Na cultural oral de Jesus, o papel da narrativa era especialmente importante. A pregação clássica adotou princípios retóricos. Mais tarde, a pregação da Reforma se aproveitou da imprensa e ganhou influência anteriormente impensada.

Existe uma concordância geral de que a modernidade ocidental, influente pelos últimos 250 anos, está dando lugar ao pós-modernismo, o que chama para nova atenção aos estilos de comunicação. Hoje em dia, os pregadores precisam usar todos os recursos tecnológicos disponíveis e se apropriar dos meios de comunicação.

Em que medida os pregadores fazem uso de meios de apoio para a pregação? Ao longo da história, pregadores sempre se beneficiaram de meios de apoio para a pregação. O livro-texto de Agostinho foi seminal. Na Idade Média, as universidades européias publicaram um grande número de livros elementares — temos cerca de 80.000 remanescentes deles dos dois séculos que se seguiram a 1150. John Broadus (1827-95) teve influência no começo do século XX e, mais recentemente, Fred Craddock (nascido em 1928) e outros têm introduzido novos estilos de pregação bíblica — especialmente pregação indutiva e narrativa. É importante ficar atento a vários desenvolvimentos na teologia e prática da pregação.

Bibliografia

BRILIOTH, Y. 1965. *A BriefHistory of Preaching.* Filadélfia: Fortress.

DARGAN, E. C. 1954. *A History of Preaching— jrom theApostolic Fathers to the Nineteenth Century.* Grand Rapids: Baker.

EDWARDS, O. C. *A History of Preaching.* 2 vols.

FANT, C. E. e PINSON, W. M. 1986. *Twenty Centuries of Great Preaching. An Encyclopedia of Preaching.* Waco, Tex.: Word.

MITCHELL, H. 1990. *Black Preaching— the Recovery of a PowerfulArt.* Nashville: Abingdon.

OLD, H. O. 2002. *The Reading and Preaching ofthe Scriptures in the Worship of the Christian Church.* 5 vols. Grand Rapids: Eerdmans.

WILSON, P. S. 1992. *A Concise History of Preaching.* Nashville: Abingdon.

Parte dois

A VIDA ESPIRITUAL DO PREGADOR

Como devo cuidar da minha alma para estar espiritualmente preparado para pregar?

Capítulo 15

UM CÁLICE TRANSBORDANTE

Por que os pregadores precisam encontrar profunda satisfação em Cristo

Dallas Willard

Nos tempos iniciais do meu ministerio, passei enormes períodos absorto nas Escrituras e em grandes escritores espirituais. O Senhor tornou possível que eu passasse dias inteiros — sem nenhuma necessidade de me preparar para alguma coisa ou fazer um exame — absorvendo as Escrituras. Devorei livros de grandes pregadores espirituais. Esse foco foi fundamental para minha jornada espiritual, para encontrar satisfação em Cristo.

Experimentar Deus dessa forma me leva à satisfação em Cristo e a falar a outros com base nessa satisfação. Não existe substituto para a simples satisfação na Palavra de Deus, na presença de Deus. Isso afeta todas as suas ações.

Características do descontentamento

É provável que homens e mulheres no ministério que não estão encontrando satisfação em Cristo demonstrem isso com esforço excessivo e preparação excessiva para falar e sem paz a respeito do que fazem depois que o fazem. Se nós não chegarmos a um lugar de descanso em Deus, recordaremos e pensaremos: *Ah, se eu tivesse feito isso,* ou: *Ah, se eu não tivesse feito isso.* Quando você chega ao lugar em que está bebendo profundamente de Deus e confiando que ele atua com você, existe uma paz a respeito do que você transmitiu.

Uma de minhas grandes alegrias veio quando me levantei de uma cadeira para andar até o púlpito e o Senhor me disse: "Agora lembre-se, o que importa é o que eu faço com a Palavra entre os seus lábios e com o coração deles". Essa é uma lição tremenda. Se você não confia que Deus fará isso, então ele o deixa fazer o que você estiver fazendo e isso não leva a muita coisa. Mas uma vez que você relaxa e reconhece que nós somos sempre inadequados, mas nossa inadequação não é o problema, está pronto para tirar esse peso de si. Então a satisfação que você tem em Cristo é derramada sobre tudo que você faz.

O pregador que não ministra nessa satisfação também está em um terreno perigoso. Os que experimentam fracasso moral são aqueles que não viveram uma vida profundamente satisfeita em Cristo, quase sem exceção. Sei que minhas tentações resultam de situações em que estou insatisfeito, nada contente. Estou preocupado com alguma coisa ou não sentindo a suficiência que eu sei que está ali. Se eu tenho fortes tentações, elas nascem de minha insatisfação.

Os fracassos morais de ministros normalmente estão relacionados a uma dessas três coisas: sexo, dinheiro ou poder. Isso sempre resulta do descontentamento.

Os ministros estão se esforçando para alcançar algo e começam a sentir: *Eu mereço algo melhor. Eu me sacrifico tanto e ganho tão pouco. E assim vou fazer isto.* A garantia mais infalível contra o fracasso é estar em paz e satisfeito com Deus, de modo que, quando o mau procedimento se apresenta, ele não é nem mesmo interessante. É assim que permanecemos longe da tentação.

Características de uma alma satisfeita

Nós passamos bastante tempo em projetos e programas. Temos demais deles, e eles se colocam no caminho. O que realmente precisamos são pregadores que permaneçam na simplicidade, manifestem e declarem as riquezas de Cristo na . Não existe nada na terra que esteja próximo de competir com isso para o beneíicio e interesse humanos.

Quando as pessoas ouvem pregadores que estão satisfeitos, percebem que muito mais está vindo deles do que das palavras que proferem. Quando ouço pregadores assim, percebo alguma coisa fluindo deles. Esses pregadores estão em paz. Eles não se esforçam para fazer alguma coisa acontecer.

Essa é uma das maiores questões para os ministros hoje por causa do modelo sucesso que nos é oferecido. Temos a idéia de que devemos fazer alguma coisa acontecer e assim precisamos que nossos cultos simplesmente funcionem bem. A bênção final do culto ainda nem terminou quando os responsáveis pela direção do culto já estão dizendo uns aos outros: "Como você acha que foi?", ou: "Foi realmente muito bem". A verdade é que nós não sabemos como foi. Do ponto de vista de Deus, só na eternidade saberemos como foi. Essas pessoas não estão em paz se estão tentando administrar resultados dessa forma.

Uma marca dos pregadores que atingiram grande satisfação é que estão em paz, e eles amam o que fazem. A paz flui deles. Sinto que, desses pregadores, vem alguma coisa até mim que é mais profunda que palavras. Os ouvintes percebem a — ensagem abrindo possibilidades para sua vida. Na presença desse tipo de pregador. as pessoas encontram maneiras de realizar o bem que está diante de seu coração.

Isso é a água viva. Jesus levou essa abertura de possibilidades até as pessoas. Em João 8.11, quando ele disse à mulher pega em adultério: "Agora vá e abandone sua vida de pecado", eu não acho que ela pensou: *Eu tenho que fazer isso.* Ela experimentou as palavras de Jesus como: *Isso é realmente possível. Eu posso fazer isso.* Essa é uma das características da pregação que resulta de uma vida satisfeita.

Outra marca de pregadores satisfeitos é que eles sabem ouvir. Eles sabem ficar quietos na presença de outros porque não estão sempre tentando fazer alguma coisa acontecer. Uma pessoa assim tem a capacidade de ouvir pessoas e chegar à percepção das necessidades que estão por baixo das necessidades sentidas. Nós devemos ficar atentos às necessidades sentidas das pessoas, mas devemos saber que o jogo está em um nível mais profundo da alma.

Uma grande parte do que o pastor faz na pregação e na vida é ouvir e ajudar as pessoas a sentirem suas necessidades reais, não apenas necessidades superficiais. O pregador satisfeito fala a partir de um coração que ouve. Já que as pessoas freqüentemente não sabem o que realmente precisam, uma pregação dessas pode ajudá-las a descobrir. Isso requer uma amplidão que apenas vem se seu cálice está transbordando porque está sendo bem cuidado por Deus.

Passos para encontrar a satisfação em Cristo

Podemos tomar medidas para encontrar essa profunda satisfação e pregar a partir do poço dentro de nós.

Encorajo os pastores a terem tempo substancial toda semana em que não fazem nada a não ser desfrutar Deus. Isso significa caminhar ao longo de um rio, observar uma flor, ouvir música ou observar seus filhos ou netos brincando sem sua tentativa constante de controlá-los. Experimente a plenitude de Deus, pense a respeito das coisas boas que Deus fez por você e perceba que ele realizou algo bom com você. Se há um problema em fazer isso, então trate do problema, porque não podemos realmente servi-lo se não o amamos genuinamente.

Henri Nouwen disse que o maior obstáculo para o amor por Deus é o serviço para Deus. O serviço precisa resultar da vida e força dele fluindo por meio de nós para vidas receptivas. Use uma hora, sente em um lugar confortável em silêncio e não faça nada senão descansar. Se você adormecer, não há problema. Precisamos parar de nos esforçar em demasia. Talvez haja uns poucos pastores para os quais isso não é problema, mas para a maioria é. Precisamos fazer isso não apenas por nós mesmos, mas para darmos um exemplo para aqueles a quem falamos.

Há espaço para o esforço, sem dúvida, mas ele nunca faz por merecer nada e nunca deve tomar o lugar de Deus dentro de nós. Nossos esforços devem ser empenhados para dar espaço a ele em nossa vida.

Capítulo 16

O PREGADOR PATENTEADO

Cada pregador é uma edição limitada de um só exemplar

Warren W. Wiersbe

"Não faz sentido", disse meu amigo pastor. Estávamos nos prolongando no almoço e discutindo sobre a conferência bíblica que eu estava conduzindo em sua igreja. Eu havia acabado de comentar que a igreja estava tendo uma forte influência nos estudantes e no corpo docente da universidade próxima.

"O que não faz sentido?", perguntei.

"Onde você e eu estamos servindo", respondeu ele.

"Você vai precisar explicar".

"Olhe, eu realmente sou um pregador do interior com um mínimo de treinamento acadêmico, ainda assim estou ministrando a uma multidão de universitários. Você escreve comentários e lê mais livros em um mês do que eu em um ano, ainda assim sua congregação é primariamente operária e sem profissionais liberais. Isso não faz sentido".

O assunto, a seguir, mudou, mas eu refleti sobe sua observação muitas vezes nos anos desde então. Concluí que foi uma boa coisa Deus não ter me posto nesse "Comitê de Distribuição dos Pastores", porque eu realmente teria estragado as coisas.

Eu nunca teria mandado um rústico Amós para a corte opulenta do rei; eu teria me dado uma calma igreja do interior em algum lugar. E eu nunca teria comissionado Saulo de Tarso aquele "hebreu de hebreus" (ARC) para ser um missionário aos gentios; eu o deixaria encarregado do evangelismo de judeus em Jerusalém.

Tudo isso me leva ao ponto desse artigo: Se Deus chamou você para pregar, então quem você é, o que você é e onde você está são aspectos que também precisam fazer parte do plano de Deus. Você não prega apesar disso, mas por causa disso.

Por que é, então, que muitos pregadores não gostam de pregar? Por que alguns se ocupam com questões secundárias se deveriam estar estudando e meditando? Por que outros rastejam do púlpito depois de pronunciar o sermão, dominados por um sentimento de fracasso e culpa?

A diferença que uma testemunha faz

Sem tomar o tempo para fazer uma pesquisa, eu acho que posso sugerir uma resposta: Eles estão pregando *apesar de si mesmos* em vez de pregarem *por causa* de si mesmos. Eles ou se excluem de sua pregação ou lutam consigo mesmos durante sua preparação e proclamação; isso os deixa sem energia ou entusiasmo para a tarefa. Em vez de agradecerem a Deus o que têm, reclamam sobre o que não têm; e isso não os deixa em condições de anunciar a Palavra de Deus.

Uma pesquisa feita pela revista *Christianity Today/GaLlup* mostrou que os ministros acreditam que pregar é a prioridade número um de seu ministério, mas também é a coisa de que eles se sentem menos capazes de fazer bem. O que causa essa atitude insegura com respeito à pregação?

Em primeiro lugar, nós esquecemos o que a pregação realmente é. Phillips Brooks disse isso da melhor maneira: "A pregação é a comunicação da verdade divina por meio da personalidade humana. A verdade divina nunca muda; a personalidade humana muda constantemente — e é isso que torna a mensagem nova e única".

Não existem dois pregadores que possam pregar a mesma mensagem, porque não há dois pregadores iguais. De fato, não existe *um* pregador que possa pregar a mesma mensagem duas vezes se ele está vivendo e crescendo de alguma forma. A personalidade humana é uma parte vital do ministério de pregação.

Recentemente, realizei um estudo intensivo sobre todos os verbos gregos usados no Novo Testamento para descrever a comunicação do Palavra de Deus. As três palavras mais importantes são: *evangelizomai,* "contar as boas novas"; *kerysso,* "proclamar como um arauto"; e *martyreo,* "dar testemunho". Os três são importantes no ministério do púlpito. Estamos contando as boas novas com a autoridade de um arauto real, mas a mensagem *é* uma parte de nossa vida. Diferentemente do arauto, que apenas gritou o que lhe foi dito, estamos compartilhando o que é pessoal e real para nós. O mensageiro é uma parte da mensagem porque o mensageiro é uma testemunha.

Deus prepara a pessoa que prepara a mensagem. Martinho Lutero disse que a oração, a meditação e a tentação faziam um pregador. Pregação e meditação lhe darão um sermão, mas apenas a tentação — a experiência diária da vida — pode transformar esse sermão em uma mensagem. É a diferença entre a receita e a refeição.

Eu tive uma experiência em uma conferência denominacional que fez com que eu entendesse essa verdade. Durante a sessão em que eu falaria, um trio muito competente de senhoras cantou. Era uma canção de ritmo alegre e acelerado, cuja mensagem não se ajustou bem ao meu tema; mas é claro que elas não tinham nenhuma forma de saber exatamente sobre o que eu pregaria. Fiquei feliz que minha mensagem não seguiu imediatamente seu número porque eu não senti que a congregação estava preparada.

Exatamente antes de eu falar, um pastor rolou a cadeira de rodas em que estava até o centro da plataforma e deu um breve testemunho sobre seu ministério. Então ele cantou, com um acompanhamento muito simples: "Ninguém nunca se importou comigo como Jesus". O efeito foi irresistível. O homem não estava cantando uma música; ele estava ministrando uma palavra de Deus. Mas ele tinha pago o preço para ministrar. No sofrimento, ele se tornou uma parte da mensagem.

As experiências pelas quais nós, pregadores, passamos não são acidentes; elas são designações. Elas não interrompem nossos estudos; elas são uma parte essencial de nossos estudos. Nossa personalidade, nosso aparelhamento físico e mesmo nossos defeitos físicos são parte do tipo de ministério que Deus quer que tenhamos. Ele quer que sejamos tanto testemunhas como arautos.

O apóstolo sabia disso: "... pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos" (At 4.20). Isso era parte da comissão de Paulo: "Você será testemunha dele a todos os homens, daquilo que viu e ouviu..."(At 22.15). Em vez de condenar ou minimizar o que somos, precisamos usar o que somos para dar testemunho de Cristo. E isso que torna a mensagem a *nossa* mensagem e não o eco de outro alguém.

O mito do "Grande Sermão"

E fácil imitar hoje em dia. Não temos apenas livros de sermões, mas temos ministérios de rádio e televisão e fitas cassete e CDs aos milhares. Um homem

segue o modelo de Spurgeon, outro, o de A. W. Tozer; e ambas as congregações sofrem.

Alexander Whyte de Edimburgo tinha um assistente que assumiu a responsabilidade pelo segundo culto no lugar do pastor mais velho. "Whyte era um pregador cirúrgico que lidava cruelmente com os pecados dos homens e, então, fielmente proclamava a graça salvadora de Cristo. Mas o seu assistente era um homem de temperamento diferente que tentava deslocar a mensagem do evangelho para fora da sala de cirurgia para que chegasse ao salão de banquetes.

Durante um período de seu ministério, entretanto, o assistente tentou usar a abordagem de Whyte, sem o sucesso deste. O experimento terminou quando Whyte lhe disse: "Pregue sua própria mensagem". Esse conselho é necessário nos dias de hoje.

Toda profissão tem riscos ocupacionais, e, no ministério, isso é a paixão de pregar "grandes sermões". Fant e Pinson, em *20 Centuries ofGreat Preaching [20 séculos de grande pregação*], chegaram à surpreendente conclusão de que "a grande pregação é a pregação relevante". Por "relevante" eles querem dizer a pregação que vai ao encontro das necessidades das pessoas em seu tempo, a pregação que mostra que o pregador se importa e quer ajudar.

Se isso é verdade, então existem milhares de "grandes sermões" pregados todos os domingos, pregados por aqueles cujos nomes nunca serão impressos nos livros de homilética, mas estão escritos nos corações do seu povo. Ouça novamente o que diz Phillips Brooks:

> A noção de um grande sermão, que persegue constantemente o pregador ou mesmo ocasionalmente, é fatal. Ela dificulta [...] a liberdade da expressão. Muitas palavras verdadeiras e úteis de que seu povo precisa, e que você deve lhe anunciar, acabam por parecer aquém da dignidade de seu grande discurso [...] Nunca tolere nenhuma idéia da dignidade de um sermão que o impeça de dizer qualquer coisa que você deva dizer, ou que seu povo precise ouvir.

Pregando a Cristo, não a mim mesmo

Deixe-me acrescentar outra razão que gera sentimentos inseguros a respeito da nossa pregação. Em nosso desejo de sermos servos humildes de Deus, temos a tendência de suprimir as nossas personalidades com receio de pregarmos a nós mesmos e não a Cristo. É bom atender à advertência de Paulo em 2Coríntios 4.5: "Mas não pregamos a nos mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus". Mas não devemos interpretar isso incorretamente e, com isso, tentar o impossível. A personalidade de Paulo e até mesmo um pouco de sua experiência pessoal estão impressos na base e textura de suas cartas; ainda assim, Jesus Cristo é glorificado do começo ao fim.

Durante os últimos vinte anos, tenho mergulhado no estudo da vida dos pregadores famosos do passado. A maioria deles ministrou na Era Vitoriana na Grã-Bretanha, um tempo em que os púlpitos estavam repletos de estrelas. Se existe uma coisa que eu aprendi desses homens, foi isto: Deus tem seus próprios modos de treinar e preparar seus servos, mas ele quer que todos sejam eles mesmos. Deus colocou diversidade no universo e ele colocou diversidade na igreja.

Se sua personalidade não brilha por meio de sua pregação, você é apenas um robô. Você poderia ser substituído por um toca-fitas ou CDs e talvez ninguém saberia a diferença.

Não confunda a arte com a ciência da pregação. Homilética é a ciência da pregação e tem leis e princípios básicos que cada pregador deve estudar e praticar. Uma vez que você aprendeu a obedecer a esses princípios, então pode adaptá-los, modificá-los e moldá-los à sua própria personalidade.

No meu ministério de conferências, eu freqüentemente divido a plataforma com oradores talentosos cuja pregação me leva a dizer a mim mesmo: *Sem chance! Eu nunca vou aprender a pregar assim!* Então o Senhor tem de me lembrar que ele nunca me chamou "para pregar assim". Ele me chamou para pregar da maneira que eu prego!

A ciência da pregação é uma coisa; mas a arte da pregação — o estilo, a elocução e a abordagem e todos aqueles ingredientes quase indefiníveis que compõem a personalidade de alguém — é outra muito diferente. Um pregador usa o humor e acerta o alvo, outro tenta isso e acerta em si mesmo.

A essência do que estou dizendo é isto: Você precisa conhecer-se a si mesmo, aceitar-se a si mesmo, ser você mesmo e desenvolver-se a si mesmo — seu melhor eu — se você quer que a pregação seja a mais eficiente possível.

Nunca imite outro pregador, mas aprenda com ele tudo o que você puder. Nunca reclame a respeito de si mesmo ou de suas circunstâncias, mas descubra por que Deus fez as coisas dessa forma e use o que ele deu a você de uma maneira positiva. O que você pensa que são obstáculos podem se mostrar como oportunidades. Permaneça o tempo suficiente em uma igreja para descobrir quem você é, que tipo de ministério Deus lhe deu e como ele planeja treinar você para os ministérios que ainda virão. Afinal de contas, ele está sempre nos preparando para o que ele já preparou para nós — se nós o deixarmos.

Aceitando o que nós não somos

Aprendi muito cedo em meu ministério que eu não era um evangelista. Embora eu tenha visto pessoas virem a Cristo por meio do meu ministério, eu sempre senti que era um fracasso em relação ao evangelismo.

Um dos poucos benefícios de ficar mais velho é uma perspectiva melhor. Agora estou aprendendo que meus ministérios de ensino e composição literária permitiram a outros conduzir pessoas a Cristo, de forma que meu trabalho não foi em vão. Mas eu tive meus momentos de desânimo e o sentimento do fracasso.

Deus dá os dons espirituais que ele quer que tenhamos; ele nos coloca em lugares em que quer que sirvamos; e ele dá as bênçãos que quer que desfrutemos. Eu estou convencido disso, mas essa convicção não é uma desculpa para a preguiça ou para a pobreza no ministério. Saber que sou o homem de Deus no lugar de ministério que Deus designou para mim me encorajou a estudar com mais empenho e dar o melhor de mim. Quando as colheitas eram escassas, a certeza de que Deus me colocou ali me ajudou a continuar. Quando as batalhas se enfureciam e as Tempestades rugiam meu refugio seguro era: "Deus me colocou aqui e permanecerei aqui até que ele me diga para ir embora". Muitas vezes, lembrei-me do conselho de V. Raymond Edman: "Sempre é cedo demais para desistir".

Minha experiência mostra que o pregador jovem em sua primeira igreja e o pregador de meia idade (talvez em sua terceira ou quarta igreja) são os mais suscetíveis ao desânimo. Isso não é difícil de entender.

O jovem seminarista marcha bravamente até sua primeira igreja com elevados ideais, apenas para defrontar-se com a força esmagadora da realidade e a fornalha da desaprovação. Ele empunha suas bandeiras bravamente por mais ou menos um mo, depois as abaixa silenciosamente e faz planos para se mudar. O ministro de meia idade viu seus ideais sendo atacados muitas vezes, mas agora ele percebe que o tempo é curto e que talvez não chegue a ser um dos trinta homens de elite de Davi.

Deus ajuda o pregador que abandona seus ideais! Mas, ao mesmo tempo, Deus se compadeça do pregador que é tão idealista que fracassa em ser realista. O realista é o idealista que passou pelo fogo e foi depurado. O cético é o idealista que passou pelo fogo e ficou queimado. Há uma diferença.

A auto-avaliação é uma coisa difícil e perigosa. Às vezes, estamos tão próximos do nosso ministério que não o enxergamos. Certa vez, um dos meus estudantes me perguntou: "Por que eu não consigo ver nenhum crescimento espiritual em minha vida? Todo mundo me diz que consegue vê-lo!". Eu o lembrei de que no Pentecostes nenhum homem podia ver a chama em cima de sua cabeça, mas todos ali podiam ver o que estava queimando sobre a cabeça de seu irmão.

Uma palavra do pregador escocês George Morrison me ajudou a flutuar e não afogar em muitas tempestades: "Os homens que dão o melhor de si sempre fazem mais, embora sejam perseguidos pelo sentimento do fracasso. Seja bom e verdadeiro, seja paciente; seja destemido. Deixe que Deus avalie sua utilidade. Ele garantirá que você não viva em vão".

Seja realista quando avaliar o seu trabalho. Evite comparações. Eu leio o suficiente em publicações religiosas e ouço o suficiente de conversas para saber que tais comparações são o esporte de salão preferido dos pregadores, mas eu tento não levá-los muito a sério. "Quando eles se medem e se comparam consigo mesmos, agem sem entendimento" (2Co 10.12).

Embora estejamos em conflito com aqueles que pregam um falso evangelho, não estamos competindo com qualquer um que pregar o verdadeiro evangelho. Estamos apenas competindo com nós mesmos. Pela graça de Deus, devemos ser pregadores e pastores melhores hoje do que éramos há um ano.

Se quisermos ser pastores e pregadores melhores, devemos ser pessoas melhores; e isso significa disciplina e trabalho duro. Os "gigantes" com quem eu vivi esses muitos anos foram todos trabalhadores esforçados. Campbell Morgan estava em sua sala de estudos às seis da manhã. Seu sucessor, John Henry Jowett, também acordava cedo e já mergulhava nos livros. "Entre na sua sala de estudos em uma hora fixa", Jowett disse em suas preleções aos estudantes de teologia de Yale em 1911-1912, "e faça isso tão cedo quanto a hora em que os trabalhadores da sua igreja vão à sua loja ou escritório". Spurgeon trabalhava tão duro que teve de tirar férias no inverno para recuperar suas forças.

Obviamente, não ganhamos nada colocando em risco a nossa saúde, mas perdemos muito ao ficarmos mal-acostumados, e esse é o grande perigo.

O dom é suficiente

Se Deus chamou você, então ele lhe deu o que você precisa para realizar o trabalho. Você pode não ter o que outros têm nem ter tudo que você gostaria de ter, mas tem o que Deus quer que você tenha. Aceite o seu dom, seja fiel em usá-lo e, no tempo devido, Deus dará mais a você.

Dê tempo a si mesmo para descobrir e desenvolver seus dons. Não aceite nada como uma desvantagem. Transfira isso para Deus e deixe que ele transforme isso em uma ferramenta útil. Afinal de contas, é isso que ele fez com o espinho na carne de Paulo.

A pregação não é o que nós fazemos; é o que nós somos. Quando Deus quer formar um pregador, ele precisa formar a pessoa, porque o trabalho que realizamos não pode estar isolado da vida que vivemos. Deus prepara o trabalho para a pessoa, e prepara a pessoa para o trabalho; e, se nós lhe permitirmos, ele os ajuntará na sua providência.

Deus nos conhece melhor do que nos conhecemos a nós mesmos. Ele nunca nos colocaria em um ministério em que não pudesse nos formar e usar.

Capítulo 17

OREI POR MINHA PREGAÇÃO

E obtive respostas que eu não esperava

Joe McKeever

Eu tinha pregado por mais de duas décadas e eu devia estar satisfeito comigo mesmo. A igreja que eu servia tinha crescido para 1.500 pessoas nos cultos de domingos de manhã e o programa de televisão de nossos cultos cobria uma con-

siderável parte de vários estados. A maioria dos meus colegas pensava que eu tinha atingido o topo e, se convites para pregar em outras igrejas significavam alguma coisa, eles achavam que eu sabia pregar.

Mas eu não pensava assim.

Minha confiança estava levando uma surra, já que alguns dos líderes me informaram repetidamente que meu trabalho no púlpito não estava à altura dos seus padrões. Pastores anteriores levavam a reputação de mestres do púlpito, algo que eu nunca reivindiquei para mim. Para tornar as coisas piores, tínhamos várias lacunas na equipe de trabalho da igreja e minha preparação de sermões estava sofrendo por causa de um pesado fardo de ministério pastoral. Mas você faz o que tem de fazer. Na maioria dos dias, meu objetivo era sobreviver. Cada dia a mais sem ter afogado já era um bom dia.

Foi aí que eu me tornei sério a respeito de orar pela minha pregação. Toda noite eu fazia uma caminhada de seis quilômetros por minha vizinhança e falava com o Pai. Minhas petições lidavam com as coisas usuais — necessidades de família, pessoas com as quais eu estava preocupado e a igreja. Gradualmente, uma oração começou a se repetir em minhas súplicas.

"Senhor", eu orei, "faça de mim um pregador".

Pedir isso parecia tão certo que eu nem parei para analisar. Orei isso de novo e de novo, repetidas vezes, por várias semanas.

Eu estava no meu quinto pastorado. Tinha alguns títulos de seminário. Tinha lido os clássicos sobre pregação e completado a minha quota de participações em seminários sobre sermões. Era um veterano. Mas aqui estava eu na metade dos meus quarenta anos, implorando aos céus por ajuda: "Senhor, faça de mim um pregador".

Eu sabia que, se minha pregação melhorasse, se a congregação se sentisse melhor a respeito dos sermões, todo o resto se beneficiaria. Eu sabia que o sermão é a melhor contribuição de um pastor para a vida espiritual de seus membros. Fazer as coisas corretamente ali diminuiria a pressão em outras áreas. Assim, orei.

Então uma noite, Deus respondeu.

Quatro pedidos específicos

Sem aviso, no silêncio da noite escura nas ruas da cidade, Deus falou dentro de mim: "O que exatamente você quer dizer com isso?".

A questão me acertou com tanta força que ri alto e disse: " Que grande pergunta. O Senhor quer saber o que eu quero dizer?".

Pelo resto da minha caminhada, refleti sobre a investigação de Deus da minha oração por demais genérica. Sabia que não estava pedindo aclamação pública nem para entrar para a lista de grandes pregadores de qualquer pessoa. Eu apenas queria ser eficiente, fazer bem o que Deus havia me chamado a fazer.

Mais tarde naquela noite, em casa, listei quatro pedidos específicos e comecei a direcioná-los ao pai.

Nunca mais quero me levantar para pregar sem uma boa compreensão das Escrituras.

Estou cansado de não ter clareza do texto à minha frente.

Quero que a mensagem de Deus me acerte em cheio, tomando completamente o meu coração.

Quero pregar com paixão genuína.

Quero uma boa sintonia com a congregação.

Estou cansado daquele olhar sem expressão no rosto das pessoas. Quero fazer contato com elas, para transmitir a mensagem de maneira eficaz.

Quero ver vidas transformadas.

Se o ponto central da pregação é que a Palavra de Deus faça diferença na vida das pessoas, então preciso estar em ordem quando peço ao Pai para me dar sucesso ao realizá-la.

Aprendi uma coisa a respeito da minha vida de oração. Por anos, minhas orações haviam sido manchadas pela desgraça das generalidades. Elas haviam sido: "Abençoe este", "Ajude aquele", "Fortaleça-o", e: "Encoraje-a". Um dia, percebi, em Lucas 18.35-43, aquele intercâmbio entre o Senhor e o cego Bartimeu, cujas súplicas por socorro — "Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!" — haviam alcançado os ouvidos do Senhor. O mendigo de Jerico, repetidas vezes, lançou ao ar os seus gritos por misericórdia, tentando gritar mais alto que as repreensões e as objeções dos habitantes locais que estavam constrangidos com sua insistência.

"Tragam-no a mim", Jesus disse. Quando Bartimeu parou em frente dele, nosso Senhor perguntou: "O que você quer que eu lhe faça?".

Nós, modernos, ficamos tentados a censurar o Senhor por sua insensibilidade nesse ponto. "Senhor", diríamos nós, "qualquer um pode ver o que ele precisa. Ele está suplicando por misericórdia. Ele precisa de sua visão". Mas a questão era se Bartimeu sabia disso. Ele poderia apenas ter pedido dinheiro, um local melhor para mendigar, assistência, um programa de treinamento para os cegos ou uma centena de outras coisas.

O Senhor simplesmente pediu ao homem que fosse específico em sua oração: "O que você quer que eu lhe faça?".

"Senhor, eu quero ver".

"Recupere a visão!", disse o Salvador. E ele viu.

Desse ponto em diante, coloquei esses quatro pedidos em oração nas minhas caminhadas noturnas: Quero estar firmado na Palavra, que esta tome conta de mim completamente, que eu tenha boa sintonia com meus ouvintes e quero ver vidas transformadas.

Logo, eu estava sem púlpito e sem igreja.

Boas novas de entrevistas de saída

O conflito na igreja que eu estava servindo se intensificou a ponto de termos de trazer um mediador. Ele entrevistou líderes da igreja, assistiu vídeos de minha

pregação e fez uma pesquisa de opinião com a congregação, então escreveu seu relatório.

" Joe não é um gigante do púlpito", ele disse, "mas ele é um pregador relativamente bom . Isso me encorajou. Então ele me recomendou a deixar a igreja.

Concordei. Tirei um ano de licença e esperei o telefone tocar. Alguns convites para encontros de avivamento e conferência apareceram durante aquele ano; nenhuma igreja — a não ser as mais minúsculas — chegaria a me considerar um pastor em potencial. Minha confiança em minha pregação foi ao fundo do poço.

Não por coincidência, a igreja que me chamou para ser pastor um ano depois também estava no fundo do poço. Ela havia sofrido uma cisão desastrosa. Metade dos seus membros havia deixado a igreja, e o restante havia sido sobrecarregado com um grande fardo de responsabilidades. Nossos primeiros cinco anos juntos não foram fáceis. Gradualmente, entretanto, começamos a ver que o Senhor estava razendo algo especial.

Um dia, eu olhei em volta e percebi que havíamos nos tornado uma igreja saudável novamente, que dá prazer e alegria de servir.

Foi aí que a outra surpresa apareceu, uma surpresa só para mim. Depois de participar de uma conferência da Igreja de Saddleback sobre igrejas dirigidas por propósitos, começamos a mandar fichas de resposta aos visitantes da igreja. Essas observações voltavam ao escritório da igreja, dizendo-nos o que nossos convidados haviam percebido primeiro, do que tinham gostado mais e o que apreciado menos a respeito de sua visita à nossa igreja. Para minha completa admiração, muitos ficaram impressionados com a pregação.

Ainda recordo estar em pé ao lado da escrivaninha da minha secretária lendo duas fichas que haviam chegado no correio de manhã. Ambas expressavam gratidão por meus sermões. "Estou completamente surpreso", murmurei.

Ela olhou para cima de sua escrivaninha: "Pastor, todo mundo ama sua pregação".

"Acho que não sabia", respondi.

Para ser honesto, ainda não estou bem convencido. Mas decidi que isso está bem. O objeto de minhas orações nunca foi que pessoas gostassem de minha pregação. Nem que eu mesmo gostasse dos meus sermões. Foi uma oração por eficiência para fazer o que Deus me chamou a fazer.

Boa música, assim dizem, é música que é mais bem escrita do que alguém poderia tocar. Talvez seja assim com o evangelho de Cristo. A mensagem é muito superior a qualquer expressão humana dela. Um pai gracioso se apropria dos esforços de seus servos frágeis e os usa para mudar vidas.

O ano que vem completo o quadragésimo aniversário de meu ministério, e eu ainda me sinto inadequado em relação à pregação. Isso não só está bem assim, mas penso que é a maneira apropriada de nos sentir em relação ao chamado que está tão acima da capacidade de qualquer um de nós, mortais — proclamar as riquezas de Cristo com a linguagem humana.

Isso me força a orar pela minha pregação.

Capítulo 18

COMO FUNCIONA A UNÇÃO?

Investigando o mistério da unção no sermão

Lee Eclov

No romance *Paulo,* de Walter Wangerin Jr., Barnabé descreve a grande pregação do apóstolo:

> Ele tinha algo para lhes dizer, e uma ânsia tal de dizê-lo logo, dizê-lo rapidamente, que o tom moderado de sua voz se transformava em urgência. Assim, suas frases ficavam mais longas, e as palavras irrompiam de sua boca como urn bando de pássaros, e a fé do homem era um vento impetuoso no coração das pessoas, e algumas delas ficavam ofegantes em deleite, e essas eram as que subiam e voavam; mas outras ficaram ofendidas, e outras, com medo das paixões sagradas.

Eu imagino a unção assim.

Unção significa a consagração do Espírito Santo sobre um sermão, de modo que alguma coisa santa e poderosa que nenhum pregador pode gerar é acrescentada à mensagem, não importa quão magníficas sejam as habilidades do pregador. No centro de Pittsburg, dois rios, o Monongahela e o Allegheny, juntam-se no lugar chamado *The Point* para formar um novo rio, o imenso Ohio. Assim, penso que possamos imaginar a unção em ação — o sermão e o Espírito se encontrando para formar uma corrente espiritual, a voz de Jesus como o "som de águas impetuosas".

Com freqüência me pedem que avalie gravações de sermões, usando um conjunto simples de perguntas. Uma pergunta com freqüência me desnorteia: "Você descreveria esse sermão como um sermão ungido?". Com que se parece a unção? O que eu precisaria ouvir, exatamente? A unção pode ser discernida até em uma gravação ou é preciso estar presente para sentir a unção do Espírito?

Geralmente, consideramos a unção sendo a consagração do pregador à medida que o sermão flui de seus lábios. Certamente, Deus unge maravilhosa e misteriosamente os pregadores, mas eu tenho ficado intrigado com os dois outros "alvos" da unção do Espírito — o próprio processo da retórica batizada e a unção inerente à própria Palavra de Deus.

Retórica batizada

Igualamos a unção a um poder que eleva as palavras e as faz voar nas alturas, mas existe um poder assim na simples boa retórica. Considere o Discurso de Gettysburg, por exemplo, ou os discursos de Winston Churchill. Edward R. Murrow disse a respeito dele: "Ele mobilizou a língua inglesa e a enviou à batalha". Certamente,

esses discursos tinham em si algo equivalente à unção. Ou quando Martin Luther King Jr. exclamou na explanada em Washington: "Eu tenho um sonho", isso era unção? Ele era pregador, afinal de contas. Mas isso também é ótima retórica.

A retórica clássica de Aristóteles identificava três ingredientes essenciais para grandes discursos: *logos* (o que nós dizemos), *etos* (o que nós somos) e *patos* (a paixão que levamos à tarefa). Mas é apenas quando o Espírito Santo é acrescentado à equação que temos *unção.* Quando essas qualidades são combinadas em um pregador piedoso e apaixonado, a ótima retórica é beijada pela unção. Kent Hughes, no prefácio de seu comentário das epístolas pastorais, diz que essas três coisas, em santa combinação, de fato são o que fazem o "Espírito Santo encher as velas de alguém, dão a sensação de sua presença e a consciência de que está acontecendo algo entre os ouvintes".

O Espírito de Deus certamente "encheu as velas" de sermões pobres e pregadores atrapalhados de tempos em tempos, mas para que haja regularidade, quando o *logos, o etos* e o *patos* são batizados em Cristo, disso resulta unção. Quando tanto o sermão como o pregador estão cuidadosamente preparados, o Espírito Santo está propenso a derramar o seu fogo.

Parece-me que na Bíblia a mensagem é tão ungida por Deus quanto o mensageiro. A unção parece habitar em mensagens dadas por Deus, como o fogo habita na lava. O fogo está na mensagem, e o aviso ao mensageiro é não deixá-lo esfriar. A unção é mais alçada e entregue do que derramada.

Aqui estão quatro exemplos bíblicos de como perceber a unção na mensagem.

O ponto de virada

Quando tudo depende de para onde o povo de Deus deve ir em seguida, a mensagem de Deus tem uma intensidade ardente. O povo deve ter estremecido quando ouviu Moisés reduzindo suas chances a isto: "Hoje invoco os céus e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida" (Dt 30.19). Ou quando Josué, no final de sua carreira, clamou: "Escolham hoje a quem irão servir, se aos deuses que os seus antepassados serviram [...]. Mas, eu e a minha família serviremos ao SENHOR" (Js 24.15). Essas palavras têm unção; nós trememos diante delas ainda hoje.

Há o clichê na pregação de que todo sermão deve chamar para algum tipo de resposta, mas, sem dúvida, há aqueles domingos, aquelas mensagens que são pontos de virada para uma congregação. A frente deles, "duas estradas separam-se em uma floresta amarela" e fará toda diferença qual a congregação escolhe. Deus pode trovejar ou sussurrar a sua mensagem, mas seu Espírito é derramado em súplicas e desafios em tais domingos.

Você pode ter certeza de uma coisa: Você terá unção quando falar ao povo de Deus com as palavras de Jeremias: "Ponham-se nas encruzilhadas e olhem" (Jr 6.16).

O pregador purificado

O *etos* de um pregador requer piedade. Todo pregador deve chegar ao púlpito com o coração testado por Deus e alvejado pelo sangue. Mas há vezes em que o pregador tem uma experiência parecida com a de Isaías, quando parece que uma brasa incandescente da mão de um anjo cauterizou sua língua. O próprio pregador solitário ouviu uma mensagem cheia de unção, toda para ele, que esterilizou sua cabeça e seu coração. Assim, quando ele se levanta para pregar — não importa o texto que tem diante de si — ele, de forma intensa, quase sopra fogo do seu próprio coração em chamas.

O pregador orou: "Pega o que eu te ofereço, oh Senhor, e me ensina a dar tudo a eles. Sopra por meio da chama acesa dentro de mim, oh Deus, e coloca em minha língua tua brasa viva".

Ele é o homem cujo coração foi quebrantado até que "todas as coisas que me encantam mais" foram lançadas fora e ele espera para falar de uma santa profundidade, tendo, pela primeira vez, grande espaço para Deus. Ela é a oradora cujos olhos, de alguma forma, naquela semana viram a desesperança indisfarçável dos perdidos e ela já não suporta o silêncio. Ele, de alguma forma, viu o Senhor, alto e exaltado, até que seus joelhos enfraqueceram, e sua língua foi atada. Contudo, quando ele prega — na verdade, quase ofegante — o sermão arde em óleo santo.

Pregando a Cristo

Todo sermão deve pregar a Cristo, é claro. Afinal de contas, que tempo temos para temas insignificantes e para atalhos? Mas há aqueles momentos em que a glória de Cristo, a consumação extraordinária do Filho de Deus, pega fogo de forma espontânea no pregador.

Essa explosão santa normalmente resulta da longa contemplação do Salvador. Fitamos, por longas horas, alguma obra-prima bíblica como Isaías 53 — "o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós" (Is 53.6). Ou andamos em volta de Filipenses 2 como um grande monumento: "Não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se" (Fp 2.6). Ou alimentamos nossa extasiada imaginação com as imagens do Apocalipse — "seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece e ninguém mais" (Ap 19.12). E começamos a arder com alguma poesia interior, alguma letra que sinceramente salta de nossos lábios no domingo. Em tais momentos, outra citação não faria isso, nem outro versículo. Podemos até falar sem rimas, mas nos tornamos poetas mesmo assim.

Há momentos também em que a simples suficiência de Cristo quase nos deixa atônitos. As Escrituras quebram nossa casca e vemos com clareza digital que, sem Jesus, todo o resto é cinzas. Uma urgência vem sobre nós: "Você precisa, você precisa! — confiar em Cristo". E suplicamos como se a vida deles dependesse disso. Os ternos e sorrisos nos bancos da igreja desvanecem perante nossos olhos e vemos, em

vez disso, prisioneiros através de suas grades; vemos as faces afundadas dos famintos; vemos a palidez dos mortos, bem ali diante de nós onde momentos antes sentavam pessoas comuns, e precisamos lhes dar Jesus! Elas precisam ser redimidas!

Dave Hansen escreveu em *Leadership [Liderança]* (inverno de 1997) a respeito do sofrimento de seu mentor de ministério e amigo, Bob Cahill. O pastor Cahill contou a Dave: "Desde meu câncer, prego como um homem morto para homens mortos. Quando olho para a congregação, vejo pessoas cuja vida está chegando ao fim e que precisam de Cristo. Você não pode imaginar o que isso faz com sua percepção de unção".

Pregue a palavra!

Em 2Timóteo, Paulo não estimula o pastor Timóteo a buscar unção, mas ele diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus [...]. pregue a palavra" ! (2Tm 3.16; 4.2). A unção já está sobre as Escrituras. A Bíblia já está embebida de óleo santo. Quando eu prego, amo aqueles momentos inexplicáveis em que me encontro flutuando, quando a Palavra é como mel e fogo para mim. Mas o que aprendi da última admoestação moral de Paulo a Timóteo é acreditar que a unção está sempre nas Escrituras mesmo quando minhas palavras parecem rudimentares ou comuns.

Quando nos dedicamos às Escrituras "para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16), a unção está conosco. Quando mostramos como as Escrituras tornam alguém "sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus" (3.15), isso é pregação ungida. Quando exortamos "com toda a paciência e doutrina" (4.2), temos a própria bênção de Deus. Aquela palavra, enquanto somos fiéis a ela, é "viva e eficaz" (Hb 4.12).

Contei a um pregador experiente que eu estava refletindo sobre unção. "E difícil explicar", disse ele, "mas eu sei quando a tenho". Sei o que ele quer dizer, mas não tenho certeza se ele está certo. Se ele quer dizer: "Posso sentir a unção quando ela vem sobre mim, e minhas palavras se transformam em martelos, relâmpago ou remédio", bem, não tenho certeza de que sempre podemos saber. As vezes, a unção é simplesmente recebida pela fé, sem sentirmos o vento ou o calor. Vamos para casa domingo depois do culto humilhados e desapontados com o fato de que aparentemente nada aconteceu. Mas quando, com o coração puro, um pregador cristão proclama as Escrituras ou proclama Cristo ou chama para o arrependimento e santidade, suas palavras certamente são ungidas.

Dessa forma, qualquer proclamação das Escrituras contém unção? Uma preleção tediosa, porém verdadeira, um sermão plagiado ou um pregador insincero da Bíblia tem a unção do Espírito? Sim, penso assim, mas de forma um tanto vaga, fria. É um fogo coberto, uma brasa que mal fumega. O Espírito foi sufocado. Deus é conhecido por usar sua palavra mesmo em casos assim para tocar uma vida. A Palavra anunciada com verdade sempre tem unção, mas quando o pregador se esquivou do óleo do Espírito, até a Palavra do Todo-Poderoso é encoberta e silenciada. É um tesouro em que não se acredita facilmente porque está nas mãos de um mercenário.

Não fique no meio do caminho

Preciso admitir que a unção nem sempre teve uma conotação totalmente positiva para mim. E uma palavra que, de alguma forma, em meu passado ficou pendurada em um *banner* afixado à parede por trás de um pregador todo suado, esmurrando o púlpito, tomado de um delírio de querer condenar todo mundo. Ele *é* o pregador de quem guardo rancor — por não se preparar bem, por abusar da emoção e da culpa, por chorar facilmente, por achar que há algo superior em ser um pregador rudimentar. Ele dá à unção uma péssima conotação: untuoso.

Mas quando reiteramos fielmente as Escrituras, quando nossa exposição exala o que o Senhor soprou nas Escrituras, quando nosso coração se encanta com as verdades das Escrituras e nosso caráter é depurado pelo seu calor, aí há unção.

Capítulo 19

EXTREMAMENTE PURO

Áreas de foco essenciais para o pregador que quer acertar

Kenton C. Anderson

Nesta semana, encontrei-me com um dos meus pastores jovens favoritos. Normalmente, esse jovem me energiza com sua paixão e otimismo. Dessa vez, eu o encontrei arruinado, confuso e constrangido. Seu ministério acabou, pelo menos por enquanto. Ele tem suas desculpas, e algumas delas são atraentes, mas o fato é que ele não pode pregar a Palavra quando as pessoas não estão certas de que podem confiar nele.

A boa prática ética é fundamental para a pregação, e os bons pregadores sabem disso. Para a maioria de nós, não existe dúvida a respeito de nossa intenção em sermos éticos no púlpito. A pergunta é se sabemos o que é certo e se somos capazes de realizá-lo.

Integridade pessoal

O fundamento de integridade na pregação é integridade pessoal e não podemos tomá-la por certo. Três áreas merecem atenção especial.

Sexualidade

Recentemente encontrei uma antiga amiga enquanto esperava um avião. Lembro-me como seu marido pregador a abandonou, seduzido pelo encanto de outra mulher. Agora, anos depois, eu a encontrei bem, crescendo em sua fé e como pessoa; contudo, a experiência deixou cicatrizes terríveis na família. Senti-me encorajado por sua coragem e fiquei triste com a sua dor.

Nenhum pregador tem a intenção de cair em infidelidade sexual, ainda que muitos caiam porque não estabelecem limites sábios para evitar a tentação sexual direta ou não compreendem a relação entre tentação sexual e outros desejos não

sexuais e emocionais em sua vida, como o desejo por poder, intimidade, segurança, aceitação e aprovação. Se não somos maduros espiritual, emocional e relacionalmente, estamos mais sujeitos à tentação sexual.

Se reconhecermos a imaturidade em nós mesmos devemos buscar orientação de um líder maduro, pois o pecado sexual cometido em particular rapidamente se torna público. O resultado é sempre horrível, já que famílias ficam machucadas; e ministros, destroçados. O próprio Deus é desonrado quando seus servos pecam sexualmente.

A sexualidade é uma preocupação tão grande na vida humana hoje que nós, pregadores, precisamos falar a respeito disso, mas precisamos fazer isso apropriadamente. Precisamos decidir antes de tudo que há coisas que faremos e coisas que não faremos. Por exemplo, devemos estabelecer limites relacionais definidos, bem distantes do perigo. Não toleraremos humor imbuído de insinuações sexuais. Não permitiremos que a pornografia estabeleça nem mesmo uma pequena abertura na nossa consciência. Investiremos nossas emoções em nosso casamento e garantiremos que nossas esposas saibam que podem confiar em nós. Com base no conselho de Paulo em Romanos 14 a respeito de irmãos mais fortes e mais fracos, seremos cuidadosos no uso de ilustrações extraídas de filmes porque algumas pessoas podem ter problemas com imagens relativas à sexualidade em outra parte do filme. Queremos pagar o preço para ajudar pessoas a evitar a tentação.

Finanças

Paulo afirmou que os pregadores não negociam o evangelho visando lucro (2Co 2.17). Isso certamente foi a realidade para gerações de pregadores que trabalharam na pobreza. No entanto, exatamente essa pobreza pode levar pregadores mal pagos a serem tentados pelo dinheiro. O mesmo é verdade para os bem pagos que cresceram acostumados com os encantos do dinheiro.

Várias ações importantes podem nos proteger desses perigos. A má administração de nossas finanças pessoais pode nos conduzir à tentação, ao medo ou à amargura que facilmente se insinua na nossa pregação. Portanto, é sensato adotar um orçamento pessoal. De tempos em tempos, devemos instruir nossa igreja acerca do sustento pastoral adequado. A maioria das pessoas leigas não tem conhecimento desse assunto. Se nossa igreja não é realista nem responsável em relação a nosso salário, devemos ter a coragem de negociar com sabedoria, mas sem pressão. Quando recebemos o salário, fazemos isso com gratidão, e não como se fosse obrigação. A melhor maneira de fazer as pessoas perceberem que não somos movidos por dinheiro é não sermos. Devemos examinar nossa alma regularmente para ver se ela está marcada pelo contentamento.

Prestação de contas

O apóstolo Paulo era suficientemente seguro para convidar as pessoas a examinarem sua vida e caráter como evidência da verdade de sua mensagem (ICo 11.1). Talvez esse seja um padrão de escrutínio mais elevado do que muitos de nós aceita-

riam. Quanto mais conscientes estamos dos nossos pecados, menos competentes nos sentimos em levantar e pregar. Contudo, a privacidade não pode ser prometida àquele que afirma falar em nome de Deus. Os ouvintes têm o direito de perguntar se nós praticaremos o que pregamos.

Em vez de desprezar essa prestação de contas, devemos recebê-la de bom grado e até mesmo apoiá-la. Precisamos estar dispostos a estabelecer relacionamentos fortes com pessoas corajosas o suficiente para nos fazerem perguntas duras que nos protejam desses impulsos destrutivos. É aconselhável que limitemos intencionalmente a nossa liberdade evitando até mesmo a aparência do mal. Nada compromete a credibilidade de uma mensagem mais do que uma vida que nega as palavras que o pregador fala. O caráter conta.

Podemos ver um exemplo disso no ministério de Billy Graham e sua equipe. Em 1948, Graham e os seus companheiros de equipe, Cliff Barrows, George Beverly Shea e Grady Wilson se encontraram em Modesto, Califórnia, para determinar os parâmetros éticos para o ministério de pregação. O código resultante, alcunhado de "O Manifesto de Modesto", descrevia quatro compromissos fundamentais. Eles determinaram deliberadamente que evitariam até mesmo a aparência de abuso financeiro. Eles prestariam contas de todo o dinheiro, e essa prestação de contas seria completamente exposta ao público. Eles determinaram que seriam absolutamente honestos em sua divulgação de estatísticas. Eles escolheram exercitar o cuidado para evitar a possibilidade de qualquer impressão de impropriedade sexual, nunca aparecendo sozinhos com uma mulher que não fosse sua esposa. Eles concordaram em cooperar com qualquer igreja local que concordasse com sua visão do evangelho, de modo a evitar qualquer sentimento de competição entre as igrejas.

Muitos devem ter pensado que eles haviam tomado precauções além do que era necessário. No entanto, décadas mais tarde, o ministério de Graham permanece como um padrão de retidão ética. A credibilidade da pregação de Graham tem aumentado de modo imensurável por meio desse compromisso com um caráter deliberadamente escolhido e cuidadosamente mantido por todos esses anos.

Cometeremos erros, às vezes até erros espetaculares. Todavia, se fizermos a sujeira, devemos limpá-la e depender intensamente da graça de Deus.

Veracidade

Ouço pregadores compartilhar histórias de sua experiência pessoal e, depois, ouço outros pregadores compartilhar a mesma história como se ela tivesse acontecido com eles. Pude apenas supor que um deles estava mentindo. Os ouvintes precisam saber que eles podem confiar nas palavras do pregador. Qualquer coisa que possa fazer nossos ouvintes duvidar da nossa credibilidade é um problema ético. Há três áreas de preocupação.

Exegese

A veracidade começa com a boa exegese. A Palavra de Deus foi concedida em linguagem humana, e a linguagem inevitavelmente requer interpretação. Isso não

é tornar a pregação completamente subjetiva; é dizer, entretanto, que há um tanto de compreensão humana envolvida no uso das Escrituras por parte do pregador. Abusamos dessa compreensão, entretanto, se conscientemente usamos nossa posição para manipular o significado para propósitos pessoais: agradar ou impressionar ouvintes, "melhorar" o sermão ou reunir um grande grupo de adeptos. Somos responsáveis por apresentar a verdade clara como a encontramos no texto.

As pessoas não se devem ver obrigadas a aceitar nossas palavras com ceticismo. Alguns pregadores são conhecidos por embelezar as histórias ou usar números "evangelásticos" quando falam de estatísticas, mas nossos pontos nunca são fortalecidos quando distorcemos a verdade a nosso favor, mesmo quando o fazemos porque pensamos que isso serve ao evangelho.

Isso não significa que precisamos ser escravos dos detalhes das histórias que estamos contando. No nosso uso da Bíblia, por exemplo, podemos imaginar um olhar intrigado na face do jovem rico ou uma lágrima no olho do filho pródigo. O texto não nos dá os detalhes, mas não estamos violando a intenção do texto quando os fornecemos.

Plágio

O plágio é uma preocupação particular para o pregador comprometido com a veracidade. Enquanto muitos sugerem que o púlpito permite liberdade de expressão no uso das idéias de outras pessoas, a apropriação não autorizada de propriedade intelectual, sem dar crédito a quem de direito, é roubo. O plágio ocorre sempre que passamos adiante as palavras ou a idéia de alguém como se fossem nossas.

Em minha leitura, eu freqüentemente me empolgo em relação ao modo que o escritor usou para fazer expressar sua idéia. Eu gostaria de ter sido esperto o suficiente para expressar a questão exatamente daquela maneira. A tentação é usar as palavras do autor em um sermão como se elas fossem minhas. Se, entretanto, faço isso, não estou sendo verdadeiro. Um problema maior encontra-se na prática de plagiar sermões inteiros de livros ou da internet e reivindicá-los como se fossem os nossos.

Os pregadores, de fato, devem se apoiar nos outros. É uma boa prática, por exemplo, beneficiar-se de conceitos, comentários e até mesmo construções de sermões oferecidos por outros. Em alguns desses casos, as idéias estão essencialmente no domínio público e não precisam mais ser citadas. Em outros casos, em que as idéias são exclusivas de uma fonte particular ou o uso é mais amplo, precisamos identificar de quem é que nos beneficiamos. Isso não é difícil. Isso pode ser feito oralmente ("Eu gosto da maneira que Rick Warren coloca isso"), no telão que usamos no culto ou no boletim impresso.

Outra área de preocupação é o uso do conteúdo de filmes sem a permissão apropriada. Um trecho de um filme usado de forma criteriosa pode acrescentar

muito a um sermão, mas assim como aprendemos a fazer com as músicas, precisamos obter uma licença geral permitindo o uso limitado.

Manipulação

Certa vez, tive um ouvinte que levantou, acenou seu punho para mim e gritou: "Isso não é verdade". Eu provavelmente tinha feito por merecer. Havia desafiado seu ponto de vista, e ele não tinha uma maneira apropriada de responder. Eu estava em pé no púlpito e tinha todo o poder. A ética na pregação exige que falemos e atuemos respeitosamente para com nossos ouvintes. O púlpito é um lugar de poder, ainda que somente pelo fato de o sermão tradicional oferecer pouca oportunidade para o diálogo ou a interação. Quaisquer meias-verdades ou inverdades podem ser devastadoras para pessoas sem condições de defender-se.

Normalmente temos os melhores motivos. Pregamos de forma que as pessoas encontrem fé em Cristo e que os seguidores de Jesus sirvam para trazer o Reino de Deus à terra. Raro é o pregador, entretanto, que não sente as forças sutis da tentação de manipular nem que seja apenas um pouco. Os fatos podem ser ampliados, as histórias, exageradas, e a retórica pode ser tão inflamada que o ouvinte encontre motivação não apenas no poder da mensagem ou no chamado do Espírito de Deus, mas na emoção produzida do momento. Seminários não ensinam isso, mas ainda assim aprendemos isso bem.

Precisamos ser cuidadosos em motivar mais as pessoas, é verdade, mas não podemos manipulá-las. Manipulamos quando coagimos ouvintes a convicções e ações que eles não aceitariam normalmente. A manipulação ocorre quando secretamente influenciamos uma mudança involuntária no pensamento e na vida do ouvinte.

A motivação é diferente. Pregadores que motivam conduzem pessoas a um redirecionamento pensado. Isso não significa que o ouvinte entende plenamente toda a profundidade e todas as implicações, mas que o pregador conduz o ouvinte a um ponto de descoberta intelectual ou congruência emocional. O ouvinte é cativado pelo momento, não hipnotizado pela propaganda. Existe uma linha sutil entre a manipulação e a motivação e nós precisamos aprender a ficar no lado certo disso.

Precisamos ser cuidadosos em não usar o púlpito como uma forma de intimidar as pessoas à submissão. Embora possamos nos sentir desrespeitados e difamados, o púlpito não é o lugar de nos vingarmos ou de "colocarmos as coisas em pratos limpos". Pregadores, peritos no uso de palavras, podem prejudicar e difamar, e ainda assim soar espirituais e corretos. Pode ser que um pastor esteja em uma batalha com o conselho da igreja sobre uma questão relacionada à estratégia, mas o sermão de domingo não é o melhor lugar para tentar vencer essa batalha. Não é uma luta justa, visto que o conselho não tem oportunidade semelhante para expressar seus pontos de vista.

Durante dois anos, enquanto estudava no Texas, pertenci a uma igreja especial. Eu nunca vi um pastor ser tão profundamente respeitado pelas pessoas a quem foi chamado a servir como o pastor daquela igreja. O homem nem parecia

um pastor. Certamente não era um homem muito espalhafatoso. As pessoas o amavam porque confiavam nele. Enquanto ele lhes apresentava a sabedoria que encontrava na Palavra de Deus, as pessoas não precisavam questionar se ele viveria ou não de maneira coerente. Ele vivia aberta e honestamente perante o seu povo, e eles o seguiam como a poucos pastores que eu conheci.

Aspiro a esse tipo de ministério, pois servimos a um Deus santo a quem amamos e que pedirá contas de nós. A Bíblia diz: "Sejam santos, porque eu sou santo" (lPe 1.16).

Capítulo 20

LEITURA OBRIGATÓRIA

Por que estabelecer um plano de leitura?

Haddon Robinson

Entre as últimas palavras que Paulo escreveu ao seu amigo Timóteo, estão estas: "Quando você vier, traga a capa que deixei na casa de Carpo, em Trôade, e os meus livros, especialmente os pergaminhos" (2Tm 4.13). O apóstolo era um homem idoso se defrontando com a morte nas mãos do imperador. Ele estava acorrentado em uma masmorra inóspita na cidade de Roma. Precisava de sua capa para manter o frio longe de seus ossos, mas precisava de seus livros e pergaminhos para manter a ferrugem longe de sua mente.

Charles Spurgeon usou uma pista desse texto quanto observou: "Até mesmo um apóstolo precisa ler. Ele é inspirado e, ainda assim, quer livros. Ele viu o Senhor e, ainda assim, quer livros. [...] Ele foi arrebatado ao terceiro céu, e ouviu coisas que são ilícitas ao homem proferir, porém ele quer livros. Ele escreveu uma das principais partes do Novo Testamento e, ainda assim, quer livros". Paulo não tinha mais sermões para preparar ou cartas para escrever, mas precisava continuar lendo. Ainda que a vida o estivesse abandonando, Paulo precisava de seus livros.

Os ministros precisam ler. Espera-se de nós que leiamos não por luxo, mas por necessidade. Não podemos ficar sozinhos nessa caminhada. Nosso estudo da Bíblia é enriquecido pelas percepções de estudiosos que se aprofundaram em partes da Bíblia mais do que poderíamos fazer. Apenas os preguiçosos ou estúpidos ignoram o uso dos comentários em sua preparação. Mas nós também devemos abrir nossa mente para perspectivas mais amplas por meio da leitura de livros que não são diretamente sermões.

Obreiros no ministério precisam fazer dessa leitura mais ampla uma das suas principais prioridades, por difícil que isso possa ser. Decida ler trinta minutos por dia, cinco dias por semana. Faça isso por cinqüenta semanas e terá lido 125 horas em um ano. Se você ler trinta páginas por hora, terá lido mais de 3.750 páginas por ano. Se você mantiver esse ritmo por dez anos, terá lido mais de 150 livros de

250 páginas. Se esses livros são bem escolhidos, você pode se tornar uma autoridade em qualquer área. Como o famoso provérbio diz: "A constância surpreende o mundo pelas suas conquistas".

Se você tem um livro na mão, nunca está sozinho, e a leitura permite que você tenha educação continuada sem precisar pagar.

Capítulo 21

COMO DISTRIBUIR CORRETAMENTE A CARGA DA PREGAÇÃO

Os benefícios de formar uma equipe de pregação e como isso funciona em uma igreja

Larry W. Osborne

Quando comecei meu ministério pastoral, considerava o preparo e a pregação do sermão de domingo a essência do ministério. Todo o resto era secundário. A noção de compartilhar meu púlpito era impensável, equivalente à negação de meu chamado.

Mas não demorou muito até que eu descobri que era necessário muito mais do que simplesmente pregar para ser um bom pregador. Desde o início, as pessoas me procuravam para muito mais do que um sermão semanal. Elas queriam de mim aconselhamento, orientação, visão, reforço e inúmeras outras habilidades que tinham pouco ou nada que ver com a destreza no púlpito.

E para a minha surpresa, todas aquelas outras coisas realmente importavam. Quando eram bem conduzidas, nosso ministério prosperava. Quando conduzidas com desleixo, avançávamos com grande dificuldade. Foi quando comecei a pensar em fazer o impensável: dividir o púlpito com outro pastor. Quatro anos depois, decidi colocar isso em prática.

A minha idéia era a seguinte: ao passar a outra pessoa parte da tarefa de preparar e pregar sermões, eu teria tempo para dar um direcionamento melhor a todo o ministério. Isso resultaria em uma igreja e um ambiente espiritual mais saudáveis e, a longo prazo, meus sermões seriam mais eficientes, mesmo que menos freqüentes.

Eu estava certo.

Agora, sete anos depois, estou mais convencido disso do que nunca. Duvido que algum dia eu possa voltar aos tempos do *shoiu* de um homem só. Compartilhar o púlpito tem sido muito benéfico. Ficou provado que foi uma das melhores coisas que já aconteceram para nossa igreja e para mim.

Aqui está a razão para isso — e o que foi necessário para fazer isso funcionar.

O que isso fez à nossa igreja

Uma das coisas mais significativas que isso fez pela nossa igreja foi torná-la mais estável — ao fazê-la menos dependente de mim.

Encaremos os fatos: A freqüência nos cultos e as contribuições, na maioria das igrejas, aumentam e caem com a presença ou a ausência do pastor principal. Qualquer doença prolongada ou mudança para outra igreja resulta em uma queda dramática. Compartilhar nosso púlpito (que em nosso caso significa ter um segundo pastor pregando cerca de 20% a 30% dos cultos de domingo de manhã) ajudou a aliviar o problema ao dar às nossas pessoas a oportunidade de se comprometerem com dois pregadores — e a maioria fez isso.

Como resultado, quando estou fora para uma conferência, viagem missionária ou férias, dificilmente perdemos o ritmo. Nunca existe uma queda considerável na freqüência ou nas contribuições. As coisas continuam caminhando normalmente.

Isso não quer dizer que minha ausência de longo prazo ou mudança para outra igreja não teria um efeito. É claro que teria. Como o líder inicial de nosso ministério e equipe, sou um dente vital na engrenagem. Mas isso não prejudicaria nosso ministério tanto quanto se as pessoas da nossa igreja conhecessem apenas um pastor titular.

A igreja também se beneficiou de outras formas. Os membros receberam uma apresentação mais equilibrada das Escrituras que eu jamais poderia dar sozinho. Apesar de Mike (o outro pastor pregador) e eu compartilharmos a mesma perspectiva teológica central, com freqüência enxergamos a vida e as Escrituras de diferente ângulos. Sou mais prático e orientado para a linha de chegada. Ele é mais um intelectual e estudioso. Assim, cada um de nós acaba vendo coisas e alcançando pessoas que o outro deixa escapar.

Como o pastor principal se beneficia

Entretanto, a igreja não é a única que tem se beneficiado. Eu também tenho, talvez até mais. Para começar, tenho a oportunidade de recarregar regularmente minhas baterias criativas.

Cada um de nós tem um reservatório de criatividade. O reservatório de alguns de nós é mais fundo do que o de outros. Mas todos têm um fundo. A não ser que possamos enchê-lo periodicamente, mais cedo ou mais tarde ele seca. Quando isso acontece, a alegria desaparece da pregação, tanto a nossa quanto a dos nossos ouvintes.

Certa vez, trabalhei em um ministério em que eu era responsável por ensinar cinco a seis estudos bíblicos diferentes toda semana. Durante um tempo, isso foi divertido. Mas depois de três ou quatro semanas, minhas forças começaram a se esvair. Não que eu não tivesse mais trechos bíblicos ou tópicos para ensinar. Eu não tinha mais criatividade e maneiras inteligentes de apresentá-los. O resultado foi um aumento marcante de obviedades, clichês — e um pouco de plágio — e um tédio por toda parte.

Agora, uso minhas pausas do púlpito para reacender a minha criatividade, para pôr em dia a leitura não relacionada à pregação, para refletir e sonhar novos

sonhos. As pausas são uma injeção de ânimo na minha criatividade de uma forma que outra semana de preparação de um sermão não seria.

Também uso as semanas em que não prego para me refazer emocionalmente. A pregação é um trabalho duro e ele cobra o seu preço emocional. Não é pouca coisa levantar e ousar falar em nome de Deus. Não é de admirar que somos conhecidos por tirar sonecas domingo à tarde e folgar na segunda. Entretanto, para mim, a real pregação e preparação de um sermão não é a parte difícil. Amo isso. A parte difícil é saber que tenho outro sermão agendado para alguns dias depois. Isso me deixa sempre tenso e pressionado.

Durante meus primeiros quatro anos na igreja, eu pregava todos os domingos exceto nas minhas férias. Isso significava que, não importa aonde eu fosse ou o que fizesse, o sermão do fim de semana seguinte estava sempre remoendo o meu subconsciente. Acordava no meio da noite para rabiscar um esboço. Levava blocos de anotações nas férias. Em conferências e seminários, desaparecia por algumas horas para elaborar com muito esforço aquele ponto final ou a ilustração final.

O resultado foi um vazamento lento, mas constante das minhas reservas emocionais. Por mais que eu gostasse de estudar e de pregar, a tarefa era exaustiva. Com freqüência demasiada, quando estava na hora das minhas férias, a pregação tinha se tornado uma incumbência desagradável, em vez de um privilégio; eu estava lendo a Bíblia na busca de conteúdo do sermão, não para crescimento pessoal. Além disso, a maior parte do meu ministério estava no piloto automático.

Atualmente, é muito difícil isso acontecer de novo. Noto que minhas pausas semanais do púlpito me liberam do trabalho árduo de preparação antes de eu ter alcançado o ponto da exaustão emocional. Embora eu acabe trabalhando tão duro ou até mais duro durante as semanas em que não preparo pregação, é a mudança na rotina que faz a diferença. A pregação dificilmente pode se tornar monótona quando há uma liberação periódica dela. De fato, sempre sinto falta dela e invariavelmente retorno com entusiasmo intensificado para proclamar a Palavra de Deus.

Compartilhar o púlpito também me ajudou cumprir melhor com as minhas responsabilidades como líder da igreja. Como a maioria dos pastores, tenho uma relação de amor e ódio com a administração: amo o que ela consegue realizar; detesto fazer isso. Não entrei para o ministério para equilibrar orçamentos, supervisionar uma equipe, elaborar a filosofia da instituição ou retornar telefonemas. Mas isso faz parte do pacote e, se quero fazer um bom trabalho, tenho de fazer essas coisas com capricho e de uma maneira conveniente.

Ainda assim, elas não são muito divertidas. Se eu puder achar uma meia desculpa, as adiarei para a semana seguinte. E preparar a mensagem do domingo seguinte tem sido sempre uma grande desculpa. E aqui que entram as minhas semanas fora do púlpito. Quando não estou escalado para pregar, não tenho mais desculpas para adiar as coisas. Aquelas questões administrativas importantes, mas não urgentes que foram adiadas, têm uma oportunidade de subir para o topo da minha lista de coisas a fazer. E, milagre dos milagres, elas normalmente são feitas.

Já me disseram muitas vezes que um dos segredos da saúde e do crescimento de nossa igreja tem sido minha ótima administração. Elas mal sabem que aquilo com que elas estão tão impressionadas nunca teria sido feito se eu fizesse as coisas do meu jeito — ou se eu tivesse de preparar um sermão toda semana.

O que ê necessário para fazer isso funcionar

Por mais valioso que compartilhar o púlpito possa ser, pode virar um desastre se for feito de forma desleixada ou ingênua. Todos ouvimos histórias horríveis de um co-pastorado ideal que azedou ou um de um pastor auxiliar que se transformou em um Absalão no portão. Provavelmente seja por isso que tantos dos meus mentores me advertiram contra isso e que tão poucos pastores façam a tentativa.

Mas eu descobri que isso não é nem difícil nem perigoso contanto que eu preste atenção cuidadosa em quatro fatores-chave.

Confiança e respeito mútuos

A primeira coisa que procuro em uma pessoa para compartilhar o púlpito com ela é que seja alguém que eu possa respeitar e em quem possa confiar. Em segundo lugar, procuro alguém que me respeite e confie em mim.

O poder e o prestígio do púlpito são muito grandes para dá-los a alguém sobre quem não estou seguro. Uma vez que a pessoa está naquela plataforma, é difícil tirá-la de lá.

Antes de entregar o púlpito ao Mike, eu o havia conhecido e observado durante quatro anos. Como a maioria de nossa equipe, ele foi contratado do nosso meio, de forma que sua integridade e lealdade haviam sido testadas ao longo do tempo e por meio de reais desentendimentos. Eu sabia que estava colocando no púlpito um Jônatas, não um Absalão.

Trazer um estranho é muito mais enganoso. Nenhuma quantidade de entrevistas e candidatos pode garantir que duas pessoas trabalharão bem uma vez que realmente estejam lado a lado no trabalho. Apenas o tempo dirá. É por isso que eu esperaria pelo menos um ano antes de começar a compartilhar o púlpito com um membro da equipe contratado há pouco tempo. Eu gostaria de antes confirmar que a pessoa que eu pensei que eu contratei é realmente a pessoa que eu consegui.

Não se equivoque, compartilhar o púlpito pode ser desagradável em um relacionamento fraco. E por isso que as pessoas tendem a escolher lados — mesmo quando não há uma disputa. Tanto Mike como eu descobrimos que, quando algumas pessoas nos agradecem e parabenizam pelo sermão, elas sugerem sutilmente uma crítica ao outro: ᵘMike, *seus* sermões alimentam", ou: Larry, *seus* sermões são práticos". Não é que elas estejam tentando ser maldosas ou cravar uma cunha entre nós; é apenas seu jeito de dizer: "Eu gosto mais de você".

Isso não é uma grande coisa, contanto que entendamos o que está acontecendo e compartilhemos um genuíno respeito e amor pelo outro. Mas se algum de

nós não tiver esse respeito e se começarmos a ver a nós mesmos como competidores, em vez de companheiros de trabalho, esse tipo de comentários aumentará a rachadura, servindo de estímulo e de confirmação das coisas horríveis que pensamos um do outro.

As divisões e os golpes nas igrejas são feitos dessas coisas. E eu sempre esperarei até que eu esteja seguro no relacionamento antes de compartilhar o púlpito com qualquer pessoa.

A boa pregação

A segunda coisa que eu procuro é alguém que realizará um bom trabalho no púlpito. Compreendo que uma coisa tão subjetiva como "a boa pregação" é difícil de ser definida. Mas para nossos propósitos, definiremos um bom pregador como alguém que a congregação pensa que merece ser ouvido.

Eu sei de uma igreja em que o pastor principal tentou sinceramente compartilhar seu púlpito com um pastor auxiliar muito amado. Infelizmente, ele também era um comunicador enfadonho. A freqüência aos cultos caiu drasticamente.

Os melhores candidatos ao período no púlpito nem sempre são os seguintes na hierarquia da equipe. Eles talvez nem mesmo estejam na equipe. Conheço uma igreja em que o pastor de jovens de meio-período foi o escolhido para compartilhar o púlpito. Conheço outra em que o pregador leigo era claramente a melhor pessoa para a tarefa. (Evidentemente, no ministério de um pastor só de tempo integral, tem de ser um leigo, talvez um professor de escola dominical com dons para o púlpito ou alguém que está trabalhando em um ministério paraeclesiástico da igreja.)

A chave é achar alguém com quem os membros se sintam bem e que possa ajudá-los a crescer. Se você fizer isso, as pessoas não se importarão com a posição que aquela pessoa ocupa na hierarquia da equipe.

Em uma igreja menor, é possível alguém ali da igreja mesmo após um período de treinamento.

Quando contratamos o Mike, ele nunca havia pregado um sermão na vida. Mas eu sabia, com base no seu sucesso como professor da Bíblia em uma escola cristã e muitos estudos bíblicos nas casas, que ele tinha o dom. Tudo o que ele precisava era de experiência.

Identidade própria

Uma vez que achei o candidato, ainda tenho de ajudá-lo a desenvolver a sua identidade própria. Caso contrário, ele sempre será visto como meu substituto, alguém que está oferecendo menos do que o melhor.

Descobri que uma das maneiras mais eficientes de apresentar alguém como o outro pregador, e não como meu substituto, é que eu esteja claramente visível sempre que ele estiver escalado para pregar. Para fazer isso, eu, com freqüência,

dou os avisos semanais. Isso faz com que todo mundo saiba que estou bem e não viajei. Isso também manda uma mensagem clara de que ele não está apenas tapando buraco porque não estou disponível.

Isso provou ser particularmente valioso quando comecei a compartilhar o púlpito. Aliás, quando viajei, muitas vezes voltei mais cedo apenas para mostrar a minha cara. Embora isso seja algo que eu não precise mais fazer, essa decisão rendeu altos dividendos durante aqueles tempos iniciais.

Também é importante não entregar sempre os domingos que ninguém quer. Designar alguém para pregar durante minhas semanas de férias e feriados dificilmente é compartilhar o púlpito. Isso é dar só o refugo.

Finalmente, sou cuidadoso quando falo sobre nossas fúnções. Sempre me apresento como "um dos pastores". Nunca chamo o Mike de "meu auxiliar". Ele é o "outro pastor" ou "um dos outros pastores".

Nenhuma dessas técnicas é tão vital quanto o respeito mútuo e boas habilidades para a pregação. Contudo, elas fazem um bom trabalho para estabelecer a credibilidade da outra pessoa no púlpito.

Como satisfazer as expectativas da congregação

Toda congregação tem expectativas (a maioria não escrita), manipuladas com grandes riscos. Para compartilhar o púlpito com sucesso, é importante saber quais são essas expectativas e satisfazê-las ou encontrar uma maneira de mudá-las.

Por exemplo, as pessoas de nossa igreja esperam que eu esteja no púlpito no Natal e na Páscoa. Posso entregar outro domingo sem ouvir reclamações. Mas basta eu não pregar em um desses dias, e terei uma pequena revolta em minhas mãos.

Quanto o púlpito pode ser dividido também é algo que será ditado pelas expectativas da congregação. Como Lyle Schaller observou, igrejas que colocam uma ênfase maior no sermão e na personalidade do pregador do que na eucaristia e no ofício do ministro têm dificuldades em se adaptar a uma intercalação eqüitativa de pregadores.

No nosso caso, somos centrados no sermão. Assim, quando comecei a compartilhar o púlpito, estava forçando a situação quando me ausentava mais de 15% dos domingos.

Agora, estou fora 30%, mas isso provavelmente é a porcentagem mais alta que conseguiremos atingir aqui. O pastor de uma determinada igreja nunca perdeu um domingo em sua longa estadia naquela igreja. Mesmo durante suas férias, ele ia e voltava nos finais de semana para estar no púlpito. Como você pode imaginar, isso produziu uma expectativa incrível na congregação. Quando um amigo meu se tornou seu sucessor, o melhor que ele podia fazer era entregar alguns cultos de domingo à noite e as semanas de férias. Qualquer coisa a mais teria sido interpretado como esquivar-se de suas obrigações. A chave em qualquer situação é saber o que funciona e o que não funciona em uma dada situação e se adaptar a isso.

A pregação, conforme descobri, é apenas uma parre de ser pastor. Pode ser a parte mais importante, mas ainda assim é apenas uma parte. Quando eu aprendi a compartilhar essa parte com um colega confiável e hábil, isso não me tornou apenas um pregador melhor, mas também um pastor melhor. E tornou a nossa igreja uma igreja melhor.

Capítulo 22

COMO PREGAR EM MEIO AO SOFRIMENTO PESSOAL

Se estiver passando por uma crise, seus sermões devem tratar dela?

Daniel T. Hans

"Há dois dias, minha filha Laura morreu." Assim começou o mais difícil sermão que já preguei. Nessa mensagem, intitulada: "Deus no banco das testemunhas", coloquei-me no lugar de Jó, que, quando assaltado por uma tragédia pessoal horrível, declarou: "Mas desejo falar ao Todo-poderoso e defender a minha causa diante de Deus" (Jó 13.3).

Naquele domingo, preguei um diálogo entre mim, como o promotor, e Deus, como o advogado de defesa. Por nove meses, assistira, sem poder ajudar, à minha filha de três anos perder suas habilidades mentais e físicas para um tumor cerebral maligno e eu tinha uma causa forte contra Deus.

Amigos questionaram a sabedoria da minha decisão em pregar tão cedo após a morte de minha filha. Eu poderia resistir a isso? A congregação poderia lidar com o impacto emocional?

Mas se eu não usasse minha vida pessoal como a base da pregação durante esse tempo de crise, eu teria uma platéia ou uma mensagem para o tempo de sofrimento de alguma outra pessoa?

Como fazer a exegese de nossa experiência

Aqueles que nos advertem contra nos tornarmos muito pessoais na pregação suscitam perguntas necessárias. Um pregador tem o direito de levar sua própria confusão e sofrimento para o púlpito? Esse tipo de transparência não foca mais no pregador do que no Senhor? A exposição pessoal não transforma o púlpito em uma novela de TV e denigre o ministério da proclamação a favor do auto-engrandecimento? Certamente, a discrição precisa ser usada quanto ao que o pregador diz sobre questões pessoais no púlpito. Entretanto, em resposta a essas advertências, uma pergunta contrária precisa ser feita: um pregador humano não deveria ser humano na pregação?

Aquele sermão pregado dois dias após a morte de minha filha foi umas das muitas mensagens compostas na beira da cama da minha filha, no hospital e no

seu leito de morte em nossa casa. Aqueles sermões constituíram uma coleção de sentimentos e convicções tão íntimos quanto orações particulares. Preciso confessar que pouca exegese bíblica foi empenhada neles. Minha própria vida se tornou minha fonte primária. Minhas orações e reflexões se tornaram meus comentários.

Enquanto pregava em meio à minha dor, eu não estava consciente de aspectos particulares de meus sermões que mais tarde provaram ser curativos e terapêuticos para minha congregação. Ao olhar para trás, entretanto, posso identificar quatro características da pregação que devem estar presentes sempre que eu tentar pregar em meio ao sofrimento.

Vulnerabilidade: é preciso admitir o sofrimento

A vulnerabilidade encabeça a lista. Embora essa tenha se tornado uma palavra usada excessivamente no jargão do ministério pastoral, ela não tem substituto apropriado. Expressar a dor abertamente no púlpito não se constitui em um pecado profissional para os pregadores. Em várias ocasiões, eu não pude conter as lágrimas. Controlar minhas emoções ligadas à dor não eram problema algum quando me fitava no espelho. Mas, de alguma forma, meu controle desaparecia quando eu estava no púlpito olhando para rostos que visivelmente sofriam comigo. Era doloroso para minha congregação me ver chorar, embora fosse tremendamente terapêutico para eles e para mim. Um membro cujos anos da juventude foram obscurecidos pelo abuso de drogas se confiou a mim: "Suas lágrimas me ajudaram a encarar algumas coisas doloridas na minha vida que eu tentei esconder atrás de um muro falso de coragem".

O melhor recurso para pregar em meio à minha própria dor eram os Profetas do Antigo Testamento e a Literatura Sapiencial. Vasculhei esses escritos profundamente, pois achei a sua fé a melhor reflexão sobre as injustiças da vida, colocadas ao lado da realidade de Deus e da futilidade de tentar categorizá-lo e controlá-lo.

Arthur Gossip, um pregador escocês do começo do século XX, perdeu sua esposa subitamente. Depois do seu retorno ao púlpito após a morte dela, ele pregou: "Quando a vida desaba, o que fazer nesse momento?". Naquela mensagem, Gossip declarou que não entendia essa nossa vida. Mas mais difícil de entender para ele era como as pessoas que se deparam com a perda podiam abandonar a fé cristã. "Abandoná-la para quê?", perguntou ele. Ao falar da pior tempestade de sua vida, ele concluiu: "Vocês, pessoas na luz do sol, podem acreditar na fé, mas nós, nas sombras, precisamos acreditar nela. Não temos nada além disso".

Honestidade: acesso igual à raiva

Uma segunda característica necessária para a pregação em meio ao sofrimento pessoal é a honestidade. A honestidade faz com que a vulnerabilidade preste contas, e é preciso acrescentar a seguinte advertência: Não devemos falar de nossos conflitos do púlpito a não ser que os pensamentos e sentimentos expressos real-

mente pertençam a nós. Se a esperança e a força nos caracterizam, deixemos que sejam conhecidas. Entretanto, se a esperança e a força nos abandonaram, então não devemos fazer de conta que as possuímos. As pessoas enxergarão através de nosso verniz protetor e, portanto, duvidarão de nossa integridade.

Assim como o luto precisa ter acesso ao púlpito, também devemos dar espaço à raiva e à dúvida. Aqui empaquei. Eu havia usado freqüentemente a soberania de Deus como uma desculpa para deixar sem explicação as coisas inexplicáveis da vida. Agora, quando falei de esperança, descobri que estava ignorando as dúvidas que sentia tão fortemente. Não querendo encarar honestamente a minha raiva interna para com Deus, esquivei-me quando surgiram oportunidades para chamar a atenção para a minha indignação em público do púlpito. No ano seguinte à morte da minha filha, escrevi um livro que foi o meu "diário do púlpito" durante aqueles nove meses da angústia da minha família. Um amigo conselheiro me ofereceu este comentário depois de lê-lo: "Enquanto eu apreciava as percepções que você compartilhou, penso que você deixou Deus fora do banco das testemunhas muito cedo. A sua raiva não teve espaço de apresentar plenamente a sua causa contra Deus".

Em retrospecto, acredito que fui muito educado com Deus. Com relação a isso, cheguei a duas convicções: Primeiro, Deus consegue lidar com a raiva, mesmo a de um pregador. Segundo, a congregação precisa saber como o pregador lida com esses sentimentos de raiva que todos nós temos em relação a Deus em tempos de tragédia. Quando a crise surge, a raiva para com Deus é uma das emoções mais honestas que sentimos. Quando descrevemos como nós, pastores, sentimo-nos em tais situações, validamos o sentimento para outros e também provemos um modelo de como lidar com ele.

Embora a expressão de minha dor estivesse mascarada em minha pregação, poucas pessoas perceberam isso. Elas me disseram que aquelas perguntas em chamas que eu lancei a Deus no sermão imediatamente após a morte de Laura proveram alguma libertação emocional a elas.

Uma mãe, que leu aquele sermão aproximadamente dois anos depois que eu o preguei, escreveu para expressar sua gratidão. Ela disse que eu havia lhe oferecido um convite para encarar a raiva que ela ainda carregava sobre a perda do filho dela três anos antes. O ponto principal de sua descoberta foi que, se um ministro podia ficar furioso com Deus, não havia problema em ela fazer o mesmo. Isso a ajudou a começar a processar a sua dor.

Esperança: como encarar o momento e além dele

Um terceiro elemento na pregação em meio ao sofrimento pessoal é a esperança. A esperança permanece como o presente supremo que um pregador pode oferecer à congregação enquanto fala dos vales escuros. Em sua forma mais simples, a esperança redentora de Deus significa que do mal pode vir o bem.

Em outro sermão, após a morte da minha filha, observei a vida de José e Paulo. José disse aos seus irmãos: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem" (Gn 50.20). Apesar da dor de seu espinho na carne, Paulo ouviu Deus dizer: "Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12.9).

No nascimento de Laura, testemunhei da serenidade do momento em que ela foi colocada nos braços quentes da sua mãe. No seu enterro, testemunhei da severidade do momento em que ela foi colocada nos braços frios do túmulo. Ao refletir sobre a minha própria experiência e aquela de José e Paulo, concluí uma mensagem sobre como se apegar na esperança dizendo: "Nossa fé é construída sobre uma misericórdia severa — um homem inocente que foi executado em uma cruz. Que pessoa, na época, pensou que a morte de Jesus fosse qualquer coisa se não uma tragédia sem sentido e severa? Quem agora a veria como qualquer coisa senão a misericórdia de Deus atuando a nosso favor? Quando tantas pessoas em conflito procuram a ajuda de Deus unicamente para livrá-los dos eventos severos, faríamos bem em procurar a misericórdia de Deus para nos ensinar os seus princípios por meio desses eventos severos. Essas últimas obras de Deus, as misericórdias severas, tornam-se as permanentes".

Próximo ao tempo da morte de Laura, um amigo me mostrou parte de uma poesia de Emily Dickinson que ajudou a mim e a minha congregação olhar para o momento e além dele:

> Eu saberei a razão — quando o Tempo tiver acabado —
> E quando eu tiver cessado de perguntar a razão —
> Cristo explicará cada angústia em particular
> Na bela sala de aula do céu.

Paciência: a graça de perguntas não respondidas

O quarto aspecto necessário é a paciência. A impaciência me instigou a procurar uma explicação rápida e fácil para o sofrimento que sobreveio à minha família. Minha maior tentação no púlpito é ver meu chamado para pregar como uma ordem para oferecer explicações definitivas. Eu me sinto muito mais confortável concluindo um sermão com um inspirador desafio à batalha do que com perguntas não respondidas e talvez irrespondíveis. A tragédia pessoal me ensinou que a resposta ao sofrimento humano não pode ser encontrada imediatamente — se é que ela pode ser encontrada.

Quando um pai é confrontado com o diagnóstico de câncer de seu filho, a pergunta inevitável: "Por quê?", precisa ser ouvida. Como eu poderia conciliar o câncer de minha filha de três anos com um Deus todo-poderoso, que tem amor infinito, que, conforme acredito, governa este mundo? Em um sermão, chamei a atenção para o porquê do mal e da bondade de Deus mostrando as tentativas

clássicas e contemporâneas de resolver o conflito. Pessoas de fé que se deparam com uma injustiça trágica tendem a uma das opções seguintes:

- dualismo, com o seu universo governado por deuses bons e deuses maus, co-iguais
- rebaixamento, em que existe apenas um Deus, mas ele é visto como limitado, poderoso, mas não todo-poderoso, fazendo o melhor que pode diante do mal
- negação, como em religiões como a ciência crista, que nega as realidades cruéis da doença, da morte e do mal
- desespero, que desiste de Deus quando ele não vive à altura de nossas expectativas ingênuas e mágicas dele
- autocondenação, com sua pergunta carregada com culpa: "Deus está me punindo?".

Entretanto, uma opção final existe, que, conforme acredito, seja a única escolha coerente com a revelação e a realidade. A existência simultânea de Deus e do mal é um dilema insolúvel. Jó, Habacuque e inúmeros outros que afundaram em dor e confusão pessoais tentaram usar a teologia para controlar a situação, mas, no final, nossas explicações humanas acabam de mãos vazias. Entretanto, existe uma graça nesse por que irrespondível, pois ela nos leva ao próprio coração da fé, a confiante espera paciente em Deus.

Lembro-me de uma conversa que tive com um homem algumas semanas depois do sermão em que eu "entrei com uma ação" contra Deus. Essa era uma pessoa compassiva cujo coração ficara comovido com a morte de Laura, e ele também queria uma resposta para o porquê do sofrimento de minha filha. Ele recapitulou uma parte daquele sermão em que eu acusei Deus de se recusar a curar minha filha voluntariamente. Então, ele confessou: "Eu tenho tido conflito com a fé toda a minha vida. Meu conflito com Deus se intensificou com a doença de Laura. Mas agora eu continuo pensando novamente no que você disse sobre nós querermos o controle absoluto de Deus e a liberdade absoluta da vida. Eu nunca pensei nisso dessa forma. Queremos duas coisas de Deus que, por natureza, não podem coexistir. Estou começando a ver que ter fé não significa ter todas as respostas. Fé é agarrar-se em Deus apesar da confusão".

Que presente maior um pregador pode dar a uma congregação do que um retrato de confiança no Senhor mesmo que o luto e a confusão permaneçam?

Conhecendo nossas limitações — e as deles

Tendo explicado algumas qualidades necessárias da pregação em meio ao sofrimento, preciso oferecer uma palavra de advertência acerca de quando *não* levar crises ao púlpito. Durante três meses anteriores à morte de Laura, à medida que sua condição deteriorava rapidamente, eu não era capaz de fazer referência a ela no

pulpito. Em outros estágios de sua doença, as lágrimas eram algo sob o meu controle. Nesse estágio, entretanto, minhas emoções estavam no limite de tal maneira que eu temia não conseguir recuperar a compostura se as lágrimas começassem a cair. Eu sabia que minha congregação receberia bem as minhas reflexões sobre o estado da Laura, mas quando a dor é muito fresca ou intensa, a sabedoria adverte a evitar referências ã nossa condição pessoal.

Outra ocasião em que não é recomendável pregar é depois que a crise já passou. Eu não percebi que o luto da minha congregação em relação à morte de minha filha não durou tanto quanto o meu. Tendo conduzido inúmeros funerais e tendo me envolvido com o luto de muitas famílias, eu estava bem consciente dos estágios de luto que diferentes pessoas experimentam. Entretanto, quando a pessoa falecida foi a minha filha, eu, de alguma forma, pensei que as regras mudariam. Certamente, outros teriam a mesma intensidade e duração de sentimento que eu trazia! Tal não era o caso.

Depois de um sermão que eu preguei depois de passado muito tempo da minha perda, um membro da igreja disse polidamente à minha esposa: "Eu acho que o Dan falou a respeito da morte de Laura por tempo demais depois da sua morte".

Logo que ouvi isso, senti que a pessoa estava sendo injusta com os meus sentimentos. Entretanto, agora percebo que o tratamento prolongado de meu luto era injusto para com os sentimentos da congregação. Se o pregador de Eclesiastes tivesse previsto o tema desse artigo, ele teria acrescentado esta frase à sua descrição dos ciclos da vida: há tempo de pregar em meio ao nosso sofrimento, e há tempo de pregar além dele.

Eu preguei de tal maneira no dia em homenagem aos soldados mortos na guerra, aproximadamente dois anos após a morte de Laura. Eu li uma nota que havia recebido de uma jovem mãe. Ela havia perdido um filho no nascimento e um segundo filho que tinha o mesmo tipo de tumor que levou Laura. Essa mãe incluiu a seguinte oração, que serve como um bom lembrete quando precisamos pregar em meio à nossa própria dor: "Querido Deus, ensine-nos a rir novamente, mas nunca nos deixe esquecer que choramos".

Capítulo 23

UM PROFETA ENTRE VOCÊS

O que significa ser um ministro de Deus

Maxie Dunnam

Há alguns anos, eu fiquei impressionado com uma mensagem dada em um culto de ordenação de uma igreja. Ela era de Ezequiel 2.4,5: "O povo a quem vou enviá-lo é obstinado e rebelde".

Você pode se identificar com isso?

"Diga-lhe: Assim diz o Soberano, o SENHOR. E, quer aquela nação rebelde ouça, quer deixe de ouvir, saberá que um profeta esteve no meio dela".

Aqui está o cenário dessa passagem: Ezequiel está compartilhando sua história pessoal sobre como Deus o chamou para ser profeta e lhe deu uma visão. O relato bíblico é complexo e vivido, repleto de imagens. Ezequiel viu a glória de Deus descendo do céu. Ela foi tão esmagadora que ele caiu com o rosto em terra (esse é o único lugar em que devemos estar quando estamos na presença do Senhor — o rosto em terra). Deus disse: "Filho do homem, fique em pé, pois eu vou falar com você" (2.1). Então, o Senhor falou.

A mensagem que Deus deu a Ezequiel para pregar foi dada em um rolo. Ezequiel recebeu sua designação de Deus. E ela era um chamado difícil. Não era uma situação promissora — não era a oportunidade para iniciar uma nova igreja na cidade; não era uma oportunidade para servir como o pastor principal na Primeira Igreja do centro à qual todos os membros influentes da cidade pertenciam; não era um chamado para uma situação confortável na região de classe média alta da cidade. Deus tornou isto claro: ao exercer sua missão profética, Ezequiel teria de pregar para ouvidos surdos e viver entre escorpiões. Não havia perspectiva de sucesso para o profeta em seu chamado inicial para o ministério, e o peso da falta total de perspectiva continuou a aumentar à medida que o Senhor continuava falando.

Entretanto, o chamado trouxe consigo o poder do amparo. Jeová tornou a face do profeta mais dura que pederneira (Ez 3.9). A mensagem de condenação que Ezequiel pregaria foi lhe dada para comer (3.1) e ela teve um gosto mais doce que o mel. Daquele ponto em diante, o profeta estava inteiramente do lado de Deus, a palavra e a pessoa eram consideradas a mesma coisa. Assim, quer as pessoas ouvissem quer se recusassem a ouvir, saberiam que um profeta havia estado no meio delas.

Eu não tenho conseguido ficar longe desse texto desde que eu o ouvi há alguns anos. Ele foi e continua sendo uma proposição problemática queimando em minha mente e coração, chamando-me para avaliar meu testemunho e ministério, julgando meu fracasso e me desafiando a um comprometimento mais profundo. Continuo me perguntando: até que ponto as pessoas sabem, enquanto estive com elas, que um profeta esteve em seu meio?

Ezequiel foi o primeiro profeta que entrou conscientemente nessa nova esfera de atividade que pode ser chamada de "cura de almas". O chamado de Ezequiel não foi apenas um chamado tradicional para falar profeticamente; foi um chamado para se importar com indivíduos, para desempenhar um papel pastoral ajudando pessoas a perceber sua situação aos olhos de Deus.

Qual é o papel do profeta-sacerdote? — especialmente quando desempenhado fielmente, de forma que as pessoas saibam que o representante de Deus esteve

entre elas? Ele fala com o povo em nome de Deus e fala com Deus em nome do povo.

Um profeta-sacerdote fala com o povo em nome de Deus

O profeta falou o seguinte em Ezequiel 36.22,23:

> Por isso, diga à nação de Israel: Assim diz o Soberano, o SENHOR: Não é por sua causa, ó nação de Israel, que farei essas coisas, mas por causa do meu santo nome, que vocês profanaram entre as nações para onde foram. Mostrarei a santidade do meu santo nome, que foi profanado entre as nações, o nome que vocês profanaram no meio delas. Então as nações saberão que eu sou o SENHOR, palavra do Soberano, o SENHOR, quando eu me mostrar santo por meio de vocês diante dos olhos delas.

^Ezequiel está dizendo que a honra de Deus precisa ser restaurada à vista das nações, e essa honra está conectada com a santidade de Deus; na verdade, é parte integral dela. Ezequiel está falando com as pessoas em nome de Deus. Nós, também, precisamos falar com as pessoas em nome de Deus. Precisamos chamar o povo de Deus à santidade se queremos chamar a nação à justiça de Deus.

O nome de Deus fora profanado não apenas pelos pagãos, mas pelo seu próprio povo. O mundo de hoje não está dando atenção à igreja, e o mundo de amanhã não dará atenção à igreja até que, e a menos que, aqueles de nós que nos consideramos povo de Deus demonstremos a santidade de Deus perante os olhos do mundo.

Em nenhum outro período houve uma preocupação tão grande com a santidade como hoje. O chamado está vindo de quase todo o espectro da tradição teológica, do calvinismo ao catolicismo. A preocupação com a santidade foi reacendida porque o evangelho tem sido relativizado por aqueles que quiseram revisar a teologia cristã. A santidade é uma questão de vida ou morte em nossa cultura atualmente? Essa é uma questão importante porque nossa cultura se tornou sem valores, quase completamente libertina.

Essa libertinagem reforça a necessidade de santidade e fortalece a afirmação das Escrituras de que a santidade não é uma opção para o povo de Deus. O profeta precisa falar com as pessoas em nome de Deus lembrando-as dessa ordem para ser santo. Não é provável que as nossas palavras proféticas à nação sejam ouvidas a não ser que exista ao menos um restante do povo de Deus que procure ser, como o apóstolo Paulo, imitador de Deus — santos como ele é santo e vivendo no amor de Cristo como Cristo nos amou e se ofereceu por nós, uma oferta perfumada e um sacrifício agradável a Deus (cf. Ef 5.1,2).

A santidade e o amor não podem estar separados

A santidade sem o amor não é o tipo de santidade de Deus. E amor sem santidade não é o tipo de amor de Deus. Nossa função sacerdotal profética de falar com

o povo de Deus requer que nos identifiquemos com as pessoas, que tenhamos paixão por sua salvação e tenhamos uma compaixão tal que vai até sofrer por sua causa.

Até que ponto os nossos membros sabem que realmente nos importamos com eles? Assim como Javé tornou Ezequiel responsável, ele não nos tornou responsáveis por aqueles que confiou ao nosso cuidado? Isso foi mais dramático no caso de Ezequiel. Javé ameaçou exigir a vida do profeta se ele permitisse que as pessoas morressem sem serem avisadas. Assim, Javé disse a ele: "'Portanto, comece a gemer, filho do homem! Comece a gemer diante deles com o coração partido e com amarga tristeza" (Ez 21.6).

Você está gemendo perante os olhos do seu povo? Os seus ouvintes veem esse tipo de paixão fluindo de sua vida?

Quem são as pessoas em sua congregação que, embora possam ser membros da igreja, realmente sentem que não fazem parte? Quem são as pessoas na sua comunidade que ainda precisam receber uma mensagem clara de você, pessoalmente, e de sua congregação de que você se importa profundamente com elas e que Deus as ama? E quanto aos pobres? Você está comprometido com a verdade irrefutável das Escrituras de que Deus fez uma opção preferencial a favor dos pobres? E quanto aos trabalhadores pobres, sabendo que entre eles encontramos principalmente as mães solteiras?

E quanto ao vasto segmento de pessoas em cada comunidade para quem Cristo e sua igreja são realmente estranhos? Você está ordenando sua vida e a vida do culto da sua igreja, seu ministério e missão de tal modo que isso vá até o campo delas, e você procura falar a linguagem delas, uma linguagem que elas entendem? Você oferece algo que vá ao encontro das suas necessidades — não no local onde você gostaria que elas tivessem, mas onde elas realmente estão?

E quanto às pessoas em recuperação, aquelas que querem se libertar das drogas e do álcool? Sua igreja é uma comunidade acolhedora e hospitaleira a ponto de ajudá-las a quebrar as correntes da vergonha e da culpa?

"Comece a gemer, filho do homem" (21.6), Deus disse a Ezequiel — e ele diz isso a nós. Mostre às pessoas que você se importa, que você fala em nome de um Deus que nos ama, que perdoa nossas iniqüidades e cura nossas doenças, que nos restaura à nossa plenitude e nos dá alegria.

Um profeta-sacerdote fala com Deus em nome do povo

Não falamos somente com o povo em nome de Deus, mas falamos com Deus em nome do povo. Nosso gemer se torna nossa intercessão, nossa súplica com Deus a favor do nosso povo. Uma das ações que Deus chamou Ezequiel a realizar foi deitar por um tempo considerável, primeiro do lado esquerdo e depois do lado direito, a fim de carregar a culpa de Israel. Deus apresentou esse requerimento em Ezequiel 4.4: "Deite-se então sobre o seu lado esquerdo e sobre você ponha a iniqüidade da nação de Israel. Você terá que carregar a iniqüidade dela durante o

número de dias em que estiver deitado sobre o lado esquerdo". É um chamado poderoso para a identificação com nosso povo e o sofrimento por ele. É um chamado e uma ordem para a intercessão.

O mais relevante avanço que eu tive em minha vida de oração durante a década passada foi resultado da minha decisão três anos atrás de achar um modo de orar especificamente por nossa comunidade aqui no seminário. No começo de cada ano, divido nossa comunidade em subgrupos, de modo que, antes que o ano termine, tenho a oportunidade de orar por todas as pessoas em nossa comunidade. Ao menos essa é minha intenção. Antes da semana em que estou orando por um grupo particular de estudantes, de um departamento e do corpo docente, eu lhes escrevo uma carta e os convido a compartilhar suas alegrias e seus motivos de gratidão, de modo que eu possa celebrar com eles. E, depois, peço que compartilhem suas necessidades e preocupações, de modo que, dessa forma, possa concentrar minha atenção.

Durante as duas últimas semanas, tenho orado por um jovem casal que acabou de noivar e outro casal que está lutando desesperadamente para manter seu casamento. Eu tenho orado pela esposa de um dos nossos estudantes. O esposo é surdo e ela está tendo dificuldades para arranjar emprego. Tenho orado por um bebê que acabou de ser concebido, o primeiro filho que esse casal terá. Mas também tenho orado por um bebê de seis meses que nasceu quase cego, está sendo alimentado por meio de um tubo em seu estômago e tem pés tortos que estão engessados — o primeiro filho da irmã de um estudante. Tenho orado por um pastor estudante que está em seu primeiro conflito com a congregação (e não lhe contei que esse é apenas o começo!). Tenho orado por um grupo de estudantes que estão em um projeto missionário na Venezuela. E tenho orado por três dos nossos professores que estão na América do Sul.

Não faço nenhuma afirmação a respeito do impacto e da influência de minhas orações na vida dessas pessoas — embora dificilmente passe uma semana sem que eu tenha uma afirmação comovente vinda de alguém. Mas o que é realmente importante é que, desde que eu comecei minha prática de oração, minha vida mudou. O modo com que eu faço meu trabalho como presidente dessa instituição foi transformado. Na profundidade de minha preocupação e compaixão, existe uma intensidade de espírito, porque falo com Deus em nome dessas pessoas.

Quer ouçam quer deixem de ouvir, elas saberão que um profeta esteve no meio delas.

Deus nos chama para sermos servos que ouvem e obedecem

Na história do chamado de Deus a Ezequiel nos capítulos 2 e 3 do livro que leva seu nome, Deus deu alguma direção a ele, algumas promessas que podemos aplicar a nós mesmos. Primeiro, Deus disse a Ezequiel: "Levante-se [...], e lá falarei com você". A lição? Devemos ouvi-la. Nossa postura precisa ser sempre uma postura receptiva. Fale, Senhor, seu servo está ouvindo.

Segundo, depois de ouvir o chamado de Deus para se levantar, de modo que pudesse falar com ele, Ezequiel disse: "Enquanto ele falava, o Espírito entrou em mim e me posem pé, e ouvi aquele que me falava" (2.2).

Deus chamou Ezequiel para se levantar, mas depois, como Ezequiel disse: "Um Espírito entrou em mim e me levantou". Deus não nos chama para uma missão que podemos realizar dentro dos limites de nossa própria força e com os nossos próprios meios, mas unicamente com a sua ajuda divina. Desse modo, somos mantidos de joelhos, dependentes dele.

Terceiro, Ezequiel 3.1-3 diz: "E ele me disse: 'Filho do homem, coma este rolo; depois vá falar à nação de Israel'. Eu abri a boca, e ele me deu o rolo para eu comer. E acrescentou: 'Filho do homem, coma este rolo que estou lhe dando e encha o seu estômago com ele'. Então eu o comi, e em minha boca era doce como mel". Precisamos nos tornar um com a palavra de Deus. O que dizemos precisa corresponder a como vivemos. Só nesse momento é que as pessoas saberão que um profeta esteve no meio delas. Robert Murray McCheyne observou: "A maior necessidade de minha congregação é minha própria santidade pessoal".

Tão santo quanto queremos ser

Em todos os anos do meu ministério, a maior necessidade de minha congregação foi minha própria santidade pessoal. Lembro-me de um tempo no começo da década de 1960 quando fui confrontado com uma compreensão chocante: "Sou tão santo quanto quero ser". Eu era um jovem pastor metodista no Mississipi. Era o pastor coordenador de uma congregação que havia experimentado enorme crescimento e sucesso. A comunhão daquela congregação ficou fragmentada em virtude do meu envolvimento no movimento de direitos civis. Eu não sabia que havia qualquer coisa radical no meu envolvimento, mas muitas pessoas na congregação não conseguiam compreender o meu comprometimento e participação. E eu não conseguia compreender a falta de compreensão delas. O evangelho parecia claro.

As pressões, o estresse, a tensão me esgotaram. Eu estava física, emocional e espiritualmente exausto, pronto para entregar os pontos quando fui a um *ashram*[1] cristão liderado por E. Stanley Jones. Jamais esquecerei quando fui ao altar em um entardecer e quando o irmão Stanley colocou suas mãos sobre mim e orou por mim. Ele conhecia a minha história. Nós havíamos estado juntos naquela semana. Quando me ajoelhei, ele disse: "Você quer ser completo e íntegro? Você quer ser santo?". Essa foi uma experiência santificadora em minha vida que mudou o rumo do meu ministério.

Ao longo dos anos, constantemente tenho me perguntado: Quero ser santo? E tenho me lembrado muitas vezes de novo que realmente sou apenas tão santo

[1] [N. do T.] *Ashram é* local de retiro espiritual de formato semelhante a retiros hindus, mas com práticas e conteúdo cristãos.

quanto quero ser. E quanto a você? Para poder falar com o povo em nome de Deus e com Deus em nome do povo, sua vida e sua palavra precisam estar em harmonia. Quando o que você diz ao povo em nome de Deus está em concordância com a maneira em que você vive entre o povo como um imitador de Deus, o povo saberá que um profeta esteve no meio deles. Espero e oro para que as pessoas de toda congregação em que você ministrar saibam que um profeta esteve no meio delas.

Capítulo 24

QUEIMANDO GASOLINA LIMPA

Avalie os motivos e emoções que energizam sua pregação

Scott Wenig

Bem-intencionados ou não, os pastores estão em uma batalha diária e, às vezes, levamos essa batalha à nossa pregação. Frustrações podem sangrar em nossos sermões e influenciar nossa paixão negativamente. Pregamos com paixão, mas estamos queimando o combustível errado.

Lembro-me de pregar depois de ter sido profundamente machucado por alguém. Eu não estava processando meus sentimentos corretamente, e minha raiva vazou no sermão sem que eu percebesse. Pessoas até mesmo vieram mais tarde e perguntaram o que estava errado — elas conseguiam ouvir a raiva na minha voz.

Também podemos ter problemas quando usamos a congregação como um disfarce para pregarmos a nós mesmos. Lembro-me de um episódio de um pastor que pregava veementemente contra a pornografia, e mais tarde descobrimos que ele mesmo estava enroscado nela. Sua pregação resultou da sua motivação de querer resolver seus problemas pessoais.

E também me lembro de um tempo cinco anos atrás quando estava exausto e tentei pregar um sermão motivacional, para reagrupar a tropa. Achava que estava rentando encorajar a igreja, mas eu estava realmente tentando encorajar a mim mesmo. Soei falso, pois simplesmente não tinha nada a oferecer.

Joe Stowell conta uma história de mais um poluente. Enquanto estava em uma igreja em Michigan, decidiu que algumas pessoas na congregação precisavam de uns acertos e consertos e que ele usaria o púlpito para alcançá-las. Mas Deus invariavelmente protegeu aquelas pessoas de suas exortações — toda vez que ele estava preparado para descer o chicote nelas, elas não iam ao culto naquele domingo. Ele finalmente percebeu que o Senhor estava lhe mostrando a não repreendê-las severamente, mas a amá-las e lavar seus pés. Toda congregação tem seus membros irritantes, mas usar o púlpito para pegá-los é uma má motivação.

Existe uma atitude subjacente na história de Joe que é comum entre nós. Os pregadores podem ficar tentados a pensar que as pessoas aí fora não se importam com Cristo, a igreja, o ministério ou o reino e seu progresso — elas vêm só para

ficar sentadas. Esse tipo de pensamento cria a tentação de malhá-las. Vamos ao povo de Deus com a pressuposição de que não são o que deveriam ser e, a menos que os alcancemos com a vara homilética, nunca serão.

Um colega meu, agora com mais de sessenta anos, disse que essa tinha sido a abordagem de seu primeiro pastorado logo depois que saiu do seminário. Todo domingo, ele malhava a igreja do púlpito. Não era uma coisa movida pelo ódio; teológicamente, ele apenas sentia que o povo precisava ser motivado pela vara. Depois de seis ou sete anos, percebeu que a igreja não gostava dele e ele não gostava da igreja e teve de deixá-la. Ele agora olha para isso no seu passado e diz a seus estudantes: "Em tudo que fizerem, nunca ajam com essa atitude".

A conseqüência de uma pregação dessas é que as pessoas não sentem que as amamos. Na maioria das áreas urbanas dos Estados Unidos, se as pessoas não gostam do tom da nossa igreja, se não sentem que alguém se preocupa com elas, vão a outro lugar. Obviamente, isso machuca. Além disso, cria uma mentalidade de culpa. A culpa é um motivador medíocre para a vida cristã e não inspira mudança transformadora verdadeira. Normalmente, você se sente mal por quinze minutos, mas então pára no McDonald's e vai para um jogo de futebol, e a culpa se dissipa rapidamente.

Talvez o resultado mais perigoso de queimar gasolina ruim é que isso cria apatia. William Barclay disse que não existe nada mais perigoso do que a experiência repetida da emoção sem a tentativa de colocá-la em prática. Toda vez que alguém sente um impulso nobre sem agir, torna-se menos e menos apto para fazer qualquer coisa. Descarregar emoção na congregação é pernicioso se o seu propósito não é encorajá-los a fazer algo construtivo com essa energia. A menos que você dê às pessoas algo para fazer, você involuntariamente cria apatia.

Onde conseguimos o combustível certo para a paixão de nossa pregação? Um combustível limpo para a pregação apaixonada é o desejo de ver o reino de Deus progredindo. Haddon Robinson chama isso de "pregando o ideal em vez do padrão". Levantamos a barra e desafiamos as pessoas ao mais elevado ideal — até que queiram fazer parte disso, até que queiram fazer sua vida ter valor.

Várias ilustrações bíblicas mostram fontes de pregação apaixonada. No final de Lucas 11, Jesus interage com um grupo de fariseus, e quase dá para sentir a fúria transbordando da página. Os fariseus estavam machucando e enganando outros, e Jesus ataca sua visão falsa da religião. Onde Deus vê falsa religião ou espiritualidade inautêntica, ele se torna intenso em relação a isso, e nós também devemos fazer o mesmo.

Nos primeiros dois capítulos de Gálatas, Paulo também se torna muito intenso acerca da doutrina. O que pensamos sobre Deus e como ele interage conosco importa muito. Importava tanto para Paulo que ele estava querendo ficar em pé sobre a sua caixa de sabão e gritar. É como o pai que vê seu filho fazendo algo que o machucará.

O historiador Paul Johnson escreveu: "Idéias têm conseqüências". Se vemos as pessoas se desviando bíblica, teológica ou moralmente como ovelhas para o abismo profundo, isso deveria incitar em nós um ardor divino.

Precisamos distinguir entre indignação correta e raiva impura em nosso coração. Quando eu estava pregando sobre aquela passagem de Jesus com os fariseus, falei com paixão enquanto pregava sobre a religião autocentrada e auto-enganada. Mas eu usei meu próprio exemplo como ilustração, citando casos em que eu fora auto-centrado ou auto-enganado. Em vez de apontar o dedo e dizer: "Você é autocentrado", compartilhei a partir da nossa condição humana comum.

Também me perguntei: "Estou crescendo em meu amor por Deus e pelos outros?". Todas as igrejas têm problemas, confusões e fraquezas. Mas se estou crescendo no meu amor pela igreja e quero vê-la se tornar o que Deus pretende e, se tenho uma preocupação crescente com os pobres, oprimidos e negligenciados, minha paixão será pura porque é um reflexo da paixão no próprio coração de Deus.

Capítulo 25

COMO PREGAR QUANDO COMEÇA A FALTAR OXIGÊNIO

Você precisa reacender as chamas domingo após domingo

Mark Buchanan

Amo pregar. Odeio pregar. A melhor descrição está em Jeremias: é como fogo nos ossos. E trabalho santo e trabalho terrível. Deixa exausto, mas alegra; entusiasma, mas consome.

Nas segundas feiras, sou restos chamuscados. Quanto mais queimei no domingo — quanto mais preguei com convicção ardente e esperança radiante — mais queimado e arrasado estou na segunda. Estou agitado, mas não tenho iniciativa para fazer nada ou, se tenho, falta a energia para me sustentar nisso. Estou exausto, morto de cansado, experimentando o que muitos Pais da Igreja no deserto chamaram de *acedia* ou prostração: um amortecimento interno provocado pelo intenso calor do sol.

O pior de tudo, a segunda-feira é vivida com a consciência de que eu preciso fazer tudo isso de novo no domingo seguinte. As segundas-feiras são os dias em que eu preferiria vender sapatos.

Mas então o domingo vem, e os ossos ardem novamente. Sou mais uma vez um tição recém-aquecido nas mãos de Deus. Se eu não prego, fico com uma tristeza dolorida. Eu me irrito mais com não pregar do que com pregar. "Mas, se eu digo: 'Não o mencionarei nem mais falarei em seu nome', é como se um fogo ardesse em meu coração, um fogo dentro de mim. Estou exausto tentando contê-lo; já não posso mais!" (Jr 20.9).

Assim, amo a pregação e a odeio.

A surpresa é que dez anos de pregação não diminuíram isso. Isso tem, na verdade, aumentado e intensificado. Todo domingo há a paixão, se eu prego, e a

dor, se não prego. Na segunda, tanto faz, há um caminho intimidador — tanto por ser muito longo quanto por ser muito curto — que preciso trilhar até o domingo seguinte. Pregar não é trabalho. E fogo.

Como devemos viver com esse ciclo de fogo e cinzas e fogo novamente?

Pregação quando começa a faltar oxigênio

Essa situação, no mundo físico, refere-se ao fenômeno em que um fogo diminuiu porque queimou todo o oxigênio na sala — então, se de alguma forma surge uma abertura na sala — uma porta é aberta ou o teto é perfurado pelo próprio fogo — ar carregado de oxigênio entra com força e causa uma explosão. Vento fresco encontra um fogo quase morrendo e novamente está furiosamente flamejante.

Esse fenômeno físico é uma boa metáfora para o chamado para a pregação. E exatamente o que eu descrevi: o que extingue tudo que está dentro e quase apaga a si mesmo; depois, o fogo encontra vento fresco e se expande novamente. Sabendo que isso é o modelo do resto da minha vida, tenho me tornado desesperado por disciplinas que me ajudem a viver com isso. Aqui estão três.

Espere interrupções divinas

O sermão tem o poder hipnótico da sedutora. Ele persuade-me, ordena-me e instiga-me. "Venha para mim", o sermão sussurra. Quando isso fracassa, ele se torna grosseiro: "Venha aqui agora! Se não...". Ele freqüentemente habita meu sono, uma vaga ansiedade se arrastando pelos cantos dos meus sonhos. Incontrolável, o sermão se torna uma obsessão.

Não tenho uma grande história de vitória pessoal para relatar aqui. A melhor coisa que eu encontrei foi a prática da confiança em Deus quanto ao meu tempo.

Jesus estava sempre sendo interrompido — por homens cegos, leprosos, fariseus que se encontravam com ele à noite, pais desesperados com filhos endemoninhados ou morrendo, mulheres pecadores pegas em adultério ou colocando perfume em seus pés. E ele estava sempre interrompendo outros — coletores de impostos contando dinheiro, pescadores remendando redes ou puxando-as para cima, perseguidores indo para Damasco. Muito de seu ministério transformador aconteceu por meio de interrupções.

Muitos de nós que pregamos somos os sacerdotes e levitas na história que Jesus contou do bom samaritano. Estamos tão inflexivelmente focados nos nossos deveres com o templo que perdemos o que Deus tem para nós à beira da estrada. A única cura que conheço é o comprometimento diário e intencional da espera por Deus nas interrupções. (Enquanto eu escrevia isto, Deus interrompeu a minha agenda três vezes. Dois telefonemas, um de um homem à margem da fé salvadora e precisando de um pouco de atenção extra; o outro de um homem de outro credo interessado em realizar um trabalho para a igreja. A terceira interrupção foi de uma mulher pedindo alimento. Ela e seu filho não tinham nada para comer. "Eu vim a você faminto . Jesus disse. "Você percebeu?". Eu estava tão ocupado que quase não percebi).

Viver uma teologia de interrupções abre minha alma para o vento fresco que reacende a minha chama.

Busque o silêncio

Existe um parágrafo lindo na biografia que Carl Sandburg escreveu sobre Abraham Lincoln na qual descreve os primeiros anos de Lincoln e o segredo de sua força posterior: "Na solidão da mata, ele convivia com árvores, com o rosto do céu aberto e a água nas diferentes estações, com aquela ferramenta individual de um homem só, o machado. O silêncio o tomou para si mesmo. Na sua formação, o elemento do silêncio foi imenso".

Nosso mundo não é como o de Lincoln; está atravancado de imagens, retinindo de todos os tipos de barulhos, ininterruptamente agitado. A floresta desapareceu, e o refúgio não tem mais lugar. Agora, os que querem manter o silêncio precisam buscá-lo.

Perto de onde moro, existe um rio que nasce em um grande lago. O rio faz curvas como um labirinto em seu caminho de descida para o oceano. É ali que eu vou para ter silêncio. No verão, nado. No outono, pesco. No inverno e na primavera, caminho na areia da margem do rio. Ali eu ouço.

Como uma noite escura faz com que as estrelas brilhem mais, assim a espera no silêncio dá às palavras clareza e brilho. Eu vou àquele lugar cansado de palavras, mas ressurjo novamente pronto para ouvir e falar uma palavra no tempo certo.

Conecte com os elementos

A pregação é elementar. Há água, vento, terra e fogo. A pregação nasce do fogo. Aquele fogo é alimentado, não abafado, pela água do Espírito, intensificado pelo vento do Espírito e, então, misturado nos elementos terrenos da carne e dos ossos. Viver no ritmo e estrutura do fogo requer que eu também viva com a terra, o vento e a água.

Minha busca pelo silêncio no rio em parte serve para isso. Mas há mais. Eu trabalho com madeira. Ando de bicicleta. Faço jardinagem. Nado em rios de correnteiras frias e oceanos de ondas bravas. Toco a terra, mergulho na água, vou até os espaços abertos onde o vento acaricia ou esmurra. Conecto de novo o que está dentro de mim com o que está fora, minha mente com meu corpo e meu corpo com o seu ambiente.

Fazer jardinagem dessa maneira é maravilhoso. As palavras "humano", "humilde" e "húmus" compartilham a mesma raiz. Jardinar é algo adámico, é tocar o húmus do qual somos feitos. Isso é humildade e humanização.

Existe algo em colocar a semente e o bulbo na terra, em podar os galhos até o branco do caule e observar a gota de seiva se formando no lugar do corte, em colocar o adubo e ver as minhocas se retorcendo na terra, cheirar a grama cortada ou os galhos queimados, comer cenouras recém-arrancadas ou pêssegos que acabam de ser co-

lhidos — existe algo nisso tudo que me ajuda a aceitar minha humanidade novamente.

E também existe algo nisso tudo que me ajuda a encontrar novamente, inesperadamente, o Cristo ressurreto, como Maria Madalena pensando que ele era o jardineiro.

Não precisa ser necessariamente jardinagem, é claro. Pescar, caminhar, fazer pão, construir casas de passarinho ou rebocar uma parede — qualquer coisa que conecte de novo nossa mente com nosso corpo, e nosso corpo com os elementos.

Cinzas quentes da segunda feira

Eu escrevi isso em uma segunda-feira fria de inverno. Antes de começar, fiz um fogo no forno à lenha perto da minha escrivaninha. Cortei uma casca de pinheiro com seiva incrustada em pequenos tocos, coloquei isso no jornal da semana anterior amassado em cima de uma base grossa de cinzas brancas e cinzas escuras (os restos de muitos fogos) e joguei o fósforo. Depois que consegui fazer o fogo pegar, coloquei vários pedaços de pinheiro e cedro amarelo em forma cruzada, fechei as portas do forno e ajustei os abafadores.

Depois me sentei para escrever. Quando havia quase terminado, percebi que a sala tinha esfriado. Levantei para verificar o fogo. Abri o forno e primeiro só vi escuridão e fumaça negra. Eu havia fechado demais os abafadores, e o fogo estava quase apagado. Os cepos de lenha estavam ali, parcialmente queimados, inertes, fumegando. Mas isso apenas durou um momento.

Em forma de redemoinho entrou ar pela porta aberta, o ar soprou um pouco na lenha e a incandesceu. Subitamente, ela pegou fogo. As chamas saltaram de repente e a lenha começou a estalar com o calor delas.

Pregação quando começa a faltar oxigênio

É segunda, mas o domingo está chegando. Eu não estou pronto para pregar de novo. Aliás, neste exato momento, não quero pregar nunca mais. Sinto-me como lenha parcialmente queimada em cinzas frias. Mas não quero me preocupar com isso. Sei que Deus abrirá as portas novamente, deixará o ar entrar com força.

E o que faço agora? Vou lá fora cortar lenha.

Capítulo 26

POR QUE CAMINHO ANTES DE PREGAR

Compreendendo o pânico do fim de semana

Walter Wangerin Jr.

Na noite anterior à minha pregação, caminho — para frente e para trás no meu quarto, sussurrando pensamentos relativos ao sermão, testando-os, descartando

centenas de pensamentos, exultando sobre um ou dois que brilham como moedas, investindo nestes.

Fico sem fôlego quando caminho. Faço barulhos estranhos. Mas a casa precisa estar tão silenciosa quanto a morte. E o Deus poderoso precisa estar ao meu lado para me salvar, porque certamente grandes ondas de dúvida virão me esmagar, e, nesse momento, gaguejo: "Ajude-me. Senhor!", e falo de modo ofegante: "O que o Senhor quer que eu diga?".

Nem toda a interpretação das Escrituras no mundo conseguirá me salvar dessa viagem noturna em águas tempestuosas: devo pregar e fico assustado com essa idéia. Nas poucas horas em que durmo, sonho. Em meus sonhos, chego à igreja atrasado, e as pessoas estão indo embora. Não consigo achar minha beca, minhas roupas estão surradas, e as pessoas estão impacientes. Ou (o segundo pior horror) em um estalo no meio da pregação, percebo que estou de cuecas. Ou (o pior de tudo) esqueci totalmente o que havia planejado dizer.

Eu acordo às 5 da manhã. Não como porque não consigo. JVÍeu ser interior está tão instável quanto a água. Mas quando encontro as pessoas, meu ser exterior assumiu um sorriso, fala suavemente, toca todo mundo e se dirige para o culto com segurança. E eis que lá estou eu pregando.

E em algum domingo qualquer, tenho êxito. Ninguém espera um colapso pastoral. Todo mundo toma esse sermão como certo, enquanto eu sussurro grandes porções secretas de gratidão a Deus. Mas quando o sábado chega de novo, estou novamente caminhando, de olhos arregalados e apavorado.

Você também? O sucesso também causa espanto a você, visto que a perspectiva de pregar já tinha horrorizado você?

Quando eu era jovem, pensava que a experiência acalmaria os meus medos. Não foi o que aconteceu. Durante anos, orei a Deus que me concedesse uma paz pré-sermão. Deus não concedeu isso, e me culpei pela falta de fé.

Mas agora fico pensando: Talvez o medo seja parte dos ossos do ofício. Talvez, porque essa tarefa exige o pregador por inteiro, nosso ser inteiro fica envolvido na tensão do preparo, e assim o nosso estômago começa a se manifestar.

Pregar é — mas não somente — uma função do nosso intelecto. Estamos fazendo mais do que passando puro conhecimento às pessoas. Nossas almas são desafiadas a crer no que falamos. Além disso, crer significa que nós *experimentamos* o que declaramos: é uma parte de nossa história pessoal, real no sofrimento e na alegria, real no pecado, real no perdão e na graça e na liberdade. Assim, tornamo-nos uma evidência em pé do que pregamos, e o nosso ser todo — alma e mente e corpo e experiência — participa no momento sagrado da pregação.

Ê Cristo quem salva. Mas na comunidade humana, é esse vaso particular cuja voz, cuja pessoa e cuja pregação proclamam a Cristo. Não, não posso me esconder em minha capa de autoridade e ainda persuadir as pessoas de um Jesus amável, encarnado, próximo e que nos envolve.

Nunca posso abstrair o meu *eu* de minha pregação, já que o propósito e a paixão da tarefa envolvem o meu amor. Prego porque amo, amo duplamente. Esses dois amores definem meu ser.

Pois amo o Senhor, o meu Deus, com todo o coração e com toda a minha alma e toda a minha mente. Não tenho nada mais importante em todo o mundo para transmitir a qualquer pessoa do que o Único que amo completamente. Essa é uma responsabilidade estupenda. E é minha, porque não posso separar meu amado do meu amor, nem meu amor de mim mesmo. Quando falo de Deus, minha paixão está presente: na paixão torno Deus conhecido! Mas a glória do Senhor me torna autoconsciente. Será que sou digno de sussurrar o nome?

Não tenho escolha a não ser tentar. Pois amo essas pessoas também — esses rostos, esses olhos — com um amor particular e distinto. O melhor que posso dar, isso preciso dar a eles. A *eles,* em sua linguagem, para a vida individual de cada um deles.

E, no sábado à noite, eu me angustio: Eles ouvirão isso? Permitirão que a palavra dura os machuque, que a palavra boa os cure e a palavra forte os direcione e salve? Falarei isso de tal forma que eles o recebam de mim? *Oh, povo, povo, a profundidade do meu amor é a profundidade do meu temor por vocês!*

Assim, continuo caminhando.

Capítulo 27

PREGANDO PARA ABALAR OS DEMÔNIOS

Ajudando as pessoas a encontrar a mão de Jesus

Craig Barnes

Sempre que nós pregadores cruzamos com um texto que fala a respeito de demônios, somos tentados a saltar aquela parte e continuar lendo. Mas quando você lê todo o evangelho de Marcos, fica difícil fazer isso. Já começa no início, no capítulo 1. Depois que Jesus chama os seus discípulos, a primeira coisa que eles fazem é encontrar um homem com um espírito imundo dentro da sinagoga. Alguns versículos depois, somos informados de que Jesus levou os discípulos por toda a Galiléia, proclamando a mensagem e expulsando demônios. Então, no capítulo 3, Jesus envia seus discípulos para, por conta própria, proclamarem a mensagem e expulsarem demônios. Você continua encontrando essas expressões combinadas em Marcos — proclamar a mensagem e expulsar demônios. Elas são usadas de forma quase intercambiável, quase sinônima. No capítulo 5, Jesus cura um homem geraseno endemoninhado, alguém que estava fora de si em virtude dos demônios. No capítulo 6, Jesus novamente envia seus discípulos para proclamar a mensagem e expulsar demônios. No capítulo 7, ele expulsa um demônio da filha da mulher sirofenícia.

Por nós mesmos somos impotentes contra o mal

Se você permanecer com Jesus, descobrirá que é inevitável lidar com o demoníaco. Isso porque Jesus é o salvador para ir a lugares de que o mal se apropriou, em que o mal está sugando a vida e o espírito das pessoas. Podemos chamar isso de nomes mais sofisticados hoje, mas qual de nós negaria que existe uma obra do mal no coração e na alma das pessoas tanto dentro da congregação quanto fora dela? Marcos não deixará você negar que Jesus o chamou para fazer algo em relação a isso: proclame a mensagem e expulse demônios.

Em Marcos 9, Jesus subiu o monte da Transfiguração com Pedro, Tiago e João — o grupo mais próximo dos seus discípulos. Enquanto esses discípulos estavam fora, as pessoas pedem aos outros discípulos para que expulsem demônios de um pequeno menino. Embora façam das tripas coração, não conseguem expulsar esse demônio. Quando Jesus retorna do monte da Transfiguração, encontra seus discípulos argumentando com os escribas.

Isso faz sentido, porque os discípulos não estão se sentindo bem consigo mesmos, em primeiro lugar. Eles são o segundo grupo. Jesus está fora, no monte da Transfiguração. Eles foram deixados para trás. Esse é o seu momento para brilhar, para fazer o que Jesus mandou, e eles fracassam nesse único momento. Sentem-se impotentes para fazer o que foram chamados a fazer.

Quando o pai do menino possesso vê Jesus, corre até ele e diz: "Mestre, eu te trouxe o meu filho, que está com um espírito que o impede de falar. Onde quer que o apanhe, joga-o no chão. Ele espuma pela boca, range os dentes e fica rígido. Pedi aos teus discípulos que expulsassem o espírito, mas eles não conseguiram" (Mc 9.17,18).

Eu sei como é sentir quando me pedem para fazer alguma coisa que Jesus ordenou e não sou capaz de fazê-lo. Como você pode imaginar, não faltam oportunidades pastorais àqueles de nós tentando ministrar em Washington, D. C. Mencionei isso uma vez a um amigo que vive no meio-oeste. Ele me disse: "O seu trabalho não está dando muito resultado, está?". Ele tem razão.

Temos AIDS em toda a África. Temos violência em todo o Oriente Médio. Temos pobreza em todo o terceiro mundo. Toda vez que retorno de uma visita a um de nossos parceiros nesses lugares de enorme necessidade, sei que o missionário que fica para trás na favela e na violência começa a orar: "Senhor, eu pedi a seu discípulo para expulsar os demônios desse lugar, mas ele não conseguiu fazê-lo. Jesus, o Senhor me enviou um discípulo do segundo grupo".

Nós não podemos expulsar os demônios sozinhos. Essa é a boa notícia. O dia em que você chega a perceber isso é o dia em que você está pronto para o Salvador. Pois a salvação não vem por meio do seu poder, nem mesmo por meio de sua pregação poderosa. A salvação vem somente por meio do poder de Jesus Cristo.

'"Tragam-me o menino'", Jesus diz. Você precisa sublinhar isso três vezes na sua Bíblia.

"Quando o espírito viu Jesus, imediatamente causou uma convulsão no menino. Este caiu no chão e começou a rolar, espumando pela boca" (Mc 9.20). Essa é uma cena e tanto. O espírito vê Jesus e joga o menino no chão e imediatamente o menino começa a espumar pela boca, rolando para cima e para baixo.

Livrar-se do mal leva tempo

Observe que Jesus não se apressa para ajudar esse garoto. Aliás, parece que ele está fazendo um histórico médico. Esse garoto está se debatendo no chão, e Jesus olha para esse pai e diz: "Vejamos, há quanto tempo isso vem acontecendo? Ah, e ele se joga no fogo? Fogo, é isso mesmo? E na água também?". Quando lemos isso, queremos entrar no texto e dizer: "Jesus, que diferença isso faz? Rápido, livre esse garoto desse incômodo!".

Jesus nunca tem pressa. Isso me enlouquece. Fico no empurra-empurra por Jesus a toda hora, o dia todo. Imagino que Jesus poderia se mover, pelo menos, tão rapidamente quanto eu. Mas estou finalmente começando a perceber que a real pergunta é: "Consigo me mover tão lentamente quanto Jesus?". Livrar-se do mal leva bastante tempo. A pregação nunca tem que ver com o que você ou eu fazemos acontecer. Tem sempre e unicamente que ver com o que Jesus faz acontecer. E aparentemente Jesus não tem pressa alguma para tirar todo o mal de nossa congregação, tem? Ele certamente não tem pressa para tirá-lo do mundo. Assim, a primeira pergunta que o pregador precisa fazer não é: "Como você faz as pessoas acreditarem em Jesus?". A primeira pergunta que você precisa fazer o tempo todo é: "Você acredi-ta nele?". Você obtém sua resposta a essa pergunta por meio de outra pergunta: "Você está tentando consertar sua igreja ou está levando-a até Jesus?". Jesus diz: "Tragam-me o menino".

A obra de Jesus não terminou na cruz. Ele não entregou você a uma missão impossível. Ele não pede a você que conclua a obra no lugar dele. Jesus ressuscitou dos mortos e continua sua obra no mundo por meio do ministério do Espírito que procede do Filho e do Pai. O ministério desse Espírito é conectar as pessoas com os atos salvadores e curadores de Jesus Cristo. Assim, a pergunta é: "Você acredita que o Espírito Santo ainda é eficiente em conectar as pessoas à salvação em Jesus Cristo?".

O pai do menino disse: "'Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!'". Quem de nós não conhece essa oração? Precisamos acreditar, mas não podemos negar que temos uma grande medida de incredulidade e dúvida em nós. Duvidamos que nossos sermões farão muita diferença. Duvidamos que farão qualquer coisa para expulsar o mal. Mas tão honestos quanto somos a respeito dessas dúvidas e incredulidade, precisamos ser honestos ao reconhecer também que, independentemente de quão esfarrapada ela seja, existe fé aí também: "Sim. Eu acredito e preciso de ajuda em relação à minha incredulidade". Isso é o suficiente. Essa é uma confissão suficiente para expulsar o mal. Pois logo que Jesus ouve essa confis-

são de fé bastante morna, olha para o menino em convulsão e diz: "Espírito mudo e surdo, eu ordeno que o deixe e nunca mais entre nele".

Tudo fica pior antes de melhorar

Depois que Jesus diz isso, observe que as convulsões do menino se transformam em convulsões terríveis. O demônio faz muito mal a esse menino ao sair dele. Tudo fica pior antes de melhorar. Quando você começa a pregar cheio do Espírito Santo, não fique surpreso se há convulsão acontecendo na igreja. É dolorido quanto o mal deixa alguém. É dolorido porque a maioria das pessoas não quer que o demônio saia. A maioria das pessoas quer que você dê a elas sugestões para controlar o demônio. Elas querem fazer do demônio seu amigo. Ou, se isso não funciona, querem transformar o demônio em ambição, de forma que elas, ao menos, tenham sucesso com tudo o que estão inventando. Ou querem transformar o demônio em desespero e vão se acostumando com o seu desespero, dizendo: "Isso é o melhor que dá para esperar". Elas acabam confiando no demônio, porque o demônio está sempre com elas.

Quando você começa a falar sobre esperança, elas têm pavor da esperança. Se tiverem esperança, terão de abrir mão do seu melhor amigo, o demônio. Ele pode ser um atormentador, mas, ao menos, sempre esteve com elas. E aí que a convulsão começa. Quando você prega esperança, a convulsão vem. Você começa a ouvir coisas como: "Talvez precisemos de um pastor diferente aqui". Ou apertarão a sua mão e dirão: "Essa congregação está acostumada a um tipo de pregação intelectual". Farão qualquer coisa que puderem para fazer você deixar de lado o tema da esperança. Ou como alguém me disse no começo do meu ministério: "Jesus, Jesus, Jesus — isso é tudo que você sabe?".

Deixe a convulsão continuar. Não importa. Leve o garoto a Jesus, e este realizará a cura.

Depois que o demônio finalmente sai, o garoto está deitado ali inerte e duro, e todo mundo diz: "'Ele morreu". E isso que algumas pessoas podem estar dizendo a respeito da sua congregação. Não é o que Jesus está dizendo, porque Jesus se inclina e levanta o menino pela mão até que o garoto possa ficar em pé completamente. Acontece novamente. Quem é que traz os mortos de volta à vida? Quem é que levanta uma congregação de forma que ela possa ficar em pé? Unicamente Jesus Cristo. Isso significa que a pregação não consiste em expressões e retórica e técnica. Sempre consiste em ajudar a congregação a encontrar a mão de Jesus, que vai levantá-la. É por isso que estão aqui, quer eles saibam quer não. Nenhuma outra mão fará isso, unicamente a mão de Jesus.

Os discípulos estão sozinhos com Jesus, ainda incomodados com o seu feito. Eles dizem: "O que nós fizemos de errado lá? Porque não pudemos expulsar esse demônio?". O Senhor responde dizendo: "'Essa espécie só sai pela oração'" — não por meio de tentar com mais esforço, não por meio de regras melhores, mas so-

mente por meio da oração. Se você subir ao pulpito e for atrás do mal no mundo, é melhor que sua vida espiritual esteja em ordem. E melhor que você saiba como orar porque nem você nem eu temos condições por nós mesmos de fazê-lo. Não somos tão bons assim. Mas a oração nos coloca em ligação direta com todo o poder do céu, mesmo se a oração for tão simples quanto: "Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!". Quando você começar a orar assim, verá algumas coisas milagrosas acontecendo em sua congregação. Verá o céu e a terra se juntarem na proclamação da palavra, pois, na oração, você toma a sua congregação e a coloca nas mãos de Jesus.

Capítulo 28

SANTA EXPECTATIVA

Como podemos manusear dinamite sem esperar que exploda?

Haddon Robinson

Se eu tivesse de ganhar a vida com as minhas mãos, provavelmente morreria de fome. Quando morávamos nos prédios residenciais de Nova York, minha família dependia do zelador para fazer consertos quando coisas em nosso apartamento estragavam. Assim, nunca aprendi a consertar as coisas. Há alguns anos, um vizinho, observando minha inaptidão, perguntou à Bonnie, minha esposa: "Como você consegue viver com um cara assim?". Ela respondeu: "Tomo muito, mas muito cuidado".

Porque não consigo acreditar que sei consertar coisas, normalmente nem mesmo tento. Quando tento, tendo a desistir sempre que encontro um nó. Isso normalmente acontece logo depois que pego uma ferramenta. Vivo com baixas expectativas, e Bonnie e eu pagamos um preço por isso — aos encanadores, mecânicos e eletricistas.

Recentemente, adquiri um *software* para o meu computador e tentei instalá-lo por conta própria. Segui as instruções rigorosamente, passo a passo e fiquei estupefato quando funcionou! Fiquei surpreso com a minha surpresa. Mas isso é o resultado de viver com expectativas limitadas. Você é sempre surpreendido.

Nossos ministérios ficam atrofiados quando vivemos com expectativas limitadas. Aliás, nossa surpresa quando Deus age é uma denúncia mortal da nossa condição.

Pregamos a Palavra de Deus e depois ficamos espantados quando uma mulher em nossa congregação ouve o evangelho e descobre que essa é, de fato, a melhor notícia que já ouviu.

Registramos o choque na nossa escala pessoal Richter quando um rapaz, vítima de abuso, ouve o que Jesus diz a respeito do perdão e decide confrontar seu irmão mais velho que o molestara para acertar as coisas.

Mal conseguimos acreditar quando um marido envolvido em um relacionamento extraconjugal senta na comunhão e, defrontado com pegar o pão e o cálice, decide terminar o relacionamento ilícito.

Estamos lidando com dinamite, mas não esperamos que exploda.

Quando perdemos o senso da santa expectativa, nossa pregação decai para uma realização em que se requer de nós que digamos algo religioso para preencher o tempo que pregamos no culto de domingo. Fazemos os telefonemas, comparecemos às reuniões, conduzimos os funerais e fazemos casamentos, mas não esperamos que Deus apareça. Oramos pelos doentes, mas não acreditamos que nossas orações façam muita diferença. Aconselhamos os desnorteados, mas não contamos muito com a diferença que Deus pode fazer. Então, um dia, surpresa! Descobrimos que Deus estava trabalhando além de nossas maiores expectativas. Tínhamos subestimado o alcance do Espírito de Deus.

O Espírito Santo não aparece nas reuniões de uma igreja da sua rua e depois pula a sua congregação. Ele está presente, não apenas em algum outro lugar, mas no seu lugar. Conte com ele. Espere por ele. Viva com expectativas santas. E prepare-se para uma grande surpresa.

Parte três

CONSIDERANDO OS OUVINTES

Como devo mudar a minha abordagem conforme quem está ouvindo?

Capítulo 29

PREGANDO A CADA UM EM PARTICULAR

Como incomodar as pessoas quando estão acomodadas

Haddon Robinson

Enquanto a Capela da Graça em Lexington, Massachusetts, esteve sem pastor por quase um ano, preguei lá freqüentemente. A igreja é notavelmente diversa, tendo professores de Harvard e pessoas que abandonaram o ensino médio — doutores, e advogados, e faxineiros, e ativistas políticos e aqueles que nem mesmo lêem o jornal, e pessoas com carteiras de investimentos multimilionários, e trabalhadores que recebem um salário mínimo. Além disso, membros de muitas raças e cores.

Perante tanta diversidade, toda semana eu ficava pasmo com a responsabilidade que tinha para alcançar todos eles. Enquanto preparava meu sermão, preocupava-me com a questão de como meu sermão poderia alcançar a igreja como um todo.

Nossa tarefa como homens e mulheres que pregam pode ser expressada facilmente: precisamos tornar-nos tudo para com todos. Fazer isso realmente é uma tarefa formidável.

Sacrificar o que para nós é natural

Quando não atingimos o alvo de falar a todos na platéia em nossas igrejas, assemelhamo-nos ao médico que sabe apenas como tratar um braço quebrado; se um paciente reclama de uma dor de barriga, o médico quebra o braço do paciente para que assim possa tratá-lo.

Alcançar platéias mais amplas requer que sacrifiquemos o que faríamos com naturalidade. Quando Paulo disse: "Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns" (ICo 9.22), ele não estava falando apenas a respeito de evangelismo. Também estava falando a respeito de ajudar convertidos a crescer. "Para com os fracos" — crentes que tinham consciências fracas — ele se tornou fraco, limitou sua liberdade por causa deles.

Falar a um grupo de ouvintes mais amplo exige sacrifício de nós. Deixamos de lado nossa liberdade de usar certo tipo de humor, de chamar grupos minoritários por nomes que fazem sentido para nós, de ilustrar apenas por meio de livros e de filmes que achamos interessantes, falar apenas às pessoas com nossa educação e nível de comprometimento cristão. As vezes, um sacrifício desses parece nos limitar.

Um pastor que contesta fortemente o movimento feminista, por exemplo, pode apresentar um panorama apenas resumido e rápido acerca dos seus líderes e ativistas. Entretanto, ao fazê-lo, ele arrisca desnecessariamente alienar mulheres na congregação.

Mas sacrificar o que fazemos com naturalidade é o que nos dá uma plataforma para falar. Simplesmente assim como um judeu legalista não consideraria Paulo

digno de crédito se Paulo ignorasse a lei, tantas mulheres, por exemplo, não considerarão um pregador digno de confiança se ele não mostra nada de sensibilidade com as suas questões. Porque se dar a todo esse trabalho? Porque é certo e sábio fazer isso.

As pessoas que mais provavelmente podemos ofender são aquelas à margem, aquelas que estão considerando o evangelho ou um comprometimento mais profundo, mas que se irritam facilmente, são facilmente afugentadas por um movimento ofensivo de pastores. Aqueles já seguros na congregação provavelmente continuarão conosco apesar de todos os nossos erros estúpidos. As pessoas novas que estamos tentando alcançar são tão facilmente espantadas quanto perus selvagens.

Um jovem casal se mudou para um bairro na região de Chicago e freqüentou uma igreja por vários meses. A igreja os ajudou na fase em que o marido estava desempregado. O pastor se encontrou várias vezes com o homem, que tinha diplomas avançados em ecologia e estava interessado em um envolvimento maior na igreja.

Então, ele e sua esposa abruptamente pararam de ir. O pastor repetidamente tentou contatá-los e finalmente, depois de vários meses, conseguiu levar o homem para almoçar. Ele lhe perguntou por que não haviam ido à igreja durante um tempo tão longo. "Em vários de seus sermões", o homem respondeu, "você fez comentários que depreciavam a ciência. Se isso é o que você sente, não penso que estamos na mesma sintonia".

O pastor lembrou-se dos comentários, que eram comentários de passagem ou expressões retóricas contrastando o poder de Cristo e a fraqueza do pensamento humano. Mas a conseqüência não estava passando. Um homem que tinha dado sinais em direção a um discipulado mais profundo fora desviado.

Como podemos obter estima por outras vidas, por pessoas tão distintas, como guardas noturnos e grandes investidores? Da mesma forma que fazem os romancistas: ouvindo e observando. Preste atenção nas pessoas que você aconselha e nas conversas ao redor de você em restaurantes e lojas. Observe personagens em filmes e pessoas comuns sendo entrevistadas nos noticiários. Observe como essas pessoas exprimem suas preocupações — seu estilo de falar específico, seus sentimentos, suas questões. Ouça para poder dialogar.

Conheço um pastor que mantém um grupo de foco toda quinta antes de sua pregação. Ele almoça com várias pessoas variadas com diversas histórias de vida, conta a elas as idéias do seu sermão e pergunta como o que pregará soa para elas. Essas pessoas com freqüência levantam questões que nunca lhe ocorreram.

Depois de um culto, uma mulher me disse como ela e vários outros afro-descendentes estado-unidenses haviam colocado um anúncio publicitário no *New York Times* para explicar sua indignação com ativistas homossexuais que se valem da experiência dos negros para descrever sua própria. "Eles se identificaram como

uma minoria", ela me disse. "Somos ambos minorias, mas essa é a única coisa que temos em comum. Eles não sabem pelo que passamos. Eles não conhecem a dor de ser negro". Ela me ajudou a entender o que uma minoria desfavorecida sente e tenho certeza de que incluirei em um sermão como Deus pode ajudar aqueles que sentem a dor de ser negro na América.

Colocar platéias particulares como alvo

Nos evangelhos, vemos que Cristo nunca tratava duas pessoas da mesma maneira. Ele disse aos fariseus curiosos que precisavam nascer de novo, à mulher no poço que precisava de água viva. Ele levou boas novas a cada indivíduo, mas a forma de contatar cada pessoa era distinta.

As cartas do Novo Testamento diferem umas das outras porque levam basicamente a mesma teologia para ser aplicada a diversos problemas. Em 1 Corintios, Paulo defendeu a doutrina da ressurreição contra aqueles que duvidavam dela; em lTessalonicenses, Paulo levou a mesma verdade a crentes que estavam preocupados com aqueles que já haviam morrido em Cristo. Do começo até o fim da Bíblia, Deus adapta a mensagem à platéia sem sacrificar a verdade. Nunca se experimenta a verdade de forma mais poderosa do que quando ela fala à situação pessoal de alguém.

Sabendo disso, alguns pregadores tentam não excluir os seus ouvintes e caem na pregação de generalidades. Por exemplo, se digo: "A irritação incomoda a todos nós", não estou falando a ninguém em particular. Um sermão cheio de generalidades não atinge a ninguém em particular.

Nós nos saímos melhor se focamos especificamente dois ou três tipos de pessoas em uma mensagem (mudando esses grupos a cada semana). A surpresa é que quanto mais direcionada e pessoal for uma mensagem, mais universal ela se torna.

Posso ilustrar um sermão dizendo: "Você vive com seu companheiro de quarto, e seu companheiro de quarto tem hábitos irritantes, como não limpar os pratos logo depois da refeição. Ou você é casada, e seu marido chega em casa e se joga na frente da TV sem ao menos pensar em perguntar a você como foi seu dia". Embora nem todos os ouvintes se encaixem nesses dois cenários, todos podem se identificar com essas experiências específicas e com os sentimentos que elas evocam.

Para me ajudar a falar àquilo que diferentes ouvintes podem estar passando, uso uma sugestão dada por um bom amigo, Don Sunukjian. Preparo meus sermões usando uma grade relacionada a situações da vida. No topo da grade, intitulo colunas para homens, mulheres, solteiros, casados, divorciados, concubinados No lado da grade, tenho linhas para diferentes faixas etárias (jovens, jovens adultos, de meia idade e de idade avançada), grupos profissionais (os desempregados os autônomos, os trabalhadores e os administradores), níveis de fé (cristãos comprometidos, céticos, cínicos e ateus), os saudáveis e os doentes, apenas para mencionar alguns. Desenvolvo minha grade baseado na congregação e na comunidade

para as quais estou pregando. Depois de ter pesquisado meu texto bíblico e desenvolvido minhas idéias, passeio pela grade, procurando duas ou quatro intersecções para as quais a mensagem será especificamente relevante.

Por exemplo, em um sermão sobre o dinheiro baseada na parábola do administrador astuto em Lucas 16, passei por minha grade e pensei em uma viúva da congregação cujo marido recém-falecido, o presidente de uma grande corporação, deixou uma grande quantia de dinheiro para ela. "Que desgraça é ter uma grande quantidade de dinheiro e levar Deus a sério". Já que eu sabia que outros na congregação tinham rendas significativas, pensei especificamente sobre como alguém com dinheiro ouviria e se sentiria em relação a essa passagem.

Uma segunda intersecção que eu explorei foi a dos trabalhadores pobres. Por sua causa, no sermão mencionei que Cristo olha para as atitudes de nosso coração, não a quantidade que damos.

Um terceiro grupo de preocupação especial era o de visitantes que podem dizer depois: "Tudo que o pastor faz é pregar sobre dinheiro". Vendo-os na grade fez com que eu incluísse um pouco de humor e falasse diretamente a sua objeção.

(De vez em quando, posso até mesmo pregar um sermão inteiro a um grupo particular na igreja — digamos, jovens profissionais ou adolescentes. Posso começar isso dizendo: "Hoje de manhã quero falar apenas aos adolescentes. Alguns de vocês, adultos, gostam de um curto cochilo de inverno no domingo de manhã, mas essa manhã darei permissão a vocês para fazer isso. Hoje quero falar a jovens que estão no ensino médio e nas últimas séries do ensino fundamental. Vocês são uma parte importante desta igreja e eu ficaria grato se vocês ouvissem". Toda a aplicação daquele sermão seria para pessoas jovens, mas apenas um raro adulto sairia de sintonia. Aliás, a informação ouvida sem compromisso pode ser mais marcante que a informação recebida diretamente).

Ilustrar amplamente

Embora preguemos cada semana para diversas congregações e precisemos mirar subgrupos particulares, todos os ouvintes têm estes desejos:

Eles querem encontrar a Deus ou fugir dele.
Querem aprender alguma coisa.
Querem rir.
Querem ser motivados, de uma maneira positiva, a agir melhor no seu dia-a-dia.
Querem um pastor que entenda sua dor e a dificuldade que eles têm para fazer o que é certo, sem deixá-los cair em uma enrascada.

Uma das mais importantes ferramentas para chamar a atenção dessas preocupações universais são as ilustrações. Pessoas se identificam com pessoas mais do que com idéias. Elas tagarelam sobre pessoas, não princípios.

Boas historias transcendem a experiência individual, de forma que pessoas de uma variedade de situações podem ganhar algo delas. Quando ouvem uma história, os ouvintes contam a história a si mesmos, inserindo suas próprias experiências e imagens.

Uma mulher mais velha me disse certa vez: "As vezes, a vida cristã é como lavar lençóis". Ela descreveu como lavava lençóis a mão em um balde grande, e quando empurrava uma parte do lençol para baixo da água, bolhas de ar se moviam para outra parte do lençol e faziam aquela parte flutuar. "Empurro para baixo aqui, sobe ali", ela disse. "Eu nunca posso manter todo o lençol embaixo da água'.

Enquanto ela descrevia a cena, sua história se tornou a minha história. Minha mente voltou meio século até meus tempos de menino. Lembrei-me de minha mãe lavando roupas em um tonel e tendo o mesmo problema.

Para ajudar meus ouvintes a fazer conexões emocionais com o que estou pregando, tento ilustrar amplamente. Fico tentado a extrair muitas das minhas ilustrações dos esportes, que podem ou não agradar a maioria das mulheres (que são mais do que a metade da maioria das congregações). Tento, intencionalmente, incluir ilustrações com que mais mulheres possam se identificar, histórias que focam relacionamentos, extraídas dos mundos da casa e da família ou da sua experiência em seu local de trabalho.

Enquanto assisto TV, procuro ilustrações. Minha própria tendência é tirá-las do que leio, mas a maioria das pessoas na congregação não lê os materiais que eu leio. Eles vivem em uma esfera diferente da minha e tento respeitar isso em meus sermões. A coisa essencial a respeito das histórias que escolho contar é que todos os ouvintes sejam capazes de se colocar na situação, tornando-se participantes da história.

Ouvi Gordon MacDonald fazer isso habilmente enquanto pregava a respeito de João Batista. Gordon apresentou uma atualização criativa do ministério de João em uma história em que todo ouvinte poderia entrar. Ela foi mais ou menos assim:

Vários tipos de administradores estavam à margem do rio Jordão quando as multidões vieram até João, e eles decidiram que precisavam deixar as coisas organizadas. Assim, montaram mesas e começaram a dar etiquetas às pessoas que vinham para o arrependimento. Na etiqueta, está escrito o nome da pessoa e seu principal pecado.

Bob anda até a mesa. Os organizadores escrevem seu nome na etiqueta e, depois, perguntam: "Qual o seu pecado mais terrível, Bob?".

"Roubei dinheiro de meu patrão".

A pessoa na mesa pega um marcador e escreve em letras nítidas DEFRAUDADOR e a cola com um tapinha no peito de Bob.

A pessoa seguinte vem para a frente. "Nome?".

"Maria."

"Maria, qual o seu pecado mais terrível?".

"Eu fofoquei sobre algumas pessoas. Não foi muito, mas eu não gostava dessas pessoas".

Os organizadores escreveram: MARIA — FOFOQUEIRA e a colaram nela. Um homem vai até a mesa.

"Nome?"

George

"George, qual o seu pecado mais terrível?".

"Pensei sobre como seria bom ter o carro do meu vizinho."

GEORGE — COBIÇOSO

Outro homem se aproximou da mesa. "Qual é o seu nome?", perguntam-lhe.

"Gordon".

"Qual o seu pecado?".

"Estou tendo um caso".

O organizador escreve GORDON — ADÚLTERO e cola o adesivo em seu peito.

Logo Cristo vem para ser batizado. Ele anda pela fda dos que estão esperando para ser batizado e pede suas etiquetas dos pecados. Um por um, ele tira aquelas etiquetas das pessoas e as cola em seu próprio corpo. Ele vai até João e, enquanto é batizado, o rio leva a tinta de cada etiqueta que ele colou sobre seu corpo.

Enquanto Gordon contava a história, todo mundo na congregação mentalmente escrevia seu próprio pecado e o colava em seu próprio peito. A ilustração era específica, mas falava sobre sentimentos universais.

Para elaborar imagens e histórias com as quais quase todos possam se identificar, eu às vezes escrevo "redes de idéias" em uma folha de papel. Se estou falando a respeito de casa, por exemplo, escrevo a palavra casa no centro da folha de papel, circulo a palavra e, depois, a circulo com quaisquer associações que surgirem em minha mente: "lar, doce lar", "bem-vindo ao lar", "é bom ter você em casa novamente", "quem casa quer casa".

Essas associações influenciarão outras associações e memórias — algumas pessoais, algumas culturais. O que estou fazendo é cavando nas frases e imagens que nossa cultura associa com a palavra casa. Em algum lugar daquela página, acabarei descobrindo uma ou mais imagens ou histórias mais atrativas.

Ficar do lado do ouvinte

Faço tudo que posso para mostrar às pessoas que as respeito e que estou do seu lado. E outra forma em que tento ser tudo para com todos. Por exemplo, na minha pregação tento cultivar um tom de conversa. Muitas pessoas em nossa cultura se ofendem com uma maneira autoritária, repreensiva. É nesse estilo que as pessoas hoje pensam quando usam a pregação em um sentido pejorativo ("Não venha me dar sermão!"). Eles consideram isso algo paternalista e bitolado.

Também tento mostrar empatia. Quando cito as palavras do Senhor em Malaquias 2.16: "Eu odeio o divórcio", sei que há pessoas divorciadas sentadas ali na congregação que podem começar a sentir que Deus e Haddon Robinson as

odeiam. Assim, logo depois de citar o versículo, continuo: "Aqueles de vocês que são divorciados sabem disso melhor do que qualquer um. Vocês entendem por que Deus odeia o divórcio. Não porque ele odeia pessoas divorciadas, mas por aquilo que o divórcio faz às pessoas. Vocês têm as cicatrizes. Seus filhos têm as cicatrizes. Vocês podem testemunhar o que ele causa. Deus odeia o divórcio porque ele ama vocês".

Descobri que os ouvintes, se sabem que você os ama e se identifica com eles, deixarão que você diga coisas fortes. A maioria das pessoas está apenas pedindo que você esteja consciente delas, e não as descarte.

Outro modo em que digo aos ouvintes que estou do seu lado é sendo cuidadoso com os termos. Mesmo que você tenha certeza de que não tem um preconceito, um ouvinte pode pensar que você tem, se seu estilo de falar o ofender.

Tento usar uma linguagem inclusiva para homens e mulheres. Se estou contando uma história a respeito de um médico, posso dizer: "Uma cirurgiã está na sala de operação. Enquanto ela pega o bisturi em suas mãos...". Propositadamente, uso mais o feminino do que o masculino em alguns pontos estratégicos.

Também emprego termos como palestrantes, em vez de orador. Digo "ele ou ela", em vez de sempre dizer "ele", ou uso "ele" às vezes, e "ela" outras vezes. O mero uso de alguns pronomes femininos em um sermão já faz a diferença. (Aqui está um experimento radical: tente usar "ela" durante todo o sermão, exceto quando você precisar usar o pronome masculino. Você terá uma percepção de quanto da pregação tem tendência masculina).

Chamo os grupos minoritários da forma como eles querem ser chamados. Isso é simples cortesia: se o nome de alguém é Charles e ele não gosta de ser chamado de Charlie ou Chuk, sou obrigado a chamá-lo de Charles. Eu costumava dizer negros, depois pretos. Eu usei o termo afro-descendente estado-unidense em um sermão recente, e, depois, uma mulher me corrigiu com muito tato: "E africano estado-unidense".

Não fazer concessões com a verdade

É claro que, não importa o quanto nos esforcemos, ainda assim ofenderemos as pessoas. Às vezes, precisamos nos desculpar do púlpito. "Na semana passada, o meu humor foi de mau gosto. Descrevi preponderantemente as pessoas acima do peso com um termo que foi ofensivo. Sinto muito. Às vezes, digo coisas que não queria dizer, e vocês são bondosos o suficiente para me informar a respeito disso. Sejam tolerantes comigo".

Durante o tempo em que preguei na Capela da Graça, recebia pelo menos uma carta por semana reagindo aos meus sermões. Quando alguém me escreve, sempre respondo. Algumas pessoas me escrevem cartas refletidas, e devo a elas uma resposta refletida. Às vezes, elas estão infalivelmente certas; flagraram-me em algum preconceito. Preciso admitir isso.

Às vezes, você recebe cartas de pessoas azedas, mas você não teve culpa por elas se sentirem assim. O melhor que você pode fazer é dizer: "Obrigado por escrever. Sinto muito se ofendi você. Queria transmitir uma grande verdade das Escrituras e não consegui torná-la compreensível para você. Sinto muito".

Mas se buscamos com demasiado esforço não ofender ou se lemos muitas cartas dos ofendidos, podemos ficar paralisados. Começamos a modificar cada frase. Acabamos pregando sermões defensivos, cuidadosos e sem força.

Sim, no Natal precisamos reconhecer que, para algumas pessoas, essa é a época mais depressiva do ano, mas não podemos deixar isso roubar a alegria da época do restante da igreja. Sim, no dia das mães, mulheres sem filhos sentem uma dor extra e precisamos reconhecer isso, mas todo mundo tem uma mãe para honrar e não deveríamos silenciar a honra prestada a elas.

Embora eu esteja consciente das minas terrestres, tento não ficar nervoso, defensivo ou hostil no púlpito, pois isso apenas faz com que as pessoas fiquem mais facilmente ofendidas. Dizer: "Você não deveria ser tão sensível", ou: "Toda essa linguagem politicamente correta me irrita", não faz bem a ninguém — nem a você nem a seu povo.

E há momentos quando um pastor precisa pregar a verdade à custa de um pouco de sensibilidade, embora precisemos fazer isso com peso em nosso coração, mas sem estarmos amarrados. Não há coragem maior exigida de pastores do que pregar o que pode custar o seu púlpito.

Sempre haverá um desconforto saudável quando tentarmos ser tudo para com todos. E bíblico, mas requer que andemos em uma linha divisória muito fina. Queremos causar o interesse tanto quanto possível, mas não à custa de fazer concessões com a mensagem. Quando, entretanto, andamos com habilidade sobre aquela linha fina, experimentamos algo inigualável: uma variedade de pessoas com uma variedade de preocupações provenientes de uma variedade de ambientes, todos ouvindo atentamente as boas novas.

Capítulo 30

O PODER DA SIMPLICIDADE

Vidas são transformadas quando simplesmente lemos, explicamos e aplicamos

Chuck Smith

Neemias 8.8 diz: "Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido". Essa é a melhor descrição de pregação expositiva que você pode achar. Eles liam a palavra de Deus, interpretando-a. Eles explicavam o seu sentido e faziam com que as pessoas a entendessem.

Não almeje perfeição

Começamos o ministério Maranatha Music há vários anos. Produzimos o primeiro álbum usando um velho gravador de fita de rolo em uma garagem que foi transformada em um estúdio. A produção do primeiro álbum da série *Everlasting Jesus [Jesus Eterno]* custou 3.500 dólares [cerca de 7.000 reais]. Foi um grande sucesso e foi o começo do ministério Maranatha Music. À medida que minhas outras obrigações aumentavam, percebia que era necessário entregar a administração da Maranatha a outros. Entretanto, alguns anos depois, descobri que a Maranatha estava perdendo dinheiro. Assim, voltei a participar da administração para examinar as coisas e ver o que não estava dando certo. Descobri que eles estavam gastando mais do que 60.000 dólares [cerca de 120.000 reais] no estúdio para produzir um álbum solo. Sabia, é claro, que não teria como, algum dia, recuperarmos o custo da nossa produção com esse preço, especialmente por promovermos um artista solo.

Assim, eu disse: "Pessoal, vocês acabaram envolvendo seus egos e estão tentando produzir o álbum perfeito. Cerca de um décimo de 1% de todas as pessoas têm um ouvido perfeito para apreciar um álbum desses. Mas essas pessoas provavelmente nunca ouvirão o álbum que vocês estão produzindo, só para começar. Então, parem de fazer isso. Criem o álbum para o público geral. Criem-no para pessoas que não sabem que em algum lugar uma corda de guitarra estava levemente desafinada".

Muitas vezes, nós, como ministros, cometemos o mesmo tipo de erro. Tentamos desenvolver um sermão tão perfeito que apenas um décimo de 1% pode entender o que dizemos. Ao fazer isso, não estamos ministrando ao público em geral de forma alguma. Exatamente o oposto está acontecendo. Estamos tentando ser tão precisos que estamos perdendo a maioria dos ouvintes.

Observe o contexto

O ensino expositivo envolve ler a palavra de Deus claramente e, se necessário, transmitir o contexto em torno do texto, de forma que os leitores vejam o texto em seu contexto.

Simplesmente o fato de apenas ler a palavra de Deus já pode ter um valor tremendo. Como parte do nosso louvor regular no domingo de manhã, lemos um capítulo das Escrituras. Muitas vezes as pessoas respondem dizendo: "Olhe, a leitura das Escrituras nessa manhã era justamente o que eu precisava". Muitas coisas que dizemos apenas caem e não trazem nada de volta. A palavra de Deus, porém, não voltará vazia. Assim, sempre tento incorporar muito da palavra em meu ensino, porque ela sempre influenciará a vida das pessoas.

Lembre-se de Neemias: primeiro, eles liam as Escrituras claramente e, depois, a interpretavam. Eles explicavam ao povo o que as Escrituras estavam dizendo.

John Wyclif usava o que ele chamava de a regra de ouro de interpretação das Escrituras. Ele disse: "Você será tremendamente ajudado na compreensão das Escrituras se destacar não apenas o que está dito ou escrito, mas quem disse e para quem, com que palavras em que tempo, onde e com que intenção, em que circunstâncias e considerando o que vem antes e o que vem a seguir".

Nos anos iniciais do meu ministério, conheci o *Manual Bíblico de Halley*. Gosto dele até hoje, especialmente por causa de sua forma de lidar com os profetas do Antigo Testamento. Ele lhe mostra exatamente o que estava acontecendo que fez com que o profeta dissesse essas coisas. Ele lhe apresenta o histórico para entender o que o profeta estava dizendo, por que estava dizendo isso e para quem estava dizendo e o que precedeu o texto e o que o seguiu".

Almeje ser compreendido

Voltaremos a Neemias: Antes de tudo, os sacerdotes liam as Escrituras claramente, depois, as interpretavam. E depois lemos que eles faziam com que as pessoas entendessem o seu sentido. Para fazer o mesmo, precisamos aprender o que Deus estava falando na época e o que ele está falando a nós hoje por meio do texto. Posto de maneira simples, pergunto: *Que verdade eterna está sendo dita aqui?,* de forma que possa aplicar as Escrituras às circunstâncias presentes com que as pessoas estão se defrontando durante a semana no trabalho, na sala de aula ou onde quer que seja.

Muitos pregadores ficariam muito ofendidos se as pessoas lhes dissessem: "Aquela mensagem que você acabou de pregar foi algo que até uma criança poderia entender. Não foi sofisticada de forma alguma". Realmente me sinto lisonjeado quando as pessoas dizem: "A pregação dele é muito simples". Tento ser simples. Não posso ser nenhuma outra coisa.

Sei de um paciente autista em um hospital de recuperação em Ashland, Oregon, que apenas fica deitado na cama o dia inteiro olhando para o teto. Ele nunca fala com ninguém e nunca mostra estar consciente de que alguém está por perto. Ele está trancado em seu próprio mundo enquanto fica deitado ali o dia inteiro. Um dia, uma enfermeira que, por acaso, era cristã achou um rádio em seu quarto e o sintonizou em uma estação associada à nossa CSN em Ashland, para que ele pudesse ouvir música cristã e o ensino da palavra.

Um dia, houve um alerta no hospital com respeito a uma confusão no quarto desse rapaz. Visto que a mulher cristã era a enfermeira chefe no hospital, ela correu para o quarto para ver o que estava acontecendo e encontrou algumas assistentes tentando segurar esse rapaz em sua cama. Ele estava se debatendo e lutando, uma atividade incomum para alguém que normalmente fica deitado tranqüilamente o dia inteiro na cama. A enfermeira o ouviu gritando: "Chuck Smith, Palavra para Hoje! Chuck Smith, Palavra para Hoje! Chuck Smith, Palavra para Hoje!".

A enfermeira percebeu que alguém tinha sintonizado o rádio dele em outra estação. Ela o sintonizou novamente na estação associada à nossa CSN e, imediatamente, o rapaz voltou a olhar para o teto de uma maneira serena. O que isso significa? Simplesmente ensine a palavra de Deus de maneira simples.

Use as histórias nas Escrituras

A Bíblia diz que pessoas comuns tinham prazer em ouvir a Jesus. Que tremendo elogio ao ensino de Jesus. Ele estava ensinando as pessoas comuns e as pessoas comuns o ouviam com prazer. Encorajo você a seguir os métodos de ensino de Jesus. Coloque cor nas histórias. Jesus usava parábolas a fim de cativar a atenção das pessoas. Ilustre a partir das Escrituras tanto quanto possível. Elas estão repletas de histórias gloriosas que lidam com praticamente cada questão da vida. Sempre gostei da pregação de Spurgeon por causa de seu uso das histórias da Bíblia para ilustrar os princípios de que ele estava falando. Esse também foi o método usado pelos autores do Novo Testamento.

Procure ilustrar como um preceito pode ser aplicado de maneira prática na vida das pessoas hoje em dia; procure as passagens e as histórias que ilustram isso.

Depois que os sacerdotes leram o Livro da Lei de Deus, interpretaram-no e fizeram com que as pessoas entendessem a leitura, o que aconteceu depois disso? As pessoas começaram a chorar. Elas começaram a se arrepender. Elas estavam se sentindo culpadas porque entenderam o que Deus havia dito a elas. Descobri que se você lê a palavra de Deus claramente, se você a interpreta e ajuda o povo a entendê-la, a palavra de Deus trará convicção de pecado e arrependimento ao coração das pessoas.

A palavra de Deus é viva e poderosa. Ela é mais afiada do que uma espada de dois gumes. É capaz de discernir entre a alma e o espírito (veja Hb 4.12). Assim, eu encorajo você: Aprenda simplesmente a ensinar a palavra de Deus de forma simples, e a palavra de Deus influenciará a vida das pessoas poderosamente.

Nossa igreja é um exemplo clássico do que Deus pode fazer no ensino da sua palavra quando ela é ensinada simplesmente. Olho para as centenas de pessoas que partiram dessa igreja e estão simplesmente ensinando a palavra de Deus de forma simples, seguindo o modelo que elas aprenderam na Capela do Calvário. Penso que seja relevante que nove das vinte e cinco maiores igrejas dos Estados Unidos hoje são Capelas do Calvário, lideradas por sujeitos que apenas saíram e simplesmente pregaram a palavra de Deus de forma simples. E essa fórmula que funciona. Por quê? Porque Deus disse que ele honraria sua palavra acima do seu nome. Deus disse que sua palavra não retornaria a ele vazia. Que cumpriria os propósitos para os quais ela foi enviada.

Assim, meu desafio para você é este: simplesmente pregue a palavra de Deus de forma simples.

Capítulo 31

A VISTA DA PLATÉIA

Como manter a atenção dos que são facilmente distraídos

John Koessler

Quando me juntei ao corpo docente do Instituto Bíblico Moody depois de nove anos de ministério pastoral, constatei que a minha experiência do evento da pregação mudou radicalmente. Levou apenas alguns domingos no banco da igreja para descobrir com quanta competição o pregador se depara durante a mensagem. Em um domingo, o barulho do fundo na igreja parecia estar especialmente alto. Estava certamente mais alto que qualquer coisa que eu havia encontrado durante meus anos no púlpito. Quase não conseguia ouvir o que o pastor estava dizendo por causa do ruído constante de folhas sussurrantes, das canetas rabiscando e dos passos de pessoas circulando. "Como você pode louvar com todo esse barulho"?, perguntei à minha esposa. Ela simplesmente riu. "Bem-vindo à congregação", disse ela.

A fim de impactar meus ouvintes, preciso antes conseguir sua atenção. Uma vez que consegui a atenção dos meus ouvintes, preciso dizer algo que mereça manter essa atenção e dizer isso de um modo que os leve a responder. Minha regra de pregação: enuncie o seu princípio, descreva esse princípio e depois mostre aos seus ouvintes como esse princípio pode se expressar nas situações de vida deles. Faça isso para cada ponto de sua mensagem e aumentará a probabilidade de levar os ouvintes com você.

Enuncie o seu princípio

Os ouvintes de hoje são condicionados por milhares de horas de histórias altamente produzidas e orientadas pelo aspecto visual, que foram comprimidas em segmentos de quinze minutos ou menos. Algumas dessas histórias são construídas sobre uma estrutura de enredo simples que levanta o problema e o resolve em trinta a cinqüenta minutos.

A resposta óbvia a essa tendência cultural poderia parecer sermões curtos, narrativos, afetivos e não proposicionais. Entretanto, a verdadeira pregação bíblica, mesmo quando sua estrutura é primariamente narrativa, precisa ser preposicional em sua essência. Isso é inevitável porque é a comunicação da verdade. A linguagem do Novo Testamento é absolutista, repetidamente enfatizando que a pregação bíblica é a transmissão da verdade.

Em vista disso, o primeiro passo na pregação precisa ser determinar o âmago proposicional do sermão. Qual é a verdade primária que espero transmitir ao ouvinte?

Não podemos ignorar o impacto da televisão em nossos ouvintes, mas não podemos nos dar ao luxo de sacrificar conteúdo bíblico em uma tentativa de tornar os nossos sermões mais atraentes. A mensagem precisa ser fundamentada em verdade proposicional, e ela precisa ser afirmada claramente.

Descreva o seu princípio

A verdade proposicional é fundamental para o sermão, mas não garante resultados. Nós freqüentemente encontramos aqueles que entendem as verdades que pregamos e até as afirmam, mas continuam a agir contrariamente ao que conhecem e dizem acreditar. Cognição não é o problema, motivação sim.

A linguagem visual e a metáfora ajudam a construir a ponte entre a cognição e a motivação. Warren Wiersbe diz: "Quando você se depara com uma metáfora, pode perceber que está se lembrando de experiências esquecidas ou desenterrando sentimentos enterrados e, então, juntando-os para descobrir novos discernimentos. Sua mente diz: 'Eu vejo!'. Seu coração diz: 'Eu sinto!'. Assim, naquele momento de transformação, sua imaginação une os dois, e você diz: 'Estou começando a entender' ".

As metáforas são importantes na pregação porque elas estão na própria essência do entendimento humano. De acordo com George Lakoff, professor de lingüística na Universidade da Califórnia, e Mark Johnson, professor de filosofia na Universidade do Sul de Illinois: "Nosso sistema conceituai comum, em termos do que pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza". A metáfora nos ajuda a entender uma coisa ao apontar para alguma outra coisa e dizer: "Isso é aquilo".

As histórias funcionam como metáforas. Assim como a metáfora expressa "a é b" (Deus é uma rocha), assim as histórias sugerem que a "experiência individual é experiência universal" (Moisés bateu na pedra quando estava irritado — nós agimos assim também). Quando pregadores usam histórias, usam uma comunicação holística que toca a mente, a imaginação e os sentimentos. As histórias capturam meu interesse porque lidam com a "realidade". Posso não estar interessado em teologia, mas estou interessado em vida real. Uma história tem o poder de tocar meu coração porque posso me identificar com os problemas, circunstâncias ou emoções de suas personagens centrais. Assim, as histórias podem motivar ouvintes a mudar seus valores centrais.

Mostre como o princípio se expressa na vida real

O objetivo final em minha pregação é a ação. Para facilitar a resposta em ouvintes, preciso ajudá-los a ver como a resposta se expressa em suas próprias situações de vida.

Com a aplicação do sermão, luto entre dois extremos. Quando minhas aplicações são muito gerais, os ouvintes afirmam a verdade do que estou dizendo sem

ver como precisam agir conforme isso. Enquanto Nata pregava a Davi em parábolas, Davi podia afirmar a crueldade do pecado do profeta que ele havia descrito sem se referir a si próprio. Apenas quando o profeta passou para a aplicação e declarou: "Você é esse homem", foi que Davi disse: "Pequei contra o SENHOR!" (2Sm 12.7,13).

Todavia, quando as minhas aplicações são muito específicas, é fácil os leitores se desqualificarem ao notar que eles não se encaixam em condições específicas descritas em meus exemplos. A aplicação eficiente precisa ser tanto geral como específica. A melhor maneira de realizar isso é usar exemplos. Eles sugerem maneiras específicas de viver princípios gerais, embora não esgotem as possibilidades.

Acima de tudo, a aplicação precisa ser relevante. Enquanto preparava uma mensagem sobre Hebreus 2, pensei em Joyce, uma mulher em minha congregação que estava morrendo de câncer. Sua face esquelética, devastada pelos efeitos da doença, vieram à minha mente enquanto eu meditava sobre Hebreus 2.15, que diz que um dos propósitos da encarnação era "[libertar] aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte". Eu havia acabado de terminar dois ou três parágrafos de clichês, assegurando à congregação que verdadeiros cristãos não têm medo da morte.

"Você acha que a Joyce acredita nisso?", uma voz interna parecia estar me dizendo. Não consegui estar certo da resposta. Como eu me sentiria se estivesse morrendo e tivesse que ouvir o meu próprio sermão?

A pergunta seguinte era ainda mais perturbadora. "Você acredita nisso?". Eu tinha que admitir que não — ao menos não como uma questão de experiência pessoal. Eu poderia afirmar isso como um item da fé. Mas se eu fosse honesto, tinha de admitir que, mesmo como cristão, eu freqüentemente lutava com o medo da morte. De repente, o tom de meu sermão mudou. Lugares-comuns já não serviam. O ouvinte atento enxergaria através deles e saberia que eu estava apenas assobiando no escuro. Se quisesse pregar esse texto honestamente, eu teria que passar algum tempo do lado de Joyce e enfrentar o meu próprio medo da morte.

Para pregar com eficiência, preciso primeiro levar em consideração a perspectiva da platéia.

Capítulo 32

PREGANDO PARA PESSOAS COMUNS

Muitos se sentem como fracassados sobrecarregados

Lewis Smedes

Eu estava prestes a dobrar a minha carcaça de dois metros e pouco para entrar no nosso Plymouth casca de ovo 1952, para dirigir uma pequena igreja no centro

decaído de Paterson, Nova Jersey. Eu seria ordenado para o ministério cristão, uma passagem para a qual eu estava me sentindo inseguro e despreparado.

Antes de entrar no carro, virei-me para o meu amigo e antigo professor do seminário George Stob, que estava ao meu lado, e perguntei-lhe: "George, você tem alguma última palavra para dizer antes que eu dê esse salto"?. George deu sua resposta sem pestanejar, como se ela, por muito tempo, já estivesse armada na sua mente, e disse a única coisa que ele pensava que eu ainda precisava saber: "Lembre-se que quando estiver pregando", disse ele, "estará pregando para pessoas comuns".

Muito obrigado, pensei. Por esse tipo de sabedoria que você conseguiu ser professor de seminário? Como se eu não soubesse! De qualquer forma, espremi esse chavão na minha sacola já repleta de informações utilizáveis que eu havia coletado de professores de seminário e fui àquele culto para ser ordenado ministro do evangelho.

Como se verificou, porém, em meus anos iniciais de inocência arrogante, eu, na verdade, não sabia muito a respeito de pessoas comuns. Não as conhecia, não na profundidade do meu ser, não ali no cerne em que as questões das atitudes autênticas de um pregador são decididas. Eu estava embriagado com noções acadêmicas. Estava sintonizado com minha teologia. Estava sintonizado com a arte da pregação. Mas não estava sintonizado com a característica comum de pessoas que escutavam a minha pregação idealista.

Ser comum é ser muito fraco para lutar com as coisas terríveis que são muito pesadas para a mera humanidade. Pessoas comuns não são heróis — elas não são covardes, apenas não-heróis, pessoas limitadas, angustiadas com o mal-estar de tudo que é demais.

Nós, pessoas comuns, não podemos encaixar nossa vida em caixas pré-formadas de isopor. Não podemos conduzir a vida tão bem quanto gostaríamos, ao menos não em nossos lugares secretos. Não conseguimos amarrar todos os nós. Não conseguimos empacotar a vida como gostaríamos de fazê-lo. Para nós, a sobrevivência é freqüentemente a maior história de sucesso que nos atrevemos a esperar. Pessoas comuns vivem à margem, apenas um passo atrás da linha que nos separa daqueles que desmoronam. Pessoas comuns são aquelas que clamam por um sinal, qualquer sinal, de que ainda possa estar tudo certo mesmo quando tudo parece terrivelmente errado.

O que George estava tentando me dizer era que muitas pessoas que procurariam a ajuda de Deus por meio de mim seriam comuns neste sentido: elas não estariam vivendo no auge do sucesso, mas à margem do fracasso; não no pico do triunfo, mas no precipício da derrota. Ele não quis dizer que todo mundo que viria até mim seria um fracasso. O que ele quis dizer é que muitos deles se sentiriam como um fracasso algum momento em sua vida.

Elas vieram à minha igreja no domingo, pessoas comuns de fato vieram, mas eu não as reconheci no começo. Agora eu sei que elas têm a seguinte aparência:

- Um homem e uma mulher, sentados retos como uma tábua, sorrindo sob comando diante de cada orientação de piedade engraçada, odeiam-se um ao outro por deixarem o romance no seu casamento ruir e cair em uma rotina cansativa em que existe tédio sem gosto, porém sempre bem-ordenado.

- Uma viúva, surrando seus améns para cada promessa de providência divina, está morrendo de medo porque a besta indestrutível da inflação está devorando suas economias.

- Um pai, o modelo congregacional de firmeza paternal, está se irritando na suspeita de seu próprio fracasso paternal porque ele não consegue suportar, muito menos entender, as palhaçadas ruidosas de seu filho um pouco desequilibrado.

- Uma mulher jovem e atraente no banco da frente está completamente paralisada, pois está certa de que tem câncer de mama.

- Um homem de meia idade que, com sua nova Mercedes, é uma história óbvia de sucesso cristão, está se perguntando quando algum dia terá a coragem de dizer a seu patrão que fique com aquele emprego nojento.

- Uma esposa submissa de um dos presbíteros está amedrontada porque está sendo impelida a enfrentar corajosamente o seu alcoolismo secreto.

São pessoas comuns, todas elas, e há muitas mais nos lugares de onde elas vieram. O que todas elas têm em comum é um sentimento de que tudo está errado na área da vida que mais importa para elas. O que precisam desesperadamente é de um milagre da fé para saber que no centro da sua vida está tudo bem, e, ainda assim, isso é o que as pessoas comuns freqüentemente mantêm atrás de uma porta trancada.

Mantendo a graça atrás de uma porta trancada

Por quê? Por que é tão difícil para as boas novas entrarem em nossos sentimentos, de onde podem transbordar e vir à superfície? Por que precisamos de uma dádiva da graça?

^ Não penso que precisamos de uma dádiva da graça porque a verdade é muito difícil de ser entendida. É um mistério, é claro, nenhuma dúvida a respeito disso. Mas o mistério de Cristo não é um código que apenas a elite pode desenredar. Certa vez alguém perguntou ao grande Karl Barth — se a lenda é verdadeira — a que tudo se resumiria, todos aqueles livros grossos seus de teologia. Barth, talvez

brincando, e mesmo assim sério, disse: "Tudo se resume a isto: 'Cristo me ama, e isso eu sei' ". O mistério se resume a algo tão simples. Profundo, surpreendente, mas simples. Deus o ama e quer seu bem para sempre.

Por que pessoas comuns trancam suas portas para esse vigoroso conforto, essa doce realidade? Temos uma galáxia de desculpas. Exporei duas razões para manter minha porta fechada. Veja se elas correspondem às suas.

Primeiro, não queremos nos sentir reconciliados com Deus porque vamos complicar nossa vida se nos reconciliarmos com ele. Algo sempre muda quando acreditamos que, apesar de tudo, tudo corre bem em nossa vida e tememos a mudança. Por exemplo, não queremos aceitar o perdão porque, se nos sentirmos perdoados, precisaremos deixar aquela raiva profunda que nós armazenamos contra algumas pessoas vis que nos fizeram mal. Não queremos nos sentir amados porque, se aceitarmos o amor, teremos de abrir nossa vida para alguém que queremos manter à distância. Não queremos a alegria de descobrir que está tudo bem na vida porque, se fizermos isso, poderemos precisar entregar o prazer de nos apegar àquilo e não estamos dispostos a fazer esse sacrifício. Não queremos viver na esperança de que Deus fará da terra um lugar esplêndido de justiça e amor porque, se tivermos a esperança de uma nova criação, poderemos nos sentir pressionados a ajudar a preparar o caminho ao fazer do mundo um lugar um pouco melhor do que é agora. Kierkegaard estava certo: "Nós escolhemos fechar as portas do nosso coração porque queremos viver nos calabouços tristes da nossa vida".

Segundo, pessoas comuns mantêm as portas do seu coração fechadas porque estão muito cansadas para abri-las. Não é apenas como se pessoas comuns fossem profundamente más para deixar a luz da graça entrar em seu coração. Às vezes, elas estão simplesmente exaustas. A autocomiseração esgota nossa energia. Podemos nos machucar tanto que não temos estímulo espiritual em nós. Sentimo-nos presos em um vácuo, puxados para um buraco vazio onde nada pode nos fazer sentir que tudo está bem. Se não podemos localizar a energia para aceitar a graça para nós mesmos, certamente não podemos senti-la por outros — não porque somos maus, mas porque estamos exaustos.

Pessoas comuns estão cansadas

Quando minha esposa, eu e nossos três filhos pequenos nos mudamos de Michigan para a Califórnia, nos primeiros dias "conseguimos" colocar os três filhos em escolas diferentes. Comecei a ensinar um curso no Seminário Teológico Fuller que nunca havia ensinado antes, ensinando-o a 125 estudantes às 8 horas da manhã, quatro manhãs por semana. Até aqui tudo bem. Depois de uma semana, descobrimos por meio dos hematologistas que o nosso filho mais novo, que tinha acabado de fazer cinco anos, tinha a doença de Gaucher, uma doença congênita rara com um prognóstico indeterminado. Uma semana depois, duas semanas depois da nossa chegada no cinturão do sol, descobrimos que a minha esposa, Dóris,

tinha câncer de mama e precisava fazer uma mastectomia. Essas foram as duas primeiras semanas de nossa nova vida no paraíso da Califórnia do Sul.

Lembro-me de chegar em casa do hospital uma noite depois de visitar Dóris, muito cansado para preparar a aula da manhã seguinte. Joguei-me na cama e abri um exemplar da revista *Life*, ainda chegando toda sexta-feira naqueles dias. Virei as páginas preguiçosamente até chegar a uma parte que retratava a guerra civil da Nigéria. Fotos de crianças de Biafra morrendo de fome, pele e ossos, barrigas salientes vazias, joelhos como bolas duras e palitos de dente no lugar das pernas saindo delas. Toda a mídia nesse tempo estava atirando essas fotos à nossa consciência quase à prova de choque. Fechei a revista e a joguei no chão. Não conseguia olhar aquilo: "Sinto muito, crianças famintas e moribundas, estou tão cansado; hoje preciso da minha piedade para mim mesmo; não tenho energia para abrir o meu coração para a compaixão por vocês".

Acredito que teria sido necessário um milagre para que eu conseguisse abrir o coração para sentir o amor de um Cristo reconciliador por aquelas crianças de Biafra aquela noite. E foi necessário outro milagre para sentir, e sentir profunda, verdadeira e alegremente que estava tudo certo comigo mesmo quando tudo, tudo parecia errado. Eu estava muito cansado para sentir isso pelas minhas próprias forças.

Pessoas comuns se sentem muito cansadas muitas vezes. Elas vêm à igreja e escutam palavras a respeito de uma graça que fez com que ficasse tudo bem na vida em seu centro, mas não conseguem encontrar reserva extra de poder para abrir seu coração para a realidade de Jesus Cristo e o fato da sua graça. Deus precisa abrir a porta.

A surpresa é que Deus, de fato, concede-nos essa dádiva. Às vezes. E às vezes o aceitamos.

Pregando a graça a pessoas comuns

Às vezes, Deus vem calmamente para dizer a pessoas comuns que ele está ao redor delas, acima delas, debaixo delas, nelas e à frente delas e que, com essa proteção forte de amor, tudo ficará bem com elas.

As vezes, as pessoas estão em um acesso de raiva que sufoca seu coração, abafa sua alegria e suprime todo relacionamento íntimo. Então, Deus aparece para quebrar a corrente da raiva e liberar uma pessoa comum para uma nova tentativa de amor.

Às vezes, as pessoas vivem em um pavor silencioso de sua própria morte. Então, Deus aparece para lhes dar uma razão para estarem extremamente contentes por estarem vivas mesmo que seja apenas hoje.

As vezes, as pessoas têm alguma lembrança depressiva de alguma coisa detestável que fizeram e não podem esquecer nem se perdoar por ter feito isso. Então, Deus aparece para abrir seu coração para receber os dons de outras pessoas comuns e, assim, perdoam-se a si mesmas.

Às vezes, pessoas comuns se enrolam como múmias com o pano de saco de seu próprio ódio por si mesmas, e Deus aparece para abrir seus olhos para o milagre extraordinário de seu grande valor.

Todas as pessoas comuns têm uma inclinação a pensar que as coisas possuem uma forma insuportável em volta delas. E com freqüência isso é verdade. A vida pode ser miserável, horrível, totalmente insuportável, o próprio inferno. Mas o segredo da graça é que tudo pode estar certo no centro, mesmo quando tudo esta errado nas margens. Pois no centro, onde a vida está aberta ao Deus Salvador e Criador, nós somos sustentados, conduzidos, amados, cuidados e inseparavelmente amarrados ao futuro que ele tem para cada filho que declara como seu

Levou muito tempo para que eu soubesse o quanto eu precisava das palavras de Geor-e Stob a respeito de pessoas comuns. Eu deveria ter sabido disso bem antes Afinal, eu era uma delas. Bem, isso não importa agora. A coisa importante agora é que uma dádiva extraordinária está disponível a pessoas comuns. E a dadiva de uma porta aberta, a porta com dobradiças enferrujadas de corações furiosos, machucados e cansados, uma porta aberta para a graça que nos conduz de volta a verdade, a verdade de que, no cerne do relacionamento das pessoas comuns com Deus, tudo está certo e sempre estará. A pregação que ministra a pessoas comuns, àquelas fracassadas e sobrecarregadas como você e eu, libera a graça de Deus.

Capítulo 33

POR QUE PREGADORES SÉRIOS USAM HUMOR

Discernimento para momentos alegres com um propósito relevante

John Beukema

Certa vez, apresentei uma história de um sermão dizendo: "Eu não gosto desta história". Aqui está aproximadamente o que se seguiu:

Fred Craddock conta de um jovem pastor visitando uma mulher idosa no hospital. O pastor encontra a mulher bastante doente, ofegante e obviamente se aproximando do fim de sua vida. No meio de tubos, sacos e máquinas hospitalares fazendo diversos tipos de bip, o pastor lê as Escrituras e oferece conforto espiritual.

Ele pergunta: "A senhora gostaria que orássemos antes de eu ir embora?", e a mulher sussurra um sim.

O pastor diz: "O que a senhora gostaria que eu orasse hoje?".

A paciente responde: "Que eu seja curada".

O pastor engole a saliva. Ele pensa: *Essa pobre senhora não consegue aceitar o inevitável. Isso é como pedir a Deus para que ele evapore as calorias de uma dezena de bombas de chocolate. Ela não está encarando a realidade.* O jovem ministro guarda isso para si e começa a fazer algo que não é bem uma intercessão.

"Senhor, oramos por sua presença sustentadora para essa irmã doente e, se for da sua vontade, oramos que ela seja restaurada à vida e ao serviço. Mas se não for da sua vontade, certamente esperamos que ela se adaptará às circunstâncias".

Você já fez orações assim? São orações seguras. Elas concedem a Deus uma saída, uma desculpa, no caso de o pedido não ser da sua vontade e ele não aparecer.

Imediatamente depois que o pastor coloca um amém em sua oração segura, a mulher abre seus olhos e se senta na cama. Então, joga seus pés para o lado e levanta.

"Acho que estou curada", grita ela.

Antes que o pastor possa reagir, a mulher anda até a porta, abre-a e anda pelo corredor do hospital a passos largos. A última coisa que o pastor ouve antes de ela desaparecer são as seguintes palavras: "Olhem para mim, olhem para mim. Estou curada".

O pastor fecha sua boca com a ajuda da mão, levanta e lentamente desce as escadas e sai para o estacionamento. Não há sinal da ex-paciente. Ele abre a porta do carro e pára. Aí olha para o céu e diz: "Por favor, nunca mais faça isso comigo".

Não gosto dessa história. Não gosto dela... porque esse pastor sou eu. Posso me identificar com ele.

Essa anedota não é hilária. Entretanto, a história é humoristicamente eficaz. Tem os elementos-chave do que faz alguma coisa ser engraçada.

Três características do humor

O autor, palestrante e comediante cristão Ken Davis, presidente da Dynamic Communications, em uma entrevista para este capítulo, identifica três elementos que tornam uma coisa engraçada: verdade, exagero e surpresa.

Verdade. A história acima contém um elemento da realidade que os ouvintes reconhecem como verdadeiro. É uma admissão da fragilidade humana. Nesse caso, as pessoas se identificam com o fato de orar por coisas que elas na verdade não esperam que Deus dê.

Exagero. Toda a história é exagerada, desde a superabundância de tecnologia para manutenção da vida até a ambigüidade da oração do pastor e até a recuperação imediata da mulher. Na vida real, a mulher ainda estaria no andar de baixo pagando suas contas.

Surpresa. Esse é o ponto forte da história. À medida que ela se desenvolve, você não consegue evitar de se perguntar qual será o desfecho. A reação do pastor é completamente inesperada. O final se entrelaça com minha explicação de por que não gosto da história.

E engraçado a não ser que tem uma dessas características. Quão doloroso é estar sob a impressão de estar dizendo algo cômico quando não é. Se suas histórias fracassam completamente, comece a avaliá-las à luz dessas três categorias.

É claro, essas não são as únicas considerações para se usar o humor bem, mas antes de examinar mais essa questão, precisamos nos perguntar se o humor tem algum lugar no púlpito.

Existe lugar para o humor no púlpito?

Haddon Robinson, professor de homilética no Seminário Teológico Gordon-Conwell, em uma entrevista para este capítulo, disse: "Já que a pregação lida com a vida, ela precisa ter algum elemento de humor. Precisamos olhar para a vida como ela é vivida e, às vezes, ver o quão absurda ela é".

Considere algumas das metáforas e declarações de Jesus e logo se torna óbvio que Jesus não se abstinha de inserir um elemento cômico para fazer uma observação. Ken Davis dá o exemplo das palavras registradas por Mateus, Marcos e Lucas de que "é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus" (e.g., Mc 10.25). Davis ridiculariza a tentativa de explicar "o fundo de uma agulha" como um portão de uma cidade, onde um camelo teria que tirar todas as cargas que dificultassem a entrada e se ajoelhar para entrar, ou a explicação de que a palavra para camelo na verdade significava "grande corda". Uma interpretação dessas atrapalha a observação que Jesus quer fazer. Jesus apresentou uma descrição tão exagerada que era engraçada e, ainda assim, o tema da salvação não poderia ter sido tratado com mais seriedade.

Jesus usava o exagero. Elton Trueblood se inspirou a escrever o seu livro *The Humour of Christ [O humor de Cristo]* quando leu as palavras de Jesus acerca de ciscos e traves nos olhos das pessoas, e essa descrição fez o seu filho de quatro anos rir. Quando um samaritano parou para ajudar o homem quase morto depois que dois tipos de religiosos ignoraram a vítima, isso foi um choque. Uma pequena pesquisa das relações entre samaritanos e judeus naquele tempo mostra o quão humoristicamente implausível isso precisa ter parecido aos ouvintes. Jesus falava a verdade com um sorriso. A descrição de Jesus daqueles que "coam um mosquito e engolem um camelo" (Mt 23.24) é tão engraçada quanto penetrante.

John Stott escreve: "Parece que é consenso geral que o humor era uma das armas no arsenal do maior dos Mestres" (1982, p. 287). Se isso é aceito, então a questão de se deveríamos usar o humor está decidida. Talvez uma pergunta melhor a ser feita é: Que tipos de humor não pertencem à pregação?

Humor inadequado

Charles Haddon Spurgeon era famoso tanto por seu poder em seus sermões quanto por seu humor. Certa vez, Spurgeon atendeu a uma batida na porta de sua casa e foi confrontado por um homem que segurava um grande pedaço de pau.

O homem saltou pela porta aberta, e anunciou que havia vindo para matar Spurgeon.

"Você deve estar querendo dizer meu irmão", o pregador disse, tentando acalmar o sujeito. "O nome dele é Spurgeon"

Mas não havia omo dissuadir o homem. "É o homem que faz as piadas que eu quero matar" (Warren Wiersbe, 1976, p. 195).

Spurgeon, o pregador, não era um contador de piadas, mas ele "tinha um talento para o humor e, às vezes, este entrava em cena enquanto ele pregava" (Arnold Dalimore 1984, p. 76). As críticas que Spurgeon recebeu o impeliram a defender o uso do humor na pregação e esclarecer quais aspectos não pertenciam ao pulpito.

Leviandade é inapropriada

Spurgeon enfatiza que o humor e a leviandade não são sinônimos. "A alegria é uma coisa; a fnvolidade, outra; é homem sábio aquele que, pela mera alegria de ter uma conversa séria, caminha entre as rochas negras do enfado e a areia movediça da leviandade *{Lectures to My Students [Lições para meus alunos* (PES)], p 151)

"Precisamos superar nossa tendência à leviandade. Existe uma grande distinção entre a alegria santa, uma virtude, e a leviandade geral, um vício. Há uma leviandade que não tem coração suficiente para rir, graceja com tudo; ela é frivola, vazia, irreal Uma risada sincera não é mais frivola do que um choro sincero" (p 212)

A diferenciação de Spurgeon é útil. A leviandade é despreocupada a ponto de ser inapropriada. A frivolidade transmite indiferença ou desrespeito despreocupado. Comentarios frivolos não são apropriados em sermões e prejudicam o grande proposito da pregação. Haddon Robinson sente que "o humor é mais mal usado na pregaçao do que é bem usado [...], porque a piada é contada por causa dela

John Piper, autor e pastor da Igreja Batista Bethlehem diz: "A seriedade é o comportamento que corresponde ao peso do assunto da pregação. O oposto da seriedade nao é um chilrear alegre, leviano e frivolo. É possLl ser sério e usar elementos de humor, sem leviandade" (1999).

É claro que nem sempre é fácil traçar a linha, e o discernimento revestido de humor de alguém pode ser considerado superficial e imaturo por outra. Mas a leviandade e a inimiga daquilo a que Spurgeon e Piper se referem como seriedade A seriedade da a pregação energia, zelo, sinceridade e excelência. A leviandade mancha essas qualidades, ao passo que o humor as lustra.

Humor excessivo é contraproducente

Em uma história muitas vezes contada, mas não comprovada, Spurgeon responde a uma mu her que expressara seu desgosto quanto ao seu uso freqüente de humor dizendo: Se a senhora soubesse o quanto de humor ainda seguro para mim, a senhora me daria crédito". Enquanto a autodisciplina é necessária em todos os aspectos do sermão, ela é mais necessária no humor. John Piper adverte-

Ha um lugar para o humor em nossa vida, mas algo está profundamente errado

no fato de que nos sentimos instigados a usar tanto dele no ensino e na pregação e até mesmo na adoração".

John Ortberg, autor e pastor mestre na Igreja Presbiteriana Menlo Park, em Menlo Park, California, em uma entrevista para este capítulo, disse que passou por um período em que sentiu que o humor havia se tornado demasiadamente importante para ele. Contar uma historia engraçada se tornou uma parte previsível de toda mensagem. Ele a usava para relaxar enquanto falava e para averiguar se as pessoas estavam com ele. Ainda que o humor fosse apropriado e tivesse o seu propósito, Ortberg sentiu que estava se tornando dependente dele. Para combater isso, ele disciplinou-se a pregar varias vezes seguidas usando pouco humor.

Haddon Robinson sugere que, se percebemos que estamos usando humor que não serve à verdade, precisamos abandoná-lo por um tempo. "Se eu sou viciado no humor, isso significa que eu vou usá-lo por causa dele ou por minha causa ou por causa dos ouvintes, mas não por causa da verdade". "O humor é legítimo", diz John Stott. "Entretanto, temos de ser econômicos no seu uso e criteriosos nos assuntos que selecionamos para rir" (1982, p. 288).

Humor inapropriado não tem espaço

Certos temas nunca devem ser tratados de maneira engraçada. Histórias que caçoam do peso, da afiliação étnica, idade, visões políticas ou limitações físicas de alguém estão em zona proibida. Insinuações sexuais, tolices, o que Efésios 5.4 chama de "gracejos imorais", são inaceitáveis.

Coisas sagradas não podem ser mencionadas em um contexto humorístico sem grande cuidado. O rito do batismo e a celebração da ceia do Senhor devem ser quase sempre evitados como assuntos para o humor. Haddon Robinson observa que "as coisas mais engraçadas acontecem quando mais estamos tentando ser sérios". Antes de mencionar qualquer uma dessas coisas do púlpito, você precisa ter certeza de que não está "tornando leviano algo que Deus leva a sério".

Ouvi um pregador contando que visitou uma mulher em seu *trailer* em uma tentativa de compartilhar as boas novas. Em uma única história, ele conseguiu menosprezar o batismo, a pobreza, o evangelismo e a obesidade.

É improvável que o Pai, o Filho e o Espírito Santo devam ser invocados em um contexto cômico. Não deveríamos usar humor que confirma estereótipos a respeito de Deus, tratando-o despreocupadamente ou, por outro lado, não o retratando com exatidão.

Um pouco de humor que faz referência a Deus pode ser aceitável. Por exemplo, Ken Davis conta a respeito de um ladrão que entra em uma casa apenas para ouvir uma voz no escuro dizendo: "Vejo você, e Jesus vê você". Depois de descobrir que a voz é de um papagaio, o ladrão tenta silenciar o pássaro e, então, encontra um doberman enorme, rosnando próximo à gaiola. Nesse momento, o papagaio diz: "Morda-o, Jesus". Davis caminha sobre uma linha fina aqui, mas usa a história

eficientemente ao apontar que é assim que muitas pessoas vêem Deus, como furioso e pronto para atacar no primeiro passo errado que dermos.

Tome cuidado para não colocar as coisas ofensivas e desagradáveis em uma situação cômica. O autor e palestrante Fred Smith usa como uma norma de procedimento o antigo ditado: "Enquanto os ouvintes riam, os anjos choravam". Smith diz que um teste para o humor apropriado é: "Os anjos também estão rindo?".

Conduzido por essas precauções, o pregador pode estar confiante no fato de que o humor pode ter um lugar importante no sermão. Phillips Brooks em seu livro: *Lectures on Preching [Palestras sobre pregação]* chamou o humor de "uma das qualidades mais úteis que um pregador pode ter"; e John Stott disse: "Devemos estimulá-lo [o humor] com satisfação no serviço na causa do evangelho" (1982, p. 292). O que o pregador precisa tentar alcançar é o humor apropriado ao tema, ao tempo adequado e ao propósito.

Os benefícios do humor na pregação

O que o uso correto do humor atinge?

O humor vence as defesas

John Ortberg diz que usa o humor pela mesma razão que um cirurgião usa a anestesia: não para fazer as pessoas dormirem, mas para prepará-las e capacitá-las para receber verdades doloridas de que elas precisam. Os ouvintes tentam se defender contra a verdade severa, e o humor pode fazer essa verdade entrar vencendo suas resistências e defesas automáticas. "Nenhum outro meio pode quebrar o gelo, diminuir as inibições e criar uma atitude de expectativa tão rapidamente quanto o humor" (James Cox, 1985, p. 186).

Ortberg diz que uma mudança rápida do humor à seriedade "pega as pessoas sem defesa e, de repente, você está muito mais profundo do que elas estavam esperando". Ele dá este exemplo:

> Há muitos anos, no começo do nosso casamento, minha esposa e eu vendemos o nosso fusquinha para comprar nosso primeiro móvel realmente bom. Um sofá. Era um sofá cor-de-rosa, mas por causa da quantia de dinheiro gasta nele, foi chamado de sofá cor-de-malva. O homem da loja de sofás nos disse tudo a respeito de como cuidar dele, e o levamos para casa.
>
> Tínhamos crianças bem pequenas naquela época, e quem quer adivinhar qual era a regra número um em nossa casa daquele dia em diante? "Não sentem no sofá cor-de-malva! Não brinquem perto do sofá cor-de-malva! Não comam perto do sofá cor-de-malva! Não toquem no sofá cor-de-malva! Não pensem no sofá cor-de-malva! Nesta casa, vocês podem sentar em toda cadeira o quanto quiserem, mas neste sofá — o sofá cor-de-malva —

vocês não podem sentar, pois no dia em que vocês sentarem nele, certamente morrerão!".

Então, um dia, veio a "queda". Apareceu uma mancha no sofá cor-de-malva ... uma mancha vermelha ... uma mancha de gelatina vermelha. Minha esposa chamou o homem da fábrica de sofás e ele lhe disse o quanto era ruim aquela situação. Assim, ela reuniu nossos três filhos para olhar a mancha no sofá. Laura, à época, com mais ou menos quatro anos, e Mallory, com mais ou menos dois e meio, e Johnny, talvez seis meses de vida. Ela disse: "Filhos, vocês vêem isso? Isso é uma mancha. É uma mancha vermelha. E uma mancha de gelatina vermelha. E o homem da loja de sofás disse que ela não sai, não vai sair por toda a eternidade. Vocês sabem o quanto dura a eternidade, filhos? A eternidade dura o tempo que vamos ficar sentados aqui até que um de vocês me diga qual de vocês fez com que o sofá cor-de-malva ficasse com uma mancha vermelha.

Por um longo tempo, as crianças ficaram ali sentadas até que finalmente Mallory cedeu. Eu sabia que ela ia. Ela disse: "Laura fez isso". Laura disse: "Não, eu não fiz". Então, houve um silêncio mortal por um longo tempo. E eu sabia que nenhuma delas confessaria ter manchado o sofá, porque nunca na sua vida tinham visto sua mãe tão brava. Eu sabia que nenhuma delas confessaria ter manchado o sofá, porque sabiam que se fizessem isso, passariam toda a eternidade na "cadeira do castigo". Eu sabia que ninguém confessaria ter manchado o sofá, porque, na verdade, tinha sido eu que manchara o sofá, e eu não estava dizendo nada! Nem uma palavra sequer!

Mas Ortberg sai dessa história para dizer: "Aqui está a verdade a respeito de nós. Todos nós manchamos o sofá". O humor abriu o coração das pessoas, permitindo que Ortberg falasse a respeito dos temas sérios do pecado, da culpa e de um Deus santo.

Fred Smith chama esse aspecto do humor de "lubrificar a agulha".

O humor alivia a tensão

John Ortberg fala a respeito da arte da administração da tensão. Comunicadores que têm talento para motivar e convencer conseguem discernir quanta tensão os ouvintes podem tolerar. Muita tensão, e os ouvintes começam a se retira: emocionalmente. Assim, o humor pode aliviar a pressão e manter a platéia envolvida. Mas precisamos lutar contra o impulso de usar o humor prematuramente. Ortberg diz: "Freqüentemente subestimamos a quantidade de tensão que as pessoas são capazes de tolerar e subestimamos o uso da tensão para produzir mudanças .

O humor aumenta o interesse

Ganhar a atenção de uma congregação e depois manter seu interesse é provavemente a razão mais comum pela qual oradores usam o humor. John Ortberg senti

que o envolvimento dos ouvintes pode ser percebido pelos barulhos no local — pés se mexendo, tossidas e sussurros. Quando o nível do barulho fica muito alto, o humor espontâneo freqüentemente consegue recuperar a atenção daqueles cujos pensamentos estão longe. Ortberg também introduz o humor intencionalmente quando uma parte de um sermão tem uma alta densidade de informações.

O humor mostra a nossa humanidade

Ken Davis gosta da definição do humor como "um modo brando de reconhecer a fragilidade humana". Os pregadores precisam se comunicar como pessoas reais e não "completamente outras" criaturas. O humor transmite isso talvez melhor do que qualquer outra coisa. Phillips Brooks declarou: "Não há extravagância que deforma o púlpito que não poderia ser modificada e reprimida, e, com freqüência, completamente eliminada, se o ministro tivesse um verdadeiro senso de humor" (*Lectures on Preaching [Palestras sobre pregação*], p. 57).

Se a pregação é "um homem exprimindo a verdade por meio de sua própria personalidade", como Brooks a descreveu, então para muitos a falta de humor seria a negação de quem eles são. Seria tão antinatural remover todo o humor de sua fala quanto eliminar a inflexão da voz. O escritor Warren Wiersbe diz: " O *homem todo precisa estar no púlpito* e isso inclui um senso de humor, então seja completo" (1976, p. 197, ênfase no original).

O humor expressa a alegria do Senhor

John Ortberg vê a alegria como uma grande componente das Escrituras, da igreja e da experiência de se estar presente para a pregação da palavra de Deus. Uma forma em que expressamos essa alegria é a risada. A disposição do pregador e da congregação de rir juntos é um sinal saudável de vitalidade espiritual. Thomas Long sugere que a risada indica uma boa teologia: "Porque Deus em Cristo destruiu o poder do pecado e da morte, a congregação cristã e seus pregadores estão livres para rir de si mesmos" (1989, p. 16).

O humor estabelece uma conexão entre o orador e os ouvintes

Um amigo de John Ortberg visita diferentes igrejas na qualidade de consultor de igrejas. Depois de ouvir muitos sermões diferentes, o consultor observou que um sentimento de conexão entre o pregador e a congregação mais freqüentemente vinha no primeiro momento de riso em uma mensagem. O próprio Ortberg sente que o humor é uma parte de quem ele é, de forma que usá-lo deixa-o confortável e ajuda a estabilizar uma relação entre os ouvintes.

O humor encoraja um sentimento de comunidade

John Ortberg acredita que expressões exteriores de alegria e humor têm "a capacidade de criar um sentimento de comunidade". Além da relação que o hu-

mor estabelece entre o orador e o ouvinte, ele também faz algo falsear entre as pessoas. Há uma experiência compartilhada que cria sentimentos calorosos. O humor é uma maneira de tirar as pessoas do isolamento que resulta de sentar em uma congregação de estranhos, permitindo-lhes sentir-se parte de algo maior do que eles mesmos.

O humor chama a atenção para a verdade

Spurgeon aconselhou seus alunos que estudavam o ato de pregar a "serem tão completamente sérios que todas as suas faculdades estivessem despertadas e consagradas, e, assim, um estalo de humor só acrescentaria seriedade mais intensa ao discurso, exatamente como um relâmpago que faz a escuridão da meia noite ser mats impressionante" *{Lectores to My Students [Lições aos meus alunos,* PES], p. *IHJ).* tno lampejo de humor que a verdade pode às vezes ser mais claramente vista.

Esse foi o meu propósito ao usar esta história de Paul Harvey.

A empresa de alimentos Butterball Company criou uma linha direta para o Dia de Ação de Graças para responder perguntas sobre o preparo de perus Uma mulher perguntou se ela podia usar um peru que ficou no fundo do seu freezer por 23 anos. Você entendeu certo, 23 anos. O perito em Butterball - o que você'acha desse título de um profissional? - lhe disse que provavelmente seria seguro comê-lo se a temperatura no freezer tivesse ficado abaixo de zero todo esse tempo O perito então a advertiu de que, mesmo que fosse seguro comer o peru, provavelmente o gosto já teria deteriorado e não valeria a pena come-lo. A mulher disse- "É isso que eu pensei. Vamos dar o peru para nossa igreja .

Depois que as risadas diminuíram, eu disse: "O pecado se mostra primeiro no que você dá a Deus".

Ken Davis diz: "A risada ajuda as pessoas a ver a escuridão do seu coraçao .

O humor é uma das linguagens de nossa cultura

Nossa sociedade anseia pelo humor. As pessoas adoram rir e gastam quantias incalculáveis procurando ser entretidas. Como missionários para essa cultura, o humor ajuda na apresentação da mensagem de modo que as pessoas a entendam. Uma igreja ou sermão privados do riso não podem ser vistos como reais.

John Ortberg sente que a risada transmite àqueles fora da igreja que este e um lugar onde "eles falam a minha língua", um lugar que tem um ponto de conexão com o mundo de hoje.

Características do humor eficiente

O humor eficiente segue estes princípios.

Tenha um propósito

John Ortberg acredita que, já que o "objetivo final da pregação é formar Cristo nas pessoas", o humor precisa ser sempre o servo da mensagem. Se o humor nao

faz nada para favorecer esse propósito, então o pregador precisa descartá-lo do sermão. Haddon Robinson diz que a "regra cardeal do humor é que ele precisa servir a verdade". Uma indicação disso é quando seus ouvintes pensam na história e também pensam na verdade que está por trás dela.

Dos muitos benefícios listados acima, algumas vantagens podem não ser suficientes para sua inclusão. O humor precisa servir ao propósito maior. Devemos fazer perguntas como: De que modo isso contribui para ressaltar o ponto proposto? Como isso permitirá que as pessoas ouçam a verdade? Por que essa história merece um espaço na mensagem? Ken Davis diz: "O propósito deveria ser que esse humor ilustra um ponto, clarifica outro ponto, chama a atenção das pessoas para algum ponto que as levará um passo adiante em direção à cruz".

O humor eficiente é divertido, e não há nada de errado com isso. O divertimento é errado quando se torna o objetivo ou se torna um fim em si mesmo. Podemos ultrapassar a linha em direção a isso simplesmente pelo nosso uso do tempo. John Ortberg sugere que quando nos apressamos para aliviar a tensão por meio do humor, isso é uma questão de auto-estima. Nossa incapacidade de esperar a tensão ter seu maior efeito espiritual pode ocorrer porque somos muito ansiosos para fazer com que as pessoas gostem de nós. Quando o pregador está preocupado em manter as pessoas alegres, dizer a verdade é algo que fica comprometido.

Não seja nem inócuo nem ofensivo

A pregação sempre ofenderá alguém. A solução não é a fala amena. Em vez disso, precisamos monitorar rigorosamente aquelas coisas que queremos que sejam engraçadas. Pergunte a si mesmo quem pode considerar isso ofensivo e saiba que suas próprias sensibilidades nem sempre são confiáveis.

Um palestrante famoso contou uma história de um jornal que envolvia a tentativa de eletrocussão de um porco. O palestrante contou essa história rindo, mesmo na parte em que dois fazendeiros acabaram mortos, um ficou gravemente ferido e o porco ficou ileso. Aprendi pelo caminho difícil que qualquer história que inclua perigo para algum animal deve ser usada apenas com cuidado extremo. O problema com essa história não era que ela não serviu à mensagem — acredite se quiser, ela serviu. Mas a perda real de vida humana não deveria ser uma fonte de risadas despreocupadas. A contribuição que a história fez para o ponto proposto ficou ofuscada por sua insensibilidade.

O humor usado no púlpito não deve fazer alguém se encolher. O humor pernicioso pode ser prejudicial mesmo quando não ofende a "vítima". Ken Davis adverte que o pregador pode caçoar de um amigo benignamente, mas outros não sabem que isso resulta da amizade e podem se ofender por aquela pessoa.

Seja seletivo

John Ortberg diz que as leis do humor são as mesmas que as do mercado imobiliário — localização, localização, localização. A história certa precisa surgir

na hora certa na mensagem. Fred Smith acredita em usá-la como bom tempero, "permeando o todo" (2003), mas há momentos em que o humor deve ser evitado. Ortberg fala de momentos em que havia um espírito suave e afável no ambiente e ele percebeu que alguma coisa engraçada que havia planejado dizer poderia destruir esse espírito. A disciplina é necessária "porque há algo que é mais importante que o humor".

Fred Smith escreve: "O humor deve ser usado para afiar a verdade, não embotá-la" (2003). Esse é um fator determinante na colocação do humor. Ele não deve estar apenas no lugar certo na mensagem, mas na mensagem certa. Na pressa de usar alguma coisa boa, precisamos resistir ao ímpeto de forçá-la no lugar ao qual não pertence. Ortberg diz: "Quando ele realmente se encaixa, fará um bem muito maior. Preciso disciplinar a mim mesmo, esperar e guardá-lo para aquele momento".

Faça a autocensura, sem se tornar autocentrado

O humor pode ser uma expressão de humildade se o orador está seguro o suficiente para caçoar de si mesmo. Haddon Robinson escreve: "Gostamos de pessoas que riem de si mesmas, porque estão dizendo: 'Estou falando a respeito de algo muito sério, mas eu não me levo a sério demais' " (1989, p. 134). Quando o orador é o alvo da piada, isso diminui ainda mais as defesas dos ouvintes para o bisturi da verdade que vem adiante.

Em um sermão sobre Marcos 9, desafiei a congregação a fazer orações impossíveis. Disse que eu mesmo estava tentando crescer nessa área. Contei a respeito de quatro orações impossíveis que em certa época fiz diariamente. Finalmente, concluí que a resposta das duas primeiras orações foi: "Não", a resposta da número três foi: "Ainda não", e da quarta oração eu desisti completamente. A seguir disse:

"Eu desisti de minha oração impossível. Que grande guerreiro da oração eu sou. Mas nessas duas últimas semanas minha esposa teve quatro respostas estupendas às orações, duas das quais eram impossíveis. Uma era o exato pedido de que eu havia desistido. Ela pode orar, ela pode pregar — acho que não sou eu que deveria ser o pastor aqui."

As pessoas gostaram daquela pequena percepção mais do que eu havia imaginado. Minha esposa gostou muito da história também. A advertência é que devemos nos vigiar para que não falemos demais sobre nós mesmos. Ken Davis diz que devemos cuidar "para que a palavra *eu* não se torne uma grande parte de nossas mensagens".

Ensaie, mas esteja aberto à espontaneidade

John Ortberg adverte: "Pior do que não ter nenhum humor é forçar humor que não é engraçado".

Ken Davis diz que o humor é uma ferramenta que precisamos praticar para aprender a operá-la bem. Ele acredita que, com um pouco de trabalho, qualquer

coisa pode ser engraçada. Os pregadores precisam olhar para alguma coisa que os fez rir sozinhos e descobrir por que isso lhes pareceu engraçado. Quando essa lição é aprendida, podemos aprender a apresentar histórias de um modo que produzirá a mesma reação em nossos ouvintes.

Pratique maneiras de começar histórias que não comecem assim: "Outro dia aconteceu uma coisa engraçada comigo". Pratique a seqüência das histórias com uma ou duas pessoas até que o controle do tempo e a maneira de expressar algo estejam afiados. O humor resulta menos daquilo que você diz e mais da maneira em que você o diz.

A prática não deveria impedir o humor espontâneo que, às vezes, pode ser mais eficiente. Uma família em nossa igreja estava se mudando. O marido me contou que era conhecido na igreja apenas como o "marido da Kim", porque ela estava muito envolvida na igreja, e ele viajava muito. Sentiriam muita falta dela, mas ele duvidava que saberiam que ele tinha ido embora. Com a sua permissão, contei aquela história durante um sermão a respeito de Romanos 12 sobre a nossa importância. Repeti a nossa conversa e comecei a enfatizar o grande valor dele para sua família e igreja. Isso tudo começou a ficar emotivo. De repente, um pensamento estalou na minha cabeça e eu disse: "Agora, alguém poderia me dizer quem é essa pessoa?". A casa veio abaixo.

Entretanto, cuidado, esses acréscimos não planejados são também os mais perigosos porque você tem apenas alguns momentos para filtrar e avaliar o que dirá.

Observe a vida diária

O humor que flui das experiências de vida supera as piadas com frases que representam o ápice da história. Piadas são o que Ken Davis chama de humor de alto risco. Se uma piada morre, todo mundo percebe, e o ponto proposto pode morrer junto com ela. Quando uma história pessoal não provoca o riso que você esperava, ela ainda tem o poder de ilustrar o ponto. É por isso que Davis chama isso de humor de baixo risco e sugere que é aí que alguém que está tentando aprender a ser mais engraçado deveria começar. Assim, evite livros de piadas e preste mais atenção naquilo que está acontecendo à sua volta.

John Ortberg diz: "O melhor tipo de humor é o humor observacional, o humor que flui das incongruências da vida e do modo que a vida funciona". Haddon Robinson fala a respeito do poder do humor que é "uma observação a respeito da vida que me faz rir e, ao mesmo tempo, concede-me discernimento".

Não há falta de material. "Experiências de vida geram mais humor do que você jamais poderia usar em um milhão de anos", diz Ken Davis. A pregação precisa estar consciente de como as coisas do dia-a-dia podem ser engraçadas — mesmo as coisas que não foram engraçadas no momento. Davis conta uma história a respeito de um acidente de carro menor que acionou o *air bag.* Ele diz que a TV não lhe conta a verdade quando retrata o *air bag* como um *marshmallow* salvador.

Nessa experiência, o impacto fez com que saísse sangue do seu nariz, e ele sentisse dor. Davis transforma o incidente doloroso em uma história tremendamente engraçada.

Focalize uma verdade comum

Fale sobre experiências com que outros se identificam. Ken Davis conecta com um sentimento comum entre os homens com esta observação:

"Há provas nos *shopping centers* de que os homens não foram feitos para fazer compras. A maior prova são os 290 quilômetros de bancos lá, e não há nenhuma mulher naqueles bancos, só homens. Eu vi um homem com 80 anos, talvez 90, com teias de aranha penduradas de sua cabeça. A parte triste da história é que ele não tinha 90 quando entrou no *shopping."*

O humor baseado na verdade, nesse caso exagerada, faz com que as pessoas acenem com a cabeça e riam em concordância. Pode ser algo que a pessoa comum não percebeu até que você focalize isso.

Seja você mesmo

Embora Ortberg e Davis concordem que precisamos trabalhar no nosso humor, especialmente aqueles que não são naturalmente engraçados, não deveríamos tentar nos tornar alguém que não somos. O humor precisa se encaixar em nossa personalidade e estilo. Haddon Robinson diz: "Se você não faz isso na conversa, é sensato evitá-lo em público".

Ken Davis diz: "É importante conhecer seu próprio estilo e habilidade. Minha tendência é estar completamente empolgado". Mas Davis admira o comediante Steven Wright, que fala devagar e sem emoção. Ele simplesmente junta verdades que são raramente observadas. Por exemplo, Wright aponta que se você deixar cair uma torrada com manteiga, ela sempre cai com a manteiga para baixo. E se voce deixa cair um gato, ele sempre cai com os pés no chão. "Assim, esses dias eu grudei uma torrada com manteiga nas costas do meu gato".

Se Steven tentasse agir como Robin Williams, não funcionaria. Mas ele diz frases de uma forma que elas se encaixam em sua personalidade, e isso é hilário. Davis diz: "O humor não é necessariamente aquela coisa 'de deitar no chão e rir até ficar doente'. Às vezes, é apenas um comentário que faz as pessoas sorrir e dizer: *Cara, é verdade.* Isso é humor".

Seja gentil

Caçoar de alguém que não seja você mesmo é um campo minado. Às vezes, os oradores acham que não tem problema caçoar de uma celebridade mal-afamad;. O estilo de vida daquela celebridade está tão fora de sintonia com a moralidade bíblica que o pensador não pensa muito antes de expor aquela pessoa ao ridículo. Haddon Robinson usa esta diretriz: "Se aquela pessoa estivesse sentada na primeira fileira quando fiz o comentário, ela se sentiria insultada?".

O humor que é adequado à pregação não rebaixa ninguém, não imporra o quão justificável isso pareça. Se um orador zomba de uma celebridade ou de qualquer pessoa que o ouvinte estima, perde o ponto proposto. "O seu falar seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um" (Cl 4.6).

Seja honesto a respeito do exagero

O exagero é legítimo no humor e usar hipérboles não faz com que os ouvintes parem de nos levar a sério, se dermos sinais de que estamos usando humor. Ken Davis diz: "E importante manter a integridade". Ele diz que, em algum ponto, é necessário fazer algo como uma piscadela para os ouvintes. Davis diz que, com seus gestos e entonação, ele se torna maior do que a vida. Isso faz com que os ouvintes concluam que está contando a história maior do que ela realmente é. Ele sugere que talvez seja necessário dizer: "Vocês sabem que isso não aconteceu bem dessa forma", ou virar os olhos.

Os pregadores se metem em problemas quando insistem que uma história é verdadeira quando ela excede os limites da realidade. Qualificar uma história com palavra como: "Eu não sei se essa história é verdadeira", não tira nada dela e concede aos ouvintes a permissão de se divertir, em vez de tentar determinar a veracidade do que o orador disse.

Mantenha a surpresa

Apresentar algo engraçado dizendo que é engraçado é desastroso. É mais difícil surpreender as pessoas. Em algumas pessoas, uma resistência automática as invade. Elas cruzam seus braços e pensam: *Eu vou ser juiz disso.* É melhor que a história seja engraçada, senão o orador levará o resto do discurso tentando sair de um buraco profundo.

Indique as fontes

Certamente, nada abafa a eficácia do humor ou nossa credibilidade mais rapidamente do que apresentar o humor de outra pessoa como nosso ou a experiência de outro como nossa.

Dar o devido crédito não tira a graça da história. Uma vez, contei uma história de Ken Davis no sermão. Eu o identifiquei no começo e, ainda assim, todo mundo riu muito. Depois, algumas pessoas me contaram que já haviam ouvido a história antes. Se eu não tivesse dado o crédito, pagaria caro por isso.

Transite cuidadosamente entre o que é sério e o que é engraçado

John Ortberg acredita que é muito mais fácil a transição de momentos engraçados e divertidos para questões sérias como culpa e pecado do que a transição no sentido contrário.

Ken Davis dá este exemplo de uma mudança súbita do engraçado para o sério:

Li a resposta de crianças para o que elas pensavam que era o amor. Uma criança pequena pensava que o amor era "quando um menino usa água-de-colônia; e a menina, perfume, e eles saem para um encontro e ficam cheirando um ao outro". Uma menina pequena disse: "Acho que amor é quando minha avó não pode se mexer mais, ela está em uma cadeira de rodas, e meu avô corta suas unhas do pé embora tenha artrite e não consiga mover suas mãos".

Quando vamos do assunto sério para o humor, em geral deveríamos fazer isso gradualmente, em um processo passo a passo. Do contrário, diz Ortberg, "banalizarei tudo que eu estiver dizendo". Um momento sagrado será penetrado pelo engraçado e ai se perderá.

Em um sermão a respeito da supremacia de Cristo, usei meus sentimentos pessoais de forma humorística para fazer uma observação séria. Disse que a celebração de casamentos é a obrigação pastoral de que menos gosto. Houve uma risada tensa. Temi dois resultados possíveis: a mãe da noiva me odiaria para sempre ou eu acabaria no *Vídeos mais Engraçado da América.*

Continuei. Como pastor em treinamento, fora advertido a respeito dos fotógrafos. Eles eram os inimigos, tentando destruir toda cerimônia. Não demorou muito para que eu percebesse que isso não era uma ameaça gratuita. Fotógrafos corriam para cima e para baixo no corredor do meio da igreja, cegavam-nos com flashes e sussurravam orientações uns aos outros no tablado durante os votos. O pior foi o sujeito que se ajoelhou e engatinhou para trás do parapeito que separa o coral do palco geral e, volta e meia, fazia a cabeça aparecer por cima da grade para tirar algumas fotos.

Representei tudo isso na hora de contar a história. Foi hilário. Concluí com as seguintes palavras:

"Na minha opinião, o casamento é a união legal, espiritual e pública de duas vidas. Ele não é primariamente uma oportunidade para se tirar fotos. Algum dia, vou agarrar um desses fotógrafos pelo pescoço e gritar: 'Você não é o centro das atenções aqui'".

Você veio hoje aqui com algo em sua mente. Talvez você esteja consumido por seus planos, conflitando com a solidão, ansioso em relação ao seu casamento ou preocupado com questões financeiras. Essas preocupações são todas secundárias. O evangelho grita: "Jesus é o centro de tudo".

Essa história acabou se mostrando muito poderosa. "Jesus é o centro de tudo é um tema popular em nossa igreja. E há menos pessoas me pedindo para fazer casamentos.

Bibliografia

BROOKS, Phillips. *Lectures on Preaching.* Reed. Kregel (Grand Rapids) como *The Joy of Preaching.* As citações vêm da p. 58 desse volume.

Cox, James W. 1985. *Preaching.* São Francisco: Harper & Row.

DALIMORE, Arnold. 1984. *C. H. Spurgeon.* Chicago: Moody Press.

LONG, Thomas. 1989. *The Witness of Preaching.* Louisville: Westminster John Knox.

PIPER, John. 1986. "Revival and Fasting". Um sermão pregado em 6 de junho na Igreja Batista Bethlehem, Mineápolis.

. 1999. "Thoughts on Earnestness in Preaching". Uma preleção não publicada no Instituto Bethlehem, Mineápolis.

ROBINSON, Haddon. 1989. *Mastering Conternporary Preachi?ig.* Portland: Multnomah.

SMITH, Fred. Acessado em 2003. How to Use Humor. www.BreakfastwithFred.com.

SPURGEON, C. H. *Lectures to My Students.* Grand Rapids: Associated Publishers and Authors.

STOTT, John R. W. 1982. *Between Two Worlds.* Grand Rapids: Eerdmans.

WIERSBE, Warren. 1976. *Walking with Giants.* Grand Rapids: Baker.

Capítulo 34

CONECTE OS OUVINTES POR MEIO DO DIÁLOGO

Uma via de duas mãos pode ser pavimentada com ouro

Jeffrey Arthurs

A pregação tem uma longa tradição de comunicação de uma mão. Você talvez cogite fazer a experiência, porém, de outra alternativa bem condizente com nossa cultura: o diálogo. Aqui estão várias razões para considerar o uso da comunicação de duas mãos com sua congregação.

Os pregadores da Bíblia usavam o diálogo

Quando Jesus ensinava, ele raramente se limitava ao monólogo. O Novo Testamento registra que ele fez 153 perguntas. "De quem é esta imagem e esta inscrição?" (Mt 22.20; Mc 12.16, Lc 20.24) "Qual destes três [...] foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" (Lc 10.26).

Paulo também usava o diálogo. Em Atos, Lucas usa o termo *dialegomai* pelo menos dez vezes para caracterizar a comunicação de Paulo. Os termos significam "discutir, debater, argumentar". Paulo "discutiu com eles com base nas Escrituras" (At 17.2). "Discutia na sinagoga [...] bem como na praça principal, todos os dias" (17.17). Ele "[argumentava] convincentemente acerca do Reino de Deus" (19.8). Evidentemente, Paulo sentia que era sábio um arauto se envolver em diálogo.

Temos campos diferentes de experiência

Os ouvintes ouvem as palavras do pregador por meio das suas próprias lentes. Para que a comunicação ocorra, emissores e receptores precisam dançar uma dança mental intrincada a fim de construir significado.

Max Warren chama essa dança de "pensamento quádruplo". Ele diz: "Pensar de forma quádrupla é pensar bem sobre o que direi, depois pensar bem sobre como a outra pessoa pode entender o que eu digo e, a seguir, repensar o que tenho a dizer, para que, quando eu o disser, a outra pessoa pense o que eu estou pensando". O diálogo é indispensável a comunicadores que se engajam no pensamento quádruplo.

Vivemos em uma sociedade pluralista

Os estado-unidenses valorizam a liberdade de expressão e acreditam que todos os seres humanos são criados iguais. Toda pessoa tem o direito de ter e expressar sua opinião. Nessa cultura, os pregadores querem evitar dar a impressão de dominar seus ouvintes.

Muitas formas de dialogar

Há muitas formas de introduzir mais comunicação de duas mãos em seu sermão.

Cada situação de pregação tem suas próprias regras. Pregadores que querem tentar algo novo precisam ser almas corajosas, mas talvez uma ou duas dessas sugestões funcionarão em sua igreja.

Pergunta e resposta — platéia para o pregador

Os oradores freqüentemente usam esse método logo após a mensagem, mas também podemos permitir que as pessoas façam perguntas no meio do sermão. Você pode querer usar frases deste tipo para induzir ao *feedback*. "Isso ficou claro?", ou: "Preciso esclarecer alguma coisa?". Isso coloca a responsabilidade pela clareza sobre o pregador, de forma que os ouvintes não se sentem tolos por perguntar.

Pergunta e resposta — o pregador para os ouvintes

Podemos fazer perguntas tanto abertas como fechadas à congregação. Por exemplo, para manter a atenção dos ouvintes, o pregador poderia usar uma pergunta fechada: "O que é a Grande Comissão?". Perguntas abertas são ainda mais poderosas: "Quem o povo diz que eu sou?" (Mc 8.27). Para ensinar como Jesus, podemos fazer uma série de perguntas: "Do que as pessoas mais têm medo? Do que você mais tem medo? Que lugar a oração tem na sua luta contra o medo?".

Perguntas retóricas

Essas são realmente simples de usar e podem ser tão eficientes quanto o diálogo "real". Elas ocupam os ouvintes com um diálogo mental com o pregador.

Entrevistas

Antes, depois ou mesmo no meio de uma mensagem, por que não trazer à frente uma pessoa com experiência de primeira mão no assunto da mensagem para

reforçar o ponto? Tanto os ouvintes quanto o pregador podem fazer perguntas à pessoa.

Testemunho

Os ouvintes participam vicariamente nas idéias e emoções de histórias pessoais. Tente dar seqüência ao seu sermão com uma história de alguém que "esteve ali, fez aquilo". Rick Warren, pastor da Saddleback Community Church, usa o testemunho toda semana para aumentar o impacto de suas mensagens.

Representação e teatro

Esse método também cria identificação. Como uma variante do uso comum do teatro, entrelacei uma seqüência de cenas em um sermão chamado "Um Dia na Vida de um Cristão". Esse sermão pretendia mostrar aos que consideravam a possibilidade de se tornar cristãos como é ser cristão. O sermão começou com uma introdução normal, mas depois introduziu uma personagem chamada Joana Cristã. Perguntei aos ouvintes se eles poderiam acompanhá-la durante seu dia, e à medida que ela encontrava várias provações e triunfos, dialogávamos, ou eu comentava diretamente com os ouvintes o que acabara de ocorrer.

Estrutura do sermão baseado no diálogo

O esboço de um sermão pode adotar a forma de perguntas e respostas. Ao antecipar perguntas de ouvintes quando ensina sobre o batismo, você pode usar este esboço:

O que o batismo significa?
Quem deve ser batizado?
O que o batismo realiza?
Como o batismo deve ser feito?

A reação pré-sermão

O falecido professor de pregação de Dallas, Keith Willhite aconselhava com insistência: "Pare de pregar no escuro! Receber o *feedback* não é suficiente". Tente reunir as idéias e experiências das pessoas antes de você pregar e use-as na preparação do sermão.

Reação pós-sermão

O *feedback* pode mostrar aos pregadores em que áreas mais ensino é necessário. (Advertência: você precisa se humilhar para ouvir a maioria dos comentários das pessoas. E os comentários também podem fazer com que você se torne humilde).

Dietrich Bonhoeffer diz: "E característico do pregador que ele simultaneamente questione e proclame. Ele precisa perguntar junto à congregação e formar uma comunidade socrática' — do contrário, ele não poderia dar nenhuma resposta. Mas ele pode responder e precisa, porque sabe a resposta de Deus em Cristo" *(The Communion of Saints [A comunhão dos santos]).*

Penso que você pode descobrir que encorajar mais a comunicação de duas mãos em sua pregação acaba por revigorar você, a comunidade da sua igreja e seus sermões.

Capítulo 35

A AUTO-REVELAÇÃO QUE GLORIFICA A CRISTO

A pregação transparente visa revelar a luz, não a janela

Joe Stowell

Observar estudantes universitários e suas reações a vários pregadores tem me ensinado muito. Os estudantes querem saber se o pregador é um companheiro de luta ou alguém que vive em outro planeta.

Eles conseguem perceber rapidamente um "burocrata da Bíblia" ou alguém falando de um pedestal de perfeição autoconcebida, e o coração deles se fecha. Mas deixe que eles percebam a realidade da peregrinação da vida de um pregador, e eles o seguirão de boa vontade.

Mas a auto-revelação é traiçoeira. Alguns tipos de pregação confessional corroem o respeito. Se, de qualquer forma, a auto-revelação diminui a confiança e respeito da congregação, devemos trabalhar essas questões em particular. A revelação indiscriminada pode rebaixar nosso maior ministério, aquele de deixar um rastro pelo exemplo de nossa vida.

O conselho de Paulo a Timóteo ajuda a traçar a direção para manter nossa transparência construtiva. Em 1 Timóteo 4.12, ele recomenda com insistência a Timóteo que este viva uma vida que é um exemplo. Paulo é rápido para indicar que ele não está pedindo a Timóteo para que viva uma vida perfeita, mas para que trabalhe duro, de modo que seu progresso possa ser evidente a todos.

Um exemplo ou uma desculpa?

Pregadores que são rápidos para admitir suas próprias faltas publicamente podem, se não forem cuidadosos, dar a impressão de que estão presos em hábitos e padrões pecaminosos. Não querer parecer perfeito é importante — mas não se isso nos custa a demonstração do progresso em nossa caminhada com Cristo.

Um perigo da transparência é deixar de ser exemplo para o rebanho e nos tornar, em vez disso, sua desculpa. Todo pastor em algum ponto se torna um ou outro.

A exposição repetitiva às falhas do pregador pode acabar apenas desculpando as faltas do rebanho. Ouvir os membros dizerem: "Meu pastor também tem esse problema", sem um estímulo do pastor para remediar o problema é uma má conseqüência da transparência.

Discernindo a auto-revelação

Ser exemplo no progresso requer que usemos a auto-revelação com discernimento. Não fale a respeito da mesma categoria de deficiências ano após ano. Se infrações de trânsito são seu pecado constante, contar histórias de trânsito durante todo o seu pastorado apenas diz às pessoas que existem áreas em que elas não precisam crescer, já que o pastor está obviamente satisfeito com uma falha constante também.

Ao admitir faltas, não as banalize. Expresse-as em um contexto de vergonha apropriada. Às vezes, na euforia de conectar com os ouvintes como uma pessoa real, ou na construção de uma história sobre nós que tem alguns elementos engraçados, é fácil passar a impressão de que as falhas não são "grande coisa".

A pregação para desafiar as pessoas ao crescimento e à semelhança com Cristo não é intensificada pela impressão de que todos nós temos problemas e, afinal de contas, "ninguém é perfeito" — nem mesmo o pregador.

Embutir a auto-revelação em desaprovações como: "Não estou orgulhoso disso", ou: "Essa é uma área na minha vida que estou colocando como alvo de crescimento", ajuda o ouvinte a manter uma dose saudável de desconforto para com o problema.

Deixe as pessoas verem uma solução para o conflito. Para todo conflito, existe um padrão bíblico de restauração. Combinar com a história ou fazer disso o ponto da mensagem é algo que coloca esperança no coração do ouvinte. Ele vê uma forma clara em que pode crescer com você.

Uma forma de fazer isso é equilibrar histórias de fracasso com uma dose igual de sucessos espirituais. Todos nós precisamos de pessoas que estão conquistando alguma vitória ao alcance dos nossos ouvidos. Se você está desconfortável em dar a aparência de estar se vangloriando, então mantenha em evidência sua confiança em Deus. Acrescente afirmações como: "Sou grato à graça que Deus me deu quando...".

Falar a respeito de quando você deixou seu modo habitual de ser para ser bondoso, quando disse não à tentação, quando você aproveitou uma oportunidade para testemunhar apesar dos seus medos, ou você reagiu positivamente à sua esposa ou filhos intensifica a verdade de que a vitória está ao alcance de todos. Se você compartilhar a alegria de vencer para Jesus, outros podem querer reivindicar alegrias similares em sua própria vida.

Lembre que na pregação não é você que está no centro. É ele — a sua autoridade em nossa vida, sua dignidade de ser adorado e obedecido, o exemplo de sua vida a ser reproduzido em nossa vida e o poder transformador de sua palavra em nossa vida e seu Espírito que habita em nós.

A transparência exagerada faz com que o sermão se concentre mais em nós do que nele. Se os ouvintes vão embora se lembrando de nós e de nossas lutas (ou de

nossas vitórias pessoais) mais do que do poder transformador de Cristo, então fizemos um desserviço à nossa pregação e aos nossos ouvintes.

Nunca esquecerei o que o membro de uma igreja disse ao seu pastor, um comunicador talentoso: "Bill, durante dez minutos no seu sermão você desapareceu, e eu ouvi Deus falando!".

Capítulo 36

COMO SER OUVIDO

Como dominar profundamente cinco fundamentos tão esquecidos da boa comunicação

Fred Smith

Todo verão você pode encontrar anúncios para campos de basquete ou de futebol americano onde estrelas de grande renome, por um certo valor, instruem jovens que sonham com a fama atlética. Questiono-me o quanto de aprendizado realmente ocorre quando um zagueiro de grande renome, que passa a maior parte de seu tempo predizendo e manobrando com primor defesas sofisticadas, tenta ensinar alguém na faixa etária dos 12 aos 15 anos que ainda está tentando descobrir como segurar a bola com mãos ainda pequenas para isso.

Suspeito que, com freqüência, um efeito similar acontece naqueles que querem alcançar equilíbrio e eloqüência de grandes estrelas no púlpito. A chave é não focalizar nas técnicas esplêndidas, mas nos fundamentos. O progresso surge de nos concentrarmos nas coisas básicas até podermos realizá-las automaticamente. Aqui estão algumas áreas fundamentais que observo que os oradores negligenciam quando tentam melhorar.

Estabeleça uma atmosfera amigável

Em grande medida, a atmosfera que estabelecemos determina o quanto o nosso sermão será eficiente. A atmosfera é criada tanto por nossas mensagens verbais quanto por nossas mensagens não-verbais.

Ouço muitos pregadores, por exemplo, que são bastante descuidados e relaxados em seus comentários iniciais. Talvez isso aconteça porque eles não pensaram sobre eles, mas o clima que eles já criam desde o início faz com seja difícil ao ouvinte se beneficiar do restante do sermão.

A maioria de nós sabe que você não quer começar com um comentário negativo. "Espero que todos vocês me desculpem por minha voz esta manhã. Estive resfriado a semana inteira."

Ou: "Eu realmente fico grato por todos vocês terem vindo em um dia ruim e chuvoso como hoje".

Ou: "Pessoal, nós simplesmente não estamos conseguindo reunir pessoas suficientes. Quando eu levanto e olho para esta congregação...".

Que tipo de impressões essas apresentações causam nos ouvintes? Provavelmente, não uma impressão boa. Você não está começando da necessidade deles. Está começando de sua necessidade, e essa não é a forma de engajar as pessoas com a expectativa pela palavra que você tem para transmitir.

É por isso que gosto de começar com algo como: "Essa foi uma semana maravilhosa" — as pessoas querem saber por que ela foi maravilhosa. Elas tiveram uma semana detestável. Mas há poucas semanas em que não tenha havido ao menos alguma coisa que a tornasse boa. — "Não fui processado nenhuma vez essa semana". E as pessoas riem.

Ou: "Não tive nenhum acidente automobilístico nessa semana, nem mesmo um arranhão". E, a seguir, você pode dizer: "Não, realmente. Foi uma boa semana. Falei com alguns amigos ao telefone e fui simplesmente lembrado do maravilhoso presente da amizade". Isso constrói uma atmosfera atraente. Isso transmite um sentimento com que qualquer um pode se identificar. As pessoas podem dizer a si mesmas: *Sim, eu falei com alguns amigos nesta semana também. E às vezes esqueço como isso é bom.*

Essa é uma forma de estabelecer uma atmosfera afetuosa, amigável. Existem outras formas, mas o importante é evitar começar negativamente ou a partir de interesses próprios ou insegurança. Quero comunicar disposição, o fato de que estou aqui para servir essas pessoas.

Esse preparo da atmosfera, é claro, começa antes de eu falar a primeira palavra. Podemos mostrar afetuosidade pelo nosso comportamento na plataforma. Tento escolher certas pessoas e sorrir para elas. Isso não apenas confirma essas pessoas, mas também mostra a toda a congregação que estou contente em estar ali.

As pessoas precisam saber como você se sente antes de começar a falar. Elas querem saber se você está cordial, preocupado ou furioso. Para mim, a disciplina mais difícil na fala é subir ao púlpito com a atitude correta. Se não quero falar, é difícil para mim falar bem.

O controle da atitude é necessário. Preciso subir lá com uma atitude cordial, com um desejo genuíno de ajudar aquelas pessoas, dar-lhes algo que será benéfico.

Encoraje a participação, não a observação

Outro modo em que podemos melhorar é lembrar que nosso objetivo não é simplesmente ter uma platéia de pessoas sentadas calmamente enquanto falamos, mas queremos que ocupem sua mente com nosso tema. Uma das chaves para ocupar as pessoas é usar um estilo de conversação. As pessoas prestam atenção nisso sem antipatia. Quando levanto a minha voz, as pessoas tendem a colocar uma barreira para meu volume intensificado. É como aquela história daquele menino que contou à sua mãe que havia decidido tornar-se pregador.

"Por quê?", a mãe perguntou.

"Bem", disse o menino, "se eu vou freqüentar alguma igreja a minha vida inteira, prefiro ficar em pé e gritar a ficar sentado e ouvindo isso o tempo todo"

No instante em que alguém começa a gritar, as pessoas se distanciam mentalmente. Muitos pregadores pensam que estão fazendo isso para enfatizar, mas geralmente isso não funciona assim. Na verdade, isso tira a ênfase.

Se quero dizer algo realmente importante, abaixo o volume da minha voz — e as pessoas quase que se inclinam para a frente para ouvir o que estou dizendo. Em certo sentido, estou colocando intimidade ao abaixar o volume da voz. Com isso, estou dizendo: "Esse ponto é realmente importante para mim. Estou contando algo a vocês que vem do meu coração".

O que mais podemos fazer para encorajar a participação? Não necessariamente providenciar entretenimento. Se as pessoas só estão prestando atenção porque estão esperando a próxima história ou a próxima piada, eu me transformo em animador de platéia. Meu objetivo não é que as pessoas digam: "Nossa, você é um grande orador". Então eu sei que fracassei. Se elas estão conscientes de minha habilidade de falar, elas me vêem como um orador. Elas não participaram. Meu objetivo é que as pessoas digam: "Sabe, Fred, eu tive esse tipo de idéias a minha vida inteira, mas nunca consegui expressá-las em palavras". Então sinto que lhes dei uma alavanca. Cristalizei seus pensamentos e experiências em uma afirmação ou história e os tornei reais para eles. Eu os capacitei a transmiti-los para outros.

É claro que o orador é que deve dar o discurso, mas você pode deixar os ouvintes "falar" também. Você fala por eles. Se estou falando a respeito de um ponto controvertido, direi: "Posso saber pela cara de vocês que realmente não concordam com isso". Ou: "Vocês estão dizendo para mim: 'Você pode até dizer isso, mas isso não se encaixa em minha situação". E concordo com você, porque não somos iguais.

O que eu fiz é dizer as palavras que eles pensaram para eles. Eles estão pensando: *Ele entende. Ele não está tentando enfiar isso nossa goela abaixo.* E eles querem que eu continue a conversa. A chave aqui é termos certeza de que estamos vendo o processo como uma conversa, e não uma apresentação.

Mostre que você é confiável

Mantenho uma vigilância constante em minha credibilidade. Preciso praticar o que prego. A menos que eu possa confiar em mim quando faço uma afirmação, não a faço.

Suponhamos que tive uma discussão com a minha esposa antes de pregar. Não usarei uma ilustração ou afirmação a respeito do amor matrimonial porque Mary Alice não acreditará em mim se eu disser algo assim — nem eu acreditaria. Mesmo que a afirmação seja completamente verdadeira, eu não poderia dizê-la e acreditar nela.

Agora, se tenho uma conversa com Mary Alice e digo: "Querida, eu estava errado", ou: "Você estava errada", ou ainda: "Nós estávamos errados", e resolvemos a questão, então eu posso acreditar em mim dizendo algumas coisas sobre casamento. Mas não pedirei aos meus ouvintes que acreditem em algo em que eu não consigo acreditar.

Para mim, isso significou desistir de dizer algumas coisas que eu adoraria me ouvir dizendo. Não posso usar de forma eficaz um material que tenha que ver com mudanças "miraculosas" repentinas porque acredito tanto no processo. Embora eu acredite nos milagres da Bíblia, tenho dificuldade em ensinar as pessoas a esperar por eles.

Não posso ser um pregador inspirador que diz: "Você pode fazer qualquer coisa que se ache capaz a fazer... e o que sua mente puder conceber, o corpo pode realizar". Não sou assim.

Também não posso pregar de maneira eficaz sobre profecia. Embora eu consiga ouvir outros fazerem isso e aprecie sua aptidão para tal, não posso fazê-lo de maneira confiável porque tenho tantos receios pessoais. Eu não me sentiria em terreno sólido. Teria de citar uma outra pessoa. Como oradores dignos de crédito, temos que estabelecer alguma autoridade ou não há razão alguma para alguém nos ouvir.

Você pode estabelecer sua autoridade sendo um pesquisador ou um estudioso da Bíblia ou ao relatar certas experiências de vida. Mas qualquer que seja sua autoridade, você tem de ter cuidado com a extrapolação — apropriar-se de um princípio de uma área que você não conhece e aplicá-lo a uma área que você não conhece.

E na extrapolação que a maioria dos oradores mostra sua ignorância, e isso mina sua autoridade genuína. Ouço alguns pregadores extrapolando o seu conhecimento no mundo empresarial, e eles fazem isso bem. Outros, entretanto, contam uma história relacionada a negócios e revelam como sabem pouco a respeito de negócios.

Assim, sou cuidadoso quando extrapolo. Estou me apoiando em coisas que de fato sei? Quando as pessoas vêem que estou fingindo estar familiarizado com algo que não conheço, isso prejudica minha credibilidade.

Torne a sua voz imperceptível

Poucos oradores têm uma grande voz, mas a maioria tem uma voz perfeitamente adequada se as pessoas podem entender suas palavras. Mas eu descobri que as pessoas desconectam quando o pregador usa um dialeto do seminário e desenvolveu uma pronúncia intelectual, ou fala como se estivesse recitando Shakespeare. Digo imediatamente: "Ele está representando".

Se estou consciente da voz de um orador depois de ouvi-lo por dois minutos, então a voz se tornou uma distração. Nos dois primeiros minutos, as pessoas deveriam se decidir em relação à voz do pregador e, depois, não pensar mais a respeito

dela. É exatamente como acontece com sua roupa. Quando você levanta para pregar, se as pessoas reparam na sua roupa depois de vê-lo uma vez, tem alguma coisa errada com ela. Você está vestido de maneira exagerada ou de maneira desleixada. Não está vestido adequadamente para pregar. A mesma coisa é verdade em relação à voz. Ela deveria soar natural.

Mas sempre existe mais que isso. A voz sempre deve ter algum fogo — convicção, animação. Fogo na voz significa que a mente e a voz estão engajadas no ato da fala. Existe uma relação direta entre uma mente ativa e uma voz ativa.

Por exemplo, se não estou totalmente interessado em um ponto, o omitirei porque minha voz será insípida. Minha voz me trairá: "Esse ponto não é importante", independentemente das minhas palavras. Ela comunica aos ouvintes que, na verdade, não estou interessado. Se eu tentar disfarçar, os que são sensíveis acabam por perceber isso. Assim, é contraproducente tentar convencer as pessoas de um ponto em que você não acredita.

Gosto de ouvir as pessoas dizerem certas palavras. A maneira que as pessoas dizem "Deus" sempre me intrigou. Em alguns casos, você pode quase sentir o relacionamento. Em outros, isso é majestoso. Em outros, é severo e irritadiço. O fato de que isso é tão diferente entre diferentes pessoas significa que ali existe um relacionamento diferente, e a voz está dizendo o que a mente sente.

Fogo na voz não tem nada que ver com uma voz boa ou uma voz ruim. Algumas da^vozes mais lastimáveis que eu já ouvi vêm dos melhores pregadores. Mas os ouvintes prestam atenção em uma voz ruim contanto que ali haja fogo, porque logo que os ouvintes percebem que a voz é real, adaptam-se a ela.

Use gestos de forma eficaz

Os gestos têm o seu próprio vocabulário. O pintor espanhol Goya colocava tanta intensidade para pintar as mãos quanto para pintar o rosto, porque as mãos são a parte mais difícil do corpo para ser pintada. Delsarte estudou por vários anos como as mãos mostram emoção. Ele se tornou tão bom nisso que podia sentar em um parque e dizer se um bebê estava sendo segurado por uma criada ou por sua mãe pela intensidade das mãos.

Também me tornei interessado no que as mãos podem dizer. Quando assisto a um orador, observo as mãos. Quero ver se os gestos são espontâneos ou programados. Quero ver se os gestos espontâneos são repetidos ou variados. Meu amigo Haddon Robinson tem o melhor repertório de gestos de mãos que eu conheço. Tentei contar os diferentes formatos que sua mão faz, e o número é astronômico. No entanto, os gestos são completamente espontâneos e estão em harmonia com o que ele está dizendo e com o som de sua voz. Ele tem um grande vocabulário tanto de gestos como de palavras.

Descobri que oradores não podem desenvolver perícia com gestos rapidamente, mas se dedicar ao progresso. Aqui está uma dica para começar. Se você

proferir uma afirmação mais veemente, em vez de se tornar intenso muito cedo, é melhor relaxar seu corpo e se afastar meio passo do público. Então, exatamente antes de você fazer a afirmação mais veemente, ande um passo em direção aos ouvintes e se endireite. Dessa forma, tanto seu corpo como sua voz projetam a mensagem.

Entre os gestos, você precisa incluir também mostrar às pessoas os seus olhos. Na fala, os olhos são quase tão importantes quanto a voz. Todo mundo sabe a importância do contanto visual, mas a tentação que eu tenho é de me concentrar em algumas pessoas na frente que estão prestando atenção. Talvez eu me sinta inseguro, mas é mais fácil falar a essas pessoas. Tenho que me lembrar de não negligenciar aquelas nos cantos ou alas laterais. Como o fazendeiro que está alimentando as galinhas, você precisa arremessar o milho por toda a parte para que todo mundo consiga um pouco. Assim, eu digo a mim mesmo: lembre-se das galinhas menores mais afastadas. Quero que saibam que também estou pensando nelas.

Capítulo 37

ABRINDO A MENTE FECHADA DOS OUVINTES

Como pregar a céticos

Ed Dobson

Os ouvintes no nosso programa de evangelismo, no sábado, à noite são compostos por um terço de indivíduos sem igreja, um terço de pessoas que saíram de alguma igreja e um terço de pessoas não ligadas a nenhuma igreja, de forma que a maioria tem um ponto de vista secular. No final do culto, respondo às perguntas escritas; não faço idéia o que elas serão de antemão. As perguntas vão desde sobre predestinação à masturbação, do aborto ao suicídio, e minhas respostas nem sempre são o que as pessoas gostariam de ouvir.

Em uma noite, alguém escreveu: "Eu sou *gay* e sempre fui *gay*. Está tudo bem com isso?".

"O que você realmente está perguntando", respondi, "é: 'O que a Bíblia diz a respeito da sexualidade?'. A Bíblia ensina que a sexualidade é um presente de Deus para ser experimentado dentro do compromisso do casamento heterossexual. Meu entendimento da Bíblia é que todas as expressões da sexualidade fora desses limites não estão dentro do plano criativo de Deus".

"Você está me perguntando se está certo ter sentimentos homossexuais? Sim, está. Mas as Escrituras não permitem que você leve à prática esses sentimentos como uma expressão legítima da sexualidade. Se você tenta ignorar esse fato, há conseqüências, uma das quais é desagradar a Deus".

Respostas assim podem irritar pessoas que não aceitam um padrão absoluto de verdade. Um homem me disse: "Realmente gosto de sábado à noite, mas quan-

do você responde àquelas perguntas, gostaria que você deixasse de se referir à Bíblia e me dissesse o que realmente pensa".

Elogiei o homem por ser tão perspicaz. O ponto de nosso culto atraente para os que buscam não é dizer às pessoas o que eu penso, mas ajudá-las a se conectar com a verdade bíblica. Em uma cultura marcada pelo relativismo, hostil em relação às noções de verdade imutável e fundamental, o evangelho pode ser ofensivo, não importa o quão positiva seja a minha apresentação. As vezes, isso não pode ser evitado.

Mas, às vezes, pode. Descobri que posso fazer com que ouçam a verdade do evangelho, mesmo em uma cultura relativista. À medida que conduzi os cultos abertos para os que buscam e me tornei amigo de não-cristãos, reuni vários princípios para alcançar os céricos corn a verdade.

Explique a razão

O espírito do individualismo, mais do que o de comunidade, domina nossa cultura, concedendo ao relativismo um forte atrativo. "Você acredita no que quer e eu acredito no que quero" é o espírito dos nossos tempos. Se um casal em um programa de televisão diz: "Estamos casados há 60 anos e ainda estamos felizes", o auditório aplaude. Mas se eles disserem: "Acreditamos que todo mundo deveria permanecer casado a vida inteira", eles serão vaiados e tirados de cena.

O individualismo penetrante tem um lado positivo. As pessoas estão à busca do que pode melhorar seu estilo de vida, de forma que posso alcançá-las se eu demonstrar que os valores que ensino são verdades benéficas para qualquer um. Preciso mostrar aos céticos modernos a sabedoria prática dos princípios bíblicos, particularmente aqueles princípios que parecem rígidos ou intolerantes.

Por exemplo, para a maioria dos leigos, "não se ponham em jugo desigual com descrentes" é a idéia mais ridícula e mais bitolada que já ouviram. Em sua mente, se duas pessoas se amam, isso é tudo que importa. Eles pensam que é tolo, até mesmo trágico, a religião interferir no amor.

Quando falo sobre esse assunto, concentro a atenção nas razões lógicas por trás do princípio bíblico: "Você não pode construir uma casa se baseando em dois conjuntos de plantas. No casamento, se uma pessoa dirige a vida conforme valores enraizados nas Escrituras; e a outra, conforme outro conjunto de valores, é apenas uma questão de tempo até que eles colidam em relação a como criar filhos, gastar dinheiro ou usar o tempo de lazer. Mais cedo ou mais tarde, conjuntos de valores rivais baterão de frente. Deus sabe disso. Ele adverte contra estar em jugo desigual porque quer que os casais evitem conflitos dolorosos".

As pessoas do mundo secular normalmente são sensíveis a uma argumentação assim. Uma vez que entendem que Deus é a favor delas, não contra elas, ficam mais abertos a obedecer a Deus a partir do amor e submissão, não meramente porque a obediência oferece uma recompensa neste mundo.

Apele à curiosidade das pessoas a respeito da Bíblia

Embora muitas pessoas do mundo secular rejeitem a noção de valores absolutos, elas são curiosas a respeito do que a Bíblia diz. E se vão à igreja, eu tomo por certo que elas têm ao menos algum interesse nos ensinamentos da Bíblia ou não estariam ali em primeiro lugar.

Quando respondo aos céticos ou a pessoas em busca, sempre introduzo meus comentários com a seguinte observação: "Se você está perguntando o que a Bíblia diz, aqui está a resposta". Se eu uso rodeios e fico inventando coisas em torno da Bíblia, meus ouvintes não me respeitarão. Às vezes, preciso dizer francamente: "Posso não gostar da resposta da Bíblia, vocês podem não gostar dela, mas aqui está o que ela diz".

Em um sábado à noite, uma pergunta dizia: "Sou cristão. Meu irmão não era cristão quando cometeu suicídio. Assim mesmo acredito que ele estará no céu. O que você pensa a respeito disso?".

"O que você está perguntando é se a Bíblia mostra várias opções em relação a como ir para o céu", respondi. Tenho que ser honesto com você. As Escrituras dizem que Cristo é o único caminho para o céu e não existem outras opções. Você provavelmente está pensando: *Mas o que isso significa para o meu irmão?* Já que você é cristão, sem dúvida teve alguma influência sobre ele; talvez antes de ter tomado essa decisão horrível, talvez ele tenha se arrependido e entregue sua vida a Cristo".

Eu teria adorado dar a ele a segurança de que o irmão está esperando por ele no céu, mas eu não podia. Concluí: "Se você está perguntando se as pessoas podem ir para o céu sem ter aceito a Cristo — não, elas não podem. Gostaria de dizer a você que isso não importa, mas se eu dissesse, eu seria desonesto com a Bíblia". As pessoas respeitam esse nível de integridade.

Tento satisfazer a curiosidade natural das pessoas a respeito da Bíblia de duas formas. Prego versículo por versículo domingos de manhã, e, sábados à noite, uso a Bíblia para responder a perguntas tópicas. Ao passar por um livro versículo por versículo, a certa altura darei de cara com uma questão que interessa a um indivíduo. As perguntas de sábado à noite me forçam a lidar com preocupações urgentes dos ouvintes.

Conheça o que é essencial e o que não é

Conseguimos fazer com que os ouvintes do mundo secular nos ouçam quando não confundimos coisas essenciais com não essenciais. Tento distinguir entre três tipos de verdades: absolutos são verdades essenciais à fé, verdades que nunca mudam (como a salvação somente por meio da graça), convicções são crenças em relação às quais os cristãos ortodoxos podem diferir (como a forma de governo eclesiástico); preferências são tradições ou costumes (como gostos musicais) que podem ser compatíveis com a Bíblia, mas não são baseadas na Bíblia e podem mudar de cultura para cultura e ao longo do tempo.

Naturalmente, às vezes as pessoas diferem a respeito de qual categoria a que um assunto pertence, mas a maioria das questões parece cair em uma categoria ou outra.

Não pule os temas difíceis

Quando você está tentando fazer com que ouvintes seculares lhe dêem ouvido, é tentador diluir temas densos ou evitá-los completamente. Temos medo de que as pessoas desconectem do nosso sermão.

Mas descobri que isso é um erro. Justamente quando penso que sei o que a cultura quer ouvir e o que não quer, sou completamente surpreendido novamente. Nossa série de sábado à noite mais popular era intitulada: "O que significa ser cristão?". Sob qualquer aspecto — o número de pessoas presentes, a resposta dos ouvintes e a manutenção de contato — foi a série de quatro noites mais bem-sucedida na história de nossos sábados. Até então eu havia lidado com temas como depressão, amargura e perdoar os pais. A última coisa que eu esperava era uma reação a um tema tão simples e franco.

Aprendi uma lição valiosa. Não preciso trocar mensagens bíblicas e francas por alguma coisa que está na moda. As pessoas têm uma fome espiritual básica que apenas a pregação bíblica fiel pode satisfazer.

Descobri que posso pregar até mesmo a respeito do assunto mais complicado, contanto que eu o equilibre com boas novas. Realizamos uma série de duas partes no sábado à noite, uma sobre o céu e a outra sobre o inferno.

Começamos o assunto da vida após a morte contando experiências de quase morte provenientes da literatura popular. Não estava preparado para dizer que essas experiências eram reais, mas apontei que elas freqüentemente encontravam paralelos no ensino bíblico sobre a morte e a vida após a morte. A noite sobre o céu foi bem recebida.

Mas na outra semana, disse: "O que eu não disse a vocês na semana passada foi que há outras experiências de quase morte descritas na literatura que não são tão agradáveis. De fato, é incrível como muitas dessas experiências encontram paralelos no que a Bíblia diz a respeito do inferno". Pude perceber que as pessoas estavam desconfortáveis com essa segunda sessão, mas elas ouviram atentamente.

Estabeleça a autoridade

Acredito que, em gerações anteriores, a maioria dos pregadores podia tomar por certo que os ouvintes lhes conferiam um certo grau de autoridade. Muitos pregadores também podiam tomar por certo que sua congregação tinha um mínimo de conhecimento bíblico. Hoje em dia, não tomo nada por certo. Considero como certo que quase todo mundo questionará praticamente tudo que digo. Além disso, tomo por certo que a maioria dos ouvintes sabe pouco, senão nada, a respeito da Bíblia.

Mas como você estabelece a autoridade com um grupo que cresceu segundo a máxima: "Questione a autoridade"? Eu descobri que pessoas assim me verão como digno de crédito se eu fizer o seguinte:

Deixar as pessoas falarem- um pouco. Nos sábados à noite, sempre usamos cinco a oito minutos para deixar alguém compartilhar o que Deus fez em sua vida. Os ouvintes aceitam minha mensagem se eles virem que ela faz diferença para alguém que não é pago para propagar a religião.

Recentemente renovei os votos de um casal que estava perto do divórcio. O marido havia vivido com outra mulher por um ano. O divórcio estava para ser oficializado quando os dois começaram a freqüentar os sábados à noite, independentemente um do outro. Ambos acabaram entregando sua vida a Cristo.

O marido logo terminou o relacionamento com a mulher com que estava vivendo. O casal distanciado começou a se falar novamente. Eles finalmente decidiram: "Ei, se Deus pode nos perdoar, podemos perdoar um ao outro. Vamos começar de novo".

Assim, na frente dos seus amigos incrédulos, eles renovaram seus votos. Fui à recepção depois. Era fascinante ouvir seus amigos não salvos tentando descobrir o que havia acontecido com esse casal. Devido a essa experiência, muitos deles começaram a comparecer ao culto do sábado à noite. Eles não podiam negar a diferença que Cristo havia feito na vida dessas duas pessoas.

Praticar o que prego. As Escrituras dizem que podemos silenciar a tolice de pessoas ignorantes com nosso bom comportamento. Isso envolve ir a lugares que Cristo iria e passar tempo com pessoas com que ele passaria tempo. E, do púlpito, digo que, se Cristo estivesse em minha cidade hoje, provavelmente não estaria presente em minha igreja. Ele estaria lá entre os pobres e os marginalizados.

Essa é uma razão pela qual nos envolvemos ajudando as pessoas que estão morrendo de AIDS. Quando o centro de recursos para a AIDS realiza sua festa anual de natal no centro, alguns membros de nossa igreja comparecem. Eventos desses são uma grande oportunidade para ministrar. Em uma dessas festas, encontrei uma mulher em estado avançado da doença que tinha dois filhos também diagnosticados com o vírus. Pude falar com ela a respeito do amor de Jesus Cristo.

Nossa igreja doa dinheiro para cobrir os custos dos que morrem da doença e não têm recursos. Além disso, todo Natal, o centro de recursos para a AIDS nos dá uma lista de nomes de pessoas sofrendo por causa da doença e uma lista de pedidos que distribuímos à nossa congregação. Reunimos as doações, e os receptores sabem que foi a nossa igreja que doou os presentes.

Nosso envolvimento com os que sofrem por causa da AIDS tem construído credibilidade. Não é incomum que nossos cultos do sábado à noite atraiam adeptos da comunidade *gay.* Mulheres têm ficado em pé e dito: "Sou uma ex-lésbica. Cristo mudou minha vida por meio desta igreja".

Aceitar as pessoas como elas são. Em um domingo de manhã, um homem entrou no nosso culto da manhã com a palavra de baixo calão que começa com "f" estampada em sua camiseta. Muitas pessoas tiveram dificuldade de engolir isso. Como ouvi depois, quando as pessoas se levantaram para cantar a primeira música, muitos não conseguiam parar de pensar nessa camiseta.

Mas assim como era inapropriado vestir essa camiseta, também era importante que nós aceitássemos aquele homem da forma como estava. Quando a igreja exige que as pessoas ponham em ordem a sua vida e ajam de um determinado modo para que, depois, possamos amá-las, perdemos o respeito da nossa cultura.

Manter o nível comum. Alguém uma vez reclamou que nossa igreja logo ficaria repleta de homossexuais. Respondi: "Isso seria extraordinário. Eles poderiam sentar do lado dos fofoqueiros, dos invejosos, dos gananciosos e de todo o resto de nós pecadores".

Tento transmitir a mesma atitude em minha pregação: todos nós estamos sob o julgamento de Deus e todos precisamos desesperadamente da sua graça. Deixar as pessoas saberem que não estou falando a elas de alguma posição moral elevada as ajuda a ouvir o que tenho a dizer.

Não fingir ser Deus. Tenho que ser honesto com as pessoas quando não sei as respostas às suas perguntas. Uma vez uma mulher perguntou: "Onde Deus estava quando meu pai estava me molestando?".

"Eu gostaria de saber onde ele estava durante sua enorme provação", respondi. "Simplesmente não sei. Mas sei disto: Deus a ama e quer curar as feridas do seu passado". É irônico, mas não ter todas as respostas ajuda as pessoas a acreditar mais nas respostas que tenho.

Usar a cultura para apresentar as boas novas. As pessoas do mundo secular conhecem a música popular, o entretenimento e a mídia. Assim, usei esses mundos para defender o cristianismo. Em minhas mensagens no sábado à noite, cito estudos seculares, leio jornais e revistas e cito músicas ou parte delas para fazer a ponte entre o mundo dos ouvintes e as Escrituras.

Uma noite, usei a música famosa do John Lennon *Imagine.* Eu pedi aos ouvintes para que imaginassem um mundo sem religiões competindo entre si, sem guerras e sem brigas, onde a paz e a harmonia completa reinariam. "Será que algum dia existirá um mundo assim?", perguntei. "Um mundo assim é possível unicamente por meio de Jesus Cristo, que nos dá paz pessoal e transforma o ódio em amor".

Elimine os estereótipos

Pessoas em nossa cultura têm noções erradas a respeito do cristianismo. Quando elimino esses estereótipos negativos, primariamente com humor e satirizo de vez em quando os defeitos dos cristãos, ganho credibilidade.

Em uma manhã de Páscoa, sabendo que muitas pessoas não ligadas à igreja estariam entre os ouvintes, vesti minha toga doutorai no púlpito. Apontei para

varias partes dessa toga bonita — as cores, o capuz, as mangas — e expliquei o que cada uma simbolizava. Então, abri o zíper da toga e saí dela com uma camiseta e jeans azul. As pessoas suspiraram.

"No Domingo de Páscoa, todos nós colocamos nossas togas", expliquei. "Por meio disso, quero dizer que todos nos vestimos. Todos nós colocamos a nossa melhor imagem. Mas por baixo de todo o engano, no nivel do jeans azul, freqüentemente somos pessoas bem diferentes. Precisamos perguntar: 'A páscoa faz alguma diferença'?".

Tentar alcançar incrédulos convictos é um grande desafio que requer criatividade e dedicação. As vezes, os resultados vêm lentamente; às vezes, temos de agüentar muitos mal-entendidos e hostilidades. Mas, às vezes, os resultados são extraordinários.

Capítulo 38

TRANSFORMANDO A PLATÉIA EM UMA IGREJA

Como transformar consumidores em pessoas comprometidas com o evangelho

WillWülimon

As dinâmicas da igreja moderna podem ser desencorajadoras. O domingo se tornou apenas outro dia para ser consumido. Aqueles que comparecem ao culto exigem ser entretidos. Mas eles ainda são uma congregação cristã e fazemos bem em tratá-los como tal. Como pregamos para um grupo assim semana após semana? Como podemos mudá-los da condição de serem consumidores individualistas para a condição de uma comunidade de santos obedientes à Palavra de Deus?

A vida de igreja é uma atividade de lazer?

Diversos fatores inibem nossos ouvintes do domingo de serem uma congregação, e o primeiro é que nossos ouvintes adotaram muitos dos valores da nossa sociedade de consumo e lazer.

Vemos isso no estilo de vida das pessoas. Um pastor no Colorado reclamou por causa das viagens de fim de semana dos seus membros. Sua igreja está localizada em uma região de classe média alta em Denver, e muitos em sua congregação têm casas e apartamentos em Breckenridge ou Vail. Em certos períodos do ano — o período para esquiar, por exemplo, que pode ir do começo de novembro até meados de abril — normalmente muitos membros, em geral muito assíduos, freqüentam a igreja irregularmente. Tentar manter um sentimento de comunidade varia do difícil ao impossível.

Segundo, os que freqüentam a igreja têm menos laços fortes com outros na igreja. Em minha última igreja, a igreja era o centro social para os que estavam próximos da aposentadoria. O pessoal em um jantar "junta-panela" na igreja tam-

bém seria o mesmo do jantar festivo no centro da cidade. Se você perguntasse a eles: "Quem são seus cinco melhores amigos?", a maioria teria nomeado ao menos três da igreja.

Mesmo uma geração antes desta, a maioria que freqüentava nossas igrejas vivia na mesma cidade e recebia sua correspondência no mesmo correio e fazia compras nas mesmas lojas. Assim, grande parte da sua vida era compartilhada mesmo antes de chegar à igreja no domingo de manhã. Para a maioria do pessoal mais jovem em minha última congregação, entretanto, a igreja era apenas uma das muitas paradas ao longo de uma estrada movimentada. Muitos gastavam de vinte a trinta minutos para ir e vir do trabalho todos os dias e não puderam nomear nem mesmo um amigo próximo da igreja.

Terceiro, o freqüentador normal de igreja tem pouca familiaridade com a linguagem cristã. No domingo de manhã, as pessoas chegam sem um conhecimento útil a respeito do cristianismo. Elas ouvem nossas palavras sem algumas pressuposições fundamentais a respeito das Escrituras.

Uma mulher recentemente reclamou para mim a respeito do grupo de jovens que sua filha de dezessete anos freqüenta. Sua filha disse algo como: "A trindade é um conceito antiquado. Não precisamos mais pensar em Deus de uma forma tão complicada". . .

O líder de jovens respondeu: "Bem, isso é errado. Não é assim que o cristianismo olha para isso".

A mãe da menina ficou profundamente ofendida. Quanta arrogância da parte desse jovem pastor em dizer que sua filha estava errada!

"Sua filha é extremamente inteligente!', disse depois de ouvir essa mãe. "Ela obteve um enorme conhecimento na faculdade da sua escolha. Mas ela é uma pessoa não instruída e não tem cultura quanto à doutrina cristã básica. Como cristãos, não podemos dizer: 'Eu concordo ou não com isso'. Devemos ser instruídos e treinados em uma forma bem diferente de olhar para as coisas".

Quando as pessoas não sabem e realmente não se importam em saber o conteúdo do cristianismo, é difícil construir uma comunidade de fé.

As tentações gêmeas de um pastor

Nossas congregações inconstantes podem nos tentar em duas direções. Por um lado, podemos servir de instrumentos de sua mentalidade consumista. Evitamos a controvérsia, mesmo se ela for bíblica, e nos esforçamos para fazer as pessoas se sentirem bem, planejando o culto de forma que estejam eufóricas no final.

Por outro lado, o cinismo pode tomar lugar: "Os meus membros não se importam a respeito do evangelho. Eles apenas querem ser entretidos, para que se sintam bem em relação a suas pequenas miseráveis vidas". Assim, pregamos sem esperar nenhuma mudança relevante.

Uma reação melhor requer uma mudança fundamental na atitude. O comportamento de uma congregação às vezes é enganoso. Embora eles tenham um

longo caminho a percorrer, existem sinais definidos de que aspiram se tornar uma congregação. Aqui estão três atitudes que eu desenvolvi para me lembrar disso.

Primeiro, eu desenvolvi admiração quando as pessoas aparecem. Existem muitas outras coisas que as pessoas poderiam estar fazendo em um domingo de manhã. Muitos realizam sacrifícios para estar na igreja.

No último inverno, recebi a tarefa do presidente da Universidade de Duke de gastar mais tempo com os alunos, de forma que no domingo de manhã (2h30 da manhã), depois de um jogo de basquete com o Michigan, fui para uma fogueira ao ar livre com eles. Fui falar com um estudante que eu conhecia, e ele ficou surpreso em me ver, e eu, brincando, disse: "Bom dia, Davi. Aposto que você não vai estar no culto hoje de manhã".

"Será mais fácil para mim do que para você", ele caçoou. "Estou acostumado com isso, e você não!".

"Ah, Davi", repliquei. "Você é tão jovem e arrogante!". A seguir, passamos uma meia hora falando a respeito da vida dele. *Não posso acreditar que estou aqui,* pensei. *Em apenas algumas horas tenho de pregar.*

Mais tarde naquela manhã, 10h55, eu estava junto com o coral nos fundos do santuário quando Davi entrou.

"Você está acordado!", disse eu, surpreso.

"Sim", respondeu, "e estou com uma aparência melhor do que você. E você provavelmente dormiu mais do que eu".

Sim, eu pensei. *E nem tomei o que você tomou.*

Enquanto ele seguia para o santuário, disse: "Espero que você se saia bem hoje".

Quando penso nas cinco mil razões para não ir à igreja, quando reflito sobre o quanto a pregação deve parecer arcaica para as pessoas — e como prego mal às vezes — fico completamente pasmo com as pessoas que aparecem de forma constante.

A segunda atitude que desenvolvi é apreciar as descobertas por acaso do ministério. Quando alguma coisa notável acontece como resultado da pregação, nós ficamos tentados a pensar: *Bem, já estava mesmo na hora.* Em vez disso, quero ser grato, pois o Espírito de Deus tem trabalhado no desenvolvimento da fé e da comunidade cristã.

Uma vez, preguei um sermão sobre sexo e, na semana seguinte, recebi uma ligação de um pai. "Não sei que tipo de reação você recebeu para o sermão do último doming o , disse ele. Mas apenas quero lhe dizer que meu filho de 17 anos estava lá". Eu me preparei para o choque e a raiva.

"Levar meu filho à igreja na semana passada foi uma luta e tanto", continuou ele. "Eu o forcei fisicamente a ir. Quando ele chegou, estava nervoso e sentou-se com seus braços cruzados.

"Eu não ouvi muito do seu sermão porque estava muito ocupado observando meu filho. Mas quando você começou a falar sobre sexo, ele ficou de boca aberta. Ele

ficou pasmo que você estava pregando sobre um tema desses. Fiquei tão orgulhoso que estávamos lá. Fiquei orgulhoso de você, pastor".

"Quando você terminou, eu não disse uma palavra. Mas no caminho para casa, meu filho disse: 'Caramba! Esse sermão foi típico dele?'. 'Sim', respondi. 'Esse é um sermão típico de Willimon. Menti — nem todos os seus sermões são tão interessantes — mas apenas quero agradecê-lo pelo que disse no domingo".

Esse é o tipo de acontecimento pelo qual quero ser grato — em termos.

E, finalmente, trato as pessoas que aparecem no culto com respeito pastoral. Muitas pessoas estão vindo com um grande fardo para os quais estão procurando a ajuda de Deus. Em meus primeiros quatro anos em Duke, só ensinava no departamento de teologia. Era a primeira vez desde a faculdade que não estava pregando, de modo que eu freqüentava uma igreja local. Um domingo, entrei no santuário da igreja e me sentei ao lado de uma mulher de meia idade. O órgão ainda estava tocando o prelúdio e, assim, virei-me para ela e lhe perguntei como estava.

"Não muito bem", respondeu. "Meu marido foi morto na semana passada".

"O quê?".

"Um motorista bêbado o matou", continuou ela. "O que torna sua morte tão difícil é que nós estávamos separados quando isso aconteceu".

"Eu sinto muito". Retraído, virei-me para um homem que havia acabado de sentar no outro lado.

"George, como você está?", perguntei.

"Faz um mês que não venho aqui", respondeu ele.

"Alguma coisa errada?"

"Bem, minha mãe morreu", disse ele. "E simplesmente a pior coisa que já aconteceu comigo. Eu sinto tanta falta dela".

"Sinto muito em ouvir isso", disse-lhe. Exatamente aí o culto começou, pelo que eu fiquei extremamente grato. Desde essa época, eu nunca mais presumi que meus ouvintes não precisam da comunidade criada pelo evangelho e não a querem.

Como interpretar a cultura corporativa

Nossos ouvintes desejam ser uma congregação. Isso requer treinamento. As forças centrífugas de nossa cultura que tentam despedaçar as pessoas são muito fortes. Nós não podemos simplesmente esperar que elas cheguem ali todos os domingos sabendo o que devem fazer.

Aprendi que treiná-los pode ser mais fácil do que pensamos. Em uma congregação que pastoreei, fui advertido a respeito de um membro que era considerado uma pessoa colérica. Alguns meses depois de eu chegar, esse homem veio até mim depois do culto. "Eu simplesmente não vejo isso da forma que você disse esta manhã, pastor", ele disse. "Talvez eu não tenha compreendido parte de sua fala. mas eu não penso que você esteja certo".

Imediatamente fiquei na defensiva. "Wally", disse eu, "não sei exatamente o que você ouviu...".

"Espere um minuto", interrompeu ele. "Eu não pedi a você para que se retrate. Estou apenas dizendo que não entendi e, assim, discordo. Que tipo de pregador você é, afinal de contas? Alguém que fica em pé e diz alguma coisa e depois se retrata quando alguém discorda?".

Depois, esse homem disse: "Sabe como é, você precisa ler livros o tempo todo. Precisa pensar sobre todas essas grandes coisas. Eu dirijo uma loja de *hardivare,* e você pode aprender a tocar uma loja de *hardware* em um ano — e já faz dezenove anos que faço isso. O domingo é o único dia em que posso me sentir como uma pessoa pensante".

Wally, como se verificou, não era uma pessoa colérica, apenas um homem que era impaciente com pregadores que não levavam seu trabalho a sério. Nunca me esqueci seus comentários. Ele me deu autorização para conduzir meu negócio no domingo de manhã. Se um dono de uma loja de *hardware* estava interessado em interagir com o meu sermão, eu sabia que poderia treinar outros a fazer o mesmo.

Um sermão é, antes de tudo, sobre Jesus Cristo, o que ele fez por nós e o que ele nos chama a fazer por ele e uns aos outros. Quero treinar as pessoas não para perguntar o seguinte: "Isso foi relevante para as últimas coisas acontecendo em meu mundo", mas: "Este sermão foi fiel ao texto revelado das Escrituras?".

Em um sermão recente sobre Efésios 3.5-7, que fala sobre não deixar conversa obscena sair de nossas bocas, eu disse: "Vocês me conhecem. Gosto de pregar sobre as coisas grandes — sexo, guerra, racismo — os pecados grandes. O que Efésios está dizendo nesta manhã, entretanto, parece tão insignificante. Uma razão pela qual eu gosto de tratar dos pecados grandes é que é mais fácil falar a respeito dos problemas raciais na África do Sul do que sobre o que aconteceu na última reunião do conselho".

Contrastei o que gostaria de pregar com os objetivos do texto claramente declarados. Então, prossegui para pregar o texto que eu tinha recebido. Enviei uma clara mensagem de que o que eu prego não é necessariamente o que penso; estou limitado pelas Escrituras, e é isso o que as pessoas estão recebendo.

Se minha primeira tarefa é fazer com que as pessoas ouçam a Palavra *(versus* palavras humanas), minha segunda tarefa é fazer com quedas pessoas reajam à Palavra, fazer com que elas falem sobre essa Palavra.

Recentemente, preguei sobre Romanos 1. O apóstolo Paulo inclui nessa passagem uma lista enorme de pecados: inveja, malícia, assassinato, e assim por diante. Depois de me referir à passagem, mostrei algumas estatísticas do número de crimes violentos na Carolina do Norte.

A seguir, eu disse: "Paulo nos dá a sua lista de estatística devastadora. Mas então, depois de fazer esse retrato desanimador:'Deus nos deixou', ele vai para o seguinte: 'Deus veio a nós' ".

Ilustrei isso com uma história do jornal *Durham Morning Herald* sobre uma mulher negra cujo irmão fora atingido com um tiro e morrido enquanto estava indo cozinhar um peru para algumas pessoas pobres antes do natal. Junto com o artigo, estava uma foto de cortar o coração dessa mulher prostrada em uma calçada, gritando com aflição por causa da perda.

O artigo relatou suas palavras: "Não deveria ser assim". A mãe desse homem e dessa mulher também estava ali, segurando a Bíblia. Alguns amigos estavam ali também e foram citados dizendo: "Vamos descobrir quem fez isso. Vamos matá-lo".

Mas, apontando para a Bíblia, a mãe disse: "Não, esta é minha arma".

Concluí o sermão dizendo: "Quero que vocês ouçam essas duas mulheres e se lembrem de duas coisas: primeiro, não deveria ser assim; nós criamos essa confusão e podemos mudá-la por meio de Jesus. Segundo, a Bíblia é nossa arma, não mísseis nem armas de fogo."

Eu queria que meus ouvintes fossem embora reagindo, quer dissessem: "Eu achei isso terrivelmente desanimador", quer dissessem: "Isso pareceu meio simplista. Será que o Willimon realmente acredita que a resposta para o índice de criminalidade é Jesus — apenas aceite a Jesus, e tudo ficará bem?".

Depois de um filme ou concerto excepcional, as pessoas saem e começam a conversar com outras totalmente estranhas porque ambas experimentaram algo poderoso. Quero que a mesma coisa aconteça como resultado de minha pregação. Quero que as pessoas reajam às verdades desconcertantes do evangelho. Como disse Martinho Lutero: "O sermão é o raio trovejante lançado do céu para explodir pecadores não-arrependidos, e mais ainda os santos justos".

Transformando pregadores em pastores

Contudo, treinar nossos ouvintes para esperar algo mais do domingo do que consumo pressupõe que nós entendemos o mundo em que vivemos. Isso requer nosso próprio treinamento. Colocando isso de outro modo, precisamos nos tornar pastores se queremos que os nossos membros se tornem uma congregação.

Uma vez, visitei uma mulher frágil da minha congregação no seu local de trabalho. Os dois homens para quem ela trabalhava eram irmãos, ambos barulhentos e insuportáveis. O ar do escritório estava cheio de nuvens de fumaça de cigarro. Fiquei ofegante quando entrei no escritório.

Enquanto eu estava falando com essa mulher em sua escrivaninha, um dos irmãos gritou do seu escritório: "Onde, diabos, está aquele relatório?".

"Eu não sei onde está aquele relatório f...", o outro irmão gritou, sentado em seu escritório no outro lado do corredor. "Consiga o relatório".

"Peggy", um deles gritou, "ache aquele relatório maldito".

"Estou conversando com o meu pastor", respondeu ela. "Vou consegui-io para você em alguns minutos".

"Não estou nem aí com quem você está falando", um deles disse. "Apenas consiga para nós aquele relatório F...".

Ela virou para mim e disse: "É com isso que eu vivo oito horas por dia, cinco dias por semana. Já começo o dia com os gritos deles". Vários meses depois de minha visita, eu ainda não podia afastar a lembrança do ambiente de trabalho dessa mulher.

A visita pastoral é um grande treinamento para o pregador; é preparação de sermão. Muitas vezes, quando luto com um trecho durante a semana, subitamente obtenho uma percepção do tipo: "É isso", enquanto ouço alguém na sala de estar de sua casa. Isso depura minha linguagem e me fornece uma janela para a alma das pessoas.

Nosso cuidado pastoral afeta nossa pregação.

Uma platéia se transforma em uma igreja

Um antigo aluno meu estava pastoreando uma congregação pequena. Em um domingo, exatamente antes da oração pastoral, ele perguntou se havia pedidos de oração.

Uma mulher chamada Mary se levantou: "Joe nos deixou essa semana, e ele se foi para sempre. Eu não sei como as meninas e eu iremos sobreviver. Por favor, ore por nós".

O pastor ficou atordoado. Como alguém poderia ser tão "sem noção" a ponto de fazer um pedido desses às pessoas durante a adoração? Ela está violando as regras, ele pensou. Nós apenas oramos publicamente por operações na vesícula biliar ou sogras hospitalizadas. Isso é muito confuso.

"Bem, querida", uma mulher idosa interrompeu, cortando os pensamentos dele: "Eu não tenho certeza de que devemos orar por isso. Quando meu marido me deixou, a maneira em que eu sobrevivi foi por meio de algumas pessoas bem aqui na igreja. Nós podemos ajudá-la".

Pasmo, o ministro ouviu em silêncio.

"Mas o que vou fazer?", Mary disse. "Eu só tenho um diploma de ensino médio. Nunca trabalhei em minha vida".

"E estranho que isso tenha acontecido justo agora", disse um homem sentado mais afastado, nos fundos. "Estou procurando um novo funcionário. Não posso pagar muito por esse emprego, mas seria o suficiente para sobreviver. Não é necessária muita experiência, e nós podemos treiná-la para o trabalho. Por que você não fala comigo depois?".

O pastor se recuperou o suficiente para orar e terminou o culto da manhã.

No domingo seguinte, entretanto, quando o pastor estava em pé no púlpito, disse: "No domingo passado, quando Mary pediu que orássemos por ela, foi um momento sagrado para nós. Mary nos fez ser uma igreja. Não tenho certeza de que éramos uma igreja antes de ela deixar isso conosco.

"Eu com freqüência me perguntei se ir ao seminário e tornar-me ministro valeria a pena. Questionei se a igreja era mais do que um Rotary Club ou mais do

que um Clube de Amigas santificado. Quero falar por todos nós e dizer: 'Obrigado, Mary', e: 'Obrigado, Deus' por nos fazer uma igreja".

Meu amigo aluno foi um pouco humilde demais, porque foram sua pregação e pastoreio — as tarefas antigas do ministro — que nutriram virtudes que vieram à tona naquele culto. Isso é apenas um pequeno exemplo do que pode acontecer com a reunião das pessoas no culto: ela realmente pode se tornar uma igreja.

Capítulo 39

PREGANDO PARA MUDAR O CORAÇÃO

O exemplo de Paulo é aproclamação corajosa e ousada

Alistair Begg

Em Atos 24, Paulo está em uma prisão domiciliar. Ele está preso sob a acusação de ser um desordeiro, o chefe de uma seita nazarena. Félix, cujo nome significa *feliz,* o governador — se quiser, você pode chamá-lo de sr. Feliz — tendo ouvido a defesa de Paulo, adia os procedimentos esperando a chegada de Lisias, o comandante. Enquanto Paulo espera pelo progresso lento, pesado e inexorável da justiça, acontece esse encontro, que envolve Félix e sua esposa Drusila (At 24.24,25).

Não ficamos sabendo o que motivou Félix e Drusila a mandar buscar Paulo e os tornou dispostos a ouvi-lo. Conjecturas nos permitem imaginar que a vida ficou um pouco tediosa e talvez eles tiveram a idéia: *Bem, talvez nós pudéssemos mandar buscar aquele sujeito que está em prisão domiciliar e ver o que ele tem a dizer. As pessoas estão dizendo todo tipo de coisa sobre ele, então por que não vemos o que ele mesmo tem a dizer?*

A platéia de Paulo

Você tem dois indivíduos que bem provavelmente nunca teriam comparecido a uma das reuniões públicas de Paulo. Mas aqui, na providência de Deus, eles são confrontados com a mensagem que Paulo traz.

Esses exemplos de poder na cultura dos seus dias, o seu pano de fundo e todos os acessórios do seu estilo de vida seriam imponentes para alguém que tinha passado pela angústia e maus tratos que representava a vida de Paulo. Ele provavelmente tinha dificuldades de andar. Ele podia tirar sua camisa e mostrar as marcas de tudo que havia sofrido como resultado do ministério do evangelho. Enquanto eles se sentam com toda a sua imponência, Paulo entra com a postura de fraqueza aparente.

Agora, como você teria se sentido subindo as escadas? Eu me pergunto o que teria passado pela sua cabeça? Nós teríamos pensado assim: *Será que eu devo usar isso aqui como uma oportunidade de "pré-evangelismo"? Será que vou tentar fazer amigos, mostrar meu lado légala eles, contar a eles a respeito de alguns cachorros que foram*

atropelados por um trem e mostrar a eles que sou um sujeito agradável e inofensivo? Eu tenho um lado difícil, mas vou mantê-lo escondido na esperança de que daqui a algum tempo eu tenha urna oportunidade para a causa do evangelho.

Embora eu tenha brincado com isso, essa seria uma estratégia realista. Seria uma reação legítima dizer: *Eu não quero pegar todo o carrinho de mão e despejá-lo neles. Talvez eu deva manuseá-lo com cuidado.* Essa teria sido uma possibilidade.

Outra teria sido: *Talvez Deus esteja criando esta oportunidade para mim para negociar minha libertação. Afinal de contas, sou muito mais útilpara Deus fora daqui do que aqui. Eu certamente poderia fazer mais se não estivesse hibernando esperando a chegada desse tal de Lisias.* Ele poderia ter pensado assim.

A motivação e o método de Paulo

Mas está claro que para Paulo havia uma única forma de pensar em sua aproximação. Podemos aprender sobre o que realmente aconteceu com a motivação de Paulo. O que foi que conduziu Paulo? Em 1 Corintios 9, ele diz aos corintios que é seu esforço zeloso ganhar tantos quanto possível. "Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas". Ele era zeloso na questão do evangelismo. Sua vida fora revolucionada pelo poder de Cristo, e, agora, sua tarefa de vida era colocar outros na mesma jornada.

Se Paulo tivesse sido consumido pelo interesse próprio ou pelo medo ou se simplesmente quisesse se tornar amigo dos governadores, então ele não teria se arremessado no discurso que se segue. Ninguém que quer se tornar amigo dessas pessoas, em sã consciência, faria o que ele fez. Precisamos concluir que alguma outra coisa o levou a fazer isso.

E de fato foi. A convicção de Paulo era clara. Em 2Coríntios 5.11, ele expressa isso bem: "Uma vez que conhecemos o temor ao Senhor, procuramos persuadir os homens". No versículo 14: "Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos". E no versículo 16, "De agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano".

Certamente, houve grande tentação para considerar Félix e Drusila de um ponto de vista humano. Quanto mais eminente e poderoso para mudar nossas circunstâncias as pessoas aparentam ser, maior é a tentação de lhes mostrar nosso interesse preferencial. Mas o que Paulo escreve em 2Coríntios 5 ele vive em Atos 24. Sua motivação era clara.

Sua metodologia é igualmente clara. Ele discorreu; ele argumentou. Ele fez o que lhe era natural. *Eu não preciso tentar me exibir para essas pessoas. Não preciso impressioná-las com meu histórico. Minha relevância está no fato de que Deus me tomou um arauto, um embaixador, um proclamado?-do evangelho. Assim, vou declarar a mensagem.*

A mensagem de Paulo

Nós também podemos encontrar sua mensagem. Ele falou com eles a respeito da "fé em Jesus Cristo". Isso é impressionante em sua simplicidade.

"Quero agradecê-los por me receberem, sr. Feliz e sua senhora. Eu gostaria de usar esta oportunidade para falar com os senhores sobre uma coisa — sobre a fé em Jesus Cristo. Não quero falar a respeito da crise dominante na moralidade que faz parte de algumas regiões da cidade aqui. Não quero falar sobre as coisas horrorosas acontecendo com as crianças. Eu não quero tratar com os senhores as questões da estrutura governamental e as várias possibilidades de reformas políticas. Quero falar com os senhores sobre a fé em Jesus Cristo".

No caso de nos sentirmos tentados a pensar que esse sermão é um pouco açucarado para agradar os ouvidos de Félix e fazer Drusila se sentir bem em relação a si mesma, uma espécie de sermão feliz para o sr. Feliz, o texto nos mostra os pontos da mensagem, de forma que não podemos ter dúvida em relação a ela.

Justiça

Isso não é exatamente o que você chamaria de um ponto agradável ao ouvinte para começar. "Eu gostaria de falar com vocês, Félix e Drusila, sobre o fato de que Deus é um Deus santo, e ele deixou claro os padrões de sua santidade em sua lei, e somos transgressores da lei. Nós pecamos contra a sua santidade".

Paulo, sem dúvida, confirmou para eles os padrões da lei de Deus, talvez ilustrou isso a partir de sua condição antes de se converter, talvez olhou nos seus olhos e citou o salmista e permitiu que o poder da Palavra reverberasse em volta das paredes compactas.

Ele provavelmente pregou as Escrituras do Antigo Testamento. O Senhor é justo. Ele ama feitos justos, e os justos verão a sua face.

Paulo não está pregando moralismo a eles, mas está pregando justiça, para que pela perfuração de suas armaduras pela espada da lei de Deus possa haver ali a oportunidade para ele levar o bálsamo da palavra curadora de Deus a eles.

Autocontrole

Seu segundo ponto foi a respeito de autocontrole. Ele pode ter citado o provérbio: "Como a cidade com seus muros derrubados, assim é quem não sabe dominar-se" (Pv 25.28). Ele pode ter falado um pouco a respeito de paixões e desejos, talvez disse a eles que a visão que o mundo tem de liberdade era na verdade uma prisão, que o que era considerado felicidade é essencialmente a conformação à tristeza".

Julgamento

Seu terceiro ponto era o "o juízo vindouro". "No caso de vocês estarem se perguntando, os maus não vão prevalecer. O Senhor reina para sempre. Ele estabeleceu seu trono para o julgamento. Vem o dia em que tudo isso será julgado. E

enquanto vocês pensam que estou aqui aterrorizado pelo julgamento que me aguarda, sou forçado a dizer-lhes, na autoridade do Senhor Jesus, cujo embaixador eu sou, que há um julgamento muito maior que aguarda a todos nós. E ele aguarda vocês também, sr. e sra. Feliz. Portanto, a questão da justiça e do autocontrole e do julgamento vindouro é algo em que vocês devem prestar muitíssima atenção".

Que sermão.

A nossa pregação segue esse exemplo?

Se essa abordagem da justiça e do autocontrole e do juízo vindouro é algum tipo de paradigma da pregação com uma visão para uma mudança de coração e mente, é essa a abordagem da igreja no ocidente? É esse o tipo de coisa que estamos fazendo?

Na motivação

Vejamos, por exemplo, a questão da motivação. Será que alguns de nós estão tentados a recuar na questão da persuasão porque existe um receio em relação à persuasão? Em nossa geração, as pessoas temem a persuasão. Qualquer um que seja persuadido é considerado meio estranho ou radical. Você não doutrina as crianças. Você as deixa livres para se decidirem. Não persuadimos porque não está na moda. Todo mundo tem suas idéias, seu espaço. Quem somos nós para invadir o espaço deles? Por que nós não persuadimos? É porque não tememos. "Uma vez que conhecemos o temor ao Senhor,procuramos persuadir os homens" (2Co 5.11). Não existe parte dois porque não existe parte um.

Se Apocalipse 6.16,17 está firme em minha mente, eu me torno persuasivo. Se eu tenho essa descrição de meus vizinhos e amigos e parentes não salvos gritando, no dia da ira do Senhor, às montanhas e às rochas para que caiam sobre eles, para que não tenham de estar perante o julgamento, se isso toma conta de mim e me leva a chorar, então posso me tornar persuasivo. Mas enquanto isso não acontecer, você só tem um sujeito atrás de uma caixa falando com empatia.

Nossa motivação é suspeita.

Na metodologia

Nossa metodologia também é suspeita. Que Deus coloque novamente em nosso coração uma convicção renovada por uma metodologia que é bíblica.

Você diz às pessoas: "Eu sei que você está se sentindo sozinho. Sei que está sem direcionamento e precisa de um pouco de alegria. Aqui está um pouco de alegria. Aqui está um pouco de amizade e aqui está um pouco de direcionamento. Agora solte aqueles pecados grandes e ruins". Isso é pragmatismo, não teologia. Isso não é Efésios 2: "... mortos em suas transgressões e pecados", e não tem nenhum poder de fazer voce ficar vivo. Temos congregações que são convencidas e estão satisfeitas consigo mesmas. Se não mostramos às pessoas que precisam de um

Salvador, elas podem responder ao evangelho porque gostam do que ele pode realizar por elas, não porque vieram a reconhecer que estão mortas e não podem influenciar sua ressurreição.

Pregue a palavra de Deus. Não é fácil, mas é honesto. Quando foi a última vez que ouvimos e pregamos esse tipo de sermão? Três pontos: justiça, autocontrole e o julgamento vindouro.

Com voz profética

Falta-nos uma voz profética. A igreja tem politizado, psicologizado, pragmatizado e trivializado as coisas. As pessoas podem dizer: "Não houve problema em Paulo usar aquela abordagem. Mas estamos em uma época diferente. O sr. Feliz e sua esposa podiam lidar com isso. Você não faria isso a pessoas do século XXI".

Você leu alguma coisa relacionada à história deles? Félix tinha um irmão gêmeo. Ele e seu irmão eram um bando terrível. Eles nasceram escravos. Conseguiram escapar do desconhecimento para a notoriedade. Lemos que exerceram o poder de reis com a atitude de escravos, com crueldade e na luxúria. Félix tinha segurança financeira, poder, posição e uma mulher bonita. Entretanto, havia roubado a mulher do marido dela.

E Paulo diz: Meu primeiro ponto, sr. Feliz, é justiça. Quero falar a respeito de fazer a coisa certa. Eu sei que o senhor é um adúltero, mas quero falar com o senhor a respeito da justiça. E o pai de Drusila matou Tiago. Seu tio-avô matou João Batista. Seu bisavô assassinou os bebês em Belém. E Paulo falou a ela a respeito de autocontrole.

Um sermão realmente atraente para o ouvinte.

Capítulo 40

PREGANDO A VERDADE, A JUSTIÇA E O ESTILO DE VIDA ESTADO-UNIDENSE

Acerca de mitos culturais e da autoridade bíblica

Rick McKinniss

Eu havia agido de forma suficientemente inocente. O verão estava se aproximando, e eu precisava de idéias frescas para sermões. Assim, preparei uma inserção para o boletim pedindo a sugestão de textos ou temas.

O primeiro chiou como um rastilho em fogo de artifício do Dia da Independência: "Por que você nunca prega sobre o patriotismo? Você precisa pregar sobre o que nossa bandeira significa!".

Eu me senti dividido: não queria rejeitar de imediato o pedido de Fred nem ofender seu orgulho nacional (ele havia servido seu país de forma honrosa na Segunda Guerra Mundial), mas eu não acredito que a verdade, a justiça e "o modo

estado-unidense de ser" sejam trinos e unos. Sempre me considerei um cidadão leal e sou grato pelas liberdades de que desfruto; porém, para mim, as lealdades nacionais precisam se curvar perante o senhorio de Cristo. Assim, expliquei ao Fred que me sentiria mais confortável pregando o que o Novo Testamento ensina com respeito às obrigações dos cristãos em relação à sua nação. Ele entendeu minha posição, mesmo que sua expectativa por uma celebração patriótica não fosse satisfeita.

O encontro com Fred teve conclusão feliz, e tanto o nosso relacionamento quanto a minha compreensão de integridade ficaram intactos. Mas esse pedido me fez pensar na questão mais ampla da influência dos valores culturais no púlpito cristão. Comecei a indagar sobre influências mais sutis e não percebidas do "modo estado-unidense de ser" sobre aqueles de nós que são chamados para pregar o evangelho.

O livro de Charles Larson *Persuasión: Reflection and Responsibility [Persuasão: reflexão e responsabilidade*] proveu as ferramentas de que eu precisava para refletir sobre essa questão. Percebi que luto com alguns mitos culturais que são tão estado-unidenses quanto o basquete, os cachorros-quentes, a torta de maçã e o Chevrolet. Ao chamá-los de mitos, não quero dizer que são necessariamente falsos — ou verdadeiros. Em vez disso, quero dizer que assumiram papel tão importante na forma em que nossa cultura interpreta a realidade que, às vezes, não percebemos que não são nada além de axiomas. Crescemos ouvindo-os, respirando-os e pensando neles. Embora não tenham nenhuma base sólida na Bíblia, percebo que com freqüência se infiltram na minha pregação.

Mito1: A possibilidade do sucesso

Esse é talvez o mito estado-unidense mais reconhecido. Ele incentivou nosso país desde a época dos colonizadores mais antigos. Esse mito foi popularizado, no século XIX, por Horatio Alger que usou essa maneira de pensar como a base para vários romances que falavam a respeito de um jovem que, por meio do trabalho duro, sinceridade, honestidade e fé no futuro, poderia ser bem-sucedido. Às vezes, ele conseguia grandes coisas e tinha uma grande empresa, conseguia uma esposa bonita, desfrutava de uma vida boa e até mesmo fazia o bem para os outros. Essa mitologia de vencer com os esforços próprios está embutida hoje em dia no que passou a ser conhecido como o "sonho americano". O pensamento positivo e o pensamento de possibilidades florescem tão ricamente no solo estado-unidense como o milho em Iowa. E, até certo ponto, o atrativo de pregadores positivos é devido ao fato de que somos singularmente preparados por nossa cultura para receber essas mensagens. Isso não significa sugerir que não existe base bíblica para pregar uma mensagem positiva — inúmeros versículos comunicam esperança, possibilidades, novidades e encorajamento.

Os perigos de canonizar Horatio Alger, entretanto, também são perceptíveis. Freqüentemente, o sucesso significa apenas uma coisa para as pessoas — saúde e

riqueza. Os ouvintes ouvem esse evangelho de sucesso material mesmo quando o pregador os está encorajando a novas possibilidades na dimensão espiritual.

Entretanto, existe, acredito eu, um perigo mais discreto em usar esse tema — uma acusação subliminar de fracasso. Lembro-me de um sermão que nosso pastor pregou quando eu era adolescente. Depois do almoço naquele domingo, por acaso ouvi minha mãe resmungando enquanto lavava os pratos.

"O que aconteceu?", perguntei.

"Eu não penso que o Senhor está me chamando para deixar minha família para ser um heroína missionária na África", disse ela, desabafando sua frustração. "É improvável que eu faça uma fortuna no futuro próximo ou distante. Mas quando ouço um sermão que descreve todas essas pessoas heróicas e bem-sucedidas, sinto-me um completo fracasso. De que maneira eu poderia fazer alguma coisa importante para Deus?".

A possibilidade de sucesso havia se tornado a impossibilidade da relevância para minha mãe. Os heróis estavam muito distantes, os objetivos muito altos. Ela precisava de imagens de mães e donas de casa que faziam progressos pelo reino nas cozinhas onde viviam.

A lição daquele episódio com minha mãe me acompanha desde então, e toda vez que recruto Horatio Alger para o serviço do evangelho (o que eu faço tão freqüentemente quanto qualquer outro pregador vigoroso), tento imaginar minha mãe na congregação. Ela e o restante da congregação precisam ser encorajados a novas possibilidades, mas não conduzidas ao desânimo pelas impossibilidades.

Mito 2: A sabedoria do homem rústico

Um dos mitos mais duradouros de nossa cultura é a sabedoria do homem rústico. Não importa o quão sofisticada ou divergente a oposição seja, a sabedoria simples do homem ou da mulher rústicos sempre ganha. Personagens da mata como Daniel Boone ou Paul Bunyan, que vencem seus adversários em esperteza e que superam grandes obstáculos com senso comum simples, mas inteligente, preenchem nosso folclore. Abraham Lincoln cavalgou nessa imagem dos palácios da justiça do interior de Illinois até a Casa Branca em Washington, D. C. O poder dessa imagem continua até mesmo hoje. Ronald Reagan desenvolveu sua reputação como "grande comunicador" não apenas por causa de sua experiência como ator, mas por causa de sua estranha habilidade de falar a linguagem das pessoas comuns.

O outro lado dessa fé na sabedoria popular e confiança em instintos iniciais é uma tendência de desconfiar do instruído ou intelectual. As disciplinas da erudição são freqüentemente vistas meramente como instrumentos de obscurecimento (tradução: muito aprendizado de livros atrapalha o pensamento claro).

Aqueles de nós que acreditam no evangelho simples freqüentemente encontram em si um desejo que nos acompanha de tornar as sutilezas da Bíblia simplistas e de codificar todas as complexidades da existência moderna. Na igreja em que cresci, em

uma cidade pequena do sul de Ohio, isso era a dieta regular de todos os domingos. Ouvíamos o ABC do evangelho. Ouvíamos os quatro princípios para um casamento bem-sucedido. Mapeávamos o final próximo da história do mundo em um grande quadro. Éramos ensinados a desconfiar de psiquiatras, psicólogos, sociólogos, antropólogos e quaisquer outros "ólogos" e "atras" que pudéssemos encontrar.

Várias crises de convicção depois, descobri que nem tudo na vida é simples, fácil ou claro. E quando as respostas claras que me deram não foram compatíveis com as complexidades de minha própria vida e das vidas de quem eu fui chamado para servir, senti-me um pouquinho traído. Comecei a entender por que tantas pessoas abandonaram a fé quando a vida fica difícil.

Felizmente, não fiz isso. Nem perdi minha consideração pela sabedoria do homem comum com a qual fui criado. Senso comum e intuição freqüentemente são muito úteis. Mas eu descobri que Deus também usa o estudo diligente, a investigação sólida e o raciocínio instruído.

Assim como é tarefa nossa explicar a dificuldade, às vezes nossa tarefa é retratar a vida como algo complexo. Nem toda a sabedoria nasce da simplicidade do homem comum. Quando a congregação é conduzida a buscar sabedoria dos instruídos assim como das pessoas comuns, quando a mensagem bíblica é proclamada em toda sua plenitude misteriosa, nossos membros estão mais bem equipados para encarar o mundo como ele realmente é.

Mito 3: A presença da conspiração

Outra premissa cultural muito difundida é a presença da conspiração: uma crença de que por trás da maioria dos principais problemas políticos, econômicos ou sociais está um grupo poderoso que conspirou para criá-los. A histórica americana está repleta de suspeitas de conspirações maçônicas, conspirações populistas e conspirações bancárias internacionais. Em minha própria vida, ouvi teorias de conspiração conectando John Kennedy e o Vaticano. A validade de qualquer uma dessas teorias não é meu ponto aqui. Estou apenas ilustrando nossa tendência de espalhar esse tipo de explicações de algumas tendências e eventos.

Normalmente, essas explicações atraem pessoas ou grupos que se sentem ameaçados. Teorias conspiratórias inevitavelmente envolvem os mal-afamados "eles". Normalmente, "eles" têm rótulos — direitistas, esquerdistas, humanistas ou personagens da mídia. Rótulos tendem a confirmar suspeitas sinistras e nos motivar pelos nossos medos. "Eles" freqüentemente encontram o seu caminho para se infiltrar na nossa pregação, mas apenas uma vez encontrei um "deles". Ele é membro de nossa congregação, um professor de saúde na escola de ensino médio local.

Antes de eu chegar à igreja, Mike era atacado de vários púlpitos locais como um "daqueles" que ensinavam educação sexual "sem valores". Descobri que Mike, um cristão comprometido e sensível, estava tentando andar sobre a corda bamba entre seus valores cristãos e a realidade da educação pública. Ao trabalhar com

aqueles alunos da oitava série, ele era cuidadoso para enfatizar a igreja e o lar como influências-chave na tomada de decisões. Mas porque ele era "um deles", diversos pastores locais o acusaram do pulpito, e Mike foi importunado com telefonemas, cartas e visitas de pais irados.

Agora, sempre que eu ouço teorias conspiratórias, não posso deixar de pensar em um Mike desiludido, atormentado e bombardeado por irmãos e irmãs de profissão de fé que estavam querendo acreditar mais em uma conspiração do que nas boas intenções de um irmão para os seus filhos.

Somos chamados para proclamar Cristo, mas por necessidade fazemos isso no contexto de nossas pressuposições culturais. Já que as premissas culturais são parte do modo que pensamos, elas podem ser instrumentos de persuasão poderosos. Nosso trabalho é empregá-las sem nos esquecer do discernimento e da imparcialidade — sem fazer concessões.

Não é simplesmente uma questão de pregar a verdade, a justiça ou o modo estado-unidense de ser. Mas, em vez disso, é uma questão de pregar de um modo estado-unidense sem fazer injustiça ao Caminho da Verdade.

Capítulo 41

PREGANDO A MORALIDADE EM UMA ÉPOCA AMORAL

Como você pode soprar o apito se as pessoas não crêem que há regras

Timothy Keller

Eu estava no meio de uma série sobre os sete pecados capitais e era dia de falar sobre a luxúria. Esse é um assunto difícil para qualquer pastor, mas pregar no meu ambiente, no centro de Manhattan, a um grupo composto quase que igualmente de não cristãos, novos convertidos e cristãos em processo de renovação significa um problema ainda maior.

Embora nos reunamos em um grande auditório, certos rostos eram fáceis de serem percebidos. Ali estava Phoebe, cujos olhos com as bordas avermelhadas ainda testemunhavam sua semana de choro. Seu namorado havia terminado com ela quando descobriu que ela estava tendo relações sexuais com outro homem e outra mulher, em uma relação a três. Ela me disse: "Mas o que temos é tão bonito. Como isso pode ser errado?".

A face de Laurel era o completo contraste — uma nova convertida, ela estava ansiosa como um filhote de cachorro. Nessa semana, ela e o seu marido haviam trazido sua antiga amante lésbica e a parceira atual da mulher para a igreja, prometendo: "É realmente diferente — você vai ver!".

Mais atrás, estava o Fred. Ele havia crescido freqüentando uma igreja e escolas cristãs, mas se mudou para Nova York para se afastar da família e dos amigos. "Eu

não conseguia respirar com todas as regras e expectativas deles em relação a como deveria viver, com que moça deveria sair, se eu podia assistir a um filme somente para maiores de 18. Eu precisava ir embora para algum lugar onde ninguém me conhecesse e eu pudesse viver como quisesse". Fred não se saiu tão bem com sua liberdade quanto esperava, pois agora estava deprimido e irado.

Todos eles tinham vindo à minha sala no escritório da igreja naquela semana e agora seus olhos estavam voltados para mim com expectativa. O que eu poderia dizer que seria útil, mostrasse compaixão e, acima de tudo, fosse fiel à Palavra de Deus?

Entendendo nossa época amoral

O pregador atual do cristianismo ortodoxo depara com um dilema sem precedentes. A despeito do que você poderia pensar de uma avaliação casual de qualquer locadora, livraria ou prateleira de revistas, não vivemos em uma sociedade imoral — uma época em que o certo e o errado são claramente compreendidos e o comportamento errado é escolhido. Vivemos em uma sociedade amoral — uma em que "certo" e "errado" são categorias sem significado universal, e todo mundo "faz o que é certo para si".

Se as coisas são piores hoje em dia do que em outros períodos de um ponto de vista objetivo — mais pecados cometidos, mais leis transgredidas — é um ponto disputado. Mas uma época amoral apresenta um problema para pregadores que querem expor a palavra de Deus fielmente em relação à ética, moralidade e comportamento.

No começo do século XX, os céticos rejeitaram o cristianismo porque não era verdadeiro — "não pode haver milagres". Hoje em dia, os céticos rejeitam o cristianismo porque ele afirma ser verdadeiro — "não pode haver absolutos". A modernidade (a mentalidade do final do século XIX e do começo do século XX) declarou que absolutos morais poderiam ser descobertos unicamente pela razão humana e pela investigação. A pós-modernidade diz que não há absolutos morais para serem descobertos.

Como chegamos a isso? Nas décadas de 1950 e 1960, o existencialismo de Camus e Sartre começou a desmoronar a confiança na razão humana e no progresso ao ensinar que a verdade e a moralidade eram completamente relativas e individualmente construídas. O pós-modernismo de hoje (também encabeçado por pensadores franceses, como Derrida e Foucault) ensina que a verdade e a moralidade são construídas socialmente por grupos. Em resumo: "Nenhum conjunto de crenças culturais pode reivindicar superioridade cultural sobre outro conjunto de valores porque todas essas crenças são motivadas por interesses subjetivos".

Nesse ponto de vista, todas as "verdades" e "fatos" agora estão entre aspas. Reivindicações de verdade objetiva são, na verdade, apenas um disfarce para um jogo de poder. Aqueles que afirmam ter uma história para todos estão, na verdade, apenas tentando obter poder para o seu grupo sobre outros grupos.

No passado, os absolutos morais cristãos eram vistos apenas como simplesmente bitolados ou antiquados. Mas hoje em dia, eles são vistos como opressivos e, até mesmo, violentos.

Nos Estados Unidos, essa sociedade amoral está apenas chegando à sua plenitude. Os *baby boomers,* as pessoas nascidas durante os anos de 1946 a 1964, supostamente foram a primeira geração relativista, mas a maioria deles foi criada na religião tradicional. A geração seguinte fez uma mudança radical. Seu entendimento é o novo relativismo extremo das políticas de identidade.

Em tal situação nova e confusa, o que um pregador cristão deve dizer?

Verdade, não pragmatismo

Descobri que precisamos guiar nossa pregação entre dois perigos — pragmatismo e moralismo — se a mensagem fresca e radical do cristianismo deve ser compreensível para os ouvintes de hoje.

O primeiro perigo é o pragmatismo.

Isso me lembra Joseph, um de nossos primeiros e mais entusiásticos novos convertidos. Joe anunciou sua nova aliança com Cristo para os seus funcionários e decretou que dali em diante as práticas da companhia se ajustariam à moralidade cristã. Em uma agência de publicidade da Madison Avenue, isso era uma escolha corajosa e um suicídio em potencial. Não mais mentiras para o público, não mais faturamento por horas não trabalhadas, não mais se esquivar de responsabilidades ou acusar alguém por alguma falha — era uma receita para o desastre.

Para a alegria de Joe (e a nossa surpresa, assistindo a essa experimentação na obediência), seu negócio prosperou. Clientes que estavam prontos para deixar a agência para ir a agências maiores ficaram encantados com a conversa franca que eles tinham. Um cliente nervoso, que estava pronto para processá-los, ficou tão atônito com a confissão honesta de fracasso que ele reverteu sua decisão e lhe deu duas novas contas. O rendimento atingiu a marca de um milhão de dólares e, depois, passou esse patamar. Joe começou a levar funcionários para a igreja, dizendo a eles: "Você sabe que é verdade porque funciona".

Mas quando o romance com uma mulher casada se tornou uma possibilidade, Joe abandonou sua profissão de fé. "Eu sei que estou fazendo uma coisa que você considera errada", disse ele, "mas quero ser feliz, e é isso. O amor é mais importante do que sua visão de moralidade".

A conversão prematura de Joe mostra por que o pragmatismo pode ser tentador para um pregador. Ele semeia retornos rápidos. As pessoas ficam muito contentes com a ajuda prática que estão recebendo por salvar seu casamento, criar seus filhos, superar maus hábitos e repelir a depressão que afeta a meia-idade. Eles voltam e trazem seus amigos. Mas sem o trabalho assíduo de estabelecer uma cosmovisão transformada, seu comprometimento com o cristianismo será tão profundo quanto o seu comprometimento com outros "produtos" úteis. A dedicação

a algo que faz com que seja mais fácil lidar com a vida não deve ser confundido com conversão genuína, que traz consigo a rendição ao Deus Criador do universo.

Assim, precisamos ser cuidadosos. Podemos dizer que a moralidade "funciona", mas apenas porque ela corresponde à realidade. E precisamos pregar que, às vezes, funciona apenas a longo prazo. Ao olharmos para a vida da perspectiva da eternidade, será óbvio que funciona ser honesto, puro e humilde, em vez de egoísta. Mas a curto prazo, praticar a pureza pode manter uma pessoa sozinha por muitos anos. Praticar a honestidade pode ser um impedimento para o avanço da carreira. Isso precisa se tornar claro para o ouvinte contemporâneo.

O pregador de hoje precisa argumentar contra o pragmatismo do pós-modernismo que busca o ser útil só para si mesmo. O evangelho não diz que, por meio dele, você encontra sua vida, mas que primeiro você precisa perder a sua vida. Preciso dizer às pessoas: "Cristo vai 'funcionar' para você apenas se você for verdadeiro para ele quer ele funcione para você quer não. Você não deve ir a ele porque ele o preenche (embora preencha), mas porque ele é verdadeiro. Se você o segue a fim de satisfazer suas necessidades, você não vai encontrá-lo nem vai satisfazer suas necessidades. Tornar-se cristão não é conseguir ajuda para o que você faz, mas adotar uma nova maneira de viver — a vontade de Deus. Você precisa lhe obedecer porque deve sua vida a ele, porque ele é seu Criador e Redentor".

Esse é um equilíbrio difícil e crítico para o pregador cristão. Toda mensagem e cada ponto precisam demonstrar relevância ou o ouvinte surfará mentalmente pelos canais. Mas uma vez que você atrai as pessoas com a relevância e a sabedoria espantosas do evangelho, precisa confrontá-las com a questão mais pragmática de todas — a afirmação de Cristo ser o Senhor absoluto da vida.

No começo do meu ministério, freqüentemente pregava sobre questões sexuais com franco pragmatismo. Em um sermão, há quinze ou vinte anos atrás, declarei: "Emocionalmente, o sexo pré-matrimonial e fora do casamento destrói sua capacidade de confiar e se comprometer com outros. Socialmente, o sexo fora do casamento leva ao colapso familiar e social. Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá".

Nada a respeito desse parágrafo é falso. Mas ele exagera os benefícios práticos da moralidade cristã. (Ele também pressupõe um respeito pelas Escrituras não presente na nossa cultura hoje). Hoje em dia, abordo a mesma questão de maneira diferente:

"Algumas pessoas dizem: 'Rejeito o cristianismo porque sua visão do sexo não se encaixa na minha vida — ela é muito bitolada para mim'. Mas se um médico prescreve um remédio desagradável, o que você faz? Se você está verdadeiramente doente, então você o toma. E simplesmente algo tão cabeça dura testar o cristianismo com base no gosto como testar remédios com base no gosto. Como é tolo avaliar o cristianismo com base na sua ética a respeito do sexo!".

"A questão real é: 'Jesus é realmente o filho de Deus?'. Ele realmente é quem ele disse ser — ele é seu Caminho, sua Verdade e sua Vida? Ele realmente morreu

por você porque você é pecador? Se ele é isso e morreu mesmo por você, o que importa o que ele lhe pede para fazer ou não? Você deveria fazê-lo! De certo modo, o evangelho não permite que você fale a respeito de qualquer outra coisa antes. Ele diz: 'Não vou falar com você a respeito de sexualidade, do papel do homem e da mulher, do sofrimento ou de qualquer outra coisa até que você determine o que você fará com ele. Quem ele é determina todo o resto'.

"Veja bem, até que você decida se existe um Deus, se Jesus é o Filho e outras questões, como pode tomar uma decisão inteligente sobre o que é certo e o que é errado em relação ao sexo? Os cristãos acreditam no que acreditam a respeito do sexo não porque são antiquados, ou porque são puritanos, mas porque Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida".

Essa nova abordagem ocupa mais tempo. Mais ela se aproxima mais do meu objetivo de pregar a verdade, em vez do pragmatismo. A moralidade cristã não é verdadeira porque funciona; ela funciona porque é verdadeira. Mas por que enfatizar a verdade como verdade para pessoas que não acreditam em padrões de forma alguma?

Primeiro, temos de ser claros. Se argumentamos de forma muito pragmática, involuntariamente confirmamos a visão básica da pessoa moderna de que a verdade é tudo que funciona; eles não verão o quão radicalmente estamos desafiando a abordagem de sua vida e pensamento. Segundo, fazemos isso para penetrar, para ir ao mais fundo do coração. Pascal disse: "Temos uma idéia da verdade que nenhuma quantia de ceticismo pode vencer". O que é isso? Nas pessoas pós-modernas, o conhecimento de Deus dorme mais profundamente do que em gerações anteriores, mas ainda está lá (Rm 1.18-21).

No *Duke Law Journal,* Arthur Leff, um não-cristão contemporâneo, expressa perfeitamente essa tensão pós-moderna: "O que queremos, céus nos açudam, é ser ao mesmo tempo perfeitamente governados e perfeitamente livres". Apenas ao pregarmos a verdade como verdade podemos aliviar essa tensão interior e mostrar que existe uma verdade que liberta.

Graça, não moralismo

Profundo cansaço marcava cada traço do rosto e do corpo de Joan. "Eu simplesmente não posso mais viver assim", disse ela. "Não posso viver à altura do que o cristianismo deve ser. Toda a minha vida, pessoas ficaram me dizendo que eu tinha que fazer isso ou aquilo para ser aceita. Achava que Cristo deveria me libertar disso, mas em vez disso, Deus se mostrou ser apenas mais um capataz exigente — aliás, ele é o pior de todos!".

Aquela conversa grifou para mim que o ensinamento moral do cristianismo é tanto similar a outros sistemas morais e éticos como diferente deles.

No final de *The Abolition of Man [A abolição do homem],* C. S. Lewis demonstra como as principais religiões concordam em relação a certos absolutos morais.

Os cristãos descobrem que, nas guerras culturais de hoje, eles freqüentemente estão no mesmo lado dos fiéis judeus, muçulmanos e hindus. O pregador cristão parece estar dizendo: "Seja moral", junto com expoentes de outras filosofias.

Mas quando perguntamos: "Por que ser moral?", o outro sistema diz: "A fim de encontrar Deus", enquanto o cristianismo diz: "Porque Deus encontrou você". O evangelho cristão diz que não somos salvos pela conduta da vida moral, mas somos salvos para ela. Somos salvos apenas pela graça, mas a graça resultará inevitavelmente em uma vida moral.

Muitos sermões dizem às pessoas para dizerem não à imoralidade. Freqüentemente, as razões são: "Isso é contra a Bíblia"; "Isso vai ferir sua auto-estima"; "Isso é contra seus princípios cristãos"; ou: "Seus pecados vão desmascarar você". Essas coisas são verdadeiras, mas elas são inadequadas e são motivos secundários. Apenas a graça de Deus, Tito diz, "nos ensina" a dizer não. Ela argumenta conosco: "Você não está vivendo como se você fosse amado! Como filho dele! Não é porque ele vai abandoná-lo que você deve ser santo, mas porque, por um preço inestimável, ele disse que nunca vai abandoná-lo! Como você pode viver justamente no pecado pelo qual ele foi despedaçado para libertar você dele?".

Você percebe o argumento da graça de Deus? É o único argumento que não pode ser questionado.

No começo do meu ministério, eu não confiava no Senhor como deveria. Quando pregava sobre 1 Corintios 6.9, argumentava: "O sexo é um presente sagrado de Deus e usá-lo de forma errada ou falsificá-lo nos coloca no perigo espiritual mais grave [...]. Embora hoje em dia muitos procurem obscurecer essas linhas morais, a Bíblia é absolutamente definida e cristalina a respeito dessas questões que temos perante nós".

Essa declaração é verdadeira, mas soa improvável em uma época sexualmente permissiva. Esse tipo de justificativa não explica a razão por trás de cada mandamento bíblico — o evangelho.

Hoje em dia, eu trato essa questão desta maneira: "Quando Paulo declara as regras bíblicas para o casamento, ele diz que isso se refere ao amor de Cristo por nós (Ef 5.32). Em ICoríntios 6, Paulo sugere que a monstruosidade do sexo fora do casamento reside no fato de que nos tornamos um' fisicamente com alguém, mas não somos 'um' social, econômica ou legalmente com essa pessoa. Em outra palavras, tornamo-nos íntimos sexualmente sem nos tornar, de forma radical, sensíveis à outra pessoa por meio da entrega a um comprometimento permanente, exclusivo e total".

"Quanto ao sexo, 'este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja. Você não pode 'usar' Deus ao buscar sua intimidade sem se entregar a um comprometimento total. Você não pode usar outro ser humano fazendo a mesma coisa. Por quê? Por causa da graça dele, da sua auto-entrega radical a você. 'Amem-se uns aos outros como eu os amei' " (Jo 13.34).

Os cristãos obedecem ao Senhor porque são devedores a ele, e não para tornar o Senhor devedor deles. A diferença entre esses dois tipos de moralidade não poderia ser maior. Quero pregar que a moralidade cristã é uma resposta à graça, não um meio para a graça.

Mas por que enfatizar a graça para pessoas que não acreditam na culpa?

As pessoas pós-modernas justificadamente temem uma autoridade que oprime e tiraniza, elas anseiam por uma que liberte. Apenas o evangelho da graça mostra como a verdade pode se tornar um poder que liberta. Pascal disse que toda filosofia ou religião humana conduz ou ao orgulho humano ou ao desespero humano, mas apenas o evangelho da graça pode lidar com ambos. Algumas religiões usam a auto-estima e a independência como motivos para a obediência, mas isso torna as pessoas orgulhosas ou egoístas, ou orgulhosas e cruéis.

Outras religiões usam a humildade e o controle, mas isso leva à culpa e ao desespero. Entretanto, o evangelho nos mostra uma lei que precisa ser cumprida (destruindo o nosso orgulho) e um Salvador que a cumpre totalmente por nós (destruindo nosso desespero).

"Só a religião cristã conseguiu curar esses males gêmeos", escreveu Pascal, "não usando um para expelir o outro [...], mas expelindo os dois por meio da simplicidade do evangelho". Pregar a moralidade não pode ser o primeiro item do plano de atividades de qualquer pregador cristão, mas também não pode ser omitida. Precisamos fazer os ataques necessários às pressuposições antiabsolutos da nossa platéia pós-moderna. Homens e mulheres precisam ser convencidos de que existe um Deus que falou a respeito de absolutos inegociáveis; esse Deus também é nosso Redentor. Ele pagou o preço por nosso fracasso. Apenas nesse contexto, a pregação de moralidade faz sentido. Hoje em dia, apenas nesse contexto é que ela pode ser ouvida.

Capítulo 42

A PREGAÇÃO PARA OUTRAS CULTURAS

Como se conectar em nosso mundo multicultural

Rick Richardson

Todos nós que pregamos estamos envolvidos em pregação transcultural. Pregamos para a juventude moldada pela cultura pós-moderna. Atravessamos a ponte para pregar para os mais diversos grupos de estado-unidenses — asiáticos, afro-descendentes, indígenas e brancos — e também estrangeiros. Atravessamos divisões de gênero — de homens a mulheres, ou de mulheres a homens. A diversidade pode ser tão pequena que não a percebemos antes, mas ela é real. Nós também podemos ter oportunidades de participar de projetos missionários de curto prazo em que temos de pregar transculturalmente. Habilidades e atitudes transculturais estão se tornando mais e mais cruciais para a pregação. Aqui estão sete princípios que me ajudaram a pregar para pessoas de culturas diferentes.

Honre o que eles honram

Eles honram o tempo ou o evento? Se eles se importam com pontualidade, não se atrase. Se eles são tranqüilos em relação ao horário, relaxe. A ocasião é o que importa, não o horário em que começa ou o quanto dura.

Eles são orientados pela tarefa ou pela relação? Para algumas culturas, o processo é, pelo menos, tão importante quanto a atividade. Em outra, o objetivo é o fator determinante. As culturas dos afro-descendentes são relacionais, expressivas e orientadas pelo evento, e isso confere honra. Assim, gaste tempo com as pessoas e expresse seu sentimento sobre as coisas.

Eles atribuem honra por causa de título e prestígio ou a honra é alcançada por meio de realização e experiência? A juventude não se importa com títulos, de forma que a credibilidade é construída compartilhando-se experiências com eles. Culturas estado-unidenses de afro-descendentes reverenciam o pastor e respeitam títulos. Isso significa que, quando você começa a falar, se você for um convidado, deve agradecer e honrar seu pastor e líderes. Reconheça que, como pregador, será respeitado em virtude de sua posição antes de dizer a primeira palavra.

*O que eles consideram sagrado?*Algo que você normalmente considera secundário ou trivial pode ser de extrema importância. Você pode até mesmo não estar consciente de que está sendo rude. A cultura estado-unidense asiática é orientada pela honra e culpa; assim, honrar os mais velhos é crucial. Por exemplo, em um sermão posso contar como aprendi uma lição valiosa com os meus avós.

Que comportamento ou vestimenta pode ofendê-los? Vista-se elegantemente para falar em uma cultura casual e criará uma barreira. Vista-se de maneira simples, e, em muitas culturas estado-unidenses de afro-descendentes, as pessoas passarão 90% tentando imaginar por que você está vestido desse jeito.

Como eles pensam com respeito a ?nulheres no ministério? Isso é pertinente não importa se você é mulher ou não. Não tome por certo que eles compartilham suas convicções.

Use a linguagem do coração dos ouvintes sempre que puder, mas faça isso com autenticidade

A linguagem do coração dos estado-unidense indígenas é a linguagem da experiência espiritual e da harmonia nos relacionamentos e na natureza. A cultura hispânica é orientada pela família. Falar a respeito de seu histórico, sua família e seus filhos fala a seus corações. O "coração" é comunicado na própria linguagem. Não sei muito espanhol, mas uso o que posso quando visito a igreja do meu amigo Pedro Aviles.

Quando falo com jovens, tento usar um pouco de gíria e me referir a um artista de *hip-hop*, mesmo que eu não seja fluente nessa cultura. A música é a linguagem do coração dos jovens hoje em dia. Referir-se a essa música mostra que você está tentando entender seu mundo. Você pode ir longe com uma citação de *Eminem* ou de *50*

Cent, especialmente se você admitir suas limitações. A genuinidade é o que mais importa. Eu posso dizer: "Não sou o fã mais conhecedor de *hip-hop,* mas estas frases chamaram minha atenção....". As pessoas conseguem perceber quando você fala sua língua e não é autêntico, mas elas estimam até mesmo uma tentativa vacilante para construir a ponte.

Comunique sua consciência das questões de confiança entre suas culturas

Jimmy McGee, um líder estado-unidense afro-descendente no trabalho de estudantes universitários, contou-me este detalhe a respeito da história de opressão nos Estados Unidos. Durante trezentos anos, os africanos foram trazidos para cá em navios para escravos, viagem conhecida como a Passagem do Meio. Milhões morreram no caminho, um número excessivo de corpos foi jogado, e tubarões começaram a seguir os navios. Até hoje, tubarões transitam na Passagem do Meio, porque essa foi sua trajetória de alimentação por tantos anos. Os cristãos se envolveram na racionalização e manipulação das Escrituras para favorecer os horrores da escravidão. Por ser branco, quando eu prego em um contexto negro, a bagagem de todo esse mal se prolonga. Preciso mostrar que estou consciente disso ou não poderão acreditar em mim.

Estado-unidense indígenas sofreram o genocídio nas mãos dos brancos. Como resultado, apenas 6% dos estado-unidenses indígenas contemporâneos são cristãos. As questões de confiança são imensas, e só mesmo as pessoas que estão dispostas a reconhecer os males do passado serão ouvidas.

Os pós-modernos desconfiam de qualquer pessoa que acha que conhece a verdade e que todos os outros estão enganados. Isso torna a pregação uma experiência transcultural.

Recentemente, em Einstein Bagels, que eu freqüento, um atendente me perguntou: "Rick, você não é um daqueles que acreditam que Jesus é o único caminho, ou é?". Pela maneira como ele disse isso, sabia que ele via aqueles que proclamavam Jesus como o único caminho como pessoas tão radicais quanto os terroristas do 11 de setembro. Assim, disse-lhe: "Sam, parece que você foi ferido por pessoas que excluíram e rejeitaram você pelo que você acreditava". Ele respondeu: "Você está certo!". E eu complementei: "Sinto muito que isso aconteceu com você. Eu detesto quando pessoas me excluem e rejeitam pelo que eu acredito. E por isso que fiquei tão surpreso quando me senti atraído para alguns dos elementos singulares do cristianismo".

Similarmente, em um sermão, reconheço o local onde a ponte está quebrada antes de tentar cruzá-la. Identifico-me com os medos das pessoas. Falo a respeito de quanto fico incomodado com pessoas que rejeitam outras. Depois, falo a respeito da esperança e do amor que Cristo concede.

Torne-se um grande contador de histórias e um teólogo narrativo

Proposições podem não transitar entre culturas, mas histórias sobre a vida, família e conflitos quase sempre o fazem. As narrativas fazem com que sintamos que podemos nos relacionar um com o outro. Ao contar histórias, compartilhamos dor, aplicamos a verdade e construímos confiança. Precisamos nos tornar fluentes na linguagem universal da história se queremos pregar transculturalmente.

Comece com histórias de experiências com pessoas da cultura anfitriã. Compartilhe histórias de suas tentativas de aprender sua cultura, assim como histórias que reconhecem as questões de confiança.

Transforme seus princípios e afirmações de idéias proposicionais em ilustrações e histórias. Conte as histórias que Jesus contou. Quando puder, escolha passagens narrativas das Escrituras.

Termine com histórias que desafiam as pessoas a se apropriar das verdades que você está comunicando.

Faça o que você veio fazer

Depois de construir respeito e harmonia, não se retraia. Cumpra seu chamado e fale a verdade. O fato de que você é de uma cultura diferente freqüentemente lhe dá muitas oportunidades para desafiar as pessoas de modos extraordinários. Construa a ponte e, depois, *atravesse-a!* Billy Graham é formidável em construir confiança, mas ele também sabe por que está ali e o que ele veio dizer, e ele sempre o diz.

Já que você se identificou e construiu confiança, agora pode oferecer o presente de suas práticas e percepções culturais que traz com você. Se sua cultura faz apelos, faça-os. Se sua cultura desafia as pessoas à reflexão e pensamento, faça isso. As pessoas provavelmente reconhecerão o estilo de sua cultura e o afirmarão.

Evite julgar as respostas de sua audiência por meio de suas próprias pistas culturais

Um grupo pode estar com você e não mostrá-lo das formas que você conseguiria identificar. Quando prego para presbiterianos asiáticos, que tendem a ser respeitosos e quietos, às vezes me pergunto se qualquer coisa que eu disse fez alguma conexão. Preciso ouvir cuidadosamente os comentários posteriores e procurar afirmações que vão além da cortesia para saber o que aconteceu. Quando falo em contextos estado-unidenses de afro-descendentes, preciso estar pronto para amplificar minha voz quando eles respondem. Existe um processo de chamamento e resposta que é parte do ritmo daquela cultura. É divertido e preciso aprender a trabalhar com isso, e não ignorá-lo.

Além disso, tendências culturais são apenas tendências culturais. Sempre encontraremos pessoas que não se encaixam nessas tendências de forma alguma. Não podemos fazer suposições sobre indivíduos baseados em características culturais mais amplas.

Seja um aprendiz e observador perene e cultive "informantes" culturais

Minha amiga Brenda Salter McNeil é uma pregadora transcultural excelente e compartilhou sua habilidade comigo generosamente. Quando ela prega em contextos negros, ela honra cada pessoa que teve alguma coisa a ver com o convite para ela estar ali ou que é um líder daquela comunidade. Brenda me ajudou a entender aquela dinâmica e a reagir adequadamente.

Encontre mulheres para ajudá-lo a entender se você está se conectando com mulheres. Encontre informantes entre os jovens que podem ajudá-lo a saber se está se conectando com jovens.

Seja imensamente curioso sobre os grupos de outras pessoas. Se você quer pregar transculturalmente, está se comprometendo com uma aventura de longo prazo que o tornará humilde e também o enriquecerá. Vá em frente!

Capítulo 43

CONECTANDO COM PÓS-MODERNOS

O que adotar, o que adaptar e o que confrontar no pós-modernismo

Robertson McQuilkin

Como transmitimos a antiga verdade a gerações que foram imergidas no pensamento pós-moderno desde a infância? Acredito que há elementos do pós-modernismo que devemos adotar, outros que devemos adaptar, e ainda outros elementos a que somos obrigados a nos opor.

Elementos a serem adotados do pós-modernismo

O espiritual supera o material. É claro que precisamos ajudar a definir o espiritual, mas não é formidável que possamos advogar a visão dominante de que o invisível é a parte mais importante da nossa vida? A partir disso, não é tão difícil nos movermos até a idéia de que o invisível é aquilo que é eterno.

A autenticidade é uma virtude suprema. Não podemos nos aproximar mais do centro da verdade bíblica do que isso. É claro que o "autêntico" pós-moderno e o nosso podem diferir, de forma que precisamos ajudar a definir a autenticidade em termos bíblicos. Mas se parecermos autoritários, isso é percebido como arrogância, e o resultado é falta de autenticidade. Nossa apresentação da verdade precisa ser humilde — a apresentação de nós mesmos de uma forma vulnerável. As vezes, em relação aos pós-modernos, a forma em que nos posicionamos em relação à verdade pode no fim se provar tão influente como a própria verdade.

A realidade precisa ser experimentada. Minha experiência não altera a realidade e existe realidade objetiva que pode ser conhecida. Mas quando oferecemos salvação vibrante e experimentada, e santificação, estamos em solo bíblico sólido.

Eu fui disciplinado nessa abordagem por meio da imersão como missionário na cultura japonesa. Os pós-modernos originários, os japoneses não ficavam impressionados com lógica ou evidências em relação à religião. "Acredito no que você diz", era uma resposta comum, "mas o que isso tem a ver comigo?". Eles não estavam interessados em verdade proposicional — a tecla em que nós, missionários, freqüentemente batíamos — mas, antes, estavam interessados em: "O que isso tem a ver comigo?". Tive o maior prazer em descobrir que a Bíblia está repleta exatamente daquilo em que eles estão interessados: experiência pessoal.

É difícil para mim, como um moderno convicto, libertar-me por tempo suficiente da minha tendência de querer provar tudo racionalmente, para poder conectar com os pós-modernos na busca da experiência pessoal que transforma a vida. Mas meu objetivo não é provar que estou correto, mas, antes, resgatar o meu amigo, de forma que me determinei a ter em mente que, na persuasão, a relevância é determinada pelo receptor, não pelo emissor. Não devemos comprometer a verdade, mas antes enfatizar, especialmente quando a conexão é feita, a verdade bíblica que interessa a nossa platéia. Então, sim, a realidade precisa ser experimentada.

Como eu me sinto é mais importante do que aquilo que eu penso. Realizamos um grande desserviço se não falarmos ao coração desta geração e estimulamos sentimentos, sentimentos divinos. O pós-modernismo recapturou o coração e nos abriu a nossas emoções. Por isso devemos ser gratos. Pois isso conduz a uma realidade bíblica maior do que conhecíamos como modernos do iluminismo. É difícil para mim lidar com o coração quando passei minha vida afiando minhas habilidades para liderar a minha cabeça. Mas é melhor que eu recapture o coração bíblico da questão se quero me conectar com os pós-modernos.

Os relacionamentos são um elemento supremo. Eles querem se conectar, como dizem. A comunidade supera nosso antigo individualismo moderno. Isso é bíblico o suficiente, mas vai mais fundo.

Você pode chamar isso de intimidade. Estamos sólidamente em território bíblico nesse aspecto. De fato, o destino final de uma pessoa é amar a Deus e ser amado por ele para sempre. E, certamente, relacionamentos horizontais são o que constituem a humanidade.

A esperança está em falta. Mas ela é desesperadamente desejada. Assim, oferecemos esperança. A vida tem sentido. Mas não podemos oferecer uma megaesperança cedo demais. Por exemplo, eu poderia dizer: "Você pode não conseguir mudar o curso da história do mundo, mas você pode ser útil em transformar a história pessoal de alguém da morte para a vida". As gerações mais jovens precisam dessa certeza.

Elementos pós-modernos a serem adaptados

Tome cuidado com o sentimento antiintelectual. Deus está empenhado na renovação da nossa mente e, assim, a pregação transformacional não pode ignorar a mente. Mas podemos usar o clima antiintelectual para destronar o naturalismo científico e uma mentalidade materialista.

Conte-me uma história. Isso tem uma ressonância familiar. Soa como a Bíblia! A Bíblia está repleta de verdade proposicional, é claro, e o pregador fiel a proclamará. Mas podemos capturar um elemento desse clima, já que a narrativa, não a verdade proposicional, é o método preferido das Escrituras. A cultura contemporânea é movida pela imagem. Isso significa o visual acima do verbal, de fato, mas o verbal também pode ser visual, na metáfora e em histórias. Jesus usou ambos — primeiro ele tornou visível e palpável o mundo invisível, mas ele fez mais. Quando falava, contava histórias.

Descobri que pós-modernos respondem com entusiasmo quando conto a eles a história do Espírito Santo. Eles conhecem a história de Jesus, mas e a história do Espírito Santo? Na melhor das hipóteses, ele é uma doutrina, certo? Mas quando reformulei as proposições teológicas em forma de uma história, fiquei surpreso com a reação.

Celebre a diversidade. Se a única realidade que os pós-modernos admitem é uma combinação do que está ali fora com sua percepção disso, a "realidade" de todo mundo difere. E isso é bacana. Já que a realidade de todo mundo difere, abrace isso. O único pecado é a intolerância.

Posso bater nisso de frente — e perder meus ouvintes. Ou posso celebrar a unidade na diversidade entre o povo de Deus. Também posso ensinar nossa solidariedade com a criação de Deus ao mesmo tempo que faço piscar a luz de advertência das limitações bíblicas a essa concepção. Se patrocino a unidade na diversidade, não será tão fácil me rejeitar como um arrogante obscurantista de direita.

A realização pessoal é o objetivo da vida. Não, não. A realização de Deus é o objetivo. Mas quando mapeamos o caminho até a vida centrada em Deus, não fazemos nada de errado em apontar que o único modo de alguém ficar realmente realizado é se concentrar em realizar outros. Podemos prometer verdadeira satisfação para qualquer um que tente parar de se satisfazer com diversão, coisas ou reconhecimento — de qualquer modo, uma impossibilidade — e se centrar em levar alegria a Deus.

A liberdade pessoal é essencial para encontrar realização. Por que os cristãos não são os principais campeões da liberdade? É claro que nossa "liberdade" pode ter uma conotação diferente — apontamos para a liberdade como o poder de ser o que Deus me criou para ser, em vez de uma escravidão autodestrutiva de faze: qualquer coisa que me agrade.

A autoridade é suspeita. Bem, pós-modernos estão certos — grande parte da autoridade é mesmo suspeita. Assim, podemos nos juntar a eles em nos opor à autoridade ilegítima ou trabalhar para depurar autoridade usada de modo imoral. Entretanto, não devemos nunca retroceder na defesa da autoridade final de Deus. assim como na da autoridade humana ordenada por Deus. Mas não sejamos pegos defendendo o indefensável ou colocando as instituições (de que os pós-modernos têm pouca necessidade) na frente de pessoas e relacionamentos humanos "autênticos".

Elementos pós-modernos aos quais devemos nos opor

Relativismo absoluto. Não apenas devemos apontar o absurdo desse paradoxismo fundamental, mas precisamos mostrar de forma vivida como isso não é uma concepção libertadora, como os pós-modernos acreditam, mas como ela leva inexoravelmente a uma escravidão terrível,

Auto-sacrifício é ruim. E desonesto, uma traição a si mesmo, destrutivo, como se diz. A história divina de Jesus na cruz é nossa arma máxima para destruir essa perversão do inimigo. Precisamos estimular o tema do amor e do fruto alegre do amor sacrificial. Precisamos mostrar como a tentativa de se orientar pela própria vida leva à autodestruição no final e como a autonegação é a afirmação de nosso verdadeiro ser, o poder curador final.

Compromisso é estúpido. Deve ser fácil retratar, com base em histórias de casamento, o contraste entre os resultados da falta de compromisso e do compromisso. E podemos ilustrar, a partir de tudo na vida, como o comprometimento é a cola que sustenta o desejo mais íntimo de relacionamento do ser humano, não só com as pessoas, mas também com Deus. Você pode até persuadi-los a esperarem por um relacionamento de amor definitivo.

Mesmo que haja esses elementos a que temos de nos opor, há um clima de equilíbrio entre os pós-modernos. Parece haver um anseio por algo que pareça mais do que uma fantasia — um amor autodoador, permanente.

Ao estudar a cultura dos pós-modernos, eu tive um divertido sentimento de *déjà vu.* Quando nos mudamos para o Japão, deleitamo-nos em abrir um tesouro de idéias e comportamentos totalmente estranhos aos nossos. Mas quando nos pusemos a descobrir elementos daquela cultura que podíamos adotar, outros que queríamos adaptar ao uso bíblico e alguns poucos a expor como erros nocivos, ficamos surpresos em descobrir que poderíamos nos conectar nos níveis mais profundos, embora fôssemos estrangeiros. Estou determinado a fazer isso novamente com outra cultura estranha à minha, o pós-modernismo, uma cultura que parece ter conseguido conquistar o nosso mundo ocidental.

Capítulo 44

PREGANDO EM MEIO AO PLURALISMO

Como exaltar a Cristo em uma cultura que considera todas as religiões iguais

Timothy Keller

Um clérigo muçulmano e eu estávamos em uma mesa redonda há alguns anos, descrevendo a essência de nossas duas religiões para alunos universitários. O muçulmano explicou que não existe deus senão Deus e que afirmar a divindade de Cristo é blasfêmia. Expliquei que a afirmação de Cristo de ser o único Deus é a

essência do cristianismo. Mas então, um estudante levantou e afirmou: "Não vejo nenhuma diferença entre as duas".

O clérigo e eu explicamos as diferenças novamente, mas não conseguimos convencer aquele jovem de que se um de nós estava certo, o outro tinha de estar errado. O pluralismo religioso ensinou ao estudante que ele nunca pode afirmar que uma religião é superior a qualquer outra. Afirmações assim devem ser categorizadas rapidamente como intolerantes e excludentes.

Manter meu ministério para pessoas de uma sociedade pluralista requer que eu pregue de modo tal que não renuncie à verdade do cristianismo, nem desnecessariamente aliene aqueles que foram educados para pressupor uma pluralidade de religiões.

O único de uma espécie

Não faço diretamente a afirmação crua de que "o cristianismo é uma religião superior" e certamente não difamo outras religiões. Em vez disso, saliento aquilo que é distinto no cristianismo.

Por exemplo, depois da tragédia do World Trade Center, entre 600 e 800 novas pessoas começaram a comparecer à igreja que eu pastoreio na cidade de Nova York. O influxo súbito de pessoas estimulou a pergunta: "O que seu Deus tem a me oferecer em um tempo desses?".

Preguei: "O cristianismo é a única fé que lhe diz que Deus perdeu um filho em um ato de injustiça violenta. O cristianismo é a única religião que diz a você, portanto, que Deus sofreu como você sofreu". Isso é exprimido cuidadosamente como uma forma de dizer: "Outras religiões podem lhe dizer coisas boas também. Mas o cristianismo é a única que diz isso a você. Se você nega isso, então você perde um recurso espiritual valioso".

Os pluralistas ficam perplexos com isso porque percebem que querem aquilo que distingue o cristianismo — um Deus que conhece a dor humana, uma salvação pela graça e a esperança do céu — em seus tempos de necessidade. Mas se eu fico o tempo todo dizendo: "Apenas o cristianismo pode fazer isso por você", suas defesas começam a surgir: "Como você ousa falar que sua religião é superior a qualquer outra?".

É por isso que, aqui e ali, chamo a atenção diretamente para a fraqueza do pluralismo religioso.

Pregue o elefante todo

Aproximadamente a cada segunda semana, confronto noções pluralistas populares, não com um sermão inteiro, mas com um ponto aqui e outro ali.

Por exemplo, os pluralistas argumentam que nenhuma religião pode conhecer a plenitude da verdade espiritual e, portanto, todas as religiões são válidas. Mas embora seja bom reconhecer nossas limitações, essa afirmação é ela mesma uma

forte afirmativa a respeito da natureza da verdade espiritual. Uma analogia comum é citada — o homem cego tentando descrever um elefante. Um sente a cauda e informa que um elefante é fino e flexível. Outro sente a perna e afirma que o animal é grosso como uma árvore. Outro toca o lado e informa que o elefante é como uma parede. Isso deve representar como as várias religiões apenas entendem parte de Deus, enquanto nenhuma pode ver o todo. Reivindicar o conhecimento pleno de Deus, argumentam os pluralistas, é arrogância.

Ocasionalmente conto essa parábola e posso quase ver as pessoas acenando a cabeça concordando. Mas eu as lembro: "A única forma que essa parábola faz sentido, entretanto, é se você viu todo o elefante. Portanto, no momento em que você diz: 'Todas as religiões apenas vêem parte da verdade', está reivindicando o próprio conhecimento que você diz que ninguém tem. E está demonstrando a mesma arrogância espiritual de que você acusa os cristãos".

Apenas ser bom é mau

O jovem na discussão na faculdade insistiu em que não havia diferença entre o cristianismo e o islã porque, conforme explicou, "as duas religiões dizem que devemos apenas tentar obedecer a Deus e viver uma vida boa". A pregação cristã também dá aos pluralistas razões para ver isso dessa forma.

No livro *Nature ofTrue Virtue [Natureza da verdadeira virtude*], Jonathan Edwards mostra que a maioria das pessoas morais se sujeita a padrões éticos principalmente por causa de auto-interesse, orgulho e medo. Ele chamou isso de "moralidade comum" e a contrastou com a "verdadeira virtude", que flui de uma vida transformada pelo experimentar da graça de Deus. Edwards discerniu um coração amoroso e alegre que não agia por causa da superioridade do medo das conseqüências, mas a partir do deleite em Deus pela beleza de quem ele é em si mesmo.

Existe um tipo de pregação que exorta as pessoas ao comportamento moral sem situar sua motivação na alegria da beleza de Deus ou na graça de Cristo. Quando esse é o caso, o pluralista não vê distinção entre o cristianismo e outras religiões. Minha pregação, entretanto, almeja o tipo de transformação que nem mesmo um pluralista pode recusar.

Essa mudança mudou o conteúdo de meus sermões. Se eu tivesse pregado sobre a mentira dez anos atrás, eu poderia ter dito: "Não minta. Diga a verdade porque Jesus é verdade. E se você mentiu, Jesus vai perdoá-lo". Essa solicitação pára na mudança do comportamento externo.

Hoje em dia, eu posso pregar: "Deixe-me dizer por que você não consegue se tornar uma pessoa verdadeira. Na maioria das vezes, minto para evitar a desaprovação de outros. Se eu simplesmente tentar parar de mentir, isso não dará certo, pois minha necessidade da aprovação dos outros sufoca minhas boas intenções. Permito que outras pessoas — e não Jesus — determinem meu valor. Se você quer parar de mentir, precisa descobrir o que está motivando seu pecado —

como minha tendência de buscar a afirmação dos outros — e substituir isso com a segurança que você pode encontrar em Jesus".

O objetivo não é reforma, mas transformação.

A queda do império

Depois de 11 de setembro, reli *A Cidade de Deus,* de Agostinho. Roma, no tempo de Agostinho, estava se deparando com algo similar àquilo com que Nova York está se deparando. A cidade fora saqueada. Ela não estava totalmente arruinada; havia apenas sido violada. É como se os bárbaros atacassem para dizer: "Viu o que podemos fazer?". Todos em Roma, incluindo os cristãos, sentiram que, se os bárbaros podiam fazer isso, não haveria nenhum lugar seguro no mundo.

O ponto central de Agostinho era que as pessoas estavam confundindo Roma com a Cidade de Deus. Elas estavam procurando segurança no lugar errado. Enquanto os pagãos romanos poderiam fugir e se esconder, os cristãos deveriam ser diferentes. Como cidadãos da Cidade de Deus, não há armas ou bombas que podem ameaçar o lar de um cristão. Para os cristãos, era ilógico, até mesmo errado, fugir de Roma quando havia tantas necessidades a serem supridas e nenhuma ameaça à verdadeira segurança do verdadeiro cristão.

Assim, preguei cinco mensagens sobre o que significa ser cristão em Nova York. Há desculpas perfeitamente plausíveis para não-cristãos fugirem dessa cidade. Mas os cristãos têm todas as razões para ficar. Essa é uma distinção que qualquer um pode ver.

O cristianismo é, de fato, distinto de outras religiões. Que Deus nos conceda sabedoria para sabermos como comunicar isso a um mundo pluralista.

Capítulo 45

CONECTANDO COM NÃO-CRISTÃOS

Como analisar uma platéia quando estamos nos preparando para o sermão evangelístico

John Koessler

A maioria dos sermões evangelísticos que eu ouço adquire um pouco de sua forma a partir das quatro leis espirituais (da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo), combina-as com alguns textos de sustentação, tempera com uma ilustração ou duas e, então, coloca a cobertura da "oração do pecador". A teologia do sermão é boa, mas o sermão adquire a mesma forma independentemente da platéia. O sermão parece um paletó fora do cabide. Não leva em consideração a forma e tamanho únicos da platéia.

Até certo ponto, isso é compreensível. O conteúdo fundamental do evangelho nunca muda, não importa qual seja a platéia. As situações de vida e pressuposições

de nossos ouvintes, em contraste, variam amplamente e deveriam influenciar a forma do sermão. Formular uma série de proposições verdadeiras e arremessá-las na direção da platéia não significa que fomos eficazes na pregação. A comunicação genuína envolve tanto o que se diz quanto o se ouve.

Isso significa que, se esperamos ser compreendidos pelos nossos ouvintes, precisamos analisar a platéia tão cuidadosamente quanto analisamos o texto. Essa análise comumente se foca nos aspectos demográficos da platéia, sua situação de vida específica e a ocasião do sermão. A platéia se agrupa em uma faixa etária, categoria sexual ou classe econômica particular? Eles são solteiros, casados, divorciados? Eles vieram porque têm sede espiritual ou porque é uma ocasião especial? Vieram voluntariamente ou foram "forçados" a vir?

Ferramentas para construir pontes

O objetivo de nossa análise da platéia é identificar-nos com as experiências, problemas e perguntas compartilhados por nossos ouvintes que podem servir como um ponto de contato com o texto. A necessidade sentida levantada pelo pregador precisa estar genuinamente relacionada com a necessidade que está por trás do texto. As soluções oferecidas precisam se correlacionar com as soluções afirmadas ou sugeridas pelo autor.

Um sermão baseado na parábola do filho pródigo, por exemplo, pode encontrar um ponto de contato com a platéia nos temas da rebelião, sofrimento dos pais e divisão familiar que estão refletidos no texto. Mas uma aplicação que promete: "Confie em Cristo e ele vai curar os relacionamentos na sua família", é ilegítima. O propósito de Jesus ao contar essa história não era prover um modelo para lidar com filhos rebeldes ou rivalidade entre irmãos. Ele estava descrevendo o tipo de pessoa que Deus aceita.

Uma vez que identificamos pontos de contato legítimos com a platéia, podemos integrá-los na mensagem das seguintes formas:

- *Atraia a platéia para o sermão dxirante a introdução.* Embora seu objetivo seja explicar o texto, a introdução não deve começar com o texto. Em vez disso, ela deve levantar uma necessidade sentida clara e associá-la com a preocupação fundamental que está na base do texto. Nos sermões evangelísticos, essa necessidade sentida não é a necessidade final de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo; em vez disso, é um sintoma do pecado e da alienação de Deus e da humanidade que resulta disso. Durante a introdução, fale com os ouvintes a respeito deles mesmos e, depois, dirija a atenção deles para o texto.

- *Use o conhecido para explicar o desconhecido.* Jesus freqüentemente usava histórias e parábolas extraídas das experiências do dia-a-dia para explicar realidades divinas. Quando ele falou com a mulher de Samaria, aproveitou sua sede natural para torná-la consciente de uma sede subjacente que

apenas ele poderia satisfazer (Jo 4.10). Ele usou o relacionamento entre um pai e seu filho para ajudar sua platéia a entender a natureza do amor de Deus (Mt 7.9-11). Quais das experiências de seus ouvintes podem ajudá-los a entender sua necessidade da provisão da graça de Deus ou de Cristo?

- *Sustente a verdade com histórias com ilustrações.* Quando Natã confrontou Davi em relação a seu adultério, usou uma história cuidadosamente elaborada para revelar a gravidade de seu pecado (2Sm 12.1-7). Histórias como ilustrações podem permitir que a platéia se enxergue através dos olhos de Deus.

Em um sermão recente baseado na parábola do filho pródigo, comecei contando a história de Bill. O pai de Bill era um homem religioso que mandou seu filho para a igreja e uma escola particular, esperando que isso fosse lhe ensinar os mesmos valores. Bill passou a maior parte de sua vida correndo com esforço no sentido contrário. Mas com freqüência ele parava apenas o tempo suficiente para olhar para a sua vida e se fazer esta pergunta perturbadora: "O que meu pai diria?".

Fiz a transição da introdução para a Grande Idéia ao dizer: "Esta é uma história antiga, não é? Os filhos não se dão com seus pais. Isso também é verdade no âmbito espiritual. Jesus contou uma parábola em Lucas 15.11-32 para ilustrar esse fato e nos ajudar a entender a natureza do perdão de Deus. E uma história cuja mensagem é essencialmente esta: se você quer entender a verdadeira natureza do perdão, precisa se fazer esta pergunta: 'O que o meu pai diria disso?' ".

No final da mensagem, usei a história de Bill novamente e o descrevi deitado na cama do hospital, sua saúde destruída por toda uma vida de abuso do álcool: "O quadro era desanimador. Os médicos disseram que sua morte era inevitável. Mas nessas últimas horas, esse filho perdido que passou uma vida inteira correndo de seu Pai celestial finalmente voltou para casa. 'Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou'. Nunca é tarde demais. Enquanto você respirar, terá esperança. Até mesmo agora seu Pai celestial esquadrinha o horizonte, procurando o primeiro sinal de seu retorno. Vá até ele".

Como equilibrar o aspecto divino e o humano na pregação

Se Deus não trabalhar conosco, nossa pregação cairá em ouvidos moucos, surdos. Mas nossa dependência do poder de Deus não nos livra da responsabilidade de tornar a mensagem clara para nossos ouvintes. Quando o apóstolo Paulo pediu a ajuda de Deus para pregar o evangelho, pediu ajuda para "manifestá-lo abertamente, como me cumpre fazê-lo" (Cl 4.4).

Essa oração reflete o equilíbrio correto da dependência do poder divino e da responsabilidade humana.

A pregação evangelística eficaz necessita de um milagre. Mas é um milagre mediado pelo uso da nossa linguagem humana. O Espírito de Deus não ignora o

processo ordinário do entendimento humano quando leva ouvintes a responder à nossa mensagem. Para responder, precisam primeiro nos entender. Para que nos entendam, precisamos entender a eles.

Capítulo 46

COMO TRADUZIR SERMÕES MASCULINOS PARA MULHERES

E conectar com o que talvez seja a metade maior da sua congregação

Alice Mathews

"Toda conversa entre homens e mulheres", de acordo com Roy McCloughry, "é conversa transcultural". Se ele está certo, qualquer pregador pode se comunicar bem apenas com uma parte da congregação e perder a outra parte. Como uma mulher que ouviu principalmente pregadores masculinos durante as últimas seis décadas, refleti durante muitos sermões sobre por que alguns conectam com o meu mundo e outros não.

Como homens e mulheres pensam

Ruth Tiffany Barnhouse compara os processos de pensamento masculino e feminino com dois tipos de visão que todos usamos: a visão macular e a periférica. A visão macular se foca em uma coisa para examinar seus detalhes. A visão periférica considera todo o contexto. Usamos ambas o tempo todo; de fato, as duas usadas conjuntamente permitem enxergar de maneira mais completa o que está aí.

Barnhouse compara a visão macular com a visão masculina de pensar. Homens tendem a analisar problemas, calcular suas partes e escolher entre as opções. Ela compara a visão periférica com a maneira feminina de pensar. As mulheres tendem a considerar o contexto, tentando não perder de vista todas as questões. Isso torna o chegar a uma resposta "correta" algo mais complexo.

Por exemplo, quando um casal fala a respeito de comprar um carro, o homem pode verificar vários modelos e comparar preços, cavalos-força, itens extras incluídos, e assim por diante. A decisão parece bem direta. Quando ele toca no assunto na hora da janta em casa, sua esposa faz um novo conjunto de perguntas que ele pode achar irrelevante: "Que impressão os vizinhos teriam se começássemos a dirigir um carro tão caro? A tia Maura vai conseguir entrar e sair do carro quando a levarmos para fazer compras no mercado? O pastor pensaria que deveríamos aumentar as ofertas para a igreja se podemos dirigir um carro tão bom?". Ele olha para o carro; ela olha para o contexto em que o carro será usado.

Desde bebês, as meninas reagem mais rapidamente ao contato humano e são relativamente desinteressadas em coisas. Os meninos gostam de *coisas* desde o início. Carol Gilligan ressalta que a tendência feminina é colocar os relacionamen-

tos antes dos outros valores. Em estudos de crianças brincando, pesquisadores descobriram que jogos de menino duram mais porque eles estabelecem o jogo criando regras. Meninas, em contraste, encerram o jogo quando disputas irrompem; os relacionamentos são mais importantes do que continuar o jogo.

Roy McCloughry conclui: "Homens e mulheres vivem em culturas diferentes: eles em um mundo caracterizado pela independência e elas, em um mundo caracterizado pela intimidade".

Quais são as implicações disso para a pregação? Que tipos de textos ou ilustrações mais provavelmente encontrarão ressonância em ouvintes mulheres? Que ênfases esses ouvintes têm maior probabilidade de ouvir?

Ele se importa o suficiente para falar a nossa língua

Durante os anos em que meu marido e eu trabalhamos como missionários na Europa, freqüentemente servi como intérprete. Com a prática, consegui fazer isso sem pensar. Uma vez, peguei-me "traduzindo" uma frase em francês por outras palavras em francês. Aquela não era a minha função! A minha tarefa era levar o significado de uma língua para a outra.

Uma mulher no banco da igreja passa por esse processo quase toda vez que ouve um homem pregar. Na maior parte do tempo, ela não está consciente de que está fazendo isso. Se ela é ativa na igreja, desenvolveu tal habilidade para traduzir: tornou-se uma segunda natureza para ela. Mas ainda está traduzindo. Ao prestar atenção em três áreas, o pregador pode aprender a falar na "língua nativa" da mulher e, assim, atingir a congregação inteira.

Traduza imagens masculinas por imagens femininas

Enquanto reformulava uma série de estudos bíblicos para mulheres, conversei com Haddon Robinson sobre o projeto. Ele sugeriu ilustrações muito úteis para observações que eu queria fazer. Uma era sobre um jogador de futebol, outra era uma citação de um jogador de baseball. Agradecida, incluí as ilustrações no texto.

Mas antes de o livro ir ao editor, tirei aquelas ilustrações. Elas simplesmente não se encaixavam. Enquanto algumas mulheres acompanham os esportes, outras sentem que esportes competitivos violam os valores que elas defendem para os relacionamentos. A idéia de ganhar está conectada com alguém perdendo. E a violência de esportes como o futebol americano e o hóquei não transmite algo positivo para muitas mulheres. A não ser que uma mulher possa traduzir ilustrações dos esportes ou dos negócios em valores e experiências relacionais, ela talvez não se conecte emocionalmente com o ponto que está sendo destacado.

Há vários anos, uma grande igreja me convidou para falar nos seus cultos de domingo. No primeiro culto, usei uma ilustração de uma máquina de costura. Quando estava mais ou menos na metade, parei e disse gentilmente: "Eu sei que isso pode deixar perplexos alguns de vocês, homens, mas vocês precisam saber que essa é a minha doce vingança por todas as ilustrações sobre esportes que tive que

ouvir por toda a minha vida". Houve um riso sufocado e, depois, uma gargalhada seguida de aplauso. Posteriormente, mulheres vieram até mim e disseram: "Obrigada por falar a respeito da máquina de costura. Isso conectou comigo". A experiencia salientou para mim que homens e mulheres vivem em mundos diferentes. Mas os dois mundos podem ser conectados.

Suponha que um pregador (homem, no caso) queira falar sobre perseverança ou determinação, temas para os quais ilustrações dos esportes seriam ideais. Ele ainda pode conectar com as mulheres ao citar o mundo dos jogos olímpicos, em que normalmente um indivíduo compete contra um padrão. A patinação artística no gelo, por exemplo, não requer violência contra um oponente a fim de que alguém vença (além disso, é linda). De um modo similar, uma ilustração de *Carruagens de Fogo* poderia mostrar a necessidade da disciplina para se alcançar algo, embora não esteja associada com a violência.

Entretanto, depois dessa ilustração dos esportes, seria útil para as mulheres que ouvissem uma ilustração de outra área da vida — por exemplo, música profissional. Aqui também são necessárias grande disciplina e perseverança.

Traduza princípios abstratos em termos de relacionamentos concretos

Quando ouço sermões, quero saber como os princípios bíblicos se encaixam em minha vida — não meramente como um indivíduo, mas na rede complexa dos meus relacionamentos. Como esse ponto proposto me influencia no meu papel como esposa, mãe, avó, vizinha, membro de igreja? Como isso pode mudar o modo como falo com o meu marido no carro no nosso caminho para casa depois do culto? Como isso pode alterar as decisões que tomo em relação ao uso do meu tempo quando mulheres aflitas me ligam? Minha vida é relacionada a pessoas, muitas pessoas solitárias, confusas e machucadas. Eu quero saber como os princípios bíblicos funcionam em *meu* mundo.

As mulheres querem ouvir a Palavra de Deus de uma forma que se aplica à sua vida nos relacionamentos. Comunicadores eficazes para as mulheres traduzem princípios abstratos por meio de ilustrações extraídas dos relacionamentos.

Pense, por exemplo, na expiação substitutiva, um princípio que pode permanecer abstrato para muitos ouvintes. As mulheres se relacionam com ele melhor quando o pregador usar ilustrações humanas — por exemplo, um homem que doa um rim a fim de salvar um membro da família ou uma mulher que perde sua vida enquanto dá à luz um filho, ou um adolescente que resgata um bebê em um prédio em chamas, mas morre em decorrência desse resgate.

Até mesmo um princípio abstrato como batalha espiritual (Ef. 6.10-18), com que muitos homens podem se relacionar positivamente, pode ser atrativo para mulheres quando é explicado em termos relacionais. Se você usar uma ilustração extraída da guerra, por exemplo, é importante tirar o realce da matança e destacar o que está em jogo para as pessoas envolvidas. Por exemplo, se você ilustrar algo extraído da Segunda Guerra Mundial, enfatize a libertação da tirania

nazista alcançada pela guerra. Ou as mulheres podem se relacionar com uma guerra pela independência que libertou as pessoas da tirania e lhes concedeu segurança.

Traduza a linguagem masculina por linguagem feminina

Muitas imagens bíblicas são masculinas. Jesus, o Filho, chamou Deus de "Pai", uma imagem masculina. As mulheres cristãs podem ouvir isso e, se não foram abusadas sexual ou fisicamente por um pai mau, apreciar a rica imagem de relacionamento que Jesus nos concede nesse nome.

Mas muito mais do que só as imagens masculinas bíblicas aparecem em muitos sermões. Talvez, cerca de vinte anos atrás, ouvi uma pregadora mudar e inserir deliberadamente a referência feminina quando citou 2Coríntios 5.17 — "portanto, se [alguma mulher] está em Cristo, [ela] é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!". Eu fiquei sentada ali atordoada, então percebi que lágrimas estavam escorrendo pela minha face. Isso significava *eu.* Eu estava incluída.

Se você tivesse me perguntado dez minutos antes se eu estava incluída no texto de 2Coríntios 5.17, eu teria dito: "É claro!". Intelectualmente, eu posso compreender isso. Emocionalmente, não consigo. Um pregador que se importa em comunicar para mulheres não deixará de repetir o texto com pronomes femininos aqui e ali. Dizer "homens e mulheres" ou "mulheres ou homens", em vez de meramente "homens", ajuda as mulheres a se sentirem incluídas.

Entendemos que precisamos nos comunicar transculturalmente quando falamos a diferentes raças ou grupos étnicos. Entendemos que isso também se aplica quando homens e mulheres tentam se comunicar uns com os outros?

As mulheres, em geral, são boas ouvintes. Faz parte de ser relacionai. Mas elas freqüentemente são ouvintes perplexas. Os pregadores podem fazer diferença no que as mulheres conseguem ouvir quando se esforçam em incluir e afirmar tanto homens quanto mulheres na sua pregação.

Uma discussão mais completa e específica da ampla diversidade de questões relativas às mídheres como ouvintes está em Preaching That Speaks to Women [Pregação que fala a mulheres] " *(Baker Academy, 2003) da autora deste artigo.*

Capítulo 47

ELE FALOU, ELA OUVIU

Fazendo as adaptações de gênero

Jeffrey Arthurs

Um amigo meu comprou um filhote de cachorro e o chamou de Zebedeu. À medida que Zeb crescia, tornou-se cada vez mais intratável, assim que meu amigo foi à escola de obediência de cachorros. Ali ele recebeu uma revelação.

Ele aprendeu que suas palavras ("Zeb, seu cachorro malcriado, se você fizer isso mais uma vez, vou bater em você") eram simplesmente barulho para a mente canina. Os cachorros, conforme ele aprendeu, comunicam-se de forma não-verbal. Eles sinalizam dominancia por meio de ser o "cachorro do topo"! O macho do topo se impõe aos subordinados da matilha e todos os cães parecem entender essa mensagem.

Assim, foi que meu amigo aprendeu que deveria ser o macho do topo. Ele colocava o Zeb de costas no chão, segurava a cabeça do cachorro com as duas mãos e o olhava nos olhos. Zeb entendeu a mensagem, e também o meu amigo. Para se comunicar com Zeb, você precisa falar o "caninês".

Aqui está um princípio para todos os comunicadores: precisamos nos adaptar à nossa platéia se esperamos que eles se adaptem à nossa mensagem. Precisamos falar a língua que eles entendem. Os missionários chamam isso de "contextualização". Os tradutores usam a "equivalência dinâmica". Com a comunicação entre homens e mulheres, a questão é chamada de "dialetos de gênero".

Cada um de nós tem um dialeto — uma fala arrastada do Sul, uma fala nasal do Meio Oeste — e um dialeto de gênero. De acordo com a especialista em comunicação Deborah Tannen, os dialetos de gênero contribuem em muito para a mistificação entre homens e mulheres. Tentamos comunicar uma coisa, mas quando a mensagem passa pelo filtro do receptor, ela toma uma nova forma.

Este artigo se foca em como minimizar o colapso de comunicação quando homens falam a mulheres.

Tente uma nova direção

Visto que relacionamentos interpessoais afáveis têm alto valor para mulheres, elas tendem a ser menos diretas do que os homens. E mais provável as mulheres evitarem o confronto ao deixar tantas opções quanto possíveis à outra pessoa. Assim, quando uma mulher está com fome, uma conversa pode transcorrer assim:

Michelle: "Você quer comer algumas coisa?".

Robyn: "Você está ficando com fome?".

Michelle: "Sim, um pouco".

Robyn: "Eu também. Você acha que devemos comer?".

Michelle: "Isso me parece uma boa idéia. Aonde você quer ir?".

Um homem pode dizer: "Estou com fome, vamos comer", mas esse método poderia parecer brusco ou uma confrontação para uma mulher. O modo indireto de ser alimenta a comunicação.

Esse conhecimento salvou meu casamento (observe a hipérbole, a ironia e o tratamento de choque para se obter um resultado — uma tática masculina). Minha esposa usa o modo indireto de ser quando decide o que quer vestir: "Eu deveria vestir o vestido azul ou o vermelho?". Essas discussões costumavam me frustrar como uma semente de amora-preta no dente. Eu pensava que ela realmente queria o meu conselho e, como bem sabemos, o conselho serve para resolver problemas. Eu não me importava com qual ela vestiria — ela fica ótima nos dois — de forma

que eu arbitrariamente escolhia o vermelho. Então, ela gaguejava e, hesitante, achava razões contra o vermelho!

A semente de amora-preta se aninhava profundamente.

Eu dizia: "Bem, tudo bem, vista o azul. Ele também fica ótimo em você". Então, ela fazia objeções ao azul e a semente entalava perto da gengiva. Eu pouco percebia que ela estava falando "femeninês"; e eu, "masculinês". Eu queria resolver o problema, mas ela queria que eu me juntasse a ela no trauma de tomar a decisão. Quando ela argumentou contras as minhas escolhas, achei que estava depreciando o meu conselho, mas, na verdade, ela estava me convidando para o seu mundo.

Conhecer esse fenômeno revolucionou nossas conversas. Agora, quando ela pergunta a respeito do vestido vermelho ou do azul, faço uma cara de consternação e respondo: "Bem, não sei. O vermelho tem certas qualidades. Mas o azul tem vantagens também. O que você acha?". Ela percebe minhas tentativas desajeitadas de falar "femeninês", e rimos.

Outras ferramentas para ser indireto são qualificadores ("você provavelmente já pensou nisso"), vocabulário não específico ("isso está bem longe"), e uma entonação da voz ascendente, para que a afirmação "coloco isso ali" soe como uma pergunta. Essas ferramentas favorecem a tomada de decisões bilateral, não unilateral.

Isso não é apenas um fenômeno feminino. O modo indireto também é preferido em muitas partes do mundo. Apenas tente começar um negócio no Japão dizendo: "Tudo bem, isso é o que você quer, e isto é o que eu tenho para oferecer. Você quer fechar o negócio?".

Entretanto, o dialeto masculino ainda domina a maior parte do discurso público nos Estados Unidos, e as mulheres fariam bem em aprender a se comunicar diretamente às vezes. Com algumas platéias, elas precisam dessa flecha na sua aljava. De modo inverso, os homens precisam ouvir a si mesmos por meio dos ouvidos das mulheres e perceber que seu modo direto de ser pode parecer autoritário ou rude. Para compreender a idéia, compare estas afirmações:

Dialeto masculino: "Se você quer alegria, siga estes três passos".

Dialeto feminino: "Todo nós queremos alegria, não queremos? Como nós a obtemos? Talvez a primeira coisa que poderíamos fazer é...".

Aqui está uma declaração direta para leitores masculinos: A pregação é mais do que um relato do que você descobriu no estudo; é também uma forma de estabelecer e cultivar relacionamentos.

Pare de fazer discursos

Mesmo na comunicação interpessoal, os homens tendem a fazer discursos. Eles discursam durante um longo tempo sobre um tópico, exibindo sua especialidade ou chamando atenção para si. A comunicação estabelece o macho do topo da matilha. Os homens interrompem para meter o bedelho, mas as mulheres interrompem para mostrar apoio à pessoa que está falando. Elas terminam frases, acrescentam seus próprios discernimentos e usam sons não verbais ("ah", "hmm" e "aham") para se

comunicar com quem está falando. O que para os homens parece uma interrupção, para as mulheres é a contribuição de cada pessoa para a conversa.

Essa abordagem ã comunicação leva uma mulher a fazer eco ou refletir a afirmação de seu cônjuge:

Homem: "Não dormi bem essa noite".

Mulher: "Ah! Eu também não. Isso acontece comigo o tempo todo".

O homem pode ouvir isso como uma forma de ela tentar superá-lo. Ele talvez incremente gradativamente a intensidade de sua reclamação: "Minhas costas doeram a noite inteira". E a mulher, tentando mostrar empatia, pode dizer: "As minhas doem também". A conversa pode ficar dando voltas, com o homem se ofendendo quando não ouve intenção alguma de ofensa, e a mulher não entendendo por que uma discussão está se formando.

Ouvir e dar *feedback* são normalmente associados com comunicação interpessoal, mas eles tem implicações para a pregação também. Por exemplo, recomendo que os pregadores incorporem o diálogo nos seus sermões (veja o artigo sobre esse assunto neste volume). Espalhar diálogos nos sermões promove o relacionamento. Isso evita um tom autoritário, pois mostra respeito pelos ouvintes. Incluo ao menos uma parte de diálogo em quase todos os meus sermões.

Sem enredo, mas não sem ponto

Os homens tendem a contar histórias que sejam engraçadas, dramáticas e cheias de ações notáveis ("Eu me lembro da vez em que caí do despenhadeiro"). As mulheres tendem a contar histórias que lidam com o cotidiano e o característico ("Semana passada, no consultório médico, o recepcionista foi muito rude comigo").

As histórias dos homens ressaltam a cronologia, mas as das mulheres não. Para os homens, as histórias das mulheres parecem se desenvolver de forma sinuosa. A história de um homem tem uma tensão clara e se desenvolve para um ápice, freqüentemente concluindo com uma linha moral ou uma frase-ápice, ou ao menos com uma resolução clara. As histórias das mulheres (para os homens) parecem que terminam com uma lamúria, não uma pancada.

Essas diferenças são claramente vistas em filmes — "filmes de moças" e "filmes de rapazes". Percebo que estou no perigo de estereotipar (todo este artigo é culpado disso!), mas os produtores de Hollywood não se preocupam com estereótipos. Eles estão preocupados com ganhar dinheiro e parecem saber o que é atraente para homens e para mulheres. O alvo que querem atingir é o público.

Evidências de histórias

Alguns pesquisadores descobriram que os homens freqüentemente usam o testemunho de peritos quando querem provar um ponto. As mulheres freqüentemente usam histórias.

Percebi como isso foi elucidado quando observei dois dos meus alunos, Ben e Jéssica, darem uma longa preleção na aula. Ben veio até a minha sala no dia anterior

à aula procurando citações, estatísticas e qualquer ajuda que eu pudesse oferecer para tornar sua apresentação "carnuda" (palavra que ele usou). Mostrei a ele uma citação do retórico clássico Isócrates. Mesmo que nunca tivesse ouvido falar de Isócrates, ele ficou impressionado, e Isócrates apareceu na preleção no dia seguinte. Nenhum dos estudantes na sala havia ouvido falar dele também, mas isso não impediu Ben de continuar. Qualquer pessoa com o nome Isócrates deve saber do que ele estava falando.

Em contraste, Jéssica não citou nenhuma autoridade e não citou nenhuma estatística. Ela sentou-se em um banquinho em frente aos alunos e dialogou com os seus colegas, usando as próprias experiências dos ouvintes para ilustrar princípios.

Argumentar a partir da experiência é indutivo. Começa dos particulares e se desloca até um ponto. A indução é um modo eficaz de argumentar hoje em dia, já que o pluralismo e o relativismo minaram nossa sujeição à autoridade. Se você quer provar que é "melhor dar do que receber", tente fundamentar a afirmação bíblica com vários exemplos e histórias.

Alguns pastores incorporam o testemunho em seus sermões ou no culto da igreja sempre que se prega o sermão. Por exemplo, ouvi um sermão de Dia dos Namorados sobre como amar melhor sua esposa. No meio do sermão, o pregador colocou um vídeo de uma entrevista com uma mulher que havia sido casada por mais de quinze anos. Ela agora era uma viúva e fisicamente incapacitada de falar em todos os quatro cultos, mas a entrevista gravada foi bem eficiente. Rimos, suspiramos e almejamos o mesmo tipo de casamento que essa mulher havia conhecido. Meu pressentimento é que as mulheres na platéia ficaram mais comovidas do que eu fiquei.

Talvez a melhor maneira de apresentar argumentos a platéias mistas é combinar os dialetos de gênero. Cite uma autoridade (dialeto masculino), mas coloque a citação em um contexto humano (dialeto feminino) ao dar alguns detalhes sobre a pessoa. Ao citar o hino de Horatio Spafford ("Quando a Paz como um Rio"), conte a história por trás das palavras. Ao citar Agostinho ("O nosso coração está inquieto até que encontre descanso em ti"), dê alguns detalhes de sua vida e conversão. Talvez as experiências mais eficazes a serem usadas sejam as nossas próprias.

Os dialetos de gênero são um fato da vida. Precisamos lidar com eles exatamente como o meu amigo aprendeu a se comunicar com Zebedeu. Precisamos ouvir nossas palavras da forma como os outros as recebem.

Capítulo 48

COMO CONECTAR COM HOMENS

Pregando aos tatuados

Bill Giovannetti

Há algo peculiar em relação ao meu ministério. Deus me usa para alcança: "sujeitos durões". Esse é o último tipo de pessoa que eu esperaria alcançar. Decididamente não sou um sujeito durão.

Sempre consegui boas notas e fiz minha tarefa de casa. Nunca cabulei uma aula. Eu me formei com honras. Nunca usei drogas, nem me embriaguei, nem briguei, nem fui preso. Normalmente falo corretamente. Até mesmo assisto aos programas da TV Educativa e ouço os programas da Rádio Pública. Sempre fui cristão, e meu testemunho não tem a tonalidade da juventude transviada. Meus sermões são longos, doutrinários e expositivos.

Não obstante (veja, aqui está uma palavra que sujeitos durões nunca usariam!), desde os meus 14 anos, tenho uma afinidade com os sujeitos durões, e eles parecem corresponder. Como aluno do ensino médio, liderei um grupo de escoteiros cristãos de quarenta garotos. Meus favoritos eram os encrenqueiros, os garotos problemáticos. Freqüentemente me perguntei por que os garotos difíceis estavam tão concentrados nessa escola local.

Que choque foi quando eu fui à formatura da oitava série. O diretor entregou as condecorações: orador oficial, mais apto para ser bem-sucedido, participação na feira de ciências, realizações literárias e outras. Para meu espanto, eu não conhecia nenhum dos ganhadores. Eu achava que conhecia cada garoto naquela escola, mas aqueles ganhadores com honras especiais eram estranhos para mim. Eles nunca tinham visitado o meu grupo de escoteiros.

Sem perceber, meu grupo havia se tornado um ímã para os de baixo desempenho (abaixo do seu potencial) da escola. O que estava acontecendo? Como poderia eu — um aluno estudioso — atrair esses garotos difíceis nada acadêmicos. Essa questão me deixou perplexo na época, e ainda deixa.

Domingo após domingo, observo a congregação em que a maioria dos homens é da classe operária. Sim, temos alguns analistas financeiros, alguns homens de negócio, um advogado — mas a imensa maioria trabalha com suas mãos e seu corpo: um pedreiro, alguns policiais, um vendedor de gesso para construções, um carregador de bagagens, um transportador de móveis. Isso me desconcerta.

Prego doutrina. Explico os significados gregos e hebraicos das palavras. Uso relativamente poucas ilustrações, e meus sermões duram pelo menos 45 minutos. Não sou nada parecido com esses homens. O que é que os atrai para a minha igreja?

Para descobrir, eu perguntei a alguns "sujeitos durões" na minha congregação o que os atraiu e os fez ficar. Alguns deles se tornaram cristãos por meio da minha igreja; alguns já eram cristãos quando começaram a freqüentar. Eu precisava ouvir esses irmãos e aprender o que Deus estava usando em nossa igreja e por meio de meus sermões para cativá-los.

Bernie Ullrich é pedreiro há 25 anos. Ele tem as maiores e mais fortes mãos que eu já vi. Alto, rijo e musculoso, Bernie tem alguns pontos a mais na minha escala de sujeito durão porque ele recentemente removeu suas três tatuagens; disseram-me que isso dói mais do que na hora de aplicá-las.

Ele não concluiu o ensino médio, mas ele tem o seu certificado do Desenvolvimento Geral de Educação.[1] Bernie pratica religiosamente *Jeet Kuno Do, Jiu Jitsu,* esgrima e o *kickboxing* do *Muay Thai.* Ele é o tipo de sujeito de quem você quer ser amigo na hora de uma briga. Ele precisa andar de ônibus para tudo quanto é lugar enquanto tenta recuperar sua carteira de habilitação depois de algumas multas por dirigir alcoolizado. Bernie entregou sua vida a Cristo há quatro anos na nossa igreja.

Quando perguntei a Bernie o que inicialmente o atraiu à nossa igreja, ele não hesitou: "Três coisas. A igreja era bem informal. Você estava pregando sobre o pecado que eu tinha cometido na noite anterior — no meu nível. E havia outras pessoas da minha idade com que eu poderia me relacionar também". Bernie explicou que não se importa com "sermões para se sentir bem". Ele prefere sermões simples, diretos, não o tipo de coisa alta, bombástica e cheia de améns.

Eu me senti humilhado e orgulhoso. A palavra "simples" me surpreendeu. Nunca havia pensado em meus sermões dessa maneira. E ainda assim, ao focar no aspecto do meu sermão em que eu realmente sentia prazer — pregação e ensino doutrinário — eu conseguia me conectar com ele. Talvez, a despeito da lógica convencional, isso é o que os sujeitos durões querem.

O pensador tatuado

Também temos o Clint Nolan, que tem três tatuagens — uma delas feita em casa. Ele tem 26 anos e estuda a arte marcial chamada *Wing Chun.* Ele aprendeu sozinho a mexer com computadores, abandonou a faculdade depois de um ano e tem seu próprio negócio como técnico em redes. Ele é um pensador.

Sua esposa e muitos de seus amigos já estão freqüentando a nossa igreja há anos. Antes de ter sido salvo há um ano e meio atrás, Clint era crítico mordaz do cristianismo; ele não agradava seu lado lógico. Depois de muitas discussões com sua esposa e amigos cristãos e depois de ler o livro de C.S. Lewis *Cristianismo puro e simples,* Clint recebeu a Cristo em um sábado à noite. Na manhã seguinte, ele estava no culto.

Perguntei a Clint o que fez ele inicialmente gostar de nossa igreja e o que o fez continuar voltando.

"Fé baseada na lógica, toda essa coisa", explicou ele. "Você não precisa ser um bobão para ser cristão. Depois de sua primeira semana, o que me fez continuar vindo foi a doutrina sólida e baseada na Bíblia. Nada mais, nada menos".

Isso aguçou meus ouvidos. Esse era o segundo sujeito durão que me encontrou pregando exatamente o tema certo para ele justamente na primeira visita à nossa igreja — e eu prego sermões expositivos, às vezes levando meses para concluir um livro da Bíblia.

[1] [N. do T] Em inglês, GED; referência ao certificado do teste que mede habilidades e conhecimentos do final do ensino médio.

O carregador de móveis

Meu apelido para o Steve James é garoto doido. Ele tem penetrantes olhos azuis escuros. Veste camisetas e botas de combate e parece pronto a dar o bote a qualquer momento. Tem 42 anos, é alto, musculoso e duro como um prego; Steve faz a mudança de móveis. Eu o vi carregando uma estante grande e pesada três andares escada acima. Quando volta para casa do trabalho, Steve faz flexões de braço em uma barra que ele instalou no seu minúsculo apartamento.

Faz 12 anos que Steve freqüenta a nossa igreja. O que o fez ficar nela por todos esses anos?

"Isso é fácil", respondeu ele. "Você prega graça. É o fundamento de tudo".

Mais uma vez, senti-me humilhado. Tantas são as vezes que percebo que preciso de perdão e força e graça que decidi fazer da graça o meu tema principal. Steve conectou com isso.

O carregador de bagagens

Se você visitasse a nossa igreja, logo de cara notaria o Michael Palomo. Ele faz musculação, e isso é visível. Você também perceberia seu uniforme. Michael é um carregador de bagagens do sindicato no Aeroporto Internacional O'Hare e ele vai direto ao trabalho depois do culto. Ele tem um unicornio tatuado no braço. Embora tenha sido salvo há mais de uma década, apenas nos últimos anos Michael realmente começou a levar sua fé a sério.

Michael foi o único sujeito durão que tinha uma resposta quando eu lhe perguntei o que ele não gostava a respeito dos meus sermões. "Talvez eles pudessem ser um pouco mais curtos", disse ele, quase pedindo desculpas. Ele foi rápido em adicionar: "Mas falando sério, gosto dos cultos como eles são". Tive de rir e lhe agradeci por ser honesto.

Ele continuou: "O que eu gosto é como você faz a mensagem chegar a nós. Existe uma compaixão e um lado humano".

Como alcançar os sujeitos durões

Enquanto eu pensava a respeito de meus sujeitos durões, quatro pontos comuns emergiram de nossas conversas.

Não tente ser alguém que você não é. Isso insulta a sabedoria convencional, que afirma que deveríamos nos tornar como as pessoas que estamos tentando alcançar — que deveríamos assistir a seus programas de TV, ouvir sua música, ler suas revistas, vestir suas roupas. Ao contrário disso, descobri que os sujeitos durões apreciam quando eu sou simplesmente eu mesmo.

Minha intuição é que, enquanto estou sendo eu mesmo, os homens à minha volta sentem que podem ser eles mesmos. Isso faz com que seu movimento em direção a Deus seja autenticamente seu próprio, não alguma tentativa superficial de imitar um pastor que está fazendo a sua própria tentativa superficial de imitá-los.

Na biografia que Ian Murray escreve de Martyn Lloyd-Jones, este observa que o evangelho contém a promessa de transformação. As pessoas querem acreditar que podem ser transformadas ao vir para Cristo. Em parte, ele sugere, o ministro representa essa mudança. Assim, ele desencorajou jovens ministros a tentar ser como as pessoas que estavam tentando alcançar.

Não tome por certo que eles não gostam de doutrina. É fácil para nós que temos diplomas elevados decairmos em um elitismo sutil, pensando que sujeitos da classe operária não podem compreender a teologia. Alguns dias colocando tijolo com Bernie me ensinaram que caras durões podem ser bem analíticos. Sujeitos durões são brilhantes de formas que a escola não ensina. Muitos trabalhos de classe operária requerem muito pensamento indutivo, porém de alto nível. Qualquer um que pode recondicionar um motor de combustão interna é competente para ocupar um lugar no departamento de inteligência.

Do mesmo modo, esses homens vão à igreja querendo saber o que está na Palavra de Deus e não podemos ficar devendo isso a eles. Os pregadores fazem um grande desserviço a esses homens ao pressupor que eles não conseguem lidar com as coisas profundas de Deus.

Ao mesmo tempo, *precisamos ser claros na nossa comunicação.* O obstáculo não é o conteúdo, mas a falta de clareza. Muitos pregadores temem a pregação expositiva e doutrinária porque sentem que isso vai espantar as pessoas — especialmente sujeitos durões. Não é isso que acontece. O que repele os durões é uma apresentação confusa. A boa pregação se apóia na fundação do bom ensino.

Assim, ensine os grandes conceitos do cristianismo. Apenas seja cuidadoso para explicar os seus termos. Seja abundantemente claro. Defina as palavras. Já ao começar, pressuponha que seus sujeitos durões não sabem nada a respeito do texto que estão abrindo. A altura do edifício é diretamente proporcional à profundidade da fundação. Coloque uma boa fundação e os sujeitos durões da sua igreja vão percorrer ansiosamente todo o trajeto até o topo com você.

Estruture claramente a maneira em que você oferece informação. Na próxima vez que você estiver em uma loja de peças de carro, folheie um manual Haynes. Esses manuais explicam o conserto básico de carros para a maioria das marcas e modelos. Os consertos são descritos em passos claramente numerados, distintos, com cada passo fundamentado no passo anterior. É assim que a mente de sujeitos durões funciona.

Portanto, estruturo meus sermões de forma que haja um fluxo, com pontos concisamente colocados e distintamente enumerados. Em alguns círculos, a boa pregação significa "esconder o esqueleto". Entretanto, para alcançar sujeitos durões, deixe o esqueleto à mostra! Tenha um esboço claro. Coloque sua proposição central. Enumere o ponto um, o ponto dois e o ponto três. Deixe seus sermões mostrarem uma estrutura bem concebida e textualmente autêntica e os seus sujeitos durões estarão com você.

Deus ainda está no comando

Isso é óbvio, mas, como pregador, em meu orgulho, eu às vezes esqueço disso. O que, no final das contas, toca o coração de homens como Bernie, Clint, Steve e Michael não é minha ênfase na doutrina ou minha habilidade de ser claro, meu amor pela exposição ou minha ênfase na graça. O que atrai esses homens e os faz continuar voltando é o Espírito de Deus trabalhando dentro deles.

A minha pregação é apenas um instrumento que Deus escolheu usar. E sou grato por ele a ter escolhido para conectar com esses amados durões.

Capítulo 49

CRIANDO UM SERMÃO ATRAENTE PARA OS SOLTEIROS

Pregando a 40% dos adultos de hoje

Susan Maycinik Nikaido

Para mim e muitos dos solteiros com quem conversei, a manhã de domingo (ou a noite, no caso de cultos à noite) pode ser o momento mais solitário da semana. Por quê? Porque vemos a igreja como um mundo de famílias e casais. Sermões, anúncios, até mesmo a forma que as escolas dominicais e os grupos pequenos são estruturados podem transmitir que não fazemos parte do programa.

Entretanto, os solteiros constituem 40% da população adulta dos Estados Unidos. Somos o grupo populacional que mais cresce. Como, então, você pode ter certeza de que sua igreja recebe bem os adultos solteiros? A boa notícia é que as formas mais significativas não requerem um programa ou um orçamento. Mas elas podem requerer uma mudança na perspectiva.

Ouça e faça perguntas

Dan Yeary, pastor da Igreja Batista de North Phoenix, encoraja os pastores a reunir de dez a doze solteiros e fazer perguntas dirigidas: "Como eu posso pregar para vocês? O que a igreja está fazendo que está ajudando vocês e o que ela poderia fazer mais?". Os solteiros perceberão que você se importa e terão um sentimento de pertencer à igreja porque receberam um momento especial em que foram justamente ouvidos.

Enquanto você está falando com solteiros, tenha certeza de que procura pessoas de diferentes idades que são solteiras por diferentes razões. As questões e necessidades importantes para um solteiro de 23 anos podem ser enormemente diferentes daquelas de alguém que ainda está solteiro aos 39 anos ou de alguém cujo casamento acabou em divórcio, ou de uma viúva. Solteiros com filhos têm preocupações diferentes dos que não têm filhos ou daqueles cujos filhos já cresceram.

Use a linguagem cuidadosamente

Como todo mundo, os solteiros adultos querem ser reconhecidos e valorizados. Entretanto, em algumas igrejas, a linguagem do pulpito pressupõe que todo adulto é casado. As ilustrações são extraídas principalmente do casamento e dos relacionamentos de família. Referem-se às mulheres exclusivamente como esposas e mães.

Uma simples mudança na maneira de expressar algo pode extrair uma imensa gratidão de seus membros solteiros. Se a aplicação do seu sermão se refere a relacionamentos próximos, não mencione somente "esposas e filhos", mas refira-se também a "colegas de quarto e amigos". Ao falar a respeito do lar, diga "famílias e indivíduos", em vez de apenas "famílias". Em vez de anunciar o "piquenique de famílias", anuncie o "piquenique da igreja". Com isso, mostrará a adultos não casados que você sabe que estão lá. Ao variar as ilustrações, acaba por comunicar que as várias formas de vida de solteiro são tão normais e válidas quanto o casamento.

Muitas afirmações que pretendem encorajar as famílias sutilmente comunicam que a vida de solteiro está em segundo lugar. O palestrante em um retiro de mulheres de uma igreja declarou: "O chamado mais sublime de Deus para uma mulher é ser esposa e mãe". O palestrante poderia ter encorajado as mães, mas poderia também ter evitado ofender os não casados e sem filhos ao dizer: "Um dos chamados mais sublimes de Deus para a mulher é ser esposa e mãe".

Quando você fala a respeito de divórcio do púlpito, seja sensível ao fato de que alguns na congregação são solteiros novamente — alguns deles não por escolha própria. Pergunte-se a si mesmo enquanto você prepara o sermão: "Se eu fosse divorciado, eu me sentiria condenado ou rejeitado se ouvisse essa declaração? Dei a entender que uma pessoa divorciada é menos filha de Deus? Tenho equilibrado minha exortação para permanecer casado com a declaração de que as pessoas falham e que Deus oferece perdão para todos os tipos de pecado?".

Mantenha as afirmações bíblicas

Em filmes, músicas e nas reuniões de famílias, os solteiros cristãos ouvem a mensagem: "Você não é ninguém até que alguém o ame". Até mesmo na igreja, o casamento freqüentemente é visto como a norma, um tipo de passagem para a idade adulta. Crianças e jovens ouvem: "Quando você se casar e tiver uma família", e não: "Se você se casar...". Os solteiros adultos ouvem: "Você é uma pessoa tão legal. Não entendo por que você não é casado".

Essa mentalidade é mais reflexo de uma cultura que exalta o romance do que das Escrituras. A Bíblia honra o casamento, mas dá um lugar igual (ou até superior, alguém poderia argumentar) à vida solteira. Considere o ensino de Paulo sobre o casamento em 1 Corintios 7, que está longe de exaltar o casamento como ideal. A melhor coisa que Paulo pode dizer a respeito do casamento é: "Se vier a casar-se. não comete pecado".

Toda a congregação — solteiros, casais e pais de futuros adultos solteiros — precisam ouvir que, de acordo com as Escrituras, permanecer solteiro é freqüentemente preferível. Requer coragem promover essa visão contracultural, porém completamente bíblica. Jesus e Paulo eram adultos solteiros, como eram outros líderes da Bíblia. As Escrituras mostram e ensinam que o casamento é opcional, não inevitável.

Escolha temas para todos

A maioria dos solteiros espera ouvir um sermão direcionado a famílias de vez em quando. Mas uma série de cinco semanas ou três meses sobre questões relativas a casamento e família passa aos solteiros a mensagem: "Esta igreja não é para você".

Se casamentos ou famílias precisam de atenção especial, considere dar uma aula na escola dominical ou um seminário no final de semana. Ou pregue mais sobre questões relacionadas como o amor e o perdão.

Como solteira adulta, percebei que o que meu pastor comunica a respeito de casamento e a condição de solteiro pode influenciar profundamente como eu vejo a mim mesma. Quando a mensagem a respeito da condição de solteiro é negativa, dúvidas a respeito do amor de Deus por minha vida ganham um ponto de apoio forte e destrutivo. Quando a mensagem é positiva, acho muito mais fácil ser grata por minha vida e contente em minhas circunstâncias. Ainda mais, a igreja que me recebe bem como uma adulta solteira é uma igreja com que eu quero estar comprometida e servir por um bom, bom tempo.

Capítulo 50

PREGANDO A PRÉ-ESCOLARES

O sermão para crianças é um tempo para alimentar a imaginação das crianças, não o ego delas

Marilyn Chandler McEntyre

Lembro-me de ir à frente para o sermão das crianças, acanhada e contente, enquanto saía rapidamente do banco da igreja. Lembro dos sorrisos dos adultos enquanto nos reuníamos no pé do púlpito. Isso pode ser um dos momentos mais agradáveis em um culto de domingo. Também pode ser um dos momentos mais desconfortáveis.

Faça perguntas reais

Os sermões para crianças testam as habilidades do melhor pastor — e alguns dos melhores pastores não passam no teste. Tenho visto pregadores respeitáveis empalidecerem ligeiramente na expectativa de terem de pregar o sermão das crianças porque a pastora auxiliar (Deus abençoe o seu coração de mãe) precisou viajar. Assim, eles usam o que parece a estratégia mais cautelosa, defrontados com

um bando de pessoinhas irrequietas, uma delas puxando na roupa do pastor, outra mostrando sua nova calcinha florida, outra parecendo estar à beira das lágrimas súbitas. O pastor tenta acalmá-las. Ele fala com firmeza para se impor. Ele suplica às crianças, de forma silenciosa, mas visível, para não perder o controle sobre elas. Ele faz perguntas "seguras": "Deus nos ama?", "Você às vezes precisa pedir desculpas? .

Até mesmo crianças pequenas sabem quando a situação é artificial. Uma pergunta real incita à reflexão e até mesmo as crianças pequenas são capazes de refletir. Uma das razões pelas quais as crianças "dizem as coisas mais terríveis", como Art Linkletter o coloca, é que elas pensam. Elas ainda não cavaram tão fundo os sulcos das convenções que não consigam mais argumentar e refletir e fazer conexões surpreendentes. Se um sermão para crianças deve começar com uma pergunta, que seja uma pergunta real.

Uma fonte rica de perguntas reais é o catecismo. Contrariamente às impressões populares, o material em um bom catecismo não é "enlatado", mas uma série de perguntas duráveis com respostas que incitam mais perguntas e oferecem um vocabulário de fé e um tesouro de imagens utilizáveis. O catecismo também oferece condução e autoridade. As crianças querem ser lideradas, direcionadas e ensinadas. Elas prosperam na condução de um professor confiante com autoridade.

Use a Palavra

Para os cristãos, essa autoridade está enraizada na Palavra. Como qualquer sermão, os sermões das crianças devem estar embasados na Palavra. Boas perguntas podem ser ferramentas de ensino úteis, mas as boas histórias são até mesmo mais importantes, especialmente quando elas vêm da história na qual todos nós habitamos. Eu me questiono por que pastores tão freqüentemente pensam que precisam confiar na relevância falsa das histórias da "vida real" sobre algum menino (exatamente como você) chamado Jimmy quando as histórias da vida real sobre José, Miriam, Samuel, Davi ou Jesus desafiam e rendem muito mais.

As histórias da Bíblia requerem que, até mesmo, o mais novo entre nós conte com o mistério, a ambigüidade moral, a rivalidade entre irmãos, o pecado, a queda e o perdão. A amplitude dessas histórias é muito mais revigorante e inspiradora. O atrativo duradouro dos contos de fadas e dos contos populares, em que as crianças muitas vezes aparecem como agentes em dilemas adultos reais, comprova o poder de histórias que espelham um mundo adulto em que existe aventura, perigo e complexidade moral reais.

Lições com objetos funcionam

Existe, entretanto, um lugar para lições diretas com objetos, especialmente aquelas extraídas da natureza. Uma folha ensina algo sobre sistemas intrincados e o milagre diário da transformação. Um formigueiro ensina algo sobre cooperação e

comunidade — como ser um corpo. Uma batata germinando tem algo a nos mostrar sobre a vida na morte, e a pena de um pássaro, sobre a beleza em planos com propósito. Contemplar tais coisas é reconhecer um Criador que se importa, inclusive com coisas pequenas. Também tem o propósito de nos lembrar que somos feitos de maneira maravilhosa e temível.

Esse lembrete pode ter uma importância muito mais duradoura do que muitas das mensagens triviais do tipo: "Você é especial", que vêm de materiais exageradamente tranqüilizadores para a "auto-estima". Uma criança que usou alguns minutos para refletir sobre a batata germinando provavelmente não comerá batatas novamente sem se sentir conectada a uma rede de existência cujos processos estão repletos de promessas. Essa criança verá um pouco do fogo na sarça ardente.

Assim, aqui está meu apelo a todos aqueles que proclamam a Palavra aos que foram recentemente tirados das fraldas: lidere, não suplique; alimente a imaginação das crianças, não os egos delas; conceda a elas as primeiras chaves para o reino ao revelar o extraordinário no ordinário; desperte sua curiosidade a respeito do mundo e daquele que o criou (já que a curiosidade é uma forma de amor). Então, talvez, quando forem para casa, de preferência rumarão para o jardim e não para os jogos de videogame, e quando chegar a hora de dormir, desejarão ouvir mais a respeito de Pedro pulando do barco e andando sobre as águas. Afinal de contas, elas sabem, talvez melhor do que nós que já nos esquecemos disso, que qualquer coisa é possível (ver também Zooclopédia, Shedd Publicações).

Capítulo 51

A PREGAÇÃO AOS ESTADO-UNIDENSES HISPÂNICOS

Noel Castellanos, Jesse Miranda, Alfredo Ramos

Selena era uma cantora estado-unidense mexicana que foi assassinada por um amigo quando tinha 23 anos. O filme *Selena é* baseado na sua curta vida. À medida que a sua fama nos Estados Unidos aumenta, uma cena mostra Selena (Jennifer Lopez) sendo convidada para retornar ao México para cantar em um evento importante. Seu pai se opõe a seu aparecimento porque pensa que o espanhol de sua filha é terrível. Quando Selena protesta dizendo que canta bem em espanhol, seu pai diz que cantar é uma coisa, mas entrevistas são outra coisa bem diferente. Ele, então, lhe dá um sermão sobre as dificuldades de ser estado-unidense mexicano: "Os mexicanos pensam que você não é suficientemente mexicana, e os estado-unidenses pensam que você não é suficientemente americana".

Essa também é uma preocupação na pregação para estado-unidenses hispânicos. Há diferenças entre como os hispânicos e os não-hispânicos se comunicam. Manter as duas perspectivas em equilíbrio é crucial, mas precisamos nos concentrar mais no hispânico do que no estado-unidense. Há várias distinções necessárias na boa pregação hispânica.

A pregação hispânica valoriza a família

A pregação hispânica é configurada pela elevada importância que a cultura hispânica dá aos relacionamentos familiares. A cultura estado-unidense tende a ser individualista, enquanto nós pensamos mais em termos de *nós* do que de *mim. A* noção de família não é limitada aos nossos parentes próximos, mas se estende à família da fé e à comunidade que nos envolve.

Isso influencia a pregação particularmente durante os feriados. Enquanto talvez algumas igrejas não-hispânicas dêem pouca atenção aos dias especiais, todos os dias especiais são significativos para nós. Obviamente, o Natal e a Páscoa são dias de tremenda importância. Também fazemos do Dias das Mães e do Dia dos Pais uma grande celebração. Embora seja necessário esclarecer o foco espiritual — como a Paternidade de Deus no Dia dos Pais — a conexão com a família é considerável.

A pregação latina não se satisfaz com apenas um foco interno. Ela chama as pessoas a ligar nosso discipulado à nossa comunidade. Nossa pregação chama as pessoas ao envolvimento com a comunidade e com o serviço. Em nome de Cristo, precisamos nos importar com o bem da família mais ampla.

A pregação hispânica liga a história bíblica com a história do nosso povo

As circunstâncias de muitas pessoas latinas incluem oportunidades limitadas e escassez material. Pregamos temas bíblicos que falam a respeito dos temas da marginalização, pobreza e libertação. Construímos pontes entre a narrativa bíblica e as histórias pessoais dos latinos por meio da narração de histórias.

Um grande exemplo é Jesus e a mulher samaritana em João 4. Nós nos conectamos por meio das lentes histórico-culturais do conflito entre judeus e samaritanos. No mesmo sentido em que os samaritanos não eram totalmente gentios nem totalmente judeus, os estado-unidenses hispânicos têm uma identidade "samaritana". Conseguimos reconhecer o tratamento inferior dado aos samaritanos, a diversidade de um povo minoritário vivendo em uma cultura dominante. Podemos chamar a atenção para o nosso sentimento de inferioridade e sua relação com as boas novas por meio das lentes de Samaria. Mostramos como Jesus cruzou a rua cultural, social, política e racialmente com uma agenda espiritual. Esse cenário é uma maneira em que declaramos que o evangelho vai além de limitações e preconceitos humanos.

Nossa pregação chama a atenção para as questões-chave dos estado-unidenses hispânicos, que incluem identidade, relevância e liberdade. Com histórias como a da mulher no poço, apresentamos a mensagem da libertação e da transformação. A "trilogia samaritana" do Novo Testamento provê um padrão. A trilogia engloba a mulher no poço, a parábola do Bom Samaritano em Lucas 10 e o Pentecoste samaritano em Atos 8. Há bases teológicas para as relações interculturais.

A pregação hispânica é apaixonada

Os latinos tendem a ser mais inspiradores do que instrutivos, mais emocionais do que expositivos. A emoção é extremamente importante porque é uma parte de quem nós somos. Falamos vigorosamente, poeticamente e com a voz intensificada. Os que estão familiarizados com a pregação anglo nos Estados Unidos podem se perguntar por que o pregador hispânico parece estar bravo. O modo de pronunciar nosso sermão é ardente porque nos concentramos mais em persuadir do que em informar. Isso não é feito com o propósito de manipular, mas uma expressão sincera de como Deus nos fez.

Tentamos pregar na linguagem universal do amor. O que quer que seja dito, falamos a partir de um coração de amor. A mente e a lógica não são nossa preocupação principal; em vez disso, o coração é a questão essencial.

Como em qualquer cultura, isso corre o risco de ser exagerado. Algumas pregações hispânicas levam a emoção a um extremo à custa do ensino correto. A boa pregação hispânica harmoniza a paixão e a instrução. A melhor maneira de realizar isso é a narração de histórias. No contexto hispânico, as histórias são um caminho melhor para a verdade do que a apresentação lógica e sistemática.

A pregação hispânica é vulnerável

A afabilidade e a sinceridade fazem parte da cultura hispânica. Os pregadores hispânicos transmitem isso personalizando sua mensagem. Somos cuidadosos em colocar a nós mesmos e nossos sentimentos em nossos sermões. Teorias distantes e impessoais não alcançam pessoas. Os pregadores latinos precisam estar dispostos a compartilhar suas próprias lutas e inserir isso nas experiências de vida de sua congregação. Admitimos abertamente a tensão de viver em dois mundos e, depois, chamamos a atenção para o conflito com que todos deparamos quando buscamos seguir a Cristo nesta sociedade.

Nossa vulnerabilidade precisa ser verdadeira e natural, autêntica e coerente com nossa vida espiritual da forma como é vivida entre as pessoas. Nossa responsabilidade é colocar os conflitos das pessoas em palavras. Damos expressão aos problemas que elas enfrentam e oferecemos a esperança que está em Jesus.

A pregação hispânica espera a reação das pessoas

Precisamos envolver a congregação nos sermões. Quando pregamos, esperamos a reação das pessoas. Não apenas a congregação nos ouve, nós também a ouvimos reagimos a ela. A pregação hispânica está relacionada a dar e receber e à participação da platéia, semelhantemente às igrejas estado-unidenses de afro-descendentes.

Essa reação pode não ocorrer se não levarmos em conta nossas distinções. Quando se prega para pessoas hispânicas nos Estados Unidos, sermões tamanho único não cabem de forma alguma. Embora compartilhemos uma mesma língua,

as congregações hispânicas são todas diferentes. As diferenças incluem país de origem, cultura, condições econômicas e o grau de instrução. Os pregadores não podem tomar por certo que estão se comunicando claramente quando falam a vários grupos hispânicos. Padrões de fala, estilos, expressões e até mesmo o significado das palavras podem ser diferentes. Estamos todos unidos por uma língua e experiências em comum mais do que a localização geográfica.

Quando os pregadores estado-unidenses anglos falam a hispânicos, seria bom que tentassem expressar mais paixão em seus sermões. Esforce-se para inspirar as pessoas enquanto as instrui. Use histórias. Esteja consciente das questões com que nossas comunidades deparam e reconheça a tensão cultural enfrentada pelos hispânicos. Não tenha medo de chamar a atenção para problemas como o materialismo, racismo, opressão, e assim por diante. Como membros da cultura dominante, os anglos podem causar uma boa impressão nos hispânicos se aprenderem a se comunicar com um pouco de nossa língua e conhecerem alguns de nossos costumes.

No início, quando Noel Castellanos estava implantando La Villita Community Church em Chicago, eles organizaram um jantar "junta-panelas", e Noel pensou que ele deveria levar algo adequado para a ocasião. Em um livro de receitas, ele achou uma receita de Salsa de Feriado. Os ingredientes incluíam abacaxi, um tipo de amoras, nozes e pimenta malagueta. Ele achou que as pessoas amariam sua Salsa de Feriado, mas ficou desapontado ao ver que ninguém nem ao menos a experimentou. Por fim, um dos homens explicou: "Noel, você não pode fazer salsa sem tomates".

Os pregadores estado-unidenses hispânicos vivem em dois mundos. Se deixarmos de fora os tomates, ninguém gosta da salsa.

Capítulo 52

A PREGAÇÃO PARA ESTADO-UNIDENSES AFRO-DESCENDENTES

Rodney L. Cooper

As palavras bem conhecidas de Martin Luther King Jr. revelam bastante **a** respeito da pregação para afro-descendentes:

> Quando os arquitetos de nossa república escreveram as palavras magníficas da Constituição e da Declaração de Independência, eles estavam assinando uma nota promissória que todo americano herdaria. Essa nota era uma promessa de que seriam garantidos a todos os homens os direitos inalienáveis da vida, liberdade e a busca da felicidade.
>
> É óbvio hoje em dia que os Estados Unidos negligenciam essa nota promissória no que se refere aos cidadãos negros. Em vez de honrar essa obrigação sagrada, os Estados Unidos deram ao negro um cheque frio, carimbado "fun-

> dos insuficientes". Mas nos recusamos a acreditar que o banco da justiça faliu. Recusamo-nos a acreditar que os fundos são insuficientes nos grandes caixas-fortes das oportunidades deste país.
>
> Assim, viemos sacar esse cheque — um cheque que nos dará direito às riquezas da liberdade e da segurança neste país.
>
> Também viemos a este lugar sagrado para lembrar os Estados Unidos da urgência impetuosa do *agora.* Agora não é tempo de se ocupar com o luxo do esfriamento ou de se tomar o remédio tranqüilizador do gradualismo. *Agora é* o tempo de tornar reais as promessas da democracia. *Agora* é o tempo de sair do vale escuro e desabitado da segregação em direção à vereda iluminada pelo sol. *Agora* é o tempo para se abrirem as portas da oportunidade para todos os filhos de Deus. *Agora é* o tempo para retirar nossa nação da areia movediça da injustiça racial para a rocha sólida da fraternidade (1968, p. 157-158).

O dr. King encerra seu discurso "Eu Tenho um Sonho" com a famosa conclusão de celebração: "Finalmente livre, finalmente livre, graças ao Deus todo-poderoso, estou finalmente livre".

A pregação negra se distingue por causa do impacto direto do racismo da luta dos afro-descendentes pela igualdade. Pregar a pessoas que se sentem privadas de seus direitos influencia a maneira com que você se dirige a elas. Tive muitas conversas com membros negros que afirmaram que domingo de manhã é o tempo de vir e entregar tudo a Deus para que o Senhor cuide da sua dor e encoraje seu coração. A atmosfera de pessoas em adoração que compartilham sua dor coletivamente e abrem seu coração para a pregação da palavra de Deus é como um copo de água fresca para a sede mais angustiante.

Em minhas próprias experiências, quando sofri insultos raciais ou quando me negaram atendimento em um restaurante, domingo era o tempo para recuperar a perspectiva de que "Minha é a vingança; [...] diz o Senhor", mas que "Deus é bom o tempo todo, e o tempo todo Deus é bom". O pregador negro lembra os seus ouvintes da obra presente e vindoura de Deus a favor de seu povo.

O dr. King reúne em apenas alguns parágrafos cinco ingredientes que tornam a pregação negra distinta.

(1) Durante a preparação o pregador negro precisa buscar, em oração, a Deus nas Escrituras, a fim de que a congregação saiba que a mensagem é de Deus. Ele é o mensageiro de Deus, enviado por Deus — um profeta. A pregação negra é construída sobre a realidade das expressões: "Assim disse o Senhor", e: "Deus me deu uma palavra para vocês hoje". Em lPedro 4.11, lemos: "Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus".

Outro trecho das Escrituras que guia a pregação negra é Isaías 61.1: "O Espírito do Soberano, o SENHOR, está sobre mim, porque o SENHOR ungiu-me para levar

boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros".

Falamos profeticamente a pessoas cujas experiências diárias aberta ou sutilmente geram luta e estresse apenas por causa de quem elas são — negras. As pessoas no banco querem saber se o pregador verdadeiramente ouviu de Deus e está baseando o que diz na Palavra e nos princípios de Deus. O dr. King tinha poder na sua pregação porque claramente mostrava em suas mensagens que o racismo não era apenas uma questão moral — era uma questão bíblica.

(2) *O pregador negro precisa estar em contato com a dor das pessoas.* Há uma história de um pregador negro jovem e de um pregador negro idoso, os dois sentados lado a lado no domingo de manhã. O pregador jovem se levantou e leu o Salmo 23. A congregação disse amém educadamente.

O pregador idoso, a seguir, seguiu o pregador jovem e leu o Salmo 23 novamente. A congregação derramou lágrimas, bateu palmas e gritou um forte amém. Quando o pregador idoso se sentou, o pregador jovem lhe perguntou por que eles reagiram com tanta emoção à sua leitura do salmo. O homem idoso disse: "Filho, você lê o salmo 23, mas eu *leio* o salmo 23. Você pode lê-lo, mas eu o *vivi".*

Henry Mitchell, um célebre autor que trata da pregação negra, afirma que o pregador precisa "sentar onde eles sentam" (1997, p. 7). A autoridade do pregador negro é construída sobre os relacionamentos. Foi o pregador escravo, um dos escravos sem treinamento formal, que pregou de forma eficiente para seus companheiros porque lidava com questões de "dentro de sua pele e não alguma identidade alheia" (1997, p. 7). A pregação negra freqüentemente constrói a ponte entre o sagrado e o secular ao mostrar como aquilo pelo qual as pessoas no texto passaram se encaixa no que está acontecendo hoje em dia. O pregador negro precisa constantemente apontar que a salvação não é história antiga — ela é um evento atual.

As pessoas sabem se o mensageiro experimentou o que ele está transmitindo pelo seu uso de ilustrações pessoais que mostram tempos de infortúnio em sua própria vida.

(3) *O pregador negro precisa transmitir esperança.* Precisamos mostrar que "c choro pode persistir uma noite, mas de manhã irrompe a alegria" (SI 30.5).

Concedemos essa esperança contando uma história, uma história dupla. Primeiro, é o texto sendo pregado e o que ele comunica aos ouvintes hoje. Segundo, é a história mais ampla, a história do evangelho de que Jesus ressuscitou da sepultura e está sentado em autoridade suprema. Não importa a situação que o ouvinte enfrenta, há esperança porque há Jesus.

(4) *O pregador negro precisa pregar com paixão e celebração.* Nossa pregação não é animada e entusiástica por causa do entretenimento, mas como resultado da convicção. O pregador negro precisa mostrar que *ele* acredita que tem uma palavra que recebeu de Deus. A celebração, o ponto alto do sermão, é quando o pregador

levanta sua voz às vezes ao ponto de gritar em louvor ao Deus que é a nossa esperança e auxílio em toda e qualquer situação. Você sabe que as cordas da celebração foram tocadas quando o membro diz: "Nós tivemos *igreja* hoje!".

(5) *Finalmente, o pregador negro é um artesão de palavras e um excelente contador de histórias.* A habilidade de desenhar um quadro com escolha de palavras habilidosas deixa a congregação orgulhosa e mostra que percorremos um longo caminho dos campos de escravos até onde estamos hoje. O pregador negro normalmente era o mais instruído na congregação, de forma que ele precisava pintar os retratos de palavras para as pessoas que não tinham muita instrução. A arte habilidosa de contar a história mantém a congregação ligada à rica herança da origem da igreja negra.

Perceba a escolha de palavras realizada com maestria na mensagem do rev. Henry Lockyear intitulada: "Você o Conhece?" (a mensagem foi pregada em um encontro da JOCUM no Havaí):

> Ele é permanentemente forte. Ele é completamente sincero. Ele é eternamente imutável. Ele é imortalmente gracioso. Ele é imperiosamente poderoso. Ele é imparcialmente misericordioso. Você o conhece?
>
> Ele e o maior fenomeno que já cruzou o horizonte deste mundo. Ele é o Filho de Deus. Ele é o Salvador do pecador. Ele é a peça decorativa central da civilização. Ele está na solitude de si mesmo. Ele é único. Ele é incomparável. Não há precedentes para ele. Ele é a idéia mais grandiosa na literatura. Ele é a personalidade mais elevada na filosofia. Ele é o problema supremo na alta crítica.
>
> Ele supre o fraco com força. Ele está disponível para os que são tentados e testados. Ele se compadece e salva. Ele fortalece e sustenta. Ele guarda e guia. Ele cura o doente. Ele purifica os leprosos. Ele perdoa os pecadores. Ele desobriga os devedores. Ele liberta os cativos. Ele defende os fracos. Ele abençoa os jovens. Ele serve o miserável. Ele estima os idosos. Ele recompensa os diligentes. E ele embeleza os destituídos. Eu pergunto se você o conhece.

Também se dá atenção a metáforas, como o discurso do dr. King elucida quando ele usa termos bancários para mostrar que os Estados Unidos devem aos afro-descendentes. O uso de expressões e exatamente as palavras certas são marcas da sólida pregação negra.

Esses cinco ingredientes não são, de forma alguma, completos, mas dão um entendimento geral do contexto, conteúdo e singularidade da pregação negra. Quando meus irmãos de cor mais clara me perguntam qual pode ser sua abordagem ao pregar para estado-unidenses afro-descendentes, eu lhes recomendo que não se esforcem tanto. O melhor conselho é ser você mesmo e esperar uma reação

da platéia. Quando alguém na congregação responde com um: "Amém!", ou: "Deus seja louvado!", apenas continue pregando e entregue-se.

Bibliografia

KING, Martin Luther, Jr. "I Have a Dream". 1968. Em *Annals of America* (Vol. 18 da *Enciclopédia Britânica).*

MITCHELL, Henry H. 1977. *The Recovery of Preaching.* São Francisco: Harper & Row.

Capítulo 53

PREGAÇÃO PARA ESTADO-UNIDENSE ASIÁTICOS

Matthew D. Kim

Ao chamar a atenção para o tema da pregação estado-unidense asiática, precisamos começar com a pergunta: quem é estado-unidense asiático? O termo estado-unidense asiático normalmente se refere aos asiáticos do leste: chineses, japoneses e coreanos. Essa visão, infelizmente, exclui os estado-unidenses asiáticos que não são do extremo leste da Ásia (por exemplo, pessoas de Bangladesh, Butão, Mianmar, Kampuchea, Filipinas, Indochina, Indonésia, Iwo Jima, Laos, Malásia, Nepal, Okinawa, Paquistão, índia, Singapura, Sri Lanka, Tailândia, Vietnã, etc.) e todos os outros 150.000 estado-unidenses asiáticos que não se encaixam puramente em um das categorias étnicas asiáticas sugeridas. Para informações adicionais, consulte o *site* do United Sates Census Bureau (Departamento do Recenseamento dos Estados Unidos 2000) em http://www.census.gov (em inglês).

Como membros de outras categorias étnicas e raciais, os estado-unidenses asiáticos variam por etnia, língua, geração, classe econômica e sexo. Por causa dessa diversidade extensa, as generalizações são inevitáveis, ainda que, por causa da especificidade, comentarei brevemente sobre dois subgrupos de estado-unidenses asiáticos: (1) estado-unidenses asiáticos de primeira geração, imigrantes e refugiados nascidos no estrangeiro e (2) estado-unidenses asiáticos de segunda geração e gerações subseqüentes nascidos nos Estado Unidos.

Marginalização

Todos os estado-unidenses asiáticos, independentemente de seu tempo de moradia nos Estados Unidos, experimentam a marginalização. San Hyun Lee, do Seminário Teológico Princeton, afirma que, para os estado-unidenses asiáticos, a marginalização é um estilo de vida: "No mundo asiático, somos freqüentemente criticados por não sermos suficientemente asiáticos; na sociedade estado-unidense. somos menosprezados por não sermos suficientemente estado-unidenses" (1999. p. 225). Nas palavras do autor estado-unidense asiático MiaTuan, somos percebidos por estado-unidense brancos como "estrangeiros para sempre" que não podem e não serão completamente aceitos nos Estados Unidos (1998).

David Gibbons, um pastor bi-racial coreano e caucasiano, no sul da California, compartilha um relato pessoal de marginalização com que ele deparou durante seus dias de universitário em uma universidade cristã do sul: "Quando eu entrei em seu escritório, o reitor me cumprimentou cordialmente. Ele prosseguiu para me informar que eu poderia sair apenas com mulheres asiáticas porque eu parecia asiático. Sair com alguém de outra origem étnica seria quebrar a regra da faculdade "bíblicamente embasada" que não permitia o namoro inter-racial, conforme explicou. A situação sem saída da universidade tinha dois lados. Eu era tanto asiático quanto caucasiano. Entretanto, a meu irmão, que nasceu dos mesmos pais, foi concedida a chance de sair tanto com mulheres asiáticas como brancas. Por quê? Porque a aparência dele era mais de anglo do que a minha (1996, p. 7).

Por causa dessa marginalização, os pregadores estado-unidenses asiáticos freqüentemente alinham seus sermões com as experiências de pessoas marginalizadas da Bíblia como Noé, José, Moisés, os israelitas perambulantes, Davi, Daniel, a mulher samaritana e até mesmo o próprio Jesus. As histórias desses personagens bíblicos nos ajudam a aliviar algumas das aflições psicológicas de muitos asiáticos que chamam os Estados Unidos de lar. Os pregadores estado-unidenses asiáticos deveriam perguntar-se a si mesmos: *De que maneiras encontrei a marginalização nos Estados Unidos e como posso ajudar meus membros a aplicar as narrativas das figuras bíblicas para lidar com sua dor?*

Estado-unidenses asiáticos de primeira geração

Visto que a maioria das igrejas estado-unidense asiáticas de primeira geração serve principalmente as pessoas de seu próprio histórico étnico e que falam a mesma língua, os pregadores estado-unidenses asiáticos têm um compromisso interminável com seus lugares de origem. Muitos desses pregadores usam ilustrações e histórias pessoais de seus países naturais com grande eficácia.

O perigo para alguns deles é que o que os seus sermões comunicam pode ser um híbrido tanto de valores religiosos e culturais cristãos como de valores asiáticos que são moldados pelo país de onde eles vieram. Dois temas teológicos predominantes nos sermões dos estado-unidenses asiáticos de primeira geração são baseados na relação dualística entre sofrimento e bênção.

Primeiramente, a importância do sofrimento é enfatizada nas doutrinas e práticas tradicionais do budismo e do hinduísmo (Southard, 1989, p. 628). Para os cristãos, essa mentalidade de sofrimento não é apenas a continuação das experiências do passado de opressão estrangeira das primeiras gerações e a discriminação atual na sociedade estado-unidense, mas é simultaneamente um sofrimento voluntário como a experiência da unidade com Deus por meio de Cristo que serve como nosso co-sofredor (Southard, 1989, p. 625). O desequilíbrio vem quando a vontade de sofrer por Cristo se transforma em uma necessidade de sofrer ou em uma confiança em nosso sofrimento como uma forma de mérito perante Deus.

Em uma conversa recente com minha mãe, ela me revelou como meus pais viam o filme *A Paixão de Cristo,* de Mel Gibson. Minha mãe disse: "Quando eu vi como Jesus sofreu por mim, chorei tanto, e seu pai também. Jesus sofreu tanto por mim. Agora preciso ir e sofrer por ele". Esse exemplo ilustra como a visão de mundo hindu-budista do sofrimento se infiltra na consciência até de meus pais *cristãos* estado-unidense asiáticos de primeira geração.

Embora os pastores evangélicos estado-unidenses asiáticos de primeira geração preguem que a salvação pode ser recebida unicamente por meio da fé pessoal na morte e ressurreição de Jesus, muitos estado-unidenses asiáticos cristãos de primeira geração ainda acreditam que seu sofrimento terreno tenha algum mérito.

Um segundo tema proeminente para alguns pregadores estado-unidenses asiáticos é o conceito xamanista de bênção. O xamanismo se originou entre as nações mongóis no norte da Ásia e em algumas partes da Sibéria. E uma fé religiosa baseada na superstição e no ritual xamanista.

Enraizada na consciência asiática, a noção xamanista de bênção tem gradualmente permeado algumas das igrejas estado-unidense asiáticas de primeira geração. Pode-se ensinar a essas igrejas que Deus abençoa ricamente seus filhos com riqueza tanto material quanto espiritual, de acordo com o conceito de bênção no Antigo Testamento. E interessante observar que esse foco na bênção nesta vida corresponde diretamente à mentalidade imigrante de ir atrás do que se convencionou chamar de "sonho americano". Eunjoo Mary Kim, que leciona homilética na Iliff School of Theology, diz: "A pregação [xamanista] dá ao leitor a impressão de que o próprio evangelho é uma mensagem centrada no presente e direcionada pelo sucesso" (1999- p. 32).

Estado-unidenses asiáticos de segunda geração e gerações subseqüentes

Enquanto as igrejas de estado-unidenses asiáticos de primeira geração são predominantemente homogêneas e monoculturais, as congregações estado-unidense asiáticas de segunda geração e gerações subseqüentes estão se tornando progressivamente multiasiáticas e multiétnicas (Fong, 1999, p. 205-14). Na sua busca de sensibilidade cultural, muitos pastores estado-unidenses asiáticos pregam sermões que enfatizam a afiliação étnica e cultura de nenhum grupo étnico em particular (Tseng, 2002, p. 278). Esses sermões transmitem ensino ortodoxo, mas carecem de contextualização para platéias estado-unidense asiáticas variadas.

A tendência entre muitos pregadores de congregações multiasiáticas e multiétnicas tem sido desencorajar a promoção de cultura e tradição étnica dentro dos muros da igreja. Por exemplo, um pastor estado-unidense coreano expressou que sua igreja não era uma igreja coreana ou asiática, mas, em vez disso, um lugar para todos independentemente de seu histórico étnico-racial. Ele prosseguiu para assentar as regras básicas para muitos estado-unidenses coreanos na congregação

Primeiro, baniu comer *kimchi* e outros tipos de comida coreana na igreja. Segundo, ele se recusou a fazer anúncios de quaisquer eventos asiáticos na comunidade. Terceiro, de acordo com Michael Luo, ele impediu seus membros de ir para *Korea Town* (um bairro coreano na cidade) para almoçar. Luo observa:

> Atualmente, independentemente dos esforços [desse pastor] por seis anos para fazer as pessoas de todas as raças se sentirem bem-vindas, os 200 a 300 adoradores que comparecem aos três cultos em inglês toda semana são quase todos coreanos, com alguns outros asiáticos dispersos. Ele atraiu apenas alguns brancos e negros (Luo, www.imdiversity.com).

Ao tirar ênfase da afiliação étnica e cultural em público do púlpito, alguns pregadores estado-unidenses asiáticos impedem pessoas étnicas de serem elas mesmas e, de certa forma, rejeitam a bela diversidade da obra de Deus nas diferenças humanas. Visto que cada pessoa possui uma tradição étnica e cultural nata, os pregadores estado-unidenses asiáticos deveriam usar o máximo de ilustrações que iluminam exemplos das várias afiliações étnicas, culturas e tradições às quais os membros pertencem.

Ê importante contextualizar sermões e ajudar os membros a aceitar sua afiliação étnica e cultural. Por exemplo, muitos estado-unidenses asiáticos não gostam de suas características físicas e acreditam que Deus fez alguma coisa errada quando criou os asiáticos. Dever-se-ia chamar a atenção para essas idéias e corrigi-las por meio de sermões estado-unidenses asiáticos. É possível exagerar a ênfase na identidade cristã a ponto de negligenciar completamente a identidade racial e étnica. Nunca se edificará comunhão na igreja estado-unidenses asiática ao se evitar as nossas diferenças, mas, em vez disso, é preciso reconhecê-las abertamente e conversar sinceramente com aqueles que são diferentes de nós.

Pontos fortes

Os pregadores estado-unidenses asiáticos de primeira geração usam narrativas bíblicas que se referem à experiência imigrante e dos refugiados habilidosamente. Os pregadores estado-unidenses asiáticos sabem como comunicar histórias ao coração. Os seus ouvintes respondem bem à auto-revelação, aos relatos pessoais que representam o triunfo ou o desespero experimentado por seus pastores que refletem a imensa bondade e graça de Deus.

Os pregadores estado-unidenses asiáticos em ambientes multiasiáticos e multiétnicos são expositores da Bíblia eficazes que sabem como explicar verdades teológicas em um estilo irrefutável. Muitos conseguem articular histórias de maneira a causar grande impacto.

Durante meu treinamento no seminário, aceitei um trabalho de meio-período como pastor de jovens servindo estado-unidenses coreanos em Boston. Depois de seis meses, olhei para os olhos desinteressados dos meus alunos e tive um momen-

to de pregador. Percebi que meus sermões não estavam tratando das necessidades desses adolescentes estado-unidense coreanos.

Meus sermões precisavam de uma renovação completa. A minha pregação precisava não só da base nas minhas experiências de vida como um estado-unidense coreano, mas meus sermões precisavam também ser moldados de forma tal que meus ouvintes estado-unidenses coreanos de segunda geração pudessem ouvir e receber. Comecei a usar ilustrações das minhas experiências de vida crescendo como um estado-unidense coreano e todos os prazeres e fardos que acompanham a condição de ser um cristão estado-unidense asiático americanizado. Quando comecei a me ocupar com meu DNA coreano e estado-unidense e meus ouvintes adolescentes estado-unidenses asiáticos de segunda geração, minha pregação tomou um rumo muito positivo.

David Ng sugere: "A igreja precisa favorecer a busca e a recuperação da identidade e dos valores étnicos e culturais [...] Os cristãos estado-unidenses asiáticos acreditam que sua identidade, cultura, língua, herança religiosa — toda sua vida — são boas e é ali que Deus está atuando" (1995, xxiii).

Os pregadores estado-unidenses asiáticos precisam pregar de um modo que é único e característico da nossa cultura, de forma que as mensagens conectem com a mente e o coração de almas estado-unidense asiáticas biculturais. Ao combinar a exposição bíblica metódica com a exegese de nossos ouvintes estado-unidenses asiáticos, podemos apresentar sermões com verdades bíblicas atemporais em um estilo contextualizado, pessoal, étnico e cultural.

Bibliografia

FONG, Ken Uyeda. 1999. *Pursuing the Pearl: A Comprehensive Resource for Multi-Asian Ministry.* Valley Forge, PA: Judson.

GIBBONS, David. 1996. "Introduction". In *Losing Face and Finding Grace,* Tom Lin (Downers Grove, IL: InterVarsity Press).

KIM, Eunjoo Mary. 1999. *Preaching the Presence of God. A Homiletic from an Asian American Perspective.* Valley Forge, PA: Judson.

LEE, Sang Hyun. 1999. "Pilgrimage and Home in the Wilderness of Marginality: Symbols and Context in Asian American Theology". Em *New SpiritualHomer. Religión and Asian Americans,* ed. David K. Yoo (Honolulu: University of Hawaii Press).

Luo, Michael. "For Asian-American Churches, Integration Proves Complicated". De http: //www.imdiversity.com/Article_Detail.asp?Article_ID=8972.

NG, David. 1995. "Introduction". *People on the Way: hsian North American: Discovering Christ, Culture, and Community,* ed. David Ng (Valley Forge, PA: Judson).

SOUTHARD, Naomi P. F. 1989. "Recovery and Rediscovered Images: Spiritua. Resources for Asian American Women". *Asia Journal of Theology* 3.

TSENG, Timothy. 2002. "Asian Pacific American Christianity in a Post-Ethnic Future". *American Baptist Qiiarterly* 21.

TUAN, Mia. 1998. *Forever Foreigners or Honorary Whites? The Asian Ethnic Experience Today.* New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Capítulo 54

O TRABALHO VENCE?

Como a sua mensagem pode restaurar a alma deles

Lee Eclov

Tenho uma fotografia em preto e branco antiga, de 1909, mostrando sete jovens escandinavos sentados retos e solenes em uma fileira, fazendo pose para sua foto de formatura. Meu avô está entre eles. Acima deles está uma faixa com o lema de sua classe: "O Trabalho Vence". Um credo imigrante, se é que alguma vez existiu isso. O problema é que nunca consigo olhar para a foto sem interpretar o sinal da forma errada: O Trabalho Vence (e Você Perde).

A primeira vez que pensei nisso dessa maneira foi quando estava pregando sobre Gênesis 3 e a maldição sobre Adão em 3.17: "Maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida". Percebe o que quero dizer? O trabalho vence.

O trabalho, é claro, é anterior à queda; Deus nos deu o trabalho para que pudéssemos refletir sua imagem. O trabalho é bom. Ele foi designado para enobrecer e enriquecer. Mas o trabalho foi infectado pelo pecado e agora pode não ser apenas mortalmente enfadonho, mas claramente mortal. O trabalho é "uma ferramenta dolorosa". Os "espinhos e ervas daninhas" que Deus prometeu a Adão agora prosperam em encontros de negócios, ao redor de fotocopiadoras e servidores de computador, e no mundo da política corporativa.

Violência ao espírito

Studs Terkel começa a introdução da sua história oral *Working [Trabalhando],* desta forma:

> Este livro, por tratar do trabalho, trata, por sua própria natureza, da violência — tanto ao espírito quanto ao corpo. Trata de úlceras assim como de acidentes, de companheiros gritando assim como de brigas com os punhos, de colapsos nervosos assim como de chutar o cachorro. Trata, acima de tudo (ou abaixo de tudo) de humilhações diárias. Sobreviver a um dia já é um triunfo suficiente para os feridos cambaleantes entre a grande maioria de nós [...]
>
> Também trata de uma busca por significado diário assim como por pão diário, por reconhecimento assim como por dinheiro, por perplexidade

em vez de torpor; em resumo, por um tipo de vida e não por um tipo de morte de segunda a sexta.

Li isso para alguns conhecidos que trabalham na companhia de gás. "Isso somos nós", eles disseram, balançando a cabeça. Um deles falou sobre o clima do lugar onde ele trabalha: "Consigo ver agora por que algumas pessoas trazem armas ao trabalho".

E claro que nem todo mundo se sente assim em relação ao trabalho. Certamente, os cristãos cuja mente foi banhada pelo Espírito Santo freqüentemente começam a ver o trabalho de maneira diferente. Entretanto, as pessoas que se reúnem perante o pregador toda semana estão bem familiarizadas com a violência que o trabalho realiza ao espírito humano.

Há um bálsamo

Como acontece com tudo que é vital às pessoas, Deus nos diz a verdade na Bíblia a respeito de como o trabalho deve ser, e, como pregadores, precisamos compartilhar as boas novas sobre o trabalho com elas. Mas precisamos fazer mais do que pregar sobre o trabalho. O culto — e a pregação, em particular — precisa ser, para esses irmãos e irmãs, o bálsamo infiltrado pela Palavra do nosso bom Pastor, que "restaura minha alma". Executivos e vendedores viajantes cansados precisam de mais do que de um tapinha nas costas. Enfermeiras e guardas precisam de mais do que deitar com as pernas para cima. Secretárias e carpinteiros precisam de mais do que de um pouco de paz e silêncio para que sua alma seja restaurada. O antigo hino negro *spiritual* diz: "Há um bálsamo em Gileade para curar a alma doente por causa do pecado". Esse bálsamo funciona também para o que é esmagado pelo trabalho.

O bálsamo de Deus vem em jarras diferentes. Como médicos da alma, nós, pregadores, precisamos tocar a alma com os diferentes ungüentos de Deus.

Aplique o bálsamo da graça

Os trabalhadores cristãos com freqüência se sentem culpados e fracos. Eles aparecem na igreja com a bagagem dos pecados do trabalho cometidos diariamente amarrada nas suas costas — talvez, fofoca, murmuração ou ociosidade. Provavelmente sabem que "Jesus perdoa os seus pecados", mas ainda pensam que ele está bem farto de seus pecados. Nossos sermões com certeza devem ter uma medida bíblica de "tu deves" e "tu não deves", mas nosso produto em estoque — nosso produto de trabalho como pregadores — é a graça de Deus em Cristo. Iremos até eles como consultores de Deus para o coração, sempre falando no dialeto e com o sotaque da cruz. Deus o perdoa. Deus o ama. Vá em paz!

Aplique o bálsamo do auxílio divino

Alguns empregos são realmente difíceis. Como é freqüente ouvir as pessoas falando das pressões no trabalho! Fazendo o trabalho de duas ou três pessoas?

Prazos que absorvem noites e finais de semana como uma esponja? Não tenho certeza de que nossos membros sempre percebem o quanto o Senhor é habilidoso no que eles fazem. Parte de sua provisão graciosa a eles é o auxílio dele. Encontramos o auxílio de Deus ao escrever um sermão, e eles podem receber essa ajuda extraordinária para elaborar um bom plano de negócios para enfrentar clientes irritados, desvendar problemas de *softeware* ou lidar com companheiros de trabalho exigentes ou irritantes. Jesus é bom no trabalho! E ele, com prazer, oferece seu auxílio a seu povo.

Aplique o bálsamo do belo

Os sacerdotes do Antigo Testamento apenas serviam no templo de vez em quando. Fora do sacerdócio, conforme suponho, eles cuidavam da criação, ou da horta ou consertavam móveis. Mas quando chegava a hora de ir para o templo, eles deixavam as roupas de trabalho para trás, tomavam banho e vestiam linho branco. Então, iam até o ambiente sagrado daquele que é Santo.

A adoração e a pregação devem vestir o sacerdócio dos crentes com linho branco e elevá-los a privilégios dos santos. Alguns sermões dão a nossa congregação cinturões e couraças para uma vida semelhante à de Cristo neste mundo tenebroso. Mas alguns sermões, ou partes de sermões, precisam vesti-los para o trabalho santo de admiração e adoração. Alguns sermões precisam colocar os vasos de ouro em suas mãos e as músicas de Sião em seus lábios. Os sermões sobre o caráter glorioso de Deus, sobre as maravilhas da cruz, sobre a esperança do céu vestem trabalhadores braçais de branco e os colocam no meio dos pães da Presença, da lâmpada e do incenso de Deus. Uma pregação assim também é prática.

A terapia da maldição

Acredito que as maldições de Gênesis 3 eram a terapia bem planejada de Deus para corações obstinados pelo pecado. Os fardos que Deus anunciou são designados graciosamente para forçar as pessoas a olhar para o Deus que, de outro modo, elas ignorariam. Os conflitos que acompanham o trabalho são assim. O trabalho em si mesmo é um presente de Deus, mas as ervas e os cardos o transformam em "instrumento doloroso". Assim, cada semana lembramos o povo amado de Deus que devem manter seu equilíbrio e sua sanidade espiritual no seu local de trabalho. Nós os ajudamos a se voltar do seu trabalho para o Mestre.

Há alguns anos, li no jornal *Chicago Tribune* que o novo chefe do Departamento de Saneamento Básico de Chicago marcou uma grande reunião para os seus oitocentos funcionários. Na parede atrás do patrão, no Salão dos Encanadores, havia uma faixa que dizia: "Trazendo os Tubos à Superfície". Seu ânimo soava como o de um Vince Lombardi[1]: "Vencer não é uma coisa para acontecer de vez em quando", ele gritou. "E uma coisa que precisa acontecer o tempo todo". Os encanadores aplaudiram como torcedores prestes a invadir o estádio.

[1] [N. do T] Famoso técnico de futebol americano, campeão em cinco temporadas de seus nove à frente dos Green Bay Packers, entre 1959 e 1967).

Nos domingos, os trabalhadores cristãos se reúnem para uma especie de reunião. Mas eles precisam de mais para sua alma do que gritos de aplausos e slogans religiosos. *As* vezes, eu olho para os santos lavados e esfregados pelo domingo e penso nos lugares sujos e difíceis em que minha congregação precisa trabalhar durante a semana toda. Alguns escritorios, é claro, são mais sujos do que canos de esgoto. Algumas escolas são mais tenebrosas do que túneis subterrâneos. Várias pessoas passam semanas tentando afastar a graxa de seu coração, tentando fazer com que sua alma não cheire como uma fossa. No domingo de culto, nosso trabalho como pastores é ajudá-las a lembrar como é importante o seu trabalho, pois, afinal de contas, trabalham no mesmo mundo onde Jesus trabalhou. Trabalham para ele como nós certamente trabalhamos. E, um dia, seremos promovidos a trabalhar sem "espinhos e ervas daninhas", sem suor em nossos olhos e sem o pecado formando bolhas em nossa alma. Algum dia, em breve, serviremos ao Senhor na visão plena de seu trono!

Capítulo 55

UM SERMÃO, DUAS MENSAGENS

Como pregar o mesmo sermão em dois cultos totalmente diferentes

Wayne Brouwer

Minha igreja tem duas comunidades de culto completamente diferentes. A comunidade tradicional se reúne no santuário. Sua arquitetura é silenciosa e austera, com paredes cinzas e sóbrias, luz indireta, com sanefas nas janelas, com arte em madeira e uma galeria para o coro atrás de mim enquanto prego. Os bancos são longos e retos, dispostos em forma de salão puritano. O púlpito, com seus contornos claros e limpos, é símbolo nobre da tradição, autoridade e austeridade. Quando você entra no santuário, fica quieto. O órgão dá o clima de melancolia.

A adoração aqui é animada pela racionalidade iluminista: Deus é o totalmente Outro de quem você se aproxima até certa distância pelos passos mediados da arte clássica nas palavras e na música.

A comunidade de culto contemporânea, em contraste, reúne-se no ensolarado Salão Grande. As cadeiras são empilháveis, dispostas em um semicírculo extenso que proporciona intimidade olho a olho. A acústica no salão é insatisfatória, mas isso não importa, já que a equipe de louvor é munida de caixas de som apontadas em todas as direções. Ali não há púlpito, é claro — apenas uma estante de música, que posso usar se quiser. As pessoas dizem que prego melhor quando não a uso; torno-me mais "real e pessoal, não me limitando às palavras em uma folha

Quando você entra no Salão Grande, ele é barulhento. Mas a conversa barulhenta e a interação entre as pessoas são a casa da espiritualidade em uma comunidade pós-iluminista. Deus não está "lá longe"; ele está aqui, entre nós.

Assim, toda semana me preparo duplamente para o culto de domingo. O "sentir" e a "mente" dos dois cultos são tão diferentes que acho útil configurar meu sermão para os dois grupos.

Shakespeare ou "Plano Médico"?

E comum acontecer que as mesmas coisas que tornam um sermão poderoso na comunidade de culto tradicional diminuem sua eficácia na comunidade de culto contemporânea. E vice versa.

As vezes, sou esperto com palavras. O grupo tradicional adora isso — eles conseguem enxergar a Deus na arte do jogo de palavras. O grupo contemporâneo detesta isso — eles pensam que é tentar simular algo que não é real.

Por exemplo, certa vez preguei um sermão baseado em Isaías 2.1-5 e fiz jogos de palavras relacionados aos diferentes fusos horários. Depois de pregar o sermão no culto tradicional, houve um silêncio, e então as pessoas vieram correndo a mim de todas as direções. Essa mensagem teve grande impacto sobre elas. Elas foram comovidas pelo tema e pelo artifício das palavras e das cenas que o transmitiram.

Por outro lado, no culto contemporâneo, eu me senti como se estivesse apenas marcando passo. Em momentos apropriados, as pessoas sorriram ou riram um pouco. Mas, em geral, elas pareciam estar me dizendo que eu estava fugindo do mundo real. Onde eu estava querendo chegar, afinal de contas? Um bom amigo me disse depois do culto: "Wayne, com certeza, gosto mais dos seus sermões práticos".

Shakespeare e os clássicos certamente falam àqueles na comunidade de culto tradicional, enquanto programas de televisão recentes encontram sintonia na outra.

As similaridades

Quando o meu sermão é bem-sucedido nas duas comunidades, faço bem três coisas.

Primeiro, faço uma exegese precisa. A Bíblia é a Palavra de Deus, e nada em minha criatividade ou técnica retórica pode excedê-la em poder e relevância. Quando faço uma boa exegese, falo em nome de Deus — não porque sou um grande orador, mas porque ele é. Ele falou a Palavra e ainda a fala hoje.

E claro que fazer uma boa exegese não significa que levo todo o meu trabalho exegético para o púlpito (ou à estante de música) comigo. Isso simplesmente significa que eu achei que valia a pena pregar uma mensagem porque é a mensagem de Deus. E isso significa que a forma da mensagem está em sintonia com a intenção da passagem em tom e essência.

Segundo, conto histórias. Histórias bíblicas. Histórias humanas. Histórias literárias. Penso que as histórias são uma forma poderosa de falar a todas as gerações e a diferentes platéias. Contar histórias me ajuda a construir uma ponte entre as divisas psicológicas e sociológicas que separam minhas duas congregações.

Terceiro, a pregação precisa criar visão. Precisa haver uma realidade maior em que todos entram quando são trazidos para dentro do reino de Deus. Não considero

a pregação de domingo simplesmente a transmissão de informação cognitiva que capacita alguém pelo discernimento que contém. A pregação, embora freqüentemente inclua um elemento de ensino, é mais uma construção de quadro de referência e retrato do mundo. Eu chamo as pessoas para participar em um mundo que é maior que suas experiências, um mundo que alimenta o anseio de suas almas, um mundo que os recebe bem na entrada chamada LAR.

As *diferenças*

Ao longo dos anos, eu desenvolvi um tipo de manuscrito que torna fácil a leitura sem parecer que estou estritamente limitado às palavras exatas de um texto. Para a comunidade de culto tradicional, em que eu estou um tanto limitado nos movimentos no púlpito, eu basicamente leio o manuscrito de maneira cativante e em tom de conversa.

Quando vou até o Salão Grande com a comunidade contemporânea de culto, eu normalmente levo o manuscrito, embora às vezes faça alguma anotação em uma tira de papel ou prego sem anotações ou manuscrito. Ali eu ando para cá e para lá no meio da multidão, principalmente destacando os pontos mais importantes e contando histórias. Se eu tenho o manuscrito, eu o coloco em uma estante de música e recorro a ele de vez em quando a fim de manter meus pensamentos focados.

Mas mesmo a forma em que eu uso ilustrações com freqüência é diferente dependendo do ambiente. Recentemente, em uma mensagem chamada "Fazendo as compras para um guarda-roupa novo", baseada no ensino de Paulo em Colossenses 3.10,11 em que ele aconselha o cristão a "despir-se do velho homem" e "revestir-se do novo homem", comecei a perguntar às pessoas se elas gostavam do que eu estava vestindo. Em meu manuscrito, que segui de perto no culto tradicional, era assim:

> Você gosta do que estou vestindo hoje?
>
> Um dos meus amigos, que é pastor, diz que as pessoas reagem às diferentes cores de gravatas que ele veste no domingo.
>
> Você pensa assim?
>
> Ele diz que quando veste uma gravata amarela, elas parecem ficar impacientes rapidamente. Meu amigo diz que quando ele veste uma gravata vermelha, as pessoas parecem cantar melhor. Elas ficam mais atentas. Elas parecem compreender o ponto mais rapidamente.
>
> Agora, não sei se ele realmente entende disso. Mas sei que a roupa diz alguma coisa. Observamos a roupa uns dos outros. Os adolescentes observam o vestuário. Ele usa as marcas certas? É o tipo de roupa que todos os garotos certos usam na escola? As mulheres olham para o corte de um vestido. Os homens procuram a etiqueta da grife no bolso de uma camisa.
>
> Ah! A roupa diz alguma coisa, não diz?

Quando fui ao culto contemporâneo, improvisei toda essa parte. Simplesmente representei isso, levantando minha gravata na frente das pessoas e andando por toda parte para que todos a examinassem.

Em ambos os cultos o mesmo ponto foi destacado. Entretanto, a ilustração foi adaptada à congregação particular.

Tempo de transição

Logo que o culto termina na comunidade de culto tradicional, eu me retiro da nave da igreja e vou rapidamente para o meu escritório. Essa é a parte de que eu não gosto em relação a ter de fazer essa mudança radical nos domingos de manhã. Eu preferiria me demorar com algumas pessoas e passar momentos em conversas pastorais.

Entretanto, preciso ir embora a fim de fazer a transição para o culto seguinte.

Em meu escritório, tiro meu paletó, enrolo minhas mangas da camisa e repasso as páginas do manuscrito do meu sermão para fazer uma seleção. Decido se usarei o manuscrito de novo ou se preciso fazer algumas anotações rápidas em notas *post-it* ou se pregarei a mensagem sem anotação alguma.

Na melhor das hipóteses, esse exercício drena minhas forças de comunicação, esgotando minha energia. Na pior das hipóteses, sinto-me como se tivesse falhado em uma das comunidades de culto e termino o domingo com uma dor de cabeça terrível.

Normalmente, termino o domingo de manhã em algum lugar no meio desses dois pontos. Ainda assim, quando prego corretamente, há a grande possibilidade de que as duas congregações se movam paralelamente para a *parousia*. E cada uma, em sua peregrinação, pode realizar um ministério eficaz para Cristo.

Capítulo 56

O PREGADOR BRINCALHÃO

Como usar o humor e a ironia

Richard P. Hansen

Em sua maioria, os ouvintes de hoje são céticos em relação a poder e controle. Com a concessão que a nossa cultura fez ao relativismo, fomos ensinados a temer o patriarcado e o colonialismo, sem mencionar os pregadores e os políticos. Para se proteger da manipulação, a geração atual freqüentemente usa a ironia. O encolher de ombros e a piscadela desconstroem o poder melhor do que argumentos ou confrontos. Se não levarmos o governo, a igreja, a universidade ou a mídia a sério, eles não podem nos machucar, dizem os pós-modernistas. Além disso, quem, no final das contas, pode dizer quem tem a versão verdadeira da verdade?

Embora os pregadores que se consideram herdeiros da Palavra de Deus precisem ser céticos em relação a um ceticismo desses, acredito que podemos saquear

os egípcios usando humor e ironia em nossa pregação. Mais brincadeiras podem nos ajudar a comunicar mais seriedade. Mas isso não é fácil para alguém como eu, cujos ancestrais espirituais são João Calvino e John Knox.

Enquanto eu tentava ser menos sério, eis o que descobri.

Colorindo dentro das linhas

A brincadeira às vezes é mal interpretada. Uma das minhas tentativas antigas ocorreu enquanto pregava sobre a sexualidade. Para começar o sermão, eu pedi tanto aos homens como às mulheres para ler de forma responsiva algumas das passagens mais descritivas de Cântico dos Cânticos. Certo de que eu havia estabelecido o meu ponto, quando eles terminaram, perguntei, de maneira brincalhona: "Vocês sabiam que esse material proibido para menores de 21 está na Bíblia?".

Tive de encarar o silêncio de rostos petrificados e hostis. O que é brincadeira para uma pessoa é irreverência para a outra. Assim, é sensato saber os limites de sua congregação.

Outra tentativa com minha igreja atual deu resultados melhores. Um pregador visitante havia descrito ter ficado tão animado quando seu time de futebol americano fez um *touchdown,* marcando um ponto, que ele pulou de seu sofá na frente da TV, jogou os braços para cima e para baixo e gritou: "É isso aí, é isso aí, é isso aí. É isso aí". Assim, decidi usar sua reação engraçada no domingo seguinte depois que o solista acabou de cantar uma composição profundamente comovente.

"Só tem uma coisa que quero dizer depois da música do James", disse na minha melhor voz de pregador. Fiz uma pausa. E aí, abanando os braços, eu disse: "É isso aí, é isso aí, é isso aí. É isso aí". Todo mundo que tinha vindo ao culto no domingo anterior gargalhou.

Minha igreja anterior teria visto isso como algo irreverente. Mas não essa igreja. Eles consideraram isso brincadeira — e apropriada.

Pregadores brincalhões não tentam usar psicologia invertida. Não é afirmar o oposto do que quero ("Sabem o quê? Nossa igreja não precisa do seu dinheiro este ano"). Truques óbvios desses são tanto ineficazes quanto falsos.

A brincadeira não retrata falsamente a verdade nem a nega; ela cria uma nova dinâmica — dentro de mim. "O maior efeito da brincadeira e do paradoxo está em quem a faz, o realizador", diz Friedman. "Ela o tira da posição de *feedback*. Ela muda o equilíbrio da interdependência emocional. É a mudança na estrutura do triângulo que faz com que a outra pessoa funcione ou pense de maneira diferente

Na pregação, sou o "realizador". Tornar-me mais brincalhão me influencia mais do que a minha platéia. Torno-me menos sério. A brincadeira me liberta de me empenhar tanto em tentar causar um impacto. Conseqüentemente, ha mudança no triângulo emocional que envolve a mim, a congregação e a mensagem. As pessoas ficam livres para ouvir sem ativar suas defesas. A possibilidade de impacto na verdade aumenta.

Esse é o paradoxo.

A Linha Maginot

Acho útil identificar quais são as pessoas na congregação que mais quero convencer. Ironicamente, essas são com freqüência exatamente as pessoas que nunca tocarei. Por quê? Elas construíram uma linha Maginot.

A Linha Maginot era o sistema impenetrável de barreiras e casamatas construídas pela França para se proteger da Alemanha Imperial depois da Primeira Guerra Mundial. Na Segunda Guerra Mundial, porém, Hitler não atacou a França através da Linha Maginot. A divisão de seus *panzer* fez um desvio extenso em volta dela entrando na

França através da Bélgica. A França se rendeu rapidamente.

Quando os pregadores tentam causar um impacto com demasiado empenho, soa uma buzina elétrica e muralhas de casamatas se levantam. Os meus ouvintes freqüentemente sabem o que eu direi até mesmo antes que eu o diga (eles sabem quais as questões com que sou mais sério). Ao encarar uma Linha Maginot, os ataques frontais são valentes, porém ineficazes.

Em vez de aplicar força bruta em um ataque frontal, a sensatez sugere um desvio. Qual é a última coisa que eles esperam que eu diga sobre essa questão? O que os faria rir? Como posso ser brincalhão de forma agradável (e não de forma maliciosa)?

Picar como uma abelha

Pregadores brincalhões não exageram na informação exegética. Quando era um jovem pregador, eu estava certo de que, se eu apresentasse informações suficientes (com base nas línguas originais, é claro), poderia levar meus ouvintes à fé à base de pauladas. Meus sermões eram como lutas de boxe: nem sempre eu vencia por nocaute, mas esperava ganhar por pontos.

Desde então, aderi à escola de homilética de Mohammed Ali. Preciso aprender a dançar como uma borboleta se quero picar como uma abelha. O trabalho dos pés de um sermão (como se diz) é simplesmente tão essencial — se não mais — do que o conteúdo (o que se diz).

É claro que o trabalho dos pés é um meio para um fim — impacto. Sermões com toques brincalhões não pretendem impressionar o ouvinte (ou o pregador) com a criatividade de alguém. Eles são usados para comunicar a verdade.

Certa vez, preguei sobre a Ceia do Senhor como um prelúdio para o banquete messiânico. Eu queria comunicar a alegria sentida pela igreja primitiva enquanto celebrava esse evento. Entretanto, somente se eu abordasse o assunto de forma mais suave, eu poderia fazer um desvio ao redor dos anos de tradição solene de minha igreja. O sacramento tinha mais uma aura de velório do que ar de banquete.

Tive a idéia de trazer testemunhas oculares que relatassem a sua alegre experiência. Imaginei o que fornecedores de refeições poderiam ter observado nesse evento.

O sermão começou com dois atendentes fazendo uma pausa para respirar fundo enquanto serviam o banquete celestial. Logo, começam a conversar sobre seus trabalhos anteriores como garçons para o Senhor. Eles se lembram das festas do Antigo Testamento no templo, a refeição de Jesus no cenáculo com os seus discípulos, as refeições-ágape da igreja primitiva e as expressões modernas que, de alguma forma, perderam a alegria projetada para esse evento. Finalmente, os garçons apontam para as pessoas apreciando o banquete celestial e perguntam um ao outro: "Quando eles estavam lá na terra, será que alguma vez chegaram a entender o que estavam fazendo?".

Esse sermão, "As observações dos garçons de Deus" foi meu trabalho dos pés bem elaborado ao redor das expectativas entrincheiradas de meus ouvintes. Visto que ele foi exibido por meio de personagens engraçados e imaginários, a maioria dos ouvintes não se armou e nem se sentiu ameaçada.

Com amigos como esses

Alguns de nós precisam de permissão para serem brincalhões. Com minha personalidade, minha pregação tende a ser séria: percorrer caminhos já trilhados, expressando as doutrinas da fé em imagens de séculos atrás. Felizmente, eu também tenho alguns amigos que me libertam para que eu seja divertido com os grandes temas de minha fé.

Um amigo assim é Frederick Buechner. Outro é C. S. Lewis. Enquanto estudo, deixo uma antologia de um ou de outro à mão. Eu a folheio por quinze ou vinte minutos enquanto começo a pensar sobre o meu sermão. Suas idéias divertidas, mesmo em temas completamente dissociados do meu tema, instigam-me a também brincar com idéias. Em sua companhia, vejo abordagens frescas da história bem antiga. O livro de C. S. Lewis *Cartas do Diabo ao seu Aprendiz* é extremamente sério, mas também é muito engraçado. Lewis nos mostra sua postura de brincalhão nas citações iniciais: "A melhor maneira de expulsar o diabo, se ele não se sujeitar a textos das Escrituras, é caçoar e zombar dele, pois ele não suporta o escárnio" (Martinho Lutero). E "o diabo [...] o espírito orgulhoso [...] não agüenta ser escarnecido" (Thomas More).

Brincando com Palavras

"A diferença entre a palavra certa e a palavra quase certa", escreveu Mark Twain, "é a diferença entre o raio e o vaga-lume". Esse é um lembrete útil. As palavras são a matéria prima dos sermões. O uso certo das palavras pode introduzir em um sermão doses necessárias de humor.

Aqui estão algumas perguntas que faço a mim mesmo para adicionar frescor às minhas palavras.

Isso pode ser entendido de formas diferentes? Enquanto preparava uma mensagem de páscoa sobre a experiência do caminho de Emaús, percebi que, quando os

discípulos céticos foram confrontados com o Cristo ressurreto, o texto diz: "não o crendo eles ainda por causa da alegria" (Lc 24.41, ARC).

Ficou claro para mim que a afirmação: "Não consigo acreditar nisso", pode ser entendida de duas maneiras: ou como uma expressão de dúvida, ou como uma expressão de êxtase de alegria (como quando o time estado-unidense de hóquei de 1980 ganhou uma medalha de ouro olímpica contra todas as probabilidades: "Não consigo acreditar nisso!"). Meu sermão traçou a jornada que cada um de nós trilha junto com os discípulos. Começou com a afirmação: "Não consigo acreditar nisso", de dúvida e desespero descendo penosamente a estrada para Emaús e terminou com a afirmação: "Não consigo acreditar nisso", de alegria, abraçando e dançando na presença do Cristo ressurreto.

Isso tem um significado pouco conhecido ou surpreendente? O dr. Ian Pitt-Watson, antigo professor de pregação no Seminário Teológico Fuller, certa vez pregou um sermão em que ele, de maneira brincalhona, contrariou a pressuposição comum de que a bem-aventurança de Jesus "bem-aventurados os mansos" (ARC) implica a debilidade de um fracote.

Ele observa acerca da palavra "manso": "Na Bíblia francesa, a palavra é traduzida por *debonair*— cortês! — com implicações de cortesia, cavalheirismo, bravura (lembra-se das pessoas de sucesso do passado em Hollywood e de Cary Grant em seu auge?). *Debonair*. gentil, sensível, modesto, não pretensioso — ainda assim, forte e bravo e divertido e feliz".

O cortês Cary Grant libertou a "mansidão" das imagens negativas em que eu a havia aprisionado.

Nem todo sermão pode ou deve ser divertido. Mas quando percebemos que estamos nos empenhando cada vez mais, e com pouco efeito, talvez seria bom tentar com menos empenho. Relaxe e se divirta! É libertador para nós e os nossos ouvintes quando dizemos, junto com Bill Muray, um ex-aluno do *Saturday Night Live* \ "Ei, estou falando sério!".

Capítulo 57

QUE AUTORIDADE AINDA TEMOS?

Como construir uma ponte sobre a abismo da falta de credibilidade

Haddon Robinson

O tempo mudou a maneira como as pessoas enxergam os pastores. O pregador médio de hoje não terá sucesso à base da dignidade de sua posição.

Há um século, o pastor era visto como a pessoa de sabedoria e integridade da comunidade. A autoridade estava no escritório do pastor. O ministro era o pároco, com freqüência a pessoa mais bem-instruída na cidade e a que as pessoas procura-

vam para ajudá-las a interpretar o mundo externo. Ele tinha a oportunidade única de ler e estudar e freqüentemente era a principal voz na hora de decidir como a comunidade deveria reagir em qualquer situação moral ou religiosa.

Mas, hoje em dia, o cidadão médio tem uma visão diferente de pastores e pregadores. Talvez eles não nos coloquem em pé de igualdade com artistas da escória ou levantadores de fundos manipuladores, mas enfrentamos um desafio olímpico para ganhar respeito, credibilidade e autoridade.

Face ao desprezo da sociedade — ou por serem relegados a uma caixa etiquetada com o título de "particular" ou "espiritual" — muitos pregadores lutam com a questão da autoridade. Por que alguém deveria prestar atenção em nós? Qual é a fonte de nossa credibilidade? Em uma atmosfera dessas, como podemos recuperar a autoridade legítima de que nossa pregação precisa para comunicar o evangelho com poder e eficácia?

Deixe-me identificar algumas diretrizes que me ajudaram.

Articule sentimentos ainda não expressados

Uma maneira de construir a credibilidade com as congregações de hoje é deixar as pessoas verem que você entende sua situação. Muitas pessoas no banco suspeitam que os pregadores vivem em outro mundo. As pessoas no banco podem ouvir educadamente a palavra de um relator do passado bíblico distante, mas não ficam fascinadas a não ser que acreditem que esse orador fala à sua condição.

É por isso que, em um sermão, tento falar pelas pessoas antes de falar a elas, Você alguma vez já ouviu um orador e percebeu que estava dizendo: "Sim, isso está certo, essa também é minha reação"? O orador deu palavras aos sentimentos que você vinha alimentando — talvez de forma melhor do que você os poderia ter expressado. Você percebeu que o pregador o conhecia. Ele explicou você a você.

Cativamos a atenção das pessoas quando mostramos que nossa experiência se justapõe à delas. Por exemplo, um pregador pode dizer: "Não há lugar para um arremessador que não passa de 10 pontos por jogo na seleção de basquete". Se os ouvintes estão familiarizados com esportes, eles sabem que isso é verdade. O pregador está falando a sua língua.

Ou o ministro pode extrair uma frase-ápice de uma história em quadrinhos ou usar material de uma revista de negócios ou de um bom jornal. Um executivo do mundo empresarial estará em sintonia com isso. Obviamente, esse pastor sabe um pouco mais sobre o bê-á-bá da economia do que só de jogar banco imobiliário. Por meio de ilustrações, o pregador revelou algo a respeito de suas leituras, seu pensamento e sua consciência de aspectos da vida. Quando algumas áreas do orador se sobrepõem às dos ouvintes, é mais provável que eles ouçam. Um ingrediente na pregação eficaz é usar material específico que conecte com vidas n: congregação.

Preste atenção na congregação invisível

Outra forma em que os pregadores eficazes conectam com a platéia é colocar seis ou sete pessoas específicas de carne e osso junto de sua escrivaninha durante o seu preparo. Reúno um comitê desses em minha mente tão real para mim quanto se eles estivessem ali.

Nesse grupo, está sentado um amigo que é um cínico sincero. Enquanto penso sobre o meu material, eu, às vezes, posso ouvi-lo dizendo com suspiros: "Você deve estar brincando, Robinson. Isso é um lanche rápido religioso e sem valor nutritivo. Em que mundo você vive?".

Outra é uma mulher de idade cristã simples que leva os pregadores e a pregação muito a sério. Enquanto preparo sermões, pergunto: "Estou levantando questões que a incomodarão? Meus sermões a ajudarão?".

Um adolescente se esparrama no círculo, perguntando quanto tempo demorará a minha pregação. Posso fazer o sermão parecer mais curto se eu puder mantê-lo interessado.

Uma mãe divorciada ocupa seu lugar se sentindo sozinha e oprimida pela sua situação. O que eu devo dizer a ela?

Ainda há o não-cristão que não entende os jargões da religião e, ainda assim, veio à igreja, mas não sabe bem por que fez isso.

Outra pessoa ganha a vida como estivador. Ele é muito leal ao sindicato, pensa que a administração do porto só explora os funcionários, xinga se fica chateado e gosta de jogar boliche às quintas-feiras à noite.

A última é uma professora negra que preferiria freqüentar uma igreja negra, mas vai a uma igreja branca porque seu marido pensa que isso é bom para os filhos. Ela é cristã, mas não está contente com a vida. Ela é muito sensível em relação a comentários racistas e comentários mordazes sobre mulheres e me deixará ficar sabendo se meu sermão se centrar em valores brancos e de classe-média embrulhados como absolutos bíblicos.

Mudo o grupo de tempos em tempos. Mas todos eles são pessoas que conheço. Eles têm nomes, rostos e vozes. Eu poderia preparar um *curriculum vitae* sobre cada um deles. Embora eles não saibam disso, cada um deles contribui de forma relevante para a preparação do meu sermão.

Fale com autoridade

Os pregadores, é claro, tem de ser mais do que "companheiros de lutas". Ninguém é encorajado com observações do tipo: "Você é um perdedor; eu sou um perdedor, vamos continuar perdendo juntos".

As pessoas querem acreditar que você seguiu seu próprio conselho e que, embora não tenha chegado ao alvo, está no caminho. Você nunca será um bom arremessador observando os que acertam uma ou outra cesta no basquete. Mas tente imitar os cestinhas dos jogos, mesmo que, às vezes, eles errem.

Do mesmo modo, as pessoas querem ouvir alguém que sabe qual é a luta, levam a mensagem da Bíblia a sério e sabem arremessar.

É claro que nos identificamos com as necessidades e experiências de nossa congregação — somos exatamente tão humanos quanto eles. Mas nossa tarefa é falar uma palavra que seja qualitativamente diferente da conversa normal. A pregação eficaz combina os dois e concede às pessoas a esperança de que podem ser melhores do que são.

Quando a combinação está certa, falamos com autoridade, o que é diferente de ser autoritário. Pregar com autoridade significa que você fez sua tarefa de casa. Você conhece os conflitos e as feridas das pessoas. Mas também conhece a Bíblia e a teologia. Você pode explicar a Bíblia claramente. Contribuímos para a nossa credibilidade quando praticamos a pregação bíblica.

O autoritário, entretanto, é alguém que fala sobre coisas bíblicas e não bíblicas no mesmo tom de voz. Quer o assunto seja a final do campeonato nacional de futebol quer a Segunda Vinda de Cristo, o veredicto é proferido com a mesma certeza e convicção.

Um tom autoritário sem autoridade bíblica genuína é barulho e fúria que não significam nada. Quando falamos com autoridade, pregamos a mensagem da Bíblia sem embaraço, mas também comunicamos a idéia de que nem sempre sabemos como ajustar a fé à vida.

Seja preciso nas descrições

A autoridade também vem de um histórico pessoal de ser verdadeiro e não distorcer os fatos. E especialmente importante sermos precisos em nossas definições e descrições, quer estejamos definindo o contexto histórico de um texto quer estejamos usando uma ilustração adequada. A precisão constrói a credibilidade.

Certa vez, usei uma ilustração sobre cobras e me referi a elas como "criaturas viscosas e venenosas". Uma mulher veio até mim depois e disse: "As cobras não são viscosas, elas são secas. E a maioria das cobras não é venenosa". Ela trabalhava em um zoológico, de forma que detectou que eu não havia sido cuidadoso em minha descrição. Como resultado, dei motivo a ela para suspeitar do restante que eu tinha a dizer.

A necessidade de precisão é particularmente aguda com uma platéia crítica ou com aquela que não nos apóia quase nada. Eles se concentram em erros secundários como uma razão para não ouvir o restante do que você tem a dizer.

Mostre caráter

No caso de líderes de igreja, talvez nenhum fator contribua mais para a autoridade e a credibilidade legítimas do que o caráter cristão autêntico. E o que Aristóteles chamou de etos; nos termos do Novo Testamento, isso é ser maduro.

correto. Hoje em dia, se queremos credibilidade no púlpito, o caráter genuíno precisa aparecer.

Parte da pregação eficaz é a habilidade de fazer a apresentação se igualar à convicção interior. A imagem que projetamos influenciará nossa credibilidade. A aparência no púlpito influenciará a maneira em que as pessoas respondem. Estou convencido interiormente, por exemplo, da importância da disciplina e ordem na vida cristã. Como posso me apresentar de uma forma que se iguale à convicção interior? Nos primeiros 30 segundos, as pessoas estão decidindo se me ouvirão. Deus olha o coração, mas as pessoas em nossa cultura olham o exterior. Meu cabelo está desalinhado? Meus sapatos precisam ser lustrados? Se estou uns sete quilos acima do meu peso, eles podem achar que não sou disciplinado ou que não me importo comigo mesmo.

Obviamente, uma vantagem de um ministério prolongado é que o pastor tem uma chance melhor de juntar a realidade com a percepção. O pastor de longo prazo é julgado mais pelo seu padrão de comportamento do que por uma aparência específica. É mais provável que as pessoas digam: "O pastor não só fala sobre amor; ele dá amor. Ele estava aqui na crise da minha família quando precisávamos dele". Um padrão de cuidado pode compensar uma multidão de sermões menos que espetaculares.

O outro lado da questão, sem dúvida, é que podemos ter coisas que mancharam nossa reputação e que precisamos consertar, e isso leva tempo. Um pastor conhecido meu perdeu a paciência em uma reunião do conselho e disse, com raiva, algumas palavras severas. Agora, meses depois, quando ele está em pé no púlpito, algumas pessoas tocam esse disco mentalmente. Outro pastor em uma situação similar confessou seu uso errado da ira e pediu perdão publicamente. Ele o obteve. Nesse caso, as pessoas aprenderam que a pessoa que eles viam no púlpito era real e tinha integridade.

Etos resulta do ministro autêntico — orar por indivíduos, lembrar do nome das pessoas, importar-se com elas nos tempos de crise. E também resulta de reconhecer e articular os conflitos que as pessoas enfrentam e oferecer uma palavra apropriada de Deus. Tudo isso molda nosso caráter, e esse caráter é vital à medida que nós, pregadores, lutamos para obter nossa autoridade de direito entre aqueles a quem servimos.

Parte quatro

INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO

Como posso compreender o significado correto das Escrituras e apresentar a sua relevância a ouvintes tão singulares?

Capítulo 58

POR QUE O SERMÃO?

Qual é o propósito eterno desse exercício semanal de eloqüência?

Ben Patterson

Ouviu-se por acaso uma menininha que andava de ônibus perguntar ao seu pai: "Papai, onde vamos estar quando chegarmos aonde estamos indo?".

Essa pergunta precisa ser feita por pregadores e igrejas em relação ao sermão. Onde estaremos quando chegarmos ao lugar a que o sermão deve nos levar? A confusão quanto a essa questão arruinou mais sermões do que todos os outros tipos de incompetência homilética.

Aliás, eu ouvi sermões que falharam apesar da exegese correta e do discurso refinado. Eles falharam porque o pregador não tinha uma idéia clara de aonde os ouvintes deveriam chegar.

Para onde o sermão deve levar o ouvinte? Para que fim o evangelho foi dado? Eu proponho que a resposta de Paulo em Efésios 1 permanece a melhor. Depois de ouvir todos os benefícios do evangelho, ele conclui que temos essa grande salvação "a fim de que nós [...] sejamos para o louvor da sua glória" (Ef 1.12). Se o ensino do livro de Apocalipse se resumisse a um único ponto, seria o de confirmar a declaração de Paulo. Os santos de Deus são apresentados como fazendo exatamente o que Paulo disse que era o propósito de Deus em nos salvar em primeiro lugar: eles estão louvando, adorando e agradecendo a Deus continuamente. A eternidade parece um interminável e alegre concerto realizado em homenagem a Deus pelo seu povo redimido. Tanto Deus quanto eles parecem apreciá-lo imensamente.

Os sermões devem ser pregados para que os ouvintes possam louvar, adorar e dar graças a Deus. Eles não são pregados para que as pessoas apenas se arrependam. Eles não são pregados nem mesmo para que as pessoas acreditem que o evangelho é verdadeiro. Eles são pregados para que homens e mulheres se arrependam e creiam no evangelho *para que possam louvar a glória de Deus.*

Várias implicações metodológicas derivam dessa visão.

Um tipo diferente de preparação

O primeiro item do planejamento do pregador deve ser a rigorosa preparação do sermão. No seminário, me disseram que a boa pregação exigiria aproximadamente uma hora de preparação para cada minuto pregado. Creio que esse é um ótimo preceito, mas não é isso que tenho em mente. Os homens que me deram esse conselho gerador de culpa eram acadêmicos, e o que eles queriam dizer eram

horas de pesquisa, escrita, depuração do manuscrito e prática da pregação do sermão até que o que fosse dito no domingo de culto fosse digno da banca de doutorado de alguém. O que tenho em mente são as disciplinas pessoais necessárias da contemplação do Deus cujo evangelho será pregado no domingo. Se o pregador chamará as pessoas para adorarem a Deus, é melhor que o pregador esteja adorando a Deus!

Estou cansado de livros e seminários sobre a pregação que há por aí hoje. Na verdade, estou cansado dos seminários, e ponto. Eles evidenciam a nossa fascinação pelas técnicas e não pela essência, por métodos no lugar da integridade. Em meus momentos mais otimistas, admito o valor de se aprender técnicas que resultam em a boa escrita e o bom discurso. Mas esse é um segundo lugar distante do imperativo fundamental da familiaridade com o Deus cujo evangelho pregamos. Precisamos aprender a orar se queremos aprender a pregar!

Jack Sanford conta a historia de um poço antigo que sua família usava durante suas férias de verão na parte rural de New Hampshire. A água era fria, pura e refrescante e nunca secava, mesmo nas piores estiagens de verão. Quando outras pessoas eram forçadas a ir até o lago para buscar água, a família Sanford apenas tinha de sair pela porta da frente para o antigo poço, que fielmente lhes dava seu alívio fresco e cristalino.

Os anos passaram e a família decidiu modernizar a casa de férias. As lâmpadas de querosene foram substituídas por eletricidade; e o antigo poço, por encanamento interno e água corrente. O poço foi tampado a fim de que, se algum dia houvesse necessidade, tivessem água. Mais anos se passaram, e, um dia, Sanford teve saudades do antigo poço e de sua água. Ele o destampou para olhar para dentro e experimentar a água novamente. Ficou chocado ao encontrar o poço totalmente seco.

Resolveu investigar para descobrir o que havia acontecido. Descobriu que aquele poço era alimentado por centenas de pequenas correntes subterrâneas. Quando a água é tirada de um poço desses, mais água escorre para dentro dele por meio das correntes, mantendo os veios de água abertos e limpos. Do contrário, eles ficam obstruídos e fecham.

Sanford observou que a alma se parece bastante com esse poço. Ela seca por dentro se a água viva de Deus não fluir para dentro dela. O que a faz secar não é a ausência do Espírito de Deus, mas a falta de uso. A não ser que nós, pregadores, vamos ao poço com freqüência e regularidade, a não ser que extraiamos de lá o alimento de Deus, nossa pregação é seca e vazia. Ela pode até ser brilhante intelectualmente, pode até fazer as pessoas rir e chorar, pode até estar repleta de discernimento maravilhoso e ser pronunciada com estilo e energia, mas será sempre vazia. O objetivo do sermão é que Deus seja louvado. Isso não acontece a não ser que o pregador seja um espectador da sua glória.

O evangelho no contexto

Para declarar a gloria de Deus, o sermão precisa encarar aquelas coisas que desafiam a gloria dele. Ele precisa encarar honestamente todas as questões perturbadoras da vida. Eu preciso estabelecer o contexto triste em que a gloria de Deus é conhecida. As boas notícias de Deus não são realmente boas notícias enquanto não lidarem com as más notícias da vida.

O primeiro filho de um jovem casal havia nascido morto. Eu fui visitá-los no hospital e depois me encontrei com eles em sua casa para realizar um culto em memória da criança. Eles estavam compreensivelmente perturbados e aflitos. Perguntaram muitas vezes: "Por quê? Como Deus pôde permitir que uma coisa dessas acontecesse?".

Eu nunca sei bem o que fazer nessas situações, se eu deveria tentar responder a seus questionamentos ou apenas colocar meu braço nos seus ombros e orar por paz e conforto. Normalmente faço a segunda coisa. Mas depois de algumas semanas desses questionamentos, comecei a falar sobre o lado teológico da questão com eles. É claro que eu não pude oferecer nenhuma solução clara. O que começou a me impressionar, entretanto, foi o quanto tanto o marido quanta a esposa estavam despreparados para pensar sobre o problema do mal e do sofrimento no mundo. Qualquer que tivesse sido a instrução prévia na fé que haviam recebido, ela não havia chegado nem mesmo a levantar a questão.

Eu fui embora da casa deles me perguntando se eles realmente alguma vez já haviam ouvido o evangelho. Eles eram jovens de boa aparência e bem de vida que haviam feito uma conexão em sua mente entre o sucesso que tinham experimentado na vida e o deus em que acreditavam. Quando o sucesso os abandonou, assim fez o seu deus. Eles deixaram a igreja.

Muita pregação popular hoje em dia é do tipo que chamo de "tudo-é-melhor-com-Jesus". Como o refrigerante que é o complemento perfeito para a refeição ou o lanche, assim é Jesus para o resto de nossa vida. Ele acrescenta exatamente o toque certo. Isso é blasfêmia. Ele não é o complemento da refeição, ele é a refeição. Demasiados sermões "práticos" estão sendo pregados nos Estados Unidos sobre como "superar a ansiedade", como "vencer a depressão" ou como "superar a sua crise de meia-idade". Não existe nada inerentemente errado nessas questões importantes. Mas isso deveria ser feito na escola dominical ou em um seminário, e não no sermão. Pregar essas coisas não é pregar o Evangelho, mas a literatura sapiencial; não é pregar João 3.16, mas Provérbios. Deus não nos deu seu Filho para que nos tornássemos pessoas melhores, mas para que pudéssemos nos tornar a Nova Humanidade, não para que pudéssemos chegar a um patamar melhor neste mundo, mas para que fôssemos transformados para o próximo.

O evangelho precisa ser pregado e ouvido diante do pano de fundo sombrio da morte, da tragédia, da fome mundial e do perigo nuclear. Do contrário, nunca será pregado nem ouvido. A glória de Deus não vêm até nós em um vácuo, mas no

meio da dor da vida. As pessoas que evitam a dor também evitarão o evangelho. Não existe nada tão doce como o som do louvor e as ações de graças que vêm dos lábios daqueles que olharam inflexivelmente para a agonia dessa era presente e puderam exclamar: "Apesar disso, eu sei que o meu Redentor vive!".

Louvando a glória de Deus

Visto que o objetivo da pregação é que homens e mulheres possam louvar a glória de Deus, os pregadores precisam labutar com toda sua força para apresentar o evangelho em toda sua glória. O Lord Kenneth Clark, narrador do programa de televisão *Civilisation [Civilização*], certa vez disse a um repórter: "Eu ainda vou à Catedral de Chartres todos os anos e visito o Partenon a cada três anos. Isso é muito bom. Mantém elevados os seus padrões". Isso é o que a pregação autêntica faz: mantém elevados os padrões das pessoas.

Talvez isso seja óbvio. Mas eu penso que não, por causa do que ouço e leio de pregadores populares neste país. Em caso de dúvida, considero-os inocentes e tomo por certo que seus motivos são bons, que tudo que estão tentando fazer é pregar para as pessoas de um modo que seja compreendido. Alguém expressou isso da seguinte forma: "Eu coloco meus biscoitos na prateleira mais baixa, para que todos os alcancem". E um pecado, eles sentem, tornar o evangelho tão sofisticado ou intelectual que ninguém possa entendê-lo.

Eu não discordo. Mas preciso acrescentar que há um erro igual e contrário, e este é tornar o evangelho demasiadamente acessível e aceitável. O primeiro aprisiona o evangelho na obscuridade; o segundo, o aprisiona na familiaridade. O evangelho e a glória de Deus que ele proclama são tanto próximos quanto distantes de nós. Não fazemos nenhum favor a Deus quando o domesticamos tanto que ele se torna praticamente irreconhecível, indistinguível de qualquer coisa em que já acreditávamos quando entramos na igreja.

Paulo falou de maneira desaprovadora sobre aqueles que "negociam a palavra de Deus" (2Co 2.17). A palavra se refere a pessoas que vendiam vinho nos mercados gregos. Ele normalmente era vendido por preço de barganha e era freqüentemente diluído em água. Não podia haver dúvida de que esses mercadores estavam tornando seu produto acessível às pessoas comuns. Alguns podem até mesmo ter se justificado pelo fato de diluírem o vinho dizendo que era para torná-lo acessível. Ê claro que isso é racionalização útil para si mesmo. Em seus esforços para tornar o vinho acessível, eles na verdade estavam empobrecendo seus compradores e enriquecendo a eles mesmos.

A boa pregação deve ser sempre um pouco difícil de se compreender, não apenas porque a palavra do julgamento acompanha a palavra de salvação, mas também porque ela proclama o evangelho que é mais extraordinário e rico e desafia mais a nossa mente e espírito do que jamais poderíamos imaginar. As pessoas devem ser forçadas a crescer em todas as direções quando nos ouvem pregar. Deus precisa ser visto com admiração e estupefação antes de poder ser verdadeiramente louvado.

Um antigo conto dos assideus fala a respeito de um homem cujo nome era Bontscha. Ele era chamado de Bontscha, o Silencioso, porque nunca havia conhecido nada se não desastres, perda, dor e fracasso e nunca havia reclamado nem esperado qualquer coisa melhor. Quando ele morreu, apareceu diante do tribunal celestial. Deus, o Juiz, declarou: "Lá no outro mundo ninguém o entendia. Você nunca se entendeu a si mesmo. Você nunca entendeu que não precisava ficar quieto, que poderia ter gritado e que seus gritos teriam feito desabar o próprio o mundo".

O Juiz, então, ofereceu-lhe uma recompensa — qualquer coisa que ele quisesse. Tudo que precisava fazer era pedir. Bontscha abriu sua boca pela primeira vez para revelar seu desejo mais profundo... e disse ao Juiz que "gostaria de um pãozinho quente com manteiga fresca todas as manhãs para o café". O céu ficou envergonhado e chorou.

O maior empobrecimento de Bontscha foi que ele havia se tornado incapaz de sonhar qualquer coisa que valesse a pena.

O pregador precisa apresentar a glória de Deus tão claramente e atrativamente quanto a língua humana permitir. Do contrário, tanto o pregador como as pessoas serão reduzidas a indivíduos que sonham sonhos pequenos e tentam realizar coisas pequenas para Deus, quando poderiam estar fazendo muito mais. Do contrário, sucumbirão ao que Annie Dillard chama de "a tentação enorme em tudo na vida de perder tempo por aí fazendo amigos insignificantes, comendo refeições insignificantes, fazendo viagens insignificantes por anos insignificantes até o fim". O problema disso, diz Dillard, é que Deus e "o mundo são mais amplos do que isso em todas as direções, mais perigosos e penetrantes, mais extravagantes e radiantes. Nós estamos fazendo confusão quando deveríamos estar fazendo folia; nós estamos plantando tomates quando deveríamos estar ressuscitando Caim ou Lázaro" (*Pilgrim of Tinker Creek).*

Chamar pessoas para louvar a glória de Deus por meio do enfrentamento de todas as questões perturbadoras da vida e da apresentação da glória de Deus de modo tão puro quanto possível nem sempre é algo popular a se fazer. Mas isso será real, com o perdão da expressão. Continuará a chamar um povo que será sal e luz em um mundo cuja glória própria não tem brilho e é transitória.

Capítulo 59

EXTRAINDO O OURO DO TEXTO

Como você tira proveito das riquezas inesgotáveis das Escrituras em sua pregação — sem parecer um comentário bíblico?

John Koessler

Meu objetivo como pregador é ajudar a platéia a entender o significado do texto, ajudá-la a interpretá-lo e, depois, entender quais são as implicações para os

ouvintes. Isso porque o poder do sermão está enraizado no texto. Em 2Timóteo 3.15-17, lemos que as Escrituras são inspiradas, inspiradas por Deus, e são úteis para equipar o cristão para toda boa obra. Nós trabalhamos com tanto empenho em nossos sermões que, às vezes, esquecemos que o poder da mensagem é a Palavra.

Impostores que tentam barrar um sermão orientado pelo texto

Vários impostores podem atrapalhar as Escrituras como força-motriz do sermão. O primeiro impostor é usar o texto apenas como um trampolim para o resto da mensagem, no qual você começa com um texto e, depois, ele desaparece da mensagem. Eu ouvi um sermão há alguns anos em que o pregador começou a ler Romanos 6, mas, a seguir, ele fechou sua Bíblia e a colocou em baixo do púlpito, e isso foi a última coisa que ouvimos do que o texto realmente dizia. Nesse caso, as Escrituras eram ornamentais. Não tinham um papel significativo na mensagem. Em nenhum momento ele mostrou como os pontos principais e os subpontos se relacionavam com o texto. A leitura do texto deu a impressão de que ele pregaria a partir da Bíblia, mas, quando você ouvia o que ele dizia, isso não vinha dela.

Outro impostor é o tipo de sermão que eu às vezes ouço em um contexto de cultos voltados para os que estão à busca da religião. Esse sermão passa grande parte do tempo estabelecendo uma base comum com o ouvinte, o que evidentemente é necessário, mas talvez por causa da grande preocupação de como a platéia reagirá, o pregador nem mesmo usa a Bíblia. Ele é bíblico no sentido de que o que é dito está em harmonia com a verdade bíblica, mas não há conteúdo bíblico explícito no sermão. Isso não é um sermão. Isso é discurso motivacional e não tem lugar na igreja. Não deixa a autoridade do sermão clara. A autoridade se torna as experiências descritas na mensagem ou a personalidade do pregador, o éthos. Tudo isso é importante, mas, como pregador, minha autoridade e meu poder estão na Palavra. Não estão na minha capacidade de persuasão ou na inteligência das histórias que uso. Quando você remove a Bíblia do sermão, não há mais sermão.

Como se adaptar adequadamente aos ouvintes

Uma linha de pensamento é a seguinte: "Se eu cito a Bíblia, meus ouvintes não vão respeitar minha autoridade; se cito uma celebridade atual, eles vão acreditar nisso".

Você não encontra o apóstolo Paulo ou Pedro nem mesmo Jesus se desviando da Palavra de Deus. Eles não têm medo de basear o que dizem na Palavra de Deus ou de identificar a verdade bíblica como a base de sua autoridade. Agora, você encontra, em relação ao apóstolo Paulo, em particular, uma sensibilidade pela platéia. Por exemplo, quando ele está pregando aos judeus, há um toque judaico em sua pregação. E quando está pregando aos gentios, ele é sensível à cultura deles. Em um caso, ele até mesmo cita um filósofo grego. Mas ele sempre volta à verdade bíblica. Ele prega o evangelho, a mensagem de Cristo.

Pode haver um falso medo de que, porque os ouvintes não respeitam essa autoridade, não posso depender dessa autoridade. Isso me dá uma responsabilidade maior de, primeiro, entender suas suposições para que eu possa me voltar às objeções que eles possam ter e, segundo, comunicar o que a verdade bíblica diz de modo que conecte com a platéia. O fato de que o texto é o fundamento do sermão não me isenta da responsabilidade de fazer a exegese de minha platéia nem de aplicar o texto.

Não posso usar a Bíblia como um feitiço que, contanto que eu leia o texto, terá esse efeito mágico sobre a platéia. Se isso fosse verdade, não precisaríamos pregar de forma alguma. Nós apenas leríamos a Bíblia em uma esquina e, quando o som chegasse aos ouvintes, algo mágico aconteceria, e as pessoas mudariam. Seria bom se tivéssemos mais leitura da Bíblia nas igrejas. Mas um processo de argumentação e raciocínio e de compreensão da platéia é necessário. Em suas cartas, Paulo está sempre prevendo como seus leitores reagirão. Ele dirige as observações a eles: "Alguns de você dizem isso", "alguns de você dizem aquilo". "E quanto a isso?"; "E quanto àquilo?". Precisamos fazer isso. Mas a âncora dele é sempre a verdade de Deus.

Um dos papéis do pregador é mediar a verdade de Deus para a platéia. Freqüentemente, há aplicação explícita no próprio texto. Há um contexto cultural com que a passagem lida. Mas pode não ser a aplicação com que minha platéia tem de lidar e freqüentemente não é o contexto cultural imediato em que minha platéia se encontra. Assim, aqui eu tenho essa verdade registrada. Ela é inerrante. Ela é inspirada. Tudo que ela diz é verdade. E eu tenho a minha platéia. Estou no meio e estou tentando usar a verdade bíblica e mostrar as implicações aos meus ouvintes. Mas eles precisam entender o que ela diz e as coisas que eu os encorajo a fazer, e a autoridade disso precisa vir da Palavra de Deus.

É válida a abordagem de começar com a autoridade de alguém que eles respeitam e, depois, ir até a Bíblia e dizer: "Essa é a autoridade para isso que estou dizendo a vocês". Essa é freqüentemente a função da introdução, começar com uma base comum. Você começa com sua experiência ou começa com alguma autoridade que eles reconheçam. Assim, você cita estatísticas sobre o casamento ou o concubinato e diz que simplesmente morar junto sem compromisso não é uma boa idéia por uma série de razões.

Ou você pode citar isso para que a maioria das pessoas pense que essa é uma boa idéia, para levá-las a pensar sobre isso. E, depois, você as leva a uma voz divergente nas escrituras. No entanto, seu objetivo é mover o foco para a palavra.

Eu quero que minha platéia pense a respeito do que a Bíblia diz e quais serão as implicações para eles. Eu quero ancorar isso no texto. Não quero batizar o sermão com o texto apenas porque é um sermão e tem de haver Bíblia nele. Nós queremos que os ouvintes reflitam profundamente no que ela diz.

Grant Osborne fala a respeito de uma espiral hermenêutica em que você vai e volta durante todo o sermão: do texto para a platéia, do texto para a platéia, do texto para a platéia. Mas no final das contas, o que você diz no sermão é a afirmação de Deus para a vida daquela pessoa. Aquela pessoa precisa saber que isso vem das Escrituras.

Por que os sermões involuntariamente se afastam do texto

Ninguém que eu conheço se propõe a preparar e pregar um sermão que seja desconectado do texto. Desconfio que, se você perguntar a pregadores em qualquer domingo o que estão pregando, eles responderão que estão pregando a Palavra de Deus. Mas há vários fatores que inadvertidamente podem nos afastar do texto.

Um dos mais comuns é que somos movidos pela aplicação. É importante que eu seja relevante para a minha platéia. Assim, passo bastante tempo pensando sobre a platéia e suas situações de vida. Mas quanto mais me dirijo para a platéia e quanto mais me afasto das situações de vida a que o texto explicitamente se dirige, maior é a tentação de eu me desconectar do texto.

Um padrão comum na pregação expositiva é começar com o texto e falar sobre o que o texto diz, prover um tipo de comentário para a platéia. Nós falamos a respeito da gramática, da sintaxe e talvez do contexto cultural. Então, vamos para a aplicação. Mas com freqüência, quando chegamos à aplicação, esquecemos do texto. O perigo é que quanto mais eu me afasto do texto, mais provavelmente forçarei uma aplicação que seja inconsistente com o que o texto diz.

Além disso, há um perigo grande quando estamos demasiadamente familiarizados com um texto, a ponto de tomarmos por certo que já sabemos o que o texto significa e que implicações ele tem para a platéia. Mas depois, posso não fazer o trabalho da exegese porque penso que já sei o que ele diz. A forma em que trato o texto se torna clichê, e não se aprofunda no texto.

Também há a tentação de montar um cavalo de estimação. As vezes, há uma questão na vida da igreja que queremos tratar, e isso é apropriado. É parte do meu papel como pregador; é a responsabilidade profética de me concentrar em questões na igreja e dizer coisas que as pessoas não querem ouvir. O problema surge quando estamos tão focados em tratar uma questão que falhamos em perceber que o trecho que estamos usando na verdade não trata dela.

Recentemente, eu estava pregando em uma igreja que freqüentei e estava preocupado com o que parecia um espírito de legalismo. Meu texto era 1 Samuel 16, a unção de Davi por Samuel em que o Senhor olha para o coração, não para a aparência exterior.

Em um dos meus pontos, entrei por um caminho de aplicação que eu achava que era muito bom. Gostei dele porque estava próximo da minha preocupação em relação àquele contexto. Mas quanto mais eu refletia sobre o que o texto estava dizendo, mais eu percebia que ele não tratava da questão com que eu estava preo-

cupado. Eu havia virado o texto às avessas para fazer a minha observação. Tive de voltar atrás para reescrevê-lo e acabei não dizendo o que queria dizer.

Mas isso é uma coisa boa. Isso é deixar o texto controlar o que a mensagem diz. Há duas vantagens nisso. Primeiro, se você deixar o texto controlar a mensagem, mais cedo ou mais tarde, você tratará de todas as questões problemáticas da igreja. Segundo, ninguém pode culpá-lo por isso. Ninguém pode dizer que você está escolhendo esta ou aquela pessoa como vítima e, assim, isso também o protege.

Outra forma em que podemos abandonar um texto é pregar uma ilustração. Uma ilustração é uma parte importante do sermão. Passo quase tanto tempo na busca da ilustração certa para a mensagem quanto na exegese do texto. Mas há uma energia tremenda em ilustrações boas, particularmente em uma história, e corremos o risco de ser cativados por essa grande ilustração e sentir o poder dela e, quando, em seguida, vamos até a aplicação, incorremos no erro de fundamentá-la na ilustração em vez de no texto.

Há uma dimensão em que isso deve ocorrer. É legítimo irmos da ilustração para a aplicação quando essa ilustração reflete o que o texto diz e estou tentando demonstrar um princípio do texto, tentando mostrar como ele funciona na vida real, usando a ilustração como uma analogia ou quando a usamos para motivar. Nesses casos, você até mesmo quer usar a linguagem da ilustração para fazer a aplicação. Bryan Chappell diz que as palavras da ilustração precisam se infiltrar por meio da aplicação.

Mas quando somos cativados pela própria ilustração, e a ilustração passa a ser o ponto central, então é isso que estamos pregando. O texto, portanto, torna-se um pretexto para começar a história, e a aplicação aponta a platéia de volta para a ilustração.

A pregação de "Como fazer isso ou aquilo" também pode nos afastar de sermões dirigidos pelo texto. A pregação de "Como fazer" é dirigida por um desejo legítimo de nos conectar com as pessoas no lugar em que elas estão e conduzi-las para onde Deus está. Mas nem todo texto nos dá uma fórmula de "Como fazer" para responder às questões no texto. De fato, poucos dão. Se todo texto me desse uma fórmula, então eu poderia esparramá-la no sermão, e todo mundo iria feliz para casa. Mas porque o texto, na maioria esmagadora dos casos, lida com um tema na esfera dos princípios, é minha a responsabilidade de pensar sobre as implicações para a platéia.

Posso, enquanto estou pensando sobre isso, tentar traduzir as implicações por uma metodologia, por resposta de passo a passo. O perigo, porém, é que isso se torne algo batido. A pregação se torna trivial. O ouvinte rapidamente percebe que sua fórmula não é uma construção que se forma a partir do texto. Freqüentemente, as fórmulas são superficiais.

Gosto de pensar nisso em termos de diagnóstico e remédio. Quando olho para o texto e a minha platéia, e quando estou dando a ela algo que possa levar

para casa, isso pode não ser um processo de passo a passo. Em vez disso, preciso pensar em termos de diagnóstico. Como a verdade desse texto ajuda a platéia a entender a natureza do problema? Quando eu prego sobre um problema que poderia apontar em mim mesmo, normalmente já sei que tenho esse problema. Assim, a pergunta é: por que tenho esse problema? Tente diagnosticar a natureza do problema.

Então, em vista disso, como devo responder? O que está ali no texto que me ajuda a entender a natureza da minha necessidade da graça de Deus? E o que está ali no texto que me ajuda a entender o remédio de Deus?

Uma vez que trabalhei isso, talvez queira pensar sobre uma estratégia concreta para responder a isso. Essa estratégia não precisa estar explicitamente mencionada no texto, mas precisa ser coerente com o que o texto diz.

Uma das dimensões que faltam na hora de relacionar o texto com a platéia é a motivação. Com freqüência buscamos a fórmula e não pensamos no porquê dela. Faça a pergunta: por que o ouvinte deveria responder a isso dessa forma? O texto não dará necessariamente uma fórmula de passo a passo, mas ele freqüentemente chama a atenção para a questão da motivação.

Como permanecer no trilho

Para assegurar que o texto tenha seu lugar próprio no nosso sermão, precisamos começar com a exegese. Você estuda o texto. Tenta entender o que o autor queria comunicar a sua platéia original e que aplicação ele tinha em mente para eles, tanto explícita quanto implicitamente. Você precisa fazer o trabalho duro da exegese antes de pensar sobre qualquer outra questão relacionada ao estilo ou à aplicação.

Segundo — e acho que isso é a coisa mais desafiadora para o pastor — você não pode acelerar essa fase. Quando você pensa em quantas mensagens o pastor mediano precisa produzir semanalmente, a pressão para produzir é fenomenal. Mas eu descobri que tenho de viver com um texto por alguns dias antes que possa realmente entendê-lo. Discipline-se para que seu trabalho exegético não ocorra na mesma semana que sua preparação do sermão. Recomendo que você o incorpore na sua vida devocional, para que você estude a Palavra de Deus para si mesmo de forma profunda antes de pregar o texto.

Como a maioria dos pastores tem preparações múltiplas para fazer, é necessário colocar prioridades. Em uma época em eu pregava várias mensagens por semana, eu fazia uma exegese bem desenvolvida e de acordo com o que havia aprendido nos livros do seminário em relação a uma das mensagens. Em relação à segunda, eu tinha que fazer um pouco menos. Você faz o melhor que pode. Mas quanto mais tempo gasta com um texto, mais cuidadoso você é e seu sermão terá maior probabilidade de ser coerente com o que diz.

Enquanto não é possível exagerar na importância do texto como fundamento da mensagem, é possível ir ao outro extremo em que seu uso do texto nunca chega

à aplicação, e aí temos um problema. Meu papel como pregador não é funcionar principalmente como um comentador exegético ou um manual da Bíblia, mas usar a verdade bíblica e aplicá-la à platéia. Se você não aplicou o texto, não pregou. Agora, se você aplica sem o texto, você também não pregou. Você precisa ter ambas as coisas.

A questão central não é a forma ou o estilo do sermão. A questão central se resume a certificar-se de que as pessoas entendam que o que Deus quer que elas façam veio desse texto. Minha confiança como pregador está no poder da Palavra de Deus. Essa é uma das coisas mais empolgantes a respeito da pregação. Minha confiança não está no fato de que gosto de preleções. Não está no fato de que as pessoas estão nos fitando ou esperando que digamos algo. É só porque somos dirigidos pela convicção de que a verdade de Deus, nas verdades registradas em linguagem humana, tem o potencial de transformar a vida das pessoas.

Capítulo 60

SER FIEL ANTES DE TUDO

Quanto melhor entendemos um texto, tanto mais afiada será a nossa pregação

David Jackman

Fundamental para toda boa exposição é a convicção de que sempre que a Palavra de Deus é fielmente ensinada, ela é autenticamente ouvida. Em uma geração que exige uma palavra de Deus para o "agora", como se essa palavra pudesse, de alguma forma, ser distinta da Palavra das Escrituras viva e permanente, ou até mesmo ser superior a ela, o expositor crê que tudo o que Deus disse ainda está dizendo. A tarefa do pregador não é tentar tornar a Bíblia relevante, ela é relevante, exatamente porque ela é a Palavra viva do Deus imutável e do presente. Nem é tarefa dele "fazer alguma coisa com a Bíblia", de forma a torná-la agradável ao cenário contemporâneo. Em vez disso, a tarefa é deixar a Bíblia fazer algo com o pregador, de forma que a verdade seja encarnada na vida do expositor, como também deve ocorrer com as palavras, que se tornam o canal de sua poderosa mensagem para os ouvintes.

Tais princípios fundamentais são derivados não apenas de proposições bíblicas e teológicas clássicas sobre a inspiração, infalibilidade e autoridade das Escrituras, mas do princípio lógico de que uma revelação destas também proverá sua própria chave autorizada para sua interpretação e uso. Se a Bíblia é Deus pregando para nós, então, como freqüentemente foi dito, a Bíblia *é* uma interpretação. A nossa parte é querer tanto descobri-la quanto aplicá-la. Precisamos estar preparados para pregar a Bíblia à maneira da Bíblia.

Isso significa ser governado pela forma em que Deus montou a Bíblia, como 66 unidades de composição separadas, mas intimamente integradas, cada qual com seu propósito específico e temas principais. Cada frase constituinte de cada parágrafo é cuidadosamente construída para ter seu próprio papel em comunicar seu significado planejado por Deus, relacionando-se com todas as outras frases que a cercam. O mesmo padrão é verdadeiro para palavras individuais em cada frase, em sua ordem e ênfases, assim como em seu significado, de forma que nada pode ser mudado sem a probabilidade da mudança da compreensão. É o mesmo princípio que norteia o trabalho correto de tradução da Bíblia.

Essas convicções básicas, por sua vez, conduzem à preocupação do expositor com o propósito e direcionamento de um texto, seu contexto no livro de que ele faz parte e na Bíblia como um todo, os aspectos distintivos do gênero literário ao qual ele pertence e os significados matizados de palavras individuais, metáforas, artifícios retóricos, e assim por diante. Pois o desafio para o pregador é sempre pregar "a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade" e é mais difícil se equilibrar nessa corda bamba do que geralmente reconhecemos.

Nas conferências *Proclamation Trust* [Confiança da Proclamação], diversas "instruções" foram passadas para permitir os participantes a afiar suas habilidades no manuseio da Bíblia, para que o texto seja ouvido com atenção e explicado fielmente.

1. Observação

Podemos descrever a *observação* como o aprendizado por meio da abertura dos nossos olhos. O problema com um texto escrito, que aumenta com sua familiaridade, é a abordagem de se passar os olhos no texto sem atenção aos detalhes. A Bíblia é freqüentemente ensinada publicamente e estudada particularmente com nenhum outro resultado a não ser uma lavagem externa. Adquirimos uma noção geral dos conteúdos, mas o conhecimento de seu significado é superficial e insípido. Para sermos bons pregadores expositivos, precisamos cultivar as habilidades de ler com nossas antenas ligadas, praticar não apenas análise textual, mas também a arte em extinção de ouvir inteligentemente uma comunicação significativa e urgente enquanto o Deus vivo se dirige a nós em sua Palavra.

Uma maneira de desenvolver isso é ler procurando surpresas. O que está ali no texto que induz à pergunta *por quê*? Por que o autor bíblico diz isso? Por que diz isso nessas palavras? Por que ele diz isso aqui? Há alguma coisa aí que me leve à percepção de que eu não teria colocado isso nesses termos ou há algo ali que desafia minhas pressuposições ao conflitar com minha maneira usual de pensar? Há algo aí que me ajudará a observar o que o texto está realmente dizendo?

Como uma lente que fecha o seu foco, a observação cuidadosa possibilita que o leitor veja abaixo da superfície imediata das palavras e comece a captar o seu propósito tencionado. Isso, por sua vez, produzirá clareza na exposição que con-

cede ao sermão um gume para penetrar além de entendimentos pela metade e noções generalizadas. Isso fará com que a riqueza e a singularidade do detalhe tenham seu efeito tencionado e, quando isso acontece, a Bíblia realmente fala.

2. Estrutura

Nossa *estrutura é* o inimigo dessa precisão. Há o perigo de que certas palavras no texto meramente tragam à tona algumas idéias do banco de dados da memória e, então, será feito o *download* delas, e elas serão indiscriminadamente incluídas no sermão. Embora seja inevitável que todo pregador tenha uma estrutura singular (de posição teológica, experiências pessoais, conhecimento cumulativo, preconceito e assim por diante), a não ser que a Bíblia esteja questionando a estrutura toda vez que uma passagem é examinada, a pregação logo se tornará um reflexo previsível do que o pregador disse muitas vezes antes. E uma pregação dessas não desafia a igreja e não muda o mundo. Ela se torna zmpositora da visão de mundo do pregador ao texto bíblico, em vez de fsrpositora do seu significado fundamental, com todos os seus desafios desestabilizadores e perturbadores para nosso modo de pensar mundano e decaído.

3. Contexto

Quando consideramos o *contexto* de um texto, precisamos primeiro olhar para o cenário contextual imediato para estabelecer a clareza de significado. Muitos erros são cometidos quando se tira o versículo ou parágrafo do contexto e se trata esse texto como se fosse uma unidade de pensamento desconexa e isolada. Por exemplo, às vezes na experiência cristã, as grandes promessas de Romanas 8.28, relacionadas a Deus fazendo com que tudo contribua para o bem daqueles que o amam, podem soar como promessas de pouca intensidade. Mas quando vemos que o versículo 29 define o bem como "serem conformes à imagem de seu Filho", o versículo está cheio de promessas novamente. Colocar o texto em seu contexto o salvará de se tornar meramente o pretexto do pregador.

Então, há a questão do contexto mais amplo do livro, em que se tenta trabalhar como essa passagem particular se encaixa com o resto do livro e que contribuição específica ele tem para o propósito total do livro, a "linha melódica", como tem sido chamada. Isso tem sido denominado "viajar para Corinto", um princípio observado a partir do fato de que 1 Corintios 13, talvez a passagem "mais floreada" mais antologizada de todo o Novo Testamento, é na verdade, no contexto do seu livro, uma repreensão e uma acusação pungentes da igreja de Corinto. O que isso significou para eles naquela época? Essa é a pergunta que precisa ser feita e respondida primeiro em todo o processo do estudo bíblico, se é que alguma vez esperamos que pregadores e ouvintes bíblicos consigam descobrir o que isso deve significar para nós hoje. Como sua inclusão aqui, e nesses termos, contribui para o propósito do autor mais adiante? O que isso acrescenta, esclarece ou corrige?

O terceiro nível é todo o contexto da Bíblia, que nos leva ao âmbito da reflexão teológica e bíblica enquanto o expositor compara Escrituras com Escrituras e procura determinar como a passagem em consideração contribui para o todo de sua maneira única. Ver toda a Bíblia como um livro que tem um autor divino, embora escrito por meio de diferentes servos humanos, significa que reconheceremos que a página do meio dividindo os dois Testamentos é a única não inspirada de todo o livro.

O princípio de revelação progressiva não apenas aponta para Cristo como o centro e o auge de todo o Antigo Testamento, mas estabelece o Novo como o tema do cumprimento, de forma que vemos o ensino de Cristo e de seus apóstolos como o controle normativo da nossa compreensão de tudo que precede Jesus. Isso também nos encoraja a refletir sobre como a perspectiva de toda a extensão da história salvífica influencia e ilumina nossa compreensão de um incidente ou unidade específica.

4. Aplicação

A aplicação é o propósito que está por trás de todo esse trabalho duro com o contexto. A exploração do campo mais amplo nunca ocorre simplesmente por razões de legitimidade acadêmica ou teórica. Em vez disso, ela é feita porque trabalhar o significado e o propósito de um texto em seus vários contextos torna a aplicação relevante muito mais óbvia. Também aumenta a nossa segurança de que estamos serrando a madeira na direção dos seus veios, trabalhando com o texto como Deus queria. Muita exposição fiel permanece no nível de uma aula de exegese, em vez de cruzar a ponte em direção ao mundo dos ouvintes contemporâneos porque não é contextualizada.

Ironicamente, quase todo pregador competente sabe que o texto imutável precisa ser contextualizado no mundo moderno, mas o grande erro que é freqüentemente cometido é começar na *nossa* ponta do processo. Isso assegura que nossas questões contemporâneas sejam importadas para o texto, mas podem ter pouco que ver com a intenção original do autor. Nós podemos criticar a Bíblia tanto por não ensinar as leis da física nuclear como por não responder aos caprichos e fantasias espirituais do século XXI. O bom expositor aprende a deixar a Bíblia fazer as perguntas, que, já que são perguntas divinas, são muito mais importantes e incomparavelmente mais significativas do que qualquer uma que jamais poderíamos apresentar. Fazer o trabalho contextual na ponta da Bíblia é assegurar que o texto imutável seja verdadeiramente ouvido no mundo moderno.

Esse método bíblico de aplicação também liberta tanto o pregador quanto os ouvintes da tirania das normas da moda atuais de nossa subcultura evangélica. Tão freqüentemente a aplicação é produção em massa associada às ortodoxias vigentes. Normalmente se apresentam da seguinte forma: "Nós devemos... você está fazendo isso?", e rapidamente se transformam em legalismo e obrigação desalma-

da. A graça é eficazmente retirada da ênfase de ministério em fazer mais coisas cristas (dar, orar, testemunhar), e os ouvintes logo se tornam adeptos em ignorar os desafios muito previsíveis.

A aplicação bem-sucedida, que muda vidas, é a que é lançada do texto e voa sob a supervisão da tela do radar para pousar no centro de decisão do ouvinte, com um sentimento surpreendente de: "Então *é isso* o que isso significa". A mente, então, é persuadida da verdade, e o coração é amolecido para a receber e a colocar em prática. Finalmente, a vontade é energizada para ser obediente e fazer a vida mudar no poder do Espírito Santo, que aquele mesmo Espírito esteve transmitindo por meio da Palavra.

5. Gênero literário

Precisamos prestar atenção ao *gênero literário* do material que estamos pregando. Precisamos identificar as diferentes metodologias de gêneros bíblicos e trabalhar com elas na apresentação do sermão. Demasiadas vezes, fazemos todo o texto passar por um espremedor estilístico ou teológico e apresentamos seu conteúdo doutrinário de um modo idêntico, sem considerar se originariamente o texto era poesia ou prosa, provérbio ou parábola. Isso pode se tornar tanto abstrato quanto tedioso e faz com que a pregação tenha uma má reputação. Isso também realiza um grande desserviço ao Deus da Bíblia, cujo amor à variedade e criatividade, refletido na criação física, não é menos provável de se tornar evidente em sua revelação escrita e inspirada.

Assim, o expositor precisa trabalhar com as distinções literárias assim como Deus as deu, e não tentar passá-las a ferro para transformá-las em um sermão padrão de três pontos. Assim, aprenderemos a valorizar os argumentos intrincados e as precisões verbais de uma carta, a guinada em uma parábola, a frase-climax de uma história que destaca algum ponto no evangelho, o ponto de virada de uma narrativa, os cumprimentos múltiplos de uma profecia ou os ingredientes emocionais e afetivos de um poema.

No ministério *Proclamation Trust* [Confiança da Proclamação], não nos especializamos em homilética, já que, na definição de Phillips Brooks, a pregação é a "verdade por meio da personalidade", e toda personalidade organiza e apresenta os conteúdos com uma individualidade própria. A pregação expositiva eficaz encontra sua origem e poder não tanto na construção inteligente quanto no ouvir detalhado e obediente à voz de Deus no texto. A Bíblia realmente deve estar no banco do motorista, ditando o conteúdo da mensagem, sua forma e sua aplicação contemporânea.

Ao servir a Deus desse modo, acabamos percebendo que a Bíblia é um livro sobre Deus muito antes de ser um livro sobre nós mesmos e que sua maior relevância é ensinar a natureza imutável dele. Haverá paralelos entre a forma de ele tratar com Israel na antiga aliança e de lidar com a igreja universal na nova. Também

haverá similaridades entre nós e os homens e as mulheres que encontramos nas páginas da Bíblia, mas não somos o foco da história e não devemos nos impor a cada e toda circunstância ou experiência. A explicação versículo por versículo procura guardar e propagar essas grandes distinções revelatórias para a glória de Deus e para o benefício de seu povo e do mundo perdido.

Capítulo 61

A CARTA DE INTENÇÕES DE DEUS

Seis perguntas que revelam o que Deus quis transmitir em um texto

Greg R. Scharf

O que se segue se apóia em três pressuposições:

1. As Escrituras têm dois autores, um divino e, pelo menos, um humano.
2. Deus pretende algo por meio do que diz. Ele sempre fala com um propósito.
3. Pela graça de Deus e a iluminação do Espírito Santo, seguidores de Jesus podem discernir o suficiente do que Deus pretende dizer e fazer em qualquer passagem das Escrituras por meio da oração e da atenção cuidadosa e submissa às palavras que os autores humanos usam, em seus respectivos contextos literários, canónicos, culturais e teológicos.

Se alguma dessas pressuposições for falsa, o pregador está trilhando um caminho inútil. Ele não tem nenhuma mensagem autorizada e diferenciada vinda de Deus.

Nossa tarefa como pregadores não é dizer tudo o que vier à mente quando estudamos a Bíblia, mas discernir o que Deus tinha em mente, o que ele pretendia ao inspirar o autor humano a escrevê-la e mostrar como essa intenção é relevante para os nossos ouvintes. Este capítulo se concentra na primeira metade de nossa tarefa: descobrir a intenção originária. O significado que o texto tem para nós hoje precisa ser derivado do significado que tinha para os ouvintes originários e estar em harmonia com ele. Para determinar isso, precisamos ir além da observação para a *interrogação.* Com todo o respeito, fazemos perguntas ao texto cujo foco está nas observações iniciais e nos ajudam a discernir a intenção do autor no texto. Deveríamos fazer seis perguntas no mínimo.

1. O que o texto é funcionalmente?

Com base no seu conteúdo e estrutura, o que a passagem da pregação parece querer fazer (Liefeld, 1984, cap. 7)? Há um nome para isso? Ele é um lembrete,

uma explicação, um apelo, uma repreensão, uma ordem ou uma descrição? Nós descobrimos a resposta por meio de leitura submissa e em oração e da observação cuidadosa de coisas como as palavras, suas relações gramaticais e sintáticas, o gênero literário do trecho (se é narrativa, poesia, carta, etc.) e seu contexto. Aqui buscamos pistas relativas ao que a passagem está querendo alcançar.

Imperativos, por exemplo, apontam para uma ordem ou exortação. A presença de conseqüências negativas sugere uma advertência; resultados positivos podem sinalizar uma promessa. Orações com propósito e resultado despertam o ouvinte para um raciocínio, uma explicação ou alguma relação de causa e efeito. Outros traços podem nos levar a concluir que o texto é um exemplo, uma descrição, uma repreensão ou que um evento está sendo relatado. Talvez o texto possa ser uma combinação, como uma exortação seguida por razões para lhe obedecer. Fazer essas perguntas sugere como o pregador usará a passagem e nos ajuda a resistir à tentação de transformar tudo em uma exortação.

2. Qual é o tópico do texto?

Responder a essa pergunta requer determinar o valor de várias coisas que o autor menciona e discernir qual delas é central (Robinson, 2001, p. 4lss). As vezes, na narrativa o próprio tópico do texto está implícito. A história pode ser um exemplo de lealdade ou providência divina sem que se usem essas palavras. Recordar os temas do livro particular da Bíblia em consideração pode nos alertar para sua presença no texto em mãos. Todo texto bíblico é sobre Deus e sobre a humanidade, porém precisamos estreitar a resposta para a pregação. Uma resposta válida para essa pergunta poderia ser uma palavra: *oração, fé, esperança ou julgamento.* Ou poderia ser uma expressão como: "O relacionamento de Deus com as nações". O valor dessa pergunta é direto: se o texto é sobre oração, o sermão deve ser sobre oração.

3. O que esse texto está dizendo sobre o tópico?

Se nós discernimos o tópico do texto da pregação corretamente, todo o resto de que o texto trata estará associado ao tópico de algum modo diferenciado (Robinson, 2001, p. 4lss.). Agora lemos o texto para deixá-lo dizer o que vai dizer sobre o tópico. Se o tópico é a oração, a resposta a essa terceira pergunta pode ser que a oração é essencial ou muito negligenciada. No processo de responder a essa pergunta, podemos concluir que falhamos em responder à segunda pergunta cerreramente. O que pensamos que era central, vemos agora como suporte para alguma outra coisa que de fato é o tópico. Também nesse ponto, podemos concluir c o texto é muito longo para ser pregado, fala mais a respeito do tópico do que com que se pode lidar fielmente e claramente em um único sermão. Ou talvez seu muito pequeno e não inclua um texto associado e que é uma parte indiscutível do que o autor quer dizer sobre o tópico.

4. Para que resposta esse texto chama?

Respostas corretas às três primeiras perguntas já nos inclinam a certas respostas a esta pergunta. Assim, um texto que é uma exortação relativa à indispensabilidade da oração sem dúvida dita a reposta que um sermão a partir desse texto deve buscar: ore! A palavra *resposta* é usada intencionalmente porque demasiadas vezes *aplicação* sugere ação. Deus pode querer uma mudança na atitude, no pensamento, nos sentimentos ou na vontade, assim como uma ação particular. O texto pode convidar para mais de uma resposta.

Fazer essa pergunta e responder a ela com integridade é se arrepender do abuso textual, dirigir um texto como um pretexto para uma resposta que nós queremos, em oposição à que Deus pretende. É claro que não devemos pedir essa resposta para outros sem primeiro deixar o texto começar a despertar a resposta intencionada em nós mesmos.

5. *Como esse texto evoca essa resposta?*

Essa pergunta ajuda a *explicar* o texto em oposição a uma mera referência a ele. Aqui olhamos mais de perto para os traços da passagem da pregação, não agora para como o pregador desenvolve o assunto (pergunta 3), mas para como direciona o ouvinte à resposta que o autor tinha em mente (Long, 1988, p. 44ss.). Quando pregada como a Palavra de Deus, a Bíblia funcionará naqueles que a recebem como ela é (ITs 2.13).

Essa pergunta busca maneiras em que esse texto transforma a vida do cristão ao renovar sua mente (Rm 12.1,2) e como ele o santifica Qo 17.17). Ele apela à mente, às emoções, à vontade, à consciência, ao senso de dever, ao amor a Deus, ao senso de necessidade ou ao amor à verdade? Ele usa perguntas, exemplos, lembretes, imagens, citações das Escrituras ou argumentação? Os meios empregados são repetitivos, sempre batendo na mesma tecla ou são mais cumulativos, preparando a defesa de uma resposta desejada por meio de um conjunto de técnicas retóricas?

O sermão pode usar meios legítimos adicionais para levar as pessoas a respostas válidas, mas negligenciar os meios do próprio texto é permitir que nos seja roubada a autoridade para pregar. Mais importante, a intenção do autor inclui levar a uma resposta fiel e obediente de maneiras apropriadas.

Por exemplo, é válido desafiar os ouvintes, com base em 1 Corintios 15.58b, a se entregarem de todo o coração à obra do Senhor. Mas se nós os estimulamos a fazer isso a fim de aumentar o tamanho da congregação, violamos a razão declarada explícita no contexto, isto é, que, por causa da ressurreição, esse trabalho árduo não é vão. A morte não anula nossos esforços por causa da vitória de Jesus sobre ela.

O objetivo não é meramente que nós e os nossos ouvintes façamos a coisa certa, mas fazê-la de formas corretas e pelas razões certas. Se negligenciarmos essa pergunta, arriscamos perder uma dimensão vital da intenção do autor.

6. Como esse texto contribui para a trama maior da redenção?

Os passos anteriores podem conduzir o pregador a pensamentos que são coerentes com o texto, mas são inadequados porque não têm relação com a forma em que aquela passagem se encaixa na figura maior, cumprindo um propósito no todo como uma peça em um quebra cabeça de um quadro recortado. Cada passagem de pregação é uma parte integral do livro bíblico em que é encontrada, mas também contribui para a história da redenção e de algum modo diferenciado aponta para Cristo. Nossa tarefa como pregadores cristãos é descobrir as conexões e articulá-las.

Assim, por exemplo, quando pregamos sobre o salmo 110, não falamos apenas, e nem mesmo principalmente, sobre Davi, mas sobre Jesus, que aplica esse salmo a si mesmo, como também o fazem Pedro e o autor aos Hebreus (Mt 22.41-45; At 2.34-36; Hb 1.13; 5.6; 7.17,21). Nós descobrimos que aqui o Pai está expressando ao Filho seu comprometimento inabalável com seu Senhorio (o do Filho). Até que preguemos isso, não fizemos realmente justiça ao salmo 110. E claro que outras passagens não estão tão claramente relacionadas a Cristo, mas de acordo com Lucas 24.27, todas elas servem a esse propósito cristocêntrico de um modo ou de outro.

Um texto pode prever o primeiro advento de Cristo, como faz Miquéias 5.2. Pode ilustrar a universalidade da rebelião humana de que Jesus veio tratar, como 2Crônicas 16 o faz. Ou pode revelar como, depois da vinda de Cristo, o reino ainda não está completo, como Filipenses 3 o faz.

Nós sabemos, por exemplo, que as *palavras* de Gênesis 15.6 ("isso lhe foi creditado como justiça") não foram escritas apenas por causa de Abraão, mas por nossa causa, os cristãos (Rm 4.22-25). E sabemos, por meio de 1 Corintios 10.6,11 que os vários *eventos* na história de Israel foram escritos como exemplos para nossa instrução. Nossa tarefa é discernir como outros textos pertinentes nos ajudam a interpretar as palavras e eventos do nosso texto de modos que reflitam os propósitos de Deus em incluí-los nas Escrituras.

Haverá momentos em que o que o Antigo Testamento parece estar dizendo é negligenciado ou superado pelo uso dele pelo autor do Novo Testamento. Por exemplo, Paulo cita Salmos 68.18 *("recebeste* homens por dádivas" [grifo do autor.. ARA) em Efésios 4.8 como "e *concedeu* dons aos homens" (grifo do autor; ARA Nesses casos, bons comentários recentes podem ser uma grande ajuda (por exemplo, o Comentário de Efésios de Peter O'Brian, da série Pillar, tem uma discussão bastante útil, p. 288-93). Em princípio, precisamos submeter tudo ao uso do Novo Testamento e permitir que esse uso inspirado funcione como lentes pelas quais ganhamos uma avaliação melhor do texto antigo e de como ele encontra sen cumprimento no Novo Testamento.

E por que não seria permitido pregar um texto com um propósito que suplementa e edifica sobre o propósito para o qual foi evidentemente escrito? Podemos

por exemplo, pregar um sermão sobre como ouvir a pregação cristã com base em Atos 10.33b? Se a forma em que ao autores do Novo Testamento usam o Antigo Testamento pode instruir a nossa resposta, podemos dizer um sim qualificado. Podemos citar e usar um texto como *ilustrativo* de uma verdade bíblica que não é manifestadamente o assunto daquele texto quando aquela verdade é plenamente ensinada em outros textos da Escritura, e o texto que estamos estudando lembra aquela verdade ao menos em parte.

Assim, voltando ao exemplo de Atos 10, sabemos que Deus está presente quando pessoas estão reunidas em seu nome para ouvir sua Palavra sendo exposta e que ele ordenou ao pregador dizer aos ouvintes o que essa Palavra ensina, duas idéias que Cornélio cita em seu convite a Pedro. Essas realidades permanentes nos libertam para guardarmos o conselho implícito de Cornélio e suprirmos um quadro referencial de narrativa a partir do contexto em Atos do qual extraímos a idéia a ser transmitida.

Nós podemos fazer *inferencias* válidas de um texto, como o Senhor Jesus faz em seu uso de Êxodo 3.6 em Mateus 22.31,32 (veja D. A. Carson, 1984, p. 462: "Se Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó mesmo ao falar a Moisés centenas de anos depois que os três patriarcas morreram, então eles certamente estão muito vivos para ele"). Veja o que a Confissão de Westminster 6.6 diz a respeito das Escrituras: "Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, a fé e a vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela". Tais usos, entretanto, precisam ser totalmente suplementares e secundários quando usados.

Nosso chamado como pregadores, conforme definido por John Stott, é discernir o que Deus está dizendo no texto e pregar de forma que sua voz seja ouvida e sua Palavra obedecida.

Bibliografia

CARSON, D. A. 1984. "Matthew." *Expositores Bible Commentary,* vol. 8. ed. F. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan. (Em português *O comentário de Mateus,* Shedd Publicações).

LIEFELD, Walter L. 1984. *New Testament Exposition.* Grand Rapids: Zondervan. (Em português, *Exposição do Novo Testamento,* Shedd Publicações).

LONG, Thomas G. 1989. *Preaching and the Literary Forms oftheBible.* Filadélfia: Fortress.

O'BRIEN, Peter. 1999. *Pillar Commentary on Ephesians.* Grand Rapids: Eerdmans.

ROBINSON, Haddon. 2001. *Biblical Preaching,* 2nd ed. Grand Rapids: Baker. (Em português, *Pregação Bíblica,* Shedd Publicações).

Capítulo 62

CINCO QUESTÕES CRUCIAIS PARA A EXPOSIÇÃO BÍBLICA

Como fazer as perguntas certas produz uma riqueza de material relevante para um sermão

Earl Palmer

Para pregar com relevancia, sugiro a você que se torne um comentarista do texto. Se você desenvolver um método de estudo da Bíblia em que trabalha com cinco grandes perguntas, acabará por se colocar sob o texto, e isso influenciará sua pregação.

As cinco grandes questões que formam um comentário são: as técnicas, as históricas, as de conteúdo teológico e as de discipulado. O estudo da Bíblia é uma jornada no texto, a partir das perguntas técnicas até as perguntas de discipulado.

Questões técnicas

As questões técnicas são aquelas que definem o texto. A primeira metade do estudo da Bíblia serve para definir o texto. O que as palavras significam? Qual é a sintaxe? O que realmente está sendo dito? Não se preocupe com o significado geral nesse ponto. Faça o máximo esforço para entender o que está sendo dito. O que as palavras significam individual e lingüísticamente? Se você desenvolver um interesse profundo por definir o texto, se desenvolver um fascínio pelo vocabulário, por palavras, pela maneira que a frase está ordenada, você desenvolverá tremendamente sua habilidade em fazer uma boa exposição do texto.

C. S. Lewis diz: "Quando eu me pergunto que auxílios tive nessa questão do aprendizado da crítica literária, parece que descubro um resultado um tanto inesperado. Os críticos avaliadores aparecem no fim da minha lista". Isso quer dizer que, quando leio críticas literárias de Dante ou de *Paraíso perdido,* eles estão no fim da lista das coisas que me ajudaram. Lewis diz: "No topo da minha lista está 'seco como o pó'". Isso é sua expressão cunhada para o seguinte: "Obviamente, tenho dívidas e continuarei devendo muito mais aos editores, críticos textuais, comentaristas e lexicógrafos do que a qualquer outra pessoa".

O que é um lexicógrafo? Esse é o seu dicionário teológico do Novo Testamento, seu dicionário Bauer-Danker-Arndt-Gingrich, seu Moulton e Milligan. "Descubra o que o autor realmente escreveu, e o que as palavras difíceis significam, e a que aludiam; e você terá feito muito mais na minha opinião do que centenas de interpretações ou avaliações novas jamais poderiam fazer".

Lewis era da opinião de que nunca se deveria ignorar esse trabalho técnico. Percebo que isso é um trabalho duro. Preciso me esforçar em me manter atualizado no grego e no hebraico. Isso paga dividendos quando realizo esse trabalho difícil de estabelecer o texto. Digo a estudantes da Bíblia: "Abra sobre a mesa ao

menos cinco traduções atuais de cada texto, porque cada tradução do texto é uma tentativa de captar o que as palavras significam". E quantas palavras diferentes ou diferentes organizações da frase aparecerem, tantos peritos textuais em luta com o que as palavras querem dizer e com o seu aspecto gramatical tenho diante de mim. E até isso me dará uma pista do que Lewis chama de uma "palavra difícil". Se eu conseguir compreender essa palavra difícil, ela será uma pista importante que pode ser a base de um grande sermão, pois posso estar no ponto crucial do desenvolvimento de um texto.

Questões históricas

Há dois tipos de questões históricas

Material histórico inserido no próprio material

Se você desenvolver uma curiosidade histórica pelo material, isso lhe trará muitos benefícios. Se houver um nome no texto, persiga-o. Eu estava estudando a respeito do período de dois anos em que Paulo ficou na prisão em Cesaréia no período de Antônio Félix, governador romano entre 52 e 60 d.C, e Lucas usa a seguinte expressão de uma linha só em relação a Félix que cativou minha imaginação. Por dois anos, esse governador romano manteve Paulo na prisão e convidava-o constantemente para que o apóstolo viesse conversar com ele, esperando "que Paulo lhe oferecesse algum dinheiro" (At 24.26). Ah, mas Paulo nunca desembolsou esse dinheiro. Lucas, por ser historiador, era sempre sucinto. Por exemplo, ele menciona que a esposa de Félix era "Drusila, [...] que era judia" (v. 24). Na verdade, ela é a filha de Herodes Agripa I e havia sido casada com outro homem. Félix a roubou por meio da sedução e do uso do seu grande poder como governador. Isso foi um escândalo tal que Josefo entra em detalhes sobre como ele perdeu todo o respeito dos judeus.

Josefo diz que Félix era tão cruel que o número de pessoas crucificadas sob o governo de Félix foi incalculável. Em 60 d.C., Félix foi destituído do seu cargo por uma ordem direta do próprio Séneca, o primeiro ministro de Nero, por corrupção, exatamente a coisa que Lucas comenta aqui. Félix manteve Paulo apodrecendo nessa prisão em Cesaréia, porque certamente percebeu que Paulo tinha acesso a dinheiro, pois o apóstolo havia trazido uma grande quantidade de dinheiro para Jerusalém. Ele havia recolhido uma oferta em todas as igrejas gentias para os cristãos judeus em Jerusalém.

E um tributo a Paulo o fato de que ele está sentado e apodrecendo aqui. Pelo estudo histórico, percebemos contra o que Paulo está se levantando.

Questões históricas por trás do material

Os estudiosos chamam isso de crítica da forma. Bem, a crítica da forma apresenta perigos quando se torna arrogante, mas a crítica da forma manuseada corretamente pode ser útil, pois tenta entender o cenário que produz os documentos.

Em João 1.1 -18, João apresenta um cântico maravilhoso à Palavra. Ele começa assim: "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele". Mas por três vezes, João interrompe esse cântico para dizer: a propósito, João Batista não é o Messias. E a seguir volta ao cântico.

A pergunta histórica no material é: Quem foi João Batista? Obviamente, você tem que estudar isso. Mas a pergunta da crítica da forma é: "Por que João interrompeu seu cântico três vezes para nos dizer que João Batista não é o Cristo?".

Talvez haja aí uma grande controvérsia. Talvez algumas pessoas pensem que João Batista é o Messias. Na realidade, sabemos que isso é verdade pelo Novo Testamento. Em Lucas 3, Lucas diz que alguns estavam se perguntando se João era o Messias. Será que ainda está em curso uma discussão sobre João Batista na época em que João escreve esse livro em Efeso?

Quero que você entre no texto apenas por causa do texto, porque, quando isso acontece, você acaba por ter tantas coisas para dizer que não terá problemas para pregar o sermão. Aliás, quando você entra no texto, o maior problema na pregação é focalizar e limitar o assunto.

Questões de conteúdo teológico

Com esta pergunta, estamos começando a nos afastar do século I. Agora perguntamos: o que o texto significa? Essa é uma grande transição, uma transição perigosa também. É por isso que é importante que você responda às duas primeiras perguntas antes. Uma vez que você diz: *Eu acho que significa isso,* você é um teólogo, bom ou ruim. Você precisa ser um teólogo para ficar submisso ao texto, porque o texto exige isso. Preciso chegar a alguma opinião sobre o que ele significa, não apenas sobre o que ele diz. E quando faço isso, estou na essência do conteúdo teológico de um comentário.

Questões contemporâneas

Há dois tipos de questões contemporâneas

Questões contemporâneas dentro do seu próprio cenário

Agora faço o material colidir com outras visões de mundo que o rodeiam. Por exemplo, depois de estudar João Batista, sua teologia e seus sermões, você poderia perguntar: *Eu me pergunto como o que João Batista está esperando entra em conflito com o que Jesus está fazendo?* Quando tento entender esse conflito, estou fazendo a pergunta contemporânea. Sabemos que um conflito ocorreu porque, em Lucas 7.20, João Batista pergunta na prisão: "És tu aquele que haveria de vir [o Messias ou devemos esperar algum outro?".

A questão contemporânea é a seguinte: Como esse ensinamento entrou em conflito com o movimento dos fariseus? Ou como ele colide com os saduceus, os

essênios, os romanos ou os gregos? E é claro que você, quanto mais estuda e desenvolve uma curiosidade nesse nível, melhor consegue realizar esse trabalho.

Questões contemporâneas ao longo dos séculos

Agora que eu sei o que esse texto significa, como ele entra em conflito com outras visões de mundo ao longo das gerações? Por exemplo, como comentarista do século XVI, Calvino realiza um trabalho magistral ao fazer o texto entrar em conflito com o pensamento escolástico, com o pensamento teológico romano católico, com Tomás de Aquino e com Agostinho. Esse é o papel do teólogo.

Mas, por maior que Calvino seja como comentarista, vemos por que precisamos de novos comentaristas em cada geração. Porque Calvino, por maior que tenha sido, não se debateu com Karl Marx, com o misticismo ocidental da Nova Era ou com os filmes de Woody Alien ou Stephen Spielberg, mas você precisa fazer isso. O contexto continua mudando.

Questões de discipulado

Nas questões de discipulado, o comentarista ousa perguntar: O que esse texto significa para mim? Onde estou sob a influência desse texto? Onde ele está me polindo ou desafiando? E então, é claro, como ele fala àqueles que me ouvirão pregar?

Se você faz essa jornada por causa dela mesma, quando você tiver terminado, terá coisas demais a dizer e seu trabalho será limitar o material. Por causa do seu estudo, você será contemporâneo e relevante.

Capítulo 63

AS REGRAS DO JOGO

Sete passos para a correta interpretação

David L. Alien

Os pregadores de hoje se deparam com um desafio enorme: como transmitir a Palavra autorizada de Deus para a mentalidade contemporânea pós-moderna. Como podemos pregar de um modo que minimize a réplica: "Essa é apenas sua interpretação!". Uma afirmação dessas reflete a noção popular de que uma interpretação é tão boa quanto a outra.

Isso, é claro, tem uma repercussão enorme para a autoridade bíblica. As congregações precisam entender que a autoridade para o que dizemos não vem de nossa maleta de ferramentas homiléticas, mas das Escrituras como a Palavra inspirada por Deus. A boa pregação pode ser definida de muitos modos, mas uma coisa é certa: *não existe boa pregação divorciada de boa interpretação.*

Primeiro passo: gênero

Para o pregador, o primeiro aspecto de uma boa interpretação é reconhecer o gênero do texto bíblico.

Gênero significa a categoria literária. O discurso escrito se encaixa em quatro gêneros básicos: narrativo, processual, expositivo e exortativo. Gênesis se encaixa no gênero *narrativo.* Ele conta uma história com personagens, enredo, tensão ascendente, clímax e resolução. Ele acompanha uma seqüência no tempo. O discurso processual diz como fazer alguma coisa. Por exemplo, partes de Êxodo e de Levíticos dão instruções detalhadas para construir o tabernáculo. O discurso *expositivo* explica. Esse é o gênero predominante das cartas do Novo Testamento, que são caracterizadas não pela cronologia, como acontece em Gênesis, mas por relações lógicas tais como resultados, meios, propósito, maneiras, conseqüências, expectativas opostas, resumos e inúmeras outras relações comunicativas que principalmente explicam. O discurso *exortativo* ordena. Ele faz uso de imperativos. A maioria das cartas do Novo Testamento combina o discurso exortativo com o expositivo. Na verdade, a maioria dos livros da Bíblia usa mais de um gênero (Para ver mais sobre gênero, veja o capítulo 71: "Fundamentos do Gênero Literário"). Precisamos identificar o gênero tanto do livro bíblico quanto da passagem da pregação, já que o gênero determina os outros passos da boa interpretação. Os princípios para interpretar uma narrativa como Gênesis não seriam usados para interpretar poesia como Salmos ou uma carta como ljoão.

Primeira João é obviamente uma combinação de exposição e encorajamento, explicação e exortação. Se quero pregar sobre ljoão 2.15-17, preciso considerar a predominância do imperativo no início: "Não amem o mundo". Em qualquer parágrafo, o verbo imperativo tem muito mais peso semântico do que os verbos indicativos. Os verbos são as paredes que suportam o peso de qualquer texto, de forma que a estrutura verbal de qualquer texto é uma das chaves para se identificar o gênero. O resto do parágrafo explica por que recebemos a ordem de não amar o mundo.

Ao pregar esse texto, a predominância do imperativo deve influenciar os contornos do sermão.

Segundo passo: contexto

Os bons intérpretes sempre prestam atenção no que ocorre imediatamente antes e depois do texto para pregação.

Com relação à 1João 2.15-17, as pessoas com freqüência enxergam o parágrafc anterior (2.12-14) como desconectado do que o precede e o segue. Os termos "filhinhos", "pais" e "jovens" desse parágrafo são formas incomuns que João usa para identificar os leitores como crentes visto que se diz deles que eles "conhecem o Pai [Deus]" e "em vocês a Palavra de Deus permanece". Na verdade, a descriçãc

dos crentes dada nos versículos 12-14 serve como introdução ao imperativo de 2.15.

O parágrafo que vem imediatamente após 2.15-17 começa com a palavra "filhinhos" e continua a identificar claramente os leitores como cristãos. Assim, se tanto os parágrafos precedente quanto o posterior são dirigidos a crentes, é provável que, a partir de um ponto de vista contextual, 2.15-17 seja dirigido a cristãos também. Essa interpretação influencia a nossa preparação do sermão. João estava escrevendo para cristãos aqui, não para não-cristãos. Como veremos em breve, essa conexão contextual nos ajuda a interpretar corretamente a expressão um tanto opaca "o amor do Pai" no versículo 15b.

Terceiro passo: semântica

A questão agora é a semântica, o significado do texto. Semântica é o estudo do significado. O coração da interpretação é determinar o significado de um texto. Todos os textos têm três tipos de significado:

1. *Significado referencial*: aquele de que se está falando, o assunto de um texto.

2. *Significado circunstancial*: informação relativa aos participantes de um ato comunicativo (ambiente, posição social, e assim por diante).

3. *Significado estrutural*, a organização da informação no próprio texto; a gramática e sintaxe de um texto.

O pregador deve observar todos os três no processo de interpretação. A que 1João 2.15-17 *se refere*? Qual é o ponto, o assunto ou tema? Nosso parágrafo é uma ordem para não amar o mundo junto com duas razões apresentadas pelas quais não devemos amar o mundo. Esse é o ponto principal.

O significado circunstancial não é tão manifesto no discurso expositivo e freqüentemente tem de ser juntado aos poucos nas entrelinhas. Passamos a saber que não importa o que significa "amar o mundo", João está preocupado com o fato de que alguns de seus leitores já estão fazendo isso ou estão correndo o risco de o fazer. O texto é uma advertência.

O *significado estrutural* mais comumente se foca no processo exegético: gramática e sintaxe. O significado estrutural é codificado por palavras, expressões, orações, frases, parágrafos e, finalmente, por um discurso inteiro.

Considere, por exemplo, o primeiro verbo do parágrafo, o imperativo de: "Não amem o mundo . O imperativo no presente junto com o negativo pode ser traduzido por: "Parem de amar o mundo!". Considere aqui que o verbo está no modo imperativo e que o presente é significativo para identificar propriamente o significado estrutural de todo o parágrafo.

Dois outros sinais estruturais são as partículas condicionais *ean* ("se"), que inicia uma oração condicional e, no versículo 16a, a conjunção subordinativa *hoti*. O uso de "se" inicia uma razão para a ordem no versículo 15a: não ame o mundo porque amor ao mundo e amor ao Pai são incompatíveis; você não pode amar os dois ao mesmo tempo. O "pois" no versículo 16a inicia uma razão para a afirmação condicional feita no versículo 15b. A afirmação condicional em 15b serve como uma razão para a ordem em 15a e a oração iniciada com um "pois" subordinativo no versículo 16 serve como uma razão para a razão apresentada em 15b.

Em uma relação comunicativa de razão e ordem, a ordem é sempre mais importante do que a razão para a ordem. E a razão subordinada (v. 16) é menos importante do que o que ela modifica, que é a oração condicional em 15b.

Quando estamos prontos para esboçar o sermão, todos esses aspectos do significado estrutural entram no processo.

Quarto passo: quadro geral

Precisamos levar em consideração sempre que o todo é mais do que a soma das partes. Antes de analisarmos mais profundamente as partes do texto (sua gramática, sintaxe e significado das palavras), não podemos deixar de ver a floresta porque nos concentramos só nas árvores. A interpretação deve começar no nível mais alto do discurso, o parágrafo, e trabalhar o caminho para os níveis menores: sentenças, orações, frases e palavras.

Primeira João 2.15-17 é um parágrafo composto por três sentenças no grego. A primeira sentença tem apenas um verbo, o imperativo: "Não amem o mundo". É seguido por uma sentença condicional que começa no versículo 15b e termina no versículo 16 (observe o ponto e vírgula como pontuação no final do versículo 15, em vez de um ponto final no Novo Testamento grego). Isso é seguido por uma terceira sentença , que é o versículo 17.

Qual é a relação entre essas três sentenças? Visto que um imperativo tem mais peso semântico do que um indicativo, o versículo 15 é a sentença dominante do parágrafo e, assim, contém o assunto ou o tema: não amem o mundo nem nada o que nele há. Cada uma das duas sentenças seguintes fornece um fundamento ou uma razão para não se amar o mundo.

Primeiro, alguém não pode amar o mundo e o Pai ao mesmo tempo (v. 15b e isso é verdade porque tudo que está no mundo não procede do Pai (o v. 16 é iniciado com a conjunção subordinativa *hoti* no grego).

A sentença seguinte, o versículo 17, fornece um segundo fundamento ou razão para a ordem no versículo 15 a: a impermanência do mundo — ele esta passando.

Assim, considerando-se todo o quadro, esse texto nos diz para não amar : mundo por duas razões: (1) a impossibilidade de amar o mundo e Deus ao mesmo tempo e (2) a impermanência do mundo.

A partir dessa estrutura semântica geral, podemos construir um esboço básico para pregar esse texto. O esboço pode se constituir de um ponto principal (v. 15a) e dois subpontos (v. 15b, 16 e 17).

Quinto passo: gramática e sintaxe

No quinto passo, analisamos cuidadosamente a gramática e a sintaxe das palavras, expressões e orações. Por exemplo, qual o significado da expressão proposicional o amor do Pai no versículo 15? Que tipo de genitivo ele é: objetivo ou subjetivo? A escolha que você fizer altera radicalmente o significado do texto. Se ele é objetivo, então a expressão significa seu amor pelo Pai. Se ele é subjetivo, o significado é o amor do Pai por mim.

Se ele é subjetivo, o versículo significa: "Se eu amo o mundo, o Pai não me ama", o que provavelmente indicaria que João está dizendo que uma pessoa que ama o mundo não é cristã. Por outro lado, se o significado anterior é adotado, então João está dizendo: "Se eu amo o mundo, não posso amar o Pai ao mesmo tempo".

Baseando-se na estrutura geral da passagem, essa última interpretação parece mais provável e a maioria dos comentaristas a interpretam desse modo. Além disso, baseando-se no contexto desse parágrafo, o parágrafo anterior e o posterior, parece que João vê os leitores como cristãos, como observamos anteriormente.

Como isso mostra, o processo da exegese não é estritamente linear na prática, mas, na verdade, é multilateral. Cada passo no processo informa os outros e é informado por eles.

Sexto passo: palavras

No sexto passo, estudamos a questão do significado e do uso das palavras no texto. A unidade básica do significado na linguagem é a sentença, não a palavra. As palavras significam o que significam no contexto do texto.

Considere a palavra *correr.* O que ela significa? Ela é o contrário de andar? Qual a diferença entre um homem correndo, e a água de um rio correndo, ou o suor correndo da testa, ou correr a mão pela maciez do tecido? É só dar uma olhada rápida no dicionário para perceber que há muitas possibilidades de significado para esta palavra, dependendo do seu contexto. O significado correto, então, é a combinação da idéia raiz na palavra com seu uso no contexto.

Em ljoão 2.15-17, o que a palavra *mundo* significa? Ela se refere ao mundo como o universo ou talvez ao mundo como o planeta Terra? Ela se refere ao mundo de pessoas como em João 3.16? Todas elas são usos legítimos dessa palavra, mas nenhuma transmite o significado nessa passagem. Aqui *mundo* é usado em um sentido de sistema de mundo organizado que é hostil a Deus.

Isso é descoberto por meio de uma combinação de estudo de palavra e contexto. Nós usamos a palavra mundo de um modo similar quando falamos a respeito

do mundo dos esportes ou do mundo da moda. Os estudos de palavras cruciais no texto são essenciais para uma hermenêutica correta.

Sétimo passo: aplicação

O alvo principal para o pregador é a aplicação, ou seja, extrair o significado da Bíblia para as pessoas sentadas nos bancos em termos culturalmente relevantes. Muitíssimas vezes, a pregação faz um bom trabalho de explicação do texto, mas falha em conectar o texto com o aqui e agora dos ouvintes.

Para aplicar ljoão 2.15-17, o pregador precisa se mover para além do que tem sido visto tradicionalmente como "mundano", como participar de atividades como dançar ou fumar, para o propósito mais amplo de João. Um cristão pode se abster de certas atividades e ainda assim amar o mundo.

Também o conceito de João de "cobiça" (ljo 2.16) precisa ser aplicado além da questão de luxúria sexual. A palavra inclui isso, mas é muito mais ampla na sua extensão, denotando qualquer desejo excessivo contrário à vontade da Palavra de Deus, como o estudo da palavra grega *epithymia* demonstra.

Se lembrarmos desses sete passos, aqueles que nos ouvem reconhecerão que nossas mensagens são baseadas não meramente em nossa interpretação ou idéias, mas que estamos proclamando a mensagem verdadeira das Escrituras.

Capítulo 64

POR QUE TODOS MELHORES PREGADORES SÃO TEOLÓGICOS

Todos fazem teologia. Você faz teologia deforma certa?

John Koessler

Os ossos e a medula do sermão são compostos de teologia. Entretanto, a pregação teológica é rara. Os ouvintes têm medo de que muita teologia torne c sermão não prático. Muitos pregadores evitam o conteúdo teológico. Conscientes da pequena janela de oportunidades oferecida para capturar o interesse da platéia os pregadores se sentem tentados a saltar apressadamente para a aplicação. O resultado é um sermão que começa com a necessidade da platéia, toca levemente c texto bíblico e, a seguir, avança para a aplicação concreta. No processo, o sermão salta o passo importante de identificar e de exprimir os princípios em que a aplicação prática está baseada. Haddon Robinson disse ironicamente: "Prega-se mais heresia na aplicação do que na exegese bíblica" (1997, p. 20-27).

O termo *teologia* é popularmente usado para se referir ao conteúdo da Bíblia Devo observar que esse termo é usado tanto em um sentido amplo como em ura sentido estrito. D. L. Baker observa: "Surge um problema com respeito ao uso da palavra *teologia* como referência ao conteúdo da Bíblia. Se a *teologia é* entendida como significando a doutrina de Deus, então ela é encontrada em um grau muito

limitado na Bíblia. Em seu uso convencional, entretanto, a palavra freqüentemente tem um significado muito mais amplo e pode incluir quase qualquer referência à natureza de Deus e sua atividade" (1988, p. 97-8). Nessa definição, tudo nas Escrituras é teológico. Qualquer afirmação que seja a expressão da verdade em relação à natureza de Deus, à humanidade ou à salvação — como Deus é amor, os seres humanos são pecadores — é teológico.

Entretanto, definido de forma mais estrita a teologia é primariamente uma questão de doutrina. A doutrina é simplesmente o ensino de toda Escritura sobre um assunto relevante — por exemplo, a doutrina de Deus, a doutrina da salvação e a doutrina da cura. A teologia é definida como "um sistema de crenças", significando que todas as doutrinas estão integradas.

Três tipos de teologia

Três categorias correlacionadas de teologia contribuem para o conteúdo teológico do sermão: teologia exegética, teologia bíblica e teologia sistemática.

A *teologia exegética é* a teologia do próprio texto bíblico. É o produto teológico da análise exegética do pregador do texto no seu contexto. Por exemplo, a teologia exegética de Colossenses 3.12-18 inclui afirmações como: "a virtude é tanto um resultado quanto uma obrigação da graça de Deus". Ou: "os escolhidos por Deus para experimentar a graça de Cristo refletem o poder transformador de Deus na maneira em que vivem, têm comunhão e adoram". Embora a passagem seja orientada por sua própria aplicação, sua exortação de "vestir" as virtudes da vida cristã está fundamentada na teologia da graça e da eleição. Não é dito aos colossenses que façam essas coisas para se tornarem filhos de Deus, mas porque já são o "povo escolhido de Deus, santo e amado" (Cl 3.12). Timothy S. Warren define a teologia exegética como "a expressão de um princípio teológico universal que o pregador descobriu no texto por meio dos processos" exegético e teológico (1991, p. 463-86).

A *teologia bíblica* também é teologia exegética, mas praticada em uma escala maior. Se a teologia exegética examina uma faceta de uma doutrina da visão microscópica do texto para o sermão, a teologia bíblica tem uma visão de satélite da mesma doutrina. A teologia bíblica se ergue acima do texto e observa o desdobramento progressivo de uma doutrina particular ao longo de todas as Escrituras, em uma parte particular ou em um único autor bíblico. E o produto da análise exegética coletiva.

As informações necessárias para formular uma teologia completa sobre o Espírito Santo, por exemplo, começam em Gênesis e continuam até Apocalipse. Entretanto, nem todo livro se refere ao Espírito, e algumas passagens meramente descrevem suas atividades. Bem no começo de Gênesis, o Espírito é descrito como aquele que se move sobre as águas (Gn 1.2). Ele era um agente da criação. Os livros proféticos do Antigo Testamento descrevem como o Espírito Santo capaci-

tou homens e mulheres tementes a Deus, selecionados para falar em nome de Deus. O Novo Testamento tem uma revelação mais plena da natureza do Espírito. É aí que ele é mostrado mais claramente como uma pessoa divina (Jo 14, 16, 17). As cartas de Paulo, especialmente 1 Corintios 12—14, descrevem seu relacionamento com a igreja e seus ministros.

A *teologia sistemática* é um estudo da doutrina organizado por tema. Em vez de observar o desenvolvimento progressivo de uma doutrina particular, ela tenta sintetizar o conteúdo teológico das Escrituras em um resumo unificado da doutrina cristã como um todo.

O clássico de Calvino *As Instituías da Religião Cristã* é um bom exemplo de um estudo sistemático de doutrina bíblica organizada por tema. Ele é organizado por quatro divisões principais. O livro I lida com o conhecimento do Deus Criador e se concentra na natureza de Deus e nas maneiras em que ele se revelou à humanidade. O livro II ocupa-se da natureza da redenção e realça tanto o problema do pecado como a obra de Cristo. O livro III lida com o tema da redenção aplicada ao mostrar como pecadores recebem a graça de Cristo e vivem por ela. O livro IV discute a natureza e o ministério da igreja. Ao longo de toda a obra das *Instituías,* Calvino defende suas asserções com citações das Escrituras e interage com muitos religiosos antigos e contemporâneos (em seus dias).

Cada abordagem tem suas limitações. A fraqueza da teologia exegética é seu foco estreito. Reflexão teológica limitada pelo que está explicitamente colocado em um texto freqüentemente resulta em teologia unilateral ou distorcida. Por exemplo, uma teologia das obras baseada unicamente em Tiago 2.14-20 tenderá ao legalismo e pode até resultar em um evangelho baseado nas obras. Por outro lado, uma teologia das obras limitada a Efésios 2.8 pode não fazer justiça ao potencial transformador do evangelho.

O desafio da teologia bíblica é sua extensão imensa. Poucos, pastores — se é que há algum — têm o tempo necessário para fazer uma análise exegética abrangente de cada passagem que lida com uma ou mais das idéias teológicas encontradas em um dado texto.

O perigo da teologia sistemática é que ela pode ser usada de um modo que sufoca a voz de um texto. Um sistema teológico pode forçar injustamente um texto incorretamente a se encaixar em um molde para o qual não foi projetado. O sistema teológico, como uma fábrica de massa de modelar para crianças, descarta tudo no texto que não encaixa nele.

Por causa dessas limitações, a tarefa da pregação requer atenção aos três tipos de teologia.

Uso medíocre da teologia

Há mais na pregação teológica do que adicionar alguns textos-base ao sermão. Alguns pregadores tentam prover uma base lógica teológica para o sermão ao lerem

uma parte do texto bíblico, freqüentemente em suporte a um ponto ou subponto, e, então, ao direcionarem a atenção da platéia a alguma outra passagem que explica o que acabou de ser lido. Em vez de discutir as implicações lógicas e teológicas do texto do sermão ou mostrar como sua base lógica se encaixa no quadro maior da verdade revelada, a referência da cruz é apresentada como uma explicação auto-evidente.

Essa aproximação dá a impressão de que o raciocínio do pregador é circular e cria o potencial para uma teologia medíocre ao extrair o significado do sermão do seu contexto histórico, gramático e literário imediatos. A primeira tarefa do pregador é sempre explicar, provar ou aplicar a idéia do autor bíblico em seu contexto.

A pregação teológica não se resume a alguém vincular a sua doutrina preferida a um sermão. Como um deputado ou senador que vincula alguma legislação de seu interesse a uma proposta de lei não associada a ela, essa abordagem é exemplificada por aquele desenho do pregador que termina todo sermão, independentemente do texto, dizendo: "Agora, algumas palavras a respeito do batismo cristão".

A pregação teológica não é um discurso teológico abstrato que não se importa com a situação de vida ou as necessidades percebidas pela platéia. Ela exige mais do que simplesmente reafirmar as grandes doutrinas da fé cristã. Em seu livro *Preachers and Preaching [Pregadores epregação*], Martyn Lloyd-Jones fala a respeito de um pastor que fez um discurso sobre a trindade em um encontro evangelístico cujo foco era as mulheres idosas da região pobre de Londres. "Ali estava um homem, um profissional treinado inteligente de quem você pensaria que teria alguma noção de como se dirigir a pessoas", Lloyd-Jones escreve, "mas ele claramente não havia nem mesmo pensado nisso e provavelmente havia lido um artigo ou livro sobre a trindade recentemente". Lloyd-Jones aponta que, mesmo sendo teologia correta, isso era "completamente inútil" para seus ouvintes. "Você não dá carne para bebês", ele explica, "você lhes dá leite" (1971, p. 145).

A teologia precisa ser aplicada. Esse é o padrão dos autores bíblicos que regularmente passam da construção teológica para a aplicação concreta. O apelo de Paulo em Romanos 12.1, por exemplo, para que os seus leitores ofereçam seus corpos como sacrifícios vivos, deriva da construção teológica exposta nos primeiros 11 capítulos. Ele também é fundamentado em um entendimento da teologia do sacrifício esboçado no Antigo Testamento. A primeira carta de Pedro segue um padrão similar, pois se move o tempo todo entre a teologia e a aplicação. Esse mesmo movimento deve ser visível no sermão. (Veja uma discussão sobre o lugar da aplicação no sermão em John Koessler, "Getting Gold From the Text" [Como extrair ouro do texto], Gravação número 238, de *Preaching Today [Pregação hoje\).*

Analisando a teologia do texto

A pregação teológica começa desvelando a teologia do texto. Perguntas fundamentais precisam ser feitas com respeito ao texto, ao autor e à platéia originária. O

que o autor estava dizendo e por quê? Que suposições a respeito de Deus são transmitidas pelo texto, tanto explícita como implicitamente? O objetivo é identificar principios teológicos centrais. Uma vez que o trabalho árduo de exegese gramatical, histórica e literária está concluído, é necessário utilizar as ferramentas e técnicas que permitem ao pregador encaixar os princípios teológicos que foram desvelados no contexto maior da verdade teológica.

A teologia de um sermão precisa ser informada pela teologia bíblica. A natureza progressiva da revelação divina nos garante que nenhum texto bíblico pode prover um tratamento exaustivo de qualquer tema ou idéia. A teologia do texto precisa ser colocada no contexto do âmbito teológico de seu capítulo, do livro em que aparece e até mesmo de toda a Bíblia.

A diferença entre o que Paulo e Tiago dizem sobre obras, por exemplo, é o resultado de perspectivas diferentes, não teologías diferentes. O contexto maior em Efésios 2.8 revela que Paulo esperava que boas obras fossem um resultado natural da experiência da graça de Deus (Ef 2.10). Do mesmo modo, Tiago não contrasta fé e obras, mas fé verdadeira e fé falsa. Ambos enfatizam a prioridade da fé e ambos esperam que a verdadeira fé seja refletida no comportamento.

Em seguida, especialmente quando há questões complexas, o pregador precisa se voltar para textos teológicos, dicionários teológicos e revistas teológicas. A maioria dos textos de teologia sistemática organiza seus temas conforme tópicos doutrinários e usa textos-base para defender suas asserções. Os dicionários teológicos organizam seus temas por ordem alfabética e se aprofundam menos do que textos de teologia sistemática. Revistas teológicas publicam artigos de estudiosos que se concentram em um trecho, versículo, expressão ou tema.

O resultado dessa análise deve ser uma idéia teológica, uma única frase que sintetiza o princípio teológico da passagem. Uma idéia teológica baseada em João 13.1-17, o relato de Jesus lavando os pés dos discípulos, pode ser: "A verdadeira divindade é compatível com humildade amorosa e que não tem medo de se expressar na prática". Isso é o equivalente teológico do que tem sido tradicionalmente chamado de a proposição do sermão ou a idéia principal. Essa afirmação é construída sobre o fundamento da idéia exegética e abre o caminho para a idéia ou proposição do sermão. Um fluxograma desse processo pode ter a seguinte forma:

PROPOSIÇÃO EXEGÉTICA À PROPOSIÇÃO TEOLÓGICA Ã PROPOSIÇÃO DO SERMÃO

A proposição exegética focaliza a platéia originária com seu contexto histórico e cultural. A proposição do sermão focaliza o contexto cultural da platéia do pregador. A proposição teológica universal fornece uma ponte necessária do texto para a platéia que permite que o pregador combine relevância com autoridade. Observe as palavras de Timothy S. Warren, citando Walter Kaiser e John Warwick Montgomery:

> A proposição [teológica], portanto, será expressa antes em termos de teologia do que de história. Como resultado, o pregador articulará a verdade

universal que responde às perguntas: O que esse trecho diz sobre Deus, a criação e o relacionamento entre os dois? É crucial que o produto teológico seja clara e suficientemente vinculado à passagem originária, pois "uma vez que o expositor demonstrar que a mensagem é do texto, então a exposição [teologia] tem a autoridade que precisa ter para ser eficaz em uma pregação que dá resultados". A teologia, então, é o "arco hermenêutico que se estende do texto ao sermão contemporâneo" (1991, p. 478).

A proposição exegética de João 13.1-17 pode ser: "Jesus, em sua divindade, não se desviou da verdadeira humildade porque ele sabia quem era e quem ele amava". Isso é baseado na afirmação sintetizadora em 13.1 de que "sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim".

A proposição teológica, expressa mais uma vez, é a seguinte: "A verdadeira divindade é compatível com a verdadeira humildade e não tem medo de expressá-la na prática".

A proposição do sermão utiliza a idéia teológica e a adapta à platéia que se tem em vista. Nesse caso, a humildade de Jesus é apresentada como um exemplo a ser seguido pelos discípulos. A idéia pode focalizar a natureza da tarefa: "A maior coisa que podemos fazer para Deus normalmente é a coisa que está à nossa disposição". Ou a proposição pode focalizar a compatibilidade entre a humildade e a grandeza: "O caminho mais certo para a grandeza é o caminho mais humilde".

Como dar vida à teologia

A ênfase teológica de um sermão pode exigir uma nova embalagem para os ouvintes pós-modernos, que sentem que é necessário experimentar a verdade para "saber" que ela é verdadeira. Ao pregar a uma platéia dessas, freqüentemente é necessário expô-la à teologia por meio da porta dos fundos da analogia e da ilustração.

Um dos melhores modelos para esse tipo de pregação teológica pode ser encontrado em sermões de Jonathan Edwards, pregador do século XVIII. Edwards era um pregador teológico e exegético. "Seus sermões", Conrad Cherry escreve, "mesmo seus mais reavivamentistas, eram monumentos à exegese bíblica cuidadosamente elaborados, já que seguiam o método tripartido de clarificação do texto bíblico, elaboração da doutrina implícita no texto e aplicação do texto e da doutrina à vida de seus ouvintes" (1985, p. 264).

Edwards era um mestre no uso de imagens vividas e de analogias concretas, para que as verdades teológicas que ele pregava impactassem ouvintes no nível das experiências (veja mais acerca de como tornar a linguagem do seu sermão mais vivida em Wiersbe, 1997). Cherry aponta para o sermão mais famoso de Edwards: "Pecadores nas mãos de um Deus irado", como um exemplo fundamental: "O padrão da cena que Edwards descreve nesse sermão trilha o caminho da tipologia:

do literal para o simbólico, do concreto para o espiritual; de observar um forno e tocar em uma brasa quente (experiências suficientemente comuns para os novos ingleses do século XVIII) para a eterna consumação pelo fogo; de agüentar dor intensa por um minuto, então alguns minutos, para imaginar o tormento de dor constante e não aliviada" (1985, p. 268).

Edwards adotou sua estratégia como resultado de suas próprias convicções teológicas. O alicerce da verdadeira religião, de acordo com Edwards, não era a cabeça, mas o coração. O principal benefício do sermão se obtém, como o próprio Edwards o coloca, de "uma impressão causada no coração no momento" (Lloyd-Jones, 1987, p. 348- 371).

É questionável se a verdade teológica pode ser transmitida completamente sem que seja transmitida de forma proposicional em algum momento no sermão. Nem todo mundo tem o mesmo tipo de aprendizado. Alguns reagem a histórias, outras aprendem melhor com um esboço claro. A própria habilidade do pregador pode ser um fator limitante. Cornelius Plantinga Jr. (1999, p. 16-9) adverte sobre o perigo de tentar imitar mestres da forma narrativa, e diz: "Centenas de jovens pregadores tentaram imitar tal virtuosidade, sem muito sucesso". Ele prossegue e aponta como até mesmo pregadores narrativos como Frederick Buechner a certa altura recorrem a proposições: "Até os sermões de Buechner, por sugestivos que sejam, geralmente transportam carga de verdade. Aliás, é surpreendente que um sermão de Buechner geralmente entrega uma proposição ou duas". Uma proposição tediosa, mas clara, é com freqüência melhor do que uma narrativa interessante, mas vaga.

Charles Spurgeon certa vez observou que o pregador jovem está principalmente preocupado com questões de estilo, enquanto os que têm mais experiência tendem a focalizar sua atenção no conteúdo. De fato, o pregador jovem pergunta: "Como vou dizer isso?", enquanto o pregador mais velho pensa: "O que vou dizer?". O pregador teológico precisa fazer ambas as perguntas. E ao dar atenção cuidadosa à teologia de um texto e à necessidade da platéia que o pregador aprende o que precisa ser dito sobre ele e como dizê-lo.

Bibliografia

BAKER, D. L. 1988. Biblical Theology, in *New Dictionary of Theology* (Downers Grove, IL: InterVarsity), p. 97- 98.

CHERRY, Conrad. 1985. "Symbols of Spiritual Truth: Jonathan Edwards as Biblical Interpreter," *Interpretaron* 39 (julho), p. 268.

LLOYD JONES, Martyn. 1971. *Preachers and Preaching.* Grand Rapids: Zondervan.

. 1987. *The Puritans: Their Origins and Successors.* Carlisle, PA: Banner of Truth.

PLANTINGA, Cornelius, Jr. 1999. "Dancing the Edge of Mystery," *Books é Culture 515* (setembro/outubro), p. 16- 19.

ROBINSON, Haddon. 1997. "The Heresy of Preaching," *Leadership Journal* 18 (outono), p. 20- 27.

WARREN, Timothy S. 1991. "A Paradigm for Preaching," *Bibliotheca Sacra* 148 (outubro-dezembro), p. 463-86.

WIERSBE, Warren W 1997. *Preaching and Teaching with Imagination.* Grand Rapids: Baker.

Capítulo 65

PERMITINDO QUE OS OUVINTES FAÇAM AS DESCOBERTAS

As Escrituras podem falar por si mesmas

Earl Palmer

Sempre que estou perante a congregação, tenho que suprimir meu instinto natural de pregar. Nós, pregadores, temos a tendência — algum impulso inato — de oferecer respostas aos nossos ouvintes antes mesmo de eles terem ouvido as perguntas. Queremos ajudar, mas, às vezes, esquecemos o processo necessário.

Não é de admirar que a pregação tenha adquirido uma má reputação. "Eu não preciso^do seu sermão", o adolescente grita para os seus pais. "Não quero ouvir seu sermão", a esposa diz para o seu marido. E sabemos exatamente o que eles querem dizer. As pessoas resistem a respostas que outras encontraram para elas. Sermões do tipo agora-vou-consertar-vocês deixam os meus ouvintes com os olhos vidrados. Quando eu pontifico, eles não conseguem contemplar. J. B. Phillips, enquanto traduzia o Novo Testamento, descobriu que sua verdade pulsava com vida e poder. Ele se sentiu como um eletricista, assim conta, trabalhando com uma instalação elétrica com a chave geral ligada. Lidar com a palavra viva e dinâmica não era nenhuma rotina entediante! Phillips sentiu a natureza impressionante — tanto o temor quanto a emoção — da carga elétrica da verdade de Deus.

Mantenha a Bíblia em primeiro lugar

Certa vez enquanto viajava, minha filha e eu ouvimos um sermão no rádio. O pregador leu um texto magníficamente; era de Romanos 8, sobre a esperança. O pregador, a seguir, apresentou uma série de histórias comoventes e pessoais sobre a esperança.

Depois do sermão, minha filha perguntou: "O que você achou do sermão?".

"Ele foi comovente", disse. "Aliás, uma das ilustrações me fez chorar".

Então minha filha disse algo que nunca esquecerei: "Mas pai, eu não gostei do sermão porque o pastor basicamente disse: 'Já que eu tenho esperança, você deve ter esperança. E isso não é o evangelho".

Fiquei tão orgulhoso da minha filha. Ela percebeu que havia algo a mais nas boas novas. Fico contente que esse pastor tenha esperança. Mas preciso ver como

esse texto em Romanos me concede uma base profunda para a esperança, quer ele tenha esperança ou não! De certo modo, então, o pastor enganou seus ouvintes. Negou-nos a oportunidade de ver o texto e descobrir a partir dele a base para a esperança para nós.

As pessoas, é claro, desejam um toque humano — amor e compaixão e esperança. E elas precisam de histórias pessoais para mostrar o evangelho em ação na vida diária. O único problema é que as histórias pessoais, por si só, não me conectam com a verdadeira fonte da esperança.

Os testemunhos e as histórias pessoais devem ser vistos como todas as ilustrações — janelas para iluminar e ajudar as pessoas a dar uma espiada nos tesouros textuais que estão à espera de serem descobertos. Se faço minhas descobertas por meio dessas histórias, posso me tornar doentiamente dependente do narrador, normalmente o pastor, para o crescimento espiritual. Mas se posso encontrar esperança para mim a partir de Romanos 8, eu a descubro ao lado do pastor. Essa descoberta, embora ela leve mais tempo, é mais poderosa e duradoura.

Sim, precisamos ser fluentes em pessoas, compreendendo-as e falando às suas necessidades. Mas primeiro precisamos ser fluentes no texto. Isso significa, é claro, que preciso investir tempo e trabalho duro para conhecer o texto. De fato, até para fazer as perguntas certas preciso saber bastante! O bom ensino surge quando entendo o conteúdo e conheço profundamente o texto antes de procurar suas implicações. Então as pessoas podem ser conectadas primeiramente e de forma principal ao texto.

Deixe transparecer a urgência

Deixar as Escrituras falar por si mesmas não significa que sou impassível na minha apresentação. Se quero que meus leitores descubram o texto, preciso estimular seu apetite por coisas espirituais. Para fazer isso de maneira eficaz, preciso transmitir a urgência do texto.

Os melhores professores de cálculo acreditam que o jovem não pode realmente vencer na vida neste mundo sem saber cálculo. Esses professores exigem mais e desafiam mais. Eles também ensinam mais. Eu quero captar uma percepção de urgência que diz: "Essa não é apenas uma opção interessante. E essencial que você a conheça". Os aprendizes captam mais do que conteúdo de um ensino desses; eles captam um entusiasmo pela verdade.

Isso significa, entre outras coisas, que preciso ter um senso de urgência em relação à minha própria alma. Eu mesmo preciso ser um cristão em crescimento e amadurecimento com um apetite por coisas espirituais. Só, então, posso transmitir à minha congregação a urgência de crescer e amadurecer também.

Não vá ao ponto

Embora eu tenha um senso de urgência em relação ao que ensino, não tenho esse senso em relação a chegar ao ponto principal de um texto. Aprendi a não

revelar o que sei tão cedo. Aprendi a não forçar a descoberta, mas deixar o curso natural do texto se revelar. Tenho de dar tempo para que as pessoas questionem, tempo para que surjam as perguntas, tempo para refletir e tempo para que as respostas se formem no texto.

Quando prego suscitando perguntas que emergem naturalmente do próprio texto, permito que o ouvinte descubra, ele mesmo, o sentido. E um pouco como a Ágata Christie retendo a solução do mistério até que chegue o momento certo.

Considere, por exemplo, o texto sobre Zaqueu em Lucas 19.1-10. Depois de Zaqueu ter recebido a Jesus em sua casa, a frase seguinte diz: "Todo o povo viu isso e começou a se queixar: 'Ele se hospedou na casa de um pecador'". Mesmo que eu queira iluminar esse detalhe rapidamente, não preciso contar logo em seguida à congregação por que o povo murmurava.

Assim, primeiro tenho de perguntar: "Por que as pessoas murmuraram? Por que elas estão tão irritadas? O que está acontecendo que elas estão tão bravas com Jesus? E observe, todas elas murmuraram — isso significa que os discípulos também. Por que os discípulos estão irritados?". Posso passar com minha congregação pelos vários tipos de pessoas que estariam presentes em Jerico: Por que os fariseus murmurariam? Por que os discípulos ficaram contrariados? Posso fazer uma jornada junto com minha congregação através de vários tipos de pessoas que poderiam estar presentes em Jerico — por que os fariseus murmuraram? E os discípulos? E as pessoas da cidade? O que as irrita tanto? Que expectativas elas tinham que agora Jesus teria frustrado? Uma abordagem dessas preserva o drama natural do texto.

Com essa história em particular, posso conduzir minha congregação por uma viagem ao longo de algumas expectativas do Antigo Testamento em relação ao Messias. Posso explorar as várias idéias sobre o que o Messias faria e o que não faria com um vigarista como Zaqueu. Posso refletir por que as pessoas não estavam preparadas para o Messias que veio procurar e salvar os perdidos. Posso mostrar por que foram tão surpreendidas por Jesus.

E esse elemento de surpresa no texto que é a notícia maravilhosa! Quando posso ajudar minha congregação a fazer descobertas dessas apenas uma fração de segundo antes de contá-las, os meus ouvintes ficam animados em relação às Escrituras e à sua relevância para sua vida.

Deixe a verdade vender-se a si mesma

Nós, professores, com freqüência ficamos tentados a dizer muito de uma só vez, especialmente no fim das aulas e dos sermões. Descarregamos tudo em que pensamos para tornar alguém cristão, repetindo os fatos mais preciosos de nossa fé — o sangue de Cristo, a cruz, o amor de Deus — e os reduzimos a frases rápidas e sem qualquer explicação.

Em vez disso, descobri que é muito melhor deixar o texto bíblico colocar o seu próprio ponto e vender-se a si mesmo. E podemos confiar que as Escrituras se

venderão a si mesmas porque o Espírito já está trabalhando nas pessoas antes mesmo de elas virem ao texto.

As pessoas vêm ao texto não como lousas em branco, mas como indivíduos em quem o Espírito já está trabalhando. Visto que as Escrituras falam às necessidades mais profundas das pessoas, podemos confiar que elas serão ouvidas pelas pessoas. Podemos estar seguros de que as pessoas descobrirão o quanto ela é boa uma vez que lhe derem uma oportunidade.

É como levar uma pessoa ao monte Hood (montanha famosa no estado do Oregon). Eu estive em Tiberline Lodge e sei como é bonito lá. Mas não preciso me gabar disso de antemão para convencer alguém do seu esplendor. Quando levar a pessoa ali, ela poderá ver essa beleza por si mesma e certamente ficará impressionada. De forma semelhante, tudo que eu tenho de fazer é levar as pessoas à porta das Escrituras. Uma vez que entrarem pela porta e virem por si mesmas, ficarão perplexas com o quanto Jesus Cristo é relevante para a sua vida.

Nos estudos bíblicos dos grupos pequenos de nossa igreja, por exemplo, não tentamos ser evangelísticos. Nosso objetivo é deixar o texto colocar seu próprio ponto e, então, permitir que o grupo fale sobre o que está sendo lido. De forma propositada, não tratamos de tudo já na primeira semana, mas apenas do que o texto diz na primeira semana.

Um professor de engenharia muito resistente de nossa cidade ficou abalado quando sua esposa morreu de um ataque cardíaco súbito, exatamente antes de ele se aposentar. Ela era cristã e, depois do funeral, ele veio me ver. Eu o conduzi ao evangelho de Marcos e a algumas leituras adicionais.

Depois de algumas semanas, pude perceber que gradualmente o Novo Testamento estava fazendo sentido para ele. "Quando você estiver pronto para a decisão por Jesus, avise-me", disse-lhe. Meu comentário final dos momentos que passávamos juntos geralmente era: "Quando você estiver pronto para a decisão por Jesus, avise-me".

Um domingo depois do culto, com muitas pessoas ainda se aglomerando em minha volta para conversar, o engenheiro ficou atrás esperando por mim. Ele não é o tipo de homem que gosta de ficar em pé esperando. Finalmente, ele conseguiu minha atenção e falou bem alto: "Ei, Earl, estou te avisando".

Foi isso; ele se tornou cristão aos 66 anos, convencido pelas Escrituras da confiabilidade de Cristo.

Deixe que as pessoas ouçam sua própria aplicação

Criar a oportunidade para a descoberta pessoal às vezes nos surpreende pela forma em que os resultados vêm. Um pastor estava se debatendo com o modo em que a sua formação conservadora impunha uma espiritualidade artificial às pessoas. Ele se recusava a pregar sobre "pecados" tradicionais: ir ao cinema, fumar, beber e assim por diante.

Em um domingo, seu texto deu ampla oportunidade para falar sobre essas coisas: '"Tudo me é permitido', mas eu não deixarei que nada me domine" (ICo 6.12). Entretanto, o pastor não mencionou os pecados ditados por sua tradição. Em vez disso, ele deliberadamente falou sobre outros vícios tolerados por sua igreja, coisas como comer demais e assistir televisão em demasia.

Depois do culto, uma mulher se aproximou do pastor e lhe entregou sua carteira de cigarros. "Pode não ser contra a lei", ela disse, "mas eu tenho sido dominada por esses cigarros. Nunca entendi esse versículo dessa forma antes, assim estou dando esses cigarros para você. Com a ajuda de Deus, vou dominá-los". Sem uma palavra a respeito de cigarros ou nicotina, o próprio texto havia falado a essa jovem mulher.

Descobri que a mudança é mais profunda quando nós fazemos a conexão, quando *nós* descobrimos a palavra de Deus para nós. Quando posso ajudar as pessoas a descobrir isso, então estou "ensinando" muitas coisas e pregando da maneira que deveria.

Capítulo 66

CONDENAÇÃO E COMPAIXÃO

São necessárias firmeza e compaixão para resgatar as pessoas do pecado

S. Bowen Matthews

Certa vez, preguei sobre o divórcio com base em Marcos 10: '"Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe [...] Todo aquele que se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério contra ela'" (v. 9,10)."Nossa primeira reação às palavras de Jesus", disse, "é procurar meios de evasão, para barganhar, para suavizar a pancada de suas palavras. É por isso que não o ouvimos falar e não nos apressamos em confessar nossa falha e em restaurar nosso casamento para honrar a vontade de Deus...".

Na frase seguinte, eu disse: "Muitos de vocês aqui são divorciados. Alguns de vocês são casados de novo. O que foi feito foi feito. Não é minha responsabilidade nem desejo bater com a Palavra em pessoas divorciadas ou casadas de novo e assim mandá-las embora com sentimento de culpa e irritadas. Suspeito que todos vocês que experimentaram o divórcio tiveram mais do que sua cota de sentimentos de culpa. O divórcio não é um pecado imperdoável. Mas é pecado. Se você confessou esse pecado e se arrependeu dele, então continue sua caminhada".

Algumas horas depois, uma mulher de nossa congregação estava no meu escritório. "Você simplesmente não entende", disse ela. Ela prosseguiu para contar uma história horrível do que seu ex-marido havia feito a ela. Dadas suas circunstâncias, meu sermão bem intencionado parecia cruel e incompreensivo.

Seria fácil desconsiderar sua queixa. Talvez ela simplesmente se recusou a admitir sua contribuição para o fracasso do casamento. Mas eu acho isso insensível. Os pastores precisam ser firmes, mas a firmeza sem o discernimento espiritual se deteriora em abuso espiritual. Ela veio ao sermão procurando pão e encontrou uma pedra. Por quê?

A tensão

Em retrospecto, encontro a origem do fracasso daquele sermão na rapidez e na falta de paixão com que lidei com a tensão entre a compaixão e a condenação. Todo o sermão foi sobre divórcio e novo casamento. Mas apenas seis parágrafos curtos desenvolveram a tensão entre a vontade eterna de Deus e as experiências de pessoas cujos casamentos fracassados frustraram aquela vontade.

Questões em torno dessa tensão existem em abundância. Consigo falar (e tenho falado) por horas sobre algumas dessas questões. Livros sobre elas ocupam uma prateleira curta em minha biblioteca. Mas, na pressa, eu os negligenciei naquele dia.

Mas a rapidez teve um companheiro mais devastador no fracasso do sermão. Aqueles seis parágrafos eram inteiramente *cognitivos.* Relendo-os agora com aquele choro vindo do coração daquela mulher no meu ouvido, eles parecem duros e secos, distantes da sua dor. Ela não ouviu nenhuma pista de como, às vezes, eu havia lutado e sido tentado a admitir que em alguns casamentos o divórcio na verdade fazia mais sentido do que permanecer juntos. Minhas palavras não tiveram nenhum sabor para a alma dela; faltou o sal das minhas lágrimas para temperá-las.

Se eu pudesse pregar aquele sermão novamente, eu usaria metade do sermão para desenvolver a tensão no meu compromisso com o plano eterno de Deus e meu compromisso com as pessoas que frustraram o plano e que às vezes foram despedaçadas no processo.

Sou grato àquela mulher. Ela foi um dos instrumentos de Deus para reformar meu coração, para que eu pudesse crescer de forma mais segura e profunda na pregação do evangelho, sem fazer concessões, mas também com compaixão.

Os princípios a seguir me ajudam a manter o equilíbrio.

Sem exageros

Demasiados sermões dirigidos pela condenação farão a própria congregação se sentir autojustificada. Nada nos faz sentir tão justos como expor o pecado evidente de outra pessoa, especialmente se é um pecado que não somos tentados a cometer. Minha justa indignação pelos *hackers* de computadores é tão pura quanto à neve ártica, porque eu tenho tanto interesse no assunto quanto em amostras do solo de Bangladesh.

Quando os pastores pregam freqüente e fortemente contra pecados específicos, sua pregação se torna previsível. Ela focaliza pecados que não tentam a maio-

ria das pessoas da congregação. Se ela focalizar pecados que somos tentados a cometer, o pregador pode estar diante de um reavivamento — ou, mais provavelmente, diante de uma revolta. Já que esse normalmente não é o foco, a congregação vai embora satisfeita, congratulando-se por ser realmente tão correta.

Além disso, esse tipo de pregação suscita uma pergunta sobre o pastor e sua congregação: o que eles estão escondendo? Toda essa condenação previsível do pecado de alguém outro é um artifício para impedi-los de enfrentar corajosamente alguma verdade terrível sobre si mesmos?

Para contrabalançar esse perigo em mim mesmo e em minha congregação, há um pequeno teste pelo qual avalio minha saúde espiritual. Se saímos do culto nos sentindo satisfeitos com o quão corretos somos, estamos flertando com o diabo.

Não quero nunca sair do culto me sentindo satisfeito comigo mesmo. Quero sair me sentindo satisfeito com meu Salvador, que me conduz em caminhos de retidão por causa de seu nome e ao lado direito de quem se encontram prazeres para todo o sempre. Pregação exagerada contra o pecado dos outros compromete isso.

Esse pequeno teste me encoraja a lembrar da compaixão mesmo quando eu denuncio o pecado.

Acrescente o sim ao não

Sermões dirigidos pela condenação apenas contam metade da história. A sabedoria do Novo Testamento diz: "[Dispam-se] do velho homem [...] e [revistam-se] do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade" (Ef 4.22,23). Denunciar o pecado tem seu lugar no ministério pastoral. Mas na ordem do propósito, não tem o primeiro lugar. Sim, precisamos saber a que dizer não. Mas acima de tudo, precisamos saber a que dizer sim.

Na série dos Dez Mandamentos, descrevi cada mandamento como uma porta em um grande muro. Dizemos não ao comportamento que cada um proíbe a fim de passar pela porta para o outro lado. Ali encontramos caminhos que levam à alegria e à união com Deus — o que os teólogos mais antigos chamavam de "a visão beatífica".

Com isso em mente, preguei dois sermões sobre cada mandamento. O primeiro sermão expunha o significado do mandamento. O segundo dizia: "Vamos supor que obedecemos ao mandamento. Que possibilidades para a santidade ele abre para nós?".

Por exemplo, no segundo sermão sobre o primeiro mandamento, eu disse: "Você e eu obedecemos. Guardamos o primeiro mandamento. Renunciamos a todos os aspirantes a nossa lealdade e afeição a fim de abraçarmos o Deus vivo e verdadeiro e de sermos cativados por ele. Como é isso?".

Aí citei cinco declarações dos salmos — por exemplo: "A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando poderei entrar para apresentar-me a Deus?"

(SI 42.2). Perguntei: "Existe algo em sua experiência que se aproxima de uma paixão dessas por Deus, tal deleite no próprio Deus?". O resto do sermão apontou para o caminho de como fazer isso.

Esses três primeiros versículos, fielmente aplicados, restauram minha perspectiva quando sou confrontado pelos pecados do nosso tempo — e me ajudam a vencer a tentação de me tornar rígido e sem compaixão em relação a pessoas pegas nesses pecados. Eles restauram em mim o realismo para considerar mais cuidadosamente as pessoas reais que me ouvem e o que pode estar acontecendo em sua alma enquanto estão me ouvindo.

Tenho, até mesmo, a percepção da realidade para lembrar a criatura mais estranha de todas na congregação — eu — e minha parte no pecado do mundo e minha aspiração à santidade. Os morros e vales se tornam planos e a compaixão se junta à condenação em terreno aplainado.

Tenha consciência de sua pecaminosidade

O equilíbrio vem de assumir a posição do adúltero. João 8.1-11 conta a história a respeito de Jesus e da mulher pega em adultério. Todo pregador em quem a condenação e a compaixão devem andar juntas e dar fruto precisa estar na posição da mulher pega em adultério.

Paulo Tournier escreveu o seguinte a respeito dela: "Essa mulher simboliza todas as pessoas desprezadas do mundo, todos aqueles que vemos diariamente, esmagados por julgamentos que pesam intensamente sobre eles, por meio de cento e um preconceitos arbitrários ou injustos, mas também por meio de julgamentos justos, baseados na moralidade mais saudável e a lei divina mais autêntica. Ela simboliza toda a inferioridade psicológica, social e espiritual. E seus acusadores simbolizam toda a humanidade julgadora, condenatoria e humilhado ra".

Corky era meu amigo de infância. Crescemos em uma época em que os pneus dos carros tinham câmaras internas. Em toda garagem havia penduradas várias câmaras que não estavam sendo usadas. Nós as pegávamos, colocávamos no chão e cortávamos tiras de elástico. Essas tiras pareciam enormes elásticos. Depois, cortávamos cada tira pela metade, e pregávamos uma ponta em um pedaço de madeira que tinha um cabo. Depois, andávamos pelas ruas batendo aqueles elásticos na calçada ou na rua mesmo. O barulho era mais forte que o tiro de um rifle.

Certo dia, Corky bateu com aquele elástico nas minhas costas. Agarrei o meu, chorando e xingando, o persegui pela rua. Detesto pensar no que poderia ter feito a ele se o tivesse alcançado. Eu tinha perdido o controle.

Mas ele foi mais rápido. Ele chegou em sua casa e trancou a porta. Eu não o vi por bastante tempo, mas eu o procurei. Eu pretendia fazê-lo pagar pelo que me tinha feito.

Muitos anos depois, ocorreu-me a seguinte idéia: e se Corky e eu estivéssemos na cidade de Nova York e tivéssemos sido membros de gangues diferentes? As guerras de gangues haviam começado havia menos de um ano. Não havia gangues

na minha vizinhança, mas todas as paixões que começam uma guerra de gangues estavam plenamente em operação no meu coração de menino.

Qualquer que seja o pecado humano contra o qual eu prego, acho fácil me imaginar sucumbindo a esse mesmo pecado, se as circunstâncias fossem as apropriadas. Acho fácil me ver no lugar daquela mulher pega em adultério: culpada, acusada, à espera da condenação final por aquele que tem toda autoridade no céu e na terra. Colocar-me no lugar dela faz maravilhas para me ajudar a encontrar o equilíbrio entre a condenação e a compaixão.

Use histórias na primeira pessoa

O equilíbrio vem do uso de histórias na primeira pessoa. Histórias na primeira pessoa da vida real colocam um rosto humano na condenação, e essa face convida à compaixão.

Genevieve era uma mulher de vinte e poucos anos que tinha a síndrome de Marfan, uma doença hereditária que afetava os tecidos conectivos do corpo, como aconteceu com sua mãe antes dela. Ela e seu marido consultaram uma autoridade excelente na doença sobre as conseqüências de uma possível gravidez. Ele advertiu fortemente contra a gravidez. Naquela mesma semana, se não naquele mesmo dia, eles receberam de seu obstetra a notícia de que ela estava grávida.

Ninguém na minha congregação teria piscado se ela tivesse de fato realizado o aborto. Sua vida estava em jogo. Genevieve, com o conhecimento e consentimento de seu marido, fez a escolha inesperada de carregar a criança até o fim da gestação. Depois de cerca de sete meses de gravidez, ela foi hospitalizada para testes. Seu médico sugeriu que fosse transferida para Filadélfia para testes mais sofisticados. Ela foi colocada em um helicóptero para fazer o breve vôo. Exatamente antes de o helicóptero decolar, Genevieve sentou-se na maca. As artérias de seu coração, enfraquecidas pela doença, separaram-se do coração em razão desse pequeno esforço. A morte foi instantânea. O médico, que havia acabado de colocá-la no helicóptero, correu de volta e fez o parto de uma bela menina, que hoje está perto de se formar no ensino médio.

Muitos diriam que essa mãe não foi tola e irracional ao permitir que a gravidez continuasse. Também podemos dizer: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos". Não digo isso para elogiá-la. O que ela fez transcende os elogios. Não a exponho como um exemplo a ser imitado. O que ela fez não convida à imitação. Em vez disso, como um novo sol em nosso céu, seu ato de amor serve como um flamejante centro de gravitação pelo qual o resto de nós pode, de alguma forma decisiva, ser atraído para fora da escuridão que se avoluma sobre a antiga criação.

Uma história dessas leva o sermão para além do cognitivo. Em vez de ser um discurso no formato mente para mente em uma batalha intelectual, o formato do discurso é coração para coração com nossa congregação. A história media para nossa congregação nossa paixão pela verdade e nossa compaixão pelas pessoas.

Tenho uma história dessas para cada confronto entre condenação e compaixão? Sim, mas apenas depois de 39 anos no ministério pastoral. E tenho muitas mais como resultado de ser percebido como alguém que se importa com as pessoas na selva da vida.

Aquele que luta com a pregação da condenação e da compaixão na proporção adequada precisa olhar para o exemplo de Jesus Cristo, que se levantou, interrompendo os rabiscos que fazia no chão, elevando-se acima dos séculos para falar à mulher adúltera, diante dele, as palavras mais redentoras que já foram pronunciadas por lábios humanos: "Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado" (Jo 8.11).

Capítulo 67

A IMPROPRIEDADE DA TEOLOGIA DO "SIM"

Se disser não for algo que me torna bitolado, que assim seja

Ben Patterson

O terror me agarrou pela garganta alguns meses depois que fiquei noivo. O ardor se transformou em terror. A paixão ardente de repente se transformou em pés gelados. Isso veio com uma percepção fundamental: Se eu tivesse essa mulher, não poderia ter nenhuma das outras. Se eu dissesse "sim" a uma, estaria dizendo "não" a milhões. Não que isso fosse a amplitude das minhas opções, realmente — mas quaisquer que fossem as opções que eu pudesse ter tido antes de dizer meus votos, elas não existiriam mais depois que eu os dissesse.

Cuidadosamente, expus algumas dessas preocupações à mulher que, apesar disso, tornou-se minha esposa. Isso foi há muitos anos. Ela me perdoou, eu acho.

Todo sim contém um não. E se você não aprender a dizer um, você não conseguirá aprender a dizer o outro (talvez seja por isso que suportamos as crianças de dois anos). Isso certamente descreve a maneira que os cristãos e a igreja podem escorregar para a heresia e a confusão.

Sei a respeito de uma igreja cujo novo pastor a levou a erros teológicos sérios, até mesmo fatais. O mistério é que seu antecessor, um homem completamente ortodoxo, temente a Deus e amado, pastoreou a igreja por mais de três décadas e nunca pregou nada se não a verdade do evangelho. Como isso pode ter acontecido?

Eu perguntei sobre o caso a uma amiga que conhecia a igreja. Ela explicou: "Ele disse a verdade a eles todos esses anos. O que ele não disse a eles foi o que não é a verdade". Ele disse o "sim", mas nunca disse o "não" e, porque nunca fez isso, sua congregação nunca ouviu o sim. Eles não foram tão completamente ensinados apesar de tudo.

Mas eu concordo com a opinião da minha colega. E preciso rigor intelectual para entender suficientemente o sim para que se conheça o não. Isso traz um custo

à mente, e às vezes traz tensão aos relacionamentos. Certa vez, preguei sobre a ordem de Jesus dada ao jovem rico de vender tudo que tinha e dar aos pobres. Encorajado por algumas observações de Tony Campolo que eu tinha lido, fiz uma pergunta retórica à minha congregação de classe alta: "Um cristão pode ter uma BMW?". Talvez eu devesse ter ficado satisfeito apenas com a orientação à minha congregação de que alguém não pode seguir a Cristo e ser escravo das riquezas. Talvez não. Seja como for, dos telefonemas e *e-mails* que recebi, pude concluir que a mensagem foi memorável, mesmo que não tenha sido popular.

Aprenda a dizer o "sim" e o "não". Poucas questões pressagiam tanto o futuro da igreja, porque nenhuma tem tanto potencial para bater de frente com o espírito da nossa época. Falo sobre a obsessão com o pluralismo e a linguagem inclusiva e certos tipos de multiculturalismo, a crença na igualdade das opiniões e sentimentos — não é apenas errado, mas rude e intolerante pensar que alguns sentimentos e idéias podem não ser tão bons e válidos quanto outros. É a síndrome do "Quem pode dizer?". Quem pode dizer o que é certo? A resposta é todo mundo, ou ninguém, ou ambos. Não importa. Dizer isso é legal.

Mordomos fiéis da casa de Deus precisam praticar a disciplina de dizer tanto o "sim" como o "não". Isso é difícil, não é divertido e normalmente não prega a salões lotados. Mas cristãos, em todas as épocas, precisaram aprender isso ou perderão a fé. Não foi suficiente que Nicéia dissesse que Cristo era nascido de Deus. Precisou dizer: "gerado, não criado". Não foi suficiente para os que assinaram a Declaração de Barmen dizer que Cristo era o Senhor, eles tinham de acrescentar que Hitler não era.

Sem declarar o não, nós nos tornamos a igreja que Machen observou em seus dias: "conservadora de um modo ignorante, não polêmico, suave e brando, que é simplesmente carne para os lobos".

Dizer "não" faz parte da natureza de nossa fé, uma fé que Alan Watts, o anglicano que se converteu ao hinduísmo, achou que era uma fé "litigiosa, não transigente, geniosa, militante, rigorosa, arrogante e invencivelmente autojustificadora". Que seja. Mas sua estreiteza é a estreiteza do canal do nascimento ou do caminho entre dois precipícios — ou de uma vida toda em que se passa amando uma só mulher.

Capítulo 68

O QUE GRANDES TREINADORES — E PREGADORES — SABEM

Como usar elementos positivos e negativos com propósito

Craig Brian Larson

Eu estava treinando ginastas em um clube local algumas horas por ser
Enquanto eu conduzia iniciantes de habilidades básicas para movimentos

ousados, eu repetidamente me defrontava com a decisão intrínseca à arte de treinar: quando dizer o que o ginasta estava fazendo certo e quando dizer o que estava fazendo errado.

Ambas eram necessárias. Não pude deixar de advertir um principiante na barra superior que estava prestes a girar o corpo com a empunhadura invertida das mãos na barra — ele cairiria de cabeça. "Nunca faça isso!", tive de advertir. "Vai quebrar o pescoço".

Mas meu principal objetivo não era apenas evitar danos; eu queria que esses garotos se tornassem ginastas excelentes algum dia. Assim, eu os encorajei a desenvolver os fundamentos: "Ótimo alongamento. Esse é o melhor jeito de tornar côncavo o seu torso. Bom giro para a frente".

Os pregadores deparam com a mesma decisão semanalmente. Uma de nossas decisões mais importantes ao elaborar um sermão é se lhe damos uma conotação positiva (o que fazer, o que é correto, nossa esperança em Deus, as promessas) ou negativa (o que não fazer, o que é errado, a condição humana pecaminosa). A escolha entre o positivo e o negativo no assunto, nos contornos, nas ilustrações e na aplicação influencia poderosamente o tom do nosso sermão. Ela muda a reação dos ouvintes.

Surpreendentemente, foi necessário que um amigo editasse parte de meu escrito para eu me tornar sensível à questão da pregação positiva e negativa. Eu descobri que ele tinha escrito uma nova conclusão: "Eu achei que isso não terminou bem com essa nota negativa", ele explicou, "assim transformei isso em uma conclusão positiva".

Gostei da minha versão original, mas, enquanto eu pensava sobre a versão editada, tive de admitir que a conclusão positiva era mais eficaz. Ela deixava um sentimento de esperança, e isso era apropriado. Depois disso em minha pregação, tornei-me intencional em relação a selecionar elementos positivos ou negativos e tenho visto a diferença que isso faz.

O mesmo texto, sermões diferentes

Há algum tempo, preguei sobre Malaquias 1.6-14 e tive de escolher entre uma abordagem positiva ou negativa. Malaquias 1 acusa severamente os sacerdotes e israelitas pelo que eles estavam fazendo errado. As pessoas estavam sacrificando seus animais cegos e mancos a Deus. Os sacerdotes estavam fungando diante do altar, reclamando que ele cheirava mal e que os sacrifícios eram um peso. Irado, Deus os repreendeu porque, com uma "adoração" dessas, eles estavam mostrando desprezo a ele em vez de honra.

Essa passagem do Antigo Testamento obrigatoriamente descreve uma falha que os cristãos podem ter — nós podemos desonrar a Deus ao dar a ele nosso pior, em vez de lhe oferecer o nosso melhor.

Enquanto escrevia o sermão, tinha várias decisões a tomar. Primeiro, o assunto poderia ter sido elaborado negativamente: como as pessoas mostram desprezo

por Deus. Eu tinha de desenvolver esse tema para ser verdadeiro em relação ao texto, é claro, embora tivesse decidido a fazer isso sob um tema positivo mais abrangente: como honrar a Deus.

Se eu tivesse escolhido a abordagem negativa, meus pontos principais teriam sido: Mostramos desprezo por Deus quando (1) respeitamos um pai ou patrão mais do que a Deus, (2) oferecemos a Deus o que não valorizamos, (3) adoramos a Deus como se ele fosse algo trivial.

Na abordagem positiva, escrevi o seguinte esboço: honramos a Deus quando: (1) respeitamos a Deus acima do pai ou patrão, (2) damos a Deus o que valorizamos, (3) adoramos a Deus de um modo que reflita sua grandeza. Desenvolvi os pontos com contrastes, explicando o que os israelitas estavam fazendo errado e, depois, ilustrava positivamente como podemos fazer o que é certo.

Aquela decisão logo no início mudou drasticamente a aplicação e o impacto emocional de todo o sermão.

Meu objetivo não é uma divisão em duas partes, uma de 50% para o positivo e outra de 50% para o negativo. Em vez disso, quero saber que abordagem estou usando e por quê. Encontrar o equilíbrio correto entre a pregação positiva e a negativa conduz a cristãos e igrejas saudáveis e a sermões que as pessoas queiram ouvir.

Quando ser negativo

Tanto os elementos de sermão positivos como os negativos são especialmente eficazes em atingir certos objetivos. Observemos quatro razões construtivas para usar uma abordagem negativa.

Mostrar nossa necessidade. A pregação negativa leva o pecado a sério e leva ao arrependimento, assim produzindo indiretamente os resultados da alegria, paz e vida. Isso esta em concordancia com o modelo de Jesus, que claramente honrou o ódio de Deus pelo pecado ao dizer o que não se deve fazer.

Cativar o interesse. Como os jornalistas sabem — e âncoras de programas de rádio como Rush Limbaugh fazem uma fortuna com isso — o negativo obtém mais atenção e interesse do que o positivo.

Destacar o positivo. O positivo se torna mais intenso depois que foi contrastado com o negativo.

Advertir do perigo. Se meu filho tenta pegar uma panela no fogão, não é hora de eu dizer que grande potencial ele tem. "Não toque nesta panela", é negativo — e necessário. Em um mundo perigoso, grande parte do aconselhamento pastoral é negativo por necessidade.

Quando ser positivo

Na essência, os pregadores do Novo Testamento proclamam boas novas, uma mensagem que traz esperança, ajuda, força e alegria. Jesus resume as ordens nega-

tivas — não mate, não roube, não minta, não cobice — em termos positivos: ame o Senhor e ame seu próximo.

Uma abordagem positiva funciona melhor quando você tem os quatro objetivos a seguir:

Mostrar a bondade de Cristo. O negativo freqüentemente focaliza o que as pessoas e Satanás fazem. O positivo focaliza a resposta de Deus, a glória de Deus, a natureza de Deus e a salvação de Deus. A pregação centrada em Cristo requer o positivo.

Dar encorajamento e esperança. Deus quer que as pessoas experimentem esperança, paz, aceitação, coragem. Notícias ruins fazem com que as pessoas se sintam mal. Assim, embora o negativo seja útil, raramente é útil deixá-lo como a última palavra.

Construir piedade. As pessoas precisam não apenas parar de pecar, mas também começar a fazer a vontade de Deus. A pregação é tanto destrutiva como construtiva, demolindo o que está errado e construindo o que está certo. Pregar positivamente encoraja as pessoas a fazer o que é certo.

Dar solução. Os sermões freqüentemente têm um impacto emocional maior quando começamos com o negativo, mostramos a necessidade e, a seguir, apresentamos a solução ao mostrar o que Deus pode fazer.

Como mudar a direção

Enquanto refletimos sobre o propósito de nosso sermão, podemos sentir que precisamos inverter um elemento positivo em um elemento negativo, ou vice-versa. Em vez de dizer o que não fazer, queremos focalizar o que fazer. Ou em vez de ilustrar o que alguém fez certo, queremos ilustrar o que alguém fez errado. Aqui está como fazer a mudança.

Como mudar do negativo para o positivo

Em um sermão sobre Tiago 1.2-4, eu queria encorajar os ouvintes a perseverar porque isso os torna maduros em seu caráter. Suspeitei, entretanto, que muitos de meus ouvintes não estavam muito preocupados com crescer no seu carater. Mas eu também pressupus que eles não queriam ter um colapso e se acabar moralmente. Assim, comecei usando um exemplo negativo, tentando motivá-los, ao lhes mostrar o que evitar:

> Ninguém quer ter um colapso e se acabar.
>
> No dia 8 de setembro de 1992, Don Snelgrove, piloto experiente da Força Aérea, estava sobrevoando a Turquia em um avião de combate F-16. Ele estava em uma missão de quatro horas para patrulhar a zona de proibição de tráfego aéreo estabelecida no norte do Iraque para proteger os curdos.
>
> A natureza vale até para pilotos experientes. Ele tirou um recipiente plástico, colocou seu F-16 no piloto automático e soltou seu cinto de colo.

Enquanto ajustava seu assento para cima, a fivela daquele cinto de colo travou entre o assento e o manche, empurrando o manche para a direita e fazendo com que o avião entrasse em parafuso.

Enquanto ele lutava para recuperar o controle, o avião caiu subitamente 33.000 pes. Finalmente, na altitude de 2000 pés, ele ejetou do avião Momentos depois, o F-16 se chocou em uma rocha na encosta de uma montanha e explodiu. Nem o piloto nem ninguém no solo ficou ferido. Mas só digo o seguinte: ali estava um piloto experiente muito envergonhado. Aquele F-16 queimando na encosta da montanha custou 18 milhões aos contribuintes dos Estados Unidos.

Até mesmo erros involuntários são terrivelmente desconcertantes. Muito piores então são os erros e falhas que resultam das nossas fraquezas, imperfeições e pecados. Mas não precisamos nos arrebentar e queimar moralmente. Podemos desenvolver um caráter divino, como Tiago 1.2-4 nos mostra.

Meu objetivo era usar exemplos negativos para motivar. Mas eu poderia ter começado o sermão positivamente. Talvez a congregação já desejasse caráter e precisava apenas de encorajamento. Nesse caso, eu poderia ter começado o sermão com um exemplo positivo de alguém que nos inspira com seu caráter nobre:

Dentro de cada um de nós existe o desejo de ser uma pessoa melhor. Muitos de nós gostariam de ser mais parecidos com a dra. Elizabeth Holland, uma pediatra de Mênfis, Tennessee, que serviu como médica voluntária na Visão Mundial.

Certa vez, ela tratava pacientes no meio de uma guerra civil africana, explica o escritor Robert Kerr. Em 1985, ela fez uma apendicectomia em que a "'sala de operação' era uma cabana de barro construída na selva do Zaire. O anestésico era um tranqüilizante de animais, que acabou no meio da operação. Lá fora, os jatos russos MIG estavam jogando bombas". Toda vez que uma bomba explodia, o barro da cabana caía sobre eles. Ela fez um quase milagre considerando-se as circunstâncias, e seu paciente sobreviveu. Durante a guerra civil angolana, Holland atendia rotineiramente 400 a 500 pacientes por dia. "Muitas vezes enrolei ossos quebrados com revistas e usava folhas de bananeira como tipóia", disse ela.

Visto que havia escassez de comida, Holland comia uma massa feita de mandioca. "Ela tinha gosto de cola", disse a dra. Holland. "Nos primeiros dias, eu achei que iria morrer. Mas depois cheguei a um ponto em que ela tinha um gosto bem bom. Às vezes, quando chovia, conseguíamos umas folhas das árvores para cozinhá-las junto para ter variedade".

> Do outro lado da fronteira, havia um campo minado que freqüentemente matava ou feria civis; e Holland tentava recuperá-los.
>
> Ela disse: "Descobri que se encostasse o nariz no chão e me arrastasse de barriga, conseguia ver as minas. Assim, eu passava para o outro lado da fronteira, depois colocava a pessoa ferida sobre os meus ombros e a levava para fora dali pelo mesmo caminho pelo qual eu havia ido até ela".
>
> Talvez nós nunca seremos obrigados a perseverar como Elizabeth Holland perseverou, mas cada um de nós pode crescer em caráter, e Tiago 1.2-4 nos diz como.

Observe que esse exemplo deixa um sentimento positivo nos ouvintes; ele pressupõe que eles querem o melhor e podem se desenvolver. A abordagem negativa focaliza no que se deve evitar, a abordagem positiva focaliza no que se deve tentar.

Como mudar do positivo para o negativo

Algumas passagens da Bíblia podem ser apresentadas com uma abordagem negativa ou positiva, dependendo da situação. Considere, por exemplo, a história de Pedro tentando caminhar sobre a água.

Em seu sermão "Uma fé que expande a mente", John Ortberg extrai do texto uma idéia principal positiva:

> Todos nós somos caminhantes sobre a água em potencial. E Deus não planejou que os seres humanos, seus filhos criados à sua imagem divina, passassem pela vida em uma tentativa desesperada de evitar o fracasso.
>
> O barco é seguro e confortável. A maré está alta, as ondas estão agitadas, o vento está forte e a noite está escura. Há uma tempestade lá fora e, se você sair do barco, pode afundar.
>
> Mas se você não sair do barco, nunca andará sobre a água porque, se quer andar sobre a água, você precisa sair do barco. Há algo, Alguém, dentro de nós que nos diz que nossa vida é mais do que sentar no barco, algo que quer andar sobre a água, algo que nos chama a abandonar a rotina da existência confortável e nos entregar a essa aventura de seguir a Cristo.

Mas a mesma passagem poderia ser usada em uma abordagem negativa: apontar os erros de Pedro a serem evitados. Ela poderia soar assim:

> Pedro conseguiu andar sobre a água por alguns minutos. Mas no meio daquela caminhada em direção a Cristo, alguma coisa mudou em seu coração e isso fez com que ele afundasse.

Pedro não é o único que deu alguns passos corajosos para seguir a Cristo. Muitos nesta congregação estão fazendo o mesmo. Apesar do grande medo que sentia, você começou a ensinar na escola dominical, a receber um grupo familiar na sua casa ou a ser voluntário no hospital local. Agora que você começou, está vendo o quanto isso é desafiador e está hesitante. Você se sente como alguém que está prestes a afundar. Veremos se podemos aprender com esse relato como evitar o que fez com que Pedro afundasse.

Para mudar do positivo para o negativo, procure o que um texto diz que não se deve fazer.

Meus dois filhos mais velhos competiram no time de ginástica olímpica do seu colégio. Quando começaram os jogos pós-temporada, Aaron, que estava no último ano do ensino médio, tinha o objetivo de se classificar para o torneio estadual. Ben, que estava no segundo ano, queria entrar no torneio regional.

Nas disputas municipais, tanto Aaron como Ben tiveram desempenho desfavorável, fracassando em várias séries de exercícios. Quando entraram no carro mais tarde, eles estavam muito tristes — mesmo que ambos tivessem (malmente) se classificado para o torneio regional.

Mesmo que depois de algumas competições eu tivesse apontado algumas falhas em sua técnica, dessa vez passei os trinta minutos seguintes no carro comentando com eles seus pontos brilhantes, as coisas específicas que eles haviam feito bem: "Aaron, esse foi o melhor duplo que você já fez na barra superior. Ben, aquela parada no ar foi admirável; você se manteve imóvel por pelo menos cinco segundos!".

Na hora em que chegamos em casa, eles já estavam sorrindo e falando sobre o quanto seria melhor sua apresentação no torneio seguinte. Sua confiança havia retornado. Uma semana depois, Ben já estava realizando sua rotina de exercícios como tinha feito o ano todo, e Aaron atingiu o objetivo que havia esperado atingir o ano todo: ele se classificou para o tornei estadual.

Nós treinamos — e discipulamos — não apenas o corpo, mas a mente. A escolha entre o positivo e o negativo em nossos sermões é uma parte crucial em treinar cristãos que têm um coração de campeão.

Capítulo 69

A PREGAÇÃO QUE ABRE OUVIDOS E CORAÇÕES

O valor de usar uma abordagem mais positiva

Haddon Robinson

O principal elemento de muitos sermões evangélicos é a culpa. As pessoas saem do culto se sentindo culpadas. Raramente vão embora sentindo que fizeram a coisa certa.

Nós podemos usar qualquer passagem das Escrituras e transformá-la em culpa. Embora lPedro 1.3,4 diga: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, eles nos regenerou para uma esperança viva", a ênfase do sermão pode ser: "Mas sua esperança não está tão forte como era, não é?". Em vez de deixar as pessoas com grande esperança e desejo, continuamos levantando a barra acima da capacidade de salto das pessoas.

O problema é que as pessoas não mudam muito com base na culpa. Ela não é uma boa motivadora.

Muitas pessoas vêm de lares em que raramente eram encorajadas e elogiadas pelos seus pais ou ao menos por seu pai. Elas não conseguem se lembrar de uma única vez em que seu pai as levou para um canto e disse: "Penso que você é fantástico. Para mim, não importa se você fracassa ou faz a coisa certa, você é a melhor coisa que já aconteceu para mim". Se crescemos sentindo que não podíamos agradar nossos pais, corremos o risco de levar isso para o púlpito. Talvez pensamos que podemos motivar o outros ao lembrá-los constantemente de quanto ainda lhes falta.

Além disso, os conservadores não se sentem sempre confortáveis elogiando pessoas. Em *Alice no País das Maravilhas,* Alice pergunta ao chapeleiro louco se tem bolo. Ele diz: "Bolo? Bem, não. Nós tivemos bolo ontem e teremos bolo amanhã, mas nunca teremos bolo hoje". Similarmente, tivemos bolo quando Deus estava bem e ativo e fazendo coisas; teremos bolo no futuro quando Jesus retornar; mas tratamos o hoje como pão envelhecido. De alguma forma, temos grande dificuldade em elogiar pessoas que estão comprometidas e amando e fazendo diferença no presente.

Os elementos negativos podem ter um lugar legítimo na pregação. Os profetas do Antigo Testamento advertiam que, se Israel não se convertesse de seus pecados, eles seriam levados ao cativeiro. Você não pode pregar as Escrituras sem apontar para onde o fracasso e o perigo estão.

Mas mesmo quando advertimos pessoas, precisamos dizer: "Pela graça e pelo poder de Deus, você pode ser diferente do que é". E isso não é apenas algo para ser jogado no final do sermão; é inerente ao modo como Deus comunica sua mensagem. Ele é sempre um Deus de graça e capacitação. Ele quer o melhor para o seu povo. As advertências são dadas no contexto mais amplo do prazer que Deus tem pelo seu povo e na sua preocupação com ele.

Há muitas maneiras em que podemos incluir elementos positivos em nossos sermões. Por exemplo, podemos usar ilustrações. Em vez de ilustrar uma virtude ao falar sobre quem não a tem, a pregação positiva mostra alguém que a põe em prática. Se você quer aprender como acertar uma bola de beisebol, não observe péssimos arremessadores; gaste tempo analisando os melhores arremessadores. Mostre alguém fazendo isso certo. A pregação positiva encoraja as pessoas, mostra que elas podem ser melhores do que são e sugere modos de melhorar.

Ao mesmo tempo, a pregação positiva não deve negar a realidade de onde estamos agora. Você não pode pregar as boas novas a não ser que uma pessoa sinta as más notícias. A pregação positiva reconhece nossa depravação, mas também reconhece que há poder do Espírito Santo que faz com que possamos crescer. Todos nós estamos em um processo de crescimento. Com freqüência, estamos conscientes do quanto ainda temos por andar, mas não do quanto já caminhamos. Precisamos encorajar um ao outro mostrando o progresso.

Deve haver muito mais elementos positivos do que negativos em nossa pregação. Eu tinha uma fórmula na criação dos meus filhos. Eu me esforçava para elogiar cada "seu pilantra" com que eu falasse. Se eu tivesse invertido isso, certamente os teria destruído. Como presidente de seminário, fazia o meu melhor quando surpreendia as pessoas fazendo algo certo e as elogiava, em vez de pegá-las fazendo algo errado e criticá-las por isso. Se as pessoas sabem que um pregador as ama e as valoriza, então quando ele tem más notícias para dar, elas ouvem. Por outro lado, se todo sermão é preenchido com o negativo, as pessoas tapam seus ouvidos.

Há muitos anos, quando eu morava em Dallas, eu freqüentemente ia à Primeira Igreja Batista para ouvir o pastor W A. Criswell. Quando ele voltava de uma viagem, dizia coisas como: "Acabei de pregar em uma série de igrejas, e vocês são as melhores pessoas que um pregador poderia querer. Quando prego aqui, sua reação à Palavra de Deus é muito encorajadora". Quando era mais novo, confundia isso com bajulação. Agora, estou absolutamente certo de que ele acreditava no que dizia. E as pessoas o amavam.

Capítulo 70

CONDUZINDO OS OUVINTES À ÁRVORE DA VIDA

Como guiar os ouvintes à obediência alegre

Ted Haggard

Algumas pregações fazem os ouvintes prosperar em sua caminhada com Cristo. Outras pregações parecem fazer os ouvintes morrer na videira. Ambos os tipos de pregação usam a Bíblia. Qual é a diferença?

A obediência resulta da obra do Espírito Santo e da Palavra de Deus. O poder do Espírito Santo dentro de nós nos dá liberdade para obedecer e, assim, a obediência para um cristão genuíno é um deleite, uma maravilhosa celebração de uma nova natureza dentro dele.

Agora, justamente como Adão e Eva tiveram de fazer uma escolha entre a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, assim precisamos nós que pregamos. Se tento levar outros a obedecer a Deus meramente por meio do conhecimento do bem e do mal, a obediência é um fardo pesado. Se nós andamos

em obediência a Cristo por meio da árvore da vida, pelo poder da árvore da vida, que é o próprio Cristo, então a obediência é um prazer incrível.

Para pregar de um modo que conduz pessoas à árvore da vida, precisamos entender o poder fortalecedor e doador de vida do Espírito e a autoridade da Palavra de Deus. A Bíblia não é um livro tirânico e religioso. É um livro doador de vida que nos ensina como — sei que isso soa um pouco incomum, entretanto soou assim para aqueles que primeiro o ouviram de Jesus — como comer sua carne e beber seu sangue e consumir a natureza dele em nós.

Quando ensinamos essa dinâmica às pessoas, as Escrituras são magníficas. Se, entretanto, usamos a Bíblia apenas para ensinar o conhecimento do bem e do mal, podemos ofender as pessoas. Terminamos com pessoas que são muito boas, mas elas estão iradas. Elas caem, escondem isso e, depois, culpam os outros. Fazem tudo que Adão e Eva fizeram no jardim.

Nós que pregamos precisamos ser, nós mesmos, cheios de vida e da inocência, liberdade e alegria que provêm da própria vida. Quando fazemos isso, outros descobrem a vida por meio de nossa pregação, em vez de meramente descobrirem regras e regulamentos.

Alguém cuja pregação conduz outros à árvore da vida provavelmente diz grande parte das mesmas coisas que a pessoa cuja pregação conduz as pessoas à árvore do conhecimento do bem e do mal, mas o tom é diferente. O poder é diferente. O olhar é diferente. O coração de amor pelas pessoas é diferente. O pregador doador de vida tem uma alegria subjacente, em vez de raiva e frustração.

Você sempre dá o que tem. O tom e a vida, ou a falta disso, que está em você será transmitido aos outros. Se nós tivermos descoberto a vida, temos de transmiti-la enquanto ensinarmos a Bíblia.

Se estamos pregando apenas a partir da árvore do conhecimento do bem e do mal, podemos estar ensinando as Escrituras, mas transmitindo uma coisa religiosa seca e mortal. Veremos nossos ouvintes morrendo na nossa frente. O outro sujeito duas quadras adiante pode estar ensinando as mesmas Escrituras, mas as pessoas estão amando umas as outras, amando as Escrituras, encorajando umas a outras, arrependendo-se de seus pecados e crescendo em uma santidade bela e centrada em Cristo. Na superfície, os sermões parecem bastante parecidos, mas não o são.

Você pode ter duas igrejas que acreditam na mesma doutrina e pregam os mesmos esboços de sermões. Uma terá descoberto a árvore da vida: a obediência, a alegria, o poder do Espírito que habita nos cristãos, a autoridade da Palavra de Deus, a vitória que existe em amar e encorajar um ao outro. A outra igreja na mesma rua, que está ensinando por meio dos mesmos esboços de sermões e acredita na mesma declaração doutrinária, pode ser tensa, defensiva. Ninguém está aceitando a Cristo, ninguém vem a Cristo, não há alegria, não há relacionamento uns com os outros. Eles têm dificuldade em obedecer às Escrituras e talvez tenham um pouco de raiva por causa disso. A diferença naquelas duas igrejas são os tons diferentes, os rios diferentes que correm entre eles.

A obediência cristã à voz de Deus é um processo meio misterioso. Ele não é meramente: 'Aqui está a lei. Agora lhe obedeça". Em vez disso, diz: "Esse é o desejo de Deus para nós. Agora descubra o próprio Deus, para que tenha o poder para andar em obediência, alegria e vitória".

Assim, a diferença são os próprios motivos do pregador com respeito à obediência e ao motivo que ele transmite pelo qual os ouvintes deveriam ser obedientes. E por isso que Jesus falou tanto sobre o nosso coração. E por isso que ele falou sobre sermos como crianças pequenas. Precisamos ter um espírito de inocência.

Também é por isso que disse: "Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida" (Jo 5.39,40).

Ele estava constantemente lutando para fazer com que seus seguidores entendessem acerca de permanecer na natureza de Deus, ser transformado por ela e ingerir essa natureza de Deus. E por isso que eles objetaram quando ele disse: "Vocês precisam comer minha carne e beber meu sangue". Nós brigamos por dois mil anos por causa do que isso realmente significa. Mas essas palavras transmitem o mistério incrível e maravilhoso do cristianismo: é a natureza de Cristo habitando em nós que produz uma obediência a Cristo prazerosa e cheia de poder, em contraste com uma disciplina religiosa desagradável para tentar agradar a Deus.

Um foco está em Deus e o outro, nas regras. Eu penso que todos cristãos começam dizendo: "Eu amo a Bíblia, eu amo a Deus e quero crescer nele", mas o conflito do Jardim do Éden logo se apresenta. Quando Satanás se aproximou de Eva, ele disse: "Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.5). Ele apelou ao lado piedoso dela.

Os cristãos querem viver em santidade, eles querem ser como Deus. Mas eles precisam descobrir a vida, o amor e a alegria que provêm da obediência repleta do espírito e centrada na Bíblia, em vez de provir da obrigação religiosa, que não produz vida. A obrigação religiosa é desejável para se obter sabedoria; ela tem uma boa aparência; é satisfatória de muitas maneiras, mas não produz a vida de Deus fluindo por meio de nós e que resulta no fruto do Espírito Santo.

Quando pastores doadores de vida pregam um versículo como: "Sejam santos, porque eu sou santo", eles podem dizer muito das mesmas coisas que dizem os pregadores que sobrecarregam as pessoas com esse versículo, mas o espírito é diferente. De um modo doador de vida, diríamos: Deus quer que sejamos santos como ele é santo. Portanto, durante seu tempo de oração, deixe-o habitar em você e você habitar nele; beba dele. Deixe as Escrituras soprarem sua vida em você. Desfrute das Escrituras. Medite na Palavra de Deus. Deixe o poder de Deus e a vida de Deus e a vontade de Deus crescerem em você, para que, durante todo o

seu dia, você possa andar na santidade dele, na vida dele, no favor dele por você, no amor dele por você e no poder que ele tem para você.

"Mesmo que você tenha que ser como Jesus em uma situação em que você estiver corrigindo e confrontando alguém, virando as mesas dos cambistas, é possível fazer isso de um modo que genuinamente reflita a vida e o poder de Cristo. Isso precisa estar centrado em Cristo. Isso é algo doador de vida".

A maneira árvore-do-conhecimento-do-bem-e-do-mal de dizer às pessoas que devem ser santas é: "Deus é santo, e é melhor que você seja santo ou ele vai vomitá-lo de sua boca. Ele é um Deus santo que não pode tolerar estar perto de pessoas indisciplinadas e injustas. Quando você cai, está crucificando o Filho de Deus novamente. É melhor você parar de cair, porque coisas ruins vão acontecer a você, e isso será Deus chamando sua atenção. Assim, é melhor você viver uma vida santa porque está lidando com um Deus que não vai tolerar sua tolice".

Agora, ambos esses modos são verdadeiros. Ambos são corretos. Deus é um Deus maravilhoso e terrível. Mas você pode dizer o que eu disse no segundo exemplo de um modo que compartilhe vida, usando muitas das mesmas palavras e ainda encorajando as pessoas a amar a Deus e querer orar e jejuar, amar a esposa, tratar seus empregados maravilhosamente bem, doar dinheiro e servir como voluntário na cozinha do sopão. Isso tudo pode servir para compartilhar vida. Mas, muito freqüentemente, o tom que o pregador usa no segundo exemplo faz as pessoas caírem em um tipo de obediência que resulta em desobediência. Ele incita sua natureza pecaminosa. Uma vez que sua velha natureza pecaminosa foi incitada, elas começam a encobri-la. Elas se tornam hipócritas. Esta não é uma obediência genuína.

A obediência não cristã é o nosso esforço em fazer tudo que podemos com nossas próprias forças na tentativa de sermos piedosos, e fracassamos todas as vezes que tentamos agir assim. A obediência genuína é a vida de Cristo que habita em nós e é demonstrada pela nossa vida.

Capítulo 71

FUNDAMENTOS DO GÊNERO LITERÁRIO

Como as formas literárias influenciam a interpretação das Escrituras

David L. Alien

Deus escolheu dar a Bíblia a nós na forma de uma coleção diversa de formas literárias chamadas de gêneros literários. Cada categoria literária tem regras que nos guiam em sua interpretação. Neste capítulo, examinaremos os princípios norteadores para a interpretação e a aplicação dos cincos gêneros nas Escrituras — salmos, provérbios, narrativas, parábolas de Jesus e cartas — assim como os erros comuns cometidos com cada gênero.

Poesia

Os salmos são ao mesmo tempo orações e hinos. Eles são um exemplo do gênero poético. Eles falam ao coração e à mente, expressando um amplo conjunto de emoções: medo, raiva, conforto, encorajamento. Os salmos são quase sempre direcionados a Deus, enquanto outras formas de poesia bíblica podem não ser.

Uma faceta crucial da poesia hebraica é o uso do paralelismo. A rima está nas idéias, e não nas palavras. Por exemplo, Salmo 19.1,2 diz:

"Os céus declaram a glória de Deus;
o firmamento proclama a obra das suas mãos.
Um dia fala disso a outro dia;
Uma noite o revela a outra noite".

Em paralelismo sinônimo, a segunda frase não adiciona um novo significado importante à primeira. Às vezes, os sentidos são idênticos, às vezes, existem similaridades com nuanças. A poesia hebraica às vezes "rima" idéias opostas ou usa um padrão menor-maior. Outras poesias têm padrões poéticos, como a-b-b-a.

Outro aspecto da poesia bíblica e o uso da metáfora e do simbolismo, como nos versículos acima em que é dito que os céus "falam". O pregador contemporâneo às vezes precisa explicar uma metáfora não familiar à nossa cultura, mas podemos roubar o poder e a vida de uma metáfora quando a separamos do texto, em vez de usá-la.

Um erro comum de gênero é forçar em demasia a linguagem poética de emoção e o símbolo e usá-los literalmente como a base para a doutrina — por exemplo, afirmar com base no Salmo 19.1 que Deus, que é espírito, tem "mãos". O princípio norteador é permitir que ensinos mais concretos das Escrituras interpretem a poesia bíblica.

Provérbios

O livro de Provérbios é chamado assim porque contém uma coletânea de sabedoria incisiva e prática de "regras gerais". A aplicação da verdade à vida de alguém à luz da experiência é o que Provérbios chama de sabedoria. Os provérbios proferem os princípios centrados em Deus para uma vida bem-sucedida com frases cativantes que tornam esses princípios memoráveis. Vários artifícios literários são encontrados em Provérbios, incluindo paralelismo, aliteração, acrósticos e seqüências numéricas.

Um dos princípios de interpretação importantes em relação a Provérbios é entender a diferença entre uma promessa e um princípio geral. Considere, por exemplo, Provérbios 22.6:

Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela,
e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles.

O fato de que pais tementes a Deus às vezes têm filhos que não o são não refuta o princípio geral desse versículo. Os Provérbios, assim, não pretendem apresentar uma garantia inviolável, como uma regra ou promessa; em vez disso, eles apresentam um princípio para a vida. Em geral, eles são verdadeiros.

Além disso, o uso abundante de linguagem figurada indica que muitos provérbios expressam coisas de forma mais sugestiva do que direta e universal. Eles devem ser interpretados em conexão com outros provérbios e o restante das Escrituras.

Pregar esses provérbios é um desafio, primeiro porque muitos desses versículos não se referem explicitamente ao Senhor. Assim, sermões sobre eles podem soar mais como um discurso motivacional em um clube cívico do que um sermão. Também precisamos observar o fato de que os provérbios são tão óbvios. Eles não requerem muita exegese ou explicação. Eles geralmente requerem mais ilustrações e exemplos do que outros textos.

Narrativas

A Bíblia faz mais uso do gênero narrativo do que de qualquer outra categoria literária. Mais do que 40% do Antigo Testamento e quase 60% do Novo Testamento são constituídos de narrativa. As narrativas da Bíblia são históricas, não mitológicas. A Bíblia na verdade é uma grande narrativa sobre o plano redentor de Deus para a humanidade abrangendo centenas de narrativas individuais que se encontram desde o Gênesis até o Apocalipse.

Três princípios críticos são necessários na interpretação da narrativa. O primeiro é o princípio do contexto. As coisas querem dizer o que significam no contexto. Uma dada narrativa, como Gênesis 22 (a história de Abraão e Isaque no monte Moriá), ocorre no contexto na narrativa maior de Gênesis, que, por sua vez, ocorre no contexto de toda a história do Antigo Testamento. Gênesis 22 precisa ser interpretado à luz de seu contexto imediato (a própria história, que é uma mensagem sobre fé, teste e obediência), mas também à luz da nação de Israel (a promessa de Deus de multiplicar os descendentes de Abraão), e finalmente o contexto do plano geral de Deus de salvação (Isaque é um tipo de Cristo). Ao se pregar sobre Gênesis 22, essas questões precisam ser reconhecidas e aplicadas aos ouvintes.

Um segundo princípio é que narrativas geralmente ilustram uma doutrina ensinada explicitamente em outro lugar. Por isso, embora toda narrativa tenha conteúdo e propósito teológicos, precisamos novamente seguir com cuidado a regra de que as Escrituras interpretam as Escrituras quando deduzimos princípios teológicos a partir do texto.

Em terceiro lugar, os intérpretes devem prestar atenção nos comentários do narrador. Por exemplo, Gênesis 22.1 diz que o Senhor pôs "à prova" Abraão. Outras pistas interpretativas são a repetição, a caracterização, o ponto de vista, o nível de detalhes na descrição e o silêncio narrativo.

Há vários perigos a serem evitados na interpretação das narrativas. O primeiro é a alegorização. Não é a intenção dos autores bíblicos fornecer um significado escondido por trás das palavras de uma narrativa.

Um segundo perigo é a moralização. Por exemplo, ao apresentar as falhas de alguns dos pais da Bíblia, o autor bíblico não necessariamente pretende dizer a nós como devemos agir para sermos bons pais. Essa pode ser uma segunda aplicação na pregação, e essas histórias se transformam em ilustrações eficazes, mas normalmente essa não é a intenção principal do autor. Lições para a vida extraídas de cada narrativa ou de cada evento na vida de personagens bíblicas podem se transformar em um erro hermenêutico se o pregador não considerar cuidadosamente a intenção do trecho. A não ser que o sermão narrativo direcione o foco para Deus, o sermão será meramente uma fala sobre habilidades de liderança, coragem humana, maneiras distintas de criar os filhos, relacionamentos pessoais e inúmeras questões tangenciais. Um "sermão" desses é centrado no homem, e não em Cristo.

Parábolas de Jesus

Parábolas são ficção. Elas contam uma história, que embora seja uma história repleta de verdade, não é uma história histórica. Diferentemente de histórias narrativas, elas podem conter elementos exagerados, como quando o servo não perdoador em Mateus 18.25 devia "uma enorme quantidade de prata", ou seja, uma quantia astronômica; ou circunstâncias incomuns, como quando todas as virgens adormeceram em Mateus 25.5.

Em geral, o princípio-chave na interpretação das parábolas é procurar o ponto principal, entendendo que o ponto principal pode estar edificado sobre pontos secundários. Para determinar isso, devemos fazer três perguntas: (1) Quais são as personagens principais? (2) O que ocorre no começo (por exemplo, em Lc 15.1,2) e no final? (3) O que é dito no discurso direto?

Um importante erro a ser evitado na interpretação das parábolas é a alegorização quando as Escrituras não alegorizam. Em algumas parábolas, Jesus identifica como vários detalhes correspondem a outras coisas. Mas alegorizar por conta própria pode nos levar para longe da intenção da parábola. Por exemplo, Agostinho alegorizou a parábola do bom samaritano de forma que o homem descendo para Jerico simbolizava Adão. Os assaltantes simbolizavam o diabo e seus anjos. O sacerdote simbolizava a lei. O levita simbolizava os profetas. O bom samaritano simbolizava Cristo. A hospedaria simbolizava a igreja. O hospedeiro simbolizava o apóstolo Paulo. A promessa do retorno simbolizava a ressurreição de Cristo.

O ponto principal de uma parábola é como o ápice de uma piada. Esse ápice foi planejado para pegar o ouvinte de surpresa — para criar aquele momento de "ah ha!". A boa pregação encontra um caminho para fazer essa guinada vir à tona.

Finalmente, a parábola deve sempre ser considerada em seu contexto porque versículos anteriores podem tornar claro por que a história é contada ou que tipo de pessoa é colocada como alvo.

As cartas

As cartas do Novo Testamento são escritas para pessoas específicas ou igrejas lidando com questões específicas. Assim, o contexto histórico é vital na interpre-

tação. Diferentemente de narrativas, esse gênero segue uma seqüência lógica, em vez de uma seqüência temporal. As cartas explicam e exortam.

A primeira diretriz para interpretar uma carta é prestar atenção cuidadosa nos conectivos (por exemplo, "e", "mas", "porque", "portanto") para determinar as relações lógicas entre as orações, frases e parágrafos e seguir a trajetória do argumento do autor. Freqüentemente, o pregador precisa consultar o original grego (ou ferramentas baseadas no grego) para achar esses conectivos, já que as traduções para o vernáculo podem obscurecê-los.

Um erro freqüente na interpretação das cartas é não pensar em termos de parágrafos. Os parágrafos geralmente têm uma frase que focaliza no tema ao redor da qual revolve o parágrafo. Se alguém pulveriza a carta olhando apenas um versículo ou dois aqui e um versículo ou dois ali, a interpretação errônea freqüentemente resulta porque o contexto é ignorado.

O sucesso na pregação requer a identificação correta do gênero do texto, os princípios próprios usados na interpretação, e o fugir dos erros comuns que levam a interpretações errôneas.

Bibliografia acerca dos gêneros literários

FEE, Gordon, and Douglas STUART. 2003. *How to Read the BibLe for Ali Its Worth,* 3.rd. Grand Rapids: Zondervan.

GREIDANUS, Sidney. 1988. *The Modem Preacher and the Ancient TexP.* Interpreting and Preaching Biblical Literature. Grand Rapids: Eerdmans (especialmente capítulos 9—12).

KAISER, Walter C., Jr. 2003. *Preaching and Teachingfrom the Oíd TestamenP. A* Guide for the Church. Grand Rapids: Baker.

LARSEN, David L. 2000. *Telling the Old, Old Story:* The Art of Narrative Preaching. Grand Rapids: Kregel.

LoNG,Thomas G. 1989. *Preaching and the Literary Forms ofthe Bible.* Filadélfia: Fortress.

Capítulo 72

DE A.C. ATÉ A HORA DO CULTO

Como pregar uma narrativa do Antigo Testamento com precisão e poder

Steven D. Mathewson

Foi necessário um romance de John Steinbeck para que eu admitisse minha inaptidão para pregar as narrativas do Antigo Testamento. Em uma cena de *East of Eden [A Leste do Eden],* os gracejos em torno da mesa da cozinha se voltam para a história de Caim e Abel. Um cozinheiro chinês com sua trança típica diz: "Nenhu-

ma história tem poder, nem dura, a não ser que sintamos em nós mesmos que ela é verdadeira, e verdadeira em relação a nós".

Pensei a respeito do sermão que havia pregado no domingo anterior com base em 1 Samuel 7, o primeiro que eu tinha pregado de um livro narrativo no Antigo Testamento. As pessoas haviam ido embora com um sentimento de que a história era sobre elas mesmas? Provavelmente não. Uma senhora se aproximou de mim depois do culto e pediu o ponto número três. "Uh, número três", disse eu, "foi A Prosperidade Resultante do Povo de Deus'".

Eu havia pregado um sermão cheio de dados histórico-culturais com um esboço analítico. Mas isso não fazia jus ao propósito das histórias da Bíblia: atrair pessoas para dramas relacionados à vida real em que elas dão de cara com a avaliação que Deus faz de sua vida.

Pregar a narrativa do Antigo Testamento é como tocar o saxofone: é fácil fazê-lo malfeito. Aqui estão as percepções que estão me ajudando a tornar essa pregação melhor.

O estudo no preparo de um sermão narrativo

Histórias comunicam a verdade diferentemente de cartas ou poemas, de forma que eu preciso estudá-las de maneira diferente. As características de uma história me ajudam a identificar a intenção do autor.

Enredo

A maioria dos enredos nas narrativas do Antigo Testamento se baseia em um conflito ou em uma colisão entre duas forças. Até o final da história, o conflito é resolvido. Geralmente, os enredos se desdobram assim: (1) Pano de fundo, (2) Crise, (3) Resolução e (4) Conclusão.

Desdobrar o enredo me livra de ter de achar um princípio teológico por trás de cada parágrafo ou detalhe. Em Ester, por exemplo, os capítulos 1 e 2 servem como pano de fundo. Eles introduzem a raiva e o comportamento compulsivo do rei Xerxes, a nacionalidade secreta de Ester e a descoberta de Mardoqueu de uma conspiração assassina. Em vez de procurar um tema para sermão aqui ("As Conseqüências da Raiva" ou "As Marcas de uma Mulher Atraente"), eu simplesmente noto esses detalhes como pistas para o cerne da história.

Normalmente, a idéia central de uma história surge na interação entre a crise e a resolução. A crise nos capítulos 3 e 4 (a conspiração de Hamã para destruir os judeus) e a resolução em 5.1—9.19 (a destruição de Hamã e o triunfo dos judeus) mostra a idéia principal da história: os judeus foram protegidos de uma conspiração malévola para aniquilá-los.

Ritmo

Aprendi a observar o ritmo com que uma história se desenvolve. O tempo dentro de uma história, que os estudiosos chamam de "tempo narrativo", está

sujeito a interrupções, retardamentos e acelerações. Esses elementos me ajudam a ver onde o autor coloca ênfase, cria suspense ou quer determinar minha atitude.

Em Gênesis 22, por exemplo, enquanto o narrador relata as instruções de Deus a Abraão, quatro frases tornam o tempo narrativo mais lento. Com cada frase, a tensão aumenta: "Tome seu filho ... seu único filho ... Isaque ... a quem você ama". Ao pregar essa história, preciso enfatizar, como o texto bíblico o faz, a agonia na fidelidade de Abraão.

Diálogo

O lugar principal para procurar por significado na história são as afirmações das personagens. Nas narrativas bíblicas, não há palavreado à toa. A fala é altamente concentrada e moldada para transmitir significado. Por exemplo, quando José diz: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem", ele resume o significado de toda a sua vida e a história de Gênesis 49.29—50.26.

Personagens

Ao estudar a narrativa do Antigo Testamento, preciso descobrir quem é o protagonista (personagem central), o antagonista (força projetada contra a personagem central) e realce (personagem que realça a personagem central provendo um contraste ou paralelo).

Em 1 Samuel 16, Davi aparece como o protagonista enquanto Saul funciona como antagonista. Assim, em 1 Samuel 17, o conflito é "Davi *versus* Saul" mais do que "Davi *versus* Golias". Embora haja um contraste entre Davi e Golias, Golias revela o caráter dos verdadeiros competidores, Davi e Saul. O futuro rei e o rei atual de Israel respondem diferentemente, revelando sua adequabilidade para servir. Para pregar essa história bem, precisamos enfatizar o que a história enfatiza: a diferença que o caráter faz.

Prestar atenção em nomes é algo importante. Às vezes, um nome pode ser omitido para revelar uma atitude. Davi reflete sua atitude com respeito a Golias ao se referir a ele como "esse filisteu incircunciso" (ISm 17.26).

Detalhes

Depois de ter lido romances, precisei me adaptar ao estilo de escrita esparso das narrativas do Antigo Testamento. Essas histórias não trazem muitos detalhes. Elas não pintam os cenários nem adicionam detalhes extras, de forma que, quando os detalhes aparecem, agora presto mais atenção neles. Eles normalmente pressagiam o drama. Por exemplo, a referência à boa aparência de José em Gênesis 39.6 antecipa o assédio sexual feito pela esposa de Potifar.

Desenvolvendo um sermão narrativo

Depois de estudar a história, preciso desenvolver meu sermão diferentemente do que eu faria no caso de outras partes das Escrituras.

Conte toda a historia. Depois de pregar de livros como Efésios ou 1João, em que eu expunha um parágrafo ou alguns versículos, tive de me acostumar a trabalhar com trechos maiores. O bloco da narrativa precisa ser grande o suficiente para possuir um pano de fiindo, crise e resolução. Do contrário, meu sermão se assemelhará a um fax em que estão faltando algumas páginas.

Selecione uma perspectiva. O método mais comum é contar a história como um narrador. Outro método é contar a história por meio dos olhos de uma personagem. Por exemplo, Donald Sunukjian conta a história de Ester por meio dos olhos de Harbona, um eunuco que serviu o rei Xerxes (Et 1.10; 7.9).

Observei a transição de Sunukjian da introdução para o monólogo, virando suas costas brevemente para a congregação. Quando ele se virou, assumia a personagem. Depois, no final do sermão, Sunukjian novamente virou suas costas ligeiramente. Quando ele se virou para olhar a platéia de frente novamente, falou "sem assumir o personagem" e compartilhou algumas declarações conclusivas.

Construa o esboço a partir da história. Em vez de proceder do ponto um para o ponto dois, o sermão narrativo se desdobra em uma série de "movimentos" — cenas na história. O esboço realça a linha da história (tenho cometido o erro de resolver a tensão muito rapidamente. Estou aprendendo a não entregar o final da história antes do fim).

Elaborando um sermão narrativo

Há três maneiras de elaborar um esboço narrativo.

Dê pistas da crise da história e de sua resolução. Essa é a abordagem problema-solução, em que se usam pontos teológicos. É mais dedutivo.

Uma vez, preguei um sermão de Êxodo 5.1—6.13, começando com uma crise no capítulo 5 e indo à resolução em 6.1-13. Na história, a súplica de Moisés ao Faraó pela libertação do povo de Deus resultou em condições de trabalho mais severas. A quantidade de matéria prima é reduzida, enquanto a cota de produção aumenta. Os israelitas, então, voltam-se para Moisés, e Moisés volta-se para Deus. A história é resolvida em 6.1-13 pela reafirmação de sua promessa originária a Abraão. O sermão fluiu assim:

1. Quando seguimos a Deus, grandes expectativas às vezes terminam em grandes desapontamentos (5.1-23)

   a. Grandes expectativas se transformam em grandes frustrações (5 1-21)

   b. Grandes frustrações podem levar a grande desapontamento com Deus (5.22,23).

2. Deus vai ao encontro do nosso desapontamento ao pedir que nos agarremos às suas promessas (6.1-13)

Dê pistas das cenas da história. Essa abordagem depende mais da habilidade para contar histórias, porque ela se desdobra em uma série de cenas.

Preguei um sermão expositivo sobre 1 Samuel 16.1-3 que consistia em uma série de movimentos. Observe que os vários movimentos foram dedicados a contar uma história, não a expor um ponto teológico particular.

Movimento 1: Introdução

Movimento 2: Samuel chega à cidade (lSm 16.1-5).

Movimento 3: O desfile dos filhos de Jessé perante Samuel (lSm 16.6,8-10).

Movimento 4: Deus rejeita esses candidatos com base no coração deles (lSm 16.7)

Movimento 5: O filho mais novo se torna a escolha de Deus (lSm 16.11-13)

Movimento 6: Deus fica impressionado com nosso coração, não com nossa imagem

Movimento 7: Primeira implicação — trabalhe no seu coração, não apenas na sua imagem

Movimento 8: Segunda implicação — não minimize seu potencial de impressionar a Deus

Os movimentos 2, 3 e 5 contam a história. No movimento 4, a idéia principal começa a tomar forma e ela claramente emerge no movimento 6. O sermão termina com duas frases de aplicação nos movimentos 7 e 8. Visto que cada movimento teve cerca de oito minutos de duração, o sermão durou um pouco mais do que 30 minutos.

Passe da história para a idéia e volte para a história. Essa abordagem combina as outras duas. A grande idéia emerge no meio do sermão. Por exemplo, eu preguei um sermão sobre todo o livro de Ester com base no seguinte esboço:

Introdução

História

Movimento 1 (Cena: Ester 1—2)

Movimento 2 (Cena: Ester 3—4)

Movimento 3 (Cena: Ester 5.9-19)

Movimento 4 (Cena: Ester 9.20—10.3)

Idéia principal: você não pode ver ou ouvir Deus, mas ele controla seu destino!

Isso é realmente verdade?

Ele controla seu destino apesar:

da insensibilidade espiritual das pessoas à sua volta
das pessoas insuportáveis em posições proeminentes
de eventos imprevisíveis
de circunstâncias que nenhuma pessoa pode mudar

Conclusão

Embora eu tenha entregado a idéia-chave depois da primeira parte maior, suscitei a tensão novamente ao desafiar a idéia: "Como você pode ter certeza de que Deus está controlando seu destino quando você não pode vê-lo nem ouvi-lo?".

Pregando um sermão narrativo

Sermões bem-sucedidos baseados em narrativas bíblicas dependem da habilidade de apresentar em cores vividas as cenas de uma história. Como David Larsen, antigo professor de teologia pastoral no Trinity Evangelical Divinity School, observa: "Quando alguns pregadores expõem Noé, conseguimos ouvir a chuva".

Embora as narrativas do Antigo Testamento deliberadamente poupem os leitores de detalhes descritivos, os ouvintes modernos precisam de detalhes sensitivos para serem atraídos. Em um sermão recente sobre 2Samuel 18.24-32 (Davi está esperando ouvir sobre a segurança de seu filho Absalão), descrevi a cena assim:

> Se você alguma vez já ficou esperando em uma sala de espera de um hospital enquanto seu pai, mãe, filho ou esposa está passando por uma cirurgia, sabe muito bem como o rei Davi se sentia. Davi estava ansioso. Ele estava uma pilha de nervos. Ele ficou andando de um lado para o outro, ele suava, estava irritado e ficava mexendo suas sandálias o tempo todo. Ele ficou esperando impacientemente em uma pequena sala da guarda entre os dois portões da cidade. Um guarda da cidade esperou com ele, e Davi ficou o tempo todo perguntando: "Você já está vendo alguém?". O guarda ficou observando atentamente a região em volta, e lá da torre de vigia gritava: "Não. Ninguém".

Expliquei como o rei Davi mandou tropas para suprimir uma rebelião, liderada por seu próprio filho Absalão. Mas essas instruções finais aos seus dois comandantes, Joabe e Abisai, foram: "Por amor a mim, tratem bem o jovem Absalão" (18.5).

> O dia foi esquentando à medida que Davi esperava. O guarda da fortaleza reclamava em voz baixa enquanto subia lentamente os degraus que levavam ao topo da fortaleza. O suor gotejava de sua barba. Quantas vezes ele já tinha subido e descido? Dez vezes? Doze? Mas dessa vez foi diferente. Ele gritou para Davi lá de cima: "Sua majestade, vejo alguém correndo".

Os detalhes sensoriais geram suspense. Ao prover detalhes, um pregador pode usar anacronismos ou expressões coloquiais que descrevem personagens bíblicas como "felizes acampantes" ou que os descrevem como "alguém ajustando os seus óculos de sol"? Isso se torna estranho quando exagerado, mas, às vezes, pode se mostrar eficaz. Eugene Peterson uma vez descreveu Samá, em 1 Samuel 16.9, como "um homem pequeno, culto, que vestia Calvin Klein, ouvia Mozart e odiava Belém porque não podia andar na rua sem encher os sapatos de esterco de vaca". Peterson descreve os outros filhos em um estilo similar para ajudar os leitores a visualizar a irrelevância da aparência externa para um Deus que olha o coração.

Há algumas semanas atrás, voltei a 1 Samuel 17 e fiz outra tentativa com a história que eu havia sufocado com um esboço analítico e detalhes históricos. Posteriormente, um ouvinte comentou: "É animador ouvir a Palavra de Deus de um modo que tenha a ver com a vida real".

Aquele comentário reforçou o valor do trabalho duro, mas necessário, para pregar uma narrativa do Antigo Testamento. Afinal de contas, para citar David Larsen: "Não devemos fazer malfeito o que a Bíblia faz tão bem".

Capítulo 73

A GRANDE IDÉIA DA PREGAÇÃO NARRATIVA

Quais são as dicas para se interpretar uma história?

Paul Borden e Steven D. Mathewson

Quando papai e mamãe começavam: "Era uma vez", prestávamos atenção. Aprendemos cedo que histórias faziam com que parássemos o que estávamos fazendo e prestássemos atenção ao contador da história. Instintivamente, sabíamos que vivíamos na narrativa. A história, como respirar ou pensar, é uma parte intrínseca da nossa natureza. Sonhamos acordados, planejamos, criticamos, temos esperança e visualizamos ambições em forma de história. Ninguém vive a vida de forma dedutiva.

Talvez seja por isso que nosso Criador decidiu que grande parte da revelação bíblica fosse escrita em forma de história. Jesus Cristo, que pregou sermões didáticos e ensinava dedutivamente, também era bem conhecido por suas histórias. Os autores humanos que Deus usou para instruir a igreja sobre a vida e o ministério de Jesus Cristo, sabiamente, escolheram histórias como seu principal meio de comunicação.

Entretanto, hoje a preponderância de sermões, especialmente aqueles pregados por indivíduos que advogam a autoridade e a integridade bíblicas, não são passados em forma de história e raramente são baseados em passagens narrativas. Com freqüência, parece haver uma fuga propositada da narrativa combinada com uma forma retórica que comunica, de forma ineficiente, a mensagem às platéias saturadas pela mídia eletrônica.

Por que raramente pregamos histórias

Acredito que haja ao menos duas razões principais para esse paradoxo. Primeiro, os pregadores estão convencidos de que a verdade abstrata não pode ser comunicada bem em forma de história. Nossa cultura letrada e tecnológica propõe que a verdade não pode ser anunciada dessa maneira. As histórias podem ser usadas para ilustrar a verdade, mas não para transmiti-la.

Embora apresentações analíticas e lógicas, às vezes, sejam necessárias e benéficas, os pregadores deveriam reconhecer que o roteirista e o diretor influenciam mais a cultura estado-unidense atual do que o filósofo. Talvez seja por isso que a história pareça ser o agente favorito de Deus para a revelação escrita. Talvez ele tenha entendido que o contador de histórias comunica a verdade mais amplamente do que o teólogo.

Segundo, muitos pregadores não foram treinados para descobrir a grande idéia de uma história e, depois, comunicar essa história sem violar o gênero narrativo. Não há bons modelos a serem seguidos. No passado, os pregadores tendiam a tratar as histórias como alegorias para idéias teológicas pré-concebidas, extraídas de trechos didáticos. Esses pregadores não entendiam a literatura narrativa e não foram ensinados a interpretá-la. Essa falta de treinamento continua no presente. Os seminários raramente oferecem — se é que oferecem — cursos requeridos na área da exegese e pregação de histórias. A maioria requer cursos exegéticos cujo foco é o material didático, que não treinam os estudantes para entender e comunicar a literatura narrativa. De fato, freqüentemente as metodologias que nos permitem entender a literatura didática nos impedem de entender literatura narrativa ou de transformar descrição em prescrição.

A luz dessas observações, oferecerei um método exegético designado a descobrir as grandes idéias comunicadas nas histórias bíblicas. Isso será tratado na segunda parte dessa série de três partes. Na terceira parte, quero sugerir uma forma de pregar essas histórias em estilos homiléticos dos dias atuais que não violam a verdade da história ou seu desenvolvimento no gênero narrativo. Antes de cada uma dessas partes, entretanto, examinaremos as pressuposições importantes que são subjacentes ao meu método.

A. Minha perspectiva sobre as narrativas bíblicas

Quatro pressuposições são subjacentes a esse método exegético.

1. A primeira pressuposição diz respeito à posição histórica ortodoxa da inspiração, que defende que Deus e os seres humanos estiveram ambos extensiva e igualmente envolvidos na produção das Escrituras. Isso significa que, quando Deus escolheu revelar a verdade por meio de narrativas, ele selecionou contadores de história altamente competentes. Esses indivíduos desenvolveram essa forma de literatura engenhosa e habilmente.

Como resultado, nós, os intérpretes, não podemos violar a essência da boa narrativa quando fazemos a exegese do texto. As historias não são como a literatura didática que pode ser separada versículo por versículo ou parágrafo por parágrafo. Cada historia é uma unidade, quer tenha apenas um parágrafo (como nos evangelhos) ou um ou dois capítulos (como no Antigo Testamento). Pregar 15 versículos extraídos de uma história que tem 50 versículos viola a essência da história. E como ler para crianças o meio de uma história para dormir sem contar a elas como a história começou e terminou. O resultado é a pregação de uma idéia que pode ser verdadeira, mas não está fundamentada no ensinamento da narrativa.

2. *As partes narrativas das Escrituras não foram escritas principalmente para prover um registro da história da redenção como história.* Isso não quer dizer que essas histórias são historicamente inexatas. Uma visão ortodoxa da inspiração argumenta a favor da exatidão histórica. Entretanto, o seu principal propósito era desenvolver uma teologia por meio da história, não criar um registro histórico. Esse entendimento das narrativas parece ser confirmado pelos comentários do Novo Testamento sobre as histórias do Antigo Testamento (Rm 15.4; ICo 10.11; 2Tm 3.16; Hb 1.1,2). Também fica demonstrado em qualquer comparação com os quatro evangelhos.

Há vários resultados cruciais que dizem respeito às pressuposições de que as narrativas não foram escritas principalmente para registrar história.

a. *As narrativas foram escritas para comunicar uma teologia.* Cada livro narrativo tem um raciocínio tão bem definido quanto Romanos ou qualquer carta do Novo Testamento. A diferença é que o raciocínio de cada livro é desenvolvido por meio de uma série de histórias, enquanto o de Romanos é desenvolvido por meio de uma apresentação lógica e analítica. Freqüentemente, nossa incapacidade de reconhecer isso se deve às nossas pressuposições aliadas à nossa incapacidade de fazer a exegese da história como história.

b. *Uma cronologia completa raramente é a preocupação do contador de histórias, visto que o propósito é desenvolver um raciocíiiio teológico, não registrar uma história cronológica.* Se a cronologia é crucial, o contador de histórias a menciona; do contrário, a cronologia normalmente é ignorada. Debates mais antigos sobre a autenticidade da Bíblia baseados em questões cronológicas refletiam o fato de que ambos os lados supunham que o propósito das narrativas era registrar a história mais do que desenvolver um argumento.

c. *Precisamos ver o que as narrativas têm em comum, mesmo que elas estejam separadas no tempo por anos.* Portanto, esboços de livros narrativos devem refletir raciocínios teológicos mais do que interesses históricos, geográficos ou biográficos. Novamente, nossa compreensão dos evangelhos deve nos convencer de que isso é verdade. Conhecer a história do Antigo Testamento é importante, mas freqüentemente ensinar o Antigo Testamento como história realiza um desserviço a futuros intérpretes. Isso planta pressuposições falsas.

3. *Cada narrativa comunica urna grande idéia que é única.* Historias, assim como qualquer outra literatura bíblica, contribuem para as grandes idéias das Escrituras. Entretanto, cada historia oferece sua faceta e discernimento únicos a uma dessas grandes idéias.

A implicação dessa pressuposição de que cada narrativa é singular no seu ensino significa que a idéia pregada com base em uma narrativa não se encaixa em nenhuma outra narrativa. Se um sermão pregado com base em uma narrativa pode ser usado com outra narrativa, então a compreensão do pregador de uma ou de ambas as narrativas está incorreta. Um Deus infinito que cria personalidades, flocos de neve e impressões digitais singulares faz o mesmo com historias, incluindo aqueles relatos que são paralelos.

Essa pressuposição abre as possibilidades para as narrativas como nunca antes. Demasiadas vezes, nosso pensamento tem sido confinado a apenas alguns temas, enquanto na realidade Deus colocou uma grande riqueza de idéias bíblicas nas histórias. Eu freqüentemente me vejo tratando de questões que não são desenvolvidas em nenhum outro lugar nas Escrituras, exceto por meio da aplicação.

4. *A principal verdade moral, espiritual e teológica de uma narrativa só pode ser entendida quando alguém entende toda a história.* Outras questões morais, éticas ou teológicas suscitadas em uma história talvez não sejam tratadas por nenhum outro contador de histórias — e com freqüência não são mesmo.

A implicação dessa pressuposição de que cada história se dirige de maneira geral a uma questão principal ignorando outras significa que nós, como pregadores, precisamos fazer o mesmo. Focalizar outras questões, de forma positiva ou negativa, é tratar a narrativa como alegoria. Fazer esboços cronológicos de histórias (como muitas vezes fazemos com cartas) também é uma forma de tratar a história como alegoria, e não como história. Precisamos fazer a exegese de narrativas para descobrir a principal verdade e, a seguir, focalizar aquela verdade ignorando outras questões não desenvolvidas na narrativa.

B. O método exegético

Para fazer a exegese de uma narrativa bíblica, precisamos primeiro determinar onde a história começa e termina. Isso nem sempre é fácil de fazer. Os livros narrativos são como romances. Em cada um há vários livros menores que compõem um volume completo. Por exemplo, o livro de Gênesis contém o livro de Abraão, o livro de Isaque e o livro de Jacó. Em cada um deles há capítulos ou narrativas. Essas narrativas podem compreender um, dois ou três capítulos. As divisões em capítulos freqüentemente são insignificantes em determinar as narrativas individuais. Portanto, preciso ler várias narrativas várias vezes, com freqüência em traduções diferentes, para determinar onde uma história começa e onde termina. Uma vez que determinei o começo e o fim, preciso reconhecer que a exegese posterior pode requerer ajustes adicionais. Agora estou pronto para começar a fazer a exegese da história.

Vamos usar a historia em 2Samuel 11—12 para aprender a aplicar o método exegético descrito aqui. Sabemos que a história começa em 2Samuel 11.1 por causado marcador de tempo: "Na primavera, época em que os reis saíam para a guerra . Embora uma nova cena comece no inicio do capítulo 12, ali não há nenhuma indicaçao de que uma nova história começa. Aliás, uma leitura cuidadosa indica que a crise na história não foi resolvida. Perto do final do capítulo 12, a crise foi resolvida e a afirmação de que: "voltou com todo o seu exército para Jerusalém" marca o fim. A narrativa bíblica freqüentemente sinaliza a conclusão notando que uma ou mais das personagens retornaram para casa.

1. Formato

Minha primeira responsabilidade é determinar o formato da história. Muitas histórias são contadas na terceira pessoa, enquanto outras são relatos na primeira pessoa. Algumas histórias começam no início e continuam ininterruptas ate o fam, enquanto outras usam retrospectos. Algumas histórias colocam a ênfase no enredo, enquanto outras focalizam a ação ou o desenvolvimento da personagem Ao fazer essas observações, estou suscitando perguntas sobre por que a história é designada da forma quê é. Entretanto, essas perguntas não podem ser respondidas ate que o processo exegético esteja completo.

Em minhas leituras iniciais, descobri que a história de 2Samuei 11—,*Ue* contada na terceira pessoa. Ela parece avançar do começo ao fim sem o uso de retrospectos. Embora o enredo seja intrigante, parece haver uma ênfase no desenvolvimento da personagem. Explorarei isso mais adiante à medida que o processo exegético continuar.

2. Cenas

Em seguida, divido a história em cenas. É útil imaginar que você é um diretor de cinema filmando uma história. Cada cena é filmada de um certo modo para contar uma história, lembrando que a ordem das cenas é importante. A divisão de parágrafos da *Nova Versão Internacional* parece oferecer a melhor divisão de cenas em narrativas (essa versão é usada em todo este capítulo).

Usando essa divisão, tenho doze cenas em 2Samuel 11-12. As cenas compreendem: 11.1; 11.2-5; 11.6-13; 11.14-21; 11.22-25; 11.26,27; 12.1-6; 12.7-15a; 12.15b-20; 12.21-23; 12-24,25 e 12.26-31.

É útil fazer uma tabela para cada parágrafo ou cena usando uma folha grande de papel em branco. Notas exegéticas, observações, perguntas e assim por diante devem ser escritas em cada parte da tabela que corresponda à cena apropriada. O formato das cenas é mais bem compreendido por meio da tabela.

3. Personagens

Em seguida, desenvolva uma lista de personagens. Novamente, é útil comparar as personagens em uma história a atores em um filme de drama. Quem é a

estrela? Quem é o antagonista? Quem é o protagonista? Quem é o ator crucial para o desenvolvimento da história? Quem são as personagens extras? As personagens nos mostram como a vida é vivida e manejada em situações particulares (as cenas). A vivência da vida não é anunciada, mas realizada, às vezes de forma bem sucedida, às vezes sem sucesso, no conflito do drama.

Em 2Samuel 11—12, Davi é claramente o protagonista ou a personagem principal. Os capítulos que cercam esse texto confirmam isso. Obviamente, Bate-Seba desempenha um papel fundamental na história. Entretanto, o narrador a descreve mais como uma personagem que sofre os efeitos do que uma personagem que age. Seu marido, Urias, é a outra personagem principal. Ele funciona como um realce, isto é, como uma personagem que fornece um contraste com outra personagem, nesse caso, Davi.

Os leitores com freqüência se referem a 2Samuel 11—12 como a história de Davi e Bate-Seba, mas, na verdade, é a história de Davi e Urias. À medida que a história progride, Urias é transformado em herói. Ele é o modelo de uma combinação de obediência e contentamento que falta a Davi, a personagem principal. Natã emerge no capítulo 12 como o antagonista, a personagem que funciona como um oponente ou adversário. No caso de Natã, ele é um antagonista chamado por Deus para confrontar a Davi. Outras personagens têm um papel importante na história, mas são as personagens extras. Isso inclui Joabe, o filho de Davi que morre, os servos de Davi e Salomão.

4. Ação

Então, observe a ação. À medida que os eventos se desdobram, as personagens reagem e atuam, o que produz uma ação posterior. Em um estudo de personagens, essa ação pode ser um pensamento ou diálogo. Mas mesmo o diálogo ou o pensamento é uma reação aos eventos e produz ação posterior que, no fim, leva a algum tipo de ápice.

Como observado acima, 2Samuel 11—12 desenvolve um contraste entre Davi e Urias. As ações e as reações a essas personagens desenvolvem esse contraste. Davi viu Bate-Seba, levou-a para o palácio e deitou-se com ela. Então, quando Bate-Seba acaba grávida de Davi, ele se ocupa com encobrir a verdade. Ele chama Urias para ir a sua casa, deixando a batalha com os amonitas, aparentando querer obter informações sobre a batalha. Ele, então, envia Urias para passar a noite em casa. Mas Urias dorme na porta de sua casa! Ele se recusa a dormir com sua mulher. Davi reage embriagando-o na noite seguinte, porém Urias ainda assim não dorme com sua esposa! O narrador está nos mostrando por meio da ação — em vez de nos dizer diretamente — que Urias tem mais honra embriagado do que Davi quando está sóbrio! A medida que a história prossegue, Davi acaba tramando matar Urias.

Alguns expositores terminam sua análise aqui, mas ainda há mais ação que leva o leitor à grande idéia da história. O Senhor manda Natã para confrontar Davi. Este

finalmente admite sua má ação, e Natã o informa das conseqüências, incluindo a perda do filho nascido de Bate-Seba (12.14). A reação de Davi é interessante. Ele ora, jejua e fica deitado no chão a noite toda. Mas quando a criança morre, Davi levaitta-se, lava-se, unge-se, troca de roupa e adora. As ações de Davi revelam um contraste com suas antigas ações. Ele agora aprendeu a aceitar o que Deus lhe deu e o que Deus não lhe deu.

5. Diálogo

O próximo passo é examinar qualquer diálogo (o diálogo pode ser também um monólogo; estou usando esse termo no seu sentido mais amplo). O principal método para desenvolver a caracterização na narrativa é por meio de palavras ditas por personagens. O contador de histórias (nesse caso, no fim das contas, o Espírito Santo) freqüentemente comunica a idéia principal por meio de palavras expressas pelas personagens.

Muitas histórias são condensadas, significando que o contador de histórias está funcionando como um editor, o que torna o diálogo importante. Observe o diálogo que aparece primeiro na história ou o diálogo que é repetido, especialmente com variações menores. Tais variações menores freqüentemente têm um grande significado.

Nossa história em 2Samuel 11—12 contém uma porção significativa de diálogo. As declarações de Davi no capítulo 11o retratam como um enganador e traidor nesse ponto da sua vida (veja 11.8,15,25). Em contraste, as declarações de Urias, em 11.1, o retratam como um homem íntegro. Quando Davi pergunta por que ele não foi até sua casa, Urias responde: "A arca e os homens de Israel e de Judá repousam em tendas; o meu senhor]o abe e os seus soldados estão acampados ao ar livre. Como poderia eu ir para casa para comer, beber e deitar-me com minha mulher? Juro por teu nome e por tua vida que não farei uma coisa dessas!".

Em 2Samuel 12, o diálogo entre Natã e Davi me ajuda a atingir a idéia principal da história. Uma das declarações-chave ocorre no versículo 9 quando Natã pergunta: "Por que você desprezou a palavra do SENHOR, fazendo o que ele reprova?". Nessa declaração e nas outras que se seguem, Natã não separou os pecados de assassinato, e de adultério, e de mentira, e de traição. Ele os viu como um grande pacote. A raiz foi que Davi desprezou a palavra do Senhor. Por quê? Nos versículo 7 e 8, Natã recita uma lista do que o Senhor deu a Davi. Fica claro a partir desse diálogo que Davi desobedeceu a Deus porque ele não aceitou o que a graça de Deus lhe concedeu e o que a graça de Deus não lhe concedeu. Nos versículo 22 e 23, as declarações de Davi revelam que ele agora aprendeu a aceitar a graça de Deus, não importando como Deus decidisse expressá-la.

6. Linguagem

E nesse ponto que o intérprete emprega processos lexicais e gramaticais. Entretanto, na exegese narrativa, esses processos normalmente não são necessários

para determinar a idéia. Às vezes, a idéia é desenvolvida mais por meio do formato, enredo, ação e assim por diante do que por meio do diálogo.

Esse é o caso da historia em 2Samuel 11—12. O intérprete precisará fazer pouco estudo — talvez nenhum — de palavras ou esboços gramaticais. Essa história depende do diálogo, do enredo e do desenvolvimento das personagens.

O que torna a interpretação das narrativas difícil é que a idéia é raramente desenvolvida da mesma maneira em cada narrativa. A implementação de idéias exegéticas requer mais faro artístico do que necessário para materiais didáticos.

7. Narração

O próximo passo no método exegético é listar as declarações feitas pelo narrador. Sem essas afirmações, a história não faria sentido porque motivos específicos, pensamentos, ações ocultas e assim por diante não seriam conhecidos. Como muitos observaram, o narrador é onisciente, conhecendo pensamentos, conversas íntimas e privadas, eventos ocultos e a mente de Deus. Essas declarações são o ponto de entrada de Deus como o contador definitivo da história. Portanto, esses comentários se tornam decisivos em determinar o significado final da história.

Três declarações dessas sobressaem em 2Samuel 11—12:

- "Mas o que Davi fez desagradou ao SENHOR" (11.27).
- "Depois que Natã foi para casa, o SENHOR fez adoecer o filho que a mulher de Urias dera a Davi" (12.15).
- "O SENHOR O amou [Salomão]" (12.24).

8. Enredo

Em seguida, precisamos descobrir o enredo. Isso nem sempre é fácil, especialmente se conhecemos bem a história. Olhe para a história e determine aqueles eventos que criam e intensificam o desequilíbrio, isto é, a instabilidade. Então, determine onde ocorre a inversão, que muda o curso determinado pelo desequilíbrio. Finalmente, determine como a história é resolvida.

Em 2Samuel 11—12, o ato de adultério de Davi com Bate-Seba cria desequilíbrio, e a sua tentativa de esconder esse pecado o intensifica. O processo de inversão ocorre quando Deus manda Natã para confrontar Davi em virtude do seu pecado. A resolução ocorre em duas fases. Primeiro, Davi admite e confessa seu pecado. Então, o equilíbrio (estabilidade) é restaurado quando ele reage a uma situação — nesse caso, a perda do seu filho que nasceu de Bate-Seba — ao aceitar o que Deus lhe dá e o que retém dele.

Ao desenvolver o enredo, é importante determinar se a história é comédia ou tragédia. O termo literário *comédia* se refere a um enredo em forma de U que começa na felicidade, desce à tragédia e faz um retorno no U de volta à felicidade.

Uma tragédia, em contraste, começa na felicidade e desce até a tragédia e termina aí. Os eventos que desenvolvem o enredo em uma comédia não são necessariamente os mesmos que desenvolvem o enredo em uma tragédia, ou vice-versa.

A história em 2Samuel 11—12 é obviamente uma "comédia". Isto é, a história começa na felicidade, depois desce até a tragédia, mas, aí, volta novamente à felicidade.

Precisamos lembrar que histórias bíblicas não são filmes nem peças de teatro com conteúdo moral em que o bem e o mal são óbvios. As histórias têm a capacidade de lidar bem com as ambigüidades da vida.

9. Tom

Depois disso, examine o tom da história. Você está procurando a visão de mundo que é transmitida. A maneira em que a história é contada é freqüentemente tão importante quanto a própria história na determinação do tom.

Em 2Samuel 11—12, o tom resulta da progressão da história como uma "comédia". A declaração em 11.27 de que "o que Davi fez desagradou ao SENHOR" soa como uma nota agourenta de descontentamento. Entretanto, a declaração em 12.24 de que o Senhor ama Salomão traz o tom de volta à aceitação e ao amor. Aqui está um exemplo de como os vários elementos de uma história — estrutura do enredo, diálogo e assim por diante — atuam juntos para estabelecer o tom.

10. Estruturas retóricas

O próximo passo é procurar estruturas retóricas. Tais estruturas podem incluir quiasmas, repetições, contrastes ou uma cena que parece fora de contexto em relação a outras cenas. Freqüentemente, uma anomalia no padrão ou na estrutura aponta para a principal idéia que é desenvolvida na história. Novamente, assim como certas cenas em filmes são centrais, também certos padrões ou desvios de padrões são cruciais para o ponto essencial da história.

Como observado acima, um traço significativo da história em 2Samuel 11—12 é o contraste entre Davi e Urias. Essa é uma chave principal no entendimento da história. Essa história também tem uma estrutura em forma de quiasma. Em um quiasma, elementos (como palavras ou detalhes de enredo) são repetidos em ordem invertida. Quando diagramada, a estrutura do quiasma tem a seguinte forma:

A Israel cerca Rabá sem Davi (11.1)

B Davi e Bate-Seba concebem um filho (11.1-5)

C Davi esconde sua culpa (11.6-27a)

D Deus revela e identifica o pecado de Davi (11.27b—12.12)

C' Davi admite sua culpa (12.13a)

B' Davi e Bate-Seba perdem uma criança e concebem uma que vive (12.13b-25)

A' Israel cerca Rabá com Davi (12.26-31)

O elemento do meio de um quiasma — nesse caso, a letra D — funciona como um ponto decisivo ou o foco da estrutura. De um ponto de vista literário, portanto, o ponto decisivo da história é a identificação do pecado de Davi — o pecado de Davi desprezando a graça de Deus ou mostrando desprezo pelo que Deus em sua graça deu a Davi e o que Deus em sua graça não deu a Davi, isto é, Bate-Seba!

11. Contexto

Finalmente, o intérprete reúne informações a partir do contexto. O contexto são as histórias que envolvem uma narrativa e constituem uma seção. Muitas vezes é melhor ler as narrativas que aparecem antes e depois da narrativa sendo estudada e escrever um título descritivo para cada uma delas. Se cada história for descrita corretamente no título descritivo de uma frase, o intérprete começa a ganhar uma compreensão de como a narrativa em consideração se encaixa no contexto. É crucial nesse momento observar como as histórias desenvolvem idéias mais do que focalizam na cronologia. Lembre-se, narrativas são agrupadas conjuntamente para criar um argumento teológico.

A história em 2Samuel 11—12 ocorre no contexto de Davi ter consolidado seu reino como o rei de Israel (veja o capítulo 8). As duas histórias imediatamente anteriores a essa mostram como Davi vai ao encontro em "amor leal" (hebraico hesedj *a seus inimigos —primeiro a Mefibosete, uma ameaça em potencial ao trono (capítulo 9) e, depois, aos amonitas (capítido 10). O reino de Davi aparece sendo constmído sobre amor leal ou amor de aliança. Mas, a seguir, inesperadamente, ocorrem os eventos em 2Samuel 11—12. Davi se arrepende e aprende uma lição, mas os capítulos 13 e seguintes mostram como as conseqüências de seu pecado se expressam na família e no reino.*

12. A idéia exegética

Depois desses passos exegéticos, escreva um título descritivo de uma frase para cada cena ou parágrafo. Esse título não deve incluir nenhuma interpretação. Novamente, isso é difícil, embora nossa inabilidade para lidar com uma história como história requeira esse passo. Precisamos nos forçar a aprender o que está na história antes que comecemos a perguntar a razão para isso.

Logo que você escreveu esses títulos, crie um único título descritivo para toda a narrativa. Esse título deve resumir e refletir com exatidão os títulos dos parágrafos.

Muitas vezes não se compreende a idéia porque os principais elementos da narrativa não são precisamente descritos.

Para 2Samuel 11—12, o título é: o que Davi aprende a respeito da graça de Deus.

Observe as frases (títulos de parágrafos e títulos de narrativas) e determine a ênfase do autor. Não há duas histórias iguais em conteúdo e apresentação. Em cada história, certos aspectos literários são enfatizados à custa de outros para comunicar a idéia. A evidência precisa ser pesada. As vezes, o contador da história pode focalizar as personagens, os diálogos ou os enredos. Outras vezes, a ênfase pode ser o formato, a cena e os comentários do narrador. A fórmula nunca é a mesma. Encontrar o significado das histórias é como ser um detetive com grande quantidade de indícios. Apenas certos indícios revelam o mistério, enquanto outros indícios, se perseguidos, levam a conclusões falsas. Entretanto, se os indícios corretos forem usados para desvendar o crime, todos os outros indícios se encaixarão no lugar correto. A seguir, e apenas nesse momento, o intérprete pode começar a compreender a verdade comunicada em uma narrativa particular.

Novamente, o autor de 2Samuel 11—12 mostra estar enfatizando o processo por meio do qual Davi aprende o contentamento com a graça de Deus, isto é, a aceitar o que Deus graciosamente dá e graciosamente retém.

Depois que você descobre a ênfase do contador da história, determine sobre o que é a história. Essa determinação fornece o assunto.

O assunto de 2Samuel 11—12 aparece como: o que Davi aprende sobre a graça de Deus.

Então, decida o que está sendo dito sobre o assunto, visto que isso fornece o complemento da idéia.

Agora você está pronto para usar o título descritivo, se ele foi expresso com exatidão e precisão, e também está pronto para fornecer a interpretação. Acrescente os elementos interpretativos a fim de exprimir a idéia do contador de histórias. Exprima sua idéia em uma frase, e isso se torna a idéia exegética da história. Quando a idéia é exprimida com exatidão e de veracidade, ela se encaixará apenas nessa história e em nenhuma outra.

A idéia exegética de 2Samuel 11—12 é: Davi aprende a aceitar o que a graça de Deus lhe concede e o que a graça de Deus não lhe concede.

Você, uma vez que tem a idéia exegética, completou a exegese da narrativa. Esse processo, como todos os métodos exegéticos, é difícil. Você também obtém mais habilidade para desenvolver a idéia exegética enquanto está no processo. A idéia importante a ser lembrada é que o método exegético para narrativas é diferente dos métodos usados para descobrir as idéia de Deus em cartas, poemas, provérbios ou parábolas.

C. O processo homilético

Para o processo homilético, os filmes novamente provêem uma pista muito útil. Distinguimos entre filmes de ação, análises de personagens, mistério, filmes de época e clássicos. Um filme baseado em uma obra de Tom Wolfe será desenvolvido de forma bem diferente do que um baseado em Tom Clancy. Ambos têm de ter uma idéia básica a transmitir; entretanto, o diretor passa a idéia de forma bem diferente, exatamente como o autor originário o fez.

As passagens narrativas servem facilmente para sermões em estilo narrativo, tanto em apresentações em primeira pessoa como em terceira. Entretanto, quero descrever um processo que se encaixa no formato tradicional, ao mesmo tempo em que permite a pregadores construírem sermões que não violem a essência da história em suas apresentações.

Primeiro, examine a idéia exegética e determine como você pode reformulá-la de forma que ela tanto reflita a exatidão histórica e a intenção literária da história quanto use termos que criem uma proposição não limitada ao tempo. Esse processo requer bastante esforço e numerosas reformulações. Entretanto, uma vez que você exprimiu a idéia corretamente desse modo, você tem o conceito teológico eterno que é verdadeiro em qualquer época. Essa é sua idéia-chave da pregação.

Para 2Samuel 11—12, a idéia exegética pode ser transformada em uma proposição não limitada ao tempo ao exprimi-la como se segue: Os cristãos precisam aprender a aceitar o que a graça de Deus lhes concedeu e o que a graça não concedeu. Ou, o expositor pode querer condensar a idéia depois e exprimi-la assim: Os cristãos precisam aprender a ficar satisfeitos com os presentes generosos de Deus.

A idéia-chave da pregação é uma resposta precisa a uma necessidade, problema ou dificuldade específica na vida. A história da qual você fez a exegese revela como um indivíduo ou um grupo lidou com essa questão com sucesso ou sem sucesso da perspectiva de Deus. A idéia-chave da pregação é o remédio; a história revela como pessoas doentes espiritualmente aceitam ou rejeitam esse remédio.

Sua tarefa como pregador é desenvolver e mostrar a sua congregação como as pessoas se relacionam, interagem e se debatem com a mesma doença espiritual. Você escolhe aqueles aspectos da história que lhe permitem ilustrar essa doença. Em vez de pensar que versículo faz isso, demonstre como o enredo, o desenvolvimento das personagens, as cenas, as ações, o formato e o tom (e assim por diante) desenvolvem a doença. Você usa esses elementos para exprimir, elaborar e construir a primeira metade do seu sermão, talvez até dois terços.

Esse processo de desenvolver a doença espiritual significa que duas coisas sempre ocorrem. Primeiro, o sermão raramente segue a narrativa cronologicamente. Segundo, você desenvolve o sermão usando desequilíbrio. O desequilibro da história pode ser usado, mas mais freqüentemente ele é o desequilíbrio da doença para o qual o remédio é a idéia-chave da pregação.

No caso de 2Samuel 11—12, o sermão começa desenvolvendo o desequilíbrio criado pelo pecado de Davi de tomar para si mais do que Deus havia lhe dado. O sermão comenta que Davi experimenta a punição de Deus por cometer um pecado maior do que assassinato ou adulterio. O sermão, a seguir, aplica essa doença espiritual aos leitores, mostrando como podemos ser culpados de não estarmos contentes com os presentes e chamados generosos de Deus.

Agora você está pronto para desenvolver o segundo aspecto do seu sermão, o remedio. Você vai aos elementos da historia que dão suporte à sua idéia exegética e à idéia-chave da pregação. Novamente, você deve se referir a diversas partes do texto. Mostra como o povo de Deus aceitou com sucesso ou sem sucesso o remédio divino para a sua doença espiritual. Essa idéia é aplicada à sua congregação. Desse modo, sua idéia-chave da pregação se torna a reversão (o remédio) do desequilíbrio que você criou (a doença espiritual).

A reversão corresponde à confissão de Davi de seu pecado e sua reação resultante de aceitar o que a graça de Deus lhe concede e o que não, o que é o remédio para sua doença espiritual. Nós, a seguir, aplicamos o remédio aos ouvintes, mostrando como eles podem aceitar os chamados e a provisão atuais com espírito de contentamento e ação de graças.

Por último, você usa os minutos finais para demonstrar as implicações de aceitar ou rejeitar esse remédio. Mostra como a aceitação traz saúde espiritual, enquanto a rejeição traz doença posterior. Pede às pessoas para que escolham a saúde (vida), em vez de escolherem a doença (morte).

Pregar desse modo permite que você e seus ouvintes sintam a história como drama. O sermão, que tem seu próprio enredo, usa os trechos da história que refletem o desequilíbrio, a reversão e a resolução que eles sentiram quando leram ou ouviram a história pela primeira vez. Entretanto, você usou a história como história; e a idéia da história fez com que a congregação lutasse com o desequilíbrio da humanidade; entendesse e sentisse a reversão da verdade divina; e escolhesse a resolução que concede vida. Tanto o sermão como a história (a narrativa) foram tratados como história.

Pregar narrativas é um prazer. Achar a idéia principal de uma história é uma aventura misteriosa que resulta em um ápice extraordinário. Conduzir a congregação pelo desequilíbrio também é uma grande aventura. Assistir às pessoas passarem por uma experiência de 'Ah ha!" à medida que o enredo do sermão é revelado é impressionante. Finalmente, conduzi-las a resoluções que são reais, porque são baseadas em narrativas verdadeiras, é genuinamente satisfatório. Você pregará sobre idéias que nunca achou que a Bíblia articulava. E como resultado, verá congregações fazerem escolhas que são espantosas.

Acima de tudo, lembre-se de que o poder na pregação vem do uso que o Espírito faz da Palavra de Deus. Você e eu somos instrumentos por meio dos quais Deus freqüentemente procura atuar.

Capítulo 74

A VIDA EM LEVÍTICO

Ao fundar esta igreja, passei um ano pregando Levítico e (surpresa!) funcionou

Rob Bell

Em fevereiro de 1999, fundamos uma igreja para alcançar as pessoas sem igreja e desiludidas de Grand Rapids, Michigan. No primeiro ano, preguei todo o livro de Levítico — versículo por versículo.

Por que começar uma igreja com Levítico? Por que não usar uma série sobre relacionamentos ou sobre como encontrar a paz? Isso seria uma abordagem mais segura.

Levítico não pode ser amansado. Suas imagens são muito selvagens. Nós nos aventuramos em sua toca e permitimos que nos devorasse, confiando que Deus nos livraria com uma imagem mais verdadeira de seu Filho.

Por que Levítico? Duas razões. Primeiro, não queria que a igreja tivesse êxito porque reunimos os recursos certos. Eu queria que a igreja florescesse apenas no poder do Espírito. Eu sabia que começar com Levítico — palavras estranhas à nossa cultura de hoje — era arriscado. Mas quanto maior o risco, maior é a necessidade que temos do Espírito, e maior é a glória a ser obtida para Deus.

Segundo, pessoas sem igreja freqüentemente têm uma percepção da Bíblia como algo obsoleto. Se essas pessoas pudessem descobrir Deus falando a elas por meio da lei do Antigo Testamento, isso transformaria radicalmente sua percepção de que o cristianismo é arcaico. Eu queria que as pessoas soubessem que toda a história bíblica — até mesmo Levítico — é uma história viva. As Escrituras são uma história verdadeira, enraizada em eventos históricos e pessoais reais. Mas muitas pessoas não vêem a conexão entre a parte sobre Moisés e a parte sobre Jesus.

Mas todo o Levítico de Moisés é sobre Jesus.

A história toda

Cada mensagem em minha série terminava com Jesus. Todas as imagens são sobre Jesus. Todo detalhe de cada sacrifício no final das contas reflete algum detalhe da vida de Jesus.

Esse ensino mexeu fundo. Muitos de meus ouvintes queriam fazer com que a Bíblia fizesse sentido, porém sabiam apenas fragmentos da história. Levítico ensinou a todos nós a fazer as perguntas difíceis: Como isso se conecta com toda a narrativa bíblica? Como esse evento aponta para a cruz? Como me encaixo na história?

Descobrimos que a Bíblia é um todo orgânico. Esses conceitos se conectam entre si, essas imagens fazem sentido. Pela primeira vez, muitos de nossos ouvintes começaram a perceber essa história de forma pessoal: essa é minha história; essas pessoas são minhas pessoas; esse Deus é o meu Deus.

Um casal de meia idade havia crescido na igreja. Eles tinham ouvido centenas de sermões. Certo domingo, eles estavam com um olhar desapontado. "Como nós nunca ouvimos isso antes?", perguntaram eles. As raízes judaicas de nossa fé com base em Levítico lhes deram um discernimento renovado em relação às passagens que eles já conheciam. Paulo, por exemplo, fala do "sacrifício agradável" que devemos fazer de nós mesmos e do "aroma suave". Muitas dessas frases provêm de Levítico, e Levítico lhes dá o seu contexto.

O que as pessoas sem igreja pensavam sobre isso? Descobri a resposta em um jogo de futebol americano do ensino médio. Era tarde da noite de uma sexta feira. Os gritos haviam diminuído, e eu estava caminhando para casa quando ouvi um homem gritando: "Ei, Pastor! Levítico está virando meu mundo de cabeça para baixo. Estamos sendo abalados até o fundo da alma". A família havia acabado de começar a freqüentar a igreja, não eram cristãos e nunca haviam se interessado por igreja alguma. Mas, de alguma forma, Levítico chamou a atenção deles.

Então, dois garotos de ensino médio me alcançaram. Eles tinham pano de fundo pagão. "Nós conversamos sobre o que você disse. Isso é extraordinário! Estamos ansiosos para que o domingo chegue! Até lá!". Essas pessoas estavam entusiasmadas com a lei do Antigo Testamento.

Mike era um policial que veio a Igreja de Mars Hill no domingo em que preguei sobre Levítico 23. O capítulo resume o calendário festivo e dá aos israelitas uma prévia concreta da primeira e segunda vindas de Cristo. Todos os versículos falam sobre Jesus e, para muitos, essa foi a primeira vez que ouviram isso.

Mike mais tarde contou à congregação: "Eu era um cético. Não acreditava em nenhum tipo de deus. Mas naquele domingo, tudo mudou. Percebi que toda história, toda a Bíblia, não era apenas um conjunto de livros antigos. Tudo se encaixa ao longo de toda a história. Eu sabia que precisava aprender mais e aprendi que precisava de Jesus".

Toda semana, quando eu convidava as pessoas a abrir suas Bíblias, elas vibravam! Quando eu dizia: "Por favor, abram comigo no capítulo...", a congregação irrompia: "Cinco!", e começava o farfalhar das páginas se abrindo. Isso se tornou uma tradição.

As pessoas estavam começando a estudar antecipadamente e estavam tentando imaginar o significado do trecho seguinte. Elas até mesmo me estimulavam antes do culto, dizendo-me que estavam perplexas com o texto daquela semana e estavam ansiosas para que o texto fosse explicado.

Grupos espontâneos de estudo surgiam durante a semana. Meu ensino era apenas um começo, o começo da luta. A verdadeira transformação começa quando as pessoas levam a Palavra para casa para lutar com o seu significado.

Imagens vividas da salvação

A série sobre Levítico deu certo, em parte, porque ela é tão visual. Em Levítico, vemos teologia bíblica com carne e sangue (literalmente). Em vez de um tratado sobre a natureza do reino da morte e sua oposição ao reino da vida, Deus instrui pessoas com doenças de pele estranhas a se manterem afastadas do templo até que estejam puras. Brilhante.

Em vez de tentar descrever um conceito abstrato como expiação substitutiva, Levítico instrui sobre quando, onde e como cortar a garganta do cordeiro.

A imagem de sangue respingando em seu manto enquanto o cordeiro é colocado no fogo serve como imagem vivida para a penalidade pelo pecado. Todo o sistema sacrificial se torna um apoio, uma ajuda visual para explicar o que significa estar em um relacionamento com o único Deus verdadeiro.

Mas não falamos apenas a respeito das imagens, nós as experimentamos. Eu me cobri com sangue falso, fiz fogueiras na plataforma, escalei um altar de madeira gigante. Tínhamos "sacerdotes" vestindo éfodes de linho caminhando para cima e para baixo nos corredores e trouxemos um bode vivo para o Dia da Expiação. Até mesmo esboçamos os ciclos agrícolas para ajudar os habitantes da nossa cidade a entender as raízes do ambiente por trás das festas estipuladas pelo Criador.

Minha geração pensa e conversa visualmente. O filme é a linguagem dominante de nossa cultura. Nós nos relacionamos com imagens, e com figuras, e com metáforas. Levítico é perfeito para nós. É uma imagem atrás da outra. Sangue, animais e roupas de certas cores — imagens estimulantes sobre as quais uma pessoa pode refletir para sempre.

Outra razão pela qual Levítico é tão eficaz: ele fala a nosso desejo por comunidade. A cultura individualista do ocidente influenciou o cristianismo profundamente. Sermões mais provavelmente falam de "um relacionamento pessoal com Jesus" do que de chamar as pessoas a se arrepender por pecados coletivos. No entanto, gerações mais jovens se identificam com a "culpa de grupo". O exemplo mais óbvio é o ambientalismo. Levítico se conecta com essa mentalidade de comunidade.

O Dia da Expiação era um ritual coletivo. Certos sacrifícios, muitas vezes, eram oferecidos em nome de "toda a assembléia". E qual era uma das punições mais graves em Levítico? Ser excluído da comunidade.

No Dia da Expiação, o sacerdote colocava figuradamente os pecados da comunidade na cabeça do bode e, depois, o mandava para o deserto. Assim, no "domingo do bode expiatório", nós representamos esse ritual. Um homem vestido como sumo sacerdote trouxe um bode e eu expliquei as instruções no texto. Então, comparei essas instruções com Jesus e suas interações com Pilatos em João 18. Tivemos uma imagem vivida de Jesus como o bode expiatório definitivo.

A metáfora deu certo. Cheios de temor, vimos como Jesus foi levado para fora de Jerusalém para levar os pecados de todos nós. Quando o bode foi levado para

fora e o "sacerdote" anunciou que nossos pecados foram perdoados, as pessoas não cabiam em si de tanta celebração. Quando a banda entrou com a música "Seu sangue tem poder", pensei que anjos quebrariam o teto e o atravessariam para se juntar a nós!

Um ano depois de começar, a série sobre Levítico chegou ao fim e era hora de seguir adiante. Agora estou pregando Números.

Capítulo 75

APLICAÇÃO INTERNA

Um método para se chegar à reação prática requerida no texto

David Veerman

Terry reúne sua família e rapidamente a coloca na *van.* Ele precisa chegar à igreja cedo para fazer algumas fotocópias para a escola dominical em que ensina. Depois, há o coral e, depois do culto, várias conversas sobre a comissão em que ele serve. Com energia e entusiasmo aparentemente ilimitados, Terry está imerso nas atividades da igreja. Em seus momentos mais tranqüilos, porém, Terry está preocupado. Em casa, sua pasta contém um relato médico que lhe diz que há um ponto escuro nos raios-x dos seus pulmões.

Ruth é conhecida por seu sorriso contagiante e encorajamento afetuoso. Como líder do comitê de hospitalidade, ela parece conhecer todo mundo na igreja. *Como ela pode estar sempre tão para cima?,* as pessoas se indagam. Embora Ruth estivesse tendo êxito na igreja, ela acredita que é um completo fracasso em casa. Ali ela se bica constantemente com uma filha adolescente e se sente cada vez mais distante do seu marido.

Estudante destacada e jogadora de vôlei da seleção da universidade, Janete é o retrato da moça ideal estado-unidense. Ela também está ativamente envolvida com o grupo de jovens da igreja e leva sua fé a sério. Mas ela quer saber como levar o que acredita para o dia-a-dia, especialmente com seu namorado, que ultimamente a tem pressionado sexualmente. Janete senta no fundo da igreja e fica pensando em tudo isso.

Você reconhece qualquer uma dessas pessoas? Você nunca as conheceu, mas provavelmente conhece muitos exatamente como elas. Elas enchem nossas igrejas; homens e mulheres e jovens, alguns desesperados, procurando por respostas.

Steven Brown, pastor da Igreja Presbiteriana de Key Biscayne, na Flórida, diz que, quando prega, pressupõe seguramente que sete entre dez pessoas na congregação têm o coração ferido. Elas precisam especialmente de uma palavra transformadora vinda de Deus, algo que possam conhecer e colocar em prática.

Como comunicador, reconheço o valor da aplicação e a dificuldade de fazer aplicações apropriadas. De fato, em muitos sermões que ouço (e alguns que preguei),

a aplicação simplesmente é deixada de fora. Contudo, como Jay Kesler, ex-presidente da Taylor University, expressa isso, pregar um sermão forte na informação, mas fraco na aplicação, é como gritar para uma pessoa que está se afogando- "Nade' Nade!". A mensagem é verdadeira, mas não é útil.

Certa vez, um amigo meu disse o seguinte a respeito do seu ex-pastor: "O mais próximo que ele chegou da aplicação era, de vez em quando, terminar seu sermão com: 'E você?'". Tenho certeza de que ele queria que seu sermão fosse compreensível, mas embora o espírito estivesse disposto, a aplicação era fraca.

Por que a dificuldade?

Se a aplicação é desejável, por que ela falta com tanta freqüência? Nas minhas conversas sobre isso com pastores e especialmente quando me debati com a questão da aplicação no tempo em que era editor-chefe da *Life Application Bible [Bíblia de estudo aplicação pessoal-*, Tyndale e no português CPAD], identifiquei várias razões.

Trabalho duro

Talvez essa seja a principal causa da falta de aplicações adequadas. Elas são difíceis. Elas requerem tempo e esforço.

Quando nossa equipe começou a trabalhar na Life *Application Bible {Bíblia de estudo aplicação pessoal*queríamos (1) ajudar nossos leitores a fazer as perguntas certas e (2) motivá-los à ação. Essa reação dupla era nossa definição de *aplicação.*

Previ poucas dificuldades em escrever anotações aplicativas. Afinal de contas, eu havia passado duas décadas no ministério de jovens desafiando jovens a seguirem a Cristo e lhes ensinando a como crescer na fé. Mas minha suposição estava errada; achar aplicações era trabalho difícil. Eu gostava de pesquisar e explicar questões textuais, influências culturais e complexidades teológicas, mas não conseguia fazer a ponte para a vida real facilmente. Mesmo agora, depois de anos escrevendo anotações aplicativas, descubro que elas não vêm facilmente.

Pressuposições erradas

Eu costumava pressupor que a platéia faria uma conexão entre a lição e sua vida, um erro comum. Nenhum de nós quer insultar a inteligência de nossos ouvintes e, assim, expomos a história da Bíblia, os discernimentos teológicos ou as verdades eternas e deixamos o resto para eles. Mas a maioria das pessoas, descobri para meu espanto, não consegue fazer o salto mental. Nossas congregações não querem ser alimentadas com colherinha, mas elas precisam ser conduzidas.

Medo

Corremos o risco de ter medo de sermos "muito simplistas". Podemos pensar que precisamos falar profundamente, verdades complexas ou princípios amplos e

gerais para proclamar propriamente a Palavra de Deus. Houve momentos em que, subconscientemente, tentei esnobar a minha cultura. Como é fácil pregar para nós mesmos, detalhando os pontos minuciosos da teologia, exagerando nas considerações sobre a etimologia ou na descrição do contexto cultural, enquanto a congregação espera por um desafio transformador de vida!

Muitas vezes, trabalhei horas na elaboração de sermões que depois proferi com segurança e confiança, apenas para ter pessoas respondendo com um ar coletivo de tédio. Não é que eu não estava preparado ou não tinha orado ou que falei de modo hesitante ou gaguejei. Aliás, a congregação aprendeu algo e eu ouvi um número razoável de comentários pós-sermão como: "Isso foi interessante", e: "Bom trabalho". Mas nada foi dito a respeito de vidas transformadas. Por medo de simplificar demasiadamente, simplesmente não havia sido específico. Não cheguei à aplicação.

Falta de treinamento

Falei com muitos pregadores que lamentam sua falta de treinamento na aplicação das Escrituras. Embora gratos pelo trabalho intenso em outras áreas da homilética e teologia, eles expressam sua necessidade de uma dose de realidade. "Eu gostaria de ter sido ensinado a relacionar a Palavra às necessidades das pessoas reais", disse alguém.

Um entendimento errado sobre o que é a aplicação pode enfraquecer a pregação. Se não estou certo do meu objetivo, definitivamente terei problemas tentando atingi-lo. Dessa forma, o que é a aplicação eficaz?

O que a aplicação não é

Começaremos listando o que a aplicação não é. *Primeiro, a aplicação não é uma informação adicional— simplesmente acrescentar mais fatos.* Quer no trabalho de detetive quer no estudo da Bíblia, reunir fatos é o início do processo, mas não o completa. Os fatos precisam ser usados.

Por exemplo, é bom saber que Mateus era um coletor de impostos e que coletores de impostos conspiravam com Roma para se tornar ricos, explorando seus contribuintes. Tais informações contextualizam Mateus e nos ajudam a entender a Bíblia. Mas para que se torne útil, a informação precisa ser combinada com a ação que o ouvinte possa realizar.

Segundo, a aplicação não é mera compreensão. Entender a verdade de Deus, o passo que precisa seguir a coleta dos fatos, é vital. Precisamos saber o que a Bíblia significa, não apenas o que ela diz. Novamente, entretanto, um sermão deixado aqui é incompleto. Muitas pessoas entendem verdades bíblicas, mas as verdades não fazem nenhum impacto na sua vida. Posso entender que Jesus citou as Escrituras para conter os ataques de Satanás no deserto e que a Palavra de Deus é poderosa. Mas e daí? Como eu farei isso na minha vida?

Terceiro, aplicar o texto não é apenas ser relevante. A relevância explica como o que aconteceu nos tempos bíblicos pode acontecer hoje. Por exemplo, podemos descrever Corinto como semelhante a muitas cidades de hoje — selvagens e repletas de ídolos, violência e imoralidade sexual. Uma descrição relevante pode nos deixar mais abertos à aplicação. Mas esse passo é insuficiente, visto que ele não nos diz o que podemos fazer em relação à situação que reconhecemos.

Finalmente, a ilustração — explicar como outra pessoa lidou com uma situação similar—não se qualifica como aplicação. Ilustrações emitem luz sobre uma passagem e nos mostram como outra pessoa aplicou a verdade a sua vida. Mas isso permanece afastado do individual — de nós.

Se cada um desses quatro aspectos de exposição bíblica não é aplicação, então o que ela é? Que passos podemos dar para aplicar a Bíblia à vida?

As melhores aplicações

Expresso de maneira simples, fazer a aplicação é responder a duas perguntas: "E daí?", e: "E agora?". A primeira questão pergunta: "Por que essa passagem é importante para mim?". A segunda pergunta: "O que eu devo fazer em relação a isso hoje?".

A aplicação focaliza a verdade da Palavra de Deus em situações específicas e relacionadas às situações da vida. Ela ajuda as pessoas a entender o que fazer e como usar o que aprenderam. A aplicação persuade as pessoas a agir.

Por exemplo, Lucas 5.12-15 relata Jesus tocando e curando um leproso. Além de descrever os horrores da lepra no século I (informação) e apontar as similaridades com as vítimas da AIDS hoje em dia (relevância), a aplicação pede à congregação que pense sobre quem eles podem considerar intocáveis e os desafia a tocar essas pessoas para Cristo. Ela pergunta: "Quem vocês conhecem que precisa do toque e do amor de Deus? O que você pode fazer hoje ou essa semana para estender a mão a elas?".

A aplicação vai além de explicar o texto e de exprimir as verdades eternas. Ela torna a mensagem pessoal e desafia as pessoas a agir. Para que isso aconteça, quatro passos são necessários:

- O ouvinte precisa receber a mensagem: eu entendo o que foi dito?
- A pessoa deve encontrar alguma razão ou razões para refletir sobre sua vida: o que a mensagem significa para mim?
- O indivíduo precisa identificar mudanças de comportamento necessárias: o que eu devo fazer em relação a isso?
- A pessoa deve traçar um plano ou elaborar passos para realizar uma mudança: o que eu devo fazer primeiro?

Ter em mente esses passos durante a preparação do sermão pode nos ajudar a pregar um sermão que leva as pessoas do ponto de receber a mensagem ao ponto de realizar uma ação. Mas afinal, como determinamos uma aplicação apropriada?

Preparando-se para a aplicação

Uso o que chamo de *tabela de analogia dinâmica* para descobrir possíveis aplicações em um texto das Escrituras (veja abaixo). Quer meu texto seja um versículo, um parágrafo ou um capítulo, essa ferramenta me ajuda a deixar para trás as palavras e seus significados e avançar até a palavra de Deus e sua mensagem para as pessoas nos bancos. A seguir, mostro como uso a grade, utilizando minhas outras ferramentas de estudo da Bíblia e conhecimento de pessoas.

Tabela de analogia dinâmica

	Necessidade/problema da humanidade	Ação/solução de Deus	Reação/obediência humana
Lá	1	2	3
Agora	4	5	6
Eu/nós	7	8	9

Uso cada linha horizontal de três quadrados, começando com o quadrado 1 até o 3. Esses três quadrados lidam com a informação no texto. Decido o que a passagem diz sobre a necessidade/o problema humano, a ação/solução de Deus e a reação/obediência humana necessária. Isso me ajuda a colocar a passagem no seu contexto histórico-cultural e determinar o princípio bíblico ou a verdade eterna.

Se, por exemplo, a passagem pune o povo de Israel pela adoração de ídolos (usemos ISm 7.3,4), quero saber que deuses foram idolatrados, como eles foram adorados e que problemas resultaram para os israelitas. Isso preenche o quadrado 1. Em seguida quero determinar a ação ou a solução de Deus para esse problema (quadrado 2) e como ele queria que o povo daquela época reagisse (quadrado 3).

A seguir, vou para os quadrados 4 até 6, um estágio que coloca o texto em um contexto contemporâneo. O que Deus quer que as pessoas façam? Isso responde à pergunta: "E daí?". Quando preenchidos, esses quadrados tornam o texto relevante. Para o quadrado 4: quais são os ídolos hoje? E claro que há diferenças, mas quais dos nossos problemas, pressões e tentações são similares àqueles das pessoas de Israel naquela época? Para o quadrado 5: como a solução de Deus se assemelha a suas ações para os cristãos hoje? Para o quadrado 6: que reação Deus quer agora?

O passo final é preencher os quadrados 7 até 9. Isso aplica a passagem pessoalmente enquanto penso em necessidades específicas em minha comunidade e congregação. Isso nos leva a responder à pergunta: "E agora?". Para o quadrado 7: qual é um exemplo de um problema similar com que estou me defrontando agora? Ou: com que estamos deparando como igreja que é similar a ídolos? Para o quadrado 8: o que Deus está me dizendo como indivíduo ou a nós como igreja para fazer em relação a isso? Para o quadrado 9: o que, especificamente, Deus quer que você ou nós façamos primeiro? Quais são alguns passos que deveríamos dar hoje para nos livrar de ídolos ou reordenar nossas prioridades?

Pregando para a aplicação

Aqui está um exemplo de como um pastor usou a tabela. Hebreus 1.1—2.4 apresenta o tema da proeminência de Cristo, dizendo que Cristo é maior do que os anjos. O problema naquele tempo (quadrado 1) era que os cristãos hebreus estavam em perigo de voltar para o judaísmo e muitos estavam fascinados por anjos. Colocado de maneira simples, a solução de Deus (quadrado 2) foi usar o autor de Hebreus para enfatizar a superioridade de Cristo, que ele sozinho é suficiente para a salvação. Os cristãos do século I foram desafiados (quadrado 3) a entender a verdadeira identidade de Cristo, a adorar somente a ele e a não desprezar a salvação (2.3).

Para a linha do "Agora", esse pastor decidiu que a maioria das pessoas hoje em dia não tem religiões às quais querem voltar, mas muitas novas religiões nos seduzem, como o movimento da Nova Era e seus ritos, que permeiam todas as áreas da nossa sociedade (quadrado 4). As pessoas facilmente seguem tangentes teológicas. As pessoas de hoje precisam entender a superioridade de Cristo sobre todas as religiões (quadrado 5). Cristo é melhor — o único caminho. E precisamos desafiar os cristãos a manter seus olhos em Cristo e acreditar apenas nele (quadrado 6).

Depois de preencher as duas primeiras colunas, esse pastor entendeu o contexto, os princípios bíblicos e a relevância desses princípios. Ele já podia responder: "E daí?". O passo final foi levar em consideração as pessoas da sua congregação e como elas deveriam agir. Ele aplicou a mensagem tanto a não-cristãos como a cristãos vacilantes em sua fé.

Para não-cristãos, confusos com o discurso relacionado ao sobrenatural na sociedade e não familiarizados com Cristo (quadrado 7), ele enfatizou a "grande salvação" descrita em Hebreus 2.3 (quadrado 8) e os desafiou a acreditar em Cristo (quadrado 9). Os cristãos desviados por gurus teológicos ou fascinados por idéias e teologías da moda (quadrado 7 novamente) precisam rejeitar as heresias que diminuem Cristo e centrar suas vidas em Cristo, a única autoridade e esperança para a salvação (quadrado 8). Uma maneira possível de fazerem isso (quadrado 9) seria aprender mais sobre ortodoxia, talvez lendo um livro de Josh McDowell ou participando de um estudo para adultos sobre o tema na igreja.

"Cristo é maior do que os anjos" passou a ser algo maior do que uma verdade para ser afirmada. Isso se encheu de vida como uma mensagem que desafiou as pessoas a agir.

Normalmente me preparo trabalhando da esquerda para a direita, como ilustrei acima, mas quando falo, às vezes passo a me deslocar pelos quadrados para baixo, verticalmente, uma coluna por vez. Isso progride do problema das pessoas daquela época para o problema da sociedade agora, para o meu (ou nosso) problema particular; da solução de Deus daquela época para a solução de Deus agora, para a solução de Deus para mim (ou para nós); e da resposta humana esperada daquela época para a resposta esperada agora, para a minha (ou para a nossa) resposta específica e pessoal. Isso confere diversidade à aplicação.

Aqui está outra sugestão: Lloyd Perry, professor emérito de homilética da Trinity Evangelical Divinity School, recomenda um subponto de aplicação para cada ponto principal no sermão. Em outras palavras, ele recomenda não deixar toda a aplicação para o fim, quando é menos provável que as pessoas estarão ouvindo porque estão cansadas ou pensando no almoço, ou no lanche depois do culto. Se estamos atrasados, temos a tendência de generalizar ou deixar fora o desafio à ação se ela fica espremida na conclusão. Perry sugere que espalhemos aplicações por toda a mensagem.

Escavar minas na busca da aplicação

Se quero preparar aplicações que mexam fundo, acho melhor pensar sobre as necessidades das pessoas a quem estou falando. Necessidades podem ser categorizadas de várias maneiras. Por exemplo, geralmente penso em termos de necessidades sentidas, necessidades ocultas e necessidades espirituais.

Como o adjetivo sugere, necessidades *sentidas* estão relacionadas ao que as pessoas estão sentindo. As necessidades sentidas incluem pressões físicas e sociais no topo da sua percepção. A fome é uma necessidade sentida, assim como a solidão, o conflito ou a culpa.

Necessidades *ocultas* são aquelas coisas de que as pessoas precisam, mas de cuja necessidade não têm consciência. Um casal de noivos precisa saber sobre resolução de conflitos, por exemplo, mas pode não reconhecer isso antes do casamento. Outras necessidades ocultas que os membros de uma congregação podem ter incluem a necessidade de dizimar, de ter paciência e de ser bons administradores do tempo.

Obviamente, tais necessidades também podem se encaixar na categoria das necessidades espirituais. Mas o que eu estou chamando de necessidades *espirituais* são as demandas especiais de Deus em relação à vida e as implicações do que significa chamar a Cristo de Senhor. Envolvimento na igreja, compartilhar a fé com outros, estudar a Bíblia regularmente e orar com persistência são algumas das necessidades espirituais que vêm à mente.

Outra maneira de expor as necessidades de uma congregação pode ser pensar sobre as seguintes oito áreas de aplicação pessoal:

- *Relacionamentos* (por exemplo, com a família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, companheiros cristãos)
- *Conflitos* (no casamento, com filhos, no trabalho)
- *Cargas pessoais* (doenças, pressões da família, morte, perda)
- *Situações difíceis* (estresse, dívidas, obstáculos)
- *Fraqueza de caráter* (desonestidade, falta de integridade, raiva)
- *Falta de recursos* (em relação ao tempo, energia/dinheiro, materiais, informação)
- *Responsabilidades* (demandas do trabalho, programas da igreja, esforços voluntários, projetos da casa)
- *Oportunidades* (aprender, trabalhar, servir, testemunhar)

Algumas pessoas estudam, estudam, estudam e fazem pouco em relação ao que foi estudado. Elas agem como um jogador de futebol americano que ama o jogo e conhece as jogadas de cor, mas que raramente as pratica.

Outros fazem, fazem, fazem e passam pouco tempo estudando. Eles agem como o atleta que corre, joga e consegue receber os melhores lançamentos, mas que não gasta tempo tentando entender as regras do jogo ou estudando a cartilha desse esporte.

A verdadeira aplicação da Bíblia envolve tanto estudar quanto fazer. É descobrir o que a Bíblia está dizendo para mim e, então, fazer o que ela diz.

A nós foi dada a responsabilidade impressionante de apresentar e explicar a Palavra de Deus. Precisamos ter certeza de que estamos dizendo aos nossos ouvintes tudo que precisam saber sobre o texto e o contexto — história, cultura, arqueologia, teologia e etimologia. Mas não devemos negligenciar a aplicação.

"Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês" (Fp 4.9). Nosso trabalho é explicar o que Deus quer que as pessoas saibam e façam em relação às ordens, promessas e verdades dele e, então, lhes oferecer maneiras de fazer isso.

Capítulo 76

APLICAÇÃO SEM MORALISMO

Como mostrar a relevância do texto de uma maneira redentora

Bryan Chappell

Como pregadores, deparamos com enormes questões sobre por que as pessoas não estão aplicando o que pregamos para elas. Gallup fez uma pesquisa que diz

que, quando as pessoas dizem ser nascidas de novo, seu bom comportamento na verdade degenera. Aqueles que dizem ter nascido de novo têm uma incidência maior de dirigir alcoolizado ou de se divorciar do que o restante da cultura. A incidência de aborto e uso de drogas não é diferente do restante da cultura entre aqueles que afirmam ser evangélicos. Assim, as pessoas que dizem acreditar nas Escrituras têm grandes dificuldades, evidentemente, em aplicá-las.

Ethos *como uma razão para fazer a aplicação*

Uma razão pela qual precisamos fazer a aplicação na pregação é por causa de nosso *ethos* pessoal. Você provavelmente conhece estes termos: *ethos, logos epathos. Ethos* é o caráter percebido do orador. *Logos é* o conteúdo lógico, o conteúdo verbal. *Pathos é* o conteúdo emocional. Aristóteles disse que o mais poderoso desses três era o *ethos.* Se alguém fala de maneira simples, mas você acredita que ela é uma pessoa de bom caráter, então ouve mais do que a alguém que é eloqüente mas em quem você não confia.

As duas coisas que mais constituem o *ethos* são *credibilidade* e *compaixão.* As pessoas nos avaliarão em termos de nosso *ethos* com base em sua percepção desses dois elementos.

A *credibilidade* é determinada pelo conhecimento e realismo. Esperamos que os pastores conheçam fatos, mas também esperamos sabedoria e realismo. Se eu, como pregador, digo: "Se você quer caminhar com Deus, precisa aprender uma certa quantidade de hebraico", seria o mesmo que jogar o sermão pela janela, porque a pessoa mediana pensa que isso seria bom, mas não é algo realista. Assim, podemos ser inteligentes, mas precisamos basear o *ethos* tanto no realismo como no conhecimento. Muito do que acontece na aplicação está dizendo: "Não apenas tenho conhecimento sobre exegese. Também sei em que mundo vocês vivem. Consigo ser realista".

O ethos não é apenas baseado em credibilidade, mas também em *compaixão.* O caráter percebido do orador é baseado na percepção de que você se importa com pessoas que não sejam você mesmo. Se a percepção que as pessoas têm do pregador é: *Ele quer causar uma boa impressão,* em vez de: *Ele está se importando com as pessoas a quem está falando,* as pessoas não ouvirão. Elas certamente não confiarão no pregador. Elas podem achar sua mensagem interessante, mas não confiarão nele até que percebam que se importa mais com o ouvinte do que consigo mesmo.

Dificuldades para fazer aplicação verdadeira

O que transmite a percepção de que o pregador se importa? O que diz: "Você se importa comigo; tira isso do mundo etéreo e causa uma impressão forte ao aplicar isso ao meu mundo, onde posso fazer alguma coisa com isso"? O *ethos* está amarrado à habilidade de fazer uma aplicação que seja *realista* e que seja *corajosa.*

Fico surpreso com o quanto o povo de Deus realmente quer ser desafiado em sua caminhada cristã. Mas ficamos com medo como oradores. Pensamos: *Não*

posso falar sobre isso, porque há pessoas ali que eu sei que estão lutando com isso. Entretanto, o coração em que o Espírito mora deseja caminhar com Deus, deseja ser desafiado. Não quero dizer que as pessoas querem levar pancadas ou que se lide com elas de forma indelicada ou furiosa, mas elas desejam ser desafiadas. Quando o pregador quer dizer coisas que todos sabem que são difíceis de ser ditas, as pessoas confiam nele, porque sabem que se colocou em risco por eles.

Pense no quanto caçoamos de pastores que sempre agem com cautela: "Ele sempre vai dizer isso de forma diplomática. Ele nunca vai dizer qualquer coisa que chateie qualquer pessoa". E pense no pouco respeito que temos por eles. Assim, querer dizer coisas que nos colocam em risco ao fazermos a aplicação que vai até a existência real das pessoas, embora seja algo amedrontador, é necessário para garantirmos uma platéia de longo prazo.

E necessário coragem para ser específico. Se você olhar para mensagens tradicionais, elas vão da exposição à ilustração e depois à aplicação. Aqui está a verdade; aqui está a verdade demonstrada; aqui está a verdade aplicada. Normalmente, se isso não demora muito e não é muito denso, as pessoas ouvem a exposição. Então elas acordam novamente quando você faz a ilustração.

Mas quando você passa para a aplicação, esse é o ponto de ruptura. É aqui que as pessoas freqüentemente cortam sua relação com a pregação, porque o pregador parou de pregar para intrometer-se na sua vida. De novo, no coração dos redimidos freqüentemente há um desejo por isso. Mas também é o lugar que é o mais arriscado, porque você pode dizer coisas que são tolas, pode dizer coisas que são sábias, mas das quais muitos discordam, e você pode simplesmente dizer coisas que as pessoas não estão prontas para ouvir.

Outra dificuldade com a aplicação é a hermenêutica necessária para ser específico: Como eu vou daquele princípio bíblico para um imperativo presente? Dizemos coisas como: "Paulo era um missionário e, portanto, você deve alcançar seus vizinhos". E: "Jesus vestia sandálias, assim você deve...". O que dizemos sobre isso? Onde os exemplos são verdadeiramente instrutivos e onde eles são culturalmente limitados? As pessoas, nos textos de Atos 2 e 4, tinham tudo em comum. Devemos fazer a mesma coisa em nossas igrejas? Devemos ter dificuldades na hermenêutica para sermos específicos, embora falemos sobre a importância disso.

Uma última coisa que nos perturba em relação à aplicação é a graça negada, ou a graça supostamente negada, quando exigimos obrigações específicas. Na minha igreja, há diversas pessoas que vieram de "círculos da graça" — os "cheios de graça", como eles, às vezes, são identificados atualmente — que nem mesmo deixam o pregador usar a palavra *obrigação.* Eles dizem que não é bíblico falar sobre graça e obrigação em uma mesma frase. Seria falta de graça falar sobre obrigações?

Obrigação e graça

Podemos, sim, falar sobre obrigação e graça por várias razões.

(1) Ser redimido de um modo de viver vazio é sinal da graça. Em 1 Pedro 1.18, lemos que Deus nos redimiu de um modo de viver vazio. Há coisas que se buscam — naquele contexto particular, coisas cerimoniais e religiosas — que são erradas, vãs ou vazias e deixar que as pessoas continuem trilhando esse caminho não é sinal de graça. Deus nos redimiu de um modo de viver vazio.

(2) Ensinar as pessoas a dizer não à impiedade é sinal da graça. Há conseqüências, danos e feridas pessoais em se fazer o que Deus não permite. Portanto, Paulo diz em Tito 2.11,12 que é a graça de Deus que nos ensina a dizer não à impiedade e às paixões mundanas.

(3) Conduzir às bênçãos da obediência é sinal da graça. O Salmo 1 nos diz: "Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios". Seria falta de graça negar as bênçãos de Deus às pessoas ao não lhes dizermos o que Deus requer. *Ensinar que há disciplina para a desobediência é sinal de graça.*

É graça dizer: "Deus disciplina o pecado, e eu quero que vocês saibam disso, porque Deus disciplina aqueles que ama". Em Hebreus 12.10, lemos que "Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade". Assim, não ensinar sobre a disciplina de Deus é na verdade negar às pessoas o bem que ele quer compartilhar com elas.

Essas são todas razões apropriadas para ensinar a obrigação e enxergar graça em fazê-lo. Mas onde ultrapassamos a linha? *Onde ensinar obrigação resulta em falta de graça?*

(1) Ensinar que há mérito na obediência é sinal da falta de graça. Dizer que andar nos caminhos de Deus fará com que ele ame você mais é uma abominação perante Deus. Mas com freqüência, por implicação se não por afirmação direta, sugerimos isso. Sugerir que há mérito no comportamento moral é contra as Escrituras. Lucas 17.10 diz que quando fizemos tudo que deveríamos fazer, ainda não temos valor e somos servos inúteis.

(2) Ensinar que Deus nos rejeita porque desobedecemos é sinal de falta de graça. Afinal de contas, na parábola do filho perdido, o pai correu para o filho enquanto o filho ainda estava bem longe e era evidente para todos a condição em que havia vivido.

(3) Ensinar que Deus não requer santidade é sinal de falta de graça. Há conseqüências para a impiedade. Miquéias 6.8 afirma "o que o Senhor exige" de nós: Há exigências. Elas não nos tornam merecedores perante Deus, mas ainda assim são requeridas.

(4) Ensinar a lei separada da graça é sinal da falta de graça. Simplesmente ensinar os imperativos é sinal de falta de graça por causa da impressão que deixa. Você pode perguntar: "Sei que você tem de mostrar graça no contexto dos imperativos das Escrituras, mas você precisa certificar-se de que o evangelho está ali em cada sermão?". Se você me forçar a enunciar princípios absolutos, direi que você

não precisa, se o povo entende o evangelho no contexto. Mas a maioria das pessoas não entende o contexto. Mesmo quando pregamos graça, as pessoas ouvem lei. É o reflexo humano.

A boa exegese identifica um texto em seu contexto. Portanto, em minha pregação regular e não apenas ocasionalmente, certifico-me de que o evangelho está presente. Na base, o motivo e a exegese determinam a aplicação adequada. Precisamos nos certificar de que o motivo está no lugar ao mesmo tempo em que estamos dizendo às pessoas que façam ou não façam alguma coisa.

As cinco perguntas

Assim, como fazemos isso? Aplicamos adequadamente a obrigação da perspectiva de graça ao usarmos regularmente cinco perguntas-padrão de aplicação: o quê?; onde?; quem?; por quê?; e: como?. Você precisa ancorar essas cinco perguntas se quer fazer um trabalho de exegese adequado. Não é suficiente dizer o que fazer se as pessoas não sabem a razão para isso. E se você não disser como, você as levará ao desespero.

Aplique obrigação com graça ao responder à pergunta: **o quê?**

Essa pergunta: *o quê?*, é especificidade instrucional — as instruções específicas derivadas e provadas pelos conceitos e pela terminologia da exposição.

Ao responder à pergunta: *o quê?*, use terminologia coerente. Umas das razões pelas quais as pessoas param de nos ouvir é que nos tornamos escritores de ensaios. Quando escrevo um artigo, lembro de meu professor da sétima série dizendo: "Use palavras diferentes. Não seja redundante". Mas não somos escritores de ensaios nem de redações. Estamos falando a ouvintes. Portanto, se em minha exposição falo sobre o que significa ser alguém que ama a Deus, mas depois, na aplicação, uso a terminologia "precisamos mostrar afeição pelo divino", isso é um ótimo ensaio. E uma mensagem terrível, entretanto, porque abandonei a terminologia que usei na exposição.

Uma das ferramentas retóricas mais poderosas que um pregador tem é a repetição. Quando gasto tempo desenvolvendo um termo e, a seguir, o troco por outro termo, as pessoas não necessariamente sabem que estou falando sobre a mesma coisa. Estou pensando que é conceitualmente a mesma coisa, mas, ao mudar o termo, o ouvinte não o ouve como a mesma coisa. Assim, certifique-se de que os termos usados na exposição são os mesmos usados na aplicação. Isso estabelece sua base lógica bíblica e mantém sua autoridade bíblica.

Estabeleça um conceito antes de escrever seu sermão. Normalmente encorajo os estudantes a fazer a aplicação no começo da elaboração do seu sermão. Depois de pesquisar a passagem, mas antes de começar a escrever seu sermão, você precisa saber o que dirá às pessoas que façam, para que assim você tenha um alvo e saiba como formar a mensagem de seu sermão.

Aplique obrigação com graça ao responder à pergunta: **onde?**

Na aplicação, também precisamos prover especificidade situacional. A pergunta: *o quê?,* era instrucional. A pergunta: *onde?,* é situacional. Isto é, identifique em que áreas da vida esse conceito é aplicável.

Quando comecei a pregar, achava que precisava vir com uma lista de coisas novas que as pessoas deveriam fazer toda semana: você precisa ir à livraria e comprar este livro; você precisa tratar seu vizinho desta maneira. No entanto, antes daquele sermão nem eu havia pensado nessas coisas a serem feitas.

A especificidade situacional fará você pegar o princípio da aplicação — precisamos ser hospitaleiros, precisamos ser sexualmente puros, seja qual for o princípio — e ir para as áreas da vida em que as pessoas têm conflitos. Em vez de dizer: "Aqui está uma lista de coisas para fazer", diga: "Como esse princípio se conecta com a minha vida?". Isso faz as pessoas pensarem: *Você sabe onde vivo. Você sabe o que estou passando. Você está lidando com áreas de conflito em minha vida. Vejo como a Bíblia se aplica à minha vida, não como a Bíblia me dá tima nova lista de coisas para fazer nesta semana e da qual não vou me lembrar trinta segundos depois que você tiver terminado.*

Quando você pensa na aplicação, pense nela em termos de conflito pessoal. Pense em pessoas que têm conflitos e leve a verdade às áreas específicas de conflito. Seja concreto. Lide com essas situações reais na vida.

Seja concreto ao passar pela porta **quem?**

Se o seu princípio é: "Tenha bom ânimo porque Deus sabe o amanhã", pense em quem na sua congregação precisa ouvir isso. Os estudantes que precisam fazer a escolha da universidade para o ano seguinte? O sujeito que foi despedido do emprego? O casal que recebeu um relatório médico desfavorável? Eles precisam saber que Deus conhece o amanhã. Quando você passa pela porta *quem,* chega ao *onde.* Você pensa nas pessoas e chega à situação delas.

Há o perigo de limitar a aplicação mencionando apenas uma situação. Precisamos dirigir a atenção para uma e, a seguir, rapidamente ampliá-la para as outras. Identifique outras situações que as pessoas enfrentam em que a exposição se aplica, porque você não quer limitá-la.

Com esse primeiro exemplo, você está estabelecendo a realidade dessa instrução entrando na vida real. É como aquelas lanternas nas quais você estreita a tampa para focar o feixe de luz. Você está dizendo: "Aqui está a verdade. Para focar essa verdade, quero mostrar sua aplicação em uma situação (a pessoa que está lidando com insegurança no trabalho)". Agora que você focou o feixe de luz, de forma que os ouvintes vêem como isso funciona na vida real, você diz: "Mas isso não é só com insegurança de trabalho. Há aqueles, entre vocês, que têm questões médicas. Alguns de vocês estão se perguntando que escola freqüentarão no próximo ano". Você está tentando evitar limitar a aplicação.

Quando você começou a estudar no seminário, achava que o trabalho difícil seria a exegese, certo? Em minha mente, a exposição nos é fornecida; a aplicação vem de nós, porque precisamos fazer a exegese não da Palavra, mas das pessoas da nossa congregação. Precisamos saber o que elas estão fazendo. Não posso ficar sentado em meu escritório 20 ou 40 horas por semana e pensar que serei um grande pregador no púlpito. Não posso fazer a aplicação dessa forma. Preciso me envolver com as pessoas, ou não conseguirei associar a verdade à vida delas.

Aplique a obrigação com graça ao responder à pergunta: **por quê?**

A próxima pergunta é: *por quê?* — prover a motivação bíblica. Queremos que o amor mais do que o medo seja a motivação das pessoas; isto é, precisamos tirar tanto a autoproteção quanto o ganho pessoal como os principais motivos pelos quais as pessoas estão fazendo alguma coisa. Visto que somos salvos pela graça sem nenhum mérito nosso, por que deveríamos realizar boas obras? A fim de que em toda nossa vida possamos nos mostrar gratos a Deus e dar glórias a ele — não para nosso ganho, mas a partir do amor a Deus.

Para responder à pergunta: *Por que eu devo fazer o que Deus exige?* a forma da hierarquia é esta: a primeira razão é o amor por Deus, por causa da misericórdia do seu Filho; a segunda é o amor pelos outros. Dizemos às pessoas que devem fazer coisas porque Deus ama as outras pessoas e, se você ama a Deus, você amará aqueles que ele ama. A última razão é o amor por si mesmo. Somos filhos do rei. Fomos redimidos pelo sangue do Cordeiro. Somos valiosos. Reconheça a beleza de um amor próprio por si e ensine outras pessoas que bater em si mesmas não é santidade. Há uma motivação que vem da alegria de um amor próprio correto, e essa alegria deve ser parte de nossa vida.

A pregação centrada em Cristo e centrada na graça ensina que a razão para fazer o que você está fazendo é porque você é amado. Você nunca será amado mais, mas nunca será amado menos. Você está respondendo ao Deus que deu seu Filho por você. Sua vida, na verdade, não é sua. Você foi comprado por um preço, o sangue precioso do Senhor Jesus Cristo. Estamos respondendo ao grande amor que ele nos deu.

Aplique obrigação com graça ao responder à pergunta: **como?**

Por fim, forneça capacitação bíblica. Isso é responder à pergunta: *como?*. A Bíblia provê meios. Alguns desses meios se referem às coisas que temos de fazer e às que temos de evitar. Ensinamos às pessoas o que Deus diz que devemos fazer e o que devemos evitar. As disciplinas, os meios de graça, também fazem parte do modo como ensinamos o que Deus exige. A oração, a leitura das Escrituras, a comunhão com o povo de Deus e os sacramentos são meios que Deus nos concedeu para corrermos a corrida da santidade.

O principal meio para fazermos o que Deus exige é a admiração constante pela misericórdia dele em Cristo. As pessoas perguntam: "Como posso fazer isso?".

Elas estão esperando que eu diga: "Primeiro, coloque alguma coisa na porta de sua geladeira para que possa vê-la. Depois, coloque-a no seu espelho para que, quando estiver se barbeando, possa lê-la". Essas são boas sugestões, mas o meio mais poderoso é ter nosso coração tomado pela maravilhosa graça de Deus. Essa é a coisa mais transformadora e nada é mais poderoso do que isso. Nossa melhor maneira de capacitar as pessoas que Deus coloca em nossa vida é adorar a misericórdia de Deus diante delas, de forma que elas constantemente recebam a mensagem de quanto é maravilhoso e bonito o seu amor. Seu principal poder é a fé que Deus colocou nelas.

Fé é a confiança de que eu sou uma nova criatura em Jesus Cristo. Minha identidade é a de um filho de Deus. Agora tenho esse privilégio. Agora sou fundamentalmente uma nova criatura. Pela fé, aprendi o conhecimento de que não preciso ouvir a mensagem de Satanás que diz que não consigo mudar. A mensagem das Escrituras, recebida pela fé, é que você pode mudar. Deus proveu os meios. Ele está ensinando às pessoas que elas são novas criaturas em Cristo Jesus; em virtude de sua união com ele, elas têm poder para fazer o que Deus requer.

Capítulo 77

HARMONIZANDO CONTEÚDO BÍBLICO E APLICAÇÃO PARA A VIDA

Como falar às pessoas sobre si mesmas

Haddon Robinson

Foi um sermão desastroso.

Uma igreja em Dallas me convidou para pregar sobre João 14. Não é um texto fácil. Está repleto de questões exegéticas sobre a morte e a Segunda Vinda. Como você explica: "E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim". Como Jesus está preparando esse lugar? Jesus quer dizer que não iremos estar com ele até que ele volte? E quanto ao sono da alma? Passei a maior parte de minha semana estudando o texto e lendo os comentários para responder a perguntas como essas.

Quando me levantei para pregar, sabia que havia feito meu dever de casa. Embora as questões fossem difíceis, eu as havia trabalhado e estava confiante de que estava pronto para proferir ensino bíblico sólido sobre a passagem determinada.

Depois de cinco minutos do sermão, porém, eu sabia que estava em apuros. As pessoas não estavam comigo. Depois de dez minutos, as pessoas estavam adormecendo. Um homem sentado perto da frente começou a roncar. Pior, ele não incomodou ninguém! Ninguém estava ouvindo.

Ate hoje, sempre que falo sobre aquela manhã, ainda sinto um aperto terrível no fundo do estômago. O que aconteceu de errado? O problema foi que eu passei o sermão inteiro lutando com as questões teológicas difíceis, questões essas que me

intrigavam. Tudo que eu disse foi válido. Isso poderia ter sido uma coisa boa em uma sala de seminário. Mas, naquela igreja e naquele púlpito, foi um desastre.

O que aconteceu? Não tratei das questões vitais daquela platéia. Respondi às minhas perguntas, não às deles. Alguns dos homens e das mulheres para quem falei naquele dia estavam próximos de partir para estar para sempre com o Senhor. O que eles queriam saber era: "Ele vai me jogar em alguma vala de alguma cova ou vai me levar de forma segura para o outro lado? Quando eu chegar ao céu, o que vou encontrar lá?".

Eles queriam que eu dissesse: "Sabe, Jesus disse que estava indo preparar um lugar para nós. O Criador do universo já passou dois mil anos preparando uma casa para você. Deus gastou só seis dias criando o mundo, e olhe para a sua beleza! Imagine, então, como a casa que ele tem preparado para você deve ser. Quando você chegar ao fim dessa vida, é isso que estará aguardando você".

É isso que eu deveria ter pregado. Ao menos eu deveria ter começado com as perguntas deles. Mas não comecei.

Também é possível cometer o erro oposto — passar um sermão inteiro fazendo aplicações práticas sem enraizá-las nas Escrituras. Não quero minimizar as Escrituras. E possível pregar um sermão arranha-céus — uma história depois da outra com nada no meio. Tais sermões seguram o interesse das pessoas, mas não dão a elas um senso do eterno. Falar sobre "mansões nos cumes dos montes" vem da música *country*, não da Bíblia. Um sermão cheio de especulações não bíblicas não é satisfatório no final das contas.

Alguma coisa do trabalho que eu fiz no meu estudo, então, poderia ter ajudado as pessoas a responder às suas perguntas. A tarefa é combinar conteúdo bíblico e aplicação para a vida de uma maneira eficaz.

Quanto conteúdo é suficiente?

Como, então, podemos encontrar o equilíbrio certo em nossa pregação entre conteúdo bíblico e aplicação para a vida? O princípio básico é dar tanta informação quanto as pessoas precisam para entender uma passagem, e não mais. Depois disso, prossiga para a aplicação.

A distinção entre exegese e exposição é útil aqui. *Exegese* é o processo de extrair significado do texto, freqüentemente por meio da observação do tempo do verbo ou de onde recai a ênfase das palavras na língua original. É isso que você faz no seu estudo enquanto se prepara. Mas raramente é apropriado em um sermão no domingo. Aliás, o uso excessivo de grego ou hebraico pode nos tornar esnobes. Usar o jargão de minha profissão pode soar como um comentário mordaz, uma forma de dizer: "Sei algo que vocês não sabem". Há uma arrogância em relação a isso que pode criar uma distância entre minha platéia e mim.

Servi por dez anos como o diretor geral da Christian Medicai and Dental Society [Sociedade Médica e Odontológica Cristã]. Algumas vezes, os clínicos

usavam termos médicos técnicos quando falavam comigo e eu não sabia sobre o que estavam falando. Certa vez, disse para um dos meus amigos: "Espero que você não fale com seu paciente como fala comigo, porque não conheço o jargão. Sou uma pessoa instruída. Apenas acontece que eu não sou tão instruído na medicina como você".

Você sabe o que ele me disse? Ele replicou: "Os pregadores fazem isso no púlpito o tempo todo".

Eu fiz muito disso quando tinha acabado de sair do seminário. Eu usava o meu conhecimento de grego e hebraico no estudo e no púlpito. Um dia, uma mulher me feriu com um elogio: "Eu simplesmente amo ouvir você pregar. Aliás, quando vejo as percepções que você extrai das línguas originais, chego à conclusão de que quase não vale a pena ler a minha Bíblia em inglês".

Fui para casa me perguntando: *O que eu fiz? Estou tentando fazer as pessoas se aprofundar na sua Bíblia, mas eu afastei essa senhora da sua leitura bíblica.*

Spurgeon estava certo: As pessoas no mercado não podem aprender a língua da academia, então as pessoas na academia precisam aprender a língua do mercado. A tarefa do pastor é traduzir.

Embora a exegese crua não pertença a um sermão de domingo de manhã, o que pertence ali é *exposição.* A exposição é extrair de sua exegese para dar às pessoas o que precisam para entender a passagem. Elas não precisam de tudo que você fez na exegese, mas precisam ver a estrutura, o fluxo da passagem. Elas devem ser capazes de voltar à passagem algumas semanas depois de você ter pregado sobre ela, lê-la e dizer: "Ah, eu entendo o que ela diz".

Isso significa que não há lugar na igreja para a exegese? Ê claro que há. Enquanto você estuda, pode escavar todos os tipos de material que ajudariam certas pessoas que gostam do estudo detalhado da Bíblia. Enquanto colocar essas coisas boas em um sermão se assemelha a notas de rodapé que distraem, esse tipo de leitura técnica é apropriado para uma sala de aula.

O: "E daí?", da pregação

Toda pregação envolve um: "E daí?". Uma preleção sobre a arqueologia no Egito, não importa o quão interessante possa ser, não é um sermão. Um sermão toca a vida. Ele exige aplicação prática.

Essa aplicação prática, porém, não precisa ser sempre expressa em detalhes. Imagine, por exemplo, que você tomou emprestado o meu carro e que fura o pneu. Você me liga e diz: "Nunca troquei um pneu em um carro desses. O que eu faço?".

Digo para você como achar o estepe, como usar o macaco, onde achar a chave etc. Depois que eu lhe dar todas as instruções, será que digo a seguir: "Agora, eu exorto você, troque o pneu"? Não, você já quer fazer o carro andar. Porque você já percebe a necessidade, não precisa de exortação. Você simplesmente precisa de uma explicação clara.

Alguns sermões são assim. As pessoas de sua congregação estão se debatendo com uma certa passagem das Escrituras. Elas querem saber o que ela significa. A menos que entendam o texto, é inútil aplicá-la. Elas não precisam de exortação; precisam de explicação. Suas perguntas sobre o texto precisam ser respondidas.

Talvez você não precise detalhar aplicações práticas quando está lidando com questões teológicas básicas — como nós vemos a Deus e a nós mesmos e uns ao outros. Por exemplo, você pode pregar sobre Gênesis 1, mostrando que essa passagem não se dirige tanto a questões científicas como a questões teológicas. Como Deus é? Você pode gastar um tempo olhando para três grupos de dias — o primeiro dia é luz; o quarto dia é luzes; o segundo dia é mar e céu; o quinto dia é peixe e pássaros. Cada dia é seguido pela avaliação de Deus: "Ficou bom". Mas depois da criação do homem, Deus observa: "Ficou muito bom".

Então você pergunta: "O que aprendemos sobre Deus?". Aprendemos que Deus é bom, que Deus tem um propósito com a criação. Aprendemos que enquanto todos os outros seres viventes foram criados "de acordo com a sua espécie", os homens e as mulheres foram criados à imagem de Deus. O que isso diz sobre as pessoas — as pessoas com quem oramos e nos divertimos, as pessoas com quem trabalhamos ou que dormem nas ruas?

Todo o sermão pode ser uma explicação com um pouco de aplicação direta construída sobre ela. E claro que isso não significa que não existe aplicação. Se alguém, no fim desse sermão, percebe: *Esta é uma afirmação significativa sobre quem nós somos. Não há pessoas comuns. Todo homem e toda mulher têm um valor especial* — quando isso realmente conecta — pode fazer tremendas diferenças práticas, já que molda como uma pessoa vê a si mesma e as outras pessoas.Ou considere Romanos 3. Você pode começar fazendo a seguinte pergunta de maneira prática: "Como uma pessoa se torna justa perante Deus?". Então você pode conduzir seus leitores pela argumentação um tanto complexa de Paulo sobre o que significa ser justificado pela fé. Se você fizer isso com habilidade, quando tiver terminado, as pessoas devem dizer: "Então é assim que Deus permanece justo quando nos declara justos".

Obviamente, essa passagem tem grande aplicação. Mas ela é tão complexa que você provavelmente não conseguiria apresentar toda a argumentação de Paulo e ainda expressar em detalhes muitas aplicações práticas no mesmo sermão. E não há problema nisso. Se eles realmente entenderam o problema da perdição, a solução da salvação serve como uma forte aplicação.

Precisamos confiar que as pessoas farão algumas de suas próprias aplicações práticas. Parte do melhor crescimento que já realizei ocorreu quando um conceito me fascinou e eu me via pensando constantemente: *Como isso se aplica à minha vida?*

É claro que você tem um conhecimento que as pessoas de sua congregação não têm, conhecimento que elas esperam que você tenha e compartilhe com elas.

Mas você pode compartilhar esse conhecimento de uma maneira que não fala de cima para baixo à sua congregação, de um modo que transmite a idéia: "Se vocês estivessem na minha situação, teriam acesso a essa informação". Se você sente que precisa fazer todas as aplicações práticas para seus ouvintes, pensar por eles, você subestima a inteligência deles. Você pode desonrar sua congregação se você diz para ela: "Vocês não poderiam ter descoberto por vocês mesmos como isso se aplica".

Para mim, entretanto, o perigo maior está na direção oposta — em gastar muito tempo na exposição e não ir muito longe na aplicação. Depois de pregar, muitas vezes fui embora sentindo: *Eu deveria ter ?nostrado a eles como fazer isto de um modo mais específico.* E difícil para nossos ouvintes viverem pelo que eles crêem a não ser que respondamos à pergunta: "como?".

Exemplos da vida real: necessários, mas perigosos

Para dar vida a um princípio — mostrar como ele pode ser aplicado — precisamos dar exemplos específicos da vida, ilustrações que digam: "Vejam como alguém encarou esse problema, e isso foi o que aconteceu com ela". Mas assim como os exemplos da vida real são necessários, também trazem em si um perigo.

Suponha, por exemplo, que alguém está pregando sobre o princípio do recato na vestimenta. Um cristão deve se vestir com recato? A resposta é sim. Mas como aplicar isso? Um pregador pode dizer: "Bem, qualquer saia que esteja acima do joelho está fora dos padrões do recato". Assim, ele acaba tendo uma igreja cheia de mulheres com a saia na altura do joelho. Nessa igreja, uma aplicação de um princípio assumiu toda a força do próprio princípio. Essa é a essência do legalismo: dar a uma aplicação específica à força do princípio.

Tenho um amigo que mantém um diário, e isso funciona para ele. Mas quando ele prega sobre o diário, ele faz isso soar como se cristãos que não mantêm um diário não podem estar crescendo. Sempre que alguém diz: "Se você não está realizando esse ato particular, então não está seguindo esse princípio", isso é legalismo.

Como, então, você pode pregar com vistas à aplicação prática se toda vez que você diz: "É assim que se aplica essa verdade", corre o risco de promover o legalismo? Deixe-me responder a essa questão com alguns exemplos.

Meu pai, depois de fazer 80 anos, veio morar conosco. Depois de algum tempo, ele ficou senil, e seu comportamento se tornou tal que nós não podíamos mantê-lo em nossa casa. Porque seu comportamento colocou em risco a ele mesmo e nossos filhos, tivemos de colocá-lo em uma clínica para idosos. Custou-me metade do meu salário mensal mantê-lo lá. Por oito anos, até ele morrer, visitei meu pai quase todos os dias. Em oito anos, nunca deixei aquele asilo sem me sentir meio culpado em relação a ele estar ali. Eu teria preferido tê-lo em nossa casa, mas nós não podíamos cuidar dele apropriadamente.

Alguns anos depois, minha sogra, que estava morrendo devido a um câncer, veio viver conosco em nossa casa em Denver. Foi um período difícil em nosso casamento. Eu estava tentando me firmar como o presidente do Denver Seminary. E minha esposa, Bonnie, estava ocupada com sua mãe dia e noite. Ela chegava a trocar a roupa de cama manchada de sua mãe seis ou sete vezes por dia. Por dezoito meses, Bonnie cuidou dela em nossa casa. Quando a senhora Vick morreu, não tivemos remorso algum. Sabíamos que Bonnie havia feito tudo que poderia fazer para tornar os seus últimos meses confortáveis.

Como os cristãos deveriam cuidar de seus pais idosos? Você os deixa em sua casa ou os coloca em um asilo? Não há uma resposta cristã única. Isso depende de sua situação, seus filhos, seus recursos e seus pais.

Há, entretanto, um único princípio norteador: precisamos honrar nossos pais e agir com amor para com eles. Para tomar uma decisão cristã, você não pode começar com uma premissa egoísta; você começa perguntando o que é melhor para todos os envolvidos. A forma de aplicar esse princípio a uma dada situação depende de um conjunto complexo de variáveis

A maneira de evitar a armadilha do legalismo, então, é distinguir claramente o princípio bíblico das suas aplicações específicas. Uma maneira de fazer isso na pregação é ilustrar um princípio com dois ou três exemplos variados, não apenas um. Assim, você não equipara o exemplo a uma maneira particular de aplicá-lo.

Quando nossos filhos eram novos, eu tinha a convicção de que se não tivéssemos devocionais diárias com nossos filhos — um culto familiar — de alguma forma estaríamos falhando para com Deus. O problema era: devocional familiar funcionava para outras pessoas, mas, embora tenhamos tentado todas as formas de abordagem, elas nunca funcionaram para nós. As crianças ficavam exteriormente quietas, mas, no íntimo, fugiam nesses momentos. Entretanto, insistimos nisso porque eu sentia que um culto familiar faz parte da essência de uma família cristã.

Então, percebi que devocionais familiares não eram o princípio, mas a aplicação de um princípio. O princípio era que eu precisava educar meus filhos para que eles conhecessem e amassem a Deus. Eu havia dado erradamente às nossas devocionais familiares o mesmo imperativo que pertencia ao princípio que está na base delas.

Nós, então, adotamos uma abordagem diferente, uma que funcionou para nós. Nossas crianças começaram a ir à escola em períodos diferentes. Cada manhã, antes de Vicki sair, eu orava com ela pelo seu dia, sobre o que estava por vir. Um pouco depois, Torrey e um de seus amigos vinham à minha biblioteca em casa e nós sentávamos e orávamos por cinco minutos sobre o que o dia deles lhes traria.

Isso pode não soar tão satisfatório em um sermão quanto dizer que tínhamos uma devocional familiar à mesa do café da manhã todos os dias; mas, para nós, isso foi uma maneira eficaz de honrar o princípio. Um pregador precisa fazer uma distinção clara entre o princípio e suas aplicações.

Isso não é dizer, porém, que esse princípio bíblico precisa soar abstrato e vago. As vezes, um pregador meramente traduz o princípio por termos que uma congregação entende.

Nos nossos dias da conquista da fronteira, havia uma colônia no Oeste dos Estados Unidos cujos cidadãos estavam envolvidos no negócio da madeira. A cidade sentiu que queria uma igreja. Eles construíram um local para reuniões e chamaram um ministro. O pregador se mudou para a colônia e, inicialmente, foi bem recebido. Então, em uma tarde, aconteceu que ele viu alguns de seus paroquianos interceptando algumas toras, que flutuavam rio abaixo, vindas de outra vila mais acima, e puxando-as até a margem. Cada tora estava sinalizada com a marca do proprietário em uma extremidade. Para sua grande infelicidade, o pregador viu seus membros puxando essas toras para a margem e cerrando a extremidade onde o selo identificador aparecia. Naquele domingo, ele pregou um sermão vigoroso sobre o mandamento: "Não roubarás".

Quando o culto terminou, as pessoas se enfileiraram e, entusiasmadas, o parabenizaram pela mensagem. "Mensagem maravilhosa, pastor". "Pregação muitíssimo excelente". A resposta o incomodou muito. Assim, ele foi para casa para preparar o seu sermão para o domingo seguinte. E pregou o mesmo sermão, mas lhe deu um final diferente: "E não cortarás a extremidade das toras do teu próximo". Quando terminou, a congregação o expulsou da cidade.

E possível exprimir o princípio em termos que a platéia claramente entenda.

A pregação "nós" e a pregação "você"

Outra maneira de ver a relação entre a explicação e a aplicação é olhar os pronomes que cada aspecto requer. Os bons pregadores se identificam com seus ouvintes quando pregam. Todos *nós* estamos diante de Deus para ouvir o que a Palavra de Deus diz para *nós.* A carta aos Hebreus diz que o sumo sacerdote foi tirado de entre os homens para ministrar nas coisas que dizem respeito ao homem. O sumo sacerdote sabia o que era pecar e precisar de perdão. Junto com as pessoas, ele estava diante de Deus com a necessidade de purificação. Ao se identificar com as pessoas, ele representava as pessoas diante de Deus.

Mas aquele mesmo sacerdote, ao oferecer o sacrifício, podia ministrar a purificação de Deus às pessoas. Ele não apenas representava as pessoas diante de Deus, mas representava Deus diante das pessoas. De alguma forma, é isso que a pregação faz.

Quando estou ouvindo um bom sermão, há o momento em que perco de vista todas as pessoas à minha volta. Enquanto o pregador fala, experimento Deus falando comigo sobre mim. O tempo para a explicação passou; o tempo para a aplicação chegou.

Nesse ponto, é apropriado para o pregador deixar para trás o "nós" em favor do "você". O pregador não está mais representando as pessoas diante de Deus, ele

está representando Deus diante das pessoas. "Nós vimos o princípio bíblico; vimos dois ou três modos com que outros o aplicaram. Agora, o que isso diz para você?".

"Você precisa decidir como vai gastar o seu dinheiro."

"Você precisa decidir se vai levar os seus votos de casamento a sério."

E você — e não vocês no plural, mas você pessoalmente — é você quem precisa decidir o que fazer com a verdade que ouviu. Pois não é arrogante para o pregador dizer "você" nesse ponto do sermão; ele não está se colocando em uma posição destacada em relação à congregação. Ele simplesmente está desafiando cada ouvinte a fazer uma aplicação pessoal.

Em última análise, a pregação eficaz não confia em técnicas. É mais uma postura do que um método. A pregação transformadora de vidas não fala às pessoas sobre a Bíblia. Em vez disso, ela fala às pessoas sobre si mesmas____suas dúvidas, feridas, medos e lutas — com base na Bíblia. Quando enxergamos o sermão com essa filosofia, a pederneira bate em aço. A pederneira do problema de alguém bate no aço da palavra de Deus e solta uma faísca que pode incendiar essa pessoa para Deus.

Capítulo 78

MOSTRANDO A PROMESSA

Você quer que as pessoas obedeçam aos mandamentos de Deus. Você está lhes dando fé para fazer em isso?

Craig Brian Larson

Enquanto estava lendo *The God of Promise and the Life of Faith [O Deus da promessa e a vida de fé]*, de Scott Hafemann, deparei-me com uma passagem com implicações profundas para a pregação:

> As promessas de Deus estão sempre orgânicamente ligadas a mandamentos correspondentes. Todo mandamento de Deus é construído sobre uma promessa de Deus. Portanto, todo chamado divino para a ação (obediência) é, ao mesmo tempo, uma convocação para se confiar nas promessas de Deus (fé). As promessas de Deus são mandamentos dissimulados, e vice-versa. Deus ordena o que ordena porque promete o que promete. Depois do Exodo, Deus prometeu a Israel que choveria pão do céu todos os dias exceto no sábado. Deus, portanto, ordenou que Israel não ajuntasse mais do que sua porção diária, exceto na sexta. [...] A incredulidade sempre se mostra como um ato de desobediência, já que toda promessa traz consigo um mandamento. Toda vez que desobedecemos a Deus é porque não estamos confiando nele (p. 87).

As promessas e os mandamentos de Deus são a matéria prima da pregação. A maioria dos pregadores negligencia uma coisa ou outra. Dada a confusão em nossa cultura em relação às exigências de Deus, provavelmente tendo a pregar sobre os mandamentos de Deus. Quero ajudar as pessoas a entender o que Deus espera e salvá-las das conseqüências terríveis do pecado. Além disso, normalmente prego com uma abordagem expositiva, e o texto escolhido talvez não mencione explicitamente ambos — a promessa e o mandamento. Se não busco a promessa tanto quanto o mandamento, corro o risco de omiti-la.

Mas a percepção que Hafemann nos fornece implica que omitir a promessa ou o mandamento é quebrar uma das asas do avião. Para obedecer ao mandamento de Deus plenamente, precisamos ver a promessa capacitadora em toda a sua glória e expressar nossa obediência como um ato de fé. Para responder à promessa plenamente, precisamos entender como expressar nossa confiança em obediência. Isso não significa uma divisão de 50% para o mandamento e 50% para a promessa em cada sermão, mas cada elemento está ali, desenvolvido o suficiente para fazer uma impressão significativa e conectado à outra "asa".

Precisamos aprender a ver tanto a promessa como o mandamento no texto (ou contexto). Por exemplo, em uma série recente sobre a mordomia cristã, preguei uma mensagem sobre a mordomia correta de nossos dons com base em 1 Timóteo 4.14-16, em que inclui estas palavras: "Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros. Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso".

As ordens nessa passagem são claras: "não negligencie [...] seja diligente [...] dedique-se inteiramente...". Mas onde está a promessa? Que crenças nos capacitam a acreditar? Havia aí claramente o potencial para ser um sermão moralista do tipo: "Ranja seus dentes e faça isto".

Na procura de promessas, decidi focalizar a palavra *dons.* A fim de serem mordomos fiéis, os cristãos precisam acreditar que Deus prometeu dar dons espirituais a cada um. Assim, comecei por aqui, citando lPedro 4.10 e Efésios 4.11-16. Para assegurar que essa idéia deixasse uma impressão nos ouvintes, forneci uma ilustração visual. Em nosso aniversário de 25 anos de casados, comprei um par de brincos de diamante para minha esposa. Em seu amor, Deus dá a cada um de nós brincos de diamante espirituais valiosos, designados para mostrar sua glória.

Decidi cavar mais fundo ainda até outra promessa subjacente à promessa de Deus de dar dons: Deus prometeu nos tornar frutíferos. Citei João 15.5,8. Com essa promessa, as imagens de um jardim viçoso *versus* um deserto seco eram apropriadas (em retrospecto, vejo uma possibilidade adicional da teologia que, provavelmente, deveria ter desenvolvido. A palavra dom é *carisma*, que implica o poder capacitador do Espírito Santo).

Depois de colocar as bases das promessas de Deus, fui para os mandamentos. Com as promessas firmemente estabelecidas, a congregação e eu experimentamos os mandamentos mais pelo que eles são: não pesados, mas racionais, justos e bons. O sentimento de sinergia entre promessa e mandamento era palpável. As ordens "não negligencie", "seja diligente", "dedique-se inteiramente" nos disseram como ir até o fim nas promessas, como evitar atalhos no caminho para a promessa amorosa e bondosa de Deus. As promessas trouxeram alegria, esperança e fé — e, assim, capacitação. Meu sermão pareceu mais inteiro, mais como o evangelho do que de outra maneira.

De muitas maneiras, prestar atenção no relacionamento entre promessa e mandamento se assemelha à forma clássica de sermão indicativo-imperativo ou à forma evangelho-e-suas-implicações. Nessas formas, afirmamos quem Deus é e o que ele fez por nós em Cristo e, a seguir, aplicamos isso a como devemos viver por ele. Embora isso possa ser apenas uma diferença na terminologia, o fato de enxergar a relação entre a promessa e o mandamento e nossa fé e nossa obediência correspondentes, definitivamente, fez com que as luzes se acendessem para mim. Para mim, a ênfase na fé faz tudo se encaixar.

Como mostra o meu exemplo de 1 Timóteo 4, às vezes precisamos ampliar nosso horizonte do texto do sermão para o contexto do livro, ou do Testamento, ou da Bíblia toda, a fim de preencher a teologia da promessa ou do mandamento.

Por outro lado, suponha que o texto do sermão seja Filipenses 4.19: "O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus". Aqui está uma clara promessa de nosso Deus. Mas qual é a obrigação inerente a essa promessa? O contexto imediato de Filipenses 4.10-18 nos mostra isso. Precisamos estar contentes em nosso relacionamento com o Senhor e devemos estar dispostos a suportar a obra de Deus. Isso, é claro, é algo especificamente ordenado no contexto mais amplo do Novo Testamento de Mateus 6.33 e Hebreus 13.5,6.

Enquanto consideramos o lado da promessa da equação, o tipo de verdades que se qualificam como promessas não são apenas versículos como Filipenses 4.19, em que Deus se dirige a nós na segunda pessoa: "Prometo fazer isso por vocês". A promessa é mais ampla do que isso. Ela inclui as declarações de verdades que nos chamam a confiar. Por exemplo, na afirmação: "Deus é amor", Deus promete: "Amo você". Na declaração "Deus é justo", Deus promete: "Sempre agirei de modo justo para com você".

Duas perguntas nos dão a capacidade de enxergar promessas e os mandamentos complementares. A lente para achar promessas é a pergunta: "No que devemos acreditar se devemos ter a capacidade de fé para obedecer a esse mandamento?". E a lente para achar mandamentos é a pergunta: "Como Deus espera que vivamos baseados na confiança nessa promessa?".

Responder a essas perguntas capacita os ouvintes a obedecer.

Capítulo 79

AJUDANDO OS OUVINTES A PRATICAR O QUE PREGAMOS

Como evitar acrescentar cargas para as pessoas

Randy Frazee

Em Lucas 11.46, Jesus disse: "Quanto a vocês, peritos na lei, [...] ai de vocês também!, porque sobrecarregam os homens com fardos que dificilmente eles podem carregar, e vocês mesmos não levantam nem um dedo para ajudá-los". Pregadores precisam prestar atenção para ver se não estão fazendo a mesma coisa hoje.

Como impedir os sermões de se tornarem fardos pesados

Precisamos ser realistas. Os especialistas da lei se dedicavam em período integral à lei. As pessoas não podiam fazer isso. Com freqüência, não somos cuidadosos em nossa aplicação para oferecer passos realistas e sustentáveis às pessoas. Se as pessoas seguissem literalmente o que recomendamos e tentassem aplicar tudo que pedimos que façam, apenas nos últimos oito sermões, elas não conseguiriam realizar isso. Elas teriam de deixar seus empregos e se mudar para um mosteiro para obter sucesso nisso. As pessoas ficam exaustas e, a certa altura, param de tentar.

Precisamos sugerir aplicações simples e específicas. "Aqui está uma coisa que você pode fazer". Quando preparamos nossos sermões, a aplicação freqüentemente é a última coisa em nossa agenda e, como resultado, fica prejudicada. Precisamos perguntar a nós mesmos: "A congregação sabe o que estou recomendando?".

Precisamos dar equilíbrio entre diagnóstico e prescrição. É mais fácil e seguro passar a maior parte de nosso tempo no problema. Mas quando passamos 90% de nosso sermão diagnosticando o problema e pouco tempo dando a receita para a solução, freqüentemente falhamos em fazer uma aplicação que seja específica.

Precisamos ser bíblicos. Isso significa eliminar coisas criadas por homens que dificultam as coisas para as pessoas. Os fariseus criavam leis e tradições humanas. A pregação bíblica é acessível e mais preenchida de graça.

Precisamos pregar para impactar. Pregue para mudar vidas, e não para impressionar pessoas. O propósito dos especialistas na lei era que as pessoas saíssem impressionadas com eles. Há uma diferença fundamental entre querer impactar as pessoas e querer ouvir as pessoas dizerem: "Uau, ele tem um conhecimento bíblico fantástico"; ou: "Ele é muito espiritual".

Deixar de impressionar as pessoas e ir em direção a impactá-las nos protegerá de algumas das tentações dos fariseus. Eles tinham uma parte da sua identidade e auto-estima envolvida em sua pregação. Se formos honestos com nós mesmos, também temos. Também somos humanos, e a pregação é um lugar tentador para tentar impressionar as pessoas. Procurar impactar muda fundamentalmente as decisões que tomamos sobre o que dizemos e o que não dizemos.

O que os sermões podem realizar

Um sermão pode motivar pessoas. A maneira com que motivamos, entretanto, influi em se o sermão é capacitador ou desencorajador. Precisamos nos especializar não nas coisas contra as quais nos posicionamos, mas nas coisas a favor das quais nos posicionamos. Um sermão desencoraja as pessoas quando passamos uma enorme quantidade de tempo pregando coisas contra as quais nos posicionamos.

Um dos desafios mais significativos no meu ministério de pregação veio quando um colega disse: "Quero que você faça algo que uma pessoa me desafiou a fazer. Escute algumas das fitas dos seus próprios sermões e diagnostique a porcentagem de vezes que você prega contra coisas em contraste com as vezes que prega a favor das coisas". Eu me considero uma pessoa otimista e positiva, mas quando segui a sugestão dele, fiquei assustado com o quão fácil era passar a maior parte do meu tempo pregando contra alguma coisa. É muito mais difícil dizer: "É nisso que queremos investir a nossa vida".

Por exemplo, é fácil dizer para as pessoas que não devem assistir à televisão. É mais difícil lhes dizer qual é a alternativa. E fácil pregar contra o aborto. E mais difícil dar às pessoas a visão da alternativa.

Um sermão pode se orgulhar das pessoas em vez de repreendê-las. Penso que pregar é semelhante a criar filhos. Sempre que os filhos obtêm algum sucesso, você se levanta e se gaba deles.

Recentemente, fui encorajado pela reação da minha igreja às necessidades comunitárias. Em vez de pregar: "Precisamos arregaçar as mangas e fazer mais", eu disse: "Estou surpreendido com o que vocês fizeram. Quero dizer que me orgulho de vocês". Isso motiva. Freqüentemente, estamos tão ocupados em dar às pessoas a próxima coisa para fazer, que não paramos para festejar. Podemos dizer: "Estou realmente orgulhoso do que vocês fizeram, mas vamos fazer mais". Se, em vez disso, apenas nos orgulharmos de nossa congregação, eles irão embora dizendo: "Caramba, o pastor disse que estávamos fazendo um bom trabalho e não nos deu nada mais para fazer".

Um sermão nos permite ser vulneráveis em 7-elação às nossas lutas, mas apaixonados em relação a mudanças. Talvez achemos difícil ser vulneráveis porque, novamente, estamos lutando para impressionar, em vez de impactar. Descubro que há um impacto tremendo quando sou vulnerável. Mas não quero deixar as pessoas apenas com o sentimento de que cometi um erro; quero que elas sintam que sou apaixonado em relação ao que Cristo pode fazer para trazer mudança à minha vida.

Recentemente, minha filha perdeu o celular de minha esposa, e eu realmente estava tendo um péssimo dia. Eu tinha tentado ligar para minha esposa o dia todo em seu celular e descobri depois — quando era muito tarde para conseguir o que queria — que minha filha tinha deixado o celular em algum lugar no *shopping.* Eu

disse para elas: "Vocês precisam voltar e olhar em cada loja. Custe o que custar". Fui duro tanto com a minha esposa quanto com a minha filha.

No carro, mais tarde naquele dia, eu não estava prestando atenção em como estava dirigindo enquanto tentei discar um número no meu celular, e meu carro guinou, bateu no meio fio e estourou um de meus pneus, destruindo a roda. Os consertos me custaram 500 dólares. Quando mais tarde liguei para a minha esposa, ela me disse que não conseguiram encontrar o celular. Ainda ao telefone, eu disse: "Deixe eu falar com a Jennifer (minha filha)".

Ela disse: "Não, a Jennifer não quer falar com você". Perguntei à minha esposa a razão para isso. Ela disse: "Porque ela está com medo do que você irá dizer". Isso fazia sentido com base em como eu tinha agido antes.

Apenas lhe disse: "Deixe-me falar com ela". Em suma, o que eu disse à minha filha foi o seguinte: "Para comprar um celular novo, vamos gastar cerca de 20 dólares, e acho que você foi irresponsável. Mas seu pai foi irresponsável e estragou a roda do carro, e isso vai custar 500 dólares. Então, se você me der um desconto eu também vou te dar um desconto, certo?".

Compartilhar isso com a igreja deu aos membros um senso de que eu era vulnerável, mas também que eu tinha paixão por mudanças. Subestimamos o quanto esse tipo de pregação pode ser impactante para os nossos ouvintes.

O que os sermões não podem fazer

Um sermão não pode fazer o que um testemunho não pode fazer. O testemunho é poderoso. Fiz parte de uma equipe de pastores convidados para avaliar o filme O *Príncipe do Egito* há alguns anos. Alguém perguntou a Jeffrey Katzenberg: "Como você chegou a Moisés como sua primeira animação para sua nova produtora?".

Ele respondeu que Walt Disney ensinava a fazer desenho animado somente quando você não consegue retratar adequadamente a figura na vida real.

Rick Warren disse mais tarde: "Uma idéia semelhante é verdadeira em relação a testemunho *versus* representação teatral. Não faça teatro quando você tem alguém em sua congregação que está experimentando o drama na prática". Isso mexeu fundo comigo. Nós agora fazemos cerca de 90% de testemunho e 10% de teatro. Descobri que, embora o teatro seja ótimo, prefiro o testemunho depois do sermão que mostra alguém que realmente lutou com aquilo sobre o que estivemos falando, e essa pessoa quer dar um relatório de progresso. (Nunca diga: "Aqui está uma pessoa que conseguiu fazer isso". Sempre diga: "Aqui está um relatório de progresso").

Quando avaliamos um culto, perguntamos: "Qual foi o momento mais inspirador?", e freqüentemente, quando temos um testemunho, o momento inspirador foi o testemunho mais do que a mensagem. Preciso me adequar a isso. Embora eu também possa compartilhar o meu testemunho e me mostrar vulnerável a exemplos inspiradores da vida real, simplesmente há algo mais no fato de uma

pessoa comum dar o seu testemunho, pois as pessoas se conectam mais com ela do que comigo. Elas esperam que eu (o pastor) seja bom, mas quando vêem um banqueiro ou uma dona de casa falando sobre isso, pode haver uma conexão maior.

Um sermão não pode prover o que a comunidade pode. A comunidade oferece a oportunidade do modelo. A interação geral, algo de vida para vida que o meu sermão não pode gerar. Preciso me empenhar para que haja um braço de comunidade na minha igreja, porque sem ela minha pregação não atingirá o objetivo.

Um sermão não pode fazer o que somente o Espírito Santo pode fazer. O Espírito Santo certamente atua por meio de nossa pregação, mas o Espírito Santo também atua por meio da crise de uma pessoa. Não podemos acelerar a crise pessoal que produzirá a transformação. Pregadores precisam fazer uma pausa. Precisamos perceber que não podemos administrar a desobediência das pessoas. Isso é o trabalho do Espírito Santo.

Em ljoão 5.3, lemos: "E os seus mandamentos não são pesados". Ao mesmo tempo, na Grande Comissão, Jesus disse que deveríamos ensinar a obediência a *tudo* que ele ordenou. Precisamos encontrar meios de fazer isso sem lançar fardos sobre as pessoas.

Ensinando as pessoas a obedecer

Precisamos mostrar que estamos todos em um processo. Em certa ocasião, contei à minha igreja sobre como eu e minha esposa, certa vez, fomos até nosso filho e pedimos que nos perdoasse por uma discórdia que surgiu entre nós em sua presença. Contar essa história não impressionou a igreja, mas teve um grande impacto sobre todos presentes. Quando expomos que, mesmo na casa do pastor, temos lutas, e o pecado surge, nós nos afastamos da tentativa de impressionar os ouvintes e vamos na direção de transformar os ouvintes. O impacto vem de como eu e minha mulher lidamos com isso. Alguns pais nunca foram até seus filhos e disseram: "Você me perdoa?".

Precisamos pregar teológicamente, não aleatoriamente. Se você freqüentar a igreja por dez anos e ouvir 600 sermões, mas não tem nenhuma estrutura para pensar no que o pregador está dizendo, isso se torna um fardo. Assim, tento ensinar teologia bíblica de um modo sistemático, provendo 30 categorias para classificar todos os nossos pensamentos. A sistematização ajuda as pessoas a assimilar nossos pensamentos no seu entendimento. As pessoas começam a ver temas teológicos recorrentes.

Em todo sermão, digo algo como: "O tópico de que estamos tratando hoje se encaixa em adoração", ou alguma outra categoria. Algumas pessoas resistiram a essa noção porque acham que estamos colocando Deus em uma caixa. Mas a categorização não é a mensagem. É um sistema de transmissão educacional para impedir que se coloquem cargas sobre as pessoas.

Precisamos pregar moralidade bíblica, não moralidade cultural. Quando confundimos moralidade bíblica com moralidade cultural, nossa pregação se torna um fardo. O que temos para dizer sobre música, filmes, televisão e freqüência aos cultos pode se referir apenas a aspectos morais culturais. Além disso, se não tomarmos cuidado, nossa pregação pode se transformar em uma agenda política.

A moralidade cultural freqüentemente é legalista e, assim, torna-se um fardo. A moralidade bíblica não é legalista de forma alguma. A moralidade bíblica está repleta de graça e de liberdade. Sempre que abordamos a questão da moralidade, precisamos perguntar a nós mesmos: Meu ensino é cultural ou bíblico?

Precisamos pregar mais ser do que fazer. Pregue: "Aqui está a visão do que Jesus quer que você seja", não: "Aqui estão coisas que você deve fazer". Listas longas do que se deve fazer são fardos pesados; crescer no fruto do Espírito é liberdade.

Precisamos integrar à nossa pregação a vida e as disciplinas espirituais da igreja com o propósito de capacitar a obediência. Nossa pregação em si não pode prover a capacitação plena de que nossos ouvintes precisam. A pregação pode inspirar, mas nossas igrejas precisam de muito mais componentes para capacitar o crescimento.

Por exemplo, encorajamos o estudo pessoal escrevendo roteiros de estudo. Distribuímos roteiros para crianças desde o berçário até a turma de 16 anos, assim como para adultos, que se relacionam diretamente com o sermão. Nossos grupos nas casas são outro componente que complementa a pregação.

Também estamos descobrindo o benefício de apelo no culto que esteja associado à experiência de pregação. Sou Pastor em Pantego desde 1990, e faz tempo que ouço de especialistas que pessoas em busca têm restrições quanto à experiência do apelo. Mas a pessoa que estava em busca por motivos seculares agora se tornou a pessoa em busca espiritual. E a pessoa em busca espiritual fica comovida ao ver pessoas mostrando sua dependência de Deus publicamente. Ela não se importa com isso; aliás, e até prefere isso. Ela veio para ver e experimentar isso — contanto que não seja forçada a participar.

Algumas pessoas que vieram a Cristo em nossa igreja citaram o momento inspirador não como algo que eu disse, mas como algo que eu disse em reação a ver pessoas respondendo a isso. Elas tinham de admitir que aquele tipo de humildade e dependência de Deus era algo que não tinham, e esse foi o ponto inspirador de guinada para elas. Reagir a um sermão indo para a frente para uma área de oração e ministração é poderoso não apenas para a pessoa que vai à frente, mas também para os que estão em busca espiritual e testemunham isso, se isso é feito adequadamente. Assim, no final do sermão, reservamos 50 minutos ou mais para isso.

E fizemos algo completamente fora do comum para uma igreja bíblica contemporânea: construímos três estações para a ceia. As pessoas podem vir à frente, ajoelhar-se e ter alguém administrando a ceia a elas. Descobrimos que as pessoas vêm à frente e tomam a ceia por todos os tipos de coisas que acontecem em sua

vida. Muitas vezes, as pessoas sentem alguma coisa que as instiga a mostrar sua dependência de Deus publicamente e a honrá-lo, mas sem esses lugares para a ceia elas não saberiam o que fazer uma vez que viessem à frente. A ceia deu às pessoas alguma coisa tangível para fazer. Isso também aumentou o número de pessoas que vão para orar com um dos presbíteros ou conselheiros de oração, porque não há mais pressão — elas não se sentem sozinhas, porque filas de pessoas estão respondendo ao tomarem a ceia.

O tempo de resposta no altar não é limitado a pessoas que têm um problema moral ou que querem chegar a uma nova fé em Cristo. Eu digo coisas como: "Você pode vir para orar por alguém. Pode vir porque tem uma entrevista de emprego amanhã e precisa de oração. Pode vir para frente por causa de alguma coisa que não está de forma alguma relacionada com o que eu disse hoje no sermão". Freqüentemente listo o que chamo de as quatro urgências — saúde, finanças, relacionamentos ou carreira. Assim, de início, apresento coisas específicas relacionadas ao sermão e, a seguir, faço um apelo mais amplo.

As respostas no altar encerram o sermão dando a oportunidade para que as pessoas experimentem uma reação consciente da vontade enquanto seu coração ainda está tocado. Abrir espaço para isso é uma das coisas mais poderosas que fizemos nos últimos anos.

Capítulo 80

A HERESIA DA APLICAÇÃO

É quando estamos aplicando as Escrituras que há a maior probabilidade de infiltração de erro

Haddon Robinson

Maior quantidade de heresias é pregada na aplicação do que na exegese da Bíblia. Os pregadores querem ser fiéis às Escrituras e, tendo passado pelo seminário, aprenderam a exegese. Mas eles podem não ter aprendido firmemente como percorrer a jornada do texto bíblico ao mundo moderno. Eles saem do seminário e percebem que a questão do pregador é a aplicação: como você usa este texto e determina o que ele significa para a platéia?

As vezes, aplicamos o texto de maneiras que fazem o autor bíblico dizer: "Espere um pouco, isso é um abuso do que eu disse". Essa é a heresia de uma boa verdade aplicada da maneira errada.

Por exemplo, ouvi alguém pregar um sermão de Rute sobre como lidar com sogros, sogras, genros e noras. Bem, é verdade que em Rute você tem sogros, sogras, genros e noras. O problema é que o livro de Rute não foi escrito para dar conselhos sobre como resolver problemas relacionados a sogros, sogras, genros e noras. Esse sermão teve várias aplicações práticas, mas elas não vieram das Escrituras.

Mas qual é o problema, você pode perguntar, com pregar algo verdadeiro e útil, mesmo se isso não for o ponto central de seu texto ou não for o que o autor tinha em mente? Bem, quando pregamos a Bíblia, pregamos com autoridade bíblica. Como Agostinho disse, o que a Bíblia diz, Deus diz. Portanto, estamos aplicando, digamos, à questão de sogros e genros, a plena autoridade de Deus. Uma pessoa ouvindo o sermão pensa: *Se eu não lido com minha sogra deste modo, estou desobedecendo a Deus.* Isso é violentar a Bíblia. Você está dizendo o que a Bíblia não diz. Por meio desse processo, você mina as Escrituras. No final das contas, as pessoas passam a acreditar que qualquer coisa com um toque bíblico é o que Deus diz.

O efeito a longo prazo é que pregamos mitologia. O mito tem um elemento de verdade com uma grande quantidade de vento, e as pessoas tendem a viver no vento. Elas vivem com as implicações das implicações e, depois, descobrem que o que achavam que Deus prometeu ele não prometeu.

Há uma semana, conversei com uma jovem senhora cujo marido a havia abandonado. Ela disse: "Eu tentei ser submissa. A Bíblia não diz que se uma pessoa se submete, vai ter um casamento feliz e bem-sucedido?".

"Não", disse eu, "a Bíblia não diz isso".

Ela retrucou: "Eu fui a seminários e ouvi isso".

"O que a Bíblia diz é que você tem sua responsabilidade como esposa. Um marido também tem a responsabilidade dele. Mas o melhor que você pode conseguir é um casamento nota 7. Não há garantia de que você terá um casamento nota 10".

A ponte difícil do então para o agora

Na aplicação, tentamos usar o que acreditamos ser a verdade do Deus eterno, dada em uma época, lugar e situação particulares e aplicá-la a pessoas no mundo moderno, que vivem em outra época, outro lugar e em situações bem diferentes. Isso é mais difícil do que parece.

A Bíblia é específica, mas minha platéia é geral. Por exemplo, um homem ouvindo um sermão pode se identificar com Davi cometendo adultério com Bate-Seba, mas ele não é um rei e não comanda exércitos. Precisamos usar esse texto que é historicamente específico e determinar como o Deus vivo fala a partir dele para pessoas hoje.

Pregadores podem realizar essa jornada de diferentes maneiras. Uma é levar o texto bíblico direto para a situação moderna. Em alguns casos, isso funciona bem. Por exemplo, Jesus diz: "Amem os seus inimigos". Digo para os meus ouvintes: "Você tem inimigos? Ame-os".

Mas, a seguir, viro a página, e Jesus diz: "venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me". Hesito em aplicar isso diretamente porque penso: *Se todo mundo fizer isso, teremos problemas, grandes problemas.*

Alguns textos parecem que podem se aplicar diretamente à minha platéia contemporânea, mas não necessariamente. Preciso conhecer algo a respeito das circunstâncias tanto de meu texto como da minha platéia. Por exemplo, posso fazer a pergunta, como muitos cristãos fizeram no século passado: "A escravidão é errada?". Vou até Paulo, que diz que escravos devem obedecer a seus senhores. Mas quando entro nesse mundo, descubro que ele não está necessariamente respondendo a minhas questões sobre o século XIX nos Estados Unidos, porque a escravidão de que Paulo fala não é a escravidão que nós conhecemos no século XIX.

No século I, as pessoas se vendiam à escravidão porque estavam economicamente em melhor situação como escravos, protegidas por seus donos, do que quando eram livres. A maioria dos escravos era libertada com 30 anos de idade, porque era economicamente difícil manter escravos naqueles dias. A lei romana dizia que um dono de escravos não podia lidar com os escravos como bem entendesse. E se você andasse pelas ruas de Roma, não conseguia distinguir os escravos dos homens livres pela cor de sua pele. Se eu não percebo que a situação de Paulo e a minha são diferentes, posso aplicar a recomendação de Paulo sobre escravos de um modo que nunca foi a intenção do autor.

Outra dificuldade é que Paulo fala a pessoas que não posso ver nem ouvir. É como ouvir somente um lado de uma conversa telefônica. Penso que sei o que a outra pessoa está dizendo, mas não posso ter certeza. Posso apenas conjecturar a conversa completa a partir do que ouço uma pessoa dizendo. As perguntas que o autor bíblico responde não são necessariamente as minhas perguntas.

Há sinais que podem indicar que estamos confundindo as perguntas. Devemos lembrar que não podemos fazer um texto dizer o que nunca quis dizer. Isto é, quando Paulo escreveu às pessoas de seus dias, ele esperava que elas entendessem o que queria dizer. Por exemplo, temos umas 30 explicações diferentes para o que Paulo quis dizer quando escreveu aos corintios sobre o batismo pelos mortos. Mas as pessoas que leram aquela carta pela primeira vez não disseram: "O que será que ele quer dizer com isso?". Elas podem ter tido perguntas posteriores, mas o significado do assunto estava claro para elas.

Não posso fazer essa passagem dizer algo hoje em dia que não quis dizer em princípio no mundo daquele tempo. É por isso que preciso fazer a exegese. Preciso ser honesto com o texto antes de poder ir até o mundo contemporâneo.

Escada de abstração

Imagino uma "escada de abstração" que vai lá de antigamente, do mundo bíblico, e atravessa os séculos e toca o cenário moderno. Preciso estar consciente de como atravesso essa "escada de abstração". Quero me certificar de que a situação bíblica e a situação atual são análogas nos pontos em que as faço conectar. Preciso ter certeza de que o centro da analogia conecta, não os extremos.

Às vezes, enquanto trabalho com um texto, preciso subir a escada de abstração até que atinja a intenção do texto. Por exemplo, Deuteronômio diz: "Não

cozinhem o cabrito no leite da própria mãe". Primeiro, você precisa perguntar: "Do que se trata aqui?". Aplicando esse texto de forma literal, você pode pensar: *Se eu tenho um cabrito e quero cozinhá-lo no leite de sua mãe para o jantar hoje a noite, eu deveria pensar duas vezes antes de fazer isso.* Mas sabemos que os pagãos faziam isso quando adoravam seus ídolos. Portanto, o que você tem aqui não é uma proibição contra cozinhar um cabrito no leite de sua mãe, mas contra estar envolvido na idolatria que rodeava o povo de Deus ou contra trazer as práticas deles à sua religião.

Se esse é o caso, não é bom o pregador aplicar esse texto diretamente. Você precisa subir a escada de abstração alguns degraus até atingir o princípio: você não deve se associar ao louvor idolatra, nem mesmo de formas que não parecem ter associação direta com ir fisicamente até o ídolo.

Digamos que você saiba que uma passagem não pode atravessar essa escada diretamente. O que você poderia fazer?

Abstraia até chegar a Deus. Uma coisa que sempre faço quando subo a escada de abstração é abstrair até Deus. Toda passagem tem uma visão de Deus, do Senhor como Criador ou Sustentador.

Encontre o fator de depravação. Em seguida, pergunto: "Qual é o fator de depravação? O que na humanidade se rebela contra a visão de Deus?".

Essas duas primeiras perguntas são um indício útil na aplicação porque Deus permanece o mesmo, e a depravação humana permanece a mesma. Nossa depravação pode parecer diferente, mas é o mesmo orgulho, a mesma obstinação e a mesma desobediência.

Considere 1 Corintios 8, em que Paulo trata do tema de comer carne oferecida aos ídolos. *A visão de Deus:* Ele é nosso Redentor. Portanto, Paulo argumenta, não comerei carne, porque firo a consciência fraca de meu irmão e, portanto, peco contra Cristo, que o redimiu. *O fator de depravação:* As pessoas querem seus direitos, assim não se importam com o fato de que Cristo morreu por seu irmão.

Assim disse o Senhor?

Hoje, os pregadores abordam a tarefa da aplicação de maneira diferente daquela de gerações anteriores. Hoje, o que prevalece é a aplicação específica. No passado, a aplicação freqüentemente era mais geral — confie em Deus e o glorifique. Hoje em dia, a pregação trata de como ter um casamento feliz, como criar seus filhos, como lidar com o estresse.

E claro que sempre há momentos em que me pego dizendo: "Eu gostaria de não ter aplicado uma passagem exatamente desse jeito". Quando eu tinha vinte e poucos anos, preguei algumas coisas em que acreditava profundamente à época, mas agora me pergunto: *Como é que eu cheguei a pensar isso?* Lembro-me, por exemplo, de acreditar que a autoridade na casa significava que o marido tinha de cuidar das finanças. Pior, minha esposa insiste que, em um de meus sermões sobre

casamento, eu fiz a observação de que uma esposa não deve servir café instantâneo ao marido!

Obviamente, essa aplicação particular se originou da cultura daquela época mais do que de qualquer outra coisa. Ela funcionou bem na pregação. Naqueles dias, eu usava qualquer coisa que aparecia na minha cabeça que parecia aplicável. O que é terrível é que eu dizia em nome de Deus o que Deus não estava dizendo. E desobediência contra Deus para a esposa ficar com o talão de cheques? É claro que não. Fazer a pergunta: "Isso se classifica na esfera da obediência?", é um bom teste para a aplicação de um sermão.

Ê claro que, às vezes, você não pode dizer: "Isso é uma questão de obediência ao Senhor". Queremos ter um: "Assim disse o SENHOR", sobre coisas específicas na vida das pessoas, mas isso nem sempre é possível. Assim, precisamos fazer a distinção entre vários tipos de implicações oriundas do texto. Implicações podem ser necessárias, prováveis, possíveis, improváveis ou impossíveis.

Por exemplo, uma implicação necessária de: "Não adulterarás", é que você não pode ter relações sexuais com uma pessoa que não seja sua esposa. Uma implicação provável é que você deve ser muito cuidadoso com amizades de vínculo intenso com uma pessoa que não seja sua esposa. Uma implicação possível é que você não deve viajar regularmente para convenções ou outros lugares com uma pessoa que não seja sua esposa. Uma conclusão improvável é que, em nenhum momento, você deve almoçar com quem não seja sua esposa. Uma implicação impossível é que você não deve jantar com outro casal porque está na mesma mesa com uma pessoa que não é sua esposa.

Demasiadas vezes, os pregadores dão a implicações possíveis toda a autoridade de uma implicação necessária, que está na esfera da obediência. Apenas no caso de implicações necessárias você pode pregar: "Assim disse o Senhor".

Há diferentes maneiras de se expressar essas distinções no púlpito. Uma maneira é dizer: "Esse é o princípio, e o princípio é claro. Como esse princípio se aplica a nossa vida pode diferir de pessoa para pessoa e de situação para situação".

Por exemplo, o princípio de honrar os pais não é negociável. Mas você mantém um pai idoso em casa ou você coloca o pai em um asilo? Você pode querer dizer: "Para honrar seu pai, você deve mantê-lo em casa". Mas alguém pode dizer: "Tenho três filhos, e meu pai perambula pela casa no meio da noite, acordando as crianças e arruinando a harmonia familiar, e isso está fazendo mal às crianças". Agora temos princípios em tensão. Essa aplicação pode desapontar muitas congregações porque elas gostam que lhes digamos exatamente o que fazer.

Pode parecer que estamos abrindo mão da nossa autoridade quando dizemos: "Pense sobre isso". Mas, às vezes, essa pode ser a coisa mais eficaz que eu posso fazer por uma congregação porque o mundo em que as pessoas vivem freqüentemente tem princípios conflitantes. Quando generalizamos, muitas vezes perdemos as contradições e as tensões existentes na Bíblia.

Por exemplo, o livro de Jó equilibra a teologia de Proverbios. Proverbios ensina causa e efeito. Os amigos dejó basicamente recitam Provérbios ajó, mas há um ingrediente ali do qual eles não sabem — o que está acontecendo no céu.

A literatura sapiencial diz: "Em geral, é dessa maneira que o mundo de Deus funciona". Mas não podemos dizer que quando uma pessoa que está sofrendo e aparentemente está sendo punida que ela necessariamente desobedeceu. A desobediência resulta em castigo, mas nem todo castigo aparente é resultado de desobediência.

A Bíblia faz esse tipo de coisa o tempo todo. Podemos chamar isso de "o equilíbrio de opostos harmônicos". Todos nós vivemos nesse tipo de tensão. Portanto, ao aplicar o texto, é mais importante fazer as pessoas pensar de maneira cristã do que agir religiosamente.

Como o gênero literário influencia na aplicação

Os gêneros da Bíblia também têm um efeito direto sobre a aplicação. O maior gênero bíblico é a história. Precisamos perguntar: por que a Bíblia nos dá tanta narrativa?; por que Deus simplesmente não veio diretamente e disse o que pretendia dizer, em vez de ficar fazendo rodeios com histórias? Se eu fosse Deus e fosse dar a alguém algo que durasse até o fim dos tempos, eu teria dito: "Aqui estão cinco princípios sobre a minha vontade". Mas ele não faz isso.

Portanto, é perigoso entrar em uma narrativa e dizer: "Aqui estão três coisas que aprendemos sobre a providência Deus". Essa não é a maneira que os autores bíblicos escolheram para lidar com isso. Se acreditamos que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus, precisamos levar em consideração os métodos usados para proclamar a mensagem de Deus.

Qual é o dano de se usar um esboço de três pontos ou uma estrutura de cinco princípios? Isso pode ter sido estranho ao autor, mas pode ser útil para o ouvinte de hoje. Não é um pecado mortal. Mas o que eu preciso extrair das histórias quando prego são as tensões. Aqui estão pessoas reais sendo direcionadas por Deus e respondendo a Deus. O propósito dessas histórias não é, por fim, dizer: "Você precisa, você deve". O propósito é dar discernimento sobre como homens e mulheres se relacionam com o Deus eterno e como Deus se relaciona com eles.

Em um sermão sobre a vida de José, por exemplo, posso dizer: "Grande parte da vida parece não fazer sentido. Você faz planos, mas eles não se realizam. Você é fiel a Deus, mas você não é recompensado por isso. Se você passa por algo semelhante, aqui está um homem que experimentou isso".

Não direi às pessoas que a experiência de José será como sua experiência. Em vez disso, direi: "A grande tensão na vida de José é a tensão que todos sentimos". E aplicarei o que é uma experiência universal.

Você pode lidar de maneira abstrata com um grande princípio — Deus é soberano — de tal modo que isso se torne enfadonho. Um sermão desses me

lembra um aerodeslizador que desliza a dois metros acima da superfície, mas nunca desembarca na vida. Sem o elemento humano, você perde a narrativa histórica específica e a interação emocional.

O Espírito Santo e a Palavra

O Espírito Santo tem um papel direto no processo de aplicar o texto à vida do ouvinte. O Espírito Santo responde à Palavra. Se sou fiel às Escrituras, dou ao Espírito Santo algo para trabalhar que ele não tem se estiver pregando para a revista *Seleções.*

Tenho uma fórmula: dor + tempo + discernimento = mudança. Às vezes, as pessoas passam por um período de dor, mas isso não as muda. No entanto, dor e tempo mais discernimento as mudará, e é aí que entra o pregador.

Isso explica por que, em um dado domingo, o sermão é um grande aborrecimento para muitos. Mesmo com os melhores pregadores, nem todo sermão agita todo mundo. Mas outras pessoas dirão a você: "Você não pode imaginar como isso falou comigo". Elas não vieram à igreja neutras, vieram com uma dor que já sofriam havia muito tempo. Elas receberam discernimento do sermão, isso conectou, e a mudança ocorreu na vida dessas pessoas.

Há vários anos, eu estava aborrecido com Deus. Quando cheguei à igreja em um domingo, o pregador não era particularmente bom, mas ele lidou com o texto bíblico. Não queria ler aquele texto da Bíblia, mas não conseguia me livrar dele. O pregador não aplicou o texto à minha situação, mas a própria Palavra veio até mim de tal maneira que, depois do culto, fiquei rodando a cidade no carro. Foi um daqueles momentos quando você diz: "Deus me confrontou, e esse é um negócio perigoso se eu não ouvir". Era como se aquela passagem, e aquele pregador, e o Espírito tivessem me escolhido na platéia. O sermão não era eloqüente, mas aquela passagem e o fato de o pregador se fixar nele me fizeram compreender a verdade claramente.

Essa é a grandiosidade da pregação. Algo sempre pode acontecer quando um pregador leva a Palavra de Deus a sério.

Capítulo 81

PREGANDO COM VISTAS À VERDADEIRA SANTIDADE

Por que não podemos divorciar a teologia da aplicação

Randal Pelton

A pregação que produz a verdadeira santidade é, de certo modo, contra-intuitiva — mesmo para aqueles preocupados com pregação bíblica e sadia. Aqueles que pregam por exposições em uma série podem ser especialmente vulneráveis a pregar uma mensagem desequilibrada que, na verdade, obstrui a santidade. A pregação que conduz à completa obediência bíblica contém duas características.

Pregue textos teológicos com vistas ao aspecto prático

O primeiro passo da obediência não é: "Faça isso", mas antes: "Acredite nisso e receba isso".

Alguns textos contêm tanto a teologia quanto a aplicação. Por exemplo, lPedro 1.1,2 contém uma forte conexão entre teologia e aplicação, ou seja, entre quem somos como cristãos e como devemos viver como cristãos. Pedro escreve: aos "escolhidos [...] para a obediência". Pregar esse texto significa pregar tanto a teologia quanto a prática e mantê-las juntas não é difícil.

O problema surge quando a conexão entre o teológico e o prático não é explicado em detalhes. Quando o texto não diz nada sobre como devemos viver, é fácil negligenciar a santidade. Para corrigir isso, em algum ponto do sermão, a informação sobre o que Deus fez por nós ou quem nós somos como cristãos precisa conduzir a como isso nos dá a capacidade de lutar contra a tentação e o pecado e de crescer na conduta de Cristo.

Verdades teológicas são a chave para vivência cristã prática porque graça e fé são as chaves para a santidade. Bryan Chappell escreve: "A graça toma conta de nós com o amor de Deus e, como resultado, nosso coração ressoa com os desejos de Deus. Seus propósitos se tornam os nossos". (*Holiness by Grace* [Crossway, 2001], p. 13). Ele também escreve: "A santificação é a obra da graça de Deus em nós que nos permite receber os benefícios e o poder de Jesus, que, por sua vez, capacitam-nos para vencer o mal que pode oprimir em grande medida nosso coração" (p. 41).

As seções teológicas das cartas do Novo Testamento exibem o amor gracioso de Deus. Pregar para produzir santidade significa pedir aos nossos ouvintes que respondam ao amor generoso e ao cuidado de Deus com sincera obediência.

É claro que isso pressupõe que acreditamos no que foi escrito. John Piper diz: "A maneira de lutar contra o pecado em nossa vida é lutar contra nossa tendência à incredulidade. Ou, para colocar isso de maneira positiva: a maneira de buscar santidade e amor é lutar por fé na graça futura" (*Future Grace* [Multnomah, 1995], p. 219 em Português, *Graça futura,* Shedd Publicações, 2009). Chappell concorda que a fé é fundamental para a santidade: "Para encontrar a libertação da escravidão e do peso do pecado [...] precisamos crer que podemos confiar inteiramente em nossa união com Cristo para nos tornar justos em relação a Deus" (*Holiness by Grace,* p. 41).

Porque graça e fé são úteis para a santidade, sempre que pregamos seções teológicas da Palavra, precisamos pedir a nós mesmos e aos nossos membros que acreditemos no que Deus fez e que recebamos a graça que nos liberta para sermos santos. Talvez o próprio texto não nos peça para desviar-nos do pecado, mas desviar-se do pecado é a resposta própria à revelação do amor e da graça de Deus.

Pregue os aspectos práticos enquanto olha novamente para os aspectos teológicos

A primeira vista, parece fácil pregar a partir dos imperativos do Novo Testamento de uma forma tal que disso resulte santidade. Se santidade é ser como Cristo e se os mandamentos bíblicos nos mostram como é uma vida como a de Cristo, então faz sentido dizer que estimular os ouvintes a obedecer aos mandamentos os conduzirá à santidade.

Sim e não. Sim, porque ao encorajar a obediência a Cristo, estamos no caminho certo para a santidade. Não, porque por encorajarmos somente a obediência ao mandamento, podemos acabar criando justificação própria que nos tira do caminho para a santidade.

Considere, por exemplo, o mandamento de Deus em 1 Pedro 4.9: "Sejam mutuamente hospitaleiros, sem reclamação". Depois de explicar o que significa ser hospitaleiro uns com os outros e fazer isso sem reclamar, surge a tarefa de dizer aos membros: "Faça isso". E para aqueles de nós que querem que a Palavra de Deus cale fundo, tentaremos ajudá-los a ver de maneiras concretas como ser hospitaleiro sem reclamar. E nesse ponto que há o perigo de nos afastar da verdadeira santidade mesmo que pareça que estejamos indo para mais perto da santidade.

Se negligenciarmos o lado teológico da equação — quem Deus é e quem somos por causa do que Deus fez por nós em Cristo — então o que resta para as nossas afirmações de aplicação? Elas podem parecer assim: crie uma lista de pessoas que você gostaria que ficassem em sua casa, depois separe tempo em seu calendário semanal para convidar as pessoas de sua lista em sua casa.

Isso é útil? Sim. Cristãos sensíveis ao Espírito Santo podem encontrar ajuda prática nessas sugestões. Mas observe que as sugestões funcionam para qualquer um, cristão ou não-cristão. O resultado, portanto, não é necessariamente a santidade bíblica. Piper diz: "A retidão prática e diária é alcançada quando a lei da retidão é buscada pela fé, não pelas obras" (.*Future Grace,* p. 220).

Normalmente, o que é natural, atacamos tentações e pecados específicos no ponto de ação. Se a tentação específica é pornografia na Internet, então tratamos desse problema com passos de ação: não navegue pela Internet aleatoriamente, não fique acordado até tarde sozinho no computador. Normalmente não lutamos contra a tentação e o pecado específicos no ponto das convicções.

Mas o primeiro passo da obediência não é: "Faça isso", mas antes: "Creia nisso e receba isso". Dizer: "Receba isso", é convidar seu pessoal para receber o poder que venceu e vence o pecado.

Para que Deus crie santidade em nós, precisamos nos deslocar dos mandamentos bíblicos de volta para o evangelho, especialmente nos momentos da aplicação. Antes de apresentar os passos práticos para a vitória, empenhe-se em ajudar os ouvintes a ver o que Deus fez por eles por meio do sacrifício de Jesus Cristo. Ajude-os a primeiro responder à sua graça e crer nela. Então, eles estarão certos de

seu poder para vencer a tentação. Do contrário, tudo que fazemos é ajudar pessoas a viver como cristãos por suas próprias forças — o contrário da verdadeira santidade.

O deslocamento da prática para a teologia garante que a modificação do caráter de uma pessoa seja o resultado de um coração transformado pela graça. A morte, o sepultamento, a ressurreição e a ascensão de Jesus se tornam a motivação e a capacitação para a obediência.

Capitulo 82

MENOS JOE, MAIS JESUS

Quando a pregação tem muito de nós mesmos

Joe Stowell

Sou apaixonado por chamar seguidores de Cristo a um comprometimento renovado para focar sua vida e suas aspirações na pessoa de Jesus Cristo. Um dos dilemas do pregador é que a pregação corre o risco de ter demais de nós mesmos.

Fazendo as perguntas certas

A pregação tem uma maneira de nos arrastar para o pântano de: *Para quem estou pregando? Eles vão gostar de mim? Eles vão prestar atenção?* Essa é a pré-agonia. A pós-agonia é: *Será que me sai bem? Será que compreenderam o meu ponto? Ah, eu deveria ter dito isso dessa maneira; eu deveria ter dito isso daquela maneira.*

Se não tomamos cuidado, a pregação se torna toda sobre o pregador. Já estou convencido disso e, embora não tenha nenhuma fórmula fácil de como me livrar desses demônios, sei que minha pregação precisa ser mais e mais sobre Jesus. Devo me concentrar em temas como: *Coloquei Jesus em posição de destaque? O que ele teria achado do meu sermão? Meus ouvintes o enxergaram mais claramente? Os meus ouvintes o acharam mais atraente por causa do meu sermão? Representei a ele e o seu chamado em nossa vida de uma maneira vencedora e, ainda assim, com autoridade?*

As necessidades da pregação precisam ser cristocêntricas. Jesus é a linha divisória da história na Bíblia, o Criador do universo, a revelação final de Deus. O Espírito Santo dentro de mim realiza o ministério de glorificar a Jesus Cristo, e Jesus me mostra como é Deus, o Pai. Jesus realmente é o ponto focai.

Como atrair as pessoas a Jesus

Mas tão freqüentemente, Jesus acaba se perdendo em tudo isso — na nossa pregação e nas nossas igrejas. Em vez disso, é o grupo de louvor, a música, o cenário, o auditório, o pregador. Tudo é centrado no homem. Pergunto-me se Jesus se sente como o corpo em um velório irlandês: ninguém espera que ele cante, mas não podem ter a celebração sem ele.

Sempre que Marty e eu escapamos para a Inglaterra, vamos a uma minúscula igreja de um vilarejo onde cerca de vinte pessoas aparecem. O pastor fica separado de nós, acima e ao lado. O órgão está atrás de nós. A principal imagem que atrai sua atenção é uma estátua de Jesus na cruz. Uma mulher e um homem estão em cada lado olhando para cima em reverência adoradora para Jesus na cruz. Penso que é isso que falta para nós. Não temos nos empenhado para desenvolver a atmosfera no culto e para realizar nossa pregação de modo a atrair o coração e a mente das pessoas para Jesus Cristo.

Quando fiz 50 anos, percebi que havia estado bastante ocupado para Deus, trabalhando, trabalhando, trabalhando. Repentinamente, tive esse anseio por Deus que minha ocupação havia enterrado. Queria ir mais fundo. Queria conhecer a Jesus como Paulo diz em Filipenses 3, que eu considerasse todas as coisas como perda — que eu finalmente saísse do meu próprio caminho para conhecer a Jesus em minha vida. E pensei: *E nisso que tudo consiste, não é verdade?* Isso começou a impactar a minha pregação. Quando as pessoas me ouvem pregando regularmente, minha oração é que elas ouçam mais sobre Jesus do que ouviam. Quero que o coração e a mente delas sejam direcionados, de forma que leve à transformação de vida, para Jesus — para seu caráter, seu chamado e a beleza de sua santidade. No fim dos meus dias, nos meus sermões e ministério, quero que as pessoas esqueçam quem eu sou e vejam só Jesus Cristo.

Agora, percebo que, mais e mais, eu me volto para as narrativas dos evangelhos em que Jesus está em ação. Também estou mais propenso a ver toda a Bíblia no seu contexto cristológico, de Jesus como Criador em Gênesis 1 até o Redentor e Consumador Definitivo em Apocalipse 21. Não importa se no Antigo ou no Novo Testamento, quero chegar à questão relacionada a Jesus no texto e extrair dali uma aplicação fundamentada nele que seja transformadora de vida.

Capítulo 83

A PREGAÇÃO QUE PROMOVE O CENTRAR-SE EM SI MESMO

Como evitar o encorajamento da motivação errada

Craig Brian Larson

Em que um sermão se parece com uma aspirina?

A resposta: você toma aspirina com um propósito em mente, mas ela tem efeitos colaterais não intencionados, tanto bons como ruins. Se você toma aspirina por causa de uma dor de cabeça, você obtém alívio da dor — e um efeito colateral, pois os médicos dizem que uma aspirina por dia pode prevenir ataques do coração. Por outro lado, você pode sofrer o efeito colateral de uma indisposição no estômago.

Os sermões também têm efeitos colaterais. Um está associado ao que dizemos sobre a motivação para a obediência.

Por exemplo, se o texto chama as pessoas para usarem seus dons espirituais, poderíamos oferecer muitas razões para obedecer, como o desejo de ser um mordomo fiel, servir a Deus, construir a igreja, crescer pessoalmente, realizar o propósito pessoal, expressar o amor a outros, agradecer a Deus, imitar a Jesus, glorificar a Deus.

Quaisquer que sejam as motivações que escolhermos, ensinamos uma lição importante sobre motivações próprias. Quando seu sermão diz: "Use seu dom espiritual porque você vai edificar a igreja", você diz indiretamente: "Edificar a igreja é uma coisa boa que deve motivá-lo". Isso é indireto porque, normalmente, não gastamos tempo para justificar a motivação.

Por que ensinar o porquê de tudo

Escolher a motivação própria é importante porque a justiça tem três características: o que fazemos, como fazemos isso e por que o fazemos.

Se sou um cozinheiro de um restaurante, por exemplo, o "o que" da justiça é fazer o que meu patrão manda: preparar pedidos de acordo com as receitas da casa. O "como" da justiça é cozinhar de um modo higiênico — não colocar batatas que caíram no chão na panela. Por fim, o "porquê" da justiça é cozinhar para agradar ao Senhor. Preciso cozinhar motivado não por ganância e ambição egoísta — para agradar a equipe de trabalho e os clientes para que eu possa levá-los comigo, quando abrir o meu próprio restaurante.

Toda semana, nossos sermões treinam cristãos na terceira característica da justiça: por que fazer o que é certo, e normalmente esse sermão não é intencionado. E o sermão escondido.

Indisposição estomacal

Esse sermão indireto pode ter efeitos colaterais prejudiciais.

Nosso maior desafio em treinar a motivação é mudar a órbita do cristão. Sob o pleno controle de sua natureza pecaminosa, as pessoas estão centradas em si mesmas. Elas têm a massa do planeta Júpiter, com Deus e outras pessoas orbitando ao redor delas como luas minúsculas. Quando as pessoas, em fé, voltam-se para Cristo, Deus começa o processo revolucionário de transformá-las em pessoas centradas no outro e em Deus. Elas começam a se ver na relação própria com o valor dos outros e a grandeza de Deus. Cada vez mais, elas orbitam em volta do sol poderoso e glorioso da vontade de Deus.

Obras autocentradas não agradam a Deus. "Todos os caminhos do homem lhe parecem puros, mas o SENHOR avalia o espírito" (Pv 16.2). "Ele [o Senhor trará à luz o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações (ICo 4.5).

O efeito colateral prejudicial de algumas pregações é que nós apelamos ao interesse próprio de modo tal que encorajamos os ouvintes a continuar em um estilo de vida totalmente centrado em si mesmos.

Não que nunca devamos apelar ao interesse próprio. Jesus fez isso constantemente. Por exemplo, ele perguntou: "Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?" (Lc 9.25). Enquanto Jesus disse aos seus ouvintes que deveriam negar-se a si mesmos e levar sua cruz, ele também disse: "Dêem, e lhes será dado" (Lc 6.38) e: "Mas acumulem para vocês tesouros nos céus" (Mt 6.20). Jesus e os autores do Novo Testamento ensinam tanto a negação de si próprio, por um lado, como um interesse próprio santificado, por outro lado. Com um interesse próprio santificado, buscamos o que é melhor para nós de um modo diferente e por uma razão diferente. Buscamos nossos interesses do modo de Deus para a glória de Deus, em vez de fazê-lo do nosso modo para a nossa glória.

O teólogo Wayne Grudem lista o que se segue como exemplos de motivações encontrados no Novo Testamento (*Systematic Theology* [Zondervan: 1994], p. 757-58, em português, *Teologia sistemática*, Edições Vida Nova).

- O desejo de agradar a Deus e expressar o nosso amor a ele.
- A necessidade de manter uma consciência limpa perante Deus.
- O desejo de ser "um vaso para fins nobres" e ter eficácia aumentada na obra do Reino.
- O desejo de ver não-cristãos virem a Cristo por meio da observação da nossa vida.
- O desejo de receber bênçãos presentes de Deus em nossa vida e ministério.
- O desejo de evitar o desagrado e a disciplina de Deus em nossa vida (às vezes chamado de "o temor do Senhor").
- O desejo de buscar maior recompensa celestial.
- O desejo por uma caminhada mais profunda com Deus.
- O desejo de que anjos glorifiquem a Deus por causa de nossa obediência.
- O desejo por paz e alegria em nossa vida
- O desejo de fazer o que Deus ordena, simplesmente porque seus mandamentos são certos e nós temos prazer em fazer o que é certo.

Encontrando a motivação certa

Dessa forma, como selecionar a motivação certa a ser enfatizada? A boa noticia é que as motivações corretas para nossa obediência quase sempre são fornecidas no texto do nosso sermão. Deus está bem à frente de nós! Pregar as motivações no texto nos impede de escorregarmos para o apelo do centrar-se em si mesmo, do interesse próprio somente, ou, involuntariamente, quase como um clichê, da glória de Deus. Em qualquer um desses casos, corremos o risco de omitir a razão disso no texto. Quando iluminamos o texto plenamente, é mais provável que nossos ouvintes desenvolvam motivações santas.

Por exemplo, podemos ficar surpresos com o tanto de razões/motivações que Paulo oferece em 2Coríntios 9 para dar dinheiro para os propósitos do reino:

- Para ser um bom exemplo para outros (v 1-5)
- Para evitar vergonha (v.1-5).
- Para guardar suas promessas (v. 1-5).
- Para deleitar-se no Senhor (v. 7).
- Para ver a graça de Deus transbordar sobre nós, resultando em suficiência financeira que suprirá as nossas necessidades e permitirá que doemos ainda mais generosamente a outros (v. 6,8,10,11).
- Para crescer em justiça (v. 9,10).
- Para suprir as necessidades das pessoas (v. 12).
- Para provar que somos seguidores obedientes de Cristo (v. 13).
- Para permitir que pessoas expressem mais ação de graças e louvor a Deus (v. 11-13).
- Para que outros orem por nós (v. 14).

O sermão sobre esse texto que apela à autocentralidade se foca em dar para receber e corre o risco de promover a avareza. Ele ignora o princípio claro de que devemos replantar a colheita aumentada a partir da semente da doação. Quanto mais recebemos, mais damos. Além disso, não damos apenas para o nosso próprio benefício, mas também para Deus e outros cristãos.

No outro lado do espectro, o sermão desconfortável com os interesses próprios santificados tenta eliminar, pela explicação, o princípio da colheita. Ele sugere que dar para receber é desonroso. Isso também distorce o texto. Podemos acabar usando essa abordagem por causa de uma mentalidade ou-isso-ou-aquilo acerca das motivações. Na realidade, as pessoas raramente fazem escolhas apenas por um motivo, mas, em vez disso, por muitos deles.

Quando apelamos aos motivos do texto, desenvolvemos discípulos altamente motivados e centrados em Deus que obedecem a Cristo pelas razões certas e para agradar a Deus em um grau maior.

Capítulo 84

O PERIGO DA PREGAÇÃO PRÁTICA

Por que as pessoas precisam mais do que a conclusão

Lee Eclov

Rob, um corretor de valores, pensou que sermões deveriam ter vinte minutos — não mais do que isso. Para ele, um bom sermão é o que outros chamam de conclusão. "Abra um caminho até conclusão", ele disse. "E isso que eu espero no trabalho e é isso que quero na igreja".

Stan, um pregador, não via a duração como a questão problemática, mas ele estava determinado a que cada sermão fosse "prático". Ele pregava sobre cinco princípios da amizade, seis segredos de como administrar o dinheiro e quatro maneiras de vencer a preocupação. Ele acreditava em doutrina correta, mas sentia que tinha de dar às pessoas algo que pudessem levar para o trabalho na segunda de manhã.

Esses homens ilustram duas falácias sobre a pregação bíblica: a Falácia da conclusão e a Falácia da Prática. Ambas revelam uma compreensão errada, não apenas da pregação, mas da forma das Escrituras funcionarem.

Imagine um lugar despovoado. Um pioneiro abre um caminho, desbastando galhos cortados e quebrados, galhos que caíram, marcando o caminho para um novo posto avançado. A medida que os anos passam, aquele caminho é percorrido mil vezes até que se torna uma estrada ampla e pavimentada. Outros trilhos ramificam-se, levando a outros novos postos. As trilhas se cruzam, e se tornam cruzamentos. Mais postos se tornam cidades. Mais trilhas se tornam estradas. Mais conexões são feitas até que o que era uma vez um lugar ermo passa a ser uma região civilizada.

Pregar é o trabalho de civilizar espiritualmente a mente dos discípulos cristãos. A pregação — especialmente a pregação expositiva — abre caminhos na mente de nossos ouvintes. Nossa tarefa não é apenas mostrar o "ponto" de Deus, mas instilar a lógica de Deus — como ele chega a esse ponto.

Por exemplo, nós não simplesmente pregamos a conclusão de 1 Corintios 13 — que o "maior deles, porém, é o amor" — mas nós levamos as pessoas pelas dimensões e definições do amor naquele grande capítulo. Mostramos que Paulo não queria que esse amor estivesse apenas em cerimônias de casamentos, mas também nas reuniões da igreja. Em outras palavras, não apenas estabelecemos o posto avançado — o "maior deles, porém, é o amor" — mas a trilha da verdade também.

Mas esse é o ponto em que confrontamos as falácias.

A falácia da conclusão

Quando nosso objetivo na pregação é chegar logo à conclusão, procuramos em nosso texto o: "E daí?", e pregamos essa conclusão. Por exemplo, nosso sermão

torna claramente compreensível a verdade de que não precisamos ter medo. Se tivermos sido eficazes, nossos irmãos e irmãs irão para casa com esse posto avançado de verdade estabelecido ou aumentado em seu pensamento. Mas aqui está a obstrução. Na terça-feira, quando alguma crise amedrontadora se assoma em sua vida, eles podem lembrar: "A Bíblia diz que não devemos ter medo", mas eles não sabem como ser fortes. Eles não conhecem a trilha, o processo que a mente e o coração seguem para o destemor. Nós os expusemos à conclusão sem o pensamento que faz essa conclusão funcionar.

Talvez alguma vez você tenha lido o sumário de um artigo — um resumo curto de um trabalho mais longo. Depois que você o leu, sabe do que trata o artigo. Você sabe qual é o ponto principal. Mas você não foi exposto ao raciocínio cuidadoso, às ilustrações, à lógica passo a passo e à escrita cuidadosa do autor. O sumário pode interessar você, mas sem o desenvolvimento cuidadoso do autor, ele provavelmente não o convencerá. Nem é provável que ele seja importante ou memorável em seu pensamento. E você pode ter certeza de que o autor não achará que você sabe o que ele escreveu.

Sermões que são sumários das Escrituras podem resumir propriamente uma verdade bíblica, mas eles não convencem. Eles não reorientam nosso pensamento. Nós podemos conhecer a conclusão, mas não sabemos como viver o que conhecemos. Sem uma trilha da verdade, as pessoas não podem encontrar seu próprio caminho para os postos avançados da verdade em seu próprio coração. Às vezes, construir essa trilha de verdade, mostrando passo a passo o pensamento de um texto, não pode ser feito em vinte minutos.

A Falácia da Prática

Lembro-me apenas vagamente do mundo da geometria — axiomas, teoremas, conclusões. Lembro-me da pergunta inevitável: "Por que precisamos saber disso?". E lembro-me da resposta do sr. Cermak: "Quer você use essas fórmulas quer não, a geometria lhe ensina a pensar logicamente".

Alguns pregadores têm medo da pergunta: "Por que precisamos saber disso?", e, assim, eles tentam tornar todo sermão "prático", querendo dizer com isso que ele trata de coisas do dia-a-dia como dinheiro ou crianças. A pregação doutrinária ou a exposição semana a semana de um livro bíblico não parecem coçar o local onde as pessoas estão com coceira. As pessoas querem sermões sobre coisas que podem usar na segunda-feira — como os estudantes de segundo ano do ensino médio da minha classe de geometria.

Mas Paulo nos diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16). Toda a Escritura! Toda a Escritura é prática. Ela é prática, não porque trata de preocupações do dia-a-dia, mas porque ela "civiliza" nosso pensamento.

Enquanto preguei o livro de Colossenses, por exemplo, gradualmente abrimos um caminho amplo para a verdade que o simples confiar em Cristo nos equi-

pa com sabedoria e justiça maiores do que qualquer falsa sabedoria pode oferecer. Colocado desse modo, isso parece uma verdade esotérica e não prática, bem distante do refrigerador de água ou da carona de *van* para o trabalho. Mas era o propósito de Paulo e, portanto, meu também, mostrar o quanto isso é prático para o cristão. O quanto é libertador, simples e seguro. Quando finalmente chegamos aos trechos "práticos" mais ã frente na carta — "revistam-se de profunda compaixão", por exemplo — podíamos ver não apenas o mandamento, mas viemos a entender melhor o pensamento espiritual que torna a compaixão cristã possível.

A Bíblia gasta muito mais tempo moldando a mente espiritual do que ordenando um comportamento particular. Precisamos de muito mais treinamento nos meios da graça, nas percepções espirituais e no que Deus realmente é do que em como nos comunicamos com nosso cônjuge. Entender a glória de Cristo é muito mais prático do que nossos ouvintes imaginam. Propriamente pregado, todo sermão baseado em uma passagem das Escrituras é fundamentalmente prático. Todo autor das Escrituras escreveu para efetuar mudanças no povo de Deus. E nosso trabalho como pregadores encontrar a lógica persuasiva daquele autor e colocar aquilo clara e persuasivamente perante nossos membros por meio da exposição bíblica.

A pregação da trilha da verdade, a exposição cuidadosa e persuasiva do pensamento bíblico molda a mente cristã pronta para as decisões do dia-a-dia não registradas nas Escrituras. Quando deparamos com um dilema ético no trabalho ou um problema disciplinar em casa, nossa mente caminha pelas trilhas da verdade que aprendemos e podemos raciocinar do nosso modo, com a ajuda do Espírito Santo, até a conclusão bíblica, mesmo quando nenhum versículo das Escrituras se dirige diretamente à nossa situação.

Quando pregamos apenas o princípio, os pontos em destaque, a conclusão, ou quando tentamos fazer com que todo sermão trate de um problema do dia-a-dia, podemos colocar verdades na mente de nossos ouvintes, mas não colocamos a lógica e a pulsação de Deus na mente e no coração deles. Em contraste, a exposição bíblica que expõe a própria lógica e a pulsação do coração de Deus molda "praticantes da palavra, e não apenas ouvintes" (Tg 1.22).

Capítulo 85

GRAÇA: UMA LICENÇA PARA A PERAMBULAÇÃO?

A necessidade de uma mensagem equilibrada

Bryan Chappell

Falar sobre o amor incondicional de Deus a fim de promover santidade é contra-intuitivo. Se tudo que fazemos é continuar assegurando às pessoas de que Deus as ama, então o que a impedirá de se aproveitar da graça e fazer o quiserem?

Sem dúvida, está havendo um despertamento para a graça, mas a nova ênfase não vem sem tonalidades, desafios e preocupações variadas. Preocupações com a

possibilidade de a nova ênfase na graça resultar em antinomianismo (desconsideração pela lei de Deus) têm se tornado numerosas e agudas. A historia da igreja evangélica nos Estados Unidos (e no Brasil) pode explicar parcialmente as razões para essas preocupações.

Muitas das igrejas evangélicas encontram suas raízes culturais na controvérsia modernista/fundamentalista do começo do século XX. Os que sustentavam o cristianismo histórico contra o ceticismo moderno não apenas lutaram contra a desconsideração da verdade bíblica, eles também lutaram contra as mudanças de estilo de vida sendo adotadas por aqueles que desacreditavam o direito das Escrituras de governar suas vidas.

A preocupação com questões de estilo de vida é necessária para o cristianismo bíblico. Líderes antigos entre os evangélicos dos Estados Unidos insistiam corretamente de que a Bíblia tem mandamentos aos quais o povo de Deus precisa obedecer a fim de honrá-lo. Os problemas surgiram, entretanto, quando padrões de conduta pessoal se tornaram quase tanto uma ênfase na pregação e ensino evangélicos quanto a mensagem da graça de Deus. Como conseqüência, as pessoas começaram a pensar em sua conduta como uma qualificação para a aceitação por parte de Deus.

O resultado de uma ênfase forte em questões de estilo de vida foi a criação de códigos de conduta que supostamente distinguiam cristãos reais do mundo secular e cristãos nominais. A adesão estrita a esses códigos se tornou a marca de cristãos sérios em muitas igrejas, mesmo quando os detalhes disso não podiam ser provados bíblicamente. De fato, muitos dos padrões dos evangélicos (proibição do jogo de cartas, de bebidas alcoólicas ou do cinema) se tornaram tanto uma parte da cultura da maioria das igrejas conservadoras que poucas pessoas dessas igrejas, até mesmo, nem pensavam em questionar se a Bíblia realmente ensinava tudo que as igrejas esperavam.

Parte das preocupações com uma ênfase renovada na graça é simplesmente um medo da perda da identidade evangélica, já que o interesse na adesão a códigos que distinguiram cristãos que acreditam na Bíblia durante o século passado diminui. O medo tem algum mérito. Os códigos, de fato, impediram muitos cristãos de flertar com práticas culturais e adotar padrões sociais em que há grande perigo espiritual. Aqueles que se tornaram fortes advogados da ênfase na graça precisam reconhecer a legitimidade dessa preocupação e mostrar como o seu ensino proverá proteção de perigos seculares quando os códigos de conduta são minados.

E verdade, os fortes advogados da nova ênfase na graça podem não sentir que é sua responsabilidade lidar com questões de comportamento que dizem respeito a defensores dos códigos. Os pregadores da graça tipicamente vêem os códigos evangélicos antigos como formas destrutivas de legalismo a serem desmanteladas. Muitos de nós foram feridos pessoalmente por atitudes legalistas na igreja e sentem a necessidade de combater suas influências espirituais corrosivas.

Ainda assim, não é suficiente para os advogados da graça simplesmente reagir ao legalismo. Também precisamos responder à licenciosidade que sempre tenta os cristãos quando pregadores dizem: "Deus sempre vai amar você, não importa o que você fizer". O legalismo faz os cristãos acreditarem que Deus os aceita com base no que fazem. A licenciosidade faz os cristãos acreditarem que Deus não se importa com o que fazem. Ambos os erros têm conseqüências espirituais terríveis.

Jesus disse: "Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos" (Jo 14.15). A graça não deveria tornar a obediência opcional. Quando Deus remove as boas obras como uma condição para sua aceitação, ele não remove a justiça como um requerimento para a vida. Os padrões das Escrituras glorificam a Deus e protegem seu povo de dano espiritual. Não podemos minar os padrões legítimos da Bíblia sem conseqüências graves.

Deus não nos ama porque lhe obedecemos, mas não podemos conhecer as bênçãos de seu amor sem obediência. Portanto, um foco na graça que mina a própria exigência de Cristo de obediência nos nega o conhecimento e a intimidade com ele. Isso não é graça.

A graça que produz fruto é bíblica. Graça que se deteriora usa o amor incondicional de Deus como uma desculpa para a indulgência egoísta. Um modo de viver egoísta assim, no final das contas, sobrecarrega-nos com a culpa e as conseqüências do pecado que Deus designou que fossem removidas por sua graça.

Descansar na graça de Deus não nos livra de nossas obrigações santas; antes, ela deve nos capacitar a cumpri-las.

Capítulo 86

O PRECIOSO SOM DA GRAÇA E DA SANTIDADE

Integrando graça e verdade

Kenton C. Anderson

Cresci ouvindo noticiário de rádio no receptor de AM de apertar botões da minha mãe, em seu Dodge 64. Quando adquiri meu próprio carro, o som era pior: um único alto-falante montado no banco de trás transmitia as minhas estações favoritas. Quando finalmente instalei um novo toca-fitas estéreo com alto-falantes com duas caixas sob a janela de trás, o som era incrível. Lembro-me de deliberadamente ir para casa pelo caminho mais longo para que pudesse continuar ouvindo o som tão precioso. Passar do som mono para o estéreo é para o ouvido o que é para o olho passar de duas dimensões para três dimensões.

O efeito é o mesmo quando pregamos tanto a graça como a santidade. A pregação que tem ressonância requer que ambos os pólos soem plenamente. Virar o botão do equilíbrio para um lado ou para o outro produz um som mono diminuído na melhor das hipóteses e, na pior delas, heresia. A pregação de Jesus era conhecida por ser cheia "de graça e de verdade" (Jo 1.14, 17).

Precisamos integrar graça e verdade por três razões:

(1) *O pregador depende disso.* Nunca sei se deveria desfrutar o púlpito ou correr de medo dele. Uma resposta bíblica provavelmente encorajaria as duas coisas. Em alguns domingos, não posso esperar para subir na plataforma e liberar a mensagem que Deus me deu. A pura alegria de alimentar com a verdade pessoas que estão à busca é uma paixão. O privilégio de pregar é emocionante naqueles dias em que não estou me sentindo esmagado pela impropriedade de tal coisa.

Embora eu esteja familiarizado com a alegria, também conheço a miséria. Tenho uma certa apreciação pelo sentimento que Moisés certamente teve quando tirou suas sandálias porque estava em solo santo. Estou ciente de que sirvo o mesmo Deus que Arão servia, embora este vivesse sob instruções severas até mesmo quanto à sua roupa íntima ao conduzir as pessoas à presença de Deus (Lv 16.4).

"Quem poderá subir o monte do SENHOR? Quem poderá entrar no seu Santo Lugar?" (SI 24.3). Não estou certo de que minhas mãos estão suficientemente limpas ou minha língua está suficientemente pura para falar por Deus perante as pessoas. É absurdo pensar que eu me encaixaria para representar o Todo-Poderoso. Alguns sugerem que a falha (leia-se "pecado") aumenta a capacidade de um pregador de se relacionar com a necessidade da congregação. Pessoas assim precisam reler o Pentateuco.

Ou talvez eu tenha de reler Romanos 8. Aprecio o fato de que quando vou ao púlpito estou deste lado da cruz. A graça de Deus me revigora mesmo quando me justifica. Entretanto, embora eu pregue à luz da verdade do Novo Testamento, sou desafiado pela minha leitura do Antigo Testamento. O Deus que sirvo era terrivelmente minucioso em Levítico. Sou teológicamente astuto para saber que ele não mudou nem cresceu. Acontece que simplesmente sou privilegiado por estar em uma posição vantajosa e diferente da daquela época.

A santidade importa. Não é que Deus decidiu que ele foi muito duro conosco e que, se ele não aliviasse o peso sobre nós, não sobraria ninguém qualificado para falar em nome dele. A graça não foi um afrouxamento. A graça não foi barata. O padrão de Deus não foi suavizado; ele foi satisfeito. Fico impressionado com o fato de que Deus me deu a oportunidade de entregar sua Palavra como seu servo. Minha consciência do preço desse privilégio apenas aumenta a minha apreciação e paixão.

(2) *A mensagem depende disso.* Amo pregar a graça. Minha dependência pessoal da graça me predispõe a uma dieta de pregação repleta de graça. Deixaria imediatamente a pregação da santidade para os pregadores da TV com seus murros no púlpito.

Mas estou comprometido com um ministério bíblico. Quanto mais estudo as Escrituras, mais estou consciente de que minha afeição pela graça não permite uma aversão correspondente pela santidade. Graeme Goldsworthy expressa isso assim: "O evento do evangelho não é um repúdio da lei; é sua expressão mais

perfeita". (.*Preaching the Whole Bible as Christian Scriptnre* [Eerdmans, 2000], p. 159). O tratamento aparentemente suave que Paulo dá à lei não deveria ser entendido como ambivalência. Antes, é uma função da sua localização na história da salvação.

Mas Goldsworthy também descreve sermões moralistas que são dissimulados como bíblicos quando, na verdade, são apenas legalistas. Mesmo textos que oferecem instruções éticas precisam ser lidos no contexto do evangelho. A pregação que enfatiza obediência mais do que graça não é pregação do evangelho.

> Dizer que devemos ser ou agir e não associar isso a uma clara exposição do que Deus fez acerca da nossa incapacidade de ser ou agir perfeitamente segundo a vontade dele é rejeitar a graça de Deus e conduzir as pessoas à lascívia depois da auto-ajuda e do auto-aperfeiçoamento de tal forma que, se queremos chamar uma pá de pá, isso é iníquo.

(3) *O ouvinte depende disso.* Os ouvintes têm ouvidos para o som estéreo. Posso ouvir um sermão pungente, mas apenas por pouco tempo. O discurso bombástico como homilética tem vida curta. Similarmente, um sermão doce pode fazer meu coração se elevar, mas apenas em moderação. O que é doce logo se torna grudento e fica além da minha capacidade de desfrutá-lo ou me beneficiar disso.

Há algumas almas afetadas que vêm à igreja para que sejam surradas. Essas são aquelas que vêem o sermão como penitência, que não entenderam o evangelho como graça. Há outras que preferem o pastor que acredita que se você não consegue dizer nada bonito, então nem deve se levantar para pregar. Esses ouvintes são crianças crescidas às quais falta a maturidade para valorizar o som pleno do estéreo.

A maioria dos ouvintes cresceu para saber que o pecado tem suas conseqüências. Ajudá-los a apreciar isso como uma parte da constituição da vida sob a orientação de Deus os preparará para ouvir que o amor tem seus privilégios, e que a graça é a tônica para a nossa incapacidade de obedecer. Pregadores que preenchem a mensagem da santidade com a mensagem doadora de vida da graça encontraram a freqüência pela qual os ouvintes anseiam.

Parte cinco

ESTRUTURA

Como eu gero, organizo e sustento a idéia de forma clara?

Capítulo 87

SENDO LIBERTO DO MOLDE DE CORTAR BISCOITOS

Como o texto pode dar forma ao sermão

Haddon Robinson

Quando começamos a aprender a pregar, aprendemos uma forma em que moldamos os sermões como num esboço do tipo de três pontos preenchidos com tópicos. Mas, à medida que amadurecemos na nossa pregação, precisamos de mais flexibilidade nos nossos sermões para não entrarmos numa rotina entediante. Precisamos deixar o texto dar forma ao sermão, e não vice-versa.

O gênero literário e a forma de um sermão

O primeiro passo, nessa direção, sem dúvida, é compreender completamente o texto. Você pode falar de exegese, e isso pode soar frio e distante. As vezes quando as pessoas pensam em exegese, elas pensam na análise de palavras e expressões. Mas basicamente o que você está fazendo quando faz a exegese de um texto é realmente compreendê-lo — compreender o seu fluxo de idéias, como o autor está desenvolvendo essas idéias.

Assim, quando trato a literatura didática, como Romanos e Gálatas, analiso como o pensamento se desenvolve porque a tendência aí é que haja um fluxo lógico. Mas quando lido com uma parábola, não posso fazer isso. O perigo é trabalhar com uma carta e ver que Paulo dá três passos em um parágrafo específico nos quais eu consigo reconhecer esse desenvolvimento, e então prosseguir a uma parábola e tentar dizer que há três coisas que podemos aprender dessa parábola. Não perguntamos por que Jesus usou uma história em vez de simplesmente dizer: "Há três coisas que vocês precisam saber sobre a graça de Deus".

Parte da exegese é reconhecer que a forma da literatura deve ter alguma influência sobre a forma do sermão. Um sermão desenvolvido a partir da literatura didática (e.g., cartas) é diferente de um sermão desenvolvido com base em uma parábola ou um salmo ou na literatura narrativa do Antigo Testamento, porque os autores estão usando formas diferentes.

Por exemplo, se eu disser a você: "Era uma vez", o que você espera? Uma história.

Se eu disser: "Meus queridos, estamos reunidos aqui hoje", o que você espera? Um casamento.

Se eu disser: "O representante da primeira parte designa ao representante da segunda parte", o que você espera? Um documento legal, um contrato.

Se eu disser: "Havia três homens: um padre católico, um rabino judeu e um pastor batista", o que você espera? Humor.

Se eu disser a você: "Oh como te amo, quero contar quantas formas são", o que você espera? Poesia.

E se eu disser: "O Reino dos Céus é como", o que você espera? Provavelmente uma parábola. Você capta esse tom dos textos da Biblia.

Observe o que acontece. No momento em que eu lhe dou essas pistas, você prepara a sua mente para um desenvolvimento hermenêutico totalmente novo. Assim, se eu começo dizendo: "Era uma vez", e lhe conto uma historia, mas você reage como se estivesse analisando um documento legal, vamos ter um desencontro desastroso. Ou se eu começo dizendo: "A primeira parte deve à segunda parte", e estou tentando firmar um contrato legal, e você toma isso como poesia, vamos ter problemas no tribunal. Assim, há algumas regras básicas que são estabelecidas imediatamente com base na forma.

Percebemos isso facilmente na nossa língua, o português no caso. Todos carregamos essa grade hermenêutica conosco. Contudo, de alguma forma, quando vamos à Bíblia, não compreendemos isso. Assim, a primeira tarefa do pregador é compreender o texto segundo o que ele diz e como ele o diz, e não impor a minha própria grade a ele. Quando olho para um texto, preciso dizer exegeticamente: O *que está acontecendo aqui? Qtial é o gênero? O que o autor está fazendo?* Você precisa pressupor que o autor não escolheu simplesmente esse gênero porque qualquer gênero serviria. Se Jesus conta uma parábola, preciso estar consciente quando prego o sermão de que não posso tratar o texto como se fosse literatura didática. Para ser coerente com a Bíblia, preciso entender o gênero; isso faz parte da exegese. E diferentes gêneros e diferentes tipos de literatura têm diferentes regras.

Um tipo de grade que impusemos aos textos durante anos é a grade dos três pontos. Se tomo um salmo, observo três coisas que aprendemos acerca do sofrimento nesse salmo. Mas a primeira pergunta que você precisa fazer é: o autor bíblico está lhe fornecendo três coisas sobre o sofrimento? Aprendemos quatro coisas sobre a mordomia em Mateus 18 na parábola do administrador injusto (trata do homem que recebeu o perdão pelos milhões de reais que devia, mas não perdoou a dívida do seu irmão). Você toma algo como isso e poderia dizer: "Aqui há três coisas que aprendemos sobre a nossa obrigação para com Deus por causa da sua graça". Mas você precisa pensar: *É isso o que o autor bíblico está fazendo? Ele está fornecendo três coisas?* Depois que você chega à conclusão: *Oh não, não é isso que ele está fazendo,* então a pergunta é: *O que ele estáfaze?ido então? E como essa história está destacando o que ele está fazendo?* Isso é um aspecto importante de tomar o gênero literário, e então trabalhar para ver como você pode incorporá-lo no seu sermão.

Isso é algo bem diferente da abordagem do molde de fazer biscoitos, no qual sempre encaixamos o conteúdo em três pontos paralelos. Sempre fazemos o texto se adequar a isso. Alguns textos se encaixam, mas outros não. Você precisa evitar a síndrome do molde de fazer biscoitos por duas razões. Você fica entediado com sua própria pregação, e todo mundo já consegue prever a sua mensagem em termos da forma que você vai usar.

Seqüenciando os movimentos

Como devemos seqüenciar os movimentos num sermão? Sempre devemos começar do início do texto e processá-lo até o final? Exegeticamente, sem dúvida, você começa do início e estuda o texto até o final. Você precisa entender o que o autor está fazendo. Essa é a sua tarefa de casa. Não importa se você usará isso no púlpito ou não, mas precisa fazer essa tarefa de casa.

Aliás, há dois estágios principais de preparo. O primeiro estágio está relacionado ao estudo do texto e à descoberta da idéia-chave do texto, e o segundo estágio é a transmissão do texto. É perigoso fazer essas coisas ao mesmo tempo, isto é, ir ao texto sabendo que é sua vez de pregar no domingo. O problema é que você lerá o texto sob pressão. Você lerá o texto à busca do que é bom para pregar. Mas primeiro você precisa entender o texto.

Depois de compreendê-lo — compreender sua idéia básica, o seu desenvolvimento — então você pode pensar acerca da melhor maneira de transmiti-lo à igreja no domingo. E é aí que o sermão toma a sua forma e seu molde.

Se tenho uma parábola, sei que meu sermão precisa ter características de parábola. Às vezes, tomei uma parábola antiga e a transformei numa parábola do século XXI. Recontei-a de forma moderna e gastei parte relevante do sermão fazendo isso, porque a maioria das parábolas não depende da roupagem em que aparecem. O pai recebe com alegria o seu filho que volta do país distante e mata o bezerro cevado. Isso não está tão distante de pais hoje cujo filho foi para a cidade grande e que esperam uma carta ou notícia dele que nunca vem, e eles esperam ansiosos sempre que o telefone toca que seja o filho, mas ele não liga. E quando ele volta, e eles vão ao encontro dele, ele talvez esteja magro e tenha definhado e precise de roupa nova, e talvez seus sapatos estejam gastos, mas eles vêm e convidam os parentes e amigos para um grande jantar.

Essa história não depende da roupagem que a Bíblia lhe dá. Pense: *Posso transformar isso numa parábola moderna? Ou posso contar essa parábola antiga com um toque fresco?*

Quando tomo um salmo, eu me pergunto: *Por que Davi escreveu isso?* (se Davi é o autor desse salmo específico). *Por que ele escreveu isso? O que o poderia ter ocasionado?* Não estou falando acerca da situação histórica, mas de por que ele teria escrito isso. Não posso tratar isso como um argumento lógico. No sermão que eu pregar precisa haver um elemento poético na linguagem usada. Em geral, não posso tratar todo o salmo numa pregação — somente alguns salmos são progressões lógicas, mas eu quero que as pessoas sintam o que o salmista pode ter sentido e o que nós poderíamos sentir ao usarmos esse gênero particular.

Preciso prestar mais atenção na emoção e nas imagens do que no argumento lógico. Somos melhores nisso do que imaginamos. O problema é que, de alguma forma, vamos à Bíblia e pensamos em pregar um sermão. Saímo-nos melhor quando pensamos em nós mesmos como transmitindo a idéia-chave do texto bíblico. Às vezes penso que realmente nos sentimos machucados ao pensar em pregar um

sermão porque temos uma determinada forma na cabeça de como deve ser um sermão. Prefiro dizer que qualquer forma que você puder usar que realmente transmita a idéia e o desenvolvimento desse texto é perfeitamente legítima.

Mas não podemos nos limitar a falar sobre como o texto dá forma ao sermão; também precisamos falar sobre a platéia e como ela dá forma ao sermão e como ela seqüencia o movimento. Há duas questões que você enfrenta aí: precisa ser fiel ao seu texto bíblico, mas também precisa ser fiel à sua platéia. Em algum ponto do preparo, você precisa perguntar: *E daí? Que diferença isso faz?*

Quando ouvintes do século XXI entram em contato com esse texto, que perguntas eles fazem? Talvez eles perguntem acerca do texto: *O que isso significa?* Paulo pode ter pressuposto que seus ouvintes soubessem o que ele queria dizer, mas os ouvintes do século XXI talvez não saibam. Ou talvez perguntem: *Isso é verdade? Eu realmente creio nisso?* Pode soar estranho e distante para eles.

Pode haver partes de um texto que passarei rapidamente porque há uma outra parte com que realmente quero gastar mais tempo visto que sei que minha platéia precisa dele. Não posso tratar tudo no texto com a mesma ênfase numa mensagem de 30 minutos. Com freqüência, preciso decidir que as coisas que realmente quero destacar aparecem nos últimos versículos. Tenho de mostrar às pessoas como Paulo, Pedro ou Tiago chegaram aí, mas esse é o lugar onde quero aterrissar, porque essa é a coisa mais importante para a minha platéia, na minha opinião. Assim, a sua platéia ajuda, sim, a dar forma ao seu sermão.

Depois de trabalhar com o texto e obter a idéia exegética, isto é, o que Paulo estava escrevendo aos romanos, tento colocar isso num molde moderno e formulá-lo em termos do século XXI. Então me pergunto: *Qual é o meu propósito com este sermão? O que estou tentando realizar?* Pessoas que fazem pregação expositiva às vezes omitem essa parte. Elas não perguntam por que estão pregando esse texto. Sua resposta é: "Eu estava pregando Efésios 2 na semana passada, e agora estou em Efésios 3". Mas isso não é um propósito; isso é só a maneira em que você chegou aí. Por que você está pregando esse texto?

Assim, vou esboçar rapidamente o que quero fazer na conclusão. Talvez eu tenha de apurar isso, mas já sei aonde quero chegar. Então decido como quero começar. O quanto posso me aproximar da minha platéia? Depois de fazer isso, eu digo: *Qual é a primeira coisa que eu preciso dizer? Com base em todo o estudo que fiz, qual é a primeira coisa que tenho a dizer? Qual é a coisa seguinte? E a seguinte?* Eu anoto isso num pedaço de papel para obter a seqüência das idéias. Antes de fazer qualquer esboço, quero saber o fluxo das idéias, a forma em que esse sermão se desenvolverá.

Ao trabalhar com isso, o fluxo assumirá formas diferentes, e diferentes sermões têm diferentes fluxos. A idéia-chave do texto é semelhante a uma árvore. Ela tem as suas próprias folhas e frutos. Você não amarra as laranjas à árvore. Elas simplesmente crescem. Assim você se pergunta: *Como posso desenvolver isso para*

que esteja em harmonia com o texto, e, ao mesmo tempo, como posso fazê-lo da forma mais interessante e envolvente?

Diversidade

Um sermão tende a dar forma a si mesmo. À medida que você se familiariza com sua platéia e com seu texto, começa a ter uma percepção de que isto deve ser usado no começo e aquilo deve levar a mensagem adiante.

Ocasionalmente olho e digo: "Sim, há três coisas que vou dizer". Então esse tópico pode ser considerado completo. Levantarei a questão na introdução e então cada ponto será a continuação dele.

Outras vezes, olho e chego à conclusão de que tratarei o tópico de forma dedutiva e enunciarei a idéia toda naquela introdução. Depois, então, ou explicarei a idéia, a provarei ou a aplicarei. Para mim, na maioria das vezes me atenho a essa idéia do texto o maior tempo possível. Então, só no final, ou quase no final, é que claramente afirmarei qual é a minha idéia porque quero manter a tensão o máximo possível antes de afirmá-la. E assim que funciona a minha mente.

Mas os sermões tomam formas diferentes. As vezes olho para um texto e penso que a melhor forma de transmitir a sua idéia é fazer uma narrativa em primeira pessoa.

Mas independentemente de como desenvolvo as idéias, quero adiar, se possível, a resolução. Se você e eu estivermos conversando e eu lhe disser: "Quero contar a você o que eu aprendi com o Flamengo", e nós não estivermos falando de futebol, você talvez até seja educado comigo e talvez diga: "Está bem. O que você aprendeu?". Mas quase instintivamente digo a você: "Passei um tempo no Rio e aproveitei para assistir aos jogos do Flamengo. Enquanto estive torcendo pelo Flamengo, aprendi algo que acho que é uma idéia muito útil para a vida. Vai muito além do futebol e do Flamengo". Veja, o que estou tentando fazer é motivar você a prestar atenção.

Se eu conseguir cativar o seu interesse — se você disser: "Bem. Então, o que você aprendeu?" — posso contar a você já em seguida o que aprendi. Mas é mais provável que eu diga: "Deixe-me explicar um pouco do Flamengo para você. Esse time não ganha um campeonato nacional há quase 20 anos. E difícil encontrar um torcedor hoje que esteve presente na última vez que tiveram essa conquista. E se estiveram, estavam no colo do pai".

Não contarei a você já de cara qual é a lição que aprendi, mas contarei a você toda a frustração pela qual passaram os torcedores do Flamengo. Eles chegaram a pensar que havia uma maldição sobre eles. E aí eu chego ao final dessa história e digo: "Veja só o que aprendi. Se você acredita que há uma maldição sobre a sua vida, você vai viver como se de fato houvesse uma maldição sobre a sua vida".

Instintivamente mantemos esse tipo de tensão quando contamos histórias reais. As pessoas que contam histórias enfadonhas contam a graça da história antes do seu final.

Capítulo 88

DIGA E FAÇA

Como escolher uma forma de sermão que ajude os ouvintes a terem uma experiência da verdade

Fred Craddock

Nem todos os sermões têm a mesma forma. Houve grandes pregadores cujos sermões geralmente tinham a mesma aparência. O conteúdo e a disposição mental variavam, mas a estrutura sempre tinha exatamente a mesma aparência. Frederick W Robertson de Brighton, por exemplo — na minha opinião, o maior pregador da língua inglesa — pregava sermões que quase sempre tinham dois pontos; a estrutura era a mesma. Mas a maioria de nós não deveria tentar montar o mesmo cavalo em todas as corridas. A estrutura do sermão deveria ser adequada ao texto, à mensagem do sermão e à experiência a ser criada.

Se estou ensinando, usarei uma forma didática que forneça repetições, claras afirmações de resumo, talvez uma lista. Às vezes você está simplesmente ensinando num sermão, mas em outros sermões você está tentando criar uma nova experiência. Alguns sermões servem para encorajar, desafiar, inspirar, persuadir, corrigir, esclarecer. O que você está tentando fazer?

Certa vez, examinei o sermão de um estudante que estava usando um texto do tipo ou-isso-ou-aquilo: "Escolham hoje a quem irão servir" (Js 24.15). O texto deveria ter fornecido a estrutura para o sermão — ou-isso-ou-aquilo — mas o estudante tinha preparado três pontos. Essa estrutura não era adequada ao texto. Não era adequada à intenção do sermão.

Se alguém está se propondo a criar ou recriar a experiência de um texto, o texto fornece a forma, porque quando estamos pregando, não estamos somente *dizendo* algo, estamos *fazendo* algo. Suponha que o seu tópico seja a liberdade. O que fazemos não é simplesmente ir ao dicionário na busca de definições da liberdade. Queremos pregar um sermão que forneça a experiência das coisas de que estamos falando. Os bons sermões fazem aquilo de que estão falando e falam daquilo que estão fazendo.

O pregador vai às formas que estão no próprio texto primeiro. Mesmo que seja difícil seguir a forma de alguns textos como forma de proclamação, esse sempre é o lugar de se começar. Se não sigo a forma do texto na forma do sermão, certamente quero escolher uma forma que seja adequada à mensagem e experiência do texto.

Isso se aplica a qualquer texto. Alguns são mais difíceis do que outros, especialmente em Provérbios (porque são tão breves e definitivos). Quando um texto é tão conclusivo, é difícil pôr alguma coisa em andamento. Um provérbio é uma conclusão, um lugar difícil em que começar um sermão, embora muitos sermões

façam isso. Você pode perceber quando a introdução foi a primeira coisa do sermão que o pregador preparou, pois quase tudo é citado na introdução. O restante do sermão é apenas um gotejamento até o final.

Adotar a forma de narrativa para o sermão não quer dizer que o sermão tem de ser uma história, como a história de Davi. Não significa que você precisa contar histórias. Nem todos conseguem contar bem uma história, embora muitos consigam contá-la melhor do que nós. Um sermão em forma de narrativa é simplesmente o sermão que cria a porção apropriada de expectativa. A mensagem pode ter um esboço estruturado — 1, 2, 3 — e, mesmo assim, ser classificada como narrativa porque o movimento mantém o interesse dos ouvintes até o fim. Tal sermão não precisa estar cheio de ilustrações e histórias para ser narrativo na sua dinâmica. Ele simplesmente traz embutido na sua estrutura aquele importante ingrediente da expectativa.

A chave para se ter uma forma eficaz de sermão é saber o que se quer dizer antes de começar a introduzir isso no sermão. Em outras palavras, deixe que o estudo para chegar à mensagem e o preparo da forma do material sejam estágios distintos. Isso libera a minha imaginação para perguntar: *Como vou transmitir isso?* O sermão está livre então para assumir uma diversidade de formas. Nem sempre tenho a mesma estrutura, o mesmo velho esboço que resulta de cozinhar o texto tanto que reste o seu ponto essencial, para depois detalhar os aspectos desse ponto. Isso nem sempre é adequado à experiência que as pessoas têm das Escrituras.

Quero estar livre com respeito à forma. *Como é que eu vou dizer isso?*

Capítulo 89

CONECTANDO O CONTEÚDO BÍBLICO COM OS OUVINTES CONTEMPORÂNEOS

Um modelo de dois estágios

Mike Yearley

Como você faz para que seus sermões conectem com a cultura, porém permaneçam sermões profundamente bíblicos? Na Igreja Evangélica Livre de North Coast, ao norte de San Diego, o pastor coordenador e eu desenvolvemos um modelo ao longo dos anos para atingir esse propósito. É um modelo em dois estágios. Como alvo do nosso ensino, apontamos para os cristãos, mas trabalhamos duro para extrair o jargão típico (o "cristianês") que, como cristãos de muitos anos, às vezes usamos, e para tornar isso atraente aos compradores de vitrine, os incrédulos que com freqüência vêm à nossa igreja. Trabalhamos duro para expressar isso na língua deles.

Começamos cada sermão com a exposição do texto todo. Isso talvez tome 10 ou 15 minutos; essa prática conecta os ouvintes com o texto e a Bíblia. Em segui-

da, falamos das lições de vida que podemos extrair do texto. Nesse ponto, a coisa já se torna prática. Os pontos surgem principalmente no próprio texto, mas tratam de como viver a vida crista.

Fizemos uma mudança há alguns anos que tem sido muito útil. Nos nossos primeiros anos, víamos o nosso alvo como ensinar a Bíblia, e assim gastávamos bem mais tempo explicando nuanças do texto. Mas à medida que os anos foram passando, mudamos, assim o nosso alvo agora é ensinar as pessoas a viverem a vida cristã com a Bíblia como sua autoridade. Sempre que preparamos uma mensagem, perguntamo-nos: *Estou realmente explicando às pessoas como viver a vida cristã nesse tópico específico?*

Ao passarmos um texto, o nosso alvo principal é ajudar as pessoas a seguir o fluxo de idéias do autor. Na abordagem mais tradicional, você talvez gastasse mais tempo falando sobre as línguas originais ou comentando as formas em que as conjunções conectam as diferentes partes de um versículo. O nosso alvo é menos técnico. E imergir as pessoas no texto para que elas consigam entendê-lo, é torná-lo conhecido enquanto o estudamos. Numa mensagem de 40 ou 45 minutos, depois dos 10 ou 15 minutos de explanação do texto, temos 25 minutos para falar sobre os princípios de vida.

Assim, na maioria das nossas mensagens, essa mudança é perceptível. Observamos um texto e depois aplicamos os princípios de vida. Talvez haja três, cinco ou seis princípios de vida. Esses pontos são orientados para a aplicação. Em vez de fazer comentários acerca do texto, fazemos comentários acerca da nossa vida. E como se você e eu estivéssemos juntos para uma xícara de café e falássemos sobre esse tópico do dia, e eu tivesse cinco coisas que considero importantes para você acerca de como viver a vida nessa área. Cada um desses pontos é apresentado de forma agradável para que cada pessoa, cristã ou não, possa entendê-lo e se apropriar dele.

Talvez você esteja pensando em como mantemos as pessoas concentradas quando estamos focalizando nossa atenção no texto durante aqueles primeiros 15 minutos sem sermos explicitamente relevantes para as necessidades percebidas pelos ouvintes. Isso não tem sido uma dificuldade para nós. Com freqüência começamos com algumas frases acerca do tópico do dia e da razão de sua importância, assim há um gancho já no início. A medida que estudamos o texto, também fazemos algumas aplicações práticas, comentários marginais aqui e ali. Ou seja, não é que estamos fazendo uma exegese profunda do texto.

Podemos começar dizendo: "Hoje vamos estudar um trecho que nos ajuda a compreender os cinco princípios de como praticar esse conceito na nossa vida". Assim as pessoas estão conosco desde o início; não é que durante a parte da exposição as pessoas estão entediadas e caindo no sono e daí, de repente, quando chegamos à parte prática — boom — elas estão conosco novamente. Elas estão conosco o tempo todo.

E nos esforçamos ao máximo para fazer analogias contemporâneas do texto. Por exemplo, há algumas semanas eu estava pregando em Lucas 24. Estamos pregando uma série atualmente sobre encontros inesquecíveis com Deus. Eu estava pregando a mensagem: "A estrada para os Ah has", aqueles momentos em que a luz se acende para nós em uma área específica.

A medida que passei o texto, falei sobre como os discípulos estavam deprimidos. O seu mundo havia desmoronado. Eles tinham acreditado em Jesus. Eles tinham pensado que ele era o Messias prometido, e agora tinha sido crucificado. Era a tardezinha do domingo de Páscoa, e talvez se sentissem como muitos se sentiram depois da tragédia do 11 de setembro, quando ficamos pensando, assustados, para onde a vida estava nos conduzindo.

Esses dois discípulos estavam fazendo uma caminhada de aproximadamente dez quilômetros — e em vez de dizer Emaús, eu disse Bonsall, uma cidade na nossa região que fica a mais ou menos dez quilômetros daqui. E uma cidade pequena de 500, talvez 1.000 habitantes. E o tipo de lugar que você nem percebe quando passou. Assim, no momento em que eu disse Bonsall, isso pegou a platéia de surpresa. Houve um momento de humor ali. Rimos juntos. Então, passar um texto não é como sentar na classe do seminário e estudar linha por linha. E mais uma forma coloquial de contar histórias. Estamos intercalando humor e aplicação ao longo do processo.

Durante o processo de observação do texto, também destacamos versículos-chave. Às vezes digo: "Este versículo é muito importante. Eu quero que vocês o sublinhem porque vamos voltar a ele depois". No período de exposição da mensagem de Lucas 24, destaquei como Deus tinha escondido quem Jesus era dos olhos dos discípulos. Falei de momentos na nossa vida em que Deus esconde algumas verdades de nós porque não estamos preparados para elas. Há outros momentos em que ele revela certas verdades, como quando os dois discípulos perceberam quem era Jesus durante o partir do pão, e também quando Jesus apareceu no cenáculo e abriu a mente deles para compreenderem as Escrituras.

Aí fiz a transição: "Vimos como funcionaram os momentos de 'ah ha na vida dos discípulos, mas agora queremos falar sobre como Deus usa esses momentos de ah ha' na nossa vida para nos tornar semelhantes a Cristo". Essa mensagem específica tinha três pontos. O primeiro foi que os momentos de 'ah ha na nossa vida são necessários para nos tornarmos seguidores de Cristo. Falei especificamente aos visitantes, compradores de vitrine como, ao investigarmos o cristianismo, às vezes olhamos para ele como se nós mesmos pudéssemos ligar a luz e tomar essa decisão. Mas, na verdade, sempre que uma pessoa vem a Cristo, Deus está abrindo os seus olhos para as verdades espirituais.

O segundo ponto foi que são necessários os momentos de "ah ha" para nos tornarmos parecidos com Cristo. Não precisamos somente que Deus acenda a luz quando aceitamos a Cristo, mas isso deve ser parte constante da nossa experiência

cristã. Não é algo que acontece duas ou três vezes na nossa vida. E nesse ponto conectei com a congregação, porque eu sei que uma coisa que os membros dizem com freqüência é: "Cara, durante aquela mensagem eu achei que você estava falando só pra mim". Assim, eu disse: "Às vezes você está no culto e você se sente como se o pastor estivesse falando diretamente a você. O que é isso? É o Espírito Santo dando a você um momento de 'ah ha'. Há épocas em que você está lendo a Bíblia e você cruza com um texto que talvez já tenha lido muitas vezes, mas, de repente, ele pega fogo no seu coração. Parece que está marcado e sublinhado na sua Bíblia". Assim, citei algumas ilustrações sobre como isso é parte normal da vida cristã.

O ponto final naquela mensagem era que devemos agir com reação aos momentos de ah ha'. Geralmente, quando chegamos a esses momentos, ou nós os aproveitamos ou os perdemos. Falei sobre como é importante, quando Deus nos dá um momento de "ah ha" em alguma área da nossa vida, que coloquemos isso em prática, e se o fizermos, Deus nos dará mais momentos de "ah há" e vamos receber mais clareza. Mas se não usarmos os nossos momentos de "ah ha", perderemos até os que já experimentamos.

Alguns textos não têm uma aplicação óbvia do que um cristão pode fazer. Talvez simplesmente destaquem um atributo de Deus. Quando falo de ensinar as pessoas a viver a vida cristã, refiro-me a isso no sentido amplo. Não estamos somente falando de nos tornarmos melhores maridos ou melhores funcionários. Também estamos falando de questões de conhecimento, tais como quem é Deus, quem somos nós e como devemos nos relacionar uns com os outros. Todos esses conceitos teológicos são críticos ao falarmos de como devemos viver a vida cristã.

Praticamente todas as verdades sobre a vida têm implicações sobre como se deve viver a vida, e a tarefa do pregador é encontrar essas implicações e explicá-las claramente de forma tal que as pessoas as compreendam na linguagem de hoje.

Há muitas vantagens em se adotar esse modelo de pregação de dois estágios. Primeiro, leva as pessoas à Bíblia. Um dos desafios que temos hoje é conectar-nos com pessoas que são bíblicamente analfabetas, contudo todos cremos que a Bíblia nos apresenta o caminho da vida. Assim, um dos grandes valores desse método é que ensina as pessoas a ler a Bíblia.

Segundo, é prático e relevante. Especialmente na nossa cultura hoje, as pessoas não toleram algo que não seja relevante num futuro próximo. Elas não querem o conhecimento só pelo conhecimento em si.

Um terceiro benefício é que gastamos mais tempo ensinando a Bíblia progressivamente. Por exemplo, recentemente concluímos uma série em 1 Corintios que teve a duração de 31 mensagens. Às vezes, depois de fazermos uma série como essas, conduzimos um estudo temático. Mas mesmo aí o estudo não é temático no sentido de "vamos falar sobre o casamento". É temático no sentido de que falamos, por exemplo, de grandes salmos. Ou tratamos de homens e mulheres na Bíblia que são bons ou maus exemplos. Chamamos isso de "Heróis e Vagabundos".

Outro benefício é que você não pode voltar sempre aos seus tópicos prediletos, aquelas oito coisas de que você gosta de falar. Isso força você a buscar relevância nas Escrituras de maneira que talvez não teria buscado se não fosse assim. Assim, você serve às pessoas uma dieta muito mais equilibrada porque não está só escolhendo os seus tópicos de antemão e depois fala sobre eles. O próprio texto está ditando os tópicos.

Alguns pregadores expositivos usam uma abordagem em que, se ensinam sobre Lucas 24, começam explicando o versículo 1, e então fornecem alguma aplicação ou fazem um comentário sobre esse versículo. Depois avançam para o versículo 2, e então dão alguma aplicação ou comentário sobre o versículo 2. Assim eles entrelaçam exposição e aplicação versículo por versículo por todo o texto.

Essa abordagem pode ser muito boa, sem dúvida. Muitos a usaram com sucesso. Mas uma das desvantagens é que talvez você vá querer cobrir tópicos demais em uma mensagem. Você fala sobre o versículo 1, e ele sugere uma aplicação prática. O versículo 2 também sugere algo a você. Assim, você acaba falando de 17 diferentes tópicos numa mensagem, e só teve um minuto ou dois para se aprofundar em cada um. A vantagem do método que usamos é que ajuda você a desenvolver um tópico com certa profundidade, contudo lhe dá a habilidade de falar sobre cinco ou seis tipos diferentes de aplicações de vida que podem atingir uma diversidade de pessoas na congregação.

Nós temos a grande vantagem de um período longo de ensino de 40 ou 45 minutos — mas em muitas igrejas o tempo para a mensagem é de 20 minutos, talvez 25. Nesse caso, você tem de limitar o número de pontos, que é algo que nós já fazemos assim mesmo. Por exemplo, naquele sermão do "ah ha" eu tinha cinco ou seis pontos no início, mas depois de estudá-los, senti que só teria tempo para três deles por causa da forma em que precisava desenvolver esses três. O pregador com tempo menor talvez só consiga tratar um ou dois pontos. Eu consegui passar a maior parte de Lucas 24 na minha exposição. Com menos tempo, talvez eu só teria passado 12 versículos.

Esse modelo requer a habilidade de tornar contemporâneo o texto bíblico à medida que você o explica, a habilidade de extrair a linha de pensamento do texto todo e a habilidade de extrair de um trecho maior das Escrituras dois a quatro princípios de aplicação.

Além disso, temos de desenvolver a paixão para comunicar na linguagem do povo. Nós tentamos analisar nossos sermões e desbastar deles qualquer coisa que tenha cheiro de "evangeliquês" ou "igrejês". Normalmente não usamos palavra como santificação ou esplendor. Parte disso é disciplina e habilidade. Quando você está planejando o seu sermão, pergunte-se: *Se eu fosse explicar isso ao homem da rua, será que ele me eyitenderia?*

Isso é algo que exige trabalho. Requer contato atualizado com a cultura. Sempre estou à busca de dizer coisas espirituais na linguagem e na ginga da nossa

cultura. Anteriormente falei sobre "usar ou perder". É uma expressão comum. Na nossa igreja, trabalhamos duro para tomar uma verdade espiritual e encontrar formas coloquiais que expressem essa verdade.

Queremos distância da oratória. Queremos distância da sensação do sermão. Queremos que ele transmita o clima de uma conversa, mesmo que possamos ser diretivos. Se o nosso alvo é pregar uma mensagem que seja culturalmente relevante, então a nossa linguagem e nossas ilustrações também precisam ser culturalmente relevantes.

Capítulo 90

CLARAMENTE

Como pregar para que todos entendam

Haddon Robinson

Quando Napoleão enviava os seus mensageiros, ele lhes dava três instruções: sejam claros, sejam claros e sejam claros. Os pregadores que querem fazer simplesmente isso enfrentam três desafios.

Primeiro, há a tendência de perambular pela Bíblia toda, incluindo todo o tipo de coisas para reforçar o que estamos dizendo. Acabamos dizendo demais, e, como resultado, transmitindo muito pouco. Começamos caçando ursos, mas somos facilmente distraídos por algumas lebres que também gostaríamos de caçar. Depois de pouco tempo, estamos caçando isso e aquilo e já esquecemos do urso do começo da nossa caçada. Portanto, menos é mais.

Também enfrentamos os desafios da comunicação oral. Os pregadores precisam desenvolver a clareza porque faltam à palavra falada alguns auxílios embutidos na linguagem escrita. Quando você está escrevendo, pode usar algumas divisões de parágrafos, sinais de pontuação, subtítulos e expressões entre aspas. Você não pode fazer isso quando prega. Além disso, se não capto na primeira vez o que o pregador está dizendo, não posso voltar e rever mentalmente; se eu tentar, não vou ouvir o que ele está dizendo agora. O pregador tem a responsabilidade de ajudar a sua congregação a pensar claramente.

A pessoa que escreve o seu sermão por inteiro no esforço de ser claro, com freqüência pode causar o efeito contrário por causa do estilo escrito. Se isso é assim, como então podemos reduzir a distância entre a clareza entre nossas anotações e a clareza na nossa apresentação?

Comece sendo claro no seu tópico. Depois de processar suas anotações, você precisa ser capaz de responder a duas perguntas. Primeira: "Sobre o que estou falando?". Você precisa ser capaz de formular em termos precisos e definidos do que trata o sermão. Por exemplo: "Por que eu devo me comprometer?" ou: "Onde posso servir a Cristo de forma mais eficiente?". Chamamos a isso de tópico, mas, na verdade, é a resposta à pergunta: "Do que estou falando?".

Depois, você deve ser capaz de responder à pergunta seguinte: "O que estou dizendo sobre o tópico que estou tratando? Quais são as afirmações principais que estou fazendo sobre essa pergunta?". Às vezes nos falta a clareza porque não definimos essas duas coisas antes de chegarmos ao púlpito.

Os pregadores expositivos precisam responder a mais uma pergunta: "Qual é o meu propósito?". Os pregadores temáticos têm a vantagem de terem um propósito, com freqüência embutido diretamente no seu título. O pregador expositivo, no entanto, tende a começar e terminar com o texto, nunca respondendo à pergunta: "Por que você está pregando este sermão neste domingo?". O fato de que você precisa ocupar o púlpito num horário definido no domingo não é suficiente.

Um bom esboço sempre contribui para maior clareza. Você pode usar o esboço para preparar o sermão como você faria com uma conversa, assim que cada ponto esteja associado ao que vem antes. Por exemplo, se você está pregando um sermão sobre o perdão, a introdução pode tratar da razão pela qual você está pregando esse tópico. No primeiro movimento, você poderia dizer: "O perdão é necessário". O segundo poderia ser: "Mas mesmo que o perdão seja necessário, com freqüência achamos que é difícil perdoar". O terceiro poderia seguir assim: "Mas eu tenho boas notícias. Por difícil que o perdão seja, os cristãos podem ser extravagantes nele porque somos seguidores de Jesus Cristo".

Esses três movimentos do sermão podem ser lidos como uma conversa e não como três afirmações distintas. Isso permite que você tenha um esboço, mas que não é tão ossudo como um esqueleto. Também reconhece o fato de que o esboço do tipo "uma-duas-três coisas que eu tenho a dizer" é menos popular hoje. As vezes é isso que você quer se o seu propósito deve ser claro. Mas se todos os seus sermões tomarem essa forma, podem se tornar entediantes.

Outra forma de acrescentar clareza ao sermão é, primeiro, orientar a platéia claramente acerca do corpo do sermão já na introdução. Um pregador pode dizer no final da introdução: "Deus às vezes cumpre as suas promessas ao fazer milagres ou fazer milagres em nós". Mas se isso é tudo que ele vai dizer, as pessoas já têm o sermão. Se ele perguntar: "O que exatamente significa dizer que Deus faz milagres ou faz milagres em nós?", ele garante que a mudança gere clareza, porque a igreja tem a idéia toda, e o pregador tem a oportunidade de esclarecer a idéia por meio do corpo do sermão.

Você também pode acrescentar clareza ao reafirmar as idéias-chave. Suponha que você comece dizendo: "Queremos falar hoje sobre como conhecer a vontade de Deus". Continue a reafirmar essa idéia algumas vezes: "Quando estamos confusos acerca do que Deus quer de nós, como podemos determinar a direção dele para a nossa vida? Como podemos descobrir a vontade de Deus?". Isso parece dar trabalho quando você está pregando, mas reafirmar o tópico diversas vezes de formas diferentes torna-o claro na mente das pessoas.

Além disso, evite pronomes que exijam dos ouvintes lembrarem o antecedente. Por exemplo, em vez de dizer: "A segunda coisa que precisamos fazer é consultar a

Bíblia", inclua o tópico ao qual está se referindo: "A segunda coisa que precisamos fazer ao tentar determinar a vontade de Deus é consultar a Bíblia". Para você pode parecer claro a que se refere a "segunda coisa", mas essa falta de precisão requer que o ouvinte lembre a referência anterior, possivelmente diminuindo a clareza.

Você também pode dar à platéia um mapa para mostrar o caminho que está percorrendo. Suponha que você esteja pregando sobre o tema do relacionamento entre os cristãos e o governo em Romanos 13.1-7. Você pode dizer: "Os cristãos precisam ser submissos ao governo. Os cristãos precisam obedecer ao que o governo exige. Quero falar sobre a base dessa ordem. Quero falar sobre como mostramos submissão ao governo; quais são as implicações para a vida diária. Em terceiro lugar, quais são as exceções, se é que há, dessa ordem". Ao começar dessa foram, você deu às pessoas um mapa da estrada para que elas possam acompanhar você.

Se o tópico for interessante, as pessoas quase automaticamente começam a formar perguntas. Se você diz antecipadamente o caminho que está percorrendo no mapa e promete que antes de terminar vai tratar daquela pergunta, isso faz essa pergunta descansar por um momento assim as pessoas podem ouvir o restante do que você tem a dizer.

A pregação visual auxilia na clareza. Usamos ilustrações porque elas tomam um conceito abstrato e o fundamentam na vida. A boa ilustração pinta um retrato na mente das pessoas; gera clareza e compreensão. Pregadores fracos dizem constantemente: "Bem, em outras palavras", para esclarecer algo que não está claro. Pregadores melhores substituem por: "Por exemplo", "Veja este caso", ou: "Deixe-me ilustrar". Dar seqüência a uma afirmação abstrata com um: "Por exemplo", aumenta a clareza.

Também é fundamental usar uma história que realmente ilustre o ponto. Todo pastor conhece a tentação de contar uma história porque causa impacto. Mas se a história não lança luz sobre o ponto, então reduzirá a clareza, porque leva a platéia a se concentrar na conexão da ilustração com o sermão, e não no ponto do sermão.

Outra prática que reduz a clareza é a tendência de começar com o texto e depois dar explicações sobre o pano de fundo. Imagine o seguinte cenário: "Você guarda segredos? Cada um de nós vem a este auditório com segredos. Alguns são difíceis de guardar. Alguns assustam você. No Salmo 51, Davi guarda um segredo. E ele fala com Deus sobre o seu segredo. Ele pecou contra uma mulher chamada Bate-Seba; ele cometeu adultério com ela. E ele tentou acobertar esse pecado ao matar o marido dela, Urias. Ao tentar acobertar as coisas, ele se sentiu muito culpado. O seu segredo o sufocou. Agora neste texto ele nos conta como podemos lidar com a nossa culpa". Essa é uma forma longa de abordar o tema, e é a forma errada de fazê-lo.

Uma abordagem melhor é explicar o pano de fundo ou contexto antes de anunciar o capítulo e o versículo. "Você tem segredos. Todos nós temos segredos. Davi tinha segredos. O pecado que ele cometeu com Bate-Seba e o assassínio de Urias foram os segredos de Davi. Ele ficou sobrecarregado pela culpa disso. Mas

ele teve de enfrentar essa culpa. Agora, no Salmo 51, vemos como Davi lidou com a sua culpa diante de Deus".

Quando você se refere a um texto, as pessoas começam a procurá-lo na Bíblia, e elas esperam que você comece a tratar do texto já em seguida. Mas se depois de anunciar a referência você continua a explicar demoradamente o pano de fundo da culpa de Davi e como ele lidará com ela, e só depois vai ao texto, isso acaba se tornando uma seqüência confusa para o ouvinte. É melhor você explicar questões da época, contexto bíblico e o tópico primeiro. Depois anuncie o texto bíblico e trate dele imediatamente.

As transições, às vezes, tornam-se uma parte desafiadora para a clareza de um sermão. As transições são difíceis porque se a mensagem está clara para você, a sua tendência é não esclarecê-la para a platéia. A idéia é tão evidente para você que você não acha que seja importante fazer a ponte. Uma boa transição, no entanto, recapitula o que já foi dito. Ela leva você de volta ao tópico do sermão e, depois, anuncia o que está por vir. Uma boa transição firma na mente das pessoas o ponto que você está por destacar.

Uma forma em que você pode realizar a transição de um ponto para outro é fazendo perguntas. Suponha que no seu primeiro ponto você tenha falado de tomar a cruz e seguir a Jesus. Na transição, você pode dizer: "Bem, isso já está bem claro, não é verdade? Diz que precisamos tomar a nossa cruz e seguir a Jesus. Como é isso na prática, tomar a cruz e seguir a Jesus? O que significa carregar a cruz na sua empresa ou em casa?". As perguntas de transição podem ajudar você a avançar para o ponto seguinte com clareza.

Que parte a conclusão pode ter para ajudar na clareza? Uma conclusão forte leva o seu sermão a um foco intenso. Ela pode ajudar você a voltar à pergunta que fez na introdução, dando à platéia alguma satisfação e fechamento.

É difícil, no entanto, que uma conclusão salve um sermão obscuro. A conclusão pode salvar um sermão no sentido de que torna claros os últimos cinco minutos, mas ela geralmente não pode criar clareza retroativamente. Pode até destacar o ponto e ilustrá-lo, mas ainda assim pode ser que os seus ouvintes não tenham entendido o que você disse nos primeiros 25 minutos.

Capítulo 91

HABILIDADES DE CLAREZA ORAL

Escrever com clareza e falar com clareza são duas coisas distintas

Don Sunukjian

Há alguns anos, eu estava ouvindo a mensagem de um estudante na classe. Em alguns minutos, eu estaria conduzindo a discussão na classe sobre essa mensagem. Mas eu não tinha idéia alguma do assunto de que o estudante estava falando.

Tinha uma cópia do esboço do sermão do estudante na minha mesa, assim, de vez em quando olhava para ele, procurando alguma ordem para que eu pudesse conduzir uma interação proveitosa depois. Para meu espanto, o esboço do aluno era excelente — uma progressão lógica, com subordinações adequadas e unidade geral clara. O estudante tinha uma mente brilhante. Por que eu não estava conseguindo seguir o seu raciocínio?

Foi aí que comecei a descobrir que a clareza na comunicação oral é diferente da clareza na comunicação escrita. E necessário um conjunto especial de habilidades e ajustes para tomar clara para o ouvinte uma mensagem clara para o leitor.

Como pastores, precisamos que as pessoas marquem o passo conosco. Elas precisam seguir-nos, saber em que ponto queremos chegar e acompanhar-nos durante todo o percurso. Destaco a clareza oral porque a clareza oral é um animal diferente da clareza escrita. Muitos de nós fomos treinados a sermos claros na nossa escrita e, quando escrevemos algo, como um sermão, estamos escrevendo isso para ser lido pelos olhos de alguém. Isso já é instintivo em nós. Nem nos damos conta de que estamos escrevendo algo para o ouvido de alguém. A clareza oral é totalmente diferente, e há certas habilidades da clareza oral que precisam ser embutidas em cada sermão.

A razão de precisarmos fazer esses ajustes para a clareza oral é que na comunicação oral faltam muitos dos auxílios embutidos presentes no nosso material escrito.

Pregando sem parágrafos

O artifício mais importante que ajuda na clareza escrita é o parágrafo. Quando o nosso olho vê um espaço em branco no início de uma linha — a abertura de parágrafo — nosso cérebro inconscientemente diz: "Você está para começar uma idéia nova". Os nossos olhos captam um espaço vazio no fim de uma linha, abaixo na página, e o cérebro diz: "Essa nova idéia que está para começar, dura até você chegar àquele espaço em branco lá adiante". Finalmente, o nosso cérebro conclui com a voz do professor de composição escrita do colégio: "Ao começar essa nova idéia, a primeira frase que você vai ler será a frase-tópico que revela qual será o assunto do parágrafo todo".

Ainda não lemos nem mesmo uma palavra do parágrafo, mas todas essas coisas já se organizaram de forma intensa e clara na nossa mente. Nada na comunicação oral corresponde ao espaço em branco na abertura do parágrafo. (Uma pausa longa não é a mesma coisa — o ouvinte simplesmente pensará que você se esqueceu de como continuar).

Há outros artifícios embutidos na comunicação oral para ajudar na clareza. Cada leitor pode ler na sua própria velocidade. Ele pode reler uma página se não conseguiu entendê-la na primeira passada. Ele pode procurar palavras desconhecidas e voltar ao mesmo ponto na página em que parou. E pode ainda se beneficiar de sinais visuais como itálico, negrito, subtítulos no centro da linha e pontuação.

Diga tudo várias vezes

Visto que a comunicação oral não tem nada dessas coisas, o orador precisa fazer um ajuste importantíssimo para que a mensagem seja clara para o seu ouvinte. A maior habilidade da clareza oral é reafirmar algo que você acaba de dizer. Imediatamente, diga a mesma coisa de novo com palavras diferentes.

Você precisa saber em que ponto da mensagem deve fazer isso, e há duas orientações principais. Primeiro, use reafirmações cada vez que chegar a um ponto novo do conteúdo ou a um conceito novo. Provavelmente há cinco ou seis vezes na mensagem em que você faz isso. A segunda é fazer isso toda vez que fizer uma transição. Reafirme a transição antes de avançar para um ponto novo, e, a seguir, reafirme o ponto novo.

Sempre que chegar a uma frase-chave na sua mensagem, reafirme coisas como:

- a verdade central de todo o texto
- um ponto dos três ou quatro pontos principais da mensagem
- um subponto relevante da mensagem
- uma frase que resume o ponto de diversos exemplos
- uma frase-chave que também revela a estrutura organizacional
- uma visão panorâmica na introdução que esboça o fluxo da mensagem a ser pfêgada
- m resumo de conceitos anteriores na mensagem
- uma transição na mensagem entre pontos que conectam conceitos entre si.

A reafirmação é o dom de Deus para a comunicação oral. Sempre que você tiver uma frase-chave associada ou ao conteúdo ou à estrutura, dê ao ouvinte mais de uma oportunidade para ouvi-la. Isso acrescenta clareza à sua pregação.

Use frases-chave de forma consistente

Outra habilidade é usar as mesmas frases-chave durante toda a mensagem. As palavras precisam ser usadas repetidamente para que se infiltrem durante a mensagem toda. Por exemplo, uma mensagem recente minha foi sobre o encher-se do Espírito com base em Efésios 5.18, em que Paulo diz: "Não se embriaguem com vinho, [...] mas deixem-se encher pelo Espírito". Depois da introdução, enunciei as perguntas que eu disse que responderia durante a mensagem:

I. O que queremos dizer com ser cheio do Espírito?
II. Como é isso na prática?
III. Como obtemos isso?

Esse era o meu esboço. Quando cheguei ao ponto II, usei exatamente essas palavras: "Como é estar cheio do Espírito na prática?". E quando cheguei ao ponto III, usei exatamente estas palavras: "Como obtemos esse preenchimento?". Fiz questão de repetir essas frases-chave.

Marcar o passo com as mesmas palavras o tempo todo é importante. Firmar essas palavras na mente dos ouvintes enquanto a mensagem avança é uma forma de obter clareza.

Faça perguntas retóricas nas transições

Ao fazer a transição de um ponto para outro, use uma pergunta retórica. Faça uma pergunta que o seu ponto seguinte responderá. Eu poderia dizer: "Vimos o que significa ser cheio do Espírito. Uma vez que somos cheios do Espírito, algumas coisas começam a aparecer na nossa vida". E aí eu poderia começar a falar a respeito de como isso funciona na pratica. Mas e muito melhor se eu faço a transição entre esses pontos com uma pergunta. Eu poderia dizer: "Já vimos o que significa ser cheio do Espírito. Agora, como é isso na prática? Como isso se mostra?".

Por que isso e uma habilidade de clareza oral? Porque a pergunta retórica dá ao ouvinte a oportunidade de focalizar novamente a mensagem. Capacita o ouvinte a pensar: *Fiquei perplexo nos últimos dois ou três minutos. Mas garanto que nos próximos quatro minutos você vai responder a essa pergunta.* Isso imediatamente traz a mente de volta ao ponto de: "Sim, estou com você de novo. Obrigado, você veio me buscar de novo". E uma forma de destacar o fluxo das idéias.

Use movimentos físicos para manter a atenção dos ouvintes

Um princípio final de clareza oral é que os movimentos físicos têm sua utilidade em manter a atenção dos ouvintes. Se tenho três coisas a tratar durante a mensagem, a minha mão deve mostrar de um a três. Aliás, até o meu corpo deve expressar essa progressão do um para o dois e daí para o três.

Uma dica interessante é colocar o passado à direita do orador e o futuro à sua esquerda, pois do ponto de vista do ouvinte, essa é a forma em que as coisas avançam. O tempo sempre avança da esquerda do ouvinte para a sua direita. Se você está enumerando pontos, comece da sua direita e termine na sua esquerda, porque é assim que o ouvinte lê.

Se você reunir tudo isso, pode se tornar claro na sua pregação.

Capítulo 92

PERGUNTAS QUE REVESTEM OS OSSOS DE MÚSCULOS

O que devo perguntar quando estou desenvolvendo uma idéia

Don Sunukjian

Como você desenvolve 15 idéias em 30 minutos? Como você avança do esboço bíblico (o fluxo de pensamento do autor da Bíblia) para a sua mensagem de domingo?

Você faz três perguntas de desenvolvimento. Testar cada afirmação do seu esboço com essas perguntas faz com que o texto bíblico se amplie e se transforme em um sermão completo. Embora haja muitas maneiras de formular essas perguntas de desenvolvimento, todas são direcionadas a três áreas essenciais: da compreensão, da doutrina e do comportamento relativos às afirmações bíblicas:

Compreensão

- O que significa essa afirmação?
- O que preciso explicar?
- O que os meus ouvintes não vão entender?

Doutrina

- Essa afirmação é verdadeira?
- Nós cremos nela?
- Nós estamos fechados com ela?
- Por que essa afirmação é verdadeira?
- Por que a relação de causa e efeito se aplica?
- O que poderia levar os meus ouvintes a não aceitar essa afirmação ou a não agir de acordo com ela?
- Preciso provar ou defender essa afirmação?

Comportamento

- Que diferença essa afirmação faz na nossa vida?
- Como ela se expressa nas situações do dia-a-dia?
- Onde ela aparece na vida real?
- Quais são as implicações, as aplicações práticas?
- Como, exatamente, os meus membros devem expressar isso nos eventos e circunstâncias da sua vida?
- Como posso visualizar isso especificamente para os meus ouvintes?
- O que precisa acontecer?
- O que precisa mudar?

Ao fazer essas perguntas a cada afirmação do seu esboço bíblico, você descobre o que precisa ser dito além disso acerca de cada ponto para torná-lo inteligível, convincente e prático para os seus ouvintes contemporâneos. Começaremos com a primeira área de desenvolvimento.

Compreensão

No esboço seguinte de Colossenses 1.9-12, algumas coisas evidentemente precisam ser explicadas:

> Devemos orar continuamente pelos nossos amigos cristãos para que conheçam a vontade de Deus

- Paulo ora continuamente pelos colossenses para que conheçam a vontade de Deus (1.9).
  - Mais do que qualquer outra coisa, Paulo quer que eles saibam completamente a vontade de Deus por meio de toda a sabedoria e entendimento.
  - Por isso, ele ora continuamente para que isso aconteça.
  - Devemos orar continuamente pelos nossos amigos cristãos para que conheçam a vontade de Deus.

Quando os nossos amigos conhecerem a vontade de Deus, eles vão viver de forma digna e agradável ao Senhor de todas as formas (1.10-12).

- Quando conhecerem a vontade de Deus, eles vão viver de forma digna do Senhor (1.10a).
- Quamdo conhecem, a vontade de Deus eles vao viver de forma agradável ao Senhor (1.10-12).
  - Eles vão agradá-lo ao serem produtivos em boas obras.
  - Eles vão agradá-lo ao crescerem em conhecimento.
  - Eles vão agradá-lo ao desenvolverem perseverança e paciência.
  - Eles vão agradá-lo ao darem graças.

A primeira e grande coisa que precisa ser explicada é o que Paulo quer dizer com "vontade de Deus". Ele tem em mente as afirmações comportamentais das Escrituras, como: "A vontade de Deus é que vocês sejam santificados" (ITs 4.3)? Ou ele está querendo dizer a seqüência de eventos que Deus tem em mente para você/sua igreja, como: "Por isso mesmo, aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar sua vida ao seu fiel Criador e praticar o bem" (lPe 4.19)? Evidentemente precisamos explicar se a "vontade de Deus" é objetiva ou subjetiva nesse trecho.

Outro ponto relevante que precisa ser explicado é o sentido da oração contínua ("não deixamos de orar por vocês"). Os ouvintes podem estar pensando: "Pastor, eu não vou poder orar continuamente porque preciso trabalhar".

Outras áreas de necessidade de esclarecimentos podem incluir:

- a relação de Paulo com essas pessoas que ele nunca encontrou (veja o versículo 9).
- o exato sentido de "sabedoria e entendimento espiritual" no versículo 9.
- a diferença entre "dig nos de e agradável a' (aquela talvez seja uma avaliação horizontal feita pelos outros, enquanto pode ser a avaliação vertical feita por Deus).
- a diferença entre "perseverança" e "paciência" no versículo 11 (aquela talvez esteja associada a eventos, esta talvez a pessoas).

Quando damos explicações, precisamos ser vividos e fascinantes o mais que pudermos. Evite definições de dicionário e descrições abstratas que dão sono nos ouvintes. Em vez disso, crie uma imagem visual na mente do ouvinte. Por exemplo,

explique o significado de confiança ou fé ao pedir a um membro que enrijeça o corpo e caia para trás, confiando que você o segurará e não o deixará cair. Veja se ele realmente confiará em você, ou se, no último instante, jogará um pé para trás para se proteger de um possível tombo.

Mateus 10.29 pode ser explicado em forma de imagem: "Amanhã de manhã, no centro da cidade, o proprietário de um *pet shop* abrirá a sua loja. Da gaiola grande na parede, ele tira dois periquitos e os coloca numa gaiola pequena com a placa: 'Liquidação! 2 periquitos por R$12,00'. Mais tarde, uma mulher entra na loja para comprar algum animal de estimação para seus netos. Visto que seu genro não gosta de cachorros e gatos, ela se contenta com os periquitos. Ela paga os R$12,00, coloca a gaiola no assento de trás do carro e sai. Três quadras dali, um carro faz uma manobra brusca na frente dela, e ela pisa no freio violentamente para evitar a colisão. E no banco de trás, a gaiola rola e cai no piso do carro entre penas e gritos de periquito. E Deus no céu sabe que isso aconteceu. Não é exatamente isso que Jesus diz em Mateus 10.29? 'Não se vendem dois pardais por uma moedinha? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês[5]'.

Como pregadores, geralmente somos bons nessa primeira pergunta de desenvolvimento. A explicação é fácil; é o nosso lado forte. Nossas horas de estudo do texto e dos comentários nos fornecem as informações de que precisamos para desenvolver essa área, e geralmente conseguimos pensar em ilustrações para tornar isso vivido e interessante.

Mas as explicações não bastam para causar mudança espiritual nos nossos ouvintes. "Se dermos a explicação, eles vão colocar em prática", é uma abordagem inadequada da pregação. Só o conhecimento não produz comportamento agradável a Deus. Se os ouvintes não conseguirem enxergar por que a afirmação é verdadeira, ela não tem poder motivador em sua vida. Isso nos leva à segunda pergunta de desenvolvimento:

Doutrina

Saber algo não significa que necessariamente agiremos de acordo com isso. Nossa própria experiência confirma isso. Por exemplo, muitos de nós receberam alguma explicação de teoria secular na faculdade. Talvez na classe de psicologia infantil, o professor explicou que o castigo físico é o método menos desejável na disciplina de uma criança. Na pior das hipóteses, é abuso infantil; na melhor, ensina à criança que a força convence e que ela pode impor sua vontade sobre 05 outros com a força. O professor, depois, talvez tenha seguido para defender c isolamento como método preferencial na disciplina da criança. Ao ouvirmos as explicações dele, no entanto, algo em nosso espírito dizia: "Isso não é verdade. A Bíblia diz: 'Quem se nega a castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo' " (Pv 13.24).

Quando veio o dia do exame final, e vimos a questão: "Compare e contraste diferentes métodos de disciplina de crianças", embora soubéssemos a resposta, não concordávamos com ela. (Tiramos um 10 na prova enquanto preservamos a nossa integridade escrevendo algo como: "De acordo com o material apresentado em sala ...". Isso significava: "Eu sei o que você quer que eu saiba, mas não necessariamente aceito isso como verdade para a minha vida").

De forma semelhante, nossos membros conhecem muitos ensinamentos bíblicos: que as mulheres devem se submeter ao seu marido; que os maridos devem tratar sua mulher com consideração e respeito; que todos devemos fugir de imaginações sensuais, devemos dar com generosidade para a obra do Senhor, e assim por diante. Aliás, nossos membros provavelmente já sabem 90% das instruções bíblicas que queremos lhes passar. A razão por que ainda não estão obedecendo à verdade bíblica não é que não sabem, mas que ainda não estão convictos dela.

Provavelmente poderíamos lhes explicar a verdade pela 18ª vez, mas isso provavelmente não terá mais efeito sobre eles do que as 17 vezes anteriores. Em vez disso, junto com nossa explicação, deveríamos começar a testar para ver se estão convictos dela. Elas aceitam essa afirmação bíblica como uma verdade autorizada e energizante para sua vida? Elas se apossaram dessa verdade no fundo da sua alma?

A fim de testar e ampliar o esboço bíblico com essa segunda pergunta de desenvolvimento, é importante saber as três razões pelas quais uma pessoa não se convence de alguma verdade. Seja o que for que tenhamos de dizer para convencê-la para se apossar da verdade divina, isso depende da razão por que ela ainda não a aceitou. *Há ao menos três razões pelas quais as pessoas não se convencem de alguma coisa.*

As pessoas não enxergam a conexão entre causa e efeito

Por exemplo, na afirmação: "Seja legal com o seu avô, isso vai ajudar você a ter bebês", o significado das palavras e das expressões individuais está óbvio. Mas a validade da relação entre causa e efeito não está. Se os ouvintes não conseguirem enxergar por que a afirmação é verdadeira, ela não terá força alguma de motivação na sua vida.

Nesse tipo de situação, os ouvintes não são hostis ou contra-argumentativos. Eles estão dispostos a ser convencidos se o pregador puder responder com simplicidade à seguinte pergunta: "Por que essa afirmação é verdadeira? O que ser legal com aquele velho tem que ver com ficar grávida?". Enquanto o ouvinte não se convencer da veracidade da relação de causa e efeito, a afirmação como um todo não terá força capacitadora alguma para sua vida.

Para que os ouvintes sejam verdadeiramente motivados a serem legais com os seus avós, o orador poderia argumentar que a receita secreta do seu avô para o molho do churrasco contém afrodisíaco, e se forem gentis com o vovô, ele talvez lhes dê a sua receita secreta, o que vai ajudá-las a ter bebês.

É mais provável, no entanto, que o pregador lembre os seus ouvintes do texto bíblico: "A oração de um justo é poderosa e eficaz" (Tg 5.16). Em seguida, ele explica que a bondade para com um avô temente a Deus pode levá-lo a orar pelas pessoas ao Senhor para que este abra o seu útero, e tal oração pode então capacitá-las a conceber um filho.

A nossa pregação precisa cobrir inevitavelmente as muitas afirmações de causa e efeito das Escrituras. A Bíblia usa constantemente uma linguagem que implica causação: "Isso conduz àquilo"; "Isso resulta daquilo"; "Isso produz aquilo"; "Isso segue daquilo"; "Isso gera aquilo".

Por exemplo, lTimóteo 5.1 ensina que é prejudicial ao ministério de um jovem tratar com rudeza um homem mais velho. Isso é essencialmente uma afirmação de causa-efeito: repreender alguém asperamente causa o efeito de um ministério enfraquecido. Mas por que isso é verdadeiro? Na superfície, um jovem pastor pode até acenar em concordância. Mais tarde, sob pressão, ele explode diante de um irmão mais velho em uma reunião e justifica isso ao pensar assim: *Alguém precisa dizer a verdade a esse homem.* E a partir daí o ministério do jovem pastor sofre porque ele nunca entendeu a relação entre uma repreensão áspera e um ministério enfraquecido. Precisamos mostrar por que a afirmação é verdadeira.

Mas e se o nosso texto não nos der a resposta? Como tratamos a conexão correta entre causa e efeito quando nem o texto nem uma referência cruzada a detalha?

Diversas fontes podem fornecer a percepção que estamos procurando. Nossas próprias experiências de vida às vezes revelam as conexões. Pode ter havido uma época, por exemplo, quando repreendemos asperamente um homem mais velho e vimos por que isso travou o nosso ministério. A reflexão silenciosa, combinada com a ajuda do Espírito, com freqüência nos concede compreensão. Amigos, esposa, pastores mais velhos, comentários devocionais, leituras extras, ou membros de grupos pequenos podem trazer percepções que nos são muito úteis. Por exemplo, um número da revista *Veja* talvez traga um artigo sobre como os relacionamentos humanos afetam a saúde e a longevidade.

Devemos oferecer as nossas percepções de causa e efeito na linguagem de forma mais persuasiva do que apenas: "Assim diz o Senhor". Visto que o próprio texto não amplifica a conexão, conduzimos as pessoas à nossa explanação com expressões como: "Talvez o apóstolo tenha em mente aqui..."; "Parece-me que... "Uma explicação poderia ser..."; "Talvez o autor bíblico tenha observado o que você e eu observamos, que...". Esse tipo de linguagem ajuda a transmitir a idéia de que estamos fazendo o melhor que podemos para tentar explicar a Palavra inerrante de Deus.

Precisamos admitir que não teremos certeza absoluta de que nossa conexão e aquela que o autor bíblico tinha em mente. Mas, à medida que a percepção satisfizer o nosso coração e o Espírito a confirmar durante o sermão ao coração do pov:

de Deus, teremos um alto grau de segurança de que estamos apresentando a verdade de Deus.

A afirmação bíblica parece contrária à vida real

Algumas pessoas ouvem as Escrituras e pensam: *Não é assim que a coisa funciona na vida real.* Para elas, a afirmação simplesmente não é verdadeira porque suas experiências a contradizem.

Por exemplo, a reação de uma mulher a 1 Pedro 3.1,2: "A maneira de ganhar o seu marido é fazer concessões de forma calma e silenciosa a ele" (minha paráfrase), poderia ser: "Tentei isso, mas não funcionou. Quando deixei ele fazer a vontade dele, ele participou de cinco campeonatos diferentes de futebol, e as crianças nunca mais o viram em casa à noite. Em vez de eu ganhá-lo, ele se tornou pior. E se eu o deixasse administrar o nosso dinheiro, ele pegaria a nossa poupança e jogaria nos títulos de capitalização mais fraudulentos de que alguém já ouviu falar. Nossa família estaria arruinada. Talvez alguma outra esposa consiga ganhar o seu marido dessa forma, mas eu não. Eu preciso deixar de lado essa regra e ficar no pé dele".

Nessas situações, os ouvintes expressam, de forma descarada, a sua descrença na verdade bíblica. Com base na sua experiência de vida, a afirmação simplesmente não é verdadeira, e, portanto, eles não têm intenção alguma de viver segundo ela. Precisamos tratar dessas objeções não-mencionadas, ou não atingiremos nada com a mensagem. Os ouvintes estão sentados ali com uma atitude do tipo: "Sim, mas", e o "mas" desvia qualquer coisa que queira entrar no seu coração.

Aqui estão dois passos para responder às objeções:

1. *Defina os seus termos.* Veja que você e seus ouvintes tenham em mente os mesmos significados dos termos básicos. Por exemplo, veja que a mulher que ouve "fazer concessões" ouça isso como algo que ela deve fazer depois de ter explicado em detalhes a sua posição ao seu marido, depois de ter reagido às objeções dele e, até mesmo, depois de ter argumentado com ele. Esclareça que fazer concessões não significa: "Cale a sua boca e faça o que lhe mandarem".

2. *Explique por que as Escrituras são verdadeiras.* Mesmo depois de ter tornado claros os conceitos, ainda pode haver objeções. Por isso, o segundo passo, e o passo mais crítico ao tratar com as objeções, é mostrar que as experiências das pessoas não contradizem a verdade bíblica.

Isso não significa que negamos as experiências das pessoas. Não podemos sugerir: "Olha, não foi tão mau assim". Elas diriam: "Você estava lá?". Mas podemos lhes mostrar que embora suas experiências de vida e suas atitudes sejam reais, elas não invalidam a verdade de Deus. Por exemplo, se elas escolheram andar um outro caminho que não o de Deus, podemos mostrar que isso as conduzirá a conseqüências piores do que as que elas queriam evitar. Ou podemos mostrar que

as pessoas, ao fazerem as coisas à maneira de Deus, podem levar mais tempo para chegar aos resultados desejados. De uma forma ou de outra, ao refletir sobre as experiências das pessoas, podemos mostrar que elas na verdade reforçam o que a Palavra ensina.

Por exemplo, podemos mostrar que quando uma mulher não faz concessões ao seu marido, ela, em vez de ganhá-lo, o empurra para mais longe. Podemos dizer: "Quando um homem e uma mulher se unem no casamento, cada um tem profundas expectativas. O homem espera ser o líder no seu casamento. Isso é estranho, porque ele não tem esse sentimento na maioria das outras áreas. A não ser que o homem seja o presidente da sua empresa, ele não vai ao trabalho pensando: 'Eu preciso dirigir esta companhia'. Ele não olha para o governo e diz: 'Estou no comando deste país'. Ele não vai à igreja e diz: 'Eu sou o líder desta igreja'. Mas quando um homem casa, algo lá no fundo dele diz: 'Eu preciso ser o líder deste casamento'. Foi Deus quem colocou esse pensamento nele; faz parte da sua masculinidade.

"De maneira semelhante, quando uma mulher casa, ela espera que esse homem seja o seu protetor. Ela quer que ele seja o seu cavaleiro vestido da sua armadura reluzente. Quando vêm os filhos e ela se sente ameaçada com eles no mundo, ela quer que ele monte guarda. Ela quer poder contar com ele para proteger a família. Esses pensamentos fazem parte da feminilidade dela, criada por Deus.

"Agora, porque somos pecadores, com freqüência não agimos em concordância com esses pensamentos. Visto que o homem é pecador, ele, às vezes, não lidera como deveria. Em vez de se empenhar pelos interesses da sua família, talvez pense só em si mesmo. E visto que a mulher tem medo das conseqüências para a família quando vê isso acontecendo, ela talvez tente forçar o homem a agir como ele deveria. Mas ao tentar forçar o comportamento correto dele, ela adota uma posição moralmente superior. Em essência, ela se coloca acima dele com o dedo em riste e diz: 'Vou dizer a você o que tem que fazer; sei melhor do que você'.

"Mas com isso ele fica ouriçado, porque agora ela está assumindo a posição de liderança no casamento. Ela está agindo como a mamãe, dizendo a ele o que deve fazer. Mas ela não é a mamãe dele; ela é a esposa dele. Por isso, no estágio inicial, o homem vai resistir às tentativas dela de forçar o comportamento dele. 'Não me diga o que eu devo fazer', ele grita. Ele argumenta, luta, bate as portas, e se ele realmente é um pecador, pode até bater nela. Mesmo fazendo um trabalho lastimável como líder, ele faz tudo que pode para se agarrar a esse papel.

"Enquanto essa luta continua por meses, a certa altura, diz a Bíblia, o homem engata um. segundo comportamento. Ele se apaga e se torna passivo. Nas palavras de Salomão, ele conclui: 'Melhor é viver num canto sob o telhado do que repartir a casa com uma mulher briguenta'. Ele se refugia nos seus *hobbies* ou na televisão. Ele então enfia sua vida na sua carreira, A sua atitude é: 'Não quero brigar. Querc paz. Você pode fazer o que quiser. Pode decorar a casa do jeito que quiser, mandar

as crianças ao colégio que quiser, participar dos clubes que quiser. Não ligo mais'. E a mulher acaba de perder o seu cavaleiro da armadura reluzente. Em vez de ganhá-lo, ela o afastou.

"E enquanto essa mulher nos ouve, ela talvez comece a pensar: *O meu marido não fala mais comigo. Sempre que sugiro ou pergunto alguma coisa, ele dá de ombros e não comenta muito. Não consigo levá-lo a interagir comigo. Mas estou com medo de deixar que ele assuma a condução. Estou com medo do que ele pode fazer. Estou com medo da falência".*

Nesse ponto, nós, os pregadores, estamos prontos a aprofundar 1 Pedro 3.1-6. Admitimos que o medo dela é real, mas também podemos mostrar como as mulheres santas do passado, como Sara, colocaram a sua esperança em Deus, submetendo-se ao seu marido, e não sucumbiram nos seus medos. Explicamos como Abraão colocou Sara duas vezes em circunstâncias comprometedoras e temíveis, mas mostramos como Deus agiu nas duas vezes para salvá-la das conseqüências da liderança lastimável dele. E aí continuamos:

"Quando você se coloca numa posição moralmente superior ao seu marido, você, na verdade, está se colocando entre ele e Deus. Deus não consegue chegar a ele. Deus diz: 'Dá licença, querida. Deixe que eu cuido dele'. Mas quando a mulher segue o plano de Deus, o Senhor bate no marido com uma viga de quatro polegadas. O homem cambaleia, olha para o céu e pergunta: 'O que que o Senhor quer, Deus?'. Um homem aceita de Deus o que ele não aceita da sua mulher. E Deus trata dele.

"Isso pode significar a falência. Mas dá para se recuperar da falência; o que não dá para recuperar é o casamento depois do divórcio. Depois, o seu marido dirá a você: 'Querida, você estava certa. Sinto muito'. E em vez de você dizer a ele: 'Eu não falei para você?', deve dizer: 'Você é o meu homem. Já passamos por isso uma vez, podemos passar de novo'. E aí você ganhou o seu marido.

"Dessa forma, a tolice do marido não continua sendo um obstáculo para a verdade de Deus. A esposa pode concordar em 'fazer concessões' como um ato que conduzirá à bênção de Deus".

Para investigarmos como as experiências dos ouvintes se alinham com a verdade bíblica, nós mesmos precisamos começar com a convicção de que as afirmações de Deus são sempre verdadeiras. Precisamos ter o Espírito de Paulo: "Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso" (Rm 3.4). Tudo o que Deus diz é verdadeiro, e qualquer pessoa que disser alguma coisa contrária está errada. Começamos com a convicção de que nenhuma experiência que as pessoas tiverem invalida as Escrituras.

Aí podemos encontrar motivação na idéia de que embora seja acurado dizer: "Algo é verdadeiro porque está na Bíblia", é ainda mais acurado dizer: "Algo está na Bíblia porque é verdadeiro". A nossa tarefa é explicar a verdade ou a realidade definitiva por trás das palavras bíblicas. Quando mostramos o que Deus sabia que o levou a dizer o que disse, ajudamos os ouvintes a realmente crer nisso.

As nossas percepções acerca dessa verdade definitiva vêm com a experiência, por meio da reflexão e da oração, de amigos, cônjuge, pessoas mais velhas na igreja, ou de membros de um grupo pequeno que nos ajudam a pensar sobre o sermão de cada semana.

Algo "mais importante" aparece

No domingo, os nossos ouvintes talvez concordem com alguma verdade particular. Mas, durante a semana, surgem outros fatores que subjugam a afirmação bíblica e os impedem de agir de forma coerente com essa verdade ouvida.

No vácuo, sem a gravidade, todas as coisas são iguais, e eles concordam com a verdade bíblica. Mas a vida real não é um vácuo, e as coisas não são iguais. As pessoas se apegam a uma hierarquia de crenças, uma escada de verdades. Alguns valores estão num ponto mais alto da escada do que outros. Alguns são mais importantes; concordamos com eles antes de concordarmos com outros.

Suponha, por exemplo, que eu deteste torta de ruibarbo, e concorde basicamente com a afirmação: "A torta de ruibarbo deve ser evitada". Mas suponha também que sou convidado à casa de um amigo, e enquanto esperamos a dona da casa trazer a sobremesa, o marido se vira para mim e diz: "Don, você é um cara de sorte. A minha esposa preparou a receita secreta da família, uma torta de ruibarbo que já ganhou um prêmio aqui na cidade. Ela não faz isso para muitas pessoas, porque só se acha ruibarbo decente a duas horas de carro daqui, e leva cinco horas para saturar, descascar e assar essa torta. Mas para você, ela fez essa especiaria".

Agora, posso até concordar com a afirmação: "A torta de ruibarbo deve ser evitada", mas também concordo com a afirmação: "Você não ofende as intenções e os esforços de uma anfitriã tão hospitaleira". A afirmação com a qual eu concordar com maior convicção, essa é a que colocarei em prática nessa situação. E você provavelmente já consegue adivinhar que enfiarei goela abaixo alguns bons pedaços até avisar: "Estou muito cheio; não cabe nem mais um pedacinho".

Uma moça adolescente pode se comprometer em oração numa classe de Escola Dominical a "se vestir de forma modesta e moderada para a glória de Deus". Mas aí talvez, no sábado seguinte, você a encontre numa piscina usando um maiô que não cabe na definição de moderação de ninguém, e você a vê abraçada com algum colega da faculdade. Isso não quer dizer necessariamente que ela é hipócrita. Simplesmente significa que enquanto ela concorda com a idéia de se vestir de forma modesta para a glória de Deus, ela também está convicta de que precisa ter um namorado e precisa receber sinais de apreço pela sua beleza e feminilidade.

Para levá-la a valorizar ao máximo a verdade de Deus seria necessário tratar desses outros valores no domingo, reconhecer a atração que eles têm sobre ela e, depois, mostrar os benefícios superiores de agir de acordo com a verdade de Deus ou mostrar os efeitos colaterais perigosos de agir de acordo com valores contrários. De uma forma ou de outra, o alvo é ajudá-la a enxergar a verdade bíblica como a mais importante.

Suponha que uma mulher chamada Helena está ouvindo a sua pregação sobre o tema da honestidade no emprego. Imaginemos que Helena trabalha para um empreendedor chamado Sam que desenvolveu um *software* para a indústria médica. Os hospitais podem usar o programa para fazer o acompanhamento do estoque de medicamentos e suprimentos, fazer a agenda das salas de cirurgia, administrar a folha de pagamento e assim por diante. Depois que o hospital central adota o programa, a maioria dos consultórios médicos na região também o adota para ser compatível com o hospital. Sam é o gênio criativo por trás do programa e o divulga em todo o Estado. Helena é a administradora, defendendo o forte e supervisionando outras duas mulheres no escritório.

Helena é uma mulher temente a Deus. Seu marido está na diretoria da igreja. Eles têm uma filha e um filho no ensino médio, ambos ativos nos grupos de jovens da igreja. Como seria bom se todas as famílias da igreja fossem assim.

Helena também gosta do Sam como chefe. Ele paga bem. Ele lhe dá umas horas de folga para ela poder ver o jogo de futebol do filho ou assistir à apresentação de teatro da escola depois do horário das aulas.

Ao ouvir você pregando sobre a honestidade no trabalho, Helena concorda com isso. Ela acena positivamente para as sua aplicações: Ela não leva suprimentos de escritório para casa para seu uso pessoal, não liga para pedir licença por doença a não ser que realmente esteja doente, promete datas corretas de entrega de produtos aos clientes. No domingo, no culto, ela concorda com a verdade bíblica.

Mas aí na 3ª feira às 13h30, ela recebe um telefonema. E o Sam. Antes que ele possa dizer alguma coisa, ela já fala: "Sam, onde você está? Você se esqueceu da reunião das 14 horas com o dr. Shiller, administrador do hospital de São Judas?".

"Helena, é por isso que estou ligando. Por engano, marquei dois compromissos no mesmo horário. Estou num hotel a uma hora daí, preparando-me para fazer uma demonstração do programa para os cabeças dos maiores hospitais de clínicas do país. Se eles comprarem a idéia, teremos reputação nacional! Talvez até publiquem um artigo na revista nacional de medicina".

"Mas e o que fazemos com o Shiller? Ele vai chegar aqui em alguns minutos. O que devo dizer a ele?".

"Diga a ele que estou preso no trânsito e que, a qualquer momento, estou chegando".

"Não posso dizer isso a ele, Sam. Até você fazer a demonstração do programa, responder às perguntas e atravessar a cidade, já vão ser 4 horas".

"Helena, você precisa dizer isso a ele. Se ele descobrir que eu marquei dois compromissos, ele sai correndo e nunca mais o trazemos para uma demonstração".

"Sam, não posso mentir por você".

"Helena, ou você diz isso a ele, ou eu ponho alguém na mesa aí que possa dizer isso a ele".

Agora, Helena está convicta do principio de ser honesta no trabalho. Mas ela também está convicta da necessidade do emprego. O que ela valorizar mais determina como ela agirá quando o Shiller aparecer às 14 horas.

Para ajudar os ouvintes a valorizarem a verdade de Deus acima de todos os outros fatores, precisamos, no domingo, tratar as crenças e as atitudes concorrentes. Precisamos ajudar os ouvintes a perceber a força completa desses valores e, depois, precisamos mostrar por que agir de acordo com a afirmação bíblica é ainda mais desejável. Precisamos tratar os conflitos em potencial que podem surgir, visualizá-los honestamente e conduzir os nossos membros por eles mesmos ao compromisso com a verdade de Deus acima de tudo o mais.

Por exemplo, podemos dizer à Helena: "Mesmo que isso possa custar o seu emprego, você precisa continuar comprometida com a honestidade no trabalho. Confie nas promessas de Deus: Se formos perseguidos por causa da justiça — por agirmos com integridade e pagarmos um preço por isso — somos abençoados".

A essa altura, a Helena provavelmente esteja pensando: *Está bem, pastor, você acaba de me despedir do emprego. Quer desenvolver essa parte "abençoada" um pouco mais?*

E assim, para ajudar a Helena a se convencer da honestidade mais do que da necessidade de manter o emprego, podemos continuar com a seguinte idéia: "De uma forma ou de outra, você será abençoada. Deus pode lhe dar um emprego melhor — salário melhor, mais perto de casa, horário melhor. Não posso garantir isso, mas a Bíblia diz que ele dá de comer aos corvos e veste os lírios, e se você precisa de um emprego novo, ele os dará a você.

"O que posso garantir a você é uma consciência limpa. Você sairá daquele escritório na 3ª feira à tarde pensando: *Deus, você está preparando algo na minha vida. Não tenho certeza do que é, mas acabei de fazer algo que agrada o Senhor.*

"Talvez a bênção seja o impacto sobre o seu filho jovem. Talvez na 4ª feira de manhã ele veja você no café da manhã de roupão e pantufas, e chegue à conclusão errada: 'E feriado para vocês e nós temos aula hoje? Isso não é justo!'. 'Qual é o problema, mãe? Você está doente?'. 'Não, meu amor, não estou doente. Para dizer a verdade, fui despedida ontem'. 'Foi, é? O que você fez?'. 'Bem, o chefe queria que eu dissesse..., mas eu decidi não mentir por ele'.

"No caminho para a escola, seu filho conta todo orgulhoso ao seu melhor amigo: 'A minha mãe perdeu o emprego porque disse que não ia mentir'. No domingo, ele segura o hinário com você no culto, olha para o pastor e pensa: *Você não sabe o que aconteceu lá em casa essa semana — minha mãe perdeu o emprego por dizer a verdade!* Esse negócio deve ser real. Helena, se perder o emprego transformará seu filho jovem em um homem de Deus para o resto da sua vida; e isso é bênção ou não é?

"Talvez a bênção seja o impacto que isso causará sobre alguém no escritório, talvez até sobre o Sam. Depois de dizer a verdade ao Shiller e ele ir embora abor-

recido, talvez você queira tornar as coisas mais fáceis para o Sam e limpa a sua mesa para sair cedo naquele dia. Enquanto você coloca os seus pertences pessoais numa caixa — fotos da família, plantas, *cartoons Far Side* — o Sam aparece, mais cedo do que esperado. 'Helena, o que você está fazendo?'. 'Bem, Sam, você disse que...'; 'Olha, deixe isso para lá. Ponha as suas coisas no seu lugar de novo. Sente-se! Trabalhe! Você não vai a lugar algum.' Aí, enquanto ele entra na sua sala e começa a retornar uma ligação telefônica, ele olha pela porta e pensa consigo mesmo: *Que mulher de classe.*

"Alguns meses depois, quando o Sam está tendo problemas com seus filhos adolescentes e precisa conversar com alguém que tenha a cabeça no lugar, ele talvez venha à sua sala e diga: 'Ei, Helena, quanto tempo faz que a gente não sai para almoçar juntos? Você gosta daquele restaurante italiano na esquina, não gosta? Que tal a gente almoçar lá amanhã? Vou ver se a minha esposa pode ir com a gente'. E durante o almoço, Sam trata da sua situação familiar para receber conselhos sábios e divinos.

"Talvez a bênção seja que Deus quer você em casa por causa da sua filha adolescente. Ele tem tentado levar você a pedir a conta, mas, visto que não conseguiu, ele fará com que você seja despedida. Sua família não precisa tanto do dinheiro quanto a sua filha precisa de você. Você tem observado que a porta do quarto dela tem estado fechada todas as noites, e ela fala ao telefone com suas amigas durante horas? Você bate na porta dela. 'Quem é?', ela pergunta. 'Sou eu, mamãe'. 'O que você quer?'. 'Eu trouxe a sua roupa lavada; posso entrar?'. 'Está bem'.

"Enquanto você está no quarto, ela fica quieta, com o telefone aconchegado ao peito, esperando que você saia. Quando você sai, ela diz: 'Feche a porta, por favor, mãe'. E aí você a ouve falar de novo. Sua filha está passando algo bem difícil agora, e ela está recebendo todos os conselhos de suas amigas adolescentes não-cristãs. Ela precisa é de uma mãe que esteja em casa. Ela precisa é de ajuda para fazer a comida, para que assim, enquanto ela estiver descascando cenouras, deixe escapar numa conversa casual aquela pergunta tão importante. E sua filha, ainda descascando cenouras, ouve a sabedoria de uma mãe temente a Deus que a ajudará a enfrentar a vida.

"De uma forma ou de outra, você será abençoada".

E a Helena, ao nos ouvir pregando, pensa consigo mesma: *Vou aceitar qualquer uma dessas respostas! Qualquer uma dessas bênçãos é melhor do que mentir para garantir o meu emprego.*

Ao tratarmos das crenças e das atitudes concorrentes na própria mensagem, reconhecendo sua força e atração e mostrando por que a vontade de Deus é ainda mais desejável, ajudamos os nossos ouvintes a confirmarem a convicção acerca dos valores bíblicos mais do que qualquer outra coisa.

Comportamento

A relevância ocorre quando o ouvinte *vê* como a verdade bíblica se aplica a uma situação específica. A palavra *vê* deve ser destacada, sublinhada — com corações vermelhos desenhados em volta dela!

A não ser que os ouvintes obtenham uma imagem mental — um vídeo que passa na sua mente — de alguma situação da vida real, a verdade bíblica permanece uma abstração, vaga e inútil; a mensagem não tem importância evidente sobre a pessoa, o evento ou as circunstâncias no mundo do seu dia-a-dia.

Nossa discussão sobre essa questão não está limitada à conclusão da mensagem. Não estamos necessariamente falando sobre dar ao ouvinte no final da mensagem "três passos palpáveis de como você pode colocar em prática esta mensagem". Em vez disso, essa questão focaliza a relevância que permeia toda a mensagem; durante toda a mensagem, os nossos ouvintes enxergam os conceitos em termos da vida diária.

Por exemplo, suponha que digamos na introdução: "Você alguma vez já obedeceu a Deus e aí perdeu o chão de tudo na vida? Você alguma vez já fez exatamente o que Deus orientou a fazer e aí aconteceu o desastre?". Então, sugerimos imediatamente como isso pode ser na prática, como pode se mostrar na vida diária:

"Você obedece a Deus e se muda para outra cidade para que possa estudar no seminário. Alguns meses depois da mudança, no entanto, a vida parece estar desmoronando. Sua igreja-mãe parece que não está mais em condições de continuar dando o seu sustento financeiro em virtude de uma crise econômica na região. Seus filhos voltam para casa da escola chorando porque estão sendo deixados de lado pelas panelinhas formadas já há muito tempo. Sua esposa pegou alergias ainda não-diagnosticadas na nova região de moradia. A nota da sua primeira prova de língua é um 4. E você descobre que o seu carro está com o bloco rachado.

"Ou veja outro exemplo. Você obedece ao toque de Deus de honrar sua mãe ao levá-la para sua própria casa depois que o seu pai faleceu. Todos parecem concordar. Os filhos passam a dormir em beliche para que a avó tenha o seu próprio quarto. Mas depois de seis meses, a casa está em alvoroço. Sua esposa vem a você e diz: 'E ela ou eu. Decida qual mulher você quer nesta casa. Ela não gosta do jeito que eu cozinho. Ela me critica na forma que eu limpo a casa. Ela mudou de lugar as coisas na cozinha e já não acho nada'. Seus filhos estão pisando em ovos, porque a avó está constantemente chamando a atenção deles: Vocês não deveriam ouvir essa música do diabo. Você não pode usar essa roupa para ir à escola — ponha algo decente'. E você está pensando: *Oh Deus, o que você está fazendo? Tudo que eu queria fazer era honrar a minha mãe, e a minha casa está um desastre.*

"Um homem está convicto de que Deus o conduz a casar com uma determinada mulher. Os seus pais e amigos na igreja confirmam o que o Espírito já falou a ele — que isso é a vontade de Deus. Assim, ele obedece. Mas, nos meses que se seguem, sua vida se torna uma tormenta constante. Ele se solidariza com o jovem

marido em uma história em que esse marido retorna ao ministro que os casou e diz: "Quando você celebrou meu casamento, disse-me: 'Filho, parabéns. Todos seus problemas terminaram'. Mas esse último ano foi o pior de minha vida. Mas você me disse que o casamento representava o fim de todos os meus problemas. Mas o ministro responde: 'Filho, não lhe disse em que ponta da história isso aconteceria.

"As vezes obedecemos a Deus, e perdemos o chão em tudo que fazemos".

Durante toda a mensagem — desde o começo e ao longo de todos os conceitos — perguntamos constantemente: "Como isso funciona na vida real? Como isso se revela em situações do dia-a-dia?".

Nosso objetivo final na pregação não é aumentar o conhecimento bíblico dos ouvintes. Esse conhecimento pode parecer irrelevante. O nosso objetivo final não é "ensinar a Bíblia". Nosso objetivo final é ensinar como a mensagem bíblica se encaixa na nossa vida. A razão de ensinarmos Gênesis 11 e 12 é que Deus pode vir a um dos nossos ouvintes e dizer a mesma coisa que ele disse a Abraão: Deixe o conforto, deixe o que é conhecido e venha comigo sem saber o que eu colocarei no lugar de tudo isso. Siga-me sem saber de antemão como tudo deve terminar. Deus pode dizer isso a

- um casal que ele quer no ministério transcultural
- uma mulher que tem grandes dificuldades em fazer mudança para o outro lado do país, tendo que deixar família, amigos antigos, médicos e lojas da vizinhança
- um homem em dúvida se deve ou não deixar a IBM, com o contracheque garantido, com ótimos benefícios e boa aposentadoria à vista, e começar a sua própria empresa
- um adolescente que precisa deixar o seu círculo de amigos que se tornaram uma má influência para ele, em troca do desconhecido, como, por exemplo, "Com quem vou passar o tempo agora? Com quem vou para o cinema e o *shopping!"*
- um solteiro confortável e sossegado, que está com medo de encarar a situação
- uma noiva que precisa romper o relacionamento porque Deus está dizendo: "O Fred é um bom homem, mas ele não é o homem para você; tenho outra pessoa em mente para você". "Deus", ela ora, "já estou com 33; o Fred é a melhor coisa que entrou nessa igreja em dez anos. Se você tem outro homem em mente, que tal o Senhor fazê-lo entrar pela porta da frente, assim eu posso dar uma boa olhada nele antes de abrir mão do Fred".

Embora só o conhecimento seja irrelevante, não obstante é possível desenvolver um grande grupo de seguidores com base num ministério orientado pela informação. As pessoas têm prazer em aprender alguma coisa, como os atenienses em Atos 17.19-21:

> Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: "Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas idéias estranhas, e queremos saber o que elas significam". Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades.

Mas as Escrituras passam o juízo sobre qualquer pregador que se orienta principalmente pela informação. Esse tipo de ministério produz um povo arrogante, exatamente como os atenienses:

"Com respeito aos alimentos sacrificados aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento. O conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica" (ICo 8.1). O conhecimento produz um farisaísmo que conhece a lei, mas é incapaz de enxergar o quanto ela deveria transformar a sua vida.

Nosso alvo final na pregação não é transmitir conhecimento, mas estimular o comportamento agradável a Deus. O propósito do nosso ministério não é informação, mas semelhança de Cristo: "O objetivo desta instrução é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera" (lTm 1.5).

Nossa principal intenção não é que nossos ouvintes aprendam alguma coisa, mas que usem as Escrituras para os propósitos práticos a que foram designados na vida diária: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Tm 3.16,17).

Se os nossos ouvintes não virem como as verdades das Escrituras se aplicam a situações de vida concretas, o seu cristianismo é insignificante, e eles são enganados acerca do seu crescimento espiritual: "Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda" (Mt 7.26,27).

"Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se as si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer" (Tg 1.22-25).

Para que a relevância e a piedade sejam formadas na vida das pessoas, *nós* precisamos fazer as aplicações. Os ouvintes normalmente não as farão por si mesmos. Isso não é uma crítica a eles; antes, é uma análise realística baseada na minha própria experiência quando estou de férias e ouço a mensagem de outro pregador. No final da sua mensagem — quando a música toca, a igreja é despedida, e as pessoas estão tentando passar por mim para sair para o corredor — se ele não me deu alguma imagem concreta de como a verdade se aplica à minha vida, será que ficarei sentado no meu lugar, fechando a passagem dos outros e dizer à minha

esposa: "Querida, preciso de uns cinco minutos. Quero pensar em como aplicar isso à minha vida"? Não. Levanto-me com os outros, viro-me para a minha esposa, e digo: "Onde vamos comer hoje? Você pega as meninas, eu pego os meninos, e nos encontramos no carro".

Assim, na próxima vez que você se pegar dizendo: "E que o Espírito de Deus aplique isso ao seu coração", o que na verdade você está dizendo é: "Não tenho a menor idéia de como isso se aplica; talvez vocês consigam imaginar alguma coisa". Mas isso não acontece.

Precisamos fazer a aplicação. O nosso sermão precisa ser uma meditação ampliada sobre a verdade de Deus que resultará na compreensão não somente sobre *o que* foi dito, mas também de *por que* isso é boa sabedoria para a nossa vida e *onde* essa verdade opera ou está operando em nossa vida (cobrindo todas as três perguntas de desenvolvimento).

Como encontrar imagens relevantes

Mas como podemos encontrar essas *imagens* relevantes? Que habilidades nos ajudam a tratar e descrever como a verdade se expressa na vida dos ouvintes? Deixe-me sugerir quatro coisas que você pode fazer.

1. Examine a sua própria vida

Pense em onde alguma coisa poderia aparecer na sua própria vida. Pergunte-se: *Como eu experimentei isso? Como estou experimentando isso? Como eu poderia experimentar isso?* (Pense nos três sentidos; imagine situações *realistas* no futuro como também situações *reais* no passado e no presente).

Por exemplo, suponha que você está falando sobre o tipo de raiva que irrompe ou explode quando estamos impacientes, irritados ou frustrados. Faça esta pergunta: "Quando esse tipo de raiva pode aparecer na minha vida?".

- Quando você está entrando na fila do caixa-rápido do supermercado, e aí você vê alguém na sua frente com o carrinho cheio. E então o comprador transgressor espera passar todos os itens para daí procurar os seus cupons de desconto.
- Quando alguém dá uma fechada em você na rodovia e quase joga você no *guard-rail.*
- Quando um dos membros da diretoria da sua igreja, numa reação automática, joga água fria na sugestão que você deu sem ao menos tentar entender as suas vantagens.

Nas situações em que essa raiva aparece na sua vida, provavelmente também apareça na vida dos seus membros, e você pode visualizar a situação para os seus ouvintes. Por exemplo, a situação da pessoa na diretoria pode corresponder a quando o sogro ou sogra descartam uma idéia que você deu, ou um colega de trabalho ridiculariza uma sugestão no trabalho.

2. Circunstâncias de vida atuais de outras pessoas

Teste a verdade em um círculo crescente de diversos grupos e circunstâncias de vida na sua platéia. Visualize os diferentes tipos de pessoas a quem você se dirigirá — a homens, mulheres, crianças. Divida-os em subcategorias e faça uma vistoria para detectar se a sua verdade bíblica aparece em alguma situação.

Subdivida ainda mais essas subcategorias, em sub-subcategorias e em sub-sub-subcategorias. Nem todos os maridos e pais são iguais, por exemplo. Quais são os diferentes tipos de maridos? Como os homens são diferentes no exercício da sua paternidade?

Maridos
- Casados há quanto tempo
  - Um ano
  - Um homem de 21 anos casado há um ano, primeiro casamento
  - Um homem de 40 anos casado há um ano, primeiro casamento
  - 15 anos
  - 40 anos
- Primeiro ou segundo casamento para um dos cônjuges
- Se tiveram exemplo de exercício do papel do marido em casa com seus pais

Pais
- Quantos filhos
- Que idade têm os filhos
- Se ele tem filhos meninos, meninas ou ambos
- Se ele é o pai biológico ou padrasto

Vamos sondar a categoria de trabalho. Veja se a sua verdade bíblica conecta com algum dos cenários a seguir:

Possui uma empresa e é o chefe
- Renda básica
- Quantos empregados
- Contratações, demissões, treinamento
- Animo
- Benefícios adicionais
- Regulamentações governamentais, segurança do trabalho e saúde pública, compensação do trabalho, concorrência; obsolescência do produto/serviço

E empregado de alguém
- Emprego sem perspectivas de crescimento
- Trabalho entediante, rotineiro
- Chefe
  - Exigente, crítico
  - Incompetente

Tem os seus favoritos, culpado de nepotismo
Trata de forma injusta, é cruel, imoral

Colegas de trabalho
Preguiçosos
Incompetentes
Detestáveis

Preocupações com a segurança, perigos no trabalho
Salário, benefícios
Tempo no trajeto para o trabalho, distância
Pressões na produção; estresse; sentimento de não conseguir vencer as exigências

Aposentados e dependentes da Previdência Social
Ainda dando assessoria; emprego de tempo parcial
Lutas em relação à auto-estima, propósito na vida
Pensão adequada, fundos de pensão
O que agora preenche o tempo

Desempregado
Quanto tempo está desempregado; impacto econômico sobre a família
Preocupações com a auto-estima
Discriminação por causa da idade; probabilidade de encontrar emprego equivalente
Necessidade de ser treinado novamente; nova formação

Se nada conectar na área de trabalho, mude para outra — condições de moradia, ou os diferentes estágios do casamento, ainda com a pergunta: A minha verdade bíblica aparece em alguma dessas circunstâncias?

3. Encontre imagens aplicáveis

Use imagens que aplicam o conceito bíblico, não imagens que simplesmente o ilustram. Defino a ilustração como uma imagem ou analogia de uma área fora da nossa vida pessoal. Segundo essa definição, você está ilustrando se você contar da coragem de um general da Guerra Civil cujo cavalo foi abatido abaixo dele, mas ele empunhou a sua espada do chão e gritou aos seus homens: "Sigam-me". Incitar os seus ouvintes a terem coragem semelhante pode deixá-los imóveis visto que eles não conseguem se identificar com essa situação. É uma ilustração, e não uma aplicação.

Histórias de viúvas vitorianas, relatos de prisioneiros indonésios sendo perseguidos, analogias de gansos que voam em bela formação, explicações de como fazer um vestido — são ilustrações. Elas podem até esclarecer, podem até entreter, mas não se aplicam — elas não ajudam o ouvinte a *ver* como isso aparece na *sua* vida.

Em contraste com isso, uma aplicação é uma imagem da exata situação da vida dos seus ouvintes de que o autor bíblico está falando. Por exemplo, suponha

que você está pregando sobre ITimóteo 6.9,10, e sua idéia central é: "O amor ao dinheiro pode causar a sua queda". Uma ilustração seria contar urna historia do rei Midas, ou de Yusef, o Turco Terrível — historias verdadeiras. Na década de 1940, Yusef veio à América para participar de um torneio de luta de peso pesado. Um por um ele venceu os seus adversários e ganhou o premio de US$10.000,00.

Dois dias depois de ganhar o prêmio, ele pagou a passagem de navio para voltar à Europa e ao seu país, a Turquia. Ele disse aos organizadores do torneio que não queria o seu prêmio em cheque; insistiu que o queria em moedas de ouro — um meio universal de câmbio. Comprou um cinturão para o dinheiro e enfiou os 30 quilos de ouro no cinturão em volta da sua cintura.

A tripulação do navio lhe ofereceu o cofre para guardar o ouro, mas Yusef preferiu ter o ouro consigo o tempo todo. Alguns dias em alto mar, e um defeito nos motores do navio o tornou inútil para seguir viagem. Outra embarcação foi enviada para transferir todos os passageiros a bordo. Yusef tentou saltar de um navio para o outro, mas errou por alguns centímetros e caiu na água. E essa foi a última notícia que se teve de Yusef, o Turco Terrível.

Depois de contar essa história, você então adverte solenemente os seus membros: "O amor ao dinheiro vai causar a sua queda". E alguém na platéia pensa: *Vou lembrar disso na próxima vez que eu ganhar um torneio de pesos pesados e cruzar o Atlântico num navio.*

Será que eu contaria essa história na igreja? Provavelmente sim. Mas eu não me enganaria a ponto de achar que tinha sido relevante. Eu entretive os ouvintes, mas não ajudei as pessoas a *verem* como isso se encaixa na vida *deles.* Assim, se contar essa história, preciso retratar como o amor ao dinheiro que leva à queda pode aparecer na experiência dos meus ouvintes. Preciso falar em imagens concretas acerca de

- trabalhar 80 horas por semana para ganhar dinheiro à custa da vida familiar
- jogar na loteria à custa das economias da família
- fazer alta dívida no cartão de crédito na busca de um estilo de vida
- participar de práticas não-éticas que rendem muito mas corrompem a alma
- reter o dizimo e experimentar a ira de Deus

Uma ilustração acrescenta interesse e clareza. Uma aplicação acrescenta interesse, clareza e relevância.

4. Faça aplicações detalhadas

Torne as suas aplicações detalhadas e extensas, não vagas e breves. Pinte o retrato. Visualize os aspectos específicos, crie conversas, represente as ações que você quer que os seus ouvintes pratiquem. Ensaie e recite em voz alta os pensamentos internos ou a argumentação que você quer que eles processem. Nada acon-

tece na vida dos seus ouvintes sem imagens específicas. Não se desenvolve piedade sem que a verdade seja associada a situações concretas da vida.

Suponha que eu estou ensinando a classe da 5ª série de meninos da Escola Dominical, e eu digo: "Meninos, o que isso significa para a sua vida diária? Significa: 'Seja um bom cristão' ".

"Ai, sr. Sunukjian, o que significa isso?".

"Está bem, significa: 'Submeta-se aos seus superiores' ".

Mas *submeter-se* não é uma palavra-imagem, e quando você está na 5ª série todo mundo é superior a você. Então eu tento de novo: "Significa: 'Obedeça aos seus pais' ". *Pais* já é uma palavra-imagem, mas *obedecer* não é.

Não posso me contentar com tal vagueza e brevidade. Preciso visualizar em detalhes amplos algumas situações na vida dos meninos, assim que eles consigam ver como é a piedade na prática. Por exemplo: "Meninos, isso significa que quando sua mãe lhe dá R$ 1,00 para comprar um suco natural na escola, você usa o dinheiro para comprar o suco, e não salgadinhos".

Agora os meninos têm uma imagem, e alguma piedade pequena, mas relevante, pode se desenvolver na sua vida enquanto esperam agradar a Deus em alguma situação concreta.

As narrativas bíblicas apresentam a verdade por meio desse tipo de imagens amplas e detalhadas. Visto que Deus usou imagens amplas do mundo bíblico para apresentar a verdade a nós, nós também devemos usar imagens igualmente amplas e contemporâneas para levar a verdade ao nosso mundo.

Capítulo 93

AS MELHORES GRANDES IDÉIAS

Cinco qualidades das mais fortes idéias de pregação

Haddon Robinson

Qual é o propósito da "grande idéia"? Em outras palavras, por que investir sangue, suor e lágrimas no desenvolvimento da melhor idéia possível?

Antes de mais nada, preciso deixar claro do que estou falando quando falo de uma grande idéia. Estou falando da idéia principal do sermão, a proposição do sermão, o princípio básico que você tentará transmitir. A razão pela qual "a grande idéia" tem se tornado famosa como meio de falar acerca disso é que quando eu tentava firmá-la na mente dos meus estudantes eu dizia: "Qual é a grande idéia?". Soa quase como uma gíria, mas eu estava tentando fazer esse conceito grudar na mente dos alunos. Acertei, pois é a assim que as pessoas se referem a ele hoje.

Um sermão contém muitas idéias, mas todas deveriam fluir da idéia principal do sermão. Não estou contando nada de novo. Volte no tempo, até a Aristóteles, Platão e Cícero, e você descobrirá que eles têm uma proposição em torno da qual

o discurso é desenvolvido. Com freqüência, isso se perde nos sermões. Assim, quando falo de uma grande idéia, estou falando de um fator de organização. Tome todas as partes de um sermão e combine-as num todo, e esse todo é a idéia central — a grande idéia — do sermão. Assim, um propósito da grande idéia é que você organize o sermão em torno dela.

Um segundo propósito é que você quer deixar algo de duradouro na mente dos seus membros depois que o sermão terminou. A verdade é que as pessoas não lembram de esboços. Elas provavelmente nem o consultarão mais tarde. Não conheço ninguém que foi tocado por Deus por um esboço do livro de Gaiatas. As pessoas vivem e morrem, isso sim, por uma idéia, uma grande verdade que se apoderou delas.

Não posso esperar que a igreja se lembrará de cada grande idéia que tento transmitir, mas há uma probabilidade maior de que levem junto alguma coisa e se lembrem dela uma semana depois se eu conseguir carimbar essa linha central na sua mente. O restante do sermão muitas vezes é como os andaimes: é importante, mas a coisa principal é que as pessoas se apossem de uma idéia, ou que uma idéia se aposse delas, e que essa idéia de alguma forma molde a maneira em que elas reagem à vida.

Características da grande idéia

Uma grande idéia que cause impacto tem cinco características: (1) *A idéia tem de ser restrita o suficiente para ser precisa.* Precisa ser restrita e estreita o suficiente para entrar debaixo da sua pele como pregador. É uma resposta clara à pergunta: *Do que exatamente estou falando?* Se você tem uma vaga idéia, é muito ampla, muito geral, muito abstrata, não faz nada por você. Mas quando você chega a uma idéia que é tão afiada que entra na sua própria alma, isso é importante.

Por exemplo, um colega meu no Seminário Gordon-Conwell, o dr. Peter Kuzmic, estava falando de esperança, e tomou uma idéia de Agostinho. Ele disse: "A esperança tem duas filhas: raiva e coragem — raiva diante de como as coisas estão, e coragem para tentar mudá-las". Isso é uma grande idéia. Ouvi isso há algumas semanas, e ainda me lembro dela. E quanto mais penso nela, mais ela se apossa de mim.

Aqui está mais um exemplo de uma idéia sobre a esperança: "A esperança é ouvir a música do futuro, e a fé é ter a coragem de dançá-la". Isso, também, é uma idéia — a relação entre fé e esperança. Você poderia formular em uma série de expressões blá-blá-blá. Você poderia dizer: "A esperança nos ajuda a pensar no futuro, e a fé é viver à luz desse pensamento". Mas isso não tem a força e o impacto de: "A esperança é ouvir a música do futuro, e a fé é ter a coragem de dançá-la". Isso se apossa de você.

(2) *A característica seguinte de uma idéia de grande impacto é que ela tem força de expansão.* É como o fermento na massa; ela tem um jeito de fermentar. Muitas

vezes quando você começa a preparar um sermão, fica pensando se vai ter material suficiente para preencher 30 minutos. Mas quando você se apossa de uma idéia ou ela se apossa de você, fica aflito se conseguirá dizer tudo em 30 minutos. Quando você pergunta: "O que precisa ser dito sobre essa idéia? O que preciso dizer para transmiti-la? O que isso significa na prática?", você descobre que ela tem uma força tremenda. Ela clama por desenvolvimento.

(3) *A terceira característica de uma boa idéia é que ela precisa ser verdadeira.* Não estou falando a respeito da veracidade porque a idéia está na Bíblia e cremos que as Escrituras são verdadeiras. Estou falando de verdadeiro, até a medula dos seus ossos. Quando você tem uma idéia que toma conta de você, ela gera paixão em seu íntimo. Se queremos identificar um ingrediente como o mais importante na pregação eficaz, é a paixão. Isso não significa entusiasmo, ou volume; é o sentimento de que isso é importante. Quando você percebe que isso é verdadeiro e coerente com a vida, é verdadeiro e coerente com Deus, é verdadeiro e coerente com a minha experiência, isso é verdadeiro e coerente com as partes fundamentais da vida, então isso capacita você a querer trabalhar num sermão e lhe dedicar o seu melhor e lhe devotar tempo. Quando você percebe que isso é verdadeiro, faz com que valha a pena preparar e pregar esse sermão.

(4) *A característica seguinte de uma grande idéia flui da terceira: Precisa estar repleta com as realidades da vida.* Algumas pregações explanam a doutrina. Isso é importante, mas as pessoas estão sentadas na platéia e pensam: "E daí?". Se a teologia não explica a vida, provavelmente não é digna do tempo gasto para estudá-la e pregá-la. A teologia não é algo abstrato que colocamos no quadro, no seminário, e que observamos, e em torno do que argumentamos. A verdadeira teologia é sobre como Deus cruza com a nossa vida e sobre como fica a vida quando levamos a sério o fato de que o Deus da Bíblia realmente existe. Assim, uma grande idéia está repleta com as realidades da vida. Ela se ocupa com as grandes realidades da vida. Ela se ocupa com os profundos problemas universais. Ela se debate com questões como a vida, e a morte, e a coragem, e o medo, e o amor, e o ódio, e a confiança, e a dúvida, e a culpa, e o perdão, e o sofrimento, e a alegria, os sentimentos terríveis da vergonha e do remorso, e os grandes sentimentos da compaixão e da esperança.

Você tem uma grande idéia quando chegou à cruz, quando ela é verdadeira na sua própria alma, as pessoas percebem isso. Os sermões triviais tentam começar nas beiradas e falar sobre alguma doutrina esotérica, mas os grandes sermões voltam ao centro, às grandes questões fundamentais, onde as pessoas vivem, amam e sofrem, o tipo de assuntos de que a Bíblia fala.

(5) *Isso me leva à quinta característica de uma grande idéia do sermão: É fiel à Palavra de Deus.* As primeiras quatro características são verdadeiras acerca de uma idéia, mas essencial a uma grande idéia é que ela seja fiel às Escrituras, fiel à palavra de Deus. Como pregadores não estamos simplesmente filosofando. Não

somos oradores motivacionais. Fomos encarregados da palavra de Deus. Uma das grandes coisas em relação a trabalhar com as Escrituras é que elas são um livro de grandes idéias, porque suas palavras refletem a realidade de Deus e de como Deus cruza conosco. Vamos às Escrituras para obter nossas idéias.

Isso significa que quando vou à Bíblia, preciso reconhecer o que ela é. Ela é um livro de idéias — não somente um livro de palavras, expressões ou versículos isolados. Os autores bíblicos estavam tentando transmitir grandes idéias, e preciso enxergar isso quando trato de um texto bíblico. Preciso procurar isso, e não encontramos idéias triviais na Bíblia. Quanto mais você se ocupa com as Escrituras, mais você reconhece que está diante de profundidade e grandeza.

Há anos, quando meu filho Torey tinha se formado no seminário, eu brinquei com ele: "Torey, você só tem 25 anos. O que um menino como você tem a dizer a alguém como eu?". Ele voltou a conversa para o lado sério e disse: "Pai, é por isso que eu preciso ser um pregador da Bíblia. Falando francamente, ainda não vivi o tempo suficiente para poder pensar profunda e intensamente nas coisas. Mas os autores bíblicos já fizeram isso. E se eu compreender a verdade bíblica e a pregar, vou ter sabedoria além da minha idade". E aí ele deu uma piscada e acrescentou: "E por falar nisso, é sabedoria além da tua idade também, pai".

Como desenvolver a grande idéia

Precisamos seguir um processo exegético e homilético para chegarmos ao ponto de elaborar a grande idéia. Em primeiro lugar, a idéia exegética é o que o autor bíblico estava dizendo aos leitores bíblicos. A Bíblia não pode dizer hoje o que não queria dizer naquela época. Então, algumas das perguntas que preciso fazer são as seguintes: Quando o autor de Gênesis estava escrevendo a sua história, o que ele queria dizer às pessoas que leram o relato? O que Paulo queria dizer às pessoas da cidade de Colossos quando escreveu Colossenses? Essa é a idéia exegética.

Pode parecer óbvio quando digo que você precisa buscar idéias quando estuda a Bíblia, mas quando estudei no seminário eu não captei isso. Tenho certeza de que houve professores que o disseram. Simplesmente não captei. Assim, quando saí do seminário, não sabia quando parar de estudar um texto, porque não sabia o que estava procurando. Eu conjugava os verbos, declinava os substantivos, fazia os diagramas das frases. Mas eu não sabia quando estava pronto porque não sabia que estava à busca de idéias.

A idéia homilética é a idéia das Escrituras como eu a formulo e moldo para uma platéia do século XXI. Isto é, se alguém entrasse na minha sala de estudos, como eu expressaria esse conceito à pessoa sentada diante da minha escrivaninha: A idéia homilética está fundamentada no trabalho que você faz durante a exegese, mas você não pregou se deixou as pessoas no passado há dois mil anos. A idéia homilética é tomar essa grande idéia das Escrituras e formulá-la de maneira tal que as pessoas de hoje a ouçam.

Um dos desafios na compreensão e transmissão da idéia central do texto é trabalhar com a exegese para obtê-la. Com freqüência acabo obtendo muitas partes no meu trabalho de exegese. Mas preciso voltar à síntese para pôr tudo junto de novo. Temos a parte superior da ampulheta, na qual leio o texto, geralmente em algumas versões. Depois uso comentários e tudo o mais que consigo para examinar os detalhes de um texto. E aí volto e monto tudo novamente em uma sólida idéia exegética.

Muitos comentários explicam os detalhes, mas não nos mostram o geral. Ou seja, eles explanam as palavras e as expressões individuais, mas não seguem a argumentação do texto. Assim, um dos desafios que enfrento é conseguir dizer: *Édisso que o autor bíblico está falando.* Há duas partes nisso.

A primeira parte desse desafio é perguntar: *O que o autor está dizendo?* A resposta precisa ser uma idéia completa; não pode ser uma simples palavra. Chamamos isso de *tópico,* e o tópico é a resposta à pergunta: *Do que o autor está fala?2do?* Você pode formular o tópico em termos de uma pergunta. Ou seja, você não pode pregar um sermão sobre o perdão. Você pode, sim, pregar um sermão sobre: *Por que devemos perdoar?;* ou um sermão sobre: *Como fazemos para perdoar outras pessoas?,* ou ainda: *Quando devemos perdoar? Devemos fazer isso imediatamente? Devemos fazer isso quando a outra pessoa pede perdão ou se arrepende? Quem deve perdoar?\Jma.* dessas perguntas será predominante, e você precisa refletir sobre isso: *O que o autor bíblico está querendo dizer? Do que ele está falando?*

A segunda parte desse desafio é o que chamamos de *complemento.* Ela complementa o sujeito e responde à pergunta: *O que esse autor está dizendo sobre o tópico de que ele está falando?* Se o tópico é uma pergunta, então o complemento é uma resposta a essa pergunta, e os dois combinados formam a idéia. Então uma tarefa que tenho é estabelecer isso, obter a percepção de que estou entendendo o texto e a idéia principal que o autor bíblico está tentando transmitir.

O segundo grande desafio que tenho é perguntar: *Tenho essa idéia bíblica. Como ela se aplica à vida?* Por exemplo, o livro de Levítico me diz como fazer um sacrifício queimado, ou um holocausto. Provavelmente eu poderia resumir em um complemento como se faz um holocausto. Mas tendo feito isso, a pergunta é: O *que isso tem que ver com pessoas do sécido XXI?* Ninguém entra na sua sala e diz: "Estou interessado em fazer um holocausto a Deus. Você poderia me dizer como eu posso fazer isso?". Não é difícil entender Levítico, mas é difícil entender como você toma esse trecho e o aplica às pessoas hoje. Atravessar a ponte entre o mundo antigo e o mundo moderno às vezes se torna um processo difícil.

Um terceiro desafio que enfrento quando estou trabalhando com um texto é formulá-lo em termos modernos, de forma que as pessoas consigam entendê-lo. Por exemplo, suponha que você está pregando sobre o Espírito Santo. Se você for formular isso como um princípio teológico, você poderia dizer: "O batismo do Espírito Santo é o ato do Espírito Santo quando nos convertemos, e esse ato nos

introduz ña igreja, denominada pelos autores bíblicos de corpo de Cristo, e nos dá um relacionamento com todos os outros cristãos e com Jesus Cristo, que é o cabeça". Isso é teológicamente correto, mas ninguém consegue levar essa idéia para casa. E longa demais, vaga demais. Mesmo depois de você a ter explicado, as pessoas terão grandes dificuldades em lembrá-la.

Você talvez queira aplicar isso à sua platéia e dizer: "O batismo do Espírito Santo é a obra que o Espírito Santo fez por você ao colocá-lo na igreja e lhe dar um relacionamento com todos os outros cristãos e com o próprio Jesus Cristo". Isso já é um pouco melhor, porque, ao menos, você está falando com as pessoas à sua frente a respeito delas mesmas.

Mas eu poderia também trabalhar com a implicação disso e dizer: "O batismo do Espírito Santo significa que se você pertence a Jesus Cristo, então pertence a todas as outras pessoas que pertencem a Jesus Cristo". Agora, isso é uma idéia bem melhor. Penetra na minha pele. Sinto que tem importantes implicações. Há muito que dizer sobre isso. Há verdade profunda nisso. E em vez de construir muros entre mim e outros cristãos, essa é uma maneira de derrubá-los. Mas é somente quando eu formulo isso dessa forma que percebo: *Sim, vale a pena pregar isso.*

Isso não acontece assim tão facilmente. E há domingos em que não acontece. Mas essas são as coisas com que luto para fazer com que a idéia central esteja no centro de pulsação do meu sermão.

Boas idéias e grandes idéias

Há muitas idéias na Bíblia, e, contudo, nem todas as idéias são igualmente grandes. Há idéias gerais e abrangentes. Temos provavelmente só oito ou nove grandes idéias nas Escrituras. Elas recorrem sempre de novo e se apresentam em diferentes formas e moldes.

Por exemplo, uma grande idéia na Bíblia é a de que o justo viverá pela fé. Você a encontra em Habacuque. Você a encontra três vezes no Novo Testamento. É uma grande verdade central. É abstrata. O justo vive pela fé. Ele não vive pelas experiências. Ele não vive pelo que vê. Ele vive pela fé. O justo vive pela fé na forma em que vem a Jesus Cristo. Você se torna cristão ao depositar a sua fé em Cristo. Nós nos esquecemos com freqüência do fato de que depois de se tornar cristão, você vive pela fé. E a argumentação do livro de Gálatas. No final de tudo, quando virmos a Cristo, estaremos lá por causa da fé. E um grande princípio das Escrituras, e isso é uma grande idéia porque engloba tantas coisas.

Nem todo sermão pode ser uma grande idéia, mas há muitas boas idéias. Elas não são tão gerais e abrangentes, mas muitas vezes constituem a matéria prima dos nossos sermões. E com certa freqüência, você pode fazer um golaço com uma grande afirmação de uma grande verdade, mas a diferença entre uma boa grande idéia e uma excelente grande idéia tem que ver com a magnitude da idéia em questão.

Uma vez que temos uma excelente grande idéia, temos de usá-la para o maior benefício no sermão. *Ela precisa se tornar o principio organizador do seu sermão.* Não importa se o seu sermão é desenvolvido de maneira dedutiva, em que você enuncia a sua idéia no início e depois a questiona, ou de forma indutiva, em que você conduz o sermão à sua idéia, ela é o centro organizador do sermão. Tudo leva a ela ou tudo flui dela.

Você precisa repeti-la várias vezes. Mesmo que você conduza o processo para chegar a ela na conclusão, aí você a afirma e reafirma. E para reafirmá-la, você geralmente a formula em outras palavras. Mas aí você volta e a repete de novo. Nos meus sermões mais eficazes, devo ter afirmado a minha idéia central cinco, seis ou sete vezes. O pregador hábil repete a idéia às vezes por meio de uma ilustração e outras por meio de uma música. Você quer que a idéia fique clara. É o que a congregação precisa lembrar. As pessoas não se lembrarão se você a afirmar só uma vez. Se você não a afirmar ao menos três ou quatro vezes, elas não a captarão.

Houve vezes em que eu realmente martelei a idéia central. Com isso quero dizer que bati na tecla muitas vezes. E na hora do almoço ou do lanche, pergunto aos meus familiares ou amigos: "Estou curioso. Se você resumisse o que eu disse hoje no sermão, o que você diria?". Às vezes eles captaram a idéia. Se é uma afirmação memorável, eles às vezes a captam. Muitas vezes pegaram o sentido básico do sermão, mas de forma um tanto vaga e esfarrapada. Aprendi que se você não martelar com intensidade, se você não tirar tempo para fazê-lo, se você não repetir a idéia de novo e de novo em diferentes formas em diferentes partes do sermão, as pessoas não a captam. E impressionante quão pouco do sermão as pessoas conseguem levar para casa e lembrar um dia ou dois depois. A maneira de você obter o maior benefício da idéia é apresentá-la, explicá-la, prová-la, aplicá-la e mostrar às pessoas onde ela está no texto bíblico, mas sempre tente fazer com que elas a lembrem.

Capítulo 94

O PODER DA SEQÜÊNCIA

Você deve usar pontos paralelos ou pontos seqüenciais?

Craig Brian Larson

A forma de sermão que eu aprendi desde jovem usa pontos paralelos. Cada ponto do sermão flui da transição para a introdução, assim que todos os pontos são paralelos. Por exemplo, num sermão de Lucas 12.22-34, a frase de transição poderia ser: "Jesus nos dá cinco razões para não nos preocuparmos". A palavra-chave é "razões". Cada ponto fornece uma razão para não nos preocuparmos, e assim cada ponto é paralelo na sua lógica, fazendo a ponte de uma única transição. Aqui está uma sugestão de esboço:

Jesus nos dá cinco razões para não nos preocuparmos:

- Deus quer que a vida seja muito mais relevante do que obter comida e roupas.
- Podemos depender de Deus para nos dar provisão melhor do que ele dá aos animais e plantas.
- A preocupação não leva a nada.
- A preocupação nos torna semelhantes àqueles que não conhecem a Deus.
- Deus promete prover para àqueles que buscam o seu reino.

Essa forma de pregação — palavra-chave com pontos paralelos — tem a vantagem da clareza. Além disso, combina com textos que trazem idéias paralelas ou listas. Mas nem todos os textos têm essa forma, especialmente as narrativas, os salmos e as seções mais longas nas cartas. Quando tentamos impor a estrutura descrita acima sobre um texto sem idéias paralelas, corremos o risco de distorcer o texto; ou de negligenciar idéias importantes no texto que não se encaixam na lógica dos nossos pontos paralelos (ou os forçamos a caber no nosso esboço, assim como forçamos o pé caber no sapato com a calçadeira).

No exemplo acima, o que posso fazer com uma idéia importante no texto que não apresenta uma razão para eu evitar a preocupação? Os versículos 32-34 não fornecem razões diretas para eu não me preocupar, mas eles nos dão o clímax do que Jesus diz. A vida não é feita só de comida e roupas; a vida, no final das contas, é experimentar o reino de Deus. Na vida satisfatória do reino, somos tão livres de buscar comida e roupas que podemos, na verdade, buscar formas de dar as coisas aos outros!

Se me sinto amarrado aos meus pontos paralelos, eu corro o risco de deixar fora os versículos 32-34 no texto do meu sermão, o que truncaria a mensagem completa e tencionada desse texto das Escrituras. Outra desvantagem dos pontos paralelos pode ser a previsibilidade. Depois que apresentamos a frase de transição na introdução, todos sabem para onde o sermão está indo. O que ganhamos em clareza podemos perder em suspense. Se os ouvintes estão interessados em todas as razões para não se preocuparem, a previsibilidade é positiva; mas se não estão interessados, é um aspecto negativo. Tudo que é previsível pode entediar tanto a nós quanto aos nossos ouvintes.

Pontos seqüenciais

Mas há uma alternativa. Os nossos pontos não têm de ser paralelos; podem ser seqüenciais. Cada idéia pode fluir para a idéia seguinte em vez de todas resultarem da frase de transição na introdução. O ponto 1 conduz ao ponto 2. C ponto 2 conduz ao ponto 3. O ponto 3 conduz ao ponto 4. É simples, lógico e convincente.

Aqui está um sermão temático com pontos que seguem uma seqüência lógica:

- Deus ama todas as pessoas.
- Mas nem todas as pessoas correspondem ao amor de Deus.
- As pessoas podem rejeitar o amor de Deus porque Deus dá às pessoas a liberdade da escolha.
- Nossa livre escolha tem conseqüências.
- E assim, quero exortar você a corresponder ao amor de Deus.

Observe como cada ponto desse sermão temático flui do ponto anterior e conduz ao ponto seguinte. Os pontos não podem ser reordenados, como seria possível numa estrutura paralela.

Aqui está um esboço seqüencial baseado na exposição de um único versículo, 1 Pedro 4.10:

- Cada um de nós recebeu um dom espiritual de Deus.
- Esses dons espirituais aparecem de muitas formas.
- Não importa quais sejam os nossos dons, eles colocam sobre nós a responsabilidade de sermos mordomos fiéis dos dons.
- Identifique e use o seu dom.

Ou então, se eu novamente usar o texto de Lucas acima (Lucas 12.22-34) e desenvolver os pontos em lógica seqüencial, posso ter o seguinte esboço:

- As vezes somos tentados a nos preocupar com as necessidades materiais diárias (v. 22).
- Essa preocupação pode fazer com que ganhar o sustento seja o foco principal da vida (v. 30).
- Jesus diz que a vida é mais do que ganhar o sustento (v. 23).
- A preocupação na verdade nos impede de experimentar o que Deus tinha em mente para a vida (w. 29,30,34).
- Podemos confiar em Deus que ele proverá para nós (w. 24,27,28).
- Encontramos a vida verdadeira ao buscarmos e experimentarmos o reino de Deus (v. 31-34).

Uma grande vantagem dos pontos seqüenciais é que eles mantêm o interesse dos ouvintes. Os pontos seqüenciais seguem padrões a que as pessoas reagem instintivamente, como o padrão problema-solução ou pergunta-resposta. Observe no exemplo de Lucas que os pontos 1, 2 e 4 exploram o problema humano, gerando interesse. O ponto 3 sinaliza para uma resposta, e 5 e 6 apresentam a resposta completa para a nossa necessidade humana. A abordagem seqüencial segue uma lógica indutiva e não dedutiva, adiando a descoberta completa para o final do sermão.

Como vencer os desafios

Uma diferença significativa entre a pregação de pontos paralelos e a de pontos seqüenciais está nas transições. No caso dos pontos paralelos fazemos a transição tipicamente entre os pontos ao enumerá-los e repetir a palavra-chave. "A primeira

razão para não nos preocuparmos... A segunda para não nos preocuparmos...". Chamar atenção aos pontos paralelos dessa forma ajuda a dar clareza. As pessoas têm facilidade em seguir a nossa estrutura porque marcamos os pontos com uma luz que pisca.

No caso dos pontos seqüenciais, as coisas ficam nebulosas se não sinalizarmos claramente as transições entre os pontos. A enumeração e as palavras-chave não servem muito bem a essa forma. (Embora os sermões de pontos seqüenciais possam usar as conhecidas palavras-chave *princípios* ou *pontos* ou "coisas que eu quero dizer", e possamos enumerá-los, isso geralmente torna as transições desajeitadas).

A solução é repetir e reformular os pontos. Ao concluirmos cada ponto, devemos repetir e reformular o ponto, e então enunciar o ponto seguinte e repetir e reformulá-lo duas ou três vezes antes de seguir para o seu desenvolvimento.

Por exemplo, no sermão de Lucas acima, depois que eu terminei de explicar e ilustrar o ponto 1, eu poderia dizer: "E assim de fato nos preocupamos às vezes com nossas necessidades materiais diárias. Agora, essa preocupação traz uma grande desvantagem. A preocupação pode fazer com que ganhar o sustento se torne o foco principal na vida. Vivemos para receber o salário no fim do mês. Nossa razão de existir não é nada mais do que pagar as contas". Então posso desenvolver a idéia.

Depois de eu ter desenvolvido o ponto 2, posso concluir e avançar para o ponto 3 ao dizer: "Visto que a preocupação consome os nossos pensamentos, faz com que ganhar o sustento se torne o foco principal na vida. Mas Jesus diz que a vida é mais do que ganhar o sustento. Deus nos criou para fixarmos o nosso coração em mais do que dinheiro, comida e pagamentos da prestação da casa ou aluguel". Isso é uma forma natural e conversacional de fazer a transição entre os pontos.

Uma coisa adicional de observar no caso dos pontos seqüenciais: Empenhe-se em se ater a um tópico. Se não formos cuidadosos, uma seqüência de idéias pode começar em um tópico, e três pontos depois terminar em outro. Isso é especialmente provável num sermão temático fundamentado em diversos textos.

Por exemplo:

- Deus nos ama.
- Nós devemos amar os outros.
- Pode ser que não tenhamos vontade de amar os outros.
- Os nossos sentimentos podem nos desviar.
- Os falsos mestres também podem nos desviar.

Todos os pontos precisam estar subordinados a um tópico geral e abrangente. No texto de Lucas acima, o meu tema abrangente era: "Como você pode experimentar o mais alto propósito de Deus para a sua vida".

Você provavelmente não usará pontos seqüenciais em todas as mensagens, mas, para muitos textos, eles produzem sermões bíblicos interessantes. Se o método dos pontos paralelos até agora foi a sua única forma de pregação, os pontos seqüenciais podem abrir um mundo homilético totalmente novo.

Capítulo 95

ESBOÇOS QUE TRABALHAM POR VOCÊ, E NÃO CONTRA VOCÊ

Como elaborar pontos do sermão que sigam a maneira de pensar das pessoas

Steven D. Mathewson

Vinte estudantes e dois professores estavam observando a escrita manual na parede. Um por um, os estudantes de uma classe de homilética estavam projetando no retroprojetor as suas primeiras tentativas de esboço de sermão de um trecho designado para tal. Eu estava apreensivo, esperando a minha vez. O meu amigo Rod foi antes de mim. Rod olhou para a sua transparência e leu em voz alta os pontos principais de um sermão em potencial sobre 1 Samuel 17, a história de Davi e Golias.

Golias desafia o povo de Deus.
Saul se acovarda com o povo de Deus.
Davi conquista para o povo de Deus.

Depois de uma pausa, Haddon Robinson, o professor principal, resmungou: "Isso parece que saiu de um livro intitulado *Sermões Simples para Domingo à Noite"*. A classe toda caiu na risada. Risada nervosa. Risada empática. "Ninguém mais fala desse jeito, a não ser no púlpito", ele continuou. Duane Litfin, professor visitante, acrescentou: "Ele está com medo que você vá e, de fato, pregue esse sermão!". Mais risadas.

O estágio do esboço no preparo do sermão é, para alguns, o passo mais assustador do processo. O autor de homilética Bryan Chapell diz: "Nas salas de aula e nas oficinas de pregação em todo o país, percebo que os pregadores têm mais perguntas e dúvidas sobre a estrutura do que sobre qualquer outro aspecto da pregação". Assim, como preparamos esboços de sermão que não sejam triviais, que comuniquem de maneira natural e apresentem nossas idéias claramente? Aqui estão três estratégias.

Use frases completas

Um dos propósitos principais do esboço do sermão é acompanhar e dar clareza ao fluxo de idéias do sermão. Desse propósito nasce a primeira estratégia: Formule os pontos do seu esboço em frases completas. De acordo com Haddon Robinson, visto que cada ponto no esboço representa uma idéia, deve ser expresso em uma frase completa. Quando palavras ou expressões aparecem como pontos, enganam-nos porque são incompletas e vagas. Afirmações parciais permitem que as idéias escapem da nossa mente como uma bola de futebol suja de graxa.

Elaborar um esboço é uma forma de pensar. Você, se não expressar os seus pontos com frases completas, faz com que o processo de pensar entre em curto-

circuito. Você não pode avaliar a clareza do pensamento ou a progressão lógica das suas idéias se tudo que você vê são palavras isoladas.

Não tente tornar o esboço memorável

A segunda estratégia é: não tente criar esboços que as pessoas se lembrarão depois. Levei anos de pregação para perceber isso. Eu sinceramente acreditava que os ouvintes seriam melhores por levarem os pontos do meu sermão para casa —na cabeça ou, melhor ainda, no papel. Sem uma visão do título e dos subtítulos ou do texto e dos princípios no texto, como as pessoas poderiam aplicar o texto à sua vida?

O problema é que ouvintes modernos não estão acostumados a obter informações em formato de estrutura de título e subtítulos. Nem Boris Casoy nem Sérgio Chapelin transmitem informações dessa forma. Sua apresentação segue um padrão conversacional.

Há alguns meses, Lisa, uma amiga íntima da família, ligou e me perguntou como são as dores de apendicite. Seu marido, Eric, estava numa viagem de negócios na Califórnia e estava sentindo dores terríveis na região inferior do abdome. Visto que eu tinha feito a cirurgia de remoção do apêndice aproximadamente três anos antes, Lisa queria minha opinião. Imagine como teria soado enlatado a minha resposta se eu tivesse seguido o esboço abaixo:

Como caracterizar a dor de apendicite
- É uma dor insuportável.
- É uma dor envolvente.

O contexto da dor de apendicite
- Seu local é o abdome.
- Seu foco é no apêndice.

Como cancelar a dor de apendicite
- Requer observação do médico.
- Requer remoção do órgão.
- Requer descanso do paciente.

A vantagem desse tipo de apresentação é que Lisa poderia segui-la facilmente. Aliterar os três pontos principais com a letra C (caracterizar, contexto, cancelar) fornece um auxílio à memória. Mas, obviamente, esse tipo de comunicação não é natural. É entediante, e não funciona do jeito que flui uma conversa normal.

Como pregador da Palavra de Deus, meu alvo é transmitir as idéias do texto e destacar a idéia predominante, a "grande idéia". As idéias se cristalizam na mente das pessoas por meio de palavras e das imagens. Quero que as pessoas vão para casa com a vontade de Deus em mente, especialmente uma imagem do que isso significa quando colocado em prática na sua vida. Preciso do meu esboço para me ajudar a transmitir as idéias e as imagens. Mas os ouvintes não precisam ver o meu esboço assim como não precisam ver as vigas que sustentam o telhado da minha casa.

Aliás, quando prego, não preciso proferir a afirmação exatamente como a formulei no ponto I do sermão. A chave é que, quando terminei o ponto I, a idéia que ele expressa tenha se formado na mente dos ouvintes.

Como um mapa, o esboço mostra a direção. Ela fornece ao pregador o plano de comunicação. O esboço diz: "Aqui está o conceito que deve ser transmitido primeiro; aqui está o conceito a ser transmitido em segundo lugar", e assim por diante. Escrever um esboço para você mesmo ajuda a criar um fluxo de idéias que é lógico. Ao olhar para um esboço no papel, você consegue detectar qualquer pensamento confuso. Você é capaz de avaliar se o seu sermão tem um senso de movimento ou progresso. Você percebe vácuos ou inconsistências no seu pensamento.

No esboço a seguir de um sermão de Salmos 137, observe os dois pontos principais:

Experiências injustas fazem com que pessoas que foram projetadas para louvar a Deus pensem como elas podem louvá-lo novamente (v. 1-6).
- A vida do crente deve ser uma vida de louvor (SI 135; 136).
- Mas experiências injustas tiram a vontade da pessoa de louvar a Deus (137.1-3).
- Isso coloca os crentes num dilema, visto que o que não conseguem fazer é o que deveriam fazer (137.4-6).

(Grande idéia) Confiar na justiça de Deus restaura o desejo arruinado de louvar (137.7-9).
- A solução do salmista parece ser vingativa.
- A solução é confiar na vingança de Deus.

O primeiro ponto expressa a idéia que quero transmitir com base nos versículos 1-6, mas não a expresso diretamente quando começo a desenvolver a idéia. A idéia emergirá no momento em que eu tiver terminado de desenvolver essa seção do sermão. Em algum ponto, posso dizer: "Os versículos 1-6 nos ensinam que experiências injustas fazem com que pessoas que foram projetadas para louvar a Deus pensem como elas podem louvá-lo novamente". No entanto, não tentarei tornar essa afirmação proeminente. Transmitirei essa idéia ao reafirmar esse conceito de diversas maneiras. Por exemplo, direi algo como: "A pergunta operacional dos versículos 1-6 é a seguinte: como posso restaurar o meu desejo de louvar a Deus quando ele permite que experiências injustas ocorram na minha vida?".

O segundo grande ponto é uma afirmação da grande idéia do sermão, assim a afirmarei literalmente duas ou três vezes e, depois, então encontrarei algumas outras maneiras de reafirmá-la. No entanto, não a prefaciarei como "ponto número dois". Simplesmente insiro a afirmação no fluxo do meu material. O segredo de manter as pessoas no trilho quando o seu sermão é mais conversacional é elaborar transições eficazes. As transições costuram e unem blocos de idéias, mostrando as relações entre eles.

Tendo dito isso, precisamos admitir que há vezes em que você quer que as pessoas se lembrem dos pontos do seu esboço. Isso acontece quando o autor bíblico apresenta uma lista. Geralmente o sermão que oferece "quatro chaves para um casamento sólido" ou "três maneiras de evitar a raiva" reflete a convenção do pregador, não da Bíblia. Um trecho como 1 Pedro 4.7-11 certamente contém uma lista. O autor começa dizendo: "O fim de todas as coisas está próximo". E aí ele usa a palavra: "Portanto", para apresentar algumas implicações. A idéia principal do parágrafo é esta: a vida dos últimos dias requer do povo de Deus que seja sério acerca da oração, do amor, do compartilhar da suas posses e do servir. O esboço básico dos pontos de um sermão desse texto seria aproximadamente assim:

- A vida dos últimos dias requer que o povo de Deus seja sério acerca da oração (v. 7b).
- A vida dos últimos dias requer que o povo de Deus seja sério acerca do amor (v. 8).
- A vida dos últimos dias requer que o povo de Deus seja sério acerca do compartilhar das suas posses (v. 9).
- A vida dos últimos dias requer que o povo de Deus seja sério acerca do servir (v. 10,11).

Faça disso uma conclusão, não um início

Aqui está a estratégia final para desenvolver um esboço de sermão sem que ele crie vida própria: às vezes veja os pontos principais como conclusão, e não como início. Use essa forma sempre que você quiser apresentar o seu material de forma indutiva. Numa apresentação indutiva, você trata dos detalhes primeiro e então apresenta sua conclusão no final. A vantagem é a geração do suspense.

Tipicamente, o pregador concluirá a introdução e, depois, anunciar o ponto I. Depois de afirmar o ponto I, o pregador avança para o subponto A, depois para o subponto B, e assim por diante. No entanto, na apresentação indutiva do ponto I, o pregador avança da introdução para o subponto A, depois ao subponto B e assim por diante. Somente no final dos subpontos é que emerge a idéia do ponto I.

E exatamente o que faço quando prego Salmos 137 de acordo com o esboço acima. Volte e veja como os subpontos se complementam e se encaixam para expressar cada um dos dois pontos principais. Quando você prepara o seu esboço, indique quais pontos serão desenvolvidos de forma indutiva. Escreva: "desenvolver de forma indutiva" — em parênteses e itálico — depois da afirmação do ponto principal.

Teste essas estratégias enquanto prepara o seu esboço de sermão nesta semana. Você deve obter um esboço que resulta numa mensagem clara e conversacional.

Capítulo 96

A TENSÃO ENTRE CLARIDADE E SUSPENSE

Como escolher entre a lógica indutiva e a dedutiva

Don Sunukjian

Distinguir entre pregação indutiva e pregação dedutiva pode ser algo difícil. A pregação indutiva essencialmente faz uma pergunta e chega à resposta na parte final do sermão. A pregação dedutiva é o contrário: Você apresenta a declaração principal logo no início e então a fundamenta. Assim a diferença dos estilos está em se o ouvinte recebe o ponto que você quer destacar logo no início, ou se ele ouve uma pergunta e, depois, chega à resposta por meio de uma progressão.

Fazemos escolhas sérias entre a indução e a dedução em quatro pontos de um sermão.

1. O padrão geral do sermão

O padrão geral do sermão será dedutivo ou indutivo? Os ouvintes receberão a minha verdade central logo de cara, ou a ouvirão à medida que ela progredir ao longo da mensagem?

A vantagem da estrutura dedutiva é que a grande idéia aparece logo no início. Ela é clara. Ela aparece cedo na mensagem, assim que o ouvinte se apega a ela. A desvantagem é que você entrega todos os biscoitos logo no começo. O ouvinte pode dizer: "Já entendi. Estou fora daqui. Posso pegar o jogo ainda no primeiro tempo, em vez de ver só o compacto depois".

A vantagem da estrutura indutiva é o reverso disso. Você mantém o interesse dos ouvintes porque ainda não chegou ao tema central. Eles estão fazendo uma jornada com você. O clímax ainda está por vir. A tensão ainda está aí. A desvantagem é que a não ser que você seja realmente claro, na hora de chegar à verdade central, você pode ter perdido os ouvintes.

Assim, no caso da dedução, temos de perguntar: "Como posso usá-la para que o ouvinte tenha razão de continuar prestando atenção?". Quando uso a indução, perguntamos: "Como posso saber se de fato estou sendo claro oralmente?".

Agora, voltemos à dedução. Quando devo usar a dedução? Em que circunstâncias devo entregar todos os biscoitos logo no começo e ainda assim saber que posso manter os ouvintes comigo? A resposta é quando a minha afirmação dedutiva automaticamente suscita perguntas na mente do ouvinte. De alguma forma, ela é provocativa.

Deixe-me dar um exemplo. "Hoje vamos falar sobre o quinto mandamento: Honra teu pai e tua mãe'. Alguns de vocês dirão: 'Espero que as crianças prestem atenção'. Esse mandamento não foi dado às crianças. Foi dado aos adultos ao pé do monte Sinai. Pensamos nele e o associamos às crianças em virtude do que Paulo diz

em Efésios 6.1: 'Filhos, obedeçam aos seus pais', mas, no contexto originário, Deus estava falando a uma nação de adultos. A honra assume a forma de obediência quando somos crianças. Mas o que Deus tinha em mente quando na outra ponta da vida os adultos estavam olhando para os pais que estavam entrando nas últimas décadas da vida?".

Agora, aqui está a minha afirmação dedutiva. "Hoje vamos ver que honrar os nossos pais nos seus últimos anos de vida é apoiá-los financeiramente. Quando Deus disse: 'Honra o teu pai e tua mãe', mais do qualquer coisa, o que ele tinha em mente era: esteja preparado para auxiliá-los financeiramente nos seus anos finais. Veja que não lhes falte nada em termos de moradia, medicamentos, roupa ou qualquer coisa necessária para uma vida confortável".

Bem, aí está a minha afirmação dedutiva, porém ninguém está dizendo: "Peguei a idéia. Estou fora daqui". Os ouvintes estão dizendo: "Espere aí. De onde você tirou isso? Já faz anos que leio a Bíblia. Honrar — vocês pastores encontram dinheiro em qualquer lugar. De quanto dinheiro você está falando? Já está difícil sustentar a minha própria família. Tenho filhos na faculdade. A partir de que idade dos pais isso precisa acontecer? E os meus irmãos? Eles também precisam entrar nisso?". Os ouvintes têm todo o tipo de perguntas que esperam que eu responda na mensagem.

Assim, a primeira forma de usar a dedução é quando a sua verdade central na introdução suscita perguntas na mente dos ouvintes. O ouvinte tem uma razão para continuar prestando atenção. Se não for o caso, é melhor optarmos pelo método indutivo visto que a maior parte do material bíblico é escrita de forma indutiva.

Portanto, depois de você desenvolver a sua idéia principal, seria útil parar e perguntar: "Quais são as perguntas que vou suscitar com isso? Isso de fato desperta perguntas ou não?". A resposta a isso vai determinar se você adotará a forma dedutiva ou a indutiva.

Muitas vezes, o texto das Escrituras contém um fluxo natural. Fico admirado de quantas vezes um texto narrativo coloca a verdade central no final. Mas ainda assim posso começar com ela. Por exemplo, posso pregar acerca da vida de Jacó e dizer: "Hoje vamos ver com base nas Escrituras que mesmo você tendo arruinado a sua vida, Deus ainda tem uma forma de torná-la viável". E eu sei que o ouvinte está dizendo: "Espero que isso seja verdadeiro. Convença-me disso". Mesmo que haja interesse suficiente dos ouvintes para guardar a verdade para o final, eu quero que saibam já no início qual conforto o Senhor lhes dará por meio dessa mensagem.

2. *Na prévia*

No parágrafo que dá uma prévia da verdade central na introdução, você pode dizer ao ouvinte: "Aqui está o ponto a que quero chegar com este sermão". Na prévia, você muitas vezes faz afirmações ou apresenta as perguntas que responderá. Assim, logo de cara, você está lidando com indução ou dedução.

Qualquer frase é uma idéia. Se digo: "Esse púlpito foi feito por um mestre da carpintaria", isso é uma idéia. Há algo de que estou falando (o púlpito), e há algo que estou dizendo acerca dele (foi feito por um mestre da carpintaria). Há um sujeito e um complemento. Quando fazemos uma afirmação dedutiva, estamos apresentando o sujeito e o complemento logo no começo. Quando fazemos uma pergunta, apresentamos somente o sujeito. Assim, quando chegamos às frases da prévia, precisamos decidir se seremos dedutivos ou indutivos.

Digamos que eu comece a minha introdução dizendo: "Logo no começo do estudo da geometria aprendemos que a menor distância entre dois pontos é uma reta. Bem, isso pode ser verdadeiro na geometria, mas não na forma que Deus trata com a nossa vida. Hoje vamos ver que a menor distância entre dois pontos é um ziguezague. Deus nos conduz na sua própria rota para nos levar em segurança até o destino que ele tem em mente para nós. Agora, onde encontro isso nas Escrituras? Vamos ver um período na história de Israel quando Deus propositadamente conduziu o povo num caminho de ziguezague".

Bem, isso é uma afirmação dedutiva. Apresentei aos ouvintes o que tratarei. Mas deixei algumas perguntas que precisam ser respondidas em relação a isso. O ouvinte está pensando: *Será que isso é verdade? Deus iria me guiar por um caminho em ziguezague? Estou no meu zague já há tanto tempo que não sei se o ponto B é o destino de Deus para mim ou se eu me induzi a isso.* O movimento do texto segue esse desenvolvimento indutivo. Levo os ouvintes a Êxodo 13, que mostra Deus conduzindo o povo de Israel num caminho de ziguezague. O texto conta aos ouvintes por que Deus fez isso e como ele os manteve encorajados quando eles não estavam avançando em linha reta.

Quero que o ouvinte diga: "Olha, preciso continuar prestando atenção nisso. Você provará para mim que Deus faz isso". Isso é dedutivo. "Então você vai me explicar o porquê disso. Preciso que você me responda essa pergunta e me ajude a continuar animado". Isso é indutivo. Assim, usei uma combinação de dedução e indução nos elementos prévios para delimitar as porções maiores da mensagem ao mesmo tempo em que mantenho os ouvintes em estado de tensão em relação às perguntas não respondidas.

3. Em cada ponto

A terceira área em que a indução ou a dedução aparecem é nos pontos principais, ou os que chamamos de números romanos (I, II etc.). Há certas orientações que me ajudam a decidir se usarei a indução ou a dedução nos pontos romanos.

Quando você está trabalhando com os pontos principais, observe seus subpontos. Se os subpontos constituem uma lista, então use a forma indutiva. Você pode dizer: "Muito bem. Finalmente chegamos ao ponto III. Quais são as recompensas da obediência?". Aí responda a essa pergunta nos seus subpontos. "A primeira recompensa da obediência é a alegria. A segunda recompensa da obediência é a vida longa. A terceira recompensa da obediência são filhos que conhecem o Senhor".

Poderia fazer sentido dizer: "No ponto III, vamos ver que as recompensas da obediência são alegria, vida longa e filhos que conhecem ao Senhor". Mas por que entregar tudo de cara? Veja os subpontos. Se constituem uma lista, use a forma indutiva.

No caso de algumas listas, não há prioridades. O item 5 pode ser o item 1, enquanto o item 2 pode ser o item 3. Mas a maioria dos trechos bíblicos não é listas. Eles são uma corrente de idéias ou uma progressão. E se eu dissesse: "Ponto número III: qual é a recompensa pela obediência? Observamos no versículo 14 que Israel é próspero. Mas, na sua prosperidade, Israel se volta aos deuses da fertilidade da terra. Por causa disso, Deus permite que um opressor venha e domine Israel. Os midianitas vêm e comem a comida de Israel, reduzindo o povo à pobreza". Embora eu esteja avançando na minha progressão, a essa altura você já esqueceu qual era a pergunta. "Do que tratava mesmo esse ponto?". Você não lembra ter ouvido coisa alguma sobre obediência.

Sempre que você tiver uma seqüência nos subpontos, não poderá usar a forma indutiva. O ouvinte não acompanha você porque não há conexão entre os primeiros três ou quatro subpontos e a pergunta indutiva que você faz.

Preciso ser dedutivo quando tenho uma seqüência. "No ponto número III, finalmente chegamos à recompensa da obediência. E vamos ver nos versículos 17-24 que a recompensa da obediência é a restituição dos anos que foram perdidos. Sigamos a história de Israel para ver que quando eles voltaram a Deus, ele lhes restituiu o que tinham perdido". E agora entro na minha seqüência, mas você sabe a que ponto isso o leva. Cheguei ao último subponto e o conectei com o ponto número III. Fiz uma afirmação dedutiva de tudo que estou tratando.

Assim, nos números romanos, se os subpontos são uma lista, use a forma indutiva. Mas se a resposta à sua pergunta está lá no fim de uma lista de oito subpontos, você precisa usar a forma dedutiva.

4. Na leitura do texto bíblico

A escolha entre a forma indutiva e a dedutiva também aparece na nossa leitura do texto. Precisamos ler as Escrituras de forma dedutiva. Sempre diga aos ouvintes antes de ler o texto o que eles encontrarão nos versículos. E comum demais os pregadores dizerem: "Vamos ver o que Paulo diz a seguir nos versículos 17 a 24", e depois começam a ler. E os ouvintes se desviam rapidamente. Sabemos o que estamos buscando ali, mas os ouvintes não sabem.

Assim, em vez disso, você pode dizer algo como: "Nos versículos 17 a 24, Paulo nos conta a terceira vez que somos suscetíveis à tentação. Logo depois de termos feito algo por Cristo, Satanás tem a sua melhor oportunidade de nos pegar. Paulo disse que logo depois de ele ter pregado com grande sucesso, percebeu que Satanás o levou ao orgulho. Leia comigo e veja como ficamos vulneráveis depois de uma vitória espiritual". Agora, à medida que os ouvintes lêem os versículos 17 a

24, eles sabem o que estão procurando. Eles ouvem de forma inteligente. Eles dizem: "Sim, aí está. Estou vendo".

Em todas as escolhas que fazemos em todos os níveis do sermão entre a forma indutiva e a dedutiva, há uma tensão entre a clareza e o nível de interesse. Há vezes em que você escolhe um estilo porque precisa ser claro. A questão aí não *é* se você tem todos os ouvintes na ponta da cadeira. Há vezes em que você está só tentando manter o interesse das pessoas. Você precisa equilibrar essa tensão em todos os pontos.

Capítulo 97

O SANGUE VITAL DA PREGAÇÃO

Por que as emoções são tão importantes quanto o esboço

Ian Pitt-Watson

O "sistema cardiovascular" ou a "corrente sangüínea" do sermão é o fluxo emocional.

Todo conselheiro sabe que o que sentimos, às vezes, é mais importante do que o que pensamos. Por conseqüência, o sistema cardiovascular emocional de um sermão certamente não é menos importante do que o esqueleto conceituai. Aliás, enfermidades cardiovasculares, tanto em sermões quanto nas pessoas, causam mais fatalidades do que ossos quebrados.

Quando a verdade transmitida na pregação só é percebida como verdadeira no intelecto e não nos sentimentos, não ouvimos todo o evangelho. A Bíblia não tolera a separação entre a cabeça e o coração. O coração tem as suas razões. As verdades sentidas não devem ser desprezadas.

A pregação inclui um tipo de pensamento apaixonado. Às vezes o pregador está dando expressão conceituai ao que o ouvinte antes tinha apenas sentido como verdade, mas outras vezes o pregador está expressando como uma verdade sentida algo que o ouvinte antes só tinha pensado ser verdade. Ambas as tarefas são igualmente importantes, e para ambas *é* necessário um sistema cardiovascular saudável que possa expressar verdades sentidas e que consiga levar o efeito (o sentimento) dessas verdades a cada membro e órgão do sermão. Esse é o sangue da vida da pregação.

Capítulo 98

ARMADILHAS DA ALITERAÇÃO

Quando sons semelhantes tornam ruim a boa pregação

Don Sunukjian

Costumo dizer que quatro coisas podem acontecer quando você faz aliteração e quatro delas são ruins. A aliteração é o artifício literário de repetir o mesmo som

ou letra inicial diversas vezes em sucessão próxima: consumismo conspicuo, negativismo nutrido no negocismo.

Os pregadores usam a aliteração com maior freqüência nos pontos principais do seu esboço. Às vezes a aliteração é apropriada e eficaz no esboço de um sermão. Palavras sucintas e precisas podem transmitir de forma clara os conceitos de um esboço breve. Por exemplo: "Hoje vamos ver a causa e a cura do nosso problema". Mas quando um esboço de sermão tem mais pontos principais, a aliteração corre o risco de fazer quatro coisas ruins.

Usando a palavra errada

A aliteração pode levar o pregador a usar uma palavra que ninguém usa e assim faltar com a clareza. Para sustentar a mesma letra, o pregador faz uma busca no dicionário. Infelizmente a única palavra que transmite o conceito é uma palavra desconhecida para a maioria dos ouvintes. Veja, a seguir, os pontos do esboço intitulado: "Uma perspectiva da oração":

O propósito da oração
O poder da oração
A perspicácia da oração

O esboço pode transmitir com precisão o texto, mas não é claro para o ouvinte.

Transmitindo o sentido errado

A aliteração causa o perigo de mudar o significado do autor bíblico. O pregador que decide fazer a aliteração somente com palavras conhecidas corre o risco de manipular o verdadeiro sentido do texto para mantê-lo inteligível ao ouvinte. O esboço pode até estar claro, mas agora não é bíblicamente preciso. Veja o esboço da mensagem: "As características do líder", baseado em ISamuel 17.17-54:

Cooperador (17.17-24)
Curioso (17.25-27)
Consistente (17.28-30)
Corajoso (17.31-37)
Cuidadoso (17.38-40)
Confiante (17.41-47)
Conclusivo (17.48-51)

"Cooperador", "Coerente" e "Cuidadoso" não refletem com precisão o que está acontecendo no texto. "Obediente", "Persistente" e "Sábio" estariam mais próximos da descrição dos atos de Davi nesses versículos.

Pior do que mudar o sentido de um parágrafo em um texto, a aliteração, às vezes, viola todo o fluxo de pensamento do autor à medida que o pregador transforma a progressão bíblica de idéias numa lista artificial de pontos paralelos no estilo David Letterman.

É de duvidar que o autor de 1 Samuel tenha chegado ao capítulo 17 e dito a si mesmo: *Agora vou escrever sobre as sete características da liderança.* Essa abordagem da pregação está distante da intenção do autor, que era mostrar como um jovem da tribo de Judá, que cria nas promessas da aliança de Deus, concluiu a tarefa que Deus dera à sua tribo ao expulsar os incircuncisos de Gate, assim se qualificando para a liderança entre o povo de Deus.

A pregação que segue uma lista aliterada pode não somente violar a intenção teológica do autor, mas também apresentar supostas verdades que são contrariadas em outras partes das Escrituras. Em contraste com a lista acima, há exemplos abundantes que podem ser encontrados acerca de líderes bíblicos que não foram cooperadores (Pedro se opondo ao sinédrio); inconsistente (Josué mudando de estratégia em Ai); temerosos (Gideão no seu preparo para enfrentar os midianitas); rudes (Jônatas quando enfrentou os homens do posto avançado dos filisteus); e indecisos (a explicação dos amigos de Daniel a Nabucodonosor da sua negação de se curvarem diante da estátua).

Criando o foco errado

A aliteração ainda corre um terceiro perigo. Ela pode sugerir que a coisa mais importante da mensagem a ser lembrada é o esboço. O que os ouvintes realmente precisam levar para casa é a verdade central e a relevância dela para sua vida. Eles devem deixar o culto não com um esboço da mensagem, mas com a consciência de como uma verdade bíblica se aplica à vida. Sua mente deve estar refletindo não sobre "pontos", mas sobre como eles pensarão ou agirão diferente de alguma maneira concreta.

Pior, o esboço aliterado com grande freqüência não transmite conteúdo algum. Se os ouvintes conseguirem lembrá-lo, ainda assim não sabem nada. Isso se aplica ao sermão abaixo intitulado: "Pregando o evangelho":

O processo da pregação
A prática da pregação
O produto da pregação

Fundamentado em ITessalonicenses 1.4-8, o sermão do qual vem esse esboço transmite as seguintes idéias:

Precisamos lembrar que Deus elege, e que o poder do Espírito salva.
Precisamos praticar o que pregamos.
O evangelho intercepta o sofrimento humano, e gera alegria e crescimento.

Mas você não consegue se lembrar de nenhuma dessas idéias por ter memorizado o esboço aliterado. Antes, esse esboço é um atravessador desnecessário pelo qual o ouvinte precisa passar para formar os conceitos na sua mente.

Se lembrar o esboço é importante, um conjunto de pontos que não são aliterados, mas repletos de conteúdo — isto é, escritos em frases completas e afirmativas — seria mais eficaz:

Não precisamos vender o evangelho.
Mas precisamos vivê-lo.
Ele mudará a nossa vida.

A atenção errada

Com um esboço aliterado, a atenção dos nossos ouvintes pode ser dirigida mais para a nossa esperteza do que para a Palavra de Deus. Eles talvez apreciem mais a nossa habilidade do que absorvam a mensagem de Deus. As palavras de um antigo teólogo ainda são verdadeiras: "Nenhum homem pode ao mesmo tempo dar a impressão de que ele é esperto e que Cristo é poderoso para salvar".

Capítulo 99

MODULANDO A TENSÃO

Como manter o interesse durante todo o sermão

Craig Brian Larson

Nós, os pregadores, sabemos como injetar tensão num sermão. Podemos propor uma pergunta que clama por uma resposta, ou pintar de forma sombria e escura um aspecto da condição humana caída que pode ser redimida somente pela boa nova da graça de Deus. Podemos contar uma história.

Também sabemos, porém, que tal tensão não dura muito. Os ouvintes perdem o interesse depois que a pergunta foi respondida, a necessidade foi suprida pelo evangelho ou a história terminou. Como podemos manter a tensão e o interesse durante todo o sermão?

Um sermão de Haddon Robinson mostra uma forma de resolver esse desafio. Aqui está como eu esboçaria a tensão do sermão dele intitulado "Conselhos da vida e da morte", baseado em Salmos 49:

- Robinson desenvolve a idéia de um enigma e apresenta não somente o enigma do texto, mas um enigma contemporâneo que ele criou, provocando a nossa curiosidade.
- Então o sermão explora o problema de por que os maus parecem ter vida melhor no mundo do que os que tentam viver de forma correta.
- O sermão apresenta o primeiro gostinho de resolução, mostrando que pessoas más, afinal, não levam vantagem alguma, porque morrem como todas as outras.
- Então Robinson acrescenta uma nova complicação ao explorar o problema humano derradeiro — que até os bons precisam experimentar. Isso gera uma sensação de necessidade.

- Então o sermão fornece uma parte da resolução ao dizer que a morte não é o fim. Há uma vida além.
- Mas isso provoca uma nova complicação: o sermão trata do que acontece aos maus, que a morte é o seu destino para sempre.
- Finalmente, há resolução completa quando Haddon conta da vida bem-aventurada que espera os justos. Ele prega as boas novas de Cristo e a esperança da ressurreição.
- A mensagem termina com a conexão entre as boas novas e o enigma apresentado na introdução.

Esse sermão ilustra como podemos sustentar a tensão durante toda a mensagem: ao equilibrar complicação e resolução, em níveis, do começo ao fim. A tensão nesse sermão não ocorre em apenas duas etapas: problema e solução. Antes, como num filme clássico de Hitchcock, como *Janela indiscreta*, há níveis de problema e solução, e eles se sobrepõem. Descreve um problema, depois descreve mais aspectos do problema, e mais tarde ainda apresenta mais aspectos do problema. Segue o mesmo padrão com as soluções.

Podemos sustentar a tensão num sermão do começo ao fim. Um segredo é distribuir complicação e resolução em degraus durante toda a mensagem. A complicação e a resolução podem se sobrepor, ou podemos usar uma série de ciclos discretos de complicação e resolução, um seguindo o outro. Cada porção de resolução deveria conduzir à rodada seguinte de complicação.

Capítulo 100

O TÍTULO ORIENTADO POR PROPÓSITOS

Avalie o seu título por meio de quatro perguntas

Rick Warren

Elaborar um grande título de sermão é uma arte que precisamos desenvolver continuamente. Não conheço ninguém que se tornou mestre nisso. Todos nós temos os nossos acertos e erros. Mas se o propósito da pregação é transformar, não simplesmente informar, ou se você está pregando a incrédulos, então você precisa se empenhar em desenvolver bons títulos. Assim como a capa de um livro ou a primeira linha de um comercial, o título do sermão precisa prender a atenção das pessoas que você quer influenciar. Ao planejar títulos atraentes, eu trabalho com quatro perguntas.

O título despertará o interesse dos ouvintes?

O título escolhido prenderá a atenção das pessoas? Porque formos chamados a pregar a verdade, podemos pressupor que os ouvintes estejam ansiosos para ouvir a verdade. Não estão. Aliás, pesquisas mostram que a maioria dos estado-unidenses rejeita a idéia de uma verdade absoluta. Hoje, as pessoas valorizam a tolerância mais do que a verdade.

Essa "decadência da verdade" é a raiz de tudo que está errado na nossa sociedade. É a razão que os incrédulos não correm para a igreja quando proclamamos: "Nós temos a verdade!". A reação deles será: "Sim, como todos os outros".

Enquanto a maioria dos incrédulos não está buscando a verdade, eles estão buscando alívio. Isso nos dá a oportunidade de despertar neles o interesse pela verdade. Descobri que quando ensino a verdade que dá alívio ao sofrimento deles, responde às suas perguntas ou resolve os seus problemas, os incrédulos dizem: "Obrigado! O que mais tem de verdade nesse livro?". Mostrar como um princípio bíblico satisfaz uma necessidade gera a fome por mais verdade.

Os títulos que lidam com as reais necessidades e sofrimentos das pessoas podem prender a atenção de uma platéia, dando-nos, assim, a oportunidade de ensinar a verdade. Séries de sermões intituladas: "Como lidar com os sofrimentos da vida", "Quando você precisa de um milagre" (sobre os milagres de Jesus), "Aprendendo a ouvir a voz de Deus" e "Perguntas que eu sempre quis fazer pra Deus" sempre atraem os que estão à busca de resposta para sua vida.

O título está claro?

Também me faço esta pergunta: "Esse título vai conseguir se manter sobre as próprias pernas — sem explicações adicionais? Se eu ouvir esse título numa gravação daqui a cinco anos, vou reconhecer imediatamente do que trata o sermão?".

Infelizmente, muitas mensagens evangelísticas convincentes ficam embaraçadas por títulos que são confusos, sem cor ou banais. Aqui estão alguns títulos de sermões de uma edição recente do *L. A. Times*-. "Na estrada de Jerico", "Já não caminho mais no outro lado da estrada", "A tempestade em formação", "Pedro vai pescar", "O ministério dos potes quebrados", "Tornando-se um Tito", "Dê-me ágape" e "Rio de sangue".

Você acha que algum desses títulos seria atraente para uma pessoa que não vai à igreja e está folheando o jornal? Eles transmitem claramente o tópico dos sermões? E mais importante ser claro do que engraçadinho e lindo.

O título é atraente?

O título traz uma boa notícia? No seu primeiro sermão, Jesus anunciou o tom da sua pregação: "O Espírito do Senhor [...] me ungiu para pregar boas novas" (Lc 4.18). Mesmo quando tenho notícias difíceis ou doloridas a compartilhar, quero que o título do meu sermão se concentre nos aspectos da boa notícia do meu tópico.

Por exemplo, há alguns anos preguei uma mensagem sobre as maneiras em que perdemos as bênçãos de Deus em virtude da nossa pecaminosidade. Intitulei o sermão assim: "Por que não há avivamento?". Mais tarde revisei o título e mudei para: "O que produz o avivamento?". Era a mesma mensagem, mas reformulada em termos positivos. Creio que Deus abençoou essa segunda mensagem de forma muito mais intensa.

A seguir, estão alguns exemplos de títulos de séries de sermões que usei para transmitir as boas novas: "Palavras encorajadoras da Palavra de Deus", "O que Deus pode fazer por meio de alguém comum como você", e: "Desfrute do resto da sua vida", uma exposição de Filipenses.

O título é relevante?

O título se conecta com a vida diária? Algumas pessoas criticam a pregação de aplicação à vida como rasa, simplista e inferior. Para elas, a única pregação verdadeira é a pregação didática e doutrinária. A atitude deles sugere que Paulo foi mais profundo do que Jesus, que Romanos é material mais sólido do que o Sermão do Monte ou as parábolas.

O ensino mais "profundo" é o que faz diferença na vida diária das pessoas. Como disse certa vez D. L. Moody: "A Bíblia não foi dada para aumentar o nosso conhecimento, mas para transformar a nossa vida".

Tenho sido criticado por usar títulos de sermões que soam como artigos da revista *Seleções.* Mas faço isso propositadamente. *Seleções* é a revista mais lida no mundo todo porque seus artigos tocam necessidades humanas comuns, seus sofrimentos e interesses. As pessoas querem saber o que fazer para mudar sua vida.

Usar títulos de sermões que tocam as necessidades não é ser raso; é ser estratégico. Em Saddleback, na base dos nossos títulos de sermões do tipo: "Como fazer para...", está a sólida verdade do evangelho. Um observador casual não percebe que a série "Respondendo às perguntas difíceis da vida" foi um estudo em Eclesiastes; "Espantando o estresse" foi uma exposição de Salmos 23; "Edificando ótimos relacionamentos" foi uma exposição de dez semanas de 1 Corintios 13; e "A felicidade é uma escolha" foi uma série sobre as bem-aventuranças.

Temos a mensagem mais importante do mundo. Ela transforma vidas. Mas para que as pessoas se sintam atraídas por ela, os títulos dos nossos sermões precisam prender a sua atenção.

Capítulo 101

POR QUE EU DEVERIA DAR OUVIDOS A VOCÊ?

Princípios de introduções eficazes

Kent Edwards

Nos primeiros sete segundos de um encontro, as pessoas começam a formar opiniões umas sobre as outras — opiniões que com freqüência passam a influenciar a natureza a longo prazo desse relacionamento. A mesma coisa ocorre com um sermão. Não leva muito tempo para que as pessoas formem uma impressão sobre o pregador e o sermão que será pregado. Uma impressão que a platéia forma nos primeiros momentos com freqüência determina se eles ouvirão o que vem a seguir.

As introduções têm um papel fundamental em ajudar os pregadores a conquistar o ouvido da sua platéia. Elas respondem à pergunta que todo ouvinte faz a todo pregador: "Por que devo prestar atenção na sua mensagem?".

Boas introduções convencem os ouvintes a ouvir, pois são bem-sucedidas em dois objetivos principais. Primeiro, elas *indiretamente* conectam a platéia com o pregador. As impressões principais que um ouvinte tem de um pregador são obtidas durante os primeiros momentos de um sermão. A platéia decide durante a introdução se o pregador é agradável, se domina o assunto e se é confiável. Ela decide se o pregador é o tipo de pessoa a que quer dar ouvidos. Boas introduções também convencem a platéia a ouvir ao conectarem *diretamente* a platéia com a idéia principal do sermão. Elas mostram como o tópico do sermão é relevante à vida do ouvinte.

Como um pregador pode desenvolver essas introduções convincentes? Ao observar os seguintes princípios.

Comece com uma clara compreensão da idéia do sermão. Pregadores eficazes começam pela elaboração da idéia principal que o sermão tratará. E impossível introduzir um conceito vago ou mal-definido. O pregador precisa saber exatamente o que dirá antes que possa introduzir o tópico de forma eficaz. Enquanto você não souber o que exatamente dirá e como o dirá, você não pode desenvolver uma introdução realmente eficaz.

Desenvolva o interesse. Embora conquistar a atenção dos ouvintes seja importante no começo, manter esse interesse é ainda mais importante — e difícil. A atenção momentânea é transformada em interesse contínuo quando o pregador mostra ao ouvinte por que é do melhor interesse do ouvinte dar ouvidos a essa mensagem. As pessoas dão a sua atenção ao que elas percebem ser importante para elas. Se as pessoas não entenderem logo no início do sermão que diferença ele fará em sua vida, elas provavelmente não darão à mensagem a atenção que o pregador gostaria que dessem. Em geral, quanto mais abstrata uma idéia, mais tempo é necessário para ajudar as pessoas a entenderem a sua relevância para a vida. Boas introduções tomam o tempo necessário (e não mais do que o necessário) para explicar por que esse sermão particular é importante para esta platéia particular.

Escreva bem. Aqui não há lugar para palavras divagantes e idéias vagas. O fraseado deve ser contundente, específico e direto. Primeiras frases eficazes podem ser afirmações paradoxais, variações de citações conhecidas ou mesmo perguntas retóricas. Não importa a abordagem, introduções cuidadosamente elaboradas ajudam os ouvintes a dar sua atenção ao conteúdo que segue.

Combine o tom da introdução com o tom do sermão. As primeiras palavras que o pregador fala não são meramente as que estão no topo da primeira página. Elas são o início de uma nova experiência. Elas precisam capturar a mente do ouvinte e começar a modelar a sua disposição mental e emocional. O pregador eficaz garante que as emoções evocadas pela introdução contribuam para o tom geral da mensagem.

Adapte para se encaixar na estrutura do sermão. Nos sermões *dedutivos*, a introdução contém uma clara afirmação da idéia bíblica. No final dessa introdução, a platéia não deve saber apenas o tópico que será tratado pelo pregador, mas também como essa idéia será desenvolvida (se a idéia será explanada, provada ou aplicada).

No sermão *indutivo*, no entanto, a introdução é estruturada de forma bem diferente. Em vez de dizer à platéia exatamente o que ela pode esperar, essa introdução propositadamente cria uma tensão na mente do ouvinte por meio da exploração do tópico do sermão. O complemento não será revelado até bem mais tarde durante o sermão. Uma introdução eficaz desse tipo de sermão conduzirá a platéia de forma convincente ao primeiro ponto.

Não menospreze a apresentação do sermão. Vestir-se adequadamente, caminhar com segurança para o púlpito, fazer uma pequena pausa e fazer contato visual são coisas atraentes e evocam simpatia. A apresentação da mensagem deve ser autêntica e conter diversidade como também energia. A platéia deve sentir que o pregador está no controle. E fácil tropeçar durante a introdução. Pregadores sábios dedicam um tempo extra ao preparo necessário para que a introdução não pareça entrecortada ou insegura.

Seja você mesmo. Não tente ser alguém que você não é. Seja autêntico. Seja quem Deus fez que você fosse. Se você tem senso de humor nato, utilize-o. Se não tem, não faça de conta.

Uma boa introdução é para o sermão o que um tira-gosto é para uma refeição refinada. Abre o apetite para o restante da refeição. Gera fome pela comida que vem em seguida. Boas introduções de sermões podem produzir o mesmo resultado. Elas estimulam a fome pela Palavra de Deus e são uma parte importante do bom sermão.

Capítulo 102

CONCLUSÕES SATISFATÓRIAS

Kent Edwards

As conclusões atingem mais do que simplesmente terminar um sermão, elas levam uma mensagem a um final *satisfatório.* A conclusão é para o sermão o que o capítulo final é para um bom romance de mistério. O que os minutos finais são para um bom jogo de basquete ou futebol. O que uma boa xícara de café é para uma refeição requintada.

Objetivos da conclusão eficaz

Reforçar a idéia principal do sermão

A boa conclusão deve capacitar o ouvinte a compreender com clareza ainda maior o tópico do sermão. Deve levar toda a informação do sermão a um foco

ardente. Para atingir esse nível de precisão intelectual na conclusão, como pregador sábio você precisa fazer o seguinte.

Evite introduzir novos conceitos. A essa altura no sermão, todos os conceitos relevantes devem ter sido apresentados e adequadamente desenvolvidos. Servir sobras de idéias só vai dissipar a clareza que você atingiu com tanta dificuldade.

Recapitule os pontos principais. Brevemente combine os pontos em sua idéia central. Enquanto a reformulação com freqüência é mais eficaz do que simples repetição, os resultados dessa recapitulação podem ser profundos. Na comunicação oral, é quase impossível exagerar na repetição. A repetição leva à clareza na mente do ouvinte, e a clareza é um componente essencial da transformação legítima de comportamento. As pessoas não podem obedecer a um texto bíblico que não compreenderam.

Evite a recapitidaçao exaustiva do sermão. É mais eficaz tocar nos pontos altos. O pregador que tenta pregar novamente o seu sermão durante a conclusão arrisca dissipar todo o interesse que possa ter gerado.

Use a emoção adequada. Os bons sermões crescem à medida que chegam mais perto do final. Eles concluem com um estrondo e não uma lamúria. Uma conclusão embotada e marcada por um anticlímax pode arruinar um sermão que, no mais, era excelente.

Destacar a aplicação

A conclusão eficaz vai além da mente do ouvinte e alcança o coração. Ela chama o ouvinte a abraçar a ação a que o sermão está desafiando. Enquanto alguma aplicação já tenha sido inserida durante o corpo principal do sermão, é na conclusão que em geral ocorre o chamado mais claro e convincente à reação. É aqui que se transmite com máxima clareza e especificidade a resposta à pergunta: "E daí?".

Muitos sermões registrados nas Escrituras concluem com fortes aplicações. Josué leva o seu sermão a Israel ao clímax ao dizer: "Escolham hoje a quem irão servir" (Js 24.15). Jesus, no seu Sermão do Monte, conclui com uma exortação aos seus ouvintes a que edifiquem sua vida na rocha das palavras dele (Mt 7.24-27). Os pregadores das Escrituras concluíam suas mensagens com um desafio à mudança concreta de comportamento. Precisamos fazer o mesmo.

Métodos para concluir um sermão

Dê sugestões quanto às formas e meios em que a idéia central pode ser colocada em prática. Tome o tempo para apresentar idéias específicas do que deve acontecer por causa da verdade de Deus. A boa pregação ocorre quando o sermão é formado **e** falado com a consciência de que logo acaba o fim de semana. O mundo da 2ª feira de manhã precisa ser colocado em harmonia com a verdade do domingo.

Pinte um retrato. A visualização pode intensificar o desejo e conduzir à ação. C pregador pode colocar os seus ouvintes num cenário plausível que lhes permita

experimentar os benefícios da aplicação da vontade de Deus. Ou, ele pode escolher uma situação que destaque como a coisa ficará ruim se os ouvintes escolherem ignorar o conceito bíblico. O que é importante, contudo, é que a visualização que o pregador fizer passe o teste da realidade. Para ser eficaz, as condições escolhidas precisam ser prováveis. Para ser altamente eficaz, o pregador precisa tornar a situação tão vivida que ela toca os sentidos dos que estão ouvindo. A platéia precisa ser capaz de ver, ouvir, sentir o gosto e o cheiro da Palavra de Deus em ação.

Dê uma ilustração que aplica a verdade. Mais do que só uma história que derreta o coração dos ouvintes na conclusão da mensagem, essa é uma fatia da vida que incorpora a grande idéia do sermão. Ela mostra de forma positiva ou negativa (embora ilustrações positivas com freqüência sejam mais eficazes) como a idéia bíblica se expressou na vida de pessoas no passado e no presente. Essa abordagem de experiência atestada permite que os ouvintes "liguem os pontos" da teoria e da prática.

Use um poema ou cântico. Embora essa abordagem tenha sido exagerada na geração anterior, ainda pode ser usada com grande eficácia. O pregador não precisa limitar sua busca de poemas aos seus livros-texto do tempo do colégio. A letra de um cântico atual ou uma linha de um filme bem conhecido pode ser adequada. Se fizer a conclusão com um hino antigo, vale o esforço tentar recitá-lo de memória.

Empregue uma verdade contrastante. Quando o texto bíblico apresenta uma idéia no seu aspecto negativo (por exemplo, "não adulterarás"), o pregador pode decidir aplicar essa idéia de forma positiva: "Construa um casamento sólido".

Seja específico para a sua platéia. Faça a pesquisa necessária para aprender a melhor maneira de aplicar a verdade aos indivíduos a quem você pregará. Faça perguntas como: Que idade eles têm? Que nível de formação acadêmica? Que condições de trabalho? De que origem étnica? Que gênero?

Parte seis

ESTILO

Como posso usar os meus pontos fortes e meus diversos tipos de sermões para atingirem o seu completo potencial bíblico?

Capítulo 103

COMO DETERMINAR SEUS PONTOS FORTES E FRACOS

Este teste pode ajudar você a entender sua especialidade como um pregador

Duane Litfin

O ciclo de rotação tinha acabado de começar quando a máquina de lavar roupa começou a vibrar vigorosamente. Ela sacudiu-se por um instante, e, depois, uma sirene rouca sinalizou que a máquina tinha parado de funcionar. O problema: seu peso estava descentralizado.

Assim como a carga daquela máquina dançante, muitos de nós pregadores estamos descentralizados. Embora tenhamos equilíbrio suficiente para não pararmos, não estamos perfeitamente alinhados.

De certa forma, isto é um discernimento aguçado em relação ao óbvio. Como qualquer um de nós, pregadores são criaturas limitadas que possuem pontos positivos misturados às suas fraquezas. Infelizmente, em pregadores essa mistura implica complicações notáveis.

A sabedoria popular diz que igrejas tendem a adotar o caráter de seus líderes. Isto é perturbador o suficiente ao considerarmos questões de estilo e personalidade, mas se torna assustador quando percebemos que as igrejas podem assimilar não somente os pontos positivos, mas também as falhas de seus pastores. Na área em que o pregador é forte, a igreja provavelmente será forte; na área em que o pregador é fraco, a igreja também pode se tornar fraca. E mesmo os pontos positivos podem se tornar fraquezas se elas estiverem fora de equilíbrio.

Posso não ser capaz de me tornar um pregador completamente equilibrado como Jesus, e talvez possa não estar apto para corrigir minhas fraquezas por completo. Mas o simples fato de estar ciente das minhas extravagâncias — meus pontos positivos e minhas fraquezas —deu-me um entendimento muito melhor do meu ministério.

Para me ajudar a identificar minhas próprias extravagâncias, desenvolvi uma ferramenta para obter um diagnóstico de auto-avaliação, a matriz EEMP. Não se trata de um instrumento científico. É simplesmente uma maneira de analisar a pregação.

Esta matriz EEMP é constituída de quatro escalas que se sobrepõem em uma grade. As quatro escalas correspondem ao que acredito ser os quatro dons espirituais que mais moldam o pregador: ensino, exortação, misericórdia e profecia (por isso, EEMP).

Para nossos propósitos, vamos pensar a respeito delas como simples tendências ou qualidades entre diferentes pregadores. Leia as descrições abaixo e então classifique seu ministério da pregação em cada área.

Evite se classificar como você pensa que *deveria* ser; de preferencia, classifique-se como você *é.* (Esta é a única maneira, de fato, em que essa ferramenta pode se tornar útil). Classifique-se em uma escala de 0-10, com o 0 representando: "Isso não tem nada que ver comigo", e o 10 representando: "É exatamente como sou".

A escala E1 (ensino)

Você se sente atraído por Jesus, o grande mestre, que viveu e ensinou a verdade com eficácia, cujas verdades nos libertaram.

Você é um bom aluno que acha o ensino estimulante. Você possui uma mente organizada. Você possui a tendência de ser bem-sucedido no mundo das idéias e princípios. Compreender o significado das coisas é algo que o estimula muito. Você não se incomoda com o abstrato; você trabalha bem nesse nível e tem aprendido a apreciar a utilidade de princípios muito vastos. Ainda assim, você se distancia de especificações ou declarações extremamente detalhadas e freqüentemente você repensa e qualifica suas próprias afirmações.

Você acredita piamente no poder da Palavra de Deus para transformar vidas. Passagens como Hebreus 4.12 e 2Timóteo 3.16, que você sabe de cor, dão forma a seu ministério. Você confia totalmente no poder das Escrituras para transformar pessoas em discípulos devotos.

Além disso, você se deleita em entender os detalhes e a harmonia da Palavra. Você consegue passar horas sozinho com ela, e com prazer. Para dizer a verdade, freqüentemente você é tocado pela pura elegância, profundidade e relevância da verdade de Deus.

Você acredita que Deus o chamou para esclarecer sua verdade, para ajudar outros a entendê-la. A clareza de pensamento e de comunicação está entre suas maiores habilidades. Você diz exatamente o que você pensa e quer que seus ouvintes o entendam de modo completo e exato. Além do mais, você quer apresentar todo o desígnio de Deus. Desse modo, prefere ficar com seu texto em sua pregação. Esta é a única maneira que as pessoas podem ouvir de maneira consistente uma palavra do céu.

Pelo fato de você amar a verdade, você fica profundamente perturbado com a presença de erros na interpretação bíblica e teológica. Você constata que tais erros levam a vidas doentias. Você trata a incompreensão e o engano com grande seriedade. Dessa maneira, você se esforça para guardar e preservar a sã doutrina, a fé que, de uma vez, foi anunciada aos santos. Você vê esse conjunto da verdade como uma maravilhosa administração e deseja passá-la adiante de forma não distorcida a outros homens e mulheres fiéis.

Classifique-se a si mesmo circulando o número que melhor o representa na escala El (ensino). (0 = "Isso não tem nada que ver comigo" e 10 = "É exatamente como sou".)

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A escala E2 (exortação)

Você é inspirado por Jesus, o Filho do Homem, que conviveu com as necessidades das pessoas, entendeu-as e ministrou a elas. Você é tocado por sua habilidade de se identificar com as pessoas por meio de histórias realistas extraídas da vida cotidiana.

Você é gregário, amistoso e bem-quisto. Você é usualmente positivo e tende a ser otimista, mas também é eficaz em confrontar e reprovar quando necessário. Tem um lado prático forte. Você é perceptivo e possui um alto nível de bom senso e sabedoria prática. Não se incomoda com inovação e mudança; na verdade, de certa forma você obtém sucesso por meio de ambos. Como resultado, você é uma pessoa ativa, que mantém um alto nível de energia. Você é comprometido em ser um agente da Palavra, não meramente um ouvinte.

Além do mais, você se deleita em ver pessoas conhecendo a Jesus, crescendo na fé e prontamente investe seu tempo para ajudá-los a fazer isso. Você é eficaz em andar ao lado das pessoas e se envolver em suas vidas. Você conhece o impacto que uma vida pode causar a outra vida e você aprecia ser usado dessa maneira. Você ama encorajar pessoas e ajudá-las a resolver seus problemas. Você tende a enfatizar os meios espirituais divinos e as maneiras com que cristãos podem desfrutá-los.

Embora você reconheça o valor do estudo, você não se agrada do estudo pelo estudo. Estudo para você é um meio para um fim. Você preferiria gastar horas com pessoas a estar com os livros. Quando você finalmente estuda, você tende a fazer pausas regulares. Para manter contato com as pessoas às quais você está ministrando, você sente às vezes que você se sairia melhor preparando suas mensagens em um restaurante ou em uma avenida movimentada do que em seu escritório.

Na sua pregação você tende naturalmente às narrativas da Bíblia, que retratam homens e mulheres lidando com os problemas gerais da vida. Você também é atraído pelo livro de Tiago e pelos da literatura sapiencial como Provérbios. Seus sermões tendem a ser práticos, atuais e diretos, com eventualmente uma idéia central explanada de forma marcante e completamente ilustrada. Caracteristicamente seus sermões enfatizam a aplicação, os famosos "como fazer" da vida cristã. Você é hábil em usar ilustrações e exemplos concretos e realistas.

Classifique-se a si mesmo na escala E2 (exortação) circulando o número adequado.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A escala M (misericordia)

Você é inspirado por Jesus, o grande médico, que confortou o desolado, restaurou o doente, deu vista ao cego e, por último, deu a si mesmo para curar uma raça doente de pecado. Você sabe que Jesus, por causa do seu próprio sofrimento entende as necessidades e as dores desta vida e oferece redenção para homens e mulheres.

Você é sensível às necessidades das pessoas. Não precisa se esforçar para se identificar com a dor do pobre, do desprovido, com aqueles que estão sofrendo. Parece falar naturalmente àquela dor, talvez devido à sua própria experiência. Pessoas o vêem como caloroso e preocupado.

Você, embora seja forte em confortar outras pessoas, não gosta de confronto. Prefere uma abordagem indireta, usando uma "cenoura", em vez de uma "vara". Possui uma propensão a lidar com pessoas de maneira meiga; jamais gostaria de machucar alguma delas. É flexível e agradável na convivência. Você tende a salientar uma abordagem relacionai do ministério. Não é difícil para você abrir espaço para imperfeições humanas. Está disposto a dar uma segunda chance às fraquezas e falhas de outros, pois está mais do que ciente de suas próprias faltas.

As ambigüidades e as áreas incertas da vida não o incomodam. Às vezes, os outros parecem muito dogmáticos; uma tendência que você procura evitar conscientemente. Você se aborrece quando sistemas, programas, procedimentos e estruturas se interpõem às necessidades das pessoas. Sua inclinação inicial é colocar as pessoas em primeiro lugar. Considera-se alguém que nutre as pessoas.

Deleita-se na mensagem do perdão de Deus e enfatiza isso com regularidade. É movido pelas verdades da redenção e da graça. Em sua pregação, dá importância à esperança e ao potencial da restauração e da cura. A noção do amor incondicional o inspira. Sua pregação é tipicamente calorosa e graciosa, cheia de verdades e histórias confirmadoras da vida.

Classifique-se a si mesmo na escala M (misericórdia) circulando o número adequado.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A escala P (profecia)

Você é inspirado por Jesus Cristo, o justo Juiz e Rei, que chama homens e mulheres aos mais altos padrões de justiça e auto-sacrifício. Suas grandes exigências não são um peso, mas seu maior desafio e deleite. Algumas de suas declarações duras estão entre suas passagens mais familiares das Escrituras. Você percebe que ele não abaixou suas exigências para ninguém, mesmo para os ouvintes que se recusavam a segui-lo como resultado.

Você é inspirado por pessoas que tomam decisões difíceis, mas divinas por aquilo que é certo e verdadeiro, mesmo a um grande preço pessoal. Se tivesse que escolher, preferiria ser respeitado a ser apreciado. Está pronto para o confronto quando necessário, mesmo se a expectativa de realizá-la seja bastante desagradável. Enfatiza que uma vida de oração e santidade pessoal profunda é o passo inicial mais importante para um pregador.

" 'Sejam santos, porque sou santo', diz o Senhor", é uma ordem que você leva a sério. Você possui grandes expectativas, tanto em relação a você, quanto em relação aos outros. Às vezes, é difícil para ser paciente com aqueles que parecem

conscientemente tomar as decisões erradas. Sente-se verdadeiramente ofendido pelo pecado, seja por você seja por outros; ainda assim, você é igualmente movido pela beleza majestosa da santidade e da retidão de Deus. Uma paixão para ver outros compartilharem dessa beleza é uma das vertentes do seu ministério.

Você sabe que todos nós tomamos um número infinito de decisões na vida, tanto decisões grandes quanto pequenas, e Deus nos têm como responsáveis por aquilo que decidimos. Você acredita que a coisa mais amável que pode fazer como pregador é conclamar seus ouvintes a tomar as melhores decisões, decisões por Cristo e contra si mesmos, Satanás e o mundo. Você tem uma tolerância baixa em relação àquilo que é mundano, esteja isso presente em você ou em outros, pois enxerga isso como aquilo que é: adultério espiritual. A responsabilidade final, o arrependimento, a obediência e a fidelidade à vontade revelada de Deus são alguns dos temas constantes do seu ministério. Você não procura justificar o motivo do julgamento de Deus.

Você está consciente do potencial para a severidade e hipocrisia em proclamar os padrões idôneos de Deus, mas está determinado a não deixar essas armadilhas em potencial o deterem de pregar o inabalável chamado de Deus. Não consegue deixar de ser honesto. Acredita que foi chamado para servir como uma voz do Senhor e dos seus caminhos, e está determinado a evitar "encher lingüiça" e não deixará de dar um som claro com a trombeta.

Classifique-se a si mesmo na escala P (profecia) circulando o número adequado.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Agora que você se classificou em cada uma das quatro escalas, mapeie o seu ministério na matriz EEMP ao desenhar linhas verticais que cruzem os números que você escolheu nas escalas El (ensino) e E2 (exortação), e linhas horizontais que cruzem os números que você escolheu nas escalas M (misericórdia) e P (profecia). Estenda as linhas até que elas se cruzem, formando uma caixa na matriz. O tamanho, o formato e a localização da figura indicam seus destaques como pregador.

Por exemplo, veja a amostra de um pregador que se deu um 7 na escala El, um 3 na escala E2, um 4 na escala M e um 5 na escala P.

Uma matriz em branco foi fornecida para que você possa mapear seu próprio padrão. Nessa matriz você verá que também acrescentei quatro termos aos quadrantes da grade: proclamador, motivador, terapeuta e conselheiro, cujo significado explicarei nesta seção.

Analisando sua pregação

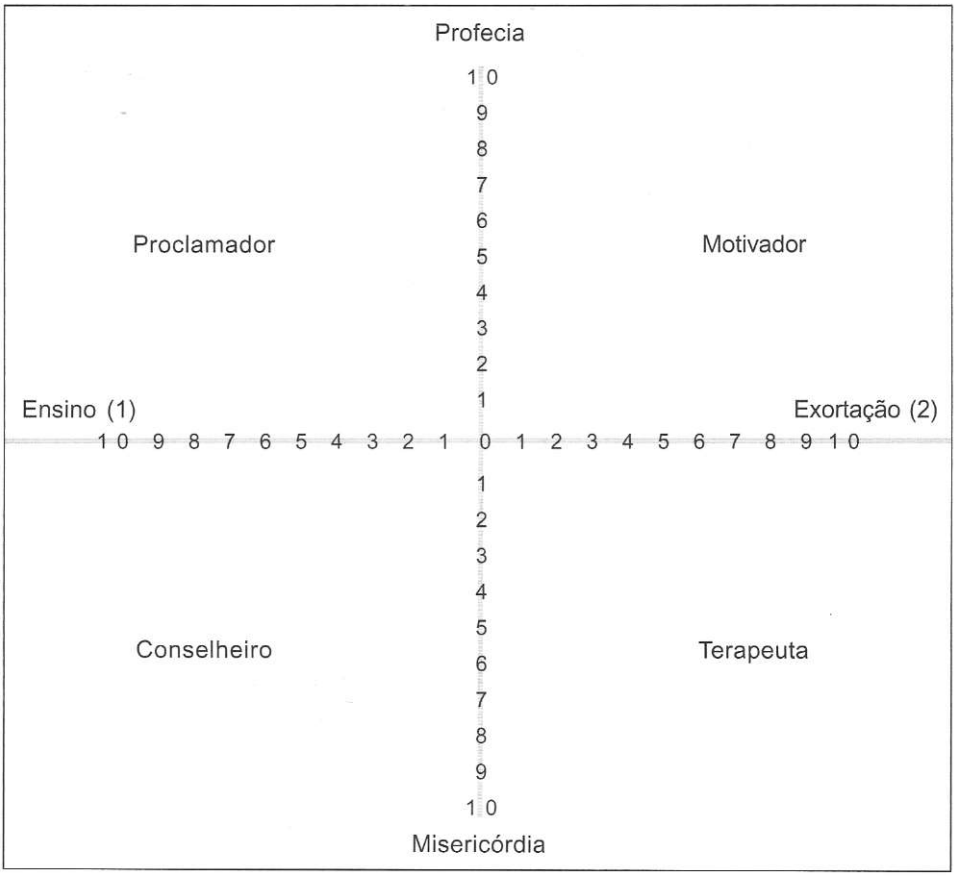
Acredito que a pontuação de Jesus teria sido alta em cada uma das quatro escalas do EEMP. Ele sobressaiu em todas as áreas. Seu ministério seria representado por uma figura quadrada, grande e centralizada. E, como uma imitação de

Cristo muito menos que perfeita e muito menos equilibrada que sou, não consigo obter um padrão igual. O tamanho, o formato e a localização da sua e da minha figura final, entretanto, serve para nos mostrar nossos destaques como pregadores.

Tamanho: Quanto maior a figura, mais dotado você sente que é.

Forma e localização: Quanto mais quadrada e centralizada for a sua figura, significa que você considera seu ministério equilibrado. Figuras retangulares indicam que você percebe seus pontos fortes e fracos.

Matriz EEMP



Portanto, se sua figura é um quadrado grande e centralizado, isso dá a entender que você é dotado em todas as quatro áreas e está mantendo um ministério equilibrado, semelhante ao de Jesus. Você acaba de subir uma categoria! Mas se sua figura for um retângulo comprido e fino, situado à direita do centro, concentrado na linha El - E2, você é altamente dotado em uma área (exortação) e seu destaque corresponde a essa área.

Ou, se sua figura é quase um quadrado e levemente situado à esquerda superior (como no exemplo), você é um pregador dotado na área da pregação e, em

certa proporção, dotado na área de profecia. Exortação e misericordia, por outro lado, são fraquezas relativas. Já que grande parte dessa figura está no quadrante do proclamador, provavelmente é assim que a maioria dos pregadores se descreveria.

Naturalmente, se grande parte de uma figura se encontrasse no quadrante superior direito, esses pregadores poderiam ser descritos como motivadores, e assim por diante.

E se estiver descentralizado?

Desde que comecei a usar essa simples ferramenta, adquiri clareza em relação a alguns aspectos do meu ministério de pregação.

Nenhum quadrante é o quadrante certo. Cada um representa prioridades bíblicas importantes apresentadas no ministério terreno de Jesus. Onde quer que minha figura esteja localizada e seja qual for o seu formato, ela pode representar uma ênfase bíblica muito válida.

Se isso se aplica à avaliação da minha pregação, aplica-se também à avaliação de outros pregadores. Recentemente, ouvi uma fita de áudio com a pregação de um pastor que estava explicando sua filosofia de igreja em relação ao seu ministério. Não conheço o camarada, mas sua abordagem ao ministério e seu estilo pessoal indicavam que sua pontuação era bastante alta na escala da exortação.

Ao mesmo tempo, ele não tinha em grande estima as habilidades na área do ensino e da profecia.

"Em nossa igreja", disse ele com orgulho, "sempre mantemos nossa mensagem positiva". Ele era cuidadoso em manter-se fixado nas verdades essenciais do evangelho, conforme explicou, mas não queria "dividir as pessoas por causa de doutrinas". Em vez disso, sua filosofia de ministério era orientada por tarefas e lições, enraizada na "vida real" e lembrada constantemente às pessoas de sua igreja. Resumindo, era uma ênfase na exortação.

Visto que minha própria figura está bem marcada no quadrante do proclamador (minha pontuação é alta nas escalas do ensino e da profecia), fiquei irritado com a falta de reconhecimento por parte desse pastor em relação a esses pontos fortes. Sem surpresa alguma, coloquei a abordagem dele de lado em um piscar de olhos. E, depois, percebi o que fizera. Fizera com as habilidades dele o que ele fizera com as minhas. Ciente disso, ouvi a fita novamente, dessa vez tentando aprender de alguém que tinha pontos fortes em áreas que não tinha.

Do mesmo modo, aqueles cuja pontuação é alta na escala da profecia, são tentados a criticar e taxar como sentimentais os que tiveram uma pontuação alta na escala da misericórdia. Conselheiros podem achar que motivadores são insistentes. Terapeutas podem pensar que proclamadores são agressivos. As combinações de críticas são diversas — como qualquer deliberação de fofocas por parte dos pastores poderia provar. Cada um de nós possui a tendência de definir a força ministerial da nossa forma, esquecendo que todas as quatro ênfases são preciosas e bíblicas.

Todos possuem pontos fortes naturais. Esse exercício faz minha singularidade se tornar visível. Não preciso ser como outros pregadores. Ao permanecer fiel a Deus, só preciso ser o pregador que Deus me dotou a ser.

Alguns pregadores têm lutas, não porque eles pregam pobremente, mas porque seus ouvintes não apreciam seus pontos fortes particulares na pregação. Em alguns casos, isso pode mostrar que o pastor deveria procurar outra igreja. Não faz sentido bater a cabeça no púlpito em vão.

O problema de Bill teve início logo depois que ele começou a servir a uma nova igreja. Já era muito tarde quando ele percebeu que as pessoas não gostavam da sua pregação. No final, pediram a ele que fosse embora. Naturalmente ele ficou devastado e até contemplou a idéia de deixar o ministério de vez. "Será que realmente sou um pregador incompetente?", perguntou-me certa vez em tom de desamparo.

Na época, não sabia o que dizer, mas agora vejo que o problema quase certamente não era sua falta de habilidades na pregação, mas sim um conjunto pobre. Na verdade, Bill é um ótimo pregador, mas ele é um proclamador. Evidentemente, sua igreja anterior queria um terapeuta. Ele recuperou a compostura e entrou para um ministério efetivo onde seus pontos positivos são valorizados.

Novamente, negligenciado não significa necessariamente desnecessário. Talvez, como aconteceu com Jeremias, as habilidades de um pregador são precisamente aquilo que o Senhor ordenou que elas fossem, quer as pessoas queiram ouvi-las quer não; e quer ele seja um assunto popular quer não.

Pontos positivos não significam equilíbrio. Os pregadores são tentados a definir o ministério para que ele se encaixe nas suas peculiaridades. Dizemos: "É assim que a igreja deveria ser e é assim que o trabalho deveria ser feito", sem perceber que talvez estejamos definindo a igreja de acordo com nossa imagem. Uma olhada na minha figura da matriz EEMP rapidamente me relembra que a igreja precisa ser maior que meus pontos positivos.

Também ficamos tentados a confundir os pontos positivos de outros pregadores — principalmente aqueles que invejamos — com equilíbrio. Algumas igrejas e alguns pregadores populares destacam propositadamente seus estilos como universais. Outros chegam ao consenso que cada igreja deveria reconhecer seu próprio propósito e direção. Mas a grande popularidade de ministérios "bem-sucedidos" nos leva a pensar que esses ministérios são ministérios de verdade — equilibrados e bíblicos — e os nossos são algo menor do que isso.

Para abandonarmos essa ilusão, precisamos passar pela matriz de pastores que invejamos. Logo percebemos que mesmo essas pessoas que idolatramos estão enviesadas de alguma forma ou de outra.

Um pastor da associação de uma dessas igrejas me disse: "Em nossa igreja, você constantemente ouve o assunto de que todos nós somos pecadores perdoados. O apelo é: 'Junte-se a nós e deixe que supramos suas necessidades' ". Então ele acrescentou, com menos aprovação: "O que você nunca ouve é: 'Negue-se a si

mesmo, tome sua cruz e siga a Cristo'. Isso afasta as pessoas". Essa igreja grande, e em franco crescimento, era considerada um modelo para outras. Mas, como a maioria das igrejas, ela está inclinada para um lado em particular.

Igrejas diferentes possuem dons diferentes; pregadores diferentes possuem pontos positivos diferentes. Não há nada errado em ser limitado ou inclinado para um lado, contanto que não cometamos o erro de confundir nossa excentricidade com o equilíbrio.

Pontos positivos trazem perigos. Também reconheço as ciladas inerentes aos meus pontos positivos. Um antigo provérbio diz que entre nossas maiores habilidades se encontram as sementes das nossas maiores fraquezas. Pregadores sábios estarão cientes do destino a que seus pontos positivos podem levá-los, principalmente para o mal.

Tenho um amigo, por exemplo, que demonstra um perfil bastante misericordioso. John é sensível e empático, constantemente alcançando aqueles que estão em aflição. John, obviamente, também é comprometido com a Palavra de Deus e reforça à sua congregação que as Escrituras devem ser nosso único critério de fé e prática. Todavia, durante as difíceis tomadas de decisão do ministério pastoral, John invariavelmente cai na armadilha do pregador misericordioso — ele se deixa levar por seus sentimentos. Ele tende a tomar decisões ou dar conselhos baseados em suas emoções e não na verdade de Deus. John é o tipo de pessoa que poderia simpatizar com o jovem rico governante, amenizando o impacto das abruptas instruções de Jesus para que ele vendesse tudo.

Do mesmo modo, um pregador com alta pontuação em exortação pode ter uma carência de base bíblica; assim como um grande professor pode possuir a tendência de pregar de uma torre de marfim; o proclamador pode se tornar meramente áspero; e o terapeuta pode se tornar sentimental. Cada um de nós precisa se proteger das deficiências inerentes a seus pontos fortes.

Equilíbrio com bom senso. É desconfortável perceber os destaques que essa matriz deixa tão claros. Naturalmente quero oferecer à minha igreja uma jornada equilibrada. Então, enquanto reconhecer que sou o que sou pela graça de Deus (afinal, equilíbrio perfeito é impossível para qualquer um exceto para Jesus), logo essa matriz pode destacar áreas nas quais posso trabalhar.

Por exemplo, um pregador com alta pontuação na escala da exortação me disse que ele precisava "reaprender" a disciplina do estudo. Embora ele tenha uma mente boa, estudo sério nunca foi algo natural para ele. Ele saiu-se bem na faculdade e no seminário, mas somente porque tinha sido forçado a estudar. Assim que entrou no pastorado, deixou de lado aquela disciplina.

Na verdade, ele ficava aliviado quando interrupções atrapalhavam seu tempo de estudo. Por um tempo, ele até escolheu um lugar público para estudar. Supostamente isso era para manter sua pregação em contato com pessoas reais e necessidades reais. Na verdade, disse ele, era mais uma desculpa para evitar aquelas longas horas de sério trabalho mental. Como resultado, sua pregação perdeu sua essência, e tanto ele quanto sua igreja sofreram.

Felizmente, esse pregador reconheceu o que estava acontecendo antes que fosse tarde demais e deu os passos para disciplinar seu tempo de estudo. Ele estabeleceu horários de estudo fixos e pediu para sua esposa e para sua secretária que o ajudassem a mantê-los. Ele recrutou a ajuda de seus colegas de trabalho a quem prestava contas. Até o dia de hoje, estudo disciplinado não é algo natural para ele. Ele nunca terá uma pontuação muito alta na escala do ensino. Mas ele está trabalhando fielmente contra a sua fraqueza, e sua pregação está mais forte por causa disso.

Em igrejas maiores, é claro, pregadores podem fortalecer suas fraquezas ao adicionar membros de equipe que os complementem. No ano passado, acrescentamos um pastor executivo à nossa equipe. De certa forma, um pastor executivo precisa compartilhar uma visão comum e trabalhar em harmonia com o pastor coordenador. Ainda assim também estava procurando alguém que pudesse compensar algumas das minhas fraquezas. Deus nos deu um homem que pudesse fazer exatamente isso; a sua figura na matriz EEMP complementa a minha de modo satisfatório. Minha tarefa agora é dar ao Rob a liberdade para contrabalançar minha influência nos pontos em que é necessário.

Além disso, colegas de ministério podem usar a matriz EEMP para mapear seus próprios ministérios e os ministérios um do outro, para descobrir os pontos fortes e fracos da equipe. Da mesma forma, igrejas à procura de um pastor podem mapear o ministério da igreja e pedir aos candidatos em potencial para mapear o seu ministério e ver se os dois se encaixam.

Não existe um "cura-tudo"

A matriz EEMP, obviamente, não analisa todo aspecto da pregação. Não pode avaliar a eficácia da fala, a relevância das ilustrações ou a coerência da estrutura do sermão. E uma ferramenta limitada, porém útil.

Talvez ela não tenha me impedido de oscilar, de tempos em tempos, como uma máquina de lavar roupa. Tampouco me fez ser todas as coisas para todas as pessoas. (Não tenho certeza se quero ser isso). Mas reconhecendo minhas tendências através da matriz EEMP, sei que sou um pregador mais eficaz e seguro — embora continue um pouco excêntrico.

Capítulo 104

A PREGAÇÃO QUE É INTERESSANTE

Como evitar falar enquanto alguém está dormindo

Stuart Briscoe

Gerald Griffith, pastor e professor de ensino bíblico em Toronto e um grande amigo meu, disse para mim certo dia: "Toda semana Deus me dá pão para o povo dele".

Olhei bem nos olhos dele e respondi: "É verdade, mas você gasta bastante tempo na cozinha!". Ele teve de concordar. Aquelas horas "na cozinha" estão entre as horas mais importantes da minha semana. Por quê? Porque é na cozinha que preparo o que Deus me dá para suprir o seu povo, e eles conseguem ser clientes muito exigentes.

Pessoas são distraídas por todo tipo de coisas — coisas legítimas, para a maioria, mas, às vezes, não o são. A dor preenche muitos corações. Pessoas estão infelizes no trabalho. Ou seu lar está bem aquém do ideal. Ou elas passam por grande estresse financeiro. Ou elas são pressionadas pela alta demanda do seu emprego. Quando pessoas inquietas vêm à igreja, seus pensamentos anulam o apetite pelo cardápio de Deus. Meu trabalho como pastor é conquistar o ansioso com o aroma do evangelho.

Então quando prego, fico me perguntando o tempo todo: "Como vou segurar e usar de maneira sutil a atenção que me é dada?". Não a tenho por muito tempo. Quando escuto as conversas alheias no salão da igreja em qualquer domingo, fico abismado em quão rápido os pensamentos saltam para outro assunto, da divina adoração para conversas sobre futebol e sobre moda, ou sobre ganhar dinheiro e o que está cozinhando na política. Por isso, uma das minhas maiores responsabilidades da semana é prender a atenção deles com o sermão.

Em conseqüência, passo os dados do meu sermão por aquilo que chamo de o teste: "E daí?", de relevância. Não há problema algum com as Escrituras. Elas são relevantes. Mas preciso fazer a minha parte para fazer do sermão algo tão relevante quanto as Escrituras, porque quero pessoas saindo da igreja dizendo: "Entendi!", e não: "E daí?".

A maneira que encontrei de fazer isso é pregando à mente, à vontade e às emoções. Donald English disse certa vez: "Quando saio de um culto de domingo faço para mim mesmo a seguinte pergunta: 'Qual parte de mim não precisava ter trazido hoje aqui?' ". E por isso que tento alcançar cada parte da pessoa através dos materiais utilizados no sermão. Se estiver pregando à mente, à vontade e às emoções, pessoas não sairão dizendo: "E daí?".

Pregando à mente

A teologia desafia a minha mente. Admito que não há muitas pessoas que pensem em termos teológicos: elas não pensaram na cosmovisão — a filosofia de vida — por trás do seu estilo de vida. Então minha intenção é fazê-las pensar sobre isso quando prego.

Por exemplo, com freqüência mostro o lado oposto de uma afirmação ou convicção. Muitas questões têm pelo menos dois lados, então quando faço uma afirmação importante em relação a alguma coisa, fico ansioso para mostrar que outros pensam diferente. Muitas vezes simplesmente falo das crenças contrárias. Não estou sendo superficial, mas fazendo as pessoas *pensarem.* Aqueles com "visão de túnel" precisam de alguém para esclarecer uma perspectiva mais ampla.

Certa vez, estava pregando uma série sobre o credo dos apóstolos: "Acredito em Deus Pai todo-poderoso...". Para conseguir terminar a primeira frase, dei um passo para trás e tentei ajudar a minha congregação a entender por que o conceito de Deus como *Pai* perturba muitas pessoas em nossa sociedade. Como se sente a feminista radical? Tinha feito um pouco de pesquisa em relação ao assunto, então citei algumas feministas. Também mencionei aquelas pessoas que tinham sido abusadas por seus pais. Para elas, diferentemente de muitos de nós, a palavra *pai* não tem uma conotação boa.

Se temos uma excelente perspectiva da Escritura e de Deus, continuei, temos de tomar cuidado ao mostrar imagens aumentadas dos nossos pais para explicar Deus; caso contrário estaremos falando de um Pai celestial com falhas aumentadas. Quando nós dizemos: "Deus, o Pai", concluí, "nós com certeza queremos dizer algo mais figurado e menos literal do que uma versão refinada dos nossos pais". Queria que as pessoas aceitassem o conceito transcendente de Deus que as Escrituras comunicam quando usam o termo *Pai.*

Tento ampliar a visão das pessoas através da minha pregação. Fiz isso na minha série do credo dos apóstolos quando preguei sobre "o Criador dos céus e da terra". Muitas pessoas em nossa sociedade vêem o universo como um sistema fechado operando sob leis pré-fixadas que são empiricamente distinguíveis. Então o que "o Criador dos céus e da terra" tem que ver com isso? E porque materialistas e naturalistas habitam em nossa sociedade que achei necessário explorar uma alternativa para um sistema fechado. Ao pregar bem, usando a ciência bruta e a física teórica aliados à sólida teologia, fui capaz de prender a atenção da congregação.

Nosso acesso à mente das pessoas é algo terrível de se desperdiçar, por isso tento engajar a mente das pessoas. Quando consigo agarrar seus pensamentos e ampliar o entendimento das pessoas, consegui captar sua atenção para o evangelho.

Pregando para a vontade

Quando prego para a vontade, estou procurando uma reação. Quero que pessoas ajam em relação ao que disse. Como pastor, estou apto para ser mais amável e menos exigente do que seria como pregador itinerante, porque ficarei com essas pessoas por muitos anos. Não preciso ir para o "tudo ou nada" em uma tentativa.

Geralmente estou procurando um movimento mínimo na direção certa, em vez de um passo gigantesco. Parece que a vontade das pessoas se move em pequenos incrementos. Então tento usar palavras e ilustrações que *encorajem* aquele movimento, mesmo que pequeno, na direção correta.

Usei a palavra *encorajem* propositadamente. Geralmente as pessoas reagem melhor ao encorajamento do que ao "desafio". A maioria das pessoas precisa de inspiração e coragem mais do que precisam de um chute no traseiro. Então tento oferecer às pessoas saborosos pedaços do tamanho da sua boca para que os mastiguem.

Por exemplo, quando preguei sobre: "Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros" (Jo 13.35), não instruí pes-

soas a sair e inundar o mundo com amor. Em vez disso, disse: "Pense sobre uma pessoa próxima a você. Quanto você ama essa pessoa considerando o que nós conversamos hoje? Se o amor *ágape* diz respeito em primeiro lugar ao bem-estar do outro, independentemente de suas reações, então pratique esse amor esta semana. Veja se o seu amor faz alguma diferença".

Quando prego um sermão evangelístico para a vontade, quero que as pessoas entendam que o arrependimento pode ser um passo simples, em vez de um grande salto, mas, mesmo assim, precisa ser encarado.

Uma mulher queria que seu pastor orasse com ela porque ela já não sentia mais a presença de Cristo. Quando ele perguntou a respeito do seu problema, ela disse: "Não quero falar sobre isso. Simplesmente ore por mim. E só isso que quero de você".

Mesmo assim ele sondou a situação de forma amável e, finalmente, ela começou a chorar: "Estou morando com meu namorado e realmente não tenho nenhuma intenção em me mudar". Ela queria sentir a presença de Cristo enquanto vivia em desobediência. É lógico que ela precisava se arrepender e dar fim à desobediência se queria se sentir perto de Deus novamente. Sem aquele passo da sua vontade, sua vida espiritual permaneceria sem graça.

A vontade é uma criatura manhosa. As vezes ela precisa ser encorajada, às vezes desafiada. O truque de pregar para a vontade é encontrar quais estímulos funcionam melhor para as pessoas às quais você está pregando.

Pregando às emoções

Há certo tempo, estava pregando sobre Cristo sendo rejeitado. Um tema tão familiar é matéria-prima para um sermão que produz bocejos. Então como acrescentei interesse?

Emoções! Contei a história das experiências pós-guerra de Winston Churchill. Sou um fã de Churchill e relembrei seu tremendo impacto durante a Segunda Guerra Mundial. Contei que quando era pequeno ouvi seu famoso discurso em um rádio com som repleto de estalos: "Lutaremos contra eles nas praias... *Nunca* nos renderemos!". Todas aquelas bombas estavam caindo, e o som dos canhões antiaéreos e a luz ofuscante dos holofotes irrompiam na noite. A sua determinação estilo "buldogue" nos fez passar por aquele período horrível.

Churchill era o homem do momento durante a Guerra. Mas, ao findar a Guerra, uma eleição foi feita e, surpreendentemente, Churchill perdeu. Depois de tudo que ele tinha feito, o povo britânico o tirou do governo.

A congregação parecia chocada quando os relembrei daquele pouco de história. E então, disse calmamente: "Ele era um homem acabado". Por um momento, só deixei por isso. Enquanto aquele pensamento os perturbava, eles sentiram de maneira profunda o significado da rejeição.

Cativei suas emoções. A rejeição a Churchill realmente os incomodou. A partir daí foi um pequeno passo para levar aqueles sentimentos à rejeição manifesta por Jesus Cristo.

Alguém certamente se opôs ao fato de que podemos nos relacionar às emoções à custa da mente, mas isso não é meu problema. Não estou tão inclinado a manipular as emoções das pessoas quanto estou para esquecê-las. Uma questão puramente intelectual pode ficar extremamente árida, mas as emoções acrescentam vida. As emoções levam pessoas a reagir. Pessoas se identificam com elas.

O humor, por evocar a emoção, possui um papel importante em minha pregação. O humor pode ser um maravilhoso criado ou um temível senhor. Mas se a definição da pregação de Philips Brooks estiver correta — que a pregação é a verdade comunicada através da personalidade — então preciso comunicar através do humor, porque realmente gosto de humor.

Um camarada me disse certa vez: "Tenho ouvido você por um bom tempo até agora e às vezes quando saio da igreja, quando vou para casa, percebo que tenho uma faca enfiada em minhas costelas. Sempre me pergunto. *Como ele fez isso?* Então hoje decidi prestar atenção em você e descobri como você fez isso. Você fez com que risse e, enquanto estava rindo, você introduziu o seu ponto".

Ele não estava dizendo que fui manipulador. Em vez disso, foi um caloroso elogio de coração. Ele estava dizendo que o humor nos faz baixar a guarda, e, nessas horas, ficamos altamente receptivos à penetração através da Palavra.

Certa vez, em um sermão, falei sobre um suposto memorando escrito a Jesus por um consultor administrativo. Ele avaliou a aptidão de vários discípulos. Previsivelmente, ele criticou as qualificações da maioria dos discípulos — muito descortés, sem referências — mas elogiou o grande potencial de um: Judas. As pessoas riram. Eles conseguiram ver a ironia. De um jeito cômico, atingi meu objetivo: os discípulos crus e mal-qualificados foram transformados em genuínos homens de caráter pela ressurreição.

O humor também torna possível o equivalente mental a um enorme esforço durante a pregação. Ocasionalmente, a mente das pessoas precisa de uma pausa, e o humor consegue supri-la de modo que intensifica o sermão. Ou quando algo incomoda o sermão — tal como um espirro muito alto — uma resposta bem-humorada pode voltar a atenção ao pregador.

O medo também pode ser usado para o bem e para o mal. Hesito em motivar as pessoas com o medo. Preferiria que o amor fosse a sua motivação. O medo, no entanto, pode ser usado para trazer interesse às passagens mais conhecidas, pois o medo prende a atenção das pessoas.

Ao pregar sobre a segurança que o Amigo nos traz, lembrei de um convite para falar para pastores na Polônia. Quando desembarquei no aeroporto de Varsóvia, ninguém veio para me saudar. Não tinha nenhum nome para contatar, nenhum endereço, nenhum telefone e nenhum dinheiro polonês. Então simplesmente fiquei

ali no meio do aeroporto enquanto as pessoas recolhiam suas malas e o *lobby* esvaziava. Logo os trabalhadores começaram a fechar aquela área, e fiquei parado ali totalmente sozinho.

Minha solidão se transformou em medo quando ouvi uma voz atrás de mim dizendo: "Briscoe". Virei-me para ver um homem em uma jaqueta de couro comprida, do tipo que tinha visto em muitos livros populares sobre a Segunda Guerra Mundial. Pensei: "Ei! Não olhe para mim! Em primeiro lugar, nem queria estar aqui!". Mas antes que meu pânico aumentasse, ele veio em minha direção, pegou-me e beijou-me, dizendo calorosamente: "Irmão Briscoe!". Então ele se inclinou e falou: "Rápido, precisamos entrar no bonde", e nós corremos para pegá-lo.

No bonde ele me comunicou: "Fale alto de Jesus. Você pode usar o inglês ou qualquer alemão que você souber. Eles irão entender". Por isso enquanto nós nos apoiávamos nas alças daquele bonde, comecei a semear meu amor por Jesus, e todos começaram a ouvir. De repente, estava gostando daquilo. A diferença entre estar sozinho e amedrontado e alguns minutos depois estar confortável naquele bonde era esta: um amigo estava comigo. Usei o medo que foi transformado em prazer para ilustrar as palavras de Jesus: "E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.20). À medida que as pessoas sentiam meu medo, elas se conectaram com o alívio que Jesus traz.

Se não prego às emoções, estou perdendo uma grande parte da pessoa sentada no banco da igreja. Visto que as pessoas trazem aquela parte de si mesmas para a igreja, o mínimo que posso fazer é dirigir-me a elas com meu sermão.

Na sua essência, a pregação é como a agricultura. Com freqüência, digo: "Senhor, eis-me aqui. Até onde posso dizer, tentei encher a minha sacola com boas sementes. Fiz minha lição de casa, creio que minha atitude está correta e que essa semente é a melhor e a mais interessante que tenho. Vou espalhá-la agora. Então Senhor, aqui vai. Veremos o que vai surgir no campo". Em seguida, uma vez que plantei a semente, faço o que os agricultores fazem: vou para casa e descanso.

Com o passar do tempo, posso ver aquela semente germinar e crescer. Muito depende do solo. Deus precisa dar vida à semente. Mas finalmente vejo os resultados da boa semente que plantei.

Capítulo 105

COMO ELABORAR UMA EXPERIÊNCIA

Como prender completamente a atenção dos ouvintes

Rob Bell

Muitos pastores, ao abordar um texto, têm em sua mente uma lista de regras. Há regras hermenêuticas e exegéticas. É uma boa idéia se aproximar do que a Bíblia realmente esteja querendo dizer. Há regras como: "Deus é Deus, e nós não

o somos". Mas mui tos deles possuem regras a respeito da parte metodológica e da execução da tarefa da pregação.

O que nós precisamos são pessoas que abordem o texto e digam: "Deus, o que você quer desatrelar aqui?". O fundamento que dá a direção é o texto, e se você se deparou com a Palavra que é viva e sagrada, explodirá se não compartilhar o que está acontecendo com você, ao contrário de: *Bom, acho que vou ter que começar dessa forma.* Não, você não precisa. *Preciso ter uma introdução.* Prove-me. Talvez algumas pessoas da área do ensino não tenham idéia do ponto em que você quer chegar até o último minuto e talvez seja por isso que isso dá certo.

Quando Jesus contou a parábola do bom samaritano, todo mundo achou que o fariseu pararia no caminho, mas é um samaritano quem pára. Entendeu? Ele os têm na mão. Ele está trabalhando neles.

As vezes, de forma intencional, tenho três ensinamentos se desenvolvendo ao mesmo tempo. Quero que você se pergunte: "Aquilo não tem nada a ver com o que você está falando agora. Não tenho idéia do que...". E aí então no fim vem o: *Oooh.* Se você não ouvir o *Oooh,* você está em apuros.

A dimensão histórica

Nadamos em um rio profundo. Há todas essas dimensões diferentes. Quando abordo o texto, faço parte de um movimento histórico de pessoas que disseram sim para Deus — para a revolução. Quero conectar pessoas. As Escrituras são relatos de redenção. E uma história, e tenho a oportunidade de ser parte da continuação da história.

Abraão levantou-se e partiu de Harã. Minha mente imediatamente pensa: *Tudo bem, Harã. Onde ficava isso? Será que consigo* slides? *Será que consigo fotos de lá? O que mais aconteceu lá? Como era a sociedade mesopotâmica naquela época? Há outros documentos de Harã? Como era o cenário? Como eram as pessoas? Que língua eles falavam? Qual era a moeda em circulação? Há outros autores daquela época?* Se você realmente acredita que ele é um "cara" real vivendo em um lugar real, então como era Harã? Se eu soubesse algo de Harã, isso me ajudaria a entender o texto?

Não é que você precisa disso. Não é que você precisa da Bíblia — mais alguma coisa. Mas se levarmos a sério o fato de trazermos isso à tona, talvez surja um *slide* de Harã. "Deixe-me contar a vocês a respeito desse lugar". Principalmente para uma pessoa que nunca esteve na igreja. *Ah, entendi, essas pessoas são reais.*

Um amigo meu deu uma aula sobre o ambiente sócio-político de Gate. Parece empolgante, não? Ele fez uma explanação do deus Dagom. Ele explicou o culto a Dagom. Aqui estava a moeda em circulação de Dagom. Aqui estavam os ritos dos cultos de Dagom. Aqui estava a maneira com que o Dagom era organizado. Aqui estava a sociedade dos filis teus. Aqui estavam as quatro Sefelás que se estendiam da região da Palestina até a região de Israel. Davi e Golias lutaram no vale de Elá. Como o vale de Elá era conhecido para que fizesse parte das quatro Sefelás? Por que Davi e Golias lutaram lá? O que Golias pensava em relação a Dagom?

Quando chegou até Davi e Golias, ele estava lendo o texto, e as pessoas estavam pensando: "Puxa!". Se você entender Dagom e as coisas que Golias diz, por que Davi diz: "Todos os que estão aqui saberão"? Ora, isso é por causa do Vale de Elá e da característica pela qual esse vale era conhecido.

Nadamos em um rio profundo, e há uma dimensão histórica. Quando abordo um texto, imediatamente quero saber o que está acontecendo ali. *Por que ele diz isso? E por que ela diz isso? Epor que esse rapaz vai até esse local?*

São pessoas reais em lugares reais em horas reais. Quando você chega ao texto, tem todas essas coisas das quais pode se beneficiar. Essa é minha idéia central. Como conecto essas pessoas da terceira fileira quando: um tem um filho doente, o outro perdeu seu emprego, e mãe da outra está com a saúde debilitada? Como os conecto com pessoas reais em lugares reais e épocas reais que lutaram com o mesmo tipo de coisas?

Aqui está um exemplo. O rei Herodes está fugindo dos partos. Ele vai ao sul de Jerusalém, fugindo, e descobre que foi resgatado e que terá seu reino de volta. Ele decide: *Quero marcar este lugar ao construir um palácio no topo de uma montanha.* O único problema é que não há nenhuma montanha ali. Então Herodes constrói uma montanha no meio da selva judaica e a chama de Herodium. Ele possuía uma piscina mais baixa — em uma área onde não havia chovido em oitocentos anos — com um mirante ao qual você poderia chegar apenas de barco. Inacreditável. Há uma pequena cidade às sombras do Herodium chamada Belém. Quando Maria e José chegaram a Belém, esse palácio gigante no topo da montanha teria estado exatamente lá.

O que é interessante a respeito disso é que nós não sabemos de onde ele conseguiu o barro e a terra para a sua montanha. Tudo o que nós sabemos é que em algum lugar está faltando uma montanha. E como um curso básico de arqueologia na faculdade. Até os dias de hoje há terra seca e solta no topo.

A razão pela qual estou dizendo isso é que se você estiver no monte das Oliveiras e olhar para o sul você consegue enxergar o Herodium e, bem adiante, consegue enxergar o Mar Morto. Jesus, vivendo em Betânia, indo para o monte do Templo, o que significa que ele cruzava pelo topo do monte das Oliveiras, virou para seus discípulos e disse: "Se vocês tiverem fé [do tamanho de um grão de mostarda] [... poderão [...] dizer a este monte: 'Levante-se e atire-se no mar' e assim será feito (Mt 21.21; cf. 17.20).

Pelo que mais Herodes foi conhecido? Herodes construiu um estádio. Eles escavaram 350.000 lugares sentados. Os arqueólogos acreditavam que cabiam 500.000 pessoas sentadas. Ele construiu o segundo templo. Comparado ao que Herodes fez, Bill Gates é um entregador de jornal. E Jesus virou-se para um grupo de jovens discípulos do Talmude e disse: "Ei, a propósito, você tem fé? Você podr fazer coisas ainda maiores que Herodes".

No ensino e na pregação, quando você consegue captar esse elemento de pessoas reais em lugares reais, isso gera efeitos surpreendentes.

A dimensão experimental

Essas são as perguntas que faço a mim mesmo: *Como posso tornar mais improvável que alguém fique ali sentado com os olhos vidrados? Como posso fazer isso de maneira que você tenha que se envolver? Como posso criar uma experiência que torne cada vez mais difícil para as pessoas permanecerem espectadoras? O que está acontecendo com esse texto? O que poderia pedir que as pessoas fizessem? O que poderia fazer elas dizerem umas às outras? O que poderia fazer elas sentirem, segurarem ou enxergarem? Existe algo que poderia distribuir?*

Quando falei que Efésios nos diz que somos o produto final do trabalho manual de Deus, a palavra é *poiema,* que significa trabalho de arte. Comprei um pouco de argila para todo mundo. Ao entrar, cada pessoa recebia um montinho de argila. Passei todo o ensinamento em torno do verbo *formar.* "Você é a obra de arte de Deus". O título do sermão era: "Você é uma obra de arte", que é uma expressão bíblica. O que você pode colocar na mão das pessoas?

Eu já distribuí mel. Os rabinos costumavam colocar mel no dedo de uma criança e dizer: "Que as palavras de Deus sejam tão deliciosas...". Quando você entra e alguém lhe dá um doce, as pessoas se envolvem.

Eu estava pensando sobre Jesus sendo tentado no deserto: *E se pudesse convencer toda a minha congregação a jejuar no sábado até a hora do culto no domingo? E se todos pudessem vir ao culto de domingo sem ter comido no sábado e quando eles entrassem recebessem uma pedra? E se todo o ensinamento fosse sobre Satanás dizendo a Jesus: "Transforme esta pedra em pão"?* Como posso fazer com que eles percebam que nós estamos chegando a algum lugar no dia de hoje? "Eu quero levar você a algum lugar hoje, então aqui está esta pedra".

No Natal passado, alguém comprou um pequeno punhado de mirra para todos na igreja. Falamos sobre como a mirra era usada para aliviar o sofrimento de pessoas quando elas estavam sendo crucificadas. E no nascimento de Jesus, as pessoas estão dando mirra aos seus pais. Presente bem promissor esse.

Se pessoas puderem cheirar, se crianças puderem mastigar, se você puder criar quantas dimensões diferentes possíveis — muitos de nós são mais sensíveis ao tato — se nós pudermos sentir algum objeto associado à mensagem, faz mais sentido.

Como faço para que pessoas levantem de seus assentos? Certa Páscoa, nós construímos uma tumba. Dei folhas de papel às pessoas e falei sobre como Jesus ressurgiu dos mortos.

Se alguém morresse e tornasse a viver, essa pessoa seria perigosa porque ela não tem medo de muita coisa. Você pode bater no seu Jesus de flanelógrafo vestido com um roupão branco, porque esse é um sujeito perigoso. Ele sobreviveu à morte. E assustador ficar perto de pessoas que não têm medo da morte porque elas podem fazer qualquer coisa. Se entregou sua vida a Jesus, você a confiou a alguém que sabe o que "eles" farão. Seja lá do que você tem medo, você precisa escrever isso em um pedaço de papel. Vamos passar um tempo em adoração. Precisa pegar seu medo, seja qual for, e jogá-lo na tumba e o deixar ali.

E ver pessoas no domingo de Páscoa levantando e esposas soluçando e, depois, jogando-o dentro da tumba...

Preguei essa mensagem em relação ao "evangelho de acordo com a salsa" e falei a respeito de como minha esposa faz a melhor salada de salsa do mundo. E desafio você a uma queda de braço sobre isso. Tudo que faz parte da salsa da minha esposa já esteve vivo em certo momento. O tomate esteve vivo. A salsinha esteve viva. O coentro esteve vivo. A cebola esteve viva. Mas para que ela pudesse se transformar na salada, ela tinha que ser arrancada da sua fonte de vida. O tomate tinha que ser cortado do pé. Toda a sua comida esteve viva em certo momento, mas teve que ser cortada. Ela teve que morrer para que chegasse ao seu prato. Se você estiver em um restaurante e sua comida não estiver morta, vá embora imediatamente. Mas há esse princípio no qual precisamos comer para viver.

O que é interessante sobre sua comida é que tudo o que você come — e a comida lhe dá vida — teve que morrer primeiro. A morte é a locomotiva da vida. A minhoca é comida pelo pássaro, que é comido pelo gato, que é comido pelo lobo, que é comido pelos netos das minhocas. Mesmo no domínio físico, a morte é o motor da vida. (E por isso que um *Twinkie,* mini-bolo doce com recheio cremoso muito comum nos Estados Unidos, não é bom para você, porque ele nunca esteve vivo).

Essa é a idéia. A morte é o que dá vida ao universo físico. Quando Deus enviou seu Filho para nos dar vida, seu Filho teve de morrer. Então a cruz não é somente verdade sacramental. A morte é a vida em todo lugar. O ato de Deus nos dar vida através da morte de Jesus não é uma idéia nova na história do mundo. É Deus trabalhando no fluxo que ele já havia criado. Comecei a pensar: *E isso que Jesus continua falando sobre realmente viver. Para ser completamente vivo, você precisa negar-se a si mesmo, carregar sua cruz, se tornar servo. Ainda é verdade que para que possa viver preciso morrer.* Montamos uma cruz e dissemos: "Para que coisas você precisa morrer para que realmente possa viver? Vamos passar um tempo adorando. Venha à frente e se ajoelhe diante da cruz e pegue o que estiver no pedaço de papel e o amasse nas pedras na base dessa cruz".

Estou sempre tentando pensar: *Como podemos engajar pessoas e assim elas possam fazer algo?*

Um dos problemas para pregadores é quando eles estão pensando: *O que vou dizer sobre esse texto?* A pergunta deveria ser: *O que esse texto quer dizer? E quantas dimensões diferentes posso explorar?* Em minha mensagem intitulada "O bode saiu do prédio", tinha *slides* falando às pessoas, li o texto, o bode entrou, e também o sumo sacerdote em seus trajes; e, a certa altura, eu disse: "Vire para a pessoa ao seu lado e diga isso e aquilo". E seguramente as pessoas se envolveram em múltiplos níveis. A pessoa estava envolvida visualmente. Estava envolvida em termos de auditório. Havia diversas coisas acontecendo que levavam a coisa adiante. Somos como artistas.

Temos todas essas ferramentas diferentes à nossa disposição. Temos esse poderoso mundo que Deus criou, e as Escrituras se tornam vivas com a verdade que não pode ser reprimida. Pense a respeito do exemplo de Jesus: Observe aqueles pássaros... Observe aqueles lírios... Um homem tinha dois filhos.

O que Jesus está fazendo? Ele está dizendo: "Olhe para o mundo. Você pode aprender sobre Deus a partir disso". Então, quero me beneficiar dessas várias coisas.

Outra coisa que nós pressupomos é que a pregação é alguém falando. Há horas quando a pior coisa que deveria fazer é falar. Ouvi uma pregação esses dias; um rapaz contou o testemunho pessoal mais inacreditável. Foi uma história impactante. O problema foi que, antes daquela história ele falou muito e imediatamente após a história ele falou demais. Mark Twain disse: "Se tivesse tido mais tempo, teria falado menos". Aquela história era brilhante, mas ela foi esmagada pelas coisas anteriores e posteriores. Você não precisa falar o tempo todo para estar pregando.

O que estou aprendendo é que há horas quando a pior coisa que posso fazer é falar. Para mim, na minha mensagem "O bode saiu do prédio", quando o sumo sacerdote estava andando em direção ao seu assento, foi um momento sagrado. Não consigo explicar. O problema com algumas das nossas pregações é que você não consegue explicar. Você tem os seus quatro pontos principais, suas três aplicações, e é isso que o texto significa.

No final da parábola do filho pródigo, Jesus está dizendo: "Então, é o seguinte: Deus é a figura paterna"? E se no final do filme *O Gladiador*, Ridley Scott, o diretor, aparecesse e dissesse: "Minha intenção era que você se identificasse com Russel Crowe"? Histórias notáveis se explicam por si só. O que precisamos são grandes contadores de histórias.

A dimensão "Celebrando o mistério em vez de conquistá-lo"

Uma das coisas que ajuda as pessoas é que, depois que explicamos o suficiente, deveríamos deixar isso se assentar. O mistério está a meu favor.

João 3.16 diz: "Porque Deus tanto amou o mundo que deu seu Filho Unigénito". Por que Deus deu seu Filho Unigénito? Porque Deus amou o mundo. Você quer dizer que Deus ama todo mundo? Não importa o que eles tenham feito? Deus ama a todos de maneira igual. Seu amor é infinito. Dura para sempre. Nós temos o amor de Deus agora? Estou apenas rabiscando a superfície. Por que Deus ama o mundo? Deus é amor. *Tudo bem, claro. Isso fixa a idéia.*

A natureza do mistério é que quando você obtém uma resposta, ela levanta todo um novo conjunto de perguntas. Você conhece o alicerce da nossa fé, a Trindade? *Aba, claro, a Trindade. Essa eu acerto em cheio.* Cremos como cristãos ortodoxos, e ainda assim a natureza de crer e depositar nossa fé na Trindade levanta novas perguntas. *Como Deus pode ser três em um? Como pode Deus ser uma comu-*

nidade de amor sacrificial e de unidade? A natureza da verdade é que ela levanta mais questionamentos. Às vezes é por isso que você ouviu um sermão e pensou: *Já ouvi tudo isso.* A pessoa estava pregando as doutrinas da fé e ainda assim você sabia que alguma coisa estava faltando. Um amigo meu me disse: "Se você estudar, e isso não levar você à admiração e à reverência, então você ainda não estudou". Disse Abraham Joshua Heschel: "Eu não pedi o sucesso; pedi a admiração".

Há uma hora em que as palavras não são o suficiente, e você simplesmente precisa adorar. Quando estamos pregando, há momentos em que paramos e dizemos: "Agora, em reverência, nós vamos apenas contemplar a Deus".

A dimensão "Seja você mesmo"

Seja você mesmo. Sempre penso na dimensão de uma nova identidade. Você não é quem você era. *Onde nesta lição está a mensagem de Deus para as pessoas que estou guiando ou ensinando neste momento a respeito de quem elas são em Cristo? Como é que esse ensinamento formará uma imagem mais linda e instigante de quem Deus diz que elas são em Cristo?* Quero criar essas imagens. Quero criar ensinamentos que são tão lindos que pessoas são atraídas à maneira que Deus as criou para viver. Como faço isso? Onde está o elemento capacitador.

A dimensão "Não há regras"

Não há regras. Além das coisas básicas como a doutrina: Deus e Jesus. Mas em termos de como você fará, talvez não haja nenhuma introdução. Talvez todo o objetivo daquele ensinamento venha para você, e as pessoas ficam assim: "Oooh!".

Ensinei uma vez em silêncio quando coloquei todo o ensinamento em *slides* e fiquei ali por 45 minutos. No final disse: "Vamos nos levantar para a bênção final". Cantamos a música "O Senhor o abençoe e o guarde", e acenei e fui embora.

Talvez você já tenha lido um livro inteiro da Bíblia. Às vezes ler a história é melhor do que qualquer coisa que você poderia dizer. *O que é que falta para dar vida a ela?*

As coisas têm gosto melhor quando são deixadas de molho

Trabalho na área do ensino durante um período de quatro a seis meses por ano. Você pensaria que sou detestável porque se saíssemos para o almoço, faria diagramas em guardanapos.

Se você fosse casado e dissesse: "Conte-me sobre o dia do seu casamento", você poderia contá-lo para mim. Certamente, não diria: "Esqueci o meu esboço com as anotações". Não, você simplesmente me contaria como tudo aconteceu.

Se perguntasse aos que têm filhos: "Quantos anos têm os seus filhos e quais são seus nomes?", você não diria: "Minhas anotações estão em algum lugar. Não estou com meu Power Point". Certamente que não. Pá, pá, pá, essas são as idades. Por quê? Porque faz parte de você.

E se seu ensinamento fosse tão parte de você que fosse como falar sobre o dia do seu casamento ou seu primeiro emprego? Como seria se você pudesse passar esse ensinamento como se fosse uma história que você contou duzentas vezes?

Essa é a minha paixão. Descobri que quanto mais trabalho e quanto mais profundamente estiver trabalhando em cima dele, mais liberdade tenho.

As pessoas que estão ouvindo a você sabem quando o ensinamento se tornou parte de você. Elas conseguem sentir quando o orador está apenas passando alguma informação e observação e sabem quando tudo está saindo direto da sua alma.

Não precisamos de pessoas que ditam os pontos de um quadro. Precisamos de cantores da alma. Precisamos de profetas. Precisamos de poetas. Nossa geração precisa de pessoas que tiveram uma experiência. As pessoas estão pegando fogo. Estão por demais ansiosas. Não conseguem esperar. *Se não disser isso, vou explodir.*

Ultimamente, tenho lutado com o seguinte. Deus faz o mundo em seis dias; descansa no sétimo. Seis dias, sete. Seis, um. Seis, um. Há um ritmo entre seis dias ativos e um dia inativo. Comecei a pensar sobre os bateristas e como tocar bateria tem tudo que ver com as pausas. Está diretamente relacionado com tocar e aí esperar. A música e a batida, o ritmo e a bateria são uma reflexão de como Deus fez o mundo. Se você não tirar aquele dia para vivê-lo de acordo com a batida que Deus instituiu na criação, sua música não será boa. Quando o baterista está fora de ritmo, a música inteira se desfalece. Ritmo é algo interno; é intrínseco à vida.

Digo a todos com quem tenho contato: "Olha só. Pense sobre isso. O sábado e a bateria". Quando capto algo assim, não consigo calar a minha boca sobre isso. Até que chegue a hora de compartilhar isso com as pessoas, já falei isso para o frentista do posto de gasolina, já falei para o caixa do mercado — todos com quem tenho contato. "Olha só. Pense nisto: sábado ... bateria".

Convido você a se tornar completamente desequilibrado como eu.

Capítulo 106

SETE HÁBITOS DE PREGADORES ALTAMENTE EFICIENTES

Como falar para que os ouvintes não consigam esquecer

Craig Brian Larson

Qual é a diferença entre essas duas frases?

"Washington não é uma cidade eficiente nem charmosa."

"Washington é uma cidade com a eficiência sulista e o charme do norte". (John F. Kennedy).

A primeira é monótona. A segunda possui estilo. Uma é prosaica, a outra é artística.

O discurso artístico é interessante, fresco, atraente. Ele desperta a imaginação. Fala ao coração. Alcança cantos do espírito humano que o discurso comum e literal não consegue.

Enquanto a força do discurso literal é a clareza, a força do discurso artístico é a profundidade. Uma frase engenhosa comunica em mais de um nível. Ela ressoa mais na alma do que a prosa correta do Aurélio jamais conseguirá.

Não é de admirar que o discurso artístico seja usado pelos melhores comunicadores contemporâneos em termos de discurso ou da letra impressa. Com certeza foi usado por Jesus: "Ninguém acende uma candeia e a esconde em um jarro ou a coloca debaixo de uma cama. Ao contrário, coloca-a em um lugar apropriado, de modo que os que entram possam ver a luz" (Lc 8.16).

Entretanto, poucos de nós possuem o tempo para fazer algo mais do que temperar nossas mensagens com elementos artísticos, principalmente nos pontos estratégicos: a introdução, as frases e parágrafos-chave e a conclusão. Ainda assim, mesmo um leve toque de trabalho artístico pode acrescentar sabor. Aqui estão sete maneiras de atrair a atenção dos ouvintes.

Comparação

Boas comparações avivam a imaginação e agitam as emoções. Na prática, vividas descrições verbais mantêm o interesse dos ouvintes visualmente orientados de hoje em dia.

As Escrituras estão cheias de comparações, tanto de metáforas ("O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador", SI 18.2) quanto de símiles ("Como a corsa anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus", SI 42.1). Metáforas podem avivar uma cena que já é dramática e ajudar a tornar tópicos abstratos em tópicos tangíveis.

No seu sermão "Pegando a onda", o falecido Bruce Thielemann conseguiu atingir ambos os efeitos em uma passagem curta.

> Meu primeiro pastorado foi em McKeesport, Pensilvânia, famosa naquela época por ter o a maior fábrica de tubos de aço do mundo [...]. Muitos foram os momentos em que subi naquelas grandes máquinas [...] para ver o homem operando a máquina. Via a grande serpente de metal fundido escorregando para dentro da máquina e, depois, ser cortada. Em seguida a máquina a apanhava pela ponta e começava a girar. Através da força centrífuga, aquela barra de metal se abria de dentro para fora [...]. Perguntava aos homens que operavam aquelas máquinas: "Qual é o ingrediente mais importante do processo?".
>
> A resposta era sempre a mesma: "É a temperatura do metal. Se ela for muito alta, o metal vai se desintegrar; se for muito baixa, não vai se abrir como deve. A não ser que você encontre o ponto de fundição, não consegue fazer o tubo perfeito".
>
> A menos que encontremos aqueles momentos de fundição quando o caráter consegue se desenvolver, perdemos oportunidades assim como os discípulos as perderam.

Thielemann salienta nosso interesse pela máquina de metal ao nos apresentar a metáfora da serpente e, depois, ele usa os "momentos de fundição" como um caminho tangível de falar sobre o conceito abstrato da oportunidade.

Todavia, é fácil usar erroneamente as comparações. Se forem cometidos em excesso os erros a seguir, os ouvintes ficam confusos.

Metáforas confusas

Imagens múltiplas, uma após a outra, confundem, em vez de esclarecer: "Ela entrou em meu escritório como um touro e lançou um rojão de críticas após o outro".

Estamos mais propensos a misturar as metáforas quando usamos metáforas "mortas" (algumas tão comuns que nem mais as reconhecemos como metáforas): "Se você não consegue agüentar o calor [uma metáfora morta se referindo ao desconforto de ficar perto do fogão da cozinha] comece a revidar e atirar [uma metáfora militar]".

Indo longe demais

Vamos longe de mais quando uma comparação é ilógica, fraca ou não-existente, ou estimulamos a imaginação a ir simplesmente um bocadinho longe demais: "O amor é a seiva da árvore das relações humanas. Ela nutre as folhas da nossa alma".

Associações adversas

"O evangelho é tão poderoso quanto uma bomba nuclear". Embora ambas as coisas sejam poderosas, a símile falha porque compara algo que é glorioso e doador de vida — a mensagem cristã — com algo temível e destrutivo — o holocausto nuclear. Ninguém diria: "A alegria é tão contagiante quanto a peste bubônica", ou: "O inimigo vaga pelas ruas como a Madre Tereza, procurando os fracos e moribundos".

Contraste

O contraste acentua e intensifica, assim como um fósforo, imperceptível à luz do dia, queima claramente em uma caverna profunda.

Na conclusão do seu sermão "Pegando a onda", Bruce Thielemann usou bem o contraste.

> Por favor não diga nada para mim sobre o amanhã. *Amanhã* é a palavra que a Bíblia desconhece. Se você conseguir encontrar algum lugar nas Escrituras em que o Espírito Santo de Deus diz amanhã', vou descer desse púlpito e nunca mais subirei nele ou em qualquer outro púlpito enquanto viver.
> A palavra do Espírito Santo é a palavra *hoje*. "Hoje é o tempo favorável, hoje é o dia da salvação". "Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração...".

Não diga *amanhã*... A palavra é *hoje.* Venha a Cristo hoje. Cresça em Cristo hoje. Sirva em nome e no espírito de Cristo hoje.

Cristo usou o contraste para realçar a diferença entre o passado e o presente, entre um ensinamento e outro: "Vocês ouviram o que foi dito: 'Não adulterarás'. Mas eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração" (Mt 5.27,28).

Alguns dos epigramas mais eficazes são meramente contrastes astutos: "Papo de guerra vindo de homens que estiveram na guerra é sempre interessante; enquanto papo da lua vindo de um poeta que não esteve na lua é provavelmente maçante" (MarkTwain).

Paralelismo

O paralelismo é memorável. "Nunca no campo do conflito humano tantos deveram tanto a tão poucos" (Winston Churchill).

As pessoas não decorariam seus quartos com as bem-aventuranças bíblicas se Cristo tivesse dito: "Bem-aventurados são os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus. Os que choram serão consolados, então eles também são bem-aventurados. Os mansos, que herdarão a terra, são bem-aventurados. Deus abençoará aqueles que têm fome e sede por justiça ao supri-los completamente".

A estrutura paralela destaca distinções especiais de pensamento. "Que o consolo não é um entendimento de que tudo ficará bem, mas um entendimento de que tudo está sob controle" (John Hannah, em seu sermão "Há algum consolo?").

Ou reflita sobre a frase de Haddon Robinson sobre o fariseu orgulhoso orando no templo: "Na presença de Deus, ele via-se a si mesmo com bons olhos, via seus vizinhos com maus olhos e não via a Deus com olho nenhum".

Em seu sermão: "Vivendo uma vida com integridade", George Munzing usa estruturas paralelas para mostrar a relação entre idéias abstratas. "Plante um pensamento, colha um ato. Plante um ato, colha um hábito. Plante um hábito, colha um caráter. Plante um caráter, colha um destino".

Quando um orador monta expressões e frases em uma estrutura paralela, se faz um tremendo senso de drama e emoção. "Nós não vamos esmorecer nem falhar. Vamos prosseguir até o fim. Vamos lutar na França, vamos lutar nos mares e oceanos, vamos lutar com força e confiança crescentes no ar, vamos defender a nossa ilha, custe o que custar, vamos lutar nas praias, vamos lutar nos campos de pouso, vamos lutar nas campinas e nas ruas, vamos lutar nos montes; nós nunca nos renderemos" (Winston Churchill, em um discurso sobre Dunkirk na publicação da Câmara dos Comuns, em 4 de junho de 1940).

Repetição e refrão

Repetição e refrão são uma outra maneira de dar intensidade a um sermão. Jesus os usou não apenas nas bem-aventuranças, mas também quando repreendeu os fariseus.

"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo" (Mt 23.13).

"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas, porque percorrem terra e mar para fazer um convertido" (Mt 23.15).

"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça" (Mt 23.25).

Ou tome um exemplo moderno: o discurso de Martin Luther King Jr., "Eu tenho um sonho".

> Mesmo que enfrentemos as dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Tenho um sonho de que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado do seu credo: "Cremos que são auto-evidentes as verdades de que todos os homens foram criados iguais".
>
> Eu tenho um sonho que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos sejam capazes de se sentar junto à mesa da fraternidade. [...] Tenho um sonho de que meus quatro filhinhos viverão um dia em uma nação onde eles não serão julgados pela cor da sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Tenho um sonho hoje.
>
> Eu tenho um sonho que um dia [...] meninas e meninos negros poderão unir as mãos com meninas e meninos brancos como irmãs e irmãos. Tenho um sonho hoje.
>
> Eu tenho um sonho que um dia todo vale será elevado, e todas as colinas e montanhas virão abaixo, os lugares ásperos serão aplainados e os lugares tortuosos serão endireitados e a glória do Senhor será revelada e, reunida, toda a carne a verá.

Esse é um dos discursos mais dramáticos do século XX e ondas após ondas do "Eu tenho um sonho" têm se embutido na consciência nacional.

(É claro, use a repetição quando o assunto ou cenário não permitir o efeito contrário. Não tente isso sem paixão. Vai parecer tão embaraçoso quanto se você usasse um terno em um pequeno grupo de estudo bíblico).

Hipérbole e suavização

Ironicamente, a indicação incompleta enfatiza um ponto.

"Morrer é ruim para você" (Russell Baker).

"Nada na vida é tão divertido", disse Winston Churchill, "quanto ser atirado por alguém com uma arma sem resultado".

A suavização é um esporte nacional para os britânicos, enquanto acentuar em demasia — hipérbole, exagero — é a preferência americana. Chuck Swindoll combina a hipérbole com a suavização a um efeito cômico em seu sermão: "Razões para ser agradecido".

Quando minha mulher e eu estávamos no Seminário de Dallas, logo no começo da década de 1960, morávamos em um pequeno apartamento que fazia parte de um pequeno grupo de apartamentos que depois disso foram des-truídos, fico feliz em dizer. Ratos corriam para cá e para lá — todas as alegrias do lar estavam lá. No verão, o clima vinha para dentro e era quente. Quente? Era mais quente do que você pode imaginar. Era como um deserto.

Naquele ardente outono, começamos a orar por um ar-condicionado; não tínhamos nenhum. Lembro-me que no inverno de vento frio — que estranho! — estávamos orando por um ar condicionado. Durante dezembro, janeiro e fevereiro, não contamos isso a ninguém, não fizemos nenhum pedido, não escrevemos nenhuma carta; simplesmente oramos.

Na primavera seguinte, antes de passarmos por mais um verão quente ali, visitamos os pais da minha esposa em Houston. Certa manhã, enquanto estávamos lá, o telefone tocou. Não tínhamos anunciado nossa chegada; foi apenas uma breve visita aos seus pais e aos meus antes de voltarmos para o seminário. O telefone tocou e, no outro lado da linha, estava um homem com quem não havia conversado havia meses. Por acaso seu nome era Richard. ...

Disse: "Como você está?".

"Ótimo! Você precisa de um ar-condicionado?" — perguntou-me.

Quase deixei o telefone cair. [Até esse ponto a fala de Swindoll foi tipicamente entusiástica. Antes da frase seguinte, no entanto, ele faz uma pausa e então calmamente diz], "Uh, sim".

"Então", disse ele, "acabamos de instalar o ar-condicionado central aqui e temos esse pequeno ar-condicionado que pensamos que talvez você quisesse. Nós vamos levá-lo e colocá-lo no seu porta-malas para você levá-lo na volta, se concordar".

[Novamente Swindoll faz uma pausa e responde calmamente],

"Está bem então, Richard. Traga-o aqui."

Nós colocamos aquela coisa na janela e congelamos no inverno e no verão naquele pequeno lugar!

Assim como Swindoll mostra aqui, usar a suavização em conjunto com o exagero pode ajudar os ouvintes a "captar a idéia".

Os exageros podem ser cômicos — "Sempre faça o certo. Algumas pessoas ficarão gratas e outras ficarão *surpresas*" (MarkTwain). Ou pode haver um ângulo um pouco mais tenso: "Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. [...] E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora" (Mt 5.29,30).

Entretanto, explicar a suavização ou a hipérbole para os ouvintes é um erro. Muito do impacto vem dos ouvintes entenderem o que você quis dizer por eles mesmos, e se eles não conseguem, explicá-lo só realça a sua falha. Outro erro é usar com muita freqüência adjetivos como *pouco, um tanto, muito, super* ou *mega* para realçar para mais ou para menos aquilo que você quer dizer.

Aliteração

A aliteração — o uso de palavras que começam com sons parecidos — acentua a comparação ou o contraste. "Dessa vez, através de um redemoinho parecido, Deus não traz a *ruína,* mas a *revelação*; não traz o *desastre,* mas a *descoberta'.*

Quando nós aliteramos as palavras-chave de uma frase — o sujeito e o verbo, o verbo e objeto direto, uma série de palavras paralelas — as palavras se encaixam e a frase soa correta.

"Se você aceitar a Cristo, a retidão pode ser uma realidade."

"A carreira dele foi arruinada porque ele era um sujeito folgado e falso."

"O fim do pecado é o pesar."

A aliteração é tanto uma ferramenta, quanto uma tentação. Todos nós abusamos de aliterações em esboços de sermões, forçando as palavras a se encaixarem no esquema, mesmo correndo o perigo de confundir o significado. Se percebemos que temos que explicar um esboço aliterativo é porque provavelmente fomos longe demais.

Perífrase

Uma regra geral da boa comunicação é manter as coisas simples. Todavia, às vezes, dizer algo de um jeito indireto pode ser mais interessante. Chamamos isso de perífrase.

Muitas frases bíblicas poderiam ser encurtadas, mas a perífrase apela ao coração e à imaginação. Em vez de dizer: "Davi me ama e é um homem correto", Deus diz: "Encontrei Davi, filho de Jessé, *homem segundo o meu coração*' (At 13.22).

Ao descrever uma das fontes de uma peça de Shakespeare, em vez de dizer: "uma peça desorganizada", Northrop Frye, em seu livro intitulado "Sobre Shakespeare", comenta: "Uma peça como um bagunçado café da manhã de cachorro".

Uma estrutura comum de perífrase é uma frase hifenizada usada como um adjetivo: "Eles moram em uma casa de aluguel do tipo as-baratas-têm-a-preferência".

Expressões incrementadas — baseadas em títulos de filme, livro ou televisão, clichês, citações familiares, versículos da Bíblia, ou slogans de propagandas — se tornam títulos cativantes, como, por exemplo, "Glória a Deus nas menores alturas" (Bruce Thielemann).

Expressões incrementadas também causam um contraste eficaz: "Quantas vezes você ouviu dizer que neste mundo o que conta não é o que você sabe, mas quem você conhece? E muitas vezes isso é verdade. Mas no mundo de Deus o que conta não é o que você sabe, mas quem você é" (George Munzing).

O jogo de palavras pode ser usado para propósitos sérios ou pode destacar a comparação ou o contraste. "Você é muito cuidadoso com suas ações", disse um pregador. "O caráter é revelado através das suas *reações."*

Explicar um jogo de palavras ou qualquer elemento artístico trata de forma condescendente os ouvintes. Enquanto a clareza é uma virtude na comunicação, também o é a sutileza, o que concede aos ouvintes o prazer da descoberta.

"Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.38,39).

Uma base tão sólida quanto o pau-brasil como essa — expressada com contraste, repetição, paralelismo, equilíbrio, variação e clímax — foi escrita por um apóstolo que disse: "Eu posso não ser um orador eloqüente; contudo tenho conhecimento" (2Co 11.6). Ele disse: "Não fui com discurso eloqüente, nem com muita sabedoria" (ICo 2.1).

Ele claramente nunca poderia ser acusado de colocar o estilo acima da essência.

A lição para nós é que nós não temos de escolher entre sobrepor a essência ao estilo ou o estilo à essência. Pois, conforme autores bíblicos — como Paulo, Davi, Isaías e João — sabiam, nas mãos de comunicadores sérios, o estilo artístico é a essência.

Capítulo 107

O ESTADO DE ESPÍRITO DO SERMÃO

O espírito da mensagem é como a melodia de uma música

Fred Craddock

Todo mundo sabe que um sermão tem pontos principais, mas nem todo mundo sabe que um sermão também tem uma melodia.

Apliquei o termo melodia á pregação há alguns anos quando comecei a me perguntar: "Por que gosto de alguns sermões em especial? O que faz certos sermões realmente funcionarem?". Ai havia algum ingrediente importante nos sermões eficazes que iam além das considerações normais do conteúdo. Percebi que aquele ingrediente era a melodia.

A melodia de um sermão — o seu estado de espírito — não é fácil de ser definido precisamente, mas é inconfundível. Ao ouvir alguns sermões, penso em 76 trombones descendo pela avenida principal. Outras mensagens formam na minha cabeça uma imagem de um violino e um pedaço de pão.

Não é freqüente pensarmos na melodia que vamos tocar quando estamos preparando um sermão, porque nossa preparação tende a focar o conteúdo. Mais tarde, no entanto, quando avaliamos como pregamos e como as pessoas reagiram, é que nos lembramos da melodia: a atmosfera sutil que foi projetada, o estado de espírito que encheu o templo à medida que o sermão foi pregado.

Uma questão complicada é que não somente os sermões, mas também os pregadores possuem melodias. Peço para os meus alunos imaginarem que trilha sonora complementaria melhor a sua pregação, e eles me dão respostas que abrangem desde as músicas de Willie Nelson — um cantor de música *country* — até algo majestoso de Haendel — compositor de música clássica — como a obra *o Messias.*

Para dizer a verdade, quando abro meus ouvidos, encontro melodias em todo o meu redor. As igrejas possuem suas melodias. As comunidades também. Na Appalachia, cidade localizada no Estado da Virgínia, nos Estados Unidos, a maioria das melodias é sombria: "Estamos indo para o vale, um por um", "Rude cruz". A ternura desliza nessas melodias. Se quero passar um senso maior de Páscoa para Appalachia na minha pregação, não posso me alvoroçar por eles não estarem pulando e saltando no primeiro domingo que estiver emitindo o som daquele refrão desconhecido para eles. A alegria é uma melodia estranha aos seus ouvidos. Eles precisam de tempo para pegar o ritmo.

Então, percebi que preciso estar alerta às melodias da pregação. Meu sermão, o texto no qual ele está baseado, minha igreja e minha própria personalidade — cada um possui um "som" distinto. A melodia de um sermão pode não soar bem em todas as situações. A idéia é harmonizar nossa pregação com as notas que estão sendo tocadas ao nosso redor.

A melodia do seu antecessor

Pregadores que são novos nas suas igrejas precisam descobrir as melodias favoritas de seu antecessor. E particularmente importante se o antecessor teve um período prolongado, porque o estilo daquele pregador definiu a palavra *sermão* para aquela congregação. Na mente dos ouvintes, qualquer variação daquela melodia precisa se esforçar para pelo menos ser classificada como sermão.

Suponhamos que, por 23 anos, meu antecessor disse todos os domingos: "Eu tenho quatro coisas que quero dizer sobre esse texto nesta manhã. Em primeiro íugar ..., em segundo ...", e assim por diante e, no final, ele resumia o sermão. Essa é uma melodia precisa, em boa ordem, como uma marcha militar. A congregação está acostumada a um sermão metódico, lógico — premissa maior, premissa menor e conclusão. Dessa maneira, quando entro cantando uma outra música, não posso esperar que todos exclamem: "Ooh!" e "aah!". Se não pregar daquela maneira, posso esperar, pelo menos por um tempo, que a congregação não aceite minhas "conversas" como sermões. E possível que eles digam: "Bom, simplesmente não pareceu um sermão".

Isso não é irracional. Para muitos ouvintes, uma mudança no *formato* é equiva--ente a uma mudança no *conteúdo.* Pregue um sermão narrativo, e as pessoas que se acostumaram a ouvir o Reverendo Sumário pregar: "Um, dois, três, quatro" diram: Bom, foi muito interessante e tudo o mais, mas nós queremos mais Bíblia". Você pode ter incluído mais Bíblia no seu sermão do que ele jamais incluiu, mas a única

maneira que os ouvintes têm para registrar a melodia diferente que eles ouviram — mesmo quando o conteúdo ou a teologia do sermão foram praticamente idênticos — é identificar alguma dificuldade vaga com os conteúdos. Eles não conseguiram fazer suas habituais anotações do sermão, então eles imaginam que deve ter sido uma melodia não muito bíblica.

Em uma igreja nova, não tentaria imitar o pastor anterior. Ninguém prega bem o suficiente para imitar, e assim mesmo ninguém consegue cantar uma melodia com o timbre exato de outra pessoa. Entretanto, preciso preparar as pessoas para ouvirem uma nova melodia. E isso leva tempo, assim como para mim levou tempo me acostumar com as novas traduções da Bíblia. Primeiro, memorizei os versículos da Bíblia de uma versão antiga, assim falei sobre usar novas traduções muito antes de me tornar emocionalmente confortável com elas.

Segundo, preciso respeitar o fato de que é difícil para uma congregação quando mudo a forma do sermão. Se o *formato* for sempre novo e diferente, as congregações não as ouvem tão bem. É como jogar para eles um hino que contenha letra e melodia desconhecidas. Mas se a forma básica do sermão continua previsível e clara, estou autorizado a trabalhar criativamente em cima disso.

A maioria das congregações consegue lidar com apenas uma variável por vez. Então se vou diversificar o formato da minha pregação, é bom que minha mensagem seja familiar. Ou se planejo acertá-los com uma mensagem nova, então meu estilo de pregação precisa ser previsível.

Essa regra se estende ao próprio culto. Se planejo pregar um sermão diferente, o resto do culto precisa ser direto e previsível e se vou testar algo novo no culto, sou sábio ao pregar meu sermão-padrão.

Já que visual e vocalmente sou uma nova variável para a congregação quando estou em uma igreja pela primeira vez, tento não acrescentar muitas inovações engenhosas a princípio. Uma vez que eles tenham se acostumado com a minha voz e a minha aparência, então posso fazer algumas mudanças. Quer goste do período de espera quer não, isso não importa. Aquilo com que eles se acostumaram deu forma ao ouvido.

A melodia da congregação

Trabalho não somente com a melodia do meu antecessor, mas também com a melodia da minha congregação. Em certo sentido, analiso uma congregação como analisaria um grupo de pessoas caminhando na rua, me pergunto: "O que elas estão fazendo? É uma passeata? Elas estão aí simplesmente para dar uma volta? Ou é uma marcha de protesto?".

Para algumas congregações, todo domingo é uma marcha de protesto. Algum assunto tem que estar em questão: controle de armas, impostos, pobreza — seja o que for. Elas estão marchando para a prefeitura e você quase consegue ouvir o toque de tambor soando protesto, protesto, protesto.

Certamente há coisas que são motivo para protestos. Mas se você protestar o tempo todo, as pessoas ficam cansadas daquela melodia: "Lá vamos nós de novo para a prefeitura". Não é eficaz. Posso esticar os meus suspensorios e dizer: "Eu sou uma voz profética nesta era!", mas a verdade é: não estou transformando nada em ações.

Algumas congregações estão em um desfile de rua. Você absorve um senso de John Philip Sousa — conhecido nos Estados Unidos como o "Rei da Marcha". É triunfante. Todo dia é o domingo de ramos e tudo é formidável e glorioso. Mas sempre há pessoas que recentemente enviuvaram ou estão com alguma dor ou cuja filha está envolvida com drogas ou cujo emprego simplesmente desapareceu. Essas pessoas não estão em um desfile de rua.

Isso significa que a música precisa variar. Alguns sermões precisam da sensação de uma caminhada agradável pela rua, em que só alguns estão conversando. Aí os desfiles e as marchas de protesto fornecem um ritmo diferente, um novo som que capta a atenção das pessoas.

A melodia do texto

A melodia de um sermão também precisa ser apropriada à melodia do texto. Com alguns dos salmos, você, entusiasmado, pega o rumo para Jerusalém. Com outros, você está sentado em um monte de lixo dizendo: "Eu só quero morrer". Há alguns em que você está sentado em um círculo com seus filhos. Em alguns deles você está totalmente sozinho: "Acalmei e tranqüilizei a minha alma". Então às vezes o próprio material bíblico pode estar dizendo: "Não toque a melodia errada aqui. Esse é um salmo penitencial, então não tente inspirar as pessoas".

Certa vez, escutei um pastor pregando sobre a bem-aventurança: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos" (Mt 5.6). Mas ele começou a atacar as pessoas com o que havia de errado nelas. "Você está com fome disso e sede daquilo", ele encolerizou-se, "quando você deveria estar atrás da *justiçai"*. Ele disse algumas coisas boas, mas as palavras *fome* e *sede* não acrescentaram sabor ao sermão, e, como um todo, ele nunca se transformou em uma bênção. Ele transformou uma bem-aventurança em exortação e, assim, ele mudou completamente a música.

Mais tarde, perguntei a ele: "Você tem alguma outra palavra para *bem-aventurados?*

"Não gosto da palavra *felizes",* disse ele. "Prefiro só dizer *bem-aventurados'.*

"Essa é uma palavra importante na Bíblia", disse, "mas bem-aventurados são aqueles que vivem ao alcance da voz das bem-aventuranças". Queria que ele soubesse que de alguma forma o suave oboé da bem-aventurança precisava ser ouvido.

Sua melodia semanal

Minhas experiências pessoais durante a semana — meu trabalho, minhas orações, meu estudo, meu comparecimento em todo tipo de eventos — esta-

beleceram um certo ritmo, uma melodia, na minha própria vida. E pode acontecer de descobrir que minha melodia não combina com aquela do texto. Em tempos como esses, minha tendência é dizer para a congregação: "Quando escolhi esse texto com a sua cadência imponente marchante, ela ecoava a maneira que me sentia. Mas, essa semana, tive 487 reuniões do comitê e tudo ainda está passando pela minha cabeça. Estou exausto. Ainda assim essa passagem chega de forma tão linda a Jerusalém, que gostaria que ela fosse a minha experiência de hoje. Então se você detectar na minha voz algum anseio, algum desejo, é exatamente como estou me sentindo".

Essa é a direção que sigo quando meu ritmo pessoal está fora de sincronia com o texto. Funciona melhor do que dizer: *Fred, levante-se e comporte-se à altura desse texto!* Isso é freqüentemente irrealista. Digo às pessoas: "Estou aqui embaixo, e o texto está aqui em cima. Se alguém quiser tentar alcançá-lo, vamos dar uma chance".

Quero entender minhas melodias pessoais, mas a não ser que elas se mostrem doentes, não me sinto obrigado a alterá-las. Todavia, se estiver constantemente extraindo a melancolia de toda situação, então talvez precise de ajuda. Mas, em meio às variações normais da minha vida, é sábio reconhecer minhas próprias melodias e as compartilhar.

Freqüentemente, as pessoas serão capazes de assimilar nossas melodias. Haverá dias quando aparecemos com um violino, e todo mundo traz a bateria, mas a maioria das pessoas consegue se adaptar. E provavelmente em algum outro domingo, tudo corre melhor.

Seu refrão dominante

Embora toquemos variações do nosso tema, muitos de nós nos acomodamos em um refrão dominante. O evangelho que tem tocado em nossa vida por anos criou em nós um som distinto. As congregações geralmente aceitam o tema ao qual seus pastores retornam. Mas é perigoso concluir que nossa melodia é a que todos devem tocar. Na melhor das hipóteses, sabemos, e a congregação também sabe, que a nossa não é a única melodia que o evangelho toca, mas é a que toca melhor através de nós. Outros também têm suas melodias distintas. Entender melodias individuais pode ajudar a evitar muito sofrimento e ciúme. Quando convidamos pregadores de fora, podemos dizer: "Estamos trazendo um par de tímpanos, galera. Vocês têm escutado essa velha clarineta, mas o evangelho na vida dessa pessoa soa com uma ressonância extraordinária e vocês vão adorar isso!".

Esse pequeno discurso ajuda a evitar com que as pessoas digam: "Esse pregador é melhor do que aquele pregador", porque isso seria como dizer que o tambor é melhor que os pratos. Você não pode compará-los. Isso também é bom para preparar as pessoas para um novo ministério.

Com o passar do tempo, nossas melodias se tornam como temas musicais. Trinta anos depois, as pessoas vão se lembrar do meu ministério e dizer: "Ele era **o** violino que nós tínhamos muito antes de trazermos a trombeta". E uma vez que

minha melodia se torna um tema musical, posso falar sobre ela em horas que sei que vai haver uma dissonância, como no começo de um sermão difícil: "Essa é difícil hoje, gente, então vou trazer os violinos".

É claro, usar essa estratégia em demasia a transforma em um uma manobra capaz de frustrar a congregação. Mas às vezes, quando sei que minha experiência e a deles estão indo em direções contrárias, ou que eu e o texto estamos em diferentes freqüências, ela é útil. E ela com certeza afasta minha raiva por eles não estarem na mesma melodia que a minha.

Começando com o ouvido

Repetidas vezes, entro no templo e sento no banco para trabalhar uma parte do meu sermão. Ali, no silêncio, pergunto-me: *Como é que essa parte soaria? Se ouvisse essa melodia no sermão, o que pensaria?* Quero ser sensível às melodias da pregação, para fazer efeito passando dos ouvidos para a boca.

Isaías escreve: "O Soberano, o Senhor, deu-me uma língua instruída, para conhecer a palavra que sustém o exausto. Ele me acorda manhã após manhã, desperta meu ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado" (Is 50.4). Pregar, assim como a música, começa com o ouvido. Se acertar a melodia, as pessoas não apenas entenderão as minhas palavras, mas começarão a cantar junto também.

Capítulo 108

ENSINANDO A BÍBLIA TODA

Seis razões para usar a pregação expositiva

D. A. Carson

O teólogo puritano William Perkins escreveu que a pregação "tem quatro grandes preceitos: ler o texto das Escrituras canónicas claramente, dar sentido e entendimento de acordo com as próprias Escrituras; juntar alguns pontos aproveitáveis da doutrina a partir da sua percepção natural; e aplicar, se você possuir o dom, as doutrinas à vida e ao comportamento dos homens em um discurso simples e claro".

Há algo animadoramente simples nessa frase. Nosso objetivo como pregadores não é ser o estudioso mais erudito da história. Nosso objetivo não é encantar ou divertir. Nosso alvo não é construir uma igreja grande. Ao contrário, nosso objetivo é pegar o texto sagrado, explicar seu significado, conectá-lo a outras passagens para que as pessoas enxerguem o todo um pouco melhor e fazer a aplicação à vida para que essa passagem corte e cure, instrua e edifique. Que maneira melhor para obter esse resultado haveria do que através da pregação expositiva?

Alguns usam a categoria *pregação expositiva* para toda pregação que é fiel às Escrituras. Diferencio a pregação expositiva da pregação temática ou da pregação textual e de outras mais, porque o sermão expositivo precisa ser controlado por um

texto ou alguns textos da Bíblia. A pregação expositiva emerge direta e demonstrativamente de uma passagem ou de algumas passagens das Escrituras.

Há um número de razões pela qual a pregação expositiva merece ser nosso método principal de proclamação.

1. *E o método com menos probabilidade de desvio das Escrituras.* Se você está pregando sobre o que a Bíblia diz sobre a auto-estima, por exemplo, sem dúvida você conseguirá encontrar alguns critérios muito úteis. Mas mesmo quando você diz coisas completamente verdadeiras, provavelmente as extrairá da linha histórica central da Bíblia.

2. *Ela ensina as pessoas como ler as suas Bíblias.* Principalmente se você está pregando uma passagem comprida, a pregação expositiva ensina as pessoas como processar uma passagem, como entender e aplicar a palavra de Deus à sua vida.

3. *Ela confere confiança ao pregador e dá autoridade ao sermão.* Se for fiel ao texto, você está certo que sua mensagem é a mensagem de Deus. Mesmo sem saber o que está acontecendo na igreja — se ela está crescendo ou se as pessoas gostam de você — você sabe que está proclamando a verdade de Deus. Isso é maravilhosamente libertador.

4. *Ela vai ao encontro da necessidade por relevância sem deixar o clamor por relevância ditar a mensagem.* Toda a pregação verdadeira é propriamente aplicada. Isso é de extrema importância para a nossa geração. Mas a pregação expositiva mantém os eternos princípios básicos em discussão.

5. *Ela força o pregador a saber lidar com as perguntas difíceis.* Você começa a trabalhar texto após texto e logo chega a passagens sobre o divórcio, sobre o homossexualismo, sobre mulheres no ministério e você terá que lidar com o texto.

6. *Ela capacita o pregador a expor sistematicamente todo o desígnio de Deus.* Nos seus últimos quinze anos de vida, João Calvino explanou Gênesis, Deuteronômio, Juizes, Jó, alguns Salmos, 1 e 2Samuel, IReis, os profetas maiores e os profetas menores, os evangelhos em harmonia, Atos, 1 e 2Coríntios, Gálatas, Efésios, 1 e 2Tessalonicenses e as epístolas pastorais.

Não estou sugerindo que nos organizemos exatamente do mesmo jeito. Mas se queremos pregar todo o desígnio de Deus, precisamos ensinar toda a Bíblia. Outras estruturas de pregação possuem seus méritos, mas nenhuma oferece mais à sua congregação, semana após semana, do que a interpretação cuidadosa e fiel da Palavra de Deus.

Capítulo 109

A PREGAÇÃO EXPOSITIVA EM FORMA DE DRAMA

Sermões que são inspiradores e fiéis ao texto

Haddon Robinson

Há pessoas que pensam na pregação expositiva como uma caminhada penosa e chata através do texto que extrai informações que ninguém quer e que responde

perguntas que ninguém fez. Não há nada dramático sobre isso porque não há tensão. Se é isso que pessoas querem dizer com o termo "pregação expositiva", posso entender por que elas se afastam dela.

Mas essa é uma definição errada. A pregação expositiva é mais uma filosofia do que um método. Ela responde à pergunta: "Você curva seu pensamento ao texto, ou você curva o texto ao seu pensamento?".

A pregação que leva o texto a sério pode ser dramática. A Bíblia é repleta de drama. Paulo não sentou um dia e disse: "Bom, faz um tempo que não escrevo para o povo da Galácia. Vamos ver. Sobre o que vou escrever? Ah, vou escrever sobre legalismo. Não abrangi esse tópico ainda". Não, ele estava bravo quando ele escreveu. Ele os viu desistindo do evangelho. É por isso que ele não começa com a introdução de gratidão, como era costume de Paulo, e logo diz: "Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!" (G1 1.8). Isso é dramático. Ele está preocupado com o que está acontecendo com aquelas pessoas. Se frase após frase você consegue perceber o espírito de Paulo, não será uma caminhada penosa e chata através do texto, embora não houvesse nenhum grande assunto em jogo.

E verdade, se você pregar sermões não-expositivos, pode parecer mais fácil pregar dramaticamente porque você não precisa se incomodar com o texto. Você pode pegar suas próprias histórias, moldá-las e lidar com o texto da maneira que você quiser para que possua um toque dramático. O problema disso é que se levamos a sério nosso chamado como pregadores, não fomos chamados para entreter pessoas, não fomos chamados para fazer cócegas nos ouvidos delas ou para conseguir ouvir deles a frase: "Que sermão magnífico! Que sermão dramático!". Fomos chamados para proclamar a Palavra de Deus.

Dessa maneira, embora possa haver uma estrada mais fácil para ser mais dramático — isto é, ignorando o texto — no final das contas, ela nos leva à infidelidade para com Deus. Se ela não é expositiva e sólidamente bíblica, não me importo em quão maravilhoso o sermão é, não me importo em como as pessoas fazem fila na porta para dizer a você que é uma ótima mensagem, não me importo com quantas pessoas desabam em lágrimas quando ouvem a pregação — se ela não for fiel às Escrituras, esqueça. Você não foi chamado para ser ator; mas foi chamado para ser pregador.

Historicamente, alguns abordaram a pregação expositiva de uma forma que pode torná-la mais cerebral e menos tocante. O sermão mais cerebral diz que o objetivo principal da pregação é informar as pessoas. Mas o objetivo principal é mudar a vida das pessoas através do uso das Escrituras.

Se penso no sermão como um depósito de informação, isso me afasta de ser dramático, e me afasta do estado de espírito do texto. Um bom sermão expositivo é leal ao texto, sua idéia básica, seu desenvolvimento geral, suas tensões — e também ao seu estado de espírito. Se você apreender o estado de espírito do texto, isso pode ser tocante.

A pregação expositiva exige que tomemos tempo para o texto, mas quanto tempo podemos gastar falando sobre as palavras do texto e ainda manter em alta o nível de drama? Fico impressionado com o fato de que a maioria dos sermões não gasta muito tempo no texto. Não ouvi muitos sermões nos quais achava que certa passagem das Escrituras estava se abrindo na minha frente. Mas é possível gastar tempo demais no texto, se você gastar todo o seu tempo no conteúdo e não pensar na sua platéia.

Há duas partes básicas da preparação. A primeira parte é perguntar o que o texto está dizendo, qual o propósito do autor e o que o autor bíblico estava dizendo aos leitores bíblicos. A segunda parte da preparação é descobrir o que esse texto diz às pessoas hoje. Como posso passar esse texto para as pessoas do século XXI de maneira que ele prenda a sua atenção?

Quando faço isso, aproximo-me do drama porque todo drama consiste em conflito. Um filme na televisão começa mais distante, alguém é morto e ninguém consegue explicar o assassinato. A polícia é chamada e tenta desemaranhar o crime. Eles trabalham a fundo com as evidências até que no fim, descobrem que a assassina era a empregada, e não o mordomo.

Os sermões podem ser assim. Eles começam mais lentos, levantando um assunto importante para o público. Não estou ensinando a Bíblia para as pessoas; estou falando às pessoas sobre si mesmas a partir da Bíblia. E, por isso, quero falar sobre as questões no texto bíblico. Se conseguirmos formular os sermões com um senso de conflito, com problemas que precisam ser resolvidos, perguntas que precisam ser respondidas, necessidades das Escrituras que precisam ser satisfeitas, então teremos um sermão dramático.

Capítulo 110

SERMÕES VERSÍCULO POR VERSÍCULO QUE DE FATO PREGAM

Enquanto Deus certamente está nos detalhes, ele está singular e intensamente trabalhando no fluir orgânico das idéias

Steven D. Mathewson

A pregação versículo por versículo possui uma longa e famosa tradição. Ela tem um precedente bíblico na leitura de Esdras do livro da lei, após cujo livro os levitas deram sentido para que as pessoas pudessem entendê-lo (Ne 8.8). Ela rastreia sua origem aos comentaristas em Cunrã, que citaram algumas palavras do texto bíblico e, depois, fizeram comentários de sua significância. Orígenes (185-254 d.C.) fez uso da abordagem do comentário corrido em seus sermões, assim como João Crisóstomo (aproximadamente 347-407) e Agostinho (354-430). Tanto Martinho Lutero (1483-1546), quanto João Calvino (1509-1564) pregaram sermões versículo por versículo. Em épocas mais recentes, pregadores como Harry A. Ironside e Martyn Lloyd-Jones empregaram essa abordagem.

A pregação versículo por versículo é basicamente a proclamação de uma passagem das Escrituras desembrulhando um versículo após o outro. O sermão se movimenta pelo texto de forma bem parecida como um comentário bíblico o faz — prosseguindo através de frase por frase e analisando palavras seletas. Alguns estudiosos da homilética se referem à pregação versículo por versículo como *exposição contínua* ou *o método do comentário corrido.*

Uma análise dos mais recentes mestres da abordagem versículo por versículo revela uma variedade de estilos. Harry A. Ironside mostrou mais interesse em prover aplicações e ilustrações do que dar detalhes exegéticos. Os sermões de J. Vernon McGee simbolizaram o método do comentário corrido e ofereceram uma combinação de discernimentos exegéticos e aplicações para as situações da vida. John MacArthur Jr., que se considera um expositor versículo por versículo, prega sermões que se concentram mais em prover *insights* exegéticos e doutrinários do que idéias para aplicação. Mesmo que os sermões de MacArthur procedam versículo por versículo, eles cobrem uma unidade de pensamento. Assim, seus sermões versículo por versículo refletem um senso de unidade e ordem que estão em falta nos sermões que se contentam com um estilo de comentário corrido. MacArthur também examina com freqüência referências cruzadas para iluminar o versículo que ele está explicando. Martyn Lloyd-Jones mostrou tanta disposição quanto qualquer pregador versículo por versículo para provar a profundidade das palavras e das idéias teológicas presentes em um versículo em particular. Como resultado, muitas vezes ele se move lentamente pelas passagens bíblicas.

Os pregadores que acabei de citar representam a ala mais conservadora dos evangelistas. Mas dois pregadores recentes da tradição histórica central, Ronald J. Alien e Gilbert Bartholomew, defendem o uso desse método em seu livro *Preaching Verse by Verse [Pregando versículo por versícido,* Westminster John Knox Press, 1999). Em seu modelo, o sermão se desenvolve como um comentário sobre a Bíblia e interpreta a passagem unidade por unidade.

A conexão com a pregação expositiva

Um dos assuntos-chave envolvidos na compreensão da pregação versículo por versículo é sua relação com a pregação expositiva. Alguns estudiosos da homilética igualam a pregação versículo por versículo à pregação expositiva. Entretanto, é melhor considerar a pregação versículo por versículo um dos métodos da pregação expositiva.

O que, então, é a pregação expositiva? Os principais estudiosos da homilética como Haddon Robinson e Bryan Chappell usam um linguajar diferente para elaborar suas definições, mas eles concordam a respeito dos elementos que tornam um sermão expositivo. Basicamente, um sermão expositivo expõe o significado de uma passagem das Escrituras em particular e aplica esse significado à vida dos ouvintes.

Dois elementos são cruciais. Primeiro, tanto Robinson quanto Chappell enfatizam a necessidade de o sermão expositivo processar todo o texto bíblico. A

definição de Robinson salienta a necessidade de se comunicar um conceito bíblico que é "derivado de um estudo histórico, gramático e literário de uma passagem em seu contexto e *transmitido por meio dele"* (destaque meu para dar ênfase). A definição de Chappell propõe que o sermão expositivo "cobre o escopo de uma passagem".

A pergunta é: será que a necessidade de trabalhar todo o texto bíblico requer uma abordagem versículo por versículo? A resposta é: em alguns casos sim, em outros não. Por exemplo, um sermão expositivo sobre Efésios 2.1-10 ou Salmos 100 pode proceder versículo por versículo e ainda assim cobrir toda a unidade de pensamento. Entretanto, um sermão expositivo sobre Gênesis 38 ou Apocalipse 17—18 exige que o pregador proceda parágrafo por parágrafo. Mesmo fazendo uso entre 30 e 50 minutos, isso é insuficiente para explicar cada palavra, expressão ou mesmo frase em qualquer um desses textos. Logo, um sermão pode ser expositivo sem proceder versículo por versículo. É por isso que muitos teóricos da homilética consideram a pregação versículo por versículo uma subdivisão da pregação expositiva.

Essa distinção levanta perguntas importantes. Por que não pregar três sermões sobre Gênesis 38 ou quatro sermões sobre Apocalipse 17—18 para possibilitar que o expositor proceda versículo por versículo? A resposta é que o sermão precisa ser baseado em uma unidade de pensamento. Um pregador que opta em preparar um sermão sobre Gênesis 38.1-11 não está trabalhando em uma unidade completa de pensamento. Na narrativa, uma unidade completa de pensamento requer uma história ou um episódio (uma história dentro de uma história) completo. A história que começou em Gênesis 38.1 só se completa em Gênesis 38.30.

Da mesma forma, enquanto os textos de Apocalipse 17—18 poderiam ser legitimamente pregados em mais de um sermão, os dois capítulos juntos constituem com precisão uma unidade de pensamento ao descrever a queda da Babilônia, a cidade dos homens. Se o expositor escolhe pregar a unidade inteira então será difícil, se não impossível, tratar os dois capítulos versículo por versículo. A questão é que o comprometimento em pregar unidades completas de pensamento talvez leve expositores a pregar grandes blocos de texto que requererão alguma sumarização — um desenvolvimento parágrafo por parágrafo, em vez de um desenvolvimento versículo por versículo.

O segundo elemento crucial para uma pregação expositiva é a aplicação da intenção pretendida do autor. Tanto Robinson quanto Chappell enfatizam que se um sermão versículo por versículo falha na aplicação do texto à vida dos ouvintes, então o sermão, por definição, não é bem-sucedido como um sermão verdadeiramente expositivo. Portanto, nem toda pregação versículo por versículo é a verdadeira pregação expositiva.

Pontos fortes e pontos fracos

A esta altura, podemos começar a ver os pontos fortes e os pontos fracos da pregação versículo por versículo. Três *pontos fortes* singulares dos sermões versícuk por versículo merecem nossa atenção.

(1) Os sermões versículo por versículo fazem um trabalho profundo com o texto. Eles provêem uma análise elaborada a fundo que alimenta pessoas que estão famintas para saber o que as Escrituras dizem. Eles contrariam a tendência nos Estados Unidos do século XXI que tem levado os sermões ao analfabetismo bíblico.

(2) Os sermões versícido por versículo levam o pregador a seguir os contornos do texto, em vez de um esboço artificial. Isso não quer dizer que os pregadores que trabalham versículo por versículo não usam nenhum esboço. Também não quer dizer que todos os pregadores versículo por versículo evitam a armadilha de espremer seu material em um esboço artificial. Mas o próprio exercício de trabalhar nas palavras e frases de um versículo e então se mover ao próximo moldará o sermão de acordo com o formato da passagem.

(3) Um terceiro ponto forte é a tendência que o sermão versículo por versículo tem de revelar a intenção do autor em vez de impor uma idéia ao texto. Esse ponto forte decorre dos dois primeiros. Ao andar nos rastros deixados pelo autor bíblico é mais provável que o pregador seja levado ao destino desse autor bíblico.

Os pregadores que usam o formato versículo por versículo também deveriam estar cientes de quatro pontos negativos em potencial. Esses pontos negativos talvez não sejam herdados pelo formato em si. Mas uma avaliação cuidadosa dos sermões versículo por versículo pregados durante as últimas décadas mostra que esse formato pode ser usado de maneira equivocada.

(1) A abordagem versícido por versícido não é igualmente apropriada para todos os gêneros literários das Escrituras. Muitas narrativas e certos salmos possuem uma quantidade grande de texto para formar uma unidade de pensamento completa. Pregadores que insistem em prosseguir versículo por versículo pela história de Davi/Urias/Bate-Seba em 2Samuel 11—12 serão forçados a terminar seu sermão (ou sermões!) antes que a idéia completa da história apareça.

(2) A abordagem versículo por versículo às vezes resulta em sermões que sofrem de carência de unidade. Tais sermões discutem os detalhes do texto, mas falham em construir o todo. Isto é, eles analisam, mas não sintetizam. Ajudar as pessoas a pensar bíblicamente significa ajudá-las a rastrear a corrente de pensamento do autor. Uma abordagem versículo por versículo não produz automaticamente leitores da Bíblia que consigam acompanhar o desenvolvimento de um argumento em um texto. A pregação versículo por versículo pode obscurecer o desenvolvimento do argumento quando os pregadores fazem seus ouvintes se perder em uma pilha de detalhes ou quando eles se sentem livres para parar a qualquer momento em que acabar o tempo que lhes foi concedido para pregar. Assim, eles começam o sermão seguinte onde pararam. Mas, como o estudioso de homilética Richard Mayhue argumenta: A pregação expositiva "não é um comentário corrido de palavra a palavra e versículo a versículo sem unidade, esboço e sem um impulso persuasivo".

(3) Um terceiro ponto negativo da pregação versículo por versículo éa sua tendência de sobrecarregar o sermão com informações cruas e aplicações de transformação pequena. E claro, ouvintes querem e precisam informação exegética — critérios

léxicos, gramaticais, históricos e culturais. Mas a pregação expositiva envolve mais do que dar a marcha à ré no caminhão do depósito exegético e descarregá-lo em uma congregação! Se a pregação expositiva, por definição, intenta aplicar o texto à vida dos ouvintes, então os sermões versículo por versículo precisam investir tempo não somente em examinar os detalhes do texto, mas também em examinar suas implicações na vida cristã da cultura moderna.

(4) A pregação versículo por versículo às vezes diminui tanto o ritmo do pregador que a congregação não consegue ouvir todo o desíg?iio de Deus durante um certo período. Uma rigorosa abordagem versículo por versículo pode exigir três anos de sermões para pregar sobre Romanos. Não seria melhor dedicar um ano a Romanos e os outros dois anos a alguns outros livros das Escrituras?

Sugestões para a eficácia

A luz dos pontos fortes e fracos da pregação versículo por versículo, faço a seguir quatro sugestões para usar essa abordagem com eficácia.

(1) Mantenha o quadro geral na cabeça. Lembre-se, você está pregando uma unidade de pensamento, não apenas versículos individuais. Então pense em parágrafos! Ou, pense em pregar unidades. A pregação versículo por versículo é uma estratégia para beneficiar um objetivo maior — a exposição de uma unidade de pensamento nas Escrituras. Embora você avance versículo por versículo, destaque a idéia geral de forma que os versículos individuais trabalhem em conjunto para se expressar. Comprometa-se em trabalhar um bloco de texto, e não em simplesmente parar quando o seu tempo acabou.

(2) Destaque os contornos do texto. Não se contente com pepitas exegéticas enquanto você vai de uma palavra a outra e de uma expressão a outra. Mostre as conexões entre as expressões e os versículos. Ao pregar um sermão no formato versículo por versículo sobre Isaías 9.1-7, mostre para seus ouvintes que o termo "pois" no começo dos versículos 4 e 5 nos relata como Deus vai cumprir as promessas que ele fez em Isaías 9.1-3. Ou, ao explanar Mateus 5.38-42, informe seus ouvintes que o versículo 38 contém o que as pessoas estavam ouvindo, o versículo 39a contém o padrão de Jesus, e que os versículos 39b-42 oferecem quatro ilustrações da cultura de Jesus dos padrões que ele acabou de estabelecer.

(3) Determine quais detalhes você cobrirá a fundo e quais você resumirá. Mesmo ao lidar com três a cinco versículos, um pregador não pode apresentar uma teologia sistemática de cada palavra. Você precisa pensar na sua platéia para saber o que precisa ser explicado, o que precisa ser validado e o que precisa ser aplicado. Seus ouvintes só precisam de explicações de palavras que eles não entendem. Eles só precisam de uma apologética se eles tendem a duvidar de uma declaração ou conceito em particular. Eles precisam de idéias aplicáveis quando estão incertos de como viver na prática um princípio em seu cotidiano.

(4) Use a pregação versículo por versículo em união com a pregação parágrafo por parágrafo. Ao pregar através de um livro da Bíblia em particular, altere seu ritmo.

Alguns sermões lidam com unidades maiores e precisam prosseguir parágrafo em parágrafo. Outros sermões abrangem unidades menores e podem prosseguir no formato versículo por versículo. Outros podem ainda usar uma combinação das duas abordagens.

Por exemplo, se você avançou lentamente em Romanos 1—2, então pregue talvez somente um sermão sobre Romanos 3.1-20. Parte do sermão pode ser pregado versículo por versículo e parte pode resumir alguns grupos de versículos em particular. Aí diminua o ritmo e pregue versículo por versículo o texto de Romanos 3.21-26. Atinja o equilíbrio entre dar às pessoas a largura e a profundidade. Pregar sobre "muito poucos" versículos com muita freqüência resulta em ouvintes que não conseguem argumentar sobre uma passagem. Abarcar versículos demais com muita freqüência resulta em ouvintes que não conseguem compreender as profundezas do que a Bíblia ensina.

Um exemplo do Salmo 100

O que vem a seguir é uma tentativa de rastrear o desenvolvimento de um possível sermão versículo por versículo do Salmo 100. Perceba o que acontece no nível das idéias. Enquanto o sermão avança expressão por expressão e versículo por versículo, ele também mantém um senso de unidade. A introdução fará emergir a pergunta: "O que deveria ser o louvor coletivo?". Expressando isso de outra forma: "Como é que as pessoas deveriam se comportar quando se reúnem para adorar?". Essa pergunta deriva de um estudo exegético cuidadoso do texto. Isto é, a pergunta reflete o assunto do texto.

O versículo 1 diz: "Aclamem o SENHOR todos os habitantes da terra!". O sermão desembrulha esse versículo ao discutir a ordem "aclamem" a pessoa para quem esse "aclame" é direcionado, (Javé, como indicado no texto: "o SENHOR" em versal e versalete), e então os ansiosos participantes que cumprem essa ordem "todos os habitantes da terra!").

Nessa hora, uma transição para o versículo 2 deve mencionar que a poesia hebraica se assemelha a um som estéreo. Então as duas linhas do versículo 2 acrescentam estrutura para o que o versículo 1 diz ao reformular o mesmo conceito com palavras diferentes. A primeira frase no versículo 2 diz: "Prestem culto ao SENHOR com alegria". O sermão discute o termo *prestar culto,* um verbo hebraico em comum com o verbo *servir,* tanto quanto o termo *com alegria.* O expositor também deve mostrar que Jeová ainda é o foco dessa reação.

Então, a segunda linha do versículo 2 diz: "... entrem na sua presença com cânticos aleg res . O pregador pode perceber que *entrem* é um termo geral usado para abordar uma pessoa ou um lugar e que essa abordagem é (1) direcionada a avé como indica o sujeito *Senhor* e (2) acompanhado de "cânticos alegres".

Aqui o pregador faz bem em parar e resumir o que as três linhas dizem em som estéreo: prestar culto deve ser uma expressão entusiástica de honra a Deus.

Para formular isso de outra forma, os versículos 1 e 2 nos dizem *o que* fazer (atribuir valor), *a quem* nós o fazemos Qavé) e *como* nós o fazemos (com entusiasmo). Teoricamente, o pregador poderia concentrar as discussões iniciais sobre os versículos com esse resumo. Entretanto, para reter o sabor poético do texto, é aconselhável deixar que o texto feche com a conclusão dessa passagem. O fato é que o movimento versículo por versículo no sermão mostra uma preocupação geral pela unidade do texto.

Nessa hora do sermão, um pregador do estilo versículo por versículo comprometido com a unidade da passagem quer fazer mais do que dizer: "Agora, vamos olhar para o versículo 3", como um rigoroso sermão no formato de comentário corrido faria. Ao contrário, o expositor informa seus ouvintes que esse salmo segue um padrão no qual o salmista repete um chamado à adoração com uma causa para essa adoração. Então a transição é do que fazer nos versículos 1 e 2 para a razão de fazê-lo no versículo 3.

O versículo 3 nos diz quem é Deus e quem somos nós. Ele começa declarando: "Reconheçam que o Senhor é o nosso Deus. Ele nos fez". Um pastor que faz seu trabalho exegético cuidadosamente nota que o texto hebraico faz duas afirmações sobre Javé, ambas começando com o pronome *ele.* Primeiro, ele é Deus. Segundo, ele nos fez. O lembrete do versículo faz três declarações sobre nós: (1) "somos dele"; (2) "somos o seu povo" e (3) "rebanho do seu pastoreio". O sermão detalha rapidamente cada declaração, tomando tempo para desenvolver a imagem ovelha/pastor utilizada na última expressão. Desse modo, as três afirmações são na verdade a mesma afirmação expressas poeticamente com cada uma se firmando na afirmação anterior a ela. Nesse momento, o pregador pode resumir o curso das idéias até aqui. A razão para se fazer uma manifestação entusiástica de honra a Deus é baseada em nosso relacionamento com Deus. Ele é quem nos criou. Nós pertencemos a ele.

Avançar para o versículo 4 requer uma outra transição. O pregador precisa se referir novamente ao padrão que esse tipo de salmo de louvor segue. O salmista está prestes a oferecer um chamado renovado para a adoração. Esse chamado renovado no versículo nos dá a resposta para a pergunta: "O que deveria ser o louvor coletivo?". Ele começa com a ordem: "Entrem por suas portas com ações de graças, e em seus átrios, com louvor". O expositor nota que um novo elemento foi acrescentado nesse chamado renovado para a prestação de culto. Dois termos —*portas* e *átrios* — mostram que está envolvido um lugar de adoração. Então, o louvor coletivo está em vista nesse salmo. Aliás, esse é o apoio exegético para a questão levantada no começo do sermão.

A medida que o sermão avançar, o pregador passará tempo defendendo as *ações de graças* e o *louvor.* Esses termos mostram que essa adoração contém algum fúndamento. É mais do que uma emoção inflamada. As ações de graças são um reconhecimento público do que Deus fez. O louvor é a agitação destacando quem Deus é e o

que Deus fez. Então o versículo 4 conclui com a ordem:"... dêem-lhe graças e bendigam o seu nome". O expositor salienta que a repetição proporciona a ênfase.

O pregador precisa transpor mais uma transição para fazer o seu movimento ao fim do salmo. O salmista está agora oferecendo uma causa renovada para o louvor. Algumas facetas adicionais da resposta à pergunta: "Por que oferecer esse tipo de adoração", emergem. A primeira linha do versículo 5 declara: "Pois o SENHOR é bom e o seu amor leal é eterno". O sermão deve observar que o termo *pois* salienta o movimento do que fazer para o porquê disso. O sermão desenvolve os dois atributos de Deus na primeira linha do versículo 5 que motivam o tipo de prestação de culto descrito nesse salmo: a bondade de Deus e seu amor eterno. A última linha do versículo 5 acrescenta um terceiro atributo: a fidelidade de Deus — "a sua fidelidade permanece por todas as gerações". Um expositor astuto percebe uma reflexão de Êxodo 34.5-7, em que cada uma dessas três qualidades é proeminente.

No fim do sermão, o pregador pode voltar à idéia central que emergiu: a adoração deveria ser nada menos do que uma reação entusiástica a Deus porque Deus é tão excelente! Observe que a idéia da excelência é uma idéia abstrata, isto é, um modo de resumir os atributos de Deus expressados nesse salmo — ele é criador, pastor, bom, amável e fiel.

O exemplo acima mostra como um pregador pode e deve mover de palavras e frases para idéias para obter um relacionamento orgânico entre elas.

Capítulo 111

O QUE TORNA A PREGAÇÃO TEXTUAL REALMENTE SINGULAR?

E como usamos bíblicamente esse formato de sermão, com seu grande potencial retórico?

Steven D. Mathewson

A pregação textual dominou o panorama do estudo da homilética na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX e continua popular em algumas rodas hoje em dia. A lista de pregadores que aplicaram a pregação textual de maneira eficaz, embora não exclusiva, inclui Charles Haddon Spurgeon, Frederick W. Robertson e Rick Warren.

No despertar do século XXI, quando a pregação temática e a pregação expositiva recebem toda a atenção nos Estados Unidos, qual é o papel da pregação textual? Podemos responder a essa pergunta depois de termos definido o significado da pregação textual.

Uma definição da pregação textual

A pergunta sobre o que constitui a pregação textual assemelha-se à pergunta sobre quem matou John F. Kennedy. Mesmo os especialistas discordam entre si.

Alguns estudiosos da homilética a distinguem da pregação expositiva, enquanto outros a consideram um tipo de pregação expositiva ou até mesmo a igualam com a pregação expositiva. Outros argumentam que a amplitude da passagem a ser pregada determina se o sermão é textual ou não. Outros discordam e alegam que a relação entre as divisões do sermão e as divisões do texto é que qualifica um sermão como textual ou o coloca em outra categoria.

Então o que é pregação textual? Um bom lugar para começar uma pesquisa pela definição é o texto clássico de homilética escrito por John Broadus: *On the Preparation and Delivery ofSermons {[Sobre a preparação e a pregação de sermões],* primeira edição em 1870). Broadus, destacado pregador batista e presidente do seminário do Sul dos Estados Unidos, classificava sermões em três formatos: (1) sermões com temas e subtemas (o que a maioria dos estudiosos contemporâneos da homilética descrevem como temáticos), (2) sermões-texto (o que este artigo chama de textual) e (3) sermões expositivos.

De acordo com Broadus, um sermão com temas e subtemas — ou temático — é estruturado de acordo com a natureza do tema e não do texto (ou textos) em que é baseado. Ele observa que a Bíblia "não apresenta a verdade em uma sucessão de proposições lógicas", então quando o pregador precisa apresentar uma doutrina ou um assunto moral, a forma temática funciona bem. Enquanto o sermão precisa logicamente ser fiel às Escrituras, sua estrutura não toma como o exemplo a estrutura do texto bíblico no qual é baseado. Tanto em sermões textuais como em sermões expositivos, a estrutura do sermão segue o exemplo do texto bíblico. O predador desenha o "tópico e as categorias" — isto é, o tema e suas divisões — da passagem. Qual é, então, a diferença entre um sermão textual e um sermão expositivo? Broadus vê uma graduação do sermão textual para os sermões expositivos A diferença não está tanto na extensão do texto do sermão quanto nos detalhes. Ele explica: "Se nós simplesmente tomarmos o tópico e as categorias que a passagem carrega e procedermos para discuti-los do nosso próprio jeito, isso não é um sermão expositivo, mas um sermão-texto".

Broadus mostrou a diferença entre dois tipos de sermões textuais: aqueles que apresentam somente um tema e aqueles que discutem vários temas. Em um sermão com um tema só, os detalhes dizem a respeito a um tema definido e abrangente. Entretanto, em um sermão textual com vários tópicos, os pontos ou tópicos do sermão são muito mais diversos, embora Broadus argumente que eles deveriam ter algum tipo de "conexão interna".

Embora a extensão de um texto a ser pregado não defina o formato do sermão, parece que sermões textuais são, via de regra, baseados em passagens mais curtas. Broadus observa que um sermão expositivo pode ser fiel a uma passagem longa, uma passagem breve ou mesmo a parte de uma frase. Do mesmo modo, em teoria, um sermão textual poderia ser baseado em uma passagem comprida. A questão básica é como os detalhes se desenvolvem. Um sermão expositivo explica e se concentra nos detalhes de um texto bíblico pronto. Um sermão textual toma suas idéias

condutoras do texto, mas então olha em algum outro lugar nas Escrituras para mais de seu desenvolvimento. De certa forma, nesse caso, um sermão textual é uma combinação entre um sermão temático e um sermão expositivo. Assim como as duas categorias de Broadus para o sermão textual sugerem, um sermão textual pode tender mais para uma direção do que para outra.

Aqui estão alguns exemplos citados por Broadus. No seguinte sermão sobre Lucas 23.43, o pregador emprega as palavras ou partes das frases consecutivas do texto e as aplica.

I. Você estará no paraíso
II. Você estará comigo no paraíso
III. Hoje você estará comigo no paraíso

O sermão a seguir sobre Romanos 5.1,2 descreve o estado de felicidade do cristão.

I. Temos paz com Deus
II. Estamos firmes na graça de Deus
III. Nós nos gloriamos na esperança da glória de Deus

Ainda, um outro sermão de Ezequiel 11.19,20 procura explicar os pormenores da religião genuína. Perceba que esses tópicos não são características, como acontece no sermão de Romanos 5.1,2. Ao contrário, eles são classificações ou categorias para analisar o que o texto diz sobre a religião genuína.

I. O autor
II. A disposição que ele produz
III. A obediência que ele demanda
IV. A bem-aventurança que ele assegura

Como outros estudiosos da homilética entenderam a pregação textual? Em 1881, Austin Phelps definiu um sermão textual como "um sermão em que o texto é o tema, e as partes do texto são as divisões do discurso, usadas como um plano de sugestões". Sua última expressão — "usadas como um plano de sugestões" — alinha seu entendimento a respeito de um sermão textual com John Broadus. Em 1955, Merrill Unger sugeriu que a única diferença entre um sermão textual e um sermão expositivo é encontrado na extensão do texto. Um sermão textual expõe uma passagem de um comprimento menor. H. Grady Davis só menciona a pregação textual duas vezes em sua obra clássica de 1958, *Design for Preaching [Planejamento para pregar*]. Na primeira discussão, ele parece conectar a pregação textual e a pregação expositiva. Na segunda discussão, ele cita um sermão de Karl Barth sobre Mateus 11.28 como um exemplo de um sermão textual, que ele defende como o que "extrai não somente sua idéia, mas também os elementos estruturais do texto".

Em 1990, Sidney Greidanus propôs que toda pregação textual é entendida como pregação expositiva desde que "a pregação textual seja pregada a partir de

um texto bíblico e exponha a mensagem daquele texto". Al Fasol contribuiu com um excelente artigo em 1992 sobre a pregação textual no qual ele parece concordar com Greidanus em argumentar que um sermão textual não é definido pela extensão de seu texto, mas pelo seu processo de extração tanto dos tópicos quanto das divisões do texto bíblico. Em 1994, Bryan Chappell publicou o livro *Christ-CenteredPreaching: Redeeming the Expository Sermón* [*.Pregação cristocêntrica.* Editora Cultura Cristã, 2002], que agora é um livro-texto modelo em muitos seminários evangélicos. Sua taxonomía dos formatos de sermões, que se assemelha à compreensão de John Broadus, é útil por captar a singularidade da pregação textual. Aqui está um resumo das suas distinções.

- Um sermão temático busca seu tópico na passagem e obtém a sua organização da natureza do tema e não das distinções do texto.
- Um sermão textual obtém seu tópico e principais categorias das idéias do texto, mas o desenvolvimento daquelas idéias centrais vem de fontes que estão além daquele primeiro texto.
- Um sermão expositivo obtém seu tópico, seus temas e subtemas principais do texto imediato.

A próxima definição busca descrever o sermão textual como ele tem sido definido e praticado durante os últimos 150 anos. *Um sermão textual deriva seu tema e suas idéias principais de um texto bíblico —geralmente um versícido ou dois — e então desenvolve essas idéias teológicamente a partir de outros textos bíblicos.*

Parece útil, então, manter a distinção de Broadus entre o sermão temático, o textual e o expositivo e também a graduação de um para outro. No mínimo dos mínimos, um sermão textual deve ser compreendido como um tipo específico do sermão expositivo, se não uma categoria em si.

O valor da pregação textual hoje

Qual é a vantagem para os pregadores bíblicos de sermões textuais no século XXI? Enquanto as pessoas precisam de pregações expositivas para ajudá-las a pensar com profundidade e seguir o rastro dos argumentos desenvolvidos nas Escrituras, a pregação textual pode complementar a exposição para ir ao encontro de duas necessidades específicas.

(1) A pregação textual prove um veículo eficaz para pregar sobre algumas das grandes afirmações da Bíblia. Mesmo em uma série de sermões expositivos sobre algum livro em particular, vale a pena examinar essas grandes afirmações debaixo de um microscópio. Eles podem ser textos "topo da montanha" como Jeremias 33.3, Romanos 8.28 ou ljoão 1.9, os quais são memorizados pelos crentes e procurados em tempos de necessidades. Ou eles podem ser textos que resumem alguns dos grandes temas da Bíblia. Alguns textos que entram nessa categoria incluem provérbios individuais (como Pv 15.1); Ed 7.10; Mc 12.30; Rm 12.1,2 e Hb 12.1,2.

Por exemplo, os três infinitivos em Esdras 7.10 ("estudar... praticar... e ensinar") podem formar o coração de um sermão sobre a tarefa de um professor de ensino bíblico ou de um pregador. A idéia do sermão será que os professores eficientes das Escrituras se comprometam a estudar a Bíblia, obedecer à ela e, depois, ensiná-la a outros. O pregador desenvolverá esses aspectos teológicamente buscando recursos em outras passagens das Escrituras e deverá descrever como é esse processo para cristãos que vivem no século XXI.

Como outro exemplo, uma adaptação de um sermão de Rick Warren, sobre Marcos 12.30, pega a primeira metade da "Grande Comissão" e explica como Deus quer que seu povo o ame. O esboço do sermão seria assim.

I. Deus quer que você o ame racionalmente (com a sua mente)
II. Deus quer que você o ame apaixonadamente (com seu coração e sua alma)
III. Deus quer que você o ame na prática (com a sua força)

Uma razão para justificar que o formato textual está bem adaptado às grandes declarações da Bíblia é que ele está aberto a desenvolvimentos mais dramáticos, retóricos e artísticos. Já que pregadores podem se voltar para outros lugares nas Escrituras procurando os subtemas do sermão, eles podem ordenar esses subtemas de maneiras que empregam intencionalmente aspectos artísticos, tais como contraste, clímax, narração de histórias, paralelismo, refrão e metáfora.

(2) A pregação textual prove um veículo eficaz para a pregação evangelística — isto é, a pregação para incrédulos. Ela permite que um pregador combine os benefícios da pregação expositiva e temática. Assim como em um sermão expositivo, ela deixa os ouvintes com uma passagem que servirá de ponto de referência. E porque a passagem em um sermão textual possui um a dois versículos que esse ponto de referência é algo que os ouvintes podem compreender e lembrar. Ao mesmo tempo, em um sermão temático, o pregador está livre para cobrir as idéias-chave que existem em diferentes passagens e gêneros das Escrituras.

Passagens que se encaixam nos sermões textuais para incrédulos incluem João 3.16; João 14.6; Romanos 4.5; Gálatas 4.4,5 e Efésios 2.8,9. Por exemplo, Larry Moyer prega um sermão evangelístico sobre Romanos 4.5 no qual a idéia principal é: "Você será perfeito perante Deus se você confiar em Jesus Cristo e não em suas próprias obras". Dependendo se os detalhes emergem do texto imediato ou de toda a extensão da Escritura, o sermão poderia continuar tanto como um sermão expositivo quanto como um sermão textual. Aqui está um possível esboço idaptado do sermão de Moyer.

I. Deus não está perguntando quantas boas obras você fez ("àquele que não trabalha")
II. Deus não está perguntando quão bem você tem se comportado ("mas confia em Deus, que justifica o ímpio")

III. Deus está perguntando em quem você confia ("sua fé lhe é creditada como justiça")

As diretrizes a seguir ajudam pregadores a se preparar e a pregar sermões textuais de forma eficaz.

(1) Preste atenção no contexto. O contexto determina o significado. Pregadores que selecionam uma pequena unidade de pregação como um versículo ou dois correm o risco de isolar uma afirmação de seu contexto e assim deixar escapar a intenção do autor. Por exemplo, Apocalipse 3.20 tem sido um texto predileto para os sermões evangelísticos. Mas quando compreendida em seu contexto, a declaração é feita para os cristãos a respeito da restauração do seu relacionamento com Cristo — não sobre incrédulos entrarem em um novo relacionamento com Cristo. A pregação textual legítima faz o esforço de localizar o versículo selecionado em uma circulação maior de material.

(2) Use o formato de sermão textual estratégica e economicamente. As pessoas escolhem uma metodologia para estudar a Bíblia a partir dos sermões que elas ouvem. Uma dieta permanente de sermões textuais ensina as pessoas a procurar pelas declarações "quentes", em vez de seguir o curso de pensamento presente em um parágrafo, um capítulo ou um livro inteiro. Ademais, os ouvintes nunca terão a oportunidade de trabalhar em blocos maiores e livros das Escrituras. Em geral, reserve os sermões textuais para definir declarações da Bíblia ou para momentos em que você precisa tratar de uma questão enorme e um ou dois versículos captam o âmago daquilo que você precisa comunicar.

(3) hiclua tanto a síntese quanto a análise. Alguns estudiosos da homilética reclamam que os sermões textuais fragmentam as coisas, mas nunca as juntam novamente. Assim como qualquer outro tipo de sermão, um bom sermão textual precisa ter unidade. Um pregador precisa mostrar como as partes se relacionam com o todo. Por essa razão, escrever os pontos do esboço em forma de frases completas é uma disciplina muito útil. Esse treino ajudará pregadores a pensar sobre suas idéias claramente à medida que eles se esforçam para resumi-las.

(4) Evite os esboços triviais, habilmertte embridhados. Pensamentos recentes da área da homilética sugerem que esboços se assemelhem a esqueletos. Eles são vitais para prover estrutura, mas eles não precisam ser vistos. No passado, a pregação textual — assim como no passado a pregação expositiva — às vezes focava demais nos esboços expressos de maneira engenhosa, principalmente aqueles desenvolvidos com aliteração. Mas no século XXI, a comunicação verbal recua dessa abordagem.

Um exemplo de Hebreus 12.1,2

Aqui se encontra um exemplo mais detalhado do esboço de um sermão textual que deriva suas idéias principais do texto, mas encontra seus subtemas em outras passagens das Escrituras. O texto é Hebreus 12.1,2.

Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumador da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus.

I. Deus nos chama para correr com persistência a corrida na qual ele nos colocou
   A. A corrida na qual Deus nos colocou é a vida cristã aqui na Terra
      1. Um líder da igreja, Paulo, comparava sua própria vida e serviço cristão a uma corrida (At 20.24; G1 2.2; 2Tm 4.7)
      2. Paulo também comparava a vida de outros cristãos a uma corrida (G1 5.7)
   B. A metáfora da corrida nos ajuda a entender porque os cristãos precisam de perseverança
      1. Como em uma corrida, a vida cristã requer resistência por um longo período
      2. Como em uma corrida, a vida cristã contém desafios difíceis
      3. Como em uma corrida, a vida cristã tem um preço em jogo (ICo 9.24)

II. Nós podemos correr com perseverança quando adotamos a estratégia de Jesus de colocar o nosso foco na alegria futura!
   A. Jesus serve como nosso exemplo em como correr a corrida e vencer
      1. Qualificação número 1 — Ele é o pioneiro que terminou o percurso
      2. Qualificação número 2 — Ele terminou o percurso como vencedor
   B. O que aprendemos com Jesus é suportar a miséria ao focarmos a alegria futura!
      1. A alegria futura inclui uma vida de formosura (Ap 21.2,4,18; **22.1)**
      2. A alegria futura inclui uma vida de intimidade (Ap 21.3,7,16)
      3. A alegria futura inclui uma vida de aventura (Ap 22.3,5)

Perceba como esse sermão se desdobra. Primeiro, o segundo ponto principal é a idéia principal do sermão. E claro que um pregador habilidoso quer trabalhar de uma ou duas formas diferentes para expor isso. Um jeito cativante de reafirmá-lo de outra forma seria: "Como Jesus, você pode suportar sua miséria atual quando põe seu foco na alegria futura!".

Repare que o sermão segue o texto ao explicar primeiro o que Deus está pedindo que você faça (v. 1) e, depois, explica como Deus diz que você pode fazê-lo (versículo 2). Ainda assim os subtemas ou vêm das Escrituras, ou no caso do subtema I. B., da metáfora da corrida. Aqui, os pregadores podem usar sua imaginação — supervisionados pelas Escrituras! — para submeter a metáfora à prova como um meio de compreender o texto. Observe que o subtema II. B. é derivado completamente da descrição do céu em Apocalipse 21—22.

Quando empregado cuidadosa e estrategicamente, os sermões textuais podem conduzir os seus ouvintes por textos específicos das Escrituras e ainda assim cobrir a vasta extensão da teologia bíblica.

Capítulo 112

A PREGAÇÃO TEMÁTICA TAMBÉM PODE SER EXPOSITIVA?

Se trabalhadas da forma correta, os dois formatos podem complementar um ao outro

Timothy S. Warren

Se fosse um jogador de golfe, usaria todos os tacos disponíveis para fazer com que a bola entrasse no buraco. Usaria qualquer tipo de taco que conseguisse dominar. Não consigo me imaginar limitado a apenas um tipo de taco. Infelizmente, muitos pregadores se limitam desnecessariamente ao usar somente um estilo de pregação expositiva.

Este é um apelo à pregação temática expositiva. Não estou sugerindo que todo sermão seja temático, somente que algumas pregações temáticas complementem a textual e a expositiva versículo por versículo. Constatei que alguns estudiosos da homilética são contra a pregação temática. Entretanto, o problema com a pregação temática não é que ela é temática. O problema é quando ela não é expositiva.

Por que temática?

Consigo pensar em pelo menos três razões para pregar tematicamente. Enquanto nenhuma contém uma ratificação bíblica, cada uma acrescenta consistência ao meu apelo.

(1) As pessoas gostam da pregação temática. A relevância os engaja. A maioria dos ouvintes gosta de ouvir sobre coisas que dizem respeito a eles.

(2) Às vezes surgem certas questões que demandam uma resposta bíblica. Esperar que aquele assunto venha à tona em uma exposição versículo por versículo pela Bíblia poderia levar anos. Quer seja uma introdução à disciplina da igreja quer seja uma resposta a um furacão mortal, a pregação temática se dirige ao assunto do momento.

(3) A pregação temática segue o exemplo das Escrituras. Não me lembro de nenhum outro pregador, a não ser Esdras, em Neemias 8, ou Jesus, em Lucas 4, que começou com um texto. Os livros individuais da Bíblia e os sermões presentes nela abrangem questões temáticas, em vez de explanar os textos. Sem dúvida, os textos eram geralmente explicados ao longo do caminho, mas um texto não era com freqüência o ponto de partida. E, assim como o sermão temático de Pedro, em Atos 2, ou de Paulo, em Atos 13, textos múltiplos sobre o tópico principal eram combinados em uma única exposição.

O que é exposição temática?

Enquanto, em uma parte do tempo, estou comprometido com o uso de um estilo temático, estou, o tempo todo, comprometido com a pregação expositiva. Por pregação expositiva entendo a comunicação de uma proposição bíblica descoberta por meio de uma interpretação exegética/teológica direcionada pelo Espírito e aplicada pelo Espirito Santo por meio de um pregador a um público em particular.

Embora as definições possam variar, isso nos dá um ponto de partida. Dois elementos dessa definição são especialmente cruciais para qualquer discussão sobre a pregação expositiva. A pregação precisa estar centrada em um texto bíblico que lhe confira autoridade e ela precisa focar a relevância para alguns ouvintes em particular. Quero ser tanto centrado no texto quando focado na platéia. Seguindo essa definição da pregação expositiva, a pregação temática não representa um método diferente do expositivo. A pregação temática é somente um subconjunto, um entre vários estilos, da pregação expositiva.

Mesmo quando aquilo que um pregador diz sobre um tópico é verdade e até bíblico que apele a algum tema importante da Bíblia, se não houver meios para verificar que essa mensagem é parte de um texto ou mais das Escrituras, a mensagem não é expositiva. Essa habitual falta de conexão com a autoridade textual é o motivo pelo qual alguns expositores rejeitam toda pregação temática. Eles alegam que só existe um estilo de pregação que é expositivo: versículo por versículo. Todavia, dentro do perímetro da minha definição, há pelo menos três estilos de pregação expositiva.

(1) A pregação expositiva textual encontra a sua mensagem em um único versículo ou frase. Por exemplo, Provérbios 28.13 poderia gerar o seguinte sermão.

I. Esconder o pecado resulta em fracasso (13a)
II. Confessar o pecado resulta em perdão (13b)
III. Portanto confesse o seu pecado

(2) A pregação expositiva versículo por versículo (por falta de um título melhor, mas também chamado de parágrafo por parágrafo ou ao longo do livro) encontra a sua mensagem em dois ou mais versículos em uma unidade literária. Enquanto o pregador textual encontra a mensagem do seu sermão em uma frase, geralmente escolhida de forma arbitrária, o pregador versículo por versículo trabalha a partir de uma unidade literária, como um parágrafo ou uma perícope, enquanto ele se desloca consecutivamente por um livro inteiro da Bíblia. Efésios 1.3-14 poderia gerar este sermão.

I. Louve ao Pai que o escolheu (1.3-6)
II. Louve ao Filho que o redimiu (1.7-12)
III. Louve ao Espírito que o selou (1.13,14)

(3) A pregação expositiva encontra a sua mensagem em dois ou mais textos ou unidades diferentes em seu contexto individual que compartilham um tema em comum. Por exemplo, vários textos bíblicos abrangem o tópico sobre lidar com crentes pecadores. Enquanto cada passagem abrange o mesmo tópico geral, todas contribuem de formas diferentes, mas compatíveis; complementos que suprem o ensinamento bíblico sobre o assunto.

Um sermão temático expositivo poderia emergir, como vemos a seguir.

I. Recupere um irmão ou irmã em pecado (Tg 5.19,20)
II. Recupere um irmão ou irmã em pecado de forma amável e humilde (G1 **6.1)**
III. Siga os passos cristãos da restauração (Mt 18.15-17)
  A. Se ele pecar, confronte-o em particular
  B. Se ele não ouvir, confronte-o com mais um ou dois
  C. Se ele se recusar a ouvir, confronte-o perante a igreja
  D. Se ele ainda se recusar a ouvir, trate-o como alguém de fora
  E. Quando ele ouvir, reintegre-o

O método expositivo

A pregação temática expositiva é o mesmo tipo de pregação que a pregação expositiva centrada no texto e focada na platéia. A diferença é que a exposição temática lida com mais de um texto ou unidade literária em seus diferentes contextos. Todos os estilos da pregação expositiva, quer comecem com um texto e prossigam para um tópico/aplicação relevante, quer comecem com um tópico relevante e voltem para analisar vários textos para a aplicação, seguem o mesmo método.

Uma vez que você compreende o processo expositivo, verá como a pregação temática pode ser expositiva. O livro de John Stott intitulado *Between Tivo Worlds [Entre dois mundos]* empregou a metáfora de "construir a ponte sobre a brecha situada entre o mundo do texto de tempos remotos e o mundo do público contemporâneo. Esse processo de construção torna possível a conexão entre a autoridade centrada no texto e a relevância focada no público. Com o passar dos anos. tentei encontrar mais detalhes do processo expositivo. Seja por intuição, seja por intenção, seja através de passos breves e diretos, seja através de passos abrangentes e específicos, toda pregação expositiva se desenvolve em quatro movimentos.

(1) O primeiro movimento evolui de um texto para uma interpretação exegética. Uma interpretação exegética busca entender e determinar o significado do texto da perspectiva do autor, platéia e situação originários. Trabalho no processo exegético usando uma hermenêutica histórica/contextual, gramatical/sintática, normal/literal, literária/retórica. Determino o significado original da passagem de acordo com a sua própria estrutura/esboço, culminando em uma declaração que expresse a grande idéia ou a proposição do texto. Por exemplo: "O propósito pelo

qual Paulo ordenou aos crentes de Corinto que não comessem a carne oferecida aos ídolos era para que eles não fizessem com que seu irmão em Cristo mais fraco comesse contra a sua própria consciência" (veja ICo 10.28).

(2) O segundo movimento no processo expositivo é o movimento teológico. Procuro me afastar dos detalhes das declarações exegéticas e busco expressar a mensagem eterna contida no texto. Em Levítico 4, por exemplo, Moisés, os israelitas e a oferta pelo pecado dão espaço a uma verdade universal. Preciso considerar o progresso da revelação. O sistema sacrificial de Levítico era apropriado até ser substituído por Jesus. Como um expositor cristão, preciso me basear em Hebreus 9—10.

Também testo minha afirmação teológica contra o pano de fundo da minha teologia sistemática. Se algo não se "encaixa", volto atrás no meu processo exegético e teológico para descobrir o meu equívoco. Então, ou refaço a minha afirmação teológica de forma aceitável ou acerto a maneira como penso e expresso meu sistema teológico.

Basicamente, o que faço é afirmar uma verdade bíblica eterna abstraída do meu texto de escolha. "O amor por um irmão na fé limita a expressão da liberdade cristã" (ICo 10.28), ou: "Sem o derramamento de sangue, não há perdão" (Lv 4).

(3) O terceiro movimento no processo expositivo é o movimento homilético. Tendo articulado a mensagem eterna do meu texto, faço as seguintes perguntas sobre minha proposição teológica com o meu público específico em mente. Primeiro, o que essa verdade teológica significa? Será que o meu público entenderá a mensagem do texto? Segundo, será que isso realmente é verdade? Os meus ouvintes vão acreditar nisso de fato? Terceiro, que diferença isso faz? Eles saberão como essa verdade teológica se aplica a sua vida?

Posso argumentar, por exemplo, em relação à passagem de 1 Corintios 10, que: "Já que o fato de você assistir a filmes explícitos desnecessariamente faz a sua irmã assistir a tais filmes contra a consciência dela, então não assista a filmes explícitos desnecessariamente". Ou, com Levítico 4: "Confie somente em Cristo para obter o perdão".

(4) Não concluo o processo expositivo por completo até que meus ouvintes e eu consigamos cumprir as exigências do texto que dizem respeito ao nosso pensar, sentir e fazer. Paulo tinha esse conceito em mente quando chamou os crentes de Corinto de "cartas viventes lidas por homens". A verdade bíblica aplicada à vida real conclui o processo expositivo por completo.

Pregadores expositivos se movimentam através do processo expositivo passo a passo e em ordem. Eles permanecem atentos a suas propensões teológicas e situações homiléticas, colocando-as de lado o quanto for possível, durante a exegese. Eles não toleram a ansiedade pela relevância que possa distorcer a mensagem teologicamente intencionada do texto.

Quando o pregador temático é mal-sucedido por não deixar o texto passar sua mensagem original e eterna, ele mesmo dá abertura para desaprovações legítimas.

Sem uma adesão cuidadosa ao processo expositivo, o pregador que começa com um tópico relevante está suscetível a encontrar esse tópico em um texto, quer ele esteja realmente lá quer não. Tais pregadores não pregam com autoridade bíblica. Ao contrário, pregadores que começam com um tópico e encontram aquele tópico expresso em um texto ou em alguns textos através do processo exegético/teológico/homilético estão, de forma legítima, pregando expositivamente.

Capítulo 113

O SERMÃO TEMÁTICO BÍBLICO

Como manter a pregação temática verdadeiramente bíblica

Don Sunukjian

A pregação temática que é verdadeiramente bíblica é a transmissão de um conceito bíblico, derivado de diversas passagens relacionadas umas às outras por meio de um tema em comum e por meio de afirmações sobre aquele assunto que sejam ou paralelas ou progressivas.

Vamos esmiuçar cada um desses elementos. (1) Uma mensagem temática, como toda boa pregação, se empenha em transmitir uma só idéia — uma verdade central, uma frase predominante que expresse o sermão em poucas palavras. (2) Essa verdade central é constituída de várias passagens diferentes, em que cada uma abrange o mesmo tema em particular.

É nesse segundo ponto que muitas mensagens temáticas se perdem bíblicamente, ou seja, à medida que o pregador faz uma passagem falar sobre um tema que não é aquele que o autor bíblico tinha em mente. Por exemplo, um pregador que faz uma mensagem sobre "Como educar filhos adolescentes" pode ser tentado a incluir Tiago 1.19 em seus pontos principais: "Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se". Mas Tiago não está falando sobre educar filhos adolescentes. Em vez disso, sua corrente de pensamento nesse primeiro capítulo é:

1. Se perseverarmos durante uma aflição, ganharemos maturidade e recompensa (1.1-12).
2. Se pecarmos por causa da tensão da aflição, não é porque Deus foi longe demais conosco — Deus é bom demais para fazer isso — mas por causa dos desejos malignos dentro de nós (1.13-18).
3. Em vez de culparmos a Deus pelo nosso pecado — uma atitude que jamais trará a vida correta que Deus deseja para nós — ao contrário, deveríamos ser rápidos para ouvir a Palavra, tardios para manifestar nossas desculpas e tardios para nos irar contra Deus (1.19-25).

O perigo da pregação temática é que podemos pegar o atalho pela exegese de uma passagem, falhar em entender o verdadeiro objetivo do autor bíblico e no

lugar vincular suas palavras a um tópico bem diferente do que aquilo que ele tinha em mente. Por exemplo, no sermão sobre "Um homem segundo o próprio coração de Deus" (lSm 13.14), o pregador pode ficar tentado a realçar três características de Davi.

I. Confiança sem medo (lSm 17)
II. Devoção generosa (lCr 29)
III. Confissão genuína (SI 51)

Mas nenhuma dessas passagens foi projetada pelo autor bíblico para explicar o que fez de Davi um homem segundo o próprio coração de Deus. A seleção é puramente arbitrária da parte do pregador que, do mesmo modo impróprio, poderia ter listado a hábil composição de músicas de Davi e, dessa maneira, ter eliminado a maioria de nós de algum dia se qualificar como uma pessoa segundo o próprio coração de Deus.

Em vez disso, o contexto de ISamuel 13—15 mostra claramente quais traços de Davi o autor bíblico tem em mente. Davi, em contraste com Saul, guarda "os mandamentos do Senhor"; ele obedece a qualquer coisa que Deus diz (13.14; 15.19-27; At 13.22). Essa obediência inabalável, e nenhum dos outros fatores acima, é o que fez de Davi um homem segundo o próprio coração de Deus.

Sermões biográficos estão particularmente vulneráveis a esse abuso de usar versículos para estabelecer pontos que não foram pretendidos pelo autor bíblico. Por exemplo, um sermão sobre o tema "Quais são as características de um homem cheio do Espírito?" baseado na vida de Felipe (At 6.3-5), certamente estaria sob suspeição se seus pontos principais fossem:

I. Um homem cheio do Espírito deixará como legado um ministério bem-sucedido e um trabalho desconhecido em uma região desabitada (At 8.4-8,26-40)
II. Um homem cheio do Espírito encaminhará suas filhas para ministérios celibatários (At 21.8-9)

Não há nenhum indício no texto que Felipe estava lutando em relação à decisão de se deslocar. Até onde sabemos, ele havia concluído a missão de Deus na Samaría e estava antecipando seu retorno à sua casa em Jerusalém. Também não diz que sua tarefa da estrada de Gaza é um posto avançado em uma região despovoada. Em vez disso, ele está caminhando um pouco além dos limites da cidade de Jerusalém, no caminho que leva ao sul pelo deserto de Gaza, e está sendo surpreendido pelo trânsito de pessoas que estão saindo da cidade.

O assunto em questão de Atos 8 não são as escolhas ministeriais que um homem de Deus deveria tomar, mas, ao contrário, como o Espírito está expandindo a igreja entre povos e classes sociais outrora excluídas. E, obviamente, o segundo assunto em questão é um grau absurdo do que pode acontecer quando vinculamos afirmações bíblicas de forma incorreta aos tópicos que escolhemos.

A pregação temática que é verdadeiramente bíblica estuda por completo cada passagem individual em seu contexto para ter certeza que o autor bíblico está falando genuinamente sobre o tema escolhido pelo orador. Feita adequadamente, a pregação temática resultará em mensagens proveitosas, semelhantes à mensagem "Como ser um bom marido":

I. Viva de maneira atenciosa (lPe 3.7)
II. Viva de maneira sacrificial (Ef 5.25-33)

Ou, como na mensagem sobre o tema "Honre seu pai e sua mãe":

I. Em nossos primeiros anos de vida, honramos nossos pais quando lhes obedecemos (Efésios 6,1-3)
II. Em nossos anos intermediários, nós honramos nossos pais quando os respeitamos (Lv 19.3,32)
III. Em nossos anos de maturidade, honramos nossos pais quando os ajudamos financeiramente
    A. Ajudar nossos pais financeiramente vem antes dos nossos compromisso com a obra do Senhor (Mt 15.1-9)
    B. Ajudar nossos pais financeiramente mostra nossa piedade genuína (lTm 5.3-8)

Às vezes, o pregador pode ser tentado a usar um versículo comum para falar sobre um tema específico. Por exemplo, na mensagem acima sobre "Como ser um bom marido", o pregador poderia ser tentado a incluir "Perdoe incondicionalmente" (veja Cl 3.13) como um dos pontos principais. Ou, na mensagem do tema "Honre seu pai e sua mãe", o pregador poderia ser tendendo a fazer a afirmação: "Nós honramos nossos pais ao sermos bons e compassivos em relação a eles" (veja Ef 4.32). Embora tais declarações sejam verdadeiras, os ouvintes percebem o seguinte: "Devemos fazer isso para todo mundo, essa passagem não é exclusivamente para maridos ou pais".

Em tais casos, é melhor pregar uma passagem expositiva sobre o versículo específico em vez de uma exposição temática sobre um assunto. Em uma passagem expositiva sobre Colossenses 3.13, o pregador explicaria o que significa perdoar sem restrições e, a seguir, aplicaria isso a muitos relacionamentos na vida — maridos, esposas, pais, colegas de trabalho. Similarmente, para Efésios 4.32, o pregador explicaria a bondade e a compaixão e, depois, ilustraria como podemos mostrar esses gestos para diversas pessoas — pais, cônjuges, filhos, aos que trabalham como caixas no comércio (e nos perturbam), e assim por diante. Assim, o pregador temático economiza os versículos específicos para seus temas específicos, e o resultado é uma mensagem que possui foco, penetração e impacto maiores.

Por fim, na pregação bíblica temática, o tema se desenvolve em direção a uma verdade central usando o recurso de empregar afirmações tanto paralelas quanto progressivas. As afirmações serão paralelas quando cada passagem individual responder

às mesmas perguntas específicas sobre o tema. Por exemplo, em um sermão sobre "Deus fala com você", cada um dos pontos principais responde à mesma questão: "De que forma Deus fala conosco?".

I. Através da criação (SI 19.1-6; Rm 1.18-20)
II. Através da consciência (Rm 2.14,15)
III. Através de Cristo, o Verbo encarnado (Hb 1.1-5)
IV. Através das Escrituras, a Palavra escrita (2Tm 3.16,17, 2Pe 1.20,21)

As afirmações serão progressivas quando cada passagem individual responder a uma pergunta diferente sobre o assunto. Por exemplo, uma mensagem sobre o "Jejum" pode abranger as seguintes perguntas.

I. O que é o jejum?
II. Como deveríamos fazê-lo?
III. Por que deveríamos fazê-lo?

As afirmações principais se desenvolveriam progressivamente em uma verdade central conforme as seguintes linhas:

I. O jejum é uma abstinência voluntária de comida e bebida
II. O jejum é feito em segredo (Mt 6.16-18)
III. O jejum serve para obter a direção de Deus (At 13.1-3; Jz 20.26-28)

Executada corretamente, a pregação temática pode levar a um entendimento mais compreensivo de uma doutrina ou assunto bíblico. Mas feita incorretamente, ela pode levar a idéias que a Bíblia nunca teve a intenção de expressar. Precisamos estudar profundamente o tema e nos organizar com cuidado para termos certeza que podemos dizer: "Assim diz o Senhor".

Capítulo 114

O SERMÃO TEMÁTICO ACERCA DE PERSONAGENS BÍBLICAS

Como pregar expositivamente ao focar aquilo que Deus ensina por meio de uma pessoa da Bíblia

Timothy S. Warren

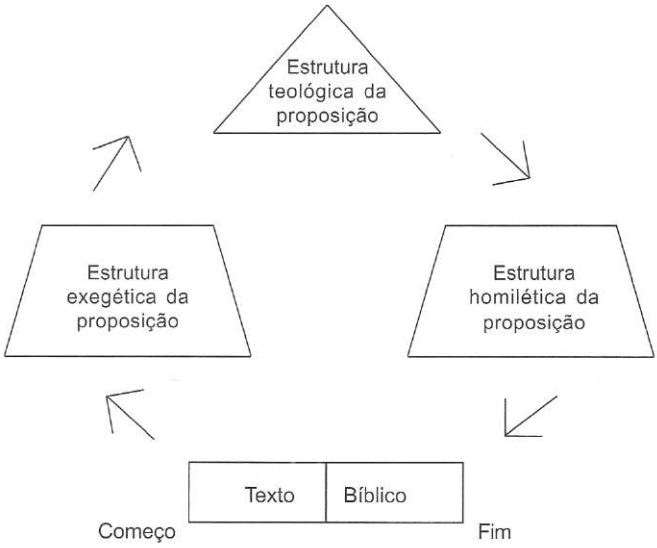
As histórias funcionam porque elas falam sobre pessoas. Pessoas com seus traços de caráter e constantes lutas envolvem histórias com seu interesse e valor. Mesmo histórias sobre elementos naturais, objetos feitos pelo homem ou animais conferem personalidades de pessoas reais a seus personagens. O sol compete com o vento para fazer com que um motorista tire seu casaco. *Herbie* salva o dia e a garota para o seu amigo. *Babe* vence o prêmio para ajudar a manter a fazenda. As histórias funcionam por causa das pessoas.

Sermões funcionam por causa da relevância. Ninguém busca informação simplesmente pela informação em si. Até mesmo um guru de trivialidades ganha um senso de superioridade em relação às massas ignorantes. Nossa cultura em particular (a cultura estado-unidense), encontra o valor da pregação não tanto no conhecimento da verdade, mas na relevância, na aplicação da verdade.

Quando pessoas e relevância são combinadas, como acontece em sermões temáticos biográficos, um pregador pode esperar uma reação entusiasmada. Talvez a forma de pregação mais popular hoje em dia seja o sermão temático biográfico.

Você não precisa abandonar a exposição fiel para pregar sobre pessoas da Bíblia

Assim como todos os sermões temáticos expositivos, os sermões temáticos biográficos expositivos seguem o modelo expositivo. A exposição leva um pregador progressivamente da compreensão exegética de um texto/parágrafo para a interpretação teológica da passagem, depois para a aplicação homilética e, então, para a prática. A pregação temática expositiva é um subconjunto da exposição que conduz duas ou mais passagens pelo mesmo processo.



Mensagens temáticas biográficas são baseadas em um personagem bíblico, na história bíblica (ou histórias bíblicas) que incluem aquele personagem e, principalmente da parte do autor bíblico, o uso intencional daquele personagem naquela história (ou histórias).

Duas perguntas talvez ajudem a esclarecer essa definição.

1. Um sermão é temático se ele não expõe dois ou mais textos/parágrafos diferentes em seus próprios contextos? Não. Por definição, a pregação temática expõe duas ou mais passagens.

2. Podemos pregar sermões biográficos que não sejam temáticos? Sim. Deve haver centenas de personagens bíblicos que aparecem em uma linha da história e, a seguir, desaparecem, sem ser mencionadas nunca mais. Alguns desses personagens, por causa dos papéis específicos e planejados que eles desempenham na narrativa, fornecem material expositivo legítimo. A história de Acã se passa em Josué 7.1-26. Seu nome só aparece uma vez depois disso, em Josué 22.20, e somente como uma ilustração do sermão. A biografia de Acã, embora curta, mostra intencionalmente como evitar o julgamento de Deus: não cobice, não roube e não engane. Verdadeiros sermões temáticos biográficos expositivos, entretanto, lidam com personagens que aparecem em mais do que uma passagem, ou seja, em uma unidade das Escrituras.

Para ser expositivo, seu sermão precisa conter uma ordem bíblica

Alguns sermões biográficos começam com a escolha de um personagem de uma passagem (ou mais passagens) da Bíblia — Abraão, Davi, Herodes, Pedro — e, a seguir, desenvolvem um traço característico que a vida individual escolhida exige: fé, um coração segundo o coração de Deus, submissão, discipulado. Outros começam com um tópico característico — dependência, amor leal, arrependimento ou liderança — e, depois, procuram um personagem bíblico cuja história demanda aquele traço: Jacó, Oséias, João Batista, Paulo.

Não importa em que ponto o pregador começa o processo, o desafio da pregação temática biográfica expositiva raramente será a relevância; antes, é a demonstração de uma ordem bíblica do que está sendo pregado.

Duas coisas que valem a pena ser notadas aqui.

1. Deus usa outros meios além da pregação expositiva para evangelizar os perdidos e edificar os crentes. Ouvi muitos "discursos" baseados em personagens bíblicos que eram interessantes, relevantes, verdadeiros e até bíblicos. Muitas daquelas "devocionais" foram benéficas e desafiadoras. Mas elas não foram expositivas porque suas mensagens não foram desenvolvidas a partir de uma passagem ou de algumas passagens específicas, nem se mostraram uma mensagem intencionalmente exegética/teológica sobre a(s) passagem(ns). Assim, você pode "falar sobre" muitos tópicos úteis, mas não deve confundir isso com uma pregação expositiva, ou substituí-la por isso.

2. A única maneira de demonstrar a mensagem pretendida de qualquer passagem é interpretá-la por completo na preparação e então explaná-la suficientemente na apresentação. Se um pregador não mostra que aquele assunto de sua mensagem é o assunto da(s) passagem(ns), e se ele não explica que a aplicação relevante daquela mensagem é, em algum nível, dirigida por essa(s) passagem(ns),

então ele não deve chamar isso de pregação. Em suma, você não precisa pegar um texto/parágrafo da Bíblia para dizer várias coisas interessantes, relevantes, verdadeiras e mesmo bíblicas, mas se você chamá-la de pregação expositiva, é melhor que você seja capaz de demonstrar que a idéia do seu sermão é a mensagem pretendida do(s) seu(s) texto(s)/parágrafo(s).

Como resultado, quando você começa a preparação do seu sermão com a escolha de um personagem, você deve perguntar por que e como aquele personagem foi incluído na história. O personagem escolhido meramente ajuda a levar o enredo adiante para que o autor possa desenvolver a mensagem teológica, ou o personagem exibe intencionalmente um comportamento imbuído de autoridade? O papel que a personagem tem na história determinará a maneira com que a personagem pode ser pregada.

Não acho que Potifar, um mero instrumento, foi colocado no registro bíblico intencionalmente para servir de modelo de compaixão quando ele aprisionou a José, em vez de executá-lo (Gn 39). Estou certo de que a intenção de Mateus no capítulo 4, versículos 1-11, não era usar Jesus, embora ele seja um personagem principal, para ordenar que lhe fosse dada uma estratégia de como resistir à tentação. A intenção de Mateus era provar que só Jesus, diferente de qualquer outro, poderia resistir a todas as tentações, uma vitória validando seu título messiânico.

Por outro lado, poderia demonstrar que Juizes usou Jefté, um personagem principal nos capítulos 11—12, para advertir a respeito da possibilidade de sucumbir às influências pagãs (juramentos impensados, sacrifício humano, violência extrema) que macula a verdadeira adoração. Marcos contrasta intencionalmente a deslealdade das autoridades religiosas, personagens principais, com a lealdade demonstrada pela viúva, um mero instrumento, que deu duas moedas da sua pobreza (Mc 12.38-44). Ela é mais do que uma ilustração; ela é um modelo a ser imitado. A pergunta que todo pregador biográfico precisa fazer é se o personagem é uma ilustração acidental ou um modelo usado intencionalmente. Temo que em nossa típica avidez por relevância freqüentemente encontramos mais do que o autor tinha em mente.

O pregador tem de fazer esta mesma pergunta se quiser iniciar um sermão biográfico com os traços de personalidade e, a seguir, buscar o personagem bíblico cujo papel na narrativa exige esse traço de personalidade: esse traço de caráter é meramente ilustrado na vida de seu personagem ou ele aparece por causa do que o autor tinha em mente?

Calebe, por exemplo, serve como mais do que uma mera ilustração de devoção completa a Deus. Três textos diferentes relatam que ele seguiu "o Senhor com integridade de coração" (Nm 32.12; Dt 1.36; Js 14.14). A devoção completa de Calebe o tornou apto (1) a confiar que Deus daria a terra prometida a Israel, (2) a escapar do julgamento de Deus a respeito de Israel no deserto e (3) a herdar as bênçãos da terra prometida. As avaliações bíblicas da biografia de Calebe têm um papel muito maior do que apenas ilustrar a devoção, elas ordenam a devoção completa.

O que aprendi quando preguei sobre os doze discípulos

Pregando sobre Mateus passagem por passagem, achei uma lista de discípulos em Mateus 10.2-4. Achei que uma série biográfica pudesse proporcionar uma mudança de ritmo bem-vinda. Estava certo de que haveria muitos princípios bíblicos a serem explanados por meio das exposições temáticas biográficas sobre cada discípulo.

Descobri que a quantidade de material sobre cada discípulo varia consideravelmente. O nome de Pedro aparece quase 150 vezes no Novo Testamento, enquanto o de Tadeu aparece duas vezes. Até mesmo Tiago consegue fazer apenas uma coisa por si mesmo: ele é martirizado em Atos 12.2. Rapidamente decidi que não pregaria sobre Tadeu. E também tinha material sobrando para apenas um sermão centrado em Pedro.

E engraçado pensar em como lidei com Pedro e Tiago. A maioria do que preguei naquela série não foi exposição temática biográfica. Antes, preguei textualmente, usando os discípulos como ilustrações. Meu texto-chave para Pedro veio das suas últimas palavras registradas: "Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3.18). Pedro diz cresçam e ele passou sua vida crescendo (usei várias ilustrações para esse ponto), e você deve crescer também. Meu texto para Tiago foi João 12.24: "Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto". Que transição súbita!

Ê muito mais agradável contar-lhe sobre o verdadeiro sermão temático biográfico expositivo que preguei a respeito de Tomé. Exceto quando ele aparece em listas com outros discípulos, Tomé aparece em apenas três ocasiões — todas elas em João e referentes ao assunto "crer". Sabia que o propósito do evangelho de João era que seus leitores pudessem crer em Jesus (20.31) e que "crer" era um tema teológico chave (o verbo grego *pisteuo* foi usado quase cem vezes em João). Havia decidido qual era meu personagem, Tomé, e identificado as três passagens-chave que precisava estudar (presente em João 11, 14 e 20). Também tinha uma noção geral que cada passagem enfatizava a convicção. A questão era se minha interpretação exegética/teológica confirmaria ou negaria esse conceito.

A meu ver, João usou Tomé em todas as três ocasiões para exemplificar um discípulo que cria. Sem dúvida, ele ficou conhecido como Tomé, o incrédulo, mas descobri que essa declaração é enganosa. Inquestionavelmente Tomé demonstrou a luta para vir a crer, mas era essa a questão de João. No final das contas, cada história/passagem mostra Tomé encontrando razões sólidas para crer em Jesus. Minha afirmação teológica foi mais ou menos assim: "Discípulos crédulos vencem qualquer obstáculos com a fé". Minha proposição homilética declarou: "Continue crendo em "esus". Meu esboço (aqui abreviado) se desenvolveu da seguinte maneira.

I. Continue crendo em Jesus quando as circunstâncias querem paralisar você 0o 11.1-6)

II. Continue crendo em Jesus quando as perguntas o desconcertam (Jo 14.1-7)
III. Continue crendo em Jesus quando o ceticismo o contamina (Jo 20.19-29)

Como em toda pregação expositiva temática, um sermão biográfico precisa encontrar seu tema/personagem em duas passagens ou mais. Ela também precisa demonstrar convictamente o uso intencional do autor em relação ao personagem para demandar uma aplicação legítima. Pessoas e relevância fazem com que os sermões biográficos funcionem. Exposição genuína lhes dá autoridade.

Capítulo 115

O SERMÃO TEMÁTICO ACERCA DE QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Como pregar expositivamente quando um assunto atual está na boca do povo

Timothy S. Warren

Depois de mais de quatro anos de ministério pastoral na igreja, achei que seria útil deixar que a congregação escolhesse a série de sermões para o verão. Durante aqueles quatro anos, minhas exposições parágrafo por parágrafo haviam coberto muitas das cartas do Novo Testamento, os profetas menores, Gênesis e alguns poucos Salmos em particular, e estes haviam sido acrescidos ao longo do caminho por intermédio das mensagens textuais para ocasiões especiais. Havia pregado sobre os temas que julgava serem os mais críticos. Aquela abordagem havia sido bem recebida.

Então passei adiante pequenos cartões de anotação e convidei todos aqueles que compareciam regularmente para escreverem o que queriam ouvir nas pregações. Os resultados? O único livro sugerido por mais de três pessoas foi Apocalipse. Todos os outros pedidos eram temáticos. E a maioria falava de um assunto contemporâneo: "Fale sobre a AIDS", "A prosperidade é bíblica?", "Computadores são uma ferramenta de Satanás?", "E em relação à evolução e a Bíblia?". Falar algo sobre essas questões relevantes não seria problema; falar com autoridade bíblica seria desafiador.

Um método de pregação verdadeiramente expositivo o tornou possível. Já que é centrada no texto, a pregação expositiva confere a um sermão uma autoridade do tipo: "Assim diz o Senhor"; e porque é centrada no público, ela fornece a relevância contemporânea. A mensagem de um sermão expositivo precisa emergir claramente do significado pretendido de uma passagem bíblica ou mais passagens. Esse significado precisa, a seguir, ser aplicado sob um novo formato à platéia imediata. Sem estas duas qualificações, autoridade bíblica e relevância contemporânea, um sermão, segundo a maioria das definições, não é expositivo.

Os muitos caminhos para o assunto

Há pelo menos três estilos diferentes de exposição. A exposição textual baseia sua mensagem em um único versículo ou frase das Escrituras. A exposição versículo por versículo, ou parágrafo por parágrafo, baseia sua mensagem em dois versículos ou mais dentro de uma unidade literária. A exposição temática baseia sua mensagem em duas ou mais unidades bíblicas diferentes que compartilham um assunto.

Dentro da exposição temática há pelo menos três divisões. A exposição temática teológica encontra o seu assunto em um tópico teológico tratado especificamente na Bíblia: casamento, tentação, perdão e assim por diante. A exposição temática biográfica encontra seu assunto no uso intencional original do autor de um personagem bíblico para revelar uma verdade divina. A exposição contemporânea encontra seu assunto no contexto da cultura atual e, depois, volta-se para as Escrituras para descobrir qual passagem trata daquele assunto.

Se o pregador começa com um texto, um parágrafo, um tópico teológico, um personagem ou um assunto contemporâneo, isso não é uma questão ou preocupação para a pessoa comprometida com a pregação expositiva. O que é crucial é que o pregador — onde quer que ele tenha encontrado seu assunto do sermão — se mova e trabalhe por meio do processo exegético-teológico-homilético (veja "A Pregação Temática também Pode Ser Expositiva?). Pregadores não podem falar com autoridade bíblica a não ser que eles tenham descoberto o significado original e intencional da(s) passagem(ns), identificado a mensagem teológica para todas as épocas da(s) passagem(ns) e somente depois disso buscado aplicar essa verdade com relevância imediata ao público contemporâneo.

As vezes, exposições teológicas e biográficas são iniciadas com um tema de um cenário contemporâneo (por exemplo, a necessidade da disciplina da igreja ou um desafio a uma devoção sincera ao Senhor) e então prosseguem em direção a passagens bíblicas relativamente fáceis de identificar e que tratem daquele assunto. r.m outras ocasiões, as exposições teológicas ou biográficas começam com uma passagem (por exemplo, Mt 18.15-20 ou Nm 32.12) que sugiram o tema. A exposição do assunto contemporâneo, no entanto, sempre começa com uma questão, problema ou conflito que emergiu dentro de um contexto da cultura contemporânea (por exemplo, a poluição do ar e da água, armas de destruição em massa, homossexualismo, aborto, capitalismo).

Os desafios de pregar a respeito de assuntos atuais

Considero a exposição de assuntos contemporâneos um desafio maior do que a exposição teológica ou biográfica, embora ambos possuam seus próprios desafios. Por uma razão: assuntos atuais possuem múltiplos pontos de vista com múltiplos argumentos. A questão da nossa reação vigente ao crime ilustra esse desafio. Os problemas de testemunhas que não são confiáveis, condenações baseadas em evidên-

cias circunstanciais e um sistema judicial repleto de concessões excessivas tornam a questão da pena de morte um tópico complexo. Como é que um pastor pode esperar saber, entender e processar a multidão de argumentos relacionados ao assunto?

O expositor que espera manter integridade investigará o assunto suficientemente para conhecer suas principais questões e somente depois disso estreitar o assunto de forma estratégica e imparcial. Ler artigos dos "peritos" ou daqueles com pontos de vista diferentes e contrários pode expor e preencher as lacunas. É uma arrogância falar em nome de Deus sem saber os fatos básicos.

Outra razão pela qual considero a exposição do assunto contemporâneo um desafio maior que outras formas de exposição é por causa da típica precipitação do pregador na relevância. Quando um assunto vem à tona nas idéias e conversas da vida de todo dia, é fácil se perder na necessidade de uma resposta imediata e relevante. Pregadores talvez considerem estar pregando uma mensagem centrada na platéia simplesmente porque as mentalidades populares do "conserte isso agora" e do "como fazer" os tentem a deixar de lado a interpretação exegética e teológica das passagens bíblicas relevantes.

Às vezes, parece que não há passagem bíblica que abranja o assunto, pelo menos não da maneira que ele é moldado pela cultura contemporânea. Ou nenhum texto que trate do assunto com alguma intenção explícita. Por exemplo, há passagens que lidam com a criação do mundo, como nós a conhecemos, mas nenhuma que trate especificamente do debate entre o criacionismo e a evolução. Transformar Gênesis 1 e Gênesis 2 em argumentos desse tema contemporâneo é fazer mau uso do texto e não compreender a intenção do seu autor, resultando em falta da autoridade bíblica e comprometimento da integridade. Entretanto, dizer que Gênesis não tem nada a oferecer para esse debate seria deixar de considerar algumas conclusões significativas daquilo que Moisés de fato pretendeu.

As extensões do significado bíblico

A medida que tentamos tratar de assuntos atuais como esse a partir das Escrituras, precisamos responder a duas questões cruciais.

1. Quais extensões do significado bíblico levam à autoridade legítima na pregação? Meu amigo Ramesh Richard me ensinou que textos bíblicos se comunicam através de três extensões do significado: *declaração, implicação* e *extrapolação.* Quando a Bíblia diz: "Não adulterarás", isso é declaração. Essa declaração poderia levar a um significado sugerido pelo texto de Êxodo 20.14: o casamento é sagrado. Isso é implicação. A condenação de toda atividade sexual fora do casamento seria a extrapolação, uma ampliação do significado com base no texto.

A aplicação é outro assunto. "Nunca faça sexo com ninguém além da sua esposa", é uma aplicação óbvia da declaração bíblica. "Cultive seu próprio casamento", é uma possível aplicação para a implicação do texto. "Fuja da pornogra-

fia", é uma aplicação legítima da extrapolação. Todas podem ser pregadas com autoridade. A questão não é se as aplicações são legítimas, mas se todas as extensões do significado foram legitimamente validadas. Expositores de assuntos contemporâneos precisam se locomover com cuidado através das extensões de significado para não encontrar implicações ou extrapolações que não podem ser provadas como coerentes com a intenção original da passagem.

2. Como é que os pregadores dos assuntos contemporâneos comunicam o nível de significado com o qual eles estão pregando? Sugiro que nós simplesmente digamos: "Essa passagem não trata do nosso assunto especificamente, pelo menos não do mesmo modo que nós estamos contemplando-o. Entretanto, há algumas implicações (ou extrapolações) que podemos extrair legitimamente dessa passagem que nos ajudarão a decidir como devemos reagir ao assunto de hoje".

Deus falou explícita e plenamente sobre alguns assuntos. Sobre muitos assuntos, as Escrituras não são explícitas; elas nos deixam com muitas implicações ou projeções. Saber a diferença e expressar uma tentativa adequada é uma ação prudente.

Um crime em minha comunidade

Há alguns anos, um molestador em condicional estuprou e matou uma criança, provocando uma revolta em nossa comunidade. Preparei a seguinte mensagem sabendo que não conseguiria dizer tudo, mas que deveria dizer alguma coisa.

Molestadores de crianças são criminosos

- Deuteronômio 22.25-29

Precisa haver justiça e proteção para a comunidade

- Êxodo 21.22
- Deuteronômio 24.16-17

Molestadores de crianças denunciados merecem o devido processo judicial

- Deuteronômio 16.18-20; 17.2-7; 19.15-21

(No final das contas, precisamos...)

Restringir os direitos dos molestadores de crianças denunciados

- A sociedade tem o direito de condená-los à morte (Êx 22.22-24, Lv 20.2)
- A sociedade tem o direito de isolá-los/encarcerá-los (Lv 20.3, 5-6,17,18)

Uma vez que meu assunto me encontrou, fui atrás de quase cinqüenta passagens. Um índice temático e de concordâncias se mostrou inestimável para a minha pesquisa inicial, e, depois, as referências cruzadas me levaram a mais textos.

Eu comecei interpretando cada texto em seu contexto original para determinar seu significado intencional. Quando uma passagem parecia não tratar do meu assunto nem através de implicação ou de extrapolação, eu o deixava de lado. Já que nenhum texto proporcionou uma declaração sobre molestadores de crianças espe-

cificamente, trabalhei com implicações e extrapolações. Várias passagens fizeram contribuições legítimas ao abranger crimes sexuais e a justiça em geral.

As afirmações teológicas geralmente tratam de mais do que um assunto no nível abstrato. Por exemplo, em Deuteronômio 17.2-7, Moisés fala de um assunto específico sobre atribuir a justiça devida aos idolatras. Poucas pessoas em minha cultura têm dificuldades em como lidar com os idolatras. Mas, ao levar a mensagem de Moisés para o nível teológico, nós podemos generalizar uma mensagem referente a quaisquer violações criminais. "Qualquer criminoso acusado merece o devido processo judicial". Essa verdade se aplicava aos idolatras dos dias de Moisés. Isso se aplica com a mesma autoridade a qualquer assunto contemporâneo em relação a uma suposta conduta criminal. É no nível da abstração teológica que as peculiaridades antigas e contemporâneas se encontram. É por isso que é essencial se deslocar pelo processo exegético e teológico — para assegurar uma compreensão correta do significado bíblico. Somente então é que novas aplicações de verdades eternas podem ser afirmadas.

Estou certo de que minha mensagem deixou muitas coisas sem serem ditas. Aliás, sempre tenho essa impressão importuna quando prego sobre um assunto contemporâneo. Entretanto, quando um assunto fascina de tal forma uma congregação que não falar sobre o assunto mostraria indiferença, a exposição temática do assunto contemporâneo capacita o pregador a tratar do assunto com autoridade e relevância.

Capítulo 116

O SERMÃO TEMÁTICO ACERCA DE TÓPICOS TEOLÓGICOS

Como pregar expositivamente quando uma idéia teológica é simplesmente o pedido do dia

Timothy S. Warren

Comecei o meu primeiro pastorado com entusiasmo, confiante de que poderia pregar por vários anos usando a exposição parágrafo por parágrafo de livros bíblicos inteiros. Começaria com Efésios. Isso levaria um bom ano, talvez mais. Efésios era teológicamente sólido e relevante. Então prosseguiria para 1 Corintios. Isso levaria pelo menos dois anos. Faria alguns salmos ao longo do caminho e pregaria de forma expositiva uma narrativa como Gênesis ou Mateus. E claro que faria pausas para expor alguns textos-chave em algumas ocasiões: Isaías 9.6 no Natal, por exemplo.

Então a realidade fez uma visita, um incidente que demandava uma disciplina da igreja. Deveria ter previsto isso. Nossa igreja era uma igreja nova e não tinha nenhuma experiência ou filosofia de trabalho nos casos de disciplina. Era simplesmente pelos regimentos internos que a disciplina da igreja era colocada em prática em relação a um assunto bíblico quando necessário.

Pronto ou não, era a hora para um sermão temático teológico expositivo. Nossa congregação precisava de uma mensagem baseada na Bíblia referente aos princípios da disciplina da igreja, por que nós a praticávamos, como a púnhamos em prática e o que podíamos esperar como resultado. Já que não há um texto ou parágrafo que cubra todas essas questões, preguei várias passagens temáticamente.

Algumas semanas depois, como um prelúdio para o culto de batismo, preguei uma mensagem temática sobre o batismo. Elaborei um sermão uniforme baseado em várias passagens que lidam com o assunto, uma questão que não é tratada exaustivamente em um texto ou um parágrafo. Estava aprendendo não somente a necessidade de pregar temáticamente, mas também como pregar um sermão temático teológico expositivamente.

A exposição conduz progressivamente um pregador da compreensão exegética de um texto/parágrafo para a interpretação teológica da passagem, passa pela aplicação homilética e então chega à prática. A pregação temática expositiva é um subconjunto da exposição que conduz duas ou mais passagens pelo mesmo processo.

Divido a exposição temática em três tipos: teológica, biográfica e de um assunto contemporâneo. Para abranger o que a Bíblia está dizendo a respeito de um assunto teológico — disciplina na igreja, batismo, casamento, divórcio, tentação, provações, perdão e centenas de outros temas — uso a exposição temática teológica. Aqui estão cinco princípios básicos para preparar exposições temáticas teológicas.

(1) Decida qual assunto teológico você quer pregar. Às vezes um assunto simplesmente aparece, como no caso da disciplina na igreja, um funeral ou a dedicação de um templo. Por outro lado, podemos descobrir tópicos por intermédio de estudos pessoais devocionais, da oração sobre as doutrinas-chave, conhecendo os pontos teológicos fortes e fracos da sua congregação e sendo sensível às dúvidas e lutas das pessoas. Às vezes uma palavra ou conceito-chave surgem em uma exposição de um livro.

Ao passo que um estoque inesgotável de assuntos teológicos pode captar facilmente sua atenção por esses meios, você precisa decidir quais são essenciais e se guardar de pregar sobre uma nova doutrina favorita com muita freqüência. A pregação temática demanda disciplina para se manter objetiva, compreensiva e equilibrada em relação a outros estilos de exposição.

(2) Identifique todas as passagens que você quer explorar. Ao pregar sobre Mateus, cheguei a uma ordem de Jesus: "Tenha bom ânimo" (9.2). Descobri que essa frase era apenas uma palavra grega, *tharseo.* Achei que talvez houvesse algo significativo teológicamente sobre o uso desse termo e decidi encontrar todas as suas aplicações.

Enfim, cada passagem em seu contexto precisa tratar de um assunto teológico. Além disso, cada passagem precisa contribuir com alguma coisa para o assunto

que outros não conseguem. Nessa hora, no entanto, seja tão exaustivo quanto puder. Se o seu assunto for a disciplina na igreja, você encontrará apenas algumas passagens sobre o assunto. Se você quiser pregar sobre o perdão, entretanto, terá de selecionar um punhado aproveitável de mais de cem passagens que falam sobre o perdão.

Geralmente começo minha busca com uma concordância, tanto em inglês quanto em hebraico ou grego. Os computadores tornaram esse trabalho muito mais fácil. Também uso livros temáticos como o de Torrey, intitulado *Enciclopédia temática da Bíblia* [Shedd Publicações, 2008] ou o de Lockyer, *All the Holy Days and Holidays [Todos os dias santos e feriados],* que se referem à Bíblia com índices temáticos presentes nas margens e final e dicionários e vocabulários teológicos. Com freqüência procuro o assunto em uma teologia sistemática para ver quais passagens são consideradas essenciais. Geralmente não tenho problema em achar passagens múltiplas para estudar. O desafio é decidir quantas e quais estudar mais a fundo.

Na mensagem: "Tenha bom ânimo", encontrei o termo *tharseo* sendo usado oito vezes no Novo Testamento, mas apenas quatro vezes por Jesus. Uma daquelas quatro era uma repetição sinóptica. Isso significava que tinha somente três passagens para levar pelo processo expositivo. O mais comum é termos treze ou trinta passagens.

(3) Descubra o significado exegético e teológico de cada passagem em seu contexto. Para manter a autoridade bíblica, sermões precisam expor por completo cada passagem pregada. Fazer exposições completas para textos/parágrafos múltiplos simplesmente leva múltiplas somas de tempo e trabalho. Não há substituto. Muitos pregadores evitam a pregação expositiva por essa razão. Outros pulam a disciplina da exposição — mas comprometem sua autoridade ao longo do caminho.

Ao chegar à exposição exegética/teológica, você poderá descobrir que uma certa passagem não lida realmente com seu tema no fim das contas. Risque aquele texto da sua lista e prossiga para o texto seguinte. Sua compreensão crescente de cada passagem pode também incentivar você a estreitar o assunto do sermão. Em vez de pregar um sermão sobre recompensas, você pode decidir pregar uma série de sermões sobre recompensas: O que são recompensas, quem ganha recompensas, quem dá recompensas, sob quais condições as recompensas são dadas? Pregar uma série pode ajudar a reduzir sua preparação semanal significativamente.

Ao fazer a análise exegética das três passagens de: "Tenha bom ânimo", em seus contextos diferentes, descobri que Jesus persistentemente usava o imperativo para encorajar: um pecador que ele estava perdoando (Mt 9.2), os discípulos aos quais ele havia acabado de aparecer (Mt 14.27) e os apóstolos que ele estava enviando ao mundo (Jo 16.33). A partir de uma perspectiva teológica, determinei que essas três ordens de Jesus não eram meramente paralelos acidentais. Elas eram palavras claramente intencionais de encorajamento aos leitores dos evangelhos.

A pergunta sobre o que as passagens bíblicas significam e se elas estão falando intencionalmente sobre o tópico proposto pelo sermão será respondida em sua exposição exegética/teológica. Enquanto diferentes intérpretes descobrem diferentes significados e intenções para a mesma passagem, seu uso de um texto/parágrafo precisa ser honesto e justificável.

(4) Articule uma única e uniforme proposição teológica. Enquanto você não conseguir expressar a mensagem sintetizada de todas as passagens que você elaborou sobre o mesmo assunto, você não poderá esperar pregar uma exposição temática clara e de um só assunto.

Minha primeira tentativa em expressar a proposição teológica para a minha mensagem temática foi: "O bom ânimo do perdão, da presença e da vitória de Deus encoraja pecadores, discípulos e apóstolos em necessidade". Eu o abstraí mais tarde para: "O bom ânimo da bênção de Deus encoraja pessoas em necessidade".

(5) Siga o processo homilético costumeiro. Aplique a verdade única e eterna à sua vida e à dos seus ouvintes. Tente manter sua proposta homilética simples. A simplicidade não é sempre possível porque os sermões temáticos freqüentemente possuem múltiplos complementos ao mesmo assunto.

Minha proposta homilética era mais complexa e comprida do que preferiria, mas analisada tópico por tópico, acho que ela ficou clara. Para que você receba o bom ânimo de encorajamento de Deus em sua vida:

I. Confie em Jesus como seu Salvador
II. Obedeça a Jesus como seu Senhor
III. Vá, fale da vitória de Jesus

Percebi que o problema do pecador era a culpa; o problema dos discípulos, o medo; o problema dos apóstolos, o desespero. Essas três necessidades eram relevantes para o meu público contemporâneo. Aliás, essas necessidades são universais. Essas necessidades universais e as reações específicas a essas necessidades levaram a este esboço:

I. Receba o bom ânimo do perdão de Deus para a sua vida (Mt 9.2)
  • Pecadores têm problema com o pecado
  • Jesus diz: "Tenha bom ânimo, filho; os seus pecados estão perdoados".
  • Confie em Jesus como seu Salvador
II. Receba o bom ânimo da presença de Deus na sua vida (Mt 14.27)
  • Discípulos têm problema com o medo
  • Jesus diz: "Coragem! Sou eu". (Em grego a raiz é a mesma de Mateus 14.27, *tharseo)*
  • Obedeça a Jesus como seu Senhor
III. Receba o bom ânimo da vitória de Deus na sua vida (Jo 16.33)
  • Apóstolos têm um problema com o desespero
  • Jesus diz: "Tenham ânimo! Eu venci o mundo"
  • Vá, fale da vitória de Jesus

No ministerio pastoral, a pregação temática sobre temas teológicos é inevitável e, se feita expositivamente, inestimável.

Capítulo 117

EXTRAINDO O MÁXIMO DOS PARADOXOS BÍBLICOS

Eles oferecem uma alternativa refrescante e mais profunda aos sermões do "como fazer"

Richard P. Hansen

Cari Sandburg entendeu bem a condição humana: "Há uma águia dentro de mim que quer voar e há um hipopótamo dentro de mim que quer se revolver na lama". Isso é um paradoxo — declarações aparentemente contraditórias que, entretanto, são verdadeiras. Recentemente, o paradoxo tem se tornado mais importante na pregação.

Uma nova freqüentadora do culto veio falar comigo. Crente, ela compartilhou vulneravelmente um pouco da lama na qual ela estava atolada naquele momento. Então ela deixou escapar: "Eu fiquei tão frustrada com a igreja que freqüentava. Tudo era uma questão de cinco passos básicos! Precisava ouvir algo mais do que respostas rapidinhas". Estou encontrando mais e mais pessoas que admitem que a dieta constante da pregação do "como fazer" as tem deixado espiritualmente anêmicas.

Qual é a alternativa? Para aqueles que não se sentem ajudados pelos "três passos básicos", uma alternativa melhor é pregar o poder do paradoxo.

O paradoxo é um território selvagem no qual a maioria dos pastores vive e trabalha.

- Vemos coisas invisíveis.
- Conquistamos ao fazer concessões.
- Encontramos descanso no jugo.
- Reinamos ao servir.
- Ficamos grandes ao nos tornarmos pequenos.
- Somos exaltados quando somos humildes.
- Tornamo-nos sábios ao sermos loucos pela causa de Cristo.
- Tornamo-nos livres ao nos tornarmos escravos.
- Ganhamos forças quando somos fracos.
- Triunfamos através da derrota.
- Encontramos a vitória ao nos gloriarmos em nossas fraquezas.
- Vivemos ao morrer.

Com o passar do tempo, a maioria dos pastores limpa a terra, constrói uma fazenda e tenta domesticar essa selva paradoxal. Dizem-nos que somos vendedores em uma rua de comércio espiritual entupida de concorrentes. As pessoas param

apenas um pouco antes de seguir para a loja seguinte; então precisamos agarrá-los com títulos cativantes no estilo "como fazer". As pessoas estão procurando respostas que façam diferença em sua vida — para ontem. Então precisamos ir ao encontro das necessidades conscientes rapidamente, ir direto ao ponto, oferecer "princípios espirituais" e "ferramentas práticas" que se encaixem imediatamente nas expectativas pragmáticas das pessoas.

Alguém ainda está prestando atenção na observação do Barão Von Hugel: "Quanto mais nos aprofundamos na realidade, mais numerosas serão as perguntas que não conseguiremos responder"? Ao se dirigir à pessoa que pergunta: "Como é que o cristianismo vai melhorar a minha vida?", C. S. Lewis responde.

> Sinceramente, acho difícil simpatizar com esse estado de espírito. Uma das coisas que distingue o homem de outros animais é que ele quer saber coisas, quer descobrir como é a realidade, simplesmente por querer saber. Quando esse desejo é completamente saciado em alguém, acho que ele se tornou algo menos do que humano.
>
> Pregadores tolos, por sempre dizerem a você como o cristianismo vai ajudar você e quão bom ele é para a sociedade, na verdade levaram você a esquecer que o cristianismo não é um remédio patenteado. Se o cristianismo for falso, então nenhum homem honesto vai querer acreditar nele, não importa o quanto ele for útil; se ele for verdadeiro, todo homem honesto vai querer acreditar nele, mesmo que ele não ofereça ajuda alguma.

Levantar perguntas que talvez não tenham respostas fáceis — deixar a segurança da fazenda para se aventurar profundamente na selva da vida, além das linhas visíveis da razão e entrar no mistério de Deus — poderia parecer um beijo de morte para os clientes que simpatizavam com sua loja. Que pregador(a) em seu perfeito juízo levantará perguntas espinhosas quando as pessoas já têm tantos calos em suas selas?

E, no entanto, quando respostas rapidinhas não satisfazem mais, o paradoxo, paradoxalmente, pode alcançar as profundezas da alma.

O que fazer com o paradoxo?

C. S. Lewis prossegue para distinguir dois tipos de leitores. Um leitor recebe de livros, enquanto outro faz coisas com livros. Sobre os motivos mal-orientados do segundo leitor, Lewis escreve: "Estamos tão ocupados fazendo coisas com a obra que não damos muita oportunidade para ela trabalhar em nós. Conseqüentemente, cada vez mais estamos encontrando somente a nós mesmos".

Essa é a tentação do pregador contemporâneo. Estamos tão ocupados fazendo coisas com as Escrituras (principalmente coisas que se dirigem à necessidade do momento), que as Escrituras têm poucas oportunidades de trabalhar em nós. Nós vamos às Escrituras sincera e fielmente, mas, mesmo assim, cada vez mais deixamos de ter um encontro com Deus, apenas satisfazendo nosso querer do momento.

E as verdades das Escrituras que não vêm em pedacinhos do tamanho da colher e facilmente digeríveis? E as verdades que precisam ser roídas? Achamos difícil fazer coisas com o paradoxo. No entanto, o paradoxo é com freqüência uma janela para o mistério mais profundo de Deus.

O racionalismo do Iluminismo não era amigo do paradoxo, mas o apetite pós-moderno para o mistério é insaciável. As pessoas passam horas por dia em terminais de computador, visitam seu terapeuta aromático para se purificar no caminho para casa e então lêem *A profecia celestina* à luz de velas.

Será que percebemos que nós cristãos estamos sentados no veio principal de todo o mistério? Um Deus que é inteiramente Outro e que, ainda assim, revela-se graciosamente aos seres humanos por intermédio de Jesus Cristo é o mistério sem Tgual do universo! Como estamos convidando pessoas contemporâneas a tocar o Mistério dele, mesmo ao apresentarmos Deus como a solução para as suas necessidades conscientes?

Explorar os territorios selvagens do paradoxo nos ajuda a ver Deus muito menos como nosso mapa personalizado da vida (com os perigos bem sinalizados), e muito mais como um propósito da jornada. Ao caminhar longamente por essas regiões identifiquei três tipos distintos de paradoxos bíblicos que abrem portas para o mistério de Deus.

O paradoxo recompõe a questão

Você alguma vez percebeu que a pregação de Jesus não possui a direção retilínea do tópico por tópico "preencha as lacunas" que é tão popular hoje em dia? Jesus geralmente era intencionalmente paradoxal. Seus sermões com finais em aberto mandavam ouvintes para casa coçando sua cabeça, com pontas perdidas dependuradas para eles as conectarem. (Quanto tempo a maioria dos pregadores modernos duraria se nossos líderes-chave regularmente perguntassem, como fizeram os discípulos: "Conte-nos o que você está tentando dizer hoje?").

O uso que Jesus fez de paradoxos nos chacoalha até os ombros ao vermos coisas familiares de uma perspectiva renovada. Esse tipo de paradoxo, como uma boa moldura, não chama atenção para si mesmo, mas foca sua atenção na magnificência do quadro.

Quando Jesus diz: "Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará" (Mc 8.35), nossa atenção é rapidamente afastada do paradoxo em si, porque ele reformula tudo o que nós alguma vez imaginamos em relação a minimizar o risco das nossas apostas, agir ponderadamente, ser cauteloso — em suma, em "salvar" nossa vida. Olhamos por essa nova janela em que perder se torna salvar. Quais atitudes "salvadoras estariam retardando meu crescimento espiritual? O que preciso perder pela causa de Jesus?

Tal uso do paradoxo nos estimula a fazer perguntas a nós mesmos. Ele revela e ao mesmo tempo esconde, ele afirma e ao mesmo tempo nos convida para uma

reflexão. "Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos" não somente afirma uma verdade, mas me leva a perguntar: "Ando pensando e agindo de forma que me torne o "último" ou o "primeiro"?

Se tentamos explicar demais o paradoxo, ele perde seu valor heurístico. Aplicações rapidinhas do tipo: "Vá para casa esse fim-de-semana e...", são insuficientes ao lidar com o uso de Jesus do paradoxo, que é transformador em grande parte porque age abaixo da superfície.

Um paradoxo reformulador pode ser pregado efetivamente através de uma história — não ilustrações de histórias que são penduradas como cabides em um esboço dedutivo, mas uma história que consista na parte principal do sermão. Os sermões narrativos distanciam a pregação da análise e a aproximam da experiência.

As histórias nos atraem. Deixamos o julgamento de lado e ficamos mais abertos para mudanças. Mudamos de observadores desinteressados para participantes comprometidos. A história cria um papel para nós e nós o provamos para ver se cabe. Principalmente quando deixados com um fim inacabado, como eram muitas das histórias de Jesus, os sermões narrativos oferecem a oportunidade aos ouvintes de se colocar na história e criar seu "próprio" final. Em vez de ficarem sentados para avaliar a verdade que está sendo dita pelo pregador, os ouvintes descobrem a verdade por si mesmos.

Em um sermão que abrange o paradoxo da fé e das obras, criei uma história da extensão de um sermão sobre uma mulher em um avião seqüestrado que precisa decidir se ela se identificará como cristã ao ouvir que os passageiros que não se dizem cristãos podem sair do avião. A tensão aumenta à medida que os terroristas se aproximam do seu assento, forçando cada passageiro a passar por um grotesco ritual de negação ao cuspir em uma figura de Jesus antes de serem liberados com segurança.

Em sua mente, o debate continua — quanta ação/esforço/compromisso exige a fé? — até que o seqüestrador finalmente chega para grudar a face de Jesus toda cuspida no rosto dela e vocifera: "E quanto a você?". Silenciosamente, perguntei à congregação: "E quanto a mim? E quanto a você?", e me sentei. Cada um foi forçado a enfrentar o preço da fé e acrescentar o seu próprio final.

O paradoxo que harmoniza

Pense em um diapasão. Ele produz o tom correto através de duas pontas de metal que vibram juntas. Abafe o som de uma das pontas, nem que seja só um pouco, e o tom desaparece. Nenhuma das pontas produz individualmente o tom puro, doce. Somente quando as duas pontas vibram é que o tom correto é ouvido.

Como um diapasão, paradoxos harmoniosos declaram sua verdade quando ambos os lados do paradoxo vibram em uníssono. Isso requer cuidado e honestidade. Diferente do diapasão, que é moldado por um processo mecânico altamente controlado, os paradoxos das Escrituras precisam ser moldados pelas palavras

de pregadores altamente subjetivos. Então apesar da nossa inclinação em direção a uma ponta ou a outra, nenhum lado do paradoxo deveria ser manejado de modo inábil, nem mesmo um pouco.

O paradoxo da divina soberania/responsabilidade humana apresenta um excelente exemplo de uma tensão finamente sintonizada. A minha salvação é a eleição de Deus ou é a minha livre resposta à mensagem do evangelho? A escolha de Deus por mim nega a minha escolha por Deus? Será que duas escolhas (minha e de Deus) podem coexistir sem que uma determine inevitavelmente a outra?

Jó e seus amigos não enfrentam a tensão soberania/responsabilidade como um debate teológico abstrato, mas como um doloroso dilema de carne e sangue. Jó perdeu tudo. Quem é responsável: Jó ou Deus? Como é que Jó pode aceitar que Deus é tanto todo-poderoso quanto perfeitamente bom? Será que Deus está transcendentalmente distante da dor de Jó ou de alguma forma envolvido pessoalmente?

Jó mantém as duas pontas vibrando: Deus é tanto o todo-poderoso transcendental quanto aquele que está pessoalmente envolvido. De fato, recusar-se a abafar qualquer uma das pontas é o que permite a Jó argumentar com Deus. Quem poderia argumentar com o insensível Deus dos deístas?

No final, Jó percebe que nenhuma solução simples é possível. O paradoxo abre a porta para um Deus misterioso e insondável. "Certo é que falei de coisas que eu não entendia, coisas tão maravilhosas que não poderia saber" (Jó 42.3). Assim, viver nesse paradoxo esclareceu para Jó se sua fé estava em Deus ou naquilo que ele sabia sobre Deus. No fim, é significativo que Jó não clama: "Eu entendi!", mas: "Por isso menosprezo a mim mesmo e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42.6).

Algo parecido aconteceu com uma mulher da nossa igreja que perdeu seu marido de meia-idade tragicamente. Ela começou o processo do luto questionando muitas das verdades eternas que ela achava que sabia sobre Deus. Com o passar do tempo, essas perguntas não apenas não foram respondidas, como se mostraram secundárias. Como Jó, ela percebeu que sua fé poderia somente encontrar abrigo em Deus, não em compreender Deus. O mistério revela, mesmo enquanto obscurece. Ela veio a entender melhor a Deus ao sujeitar-se ao mistério de Deus.

Algo similar aconteceu com Jó. No fim da sua luta com Deus, Jó admitiu que Deus é insondável mas também (paradoxalmente) revela que ele conhece a Deus melhor do que conhecia antes: "Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram" (Jó 42.5).

O debate intelectual ou as circunstâncias pessoais parecidas com as de Jó podem devastar fiéis que nunca exploraram a selva que se estende além das respostas de cinco passos fáceis. A exposição regular ao paradoxo desafia cristãos a trocar a fé sobre o que sabem de Deus pela fé em Deus logo no início, em um Deus confiável embora com freqüência insondável. Que alívio perceber que ambas as pontas do diapasão são necessárias para que o reconhecido e indefinível tom da verdade seja ouvido!

O monstro de duas cabeças da Vila Sésamo usa exatamente a mesma estratégia para ensinar as pronúncias fonéticas para as crianças. Uma cabeça do monstro diz: "Car..."; e a outra diz: "...ro". Cada cabeça pronuncia sua sílaba com tempos de intervalo cada vez mais curtos até que os dois sons se encontrem e formem uma nova palavra: "Car.....ro", "Car...ro, "Carro!". Os sermões que usam esse método seguem um caminho indutivo: primeiro, ao mostrar a insuficiência de qualquer um dos lados do paradoxo por si mesmo e, depois, ao introduzir um novo tom que esses lados podem produzir ao serem justapostos.

Por exemplo, em um sermão sobre Deus ser perfeitamente justo, mas ainda assim perfeitamente amável, fazia a atenção dos ouvintes saltar e voltar entre os dois lados da descrição do Sr. Castor de Aslan em "As crônicas de Nárnia": "Ele não é seguro... mas ele é bom". Assim como "car....ro", o juízo e o amor se encontraram ao findar do sermão de modo que pessoas talvez nem tivessem ouvido no começo.

O paradoxo que tem duas alavancas

Enquanto a tensão do paradoxo harmonioso atrai os opostos para complementarem um ao outro, um terceiro tipo de paradoxo, o "paradoxo de duas alavancas", constantemente distancia os pólos um do outro.

G. K. Chesterton viu que a ortodoxia precisa exaltar dois extremos: "Ela os tem mantido lado a lado como duas cores fortes, vermelho e branco, assim como o vermelho e o branco no escudo de São Jorge. Ela sempre teve uma aversão sadia pelo rosa. Ela detesta aquela combinação de duas corres que é o meio indistinto dos filósofos. Ela odeia a evolução do preto para o branco que é equivalente ao cinza sujo".

Com freqüência, observava meu avô cavando buracos para postes em sua fazenda com um escavador antiquado. Ao girar aquele gigantesco saca-rolhas, o fazendeiro precisava da força e do equilíbrio para puxar uma alavanca enquanto empurrava a outra. Sob suas mãos habilidosas, cada meia puxada/soltada fazia com que o escavador perfurasse com mais profundidade o solo duro do Nebraska.

Nada é mais inútil do que um escavador com uma só alavanca! O melhor efeito é alcançado quando você posiciona suas mãos bem nas extremidades das alavancas. Escorregue suas mãos para o meio e o escavador se torna proporcionalmente menos eficaz. Da mesma forma, não estamos fazendo nenhum favor a nós mesmos ao apararmos as extremidades opostas de um paradoxo de duas alavancas — por exemplo, a transcendência e a imanência de Deus, distinto do mundo e ainda assim ativamente engajado com o.mundo Tanto o Deus transcendental e ao mesmo tempo, um relojoeiro desinteressado dos deístas do século XVIII quanto o Deus imánente e panteísta da Nova Era engolido pelo mundo natural constituem apenas uma alavanca.

A maior heresia da história cristã foi cortar as alavancas do paradoxo: Deus não totalmente três ou completamente um, e Jesus Cristo não totalmente divino

ou completamente humano. Tanto na Trindade quanto na Encarnação, o perigo da teologia sempre foi a junção de opostos em um cinza sujo.

Tipos de paradoxo

	Recomposição	Harmonioso	De duas alavancas
Símbolo visual	A moldura do quadro: ela "emoldura" a realidade ao olharmos para ela	O diapasão: as duas pontas vibram juntas e criam um novo tom	O escavador: funciona melhor quando as mãos estão bem afastadas e em alavancas opostas
Tensão característica	Assusta-nos, mas em última instância despersa	Une os pólos	Mantém os pólos separados
Exemplos representativos	Fé *versus* obras Juiz *versus* não-juiz (exemplo: Mt 13.24ss.) Grandes inversões (exemplo: Mt 20.1-16, 25.29, Mc 9.35)	Vida eterna: as aquisições presentes *versus* herança futura Predestinação *versus* livre arbitrio	Jesus: Deus e ainda assim humano Deus: transcendental e ainda assim imánente Deus: três e ainda assim um Humanidade: pecaminosa e ainda assim à imagem de Deus
Abre a porta para:	Os mistérios da vida no reino de Deus	Os mistérios de relacionamentos: as ações e os propósitos de Deus	Os mistérios da existência: a nossa e a de Deus
Estratégias para a pregação	Narrativas/histórias Brincadeiras Deixar que os ouvintes conectem os pontos	Desembrulhar "dilemas em aberto" A variação que vai e volta ("Car...ro")	Enfatizar contrastes entre pólos opostos
Riscos a serem evitados	Esforçar-se demais para fazer os ouvintes "pegarem a coisa"	Enfatizar um pólo mais do que o outro perturba seu equilíbrio delicado	Permitir que o preto e o branco se misturem no "cinza sujo"

Como é que o preto e o branco do paradoxo de duas alavancas podem ser proclamados em sua clareza total, levando-nos ao espanto e ao silêncio para a presença do mistério divino? Ambos os lados do paradoxo precisam ser mantidos em toda a sua distinção contrária. Nenhum rosa deve se intrometer no vermelho resoluto da cruz de São Jorge. Facetas diferentes de um dos lados do paradoxo são contrabalanceadas por facetas opostas no outro lado. Cada puxão de uma alavanca é equilibrado por um empurrão na outra. Esse ir e vir acrescenta movimento **e** mantém o interesse.

Uma abordagem que usei é a estratégia "Paul Harvey". A primeira metade dc sermão argumenta somente sobre um lado do paradoxo. Ouvintes astutos começam a se perguntar: "Isso não está certo. E quanto ao outro lado?". Então "o resto da história" apresenta o lado contrário igualmente detalhado.

Também usei personagens imaginários para representar alavancas opostas do paradoxo, apoiando diferentes personagens em pontos de vista contrários. Por exemplo, em um sermão fiz os dois papéis defendendo as perspectivas opostas: "Jesus é humano" e "Jesus é Deus". Os dois personagens começaram sua conversa lado a lado, então gradativamente comecei a caminhar em sentidos opostos quando começou a se tornar cada vez mais evidente que, para que toda a verdade fosse ouvida, cada posição precisava manter sua identidade distinta.

Enquanto apresentei evidências para cada ponto de vista, eles foram gradativamente se separando até que estava me movendo quinze metros para um lado e quinze para o outro na capela, enquanto fazia cada papel.

Maior do que imaginamos

Em uma era pragmática, que insiste em encontrar o caminho mais rápido para o que funciona melhor, nós, os pregadores, não encontramos muito o que fazer com o paradoxo. Mesmo assim, como as pedras raras encontradas no fundo do poço do minerador, continuamos encontrando paradoxos bíblicos, sentindo-os em nossas mãos, ponderando seus segredos.

O paradoxo nos chama para o mistério e nos propõe um lembrete proveitoso de que Deus é infinitamente maior do que nossos conceitos sobre Deus.

Capítulo 118

EXTRAINDO O MÁXIMO DA SÉRIE DE SERMÕES

Como tirar máximo proveito dos tão importantes pontos positivos das pregações em série

Craig Brian Larson

Recentemente decidi consertar um vazamento do porão, e um construtor veio para fazer um orçamento. Querendo remover um pouco do apainelamento na parede, ele perguntou: "Você tem um pé-de-cabra?". Consegui arranjar dois: uma pequena alavanca com quase 15 centímetros de comprimento e um super pé-de-cabra. O empreiteiro agarrou o pé-de-cabra grande e conseguiu remover o apainelamento em alguns minutos.

O construtor escolheu a ferramenta com maior força mecânica. Da mesma forma, muitos pastores, buscando obter maior influência, escolhem pregar principalmente em uma série.

Mas talvez não estejamos usando todo o poder intrínseco desse formato. Quando entendemos como uma série se diferencia de um sermão isolado, podemos obter vantagens ilimitadas dos singulares pontos positivos que uma série dispõe. Aqui estão seis diferenças, junto com sugestões sobre como tirar proveito delas.

Desenvolvimento profundo

Quanto mais uma idéia for desenvolvida, maior é o seu impacto. Se pregar um sermão de 30 segundos — lendo João 3.16, dizendo: "Deus ama tanto você que ele enviou Jesus para morrer por seus pecados. Creia em Jesus e você será salvo", e então me sento no meu lugar — terá menos efeito (em condições iguais) que se pregar um sermão de 30 minutos no qual explico por que Deus teve de enviar seu Filho, ilustrá-lo com histórias que evidenciam a pecaminosidade humana, dar exemplos dos evangelhos em que pessoas se voltam a Jesus pela fé e assim por diante. Enquanto há movimento, não redundância, mais desenvolvimento significa mais poder.

As séries oferecem muito mais tempo para o desenvolvimento; uma série de quatro partes nos dá várias horas. Podemos explicar mais princípios, cavar mais fundo teológicamente, responder a mais objeções, detalhar imagens com mais detalhes, oferecer mais exemplos, contar histórias mais compridas, abranger toda a extensão das aplicações (quem, o que, onde e como) e expor mais Escrituras. Em vez de uma apresentação teatral ou um testemunho para fortalecer o tema em questão, pode haver muitos. Podemos pregar sermões expositivos seqüenciais através de livros da Bíblia. Tal amplitude, profundidade e foco estarão muito mais propensos a transformar vidas.

Para aproveitar o poder do desenvolvimento profundo:

- Planeje uma série com o quadro geral em mente. Em muitos casos, podemos pensar sobre a série inteira como um grande único sermão, que possui um assunto principal *e* uma grande idéia que precisa ser desenvolvida. Nessa perspectiva do mega-sermão, o sermão de cada semana é como um assunto principal desenvolvendo aquela grande idéia.
- Pergunte-se: qual é o principal propósito da série? De quais textos bíblicos preciso falar? Quando a série terminar, o que quero que as pessoas saibam, façam e sintam? Quais objeções terei de responder? Em que momento na série lidarei com esses aspectos diversos?

Uma série não é constituída de quatro sermões agrupados de modo superficial relacionados a um tópico genérico (uma série ampla), mas, ao contrário, quatro sermões trabalhando juntos para alcançar um alvo (uma série profunda).

Embalo

Uma série que pega embalo pode ser um marco na vida da igreja. Recentemente, preguei a respeito de Gálatas, e a meio caminho da pregação, durante o culto, um homem orou assim: "Senhor, obrigado por levar seu pastor a pregar sobre Gálatas. O Senhor falou conosco através desse livro. Continue conduzindo-o enquanto ele planeja sua pregação no futuro". Outra mulher me disse: "Não se esqueça de gravar essas pregações". Outros me pediram para enviar meu esboço do sermão por *e-mail* e ainda outra mulher veio até mim após o culto e pediu pelas

anotações que tinha no papel. Essa série coincidiu com um senso renovado de Deus trabalhando em nossa igreja, acrescentando novas pessoas e trazendo pessoas de volta que por muito tempo estavam afastadas. Deus nos deu um embalo espiritual que não estava lá quando a série começou.

Em inglês, nos esportes isso é chamado de o "Big Mo" (Mo, redução de "momentum" = embalo) e pode durar uma temporada inteira. O embalo em um sermão é tão poderoso quanto nos esportes. As pessoas ficam curiosas e animadas. Elas aprendem coisas novas que mudam sua vida para sempre. Elas se posicionam e contam como Deus está trabalhando. Elas convidam outros.

A série adquire embalo por causa da conexão. O que acontece hoje é ligado ao que aconteceu semana passada e ao que acontecerá na semana seguinte. Uma série se assemelha a um pêndulo gigante, ainda girando por causa da energia espiritual aplicada antes, acelerando mais por causa da energia empregada hoje.

A série possui muito mais potencial do que um sermão isolado em aumentar a freqüência dos membros e a fluência dos visitantes. Após o primeiro sermão, os ouvintes sabem o que esperar dos sermões futuros, e, se eles forem encorajados, eles são motivados a comparecer aos cultos e convidar outros.

Uma razão pela qual as pessoas gostam da série é porque ela dá um sentimento de domínio sobre um assunto. Cristãos sérios não querem ser aprendizes superficiais. Pessoas cheias do Espírito anseiam aprender e entender.

Para tirar o maior proveito do poder do embalo:

- Empenhe-se em encontrar títulos à altura e divulgue-os com um bom tempo de antecedência. Use títulos que prometam alguma coisa, agitem a curiosidade, criem tensão. Não desfaça toda a tensão nem responda a todas as perguntas antes do último sermão.
- A medida que você responde às perguntas em um sermão, levante novas perguntas ao dizer coisas como: "Observe que isso e isso é verdade, mas e quanto a isso e isso? Falaremos disso na semana que vem". A mídia chama isso de "provocadores", e eles são extremamente eficazes. Planeje a série antes de começar para que você possa usar os provocadores de maneira eficaz.
- Durante o progresso de uma série, trabalhe com um padrão de crescendo e não de decrescendo. Minha tendência é expor meu melhor material logo no começo e tornar o primeiro sermão o ápice, mas aí os sermões seguintes simplesmente deixam a poeira baixar. Em vez disso, como um romancista escrevendo um mistério, deveríamos planejar qual tensão será mantida e resolvida em quais pontos da série.
- Diga às pessoas quem se beneficiaria dos próximos sermões. "Se você conhece alguém com um vício, deverá trazer essa pessoa nas próximas duas semanas". E, com receio de deixar passar o óbvio, fale às pessoas para que convidem seus amigos. "Deus tem ajudado você por intermédio desta série? Quem você conhece que precisa da mesma coisa?".
- Ore. O Espírito de Deus é o recurso fundamental do embalo do reino.

Pesquisa extensa

Ao estudarmos para uma série que dura quatro sermões ou mais, já acrescentamos tempo, razão e motivação para pesquisar nosso assunto por completo. Sabemos que nosso trabalho preparatório renderá dividendos mais altos.

Ao pregar sobre um livro como Gênesis ou Apocalipse, uma pesquisa extensa é essencial. Precisamos tomar decisões sobre como interpretar textos do livro já no começo, pois não queremos ter de dar meia-volta no capítulo 20.

David Jackman, um líder da Proclamation Trust, na Inglaterra, diz que quando ele escolhe um livro para expor, começa a lê-lo de maneira devocional e concentra sua leitura adicional em comentários relacionados ao livro. Esse processo começa seis meses ou mais antes de ele começar a pregar sobre o livro.

Bill Hybels diz que quando tira o seu mês de estudos no verão, leva junto uma pilha de livros sobre assuntos que sabe que pregará no ano seguinte. Ele escolhe histórias, estatísticas e princípios.

Para tirar total proveito da pesquisa extensa:

- Estabeleça limites na sua preparação.
- Planeje deixar várias semanas ou meses entre decidir sobre o assunto de uma série e efetivamente começá-la (alguns pregadores planejam o calendário da pregação com seis meses a um ano de antecedência). Isso geralmente significa que pesquisaremos sobre séries futuras ao mesmo tempo em que estamos terminando de estudar para uma série atual.
- Planeje suas pesquisas. Uma vez que você escolher uma série, liste os artigos que precisam ser lidos sobre o assunto. Para prevenir a procrastinação, estabeleça datas para concluir essas leituras.

Reação planejada

Muitas pessoas não reagem a um apelo significativo que conclama à ação em um primeiro momento. Lembro-me que um estudo disse que o cristão comum ouvia o evangelho em torno de sete vezes antes de responder. Instigar pessoas no fim de um sermão para orar mais pode não requerer muita deliberação, e as pessoas talvez reajam à primeira solicitação. Mas pedir a pessoas para se inscreverem para uma viagem de missões ao Haiti ou jejuar e orar por vizinhos perdidos é uma outra questão.

A pregação em série nos capacita a preparar pessoas completamente para um: resposta significativa. No primeiro sermão, podemos divulgar o comprometimento específico que procuramos durante a série. Por exemplo, uma igreja que conheço possui uma série de três semanas sobre mordomia todo ano, e o pastor, logo no início, pede para que todo membro da igreja, além dos membros que já são comprometidos, dê uma porcentagem da sua renda para a igreja para que aquela porcentagem aumente.

Depois que divulgamos uma reação desejada, podemos estabelecer com cuidado o fundamento e fazer nosso apelo à ação na hora propícia.

Não obstante, podemos sentir que declarando a aplicação desejada com franqueza afasta as pessoas do restante da série. Nesse caso, podemos preparar o solo e, depois, perto do final daquela série, plantar a reação que queremos que os ouvintes considerem nas semanas restantes.

Para tirar proveito das respostas relevantes que uma série torna possível:

- Peça uma resposta incomum, não trivial.
- Apele para algo específico, concreto e grande.
- Desafie pessoas. Se o tópico for familiar, como a leitura da Bíblia, desafie os ouvintes a participarem de um programa de leitura que abranja a igreja e tenha como alvo tratar tantos capítulos por dia, que avalie o progresso e use um sistema companheiro de leitura e assim por diante. A série sugere que o assunto é importante e por isso uma reação pequena e mesquinha é um anticlímax que pode banalizar o que aconteceu antes.
- Planeje a aplicação de modo tão sério e profundo como o restante do conteúdo.
- Organize o conteúdo de acordo com a reação que se quer em mente. Saiba antes que comece a série qual reação você apresenta em cada sermão.

A repetição ao longo do tempo

Por cinco semanas preguei uma série sobre andar no Espírito e tive um objetivo bem abrangente: ajudar as pessoas a aprender a prestar atenção no Espírito Santo todos os dias. Um sermão isolado poderia ter inspirado alguns a tentar isso na semana seguinte, mas a maioria das pessoas provavelmente teria logo mudado seu foco por causa da aplicação diferente do sermão da semana seguinte, do tópico diferente do programa seguinte de uma rádio cristã ou da leitura devocional, ou das exigências da vida atropelando-os.

Mas, nessa série, repeti meu objetivo toda semana, e, à medida que a série ia progredindo, percebi o poder da repetição ao longo do tempo. Alguém que não prestava atenção no primeiro domingo prestava no segundo. Baseado em conversas que tive, descobri que aqueles que tentaram prestar atenção no Espírito Santo cresceram em foco e aprenderam com a própria experiência. Alguns estabeleceram hábitos refletidos e novos ao passo que, durante 35 dias, eles se voltaram sempre de novo ao Espírito.

O autor Stephen Covey diz assim: "Para estabelecer um bom hábito são necessários em média 21 dias". Outro autor diz: "Uma mudança positiva duradoura geralmente leva entre 30 e 90 dias". Quando ensino algo semana após semana, é mais fácil meu povo aplicá-lo dia após dia, e os hábitos surgem com mais probabilidade na continuação depois do término da série. A repetição ao

longo do tempo é uma das maiores chaves de fenda na caixa de ferramentas da série.

Para tirar total vantagem da repetição ao longo do tempo:

- Torne a principal aplicação algo visual com uma foto, ilustração ou lição através de um objeto a que você fará referência a durante a série. Em minha série sobre andar no Espírito, pedi a um homem que andasse comigo pelo corredor duas vezes. Uma vez desviei o olhar dele enquanto nós andávamos e como resultado nós não andamos de forma sincronizada. Na segunda vez observei seus pés e marchei em cadência com ele. O meu ponto é: para poder andar passo a passo com o Espírito preciso prestar atenção no Espírito, encenei aquela lição de maneira propositada em dois sermões. Ao passo que a série evoluía, perguntei: "Vocês lembram quando atravessei o recinto com Sam? Qual era o objetivo disso?". As pessoas responderam imediatamente.
- Escreva declarações memoráveis e cativantes que sumarizem a aplicação principal da série.
- Prepare-se o suficiente antes de começar a série para saber qual idéia e aplicação serão o centro das atenções.

Alcance geral

A grande frustração de pregar sermões isolados é que em qualquer domingo podem faltar 25% a 50% da congregação. Pregamos um sermão que "todo mundo precisa ouvir", e esse "todo mundo" — principalmente aqueles que mais precisam — não está lá. A pregação em série garante que uma maior porcentagem da igreja ouça o tema da série.

Em uma série sobre o livro de Gálatas, a idéia principal era que o cumprimento humano das leis morais não pode nos tornar aceitáveis para Deus; isso ocorre somente mediante a fé em Cristo. Fiz essa declaração de alguma forma em praticamente todo sermão. Após vários meses de sermões sobre Gálatas, mesmo os freqüentadores ocasionais assimilaram muito bem esse princípio.

Para tirar total vantagem do poder do alcance geral:

- Para cada mensagem, suponha que esse é o único sermão na série que alguns ouvirão.
- Encontre maneiras para expor a idéia central da série em cada sermão.

Uma série de sermões poderosa é mais do que quatro sermões com um tema em comum, é mais do que a soma de suas partes. Uma série poderosa é um time de sermões que trabalham juntos. Tire vantagem da sinergia da série e, desse modo, pode multiplicar o poder do sermão.

Capítulo 119

AS TENDÊNCIAS NAS SÉRIES DE SERMÕES

Como elas estão mudando para se manter atualizadas nos dias atuais

F. Bryan Wilkerson

Em uma entrevista recente na revista *New York Times,* três executivos da TV se lamentavam sobre a pressão de inventar um seriado ou série dramática nova do tipo arrasa-quarteirão. Uma série bem-sucedida não somente prende a atenção de uma grande platéia durante aquela janela no horário, mas serve como um programa-âncora que segura os espectadores pela noite inteira e posiciona a rede de televisão no mercado. Nas palavras de um desses especialistas da mídia: "Todo mundo está esperando a próxima série tipo *Friends*" (ou seja, "Amigos", nome do seriado americano de comédia que marcou os Estados Unidos na década de 1990, se estendendo até meados de 2004 e sendo transmitido em diversos países do mundo, inclusive no Brasil).

Os pastores que pregam conhecem essa dor. Estamos sempre em busca da próxima série de sermões. Para mim, a pergunta mais importuna na pregação não é: "Como vou pregar este texto?", mas: "Sobre o que vou pregar a seguir?". Assim como aqueles executivos, sabemos que uma série de sermões eficaz não somente capta a atenção dos ouvintes durante 30 minutos por semana, mas inspira a vida em outros ministérios e molda a cultura da igreja.

A pregação em série não é uma idéia nova. Cresci debaixo de um pastor que rotineiramente pregava sobre livros inteiros da Bíblia ou tópicos relevantes e segui seu exemplo desde meus primeiros dias de pregação. Mas durante os últimos vinte anos preparando os calendarios de pregações, discerni diversas mudanças em minha abordagem à pregação em série.

Mais curta

A extensão de uma série de sermões típica tem ficado progressivamente mais curta. Há quarenta anos era comum passar vários meses ou um ano inteiro em um livro em particular da Bíblia.

Quando, no início, comecei a pregar, concentrei-me em três a quatro séries mais importantes para o ano, permitindo um espaço flexível para feriados e uma mensagem sobre mordomia. Uma série naquela época tinha a duração aproximada de um trimestre escolar: mais ou menos doze semanas. Mas em algum lugar no meio do caminho, a extensão da atenção coletiva dos Estados Unidos encurtou, e doze semanas pareceram tempo demais para falar sobre qualquer coisa.

O ritmo da vida continua ficando mais rápido, o *déficit* de atenção cultural aumenta, e as coisas mudam mais rápido e de modo mais imprevisível do que

nunca. Séries mais curtas nos permitem sermos mais ágeis para responder ao estado de coisas da nação ou às necessidades da congregação. Séries mais curtas também proporcionam pontos de contato freqüentes com uma população transitória e oportunidades múltiplas em um ano ligadas a uma variedade de necessidades percebidas.

Pessoas que estão em busca de algo estão mais propensas a se comprometer com algumas semanas do que uma duração de mais de três meses. A maioria das minhas séries, agora, dura de três a sete semanas. Se quero tratar de um livro inteiro da Bíblia, trabalho com ele de forma temática — extraindo os pontos principais — ou cubro esse livro em duas ou três partes distribuídas em um ano ou dois.

Foco mais preciso

Era comum que um título simples e genérico fosse o suficiente para que prendesse a atenção e desse uma sensação de movimento durante o ano. Títulos de séries como "Os milagres de Jesus", ou "A igreja em ação" (At), ou "Começos" (Gn 1—12) iam muito bem. Às vezes, mergulhava nas séries sem nem sequer ter certeza a que ponto elas me levariam. Nessa era de especialização e consumismo, creio que as pessoas querem saber exatamente o que elas estão levando e por que vale a pena gastar seu tempo nisso.

Embalar as séries com títulos claros e atraentes é mais importante que nunca. Há uma década, fiz uma série vaga sobre o Sermão do Monte, intitulado simplesmente: "Vida no Reino". Dessa vez, a chamei de "A vida que Deus quer para você", e toda semana apresentei aos ouvintes a uma dimensão específica da vida no Reino de Deus. A pregação nos Salmos durante o verão era o suficiente para prender a atenção das pessoas na década de 1980. Em 2001, um estudo parecido se tornou: "Vida real, orações reais".

Pregação mais estratégica

O objetivo de um pastor costumava ser simplesmente oferecer uma apresentação equilibrada entre os livros do Antigo e do Novo Testamento, cobrindo os pontos principais e as doutrinas da vida cristã no curso de um ano. Agora me vejo muito mais intencional na seleção das minhas séries, tendo como alvo projetar a visão, reforçar os valores do ministério e pastorear a congregação estrategicamente durante o ano.

Tipicamente, começo no outono com uma série que estabelece o ritmo e projeta uma visão específica para o ano que está por vir. Uma série de Romanos 12—16, intitulada: "Descobrindo a alegria da comunidade autêntica", dá o tom e a direção para um ano em que a construção da comunidade é um objetivo primordial. Ao desenrolar do ano, faço uma série para cada um dos nossos valores centrais — adoração, comunidade, discipulado e evangelismo — mas aquela primei-

ra série no outono nos dá o embalo em uma direção em particular que nos conduz por todo o ano.

Embora em nossa adoração e pregação tentemos estar sempre atentos às pessoas em busca de solução para sua vida, somos especialmente sensíveis a épocas do ano em que há maior probabilidade de visitantes nos cultos e os nossos membros são mais propensos a trazer amigos, como no Advento e na Páscoa. Em geral prego uma série voltada para os que estão em busca durante três semanas depois da Páscoa, tratando de uma necessidade percebida como: "Fé para a 2ª feira cedo", ou: "Quando a vida foge do controle".

Descobri que, nos meses de verão, as pessoas trazem muitos visitantes — pessoas que estão de mudança para a nossa região ou querem fazer uma mudança na sua vida — então prego sermões pré-evangelísticos no verão, com freqüência tratando dos evangelhos ou dos salmos. Na época antes da Páscoa, prego textos e temas devocionais que estejam adequados à época, sendo especialmente sensível à necessidade dos crentes de nutrirem a sua intimidade com Deus.

Multidimensional

Em anos recentes, descobrimos que, às vezes, uma série de sermões pode ser muito mais do que apenas uma série de sermões. Isto é, as mensagens se tornam um componente dentre muitos outros em uma campanha mais ampla para produzir mudança na vida das pessoas ou da igreja.

A igreja Chapei of the Air foi pioneira desse formato há alguns anos com a Aventura Espiritual dos 50 Dias, em que uma série de oito pregações temáticas era complementada por orientações diárias de leitura, material para grupos pequenos e atividades de aprendizado designadas para personalizar e reforçar as mensagens do púlpito. A idéia é engajar a congregação em vários níveis, apelando a diversos estilos de aprendizado em um período longo o suficiente para permitir que comece uma verdadeira transformação.

Adotamos uma abordagem multidimensional na nossa série desse outono que serviria para dar o tom para o ano. A nossa visão para a Grace Chapei é de nos tornarmos uma "Igreja à qual Você Traz os seus Amigos". Nesse outono, queríamos que os nossos membros desenvolvessem amizades genuínas com incrédulos e orassem por oportunidades para convidá-los para algum evento na igreja. Para atingir isso, planejamos uma campanha para a igreja toda chamada "Pessoas Trazendo Pessoas".

Em parceria com o nosso pastor de evangelismo, desenvolvi uma série de cinco semanas de sermões com base nos evangelhos, ressaltando histórias do que acontecia quando as pessoas levavam outras pessoas a Jesus: André e o seu irmão, os quatro homens que baixaram o seu amigo pela abertura no telhado, Jairo e sua filha (foi apresentado como um monólogo dramático), um grupo de pessoas da cidade que levaram o surdo e mudo a Jesus, e a mulher samaritana que levou os

seus vizinhos. Cada mensagem foi fortalecida pela apresentação de um teatro, uma entrevista ou um testemunho de fé.

Aos cultos de domingo, ainda acrescentamos um guia pessoal de estudo com leituras diárias e passos para a ação. Também preparamos alguns estudos sob medida para alguns grupos pequenos que exploravam os textos pregados e a aplicação com maior profundidade. Uma logomarca da série reforçava a mensagem visualmente no boletim semanal e em pôsteres e banners nas dependências do nosso prédio.

Em um dos domingos, convidamos os membros a escrever, em banners nas paredes do salão de cultos, os nomes das pessoas pelas quais estavam orando, pedindo a Deus por oportunidades para fortalecer essas amizades e para convidá-las para os eventos de evangelismo em algumas semanas. Fizemos marca-páginas que serviam como lembretes de oração.

A série culminou com um domingo especial em que encorajamos os membros a trazer seus amigos para um culto preparado especialmente para lhes apresentar a igreja. Naquele dia, preguei sobre o tema da Verdadeira Amizade, explorando a dimensão espiritual das amizades com base na história de Filipe e Natanael. O que poderia ter sido uma simples série de mensagens se tornou um evento que criou uma cultura por meio do engajamento da igreja toda em uma variedade de atividades de aprendizado.

Quando os executivos de TV estavam concluindo a sua conversa, um deles sugeriu que "a coisa mais difícil de se fazer no *show business* é criar e executar uma série de TV de longa duração de alta qualidade e bem-sucedida". Eles concordaram com a idéia de que a perseguição implacável da grande coisa a seguir era essencial à sua eficiência como líderes e ao sucesso das suas redes. Em certo sentido, sentime assim em relação às séries de sermões.

Capítulo 120

UMA SÉRIE QUE CONVENCE

Uma entrevista com John Ortberg

Como você intitula mensagens individuais e toda a série a fim de conectar com as pessoas?

Em nossa congregação, a titulação é muito importante. A principal coisa de que um título precisa é explicar por que alguém precisa ouvir o assunto do qual se está tratando. Periodicamente, olho a página de religião no jornal para ver mensagens pregadas em várias igrejas. Normalmente, os títulos são jogos de palavras engenhosos que fazem sentido apenas se você conhece o texto, mas a pessoa mediana não teria idéia do que isso significa.

Pregarei uma série sobre o reino de Deus. O título é: "Se Jesus Governasse o Mundo". No aniversário de 11 de Setembro e por outras razões, as pessoas estãc

conscientes de como o mundo está bagunçado. Esse tipo de gancho entre o mundo como ele é e o que ele poderia ser se o reino fosse realizado torna o título interessante. Quando há um gancho em um título, quando há um senso de tensão ou quando você sente como se pudesse haver alguma controvérsia aqui, o título é muito mais interessante do que o insípido e previsível. Você não quer que as pessoas leiam um título e pensem: *Bom, já esperava mesmo que um pregador dissesse esse tipo de coisa.*

Então um título tem que ter um gancho. Ele precisa incitar a curiosidade. Deveria haver também um elemento de promessa aí?

Sim, mas tensão é a questão principal.

Um título também precisa ter clareza, para que as pessoas entendam o conceito. Elas precisam saber sobre o que será a mensagem e sentir que esse é um assunto sobre o qual gostariam de ouvir mais.

Mesmo assim, ele precisa ter um gancho. Se o título é insípido, ele dá a entender que o discurso será previsível e insípido. Por que deveria vir e ouvir isso? Ouvi isso antes. Se você simplesmente disser que falará sobre "Oração", a pessoa mediana já ouviu mensagens sobre oração antes. Não há promessa naquele título que diga que elas aprenderão algo que ainda não saibam.

O gancho para: "Se Jesus Governasse o Mundo", faz as pessoas pensarem: *Mas ele não está governando o mundo? O que devo pensar sobre esse assunto?* Ele o força a pensar sobre o que você pressupõe ser verdade sobre Deus.

Para essa série, usei três ou quatro horas criando títulos. Tive conversas com um grande número de pessoas. Isso levou bastante tempo, mas houve um lucro enorme.

Recentemente, você pregou uma série extensa que era uma visão geral do Novo Testamento. 0 que você aprendeu?

A fome das pessoas de aprender está crescendo. As pessoas querem ter um senso de que estão dominando material novo.

Um desafio que encontrei foi quando você prega histórias mais curtas, há pistas de acesso naturais para dizer às pessoas que não vieram regularmente que uma série nova está começando. Quando você prega uma séria longa, não tem esse tipo de incentivo natural. Você precisa trabalhar com mais empenho para convidar pessoas para vir.

Como você lida com textos extensos?

Aprendi a importância de sumarização eficaz e a necessidade de ser claro sobre o alvo do sermão, de forma que sei quanto tempo conceder a várias partes da história. É semelhante ao que os autores das Escrituras tiveram que fazer quando escreveram história por razões teológicas. Sua agenda teológica conduziu a de-

cisões sobre que material incluir, qual não incluir e a razão para isso. Tive que decidir: quanta informação as pessoas podem tolerar? Quando elas ficam sobrecarregadas?

Estava preparando uma mensagem com base no livro de Juizes, e ali havia fartura de material sobre Sansão. Mas, depois, visto que estava tentando passar todo o Antigo Testamento, queria incluir Rute na mesma mensagem. Como professor e estudante, estava entusiasmado com o farto material ali. Senti essa necessidade de falar sobre tudo aquilo. Mas tive de me esforçar para me lembrar de que se tentasse empacotar demais ali, os ouvintes não captariam isso assim mesmo, porque isso se torna muito diluído para que consigam se lembrar. Com um texto longo, o processo de edição se torna muito mais importante.

Quais as melhores séries e quais as piores que você já pregou?

Algumas das melhores séries são aquelas das quais aprendo e em que posso traduzir essa paixão de aprender para o ensino. Por exemplo, preguei uma série sobre as parábolas e descobri, depois, que tinha havido muito estudo e reflexão sobre o assunto das parábolas desde que tinha me formado no seminário. Estava entusiasmado com o que estava aprendendo e, por conta disso, entusiasmado em poder ensiná-lo.

Outras séries excelentes são aquelas em que existe uma sensação de embalo crescente na congregação. Quando uma série está dando certo, as pessoas vão de uma semana para a outra dizendo: *Preciso voltar na próxima semana porque quero ver em que potito isso vai chegar*. Essas são as melhores.

As piores séries são aquelas em que produzi algo que soou como um conceito ou metáfora inteligente, mas não havia clareza em como isso deveria ser pregado semana após semana. Então fiquei empacado com uma série que não tinha um fluxo lógico.

O que você aprendeu sobre conectar sermões em uma série?

Quando existe um senso de embalo crescente e fluxo, as pessoas se sentem como se tivessem fazendo um bom curso na escola. Se você está fazendo um curso de alemão, no final do curso você deveria sentir que aprendeu alemão, não que ouviu uma série composta por aulas individuais.

Em relação à minha série sobre o reino de Deus, só saberei que ela foi eficaz se no final as pessoas sentirem: *Tenho uma compreensão do reino, e tenho amor por ele, e aprendi corno viver nele. Minha mente mudou de direção. Estou começando a ter pensamentos do reino.* Isso pode acontecer por meio de uma série que dure semanas, algo que não é possível em uma única mensagem.

Capítulos 121

SERMÕES EM FORMA DE NARRATIVA NA PRIMEIRA PESSOA

Como tirar proveito do poder do drama e da atração da história

Torrey Robinson

Qualquer pregador digno do seu salário conhece o desafio de pregar no Natal e na Páscoa. Como acrescentar força especial aos meus sermões nessas datas importantes e dar um pouco de tempero a alguns outros sermões de domingo durante o ano todo?

Ofereço uma sugestão que regularmente funcionou para mim. No Natal, na Páscoa e uma ou duas vezes por ano, levo a minha congregação a abordar a Bíblia por meio de um sermão expositivo em primeira pessoa.

A característica essencial de um sermão em primeira pessoa é que contamos a história da perspectiva de um personagem na história. Por exemplo, a história bíblica de Rute foi escrita de uma perspectiva em terceira pessoa, em que o narrador não identificado fica fora da história enquanto a conta. Para pregar Rute a partir de uma perspectiva em primeira pessoa, você entra na história e a reconta o que aconteceu a partir da perspectiva de Boaz, Rute, Noemi ou qualquer outra testemunha.

Sermões em primeira pessoa são altamente eficazes porque combinam a presença pessoal do drama com o poder da história. Isso torna os sermões em primeira pessoa bem apropriados para comunicar a mensagem das Escrituras a platéias que provavelmente conheçam o *Guia da* TV melhor do que sua Bíblia.

Um sermão em primeira pessoa capta a atenção das pessoas e as mantêm atentas. Entretanto, você, como pregador, ainda assim precisa dizer algo significativo baseado na Palavra de Deus. Mas como? Para demonstrar como pode proceder em relação a preparar um sermão em primeira pessoa, deixe-me mostrar o que fiz para preparar minha mensagem de Páscoa neste ano.

Um sermão em primeira pessoa começa ou com um personagem ou um texto. Uma passagem das Escrituras pode sugerir um indivíduo, ou seu interesse por um personagem pode levar você a um texto. Neste ano, comecei com um personagem. Há muito tempo sou fascinado por Cleopas, um dos dois discípulos que encontraram Jesus na estrada para Emaús. A história suscitou duas perguntas em minha mente: Quem era ele? Onde Emaús se localizava? Como Cleopas e seu companheiro passaram várias horas andando com Jesus sem reconhecê-lo? Essas perguntas me levaram a Lucas 24.13-35.

Depois de selecionar texto e o personagem, é hora de estudo adicional. Um levantamento de várias passagens-chave em que o personagem é mencionado pode revelar uma certa quantia de informação relevante sobre aquela pessoa. Você pode

consultar um manual bíblico, um dicionário bíblico, um comentário bíblico ou até mesmo livros de ficção histórica para aprender mais sobre seu personagem.

Em seu estudo do texto, o objetivo principal é entender do que aquela passagem está falando, sua idéia principal. Em Lucas 24.13-35, descobri a idéia central no outro lado de uma floresta de perguntas. O que impediu Cleopas e seu companheiro de reconhecer Jesus quando ele fez contato com eles na estrada? Visto que Cleopas e seu companheiro haviam esperado que Jesus redimisse a Israel, qual era seu entendimento de redenção? Por que Jesus desapareceu quando eles finalmente o reconheceram? O que é relevante sobre eles reconhecerem Jesus no partilhar do pão?

Determinar o pensamento central de um texto bíblico é muitas vezes o trabalho mais árduo na preparação de um sermão. As passagens narrativas podem tornar esse trabalho especialmente desafiador porque raramente o narrador expressa sua idéia diretamente. Independentemente do grau de dificuldade que isso proporciona, é essencial determinar o foco da passagem. Contar uma história sem entendê-la é apenas assoprar a neblina. Depois de um pouco de estudo, fui capaz de exprimir a idéia de Lucas claramente: *Cleopas veio a enxergar que o sofrimento e morte que ele pensava que haviam desqualificado a Jesus como Messias na verdade o qualificavam exclusivamente para ser o Messias.*

Uma vez que compreendeu o que o autor bíblico está dizendo, você está pronto para identificar seu propósito. Por que você está pregando esse sermão? Com um propósito claro em mente, um sermão tem o inconfundível toque da relevância. Primeiro, queria que os não-cristãos vissem que Jesus sofreu por eles, por seus pecados, na cruz. Segundo, queria que a congregação sentisse a esperança divina. Terceiro, queria que meus ouvintes tivessem uma experiência com Jesus em que o coração de todos ficasse em chamas.

Mantendo o propósito e a idéia da história bíblica em mente, é importante determinar o ponto de vista de seu personagem em relação à platéia. O ponto de vista do personagem é onde ele está no tempo para recontar a história. No meu sermão de Páscoa, tive de decidir se levaria a platéia lá para o século 1 ou se traria Cleopas para a nossa época.

Determinar o ponto de vista do personagem é fundamental para a lógica e a consistência do seu sermão. O ponto em que você posiciona um personagem no tempo influencia o que ele sabe sobre o mundo moderno. Se você leva a platéia de volta ao passado, o personagem falando em sua época não saberia nada sobre nossa época ou muitas de nossas questões contemporâneas.

Você pode escolher trazer o personagem para o presente. Dado esse ponto de vista, parece razoável que ele estaria ao menos relativamente consciente do mundo moderno. Esse ponto de vista pode tornar o falar diretamente à platéia mais fácil, mas tome cuidado. O poder das narrativas vem em parte de seu impacto indireto. Quando você conta uma história, a platéia abaixa sua guarda para ouvir. Se um retrato em primeira pessoa é muito direto, seus ouvintes podem se tornar defensivos. O que eles ouvem é um sermão sutilmente velado.

Qualquer que seja o ponto de vista que você escolher, seja coerente com ele. Se seu personagem permanece no mundo bíblico, seja cuidadoso para evitar os anacronismos. Isto é, certifique-se de que todas as referências feitas em seu sermão sejam coerentes com o que alguém naquela época teria sabido. Mesmo se você trouxer um personagem para o nosso tempo, pense em todos os detalhes. Quanto essa pessoa está familiarizada com nossa época? A coerência é a chave.

Toda essa conversa sobre ponto de vista pode parecer muito barulho por nada, mas muitos sermões em primeira pessoa desmoronam nesse ponto. Dar pouca atenção ao ponto de vista vai confundir seus ouvintes e também frustrar a imaginação deles. Clareza e coerência de ponto de vista influenciarão de modo relevante a credibilidade e, no final das contas, o impacto de sua mensagem. Para o ponto de vista do sermão, decidi trazer Cleopas para o mundo moderno para contar sua história.

Agora você está pronto para formular a idéia homilética ou a grande idéia da pregação. Isso significa formular a idéia da passagem de modo que seja relevante para sua platéia. Aqui está a afirmação homilética para meu sermão de Páscoa: *Naquela Páscoa, quando finalmente vi quem Jesus era, descobri que, apesar de tudo, aquela realmente havia sido uma grande sexta-feira.* Embora essa idéia seja expressa da perspectiva de Cleopas, tentei ter minha platéia em mente com referência à Páscoa e à sexta-feira da Paixão.

Agora é o momento de estruturar seu sermão. Há pelo menos duas maneiras de organizar um sermão em primeira pessoa. Você pode escolher uma estrutura cronológica, psicológica ou dramática. A estrutura cronológica acompanha uma seqüência no tempo. Você reconta os eventos da história na ordem em que aconteceram.

Uma estrutura psicológica começa a história em um ponto no tempo, mas interrompe a continuidade cronológica da história para recontar os episódios mais antigos na vida do personagem. Esses episódios não são necessariamente recontados na ordem em que ocorreram, mas da maneira em que se destacam na mente do personagem. Os episódios dentro da narrativa saltam no tempo. Uma estrutura psicológica pode se mostrar útil em esticar as cordas relacionadas ao clímax da história.

Na estrutura dramática, pode ser mais útil pensar no movimento do sermão como cenas em uma peça. O livro de Rute é organizado por cenas. A cena inicial nos informa da situação terrível de Noemi. As duas cenas seguintes, nos capítulos 2 e 3, complicam a situação. Então, o último capítulo e a última cena resolvem a ação.

Olhando para essas três estruturas de outra maneira, os sermões em primeira pessoa podem ser organizados tanto por eventos se desdobrando como por eventos psicológicos e cenas. Escolhi desenvolver meu sermão de Páscoa de forma psicológica.

Uma vez que o sermão está estruturado, você está pronto para escrever o manuscrito de um sermão. Um manuscrito fortalece um sermão de três maneiras. Primeiro, o manuscrito de um sermão ajuda a polir o uso de palavras. As palavras são poderosas. Escolher bem as palavras realmente pode tornar um bom sermão excelente. Segundo, escrever o sermão ajuda a se certificar de que detalhes importantes na historia sejam incluídos. Por fim, o processo de escrever força você a pensar sobre todo o sermão. Quando você se levanta para contar a história, já sabe a que ponto quer chegar.

Uma vez que planejou o quer dizer, você está pronto para pensar sobre como apresentar sua fala. Há três aspectos para a apresentação de um sermão em primeira pessoa: movimento físico, expressão e trajes.

Em qualquer tipo de sermão — tradicional ou em primeira pessoa — nossos movimentos comunicam. Se eles comunicam o que queremos que transmitam é determinado, até certo ponto, pela nossa compreensão de movimento. Enquanto você lê seu manuscrito do sermão, decida onde se posicionará em cada cena. Certifique-se de que a sua localização no altar apóia o que está dizendo.

Precisamos proferir um sermão em primeira pessoa sem anotações. Anotações atrapalham uma apresentação autêntica. Mas pregar sem anotações não requer que você memorize seu manuscrito. A memorização palavra por palavra também impede uma apresentação autêntica. Em vez disso, tente viver a história enquanto a conta por meio dos olhos do personagem. Contato olho a olho, movimento e gestos serão todos mais naturais se você reviver a história em sua imaginação, em vez de recitar um roteiro memorizado. Deixe sua reação física e vocal vir de dentro e ser apropriada ao personagem que está apresentando.

Se você quer ser intencional em seu movimento e confiante em sua expressão, então um pouco de ensaio é necessário. Tento pôr de lado meu manuscrito e falar todo o sermão ao menos uma vez antes de pregar. Pense em toda a estrutura do sermão. Ao fazer isso, pode ser benéfico se posicionar no altar enquanto imagina cada cena, episódio ou evento. Se isso não for possível, então imagine o altar na sua mente e imagine onde você vai se posicionar enquanto fala todo o sermão.

Trajes, maquiagem e objetos, todos merecem consideração enquanto você planeja sua apresentação de um sermão em primeira pessoa. Embora um traje não seja essencial para o sucesso de um sermão em primeira pessoa, um traje bem projetado pode acentuar seu sermão. Tenho vários trajes que foram feitos para mim ao longo dos anos. Na maioria das cidades, você pode alugar trajes de qualidade em qualquer loja especializada. Você pode usar acessórios junto com trajes ou, às vezes, no lugar de um traje, mas os acessórios também podem atrapalhar.

Talvez você também queira usar maquiagem se ela puder ser aplicada eficazmente e se acentuar seu traje. Em meu retrato de Cleopas, usei uma barba, descobri que, usados sabiamente, trajes, maquiagem e objetos têm o potencial de tornar inesquecível um sermão memorável. Ao mesmo tempo, posso dizer fundamentado em uma experiência malsucedida: "Se estiver em dúvida, deixe de lado".

No Natal, ou Páscoa, ou talvez no mês que entra, porque não encarnar uma história e contá-la de uma perspectiva em primeira pessoa? Isso pode simplesmente tornar especial um domingo comum ou pode tornar excelente um domingo especial!

Capítulo 122

A PREGAÇÃO BÍBLICA CONSISTE NA MUDANÇA DE VIDA, NÃO NA FORMA DE SERMÃO

Se as pessoas não são preparadas a reagir ao sermão, há algo errado com ele

John Ortberg

O valor essencial da pregação que muda vidas é que ela é bíblica. Você e eu não mudamos vidas; Deus é quem muda vidas. Por dois mil anos, ele tem usado o poder de sua Palavra para convencer corações obstinados e presos ao pecado, para levar espíritos frios ao arrependimento e para levantar vidas vacilantes à esperança.

A pergunta que gera uma medida considerável de controvérsia é: o que torna a pregação bíblica?

A pregação bíblica não consiste em forma

Freqüentemente, as pessoas pensam que o que torna a pregação bíblica é um estilo ou uma estrutura particular. Onde cresci, as pessoas falavam sobre três categorias de pregação: temática, freqüentemente considerada não muito bíblica; textual, em que o ponto principal vem de um versículo das Escrituras, considerada mais bíblica; e expositiva, da qual é difícil se conseguir uma definição. Expositiva é uma palavra que é usada muito por aí. Algumas pessoas pensam nela como pregação versículo por versículo ou pregação em que os pontos e subpontos são de um texto das Escrituras.

Há diversos problemas com pensar que um estilo ou uma estrutura particular de pregação é a única que é bíblica. Um problema é que Jesus não fez esse tipo de pregação expositiva. Na maioria das vezes, ele contou histórias e as implicações para a vida dos ouvintes. Os apóstolos não fizeram esse tipo de pregação expositiva. No Novo Testamento, você não vê nenhum sermão que processe um texto do Antigo Testamento versículo por versículo, não estou dizendo que esse tipo de pregação é uma coisa ruim. E importante que as pessoas se tornem bíblicamente instruídas. Mas o que torna a pregação uma pregação bíblica não é sua estrutura. Ser bíblico não significa que o pregador segue uma forma particular que, no fim das contas, os seres humanos criaram.

A pregação bíblica consiste em relevancia, aplicação e capacitação

William D. Thompson, autor de *Preaching Biblically [.Pregando bíblicamente],* diz: "A pregação é bíblica quando os ouvintes são capacitados a enxergar como o seu mundo, assim como o mundo bíblico, é objeto da Palavra de Deus". E importante não ser superficial no que se refere ao que torna a pregação bíblica. Quantos versículos da Bíblia um sermão tem não determina se ele é bíblico ou não. Você pode ter centenas de versículos em um sermão e interpretar erroneamente cada um deles. A pregação bíblica não consiste em estrutura. A pregação é bíblica quando as pessoas a ouvem, quando conseguem entender que Deus está se dirigindo a elas assim como Deus se dirigiu ao mundo das Escrituras, e quando elas são capacitadas a responder a ela.

Muitíssimos sermões têm grandes quantidades de informações sobre a Bíblia, mas não são realmente pregação bíblica porque não chamam as pessoas a responder à Palavra nem as habilitam a fazer isso. Ali há grandes quantidades de informações sobre a Bíblia — exegéticas, históricas ou teológicas — com talvez algumas aplicações incluídas no final.

A pregação bíblica consiste em passar o sabão da Palavra profundamente pelas fibras sujas do coração dos ouvintes

O que acontece quando a Palavra se dirige às pessoas? Em Efésios 5.25,26, Paulo usa uma metáfora esplêndida. Ele diz: "Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra". A igreja deve ser santificada por meio da purificação pelo lavar da água mediante a palavra. Por que você lava alguma coisa? Porque ela está suja. O que acontece quando você lava alguma coisa? Água e sabão passam pelas fibras destacando e soltando as impurezas do tecido.

Quando nós e nossas congregações nos achegamos perante Deus, nosso coração está assim. Ele está atravancado com crenças e atitudes falsas e intenções equivocadas e percepções erradas.

Posso contar a você algumas das minhas. Estou andando pela rua. Alguém quer dinheiro. Fico olhando para longe dessa pessoa porque não quero nem mesmo ser lembrado dessa necessidade e não quero me sentir culpado por não lhe dar alguma coisa. Ou estou em uma loja de conveniência em uma fila de pessoas, e a pessoa atrás do balcão não fala bem o inglês, e meus pensamentos são: *Estou com pressa. Por que eles não podem colocar alguém aí que saiba falar inglês?* Ou estou em minha igreja perto de uma pessoa que é importante, e os pensamentos que passam pela minha mente são os seguintes: *Esta é uma pessoa importante. O que posso dizer para fazer coivexão com ela porque ela é importante.*

Esses são apenas alguns pensamentos vis da minha mente. Eles me capacitam para más obras. Eles tornam sentimentos e comportamentos ruins quase inevitáveis.

Imagine ter uma mente purificada disso tudo. Imagine quando você está com alguém, seu primeiro pensamento é orar e abençoar essa pessoa. Imagine que se você é desafiado, seu primeiro pensamento é olhar para Deus, pedindo-lhe força.

E assim que seria ter uma mente lavada pela Palavra, e esse é seu objetivo para as pessoas a quem você fala. Esse é o objetivo da pregação bíblica. O objetivo não é entupir as pessoas com vastas quantidades de informação exegética. Meu objetivo não é fazer as pessoas passarem a Bíblia toda. Meu objetivo é fazer a Bíblia toda passar pelas pessoas.

A pregação bíblica responde a três perguntas: o que os ouvintes precisam saber, sentir e fazer? Para fazer isso, faço três perguntas. O que quero que as pessoas saibam? O que quero que as pessoas sintam? O que quero que as pessoas façam? Penso sobre essas três perguntas para cada mensagem que prego porque se não me dirijo à mente, ao coração e à vontade — se não posso responder a essas perguntas — então não preciso pregar essa mensagem porque ela não lavará a mente dos ouvintes na Palavra.

Seu objetivo é lavar a mente dos seus ouvintes na Palavra para que Cristo seja formado neles. Isso é pregação bíblica.

Capítulo 123

SETE PRINCÍPIOS PARA ALCANÇAR AS PESSOAS PERDIDAS

Como Paulo pregava aos céticos

Dick Lucas

O que é necessário para ser um pregador para pagãos, quer do tipo religioso, quer do tipo não-religioso? Minha resposta é que os padrões antigos ainda são os melhores para o pregador moderno, contanto que eles provenham da Bíblia. Encontramos um exemplo excelente disso no sermão de Paulo para os homens de Atenas. Uma das mudanças felizes que ocorreram em minha existência foi a reabilitação desse grande discurso em Atos 17 como um modelo apropriado para o evangelista cristão de hoje. Destaco aqui sete características da pregação, baseadas na mensagem de Paulo, que falam por Deus em um mundo idolatra.

Poder de argumentação

Observe os verbos que Lucas usa para descrever seu herói da pregação. Por exemplo, chegando a Tessalônica (At 17.1-4), Paulo argumentou ou "discutiu" com membros da Sinagoga por três sábados, "explicando e provando" que Cristo tinha de sofrer e ressuscitar dos mortos. Tão convincente foi a sua proclamação de Jesus como o Cristo que alguns judeus "foram persuadidos" e se juntaram a Paulo e Silas, junto com muitas pessoas tementes a Deus, assim como também "não poucas mulheres de alta posição". Em Atos, convertidos ao cristianismo são

freqüentemente descritos como "persuadidos"; isso dificilmente é linguagem coloquial nos dias atuais.

Depois de deixar Atenas, nada sugere que o grande apóstolo missionário mudou sua prática normal. Atos 18.1-4 informa como Paulo se hospedou com seus colegas fazedores de tendas, ocupando-se com seu ofício e presumivelmente pagando suas contas sem contrair dívidas enquanto fazia visitas regulares à sinagoga, onde mais uma vez ele "debatia" com as pessoas, tentando persuadir judeus e gregos. Atos 19.8 continua a mesma história, que se estende até o fim desse livro, com Paulo em uma casa alugada, ainda explicando e convencendo quase todos cujas mentes estavam fechadas e que nunca creriam (28.23-31).

A velha sugestão de que o "fracasso" em Atenas fez com que Paulo rejeitasse todas as habilidades intelectuais depois disso, abandonando argumentos racionais em sua pregação, a fim de simplesmente anunciar em alta voz "Cristo, e este, crucificado" perante seus ouvintes teve longa duração — compreensivelmente talvez à luz de 1 Corintios 2.4 ("não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria"). Mas é a persuasão sutil e sedutora baseada na sabedoria deste mundo, que seus oponentes usariam com tanto sucesso numérico, que Paulo sempre odiou (Cl 2.4).

Uma variante textual de 1 Corintios 2.4 insere "humana" depois de "sabedoria" e, embora isso precise ser aceito como uma revisão secundária, ela coloca o ponto de Paulo exatamente. Ele não reforçaria sua pregação com a "sabedoria deste mundo" (1.20), pois, por meio da sabedoria, ninguém nunca chegou ao conhecimento de Deus. Um século de teologia liberal e racionalista e a pregação que isso produz deveriam ter convencido definitivamente desse fato a todos, menos àqueles cujos preconceitos são invencíveis.

Assim, fosse a sabedoria deste mundo, fossem os modos de persuasão como praticados pelas estrelas de Corinto (2Co 2.17; 4. 2), Paulo renunciou a ambos. Entretanto, visto que sabia o que era temer ao Senhor, ele ainda procurou persuadir as pessoas (2Co 5.11); isso estava no coração de seu ministério de reconciliação.

O que foi ouvido naquele dia no areópago decididamente não era a "sabedoria deste mundo"; os atenienses sabiam tudo sobre isso, mas esse novo ensinamento era diferente. Lendo as palavras de Paulo hoje em dia, entretanto, não podemos não notar a lógica inexorável, a argumentação precisa e a conclusão irresistível. Se os versículos 22 a 31 registram a estrutura do sermão de Paulo, ele é admiravelmente compacto, ordenado e claro. A argumentação, começando com a ignorância ateniense de Deus, é a seguinte:

Introdução (At 17.22,23)

- Vejo o quanto vocês são religiosos.
- Vejo o quanto vocês são ignorantes em relação a Deus.
- Agora contarei a vocês sobre ele.

Corpo da mensagem (17.24-28)

Paulo subverte as pressuposições de sua platéia com três grandes negações, em conformidade com as quais ele constrói um entendimento correto ao proclamar Deus como criador, sustentador e objetivo de toda a existência humana.

Conclusão (17.29-31)
- Sua idolatria é inconcebível.
- Sua ignorancia é intoleravel
- Seu julgamento é inevitável.
- Assim, sua obrigação imediata é se arrepender.

Pregar para pagãos hoje em dia requer contornos coerentes e perspicazes similares que conduzirão, por meio de raciocínio sólido, à refutação do erro e ao estabelecimento da verdade. O "assim" do versículo 29 é uma martelada, simplesmente porque as argolas anteriores da corrente foram tão bem feitas. Todo mundo foi levado a pensar. O fato de Cristo não pode mais ser ignorado.

Não é que a linguagem usada é sofisticada ou complexa — a "sabedoria superior" de 1 Corintios 2.1, tão amada pelos orgulhosamente intelectuais. Nossa doutrina da inspiração garante que o relato de Lucas espelha precisamente o tipo de terminologia usada. Tudo é direto e franco. As criadas de Lutero em Wittenberg teriam entendido cada palavra. E a consciência que Paulo quer atingir — não apenas o intelecto — e, a fim de atingi-la, é necessário falar francamente (2Co 4.2b).

Em um pequeno livro sobre *Trabalho Pastoral*, datado de 1890 (escrito por um reitor de St. Andrew Undershaft, W. Walsham How), há um capítulo sobre pregação. Ele inclui o parágrafo delicioso, embora pouco lisonjeiro, a seguir:

> Você não pode acreditar demais na ignorância de seus ouvintes. Não tome nada por certo. Explique o que para você parece fácil e não tenha medo da repetição. Não é, de maneira nenhuma, um plano ruim olhar em volta de sua congregação e escolher a pessoa com o olhar mais obtuso entre eles, e se decidir a fazer o seu melhor para ajudar aquela pessoa específica a entendê-lo.

Parece que é exatamente o que Paulo fez quando se dirigiu à sua notável platéia em Atenas.

Habilidades de demolição

Durante meu tempo na cidade de Londres, com freqüência presenciei a demolição de prédios de escritórios. Muitas vezes esses edifícios enormes não eram muito antigos ou haviam sido recentemente reformados. Mas eles vinham abaixo. O empreendedor ou a incorporadora pagava milhões, mas não pelo prédio; só pelo terreno. Assim é pregar para pagãos; o chão já está ocupado, opiniões religiosas ou não religiosas estão firmemente fixadas. Não podemos começar a construir, como Paulo demonstra no sermão ateniense, sem primeiro demolir as estruturas antigas e bem estabelecidas.

Em um contexto diferente (2Co 10.3-5), Paulo descreve as armas com as quais lutamos nessas batalhas espirituais. Elas não são as armas deste mundo (como discutido no ponto um), porém "são poderosas em Deus para destruir fortalezas". Assim, o pregador, em seu trabalho especial, precisa inevitavelmente demolir argumentos e toda pretensão que se levante contra o conhecimento de Deus.

E com que eficácia Paulo começou o seu trabalho de "demolição" perante os homens de Atenas! Considere Atos 17.24,25 como dois exemplos, em que as habilidades de Paulo em discursar para seus ouvintes epicureus e estoicos são freqüentemente comentadas. Muito mais importante, porém, é a maneira com que ele subverte tudo que a religião ateniense representava, com duas grandes negações.

Primeiro (v.24), Deus *não* habita em templos feitos por mãos humanas. Os gregos haviam criado estruturas magníficas em honra de suas divindades, os vestígios dos quais os turistas modernos ainda vêem com perplexidade e admiração. Paulo não era um turista em passeio, porém ele não negou os materiais valiosos e bonitos, nem os prodígios da imaginação e as habilidades que foram necessárias para a construção dessas maravilhas arquitetônicas (v.29). Era o pensamento ateniense, não a habilidade, que era completamente errado; criar divindade à nossa imagem humana era virar a realidade de cabeça para baixo.

Longe de viver em templos feitos por homens, como, por exemplo, fez a Atenas dourada no Parthenon; o Senhor dos céus e da terra criou este mundo belo, e tudo nele é para habitação dos seres humanos. É ele quem constrói um lar para nós.

Segundo (v. 25), Deus *não* é servido por mãos humanas, como se precisasse ser sustentado por suas criaturas. Entretanto, dia e noite, mãos devotadas de gregos cumpriam suas obrigações religiosas a seus deuses e deusas em inúmeros santuários. Parecia que as cerimônias nunca cessariam, nem a fome dos deuses por ofertas nunca cessaria. Se o zelo religioso está em questão, as pessoas de Atenas não poderiam ser culpadas. Entretanto, elas não têm a compreensão de que é o Deus verdadeiro que as tem ajudado, como a todos os homens em todo lugar, sustentando-os na existência a cada respiro e provendo para eles todas as coisas necessárias para seu prazer no mundo que ele criou para elas, o presente lar delas.

É uma exposição poderosa de verdades bíblicas fundamentais; como tal, ela destrói, finalmente e para sempre, a reivindicação da religião de nos levar para perto de Deus. Contudo, Deus não está longe de qualquer um de nós, como o fracasso da busca dos religiosos atenienses havia sugerido.

Tal trabalho de demolição, tais grandes negações, são a própria matéria do ensino do Novo Testamento. Não podemos ser professores cristãos íntegros se aceitamos tudo o que os apóstolos falaram, mas nos recusamos a reconhecer o que eles negaram. Afirmações positivas são regularmente interpretadas por negativas. No famoso versículo João 14.6, por exemplo, celebrar o versículo 6a, mas desconsiderar o versículo 6b é esvaziar as palavras de Cristo de sua força original e, por implicação, rejeitar sua autoridade.

Ensino "negativo" não é bem recebido pela igreja de hoje, porém é inevitável. Por exemplo, em um mundo decaído, onde os seres humanos são naturalmente idolatras, assassinos e adúlteros, o Decálogo deve ser transmitido em uma forma negativa. Não devemos dar falso testemunho, porque isso é a coisa mais fácil de fazer no mundo.

Exatamente da mesma forma, homens e mulheres pecaminosos naturalmente pensam e acreditam em relação a Deus aquilo que é errôneo e absurdo. Assim, o professor digno de confiança deve expor e reprovar o pensamento absurdo e falso, como Paulo o fez em Atenas.

Paulo é maravilhosamente fiel em seu ministério impopular. Não acontece de todos os homens, religiosos ou não, tentarem estabelecer sua própria justiça? Então Paulo precisa insistir que a salvação "não [é] por obras" (Ef 2.9) nem "por causa de atos de justiça por nós praticados" (Tt 3.5). Tais grandes negações são uma parte indispensável da proclamação da graça gratuita de Deus em Cristo.

Talvez, surpreendentemente, não é Paulo, mas João, o apóstolo do amor, que é o perito em demolição do Novo Testamento. Do prólogo em diante, com suas repetidas negações Qo 1.3,5,8,10,11,13,18), João reforça a verdade divina. Pregadores se beneficiarão muito de um estudo dessa característica notável passando pelo evangelho inteiro de João (para um curso de impacto preliminar, tente João 3 sobre o novo nascimento ou João 6.25-59 sobre o pão da vida).

E aqui que a pregação agradável e suave não atinge o objetivo. É agradável ser conhecido como um pregador "positivo", e se, como meu dicionário sugere, isso significa "claro, definido, direto, preciso, inequívoco e franco", estamos corretos em aplaudir isso. Se "negativo" significa rude, amargo, ruim, insensível e não gracioso, quem defenderia um espírito de amargura tão insosso? Mas na revelação cristã, há tanto o não quanto o sim. E se Paulo, nessa ocasião em Atenas, não tivesse sido a voz confiável de seu Mestre, nem os atenienses nem nós teríamos ouvido a verdade chocante sobre a religião centrada no homem e suas conseqüências terríveis.

Audácia

O trabalho de demolição do tipo espiritual nunca pode ser popular, de forma que nos leva naturalmente à terceira característica necessária para pregar para pagãos, a saber, a coragem. Desde o começo, Paulo parece ter sido um destemido embaixador de Cristo (At 9.22-27). Logo depois, debater com judeus helenistas em Jerusalém significou arriscar seu pescoço (9.28,29). Durante todo o livro de Atos, a situação é sempre a mesma (13.46; 14.3; 19.8).

Como a maioria de nós sabe de experiência própria, manifestar-se a favor de Cristo, especialmente em situações hostis, está além de recursos naturais. Não seríamos como Pedro (Mc 14.31). Ou, em vez disso, seríamos como ele depois do Pentecoste (At 4.8, 13). De acordo com Atos, é um dos ministérios característicos

do Espírito Santo encorajar aqueles cuja responsabilidade é anunciar a Palavra de Deus (4.31). Aí se ora regularmente por essa capacitação indispensável (At 4.29; Ef 6.19,20).

As palavras gregas usadas, *parresia* e *parresiazomai,* são de interesse especial. O formidável Bauer-Arndt-Gingrich (BAG) traz o seguinte para *parresia-*. "sinceridade, franqueza, franqueza na fala, que não oculta nada e não omite nada", assim como "coragem, confiança, ousadia e intrepidez, especialmente perante pessoas de alta posição". Essa última parte da frase é significativa, pois somos facilmente intimidados pelos "sábios" deste mundo, os "poderosos" e aqueles de "nobre nascimento", poucos dos quais prestam qualquer atenção séria ao evangelho (ICo 1.26-31). Ao passo que para *parresiazomai,* BAG sugere "falar livremente, abertamente, sem medo, se expressar livremente". No mundo contemporâneo grego, a "liberdade de expressão" dessa natureza era vista como um pressuposto para a democracia; ela marcava um povo livre e foi valorizada desde então por aqueles que desfrutam de seus benefícios.

Mas como é rápido o desaparecimento dessa liberdade sob qualquer tipo de tirania! Assim, a coragem daqueles muitos cristãos que falaram com franqueza por Cristo sob os tiranos dos séculos passado é profundamente impressionante para nós que vivemos em lugares imperturbados. Não deveríamos ficar completamente envergonhados de nós mesmos se, com nossa herança de liberdade, deixamos de nos posicionar por causa da tirania mesquinha e desprezível do politicamente correto?

Então o que dizer do discurso perante a elite ateniense, como resultado da qual (de acordo com Longenecker), Paulo "pode ou receber a liberdade da cidade ou ser censurado e silenciado?". A abordagem do apóstolo foi cuidadosa, cheia de afirmações ambíguas, evitando clareza que pudesse ofender, obscura, em vez de aberta, em questões delicadas, no estilo de nossos negociadores eclesiásticos modernos?

É claro que não! Palavras de força notável foram dadas a ele. Ele conta a eles sobre o que não sabem. O zelo religioso deles está completamente mal direcionado. Sua ignorância é culpável. Até mesmo os seus poetas tem mais conhecimento. O Juiz de todo mundo já foi designado, e sua designação, confirmada. O chamado para todos os homens está sendo feito, e atenienses orgulhosos não são excetuados. Arrependimento é mandamento do céu para eles e sem demora.

Se isso é típico, não é de admirar que Paulo, tantas vezes, tenha acabado em problemas. Ministério similar em nenhum momento evita hostilidade e coisa pior. Esse é o tema de Paulo em sua última carta a Timóteo. Todos o estão abandoando: apenas alguns amigos bravos e fiéis estão permanecendo com ele. Também Timóteo ficará envergonhado dele e de sua pregação? Ele pode ser suficientemente forte para não rejeitar seu pai espiritual? Uma resposta segura para Timóteo, assim como para nós, é impossível sem o poder de Deus (2Tm 1.8) e a graça que está em Cristo Jesus (2.1).

Persistência no evangelismo

Como vimos, Paulo era um espírito destemido. Não importava o quanto era inconveniente o momento, o quanto eram impróprias as circunstâncias, ele persistia em fazer o trabalho de um evangelista (2Tm 4.5). Quem poderia ter transformado uma defesa de sua posição, perante tal platéia, em um chamado direto para o arrependimento?

Inevitavelmente, haverá resistência. Mas sou lembrado da primeira visita de Charles Simeón à (grande) Cambridge de St. Mary, em 1786, para pregar perante a universidade. Na época, ele tinha 25 anos de idade.

> O maior entusiasmo prevaleceu nessa ocasião. St. Mary's estava cheia de homens adultos; e, inicialmente, parecia que havia uma disposição para incomodar e irritar o pregador, de uma maneira, naquela época, infelizmente, não incomum. Mas mal havia ele pronunciado algumas frases quando a organização lúcida de seu preâmbulo e sua maneira séria e segura impressionaram toda a reunião com sentimentos de profunda solenidade, e ele foi ouvido até o final com a mais respeitosa e concentrada atenção. A vasta congregação saiu dali em uma disposição muito diferente daquela em que se reunira; e era evidente, dos comentários que se ouvia ao sair, e do tom quieto em que eles eram feitos, que muitos foram seriamente afetados, assim como surpreendidos, com o que haviam ouvido. De dois homens que vieram entre os zombadores, ouviu-se dizerem um ao outro: "Bem! Realmente o Simeón não é tolo!". "Tolo?", respondeu seu companheiro: "Você já ouviu um sermão assim antes?".
>
> Eu me surpreenderia se naquele dia, havia muito tempo, lá em Atenas, nenhum entre os ouvintes de Paulo reagisse como reagiram esses estudantes.

A pergunta que é freqüentemente feita é o quão adequado esse sermão era/é como uma exposição do evangelho cristão. "Converter-se a Deus com arrependimento" — sim — mas onde está a menção da "fé em nosso Senhor Jesus" (At 20.21)? E como relacionamos o sermão de Paulo em Atenas com sua resolução de pregar "Cristo, e este, crucificado" em Corinto?

Duas soluções possíveis me parecem plausíveis.

(1) Se considerarmos Atos 10.42-43 como um sumário padrão do evangelho, conforme ensinado pelo próprio Senhor depois de sua ressurreição, obtemos o seguinte padrão:

- v. 42: o testemunho apostólico (Novo Testamento), que aponta adiante para a vinda de Jesus como o juiz de todos os homens designado por Deus.
- v. 43: o testemunho profético (Antigo Testamento), que aponta adiante para a vinda de Jesus como o Salvador do mundo, para que todos que crerem nele escapem da condenação em suas mãos. Nosso refúgio de Cristo o justo Juiz é encontrado em Cristo o Redentor crucificado.

Logicamente, então, a mensagem de "toda a Bíblia" começa com a anunciaçao do Dia Final, a significancia disso para toda a raça humana e o nome daquele em cuias mãos nosso destino se encontra. A doutrina da salvação da igreja faz pouco sentido a não ser que a realidade daquela revelação final da ' ira do Cordeiro seja reconhecida! (Ap 6.15-17). A maior necessidade do homem é um veredicto favorável naquele dia, desfrutado, pela graça de Deus, nesta vida (At 13.38).

De acordo com essa solução, Paulo foi interrompido enquanto discursava sobre o "julgamento vindouro", assim como, mais tarde, Félix o interrompeu de forma abrupta (24.25). Assim também fez Festo (26.24).

A referência à ressurreição suscitou objeções vigorosas e escármos, de modo que instrução adicional teria de esperar até mais tarde, quando aqueles que queriam ouvir mais poderiam ouvir mais sobre o remédio divino para o pecado. Isso resultaria em alguns sérios aprendizes se tornando discípulos.

(2) Alternativamente, se considerarmos Lucas 24 como um criterio-padrao de como a ressurreição de Cristo deve ser pregada, como em parte uma defesa daquele que deveria sofrer (v. 7,26,46), então seria praticamente impensável pregar a ressurreição de Cristo dos mortos sem ter explicado o significado umco dessa morte, da qual agradou a Deus livrá-lo. Na verdade, o fator intrigante do capitulo da ressurreição de Lucas é o lugar central que os sofrimentos do Salvador ocupam. Parece que a melhor evidência de que Jesus está ressurreto hoje e que Cristo, e este, crucificado" está sendo pregado para todas as nações.

A inferência que não deveríamos tirar do sermão ateniense de Paulo e que a ressurreição, sem a cruz, estava no coração da pregação do evangelho mais antiga. Isso não se encaixa nos sumários breves de Atos 3.18, 17.3 c 26 23. Também não se encaixa nas famosas passagens do "madeiro" (por exemplo, 5.30; 10.39; 13,29) com o pano de fundo de Deuteronômio 21.22,23 (veja G1 3.13).

Paulo insistia em pregar o evangelho para pagãos porque ele estava convencido de que isso era o poder de Deus para salvação (Rm 1.16). Uma das lições mais claras de Atos é que a Palavra de Deus nos lábios de seus servos é o segredo supremo do avanço missionário (At 6.7;12.24; 13.49; 19.20).

Um coração para Deus

John Stott, ao comentar Atos 17.6, pergunta se podemos falar como Paulo falou se não nos sentimos como Paulo se sentiu. E um lembrete útil. Festo estava certo ao reconhecer o grande ensino de Paulo (26.24), mas Paulo também tinha um grande coração.

Na regeneração, quando recebemos o espírito de adoção, recebemos um coraçao renovado, de cujas profundezas começamos a clamar: "Pai, Aba Pai". Idealmente, como Jesus ensinou, o primeiro desejo de nosso coração deve ser que o nome do Pai seja glorificado na terra assim como no céu.

Há alguns anos, um filho de Stanley Baldwin (primeiro ministro pré-II Guerra Mundial) escreveu um livro para restaurar a reputação danificada de seu pai -

Baldwin havia sido culpado por complacência à luz da crescente ameaça do armamentismo de Hitler. De acordo com minha lembrança, o título do livro era *Meu Pai — A Verdadeira História*, que pode muito bem ser um título apropriado para os quatro evangelhos, na verdade para todo o Novo Testamento. Contar essa história é a grande prioridade para a pregação cristã, para que as mentiras do diabo, espalhadas amplamente desde o começo do mundo, possam ser expostas pelo que elas são.

Uma das evidências de um coração para Deus é a substituição do centrar-se no homem pelo centrar-se em Deus em nossa pregação. O antigo conselho para um pregador jovem: "Pregue sobre Deus e em torno de vinte minutos", pode produzir murmuração por sua repetição freqüente, mas não produz murmuração em nossos ouvintes. Há uma fome por Deus profunda e não reconhecida e, embora os apóstolos possam não ter administrado o limite de vinte minutos, eles certamente satisfizeram essa fome. Considere como os propósitos soberanos de Deus controlam o sermão de Pentecostes de Pedro (At 2.22, 23,24,32,36,39). O mesmo é verdade em relação ao discurso magnífico de Paulo em Antioquia da Pisídia (13.l6ss.). É a mesma história em Atenas, onde cada versículo de 17.24-31 está centrado em Deus e na sua relação com este mundo.

Um coração para Deus, portanto, também será um coração para a humanidade perdida, e isso nos leva ao próximo elemento essencial.

Uma mentalidade missionária

O Deus da Bíblia quer que todos sejam salvos (lTm 2.3), e os pregadores para pagãos descobrem dentro de si mesmos o mesmo desejo. Com sua ênfase repetida em "todos" (At 17.25,30,31), o sermão de Paulo em Atenas é em grande medida um sermão missionário.

Pode ser que essa mentalidade em Paulo explique sua breve passagem em Atenas. A forma como ele organizou esses planos parece ter dependido de muitas circunstâncias: uma visão noturna (16.9; 18.9), o impedimento do Espírito Santo (16.6) ou simplesmente um desejo humano de ver como jovens convertidos e novas igreja estavam se saindo (15.36; 18.23).

Mas talvez a razão mais comum pela qual Paulo se desloca para lugares novos seja que ele é compelido a isso — por oposição. O mesmo é verdade em relação às viagens do Senhor, em que a rejeição, que prevalece por providência divina (particularmente em Marcos), dita o ritmo e a direção do avanço. Assim, na providência de Deus, os cristãos primitivos foram forçadamente postos para fora de Jerusalém para começar sua marcha exterior até a S amaria e os confins da terra.

O sermão ateniense não foi infrutífero; nomes de alguns convertidos se tornaram bem conhecidos em anos posteriores. Mas a clara impressão é que a mensagem e o mensageiro não eram aceitáveis para as autoridades da cidade. Tudo foi feito polidamente, sem dúvida, visto que a multidão não controlava a política em Atenas. Mas suspeitamos que, em algum lugar dos registros oficiais, o nome de

Paulo estava listado como *persona non grata.* Assim, a coisa a fazer é seguir adiante para Corinto (18.1).

Mas aqui o mesmo princípio se aplica. Atos 18.6 é importante, como uma comparação com 13.46 e 28.28 mostrará. Tão urgente é a necessidade de alcançar aqueles que não ouviram que não é permitido que o evangelista permaneça por muito tempo com aqueles que não querem ouvir.

O exercício de um pastorado fixo não nos afasta da obrigação de procurar as ovelhas perdidas. Não podemos deixar perecer as noventa e nove porque estamos ocupados em casa alimentando com o melhor do pasto o pequeno rebanho remanescente. Isso todos nós sabemos. Mas é possível errar no sentido oposto, passando tempo demasiado com aqueles que nunca quererão ouvir. Bater a cabeça contra um muro não parece ser um padrão do evangelismo do Novo Testamento. Quando estamos nos esforçando em alcançar pessoas que não fazem nada a não ser discutir as últimas idéias (17.21), é provavelmente o momento de seguir adiante.

Afinal de contas, os eleitos de Deus estão em todos os lugares para serem encontrados, como Paulo descobriu em Corinto (18.10). Eles devem ser reconhecidos pelo fato de que honram a palavra do Senhor quando a ouvem (como o fascinante versículo de 13.48 torna claro), de modo que esse é o lugar para permanecer por um tempo e edificar os cristãos. A rejeição, por parte de pessoas que não querem a verdade, é dolorosa, é claro, e pastores estão destinados a experimentar essa dor de tempos em tempos. Mas o movimento seguinte pode ser diferente. Era uma noite escura quando Paulo foi empurrado para fora de Tessalônica, mas o dia posterior foi um dos mais radiantes em sua experiência (At 17.10,11). Quem sabe quando encontraremos algumas almas nobres como os bereanos que são ávidos pela verdade? Esse é o encanto de pregar aos pagãos.

Uma cultura ampla

Esse é um elemento enganoso se queremos evitar o desânimo, visto que poucos de nós podem ter a esperança de ser tão capacitados nessa área como Paulo, hebreu de hebreus, cidadão romano, perito em filosofia e literatura grega.

Assim, começaremos evitando o exagero. O pregador não precisa ser extremamente ávido por cultura pagã, especialmente da presente variedade. Um imperativo apostólico facilmente negligenciado diz: "Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos" (ICo 14.20). Em áreas inteiras da vida moderna não nos faz mal sermos "inocentes"; ao contrário. Assistir à TV tarde da noite não é necessário para o pregador que está ansioso por ser relevante. Podemos investir melhor nosso tempo ao aprender com nossos antepassados e deixar a maioria dos filmes modernos fora da nossa agenda, especialmente em vista de recomendarmos um tipo doloroso de cirurgia espiritual em nosso ministério (Mc 9.43-48).

O que importa são ampla empatia e um interesse por todas as coisas humanas. Em nossa abordagem aos pagãos, a posse disso normalmente causa a diferença entre

o sucesso e o fracasso. Pois então as pessoas entendem rapidamente que não estamos isolados do mundo em que todos nós vivemos.

Assim, não era que simplesmente Paulo tinha bom trânsito com os epicureus e estoicos ou que ele conhecia seus próprios poetas tão bem quanto eles, se não melhor. Isso tinha mais que ver com o seu "[tornar-se] tudo para com todos,para de alguma forma salvar alguns" (ICo 9.22).

Capítulo 124

A PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA NA IGREJA LOCAL

Como pregar sermões envolventes aos não-cristãos

Haddon Robinson

Para pastores pregando no domingo, às vezes é importante pregar uma mensagem evangelística, expor a uma congregação a questão central da fé cristã, isto é, falar sobre como um homem ou mulher entra em um relacionamento correto com Deus por meio de Jesus Cristo. Pode ser interessante anunciar a uma congregação: "Daqui a duas semanas, se você tem amigos não-cristãos, pessoas que ainda estão no caminho para a fé, traga-as à igreja. Quero que todo aquele culto seja dedicado a fazer essas pessoas compreenderem essa mensagem básica".

Nem todo sermão pode ser, nesse sentido, um sermão evangelístico ou você acaba por ignorar grandes verdades das Escrituras. Mas, alguma hora, no decurso do ano, deve haver tempo reservado para tratar diretamente dessa questão. Mesmo para os cristãos que vêm, é sempre bom ser relembrado. Você deve pregar um sermão evangelístico com não-cristãos em mente, expressá-lo em termos que eles possam entender e ilustrá-lo de modos que seriam verdadeiros para a vida deles.

Uma segunda coisa que você pode fazer como pastor em qualquer sermão é embutir um elemento do evangelho. Para um não-cristão que freqüenta uma igreja, a coisa mais atraente é obter um vislumbre do que os cristãos sabem e a garantia que eles têm. Há alguns anos, um amigo meu, que não era cristão, disse: "Vocês não percebem o quanto que aquilo que vocês têm parece aconchegante e bom para quem está do lado de fora". Ele continuou dizendo: "Acho que vocês estão se enganando a si mesmos, mas vocês precisam saber que a coisa mais atraente que vocês têm é a esperança, ao passo que tudo que vejo na minha frente é o túmulo. Vocês têm um propósito. Têm algo pelo que viver. Vou para o trabalho e volto para casa, mas não sei pelo que vivo. Vocês não podem imaginar o quanto isso parece bom para alguém como eu à medida que estou ficando mais velho". Mais tarde, esse amigo se converteu a Cristo. Assim, freqüentemente quando estamos pregando um trecho da Bíblia e apontando o que os cristãos têm, precisamos lembrar as pessoas de como obter isso. Você pode inserir o evangelho e dizer: "Por mais maravilhoso que isso seja, isso pode ser verdade para você".

Quando você prega um sermão especialmente voltado para aqueles que ainda não são crentes em Cristo, seu propósito é claro: você quer levar pessoas a um ponto de decisão. Não pode forçar isso ou manipulá-las, mas elas precisam saber que elas estão diante de uma questão importante e que há uma decisão que precisam tomar. Tento falar como falaria a uma pessoa na rua. Não quero introduzir jargão teológico nisso. Mensagens evangelísticas também deveriam estar repleta de ilustrações. A pregação evangelística é um bom lugar para usar humor, se isso é natural para voce, e humor que se encaixe no seu ponto e fortaleça seu argumcnto Não quero que as pessoas pensem que esse é um negócio sombrio e terrível. Quero que elas acreditem que quero o melhor para elas.

Então, é claro, você está conduzindo o processo para uma decisão. Alguém disse: "Você não pregou o evangelho até que tenha dado às pessoas algo em que crer". Também acrescentaria: "Algo em que crer e alguém em quem confiar e a necessidade de tomar essa decisão". Não penso que, como adulto, você simplesmente escorregue para a fé. Como adulto, chega um ponto em que você cruza a linha e precisa afirmar isso.

Quando pregamos sermões evangelísticos e convidamos as pessoas a trazer seus amigos não-cristãos, distribuíamos cartões. Todos na igreja preenchem os cartões, para que ninguém se sinta estranho. Fazemos com que eles escrevam nos cartões o nome, endereço e número de telefone e, então, eles podem marcar ou: "Eu entreguei minha vida a Jesus Cristo hoje", ou: "Eu gostaria de conhecer mas a respeito de Jesus Cristo", ou algo como: "Estou interessado em um estudo bíblico que possa fazer em casa". Essa é uma forma de as pessoas dizerem: "Estou me abrindo para alguém me falar sobre essa questão. Pode me ligar e me visitar, e você não estará se intrometendo na minha vida e no meu espaço".

Na pregação evangelística, devemos usar a Bíblia tanto quanto conseguirnv- Um dos problemas com que nos defrontamos na Bíblia são passagens que suscitas perguntas certas, mas dão uma resposta difícil. Por exemplo, um homem vem atè Jesus e pergunta: '"O que preciso fazer para herdar a vida eterna?'. Jesus diz: 'O que está escrito na Lei? Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento' e Ame o seu próximo como a si mesmo' ". Jesus diz: 'Faça isso, e viverá'". (Veja Lc 10.25-28).

Essa é uma grande pergunta, mas não é bem a resposta que quero dar, porque a reação imediata é: "Não posso fazer isso". A pergunta é desenvolvida, mas a resposta não está lá. Poderia obter a resposta de Romanos 4.5, que diz: "Todavia àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fè lhe é creditada como justiça". Posso mostrar que Abraão, um santo de primeira categoria, nunca chegou até Deus com base no que fez.

As vezes, você tem uma passagem em que a resposta está clara, mas precisa voltar e estabelecer a pergunta porque o próprio texto, ao menos no contem imediato, não faz a pergunta. Não há muitos textos na Bíblia em que você tem a pergunta e a necessidade apresentadas e a resposta dada. Você ou precisa pregar

um livro inteiro ou precisa dizer às pessoas qual é a pergunta e, depois, lhes mostrar, a partir dessa passagem, qual é a resposta.

Mas elas precisam acreditar no que você diz em relação a essa ser a pergunta. A maioria das pessoas acreditará. De fato, freqüentemente quando você faz a pregação evangelística fora da igreja, os ouvintes não têm Bíblias, de modo que você não pode fazer uma exposição da forma que pode fazê-la para uma congregação que está acostumada a fazer isso. E difícil fazer um não-cristão abrir a Bíblia e olhá-la. A tendência é que ele não esteja capacitado a isso ou não queira seguir o argumento da passagem. Gostaria de poder dizer a você que faça a exposição do texto toda vez que faz evangelismo, mas não penso que você possa fazer isso tão bem à luz das pessoas que está tentando alcançar.

Em vez disso, você precisa usar mais ilustrações para se relacionar com os ouvintes no mundo deles. Se você ouvir alguém como Billy Graham, é isso o que ele faz. Ele usa um pouco de Bíblia, então fala sobre o mundo moderno, mais um pouco de Bíblia, e mais sobre o mundo moderno. Ele raramente deixa o mundo moderno de lado por muito tempo, porque é aí que as pessoas vivem. Você está dizendo: "Estou falando sobre Jesus Cristo, que pode ir ao encontro de você no século XXI". O que freqüentemente preciso dizer às pessoas é: "O que vocês pensam ser seu problema não é realmente seu problema. Ele é muito mais profundo do que isso . Não posso não levar a sério seu problema, mas muitos dos problemas com que as pessoas lutam são sintomas de uma doença, uma erupção na pele. Preciso convencê-las de que seu problema está em sua circulação sanguínea, que existe algo fundamentalmente errado.

Começo no ponto em que as pessoas estão, mas não posso vender o evangelho com base na premissa de que ele as tornará pessoas mais felizes. Não posso vender 0 evangelho com base na premissa de que ele lhes dará uma vida bem ajustada. Se elas crerem em Jesus Cristo, isso pode tornar a vida infeliz. Elas podem se envolver em todos os tipos de dificuldades em que não teriam se envolvido sem isso. Não posso mentir para elas, mas posso lhes dizer que há certas coisas de que podem estar totalmente certas quando colocam sua confiança em Cristo e que isso vale a pena. Quero ser honesto. Quero ser uma pessoa de integridade quando prego o evangelho. Nunca posso representar o Deus da verdade mentindo para as pessoas. Tenho de tomar cuidado para não sugerir algo que sei que não é verdade.

Deveríamos usar a apologética no sermão evangelístico? Houve um tempo em que a apologética tinha grande força. Não penso que isso seja verdade hoje em dia. -esta era pós-moderna, para usar esse clichê, as pessoas não ficam tão impressionadas com evidências que exigem um veredicto. Essa não é apenas minha opinião. É a opinião de um grande número de pessoas, especialistas em alcançar não-cristãos, e que, no passado, usaram a apologética. Normalmente, a apologética tem mais rorça para aqueles que chegaram à fé e, tendo chegado até a fé, têm todos os tipos de perguntas.

Freqüentemente, uma igreja que tem grupos pequenos, que tem comunhão afetuosa, que atrai as pessoas para uma esfera de amor, tem algo a mais acontecendo. As pessoas são atraídas para aquilo e elas querem falar sobre o evangelho. As pessoas querem relacionamentos; elas querem saber onde estão as pessoas que se importam com elas. Quando descobrem isso, então ouvem o evangelho, mas não acho que a apologética seja tão forte e necessária hoje em dia quanto era há vinte e cinco anos.

O que a substituiu são pessoas contando sua história. Não estou falando a respeito da teologia moderna de que você tem sua história, e eu tenho a minha, em que não há uma grande história, não há metanarrativa. Estou falando sobre dar seu testemunho, o que aconteceu com você durante o caminho. Você está contando como vir a confiar em Jesus Cristo fez diferença em sua vida. Quando alguém ouve essa história e ele sobrepõe sua história à dele, há um modo de vocês se conectarem. Isso é mais verdadeiro hoje do que no passado. Sempre usamos testemunhos, mas. hoje em dia, o quadro do testemunho tem uma atração muito maior para as pessoas porque, de certo modo, essa é a maneira com que a vida chega até elas.

Em um sermão evangelístico, o estilo da apresentação da mensagem é especialmente importante. Quando você está tentando alcançar pessoas na comunidade, não pode gritar com elas. A razão pela qual os pregadores gritavam há cem anos e que eles não tinham sistemas de alto-falantes. Se quisessem falar com alguém na fileira dos fundos, tinham que gritar para serem ouvidos. Em algumas tradições. gritar é igual a pregar. Mas descobrimos o sistema de alto-falantes. Posso erguer a minha voz, como posso em qualquer conversa quando estou animado, mas gritar e contraproducente.

Por exemplo, se você está me contando sobre um jogo de futebol, e quatro pessoas vêm e se juntam a nós, você sobe o volume da voz e aumenta os gestos Mas, então, suponha que acaba a aula de mais uma turma, e trinta pessoas se juntam a nós, você sobe o volume e aumenta os gestos ainda mais para trazê-1os todos para a conversa, mas sempre terá um tom conversacional em relação ao que está dizendo. Você varia a velocidade, e a força, e o ritmo. O elemento conversacional é muito mais atraente para as pessoas hoje em dia.

Capítulo 125

A PREGAÇÃO ORIENTADA PARA AS NECESSIDADES PERCEBIDAS

Como um sermão se dirige à necessidade real do ouvinte

Uma entrevista com Duane Litfin

PreachingToday.com: Qual é a diferença entre necessidades percebidas e necessidades reais, e como essa distinção deveria influenciar a nossa pregação?

Duane Litfin: Muitas vezes não há diferença. A necessidade percebida é unri necessidade real. Nossa dificuldade surge quando precisamos fazer a distincãci

entre a necessidade real e a necessidade percebida; em outras palavras, quando as pessoas têm uma necessidade percebida, mas essa não é sua necessidade real.

A boa pregação fala a ambas, mas, às vezes, a necessidade percebida é o ponto em que você precisa começar. Ou você pode focalizar a necessidade real e elevá-la ao nível de uma necessidade percebida. Uma boa introdução muitas vezes consegue fazer isso. As pessoas entram na igreja em um certo domingo de culto, e não começam com uma necessidade percebida. Mas quando você terminou a sua introdução, usou a necessidade real de que seu texto fala e a elevou ao nível de uma necessidade percebida. E difícil encontrar uma definição melhor de introdução do que isso.

Na cultura atual, ouvimos a respeito de certos tipos de necessidades percebidas que ignoram as necessidades reais das pessoas e não as englobam. As Escrituras não estão falando para o que é superficial. Elas estão sempre falando para as necessidades reais. Deixamos o texto determinar para nós qual é a necessidade real e, a seguir, procurarmos tocar isso em nossa introdução.

Às vezes, as pessoas falam com menosprezo a respeito da pregação orientada para as necessidades percebidas. Você está dizendo que todas as necessidades são necessidades reais.

Sim, embora sempre existam meios pelos quais, por exemplo, anunciantes criam falsas necessidades para vender seus produtos. A Bíblia está sempre lidando com as necessidades profundas que as pessoas têm. Freqüentemente, essas necessidades são as necessidades mais profundamente percebidas das pessoas. Essas são as necessidades que precisamos colocar como alvo. Assim, não desdenho da necessidade percebida, embora sempre queiramos colocar como alvo a necessidade real.

Ao longo dos anos, C. S. Lewis e outros deram ênfase ao fato de que todas as nossas concupiscencias e desejos pecaminosos são, na verdade, tentativas erroneamente direcionadas de satisfazer necessidades profundas. O ser humano é movido por algumas dessas grandes necessidades. Novamente, essas são necessidades regularmente tratadas nas Escrituras. Nossa tarefa é ir ao texto, entender em um nível profundo de que necessidade ele está falando e, depois, ajudar o ouvinte a entrar em contato com essa necessidade.

Não gosto de falar sobre criar uma necessidade. Novamente, é isso que os anunciantes fazem. Estamos falando sobre trazê-la à superfície para que se torne uma necessidade percebida. Se você pode trazer a necessidade à superfície em sua introdução e, a seguir, a passagem fala àquela necessidade, então, quando você tiver acabado, as pessoas vão embora genuinamente impactadas. Elas são impactadas pela passagem das Escrituras que está falando às suas necessidades e são lembradas novamente de que as Escrituras são relevantes para o mundo real em que elas vivem. Tudo isso surge quando raciocinamos ao longo de nosso caminho até as necessidades de que o trecho fala e deixamos o texto tratar dessa necessidade.

Esse é o objetivo primário de uma boa introdução, mas, com freqüência, é difícil realizá-lo. Quando as pessoas entram para o culto, a mente e o coração delas estão em todo lugar. É difícil cercar o pensamento e as emoções no espaço dessa introdução e levá-los a se ligar com essa necessidade particular, de modo que, quando você tiver terminado, as pessoas digam: "Meu amigo, estou contente que apareci no culto hoje; isso vai falar comigo. É isso que uma boa introdução faz, mas não tenho nenhuma ilusão de que isso é fácil de fazer".

É uma questão de atenção ou consciência. Há todos os tipos de coisas acontecendo em minha vida sobre as quais não estou pensando exatamente agora. Você começa me ajudando a pensar sobre isso e a elevar isso ao nível da consciência e do foco e, quando você tiver terminado, estou genuinamente sentindo novamente essa necessidade real. Você não a criou; você simplesmente a trouxe à superfície para mim nesses poucos momentos.

Às vezes ameacei fazer um experimento com alunos de seminário em que gravaríamos em vídeo os sermões dos estudantes. Então, levaríamos outro grupo de estudantes e faríamos que assistissem àqueles vídeos e avaliassem as introduções. Ficaríamos de lado e observaríamos quantos daqueles estudantes avaliadores, depois de terminada a introdução e concluída a sua tarefa, continuariam assistindo à gravação da mensagem. Se eles pensassem: *A minha tarefa acabou, mas isso está falando comigo, e quero ouvir mais,* teríamos aí a marca de uma boa introdução.

É possível exagerar a ênfase nas necessidades percebidas ou não lidar com elas de modo apropriado?

É. As necessidades percebidas podem nos distrair por causa do direcionamento errôneo de nossa sociedade, da cultura *pop,* da propaganda. As pessoas pensam que precisam de todos os tipos de coisas de que não precisam e são distraídas das que precisam. É quase um erro perguntar: "Quais são as necessidades percebidas de minha platéia?", e usá-las como meu ponto de partida. Como expositor, trabalho ac contrário. Vou ao texto e pergunto: "O que essa passagem está dizendo? Qual é i verdade aqui? Por que Deus quer que saibamos isso? Qual é a necessidade em nossa vida à qual a passagem está falando?" Essa é a necessidade que vou tentar levantar em minha introdução.

Não começo com minha platéia. Estou bastante interessado em pregar para necessidades, mas não começo com minha platéia e pergunto: "Quais são SUAS necessidades?" Começo com a passagem e digo: "Essa é a resposta". Agora, que pergunta alguém poderia apresentar para mim em relação à qual diria: "Chegaremos a esse trecho e veremos o que Deus tem a dizer?". Em outras palavras, voce deixa a passagem determinar qual é a necessidade. Então, essa é a necessidade que você levanta em sua introdução e com a qual você lida.

Isso resulta de uma confiança na utilidade de todas as Escrituras. Todos os *graphai,* todos os escritos são úteis para o ensino, correção, repreensão, instrução

na justiça (veja 2Tm 3.16,17). Deus quer que cresçamos e nos transformemos nas pessoas que ele quer que sejamos por meio dos escritos sagrados, por meio das Escrituras. Elas são inspiradas ("sopradas") por Deus e úteis para nós. Agora a questão é: aqui está uma passagem. Como ela é útil? O que precisa ser reprovado, corrigido e instruído? Como precisamos crescer em nossa caminhada com o Senhor? Como essa passagem está nos ajudando a fazer isso? Do que ela trata? Por que Deus quer que saiba isso? Quando tiver respondido a isso em um nível profundo, saberei o que fazer em minha introdução.

Lembro-me de um estudante pregando um sermão sobre o evangelho de Marcos, quando Jesus está expulsando demônios. O estudante pregou o sermão basicamente sobre como expulsar demônios. Quando ele terminou, começamos a investigar o que ele havia feito com o texto. Perguntei-lhe: "Você acha que Marcos, aqui, estava tentando nos dizer como expulsar demônios?".

— Mmm, provavelmente não — disse ele.

— O que você acha que Marcos estava fazendo?

— Bem, Marcos estava nos ensinando sobre Jesus.

— O que ele estava ensinando sobre Jesus?

— Que ele tinha poder sobre o oculto, as forças do mal e o universo.

— Por que você não pregou isso dessa forma? — disse a ele.

— Não consegui pensar em como aplicá-lo — respondeu ele.

— E se aplicarmos isso desta maneira: 'Vamos todos nos ajoelhar e adorar a Jesus'?

— Não pensei nisso — explicou ele.

E isso o que quero dizer sobre necessidades percebidas. Ele está pensando que precisa ter algum tipo de "Como fazer", assim, está indo para o que pensa que são necessidades percebidas. Nossa sociedade lhe ensinou a achar algum "Como fazer", três coisas para se fazer na segunda feira de manhã, ao passo que a necessidade real *é* nos ajoelharmos e adorarmos a Cristo. Ele estava perdendo a força da passagem e a diferença profunda que ela precisa fazer em nossa vida.

Deveríamos abordar isso de alguma outra maneira quando estamos lidando com não-cristãos na pregação evangelística?

Sim. Há os que fazem evangelismo expositivo, e já vi e ouvi como isso é feito. Larry Moyer é um evangelista eminente que faz evangelismo expositivo. Isso é incomum. Normalmente, quando você está fazendo evangelismo, não está expondo as Escrituras. Está lidando com pessoas que ainda não aceitaram a autoridade da Palavra de Deus.

Quando tem uma passagem das Escrituras na sua frente, você deixa as Escrituras dizerem de que necessidade elas estão tratando. Por definição, se você começa : evangelismo, provavelmente não está trabalhando com uma passagem das Escrituras. Agora está vindo com a questão fundamental do evangelho e a necessidade

humana para da qual o evangelho trata. Novamente, você está deixando a mensagem determinar a necessidade para a qual está falando, mas a mensagem nesse caso é o evangelho e a necessidade profunda que todo ser humano tem de vir e reconhecer a Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Assim, há um lugar com os não-cristãos em que primeiro é preciso ter um assunto sobre o qual falaremos, e esse assunto nos levará a vários textos ou a um texto? Em vez de começar com um texto e trabalhar de modo inverso, estamos começando com as pessoas e suas necessidades.

Sim. É muito mais enganoso quando você está falando sobre evangelismo. porque às vezes vejo pessoas fazendo evangelismo sem fazer exposição alguma de trechos bíblicos. Billy Graham é famoso por dizer: "A Bíblia diz... A Bíblia diz... Você está citando as Escrituras o tempo todo, mesmo no bom evangelismo. Quando você está lidando com evangelismo, é muito mais legítimo simplesmente começar no ponto em que as pessoas estão, para captar a atenção delas, e dizer: "Falarei de coisas em que estão interessados". Mas você tem o alvo de fazer o caminho mais curto para o evangelho. Apenas dar aos ouvintes algumas mensagens moralistas não é a real necessidade deles.

Pensamos no modelo de igreja voltada para pessoas em busca em que o sermão fala sobre como ter um casamento feliz, como ter um lar feliz, como criar seus filhos, como pôr em ordem as suas finanças. Você veria essas coisas como pontes legítimas que falam às necessidades que esses não-cristãos sentem exatamente agora e, a seguir, você os levaria na direção à cruz, e não apenas para que tenham uma boa situação financeira. Você concorda com isso?

Sim, concordo, embora isso não seja pregação da forma como a Bíblia fak sobre ela. Não é nem mesmo *didaskein-*, não é ensino. Você está lidando com pessoas em busca e incrédulos e está dando a eles uma coisa do tipo "como viver uma vida mais eficaz". E mais uma forma de pré-evangelismo; isto é, persuadi-los a avançarem em uma direção, dando-lhes pequenos vislumbres de algo mais forte e melhor do que qualquer coisa que conheçam.

Penso na estratégia de sete passos da Willow Creek: desenvolver uma amizade, dar um testemunho verbal, mas, já no começo, conduzi-los ao culto orientar: para pessoas em busca. Esse é um dos primeiros passos. O objetivo é levá-los em direção à nova comunidade, para que possam vir a entender o evangelho, aceitar : evangelho e querer começar a crescer como cristãos. Tudo que você faz em um culto orientado para pessoas em busca está no começo desse processo. É uma forma de pré-evangelismo, em vez de evangelismo propriamente dito.

Capítulo 126

PREGANDO PARA OS QUE ESTÃO PREPARADOS PARA A CONVERSÃO

Uma entrevista com James MacDonald

Na Harvest Bible Chapei, muitas pessoas estão aceitando a Cristo. Você teve centenas de pessoas batizadas por vários anos sucessivamente. Antes de conversarmos sobre pregação evangelística, fale sobre sua visão sobre como as igrejas devem fazer evangelismo.

E claro que há muitos tipos diferentes de igrejas e muitas maneiras diferentes de propagar as boas novas. Não gostaria de forma alguma de nos colocar na posição deste tipo: esta é a maneira de fazer isso — exceto naqueles aspectos em que o que estamos fazendo é claramente instruído nas Escrituras. Penso que Deus disse algumas coisas sobre a maneira que ele quer com que as boas novas sejam pregadas. Sou cuidadoso, por exemplo, com ICoríntios 2.4,5, em que o apóstolo Paulo disse: "Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram em demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus".

Há uma escola de pensamento que pratica a difusão das boas novas ao elevar o papel da persuasão humana no evangelismo, em que grande parte da conversa sobre compartilhar o evangelho se resume em termos de *marketing.* E todos são estratégicos e intencionais em relação a isso. Entretanto, na minha reflexão sobre as Escrituras, simplesmente não cheguei a essa conclusão.

Vejo a proclamação como um evento sobrenatural. Vejo a conversão de uma pessoa perdida como uma coisa sobrenatural. E penso que isso acontece de maneira um tanto estranha. A Bíblia chama isso de "a loucura da pregação". Você nunca faria isso dessa maneira. Você nunca se levantaria e anunciaria as boas novas. Você seria estratégico e "marqueteiro" e tentaria fazer as coisas como meio para "conquistar amigos e influenciar pessoas" e usaria uma abordagem sociológica. Não consigo perceber isso como o modelo bíblico. Penso que o modelo bíblico é a loucura da proclamação. Há grande poder nisso, e Deus abençoa essa proclamação sobrenaturalmente.

Faço uma distinção entre evangelismo da maçã vermelha e evangelismo da maçã verde. Acredito que Bíblia ensina claramente que Deus usa as circunstâncias da vida para preparar algumas pessoas para o evangelho. Não há por que compartilhar o evangelho com uma pessoa que não está pronta. Podemos chamar uma pessoa que não está pronta para o evangelho de maçã verde. Seu vizinho logo ao lado, o sujeito na sua rua — ele é apenas um sujeito, e não está aberto ao evangelho. Ele não está pensando sobre Deus. Ele não se importa com Deus. Se você compartilhar o

evangelho com ele, ele provavelmente dirá: "Eu não me importo com isso; não preciso disso". Ele ainda não está preparado para o evangelho. Apenas Deus pode preparar uma pessoa para o evangelho, e ele usa as circunstâncias dolorosas da vida para fazer isso no coração das pessoas que está atraindo.

Quando maçãs verdes — aquelas pessoas que não estavam preparadas para a mensagem — vinham a Jesus, ele dizia coisas radicais. Elas diziam: "Nós o seguiremos aonde o Senhor quiser nos levar". A afirmação de uma maçã verde é bem distinta. E Jesus dizia, em essência: "Afastem-se de mim, vocês não estão prontos". Mas a terminologia bíblica que ele usava era: "Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres" (Mc 10.21). Agora, é realmente assim que você entra no reino dos céus, vendendo tudo que você tem e o dando aos pobres? Essa é a evidência de uma pessoa no reino, mas não é assim que você entra no reino. Assim, o que Jesus realmente estava fazendo era revelando à maçã verde o que ele era de verdade, uma maçã verde.

Jesus dizia: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mt 8.20). Cristo elevava o preço para as maçãs verdes e, a seguir, as maçãs verdes iam embora. Quando tiramos o preço do evangelho, corremos grande perigo. Quando estamos tão interessados em atrair as pessoas e encontrá-las em seu nível — evangelismo voltado para "necessidades percebidas" — o que realmente estamos fazendo deveria ser intitulado: "Como encher sua igreja com joio". O que estamos fazendo é enchendo nossa igreja com maçãs verdes — enquanto em toda a nossa volta há pessoas machucadas que estão desesperadoramente procurando alguma outra coisa, pessoas que Deus preparou para o evangelho. Em nossa igreja, ensinamos nossos membros a ir ao mundo e procurar as pessoas que Deus está preparando para o evangelho.

Muito de nossa abordagem do evangelismo hoje é que queremos alcançar as pessoas que nós queremos alcançar. Em vez de olharmos para as pessoas que Deus está quebrantando e levando a uma posição de humildade, em que podem aceitar a mensagem poderosa da cruz de Cristo, estamos tentando alcançar quem queremos alcançar. Jesus foi aos marginalizados e aos abatidos; nós muitas vezes estamos procurando — certamente nos condomínios de classe média alta — os elitizados. Isso simplesmente não é onde o evangelho está penetrando.

Assim, o que fizemos é construir uma filosofia de ministério que permitira que alcancemos maçãs verdes, para que entrem e saiam da igreja sem que as ofendamos, e nós chamamos isso de evangelismo. Às vezes, algumas dessas maçãs verdes ficam prontas para o evangelho na soberania de Deus e aceitam a Cristo Louvamos a Deus por todas essas decisões. Mas poderíamos testemunhar muito mais conversões se pulássemos o espetáculo que tem o propósito de convencer as pessoas e fôssemos direto para o âmago da questão: alcançar pessoas que Deus está tentando alcançar com uma proclamação audaciosa da verdade. Maçãs vermelhas Elas estão prontas para ouvir as boas novas.

Quando essas pessoas ouvem, é uma resposta por atacado?

É! Isso é fenomenal. Você simplesmente não consegue acreditar na receptividade no coração das pessoas quando elas ouvem as boas novas. Elas estão procurando alguma coisa. Como a pessoa que encontrou a pérola de grande valor, elas estão prontas e querendo.

Nós nos esforçamos em falar diretamente às pessoas em uma linguagem que consigam entender de forma simples. O ministério radiofônico de ensino bíblico da nossa igreja tem como tema: incendiando a paixão do povo de Deus por meio da proclamação da verdade. O poder está na proclamação. É isso o que o Espírito energiza e usa.

Há um grande movimento voltando na igreja para o poder da proclamação. Levante-se e encha sua cabeça de verdade, encha seu coração com paixão e fale em nome de Deus. De forma que quando as pessoas tiverem esquecido o que você disse nesta semana, na semana passada ou semana seguinte, quando elas tiverem esquecido os detalhes do sermão, elas se lembrarão que há um lugar onde elas podem ouvir Deus falar. Isso acontece quando nós e nossa personalidade desaparecem do retrato, e Deus se torna aquele que é elevado naquele contexto de adoração do culto de domingo.

Com que freqüência você prega apenas com os não-convertidos em mente?

Acredito que a igreja seja para cristãos. Não temos um sermão evangelístico, por assim dizer. Encorajamos nossos membros a trazer seus amigos incrédulos. Acreditamos, como 1 Corintios 14.22-25 diz, que existe poder evangelístico em uma maçã vermelha, em uma pessoa pronta para o evangelho, que observa louvor sincero, cheio do Espírito e apaixonado. Essa é uma mensagem evangelística poderosa. Vemos a parte da proclamação do culto como uma parte da adoração.

Um dos pilares da nossa igreja desde o começo foi pregar a autoridade da Palavra de Deus sem pedir desculpas. Acreditamos que Deus está trabalhando neste mundo e que ele está procurando levar pessoas a lugares onde sabe que ouvirão seu coração. Acreditamos que se Deus, em sua soberania, traz algumas pessoas a este lugar, elas ouvirão o coração dele. E se Deus está tentando alcançar essa pessoa, então teremos o privilégio de participar.

Assim, para responder a sua pergunta sobre o evangelho especificamente: pregamos Cristo toda semana. Seria raro não termos o evangelho em qualquer passagem das Escrituras que estou ensinando. Mas nosso "alvo", como as pessoas gostam de dizer, é o cristão. Estamos edificando os cristãos, como Efésios 4.11-16 nos ordena a fazer. Uma vez por mês ou uma vez a cada dois meses, fazemos a oração do pecador. Não fazemos apelos públicos freqüentemente, embora algumas vezes o façamos. E temos classes paralelas para as quais conduzimos as pessoas que tomaram a decisão pelo Senhor.

Talvez, uma ou duas vezes por ano, dedico todo o culto à proclamação do evangelho. Fiz isso este ano no Natal. Preguei sobre João 3.16 em um domingo de culto.

Nunca me esquecerei da carta que uma senhora da igreja me escreveu. Não gostei do que ela disse, mas ela estava certa. Havia pregado uma mensagem de algum texto das cartas pastorais falando sobre o papel dos homens e das mulheres e o papel dos patrões e dos empregados. Ela me escreveu uma carta e disse que poderia ter ouvido a mesma mensagem em uma mesquita muçulmana. O que tinha dito era apenas ensino de comportamento e não tinha pregado a Cristo. Depois de ficar exausto de tanta raiva que senti dela, o Senhor me persuadiu. E quanto mais pensava sobre isso, mais via que ela estava certa. Fiz uma mudança e penso que Deus usou isso.

Quando pregamos a incrédulos, o quão diretos ou indiretos devemos ser?

A pregação é a verdade transmitida por meio de personalidade e todos nós temos personalidades diferentes. Vejo três tipos de pregador:

O pregador pastor do rebanho tem uma predisposição voltada ao conforto, encorajamento e misericórdia. O pregador pastor leva suporte emocional e encorajamento aos desencorajados. Alegro-me com isso.

O pregador mestre tem dons de ensino e leva esclarecimento e entendimento para a mente. Esse pregador é capaz de explicar coisas, tornando-as claras e compreensíveis.

O pregador profeta está mais de acordo com o meu dom. Enquanto o pregador mestre se dirige à mente, e o pregador pastor se dirige às emoções e ao lugar de encorajamento, o pregador profeta se dirige à vontade.

Todos esses tipos são importantes. A intensidade da franqueza em sua pregação está associada aos dons que Deus lhe deu. Acredito, entretanto, que você quer seja mestre, quer seja pastor, quer seja profeta em seu dom primário, o modelo bíblico é ousadia. Qualquer que seja sua mensagem, o modelo bíblico é a ousadia. Isso é claro nos primeiros capítulos de Atos. As pessoas perceberam os apóstolos porque eles eram ousados. Eles foram açoitados e ameaçados; mas, depois, voltaram para uma reunião de oração e disseram: "Senhor [...] capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente" (At 4.29). Paulo disse em Efésios 6.19: "Orem também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho". Agora, c que poderia ser mais claro do que isso? Deus não está procurando mensageiros que meçam as palavras e fiquem fazendo rodeios. As pessoas não devem pensar: *O que ele realmente está tentando dizer?* Com ousadia, isso não é problema.

Algumas pessoas se afastarão de nossas mensagens e dirão: *Não gosto disso; não quero ouvir isso.* Bem, na Bíblia, elas também se afastaram do ensino de Jesus e disseram: "Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la?" (Jo 6.60). E disse a meus

jovens pastores aqui na igreja que, se não queremos pessoas se afastando de nossos ministérios dizendo: "Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la?", então não temos um ministério como Jesus o tinha. Lembre-se de quando Jesus se voltou para os discípulos e disse: "Vocês também não querem ir?". E, é claro, eles eram maçãs vermelhas. Eles disseram: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna" (Jo 6.67,68). Essas são as pessoas que os pregadores estão tentando alcançar.

Assim, acredito fortemente em uma proclamação ousada e direta da verdade dentro do conjunto de dons de cada um.

Você se considera um expositor?

Sim. O grande comprometimento de minha vida é o ensino da Palavra de Deus. Mas quero lhe dizer uma coisa. Se você não consegue fazer a conexão entre O texto e a cruz, então você ainda não entendeu o texto. Recentemente foram publicadas ótimas coisas sobre a pregação centrada em Cristo. Esses são bons livros e trazem uma importante declaração de equilíbrio.

Quando estou me dirigindo à vida das pessoas, não apenas exponho o texto. Não acredito em "partilhe o pão e feche com oração". Você precisa ser tão cuidadoso no preparo da aplicação quanto no preparo da interpretação. Quando o pregador sobe ao púlpito — não apenas com o entendimento da Palavra de Deus, mas com um entendimento igualmente claro de como isso penetra na vida do ouvinte e quais são as necessidades genuínas do ouvinte que essa verdade de Deus supre — então não é difícil partir daquele ponto para ajudá-las a ver que talvez não estejam querendo receber essa verdade ainda. Nesse ponto, você pode compartilhar que elas talvez nunca tomaram aquela primeira decisão de deixar o pecado e aceitar a Cristo, e conhecer a ele que é vida eterna. E — boom — você acabou de entrar diretamente no evangelho.

Isso reverbera não só nos não-cristãos — essa é a grande bênção — a pregação de Cristo é uma bênção para todos que o conhecem. E quando você realmente una ao Senhor, você jamais se cansa de ouvir essa mensagem. Acho que pastores precisam ser encorajados a continuar pregando o evangelho.

Você disse que não faz muitos apelos para a conversão. Isso é verdade?

Bem, não convidamos as pessoas para virem à frente em resposta a uma mensagem do evangelho. Tenho uma perspectiva diferente sobre isso. Acredito que a real manifestação é o batismo. Isso é tomar uma decisão pública. Sei, a partir da parábola do semeador, que há quatro profissões de fé para cada conversão genuína. Penso que, às vezes, andar pelo corredor até o altar pode acabar por promover rouca profundidade, visto que poucas pessoas realmente refletiram seriamente sobre o evangelho. Mas não sou contra chamar as pessoas à frente.

A maneira que usamos convites públicos em nossa igreja é convidar as pessoas á frente para receberem oração e ministração. Também deixamos aberto para qualquer

um que tenha perguntas. Mas simplesmente não estou convicto de que seja correta aquela conclusão tradicional e pesada: "Aqui está o evangelho. Você fez aquela oração? Se você fez, levante sua mão. Agora que você está em pé e não tem saída, por favor, venha para a frente. Se você andar pelo corredor, realmente foi sincero'.

Certamente promovemos crises, mas não necessariamente procuramos coletar e contar todas elas no ponto de decisão. Oferecemos, entretanto, muitas maneiras de as pessoas chegarem a Cristo. Dizemos: "Se você tomou essa decisão hoje, poderia fazer isso e aquilo depois do culto". Acreditamos que, se o coração foi genuíno, haverá o desejo de fazer isso.

Capítulo 127

COMO PREGAR COM OUSADIA EM UMA CULTURA DO "SEJA O QUE FOR"

Uma entrevista com Greg Laurie

O que é proclamação ousada e o que não é?

A proclamação ousada não é falar alto, com mais emoção, ou mesmo com mais paixão. Significa trabalhar as Escrituras por completo, dividindo-as corretamente e, depois, pregando-as com a unção do Espírito Santo.

Alguns pregadores tentam estudar para terem as percepções corretas, enquanto outros oram por paixão. A proclamação ousada está encontrando o equilíbrio entre as duas coisas. Um proclamador ousado dá ao ouvinte muito material para reflexão, mas ele o anuncia com uma energia que mantém os ouvintes envolvidos

A proclamação ousada mostra a relevância da Palavra de Deus para os tópicos com que a cultura está lidando, e ela não se curva de medo ou vergonha. Ela e intransigente ao afirmar a verdade. O exemplo clássico de um proclamador ousado é Paulo, na colina de Marte, no Areópago, em Atos 17, onde ele avaliou a cultura local, entendeu a filosofia da época e, a seguir, com tato, mas com pode: anunciou a mensagem do evangelho.

Então quer dizer que a proclamação ousada precisa ser temperada com o conhecimento da platéia?

E como! Em Atos 2, Pedro se dirigiu a um grupo de pessoas familiarizadas com as Escrituras e, em Atos 17, Paulo proclamou o evangelho a uma cultura largamente pagã. O seu evangelho era o mesmo, mas seus modos de apresentá-lo foram diferentes.

Em que aspectos proclamar com ousadia para cristãos é diferente de proclamar com ousadia para uma platéia não-cristã?

Quando proclamamos a Palavra de Deus para a igreja, precisamos confiar na autoridade e inspiração das Escrituras e não precisamos de maneira nenhum.

sentir que estamos "tentando" tornar a Biblia relevante. Em vez disso, entendemos que ela é relevante. Tudo que precisamos saber sobre Deus está em suas páginas. Podemos subir ao pulpito com ousadia e confiança por causa da suficiência das Escrituras. Só estamos deixando o leão sair da jaula.

Uma vez, perguntei a Billy Graham: "Se você soubesse o que sabe agora quando era um jovem pregador, como a sua pregação teria sido diferente? Você teria enfatizado alguma coisa mais?".

Billy olhou para mim com aqueles olhos azuis de aço e disse: "A cruz de Cristo e o sangue. E aí que está o poder".

Paulo disse que, quando pregou o evangelho para os corintios, não queria conhecer nada mais a não ser a Jesus Cristo e a este crucificado e, a seguir, advertenos a não envolver a mensagem do evangelho com palavras brilhantes ou sabedoria humana (veja ICo 2.1-5). Podemos privar o evangelho de seu poder quando tentamos acrescentar ou tirar algo dele. A cruz ressoa com intensidade quando é proclamada em sua simplicidade.

O que mais enfraquece a proclamação?

A primeira coisa que vem à mente é o medo de ofender as pessoas. Não podemos deixar a mitologia cultural do relativismo moral e o mandato da tolerância diluir o evangelho. Precisamos acreditar que Jesus Cristo é o único caminho para Deus e precisamos dizer isso mais cedo ou mais tarde.

Também precisamos tomar cuidado e não dar espaço exagerado à personalidade na pregação. As pessoas estão procurando um pregador que seja seguro, que possa cativar seu interesse — essas coisas são recursos — mas também uma pessoa autêntica, não uma personalidade de púlpito. Muitos incrédulos são repelidos por pregadores com inflexões exageradas, fala dramática e personalidade teatral. Quero mostrar, em vez disso, que sou uma pessoa real com os mesmos conflitos que todos os outros, mas Deus está mudando minha vida por meio de sua Palavra.

Você concordaria que muitas pessoas associam proclamação ousada com extravagância?

Sim, mas não defendo a extravagância. Mas também não defendo a falta de vivacidade. Defendo precisão bíblica ligada a um esforço de cativar o interesse da platéia e mantê-lo. Isso pode ser feito no mesmo tom de voz com que normalmente falo. Em vez de focar meu desempenho, foco meus ouvintes.

Por exemplo, fico atento para perceber sinais de que estou perdendo as pessoas: olhar para o relógio, inquietação. Quando isso acontece, troco de marcha com uma ilustração ou um toque de humor.

De que outra maneira o pregador pode manter os incrédulos interessados na proclamação ousada das Escrituras?

Quando Paulo estava na colina de Marte, no Areópago, ele começou dizendo: "Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos" (At 17.22).

Ele estava construindo uma ponte para sua platéia. Eu, de modo semelhante, dedico grande parte do meu tempo ao preparo das minhas anotações introdutórias para construir pontes.

Também temos uma grande responsabilidade de pregar de um modo que as pessoas possam ouvir. Nós, como Paulo, precisamos usar a linguagem das pessoas. Hoje em dia, quando prego fora do contexto da igreja, já não pressuponho que meus ouvintes conheçam a terminologia bíblica. Assim, em vez de dizer: "Você precisa se arrepender e entregar sua vida a Cristo", digo : "Você precisa se arrepender, o que significa dar uma guinada de 180 graus na estrada da vida, para se afastar de como você vinha vivendo e voltar-se para Jesus Cristo".

Os pregadores precisam estruturar seus sermões em termos da filosofia da geração presente — pós-modernismo, por exemplo?

Sim e não. Queremos usar a terminologia que as pessoas entendam e mostrar como ela se aplica, mas não podemos mudar a mensagem para que nutra uma cosmovisão incorreta. Em vez disso, precisamos reeducar as pessoas para uma visão de mundo bíblica.

As pessoas desenvolvem um apetite por aquilo com que você as alimenta. Se você nutre seus pontos de vista não-cristãos, fortalece esses pontos. Em vez disso, tento levá-las a um novo lugar.

Na colina de Marte, no Areópago, Paulo reconheceu a cosmovisão deles, sua adoração ao "deus desconhecido". Mas, a seguir, ele lhes disse que à adoração deles faltavam as boas novas de um Deus conhecível. Esse Deus, disse ele, "eu lhes anuncio".

Capítulo 128

PREGANDO COM UM CORAÇÃO DE LÍDER

Ambos os papéis exigem o nosso melhor

Jim Nicodem

Sou pastor coordenador da igreja, e isso me torna tanto pregador como líder Há uma ênfase tão grande sendo colocada na necessidade de o pastor ser líder que o papel do pregador está sendo diminuído em sua importância. Entendo de onde isso está vindo. Os seminários tendem a produzir pregadores; então eles entram no mundo real de pastorear uma igreja e descobrem que se exige muito dele; como líderes, e muitos pastores se sentem mal equipados para a tarefa.

Papéis de liderança e pregação

Concordo que é necessário levantar a barra da ênfase na liderança. Não faz mal fazer com que os que estão em posições pastorais sigam a direção de se tornar

melhores líderes. Mas acredito que há um perigo de que, subitamente, isso começou a diminuir a importância do papel do pregador. Isso quase força uma dicotomia no nosso pensamento: Você pretende ser líder ou pastor? Você não pode fazer ambas as coisas bem, então terá de escolher para qual se inclinará.

O segundo perigo é que, ao tentar focar a liderança e reforçar as habilidades de liderança, há a possibilidade de se negar a Palavra de Deus. Isso não é apenas algo que é negligenciado na preparação para o sermão de domingo, mas, ao se entregar à liderança e à construção da organização, você corre o risco, por falta de espaço, de deixar a Palavra de fora da sua própria vida pessoal e de não ter o tempo necessário para isso.

Eu provavelmente tendo mais para a pregação do que para liderança, mas em minha combinação de dons, eles correm lado a lado. Minha maior paixão é a pregação, e a liderança é algo que faço para me dar a permissão de pregar. Mas há uma tensão constante. Tenho conversado com minha equipe da liderança e meus presbíteros sobre com uma freqüência regular, dizendo que estou me sentindo puxado em sentidos opostos. Sinto como se tivesse dois trabalhos de tempo integral. Mas, para ser honesto, ambas as coisas são necessárias. Não vejo como poderia abrir mão de qualquer uma delas. Preciso descobrir uma forma de realizar as duas coisas porque, bíblicamente, somos chamados a realizar ambas.

Alguns podem pensar: *Por que viver com essa tensão? Apenas se incline para qualquer uma que você quiser, e deixe alguém fazer a outra.* Não penso que você pode separar as duas coisas. Em Atos 6, um problema administrativo se apresenta aos presbíteros da igreja, e eles o delegam a outros. Os principais líderes da igreja dizem: "Nossa principal responsabilidade é a Palavra e a oração e é para isso que precisamos voltar nossa atenção". Portanto, eles são líderes, são pessoas-chave para a igreja e, ainda assim, tem essa responsabilidade de serem guardiões das Escrituras e mestres dela.

Tarefas de liderança realizadas por meio da pregação

A primeira tarefa de liderança que realizo no púlpito é o diagnóstico. Vejo-me como médico da igreja, tentando descobrir em que minha igreja precisa de mim, em que ponto estamos como congregação, que atitudes precisam ser corrigidas, que desafios precisamos encarar. Enquanto faço o diagnóstico de em que ponto minha igreja está, direciono a ênfase de minha pregação para aquela direção. Por causa disso, quando prego a mesma mensagem em outro contexto, quase tenho de refazer a mensagem. Se sou o preletor em um acampamento para famílias no verão e, depois, prego em Moscou, tenho de refazer a mensagem. Mesmo se prego para outra igreja em condições semelhantes às nossas, tenho de refazê-la, porque usei a passagem e a direcionei para as necessidades e os desafios com que nos defrontamos como igreja.

Uma segunda função de liderança que posso cumprir por meio da minha pregação é projetar a visão. Nós, como igreja, temos uma missão. Ela não é exclusi-

vidade nossa, mas está esculpida na pedra fundamental de nossa igreja: "Conhecer a Cristo e torná-lo conhecido".

Realizamos isso por meio de quatro grandes objetivos:

Queremos que as pessoas experimentem o *Mestre* para chegarem a um relacionamento com Cristo.
Queremos que elas cresçam em *maturidade.*
Queremos que elas descubram seu *ministério* na igreja.
Queremos que elas se dediquem à *missão* de levar o evangelho ao mundo.

Como pregador, tendo a pregar de forma sazonal seguindo as linhas gerais de um dos quatro desses *emes (M).* Por exemplo, a última estação de ministério foi sobre aquele segundo *M:* maturidade. Fizemos três ou quatro séries durante toda aquela estação de ministério, mas elas foram todas direcionadas a pessoas crescendo em maturidade.

Um terceiro componente da liderança no púlpito é que você precisa repetir alguns temas de novo e de novo. O mais óbvio é a mordomia. Todo pastor sabe que a mordomia faz parte da liderança, fazendo com que entrem os recursos para fazer o ministério acontecer.

Você pode fazer isso de várias maneiras. Fizemos isso em forma de série. Normalmente, no decorrer de um ano de ministério, teremos pelo menos uma série sobre um tópico da mordomia. Isso também é feito no âmbito de uma série. Se você está fazendo uma série temática sobre as disciplinas da vida cristã, a mordomia pode ser uma dessas mensagens. Ou se está fazendo uma série sobre paternidade, ensinar seus filhos a serem bons mordomos das coisas que Deus lhes confiou pode ser uma das mensagens. Ou, dentro da própria mensagem, pode haver um: oportunidade para uma ilustração relacionada à mordomia: "Agora, deixem-me ilustrar esse ponto com...", e você pode dar uma ilustração sobre alguém que deu uma oferta generosa para a obra do Senhor. Assim, você utiliza um tema desses e como líder, está constantemente pensando: *Como trabalho isso por meio da minha pregação?*

O evangelismo é outra questão que enfatizo para edificar o corpo, porque **c** evangelismo é um dos focos primários de uma igreja, algo facilmente negligenciado. Antes que você saiba, você tirou seus olhos dos campos que estão prontos para a colheita e não está fazendo uma prioridade o alcançar as pessoas perdidas. Assim. em cada ocasião, trabalho com evangelismo. Uso ilustrações que contam sobre um contato recente que tive com uma pessoa espiritualmente perdida e como a direcionei para o evangelho. Também tratamos o evangelismo em séries.

Há outras questões corporativas para as quais me inclino. Um de nossos emes (M), como disse, é cada membro descobrir seu ministério. Assim, esse outono foi dedicado a ajudar as pessoas a encontrar seu caminho para sair das arquibancadas e entrar em campo. Essa é uma ênfase corporativa — como as pessoas descobrem

seu dom e o empregam no serviço dentro de nossa igreja. Pregamos uma série intitulada: "E necessário um time para vencer o mundo", em que olhamos para meia dúzia de dons espirituais e como eles contribuem para construir um time bem-sucedido.

Ainda outra qualidade é motivar. Como líder, é meu trabalho motivar as pessoas, e isso pode ser mais bem feito por meio da pregação. Se você está animado, se você está entusiasmado, se está altamente motivado em relação às coisas que Deus está lhe ensinando, isso acaba por aparecer em seu ensino.

Como líder, você não tem papel mais importante do que ser um modelo para o rebanho, e isso aparece em sua pregação. Quando trabalha em ilustrações de como colocou em prática o tema das Escrituras naquele dia, a congregação vê que você é uma pessoa que as vive isso na prática. Essa é uma função importante a ser desempenhada — tanto a de pregação como a de liderança.

Quando você coloca a liderança e a pregação juntas, você tem um choque duplo. Você causa um grande impacto, porque a pessoa que faz a comunicação está liderando, e a pessoa que lidera está fazendo a comunicação.

Capítulo 129

A CRÍTICA DA NOVA HOMILÉTICA

Examinando a conexão entre a nova homilética e a nova hermenêutica

Scott M. Gibson

A nova homilética é nova pelo fato de que se afasta da pregação tradicional e da pregação querigmática de Karl Barth. A primeira se concentrava na transmissão de uma idéia, enquanto a segunda foca a mediação (Lowry, 1997, p. 31).

A nova homilética tem suas raízes no trabalho hermenêutico de Gerhard Ebeling e Ernst Fuchs. Para eles, a suposta separação entre a teologia do púlpito e as pessoas nos bancos era uma ameaça à pregação. Ambos os autores insistem na relevância prática para o mundo de hoje (Ebeling, 1966, p. 15). Como a linguagem, particularmente a linguagem da Bíblia, atinge o ouvinte moderno? Como suas palavras podem chegar por meio da própria compreensão do pregador de forma que, quando são repetidas, serão palavras do ouvinte? Como a Palavra de Deus pode se tornar uma palavra viva ouvida de forma nova (Thiselton, 1986, p.78)?

A ênfase em aplicação prática como oposta à proposição bíblica tem conexão com a obra de Rudolf Bultmann, que afirmava que o Cristo ressurreto vem aos ouvintes nas palavras da pregação e chama homens e mulheres à fé. O desejo era que o evangelho falasse de maneira nova para o ouvinte, que chamasse um mundo novo à existência. Juntamente com o filósofo Martin Heidegger, Bultmann afirmava que a própria linguagem é uma interpretação e, portanto, não pode ser

entendida em referencia a textos antigos como de alguma forma corporificando a verdade objetiva. Entender é existencial, envolvendo um "círculo hermenêutico" em que a pessoa e o texto se encontram na vida diária (Thiselton, 1986, p. 90).

Isso significa que o pregador não apenas reafirma o texto, mas o anuncia de uma maneira nova para a nova situação porque a linguagem do texto pode, às vezes, obscurecer o significado do texto. Não precisamos parafrasear o texto para o presente, mas precisamos interpretar o texto e a situação presente e tentar fundir esses dois "horizontes" no que Fuchs chamou de um "evento de linguagem" (1964, p.196). Ebeling usou o termo "evento de palavra" (1966, p. 28-9).

Tanto Fuchs como Ebeling haviam sido pastores por vários anos em que relevancia e eficácia na pregação foram testadas. A questão central de Fuchs era: "O que temos em nossas escrivaninhas se queremos colocar o texto diante de nós no púlpito?". Portanto, a questão-chave na nova hermenêutica era: "Como o Novo Testamento fala para nós de maneira nova?" (1964, p. 196-206).

A conexão entre a nova hermenêutica e a nova homilética não pode ser suficientemente destacada. Ebeling e Fuchs ganharam inspiração da perspectiva de Bultmann de que as pessoas hoje em dia podem entender a Bíblia como uma palavra dirigida a *elas.* Eles também foram influenciados pela obra de Friedrich Schleiermacher e do filósofo alemão Wilhelm Dilthey, pai da nova hermenêutica. Schleiermacher esforçou-se para interpretar Platão e a Bíblia em termos que seriam significativos para as pessoas modernas (Randolph, 1969, p. 17). Como o filósofo, Heinz Kimmerle observa: "O trabalho de Schleiermacher constitui uma mudança de direção na história da hermenêutica. Até então, a hermenêutica deveria suportar, proteger e clarificar um entendimento já clássico (da Bíblia como hermenêutica teológica; e da antigüidade clássica como hermenêutica filosófica No pensamento de Schleiermacher, a hermenêutica tem a função qualitativamente diferente de, antes de tudo, *tornar o entendimento possível* e, deliberadamente *iniciar o entendimento* em cada caso individual" (Thiselton, 1986, p. 82).

A nova hermenêutica é também expressa na maneira em que a realidade e a linguagem são entendidas (Ebeling, 1967, p. 15). O impacto na homilética e profundo. A nova homilética introduz uma nova maneira de entender a Bíblia uma maneira nova de entender a realidade e a expressão dessa nova realidade em situações práticas e ela sugere uma nova maneira de entender a pregação. A preocupação central não é o que um sermão *é,* mas o que ele *faz* (Randolph, 1969. p19). Há um deslocamento da homilética tradicional baseada em determinar o sentido original do texto para o sermão como evento discursivo que revela seu significado por meio de seu relacionamento com seu contexto, com a fé e com c ouvinte e a comunidade. O sermão é visto como um evento ou uma experiência

Como a nova hermenêutica defende, a nova homilética tem dado muita atenção às parábolas. Ebeling tinha interesse na pessoa de Cristo e observou a habilidade de Jesus para despertar em seus seguidores a certeza de encarar todas as situaçôes da vida.

David James Randolph cunhou o termo *nova homilética* e formalizou os ensinos de Ebeling e Fuchs em seu livro marco, *The Renewal ofPreaching [A renovação da pregação],* de 1969. Ele define assim a nova homilética: "A pregação é o evento em que o texto bíblico é interpretado para que seu sentido se expresse na situação concreta dos ouvintes" (p. 1). Randolph observa mais adiante:

> O sermão está sendo entendido cada vez mais como *evento,* e evento significa encontro, entrosamento e diálogo: o fim do "monólogo" no púlpito. A pregação como uma ocupação de um homem só é uma coisa do passado, a ser substituída por aquele tipo de experiência participativa em que os presentes sabem que estão envolvidos, mesmo que apenas um homem esteja verbalizando isso no momento. O sermão está sendo entendido como evento, e as conseqüências disso estão começando a ser entendidas de uma nova maneira (p. 14).

Entre os principais defensores da nova homilética — com similaridades e diferenças — estão Fred Craddock, David Buttrick, Eugene Lowry, Charles Rice, Edmund Steimle, Morris Niedenthal, Richard Jensen, Lucy Rose, Thomas Troeger e Henry Mitchell. Alguns são destacados abaixo.

Depois de Randolph veio Fred Craddock, cujo livro de 1979, *As One Without Authority [Como aquele sem autoridade],* expandiu mais as possibilidades da nova homilética. O pano de fundo que Craddock obteve do Novo Testamento foi influenciado por Bultmann (p. 42). No seu ano sabático em Tübingen, ele estudou sob a supervisão de Ebeling. Mais tarde, ele foi introduzido aos escritos de Soren Kierkegaard (Craddock, 1990, p. 6-14).

Como Ebeling e Fuchs, a preocupação de Craddock não era "entender a linguagem, mas entender por meio da linguagem" (1979, p. 42). Ele diz mais adiante: "Nesse encontro com o texto, a Palavra de Deus não é apenas o conteúdo da tradição, nem uma aplicação dessa tradição a questões atuais, mas, antes, a Palavra de Deus é o discurso de Deus para o ouvinte que senta diante do texto e se abre rara o texto se tornar a Palavra de Deus. O mais importante é que a Palavra de Deus é a *Palavra de Deus* para o leitor/ouvinte, não uma palavra sobre Deus extraí-la dos documentos" (p. 114). A pregação é um evento experimentado.

Para Craddock, o pregador e os ouvintes são co-criadores da experiência homilética. Mais importante do que transmitir conhecimento, o sermão procura produzir uma experiência cultivando a surpresa do evangelho por meio da habilidade do pregador de gravar a experiência no mundo familiar da congregação. A sombra de Craddock no campo da homilética vai longe. Sua ênfase em indução, trama e movimento no sermão inspirou muitos pregadores em sua concepção e prática da estrutura do sermão.

David Buttrick defende a abordagem fenomenológica (1987). Sua preocupação é o que acontece quando a linguagem em um sermão interage com a consciência dos ouvintes. Butrick assevera: "A homilética pode emergir da divisão objetiva

subjetiva em que ela caiu e está presa — tanto objetivamente racional como subjetivamente romântica — ao se mover para a noção de consciência em que o objetivo e o subjetivo se encontram" (1994, p. 88-104). Seu estilo de sermão consiste em uma seqüência de cinco ou seis unidades de idéia tramadas que culminam em uma conclusão. Esse seqüenciamento é chamado de movimento.

Como outros defensores da nova homilética que adotam o movimento, Eugene Lowry enfatiza o que ele chama de "a trama homilética" (1980). Lowry também vê o sermão como uma experiência. Ele comenta: "Como evento evocativo, a seqüência do sermão segue a lógica do ouvir, não apenas a coerência de categorias conceituais" (1997, p. 59). A sua intenção é a ordenação da experiência dentro de uma trama narrativa.

Esses exemplos representativos da nova homilética estrategicamente não anunciam uma conclusão. Em vez disso, há um atraso intencional do significado do pregador. Como Randolph grifou: "A pregação é entendida não como o empacotamento de um produto, mas como a evocação de um evento" (p.19). Esses pregadores dependem da indução, da experiência, da imaginação, da linguagem performativa, da metáfora, da história, da narrativa — mas a evocação de um evento ou encontro é a chave.

A influência da nova homilética na pregação do final do século XX e do começo do século XXI é bastante difundida. Embora haja diferentes expressões dela, o traço comum é o sermão como experiência.

Pressuposições da nova homilética

1. O intérprete e o texto

O intérprete percebe que ele vai ao texto com pressuposições. O texto não é considerado o objeto, e o intérprete o sujeito. Em vez disso, o intérprete é ele mesmo objeto de interpretação. O texto, então, é falado à comunidade da fé e participa de sua criação. O centro de autoridade não está no texto, mas com c ouvinte ou ouvintes no contexto da comunidade. A autoridade, portanto, não esta localizada em um lugar particular, mas, antes, no relacionamento entre o pregador, o texto e a congregação.

Alguns defensores da nova homilética parecem dispensar completamente uso do texto bíblico: "Não devemos dizer que a pregação com base nas Escrituras é requisito para que sermões sejam a Palavra de Deus" (Buttrick, 1987, p. 458) Certamente há visões variadas sobre a autoridade dentro da nova homilética. ESSA perspectiva leva à segunda pressuposição.

2. A superioridade da pessoa

A ênfase na aplicação causou um deslocamento do uso objetivo da Bíblia para o subjetivo. Craddock argumenta: "E, portanto, sem sentido falar do evangelho

como verdade em si e por si mesmo; o evangelho é *Verdade para nós*" (1979, p. 71). Como um observador escreveu astutamente: "A crença de que a pregação, criada pela Palavra viva das Escrituras, pode ela mesma, sob a soberana graça de Deus, tornar-se a Palavra de Deus apenas pode ser sustentada por uma resposta ou impressão existencial que é auto-ratificadora" (Woodfin, 1970, p. 411). A luz dos dois primeiros pontos, a pressuposição final é como segue.

3. A autoridade da experiência

Enquanto na homilética clássica o pregador levava o significado e a aplicação do texto para a congregação, na nova homilética os ouvintes e o pregador juntos criam a experiência do significado. Um defensor afirma ousadamente:

> Uma das razões pelas quais precisamos despertar nossos olhos para uma visão mais viva e sentir o peso corporal da verdade é que, se não basearmos nossos sermões na realidade da experiência, a autoridade do que dizemos será suspeita. Apelos à Bíblia ou à tradição não carregam peso suficiente em si mesmos (Troeger, 1990, p. 122).

Entretanto, há aqueles no movimento que não têm medo de criticá-lo. Um adepto da nova homilética reflete sobre a nova hermenêutica e observa: "O movimento veio e foi com uma rapidez assustadora. Provavelmente a falha fatal foi uma pressuposição emboscada — a saber, de que o evangelho se dirige aos seres humanos em sua autoconsciência existencial" (Buttrick, 1994, p. 101). Outro comenta: "A verdadeira pergunta é esta: O evento de palavra está realmente acontecendo? O que pareceu ser uma teoria homilética muitíssimo promissora não produziu, apesar de todo o cuidado acadêmico que participou de sua formulação, um novo movimento significativo na pregação" (Skoglund, 1967, p. 57).

A ênfase na experiência certamente levanta questões sobre a dependência do movimento do paradigma e das pressuposições modernas liberais.

O que os pregadores evangélicos podem ganhar da nova homilética

1. Nós nos beneficiamos da ênfase na linguagem e em sua natureza evocativa

O interesse na linguagem, destacado de forma proeminente na nova homilética, dá origem às limitações da crítica literária. Se adotarmos a ênfase da crítica literária na polivalência dos textos, os pregadores podem ficar incertos a respeito dos controles da interpretação enquanto alguém tenta manter a interpretação alinhada com o próprio texto. Além disso, a nova hermenêutica manifesta uma visão unilateral da natureza da linguagem e coloca a ênfase em uma linguagem que é imperativa, conativa e diretiva, em oposição a uma linguagem de descrição ou informação.

Os evangélicos podem se beneficiar desse deslocamento referente ao uso da linguagem no sermão — a linguagem do texto bíblico e a linguagem usada enquanto se prega o sermão. Estar consciente da natureza da linguagem do texto e seu clima como refletido no sermão é algo que acaba por melhorar a nossa pregação.

Entretanto, o pregador precisa estar consciente de que, por trás da ênfase na linguagem na pregação defendida pela nova homilética, está uma pressuposição sobre a natureza das Escrituras. A Bíblia não é mais considerada como autoridade objetiva. Em vez disso, a inspiração é deslocada para o verdadeiro pregar/ouvir da palavra falada. Enquanto os evangélicos consideram a Bíblia revelação vinda de Deus, o livro inspirado por Deus, os defensores da nova homilética enfatizam a palavra pregada como evento/experiência em que o ouvinte encontra a Deus na palavra falada. Esse entendimento levanta sérias questões sobre a natureza da inspiração e revelação bíblicas. Além disso, essa perspectiva limita a linguagem homilética como primariamente uma expressão simbólica da experiência.

2. Nós nos beneficiamos da concepção de que o sermão é um movimento, uma trama ou algo "tramado"

Essa maneira de olhar para o formato de sermão permite ao pregador flexibilidade e variedade que, de outro modo, não poderiam ser considerados ao se elaborar um sermão. Relacionado ao movimento está a indução. A indução é, pode-se argumentar, a maneira com que as parábolas e alguns sermões registrados no Novo Testamento foram pregados. Manter a estrutura do sermão indutivo em mente — especialmente quando a passagem selecionada for indutiva — acaba por afastar o pregador da rotina de pregar de forma habitual sermões dedutivamente moldados. Esse discernimento da nova homilética dá aos pregadores a oportunidade de explorar formatos diferentes de sermão que podem aumentar o interesse.

Muito tem sido feito na nova homilética em relação à natureza narrativa ou *historiada* do evangelho. A dificuldade aqui é que defensores tendem a desvalorizar os trechos não narrativos das Escrituras e "limitam a amplitude comunicativa da pregação a um único método". A forma narrativa pode não ser a melhor maneira de pregar um dado texto.

3. Nós nos beneficiamos de uma preocupação pela maneira em que o ouvinte ouve o sermão

A experiência do ouvinte é crucial para a pregação. A nova homilética tornou os pregadores conscientes da importância de se conectar com seu ouvinte e estar conscientes da importância da aplicação.

Como acontece com o uso da linguagem pela nova homilética e a ênfase na inspiração colocada no lugar errado, porém, uma preocupação indevida com o ouvinte pode causar desequilíbrio e um foco erroneamente direcionado para o pregador.

4- Nós nos beneficiamos da atenção que é dada à experiência afetiva da platéia

Os evangélicos não discordariam de que o ouvinte experimenta um sermão. A nova homilética afirma que o peso da pregação se apoia na experiência real e afetiva do ouvinte. Embora o encontro experiencial seja importante, especialmente já que o ouvinte é chamado a uma reação, o pregador não se torna mais ou menos autorizado.

Além da questão da inspiração na nova homilética, há questões sobre o papel e trabalho do Espírito Santo. Pouco é mencionado na literatura da nova homilética sobre o Espírito Santo na pregação. A responsabilidade parece se apoiar no pregador para replicar o texto ou até mesmo "regenerar o impacto" de um texto bíblico para que ele de fato se torne a Palavra de Deus novamente na nova situação.

De igual interesse é a ênfase da nova homilética naquilo que um sermão pode fazer na experiência da congregação ouvinte. Em vez de o sermão transmitir o conteúdo do texto, doutrina ou ensinamento bíblico, a ênfase está na experiência. Para o proponente da nova homilética, o que é importante não é o que um sermão é, mas o que ele faz. O que vemos é um afastamento da verdade do texto bíblico para a experiência do texto — possivelmente (mais provavelmente?) afastada da idéia tencionada. A responsabilidade do pregador se afastou do mestre da verdade para o diretor de acontecimentos. Um defensor da nova homilética advertiu: "Há um perigo teológico profundo em medir a pregação pela sua capacidade de gerar experiência religiosa".

A dificuldade aqui para os evangélicos é que o foco do sermão se torna a experiência religiosa no lugar do Deus do texto bíblico autorizado e o que o texto ensina. Além disso, há uma confiança excessiva no método homilético para que ele produza eventos experienciais transformadores, em vez de uma confiança no poder da verdade bíblica aplicada ao coração humano pelo poder do Espírito Santo. A nova hermenêutica na nova homilética essencialmente perdeu o significado bíblico por causa da ênfase exagerada no papel do ouvinte.

Por meio de uma teoria da linguagem bastante complicada, a nova homilética deslocou o foco da homilética do entendimento tradicional do pregador pregando com base na autoridade da Bíblia para o evento experiencial do ouvir do texto na vida do ouvinte. Há muito que apreciar nas metodologias e preocupações expressas na nova homilética. Entretanto, os pregadores não devem aceitar ingênua ou indiscriminadamente a nova homilética — ou suas práticas — pelo valor de face.

Bibliografia

BUTTRICK, David. 1987. *Homiletics:* Moves and Structures. Filadélfia: Fortress.

. 1994. "On Doing Homiletics Today". P. 88-104. in *Intersections:* Post-Critical Studies in Preaching. Ed. Richard L. Eslinger. Grand Rapids: Eerdmans.

CRADDOCK, Fred B. 1979. *As One Without Authority.* Nashville: Abingdon.

. 1990. "Inductive Preaching", ensaio apresentado no encontro da Societas Homilética na Universidade de Stetson, 20-23 de agosto (p. 6-14).

EBELING, Gerhard. 1966. *Theology and Proclamation:* A Discussion with Rudolf Bultmann. Londres: Collins.

. 1967. *The Problem ofHistoricity.* Filadélfia: Fortress.

FUCHS, Ernst. 1964. *Studies ofthe Historical Jesus.* Londres: SCM.

LOWRY, Eugene L. 1980. *The Homiletical PloP.* The Sermón as Narrative Art Form. Atlanta: John Knox.

. 1997. *The Sermón-,* Dancing the Edge of Mystery. Nashville: Abingdon.

RANDOLPH, David James. *The Renewal of Preaching.* 1969. Filadélfia: Fortress.

SKOGLUND, John E. 1967. "Towards a New Homiletic". *Princeton Seminary Bulletin 60* (outono): p. 57.

THISELTON, Anthony C. 1986. "The New Hermeneutic". P. 78 in^4 *Guide to Contemporary Hermeneutics*: Major Trends in Biblical Interpretation. Ed. Donald K. McKim. Grand Rapids: Eerdmans.

TROEGER, Thomas H. 1990. *Imagining a Sermón.* Nashville: Abingdon.

WOODFIN, Yandall. 1970. "The Theology of Preaching: A Search for the Authentic". *Scottish Journal of Theology 23:* p. 411.

Parte sete

HISTORIAS E ILUSTRAÇÕES

Como encontro exemplos que são esclarecedores, fidedignos e convincentes?

Capítulo 130

CONTANDO HISTÓRIAS EM 3~D

Como fazer com que historias de sermões se tornem animadas

Kevin A. Miller

Muitos livros e artigos foram publicados recentemente dizendo que, hoje, a chave para atingir a congregação é usar a narração de histórias.

Na verdade, fui escritor primeiro e me tornei pregador há menos tempo. Não sou naturalmente dotado de instinto para a dramatização, mas descobri que diversas das habilidades que aprendi como escritor se transferiram de forma fácil para o púlpito e que podia usar os mesmos princípios que fazem uma história ficar interessante na escrita.

Uma coisa que ensino há anos aos escritores nos seminários e que, agora, uso na minha própria pregação é um sistema que chamo de narração de histórias em 3-D. É uma forma simples de lembrar três coisas que ajudam a tornar as histórias mais animadas, visto que todas começam com D.

Detalhes

A primeira coisa que ajuda a melhorar suas histórias são os detalhes, detalhes concretos. Como escritor, sempre me pergunto *Como posso descrever essa cena de ta. forma que as pessoas consigam enxergá-la?* Você pode descrever os sons e também OS aspectos visuais relacionados à cena.

Por exemplo, digamos que estou escrevendo uma cena que se passa no oceano Descrevo o som das ondas quebrando na margem e os grasnidos das gaivotas. Falo de coisas que você pode ver, como gaivotas voando em círculos no céu ou montes de algas marinhas na margem. Quando conto uma história no púlpito, quer: fazer a mesma coisa. Escolho alguns dos principais detalhes que ajudam as pessoa a visualizar a si mesmas naquela situação.

Por outro lado, a descrição deve ser concreta. Deve ser algo que todos NA platéia conheçam. Isso acrescenta à percepção de um item específico, imediato que eles podem ver, ouvir, experimentar ou tocar.

Há alguns anos, Bill Hybels pregou um sermão chamado: "A Questão d Caráter". Ele comparou líderes que começam no ministério com carros começando corrida das 500 milhas de Indianápolis. Bem, muitos pregadores, porque estamos sempre correndo e não temos tempo para o preparo, diriam simplesmente assim: "Vocês sabem, os líderes cristãos são muito parecidos como os carros na corrida de Indianápolis. Eles têm desistido da corrida". E isso já seria uma analogia bem interessante. Mas veja só como é melhor quando você usa detalhes específicos, foi assim que Bill começou o seu sermão, e ele o pregou no fim de semana de uma corrida em Indianápolis, o que fez com que fosse muito apropriado:

> Se ainda não começou, em pouco tempo a bandeira verde na pista de velocidade de Indianápolis sinalizará o início da corrida de carros mais famosa do mundo. Trinta e três foguetes cintilantes, rebaixados e turbinados aparecerão voando na quarta curva e passarão cantando pneus no portão de largada a quase 200 quilômetros por hora.

Não sei se ele já esteve em Indianápolis, mas sabe que há 33 carros naquela corrida. Ele sabe que a largada é na quarta curva. Ele sabe que alcançam 200 quilômetros por hora. E esses detalhes concretos e específicos tornam a história muito mais animada para o ouvinte.

Por outro lado, você pode matar uma história com detalhes demais; por isso, deve perguntar-se: *Qual é o ponto principal da história? Esse detalhe ajuda a destacar o ponto principal da história? Ele mostra um aspecto do caráter dessa pessoa que é importante para a história?*

Por exemplo, se quero falar de alguém que contribuiu de forma tão sacrificial que não tinha dinheiro nem para si mesmo, posso destacar que a camisa que estava usando estava gasta e furada nos punhos e nos cotovelos. Mas não incluiria esse detalhe se estivesse contando uma história que não tinha nada que ver com o fato de ele não ter dinheiro para comprar roupas novas. Escolha o detalhe que destaca o ponto que você quer enfatizar.

Diálogo

Escritores e pregadores podem tornar bem animadas as histórias que contam usando o diálogo. O diálogo permite aos ouvintes ouvir uma conversa às escondidas. -As pessoas, por natureza, gostam de ouvir às escondidas uma conversa interessante. Elas fazem isso no restaurante. Fazem isso na lanchonete. Assim, se você conta uma história que usa as palavras reais dos personagens no diálogo faz com que todos queiram ouvir a conversa.

Recentemente em *Preaching Today*, Josef Tson usou o diálogo para ajudar a animar uma história.

> Fui interrogado durante seis meses, depondo todos os dias, por oito a dez horas, de segunda a sexta-feira. Depois de aproximadamente três meses, o interrogador contou-me que estavam levando a coisa para o sensacionalismo. Eles vasculham a vida da pessoa e acham tudo que é sujeira e podridão. "Descobrimos muitas coisas feias no seu passado e vamos espalhar tudo isso entre as igrejas. Seus amigos batistas virão para quebrar suas janelas".
>
> Fiquei pálido. Perdi as forças. Comecei a tremer porque havia muita sujeira na minha vida — meu passado, aqueles anos em que estive longe do Senhor. Ele olhou para mim e temeu que eu tivesse um infarto. Eram 20 horas, e ele chamou um carro, mas não encontrou, para me levar [para casa]. Disse-lhe: "Não quero morrer aqui". Ele levou-me para a rua, parou um táxi, deu o meu endereço ao taxista e disse: "Leve-o para casa". Fui para casa, e por dois dias não consegui andar. Estava arrasado.

Naquele sábado de manhã, na minha devocional, Jesus estava diante de mim e disse: "Josef, vou contar-lhe como você imaginou o seu martírio, carregando a sua cruz para ser crucificado, mas passando entre duas fileiras de cristãos aplaudindo você. 'Bravo, Josefi'. Mas e se eu fizer com que esses irmãos e irmãs nas fileiras se agachem, peguem lama e a joguem em você e sua cruz? Você vai aceitar uma cruz cheia de lama?'.

"Senhor, até isso é do Senhor. Então aceito".

Isso veio como um raio. Atingiu-me na cabeça e passou até as minhas pernas e, naquele momento, consegui levantar. Quando me chamaram novamente, na semana seguinte, e o homem suavemente começou a me dizer alguma coisa, respondi rápida e rispidamente. A cada frase que ele dizia, eu retrucava. A certa altura, ele parou e disse: "Sr. Tson, quem visitou o senhor nesse fim de semana? Tenho na minha frente uma pessoa diferente daquela que esteve aqui na semana passada. Alguém veio e transformou o senhor completamente. Tenho que saber quem o visitou".

"Jesus me visitou e me preparou para a batalha novamente, e aceitei até a lama como vindo dele".

Essa história tem grande impacto não só por tratar de um tema emocionalmente convincente, ou seja, a perseguição, mas porque são usadas as palavras exatas do diálogo: "Sr. Tson, quem visitou o senhor nesse fim de semana?". Você tem uma percepção real do personagem. E mesmo quando ele falou do seu tempo de oração com o Senhor Jesus, usou as palavras exatas: "Jesus estava diante de mim e disse: 'Josef, vou contar-lhe como você imaginou o seu martírio' ". Isso é convincente. As pessoas querem ouvir essa conversa. Ao recontar o diálogo, você pode dar a entonação de voz que gera a emoção inerente às palavras.

Muitas pessoas contam histórias usando o discurso indireto em vez do direto. Na história de Josef Tson, por exemplo, em vez de usar as palavras exatas de Jesus eles poderiam dizer algo como: "E durante a oração, tive a sensação de imaginar meu martírio dessa forma, e, na verdade, deveria imaginá-lo de outra forma". Isso até pode ser convincente, mas é muito mais enriquecedor quando você apresenta as palavras reais dos personagens na história.

Assim como no caso dos detalhes, há o perigo também de se exagerar o diálogo. Você usa o diálogo quando isso revela algo da natureza dos personagens, do que estão pensando ou sentindo. Você não usa o diálogo para transmitir algo que é um fato trivial, como "o sol nasceu" ou "eram 10 horas". Você não precisa pôr isso nas palavras diretas dos personagens.

Desenlace

Talvez essa seja uma palavra que você ainda nem tenha usado na vida ou só usou nos tempos de faculdade. O desenlace significa o término, a conclusão, c desfecho de todos os elementos da história de forma bem elaborada no final. C terceiro D para contar histórias, na verdade, é o desenlace retardado. Deixe o final para o final.

Às vezes, quando estamos pregando, sem querer acabamos entregando antes da hora o final da história. Por exemplo, digamos que eu queira contar uma história sobre a insensatez humana para demonstrar a teimosia e a desobediência das pessoas que não têm o Espírito de Deus e para ilustrar isso quero usar uma história do meu tempo de faculdade. Poderia começar essa história assim: "Vou contar a vocês sobre o dia em que o deão me expulsou da faculdade e me suspendeu por três dias por causa do que tinha feito". Mas ao introduzir o relato dessa forma, já contei aos meus ouvintes a frase-clímax da história.

E muito melhor começar a história desta forma: "Eram duas horas da manhã, e lá estava eu pendurado na árvore, tentando me agarrar à calha do telhado do dormitório, quase pronto para a minha incursão". Bem, agora está todo mundo escutando. Eles querem saber o que acontece na história, e, a certa altura, é claro, vem a frase-clímax: "O deão suspendeu-me por três dias, e aprendi os riscos da insensatez humana". Mas, às vezes, porque estamos focando o ponto da ilustração, acabamos entregando aos ouvintes a pista do final da história.

Ouvi pregadores começarem um sermão com a ilustração de uma pessoa que enfrenta um dilema, e os ouvintes não descobrem o desenlace até o final do sermão. Recentemente, Joseph Stowell, do Instituto Bíblico Moody, pregou um sermão em que falou de como devemos seguir a Cristo mesmo que isso nos custe sacrificar o conforto Na abertura daquela mensagem ele contou de um homem da sua igreja que tinha um emprego excelente numa empresa de televisão a cabo e que disse ao dr. Stowell: "Não sei se como cristão posso continuar nessa empresa porque o nosso sistema de TV a cabo transmite canais que creio estão em total posição à minha fé cristã. E não sei o que fazer em relação a isso". O dr. Stowell, então, continuou a pregar o seu sermão. Ele deixou a congregação esperando com aquela tensão, enquanto a história não era concluída. No final da mensagem, ele voltou à história e então contou o que aconteceu àquele homem e que decisão ele tomara. E uma técnica muito eficiente.

Contudo, se você faz isso sua história precisa ser envolvente o suficiente para me as pessoas se lembrem dela na hora de você voltar a ela no final da mensagem.

Estou certo de que todas as histórias funcionam melhor com os detalhes adequados, o diálogo certo e com o desenlace retardado para o final. A única coisa que ainda quero acrescentar é que é necessário um pouco de prática para determinar exatamente quantos detalhes usar e em que ponto pô-los.

Deus projetou as pessoas de tal forma que elas gostam de contar e de ouvir histórias. As pessoas instintivamente gostam de histórias que contenham detalhes, diálogo e um final que não é contado antes do final.

Capítulo 131

PIROTECNIAS NA PREGAÇÃO

Por que algumas ilustrações funcionam melhor que outras

Craig Brian Larson

Em qualquer espetáculo de fogos de artifício de comemoração da Independência ou da virada do ano, alguns foguetes chamam mais a atenção dos espectadores do que outros. Há aqueles *sprays* que lentamente sopram listras de luz vermelha ou azul no ar. Há os rojões que enchem o céu com seus raios de fogo e formam uma enorme roda gigante de luz. Há também aquele quando era menino chamava de "bomba". O seu lançamento fazia um som mais forte. Conseguia ver um pequeno lampejo no céu; um momento mais tarde, vinha o choque que abalava até os alicerces e trovejava sobre o campo de golfe, fazendo as crianças soltarem aquele grito agudo de prazer que dói nos ouvidos.

As ilustrações, como os fogos de artifício no Dia da Independência, dão luz, cor e emoção aos nossos sermões. Elas celebram as idéias e os princípios do sermão. As pequenas — alusões, analogias e os inteligentes trocadilhos — têm o propósito de dar apoio a pontos pequenos. Mas quando queremos fazer entender o tema principal, é melhor que preparemos as nossas ilustrações mais esclarecedoras e de maior impacto.

Como pregador e editor de PreachingToday.com, reviso literalmente milhares de ilustrações e descobri os sete elementos das ilustrações de maior impacto.

É melhor ser específico do que genérico

Ser específico representa dizer "revólver 38", em vez de "arma"; "Vectra 98" em vez de "carro"; "adultério", em vez de "pecado"; "os pregos que atravessaram as mãos de Cristo", em vez de "os sofrimentos de Cristo"; "Beto, o detetive obeso de 45 anos da polícia de Chicago com a mancha no lado de fora da mão", em vez de "o policial". A pólvora está nas coisas específicas — quanto mais precisas melhor.

Terry Fullam, em seu sermão "Life on Wings" ["A Vida sobre Asas"], conta como as águias-mães forçam os seus filhotes a voar. Se ele tivesse usado termos gerais, teria dito: "Quando os filhotes têm idade suficiente, as águias destroem o próprio ninho para forçar os filhotes a voar". Mas Terry usou aspectos específicos

> A águia-mãe está na borda do seu ninho e começa a pegar as penas e folhas do revestimento e a jogá-las para fora do ninho. E lá vão elas.
> "Mas mãe, o que você está fazendo?". A águia-mãe nem dá bola. Ela arranca o interior do ninho. Ela pega os gravetos maiores, e com seu forte bico os quebra ao meio. Ela os arranca — e tudo dentro do ninho está em pedaços.

"Mãe, o que você está fazendo?". Ela nem dá bola. Ela começa a desfazer o ninho, e os galhos mergulham penhasco abaixo.

"Mãe, não temos idade para sair por aí pelo mundo". Mas ela realmente não dá bola alguma. Será que ela está querendo desmontar a casa porque não gosta mais dos seus filhotes? De jeito nenhum. Ela compreende algo que eles não sabem. Eles não foram feitos para se empoleirar no ninho. Eles foram feitos para voar alto e nunca alcançarão as alturas se permanecerem no ninho.

Três aspectos específicos melhoraram de forma dramática essa ilustração. Primeiro, Terry conta em detalhes a destruição do ninho; os gravetos são quebrados ao meio, as penas, folhas e galhos despencam do topo do penhasco. Segundo, ele apresenta o pensamento dos filhotes da águia. Ao formular seus temores e objeções por meio do discurso direto, nós entramos na história. Terceiro, em vez de' voar Fullam usa o termo "voar alto", "alcançarão as alturas", o que transmite a nobreza do vôo da águia. Uma palavra estrategicamente específica pode coroar ou arruinar uma ilustração, pode transformar uma luz fluorescente em um raio laser.

Palavras genéricas suscitam tanta emoção quanto produtos genéricos; palavras específicas soam como um nome de marca. Aspectos específicos dão vazão a sentimentos, porque os ouvintes podem ver, ouvir e sentir melhor a coisa, além de vivenciá-la. Aspectos específicos atraem a atenção, encantam os ouvintes.

Temos a tendência de usar generalidades por motivo de conveniência. Aspectos específicos, com freqüência, exigem pesquisa e reflexão especial, artigos preciosos e raros para o pastor. As generalidades são seguras; ninguém nos aborda depois do culto, por exemplo, argumentando que os pregos atravessaram os pulsos de Jesus, e não as mãos. Não é possível fazer outra coisa, a não ser usar generalidades, quando não lembramos dos detalhes de uma história ou quando é necessário preservar o anonimato de alguém. Mas ainda assim, quanto mais específica for a linguagem dos oradores melhor transmite o que têm a dizer.

É melhor falar de pessoas do que de coisas

Em seu sermão "O que Fazer com Casamentos Instáveis?", Stuart Briscoe diz que homens e mulheres, com freqüência, não conseguem compreender um ao outro. Ele poderia ter usado computadores para ilustrar isso: "O seu computador iBM exige software compatível com o sistema IBM. Se você tentar usar software Apple nele, seu computador IBM simplesmente não vai entender o programa". Essa ilustração faria os ouvintes entenderem o seu ponto, mas lhe falta o impacto da ilustração que Briscoe, de fato, usou:

Clint Eastwood fez um filme chamado *Heartbreak Ridge [O destemido senhor da guerra]*... Há uma história secundária no filme em que Eastwood — um sargento com 24 anos de carreira, veterano da artilharia da Marinha, detentor da Medalha de Honra do Congresso — perdeu a es-

> posa, que não quer saber dele. Esse baita machão é digno de pena. Ele não sabe o que fazer, assim começa a comprar revistas para mulheres. Assim, o espectador tem um retrato marcante de Clint Eastwood lendo revistas femininas para descobrir o que sua esposa realmente quer. A tragedia é que isso é perfeitamente óbvio para todas as outras pessoas, menos para Clint.

Isso chama a nossa atenção. O freqüentador mediano das nossas igrejas acha que a revista *Caras é* bem mais atraente que a revista *PCWORLD.* Os ouvintes se identificam com os sentimentos das pessoas, suas idéias, opiniões, aparência, problemas, sucesso, pontos fortes e fraquezas. Embora as ilustrações extraídas da natureza, da mecânica ou da matemática possam ajudar a esclarecer um ponto, as ilustrações relacionadas às pessoas têm maior probabilidade de suscitar as emoções. Elas são vivas.

É melhor usar histórias do que imagens

Imagens, que tornam concretas as idéias abstratas, são cruciais para a boa pregação. Por exemplo, no sermão de Natal "Glória a Deus nas Maiores Alturas', Bruce Thieleman diz:

> Temos um observatório na Califórnia chamado Monte Palomar, onde há um ótimo telescópio que consegue enxergar muito longe no espaço e captar uma luz tão distante que é necessário uma hora focalizando essa luz para que ela possa fazer uma pequena impressão sobre a lâmina fotográfica — que tremenda capacidade de focalização há naquele telescópio. Mas isso não é nada em comparação com a maneira como Deus focalizou nesse bebê. Certa vez, uma menininha disse que Jesus foi a melhor foto que Deus jamais tirou.

Conquanto essas imagens possam ser eficazes nos sermões, quando elas surgem está na hora de causar um impacto maior, uma história causa efeito melhor. Howard Hendricks conta esta história:

> Há uma controvérsia sem solução nos círculos da arte quanto a quem é o maior: Michelangelo, o pupilo, ou Bertoldo, o mestre. O grande mestre Bertoldo sabia que indivíduos dotados são mais propensos a seguir a onda do que a se esforçar no desenvolvimento. Ele advertiu Michelangelo em relação a isso repetidas vezes, mas sem sucesso.
> Certa manhã, ele entrou no atelier e observou Michelangelo, enquanto este desperdiçava seu tempo com um pedaço de escultura. Bertoldo pegou uma marreta e a esmigalhou em mil pedaços que ricochetearam por toda a sala. No silêncio e estupefação que se seguiram, ele gritou: "Michelangelo, o talento é barato; a dedicação é cara".

Histórias até mais que imagens causam impacto por causa da trama, do conflito, da resolução, da curiosidade, do interesse humano, do ápice, da vida e ¿1 surpresa.

O apelo da ilustração precisa ser tanto emocional quanto lógico

Em seu sermão "A Sabedoria das Pequenas Criaturas", Haddon Robinson diz:

> Há pouco, tentava consertar a porta da nossa garagem. Dei com aquele parafuso que tinha de soltar e quanto mais me esforçava para soltar aquele parafuso, mais preso ele parecia ficar. Um vizinho apareceu e viu a minha triste situação. Ele olhou por um momento ou dois e, então, disse: "Olhe, esse parafuso tem rosca invertida; você precisa girá-lo no sentido contrário". Levei cinqüenta anos para aprender como funcionam os parafusos, e, agora, eles mudam as regras! Num certo sentido, toda a Bíblia é um tipo de rosca invertida. Tudo que na cultura parece direito, na Bíblia está errado. O caminho para cima é o caminho para baixo.

Essa história é eficaz no aspecto emocional e no lógico. Nós nos identificamos com a frustração de Haddon quanto a esse teimoso parafuso e com a sua surpresa de que existem roscas invertidas. Quando ele vincula essas emoções humanas comuns a uma grande verdade, a história se completa para nós.

Menos impactante teria sido uma ilustração meramente lógica: "A maioria dos parafusos vêm com a rosca com a qual estamos acostumados. Mas alguns equipamentos ou objetos de utilização diária são fabricados com parafusos com rosca invertida, o que gera surpresa para quem sempre usou a rosca comum. O mesmo pode acontecer com quem começa a ler a Bíblia; Deus parece mudar as regras. O que antes tinha de ser girado para a direita, agora, precisa ser girado para a esquerda".

A emoção sozinha pode ser tão vazia quanto algodão doce. A lógica sozinha pode ser algo clínico, uma refeição de pílulas de vitamina sem sabor. Juntos, no entanto, formam uma refeição completa.

É melhor que a ilustração seja verdadeira do que hipotética

Mais uma vez, em seu sermão "A Sabedoria das Pequenas Criaturas" sobre Provérbios 30.24-28, Haddon Robinson está descrevendo o poder destrutivo dos gafanhotos. Ele poderia ter dito: "Imaginem uma praga de gafanhotos varrendo o celeiro dos Estados Unidos, consumindo todo o trigo e o milho dos campos. Eles deixariam para trás um desastre natural com prejuízo de milhões de dólares". Em vez disso, ele disse:

> O que o gafanhoto não consegue fazer sozinho, ele faz em conjunto com outros. Há muito tempo, na virada do século XIX para o XX, houve uma praga de gafanhotos nas planícies dos Estados Unidos. Em questão de dias, esse enxame de gafanhotos varreu os estados de Nebraska, Iowa e Kansas. Em menos de uma semana, causaram um prejuízo de mais de 500 milhões de dólares (em dinheiro da época).

A historia verídica de Robinson está repleta de autoridade. Ela é interessante. Enquanto alguém pode questionar ou duvidar de uma situação hipotética, um relato verdadeiro prova o seu ponto.

É melhor mostrar do que contar

Em vez de permanecer entre os ouvintes e a história, *dizendo* às pessoas o que devem pensar, um pregador pode *mostrar* aos ouvintes o que aconteceu e deixar que os ouvintes aprendam por si mesmos.

"João ficou irado", é contar; "João ficou vermelho, rangeu os dentes e bateu com a mão fechada na mesa", é mostrar.

No início de um sermão, certo pregador contou a seguinte história:

> Alguns anos atrás, tive a oportunidade de passar um tempo com alguns vencedores muito conhecidos — atletas profissionais, autores de *best-sellers*, empresários famosos, autoridades financeiras, teleevangelistas e até mesmo alguns líderes políticos — verdadeiros vencedores na definição de qualquer pessoa. O que me surpreendeu em minha interação com muitos desses celebrados vencedores foi que suas vitórias não tinham satisfeito seu desejo de ser vencedores. Ao contrário, passei a entender que, em muitos casos, suas vitórias tinham despertado o seu apetite para continuar a vencer a qualquer custo.

Uma ilustração assim é melhor do que nenhuma, mas o impacto não é suficiente. Por quê? Não vemos o maneirismo e não ouvimos as palavras desses atletas por nós mesmos. Somos forçados a aceitar a avaliação que o orador faz do desequilíbrio deles.

A ilustração teria nos arrebatado, entretanto, se ele tivesse nos deixado enxergar um daqueles insaciáveis vencedores, talvez por meio de um diálogo como este:

> Outro dia, deparei com um sujeito que me olhava de cima a baixo (e seus bíceps eram do tamanho das minhas coxas), e começamos a conversar. Fiz a pergunta óbvia: "Você é atleta profissional?".
> "Não mais", disse ele. "Mas fui zagueiro do Pittsburgh Steelers há alguns anos".
> Por 45 minutos, fiquei sentado só balançando a cabeça e não dizendo nada. Ele falou de si mesmo, das suas grandes jogadas e, com muito orgulho, mostrou-me seu anel da Super Bowl.
> Finalmente, eu o interrompi: "Conte um pouco da sua família".
> "Bem, para ser franco", disse ele, "estou separado da minha mulher, e ela tem a guarda das crianças".
> "Isso deve ser bem difícil".
> Ele desviou os olhos. "É, às vezes, isso me incomoda", respondeu calmamente. A seguir, olhou-me bem nos olhos. "Mas para vencer você tem que pagar um preço", disse com firmeza. "Trabalhei duro e durante muito tempo para conseguir chegar à Super Bowl. Nada nem ninguém vai tirar isso de mim."

Com tal diálogo, a cortina se abre. *Mostrar* ajuda os ouvintes a obter a percepção das coisas por si mesmos. Desperta a curiosidade e elimina os intermediários. Se aquele sujeito derramasse a sua bebida, todo mundo na igreja se molharia.

Descrições são melhores do que alusões

Certo pregador disse: "Uma molécula deste universo correndo solta, sem a soberania de Deus, poderia ser a coisa que interromperia todas as promessas que Deus já fez para seu povo!".

Ele ilustrou com esta alusão: "Um grão de areia no rim de Oliver Cromwell mudou o curso da civilização ocidental".

Alusões a histórias têm limitações inerentes. Primeiro, ignorância: A maioria das pessoas não sabe como Cromwell morreu. Os ouvintes poderiam entender o ponto, mas perderiam o impacto emocional. Segundo, proporção: Mesmo que os ouvintes conheçam de fato a história, uma referência de passagem causa um impacto menor do que a história contada, a não ser que alusões bem conhecidas, como em Hebreus 11, sejam acrescentadas para fim de efeito cumulativo. Com uma alusão, a mente do ouvinte é como uma pedra lisa que salta sobre a superfície da água e cai na margem oposta; ela fica molhada, mas não submerge. A idéia precisa ser completamente descrita.

Quanto mais desenvolvida for uma ilustração, quanto mais seus detalhes tiverem tempo de penetrar, mais os sentidos, lembranças e emoções do ouvinte ficam engajados, e maior será o seu efeito. Os ouvintes precisam se interessar pelas pessoas da história e se importar com elas, e inserir tudo isso na história é uma arte e leva tempo.

Na ilustração seguinte, o pregador faz mais do que uma breve alusão às tentativas malsucedidas de Diocleciano de erradicar o evangelho de Cristo. Ele as descreve:

> Em ondas contínuas que continuaram até 298 d.C., parecia que o imperador Diocleciano, o último imperador perseguidor, destruiria e eliminaria a fé cristã da terra. Quando lemos a história da igreja escrita por Eusébio, descobrimos que prenderam cristãos na Alexandria, África do Norte, cortaram a línguas deles, assaram-nas no óleo e as jogaram no mar. No Coliseu romano, jogaram os cristãos aos leões. Diocleciano prendeu os pregadores, matou os cristãos e tomou seus livros reduzindo-os a cinzas. Aliás, ele levantou uma coluna na cidade de Roma, e naquela coluna estava escrito em latim: *Extincta Nomina Christianorum.* Ela proclamava triunfalmente que o nome de Cristo estava extinto. Mas aconteceu uma coisa estranha. Diocleciano dividiu seu império, e, em 312 d.C., na ponte Mílvio, o sujeito que o sucedeu levantou os olhos ao céu e disse: "Vejo algo estranho no céu". Era a cruz do Senhor Jesus Cristo, e, ao lado dela, estavam escritas estas palavras: "Com este símbolo, vencerás". Não importa o que você pense acerca de Constantino e de sua conversão, mas digo-lhe uma coisa: Jesus não pode ficar oculto.

No dia quatro de julho, a celebração de foguetes em todo o nosso país não é encenada por amadores. Engenheiros pirotécnicos, profissionais bem treinados e seguindo rígidas medidas de segurança, planejam o *show,* projetam e embalam os foguetes, ordenam e carregam os lançadores e finalmente acendem os pavios. Visto que esses técnicos conseguem prever os padrões e efeitos da sua arte em pólvora, nós desfrutamos de um show extraordinário e, o que é mais importante, celebramos um importante feriado.

Ao seguir essas sete orientações, os pregadores também podem acrescentar fogo e luz aos seus sermões.

Capítulo 132

A PREGAÇÃO COMO NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

Como confiar em histórias que possam transmitir carga espiritual

Fred Craddock

Uma história, se for boa, é elaborada e emoldurada para a platéia. Nunca e repetida de maneira igual. É adaptada e encaixada. Uma condição diferente requer uma reformulação da história que se conecte apropriadamente com a nova condição você precisa pôr a graxa no lugar que está rangendo.

Era uma reunião familiar, e estava sentado na varanda num assento muitc frio. Todos os outros assentos eram de madeira, exceto o meu, e era frio. Alguém perguntou: "Você não reconhece isso?".

Olhei e disse: "Não reconheço. Por que deveria?".

"Esse era o primeiro degrau da escada da nossa antiga casa, aquela na qual nascemos". Então lembrei dos antigos degraus de madeira já apodrecidos, e de como alguém substituiu o primeiro por um pedaço de mármore. Aí a pessoa disse "Vire-o".

Então viramos o mármore e do outro lado estava a inscrição da lápide de alguém chamado Geoge Washington Duncan que morrera em 1792. Um pedaço de mármore se tornara uma lápide, depois um degrau e, agora, um assento de varanda. Assim é uma história: E a mesma, mas não é a mesma. A Bíblia usa.e bons contadores de história utilizam e reutilizam a matéria básica de uma história de muitas maneiras.

As dificuldades de contar histórias

Contar histórias é difícil porque qualquer comunicação é difícil. A comunicação é difícil porque pegar o que é muitíssimo importante para mim e levar isso para a arena pública é como fazer uma festa aberta a todos que quiserem comparecer numa sala de oração. Por isso, é importante que eu vivencie novamente essa história na hora em que a conto.

Contar historias pressupõe que há valor na continuidade. Uma historia tem continuidade. Passamos por um período de influência existencial em que a grande ênfase era o momento, o agora. Uma história não é importante numa cultura em que há desinteresse geral pelo que aconteceu antes do meu nascimento e pelo que acontecerá depois da minha morte.

Scott Momaday, escritor estado-unidense índio e professor de literatura no sul da Califórnia, conta a seguinte história. Quando era menino, seu pai acordou-o bem cedo e lhe disse: "Quero que você levante e vá comigo". Seu pai o tomou pela mão e o conduziu, sonolento, à casa de uma índia idosa e o deixou lá, dizendo: "A tarde, volto para buscar você". Durante todo aquele dia, a velha índia da tribo Kiowa contou histórias para o menino, cantou cânticos, descreveu rituais, narrou a história da tribo Kiowa. Ela contou ao menino como teve início a tribo em um tronco oco no rio Yellowstone, contou da migração para o sul, das guerras com outras tribos, das grandes nevascas, da caçada aos búfalos, da vinda do homem branco, da fome, da tribo em declínio e, finalmente, da reserva e do confinamento. Quando estava ficando escuro, o seu pai veio e disse: "Bem, filho, está na hora de ir". Momaday disse: "Saí da casa dela um índio Kiowa".

Quando os adolescentes e jovens saem do prédio da nossa igreja, eles saem cristãos? Ser cristão significa estar associado a uma história, e qualquer pessoa que não conseguir lembrar mais longe que seu próprio nascimento é órfã.

Histórias precisam de crédito para carregar uma mensagem. A maior dificuldade de contar histórias é a questão de se confiamos na história para carregar a carga. Você confia o Reino de Deus, a mensagem, a algo tão frágil como uma história?

Algumas pessoas acreditam que contar histórias para mudar o mundo é como tentar quebrar o concreto jogando lâmpadas contra ele. Estive presente quando alguém jogou lâmpadas contra muros de concreto, e os muros racharam e caíram.

Acredito que há, em muitos de nós, uma falta de confiança no poder da palavra falada. Jesus comparou palavras a sementes. Uma semente carrega o futuro em seu íntimo. O agricultor não a põe no solo e, depois, grita sobre ela. Ele a deixa só. Quando pregamos, muitos de nós agimos com precaução, hesitação, medo e atitude defensiva. Podemos refletir nossa falta de confiança até nas coisas que dizemos.

Característica de uma história bem contada

Pense no que ocorre no ato de contar uma história.

O contador de histórias não conta histórias para as pessoas, mas por elas. Na pregação, nós não só falamos para essas pessoas; mas por elas. Nós não lhes contamos o que elas querem ouvir. Todos já fomos advertidos acerca disso. Mas, de vez em quando, por que não dizer a elas o que gostariam de *dizer*? O tesouro não usado da pregação é a experiência, a fé, o compromisso e o amor dessas pessoas, e todas têm uma história para contar, mas não conseguem formulá-la. Você pode ralar por elas.

A marca da boa historia é que quando ela termina, as pessoas dizem: "Como você estava dizendo, estive pensando que...". Ah, agora você está agitando a história. Você não está só introduzindo mais; você está extraindo mais dela. A história bem contada fala pela congregação e evoca as próprias histórias dela. A boa pregação é um ato das pessoas que a ouvem.

As histórias precisam ser realistas. Se suas histórias são totalmente formuladas em contorções homiléticas, então ninguém pode se identificar com elas, pois são irrealistas. A tragédia é que as histórias são extraídas à força do molde da vida para se encaixar em algum empreendimento homilético. Deixe a história ficar sobre as próprias pernas. As histórias precisam ter o gosto, o som e o cheiro da vida. Quando você conta uma história real, todos ficam à vontade. Não é hora de confronto. Não é hora de desafio. "Outro dia, aconteceu...". Todos estão à vontade. E nessa tranqüilidade, o ouvinte é atraído para a história e começa a ocorrer a identificação. Se quisermos destacar um grande poder da narração de histórias é o poder da identificação. E coisas que por muito tempo estiveram na mente, que são conhecidas, agora, começam a se mover para o coração, e é aí que a vida é transformada.

As histórias criam uma experiência. É um longo caminho da mente até o coração. Um sermão está repleto de informações. A essência está lá. Mas pregar não é só transferir informações. É criar a experiência dessas informações.

Se você prega sobre liberdade, qual será o tamanho, o som e a forma dessa experiência? Existe liberdade e *liberdade.* Existe a liberdade do tipo foguetes estourando no ar, desfile de independência e marcha na avenida. Você também pode pregar sobre a liberdade que é calma como seis vozes femininas sussurrando do lado de fora da prisão municipal: "Nós venceremos". Não diga apenas que esta pregando sobre a liberdade. Que experiência você cria?

A forma como você reúne as palavras cria a experiência. Vejo alguns trechos importantíssimos e de grande impacto usados em sermões como se fossem uma informação. "Lá estava um mendigo sentado no portão." Espere um pouco. Dê-me uma oportunidade de ter a experiência do mendigo sentado do lado do portãc Veja os trapos, sinta o mau cheiro, ouça as moedas na sua latinha, veja os olhos fundos. Não se apresse em ir direto ao destino. Faça a viagem.

O encaixe da história é importante. Você já teve a oportunidade de contar uma história num sermão e, depois, pensar: *Ah, se tivesse guardado essa história para ours ocasião.* A maior parte do poder de uma história não é a capacidade da pessoa de contá-la. A maior parte do poder de uma história está na sua adequabilidade. A Palavra de Deus é adequada. Por isso, o encaixe da história nas Escrituras é extremamente importante.

Escolha histórias com tamanho e qualidade — não pequenos adesivos de pára-choque, coisas lindinhas — mas coisas grandes. Depois passe sobre ela o ímã do texto para ver se são adequadas, não somente ao texto, mas também a: ouvinte e à experiência.

Essa adequabilidade se aplica não somente à escolha das histórias para o sermão, mas também ao lugar das histórias no sermão. Tire o ovo do ninho e ponha-o no galho, e a história é outra. O que torna grande o impacto de uma história é dedicar tempo à construção do contexto em que é contada e, depois, encaixá-la. As pessoas precisam de tempo para subir no ônibus, antes de você sair em disparada.

Seja cuidadoso no preparo de uma introdução. Como você pode preparar uma introdução para algo que você ainda não tem? Para a maioria de nós, a introdução deve ser preparada por último. Assim, você não despeja cedo demais seu material de maior densidade, nem as histórias que precisam de contextualização.

As histórias possuem movimento. A chave do impacto de uma história depende em grande parte do seu movimento. Esqueça a estrutura. As histórias foram feitas para serem ouvidas, não vistas. Este é o meu melhor conselho acerca de um sermão. Esqueça o esforço de elaborar um esboço. Capte o movimento. Os mestres contadores de histórias fazem isso.

Imagine um homem idoso descascando uma maçã para o neto. "Vovô, você pode descascar essa maçã para mim? A mamãe acha que vou engasgar com a casca."

"Está bem", e ele puxa do estojo sua faca Tramontina que usa para tudo e esfrega na calça. Afinal, é seu neto, ele não quer contaminá-lo com germes. Depois, começa a descascar a maçã bem devagar, e a espiral da casca começa a pender. E ele diz: "Você sabe que uma vez descasquei 35 maçãs sem quebrar a casca?". E o que está acontecendo com o menino? Está com água na boca. Seu estômago está dizendo: *E eu pensei que ia ganhar uma maçã.* A saliva na boca aumenta; o corpo está se preparando para ganhar a maçã. Ele está se preparando para a maçã. E isso não tem fim. *Quando ele vai terminar?*

Finalmente, a casca cai. *Consegui.* O menino avança. "Espere só um pouquinho." E ele pega a maçã de volta. "Deixe tirar o miolo com as sementes". E essa operação leva uma eternidade. Quando o menino finalmente recebe a maçã, é a melhor maçã do mundo. Agora, contraste isso com ir a uma máquina, pôr uma moeda, apertar um botão, pegar uma maçã e comê-la a caminho de algum lugar, quando o estômago está dizendo: *Não pedi uma maçã.*

Agora, pense no movimento da sua pregação. As pessoas são preparadas para chegar à conclusão, quando você chega à conclusão? É só uma questão de dizer: *°¿speito o ouvinte e quero levá-lo comigo.*

Coletando histórias

Onde conseguimos as histórias?

Você pode inventar histórias. Quando inventamos histórias damos pistas aos ouvintes de que a história foi inventada. "Era uma vez...". A maneira pela qual Jesus geralmente as começava era com duas afirmações. Uma: "Quem de vocês...?", todos sabiam que era uma parábola. Ou: "Havia um homem...", e todos sabiam

que era uma parábola. Pequenas pistas que não diminuem o impacto da historia devem ser fornecidas para evitar que as pessoas se envolvam na historia de maneira errada. Mas invente historias.

Encontrase a maioria das historias na observação e na experiencia. As historias da vida, as coisas que acontecem estão à sua e à minha disposição. Alguns de nós, por meio da adaptação negativa, perdemos a habilidade de captar as vistas e os sons do nosso mundo. Ou se os observamos, não tomamos nota para nós mesmos, e, assim, eles se perdem.

Mantenho um diário. Escrevo nele como me sinto acerca das experiências que tive; reflito sobre o dia e o contexto das coisas que vi ou ouvi. Assim, consigo recuperar a experiência, e não só a informação. Observação. Basta registrar as coisas. Se você tem isenção para pensar sobre si mesmo e sobre suas próprias experiências, essa é uma grande fonte de histórias.

Certa vez, aconteceu uma coisa um tanto triste, mas também engraçada. Não vou a Nova York com freqüência. Gastei meu dinheiro com o hotel e, por isso. estava comprando um cachorro quente. Havia só dois fregueses além de mim. A senhora idosa que nos atendia tinha mais de setenta anos. Seu nome era Ana. Havia um senhor idoso na barraca, e ele não estava sendo atendido. Só conseguia ver o topo da cabeça dele. Sabia que era um homem de idade. Mais tarde, ouvi sua voz. Eu estava apenas ouvindo, e, de repente, começou uma conversa entre Ana e o velho. Não sei o nome dele. Ela não o chamou pelo nome nem uma vez.

— O chefe quer que eu fique por aqui para o caso de você ficar muito ocupada e demorar para servir. Assim, posso ajudar você — disse ele.

— Quem está ocupada demais? Três pessoas para atender? — disse ela.

— Bem, talvez você fique muito ocupada.

— Não vou ficar muito ocupada.

— Bem, mas se acontecer — insistiu ele.

— Está bem, se você quer ficar por aqui, fique.

— E então, quando você fechar, posso acompanhar você até sua casa.

— Ah, agora sei por que você quer ficar por aqui.

— Só quero acompanhá-la até em casa.

— Você não vai me acompanhar até em casa — diria que ela estava com 7r anos. — Você não vai me acompanhar até em casa — insistiu ela.

— Vou acompanhar você até em casa. Você precisa de alguém para acompanhala — teimou ele.

— E, você me acompanha até em casa. Você me acompanha até em casa c-logo, logo, estou grávida.

— Do que você está falando, Ana? Você já passou dessa idade faz anos.

— Ah, é? Você não ouviu falar da Sara?

— Que Sara?

— A Sara da Bíblia. A Sara da Bíblia era mais velha que eu e engravidou.

— Bem, e como ela fez isso?

— Ela acreditava no homem lá de cima. E a mãe do nosso Senhor antes de casar, antes de conhecer homem, também já estava grávida — falou Ana.

— E como ela fez isso?

— Ela acreditava no homem lá de cima.

— Bem, se eu fosse mulher, não acreditaria no homem lá de cima — concluiu o homem idoso.

Capítulo 133

COMO CONTAR UMA HISTÓRIA EMOCIONANTE

O propósito do começo, do meio e do fim

Craig Brian Larson

Para você contar histórias bem (histórias bíblicas ou outras), assegure-se de que elas tenham começo, meio e fim. Isso vale especialmente para as histórias mais breves, entre um e cinco minutos, tempo que, em geral, usamos nos sermões. Cada parte — começo, meio e fim — é essencial, e cada uma tem um propósito diferente.

Começo

O começo de histórias breves tem três propósitos fundamentais.

Orientar os ouvintes

Precisamos fornecer um mínimo de informações que situam a história no tempo e no espaço. Quem são as pessoas que começam a história? Onde e quando a história ocorre? Quando os ouvintes recebem informações insuficientes, eles se distraem e, com freqüência, frustram-se. Eles não conseguem seguir completamente a história ou não apreciam a conclusão da história. (Você já viu o primeiro filme da série *Missão Impossível?).*

Contudo, informações demais emperram a história, fazem diminuir o interesse e frustram o ouvinte. Não forneça mais informações do que necessário. Do começo ao fim, uma história precisa de ação.

"Em resposta, disse Jesus: 'Um homem descia de Jerusalém para Jerico, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto'" (Lc 10.30). Nas duas frases de abertura dessa história breve, Jesus fornece o mínimio de informações de que os ouvintes precisam. Quantos filhos "o homem" tinha, qual era o seu nome, como ele era — nada disso afeta o ponto central da história, por isso, Jesus omite tudo isso.

O público gosta de saber se uma história é real ou ficção, assim, no caso de histórias verdadeiras, inclua datas e nomes específicos, com isso, você transmiti autenticidade. No caso de histórias fictícias, dê a pista aos ouvintes com uma frase

como: "Conta-se a historia de um homem...", ou: "Numa certa cidade vivia um homem com sua mãe já idosa. Vamos chamá-lo de Bill".

Estabeleça o enredo

O enredo (também chamado de conflito, desequilíbrio, tensão, problema, trama) é o que torna uma história uma história. Uma mera crônica de eventos não é uma história: "Fui ao mercado. Comprei alguns ovos. Voltei para casa. Vi TV. Fui para a cama".

Uma história tem trama, e uma trama contém tensão dramática. "Ontem de manhã fui ao mercado e, quando entrei na seção de frutas, percebi que tinha esquecido o que minha esposa tinha pedido para comprar. *Oh, oh,* pensei. *Ela não está ao alcance do telefone o dia inteiro e, hoje a noite, os pais dela vêm para o jantar* ,

Precisamos estabelecer o enredo no começo da história, por que é isso que prende a atenção e o interesse, e é aí que começa o sentido da história.

Se possível, contudo, apresentamos antes do evento do enredo uma breve descrição do que aconteceu antes de as coisas se complicarem. "Um homem descia de Jerusalém para Jerico" — isso estabelece um contraste dramático. O desequilíbrio parece mais dissonante se os ouvintes tiveram, ao menos, uma breve percepção de equilíbrio. As histórias completam o ciclo: de circunstâncias normais para situações problemáticas, então para a inversão e a resolução e, depois, voltam ao normal.

Tome cuidado, no entanto, para manter breve esse arranjo inicial, sem contar algo do fim no começo, deixando de fora, assim, toda a tensão da história. "Ontem os pais da minha esposa vieram para o jantar, e o meu vizinho, que sempre tem o que eu preciso, salvou a minha pele. Fui ao mercado de manhã e, quando entrei na seção de frutas...".

Mostre a motivação da pessoa-chave

Isso acrescenta interesse e profundidade à história. Quando os ouvintes descobrem que a pessoa principal na história deseja profundamente resolver o problema, isso aumenta a tensão e a simpatia do ouvinte por aquela pessoa. Em outras palavras, os ouvintes se importam mais com o que acontece.

"Ontem de manhã fui ao mercado e, quando entrei na seção de frutas, percebi que tinha esquecido o que a minha esposa tinha pedido para comprar. *Oh, oh.* pensei. *Ela não está ao alcance do telefone o dia inteiro e, hoje à noite, os pais dela vêir. para o jantar.* Só que tem o seguinte, os pais da minha esposa não falam comigo L quatro anos, desde o dia em que fiz um comentário sarcástico sobre o perfeccionismo deles num jantar de Ação de Graças".

Quando apresentar suas personagens, lembre-se de que ninguém é totalmente bom nem totalmente mau, perfeito na fé nem na dúvida. A ambigüidade do mundo real acrescenta autenticidade à história e a mantém interessante.

"Só que tem o seguinte, os pais da minha esposa não falam comigo há quatro anos, desde o dia em que fiz um comentário sarcástico sobre o perfeccionismo deles num jantar de Ação de Graças — ironicamente, eles tinham esquecido de trazer a torta de maçãs".

Há uma exceção a isso, que é quando você inverte o que os ouvintes esperam. "Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele" (Lc 10.31-33).

O meio

O meio de uma história breve tem dois propósitos básicos, que tratarei ao mesmo tempo: (1) preparar; e (2) apresentar uma forte reversão.

A reversão é a ação, percepção, decisão ou evento que dispara o clímax. Em algumas histórias, a reversão é o clímax; em outras, a reversão conduz diretamente à cena que leva ao clímax que, então, alivia a tensão da história. "Mas um samaritano, em seu percurso de viagem, chegou onde o homem estava. E, quando viu o homem ferido, compadeceu-se dele".

Como sugere a palavra *reversão*, ela deve ter um elemento de inesperado. Em geral, quanto mais forte a surpresa, mais forte é a história. Mas uma reversão não deve ser uma surpresa completa ou algo totalmente incongruente com o que veio antes; pois aí a história parece irreal. Quando necessário, uma prenunciação sutil pode contribuir para uma reversão, ou um clímax, mais satisfatório.

Um meio eficaz de preparar para a reversão é narrar uma ou duas tentativas fracassadas de resolver o problema. "Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado". Se não há tentativas frustradas, a história termina com lamúria.

Além disso, o meio prepara para a reversão ao acrescentar informações importantes: narra a cadeia necessária de eventos que conduzem à reversão, acrescenta informações necessárias acerca de pessoas, desenvolve o enredo, introduz pessoas novas, prenuncia a reversão. Para o drama, o melhor preparo de todos é o que torna o problema do enredo progressivamente pior.

"Esse jantar era tão importante que decidi fazer o que fosse necessário. Enchi o carrinho do mercado com saladas, frutas, carne, pães, sobremesas. De alguma forma, conseguiríamos pôr uma refeição decente na mesa com esse monte de comida! Mas quando cheguei ao caixa e quis pegar minha carteira, o meu coração gelou: meus bolsos estavam vazios. Será que tinha perdido a carteira no estacionamento? Ou tinha deixado em casa?".

As melhores histórias preparam para a reversão e o clímax e os apresentam de tal forma que os tornam compreensíveis, críveis, satisfatórios, emocionantes. Por

essa razão, a reversão e o clímax precisam, em geral, ser os elementos mais desenvolvidos da história. É aqui que, com freqüência, usamos a maior parte do diálogo, uma descrição mais ampla do cenário, um objeto ou elemento que simboliza um aspecto importante na história, a narração mais detalhada da ação (sem exagerar e matar o ritmo da história). O desenvolvimento posterior transmite a mensagem de que essa é a parte mais importante da história.

"Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver' " (Lc 10.34,35).

Fim

O fim de uma história breve tem três propósitos básicos.

Apresentar a cena do clímax

O clímax resolve o problema do enredo. Se a reversão não é o clímax propriamente dito, então o clímax segue imediatamente a reversão e começa o fim da história. Na parábola do bom samaritano, as ações do samaritano são tanto a reversão quanto o clímax.

Mostrar as conseqüências da reversão e do clímax

Na linguagem das histórias, isso é chamado de desenlace. Mostre brevemente que a reversão e o clímax resultaram de fato no retorno ao equilíbrio. Além disso, embora a história tenha completado o ciclo, mostre como as pessoas ou as circunstâncias mudaram.

"Aquele jantar em família foi um fiasco. Quem diria que terminaria com meu sogro e eu nos tornando grandes amigos? Dificilmente, passa uma semana sem que conversemos ao telefone".

Dar uma percepção de fechamento

Assegure-se de que não ficaram coisas não resolvidas que fazem com que as pessoas fiquem se perguntando o que será que aconteceu depois. Pois sentiriam que a história não acabou. Mas cuidado para não fazer o avião tocar o solo e. depois, decolar e aterrissar de novo algumas vezes. Tudo na conclusão deve ser breve. A história foi contada, a tensão foi resolvida, as conseqüências foram mostradas. Termine a história com uma ou duas frases de impacto que dêem a idéia de fechamento e, a seguir, faça a ponte novamente para o fluxo do sermão em uma ou duas frases.

'"Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?' Aquele que teve misericórdia dele', respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: 'Vá e faça o mesmo'" (Lc 10.36,37).

Contadores de historias eficientes escolhem dos milhões de detalhes disponíveis quais incluir em uma história e quais omitir. Compreender o papel singular do começo, meio e fim ajuda-o a escolher com propósito os dados que constituem histórias que transformam vidas.

Capítulo 134

DANDO VIDA ÀS HISTÓRIAS DA BÍBLIA

Como pintar as cenas que conectam com platéias modernas

Steven D. Mathewson

Qual é a diferença de estilo entre John Grisham e os contadores de histórias da Bíblia? A resposta pipocou na minha mente um dia em que li uma seção de Gênesis e, depois, li uma seção de um dos romances de Grisham.

No romance *O Testamento,* de John Grisham, o advogado Nate Riley está à procura do herdeiro inesperado de uma fortuna de 11 bilhões de dólares — uma missionária chamada Rachel Lane. Riley finalmente a encontra longe, numa floresta no Brasil. No seu primeiro encontro, um grupo de homens de uma tribo a escoltam até Riley. Observe como Grisham a descreve:

> Rachel estava com eles; ela estava vindo. Havia uma camisa amarelo claro em meio aos torsos bronzeados, e um rosto mais claro debaixo de um chapéu de palha. [...] Ela era ligeiramente mais alta do que os índios e se portava com leveza e elegância. [...] Nate observava cada passo dela. Ela era muito esguia, os ossos aparecendo nos seus ombros brancos. Ela começou a olhar na direção deles enquanto se aproximavam. [...] Ela tirou o chapéu. O seu cabelo era castanho e meio grisalho e bem curto.

Em contraste, observe como o autor de Gênesis descreve Rebeca na primeira vez em que ela avista seu noivo Isaque:

> Rebeca também ergueu os olhos e viu Isaque. Ela desceu do camelo e perguntou ao servo: "Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?". "E meu senhor", respondeu o servo. Então ela se cobriu com o véu. Depois o servo contou a Isaque tudo o que havia feito (Gn 24.64-66).

A diferença entre o estilo de um romance moderno e o da Bíblia está nos detalhes. Embora os autores das histórias bíblicas fossem artistas literários de primeira classe, eram econômicos e esparsos em seu estilo. Em comparação com 1 ohn Grisham, ou Charles Dickens, ou Jan Karon, os autores bíblicos forneciam menos detalhes.

Isso resulta num desafio para os que pregam a narrativa bíblica. Uma platéia moderna, com freqüência, exige mais detalhes sensoriais para que a história se torne

viva. Os pregadores precisara imaginar os cenários da historia bíblica e, depois, pintar um quadro vivido. Se não, a narração da historia fica insípida e enfadonha.

Em *Leap Over A Wall [Salto sobre o muro]*, observe como Eugene Peterson retrata a cena de quando Davi encontra Saúl na caverna do deserto em En-Gedi:

> Davi e alguns de seus homens estão escondidos numa caverna esculpida nas rochas acima do mar Morto. O dia está quente, e a caverna, fresca. Eles estão no fundo da caverna, descansando. De repente, aparece uma sombra na entrada da caverna; eles ficam surpresos ao ver que é o rei Saúl. Eles não sabiam que ele estava tão perto em sua perseguição. Saul entra na caverna, mas não os vê; os olhos dele, vindos do brilho forte do sol do deserto, não identificam as figuras vagas nas reentrâncias da caverna. Além disso, ele não está em busca deles nesse momento; ele entrou na caverna para responder ao chamado da natureza. Ele vira as costas para eles.

A descrição de Peterson revela algumas estratégias. Primeira, ele não recorre à linguagem floreada. Ele usa palavras fortes, mas consegue manter o equilíbrio entre a economia e os detalhes. Além disso, faz com que sua exegese controle a sua imaginação. Ele não vai além do texto para entrelaçar as suas conjecturas na cena. Ele simplesmente se põe na história e descreve o que qualquer personagem enxergaria.

Retratar cenas dessa maneira dá a você uma vantagem, em especial, quando chega a hora de transmitir dados histórico-culturais. Quando conta uma história bíblica, pode ser que você tenha de explicar detalhes geográficos, rituais de casamento, crenças religiosas cananéias ou práticas de guerra desconhecidos da sua platéia contemporânea. É fácil transmitir tais informações de forma insípida que diminui o valor da história.

Suponha que você faça um sermão acerca de Josué 6. Para fazer com que a história se torne vivida, você provavelmente terá de explicar um pouco acerca de práticas de guerra de cerco. Se usar a forma típica, você pode introduzir as suas informações ao dizer: "Com base em dados arqueológicos, os estudiosos da Bíblia podem descrever com exatidão como os antigos conduziam a guerra de cerco . Com isso, você provavelmente já entediou parte da sua platéia. No entanto, transformar essas informações numa cena faz com que as informações sejam transmitidas de forma mais interessante. Numa pregação recente acerca de Josué 6, apresente: os dados acerca da guerra de cerco da seguinte forma:

> A cidade de Jerico está fechada a sete chaves. É isso que você espera, mas não é o que quer ouvir. É duro atacar uma cidade fortificada, quando os portões foram fechados, e o povo está escondido lá dentro. Empoleirados lá no topo dos muros estão as torres da guarda, ou postos com guardas, prontos a atirar suas flechas, derramar óleo fervente e jogar pedras sobre você se chegar muito perto do muro. Da sua torre, os guardas observam as entradas. Visto que o sistema de portões é o ponto, em potencial, mais fraco

> do muro, a entrada consiste em uma série de dois ou três portões. Quebre um, e você ainda tem mais um ou dois portões pela frente. Assim você tenta aproximar um aríete o suficiente para começar a golpear o muro. Mas fazer um buraco no muro pode levar semanas, ou até meses. Escalar o muro também é muitíssimo difícil. Como o general Custer, você acabará com uma camisa de flechas antes que consiga subir uma parte relevante do muro.

Você pode pintar quadros como esse ao selecionar informações de dicionários bíblicos, enciclopédias, atlas ou livros de arqueologia. Você obtém ajuda acerca de como forjar esse material em uma cena ao ler alguns dos mestres dessa arte. Tente o livro *Leap Over a Wall: Earthly Spirituality for Everyday Christians [Salto sobre o muro: espiritualidade terrena para cristãos de todos os dias]* de Eugene Peterson e encontre cenas da vida de Davi. Em seu livro *Pecidiar Treasures: A Biblical Who's Who [Tesouros peculiares: um quem é quem na Bíblia],* Frederick Buechner dá vida às personagens bíblicas. Às vezes, sua imaginação transcende o texto, mas ler o material dele exercita sua criatividade. Além disso, adquira um exemplar da obra *A Fonte de Israel* de James Michener. Ele vai e volta entre o relato ficcional de uma escavação arqueológica no oeste da Galiléia e as antigas histórias por trás dos artefatos escavados. As primeiras 373 páginas fornecem imagens vividas da história judaica até 605 a.C., particularmente da rotina diária da vida em família, agricultura e práticas religiosas dos cananeus.

Quando você pinta essas cenas, preste atenção na escolha das palavras. "Subir os muros" soa insípido para os ouvintes. "Escalar os muros", desperta o interesse deles. Às vezes, um dicionário de sinônimos ajuda a sair da repetição verbal. Mas tenha cuidado em escolher a palavra apropriada. Substantivos e verbos específicos também ajudam. Alguns comunicadores usam adjetivos e advérbios para compensar a falta de impacto deixada por verbos e substantivos fracos. Em vez de tentar incrementar um substantivo como *pedra* com o modificador genérico *grande,* use uma palavra como *matacao.* Em vez de *flores,* escolha a designação apropriada como *lírios* ou *margaridas.* Quando o assunto é verbos, tente "socar o muro" ou "golpear o muro", em vez de "bater no muro". Mas assegure-se de que o verbo descreve corretamente a ação. E vale lembrar mais uma vez, a exegese precisa estabelecer os limites para sua criatividade.

As generalidades drenam a vida das histórias. Assim, quando você pregar, tenha como objetivo detalhes sensoriais suficientes para despertar o interesse dos seus ouvintes. Pintar cenas vividas dá vida às histórias bíblicas.

Capítulo 135

SUSPENSE

Quando todo o mundo — até mesmo sua platéia de domingo — ama um mistério

Dave McClellan

Muitos pregadores aprendem que um sermão bem organizado requer uma clara previsão e uma clara revisão. Conte ao público o que dirá, diga-o e, depois, conte-lhe o que você disse.

Conversa fiada! Não consigo imaginar um meio mais tedioso de transmitir as boas novas do que privá-lo de todo e qualquer mistério.

Filmes, romances, histórias e até piadas, todos os meios eficazes de comunicação usam o suspense como parte do seu encanto. Todos, isto é, exceto o sermão. No esforço de ser claros e concisos, muitos autores de sermões descartam o suspense, deixando seu esboço com todas as maravilhas de um manual de máquina de lavar roupa.

O suspense mantém os ouvintes interessados. Quem sai da rodinha no meio da piada? A expectativa pelo clímax prende os ouvintes. Mas é comum as pessoas dessintonizarem no meio do sermão. Por quê? Não há suspense!

Os mestres contadores de histórias podem falar muito mais tempo do que um pregador e, mesmo assim, manter a atenção arrebatada de seus ouvintes. Garrison Keillor, por exemplo, sabe como prender o público ao soltar a sua história por meio de incidentes, um por vez. Ele não anuncia sobre o que é a história, quem faz parte dela nem como terminará.

Você não precisa ser superdotado como Garrison Keillor para fazer bom uso do suspense em sua pregação. O suspense é simplesmente a retenção de informações seguida de sua entrega estratégica. Como sugere a palavra, é uma "suspensão" do processo de comunicação. Incorporar uma diversidade de momentos de tensão e alívio envolve os ouvintes intelectual e emocionalmente durante toda a mensagem.

Podemos aprender a arte do suspense dos contadores de histórias, mas cuidado: as lições deles talvez contradigam o que os especialistas lhe ensinaram.

Não fale demais

Os pregadores, com freqüência, estruturam seus sermões como uma aula acadêmica — três pontos principais e uma ilustração para cada um. Pensar no sermão como uma história, contudo, cria o potencial para gerar suspense. Não estou querendo dizer que você deva acrescentar histórias ao sermão. Digo para você pensar no sermão inteiro como uma história, um romance que se desenrola lentamente.

As histórias geram suspense porque o final é retido. Portanto, olhe para o seu sermão. Alguma coisa está sendo retida? Ou você está entregando o final muito

cedo? Como o bom romancista, o pastor que esconde o segredo da trama prende o ouvinte.

Mesmo textos conhecidos se tornam emocionantes quando recebem um toque de suspense. Por exemplo, se a primeira metade de um sermão acerca da Regra de Ouro de Mateus 7 destaca não a parte do "façam aos outros", mas a importância de conhecer suas próprias necessidades, você pode sugerir a possibilidade de que esse ensino de Jesus soa autocentrado. Essa é a idéia. Faz parte do suspense.

Depois de argumentar a favor do ponto de que cada pessoa deve conhecer as próprias necessidades, o pregador pode inserir a surpresa da trama. "Agora que você descobriu como identificar as suas necessidades, perceba que o propósito de Jesus não era que você as satisfizesse, mas que satisfizesse essas necessidades em outra pessoa. Suas próprias necessidades são a semente para servir os outros."

O sermão que em vez disso anuncia: "Hoje, vamos tratar de como identificar as nossas necessidades a fim de sabermos como discernir as necessidades dos outros", desperdiça a oportunidade de manter os ouvintes fisgados para a aplicação. A simples suspensão do processo de comunicação é mais adequada para manter a atenção dos ouvintes.

Por estranho que pareça, é possível que um sermão seja claro demais. Jesus estava disposto a trocar a clareza pelo mistério, sabendo que uma pessoa tomada pelo mistério seria mais afetada pela verdade do que uma pessoa entediada.

Em João 16.16, na última ceia, Jesus provoca seus discípulos com estas palavras: "Mais um pouco e já não me verão; um pouco mais, e me verão de novo". A mensagem dele é críptica. Ele permite que os discípulos remoam aquele ensino na mente e especulem acerca do que ele queria dizer.

"Alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: "O que ele quer dizer com isso: 'Mais um pouco e não me verão'; e um pouco mais e me verão de novo', e 'porque vou para o Pai'?" E perguntavam: "Que quer dizer 'um pouco mais'? Não entendemos o que ele está dizendo" (Jo 16.17,18). Ele espera até que eles estejam realmente famintos pela resposta antes de lhes transmitir o sentido do que disse.

Muito antes de os gurus culturais analisarem o processo pós-moderno de pensamento e concluírem que as pessoas não querem que lhes demos todas as respostas, Jesus cultivava perguntas na mente de seus ouvintes. Mastigar as perguntas as ajudava a buscar respostas. Que sejamos tão sutis e tão ousados.

Jesus também evitava uma armadilha comum que drena o suspense de muitos sermões. Sua pregação lançava imagens que faziam sua platéia se sentir profundamente desconfortável. Ele emitia advertências severas embaladas em hipérboles. Mas os sermões de hoje, com freqüência, são tão equilibrados e inócuos que poucas pessoas conseguem protestar. Basta sair uma afirmação vigorosa dos lábios de um pregador que ele já começa a "voltar a fita" e a dar tantas explicações que o impacto da frase se foi.

Quando pregamos sobre a prosperidade do justo no Salmo 1, podemos contrabalançá-la imediatamente com o reconhecimento de que a Bíblia não promete prosperidade constante, mas isso rouba o suspense da mensagem. Se, no entanto, pregamos firmemente sobre como Deus abençoa o justo, a tensão começa a encher o ambiente. As pessoas estão em luta com a idéia, confrontam sua teologia com sua experiência e ficam pensando como o pregador aplicará esse ensino. E a meta da pregação não é levar as pessoas a lutar, a examinar e a aplicar?

Uma vez que o assunto esteja devidamente exposto, então, se necessário, pode ser contrabalançado. Podemos dizer algo como: "A essa altura, alguns de vocês devem estar pensando: *Espere um pouco, isso nem sempre funciona assim...".*

A pregação com suspense permite que a própria Bíblia faça afirmações fortes antes que se jogue água fria nelas. A platéia precisa se contorcer um pouco debaixo desse calor.

O som dos símbolos

Um sermão não precisa ser apenas uma experiência auditiva. Quanto mais experiências sensoriais forem embutidas no sermão, mais envolvente o sermão se torna. Afinal, Jesus disse: '"Mostrem-me a moeda usada para pagar o imposto'. Eles lhe mostraram um denário, e ele lhes perguntou: De quem é esta imagem e esta inscrição?' " (Mt 22.19,20). Você consegue imaginar a curiosidade despertada, quando Jesus pediu uma moeda? Jesus conseguiu a atenção total deles.

Recentemente, comecei uma mensagem com uma cadeira velha e surrada do lado esquerdo do púlpito. Deixei-a lá durante toda a mensagem fazendo as pessoas pensarem quem tinha esquecido de tirar aquele lixo dali. Mas quando chegou a hora de pregar sobre a paixão de Deus pela restauração de vidas quebradas, meu objeto de apoio visual estava ali do meu lado. A tensão, que tinha aumentado desde que começara o sermão, foi aliviada.

Muitos pastores estão descobrindo que sermões com objetos de apoio sensorial já não são exclusividade da escola dominical. Mas se esperarmos para mostrar c objeto até que seja usado, perdemos a oportunidade de usar o suspense.

Num outro sermão, comecei com um copo de isopor e um caneco de café de cerâmica artesanalmente decorado colocado em cima do púlpito. Não expliquei por que estavam lá. Mais tarde, durante o sermão, usei o copo descartável para ilustrar um objeto de produção em massa projetado para uso temporário. O caneco fabricado artesanalmente demonstrava o valor duradouro da obra de Deus no indivíduo. Desafiei os membros da igreja a não serem cristãos de isopor. Em vez disso, desafiei-os a demonstrarem a criatividade e a impressão digital do Oleiro.

Coloque a isca no anzol

Uma última ferramenta para pregar com suspense é o título do sermão. Tipicamente, esse é o primeiro vislumbre que a congregação tem da mensagem. Se os

ouvintes vêem: "Cinco Maneiras de Melhorar o Seu Casamento"; ou: "A Paixão de Deus por Bons Casamentos", eles já sabem o tópico, o tom e, provavelmente, conseguem adivinhar qual será a conclusão. Desperta pouca curiosidade.

Por outro lado, um título como: "O Que os Seminários sobre Casamento Não Ensinam", começa a gerar suspense antes da primeira palavra do pregador. Um título que contém suspense faz as pessoas pensarem no que elas perderão se não "sintonizarem" no domingo.

A começar pela capa e continuando com as ilustrações e a trama em si, uma história cheia de suspense prende a atenção e a imaginação. O suspense no sermão poder fazer o mesmo.

Capítulo 136

COMO PREGAR COMO JOHN GRISHAM ESCREVE

Precisava prosseguir do princípio para a trama

Bill Oudemolen

Durante umas férias recentes, minha esposa e eu nos aventuramos a visitar uma igreja do outro lado da cidade. O estacionamento cheio e uma multidão no *bali* de entrada sugeriam um sermão brilhante. O pregador era um bom orador e divertido. Seu sermão foi bíblico, com quatro princípios bem elaborados do texto. Mas quando saímos daquele culto, como disse William Willimon, percebi que captei o sermão, mas o sermão não me capturou.

Alguns dias depois, nas mesmas férias, sentado debaixo de um guarda-sol na praia, estou lendo *A Câmara de Gás,* de John Grisham, romance acerca da pena capital. Perto do fim da história, Grisham descreve Sam Cayhall, o preso que está no corredor da morte, tirando a roupa que vestiu por tantos anos. Sua roupa nova sobre a cama é para a execução na câmara de gás. O retrato dominou-me completamente, e comecei a chorar. Enquanto as lágrimas corriam pelo meu rosto, silenciosamente pedi perdão ao Senhor por ter odiado os condenados que estão no corredor da morte.

Fiquei marcado pelo fato de que o romance de Grisham me "capturou" de uma forma que o sermão bem estruturado não tinha conseguido. E comecei a estudar o que faz uma boa história funcionar. A medida que fui aplicando os elementos da trama à estrutura do meu sermão, eles revolucionaram a forma como preparo e prego um sermão.

Comece com a surpresa

O sermão fundamentado numa trama não é um sermão que contém mais histórias. Não se cria esse sermão ao espremer nele mais ilustrações ou ao trans-:ormá-lo numa grande ilustração. Antes, já a estrutura do sermão fundamentado

na trama é diferente. A diferença entre o sermão fundamentado na trama e o sermão fundamentado em princípios não é hermenêutica, mas homilética. O sermão fundamentado na trama ainda precisa de exegese tradicional; ainda preciso mergulhar no texto. Mas depois de ter feito meu trabalho de escavação exegética, tomo outra direção. Afasto-me dos princípios e decolo para o domínio da surpresa, da tensão e do desequilíbrio.

Obviamente, isso é mais simples com a literatura narrativa, mas todo texto está embutido num contexto, numa história e numa situação. E toda situação contém algum desequilíbrio ou tensão.

Quando começo a pensar acerca do meu sermão, fico imaginando o que os ouvintes da minha platéia esperam desse texto. Aí faço o melhor que posso para evitar as expectativas deles. Quando começo meu sermão, quero que eles pensem: *Aonde ele está indo com esse sermão?*

No livro *Tbe Homiletical Plot [A trama homilética*], Eugene Lowry usa como ilustração o antigo *show* de televisão *Quincy* (um exemplo mais recente é o *CSI).* Ambos começam com um cadáver — até aí, nenhuma surpresa. O fator que causa interesse é a incerteza — "Quem fez isso?"; "Como o fez?"; "Por que fez isso?"; "Como Quincy ou Jéssica desvendarão isso?"

Num sermão recente acerca do rico insensato de Lucas 12, por exemplo, a congregação esperava que me opusesse ao rico insensato. Então mostrei o quanto me identifico com ele. Imaginei-o como um agricultor financeiramente afortunado. "O rico insensato nos parece sábio. Ele ganhou seu dinheiro de forma honesta. Ele era um homem que trabalhava duro. Ele investiu e cresceu. Ele usou seu lucro para planejar sua aposentadoria. A revista *Dinheiro* o retrataria como um gênio financeiro".

Usei uma citação: "Se esse homem é insensato, então muitos norte-americanos são insensatos!". Contei à minha platéia que recentemente tinha calculado o dinheiro que teria para a aposentadoria em vinte anos se, em vez de ter dado à igreja e aos missionários durante os últimos quatro anos, tivesse investido o dinheiro. A soma dava mais de US$ 200.000,00. A seguir, pedi à congregação que decidisse se ter US$ 200.000,00 a menos na época da aposentadoria seria algo sábio ou insensato.

Para minha congregação de classe média, isso gerou desequilíbrio, tensão e surpresa.

Gere tensão

Na fase exegética do preparo do meu sermão, pesquiso detalhadamente para ver se encontro algum desequilíbrio baseado no texto.

Enquanto pregava acerca da vida de Paulo, por exemplo, encontrei um desequilíbrio precioso em Atos 27. Lucas conta como passou por uma tempestade com Paulo. A tempestade devastava a tudo e todos sem uma palavra de Deus

Lucas escreve, em 27.20, que eles finalmente perderam "toda a esperança de salvamento".

Poderia ter arruinado o sermão nesse ponto ao censurar a minha platéia: "Mas é claro que todos conhecemos a doutrina da onipresença, assim sabemos que Deus estava lá — o princípio da presença dele!". Há a tentação de depreciar o desequilíbrio no texto, como se fosse minha tarefa fazer com que Deus fique bem na foto. Um comentarista desse trecho usou as quatro âncoras de Atos 27.29 como "quatro âncoras para nos proteger do naufrágio durante as tempestades da vida". Mas o problema aqui não é somente homilético, mas também teológico — o navio em que Paulo está de fato naufraga!

Meu objetivo é aumentar a tensão. Em todas as boas histórias, as coisas vão se desenrolando e, assim, criam mais tensão até o momento do clímax. Minha tendência é atingir o último capítulo muito cedo. Mas o cerne de um sermão, assim como o cerne de um romance, é engrossar a trama.

Ao pregar uma série acerca da vida de Abraão, usei-o como exemplo do que é ser amigo de Deus. Para gerar tensão, perguntei à minha platéia se eles tratariam um amigo como Deus o faz.

Abraão e Sara esperaram 25 anos até que Deus lhes desse o filho prometido. Contei aos meus ouvintes que conseguia entender o que Abraão sentiu naqueles anos. Embora Deus não tenha me prometido um filho, sei o que é esperar para ter um filho. Jan, minha esposa, e eu ainda estamos esperando. Estamos casados há 24 anos. Planejamos ter filhos, criar uma família e servir ao Senhor com alegria. Somos, agora, um casal de meia-idade sem filhos.

Contei à platéia que quando li a notícia de que uma mulher tinha afogado seus dois filhos na Carolina do Sul, a raiva tomou conta de mim. Meu sentimento não foi tanto contra ela como quanto contra Deus. Por que permitiu que ela tivesse filhos, e nós não? Nunca faria o que ela fez.

Há poder no sermão que faz algumas perguntas.

Leve tudo à conclusão

Mas a tensão gerada pelo desequilíbrio precisa ser aliviada a certa altura. O tempo se esgota no final do segundo tempo do jogo. O livro de Apocalipse alivia a tensão entre Deus e Satanás. Nas boas histórias e sermões, o desfecho (ou resolução) é breve. Se usarmos a analogia da dramatização televisiva, o desfecho no sermão não deveria levar mais de cinco minutos.

Essa parte do sermão é a que mais se parece com a pregação tradicional para mim. E a hora de declarações de proposições básicas acerca de Deus. E a hora de aplicar "o restante da história". Mas isso não pode se arrastar indefinidamente.

No meu sermão acerca da parábola do rico insensato, o desfecho foi simples: "Se você não tiver cuidado, seu dinheiro pode fazê-lo de bobo. Armazenar dinheiro é sensato, compartilhar a riqueza é sábio". Mencionei os US$ 200.000,00 a menos

que terei para a aposentadoria e lembrei meus ouvintes que mesmo que alguém diga: "Que tolo!", Deus diz: "Que sábio!"

Esse foi um sermão acerca da mordomia em preparo para o banquete de campanha de promessas de oferta para o ano seguinte. Sugeri aos membros da igreja que, ao preencherem sua ficha de promessa na semana seguinte, alguém poderia olhar para a ficha e considerá-los insensatos. Desejei que não fosse Deus.

Finalmente, contei a história de duas meninas chamadas Kaylee e Whitnee que tinham vendido maçãs caramelizadas e biscoitos na semana anterior. Uma pequena placa na barraca delas dizia: "Tudo que fazemos é para a construção da nossa igreja". Mostrei o envelope que tinham me dado naquela manhã. Rabiscada em letra de menina estava a soma $36,75 e as palavras: "Para a nova igreja. Com amor, Whitnee e Kaylee". Concluí com a pergunta aos meus ouvintes se a resposta de Deus seria: "Que tolas!"; ou: "Que meninas sábias!".

Produzir princípios para um sermão é fácil; árduo é criar o enredo para um sermão. Para me ajudar a criar melhores sermões fundamentados em enredos, leio ficção, assisto a filmes e vou ao teatro, ouço atentamente as histórias dos que me procuram para o pastoreio e presto atenção na letra das músicas populares. "As vezes, você é o pára-brisa, às vezes, você é o inseto". (Citação de um trecho da letra da música "The Bug" ["O Inseto"], de Mary Chapin Carpenter.)

Mas o que talvez mais alimente a minha criatividade do qualquer outra coisa seja o desequilíbrio da minha própria história.

Capítulo 137

A BOA TENSÃO

O papel do rítimopara contar uma história arrebatadora

John Ortberg

Grande parte da energia de um sermão vem de declarações que geram tensão.

Ouvi uma mensagem pregada pelo autor e pregador Ken Davis que mostra como usar bem declarações que geram tensão. Aqui está um trecho:

> Filhos não gostam quando você diz: "Eu amo você", e quando você tenta abraçá-los. Mas não pare de dizê-lo.
> No caso da minha filha, eu tentava coagi-la. Dizia: "Eu amo você". Ela dizia: "Eu também". Dizia: "Então diga". E ela respondia: "Acabei de dizer". Quando ela estava na faixa dos 14, 15, 16 anos não ouvi as palavras: "Eu amo você", pronunciadas por ela.
> Não importa se você está no topo de uma grande empresa ou se dirige um trator na fazenda, não importa se você é adulto ou adolescente — todos nascemos com a necessidade desesperadora de sermos amados e fazemos coisas que destroem nossa vida tentando curar essa ferida que há em nosso coração.

Quando minha filha tinha 16 anos, um dia, encurralei-a na cozinha e disse: "Querida, eu amo você. Eu amo você". Ela disse: "Não tô nem aí". Foi como se ela tivesse enfiado uma faca no meu coração.

Quando ela estava com 18 anos, deixei-a no dormitório da casa do estudante na faculdade. Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, peguei-a pelos ombros, fiz contato visual com ela e disse: "Tracy, eu amo você". E aos 18 anos de idade, ela disse: "Eu também". Viajei 1.300 quilômetros chorando ao volante na volta para casa porque queria ser amado. Eu só queria ser amado.

Alguns meses depois, fui convidado a dar uma palestra na faculdade dela. Amo falar em público, mas, naquele dia, estava apavorado, porque ela estava na platéia, e não queria constrangê-la. Fiz a minha palestra, e, depois, o capelão da faculdade me convidou para almoçar. Minha filha foi para a aula. Fomos a um belo restaurante italiano. Ele tirou da sua pasta uma pilha de centenas de cartões de resposta. Ele leu para mim algumas das coisas que os estudantes tinham escrito acerca da minha mensagem. Senti-me recompensado. Peguei um pouco de macarrão. Ele enfiou a mão na pasta e pegou mais um cartão. Ele disse: "Aqui está um cartão que acho que interessa a você". Olhei para o cartão e na parte da frente estava o nome da minha filha, Tracy Lynn Davis. Mas não consegui virar o cartão. Já pulei de um avião a 3.000 metros de altitude. Gosto de velocidade no carro. Tenho um avião com o qual voei para o Alasca e pousei em lugares em que nunca ninguém tinha pousado. Há um guia lá que disse que nunca mais viajará de avião depois de viajar comigo. Amo o perigo, mas não consegui virar o cartão.

Só há uma coisa pior do que saber que existe uma ferida. E isso é correr o risco de que alguém abra ainda mais a ferida. Finalmente, virei o cartão. No outro lado do cartão estavam escritas em letras garrafais as seguintes palavras: "Amo o meu pai". Cuspi macarrão por toda a mesa.

Fiquei tão constrangido que corri da sala para um pequeno banheiro e fechei a porta. Vi a tranca. Ainda consigo ver aquela tranca. Fechei-a com violência e chorei como uma criança. Disse: "Oh, Jesus, ela me ama".

Só, então, percebi que tinha um sujeito lá no banheiro.

Na história de Ken, a declaração que gerou tensão foi: "Não ouvi as palavras Eu amo você' de minha filha". Quando ele disse: "Disse à minha filha: 'Eu amo você' ", e ela disse: "Não tô em aí", a platéia ficou realmente quieta. Isso é tensão. As pessoas estão pensando: *Como vai terminar essa situação?*

Quando fazemos uma declaração que gera tensão, muitas vezes cometemos o erro de aliviar a tensão muito cedo. A tensão confere energia. Quando as pessoas experimentam tensão, elas estão motivadas a buscar a resolução.

Davis conta com maestria sua história e, com isso, mantém a tensão o tempo todo. Ele descreve como foi a experiência de dar a palestra na faculdade da filha e, depois, de receber o cartão da filha. Todos sabemos que há algo do outro lado daquele cartão. Todos queremos saber o que é.

O que Davis faz? Ele não vira o cartão! Ele começa a falar da sua disposição em correr riscos: "Já pulei de um avião...". O que ele está fazendo com isso? Está elevando a tensão, prolongando o tempo. E preciso muita arte para fazer isso, porque se você tenta elevar a tensão, e o recurso não funciona, as pessoas só se irritam. O que está no outro lado do cartão? Davis adia a resolução com a habilidade magistral de discernir quanta tensão seu público ainda consegue suportar.

Pense num elástico. Se está muito solto, não há tensão alguma. Se você o estender demais, arrebenta. Mas se você o mantiver na distância certa, há tensão — energia.

Quando Davis vira o cartão e lá está escrito: "Amo meu pai", o impacto — por causa da tensão — é enorme. Isso explica em parte por que a platéia explode numa gargalhada quando ouve que já havia um sujeito no banheiro ouvindo o choro gritado de Ken: "Ela me ama". Se não tivesse havido tensão, a intensidade da reação ao humor não teria nem chegado perto do que foi.

A tensão é importante não somente nas histórias, mas também quando se desafia a congregação em alguma área de obediência. Você não quer aliviar essa tensão muito cedo. Pregadores e professores precisam aprender a conviver com a tensão.

Capítulo 138

USANDO ILUSTRAÇÕES DA CULTURA POPULAR

Como se referir à cultura popular deforma que seja apropriado e conecte com os ouvintes

Kevin A. Miller

Três pressuposições

Em meus sermões, uso ilustrações de filmes, de *shows* de televisão, de revistas populares e da cultura das celebridades. Faço isso fundamentado em três pressuposições:

(1) Todos os professores e comunicadores precisam levar as pessoas do conhecido ao desconhecido. Em outras palavras, começamos com o que é conhecido e fazemo: comparações e contrastes para que as pessoas possam entender o que não sabem ainda. Essa é uma lei universal da educação. É a razão por trás de toda metáfora símile e analogia.

Por exemplo, as parábolas de Jesus estão repletas do mundo conhecido dos seus ouvintes. Há muitas referências a ovelhas. Pouquíssimas vezes na minha vida tive contato com ovelhas e não conheço ninguém que pastoreia um rebanho, mas isso era muito comum para os ouvintes de Jesus. Era parte do mundo conhecido deles, por isso, ele usou esse elemento. Ele fazia menção a figueiras e a candeias coisas comuns na Palestina do século I. Por que ele fez isso? Jesus queria ensinar

acerca do mundo desconhecido do Reino de Deus e não podia começar falando imediatamente acerca de algo completamente desconhecido sem um ponto de referência do mundo conhecido dos seus ouvintes.

Quando prego acerca do céu, a inspiração do Espírito Santo ou a presença e habitação de Cristo em nós, esses são aspectos desconhecidos para muitos dos meus ouvintes. A única forma que posso fazer isso é começar a falar de forma precisa e convincente acerca do mundo que eles já conhecem. Para fazer isso, preciso entender de política, de negócios e da maneira como funcionam as famílias e preciso entender alguma coisa da cultura popular.

Algumas pessoas nas nossas congregações pressupõem que o que os pregadores têm a dizer é totalmente irrelevante. Fujo dessa pressuposição ao mostrar que o cristianismo se aplica diretamente ao mundo que eles conhecem.

(2) A cultura popular é o mundo conhecido para um número grande e sempre crescente das pessoas de hoje. A maioria das pessoas com menos de 45 anos cresceu com a televisão, vídeo games e a cultura das celebridades. Isso é o que eles conhecem profundamente.

Por exemplo, uma mulher jovem trabalhava na Christianity Today International, e ela estava fazendo seu doutorado em inglês, era uma pessoa brilhante e culta. Ela e alguns outros estavam numa rodinha no corredor conversando acerca de um amigo seu que é um viciado em televisão. Ouvi a conversa e disse: "É mesmo, tem gente que sabe o nome de todas as pessoas com quem a Jennifer Lopez já namorou". A conversa empacou. Essa jovem olhou para mim e disse: "Sei o nome de todas as pessoas com quem a Jennifer Lopez namorou". De repente, percebi que tinha ofendido sem querer essa pessoa com quem me importava. Tinha olhado de cima para baixo o mundo dela, que é o mundo da cultura popular.

Um amigo meu é professor em uma faculdade cristã, e conversávamos sobre os portais da Internet, jornais ou *shows* de televisão que ele lê e assiste para se manter conectado com o mundo. Ele disse:

— Na verdade, não sigo todas as notícias nacionais.

— Por que não?

— Isso não me afeta — disse ele.

— Notícias nacionais não afetam você?

— Não — disse ele. — O que preciso conhecer é a cultura popular, porque é disso que os meus alunos estão falando. Se quero ensinar meus alunos e me conectar com eles, preciso conhecer a cultura popular.

Essa conversa me mostrou mais uma vez que para uma porcentagem crescente das pessoas de hoje, a cultura popular é o mundo conhecido. Se quero levá-las do mundo conhecido para o mundo desconhecido, preciso saber algumas coisa sobre isso.

Obviamente, essa abordagem traz em si um perigo para aqueles de nós que Duscam a santidade e a separação do mundo. Uma familiaridade adequada com a cultura popular requer de nós oração e discernimento.

Quando João Wesley decidiu pregar ao ar livre para as massas, os mineiros de carvão, os pobres e esfarrapados da Inglaterra, foi algo radical na sua época. Ele disse: "Consenti em me tornar pior". Em outras palavras, dispus-me a conviver ombro a ombro com a bagunça e a desordem do mundo para levar o evangelho a ele. Tendo dito isso, repitamos: precisamos de muito discernimento acerca de como usar bem e adequadamente a cultura popular.

(3) Posso ganhar ou perder credibilidade ao usar referências à cultura popular no sermão. Tudo depende de como o faço. Por exemplo, Paulo se refere à cultura dos seus ouvintes em Atos 17 quando sobe a colina de Marte e fala aos filósofos pagãos atenienses. Ele diz: "Andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO". Mais tarde, ele cita os próprios poetas de Atenas. Assim, Paulo, em dois pontos de sua mensagem, refere-se a coisas que são verdadeiras na cultura de Atenas. Observe a segunda — "como disseram alguns dos poetas de vocês" — ele cita de forma positiva, indicando que o que aqueles poetas disseram de fato era verdade. Ele não se refere à estátua dedicada ao deus desconhecido de forma positiva, mas o faz de forma cortês.

Atos 17 é um exemplo do que Paulo diz em ICoríntios 9.22: "Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns". Esse também é um bom exemplo de que tentar fazer uma conexão com a cultura popular não quer dizer que precisamos apoiar ou abraçar tudo que encontramos nela. Evidentemente, não podemos. Paulo não demonstra apoio a essa estátua feita para o deus desconhecido; ele apenas a usa como um trampolim.

Billy Graham também faz isso. Ele dedica a primeira parte da maioria de suas mensagens evangelísticas a falar acerca dos problemas da nossa cultura contemporânea. Ele cita manchetes de jornais, fala de problemas sociais, da taxa de divórcio e dos suicídios. Ele está conduzindo a mensagem para o fato de que Cristo é a resposta definitiva para essas coisas. Ele estabelece um ponto de contato com as pessoas presentes na pregação.

Dois princípios

Para usar ilustrações da cultura popular com credibilidade, preciso responder a duas perguntas importantes para as pessoas mergulhadas na cultura popular: você sabe alguma coisa do meu mundo?; e: você se importa com o meu mundo?

(1) O pregador precisa ter conhecimento do mundo da cidtura popular. As pessoas não esperam que eu seja um especialista em cultura porque sabem que sou pastor. Elas esperam que eu esteja bem instruído na Bíblia, acerca de Deus, da oração e de outras questões espirituais. Mas elas gostam quando faço um comentário que mostra que sei, ao menos, alguma coisa acerca do mundo delas, e elas respeitam meu esforço.

Por exemplo, em um período de férias de verão em Wisconsin, certo dia nossa família foi a uma pista de kart. Do meu lado na pista, estava um jovem com

uma camiseta que dizia: "Flogging Molly" (o que soa um tanto sadista; "Chicoteando a Molly"). Perguntei-lhe: "Isso é a banda celta de música *punk?* \ Ele confirmou com a cabeça, e perguntei: "Eles estão mais ou menos na linha do Drop Kick Murphy?". Ele arregalou os olhos e me olhou surpreso, como quem diz: *Ei, você varece velhinho, mas sabe um pouco sobre a música* punk *celta.* Acho que ele estava pensando: *Como você sabe alguma coisa do mundo da música que eu curto?*

Esse é o tipo de ponte que quero fazer no sermão. Quero saber o suficiente sobre o mundo dos ouvintes para que eles comecem a pensar: *Olha, se você sabe isso do meu mundo, então talvez eu possa confiar em você quando começar a falar de coisas espirituais.*

Se não sei nada desse mundo, posso perder pontos. Não há problema em admitir que não sei, mas se faço de conta que sei e não sei, então perco pontos. Por exemplo, vi uma ótima citação de Johnny Depp no banco de dados de ilustrações do *Preachmgtoday.com* (em inglês), mas decidi que não podia usar a citação porque não tinha assistido aos filmes de Johnny Depp. Se tentasse falar sobre ele, não conseguiria falar mais de dez segundos sem mostrar minha ignorância sobre ele. E se o tivesse chamado de *John* Depp, seria como chamar Michael Jordán de *Mikey* Jordán! Isso simplesmente trairia minha ignorância sobre o assunto.

O que poderia fazer nesse caso? Poderia acessar a Internet (*imdb.com* é um portal que dá amplas informações gerais dos filmes) e aprender o suficiente para poder falar com segurança de Johnny Depp e inserir a citação. Ou poderia omitir o nome e dizer: "Recentemente, um ator famoso disse..." e simplesmente usar a citação, desviando do fato de que não sei muito sobre o Johnny Depp.

Os detalhes fazem toda a diferença. Por exemplo, certo domingo, usei uma ilustração de abertura extraída do filme *Senhor dos Anéis.* Sei que algumas pessoas são fanáticas totais pela série *Senhor dos Anéis.* Viram todas as cenas muitas vezes. Leram a trilogia várias vezes. Quando usei aquela ilustração, consultei as páginas relativas a ela no livro. Confirmei algumas de minhas percepções com meu filho que é maníaco pelo *Senhor dos Anéis,* e outra pessoa que é ainda mais maníaca pelo *Senhor dos Anéis* para ter certeza de que os detalhes estariam corretos quando contasse aquela história. Quando você consegue acertar, as pessoas pensam: *Você conhece o meu mundo.*

Outra fonte que uso para me familiarizar mais com a cultura popular é a revista *Entertainment Weekly.* (Revista que traz notícias sobre lazer e diversão em geral.) Ela trata de muitas coisas, especialmente de filmes, e ajuda-me a aprender sobre eles, sem ter de assistir a tudo, em especial, aqueles filmes que são um problema moral. Ela me ajuda a conhecer os nomes e os temas importantes.

ChristianityToday.com (em inglês) tem um serviço gratuito de boletim por *e-mail* que faz resenhas de filmes todas as semanas e resume o que os comentaristas cristãos estão dizendo sobre eles. Isso me ajuda a saber onde um filme se encaixa em termos de cosmovisão e quão indecente ou encorajador ele é. Essas resenhas se

empenham em transmitir o que esse filme está querendo dizer e se está conseguindo fazê-lo.

Quando um pregador se refere a um filme, ao fazer isso, passa implicitamente a idéia de endosso desse filme. Talvez queira apenas usar uma cena que é moralmente impecável, mas não posso pressupor que meus ouvintes entendem isso como o uso de apenas uma cena. Eles pensam: *Oh, ele foi ver esse filme. Ele deve ter gostado porque está falando dele.* Pode haver algo moralmente repreensível em outra cena do filme, e não quero transmitir esse endosso implícito. Diante desse dilema, o que posso fazer?

Devo saber a classificação e a cosmovisão geral do filme antes de usar uma ilustração dele. Portais da Internet como *Screenit.com* (e outros sugeridos pelo sistema de busca na Internet, como *melhoresfilmes.com.br)* me dizem do que trata o filme, que grau de sensualidade e sexualidade tem, qual é a cosmovisão e assim por diante. Com esse conhecimento, decido se posso fazer menção ao filme — ou se me arrependerei se, como resultado da menção, alguém assistir ao filme.

Embora fosse mais fácil dizer: "Essa cena em particular é ótima, mas não recomendo o filme como um todo", você não quer fazer isso com freqüência porque pode transmitir a idéia de que *eu posso vê-lo, vocês não.* Ou passa a idéia de que não pratico o que prego em relação à escolha de estilo de vida, de santidade e de discernimento. Nenhuma dessas mensagens é aconselhável.

(2) O pregador precisa se importar com o mundo da cultura popiáar. Esse é o ponto mais crítico, porque o tom é até mais importante do que o conteúdo. O tom da referência à cultura popular produz ou interrompe sua capacidade de se conectar com as pessoas.

Recentemente, visitei uma igreja em outro estado e participei da escola dominical antes do culto. Nessa classe de dez a doze adultos, ao conversarmos, sentados em volta da mesa, sobre diversos assuntos, várias pessoas se referiram aos "pagãos lá fora" ou falaram de "como está terrível o mundo". Pensei comigo mesmo: *Ainda bem que não trouxe um amigo não-cristão, porque esse amigo não-cristão estaria se sentindo julgado e menosprezado.* Um não-cristão se sentiria alienado. Isso acontece involuntariamente no sermão.

Por exemplo, digamos que você quer usar em seu sermão uma citação da Madonna que é antitética com o evangelho. O uso de citações como um ponto de contraste ou realce da verdade pode ser eficaz. Seria fácil introduzir a citação ao dizer algo como: "Ouvi a Madonna dizer algo outro dia. E exatamente o tipo de coisa que você espera dela...". Esse é um sentimento compreensível, mas ele o distancia no mesmo instante de qualquer pessoa na igreja que tenha um CD da Madonna ou que goste dela. Essas pessoas pensarão: *Por que ele está acaba?ido com a Madonna?*

Uma forma mais eficiente seria: "Ouvi a Madonna dizer uma coisa que realmente me fez pensar". Não disse que concordo com a afirmação; só disse que isso

me fez parar e pensar. Ou poderia dizer: "Ouvi a Madonna dizer uma coisa que expressa perfeitamente o que muitas pessoas pensam hoje". Durante o restante da minha mensagem, posso mostrar como o ponto de vista dela é totalmente oposto ao evangelho, mas fiz isso de um jeito que não a massacrou. Apenas digo que as palavras dela representam uma cosmovisão compartilhada por outras pessoas. Quero ralar de tal forma que se a Madonna em pessoa estivesse no recinto não se sentiria agredida.

Reservo-me o direito de discordar completa e intensamente com os valores expressos na citação, mas quero fazer isso de tal forma que respeite a pessoa. Assim, a pessoa dirigida pela cultura popular sente: *Você se importa com as pessoas do meu mundo.* Jesus era amigo dos pecadores. Quero ter essa mesma atitude e transmitir o mesmo tom.

Por exemplo, um sermão de Páscoa que fiz recentemente era sobre a ressurreição do corpo. Eis o que tinha escrito originalmente em meu esboço: "Os *Rolling Stones* entrevistaram a Natalie Portman, que faz o papel de rainha Amidala no filme *Guerra nas Estrelas*, e lhe perguntaram sobre a vida após a morte. E Natalie disse: 'Não creio nisso. Creio que tudo termina aqui'". Nas minhas notas, tinha escrito originalmente: "Ela pode até ser uma boa atriz, mas é uma péssima teóloga".

Quando recapitulei a mensagem antes de pregá-la, pensei: *Isso é um tanto duro. Posso até estar certo, ?nas se ela estivesse no culto, como se sentiria? Se um dos fãs dela estiver no culto — e muitas pessoas gostam de Natalie Portman como atriz—como eles se sentiriam? Eles se sentiriam afastados ou próximos do que quero transmitir?*

Aí, suavizei minhas palavras e ficou assim: "Ela é uma boa atriz, mas nesse ponto não estamos falando de filmes. Isso não é algo que você filma num cenário ou em frente a uma grande tela azul. Isso é a vida real com uma realidade nova e melhor que está por vir". Já estava melhor, mas ainda parecia haver um tom de: *Ela não sabe do que está falando.*

Aqui está o que finalmente disse: "Queria ter estado na sala durante aquela entrevista e gostaria de ter feito mais algumas perguntas à Natalie. Teria perguntado: Natalie, você tem certeza? Você tem 100% de certeza que é impossível haver vida depois da morte?'. E tenho certeza que ela teria perguntado: 'Bem, Kevin, o que faz você ter tanta certeza de que há?'. E então eu teria dito...".

Dali fiz a ponte para o texto. Apresentei-o como se estivesse conversando com ela. Não preguei menosprezando-a. Não a usei como uma caricatura. Interagi com o ponto de vista dela e a tratei como uma pessoa. A seguir, mostrei a mensagem contrastante da Bíblia. Fiz três revisões para chegar lá. Continuei trabalhando e segui meu próprio conselho de mostrar que não só sabia algo da cultura, mas também que me importava com as pessoas nessa cultura e interagi com respeito com o seu ponto de vista mesmo quando discordava.

As pessoas estão mergulhadas na cultura popular; é o único mundo que muitas delas conhecem. Quero levá-las a um novo mundo, mas isso leva tempo. Pre-

ciso fazer isso como Jesus fazia: Ele entrou no nosso mundo bagunçado para nos levar ao céu. Preciso seguir essa jornada corporificadora.

Capítulo 139

ADAPTANDO ILUSTRAÇÕES PARA QUE SEJAM ÚTEIS A VOCÊ

Seis receitas para mudar ilustrações prontas para que se encaixem ao seu estilo e ao seu propósito

Craig Brian Larson

Quando alguém especial prepara uma refeição caseira para você, o/a cozinheiro/a começa tudo do zero? Provavelmente não. Aquelas verduras em parte já vieram processadas, mas foram transformadas numa bela salada mista para satisfazer as exigências pessoais do cÃí/quando acrescentou os temperos que só ele conhece.

Aqueles de nós que pregam semanalmente, às vezes, não conseguem preparar ilustrações suficientes do zero para criar sermões bem ilustrados, mas sempre podem personalizar as que encontram prontas. Aqui estão seis maneiras de adaptar ilustrações disponíveis em *PreachingToday.com* ou outras fontes de qualidade ao seu estilo e ao seu propósito singulares.

Mude o tom

Às vezes, a formulação de uma ilustração se choca com nossa personalidade ou ponto de vista. Talvez o autor seja muito sentimental ou muito imparcial. Talvez contenha gíria, prosa muito rebuscada ou expressões idiomáticas regionais. Talvez a ilustração contenha expressões sufocantes ou palavras de transição acadêmicas, como "conquanto", "entrementes" ou "por conseguinte". Podemos consertar isso com algumas batidinhas e retoques ou com o acréscimo de algumas expressões de assinatura.

Aqui, por exemplo, está uma ilustração jornalística objetiva:

> A resenha que um editor faz de um livro recente o descreve como "uma discussão cuidadosa e detalhada de todos os aspectos desde considerar, depois preparar, começar e finalmente levar a cabo um caso extraconjugal bem-sucedido e emocionalmente realizador". O título do livro é: *Ajfair! Hoiv to Manage Every Aspect of Yoitr Extramarital Relationship ivith Passion, Discretion, and Dignity [Caso extraconjugal! Como administrar cada aspecto do seu relacionamento extraconjugal com paixão, discrição e dignidade*], escrito por Cameron Barnes (UPublish.com, 1999). Por apenas $19,95, mais o valor do envio, você pode receber um resumo prático do engano que há na nossa cultura sobre o tema da relação sexual fora do casamento.

Transformemos isso numa perspectiva apaixonada da ilustração:

Você pode não acreditar, mas há um editor que teve o desplante de promover um dos seus novos livros como "uma discussão cuidadosa e detalhada de todos os aspectos desde considerar, depois preparar, começar e finalmente levar a cabo um caso extraconjugal bem-sucedido e emocionalmente realizador". E, o mais triste, esse livro depravado é intitulado: *Caso extraconjugal! Como administrar cada aspecto do seu relacionamento extraconjugal com paixão, discrição e dignidade.* Por $19,95, mais a despesa de envio, você pode comprar as mentiras em que o diabo quer que você acredite a respeito do adultério.

Ou poderíamos usar uma linguagem de rua repleta de gíria:

Só escuta essa. Taí um editor oportunista que tá promovendo o seu mais novo livro como "uma discussão cuidadosa e detalhada de todos os aspectos desde considerar, depois preparar, começar e finalmente levar a cabo um caso extraconjugal bem-sucedido e emocionalmente realizador". Cara, será que eu tô ouvindo direito? Esse lixo de livro é intitulado: *Caso extraconjugal! Como administrar cada aspecto do seu relacionamento extraconjugal com paixão, discrição e dignidade.* É isso mesmo, você ouviu legal. Por uma merreca de $19,95, mais o envio, você pode socar a sua mente com as lorotas sobre o sexo que o diabo quer vender pra você.

Observe nessas três versões diferentes o quanto uma pequena mudança no fraseado muda o tom.

Incremente

Algumas ilustrações são muito magras para o nosso gosto. Gostamos de incluir os ouvintes e fazê-los receber um impacto emocional. Por exemplo, talvez achemos que uma história não desenvolva bem o cenário para torná-lo envolvente. Talvez faltem detalhes físicos e apelo sensorial. Essa ilustração precisa ficar mais encorpada.

Uma forma de incrementar uma ilustração é usar nossa imaginação para inserir os detalhes sensoriais que estão faltando. Isso não é desonesto desde que não exageremos, mudemos ou acrescentemos diálogo ou eventos relevantes à história verdadeira.

Quando Max Lucado realça uma história bíblica, por exemplo, ele permanece nos limites do que a Bíblia diz, mas acrescenta o que seria razoável experimentarmos se vivêssemos a história. Em *Seis Horas de uma Sexta-Feira,* Lucado escreve: '"Lázaro, saia!'. Bastou um chamado. Lázaro ouviu seu nome. Seus olhos se abriram debaixo do pano. As mãos cobertas de pano se ergueram. Os joelhos levantaram, os pés tocaram o chão, e o morto saiu. 'Tirem as faixas dele e deixem-no ir'".

Além de detalhes sensoriais, podemos acrescentar uma descrição do que seria razoável esperar que, em geral, as pessoas sentissem com uma afirmação explicativa: "Imagino que nesse momento, um medo terrível surgiu no coração dela".

Tony Smith de Gainesville, Geórgia, conta a seguinte história:

> Estava sentado à mesa na minha sala de estudos depois de ter dado uma bronca na minha filha de quatro anos por se comportar mal Ouvi uma batida suave na porta. "Entre", disse. Betânia entrou e disse bem assim: "Papai, às vezes, sou boazinha, às vezes, sou má. E é assim que sao as coisas" A seguir, ela saiu da sala tão sumariamente como unha entrado, agindo como se tivesse explicado completamente seu mau comportamento para sempre.

Quando conto essa história, quero que as palavras de Betânia tenham tenham um impacto maior no momento em que são ouvidas, assim escolho preparar melhor a expectativa para a introdução delas. Meus incrementos estão em itálico:

Tony Smith escreve:

> Estava sentado à mesa na minha sala de estudos depois de ter dado uma bronca na minha filha de quatro anos, *Betânia,* por mau comportamento. *Sem saber, ela estava sentada em seu quarto fazendo uma séria reflexão, bla sentia-se culpada pelo que tinha feito e tentava achar uma forma de se justificar. Não demorou, e ouvi uma batida suave na porta.* Entre disse, b pela porta entrou Betânia, *linda e inocente, mas com um olhar determinado nos olhos* Ela disse bem assim: "Papai, às vezes, sou boazinha, às vezes, sou ma. E é assim que são as coisas". E aí ela se *virou* e saiu da sala tão sumariamente como tinha entrado, agindo como se tivesse explicado completamente seu mau comportamento para sempre.

Outra forma de incrementar uma ilustração é acrescentar fatos importantes ou enriquecedores. Vejamos o que podemos fazer com a parca ilustração a seguir:

> A série de Ken Burns sobre música jazz para a PBS traz uma citação fantástica do grande músico de jazz Duke Ellington. Perguntaram a Duke como ele se sentia por não poder, como negro, por causa da segregação racial ficar hospedado no hotel em que ele e sua banda se apresentavam ble disse: "Reuni a força necessária para fazer beiço e compus alguns *blues* (fonte: "Jazz: Um Filme de Ken Burns", parte 4).

Uma forma de acrescentar volume à ilustração seria encontrar uma história que descreve a cena em que Ellington e sua banda foram barrados de se hospedar em algum hotel específico. Se não tivermos uma breve história, poderíamos dizer: "Consigo imaginar Ellington entrando num hotel e...". Por meio da história por trás da citação, os ouvintes sentiriam a dor da segregação e perceberiam o tamanho da força de caráter que Ellington deve ter tido para vencer a autocomiseração.

Salve uma parte

Em algumas ocasiões, em vez de abreviar uma ilustração, podemos querer só salvar um elemento-chave: uma citação, uma imagem ou metáfora. Por exemplo.

suponha que na ilustração a seguir eu queira focalizar menos no autor e mais nas palavras do homem a quem ele está falando:

> D. A. Carson, autor e professor da Trinity Evangelical Divinity School, encontrava-se regularmente com um jovem da África Ocidental francesa com o propósito de praticar o alemão. Ele escreve:
> Uma vez por semana, mais ou menos, ficávamos cheios daquilo e saíamos para uma refeição juntos e nos refugiávamos no francês, língua que ambos sabíamos bem. Durante aquelas refeições, passamos a nos conhecer. Descobri que a esposa dele estava em Londres, estudando para ser médica. Ele era um engenheiro que precisava de fluencia no alemão para fazer seu doutorado em engenharia na Alemanha.
> Logo descobri que uma ou duas vezes por semana ele desaparecia na zona do meretrício da cidade. Evidentemente, ele ia lá para pagar e ter uma mulher.
> A certa altura, nós nos conhecíamos tão bem que lhe perguntei o que ele faria se descobrisse que sua mulher estava fazendo a mesma coisa em Londres.
> "Oh", disse ele, "eu a mataria".
> "Mas esse é um padrão meio duplo, não é?", perguntei.
> "Você não entende. De onde venho na Africa, o marido tem o direito de dormir com muitas mulheres, mas se a mulher é infiel ao marido precisa ser morta".
> "Mas você me contou que cresceu numa escola missionária. Você sabe que o Deus da Bíblia não tem padrões duplos assim".
> Ele me deu um belo sorriso e respondeu: "Ah, le bon Dieu, il doit nous pardonner; c'est son metier" [Ah, Deus é bom. Ele tem de nos perdoar. E o trabalho dele"]. (*Bibliotheca Sacra* [Outubro de 1999]).

Aqui está uma maneira de salvar somente uma citação dessa história:

> O autor D. A. Carson conta de uma conversa com um amigo que estava cometendo imoralidade sexual. Quando Carson o confrontou, o homem respondeu: "Ah, Deus é bom. Ele tem de nos perdoar. E o trabalho dele".

Fiz isso ao resumir somente o que era necessário para preparar a citação e ao mudar o discurso da primeira para a terceira pessoa.

Abrevie

Às vezes, uma ilustração relevante é longa demais para o nosso propósito. Uma história de cinco minutos não é adequada para um ponto secundário. O que precisamos fazer é abreviar a ilustração.

A seguir, por exemplo, está uma ilustração longa de um filme que abreviei. Em *itálico* estão as palavras que posso apagar sem perder a essência da história. Em negrito estão as palavras que estou acrescentando:

O filme Gloria relata a historia verdadeira do primeiro regimento negro comissionado para lutar pelo Norte durante a Guerra Civil. *A formação do 54° Regimento de Massachusetts não é levada a sério no início. A maioria duvida que haverá soldados voluntários suficientes. Outros suspeitam que mesmo que haja alistamento suficiente, o regimento se desmantelará, desertor após desertor. Mas o oficial abolicionista branco de Boston, Robert Shaiv, representado por Mattheiu Broderick, concorda, por ideal, em comandar o 54° regimento, acreditando que os negros devam receber o direito de lutar pela sua liberdade.*

Desde o início, Shaw tenta tratar seus homens como soldados, não como escravos, o que foram antes. Embora a união não reconheça o 54° com o mesmo status dos outros regimentos brancos, Shaw quer que seus soldados estejam equipados como todos os outros soldados no Norte: com botas bem soladas, uniforme da União e armas robustas. Ao fazer o lobby pelo seu regimento, ele passa a entender melhor o pequeno valor que é dado aos seus homens, mesmo por aqueles cidadãos do norte que defendem que os negros devam ser emancipados.

Durante todo o filme, o oficial abolicionista branco que comanda o regimento negro, chamado Robert Shaw, enfrenta o dilema de defender seus homens ou de ficar quieto entre seus superiores para salvar a própria pele. Esse dilema é retratado de forma marcante quando Shaw tem de informar aos seus soldados que soldados negros receberão um salário menor que o dos soldados brancos. *Em pé numa plataforma alta do comando, Shaw anuncia com hesitação aos seus soldados: "Vocês homens deste regimento com o entendimento de que receberiam o salário regular do exército de 13 dólares ao mês. Hoje de manhã, fui informado de que visto que vocês são um regimento de cor vocês receberão 10 dólares por mês".*

Seu regimento reclama diante dessa injustiça, mas eles se separam por companhias para receber o salário. *Algum pagamento, por menor que seja, é melhor do que nada.* Mas há um dissidente, um escravo fugitivo chamado Trip, representado por Denzel Washington, que protesta de forma contundente contra o corte no pagamento.

"Onde tá indo, cara?" Trip pergunta a um soldado.

"Receber o soldo. Dez dólares, um monte de dinheiro", o seu camarada responde.

Tentando conseguir algum apoio, Trip pergunta ao seu companheiro de beliche, um tanto mais velho, Rawlins, representado por Morgan Freeman: "E aí, velho, você também vai se entregar por isso?".

Quando Rawlins o ignora, Trip anda para cima e para baixo ao longo da fila que está se formando para achar alguém para se juntar ao seu protesto. *Ele grita: "Um soldado de cor vai parar uma bala tão bem quanto um branco e por menos dinheiro também. É mesmo. O velho tio Abe conseguiu uma bela pechincha aqui".*

Logo, mais soldados se juntam *ao protesto. Um berra: "Tá certo, escravos. Vão em frente. Deixem a sua marca. Peguem o seu salário escravoOutro diz: "Todos vocês, bons rapazes de cor, vão em frente e se entreguem".*

Um por um, os soldados se unem no clamor e Trip incita o regimento a rasgar o seu cheque-salário. "Rasguem. Rasguem. Rasguem".

"Bum!". Um tiro silencia instantaneamente o clamor. Os soldados voltam a atenção para seu comandante Shaw, esperando ser disciplinados.
"Se vocês não vão aceitar o seu soldo", Shaw anuncia de forma firme, "ninguém de nós vai". E logo em seguida, rasga seu cheque também.
Recuperados do susto, os soldados celebram em grande alvoroço, jogando os cheques picados ao ar como confete.

Essas mudanças reduziram a ilustração a menos da metade. Com um processador de texto, abreviar uma ilustração pode ser feito num piscar de olhos. No texto impresso, use um marcador amarelo para destacar as palavras que você quer manter. Para cada expressão ou frase, pergunte-se: "Isso é absolutamente necessário para que a ilustração seja compreendida ou emocionalmente convincente?". Se não, corte-a. As vezes, se não conseguimos cortar um segmento, podemos resumi-lo.

Generalize a fonte

Ilustrações podem vir de uma fonte com a qual nossos ouvintes não têm relação alguma. É isso que acontece se você trabalha numa congregação basicamente de operários e usa um belo trecho de Dostoievsky ou se cita uma letra de Zé do Rodo e Tião da Enxada para uma platéia que gosta de música clássica.

Alguns tentam vencer essa dificuldade ao se apossar da ilustração: "Certa vez, escrevi uma história sobre um homem de uma perna só que matou uma enorme baleia branca". Não é uma boa idéia.

A melhor forma de resolver esse problema é generalizar a fonte. Em vez de: "Em *Os Miseráveis*, Yictor Hugo escreveu...", transforme em: "Um grande escritor conta essa história de valor eterno...". Em vez de: "Em 400 d.C., Agostinho escreveu..."; diga: "Um dos mais conhecidos líderes da igreja, certa vez, disse...".

Parafraseie

Cortar aqui e dobrar ali nem sempre encaixa a história no nosso estilo. Talvez toda a abordagem da história esteja em conflito com o nosso estilo. Outras ilustrações estão em estilo escrito — complexo, de frases longas, transições travadas, rraseado formal — que não conecta com os ouvintes na forma falada.

Precisamos de uma revisão completa, uma paráfrase. Para fazer isso, releia a ilustração diversas vezes, fixando detalhes importantes em sua mente. A seguir, imediatamente ou depois de deixar a ilustração percorrer seu subconsciente por um tempo, reconte a história de cor em voz alta (de preferência com alguém ouvindo — talvez na mesa do jantar). Sugiro gravar sua narração e, depois, pedir que alguém a digite para suas anotações. Finalmente, releia sua ilustração original e acrescente à sua paráfrase qualquer detalhe importante que esqueceu.

Eis uma ilustração que teria dificuldades para apresentar num sermão da forma que está:

Se você se torna cristão evangélico no Laos, o vizinho comunista do Vietnã e Cambodja, provavelmente lhe "pedirão" para assinar um formulário de da-

dos. E este não é um cartão de filiação à igreja do seu bairro. Parte do formulário diz assim: Eu, (nome), que moro em (endereço), creio numa religião estrangeira, que os imperialistas usaram para seu próprio benefício a fim de dividir o inimigo que estava unido e de desenvolver poder contra as autoridades locais. Agora, eu e minha família claramente vemos as intenções do inimigo e nos arrependemos dos atos que cometemos. Já vimos a bondade do Partido e do Governo. Por isso, eu e minha família, voluntariamente e de forma inequívoca, renunciamos a essa religião estrangeira.

Se você assina, promete não participar dessa "religião estrangeira" — o cristianismo de qualquer natureza — sob pena da lei. Se você não assina, pode esperar humilhação, molestamento e perseguição, incluindo provavelmente prisão e tortura.

O amplo uso desse documento pelos oficiais do governo do Laos foi confirmado pela Comissão de Liberdade Religiosa da Associação Evangélica Mundial e por outras fontes. Há relatos de centenas de cristãos rurais que foram forçados a assinar o formulário em público e, depois, foram obrigados a participar de sacrifícios animistas (Baptist Press [9/10/2000]).

Aqui está a minha paráfrase:

O Laos, como sabem, é um país comunista que faz fronteira com o Vietnã e o Cambodja. Se você se torna cristão no Laos, é bem provável que os oficiais do governo venham até você com um formulário que é obrigado a assinar. O formulário diz basicamente o seguinte: "Sei que fui enganado, que essa religião é só uma arma usada pelos nossos inimigos contra nós, e renuncio a ela completamente". Se você assina esse formulário, promete com isso ficar longe do cristianismo. Se você não assina o formulário, pode contar com perseguição, molestamento, talvez prisão e tortura. Os comunistas forçaram centenas de cidadãos do Laos a assinar e, depois, a participar publicamente de sacrifícios pagãos.

Uma vantagem de escrever a paráfrase é que isso fixa a ilustração na nossa mente e, assim, podemos contá-la de memória, em vez de lê-la. Podemos considerar essas técnicas de adaptação de ilustrações como peças no nosso armário da cozinha. Com elas, podemos adaptar a receita de qualquer ilustração ao nosso próprio gosto e propósito. Quando o fazemos, temos milhares de ilustrações a mais à disposição e uma habilidade muito maior de conectar com os nossos ouvintes.

Capítulo 140

EXPOSIÇÃO DEMAIS

A pregação transparente não está isenta de riscos

Richard Exley

Há vários anos, participei de um seminário sobre sexo e namoro realizado numa faculdade cristã. O outro palestrante era um ministro bem conhecido cuja

visão e ministério influenciaram milhares de jovens. Infelizmente, o assunto de sexo e de namoro não era o forte dele.

Tentando conectar com os ouvintes, ele compartilhou com detalhes vividos uma experiência pessoal de tentação. Ele foi tão explícito que os estudantes reagiram com um misto de diversão e constrangimento. Em vez de se identificarem com ele de forma positiva, mais tarde, transformaram a transparência dele numa piada no campus.

Mesmo sendo algo arriscado, a pregação transparente ainda vale a pena. Nossas lutas familiares, por exemplo, preparam-nos de forma singular para falar a uma das maiores preocupações da nossa congregação. Quando as pessoas vêem que lutamos com as mesmas questões de vida, elas inevitavelmente consideram nossa pregação mais autêntica.

Mas como usar experiências pessoais de forma construtiva? Quais são os segredos que nos ajudam a tornar nossos sermões verdadeiramente transparentes e não apenas exibicionismo emocional? Como podemos nos beneficiar das ricas experiências da vida familiar sem humilhar os membros de nossa família?

Revele no tempo passado

Para realizar a pregação transparente de maneira bem-sucedida, ocupo-me tanto com o que compartilho quanto com a forma como compartilho. Quando conto tentações pessoais, por exemplo, tomo o cuidado para revelá-las de tal forma que a atenção do adorador esteja focalizada não na minha luta, mas na graça de Deus. Isso quer dizer que as lutas e fracassos pessoais que revelo no púlpito devem ser contados no tempo passado. Se reconheço ações pecaminosas, devem ser ações de que me arrependi, e, se possível, que reparei.

Ouvi de um pastor que começou seu sermão com a confissão de que ele e a esposa tinham tido uma briga no carro a caminho do culto. Ele disse: "Espero que consigamos resolver esse problema depois do culto", e, depois, embalou no sermão.

Talvez a confissão desse pastor tenha sido terapêutica para ele, mas certamente não ajudou a esposa nem a congregação a se sentir melhor. Durante todo o restante do sermão, ninguém conseguiu se concentrar; eles estavam pensando no quanto o casamento do pastor estava em perigo. Minha pregação deve inspirar esperança, não diversão nem compaixão, ou pior ainda, dúvida. Quando transformamos nossos ouvintes em latrina das nossas tentações presentes, inevitavelmente os estamos ameaçando.

Apesar do que se tem dito em contrário, nossos ouvintes ainda esperam que estejamos acima das lutas da média das pessoas. E se não estamos, eles raciocinam que. ao menos, deveríamos ter o bom gosto de não mencionar nossas limitações espirituais do púlpito.

Manter as minhas tentações no tempo passado atinge três metas:

- Visto que já passei pelo problema, em vez de ameaçar minha congregação, o resultado positivo lhes dá esperança.
- Visto que tive tempo de refletir sobre experiencias passadas, posso oferecer percepções práticas para ajudá-los a lidar com suas próprias tentações, fortalecendo, assim, a sua fé.
- Mesmo que as situações não sejam atuais, ainda assim são reais. Visto que compartilho experiências de vida comuns a todos, eles consideram a minha pregação mais real, mais útil.

Dê esperança

Às vezes, compartilho meus conflitos atuais. Se desnudo minha alma de forma esperançosa, com freqüência, minha transparência pode conferir poder terapêutico mais do que qualquer outra forma de pregação.

Conheço um pastor que voltou ao púlpito dez dias depois do suicídio do filho. Bastante constrangido, ele leu seu texto: "Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito" (Rm 8.28). Visivelmente abatido, ele disse:

> Não consigo encaixar o suicídio do meu filho nesse trecho. E impossível para mim enxergar como alguma coisa boa pode resultar disso. Mas reconheço que só vejo em parte. Só conheço em parte.
> É como o milagre do estaleiro. Quase todas as partes de nossas grandes embarcações lançadas ao oceano são feitas de aço. Se você pegar qualquer parte individual — seja uma chapa de aço do casco ou o enorme leme — e a jogar no mar, ela afunda. O aço não flutua. Mas quando os construtores terminam de fazer um navio, depois que a última chapa foi posta no lugar e rebitada, então esse maciço navio de aço se torna praticamente inafundável.
> Tomado isoladamente, o suicídio do meu filho não tem sentido. Jogue-o no mar de Romanos 8.28, e ele afunda. Ainda assim, creio que quando o grande Construtor de navios finalmente terminar sua obra, quando Deus concluir seu propósito perfeito, até mesmo essa tragédia absurda cooperará de alguma forma para o nosso bem eterno.

Visto que a congregação estava lutando, assim como ele, com as mesmas questões doloridas acerca do suicídio do seu filho, sua transparência foi oportuna apropriada. Ele não negou nem tratou com superficialidade seu luto inexprimível Ele confirmou sua confiança incondicional na sabedoria e na soberania de Deus. Como resultado, seu testemunho foi autêntico, e sua fé se tornou uma fonte de esperança para sua congregação.

Mostre os dois lados: o bom e o ruim

Revelar demais, muito cedo, não é a única armadilha que o pregador enfrenta quando extrai da esperança pessoal. Também resisto à tentação de mostrar somente o melhor de mim. Se minha congregação sempre me vê como herói — montado a

vida toda em um cavalo branco, vencendo todos os inimigos — os ouvintes acham que a minha pregação serve só a mim mesmo e consideram suspeita a minha credibilidade.

Não faz muito tempo, preguei uma série de sermões sobre a paternidade, e uma das mensagens era intitulada: "Erros Que os Pais Cometem". Não queria que a minha mensagem soasse acusatoria nem condescendente, assim decidi contar de novo esta história:

> Na primeira vez que meu futuro genro nos visitou em casa, humilhei a minha filha. Leah e eu tínhamos feito café para nós, e ela, quando foi servir o café, descobriu que a alça da chaleira de café estava muito quente. Em vez de pegar uma luva térmica, ela agarrou a coisa mais próxima — uma toalha de cozinha com franjas nas pontas. Quando ela levantou a chaleira, a toalha tocou a chama de gás e pegou fogo. Aos gritos, ela soltou a toalha em chamas e a chaleira de café. Ela não se queimou, mas fez uma bagunça razoável.
>
> Perdi o controle e dei uma bronca na hora, na frente do Todd. "O que você imaginava?", falei duramente. "Você sabe que não pode usar uma toalha com franjas perto do fogão."
>
> Depois que comecei, parecia que não conseguia parar. "Você teve sorte de não pôr fogo na casa toda". Com mais algumas palavras, eu a fiz chorar a cântaros, e ela saiu correndo da sala.
>
> Minha esposa Brenda me lançou um olhar que disse claramente: "Você é um dos pais mais insensíveis do mundo inteiro". Sem uma única palavra, ela seguiu Leah escada acima.
>
> Arrisquei um olhar para o Todd, que estava sentado desconfortavelmente na sala de visitas não sabendo o que fazer. Sem saber o que dizer, fui à cozinha para limpar a sujeira. Quando terminei, sabia o que tinha de ser feito.
>
> Subi a escada para encontrar a Leah. Quando ela me ouviu chegando, virou o rosto para a parede e tentou abafar os soluços. Sentei-me na beira da cama dela e pus a mão no seu ombro trêmulo. Ela se encolheu com o meu toque, e achei que teria um colapso.
>
> Senti-me tentado a explicar meu comportamento, tentado a dizer algo como: "Sinto muito por ter perdido o controle, mas você sabe que não se usa uma toalha perto do fogão". Mas de alguma forma percebi que ainda estaria apontando o dedo acusatorio para ela.
>
> Finalmente, consegui dizer: "Não há absolutamente nenhuma desculpa para o que fiz. Por favor, perdoe-me. Se você descer comigo, vou pedir desculpas ao Todd também".
>
> Leah concordou em ir comigo, e aquela cena de emoções tão fortes teve um final feliz. Mas se não tivesse admitido o meu erro e não tivesse pedido perdão, o nosso relacionamento poderia ter sido prejudicado seriamente, talvez para toda a vida.

Ao compartilhar esse incidente constrangedor e dolorido, mostrei à congregação que, eu, como todos os pais, também cometo erros. Sem acusar ninguém,

destaquei o erro comum aos pais de perder o controle. Ao confessar meu erro publicamente, encorajei outros pais a assumir a responsabilidade por seus próprios erros e apresentei um modelo de como reparar os fracassos dos pais.

Dê atenção às coisas comuns

Evito a tentação de omitir as experiências comuns da vida na busca do extraordinário. Embora as experiências espirituais dramáticas tenham seu lugar, nossos ouvintes, às vezes, têm dificuldades em se conectar com elas.

A maioria de meus ouvintes tem uma vida que é mais bem descrita como comum — no que não é diferente da minha. Os problemas deles também são comuns — lutam para pagar as contas, encontrar tempo para as coisas mais importantes, lidar com a morte do pai ou da mãe ou com o ninho vazio depois que o último filho deixa a casa.

Frederick Buechner diz: "Em última análise, todos os momentos são momentos-chave, e a vida em si mesma é graça". Se perco os "pequenos" momentos, fico mais pobre por isso, e, assim, será a minha pregação.

Com freqüência, uso o material de outras pessoas para introduzir o meu. Isso ajuda a preparar o contexto e mostra o sentido da ocorrência cotidiana. No Dia das Mães comecei com a leitura do texto "Presente de uma Secadora de Cabelos . de Mary Jean Irion, a reflexão de uma mãe enquanto secava o cabelo de sua filha de sete anos depois do banho de sábado à noite:

> Passa a escova e o secador, passa de novo, sem parar. *Logo você não vai mais poder fazer isso,* você pensa consigo mesma, sabendo que a pequena e simples mecha vai inevitavelmente dar lugar a penteados de adulto e a disformes cabelos enrolados. Como ela será aos catorze anos? Por onde o seu cabelo esvoaçará nessa época? E aos dezesseis ou aos dezoito anos — você imagina que os rapazes gostarão de ver o cabelo dela esvoaçando como agora. E alguns deles vão senti-lo no seu rosto, e um deles se casará com ela, e seu cabelo estará lindo debaixo do véu, e, depois, o cabelo dela se espalhará sobre o travesseiro dele... bem, você odeia esse rapaz por um segundo e tenta imaginar onde ele pode estar neste momento e se será bom para ela... eles envelhecerão juntos... o cabelo castanho quase dourado ficará grisalho, e você partirá, e, depois, ela partirá... esse cabelo que agora seus dedos alisam...
>
> Todas as lágrimas do mundo se acumulam por um segundo em seus olhos, enquanto você tira o plugue da tomada repentinamente e a acolhe nos seus braços, afundando o rosto nos cabelos cálidos dela como se pudesse selar esse momento e protegê-lo da passagem do tempo.

Por um momento, estávamos todos lá, mães e pais. Eram nossos filhos que estavam crescendo mais rapidamente do que jamais imagináramos possível. Logo. eles seguiriam seu caminho, e seus preciosos anos da infância seriam apenas memórias efêmeras.

Então contei à igreja o quanto fiquei comovido a primeira vez que li o relato de Irion. Pus o dedo entre as páginas, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Como ela me fez perceber as muitas vezes em que vivi momentos como aquele sem sequer perceber. Como pedi a Deus que me perdoasse por ter desperdiçado tantos momentos preciosos da vida. Como prometi que diminuiria o ritmo a fim de passar mais tempo com minha família, de viver a vida ao máximo.

Finalmente, contei como levantei e fui à porta da minha filha de sete anos e a observei em silêncio e pensativo, enquanto ela brincava com suas bonecas. Meu coração pulsou mais forte de amor e gratidão quando percebi — talvez pela primeira vez — que isso era vida abundante. Leah percebeu a minha presença e, com o olhar, lançou uma pergunta na minha direção. Eu sorri, abri bem os braços e disse: "Eu amo você muito, tanto assim".

Leah voltou às suas bonecas como se nada de especial tivesse acontecido, ao passo que eu agradeci a Deus por ela e por todos os momentos especiais que tínhamos compartilhado.

Toquei num assunto de interesse comum, e isso prendeu a atenção de todos na nossa igreja. Não só mexeu com o intelecto deles, mas também tocou o coração deles.

Torne a sua história a história de seus ouvintes

Talvez o maior desafio na pregação transparente seja evitar focalizar em nós mesmos. Por natureza, a pregação transparente é autobiográfica, repleta de experiências pessoais. Como podemos evitar focalizar em nós mesmos?

Descobri que preciso transmitir minhas experiências para que os ouvintes se conectem com sua própria história, não só com a minha. Num seminário recente, conduzido por minha esposa, Brenda, e por mim, contei como durante anos tinha frustrado Brenda com conselhos e exortações.

"Sempre que ela compartilhava um problema ou uma preocupação comigo", confessei, "eu já tinha uma resposta pronta para ela. As coisas que a incomodavam pareciam tão insignificantes para mim, tão fáceis de resolver. Mas não era a minha 'sabedoria que ela buscava, era a minha compreensão. Por não perceber isso, continuei dando conselhos a ela. Era um 'consertador', mas ela precisava de um marido compassivo que a aceitasse e a ouvisse".

A essa altura, diversos maridos já esboçavam um olhar bastante constrangido. A minha história era a história deles. Diversas mulheres, identificando-se com Brenda, acenavam afirmativamente com a cabeça.

"Não é necessário dizer", continuei, "que minha insensibilidade não ficou sem as devidas conseqüências. Depois de um tempo, Brenda parou de compartilhar suas necessidades e preocupações. Estava tão ocupado no meu próprio mundo que mal percebi. Minhas respostas fáceis e conselhos constantes só a tinham feito sentir-se tola, inadequada e irada. Assim, ela sofreu sozinha. Ao longo dos anos, esse sofri-

mentó silencioso cobrou seu preço, e ela ficou deprimida. Ela teve o cuidado de esconder isso de mim, pois não tinha me mostrado digno da sua confiança.

"Numa noite de inverno, cheguei em casa mais cedo e a encontrei chorando no quarto. Com receio, ela expôs suas feridas, temores e dúvidas acerca de si mesma. Ao menos uma vez, ouvi com compaixão e não tentei consertar tudo. Depois de ela expor toda a sua aflição, ficamos sentados ali, em silêncio, durante muito tempo".

Percebi que várias esposas na platéia estavam chorando. Essa era a história delas também. Alguns homens também perceberam como tinham machucado suas esposas.

"Aquela noite foi guinada na nossa vida. Brenda não se libertou de vez da depressão, mas um pouco da solidão tinha ido embora. Ela começou a acreditar que talvez eu pudesse compreendê-la. Pouco a pouco, ela começou a me confiar seus sentimentos novamente. À medida que eu reagia com compaixão e compreensão, nosso relacionamento se aprofundou".

Depois daquela sessão, diversos casais compartilharam experiências semelhantes conosco. Mais de uma mulher disse: "É exatamente como me sinto, mas nunca consegui pôr em palavras". A nossa história tinha se tornado a história deles. Vários casais se sentiram incentivados a renovar seus votos de casamento.

Jesus disse ao homem de quem tinha expulsado a legião de demônios: "Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (Mc 5.19). Isto, em última análise, é como vejo os momentos de transparência na minha pregação. Estou descrevendo a graça de Deus na minha vida.

Capítulo 141

ILUSTRANDO COM INTEGRIDADE E TATO

Sete perguntas que o ajudarão a acertar sempre

Wayne Harvey

Há alguns anos, ouvi uma ilustração de sermão que achei ótima para demonstrar determinação. Decidi usá-la. Aqui está a história:

> No último dia dos Jogos Olímpicos de 1956, a Áustria ainda não tinha conquistado nenhuma medalha de ouro. Sua única esperança era um jovem austríaco chamado Johann que tinha se inscrito na competição de tiro com pistola automática. Seus colegas de equipe não se decepcionaram. Ao disparar seu último tiro, deu ao seu país a sua única medalha de ouro.
> Quando Johann voltou para seu país, seu povo lhe deu uma calorosa recepção e fez um desfile em sua honra. Tragicamente, apenas algumas semanas depois, sua mão direita, a mão de atirar foi decepada num acidente.

Mas isso não impediu Johann. Depois de seu corpo sarar, certo dia, saiu de sua casa pela porta dos fundos com algo debaixo da camisa. Sua mulher percebeu a saliência na roupa e o seguiu até o lugar no qual o viu carregando uma pistola, segurando-a entre uma árvore e sua perna. Tiro após tiro, ele descarregava a pistola com a mão esquerda e a carregava de novo. Após meses de exercício diário, Johann se tornou hábil. Quase por milagre, conseguiu chegar à olimpíada de 1960, na qual sua determinação foi recompensada tanto para ele quanto para o seu país, pois ganhou a segunda medalha de ouro olímpica na competição de tiro.

Não é uma história extraordinária?

Ah, se apenas fosse verdade.

Quando ouvi essa história acerca do Johann, fiquei tão impressionado que decidi descobrir mais a respeito dele. Num livro acerca das olimpíadas, percebi, para minha surpresa, que pouco do que tinha ouvido no sermão era correto. O nome do homem não era Johann, mas Karoly Takacs. Ele não era austríaco, mas húngaro. Os anos em que ele ganhou medalhas de ouro não foram 1956 e 1960, mas 1948 e 1952, anos em que seu país ganhou não uma medalha de ouro, mas dez e dezesseis, respectivamente. E sua mão não foi decepada entre uma olimpíada e outra, mas durante a Segunda Guerra Mundial, depois que ele ganhou o torneio europeu.

Achei interessante ter descoberto a verdade sobre o "Johann" e decidi telefonar para o pastor que tinha feito o sermão o citando e lhe contei o que tinha descoberto. Depois de uma boa gargalhada, ele contou-me que tinha obtido a história de um pregador bem conhecido, que, por sua vez, a tinha recebido de um autor e pastor de renome nacional. A essa altura, quem pode dizer quantas pessoas já ficaram impressionadas e foram inspiradas com um homem quase completamente fictício chamado "Johann"?

Mas contar histórias de meias-verdades ou inverídicas à nossa congregação é um perigo para nossa integridade. A exatidão é crítica também porque os nossos ouvintes lembram as ilustrações muito mais tempo do que os pontos do nosso sermão. Assim, desenvolvi uma lista de verificação para garantir que minhas ilustrações permaneçam saudáveis.

Estou me inserindo na ilustração de outra pessoa? Uma caricatura mostrava diversos membros de igreja entregando três grandes volumes ao seu pastor. A legenda dizia: "Pastor, visto que já completou um ano conosco agora, queremos lhe dar um exemplar da sua biografia que a sra. Smedley elaborou com base em todas as histórias que o senhor nos contou de si mesmo nos seus sermões".

Tomar a experiência de outra pessoa e contá-la como sua é roubo. Se você percebe que a ilustração de outra pessoa é muita boa, não diga que aconteceu com você. Dê o crédito corretamente e, ainda assim, será eficaz.

Na ilustração, há alguém descrito como "membro da outra igreja em que era pastor'? Essa expressão pode irritar os membros da igreja atual que se cansam de ouvir

sobre pessoas "daquela outra igreja'. Isso também espalha a seguinte mensagem: "Estou contando esta história sobre algo confidencial que o membro da antiga igreja me contou. Se você confiar algo a mim, talvez eu conte sua história na próxima igreja".

Simplesmente diga: "Certa vez, conheci alguém que...".

Preciso verificar a veracidade dessa ilustração? Algumas ilustrações são como investimentos: se parecem boas demais para ser verdade, provavelmente não são.

Durante anos, usei com prazer uma ilustração acerca da introdução da Coca-Cola na Coréia do Sul a fim de mostrar como é fácil surgirem mal-entendidos entre nós. Achei a história numa revista de homilética, a história relata que quando a bebida foi introduzida na Coréia, a companhia queria usar letras e palavras coreanas que soassem o mais parecidas com "Coca-Cola", por isso, usaram "Ko Ke Ko Le". Mas as vendas não deslancharam porque esse conjunto de palavras coreanas quer dizer: "Morda o girino de cera". Assim, a Coca-Cola mudou o nome para "Ko Kou Ko La", que quer dizer: "Que a boca se alegre", e as vendas deslancharam.

Recentemente, tinha planos de usar essa ilustração novamente, mas como temos um bom grupo de pessoas internacionais como membros, decidi confirmá-la antes. Quando mostrei os dois nomes de Coca-Cola a um membro coreano, ela me informou que nenhum conjunto de palavras significa qualquer coisa em coreano. Nas garrafas na Coréia, "Coca-Cola" é "Ko Ka Kol La", que não quer dizer nada, mas soa exatamente como Coca-Cola.

Decidi não usar mais essa ilustração.

Essa ilustração é sensível em relação às pessoas da congregação? E simplesmente uma questão de bons modos sermos sensível às questões de gênero, idade e grupos étnicos. A expressão "a velhinha" gera sentimentos adversos em, ao menos, algumas senhoras de mais idade; como também acontece com o uso de "meninas quando se fala de mulheres. Um homem da nossa igreja me contou como ficou ofendido quando leu no nosso jornal local acerca de um "homem idoso" de 65 anos, exatamente a idade dele.

Essa congregação específica se conectará com essa ilustração? A maioria dos seus ouvintes lê a revista *Caras*? Eles assistem à luta livre profissional ou a canais da TV pública? Eles preferem jazz ou música sertaneja? Cada igreja é diferente, assim algumas ilustrações funcionam melhor do que outras.

Se você tem uma história acerca de um rei, você pode transformar a personagem em um alto executivo, um dono de empresa, se a ilustração puder ser adaptada. Seus ouvintes terão mais facilidade de se encaixar nessas histórias do que em histórias acerca de pessoas e povos de outra época e contexto.

Quando possível, inclua também em suas ilustrações pessoas, eventos e situações locais. Por exemplo, se um membro da sua igreja venceu o câncer e permite que sua história seja usada como ilustração de sermão, isso terá grande impacto.

Essa ilustração é detalhada demais? No início do meu ministério de pregação, pensava que a única ilustração boa era a detalhada. Se contava sobre um dia de maio, descrevia o tempo, a cor das flores, quanto tinha chovido durante o mês e muito mais.

O que gera impacto, no entanto, são os detalhes *relevantes.* Uma de minhas histórias prediletas de esportes é sobre Glenn Cunningham, estudante da universidade de Kansas que, em 1932, estabeleceu o recorde estado-unidense na corrida de 1.600 metros em ginásio coberto. O que o torna mais extraordinário é que aos oito anos de idade sofreu uma queimadura tão forte nas pernas que os seus médicos disseram que provavelmente nunca mais andaria. Contudo, com trabalho duro e perseverança, Cunningham se tornou um vencedor.

Os detalhes tornam a história melhor do que apenas dizer: "Um jovem, certa vez, conquistou o recorde na corrida de 1.600 metros apesar de ter sofrido severas queimaduras nas pernas em criança, e de seus médicos lhe dizerem que provavelmente nunca mais andaria". Os detalhes, se forem corretos e não forem muito numerosos, têm seu lugar apropriado.

Estou diferenciando claramente histórias verdadeiras de histórias fictícias? As vezes, acrescentamos detalhes não comprovados a histórias verdadeiras: "Quando Davi recolheu as pedras para lançar em Golias, ele pegou as menores pedras do riacho, sabendo que até uma dessas, apontada pela mão infalível de Deus, seria suficiente para derrubar o gigante". Esse tipo de detalhe pode modificar a essência da história (e torná-la melosa).

No entanto, detalhes inventados que não modifiquem a essência da história podem ajudar os ouvintes. Recentemente, ouvi um professor de Bíblia contar a história de Oséias quando comprou de volta a sua esposa-prostituta. A única descrição bíblica desse incidente está em Oséias 3.2,3: "Por isso eu a comprei por cento e oitenta gramas de prata e um barril e meio de cevada. E eu lhe disse: Você viverá comigo por muitos dias; não será mais prostituta nem pertencerá a nenhum outro homem, e eu viverei com você".

Esse professor embelezou a história, escassa em detalhes, da seguinte forma: "Imagine Comer, a esposa de Oséias, parada na plataforma de leilão, prestes a ser entregue ao homem que der o maior lance. Vestida de trapos. Sem maquiagem nem roupas bonitas para atrair os homens como fizera antes. Olhando para os sorrisos largos da multidão de compradores no leilão que querem possuí-la. Mas, de repente, ela enxerga na multidão o rosto de seu marido, a quem abandonara. Imagine como ela fica estupefata ao ver que ele veio por ela, sua esposa de direito, para comprá-la de volta com tudo que ele tem. Tudo isso por uma mulher que o rejeitou, abandonou e esteve com os seus muitos amantes. *Como épossível que ele me ame tanto?,* ela deve estar pensando".

Gostei dessa ilustração, apesar da liberdade que o contador da história tomou. Ele deu vida a uma simples transação ao retratar dramaticamente a cena

principal — contudo, ele nunca apresentou sua versão da história como se realmente tivesse acontecido assim. Ele apenas pediu que imaginássemos sua versão, e esse exercício pintou um belo retrato da graça de Deus.

Capítulo 142

NOTAS DE RODAPÉ NO PÚLPITO

Como dar crédito às suas fontes sem distrair seus ouvintes

Chris Stinnett

"Mas, qual era mesmo o primeiro livro que você mencionou? Li os outros três, mas nunca ouvi falar daquele".

Num sermão, mencionei quatro livros recentes em que professores universitários expressaram alguma crença no conceito do desígnio inteligente por trás da vida. Bem, um dos meus cordiais críticos queria informações sobre o primeiro. Sabia que ele não estava exagerando ao dizer que tinha lido os outros três. Fiquei feliz em poder fornecer o autor, o título e o ano de publicação. Sabia que ele leria aquele livro — e verificaria se minha referência era correta e justa.

Fornecer ilustrações de sermão cativantes e relevantes requer que os pregadores leiam muito. Quando lemos o material de outros no púlpito, a integridade exige que demos o devido crédito. Mas como atingimos o equilíbrio adequado entre informação demais e de menos numa nota de rodapé verbal? O truque é dar aos nossos ouvintes o pano de fundo suficiente para que possam compreender, aceitar e reconhecer a importância do material citado, mas não cansá-los ou distraí-los da verdade que estamos tentando transmitir.

Com base em meus fracassos e ocasionais sucessos, apresento algumas sugestões:

Seja breve. Se a brevidade é a alma da sagacidade, ela também é a alma da referência adequada. Se forneço mais de uma ou duas frases de referência, a platéia se perde antes da citação.

Considere este exemplo: "O pregador e teólogo presbiteriano Timothy Keller escreveu uma série em três partes intitulada: Modelo para a Pregação', que foi publicada no *Journal of Biblical Counseling* em 1994. Na segunda parte, no outono de 1994, na página 42, ele escreveu: 'O objetivo da comunicação precisa ser a mudança, não o desempenho nem o ritual'".

Isso anestesia o cérebro, não é verdade? Quando finalmente anuncio a linha pertinente, meus ouvintes estão tentando descobrir quais desses detalhes importam. A data da publicação é importante? Será que o título da revista me dá um; pista? Será que a denominação da fonte ou sua posição teológica estão me conduzindo a concordar com ele ou a discordar dele?

Esses detalhes são essenciais em notas de rodapé do texto escrito, mas só atravancam a apresentação oral. Se quero ressaltar que a pregação tem por objetivo

a transformação de vida, posso dizer: "O pastor e teólogo Timothy Keller formula isso da seguinte maneira: 'O objetivo da comunicação precisa ser a mudança, não o desempenho nem o ritual' ". O nome e a credencial profissional, com freqüência, são suficientes. Se um ouvinte pedir uma citação mais completa, posso fornecê-la. A coisa importante é que a citação seja ouvida honestamente e com clareza total, não obscurecida por fatos irrelevantes.

Adiante-se às perguntas dos céticos. Se é provável que os ouvintes questionem o material, incluo a fonte em que encontrei a informação e a data em que foi publicada.

Nesse caso, os detalhes são úteis. Uma expressão vaga: "Muitos especialistas crêem" ou: "Estudos recentes mostram", como prefácio de uma idéia surpreendente gera ceticismo entre os ouvintes. Eles pressupõem que se muitos especialistas de fato crêem nisso, eu deveria ser capaz de citar ao menos um. Sem a referência, isso soa como apenas mais uma opinião. Lembre-se que nós, pregadores, não gostamos quando alguém nos traz uma má notícia que começa com: "Muitas pessoas estão dizendo...".

Considere a seguinte abordagem a um relato acerca do poder da oração: "Em uma entrevista de 1992 na revista *Christianity Today,* o pesquisador-chefe do governo dr. David Larson revelou que estudos científicos acerca dos efeitos da oração mostraram que ela teve um claro efeito benéfico sobre a saúde física e mental". A data da fonte do artigo e as credenciais profissionais dão ampla credibilidade à informação.

Algumas coisas é melhor não dizer. Se é provável que meus ouvintes tenham acesso à fonte da qual estou citando, o nome do autor e da fonte, em geral, são suficientes: "No jornal da última terça-feira, o colunistaThomas Sowell escreveu...".

Omita a referência completamente se a maioria das pessoas conhece a fonte. Citações do *Almanaque Abril* ou das *Fábulas de Esopo* não precisam de referência.

Mas assegure-se de que quando cita uma fonte, os dados estejam corretos. Certa vez, quando estava pregando em Michigan, atribuí uma linha humorística ao homem errado. Uma mulher acabou comigo: "Isso foi o dr. Will Kellogg, o fabricante de sucrilhos, que disse", disse ela com um sorriso. "Ele era de Battle _reek, sabe, e já era bem famoso muito antes do seu tempo, pastor". E ela se apressou em acrescentar: "E do meu também, lógico".

No entanto, até mesmo referências corretas podem sair pela culatra quando a fonte, na verdade, é uma fonte de irritação! Herói por um período na região de Detroit, Lee Iacocca tomou algumas decisões muito impopulares nos últimos anos. Certa vez, citei-o como fonte no início da minha ilustração. Antes que pudesse concluir a história, um desconforto geral se espalhou pela congregação, e diversas pessoas se viraram e sussurraram alguma coisa ao seu vizinho. O meu ponto foi sabotado pelos sentimentos da multidão em relação a Iacocca. Deveria ter deixado a história anônima

Esse conceito levado a vocês por... As notas de rodapé no sermão provam que fizemos a nossa pesquisa. Elas podem prestar credibilidade e força. Elas permitem-nos extrair o melhor da opinião dos especialistas e a formulação mais brilhante das idéias. Se sou forçado a confiar somente na minha própria ingenuidade de tecer tapetes memoráveis de palavras, estou fraudando meus ouvintes.

Uma linha inspiradora como: "Escapar dos rudes limites da terra", é muito mais forte quando lembramos às pessoas de que o presidente Reagan a disse no seu elogio aos astronautas da Challenger. Ou: "O teste final de um líder é que deixe nas pessoas que vêm após ele a convicção e a vontade de avançar", é uma frase que se torna mais intensa porque vem do tributo de Walter Lippman a Franklin Delano Roosevelt, em 1945.

Em um sermão, algumas palavras de introdução bem escolhidas podem preparar os nossos ouvintes para uma citação que realmente os leva a compreender o ponto. E um pouco de pesquisa pode nos capacitar a respondermos com a informação adequada quando somos desafiados na porta: "Qual era mesmo o primeiro livro que você mencionou?".

Capítulo 143

COMO EVITAR SERMÕES CENTRADOS NO PREGADOR

Por que limitar o número de ilustrações pessoais?

Craig Brian Larson

Há alguns meses, conversava sobre o tema pregação em um café da manhã com panquecas com Lee Eclov, pastor da Village Church of Lincolnshire, em Lake Forrest, Illinois, e ele surpreendeu-me com esta observação: "Ilustrações pessoais são baratas".

Os pregadores conhecem a eficiência de usar histórias de sua própria experiência, por isso, franzi a testa e perguntei: "O que você quer dizer com 'baratas'?".

Lee explicou que, com freqüência, usamos ilustrações pessoais porque as conseguimos facilmente. Embora fáceis e próximas de casa, com freqüência, elas são histórias, metáforas ou exemplos fracos. Se outra pessoa tentasse citar nossas ilustrações pessoais, imediatamente perceberíamos como são mancas. Mesmo sabendo disso, pela ilustração ser imediata e concreta e de precisarmos de alguma coisa, nós a usamos, em vez de procurar algo melhor.

Desde aquele café da manhã, tenho pensado diversas vezes sobre o que Lee disse e percebi que, de fato, usei muitas vezes ilustrações pessoais baratas em meus sermões. Elas prendiam a atenção da congregação por causa do nosso relacionamento, mas não acrescentavam nada ao sermão, além de uma pausa para tomar fôlego.

Pensei em outra conversa que tive há alguns anos com outro pregador que. quando lhe perguntei onde ele encontrava boas ilustrações, disse-me: "Todas ai minhas ilustrações vêm da minha vida diária".

Isso pode até soar bonito — não estou advogando o uso de ilustrações "enlatadas" — mas há um perigo aqui. Depois de um tempo, isso não se torna uma visão muito estreita para a sua congregação? Os membros da congregação não se cansam de ouvir sobre o *hobby* dele, os filhos dele, os sentimentos dele? Depois de alguns meses ou anos, os ouvintes não revirarão os olhos diante da excessiva autobiografia até mesmo de alguém que eles amam tanto?

E certo que ilustrações pessoais bem elaboradas são algumas das nossas melhores ilustrações, mas elas nunca conseguem satisfazer a maioria das nossas necessidades. Preciso usar ilustrações com base num mundo maior do que o meu. Os meus ouvintes não se conectam com tudo da minha vida. Eles também se conectam com o mundo penetrante da mídia e das experiências de outras pessoas.

O que pode tornar uma ilustração "enlatada" — ineficiente — é a abordagem do ' copiar" e "colar". Comunicadores hábeis sabem que só porque um sermão e uma ilustração são ambos sobre o amor, isso não quer dizer que a ilustração serve ao sermão. Quando você usar uma ilustração, sugiro que ponha na balança os seguintes fatores:

- tom e associações
- adequabilidade e relevância para a sua platéia
- o propósito ao qual uma ilustração deve servir naquele ponto do sermão
- se a iustraçao se encaixa com quem você é

Também descobri que quando uso uma ilustração pré-fabricada, tenho de fazer o trabalho extra de me familiarizar o suficiente com ela a ponto de poder contá-la com autoridade e sinceridade. O ponto é, essas ilustrações geralmente exigem mais trabalho, não menos, mas valem a pena.

Capítulo 144

ILUSTRE COM FATIAS DA VIDA

Como encontrar ilustrações de sermão convincentes nas histórias e cenas do dia-a-dia

John Ortberg

Fazendo a exegese da vida

E necessária destreza para encontrar a ilustração precisa para a mensagem. Quero que minhas ilustrações transmitam aos ouvintes a idéia de que vivo no mesmo mundo em que eles vivem. A fonte individual mais rica para isso, portanto, é a vida das próprias pessoas, ou seja, é preciso permanecer imerso na vida das pessoas e contar histórias sobre pessoas, porque a história tem impacto profundo na comunicação.

Em parte, isso representa observar as coisas nas esferas do governo, dos negócios e das artes. (Você também pode ficar de olho em coisas como a *Folha de S. Paulo, Veja* e *O Globo?)* Quero transmitir, em especial, às pessoas que não são membros da igreja a idéia de que vivo no mundo real, no mundo delas.

Mas o melhor método que encontrei veio de Ian Pitt-Watson, grande professor de homilética que tive no seminário. Ele ensinou-nos que o pregador tem duas tarefas: exegese do texto e exegese da vida. Se Cristo realmente está presente em todo o espaço e tempo, então posso encontrá-lo em todos os momentos da vida se aprender a olhar de forma bastante atenta e criativa.

Sempre tento pensar menos em ilustrar um ponto e mais em fazer exegese da vida. Há uma pequena parte da minha mente que está sempre fazendo isso, buscando maneiras de ensinar. Esses momentos da vida são as fatias da vida que constituem o bom ensino.

Não estou com a atenção concentrada apenas na série que estou pregando no momento. Ensinei-me a estar alerta para momentos que transmitem algo mais profundo. Ouço pessoas conversando ou descubro uma história e, aí, acende uma luz no meu painel: "É isso que vou ensinar!".

Algumas pessoas mantêm um arquivo com essas ilustrações e histórias, mas não faço isso. Já tentei fazer isso algumas vezes, mas acho muito difícil. Prefiro mergulhar profundamente na mensagem, seja ela qual for, e esperar que a fatia de vida adequada venha à tona. Não sei se é minha mente, ou o Espírito Santo, ou alguma combinação, mas a coisa certa tende a aparecer na hora certa.

Localização e profundidade

Uma enorme tentação depois que encontramos alguma coisa que se parece com uma ótima história é tentar forçar e encaixá-la de alguma forma. Quase todos nós já tivemos a experiência de ouvir alguém contar uma ilustração numa mensagem, e de, depois, tentarmos fazê-lo, mas isso simplesmente não funciona. Lembro que n: começo do meu ministério de pregação fiquei realmente confuso com isso.

Dizem que as três leis comerciais no ramo imobiliário são localização, localização e localização. A ilustração também funciona assim. Quando uma ilustração está corretamente localizada no fluxo do que estamos falando, assim que se conecta de forma profunda, intrínseca e orgânica, ela funciona. Se não se encaixa, é melhor você esperar até que ela encontre o seu lugar.

Descobri, por exemplo, que uma percepção comum da vida a que muitos dedicariam três frases pode ser elaborada em quatro minutos para que, assim, desenvolva e assuma vida própria. Uma forma de isso acontecer é perguntar: "Qual é a verdade doutrinária que está presente nessa situação?". Pensar em termos de temas teológicos que já estão presentes aí — como quebrantamento ou amor perseverante — e perguntar como essas coisas estão presentes na história faz com que a ilustração se aprofunde.

A maioria de nós, professores e pastores, não espreme todo o suco da laranja. E necessária a disciplina de sentar e pensar sobre o tema repetidas vezes para se obter o melhor desempenho. Muitas pessoas não dedicam tempo ao pensar criativamente sobre conexões entre as histórias do dia-a-dia e as verdades teológicas.

Há alguns anos, jogávamos trívia logo depois que o jogo foi lançado. Estávamos jogando com um pessoal brincalhão, e um deles fez uma pergunta irrespondível: "Qual era a cor do colar de Mona Lisa?". Mas no quadro, Mona Lisa não está de colar.

Depois, essa história tornou-se o principal tema de uma mensagem que estava pregando sobre Eclesiastes. O jogo estava na moda, todo mundo falava dele, e preguei a idéia de que na vida nada tem sentido, tudo é correr atrás de coisas triviais. A expressão "correr atrás das coisas triviais" apareceu repetidamente conforme pregava sobre como as preocupações da vida e a agitação de resolver tantas coisas nada mais são do que "correr atrás das coisas triviais"; é uma busca trivial. Há também a busca trivial de Eclesiastes: aprendizado, realizações, riquezas e prazer. Você pode correr atrás dessas coisas o quanto quiser, mas a certa altura descobre que essa também é apenas uma busca trivial. A história e a expressão começam em um nível leve, de fácil conexão, mas depois se aprofundam cada vez mais.

Às vezes, também inverto a idéia, dou-lhe um novo toque. Em todo o universo há esse pequeno planeta de pessoas caídas e corrompidas, e, mesmo assim, Deus decide que elas são dignas de que envie seu Filho para a cruz. E o evangelho se torna uma história de busca trivial. O Deus de todo o universo vai atrás desse planeta insignificante e corrompido, mas na mente de Deus, essa não é uma busca trivial.

Adaptação de ilustrações

Parte do que procuro em uma ilustração está relacionado à linguagem e às imagens que funcionam em múltiplos níveis. É aí que entram a adaptação e a profundidade.

Mas há algumas histórias que realmente não funcionam. Só porque alguma coisa é uma fatia de vida, isso não quer dizer que a deva usar como ilustração. Mais uma vez, o maior fator de rejeição é o encaixe da ilustração. Preciso me disciplinar o tempo todo a dizer: *Confie em Deus para não usar essa ilustração agora; poupe-a para outra oportunidade.* Esse é o critério número um.

Outro fator é bom gosto ou adequabilidade. Lembro certa vez que visitei um encontro de estudantes cristãos em Harvard. Uma estudante da geração nascida por volta de 1970 explicava o argumento de Paulo em 1 Corintios 15. Era uma combinação fascinante entre linguagem teológica e linguagem da geração de 1970. O clímax foi quando ela disse: "Basicamente, o que Paulo está dizendo aqui é que se Cristo não tivesse ressuscitado, nós estaríamos ferrados". Foi hilário. Num certo

nível, essa era a mais profunda verdade, mas simplesmente não poderia usar isso na minha igreja em virtude da linguagem.

Um terceiro fator importante é o tom. A ilustração vem com um sotaque igrejeiro ou "pastoreiro"? Nesse campo, há muitas histórias em que a linguagem delas e a voz que assumem soam como "história de pastor". Isso quebra a autenticidade; ela não se conecta com as pessoas.

Gosto de usar ilustrações históricas. Mas estou consciente de como elas soarão para as pessoas e se preciso torná-las acessíveis a elas. Não pressuponho que as pessoas a quem falo saibam quem foi Gregorio, o Grande. Posso até descrevê-lo em linguagem contemporânea a fim de fazer a ponte entre este mundo e aquele. Se transmito a idéia de que quero mostrar meu conhecimento histórico, isso atrapalha.

Para falar de Gregorio, o Grande, por exemplo, e citar algumas de suas afirmações sobre a humildade e o orgulho, poderia dizer: "Aqui estão algumas ótimas percepções acerca da natureza da humildade que, ironicamente, vêm de um sujeito cujo apelido era — Gregorio, o Grande". Seria algo que o tornaria mais real e mais próximo.

Idéias para melhorias

Fazer a exegese de fatias de vida inclui o desenvolvimento da habilidade a longo prazo. Mas há algumas coisas práticas que os pregadores podem fazer que os ajudarão agora mesmo.

Em primeiro lugar, torne-se estudante de pessoas que pregam bem. Quando comecei a pregar, ouvi mensagens de Tony Campolo e achei que tinha de contar histórias como ele. Ouvi Swindoll e queria ter aquele tipo amável e caloroso de. pregação. Ouvi as mensagens de Ian Pitt-Watson e queria ser artístico. Fui influenciado pelo tom das pessoas, e o processo de descobrir sua própria voz é de tentativa e erro.

Admirava a arte do falecido Lewis Smedes, quando ele usava imagens múltiplas vezes em múltiplos níveis. Lembro Lewis contar uma história da antiga série da PBS (TV pública) *Upstairs, Downstairs [Andar de Cima, Andar de Baixo], a* história da família abastada que morava no andar de cima, e dos servos que moravam no andar de baixo. Havia um enorme abismo social entre os dois. Ele falou de um período que passou na Inglaterra, e da mulher que morava no andar de baixo que o servia, mas não o considerava seu amigo. A seguir, ele transportou isso par: o abismo que existe entre nós e Deus — enquanto os seres humanos normalmenr: não atravessam abismos financeiros, que são relativamente pequenos, Jesus atravesse u o abismo infinito entre Deus e o homem. Depois, ele disse que o evangelho é Jesus Cristo fazendo todo o caminho até o andar de baixo, "e ele trouxe sua escova de dentes e seu pijama, e veio para ficar". Foi uma forma tão criativa, vivida e comárcente de expressar a beleza da encarnação.

Gosto de usar a arte na pregação. Não pela arte em si, mas porque ela consegue transmitir a verdade de forma a penetrar tanto no coração quanto na mente.

Uma segunda coisa é ensinar material narrativo. As ilustrações têm que ver com histórias, e o material narrativo é história. Grande parte das Escrituras já vem pré-embalada em ilustrações. A fatia de vida já foi estruturada para você. Exercite a narração de uma história antiga e dê-lhe uma cor contemporânea, que as pessoas consigam entender.

Finalmente, peça avaliações. Quando você termina de pregar, pergunte às pessoas quais ilustrações funcionaram bem, por que funcionaram e o que impediu as outras de funcionar bem.

Capítulo 145

O IMPACTO DAS ILUSTRAÇÕES DO DISCÍPULO DO COTIDIANO

Que tipo de exemplos mais influenciam os ouvintes?

Craig Brian Larson

Que tipo de ilustrações são do "discípulo do dia-a-dia"? E por que você gostaria de ter esse tipo de ilustração em seus sermões?

Deixe-me dar-lhe um exemplo e, depois, explicar.

Dave Goetz escreve o seguinte:

> Minha esposa, enfermeira experiente, trocou de emprego recentemente. A mudança já estava sendo preparada havia muito tempo. Jana estava animada para trabalhar com dois médicos com quem já tinha trabalhado anteriormente. Ela estava novamente "em família"; tinha voltado para casa. Na primeira noite na clínica, uma jovem mãe veio com o filho de dezoito meses. Ele precisava da última vacina da sua rotina de imunização. A mãe veio para um exame médico de rotina. Ambos os pacientes eram novos na clínica.
>
> Jana aplicou a vacina no menino, e a mãe o levou de volta à sala de espera, onde estavam sentadas a irmã e a avó do bebê. A mãe, depois, voltou à sala para seu exame médico. Quando Jana foi registrar a vacina no cartão do menino, percebeu que o selo do frasco no bolso do seu guarda-pó estava lacrado. Imediatamente, Jana teve consciência de que tinha aplicado a vacina errada no menino.
>
> Ela tinha aplicado a vacina de outro frasco — uma vacina de rotina para crianças, mas o menino já tinha concluído aquela série alguns meses antes. Jana contou-me que primeiro respirou com dificuldade quando percebeu seu erro e, depois, entrou em choque, ficou fisicamente anestesiada pela violência do que se passava em seu interior. Aqui está a seqüência dos pensamentos dela, conforme ela me contou mais tarde:
>
> "Ninguém nunca vai ficar sabendo."
>
> "Não posso contar ao médico."
>
> "Esse é meu primeiro dia no emprego."
>
> "O médico vai pensar que sou uma incompetente."

"Isso não vai fazer mal ao menino, vai?"
"Não há prejuízo em ser vacinado duas vezes contra a mesma coisa."
"Mas ele precisa da vacina certa."
"O que a mãe vai dizer?"
"Mas eu sempre vou saber, e Deus também."

Entrementes, o médico examinava a mãe do menino. Jana andava em passos lentos do lado de fora da sala.

Quando o médico saiu da sala, Jana contou-lhe seu erro, quase vomitando a confissão. "Espere um pouco. Deixe-me pensar nisso por um momento", disse ele. Depois de alguns minutos, ele voltou à sala, contou à mãe o que tinha acontecido e pediu que ela marcasse outro horário na agenda para a vacinação do filho. A ansiedade de Jana foi aliviada, e, agora, ela estava livre.

Observe seis características dessa ilustração do "discípulo do dia-a-dia":

(1) A essência das ilustrações do discípulo do dia-a-dia é que dão um exemplo de como viver a vida cristã. Elas permitem que as pessoas enxerguem como devem obedecer a um princípio específico das Escrituras. Elas dão corpo a uma virtude. Depois de ouvir uma ilustração do discípulo do dia-a-dia, uma pessoa deve pensar: *Olha, é assim que ponho em prática esse versículo,* ou: *Então isso é que é humildade.* O exemplo acima ilustra a honestidade e a integridade.

(2) Ilustrações do discípulo do dia-a-dia não mostram necessariamente alguém fazendo a coisa certa, como Jana fez, mas se a pessoa tropeça, a ilustração pode mostrar o que ele ou ela aprendeu com essa experiência. Aliás, ilustrações do discípulo do dia-a-dia não deveriam ter um toque de "herói". A história de alguém vendendo tudo e se tornando missionário tem um lugar importante no ensino, mas a maioria das pessoas também precisa ver pessoas comuns vivendo para Cristo nas circunstâncias do dia-a-dia. As pessoas têm problemas em se identificar com alguém que faz tudo certo porque sua própria vida é uma confusão constante de fazer o certo, e lutar e, às vezes, estragar tudo.

(3) As pessoas precisam se identificar com uma ilustração do discípulo do dia-a-dia. Por essa razão, as ilustrações, em sua maioria, precisam ser contemporâneas, não históricas. Em raras ocasiões, a ilustração histórica funciona bem se conseguimos contá-la de forma que não soe antiquada e esteja em um contexto ao qual as pessoas conseguem se conectar.

(4) Para facilitar a identificação, as ilustrações do discípulo do dia-a-dia em sua grande maioria precisam ser acerca de pessoas que não são celebridades. Se a história é sobre uma celebridade, precisa ser de uma situação que pessoas normais enfrentam. Conseguimos nos identificar com Steven Curtis Chapman (no Brasil, temos o André Valadão ou João Alexandre) vencendo a tentação enquanto assiste a um programa de televisão; temos mais dificuldades em nos identificar com ele em sua luta para vencer a tentação do orgulho quando canta diante de milhares de pessoas.

(5) Ilustrações do discípulo do dia-a-dia são histórias, e não imagens, citações nem estatísticas. As histórias transmitem os exemplos mais convincentes.

(6) As histórias precisam ser aplicadas literalmente, não figurativamente como metáforas. A história de Jana é uma história de honestidade no sentido literal da palavra. Não seria uma ilustração do discípulo do dia-a-dia se a usássemos figurativamente, por exemplo: "Assim como Jana acidentalmente vacinou o menino, também podemos vacinar acidentalmente alguém contra as boas novas do evangelho".

Portanto, ilustrações do discípulo do dia-a-dia são histórias literais, com as quais os ouvintes podem se identificar, que dão vida ao que representa seguir a Jesus. Sua pregação ganha poder de transformação de vidas à medida em que você usa ilustrações que tenham algo em comum com essas características, pois elas mostram — e não contam apenas — às pessoas, de formas relevantes para os ouvintes, como obedecer a Deus.

Parte oito

PREPARO

Como devo investir o meu limitado tempo de estudo para estar preparado para pregar.

Capítulo 146

POR QUE ACARICIO A BÍBLIA NO MEU CRIADO MUDO

O maior arrependimento de um pastor e como está recuperando o tempo perdido

Ben Patterson

Há alguns anos, Bill, pastor e professor de seminário aposentado, convenceu a mim e a Tim, outro amigo pastor, que seria uma boa idéia nós três memorizarmos o livro de Apocalipse e o recitar diante da igreja no domingo à noite. Mencionei que ele era aposentado porque alguns dias antes do evento — quando estava desesperado me preparando e com medo de bancar o maior tolo diante de muitas pessoas (vieram mil pessoas) — pensava em como era fácil para ele falar em memorizar um terço de um livro da Bíblia; pelo amor de Deus, ele tinha tempo. Mas eu não tinha. Pensei: *O que eu estava pensado quando aceitei a idéia?.*

Na noite do evento, pouco antes de subirmos e fazermos essa coisa apavorante. Bill lembrou-nos de que independentemente de quão miserável fosse a nossa apresentação em termos de memorização, Deus estava satisfeito conosco e abençoaria a sua Palavra. Ele estava certo. Durante duas horas e meia, todas as pessoas, incluindo crianças, prestaram atenção, enquanto três homens recitavam, do começo ao fim, a Palavra de Deus do último livro da Bíblia. A palavra foi tudo que diz ser martelo, espada, chuva, luz, verdade e pão.

Fiquei estupefato, e quando, mais tarde, meu persuasivo amigo sugeriu que fizéssemos a mesma coisa com o livro de Marcos e, depois, com Romanos, concordamos e observamos o mesmo resultado. De cada vez, as pessoas ficaram sentada ali em um silêncio grave e ouviram à desnuda e simples Palavra de Deus, sem enfeites, sem ilustrações e praticamente sem efeitos visuais de apoio. Sozinha, ela era mais que suficiente. Jamais esquecerei os assobios e os aplausos que irromperam espontaneamente da platéia quando um de nós chegou à última linha de Romanos 8: "Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor".

A hermenêutica da fala

Um dos benefícios surpreendentes de toda essa memorização foi a maneira pela qual fui forçado a pensar no sentido de um texto bíblico. Para mim, uma coisa era consultar os comentários e matutar sobre o aparato crítico e fazer a exegese. Outra coisa era pensar em como recitaria a Escritura se fosse o seu autor. Ênfase, pausa e inflexão de voz podem ter um efeito poderoso sobre como um trecho é ouvido e compreendido. Desde essa época, pratico um tipo de hermenêutica da

fala e fico deslumbrado diante do impacto criativo que isso tem sobre a maneira que penso em um texto. Nem sempre funciona nessa ordem: primeiro penso o texto e, depois, recito-o. Às vezes, tenho de recitá-lo antes de pensá-lo! Tudo isso, agora, ocorre em concerto com comentários, estudo da língua e tudo o mais. A memorização com vistas à recitação tem se tornado umas das minhas principais maneiras de meditar na Bíblia.

Ao fazer isso, penso muitas vezes em algo que o rabino Abraham Heschel disse às pessoas da sua sinagoga, quando elas se queixaram de que a liturgia não expressava o que sentiam. Ele disse que não era o caso de que a liturgia deveria expressar o que elas sentiam, mas de que elas deveriam sentir o que a liturgia expressava. A liturgia existe para treinar, e não meramente expressar, a sua sensibilidade espiritual. A memorização das Escrituras pode ter esse efeito. No simples ato de pensar em como recitaria um texto se o tivesse escrito, sou forçado a pensar como Paulo, ou Moisés, ou Jesus o teriam dito. Não sou eu dizendo o texto da minha maneira, mas sou eu dizendo da minha maneira o que eles queriam dizer. Os meus pensamentos certamente não são os pensamentos de Deus, mas ao aprender a recitar um trecho bíblico, os pensamentos dele podem se tornar os meus pensamentos.

Implicações para a pregação

Minha pregação também mudou. Quando comecei a recitar o texto, percebi como as pessoas pareciam prestar bem mais atenção do que quando simplesmente o lia. Isso provavelmente mostra que, no passado, deveria ter prestado muito mais atenção na maneira em que lia o texto bíblico. De todo o modo, eu e as pessoas a quem falo estamos descobrindo que a Bíblia é realmente maravilhosa. Aliás, se as palavras da Bíblia forem ouvidas com clareza, o sermão pode até fracassar, mas o tempo não foi desperdiçado!

A imagem que tenho de mim mesmo como pregador também mudou. Antes pensava, de forma muito presunçosa, que tinha de tornar a Bíblia interessante para os que me ouviam. Por exemplo, não havia sermão sem ótimas ilustrações. Já me arrependi disso. Repito, descobri que a Bíblia é mesmo maravilhosa! Ela não precisa da minha ajuda. Agora quando prego, considero-me mais um docente em uma galeria de arte. Minha tarefa é dizer apenas o suficiente e, depois, sair da frente para que as pessoas possam ver por si mesmas a glória do que Deus nos deu em sua Palavra. Ainda uso ilustrações, sem dúvida, mas sou mais econômico com elas e uso menos ilustrações desnecessárias.

A Bíblia é de fato maravilhosa! Um de meus grandes arrependimentos na vida é ter demorado tanto tempo para começar a memorizar grandes porções da Bíblia, de meditar na Palavra ao aprender a recitá-la. Mas nunca é tarde demais. Francis Schaeffer disse acerca da Bíblia:

> Não amo esse livro porque tem capa de couro e borda dourada. Não o amo como um "Livro Santo". Amo-o porque é o Livro de Deus. Por meio dele,

> o Criador do universo nos contou quem ele é, como ir a ele por intermédio de Cristo, quem nós somos e o que é toda a realidade. Sem a Bíblia não teríamos nada. Pode até soar melodramático, mas, às vezes, de manhã, estendo a minha mão até a Bíblia e só a acaricio. Sou tão grato por ela. Se o Deus que está nela tivesse criado a terra e, depois, tivesse permanecido em silencio, não saberíamos quem ele é. Mas a Bíblia revela o Deus que está aí; por isso, amo-a.

Depois de ler essas palavras, coloquei uma Bíblia no meu criado mudo só para fazer isso.

Capítulo 147

QUANDO O SERMÃO NÃO CABE EM UM CADERNO INTEIRO

Ter de falar nem sempre significa que você tem algo a dizer

Haddon Robinson

Pregar bem é um trabalho árduo. Espera-se que sejamos engraçados, calorosos e sábios. E na semana seguinte, temos de fazer a mesma coisa de novo.

Conta-se que o grande autor de ficção científica H. G. Wells disse que a maioria das pessoas pensa somente uma ou duas vezes na vida, ao passo que ele tinha adquirido renome internacional por pensar uma ou duas vezes ao ano. Muitos pastores têm de pensar uma vez (ou até duas) por semana! Com mais freqüência do que gostaríamos de admitir, começamos a preparar um sermão não com o sentimento de que temos algo a dizer, mas de que temos de dizer algo. Apenas uma vez em vinte começo a preparação sentindo que esse sermão será bom. O processo criativo é acompanhado de um sentimento de ambigüidade e de incertezas, de tentar tornar conhecido o desconhecido.

Como a dona de casa cujo objetivo de preparar três refeições nutritivas ao dia é complicado pelas crianças fazendo bagunça, pelas exigências de um emprego de meio período, por cestos transbordantes de roupa suja e um telefone que não pára de tocar, as múltiplas exigências da vida pastoral tornam o pensamento criativo e o preparo de sermões tarefas ainda mais difíceis.

As pessoas nunca morrem em momentos adequados. O dever administrativo preocupa os pastores com toneladas de detalhes que nunca têm fim. O cansaço emocional oriundo de lidar com os problemas das pessoas drena a energia criativa. E falar algumas vezes por semana ultrapassa sua capacidade de assimilar completamente a verdade em sua vida.

Da mesma forma que as donas de casa sábias encontram formas descomplicadas de alimentar sua família — uma combinação hábil de receitas de dez minutos, lanches saudáveis, um prato especial no microondas e algumas refeições completas — os pastores também podem encontrar formas de servir refeições espirituais saborosas e equilibradas.

Fases distintas

Quando sentimos que não temos nada a dizer no sermão, provavelmente é porque adiantamos os passos no preparo dele. Pensamos no sermão antes de entendermos o texto. Em vez disso, precisamos dividir o preparo do nosso sermão em duas fases bem distintas.

O que dizer?

Começo o processo ao me concentrar no conteúdo, não no ato da pregação. Quando me aproximo do texto com a atitude: *Como posso extrair um sermão desse texto?,* essa atitude polui o processo. Corremos o risco de manipular o texto com o propósito de obter um esboço, em vez de primeiro tentar observar, interpretar e apreciar o texto.

Para uma mensagem fundamentada na história de Jesus acalmando a tempestade, comecei meu estudo pressupondo que a idéia principal do sermão seria que podemos contar com Jesus para acalmar o vento e os mares da nossa vida. Mas enquanto estudava o texto, descobri que não poderia prometer às pessoas que nunca afundariam só porque Cristo estava com elas nas tempestades da vida.

Esse texto precisa ser considerado em seu contexto mais amplo. Jesus chamou os discípulos e lhes contou sobre a natureza do seu reino: O reino começará pequeno, mas expandirá muito. Naquele estágio inicial, tudo dependia dos homens que estavam naquele barco —Jesus e os discípulos. Se eles afundassem, o reino se ia. O ponto central do texto é que aqueles que entregaram tudo à causa de Cristo podem saber que, no final, o reino triunfará por causa do poder do Rei. Essa é uma verdade eterna que muda a percepção das tempestades pessoais da minha vida e de que se afundar será pelo reino eterno que nunca se extinguirá. Se tivesse prometido que Cristo acalmaria todas as tempestades, teria distorcido o texto e o forçado a dizer o que eu queria. Em vez disso, preguei o que o texto me ensinou.

Aprendi a permitir que a compreensão do texto controle o processo inicial do sermão e a deixar que mais tarde a "sermonizaçao" controle o processo. Tenho mais material do que posso pregar se primeiro tentar compreender e interpretar o texto por aquilo que ele quer dizer. Pergunto: o que o autor bíblico está fazendo?

A seguir, estudo o contexto para descobrir o fluxo de idéias. (Em geral, obtenho mais percepções para pregar do contexto da passagem que do estudo da gramática e da estrutura sintática da língua original). Ao estudar o contexto, por exemplo, descobri uma pista importantíssima para um sermão sobre 1 Pedro 5: "Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada" (v. 1). No meu estudo, descobri que o tema do sofrimento icompanhado de glória está presente em toda a primeira epístola de Pedro. Não importa se no casamento, no governo, na família — ou na igreja — quando sofremos por Cristo, vivenciamos a glória de Cristo. Por isso, meu sermão apontou para esse tema em sua aplicação aos líderes da igreja.

Como dizer?

Nessa fase, passo para a questão da transmissão. Como transmitirei às pessoas as idéias que descobri no trecho de forma que desperte o interesse delas, informe-as, motive-as e transforme-as? De tudo que posso dizer sobre esse texto, o que devo escolher dizer?

Essa parte do processo também pode nos fornecer algo relevante a ser dito. De início, pergunto-me: *Qual dos seguintes cursos o autor bíblico segue nessa passagem: ele está (a) explicando, (b) provando ou (c) aplicando?*

(a) Se a ênfase do texto é a explicação, então meu sermão se devotará principalmente ao ensino. Na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14), o principal propósito do texto é ensinar que a pessoa que vê a Deus como Deus e se humilha diante dele é justificada e exaltada, e a pessoa que se exalta diante de Deus permanece nos seus pecados.

Portanto, meu sermão, em concordância com isso, destacará a explicação, e não a exortação. Vou além das pressuposições que temos em relação aos fariseus e aos publícanos, ajudando meus ouvintes a entrar na mente desses dois homens. C que eles pensavam de si mesmos? O que os outros pensavam deles? Quais seriam as funções desses homens hoje? Falei sobre a natureza do pecado da hipocrisia, di justiça própria e da desobediência.

(b) Uma das melhores maneiras de vencer um hiato do sermão é pensar: O *que é difícil de acreditar nesse trecho?* Corremos o risco de subestimar a necessidade de provar a verdade de um texto. Mesmo que não haja um fio de ceticismo em nossa mente, precisamos perguntar: *Os que me ouvirem acreditarão nisso? Isso se harmoniza com a minha experiência e a deles? Se não, por quê?*

A nossa experiência não controla a Bíblia, mas precisamos explicar as discrepancias percebidas entre o que a Bíblia diz e a nossa realidade. Suponha que uma mulher ouve o texto: "Se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus". A segúir ela pensa: *E se eu quiser um Cadillac azul'? Se conseguir que dois anciãos concordem comigo em oração, negócio fechado?* Como a maioria das pessoas, ela pergunta-se *Acredito nisso?*

No meu sermão, tento ser advogado dessa pessoa. Ela não levantará a mão para me interromper, mas ela, como a maiorias das pessoas que freqüentam a igreja hoje, presta atenção ao sermão com um aguçado senso crítico. O pregador que ignora isso ignora a realidade. C. S. Lewis tornou-se muito popular nas ultimas décadas porque trata da questão: "Isso é mesmo verdade?". Ele pressupôs que as pessoas precisavam ser convencidas.

(c) Boas idéias para a pregação também surgem quando aplicamos as verdades da Bíblia à vida das pessoas. As idéias para sermões faíscam quando a pedra dos problemas das pessoas se choca com o aço da Palavra de Deus. Às vezes, não conseguimos produzir muito o que dizer, porque nosso pensamento é duro como o

aço; é tudo Palavra de Deus, mas não conseguimos conectá-la a situações específicas da vida contemporânea. Outras vezes, falta material porque somos marcados demais pela pedra dos problemas das pessoas; somos orientados para as pessoas, mas falta-nos o conteúdo imbuído de autoridade que só a Palavra pode conceder.

Mas quase sempre acendemos uma chama homilética se conectamos esses dois elementos. Assim, parte do meu preparo é fazer estas perguntas de aplicação: *Que diferença isso faz? Quais são as implicações para a nossa vida nesse texto? Se alguém levar a sério essa verdade e tentar pô-la em prática na manhã de segunda-feira, o que ?nudará em sua vida?*

Ajudantes de cozinha

Da mesma forma que há utensílios que poupam trabalho na cozinha, também há formas de preparar um sermão que diminuem a pressão de encontrar algo para dizer. Eis seis "ajudantes de cozinha":

Desenvolva um calendário de pregação

Muitos pastores estabelecem um plano do que querem pregar durante os três ou seis meses seguintes ou o ano todo. Podemos fazer um retiro de alguns dias e refletir sobre as necessidades da congregação, os tópicos que percebemos que Deus pôs no nosso coração, os temas em que estamos muito interessados.

Não precisamos ser prisioneiros do calendário de pregação. Se algum raio brilhante de Deus nos atinge, sempre podemos mudar nossos planos. Caso contrário, quando entramos na sala de estudos, temos um senso de direção bem pensado e preparado em oração. Meus calendários de pregação baseiam-se principalmente em séries expositivas de livros completos da Bíblia (o que fornece grão suficiente para qualquer moinho).

Depois de estabelecer o calendário de pregação, podemos preparar pastas de arquivos para cada série de sermões que se tornam repositórios para materiais relevantes que encontrarmos durante as semanas ou meses antes de pregarmos a série. Quando, por fim, chega a hora de preparar o sermão, já temos uma pasta com ilustrações, citações e sugestões.

Prepare sermões em ciclos de dez dias

O propósito de um ciclo mais longo é prover tempo de cozimento. Na quinta-feira dez dias antes do domingo em que prego, faço meu estudo exegético. Leio o texto e penso nele até bater de frente com um obstáculo. Então escrevo a fim de descobrir o que está me detendo: *Que palavras não consigo entender? Que questões não consigo resolver? Que idéias não fazem sentido?* Se você não conseguir formular especificamente seus problemas, não obterá respostas.

Assim, dez dias antes de fazer um sermão, sei o assunto em que preciso pensar e faço isso enquanto dirijo o carro, tomo banho ou estou acordado à noite. Isso também direciona minha leitura. Percebo onde estão as lacunas na minha com-

preensão e posso encontrar as respostas mais depressa. Se souber as perguntas-chave, posso consultar vinte comentários em uma hora. Muitas vezes, quando, na terça-feira seguinte, recomeço o estudo, as questões em relação ao texto estão bem mais claras. E aí penso: *O que foi que tanto me deteve nesse texto?*

Quando fiz um sermão sobre as sete igrejas em Apocalipse, fiquei curioso acerca das sete cidades e sobre como afetaram as igrejas. Fiz um pouco de pesquisa extra que resultou em percepções muito relevantes. Se tivesse preparado esse sermão no dia da pregação, ou alguns dias antes, não poderia fazer isso.

Meu tempo de estudo seguinte acontece cinco dias depois, na terça-feira quando concluo o estudo exegético e organizo o sermão. No final da terça-feira quero ter ao menos o esqueleto homilético do sermão e a introdução concluídos. Também já posso começar a elaborar os principais pontos e transições.

A sexta-feira é meu último dia para escrever o sermão. Termino a composição escrita e ainda tenho tempo de rearranjar e polir.

Obtenha rendimento dobrado do estudo

Duane Liftin, presidente do Wheaton College, foi o primeiro a me apresentar a idéia de preparar dois sermões a partir da pesquisa em um texto homilético. Quando ele pastoreava em Mênfis, se a mensagem de domingo de manhã fosse voltada principalmente à explicação ou à demonstração da verdade do texto, no domingo à noite, ele focava a aplicação da mensagem. Ou, no domingo à noite, ele desenvolvia um tema secundário do texto que não fora tratado à altura de todo seu conteúdo na mensagem de domingo de manhã. Com base em Filipenses 2.1-11, por exemplo, domingo de manhã pregava sobre a humildade semelhante à de Cristo e, no domingo à noite, sobre a doutrina da humanidade de Cristo.

Pense em termos visuais

Pense em palavras em um espectro, com palavras abstratas no topo da escada e idéias concretas na base. Os estudiosos sobem a escada da abstração; os comunicadores descem-na a fim de se aproximar o máximo possível dos aspectos específicos. Quando tenho uma idéia sem uma imagem específica em mente, nada de interessante acontece em meu interior. Mas minha mente começa a se agitar quando tenho uma imagem.

Quando estudo um texto, pergunto-me: *Que imagem estava na mente do autor bíblico quando ele escreveu isso?* Se o tópico é reconciliação, ele não escrevia sobre alguma doutrina abstrata; ele pensava em inimigos que fizeram as pazes. Enquanto estudo um texto assim, faço perguntas que me mantêm perto da vida real: O *que significa ter um inimigo? Por que é tão difícilfazer as pazes com alguém?* Penso em países dos Bálcãs, onde pessoas que viveram juntas durante décadas, de repente começam a se matar mutuamente. O que acontece quando vizinhos se tornam inimigos?

Não penso em idéias abstratas como "paternidade". Penso em balançar um bebê sobre meus joelhos, em levantar no meio da noite e cambalear até o berço de uma criança que não pára de chorar e nos sentimentos de amor e raiva que acompanham tudo isso.

Prepare um sermão em voz alta

Meus familiares aprenderam que se passarem por meu escritório e me ouvirem murmurando, estou trabalhando em meu sermão. Incluo conversas imaginárias com as pessoas que quero que sejam ajudadas pelo sermão:

"Robinson, você diz que Deus quer que amemos o nosso próximo, mas o que você faria se fosse lavar os pés dele, e ele desse um chute na sua boca? Quantas vezes você levaria o chute até dizer: 'Tô fora'?".

"Você tem de ser chutado três vezes", continuo a dizer em voz alta para mim mesmo, "e, depois, pode quebrar os dedões dele. Não, não diria isso. O que eu diria?"

Trabalhar em um sermão em voz alta ajuda a cristalizar o nosso pensamento. Também nos dá uma sensação do fluxo das idéias do texto.

Peça emprestado

Deus não nos dá pontos por nossa originalidade. Ele nos dá pontos por sermos fiéis e claros. Ter livros dos grandes mestres do mundo, pessoas que dedicaram anos de sua vida estudando o livro de Romanos, e não usá-los, representa negar as muitas contribuições da igreja cristã. Pensar que em três horas de exegese chegaremos à altura das percepções daqueles que dedicaram anos de estudo a um livro é um erro.

Mas deixe os comentários para um estágio posterior do processo. Se formos aos comentários cedo demais, eles limitam o nosso pensamento. Contudo, depois de ler a fundo um texto e de saber quais são as minhas dificuldades, os comentários se tornam meus mestres.

Afluentes da pregação na maré cheia

Desenvolvi hábitos que me ajudam a coletar material para sermões de forma contínua (não só para o sermão que farei no próximo domingo). Eles são os afluentes da pregação na maré cheia.

Observe e interprete a vida diária

Helmut Thielicke disse certa vez: "O mundo é o álbum ilustrado de Deus". Corremos o risco de desperdiçar muitas experiências. Há lições nos eventos de cada dia, nas coisas mais corriqueiras como ficar preso no engarrafamento do trânsito ou ouvir uma piada.

Isso se aplica, em especial, quando acontece algo que nos toca emocionalmente, seja de forma positiva, seja negativa. Mesmo que não capte logo o seu

sentido, anoto a historia em um cartão e reflito sobre ela. É um pedaço de vida que algum dia se encaixará em alguma percepção, ilustração ou sermão.

Ler livros e revistas e assistir a filmes e à televisão — até mesmo aos comerciais — é outra forma de observar a vida. Há um tempo, assisti ao filme italiano *Jean de Florette,* que começa com um morador de cidade que herda uma fazenda, ele muda para o interior e tenta aprender a tomar conta da fazenda a partir da leitura de livros especializados. Alguns vizinhos inescrupulosos, querendo se apossar da fazenda, bloqueiam a nascente que irriga a fazenda. O novo proprietário, sem saber que a fazenda possui água de nascente, ora por chuva. Formam-se nuvens carregadas, mas a chuva cai do outro lado da montanha e nunca irriga a sua terra. A certa altura o homem morre, e os vizinhos corruptos compram a fazenda por uma bagatela. Fim do filme.

Desliguei o videocassete muitíssimo deprimido. Disse à minha esposa: "E assim que muitas pessoas vêem o mundo. O mal vence. — Fim". No entanto, se alguma vez pregar sobre a história em que Acabe rouba a vinha de Nabal, esse filme fará parte da minha introdução.

As perguntas que faço sobre os comerciais são: *O que eles querem que as pessoas façam? E como motivam as pessoas a fazer isso?* Marqueteiros gastam milhões de dólares para descobrir o que motiva as pessoas. Quando assistimos aos seus comerciais, vemos os resultados da sua pesquisa.

Em um anúncio recente, uma escola tentava atrair novos alunos, afirmando repetidamente que os graduados em sua escola ganhavam mais. A escola não prometeu fazer de seus estudantes pessoas mais profúndas e melhores nem abrir as portai para uma carreira mais satisfatória. A cenoura que balançavam era o dinheiro. Na pregação, posso usar esse anúncio para enfatizar a pergunta se o dinheiro sozinho fornece satisfação duradoura.

Como mais um afluente para a pregação de maré alta, faço questão de conversar com pessoas diferentes de mim. Aprendi a extrair o máximo das perguntas *Como você ganha seu sustento? Em seu campo de trabalho, quais são os maiores problemas? Quem são as pessoas bem-sucedidas no seu mundo? Na sua opinião, o que torna as pessoas vencedoras ou perdedoras? Quais são suas preocupações? Se vocêpudesse ter qualquer coisa no mundo, o que seria?*

Uma das conversas mais relevantes que tive recentemente foi com uma pessea que está com AIDS. Ele tinha se envolvido em um relacionamento homossexual com um homem com quem achava que tinha um "relacionamento de compromisso de amor".

"Ele não me contou que tinha AIDS", disse-me ele tristemente. A seguir, descreveu seu medo de morrer em alguns anos e sua raiva porque alguém que ele amou tinha feito algo que o mataria. Falou sobre seus sentimentos de tristeza e de remorso, de ser marginalizado, de querer o cuidado de outros, mas não ter, de ser sexualmente frustrado e, ao mesmo tempo, odiar o sexo por seu poder de atração. "Não consegui fazer a outro ser humano o que aquele homem fez para mim", disse ele.

Em meio a tudo isso, ele tornara-se cristão. Falar com ele me ajudou a compreender melhor as pessoas nessa situação. Essas conversas alimentam minha alma e enriquecem minha pregação.

Atenção para a alma

Quanto mais cheia a nossa alma, mais conseguimos pregar sem o perigo de secarmos. Dentre as muitas disciplinas da alma que engrandecem o espírito, a mente e a alma, precisamos encontrar aquelas que mais nos beneficiam.

Um amigo meu entrou para um mosteiro em busca de espiritualidade. Ele extrai grandes benefícios do voto do silêncio e dos longos períodos de meditação sobre as Escrituras. Tais disciplinas trazem menos benefícios para mim. Mas é impossível exagerar o quanto a amizade com algumas pessoas me desafiam. Ao mesmo tempo em que estar com grupos grandes mais me drena do que me estimula, faço questão de mudar meu calendário só para passar um dia ou dois com um amigo.

Há uma diferença entre alguém que extrai grande prazer de meditar ao pôr-do-sol, e alguém que medita ao pôr-do-sol porque as pessoas "profundas" fazem isso. Lemos em *Preachers and Preaching [Pregadores e pregação]* o que Martin Lloyd-Jones diz sobre a importância do sentimento de urgência na pregação, mas se tentamos fortalecer o sentimento de urgência na pregação sem termos os valores e a paixão que produzem esse sentimento, nossa pregação soará fingida e artificial. As idéias, temas, experiências, virtudes, autores e arte que cativam nossa alma são os que enchem o cálice da nossa pregação.

O número de questões que precisam ser tratadas é tão vasto, o material de pregação nas Escrituras é tão extenso e amplo, as necessidades das pessoas, tão inexauríveis, que um pregador não conseguiria dar conta disso em dez vidas. Se organizarmos o nosso trabalho homilético e permanecermos plenos de Deus, na maioria das vezes que sentarmos para preparar nosso sermão, não só teremos o que dizer, mas teremos mais a dizer do que o tempo permite.

Capítulo 148

CENTRADO

Como a oração gera autoridade

Richard Foster

O que há na oração que a conecta à pregação? Por que uma pessoa como Martinho Lutero estabeleceria como seu axioma espiritual que "a pessoa que orou bem estudou bem"? Por que E. M. Bounds, grande pregador metodista e homem de oração que viveu há mais de um século, diria: "A natureza da nossa oração determina a natureza da nossa pregação. Oração superficial produz pregação superficial. [...] Falar aos homens em nome de Deus é uma grande coisa, mas falar a Deus em nome dos homens é algo ainda maior"?

Em sintonia com Deus

A oração nos sintoniza com Deus, fazendo-nos pender como uma agulha para o pólo do Espírito. Ela fornece-nos foco, unidade e propósito. Descobrimos a serenidade, a firmeza inabalável da orientação na vida. A oração torna-nos sensíveis ao santuário subterrâneo da nossa alma no qual ouvimos a *Qol Yahweh*, a voz do Senhor. Ela põe ardor em nossas palavras e compaixão em nosso espírito. Ela enche nossa caminhada e nossa fala de vida nova e de luz. Começamos a viver as demandas do nosso dia sempre curvados em admiração e em adoração.

As pessoas conseguem perceber essa vida do Espírito, embora não saibam o que sentem. Isso afeta o tom sensitivo da nossa pregação. As pessoas conseguem discernir que nossa pregação não é uma apresentação de trinta minutos, mas uma percepção de vida. Sem esse tipo de oração, nossa exegese pode ser impecável, e nossa retórica, cativante, mas estamos *secos*, vazios, ocos.

A Bíblia nos diz que quando os membros do sinédrio viram a ousadia da pregação de Pedro e João perceberam que eram homens que tinham estado com Jesus. Por quê? Porque tinham um sotaque galileu? Talvez. Mas é mais provável que fosse porque eles se portavam com um espírito de vida tão novo e com tal autoridade que até mesmo seus inimigos perceberam. A mesma coisa acontece conosco. Se temos essas coisas, as pessoas percebem; se não as temos, não há habilidade homilética que consiga preencher a falta delas.

Com que se parece esse tipo de oração? O que devemos fazer? Interceder pelos outros? Talvez, mas principalmente desfrutar a presença de Deus. Estamos descansando na luz de Cristo. Estamos admirando, adorando. E o melhor de tudo, estamos ouvindo. François Fénelon deu o seguinte conselho: "Acalme-se e ouça a Deus. Deixe seu coração se pôr em tal estado de preparo que o espírito de Deus possa imprimir em você as virtudes que ele quiser. Deixe que tudo em você volte a atenção para ele. Esse silêncio em nosso interior de todos os inconvenientes exteriores e terrenos e dos pensamentos humanos é essencial se quisermos ouvir a voz dele".

Acrescente a essas palavras o comentário perspicaz de Sõren Kierkegaard: "Um homem orou e, no começo, achava que orar era falar. Mas ele ficou cada vez mais calado, até que percebeu que orar é ouvir".

Orar é estar centrado, é tornar-se genuinamente presente onde se está, é contemplar a presença de Deus. A oração desenvolve uma receptividade delicada ac sopro divino. Não violentamos as nossas faculdades racionais, mas ouvimos com algo mais do que a mente — ouvimos com o espírito, com o coração, com todo o ser. Como Maria, mãe de Jesus, refletimos sobre essas coisas no nosso coração.

Talvez um exercício de meditação ilustre como podemos praticar a audição centrada. Chamo-a simplesmente de "palmas para baixo, palmas para cima" Comece com as palmas das mãos viradas para baixo como símbolo do seu desejo de entregar a Deus todas as preocupações que porventura tiver. Em seu interior talvez você esteja orando: "Senhor, entrego-lhe minha raiva do João. Abro mão do

meu medo da consulta com o dentista hoje de manhã. Entrego minha ansiedade por não ter dinheiro suficiente para pagar as contas desse mês. Deixo minha frustração por não ter conseguido ainda achar alguém para ficar com as crianças hoje à noite". Seja o que estiver pesando na sua mente, simplesmente diga: "Palmas para baixo". Libere tudo. Você talvez até sinta uma sensação de alívio nas mãos.

Depois de alguns momentos de entrega, vire as palmas para cima como símbolo do seu desejo de receber do Senhor. Talvez você queira orar em silêncio: "Senhor, gostaria de receber o seu amor divino pelo João, sua paz para a consulta no dentista, sua paciência, sua alegria". Independentemente do que precisa, você diz: "Palmas para cima". Depois de centrar-se nisso, passe o tempo restante em completo silêncio. Não há necessidade para pressa. Não há necessidade de palavras, pois, como bons amigos, vocês estão felizes simplesmente por estarem juntos, por desfrutarem da presença um do outro.

E ao nos acostumarmos com a presença dele, lentamente, de forma quase imperceptível, um milagre abre caminho para nosso coração. O fuzuê febril que caracterizava nossa vida é substituído por serenidade e vigor contínuo. Sem o menor senso de contradição, tornamo-nos duros com as coisas e meigos com as pessoas. A autoridade e a compaixão tornam-se gêmeos e infiltram a nossa pregação. Aliás, a oração permeia tudo que faz parte de nós. Ela é cativante, gera vida e força, e nossos ouvintes perceberão.

Em sintonia com as pessoas

Alguns dos momentos mais preciosos de meu ministério pastoral ocorreram quando entrava no santuário durante a semana e andava entre os bancos orando pelas pessoas que sentavam ali domingo após domingo. Nossos ouvintes tendem a sentar nos mesmos bancos ou cadeiras semana após semana, e visualizava-os e elevava-os à luz de Cristo. Orava na sexta-feira o sermão que pregaria no domingo. Orar pelas feridas e temores e ansiedades das pessoas gera algo em seu interior. Ponha-se em sintonia com seu povo de forma profunda e íntima. Por meio da oração, os membros da nossa igreja tornam-se nossos amigos em uma dimensão totalmente nova.

Na nossa congregação, no Oregon, havia um menino que se submeteu a duas cirurgias no cérebro. Os períodos de oração que compartilhamos durante aquelas seis semanas formaram um vínculo entre nós que se tornou forte como o aço. Por duas vezes, fiquei naquele hospital com o pai e a mãe esperando para ver se o Davizinho viveria ou não. Ele tinha só cinco anos e tinha síndrome de Down, mas considero-o um dos meus amigos mais íntimos. E como ele prestava atenção na minha pregação! Ele não saía para o culto das crianças; sentava todo ereto naquele banco, ansioso, atento. Não sei se alguma vez entendeu uma palavra do que eu disse, mas pregava de todo o coração porque sabia que o Davizinho estava ouvin-

do. Se oramos com os membros da nossa igreja — se realmente oramos com eles — eles prestam atenção na nossa pregação porque sabem que os amamos.

As pessoas podem nos tocar

A oração sintoniza as pessoas conosco. Quero que meus ouvintes saibam que têm um ministério de oração para exercer por mim. Os membros da minha igreja sabem que são esperados na minha sala, no escritório da igreja para orar por mim.

As pessoas precisam perceber nossa segurança e autoridade, mas também precisam conhecer nossa fragilidade e nossos temores. Elas precisam saber que nós também somos feridos. Que precisamos da ajuda delas. A religião dos lábios que não choram não é o caminho de Cristo. O nosso Senhor sabia chorar. Na hora da sua maior provação, ele buscou o apoio e o conforto dos três, e passou aquela noite em agonia franca e aberta. Muitas vezes, nossa religião de sentimentos inflexíveis não é um sinal de piedade, mas de arrogância.

Além disso, é importante ajudar nosso povo a entender o ministério da oração que os membros da igreja podem ter em preparo para o culto de adoração e durante o culto. Reunia-me todos os domingos, às 8:00 horas, com todas as pessoas responsáveis de alguma maneira pelo culto e lhes lembrava que talvez o seu principal ministério naquele dia seria orar pelas pessoas. Às vezes, fazia as pessoas sentarem no altar simplesmente por uma razão: orar. Todos os domingos, um querido irmão sentava no tablado durante os dois cultos imergindo as pessoas em oração, orando pelo poder de vitória de Cristo, orando para que a verdade prosperasse. Quando sabe que alguém está fazendo isso, você realmente consegue pregar.

A oração é uma disciplina essencial à pregação porque nos sintoniza com Deus, ela também nos ajuda a entrar em sintonia com nosso povo, e o povo a entrar em sintonia conosco. Como disse João Wesley: "Dêem-me cem pregadores que não temam senão o pecado e a nada mais desejem senão a Deus, e não importa se eles são clérigos ou leigos, garanto-lhes que sacudirão as portas do inferno e edificarão o Reino de Deus sobre a terra. Deus não faz nada a não ser em resposu à oração".

Capítulo 149

UMA LONGA E PRECIOSA CONVERSA COM DEUS

A alegria de depender do Senhor para o sermão

Darrell W. Johnson

Ao longo dos anos, o Senhor nutriu a sensação de que o ministério da pregação emerge da conversa contínua e da comunhão ininterrupta com Deus. I chamado à pregação é, antes e acima de tudo, um chamado a ouvir e a intercedei. A pregação eficaz emerge da vida de oração.

A oração no estágio do planejamento da pregação

Oro: *Deus, que texto das Escrituras o Senhor quer que seja aberto para o povo? O que o Senhor quer dizer ao seu povo? E quais textos dizem isso?* Sempre faço essa pergunta e surgem muitos textos. Depois, tento planejar com, pelo menos, um ano de antecedência a fim de ter a percepção dos diversos textos que devem ser abertos. Em meio a tudo isso, sempre pergunto: *Deus, o que o Senhor está dizendo? O que a igreja precisa ouvir nos nossos dias?*

Por exemplo, quando vou para casa no domingo de Páscoa, quando a família está reunida para o almoço, oro: *O que o Senhor quer que eu pregue na próxima Páscoa?* Penso que é o melhor dia para perguntar isso porque ainda estou tomado de todos os sentimentos da Páscoa, da maravilha e da alegria desse dia. Também estou consciente do que não disse nesse dia; o que mais poderia dizer sobre a ressurreição? Assim, tento ter uma idéia do que Deus gostaria que fosse pregado na Páscoa do ano seguinte.

Visto que gosto de escolher o texto com grande antecedência, tenho bastante tempo para imergir no texto. Tenho, em minha mente, esse guarda-roupa com 52 cabides, e penso com antecedência sobre o texto para cada cabide, para cada domingo. Também tenho uma pasta para cada um deles em que reúno qualquer idéia ou sugestão que aparecer.

A noite da véspera de Natal é a melhor do ano. Volto para casa bem tarde depois do culto, à uma ou às duas da manhã. Coloco os presentes debaixo da árvore para as crianças e, antes de ir para a cama, tento perguntar: *Então, o que o Senhor quer que seja pregado no próximo ano?* Nem sempre me apego à resposta que recebo, pois posso ser corrigido no caminho até o próximo Natal, mas, em grande parte, a idéia já está lá.

A oração no preparo da mensagem

Começo com o pedido para que o Espírito abra o texto para minha compreensão: *Ajude-me a entender por que o Senhor inspirou esse texto lá no início do processo de escolha de tema?* E logo em seguida oro: *E abra a minha mente para aquilo que o Senhor revelar.* Essa oração pede a Deus que abra o texto, mas também que abra meus olhos e ouvidos para o receber. Ele sempre honra essa oração. Fundamento-a na oração de Paulo registrada em Efésios 1.17,18: "Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele. Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados".

Depois, faço a exegese e o trabalho árduo. Mas o processo começa com: O *Senhor pode abrir esse texto e pode abrir meu coração para o que o Senhor revelar? A* seguir, passo o texto todo em oração como parte de uma conversa contínua: *Corno vou conseguir elaborar esse texto para que faça sentido? Qual é a palavra que o Senhor quer falar com base nesta Palavra? Que estrutura homilética transmite melhor essa mensagem?*

Ao mesmo tempo, oro: *Ajude-me a amar as pessoas que ouvirão essa mensagem.* Imediatamente, vêm-me à mente seis, sete ou oito pessoas com as quais me importo e faço esta pergunta: *Como esse texto vai soar para elas?* Mais importante que isso: *Senhor, ajude-me a amar o Estêvão;* ou: *Ajude-me a amar ajana da forma como o Senhor a ama*; e: *Ajude-me a transmitir a eles esta palavra com base no seu amor, Senhor.*

Segunda-feira é o meu dia de folga, por isso, leio o texto de forma devocional. Não me esforço para ver se minhas idéias são exegeticamente saudáveis ou não. *Deus, o que o Senhor está me dizendo? O que isso está dizendo a minha alma neste momento?*

•Na manhã de terça-feira, passo para a exegese e oro: *Ajude-me a eyitender essas construções do texto. Ajude-me a entender o pano de fundo. Não sei que lugar é esse nem quem são essas pessoas.* Então, à medida que o dia passa, tudo borbulha em meu interior.

• Na manhã de quarta-feira, tento concluir o trabalho exegético e começar a pensar sobre como a mensagem pode ser ilustrada.

• Na manhã de quinta-feira, tento elaborar um esboço. Aí oro: *Como isso pode se tornar acessível.? Como isso pode se tornar claro?* Esta sempre é a palavra: como isso pode se tornar claro? O meu objetivo é ter na tarde de quinta-feira um esboço básico de trabalho.

• Então na sexta-feira, sento-me à escravinha às 8 horas e escrevo até 11:45 horas, e todo o tempo estou orando: *Por favor, ajude-me a ter clareza enquanto escrevo este sermão.*

•Sábado é o dia do plimento. Sei que tenho de passa da lingua escritra para a falada. Odeio o sábado. É um dia mortificante. No sábado à noite, oro: *Por favor, Senhor, ajude-me a simplesmente confiar no poder do texto e no poder do seu Espírito. Ajude-me a não ser levado pela minha personalidade. Ajude-me a não confiar nas minhas palavras tão bem elaboradas. Ajude-me a confiar que este texto é poderoso em si mesmo e por si mesmo e que o Espírito Santo, vai estar presente e fazer seu trabalho.* Assim, no sábado, o trabalho é muito mais da alma.

Ao longo de todo o trabalho exegético, hermenêutico e homilético, oro e peço a Deus: *Por favor, Senhor, faça disso um ato de devoção?* E é como também tento conduzir meus alunos nesse assunto. Se você tem de escrever um trabalho, sim. você tem todo esse trabalho acadêmico difícil para fazer, apenas diga: *Senhor, posso fazer disso um ato de adoração também?* Penso que produzimos um trabalho melh: quando fazemos isso. É uma comunhão devocional contínua.

Os trechos bíblicos que moldam minhas orações para a pregação são:

• João 17.17, a oração de Jesus: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade".

• Mateus 8.5-13, quando o centurião intercede em favor de seu servo e diz a Jesus: "Mas dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado". Não sei como o centurião conhecia essa verdade.

- Ezequiel 37, a visão dos ossos secos. Esse é o mais importante. Ezequiel simplesmente recebe a ordem de falar, e quando o faz, vidas são transformadas. Aliás, os mortos são ressuscitados.

A relação entre a oração e a pregação eficaz

Tenho grande alegria quando, como ocorre muitas vezes, depois de fazer um sermão, alguém me diz: "Você preparou isso só para mim, não foi? Você esteve na minha sala de estar, não esteve?".

Respondo: "Não, não foi"; e: "Não, não estive", mas alguém esteve. E alegro-me muito com isso. Aliás, a maioria das pessoas que me diz isso depois do sermão são pessoas nas quais não tinha pensado durante o preparo do sermão. E as pessoas em que pensei com freqüência não vêm falar comigo.

Aqui na faculdade teológica, os estudantes também dizem depois de uma mensagem: "Era exatamente o que precisava ouvir"; e: "Isso penetrou na minha alma". E aí penso: *Oh, Deus, o Senhor falou de novo.*

A Palavra não informa apenas, ela transforma. Percebo o poder do Espírito realizar mais do que um exercício cognitivo, até mesmo mais do que um exercício devocional. Deus torna a pregação algo mais profundo, uma harmonização mais profunda à imagem de Cristo.

Minha experiência mais poderosa foi quando, entre 1985 e 1989, era pastor da Igreja da União, em Manila, Filipinas, e vivenciei a *People Power Revolution* (Movimento pacífico de protesto contra o governo autoritário do presidente Ferdinando Marcos.). Os sermões que fazia no domingo de manhã eram transmitidos por rádio, pela *Far East Broadcasting Company*, para Manila e todo o país no domingo seguinte. Portanto, o sermão de 6 de outubro foi transmitido no dia 13 de outubro.

Acontece que o sermão do dia 6 de outubro foi pregado no templo da Igreja da União, mas na verdade, foi dirigido às pessoas que o estavam ouvindo pelo rádio no dia 13. A revolução eclodiu no sábado de manhã e durou até segunda-feira. Naquele domingo, a emissora de rádio transmitiu meu sermão da semana anterior, enquanto 3 milhões de pessoas estavam no protesto. Fiquei atônito. Foi quando comecei a perceber que você não sabe de fato o que está acontecendo na elaboração de um sermão, não sabe para quem é nem para quando é. Você pensa que é para esse grupo de pessoas e para este momento, mas pode ir além disso.

O sermão tratava do evento em que Satanás levou Jesus para o monte da tentação e lhe mostrou todos os reinos da terra, tentando-o a se tornar rei sem ser o Servo sofredor. Satanás ofereceu-lhe um caminho para o poder que não incluía a cruz. O sermão avançou para o fim de Mateus quando Jesus diz: "Toda a autoridade me foi dada". A mensagem era: "Foi pela cruz que Jesus obteve o poder com que Satanás o tentou". Concluí a mensagem com a frase de Tony Campolo: "É sexta-feira, mas o domingo está chegando". Era exatamente o que as pessoas precisavam ouvir quando a revolução eclodiu.

A oração e o evento da pregação

Eu espero que Jesus fale. Sento no primeiro banco do templo antes de subir para pregar e, com freqüência, pego-me orando: *Se o Senhor não comparecer, isso aqui é só vento. Por favor, fale. O Senhor é o único cuja fala faz diferença.* E ele vem. Creio que nunca fui deixado na mão com essa oração. Mesmo nos sermões que não considerei bons, ele falou a alguém.

Se prego e algo não sai bem, fico desanimado. Ainda assim, depois de um dia ou dois, posso dizer que orei, portanto, alguma coisa deve ter acontecido. Só não percebi nem perceberei por um tempo o que aconteceu.

Quando não oro muito nem trabalho o suficiente, mas Deus trabalha, tomo isso como a graça soberana de Deus. O povo a que servimos é o povo dele. O bom Pastor simplesmente decidiu que, naquele dia, apesar de mim, alimentaria as ovelhas. Quando ocorrem esses momentos, agradeço-lhe, alegro-me com isso e fico humilhado. *Bem, o Senhor de fato está no controle disso, não está?*

Nos últimos anos, oro: *Senhor, ajude-me a me retirar depois de terminar o sermão. Ajude-me a fazer isso e, depois, escolher o caminho da discrição. Ajude-me a deixar isso para trás e lhe agradecer, e me alegrar no Senhor, e avançar para a próxima coisa.* A lisonja é mais poderosa que a crítica no que faz à sua alma.

Ao longo de todo o processo consigo enxergar as pessoas que estarão lá. Durante o louvor, antes da pregação, olho as pessoas em volta do templo e estou consciente das lutas delas, por isso, oro por elas. Com freqüência, a oração é: *Oh, Deus, obrigado o Senhor tem uma palavra maravilhosa para eles hoje.* Quando penso em pessoas que estão sofrendo ou estão com raiva de Deus, oro: *Senhor, ajude essas pessoas a ficara?: comigo tempo suficiente para ouvir a boa notícia no final da mensagem.*

Durante o sermão, geralmente estou concentrado no manuscrito. Mas quando vejo alguém com raiva de mim, posso orar: *Senhor, proteja-me. Não quero ser metralhado depois.* Ou se vejo alguém saindo de sintonia: *Senhor, não permita que. ela faça isso. Traga essa pessoa de volta.*

O Espírito Santo vem para nos ajudar nas nossas orações. A oração é uma realidade trinitária. A oração é ao Pai, por meio do Filho, no Espírito. Assim, é o Espírito Santo que fortalece e capacita a oração. Portanto, orar no Espírito é orar na dependência dele. Não estou sozinho quando oro; estou trabalhando nisso em parceria com o Espírito. Estou me unindo a ele, enquanto ele ora, enquanto ele opera na vida dessas pessoas.

Ensina-me a orar

Aprendi a orar a partir da minha fraqueza e inadequabilidade. Mesmo quando meu sermão me parece extraordinário e bem elaborado, corro o risco de subir no púlpito antes de transmitir a mensagem e, de repente, perceber: *Isso não vai funcionar a não ser que o Senhor se faça presente.* Uma profunda sensação de inactquabilidade me conduziu até aqui.

Houve também um homem que me "adotou" quando ainda era um jovem pregador. Peter Joshua era um pastor presbiteriano do país de Gales. Na época, tinha provavelmente 90 anos, e eu, 22 anos. Ele morava em Ventura, na Califórnia, região em que estava servindo. Ele me levava para tomar chá algumas vezes por mês e me ensinou a beber chá com creme, como os britânicos.

Contei-lhe que estava lutando com o problema do orgulho. As pessoas elogiavam bastante meus sermões, e queria esses elogios. Queria que as pessoas pensassem bem de mim. Contei-lhe que estava tentando suprimir isso.

Ele disse-me: "Não tente suprimir isso. Você nunca vai conseguir. A humildade não vem de você rebaixar a si mesmo. A humildade é resultado de elevar a Cristo. Portanto, não tente se rebaixar; simplesmente eleve a Cristo a uma posição mais alta.

Perguntei-lhe: "E como faço isso na prática?".

Ele disse: "Enquanto estiver subindo os degraus", e esse púlpito tinha degraus enormes, "ore: *Senhor, quero que essas pessoas pensem bem de mim* .

"O quê? Devo orar exatamente assim?"

"Sim. Depois, logo antes de chegar ao púlpito, ore: *Mas quero que eles pensem ainda melhor do Senhor*'. E isso funciona. Estou livre e ainda oro assim de uma forma ou de outra. *Senhor, ajude-me a ficar bem nesse quadro, mas, mais do que isso, quero que o Senhor fique bem nele.* E estou livre.

Capítulo 150

UM IMPULSO MISTERIOSO PARA ORAR

Você está preparando um sermão. De repente, sente-se compelido a conversar com Deus. O que está acontecendo e o que fazer.

Lee Eclov

Uma coisa sobre a qual os pregadores não falam muito é a respeito de como oram enquanto preparam seus sermões. Estou curioso acerca disso tanto porque sei que é algo vital quanto porque não acho que eu seja muito bom nisso. Mas sei que a oração é o fermento do sermão. Uma mensagem nunca surge sem ela.

Aquele velho agitador, E. M. Bounds, intimida-me quando escreve:

> O poder do pregador está no poder da oração, na sua habilidade de orar a ponto de alcançar a Deus e produzir grandes resultados. O poder da oração raramente é testado, suas possibilidades são raramente compreendidas, nunca exauridas [...] Cada parte do sermão deveria nascer das dores de parto da oração; seu começo e conclusão deveriam estar em ressonância corn a súplica e o cântico da oração. Sua transmissão deveria ser apaixonada e impelida pelo amor que vem da fornalha da oração.

Não me entendam mal; concordo com ele. Mas quando leio isso, tenho quase certeza de que decepcionaria E.M. Bounds!

Todo preparo sincero de sermão contém alguns elementos inerentes de oração. Já em si mesma, a concentração nas Escrituras e a tentativa de elaborar o sentido delas e como expressá-lo são tipos de oração. Afinal, nas Escrituras, Deus fala a palavra viva a nós, e fazemos todo o esforço para ouvir. Estudamos como alguém que tenta encontrar a freqüência de uma estação de rádio de ondas curtas, captando uma verdade estática e, depois, suavemente tentamos sintonizar os diais espirituais até que a verdade seja ouvida o mais claramente possível. Sem dúvida, esse processo é classificado como um tipo de oração.

Além disso, em geral, dedicamos ao longo do processo, de forma consciente ou inconsciente, o que fazemos ao Senhor e confiamos que ele usará a sua Palavra por nosso intermédio. Com certeza, não preciso parar, curvar minha cabeça e juntar minhas mãos para que a oração se torne "oficial".

Não há dúvida de que todo o preparo do sermão pode ser um ato de oração — assim como o conhecido ato do irmão Lourenço ao lavar a roupa. Mas há algo que precisa ser dito acerca de parar aqui e ali, durante o processo de preparação do sermão, curvar a cabeça e orar. D. Martin Lloyd-Jones escreveu:

> Acima de tudo — e considero isso o mais importante de tudo — sempre obedeça a todo impulso para orar. O impulso para orar pode vir quando você está lendo ou lutando com um texto. Faria disso uma lei absoluta — sempre obedeça a esse impulso. De onde ele vem? E obra do Espírito Santo.
>
> Há alguns benefícios bem distintos na obediência a esse impulso.

A oração me convence de um texto

Creio, talvez você também, em tudo que leio na Bíblia. Sou defensor da inerrancia bíblica. Assim não preciso ser convencido de que um texto é a verdade. Mas isso não é suficiente. Algumas vezes, preciso ser convencido de que é importante o fato de que o texto é a verdade. Não, mais do que isso: preciso crer que isso é importante para mim. E para que isso aconteça, preciso orar.

Depois de compreender o texto da forma mais profunda possível, preciso falar com Deus acerca dele. Às vezes, honestamente não consigo me ver no espelho ái Bíblia. Depois da primeira lida, alguns trechos simplesmente não parecem ter muito que ver com a minha vida. (O que, suponho, é um problema que outros também têm com esse trecho). Assim peço ao Senhor que incline o espelho até que encontre a minha alma em seu reflexo, até que saiba que o trecho tem que ver comigo

Às vezes, o trecho é tão familiar —familiar demais — que é como olhar para um cartão postal do Grand Canyon em vez de olhar para a coisa real. E mais fácil sem dúvida, e mais rápido olhar para um cartão postal da Bíblia, mas tudo que ele

diz é: "Como gostaria que você estivesse aqui". Assim me curvo e peço a Deus que me ajude a enxergar a beleza, as maravilhas e a realidade da sua Palavra.

E há os textos que dizem como devo me comportar como cristão. Sei que soa ousado, mas quase sempre faço o que eles dizem — em alguma área da minha vida! Mas não em todas. Invariavelmente, há um relacionamento que não foi afetado, uma porta que permanece trancada, uma tensão sobre a qual o Senhor tem conversado comigo. Na oração não consigo mais escapar de Deus, admito o pecado e peço por graça, ou sabedoria, ou ajuda.

O preparo do meu sermão precisa esperar até que eu seja convencido pela oração. Se pressionar para chegar ao fim com apenas um ocasional: "Abençoe isso, Senhor", o sermão pode até transmitir a verdade, mas não convence os ouvintes, porque não me convenceu. De alguma forma, eles sabem.

A oração me ajuda a enxergar o impenetrável

Às vezes, não importa o quanto estudamos, o texto nos deixa desconcertados. Os comentaristas parecem estar em outra freqüência, e os nossos antigos professores não atendem o telefone. Orar é sentar-se, como Maria, aos pés de Jesus e lhe pedir que nos ensine. C. H. Spurgeon escreveu: "Os textos, com freqüência, negam-se a revelar seus tesouros até que você os abra com a chave da oração". Ele também escreveu:

> Muitas vezes, quando encontro um texto bíblico que não consigo entender, tenho o hábito de abrir a Bíblia diante de mim, e se já olhei todos os comentários, e eles parecem não concordar, então abro a Bíblia na minha cadeira, ajoelho-me, ponho meu dedo sobre o texto e busco a instrução de Deus. Descobri que sempre ao me levantar, entendo o texto bem melhor do que antes; creio que justamente o exercício da oração, por si só, traz a resposta.

Lembro o dia em que tentei fazer pela primeira vez um sermão na primeira pessoa, foi sobre o cego Bartimeu. Estudei e esforcei-me para tentar retratar a cena e sentir a história, mas fiquei frustrado. Quando orei, a luz se acendeu: "Estou falando com alguém que de fato estava lá naquele dia! Ele certamente vai me ajudar a captar o espírito e a importância dessa história". E acho que ele fez isso.

A oração me ajuda a editar meus sermões

Preferiria que ninguém comentasse isso com as pessoas da minha igreja, mas sei que sou dotado de grande fôlego. A oração é uma forma de entregar ao Senhor a caneta do editor. Sou capaz de me empolgar tanto com meu material — com todos os detalhes e episódios muito interessantes, com a argumentação tão sutil e as ilustrações tão dinâmicas — que não consigo cortar uma simples e preciosa palavra. Quando oro com o sermão diante de mim, revisando cada linha diante do Senhor, ele mostra-me como uma ilustração não está bem alinhada ou como uma

seção detalhada pode ser resumida. Ele ajuda-me a enxergar que algo que escrevi parece lugar-comum ou que estou repisando um assunto que não está à altura do tempo dos ouvintes.

A oração traz arte para meus sermões

O que mais gosto em um sermão é que ele tenha algo de belo — um pouco de poesia, ou cor, ou drama. A oração, por um lado, mantém minha imaginação sob controle para que não obscureça a palavra de Deus com minhas cores espalhafatosas. Por outro lado, percebo que na oração, o Deus Criador colabora comigo! Muitas vezes, apenas quando oro minha mente faz as conexões criativas. O fragmento de uma conversa, um artigo que li em algum lugar, outro texto das Escrituras, algo que vi na televisão — o Senhor conecta duas idéias diferentes, e percebo o que certamente deixaria passar desapercebido.

As vezes, quando estou ali sentado, orando sobre um ponto, conversando com o Senhor, o ponto começa a parecer um turbilhão de idéias seguem duas direções. "E se você contasse sobre o tempo em que...", ele parece soprar no meu ouvido com os olhos brilhando. "E verdade, essa é uma ótima idéia; associe isso com... . Às vezes, esquecemos que Deus não só nos fala a verdade, mas também o faz com imaginação e beleza. Os pregadores podem colaborar com ele nessa obra artística, mas, ao menos para mim, isso não parece acontecer se não oro.

A oração depura o pregador

Às vezes, enquanto passo um sermão em oração, percebo como é espiritualmente perigoso algo que planejei dizer. Lembro de algumas vezes em que só na oração percebi que estava prestes a explodir de frustração. Outras vezes, a oração deixou claro para mim que estava mais empolgado em contar uma ilustração engraçada do que em compartilhar a verdade de Deus. Não faz muito tempo, planejava usar algo tolo que um colega dissera como ilustração quando senti Deus me cutucar e dizer: "Sabe, realmente amo aquele sujeito, mesmo que ele tenha dite algo não muito sábio. Por que não o deixamos fora disso?".

Não gosto de tratar da minha alma, e é provável que não o fizesse muitas vezes se não tivesse de me colocar lá na frente do templo e pregar. Mas simplesmente não ouso pregar sem antes limpar a casa. Digamos apenas que aprendi essa lição do jeito mais difícil. Também peguei algumas dicas com Sansão. Tenho pavor de pensar em demonstrar façanhas de levantamento de peso homilético que fariam 05 filisteus bater em retirada e de decifrar enigmas bíblicos para o deleite dos fiéis, só para descobrir algum domingo que estou de cabelos raspados e cego para a partida do Espírito. A única forma que conheço de evitar isso é orar — sobriamente — pelo meu sermão e por minha alma, confiando que o nosso Deus misericordioso não permitirá que eu seja enganado por alguma Dalila nem seja raspado por algema navalha invisível.

A oração me deixa no ponto para pregar

Você já presenciou alguma vez nos bastidores o clima e a expectativa de algum cantor ou ator momentos antes de entrar no palco? Passos nervosos, olhos bem fechados em concentração, lábios murmurando palavras. Sinto algo parecido conforme o culto de adoração avança para o momento da mensagem. Preciso estar no ponto para pregar bem. A oração me ajuda a chegar lá da maneira correta.

Quando passo um sermão em oração, tento adorar a Deus pelas verdades que aprendi. Com freqüência, descubro ângulos e complexidades que nunca percebera, conceitos e aplicações que nunca considerara. Ficar simplesmente maravilhado diante das verdades em conversa com Deus é como esquentar a refeição. E quando essas verdades abstratas se tornam pessoais, fico animado para pregá-las.

Enquanto buscava ajuda sobre como integrar a oração no meu preparo de sermões, descobri uma tese de doutorado (D. Min.) de Stephen Ratliff, pastor em Manhattan, Kansas. (Todas as citações que usei acima foram extraídas do seu trabalho: "O papel estratégico da oração na pregação", Trinity Evangelical Divinity School, maio de 2002). Gostei muito do seguinte parágrafo de Ratliff:

> As pessoas que têm um conceito elevado das Escrituras não se conformam com uma experiência pobre das Escrituras. [...] Deus não está à procura de pregadores que simplesmente papagueiem as suas verdades. Deus está à procura de pregadores que compartilhem seu amor pelo rebanho de Deus e sua compaixão por ovelhas sem pastor. Visto que só Deus pode gerar essa profundidade de convicção, o pregador deve apelar a Deus conscientemente para receber essa obra da graça.

Capítulo 151

PREPARANDO O MENSAGEIRO

A transmissão da pregação com grande impacto resulta de prepararmos a pessoa, como um todo, para pregar

Gordon Anderson

Em 1986, tive uma série de experiências que revolucionaram a minha pregação. Descobri que a habilidade de ajudar pessoas ou de impulsioná-las depende principalmente do preparo do coração do pregador.

Percebi em mim mesmo que a tendência para o farisaísmo religioso é algo constante, automático. E por isso que preciso respeitar o princípio do maná. Preciso de pão fresco todos os dias, azeite fresco todos os dias, água fresca todos os dias. O pão de ontem é seco e detestável.

Também descobri que é automático que os âmbitos emocional e físico da minha pessoa estejam em grande parte isolados do Espírito Santo por causa das ativi-

dades e da correria da vida. Começo com essa pressuposição em contraposição com a idéia de que estou sempre "no Espírito", a não ser que faça algo realmente mau.

Por todas essas razões, preciso preparar o mensageiro tanto quanto preparo a mensagem. Minha filosofia de preparo do mensageiro fundamenta-se na natureza da pessoa humana. A Bíblia fala de amarmos a Deus de todo nosso coração, alma, mente e forças. Assim, vejo quatro partes da minha pessoa que preciso preparar antes de pregar: meu corpo físico, minhas emoções, minha vontade e meu intelecto. O ser humano é uma combinação de todos esses aspectos.

Antes de pregar, preciso prover tempo e oportunidades suficientes para Deus tocar cada elemento da minha constituição pessoal: mente, emoções, corpo e vontade. O preparo da mensagem constitui-se principalmente do trabalho exegético, teológico e homilético. Mas preparar os elementos físico, emocional e volitivo do mensageiro também é necessário para que o sermão esteja realmente pronto.

Se, por exemplo, não permito que minhas emoções sejam tocadas pela mensagem a ponto de se expressarem em risadas, lágrimas, raiva, então ainda não permiti que a mensagem interagisse com toda a minha pessoa. A mensagem é mais do que um conjunto de verdades. A idéia de que a pregação é apenas uma distribuição de idéias é um conceito ocidental da comunicação. A pregação é muito mais do que uma experiência cognitiva.

Meu ponto de partida em relação a mim mesmo é que, em geral, não estou ouvindo, sentindo ou andando de acordo com o Espírito. Preciso "entrar no Espírito", isto é, permitir que toda a minha constituição pessoal humana seja impactada pelo Espírito de Deus. Isso significa que minhas emoções precisam ser tocadas de tal forma que eu tenha sentimentos vigorosos em relação à mensagem a ser pregada. Significa submeter a minha vontade à Palavra de Deus. E significa também a expressão física e o entusiasmo da adoração. O trabalho de preparo do mensageiro serve para permitir que o Espírito Santo toque tudo isso. A corda que liga o coração do ouvinte ao trono de Deus passa pelo coração do pastor, não por sua mente.

Pratico algumas disciplinas no processo de preparo para entrar no Espírito. Depois que a mensagem está pronta, em geral, reservo duas horas para permitir que o Espírito toque o mensageiro.

Você precisa pegar fogo antes de pregar fogo. Você não pode dar o que não tem

Capítulo 152

ARREBATADO PELA PRESENÇA COMPANHEIRA

Uma entrevista com BillHybels sobre como ele experimenta o Espírito Santo no preparo e transmissão de um sermão

Bill Hybels

Conte alguma história de uma época extraordinária em que você sentiu que estava pregando no poder do Espírito Santo.

Para mim, ser conduzido pelo Espírito Santo na pregação, com freqüência, é uma experiência mais comovente quando estou preparando o sermão do que quando estou no púlpito pregando-o.

Lembro de uma vez, há pouco tempo, em que estava em um barco ancorado. Tinha orado e estudado o texto, e, aí, as idéias começaram a fluir. Peguei caneta e papel e escrevi tão rápido quanto minhas mãos conseguiam durante, mais ou menos, uma hora e meia. Em uma tacada, elaborei a mensagem inteira, ajoelhei-me no convés do barco e disse: *O maior milagre deste sermão já aconteceu.* Esse é um dom que não mereci — o dom espiritual da pregação e do ensino que me foi confiado — e, naquela tarde, o Espírito Santo energizou esse dom. O fato de, naquela tarde, ter funcionado de forma tão misteriosa e sobrenatural ainda me deixa estupefato.

Você já pensou por que, às vezes, ocorre essa sensação de uma inspiração maior?

Uma porção de homens e mulheres consegue ler um texto, formular algumas idéias e falar como que do lugar mais elevado de sua mente, mas em trinta anos nunca consegui fazer isso. No meu caso, o maior milagre ocorre na sala de estudos, e não na pregação do sermão. No meu caso, em geral, a transmissão da mensagem é menos mística ou sobrenatural.

0 que lhe indica que está pregando no poder do Espírito?

Surgem idéias na minha mente que sei que foram depositadas lá por um poder diferente da minha capacidade. Às vezes, estou lendo um texto e sou impelido pelo Espírito Santo: *Apegue-se a este texto, Bill. Leia-o de novo. Leia-o mais lentamente.* E enquanto estou ruminando o texto, lendo e relendo, é como se algo saltasse da página ou caísse do céu e cruzasse a minha mente. Surge uma idéia que logo tento pôr no papel, e essa idéia conduz à seguinte e a mais uma. Quando mais e mais idéias começam a fluir, sei que isso não é só obra da carne. Não sou tão bom assim. Isso é sobrenatural.

Uma forma de saber que você tem o dom da pregação e do ensino é quando ocorre essa dinâmica sobrenatural, e você aprende a seguir a torrente. Você aprende a preparar seu coração para essa torrente e a captá-la quando surge.

O que você teve de desaprender nesse processo, coisas que você esperava que acontecessem quando pregasse no poder do Espírito, mas que talvez não aconteceram?

Certamente tive de desaprender a idéia de que o preparo sempre seria fácil, como se você se sentasse, Deus aparecesse e sempre houvesse essa torrente misteriosa.

Como a sua experiência no barco.

Sim. Essa ocasião veio à mente de forma tão vivida provavelmente por ser algo tão incomum. Em geral, tenho de investir muito mais na pesquisa e no preparo do meu espírito. Faço progresso- em incrementos de trinta minutos. Meu assistente administrativo pode confirmar para você que a minha sala no escritório da igreja mais parece um consultório de dentista do que o lugar de uma grande revelação artística.

Então temos aí uma fábrica, não a sede de uma sinfonia?

Com certeza. Meu preparo semanal, em geral, é muito custoso e exige mais disciplina do que achava que seria necessária quando iniciei meu ministério ha algumas décadas. Uma vez que se acostuma com isso, você entra na rotina. Essa se torna a regra, e você fica muito agradecido a Deus quando, às vezes, o processo flui de forma mais dinâmica que isso.

Quando pensamos em pregar no Espírito, muitas vezes, usamos metáforas impessoais como vento, fogo ou poder. Que tipo de aspectos pessoais e relacionais de pregar no Espírito você vivenciou?

Às vezes, quando estou no púlpito, faço contato visual com alguém no auditório que está passando naquele exato momento por aquilo de que estou falando. Quando seus olhos cruzam com os olhos de alguém que está no ponto em que tem de tomar uma decisão, essa é uma experiência muito forte. O Espírito pode fazer conexões na multidão das quais você não tinha consciência. Penso que isso é sobrenatural.

Com relação ao Espírito Santo, os termos presença ou presença manifesta expressam de fato o que você experimenta?

Menciono uma presença companheira. Quando me rendo da melhor maneira que posso ao mover do Espírito, é como se tivesse a percepção de uma presença companheira do Espírito dizendo: *Você está acertando em cheio, Bill. Você está dizendo isso exatamente da forma que lhe transmiti. Você está sendo fiel a si mesmo, fiel à*

Palavra, fiel à minha condução. Continue assim. E isso aí ! E quando sinto isso é como se o tempo parasse, e você pensa: *Como é fantástico fazer exatamente isso agora!*

E claro que há momentos em que, por alguma razão — e esse é um tópico totalmente diferente — não sinto essa presença companheira de forma tão intensa. As vezes, fico acordado de noite encafifado com isso. Provavelmente jamais saberei por que sinto isso de forma tão intensa algumas vezes, e não tanto em outras. Mas é algo muito precioso quando acontece.

Você descreveria essa sensação da presença companheira de Deus como algo raro ou freqüente?

Digo que é freqüente. Mas repito, se você leva uma vida consagrada, se tem o dom da pregação e do ensino e se entrega continuamente tudo isso a Deus, esse é um dos sinais de que você está no lugar certo fazendo a coisa certa pelas razões certas.

Se você está fazendo algo no Reino e raramente sente isso, consideraria que isso é uma luz vermelha. Alguma coisa precisa ser repensada. Você está usando o dom certo? Você o está usando da maneira correta? Pelas razões corretas? No tempo certo? No contexto adequado? Se não sentisse isso com regularidade, seria um problema para mim.

As Escrituras retratam dois lados da nossa experiência com o Espírito. Efésios 5.18 diz: "Deixem-se encher pelo Espírito"; e Efésios 6.18 diz: "Orem no Espírito", sugerindo que há coisas que podemos fazer que nos põem em um lugar em que o Espírito de Deus pode se manifestar por nosso intermédio. Mas também Jesus diz: "O vento sopra onde quer" (Jo 3.8). Que observações você faz sobre isso?

Os textos indicam que devemos fazer o que podemos a fim de nos preparar para a obra do Espírito no preparo e na transmissão da mensagem. Todos os grandes comunicadores que conheço poderiam lhe contar como eles "entram na área". Michael Jordán tinha um método rigoroso que cumpria antes de todo jogo importante a fim de se preparar para atingir o seu melhor.

Isso me fascina. Quando estou com outros palestrantes, pergunto: "O que você faz para entrar na área de preparo? Como você ora? Quando você se prepara? Você se prepara sempre no mesmo lugar? Você ouve música? Como você se prepara pessoalmente logo antes de pregar a mensagem?". Grandes comunicadores sabem dizer precisamente como aumentam a probabilidade de o Espírito agir de forma intensa em sua vida.

Depois de fazer tudo isso, aí o Espírito sopra onde quer. Às vezes, ele sopra mais forte do que em outras. Só posso fazer a parte que depende de mim. Posso jejuar, orar, ajoelhar-me diante de Deus e convidar outros a orarem comigo. Algumas vezes, as mensagens sobem a 5.000 metros, às vezes, a 8.000 metros e, às vezes, a 10.000 metros de altura. Não sei por que há essas diferenças de altitude.

O que você aprendeu da Bíblia e da experiência acerca de pregar no poder do Espirito?

O que aprendi tem muito que ver com coragem. Observe os grandes sermões pregados na Bíblia. Em Josué 24, Josué está diante do povo e diz: "Escolham hoje o que vocês vão fazer. Aqui está o que eu vou fazer". Em Atos 2, Pedro levanta-se e diz: "Aqui está o que vocês fizeram àquele que foi enviado da parte de Deus".

A pregação inclui uma enorme dose de coragem. Você precisa estar disposto a sofrer pressão e suportar a reação das pessoas se quer dizer as palavras que Deus lhe deu para dizer no Espírito em que ele ordenou pregar. Na minha experiência, as mensagens que repercutiram mais intensamente na igreja em Willow Creek e as que foram muitíssimo usadas nos congressos foram as mensagens das quais, na hora de subir ao púlpito com joelhos trêmulos, pensei: *Não tem jeito de conseguir dizer essas palavras a essas pessoas.* E Deus diz: *Vamos nessa,* e você fala as palavras. Na hora, você sente-se só e precisa morrer para a reação da platéia, sabendo que esses ouvintes provavelmente não levarão mais sua foto na carteira. Mas você sabe: *Isso é exatamente o que Deus queria que eu dissesse.* Esse é um processo depurador, muitíssimo espiritual e que molda profundamente o caráter.

Há alguma outra coisa que se destaque como parte integral da pregação no poder do Espírito?

A autenticidade. Na minha opinião, um dos motivos da decadência na pregação clássica é a falta de disposição dos pregadores de demonstrar como praticam seu sermão em sua vida pessoal. As pessoas ouvem e observam a grande eloqüência do pregador e pensam: *E impossível que ele viva isso tão bem quanto fala. Isso e inacreditável.*

Preciso estar sensível a isso na minha pregação. Preciso dimensionar corretamente meu histórico pessoal. Se faço uma declaração muito forte, preciso dizer em seguida: "Bem, se você está perguntando aos seus botões: *Será que ele vive isso tão bem quanto prega.?,* só posso dizer que gostaria de fazê-lo. E um grande desejo do meu coração. Estou pedindo a Deus que me ajude nisso. Mas, no meu caso, isso não está uma maravilha, e se no seu também não está, estou em boa companhia. Mas precisamos pôr isso como uma meta. Essa é a forma que Deus precisa trabalhar na nossa vida. Esses são os compromissos que precisamos assumir e honrar".

A coragem e a autenticidade são pontos fortes e andam lado a lado na boa pregação.

Em 2Coríntios 12.7-10, Paulo fala a respeito do poder de Deus que estava sobre ele quando era fraco. O que você vivenciou em relação a isso?

Alguns de meus melhores sermões foram pregados em épocas em que estava desesperado. Uma mensagem que provavelmente já preguei quinhentas vezes em todo o mundo me veio nas favelas de Soweto, na África do Sul, quando fui con-

vidado a pregar a milhares de pessoas analfabetas sobre a natureza da igreja de Jesus Cristo. Concluí que essa seria uma tarefa impossível. Como poderia transmitir teologia complexa a um grupo grande de pessoas simples e sem formação que provavelmente nunca viram o que pediam que eu lhes descrevesse?

Acordei às 4 horas e orei: "Deus, vou ficar nessa humilde posição de joelhos até que o Senhor me transmita uma maneira de falar sobre a sua igreja que esse povo possa compreender". Consegui elaborar uma mensagem singular, para isso, trouxe pessoas para o altar e as pus em diferentes posições para transmitir aos ouvintes alguns retratos da igreja. Naquele dia, quando preguei aquele sermão sabia que tinha a presença companheira comigo. As pessoas entenderam a mensagem. Ela transformou a compreensão que tinham da igreja. Aquela mensagem nasceu em uma situação de desespero em que, se Deus não tivesse agido, eu estaria perdido.

Capítulo 153

A DIFÍCIL TAREFA DA ILUMINAÇÃO

Por que, às vezes, parece tão difícil ouvir o Espírito no texto?

Lee Eclov

Sempre suspeitei que há outros pregadores — homens e mulheres melhores do que eu — que se sentam à escravinha para estudar na preparação para o sermão, e o Espírito Santo, de maneira invisível do outro lado da escrivaninha, puxa uma cadeira e se inclina para a frente, todo solícito. O pregador começa a estudar de forma esforçada e sincera. Então ele olha para o Espírito, uma sombra invisível, do outro lado da escrivaninha, e diz: "Fale, Senhor, porque o seu servo está ouvindo". E — buum — com um espasmo o pastor começa a escrever o mais rápido que pode — o sermão praticamente salta de sua caneta, completo, com um esboço claro, idéias transformadoras e ilustrações comoventes. A seguir, o pregador inclina-se para trás, suspira, enxuga as lágrimas dos olhos e vai para casa jantar, armado e preparado. E o Espírito sorri.

Bem, no meu caso a história é totalmente diferente. Se não soubesse como são as coisas, às vezes, acharia que, em algum momento da tarde de sexta-feira, o Espírito Santo fica coçando a cabeça em um canto e diz um pouco apressado: "Bem, como estão as coisas por aqui?", como um supervisor que tem empregados demais para acompanhar. Antes que eu consiga levantar os meus olhos embaçados e os ombros cansados, ele diz: "Muito bem. Ótimo. Estou feliz por tudo estar nos conformes", e logo se encaminha para a bancada de outro funcionário.

Lógico que sei que não é assim, mas é como me sinto de vez em quando.

Os pregadores do evangelho precisam — precisam — reconhecer o Espírito Santo como sua ajuda e seu poder constantes, mas você já parou para pensar por

que o preparo é tão duro, tão lento, tão exaustivo? Considerando que estamos em uma parceria com Deus, parece que tudo deveria acontecer com um pouco mais de facilidade. Afinal, Deus criou tudo apenas com a palavra. Ele não poderia nos dar um alívio no preparo dos sermões?

Recepção truncada

A dificuldade no preparo está garantida, logicamente, se nosso coração não está em sintonia com Deus. Não há dúvida de que podemos ser como um telefone celular quando a bateria está no fim. A voz do outro lado sempre fica truncada. O salmista diz: "Se eu acalentasse o pecado no coração, o Senhor não me ouviria" (SI 66.18). Digo-lhe mais uma coisa: o Senhor não só não ouve quando acalentamos o pecado, mas também não fala muito. A sala de estudo do pastor pode ser dominada por um silêncio sinistro e agourento se houver pecado no ar.

Mesmo depois de acertar as coisas com o Pai, percebo que o preparo, com freqüência, é mais difícil depois de um tempo de rebeldia. É quase como se os meus receptores tivessem ficado embotados pelo pecado. É como se com meu pecado — como em um rádio — tivesse tirado Deus de sintonia e começado a ouvir alguma outra voz e, depois, fica difícil sintonizar a estação de novo. Suspeito que simplesmente Deus diminuiu um pouco o volume, talvez para me lembrar do corte de cabelo de Sansão e me fazer sentir aquele gostinho terrível de fraqueza que sentiria se ele realmente silenciasse. A mensagem acaba vindo, mas com grande dificuldade e com o sombrio lembrete: "Você não quer fazer esse trabalho sem a minha ajuda, quer?".

Fazendo a prospecção

Há muitos momentos, contudo, em que nem pecado nem apatia espiritual parecem ser o problema. É aí que a luta do estudo e do preparo realmente me deixa perplexo. Você lembra da promessa de Jesus em Lucas 12.11,12? "Quando vocês forem levados às sinagogas e diante dos governantes e das autoridades, não se preocupem com a forma pela qual se defenderão, ou com o que dirão, pois naquela hora o Espírito Santo lhes ensinará o que deverão dizer". Todo cristão que está na linha de frente da vida passa por momentos nos quais, ao se posicionar a favor de Cristo, as palavras certas simplesmente surgem — sem preparo algum.

Por que não pode ser assim quando pregamos? Talvez você seja um daqueles pregadores que em um certo domingo subiu ao púlpito para dizer: "Tinha outra mensagem preparada para hoje, mas o Senhor me deu este sermão no caminho para o culto de hoje". Mas isso nunca aconteceu comigo. Nem uma única vez. Acho que todo sermão foi trabalho árduo.

Mas como fui enriquecido ao ter de escavar! Às vezes, sinto-me como um daqueles exploradores lendários de Sierra Madre (no nosso caso, Serra Pelada empoeirados e acinzentados, com as calças remendadas por causa da pobreza, ma:

com uma bolsinha secreta de ouro escondida no fundo da minha alma como resultado de todas aquelas duras horas de escavação nas Escrituras. Parece que houve centenas de vezes que, quando já cansado de tanto trabalho árduo da preparação, pedi ao Senhor que me deixasse parar, ir para casa. Às vezes, ele faz isso. Mas na maioria das vezes, é como se Deus me dissesse: "Há um tesouro esperando por você! Cave e raspe um pouco mais, e você ficará feliz por fazê-lo. Há ouro escondido aí".

Você pode me ouvir agora?

Gostaria que houvesse um disque-ajuda para o preparo de sermões. Eu me empenharia em preparar o sermão até que empacasse em algum ponto. Aí, só discaria o número. "Sim, alô. E o Espírito Santo? Ah, ótimo. Só uma perguntinha rápida: não estou conseguindo desenvolver um bom esboço do capítulo 12. O que você sugere? E aproveitando a ligação, o que devo fazer com o quiasmo dos versículos 3 e 4? Ah, e mais uma coisa, você tem aí alguma boa história sobre reis humildes?".

Geralmente isso não funciona, é óbvio, mas tenho aprendido a reconhecer a ajuda do Espírito Santo de outras maneiras.

Conta-se que quando Arquimedes, sentado no interior de sua banheira, descobriu o princípio do deslocamento, saiu dali aos saltos e correu nu pela rua, gritando: "Eureka!". A descoberta fortalece todo bom estudante, mas quando estudamos as Escrituras, o salto da descoberta se torna a cabeça curvada em adoração.

Há pouco tempo, por exemplo, refleti sobre a afirmação de Jesus ao homem paralítico: "Filho, os seus pecados estão perdoados" (Mc 2.5). A seguir, Jesus disse que o perdão, em comparação com a cura, era um milagre muito mais difícil. O que isso quer dizer? Fiquei pensando. Vasculhei mentalmente meus arquivos de estudo bíblico e de treinamento teológico e comecei a enumerar todas as coisas que o perdão de Jesus inclui. Tenho certeza de que, naquele momento, o Espírito Santo estava esclarecendo o meu pensamento, mas o processo mental era o de qualquer bom estudante. À medida que as verdades começaram a se alinhar, meu coração encheu-se de admiração, e meu sermão acumulou energia — meu "Eureka!" se tornou Aleluia!". Todo estudante conhece o grito, mas só o Espírito Santo fornece a melodia.

Outra evidência semelhante da ação do Espírito Santo ocorre quando sou nutrido pelo texto das Escrituras que estou estudando. Quem a não ser os amantes das Escrituras consegue entender como a Bíblia nos alimenta? Conforme as horas de estudo passam, apesar da mente e do corpo exaustos, há uma sensação de ser alimentado, fortalecido. Às vezes, penso nisso como no espinafre do Popeye. Essa habilidade de digerir as Escrituras, de percebê-la como o pulsar do sangue em meu coração, de perceber a sabedoria se formando em minha mente — é um sinal ieguro da alimentação provida pelo Espírito.

Outra forma em que o Espírito Santo trabalha: li a respeito do perigo que as espaçonaves correm de perder o equilíbrio — de começar a oscilar e sair de controle. Corro esse risco no preparo do sermão. Quando estou com raiva corro o risco de oscilar e perder o controle com o desejo de "dar uma surra mental neles". Quando estou cansado ou pessimista, corro o risco de oscilar e cortar caminho. Nesses momentos, o Espírito Santo é como aqueles complexos giroscopios que impedem que os satélites oscilem e saiam de controle. Ele ajuda-me a esfriar a cabeça, a verificar minhas palavras, a perseverar, a orar, a verificar o meu coração para que não entre quebrando tudo no culto de domingo.

Costumava encontrar um sujeito chamado Mike na confeitaria. Nós nos conhecemos por meio de palavras cruzadas. Ele descobriu que eu tinha loucura por terminar as últimas poucas palavras que ele não conseguia descobrir. Ele disse que era o iniciador, e eu o "Analizador". Isso é o que o Espírito Santo faz por nós todos aos domingos. Preenchi todas as lacunas que consegui e apaguei muitas coisas duas ou três vezes, até o papel do sermão ficar transparente. Mas subimos ao púlpito, abrimos a Bíblia, e pregamos um sermão finalizado. Mike sempre balançava a cabeça quando via as últimas respostas certas que eu escrevia na revista. "E lógico" dizia ele, "como é que não pensei nisso?". É assim que geralmente me sinto depois de um sermão. As pessoas me contam como o sermão as ajudou, ou reflito sobre como uma idéia se concretizou exatamente ali diante de Deus e de todo mundo e balanço a cabeça e penso: *Como foi que ele fez isso? Por que não consegui pensar nisso?* Porque sou o iniciador, e o Espírito Santo é o "Finalizador".

Não esqueça com quem você está lidando

Quando temos a sensação de que o Espírito está tornando o preparo muito mais difícil do que o necessário, estamos esquecendo a nossa pneumatologia. Estamos simplesmente esquecendo com quem estamos lidando; ou melhor, quem está lidando conosco.

Às vezes, esquecemos que o Espírito Santo que me ajuda é o mesmo Espírito que deu a Isaías tanto a verdade quanto a linguagem para descrever o conforto e a redenção do Servo sofredor, o mesmo Espírito que inspirou a lei inscrita na pedra por Moisés, a poesia que é a música da alma de Davi, a doutrina tão elaborada de Paulo e as próprias palavras e sermões de Jesus. E, agora, o mesmo Espírito sopra no meu coração e por meu intermédio. Lógico que as minhas palavras não carregam a autoridade das Escrituras, mas o Espírito age comigo para encontrar palavras para a Palavra dele e derramar a verdade dele por meio do meu coração ate que a mensagem de Deus leve um pouco do sabor da minha própria alma. Isso me faz pensar o que ocorreria se ouvisse nem que fosse com um pouco mais de atenção. se orasse e um pouco mais em silêncio!

Às vezes, quando parece que o peso do sermão nos sobrecarrega, nós esquecemos o quanto o Espírito está empenhado no que fazemos. Ele não é um observador passivo nem um supervisor muito ocupado. Ele não passeia pelas fileiras de

pregadores em treinamento como um professor rigoroso e taciturno, olhando por cima dos óculos, verificando se sabemos a matéria. O fato é que ele espera muito mais de nossos sermões que nós.

Sabemos que ele é o próprio autor das Escrituras, por isso, quando as Escrituras são pregadas, ele empenha-se muitíssimo nisso. Ele conhece cada nuança da teologia e sabe exatamente quanto cada palavra e cada metáfora podem ser mais abrangentes. Ele também quer saber se estou disposto a cavar e a ouvir ao mesmo tempo. Ele também me dirá se estou tentando extrair mais de um texto do que Deus tem em mente, ou menos. Nunca tenho de estudar sozinho.

Mas há mais. Ele é o próprio defensor de Cristo que emprega toda sua engenhosidade, autoridade e poder para mostrar a glória de Cristo. Para ele, cada sermão que fazemos é mais uma luz que se lança sobre Cristo. Com certeza, ele nos dará palavras brilhantes e percepções maravilhosas se compartilharmos seu objetivo de evidenciar a Cristo com base no texto diante de nós.

Há ainda mais uma razão para a ajuda dele: o Espírito ama a igreja. Ele é o seu Companheiro e Treinador terreno, seu Ouvidor e Ajudador. Ele derramou todos os tesouros espirituais sobre a noiva de Cristo, e nós somos os que "estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito" (Ef 2.22). Quando desejamos sinceramente alimentar e edificar a igreja de Cristo, o Espírito Santo fica bem próximo de nós.

O preparo do sermão quase sempre é um trabalho difícil. Nossa mente distorcida pelo mundo não capta com facilidade a lógica do Senhor nem os decretos do Rei. Não é comum Deus repousar seus tesouros sobre a nossa escrivaninha. Tampouco é comum ele jogar suas pérolas aos pregadores, precisamos mergulhar atrás delas. Mas não devemos jamais duvidar da solicitude do Espírito Santo em nos ajudar na nossa tarefa. Ele nunca reluta em fazer esse trabalho por nosso intermédio. Quando não queremos nada mais que a clareza das Escrituras, o Espírito é o nosso aliado garantido. Quando ardemos por mostrar a glória de Cristo, o Espírito, com certeza, ampara a nossa tênue luz. E quando ansiamos por preparar um banquete da verdade de Deus diante de seu povo amado ou por proclamar as boas novas aos cegos e perdidos, o Espírito Santo está sempre pronto com palavras e sabedoria, com paixão e pureza, para fazer nosso sermão cintilar .

Capítulo 154

PREGAÇÃO DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO

Como trazer à tona emoções autênticas, tanto suas quanto dos ouvintes

Dan Baty

Há alguns anos, tive a pior experiência de estudo bíblico da minha vida. E não estava na platéia.

Os músicos haviam concluído a parte da adoração no culto, subi sozinho ao altar. Enquanto ajustava o pódio e ordenava minhas anotações, ouvi o farfalhar familiar das Bíblias e cadernos de anotações e o barulho das canetas.

Depois de uma breve introdução, mergulhei na mensagem. De repente, embora meus lábios continuassem se movendo e as palavras estivessem sendo ditas, minhas notas datilografadas e bem ordenadas se desmancharam em grego clássico. Minha mensagem planejada com tanto cuidado não tinha energia alguma. Em pouco tempo, perdi a congregação inteira para a pescaria em bolsas, a espionagem do relógio, as pálpebras pesadas e os sonhos à luz do dia.

Apesar do frio de rachar do inverno, suava a cântaros. Queria morrer!

Ao terminar o sermão, estava tão constrangido que saí furtiva e rapidamente do prédio — e entrei em depressão. No dia seguinte, não queria mostrar a cara no escritório da igreja. Tinha sido um fiasco e temia que tivesse suscitado sérios questionamentos acerca da minha habilidade de ensino.

Por fim, compartilhei minha aflição com um colega pastor. Ele ouviu-me com empatia e ofereceu consolo: "Isso acontece a todos nós".

Isso não me ajudou. Há muito tempo, acreditava que qualquer coisa digna de ser dita merece ser bem dita. Não tinha me saído bem, e isso, na minha mente, era indesculpável.

Onde tinha errado?

Tornando-se real

Depois descobri que o problema com aquela mensagem não foi falta de preparo; antes, tinha negligenciado o preparo em uma área vital.

Durante os últimos quatorze anos, pensei muitas vezes a respeito do assunto. *Como ¿possível que uma mensagem mexa tanto com a alma dos ouvintes, enquanto outra faz com que não parem de se mexer no banco.? Como posso me tornar regidarmente persuasivo a favor de Jesus Cristo?*

Poderíamos enumerar ótimos argumentos a favor de uma série de fatores preparo adequado, por parte do Espírito Santo, tanto do meu coração quanto do coração dos ouvintes, minha caminhada diária com o Senhor e o tempo dedicado ao estudo e ao preparo do sermão. Um fator adicional, no entanto, tem feito a diferença para mim. A vida das pessoas só muda quando o coração delas é tocado e o coração é tocado de forma mais profunda quando o pregador expõe o seu coração.

Em outras palavras, o que as pessoas mais querem e precisam do comunicado: é a autenticidade. Essa não foi uma revelação nova para mim. Tinha lido e ouvido muito sobre "ser real". Mas a autenticidade me parecia uma característica misteriosa, fugidia e com vontade própria. Sem ela, as pessoas fazem comentários bem-educados: "Gostei da sua mensagem"; mas quando há autenticidade, elas dizem: *"Deus* falou ao meu coração hoje de manhã". Gostava dos efeitos da autenticidade, mas não tinha idéia de como expressá-la.

Então uma oportunidade de pregar se tornou o divisor de águas.

Exposição do coração

Em 1986, falei em um congresso para jovens. Tinha me preparado durante meses e estava pregando com grande entusiasmo. Eles ouviam com atenção e faziam anotações, mas o olhar e a postura deles me mostraram que não estavam realmente conectados.

Por isso, fiz uma pausa e pensei na importância que aquele tópico tinha para a vida deles. De repente, fui totalmente tomado pela emoção. Lágrimas espontâneas se formaram e transbordaram dos meus olhos. Isso me pegou de surpresa (não choro com freqüência) e, por alguns minutos, fiquei ali em silêncio, de cabeça baixa. Quando recuperei a compostura, levantei os olhos e fiquei surpreso em ver muitos lenços secando olhos emocionados.

Depois, refleti sobre o que tinha acontecido. *Falei por horas tentando influenciar aquelas pessoas, e elas sentiram-se mais tocadas quando fui incapaz de falar qualquer coisa.*

O que tocou o coração delas não foram minhas lágrimas em si mesmas, mas o fato de lhes dar a oportunidade de olhar através da janela do meu coração. Elas não só ouviram o que eu *pensava,* mas vivenciaram o que *estava sentindo.* Às vezes, as emoções são mais convincentes que a eloqüência. E emoções sinceras expressas *com* eloqüência constituem a persuasão honesta.

As pessoas não querem apenas saber o que penso sobre o assunto, mas também como *me sinto* a respeito dele. Por isso, agora uso a expressão *exposição do coração,* em vez de *autenticidade.* A autenticidade parece passiva; a exposição do coração sugere uma escolha intencional de me revelar. A exposição do coração lembra-me de meu objetivo cada vez que falo: "Não quero apenas revelar meu pensamento e minha teologia, mas também meu coração e minha alma".

O poder da história

Consigo fazer a exposição do coração principalmente por meio da narração de histórias. Deus dá muitas histórias a todos seus líderes e quer que as compartilhemos com o rebanho — não com o coração cheio de orgulho, mas com o desejo genuíno de *modelar* como se responde às promessas e aos mandatos de Deus. Pedro exorta os presbíteros a se tornarem exemplos para o rebanho, e as histórias permitem-me fazer isso. Sempre que estou diante de um grupo, pressuponho que sua pergunta subentendida seja: *Como essa verdade tocou o seu coração e a sua vida, Dan?* Tenho certeza de que respondo a essa pergunta quando ouso me expor.

OUSE pregar

Ousar me expor quer dizer que descrevo a história com detalhes sensoriais, acrescento emoções específicas, revelo por que me sinto dessa forma e explico o que representa.

Descreva a história com detalhes sensoriais

Visto que experimentamos o mundo por meio dos cinco sentidos, quando conto uma história tento permitir à minha platéia enxergar, cheirar, tocar ou experimentar o que há na cena da história. Até histórias fracas melhoram muito quando forneço esses detalhes.

Empreguei os quatro componentes aqui detalhados no começo deste artigo. Na história de abertura, descrevi a cena, permitindo que você ouvisse "o farfalhar familiar das Bíblias e cadernos de anotações e o barulho das canetas". Esses detalhes não são triviais. Por meio deles, transporto a platéia para o ambiente físico da história. Você não precisa usar muitos desses detalhes, mas alguns deles dão vida à história.

Acrescente emoções específicas

Na minha história, eu "queria morrer" e estava tão constrangido que, "no dia seguinte, não queria mostrar a cara no escritório da igreja". Os sentimentos são o denominador comum entre todos nós. Não tenho como objetivo apenas oferecer tópicos relevantes, mas também ser emocionalmente relevante.

Com freqüência, é mais fácil relatar os fatos do tópico do que expor como o tópico afeta o meu coração. Mas toda exposição do coração inclui riscos. A cada vez descubro que consigo me conectar com o coração de meus ouvintes na mesma proporção em que estou disposto a expor o meu coração.

Revele por que se sente dessa forma

Esse é o elemento mais crítico para conseguir se conectar emocionalmente com a platéia. Apenas dizer: "Fiquei constrangido" não provê base suficiente para que minha platéia compartilhe meus sentimentos. Meus ouvintes, para que seu coração seja afetado, precisam ver e se identificar com o que me causou constrangimento.

"Tinha sido um fiasco e temia que tivesse suscitado sérios questionamentos acerca da minha habilidade de ensino". Forneço aos meus ouvintes informações específicas suficientes para que compreendam a profundidade dos meus sentimentos e, assim, possam experimentar essa emoção comigo.

Mesmo quando não sou o sujeito da minha história, concentro-me no que sinto acerca das pessoas e dos eventos da história. Na verdade, a história torna-se a minha história.

Explique o que significa

Esse componente final é o "portanto", a conexão, é o ponto. Aqui, as pessoas pegam a caneta e escrevem. Digo-lhes como podem reagir da sua própria forma a verdade da história.

A mensagem da minha história de abertura é: "Depois descobri que o problema com aquela mensagem não foi falta de preparo; antes, tinha negligenciado c preparo em uma área vital. [...] A vida das pessoas só muda quando o coração delas

é tocado, e o coração é tocado de forma mais profunda quando o pregador expõe o seu coração".

Isso é manipulação? Considero preparo profundo e eficiente. Estou entrando em contato com minhas próprias e genuínas emoções, não representando nem manipulando de forma egoísta as emoções dos outros. A exposição do coração ajuda-me a caminhar entre as pessoas, em vez de flutuar fora do alcance delas. Mostro a elas a vida cristã em ação, como alguém que a vivencia com elas.

Esses componentes podem ser usados com histórias de diferentes intensidades e extensões. As vezes, as histórias tratam de temas sérios como a inveja e a ira, no entanto, muitas vezes, tratam de temas mais leves, de situações engraçadas ou desconfortáveis. Não faço de cada história um drama de estremecer os fundamentos da terra. Meu objetivo é apenas permitir que as histórias me tornem humano.

Independentemente de qual for a minha mensagem, em geral, tenho uma história porque sempre tenho sentimentos acerca do meu tópico. Se não tenho sentimentos fortes acerca de um tópico, não falo sobre ele! Aliás, muitas vezes, quando pergunto a mim mesmo o que realmente sinto acerca de um trecho das Escrituras e por que sinto isso, descubro o núcleo da minha história.

Capítulo 155

IMAGINAÇÃO: O ALIADO NEGLIGENCIADO DO PREGADOR

Quando os ouvintes estão mortos de fome por uma refeição, a criatividade garante que haja mais do que uma simples receita

Warren W. Wiersbe

Poucas falas são tão monótonas como o aviso dos comissários de avião antes do início do vôo. Quando ouço: "Aqui quem fala é Helena, chefe dos comissários de bordo...", relaxo para uma boa soneca ou abro meu livro e começo a ler. Poderia eu mesmo dar esse aviso.

Mas Frank foi diferente. "Meu nome é Frank", disse ele quando decolamos de Detroit, "e este avião vai para Chicago. Se você não está indo para Chicago — bem, agora você está indo para Chicago."

Depois de uma pausa para impressionar, ele continuou: "Por favor, vejam se os seus cintos estão afivelados. Se não estiverem, e eu descobrir, vou prender vocês aos seus assentos de cabeça para baixo". A risada espalhou-se pelo avião.

"Não é permitido fumar a bordo — e vou reforçar, não é permitido fumar nem nos corredores nem nos toaletes. Se pegar alguém fumando em um desses lugares vou cancelar seu direito ao uso do toalete". Rimos com gosto; mas captamos a mensagem.

No fim do vôo, o avião deu alguns solavancos na aterrissagem. Mas Frank estava preparado: "Essa foi nossa aterrissagem no estilo saltitante do coelhinho da

Páscoa na pista do aeroporto O'Hare. O coelhinho diz: 'Bem-vindos a Chicago!'". Praticamente todos os passageiros participaram do aplauso.

Naquela noite de Páscoa, Frank lembrou-me de uma coisa: independentemente da importância da sua mensagem, as pessoas a perderão se não conseguir prender a atenção delas. A informação precisa de imaginação para que haja comunicação. E nenhuma área da comunicação precisa de mais imaginação que a pregação.

Imaginação: amigo ou inimigo?

Sempre que menciono a *imaginação* em uma aula de homilética ou em um seminário sobre pregação, as pessoas me encaram como se tivesse negado o nascimento virginal ou a responsabilidade da igreja de pagar o salário de seu pastor. O fato de interpretarmos mal a imaginação é uma das razões por que a negligenciamos As pessoas tendem a confundir *imaginação* com,*fantasia* ou com *imaginario.* Estamos tão vinculados à fé histórica que queremos defendê-la de qualquer coisa inventada pelos seres humanos. Para a maioria das pessoas, a *imagmaçao* pertence aos irmãos Grimm, a Walt Disney, aTolkien e às crianças pequenas que nao tem amigos para brincar.

Mas imaginação e fantasia não são a mesma coisa. A fantasia ajuda a escapar da realidade, ao passo que a imaginação me ajuda a penetrar na realidade e a compreendê-la melhor. A fantasia inventou a história do chapeuzinho vermelho: mas a imaginação inspirada escreveu o Salmo 23. A fantasia cria um novo mundo para você; a imaginação lhe dá novas percepções acerca do velho mundo.

Grandes pregadores, em sua maioria, valorizam a imaginação como um aliado Alexander Whyte chamou-a de "nada menos que o mais nobre atributo intelectual da mente humana". Ele até sentia que a imaginação era mais forte do que a vontade e podia ser usada para alcançar a vontade. O pregador cego George Matheson valorizava a imaginação como "a mais elevada capacidade do homem

Ouça o testemunho de Henry Ward Beecher na primeira série das Conferencias de Yale acerca da pregação: "Talvez isso o surpreenda, mas o primeiro elemento do qual sua pregação depende muitíssimo para alcançar eficácia e sucesso e a *imaginação,* considero-a o elemento mais importante na formação de um pregador".

Mas nossa interpretação equivocada da imaginação não é o único motivo de a negligenciarmos. Outro fator é nossa ênfase no *conteúdo,* e não na *intenção.* Em anos recentes, o pregador tornou-se um conferencista, e o santuário tornou-sc uma sala de aula. O mais importante preparo para se ouvir um sermão não é uma mente afiada nem um coração puro, mas um caderno de anotações e um lapis apontado.

Para que eu não seja mal interpretado, deixe-me tornar bem claro que o sermão deve ter conteúdo bíblico. Mas se isso é tudo que tem, não é um sermão. O

pregador precisa dedicar tempo à exegese, mas apenas dissecar palavras não constrói vidas. Precisamos obedecer às regras da hermenêutica e homilética, mas também precisamos usar nossa imaginação para que os ouvintes obtenham algo além do que uma simples receita quando estão mortos de fome por uma refeição.

Há épocas em que a pregação precisa destacar apenas o conteúdo doutrinário. Tudo bem; mas mesmo nesse caso, que o pregador use de imaginação na apresentação do seu material. Creio na atuação imediata da pregação. Creio que Deus quer que algo aconteça no coração das pessoas, *enquanto o pregador transmite a Palavra de Deus.* Pode até haver espaço para voltar a fita ou rever as anotações no caderno, mas essas coisas nunca podem substituir o impacto imediato da Palavra no momento em que o sermão é pregado. Embora não concorde com a teologia de Harry Emerson Fosdick, sua filosofia de pregação era excelente: "O propósito da pregação não é a explicação de um tópico, mas a realização de um objetivo".

Foi feliz quem disse que a mente humana não é uma sala de debates, mas uma galeria de quadros. O profeta Nata não foi tratar com Davi como se desse uma aula, repleta de gráficos, sobre os sacrifícios levíticos. Ele contou ao rei a história de uma ovelha roubada e, com isso, atingiu o coração do rei. Nicodemos queria informações sobre Jesus e seus milagres, mas o Senhor usou a imaginação e conversou com ele sobre o nascimento. A mulher samaritana tentou uma discussão sobre doutrinas religiosas conflitantes, mas Jesus insistiu em conversar com ela sobre sua sede e a água da vida que vem de Deus.

Talvez a maior causa do declínio da imaginação na pregação esteja exatamente aí: esquecemos que a Bíblia é um livro imaginativo. Ela contém todos os tipos de literatura, desde cânticos fúnebres, passando por poemas, epigramas, parábolas, alegorias e indo até símbolos criativos que, há séculos, prendem a atenção de poetas, artistas e compositores. Por alguma razão, nossas convicções acerca da inspiração e inerrância nos privaram de um livro vivo, um livro que pulsa de emoção e transborda riqueza. Em vez de mergulharmos no gênero literário do texto, tratamos todos os textos de forma igual. Os poemas de Davi soam aos nossos ouvidos da mesma maneira que os argumentos de Paulo, e as parábolas do nosso Senhor, como as genealogías de Moisés. Que vergonha para nós!

Deixe-me sugerir um último motivo para essa negligência da imaginação: Pregadores demais negam-se a ser eles mesmos e, em vez disso, imitam os livros e as gravações de pastores mais conhecidos. Por medo de ser você mesmo? Deus fez você como é e quer que transmita a mensagem dele do *seu* jeito. A imaginação conduz à originalidade, e a originalidade conduz à diversidade, ao poder e ao entusiasmo.

O que a imaginação é capaz de fazer?

Para começar, a imaginação pode nos ajudar a compreender e a interpretar a Palavra de Deus. A imaginação é essencial para a ciência da hermenêutica, como

também o são o léxico e a Bíblia interlinear. Certa vez, perguntei a D. Martin Lloyd-Jones se tinha alguma dificuldade para pregar textos que não fossem de Paulo. Ele respondeu: "As pessoas diziam que eu não faria um bom trabalho com o evangelho de João, porque não foi Paulo que o escreveu. Mas consegui penetrar na mente de João com tanta facilidade quanto penetrei na de Paulo".

Não degradamos as Escrituras quando nos aproximamos das suas páginas com a imaginação santificada. Antes, aceitamos as Escrituras na forma em que nos foram dadas, em símile e metáfora, em parábola e alegoria, em poesia e prosa, em cânticos e provérbios. O pregador que estuda e domina a fundo um livro como *The Language andImagery ofthe Bible [A linguagem e as imagens da Bíblia],* de G. B. Caird (Westminster, 1980), descobre um novo toque tanto na sua hermenêutica quanto na sua homilética.

Enquanto preparava uma mensagem sobre Oséias 14, decidi ler o livro todo de novo e prestar atenção especial nas símiles. Fiquei admirado de ver o profeta, com o coração quebrantado, pintar um quadro após o outro. "Os israelitas são rebeldes como bezerra indomável" (4.16). "Pois serei como um leão para Efraim" (5.14). "[Ele] virá para nós como as chuvas de inverno, como as chuvas de primavera que regam a terra" (6.3). "Seu amor é como a neblina da manhã, como o primeiro orvalho que logo evapora" (6.4). Uma símile após a outra!

Não é de admirar que um dos sermões de maior impacto de Spurgeon fosse sobre Oséias. O título é: "O Sermão Para Todos", e o texto é Oséias 12.10: "Eu mesmo falava aos profetas, dava-lhes muitas visões, e por meio deles falava em parábolas". "Ao me dirigir a vocês nesta manhã", disse Spurgeon, "vou me empenhar em mostrar como todos os dias, e em todas as tarefas que você é chamado a executar, Deus fala com você por meio de comparações". O pregador que questiona o valor da imaginação na pregação deveria estudar esse sermão e, depois, aquietar-se e arrepender-se.

Muitos pregadores tentam usar a imaginação apenas para reconstruir cenas bíblicas, e isso tem seu lugar quando é feito com precisão e perspicácia. Quanto melhor a imaginação do pregador, mais breve a descrição e mais vividos os toques no quadro. Mas não estou encorajando tanto a reconstrução quanto a identificação: entrar no espírito do texto, na mente e no coração do autor e ser fiel ao gênero literário. Seria muito difícil conceber um intérprete tentando compreender Ezequiel 1 ou Isaías 40 sem o uso da imaginação santificada.

A imaginação também ajuda a nos identificarmos com as pessoas e a aplicarmos a Palavra à vida delas. (Se tudo que você quer fazer é explicar um tópico, não precisa se preocupar em satisfazer necessidades.) Halford Luccock escreveu: "Nada é mais central para um ministério genuíno do que sentir e encontrar o caminho para a vida dos outros. [...] A projeção imaginativa da nossa consciência e percepção no interior de outra pessoa é mais do que compaixão, é *empatia* .

A imaginação ajuda você a prever as perguntas e as objeções das pessoas. Ao se pôr no lugar delas, você descobre obstáculos mentais que precisam ser removidos

preconceitos que têm de ser expostos, e objeções que esperam respostas se você quer que o ouvinte receba o material que está apresentando. Mais uma vez, Harry Emerson Fosdick foi o mestre em responder às perguntas dos ouvintes antes mesmo de serem formuladas. Ao ler os sermões dele, você observa frases como: "Algumas pessoas talvez estejam dizendo..."; "Não me entendam mal..."; "Agora, quando alguém diz..."; "'Sem dúvida é verdade', você responde, 'mas e o que fazer então com...'". Frases como essas indicam o preparo com a congregação em mente.

Sua imaginação pode ajudá-lo a apresentar a verdade de uma maneira que estimule a aceitação dela. Spurgeon disse: "Não jogue apenas o grão para as pessoas! Moa-o, faça a farinha, asse um pão com a farinha e fatie-o para as pessoas, também não faz mal passar um pouco de mel".

Embora, com freqüência, tratemos de verdades abstratas, a melhor forma de transmiti-las é encarná-las em figuras e ilustrações. "Você pode até desenvolver definições e explicações muito bem elaboradas", Spurgeon disse aos seus alunos, "e, ainda assim, deixar seus ouvintes no escuro quanto ao sentido; mas uma metáfora precisa e adequada esclarece o sentido de forma maravilhosa".

O que me intriga é que alguns pregadores conseguem tornar a doutrina bíblica tão insípida! Cada uma das palavras doutrinárias essenciais do Novo Testamento faz parte de um quadro extraordinário. *Justificação* pertencia ao tribunal antes de se mudar para o seminário. *Redenção* nasceu no contexto da escravidão grega e romana. A expressão *nascer de novo* era conhecida dos gregos e continha sentidos que iluminariam qualquer sermão atual. O pregador que não estuda as palavras — até mesmo as palavras do vernáculo —priva-se de uma ferramenta muito eficiente rara a transmissão da verdade. Não é por acaso que alguns de nossos melhores pregadores foram estudiosos das palavras, leitores de dicionários, amantes de palavras cruzadas.

Críticos literários lideram o estudo do sentido das metáforas na vida humana. Recomendo os livros do dr. Northrop Frye, em especial, *The EducatedImagination A imaginação instruída*] e *The Great Code: The Bible and Literature [O grande :ódigo: a Bíblia e a literatura*]. Se você quer fazer estudos de pós-graduação com o dr. Frye encare o seu clássico, *Anatomia da crítica* (São Paulo: Cultrix, 1984, 2a. edição). Também recomendo *Metaphor and Reality [Metáfora e realidade*] de Philip Wheelwright, e *Religious Imagination [Imaginação religiosa*] de Robert D. Young. .alvez você já tenha estudado todos eles na faculdade ou no seminário. Não foi o meu caso, assim tive de aprendê-los do jeito mais difícil — ou talvez do jeito mais fácil, agora que vejo como são importantes.

A imaginação capacita você a enxergar o universal no particular, e esse universal, às vezes, está exposto em uma símile ou metáfora. A Bíblia está saturada desse tipo de linguagem. Paulo usou dezenas de diferentes imagens para descrever a igreja (veja Paul S. Minear, *Images ofthe Church in the New Testament [.Imagens da igreja no Novo Testamento*]), e a maioria dessas imagens ainda faz parte do pensamento humano atual.

Precisamos de informação. Caso contrário, nossa pregação não é nada mais que barulho. No entanto, essa informação atinge o coração e a mente do ouvinte com impacto maior se for associada com imaginação.

A pregação é uma arte e também uma ciência. A hermenêutica e a homilética podem nos dar o esqueleto, mas é necessária a imaginação para revestir de carne os ossos. Os cientistas da homilética podem ser bons na autopsia do texto, mas não conseguem ressuscitar mortos. Como, certa vez, Goethe observou: "O artista que não é também um artesão não tem valor algum; mas, infelizmente, a maioria dos nossos artistas não são nada mais que isso!". A imaginação é o que transforma o artesão em um artista.

Isso quer dizer que os pregadores são mais do que organizadores de idéias. Eles não são carpinteiros que pregam e, assim, juntam tábuas aleatórias, a madeira doutrinária flutuante que veio à margem durante seus estudos. Os sermões crescem: eles procedem da semente da Palavra, plantada no coração e no ouvido, nutrida pela meditação e pela oração, cultivada pela imaginação santificada. O sermão é algo vivo que produz fruto, e esse fruto tem em si a semente para mais frutos. Alguns sermões podem ser pregados (ou lidos) sempre de novo, trazendo bênção e abrindo, a cada vez, novos horizontes de idéias.

"O pecado de ser desinteressante", escreveu o bispo Quayle, "é um pecado extremamente mortal no pregador. Não há perdão para ele". Se você quer que sua pregação seja interessante e penetrante, descubra e obtenha o poder da metáfora e o talento da imaginação.

Cultive sua imaginação

As crianças parecem ser imaginativas por natureza. É verdade, a imaginação delas geralmente cai na fantasia, mas nem isso é de todo ruim. Uma vez que você consiga se firmar na realidade, a fantasia e a imaginação conseguem conviver e ate mesmo ajudar uma à outra.

Por que o passar dos anos destrói a imaginação? *Não tenho tanta certeza assim se de fato destrói.* Acredito que seja uma fábula que crianças têm ótima imaginação e os adultos não. Assim, talvez o primeiro passo seja nos livrarmos dessa noção derrotista de que nossa imaginação está morta e não pode ser avivada. Talvez ela esteja só hibernando. O que acontece quando seus netos aparecem? Você pensa em todo o tipo de coisa divertida para fazer! O romancista W. Somerset Maughan escreveu: "A imaginação cresce por meio do exercício e, ao contrário da crença comum, é mais forte nos maduros do que nos jovens".

O pregador, dentre todas as pessoas, é o mais privilegiado quando se trata de desenvolver a imaginação. Para começar, espera-se que ele seja um estudioso, um leitor. *A imaginação precisa ser alimentada.* A mente cresce por meio do que recebe, da mesma forma como o coração cresce por meio do que dá. O pregador que só lê os livros autorizados e nunca encara a verdade em muitas frentes tem dificuldade para desenvolver a imaginação.

Leia muito e leia textos de um amplo espectro, especialmente os clássicos, aos quais o tempo já imprimiu seu selo de aprovação. Leia poesia e histórias para crianças e também história, biografias e teologia. Toda a verdade é a verdade de Deus e (como nos lembrou Phillips Brooks) toda a verdade se entrecorta. Você não consegue encarar a verdade sem obter novas percepções acerca da Bíblia.

Mas a traça de biblioteca que se isola na torre de marfim nunca consegue satisfazer as necessidades das pessoas. A formação é importante, mas a *experiência* também é. O pregador precisa viver! Ele precisa combinar o estudo e a vida, a biblioteca e o mercado. Ele precisa estar entre seu povo, com os publicanos e pecadores e também com os pregadores e santos. Emerson disse: "Se quiser aprender a escrever, é na rua que você aprende. [...] O povo, e não a escola, é a casa do escritor". Substitua a palavra "escritor" por "pregador" e leve isso a sério.

Martinho Lutero costumava dizer que oração, meditação e sofrimento formam o pregador, e ele estava certo. Os sermões não são feitos tanto de livros quanto de batalhas e fardos. Professores de hermenêutica, anotem: alguns dos personagens da Bíblia que mais sofreram nos deram os retratos mais imaginativos de verdades espirituais — Moisés, Davi, Ezequiel, Jeremias, João e Paulo... sem falar do nosso Senhor Jesus Cristo.

Com certeza, uma parte importante da vida é a comunhão criativa com pessoas que vivem de verdade. Todo pregador precisa fazer parte de um "conselho cerebral" em que idéias são discutidas e sistemas são abalados. O ministro que tem toda a verdade guardada e arquivada em cadernos e arquivos precisa de uma comunhão dessas que o ajude a trocar seus pontos por vírgulas e, talvez, alguns de seus pontos de exclamação por pontos de interrogação.

Cultive o senso de humor. Sem dúvida, há exceções, mas, em geral, pessoas criativas têm bom senso de humor. Afinal, já definiram o humorista como a pessoa que consegue enxergar mais do que uma coisa de cada vez — e imaginação é exatamente isso. Se você sabe rir — e sabe por que ri — pode alimentar sua imaginação com humor.

Acima de tudo, recomendo o sentimento como o das crianças de admiração e maravilhamento pela vida. Passe os dias com os olhos e os ouvidos abertos, com a mente curiosa o tempo todo. Cuidado para não chegar a um ponto na vida em que você sente que já aprendeu tudo e já fez tudo. Se você chegar a esse ponto, está entrando em um beco sem saída. "O que é experiência", perguntou o magnata da publicidade Alex Osborn, "a não ser uma imensidão de paralelas em que nossa imaginação pode desenhar?".

Leva tempo para desenvolver uma imaginação criativa, e os pregadores, em sua grande maioria, estão ocupados demais para trabalhar nisso. Pessoas criativas precisam de períodos de incubação e de períodos de investigação. As melhores idéias podem surgir quando você menos espera, desde que tenha feito a lição de casa. Precisamos nos afastar das coisas para enxergá-las com mais clareza.

Isso quer dizer que o pregador muito ocupado que, com freqüência, não pode usar seu tempo como gostaria, precisa reservar períodos de relaxamento e de meditação. Cada pessoa precisa conhecer seu próprio ciclo criativo: quando estudar, quando se afastar da escrivaninha e como fazer o melhor uso de seu tempo livre. Precisamos de pausas em nossa vida. Isso significa estabelecer *prioridades.* Pessoas criativas sabem dizer não.

A imaginação *é* o aliado negligenciado do pregador, esperando para servir se lhe dermos oportunidade. Se estivermos determinados a ser criativos, há um preço a ser pago; mas o preço é maior se não estivermos.

Nossos ouvintes saberão a escolha que fizemos.

Capítulo 156

A PREGAÇÃO QUE ENGRANDECE A DEUS

A questão não é diminuir outros deuses,
mas engrandecer o nosso

Lee Eclov

"Aqueles que acreditam em ídolos inúteis desprezam a misericórdia" (Jn 2.8).

A pregação contra a idolatria já não é o que era antigamente. A idolatria não é menos problemática hoje do que o era nos dias dos ídolos dourados do Antigo Testamento, quando os profetas ralhavam com os adoradores de Baal e Moloque. porque o pecado e os pecadores não mudaram tanto assim. Sem dúvida, ainda ha idolatras de primeira grandeza hoje — os pagãos modernos que, de fato, adoram deuses que engolem seus filhos. Mas raramente pregamos para eles. A maioria daí vezes, falamos a pessoas que crêem no Deus verdadeiro e que confessam a salvação por meio de Cristo. Às vezes, sentimo-nos obrigados a considerá-los Idolatras com / maiúsculo.

Não obstante, quando a idolatria aparece nos nossos textos, com muito cuidado a cercamos com fita amarela do tipo "cena do crime" aquilo que tem a aparência da idolatria comum, mas se parece com "cultura". Tentamos mostrar a televisão e o cartão de crédito como deuses domésticos, e a compulsão pelo trabalho e pelo consumismo como os ídolos de madeira revestidos de ouro que não são substitutos para o "Deus dos exércitos de anjos".

Mas é difícil engolir isso. Se falarmos a verdade, a maioria das pessoas não consegue nem mesmo conceber que suas indulgências grosseiras, seus exageros ("Televisão demais, eu sei") estejam próximos da idolatria bíblica. Afinal, elas não dão a mínima para a adoração, nem os rituais, nem dependem de tais coisas para que chova ou que tenham saúde, muito menos para que tenham céu ou salvação. "Se quiser marcar falta, tudo bem", elas parecem dizer sorrindo para nós enquanto pregamos, "mas idolatria? Sai dessa!" E, francamente, essa situação também é urna saia justa para mim.

Mas a idolatria ainda não acabou, nem mesmo entre o povo de Deus. Mas a nossa maior ameaça talvez não sejam os tolos deuses da televisão ou lazer, do trabalho ou dinheiro, mas o grande Deus — o Senhor Deus Todo-Poderoso, El Shaddai — minimizado. Com certeza, não negamos a grandeza de Deus. Nunca faríamos isso, nem cremos nisso no recôndito mais obscuro de nosso coração. Mas, vezes demais, permitimos que nossa percepção de Deus diminua, como fotografias do Grand Canyon ou um suvenir da miniatura do monte Rushmore (famosa montanha dos Estados Unidos na qual foram esculpidos, em tamanho gigantesco, o rosto de quatro grandes presidentes do país.) que trazemos como lembrança.

"Bem, essa certamente não é a forma que o meu povo ouve acerca de Deus", protestamos. Mas o problema não é que não afirmemos o Deus salvador, o Deus poderoso, o Deus santo. Nossos sermões, com certeza, são muitíssimo ortodoxos; mas, com freqüência, eles simplesmente não são ricos. Deus fica preso, vez após outra, em conchas orais. Em geral, ele fica resumido. Muitos de nossos sermões nos levam ao depósito de madeira, ou ao grande Médico, ou ao monte Nebo em que podemos ver o desenrolar das promessas de Deus diante de nós, mas raramente os sermões se detêm em Deus.

Tornando Deus insípido

O fato triste é este: em nossos sermões, às vezes, tornamos involuntariamente o nosso Deus brilhante, vivido e vital tão insípido, que o retrato pregado mais parece uma figura que nos foi transmitida por um péssimo aparelho de fax.

Uma forma de tornarmos a glória de Deus insossa ocorre quando nos submetemos aos nossos clichês teológicos ao falar dele. Sem dúvida, é difícil sempre encontrar uma linguagem nova para descrever o Senhor e suas obras. Mas quando recorremos a uma linguagem por demais conhecida ("Deus é tão santo"; "Jesus é mais poderoso do que todos"; "Deus é... Deus!"), nossas palavras tornam-se quase que um "ruído sem sentido"; os ouvintes vão para casa sem terem de fato pensado acerca do Senhor. Fazemos o mesmo quando usamos ilustrações previsíveis (o pai que sacrifica o filho na ponte levadiça; Deus no tribunal) ou quando usamos repetidamente nossas metáforas prediletas para Deus, nunca escavando nem suando para desenvolver uma linguagem nova.

Outra maneira de amortecermos o Deus vivo é o recurso ao jargão escolástico e técnico na descrição que fazemos dele. Por exemplo, se quer pregar acerca do grande hino cristológico de Colossenses 1.15-20, o que você fará com a expressão: "Ele é a imagem do Deus invisível"? Com certeza, seria de grande ajuda para seus ouvintes se souberem que a palavra "imagem" é o termo grego correlato de "ícone", e podemos mencionar que Deus é invisível porque é espírito. Explicar e ilustrar essas coisas pode levar as pessoas a balançar a cabeça em concordância, mas não deveria haver mais? No fim de um sermão desses, as pessoas não deveriam querer cantar e orar? Reduzir a nossa mensagem à linguagem de trabalho de faculdade

não faz isso acontecer. No final do sermão, nossos ouvintes estão pensando apenas no almoço ou na janta.

Uma terceira forma de tornarmos nebulosa a glória de Deus é não mostrar como ele está por trás dos textos que não são explícitos acerca dele. Quando gosto de uma peça a que assisto, invariavelmente me interesso pelo dramaturgo que a escreveu. O que dele está embutido na história? O que o estimulou a dar uma fala tão intensa a tal personagem? Muitos textos bíblicos não contêm afirmações explícitas acerca dos atributos de Deus, mas não há nenhum texto que não revele algo maravilhoso acerca de Deus. Não faremos justiça ao texto se não ajudarmos as pessoas a enxergarem que Deus está pronto para agir.

Polindo a lente do holofote

A pregação, com certeza, deve glorificar a Deus. Quando prego, penso em mim mesmo como um operador de holofote. Nosso holofote é a Bíblia. Precisamos apontar o holofote corretamente para não sermos como aqueles amadores que jogam a luz aos solavancos por todo o palco até, por fim, encontrarem a estrela. Devemos saber quando a projeção da luz precisa ser bem aberta para que Deus tenha espaço para se mover pelo palco e quando deve estar com o foco tão estreito que capte cada sílaba do que Deus diz. E é melhor nos assegurarmos de que a lente foi polida para que a luz brilhe com a maior claridade possível. Aqui estão duas formas de polir e focalizar a lente:

(1) O mais importante é extrair do texto tudo que ele pode dizer sobre o Senhor Recentemente, li uma história de mistério sobre um cientista forense que desvendou o desaparecimento de uma pessoa por meio do exame meticuloso de fibras solo e produtos químicos. Ele considerava tudo pistas e fez listas de todas as pistas. lendo as listas repetidas vezes até que revelassem seu segredo. Temos de ter esse tipo de diligência quando buscamos evidências de Deus em um texto. Até mesmo textos que são explícitos em suas afirmações sobre Deus precisam ser examinados para que não percamos os detalhes mais importantes do que está evidente.

Como um cientista forense, quando olhamos a evidência de um texto não queremos apenas coletar todos os detalhes que conseguimos encontrar, mas também saber o que representam. O que o conjunto desses detalhes me diz acerca do nosso Deus? Quando preguei acerca do tabernáculo do Antigo Testamento, dediquei muito tempo pensando no que a mesa com o pão no Santo dos Santos me diz sobre Deus. Quando estudei Colossenses 1.16, pensei muito sobre o que Paulo queria dizer com: "Nele foram criadas todas as coisas". E quando fiz mais um sermão de Natal sobre Lucas 2, levei muito tempo para discernir de que forma a manjedoura era um sinal. Todos esses trechos me revelaram coisas sobre o Senhor que não teria captado se não tivesse tirado do bolso minha lente de aumento de Sherlock Holmes e engatinhado pelo chão do texto em busca de pistas.

(2) Ore por sua própria poesia de louvor. Conforme já observamos, os pregadores não devem descrever a Deus sempre com termos "frios" (acadêmicos,far-

tuais, desapaixonados). Nossa conversa sobre Deus deve ser rica em fatos, mas também calorosa e bela na linguagem.

Sempre que tento em minhas mensagens elaborar um ponto que exalte a Cristo, com freqüência, penso que deveria ter investido tempo para me tornar poeta. Tenho fontes prediletas que consulto em busca de citações de outros que têm propensão para as frases bem elaboradas — os sermões de Charles Spurgeon ou Alexander Maclaren, ou textos escritos por pessoas desse gabarito como Eugene Peterson ou Frederick Buechner. Quando Vanee Havner quis transmitir a idéia de que Cristo é preeminente, encontrou uma nova forma de dizê-lo: "Jesus é tudo que temos; ele é tudo de que precisamos e tudo que queremos. Naufragamos em Deus, encalhamos na onipotência". Fiquei feliz por poder usar as palavras dele.

Mas também aprendi que Deus pode me dar um tipo de poesia na minha própria língua. Lembro quando, anos atrás, procurava a citação mais adequada e senti como se Deus me dissesse: "Escreva a sua própria citação! Vou ajudar você. Você também consegue dizer coisas bonitas". É um trabalho artístico árduo dizer algo sobre o Senhor com palavras bem elaboradas. Não precisa ser floreado nem pomposo demais, apenas a poesia da nossa própria alma. Encontramos a nossa voz de poeta quando nosso coração se apropria de um texto por meio da oração; quando tomamos aquela nova pista que encontramos sobre o Pai, o Salvador ou o Espírito e a consideramos em admiração em nossa oração, como um escoteiro que sopra sobre uma centelha até que surja uma chama brilhante.

"Oh, Deus", orei, "qual é o sentido de conhecer um Salvador que nasceu em uma manjedoura? Por que a manjedoura foi um sinal?". Ao considerar isso em oração, aos poucos, cheguei a estas palavras para meu sermão: "A maioria dos salvadores — libertadores — salvam pelo poder ou pela trapaça. Mas o Salvador de Deus não veio para salvar dessa forma. Ele salvaria de um tipo de fraqueza por meio de um tipo de rendição. Aqui nasceu um Salvador que assumiria até mesmo a forma de servo, que tocaria os nossos marginalizados e comeria com os nossos fracassos, que lavaria nossos pés e se submeteria aos nossos sistemas injustos, que se renderia à morte mais abominável e humilhante. E ele nos salvaria dessa forma! A manjedoura foi o primeiro sinal de um Salvador que nasceria entre animais e morreria entre ladrões" (expressão que tomei emprestada de Darrell Bock, estudioso do Novo Testamento).

Não era grande poesia, mas era a poesia da minha alma, e creio que comoveu as pessoas que me ouviram, porque Deus a tinha soprado e levantado em chamas durante as minhas orações.

Moendo o bezerro de ouro

Quando Moisés descobriu que os israelitas tinham fundido o bezerro de ouro, ele o moeu até que virasse pó e fez com que eles o bebessem como uma poção antiidolatria. Mas ele também lhes mostrou os planos para o tabernáculo para que pudessem ver o péssimo substituto que esse deus-bezerro era de Javé, que queria

fazer sua morada entre eles. *As* vezes, nossa pregação leva-nos a textos que moem novamente o bezerro de ouro e derramam o material com gosto de metal goela abaixo do povo de Deus para que não corram mais atrás desses impostores. Mas as Escrituras, com mais freqüência, combatem a idolatria que sempre está à espreita do povo do Senhor ao desenrolar diante deles a beleza e a graça, a transcendência e a imanência, do nosso Deus Trino.

Preguemos com palavras aquecidas pelo sopro do Espírito, palavras que foram vivificadas recentemente em nossa vida pelas orações. Não podemos deixar que apenas os líderes de louvor e os escritores de canções falem das belas e maravilhosas palavras de vida do Senhor. Os pregadores também precisam ser letristas do Senhor. Esses sermões são os mais práticos e úteis. Porque pessoas que se aproximaram tanto da santidade do Senhor, que tiraram seus sapatos e estão tão próximas da cruz, que receberam de volta seu anel e sua melhor roupa e sandálias são cristãos que estão vivos.

Capítulo 157

QUANDO UM SERMÃO ESTÁ SUFICIENTEMENTE BOM?

Às vezes, você gostaria de ter tido mais tempo para o preparo

Stephen Gregory

O telefone tocou às 10:00 horas de domingo. A essa hora, em geral, já estava na igreja. Mas nessa manhã de domingo, tinha de cuidar do nosso filho doente, enquanto minha esposa dava aula para sua classe da escola dominical. Nosso plano era ela terminar cedo e voltar para casa. Aí, iria correndo para a igreja para o culto da manhã.

O telefonema era de um dos nossos líderes na igreja. "Steve, o superintendente distrital acabou de chegar. Ele disse que estava na região e queria adorar conosco hoje. Você sabia que ele viria?".

"Não, é claro que não", respondi. "Chego aí em alguns minutos."

Oh, não, pensei. *Que dia horrível para o superintendente distrital aparecer.*

Meus pensamentos voaram para minha mensagem. Tinha alguns receios em relação ao meu sermão. Além do ritmo do domingo ter sido alterado por um filho doente, a semana anterior fora repleta de interrupções, reuniões e a papelada necessária. O tempo que planejara dedicar à sintonia fina do sermão tinha evaporado. Agora, estava prestes a pregar um sermão do tipo "o melhor que consegui com o tempo que tive" com o superintendente sentado no segundo banco da igreja!

Depois do culto, o superintendente fez diversos comentários generosos sobre o culto e a mensagem. Mas descartei mentalmente os comentários, murmurando comigo mesmo: *Por que ele não veio há algumas semanas quando tinha um bov: sermão?*

Depois refleti sobre meus sentimentos e fiz algumas perguntas duras a mim mesmo: *O que é um bom sermão? Como posso pregar com segurança uma mensagem que não tive tempo de lapidar? A quem estou tentando agradar, afinal?*

Os critérios da congregação

No passado, prometi a mim mesmo nunca ser pego sem estar devidamente preparado. *Custe o que custar,* jurei, *farei o melhor.* Assim, na semana seguinte, elaborei meticulosamente minha mensagem, fazendo um trabalho de escavação bíblica que seria aplaudido por meus professores do seminário. Mas isso é um bom sermão? A verdadeira nota não vem do que meus professores pensariam, mas da congregação, e, no fim, de Deus.

Minha congregação julga um sermão com base em dois critérios. *(1) A mensagem é especificamente para eles?* Ser o pastor deles me permite conhecer minha platéia como outros pregadores não poderiam. A congregação quer que esse relacionamento próximo se reflita em minhas palavras.

Tomei consciência disso de maneira dolorosa quando preguei em uma cidade próxima. Usei um sermão que fora bem recebido pela minha igreja. Em um contexto desconhecido, no entanto, foi uma lástima. Minha forma de transmiti-la parecia em ordem, mas a mensagem não se conectou com a platéia. Faltava-lhe o elemento pessoal.

(2) O meu pastorado tem sido de qualidade? Meus ouvintes reagem melhor se ministro a eles pessoalmente. Se estive com uma família que passava por uma crise ou se deixei tudo de lado para fazer uma visita ou dar um telefonema, eles obtêm mais dos meus esforços homiléticos. Se, no entanto, meu cuidado pastoral os desapontou, os ouvidos deles se fecham até mesmo para meus melhores sermões.

Três medidas para saber se o sermão está suficientemente bom

Mesmo que, em geral, o amor da minha congregação suplante meus sermões medíocres, ainda assim, luto com o perfeccionismo. Quando meu esforço menos do que o melhor ainda é suficientemente bom? Estou aprendendo que mesmo nas ocasiões, não freqüentes, nas quais não tive o tempo adequado para o preparo do sermão, ainda posso subir ao púlpito com segurança e consciência limpa se realizei três coisas:

(1) Se fiz meu melhor dentro das limitações a que fui submetido providencialmente. Como a pessoa dos dois talentos na parábola de Jesus, preciso aceitar o que Deus dá — nesse caso, a agenda que Deus permite em uma dada semana. Um pastor só pode ser fiel ao que lhe foi concedido. Mas seja qual for essa quantia de tempo, preciso trabalhar duro.

Quando deixo de enxergar as coisas dessa perspectiva, torno-me ansioso com aqueles que me interrompem. Ao visitar um membro da igreja no hospital, pego-me olhando para o relógio. Mas se aceito o fato de que Deus me dá algumas semanas repletas de cuidado pastoral, em vez de extensa exegese, não preciso lamen-

tar o tempo que passo no hospital. E posso subir ao púlpito em paz, sabendo que investi tanto tempo no meu sermão quanto Deus tinha em seus planos.

(2) Se fui honesto com o texto. Quando o tempo fica apertado, o pregador, às vezes, fica tentado a usar o texto bíblico como trampolim para quaisquer pensamentos aleatórios que quiser transmitir. Um sermão assim não é "suficientemente bom". Raramente tenho tempo para pesquisar todos os aspectos do texto. Mas quase sempre consigo focalizar um aspecto de um texto e o pesquiso e desenvolvo o suficiente para falar com segurança e integridade sobre sua aplicação.

(3) Se previ perguntas dos ouvintes. Mesmo que não consiga tratar de todas as questões, um sermão é "suficientemente bom" se consigo identificar e tratar das questões que são importantes para meu povo.

No meu preparo, com freqüência, uso um método de estudo indutivo e faço muitas perguntas acerca do texto. No processo do meu amadurecimento no ministério, percebi que a congregação, muitas vezes, não faz as mesmas perguntas. As perguntas dos ouvintes estão muito distantes da compreensão acadêmica do texto.

O preparo perfeito de Deus

Minha maior segurança surge quando descanso na soberania e no chamado de Deus.

Certa vez, em uma mensagem sobre a vida no corpo, expliquei que todos temos um ministério de encorajamento e, às vezes, de confronto. Mencionei como. às vezes, as pessoas pedem que faça, como seu pastor, o trabalho "sujo" da correção de um irmão da igreja.

Durante essa parte da mensagem, fiquei angustiado porque meu exemplo parecia não se aplicar a ninguém da congregação. Mais tarde naquele dia, no entanto, uma irmã contou-me que tinha estado prestes a me pedir para falar com outra irmã c: igreja sobre um problema entre as duas. Mais tarde, ela falou sozinha com a outra. e as duas resolveram o problema.

Pregar a Palavra de Deus é trabalho sério, mas é também um trabalho que quero fazer com gosto. Com uma dose de realismo e de reconhecimento da obra soberana de Deus na minha vida e na da minha congregação, fico mais à vontade para levantar e transmitir a Palavra de Deus.

Capítulo 158

EXTRAINDO O MÁXIMO DO SEU COMPUTADOR

Não consigo me imaginar pregando sem meu programa eletrônico de pesquisa e de orientação homilética

Richard Doebler

Nossa cultura rendeu-se de tal forma à tecnologia que os computadores desempenham um papel fundamental e sempre crescente no meu ministério, em especial, na minha pregação.

Já consigo ouvir os céticos: "Deus não concede sua unção por meio de um processador Pentium". Algo tão ostensivamente material não parece nada espiritual. Se ficar por demais absorto no meu PowerPoint, posso negligenciar o poder de Deus?

Sim, é verdade. Os computadores podem empobrecer minha alma enquanto melhoram minha imagem. Preciso me lembrar sempre que melhores programas de computador não me ajudam a pregar com mais poder nem com convicções mais fortes. A magia eletrônica não substitui os dons espirituais. A Microsoft não abre as janelas (Aqui, o autor faz um jogo de palavras com "windows", "janelas", em inglês.) do céu. Em resumo, os computadores não podem substituir os fundamentos do ministério — o coração entregue a Deus, as disciplinas espirituais, integridade pessoal e profissional e o estudo diligente.

No entanto, apesar dos riscos, continuo comprometido em usar a tecnologia no ministério. Os computadores fizeram duas coisas pelos meus sermões: (1) melhoraram meus métodos de estudo e de preparo; e (2) lapidaram minhas técnicas de transmissão do sermão.

Estudo turbinado

Ainda uso meus livros, mas a tecnologia acelerou meu estudo e diminuiu meu tempo de preparo.

Melhor pesquisa bíblica

Todos usam os *softwares* bíblicos de maneira diferente. Alguns se concentram nos estudos das línguas originais, o grego e o hebraico. Outros usam comentários em CDs, enormes bibliotecas comprimidas em pequenos espaços. Uso o *software* de Bíblia de maneira simples e prática, principalmente para comparar versões. O *software* oferece-me doze, dezesseis ou mais versões lado a lado. Meus livros também podem oferecer isso, mas só com uma escrivaninha do tamanho de uma mesa de pingue-pongue.

Os *softiuares* realizam buscas, como uma concordância, para encontrar tópicos ou palavras, só que com mais rapidez e de forma mais abrangente. Posso imprimir versículos contendo uma determinada palavra, ou diversas palavras, ou uma expressão específica, ou copiar e colar versículos no meu sermão no processador de texto.

Melhores ilustrações de sermão

Assino alguns serviços de Internet que oferecem coletâneas de ilustrações. É quase como ter um assistente de pesquisa coletando e organizando histórias. Posso pesquisar uma determinada palavra ou tópico em uma enorme base de dados e ler histórias e citações contemporâneas, ou coletar itens históricos, ou anedotas.

A única desvantagem que encontrei até agora é o excesso de informações. Ocasionalmente, chego a coletar cinqüenta páginas de histórias (em sua maioria) relevantes para um único sermão. Tive de estabelecer limites, se não poderia gastar mais tempo do que nunca no preparo de sermões.

Melhor pesquisa geral

Se um programa de notícias de uma rede cita um fato que quero usar na mensagem, em geral, posso obter a exata citação por meio dos arquivos das notícias ou dos serviços de transcrição disponíveis na Internet. A Internet oferece acesso rápido a informações que, de outra forma, permaneceriam obscuras. Certo sábado, já tarde da noite, dei-me conta de que uma leitura que tinha feito havia vinte anos seria ideal para o meu sermão. Na manhã seguinte, fiz uma pesquisa rápida e encontrei: "One Solitary Life" *[Uma vida solitária}.*

Melhor arquivamento

Costumava coletar ilustrações em cadernos e pastas de arquivo. Não faço mais isso. Agora, salvo-as em arquivos de computador. Isso funciona melhor para mim porque lembro de história com mais facilidade por um nome ou um detalhe do que por tópicos. Não lembrarei se a arquivei sob o título "perseverança", ou "persistência", ou "paciência", ou algo diferente. Se lembro que uma história era sobre Frederico, o Grande, deixo o computador fazer a busca.

Arquivo os sermões no disco rígido e tenho facilidade para recorrer a um sermão antigo. Algumas ferramentas fazem a busca de palavras em diretórios específicos ou no disco inteiro. Em outras palavras, não preciso abrir cada pasta individualmente e buscar uma palavra específica. Isso é especialmente útil se quero achar uma história que já usei antes.

Melhores anotações e manuscritos

Se você ainda prefere uma máquina de escrever ou um bloco de papel, não tem problema. Mas rascunhar e editar notas de sermão no computador funciona melhor para mim.

Transmissão incrementada

Quando é hora de levantar e pregar, nada pode substituir a unção divina, a paixão profunda e o compromisso de falar com autenticidade. Mas ainda assim posso melhorar minhas habilidades retóricas por meio de benefícios que a tecnologia me dá.

Pregando para os olhos

Os *softivares* de apresentação permitem-me mostrar os pontos-chave do sermão para os ouvintes. Também tenho projetado citações pungentes e comoventes-textos bíblicos, até fotos, desenhos e mapas. A atenção e a compreensão da congregação melhoram quando me conecto com seus olhos, além dos ouvidos. Quando comecei a usar o *software* de projeção, um homem idoso disse-me: "Nunca soube que era um aprendiz tão visual".

Mesmo antes de adquirirmos um projetor de multimídia, incrementava meu; sermões por meio de transparências dos pontos do sermão preparadas em meu

computador. Com *softwares* de Bíblia, fiz transparencias coloridas de mapas da Bíblia e fotos de lugares arqueológicos (na internet www.bibliaonline.net).

Um bônus inesperado de usar *softwares* de apresentação é a edição mais disciplinada do meu sermão. Frases incoerentes não comunicam muito bem na tela. Pontos concisos e lógicos reduzem minha tendência à verborragia.

Pregando para o coração

O computador desperta a minha energia criativa. Já não penso em termos de simples palavras e esboços. Também considero fotos, vídeos e desenhos gráficos. Por exemplo, posso incrementar uma mensagem com uma montagem musical. No dia da Independência, pusemos as palavras do hino "América" sobre fotos patrióticas e históricas. A congregação não só leu e cantou as palavras, mas também fez uma associação emocional com as cenas da Estátua da Liberdade e do Memorial do Vietnã.

Capítulo 159

COMO MONTAR UMA BIBLIOTECA DE PRIMEIRA LINHA

Investindo em qualidade, não em quantidade

Jim Shaddix

Estaria rico se cobrasse um real de cada pessoa que entra em meu escritório e pergunta: "Você já leu todos esses livros?". Cometi um grande erro quando comecei meu ministério. Achando que mais livros significavam melhor pregação, comecei a coletar volumes de quaisquer e todos os lugares. Propus-me a montar uma biblioteca tão grande quanto minhas prateleiras comportassem — e alguns livros a mais. Orgulhava-me de fazer pilhas de volumes que não serviam a outro propósito a não ser impressionar. Depois de muito dinheiro desperdiçado (sem falar das dores nas costas das várias mudanças!), agora, estou dando os livros. Por meio dessa experiência, aprendi dois princípios muito úteis para o desenvolvimento da minha biblioteca.

(1) Desenvolvo minha biblioteca de forma *funcional.* Hoje, dedico o tempo de identificar e de coletar apenas aquelas obras que informarão diretamente a minha caminhada cristã e o meu ministério de pregação. A maioria de nós não pode se dar ao luxo de ser colecionador de livros. Por isso, evite tumultuar suas prateleiras com livros inferiores doados por amigos bem-intencionados ou comprados em mesas de promoções por preços especiais.

(2) Desenvolvo minha biblioteca de forma *econômica.* Compro de livreiros que trabalham com desconto,[1] e sou disciplinado nas minhas aquisições. Tento incluir minha esposa na aquisição e também em cada compra específica. Essa simples disciplina não é apenas para ser amável, mas também evita tensões desnecessárias na nossa casa e oferece a ela mais uma oportunidade de compartilhar do meu

ministério. Também tento manter uma lista de desejos de materiais por ordem de prioridade. Essa lista é uma boa forma de fornecer a doadores de presentes em potencial idéias relevantes de presente para aniversários, Natal e outras ocasiões.

Uma coleção cuidadosamente reunida de recursos na biblioteca é tão essencial para os pregadores quanto os instrumentos profissionais de um dentista ou médico. Paulo ordenou a Timóteo: "Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade" (2Tm 2.15).

Preciso de uma biblioteca para:

- *Inspiração.* A leitura desafia tanto o meu coração quanto a minha consciência, convidando-me a degraus mais elevados de espiritualidade, de moralidade e de integridade.
- *Estimulo.* Como no caso do exercício físico, sou fortalecido por meio da ginástica mental que expande o meu intelecto.
- *Cultivo.* Minha pregação é melhorada por pessoas que ampliam meu vocabulário, ensinam-me a pensar e me instruem na arte da oratória convincente.
- *Informação.* A leitura é o principal meio de me manter à frente do meu tempo e bem informado no meu campo.
- *Comunhão.* Posso ter comunhão com os maiores e mais piedosos mestres de todas as épocas por meio de seus escritos. Um dos pedidos de Paulo, quase no leito de morte, foi que Timóteo trouxesse "os meus livros, especialmente os pergaminhos" (2Tm 4.13).

O que devemos encontrar na biblioteca do pregador? A maioria das bibliotecas dos pregadores tem lacunas gritantes e exageros arrasadores. Para vencer isso planeje seus objetivos e prioridades para as aquisições. Sugiro que você desenvolva, sua biblioteca de acordo com as seguintes prioridades e aspectos essenciais:

- *Computador e programas.* Um computador ajuda você a estudar de forma mais hábil. Leve em consideração adquirir um programa abrangente e expansivo de estudo bíblico[2] que inclua estudos de palavras e ferramentas de línguas, comentários, múltiplas versões e também bibliotecas de livros digitalizados.[3]

  Com um computador e o acesso à Internet você também pode se beneficiar de portais da Internet com ferramentas de busca e estudo bíblico, bancos de dados de ilustrações, índices de periódicos e livros, bibliotecas de diversas instituições, obras de referência geral e potentes ferramentas de busca.[4]

  Uma simples busca de "recursos de estudo bíblico" ou "recursos para pregação" em uma ferramenta de busca na Internet, em geral, gera muitos *links* disponíveis com recursos extremamente úteis. Listas de recursos *online* para pregação e estudo bíblico também podem ser encontrado; nos portais mantidos por muitos seminários e faculdades teológicas.

- *Livros.* Para determinar o potencial da utilidade de um livro antes de comprá-lo, dependo bastante de recomendação pessoal, de artigos de resenhas em periódicos, listas de *best-sellers,* como também de introduções de livros, notas de rodapé, bibliografias, conclusões, editoras, capas e informações sobre o autor. Compro primeiro o melhor livro ou os melhores livros sobre um tópico. Quando estou adquirindo comentários para o estudo de um livro bíblico em particular, adquiri o hábito de primeiro consultar quatro ou cinco pregadores ou professores respeitados e pedir que sugiram seus cinco livros prediletos sobre o assunto. Além disso, leio também os livros que avaliam comentários e outras ferramentas de estudo bíblico.[6]
- *Periódicos.* A lista de revistas e jornais que podemos obter é longa,[7] mas essa lista e a leitura de revistas teológicas e semelhantes nos mantêm no topo de grande parte do pensamento atual.[8]

Embora a porção do leão do nosso estudo deve ser dada à busca bíblica e teológica, nossa biblioteca deve nos expor a uma diversidade de campos. Gosto de ler regularmente obras de história, biografias, liderança, comunicação, questões políticas e sociais e, sem dúvida, pregação.

Tenho um amigo que mantém uma prateleira giratória em sua escrivaninha contendo livros de uma variedade de assuntos. Durante seus horários programados de leitura, ele gira a prateleira e lê um capítulo ou mais de cada livro. O desenvolvimento de um conhecimento funcional em diversos campos não só afia seu intelecto, mas também capacita você a se engajar na igreja e na cultura de uma perspectiva bem informada.

NOTAS

1 Alguns bons distribuidores incluem: Christian Book Distributors; C.P. 3687 Peabody, MA 01961-3687; Christian Publications, Inc., C.P. 3404, Harrisbur^ PA 17105-3404; Scripture Truth Book Co., C.P. 339, Fincastle, VA 24909; Great Christian Books, 1319 Newport Gap Pike Wilmington DE 19804-2895

2 Alguns dos melhores programas são: *Logos Series* X para PC; *Bible Works* para PC-*Accordance* para Macintosh

3 Uma resenha anual dos programas de computador disponíveis pode ser encontrada na edição de setembro-outubro de *Preaching* e no portal *www.preaching.com.*

4 Certamente, o melhor e mais padronizado é o *Google* em *ivwiv.google com*

5 Um exemplo em português é a biblioteca da Faculdade Teológica Batista de São Paulo em www.teologica.br/theo_new/text.php?p=biblioteca.

6 Orientações para a aquisição dos comentários mais úteis e necessários e outras ferramentas de estudo bíblico podem ser encontradas nas seguintes obras e portais: Daniel L. Akin, *Buildmg a Theological Library* (Louisville: Daniel L. Akin, s. d.); Tremper Longman III, *Old Testament Comentary Survey,* 3.ed. (Grand Rapids: Baker, 2003); D. A. Carson, *New Testament Commentary Survey* (Grand Rapids: Baker, 1986)- Gordon Fee e Douglas Stuart, *How to Read the Bible for Ali ist Worth* (Grand Rapids-Zondervan, 1981, 2003), 265-75; Bruce Corley, Steve Lemke e Grant Lovejoy, *Biblical Hermeneutics* (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 385-416; James F. Stitzin-er

'Study Tools for Expository Preaching" em *Rediscovering Expository Preaching,* de John MacArthur (Dallas: Word, 1992), 188-208. A lista de Stitzinger é atualizada periodicamente no portal do Master's Seminary em www.tms.edu/850.asp.

7 No contexto de língua inglesa: A revista *Christianity Today,* o periódico *leadership-, o* periódico *Preaching,* a revista *World-,* o periódico de ilustrações *In Other Words-, a* revista *Newsweek;* a revista *Time-,* o jornal *USA Today,* o jornal *The Wall Street Journal.*

8 O pregador que quiser se aprofundar em estudos teológicos e bíblicos pode pesquisar os periódicos (no contexto da língua inglesa): *Banner ofTruth, Biblical Archaeology Review, Bibliotheca Sacra, Criswell Theological Journal, Grace Theological Journal Interpretaron, Journal of Biblical literature, Journal of the Evangelical Theological Society, Review and Expositor, The Master's Seminary Journal,* e *The?nelios.*

Capítulo 160

O QUE TORNA UM SERMÃO PROFUNDO?

As fontes da pregação de sabedoria

Lee Eclov

Você já percebeu que alguns pregadores parecem pensar sobre um texto de forma mais profunda do que outros? A exegese deles não é necessariamente melhor, e a profundidade não é resultado apenas de seu esboço claro e lúcido, de ilustrações reveladoras ou aplicações práticas. Mas eles enxergam implicações no texto que outros não enxergam, conexões com a experiência humana que outros ainda não ponderaram. É como se eles, ao examinarem as maravilhas estreladas do trecho, tivessem um telescópio, enquanto os outros usam binóculos.

Chamo isso de *pregação de sabedoria.* Creio que se consegue realizar isso por meio do que Eugene Peterson chama de "exegese contemplativa".

A pregação de sabedoria começa com cuidadosas exegese e exposição. Precisamos estudar com afinco, analisar verbos, observar contextos, considerar temas teológicos e captar a lógica do autor. Se formos contemplativos antes de fazer uma profunda exegese, não somos claros nem profundos no nosso pensamento. Nossa mente natural, mesmo na consideração de um tópico sublime, leva-nos a um desvio ou não nos aprofunda o suficiente. Assim, primeiro doutrinamos nossa mente com o texto. Apenas o estudo diligente é capaz de forçar nossa mente a se livrar de seus clichês espirituais e nos levar a novas maneiras de pensar.

Mas ao estudarmos e, depois, de estudarmos, precisamos pensar. É lógico, estamos pensando o tempo todo acerca de como explicar palavras e conceitos como aplicar e como estruturar nossa mensagem. Mas há um tipo mais profundo de pensamento incluído aqui.

Quando estava no ensino médio, decidi ter "pensamentos profundos". Afastava-me dos colegas "superficiais" e fazia longas caminhadas à noite, de preferência em uma noite de chuva fina, e ficava meditando. Mas não consegui resolver um problema na busca de pensamentos profundos — não conseguia pensar em nada

As vezes, sinto-me assim no preparo do sermão. Sei que preciso ser "profundo", mas parece que não consigo pensar em nada. Outras vezes, consigo encontrar formas de pensar em um sermão que me levam além dos clichês superficiais. Aqui estão as ferramentas que me ajudam a explorar um texto.

Não substituo a reflexão por interminável busca de fatos. Pessoas que gostam de estudar nunca querem parar. Sempre há mais uma palavra a analisar, mais um comentário a verificar, uma porção de referências cruzadas a verificar. Mas o tempo para o preparo do sermão é limitado, e se ocuparmos todo o nosso tempo para pesquisar e escrever o sermão, não sobra tempo para a ponderação. Não estamos preparando um trabalho acadêmico ou uma dissertação; estamos preparando nossa mente, é verdade, mas também nosso coração.

Importuno o texto. As coisas que leio nas Escrituras geralmente já não me surpreendem. Minha primeira reação, com freqüência, é: "Ah, já sei disso". Mas aprendi a pressupor que, de fato, é provável que um texto não diga só o que espero que diga. Ele sempre é mais profundo e traz desdobramentos mais inesperados do que os que são conhecidos até mesmo por meu olho treinado. Assim, aprendi a pensar em um texto, mais ou menos, como em um professor que só responde às minhas perguntas se as fizer, mas que conta todo tipo de maravilhas se o importunar um pouco. Assim, importuno o texto todas as semanas.

Muitas vezes, fico perplexo por nenhum dos comentários bíblicos que possuo responder às perguntas que tenho. Isso quer dizer que preciso importunar o texto para obter as respostas. Na verdade, estou importunando o Espírito Santo para que me ajude a entender. "Mas por que você usou esta palavra? Não consigo enxergar o que este versículo tem que ver com o anterior. Você não disse exatamente isso agora há pouco? Por que disse isso de novo? O que estaria faltando se isto não estivesse aqui?".

Deixo o texto me importunar. Essa é uma forma de oração para mim, uma oração de escuta. Enquanto estudo, sem dúvida, oro por compreensão e por ajuda na concentração. Mas depois de fazer a exegese, tento orar — tento tecer o texto em meu interior.

"Senhor", orei certa vez, "o texto diz: 'Não tenho bem nenhum além de ti'. Em que área não vivo de acordo com isso?". Algumas coisas me vieram à mente. Então tive de decidir se era só minha personalidade exageradamente crítica que estava me perseguindo ou se a Bíblia estava trazendo à tona alguma fraqueza. Esse processo de reflexão me ajuda a me tornar sábio no texto. O texto bíblico acabou de se entocar dentro de mim, e aprendi algo sobre como o coração reage a essa verdade; isso me ajudará a ser um pregador mais perspicaz e intenso.

Rabiscos mentais. Gosto de palavras. Descobri que penso melhor ao colocar as minhas observações no papel, assim encho algumas páginas de reflexões todas as semanas; fragmentos de esboços, meias-idéias, perguntas, reflexões rápidas, orações particulares. Algumas dessas coisas se mostram inúteis no final das contas; depois

da pregação, jogo fora a maior parte. Mas essa reflexão mental me ajuda a ir mais fundo. Extrapolo o texto: "Se isso é verdade, então...". Encontro palavras novas para dizer coisas conhecidas e descubro que as palavras e metáforas novas me ajudam a enxergar coisas que eu não tinha percebido em toda a minha exegese.

Sei quando segurá-los, sei quando fechá-los. Estou falando de livros. Todos aprendemos que as percepções que nós mesmos descobrimos são mais vividas quando as pregamos do que as que obtemos de outra pessoa. Existe algo na transformação interior que ocorre por meio da descoberta pessoal que é passada aos nossos ouvintes. Assim, há tempo para estudar, e tempo para parar de estudar.

Muitos pastores têm descoberto os benefícios de fazerem uma porção considerável de estudos antes de recorrerem aos comentários. Podemos usar léxicos, outras versões e ferramentas semelhantes para nos assegurar de que estamos estabelecendo corretamente os fatos, mas também tentamos fazer a nossa própria reflexão acerca da teologia do texto, da sua estrutura e da importância das palavras. Então, quando nos voltamos aos livros, eles podem testar nossas conclusões e explicar as questões que não conseguimos desemaranhar.

Mas ocorre mais uma coisa. Quando estamos plenos do texto e começamos a ler as idéias de outras pessoas a respeito dele, as palavras deles nos impulsionam a novas idéias nossas. A mesma coisa pode acontecer quando simplesmente estamos conversando com alguém sobre algo que estivemos estudando. Mas se, primeiro, não fiz uma considerável dose de reflexão por conta própria, os livros que leio raramente estimulam as minhas idéias. Aí sou um receptor passivo, e não ativo.

Vasculho e extraio as metáforas. A maioria dos textos bíblicos é rica em metáforas. Algumas são óbvias ("a armadura completa de Deus"), e outras estão escondidas nas línguas originais e se perderam na tradução. Às vezes a metáfora é a própria história ou parábola bíblica. O poder das metáforas é o poder da sugestão. Elas trazem a verdade de forma implícita, não explícita. Como um quadro, elas são dignas de mil palavras. Bons pregadores não dissecam as metáforas; eles as emolduram como belas pinturas para que as pessoas consigam enxergar a sabedoria escondida nelas.

Na gravação número 206 da série *Preaching Today [Pregando hoje]*, Timothy Keller prega sobre o casamento de Jacó com Lia e Raquel, de Gênesis 29.15-35. A certa altura, ele diz: "Não importa quais forem as suas esperanças para um projeto, não importa quais forem as suas esperanças para o casamento, não importa quais forem as suas esperanças para a sua carreira, não importa em que estiver a sua esperança, pela manhã vai ser sempre Lia. Não importa o que você pensar que seja Raquel, vai ser sempre Lia". Isso é pregação de sabedoria por meio de uma metáfora.

Morte aos clichês. Uma das razões por que escrevo os meus sermões é combater os clichês que parecem dominar o sermão se eu não o escrever. Um clichê é a estenografía verbal. Alguns são expressões desgastadas ("conduzir, guiar, orientar"), e outros são idéias desgastadas ("Que neste natal, coloquemos, como os reis

magos, os nossos tesouros diante do Senhor"). Não é que não sejam verdade, mas o fato é que não são ouvidos. Eles se tornam como o "ruído branco". Já não comunicam muita coisa. A pregação de sabedoria nos surpreende com coisas novas que prendem o nosso pensamento. Naquele mesmo sermão de Tim Keller, ele deixa claro a verdade de que mesmo que sejamos feios como Lia, Deus ama pessoas feias. Bem, essa é a forma-clichê de dizê-lo. O que Keller diz de fato é: "Há alguém aqui que se sente feio? Os únicos olhos que contam estão encantados por você".

Vasculhe a biblioteca de vidas que você conheceu. Quando estou trabalhando com um texto, pessoas que conheci me vêm à mente. Contrasto os versículos com a história delas. Em um domingo há muitos anos eu tinha falado sobre um texto de grande encorajamento. Depois do sermão, uma mãe muito aflita passou pela fila dos cumprimentos e me pegou de surpresa. "Isso não funciona", foi tudo que ela disse. Então agora, quando tenho um texto como aquele, penso: *O que iria impedir uma pessoa de acreditar que isso funciona?*

Certa vez, quando eu estava pregando sobre as desculpas que Moisés deu a Deus em Êxodo 3, liguei para um pastor conhecido meu que é gago. "Moisés usou a gagueira como desculpa", eu lhe disse. "Por que para você não foi assim?". A resposta dele me ajudou a tornar o sermão mais prático. Muitas vezes, pressionei a Deus nas minhas orações: "Senhor, acho que sei o que o texto quer dizer, mas só não vejo a diferença que ele vai fazer para o Davi ou a Mariana. Eu realmente acho que as pessoas vão voltar pra casa sem se comoverem com isso. O que é que eu não estou enxergando?". Fazer os testes de colisão do texto com as paredes da vida real me ajuda a encontrar os pontos fracos dos meus sermões e torná-los suficientemente fortes para darem segurança às pessoas na vida real.

Muitas vezes no domingo de manhã, quando chego ao fim do sermão, fico maravilhado interiormente diante da sabedoria de Deus e que ele me deu o privilégio de estudá-la e explicá-la. Pela generosa ajuda do Espírito e da Palavra de Deus, não somente revelamos os profundos pensamentos de Deus aos nossos ouvintes, mas esses pensamentos se tornam nossos pensamentos. Com o linho da nossa loucura Deus tece para nós o ouro da sabedoria.

Capítulo 161

ANTES DE VOCÊ PREGAR

Perguntas que você faz a si mesmo agora podem salvar o seu sermão depois

Ed Rowell

Quando vou ao mercado sem uma lista, não dá para dizer o que trarei para casa. O mesmo acontece com a pregação. Sem uma lista para me orientar, não dá para dizer o que transmitirei.

Afixei um pequeno cartão com algumas perguntas à minha escrivaninha. Depois de ter feito meu trabalho de escavação bíblica, faço um intervalo para a cafeína e, a seguir, começo com a primeira pergunta. Faço estas perguntas toda vez que preparo um sermão.

Em uma frase, do que trata esse sermão? Quando, na 3ª feira, alguém pergunta: "Sobre o que você vai pregar domingo?", espero que eu possa responder com uma frase clara. Pode ser semelhante à idéia central do texto, mas é mais relevante.

Em que categoria teológica isso se encaixa? Estou sendo teológicamente fidedigno? Se o sermão não é teológico em algum nível, o que é então?

O que eu quero que meus ouvintes saibam? Essa pergunta faz o meu sermão dialogar com a mente. Que informações o ouvinte precisa saber antes que possa agir?

O que eu quero que eles façam.? Essa é a pergunta de aplicação que focaliza as mãos e os pés dos meus ouvintes. Preciso ser o mais específico e prático possível.

O que eu quero que os meus ouvintes se tornem? Agora estou mirando o coração. A quais atitudes, prioridades e ajustes no estilo de vida esse sermão será dirigido?

Como esse sermão se encaixa na visão mais ampla? Essa pergunta me ajuda a focalizar o prazo longo: como a mensagem desta semana nos impulsiona para os alvos de longo alcance? Como ela se encaixa na declaração de propósito da nossa igreja? Há coesão com o que preguei anteriormente? Há um senso de direção?

E daí? Essa é a pergunta implacável dos pragmáticos: "E daí que os filisteus fecharam os poços cavados por Abraão, pai de Isaque? Não me matriculei em uma disciplina de história do Oriente Médio".

É mesmo? Muitas pessoas são condicionadas pela vida a dar um desconto de aproximadamente 90% para cada promessa que ouvem. Tento imaginar as promessas quebradas e as garantias ocas que as pessoas tiveram de enfrentar.

Creio que esta mensagem fará diferença.? Sem essa pergunta, corro o risco de ficar muito tempo à deriva antes de me tornar consciente do crescente cinismo e desesperança. Posso forjar a sinceridade com facilidade, mas a compaixão produzida é horrível de agüentar.

Este sermão fez diferença na minha vida nesta semana? A essa altura do preparo, já gastei muitas horas dialogando com o texto e pensando sobre suas implicações para a vida. Se ainda não me tocou, ouso crer que tocará alguém nos trinta minutos em que eu estiver no púlpito?

Orei sinceramente a Deus para que fale por meu intermédio? Como diz o meu amigo Dennis Baker: "Até um culto na igreja pode se tornar bastante interessante se Deus vier". Eu me encontrei com o Senhor na minha sala de estudos? Estou esperando que ele compareça neste domingo?

Tenho tentado me mostrar melhor do que sou? Quem além de nós pode contar histórias sobre nós mesmos sem ser interrompido? Se eu tomar cuidado, posso abusar do privilégio e escolher excertos da minha vida que me farão aparecer mais esperto, mais engraçado e mais carinhoso do que sou.

Os meus ouvintes saberão que eu me importo com eles? O amor de fato cobre uma multidão de pecados pastorais. Se o meu rebanho reconhece a minha voz como a de um co-pastor amoroso, as ovelhas ouvirão com ouvidos de confiança e fé. Elas saberão instintivamente que estou preocupado com os seus melhores interesses.

Capítulo 162

PONTOS DE INSPIRAÇÃO

Como planejar os momentos altos de uma mensagem

Lee Eclov

Você provavelmente já subiu de carro uma estrada montanhosa através de grandes árvores com somente vislumbres aqui e ali do que está atrás delas. Aí vem um mirante em que as vantagens da sua subida estão espalhadas diante dos seus olhos maravilhados. Você faz uma pausa, incapaz de colocar em palavras a sua admiração, e deixa o tempo parar enquanto olha para a beleza à sua frente, desejando, de alguma forma, poder filmar aquele momento na sua memória para repassá-lo em algum dia triste e sem graça no futuro. Às vezes esse mirante tem um nome: Ponto de Inspiração.

Os sermões deveriam ter pontos de inspiração, vistas panorâmicas em que nossa escalada por um texto das Escrituras faz uma parada para permitir que olhemos maravilhados o cenário espiritual.

A falta de pontos de inspiração

Tenho oportunidade de ouvir dezenas de gravações de sermões pregados por igualmente tantos pregadores todos os anos e fico chocado pela falta de investimento por parte dos pregadores no duro trabalho do desenvolvimento de pontos de inspiração nos seus sermões.

Há muita explicação, algumas ilustrações, de vez em quando emoção; mas há pouca beleza, poucos momentos arrebatadores, raramente a necessidade de um momento de silêncio para absorver tudo.

Somos cautelosos com a oratória e suspeitamos da linguagem por demais elaborada e exagerada da grandiloqüência. Mas na maioria das vezes não somos nem um pouco eloqüentes. Nós simplesmente queremos apresentar as coisas para que todos possam compreendê-las. O nosso lema é S.A.C.O: "Simplifique a coisa, otário" (Em inglês: K.I.S.S.: "Keep it simple, stupid".). Estamos tão empenhados em manter as coisas simples que, às vezes, nossos sermões não são mais marcantes do que um telefonema.

E verdade, a linguagem inspirada é mais fácil para algumas pessoas do que para outras. Alguns pregadores têm alma de poeta. Para eles a linguagem é uma paleta, um teclado, um bloco de mármore. Alguns de nós consideram os pontos

de inspiração um desperdício do precioso tempo bíblico. "Só os fatos, senhora . Esse tipo de mentalidade nem mesmo se importa com a poesia, com *O Peregrino* ou com *Cartas do diabo ao seu aprendiz*.

A principal razão da falta de pontos de inspiração nos nossos sermões, contudo, é que desenvolvê-los requer trabalho duro. Fomos ensinados a fazer a exegese e a pesquisa ordenando as idéias em forma de esboço, mas nossos professores nunca melhoraram nossa nota no seminário por escrevermos algo belo, por pintarmos uma obra de arte em palavras, por transformarmos um texto em música. Ao conduzirmos nossos ouvintes na subida da montanha das Escrituras, no entanto, nós os guiamos mal se não paramos em alguns pontos de inspiração.

Depois de termos feito nosso estudo para a correta compreensão do texto, precisamos parar para pensar sobre o que temos diante de nós. Onde está a beleza, a poesia, a maravilha nesse texto? Se eu não vejo nada disso, não parei o tempo suficiente para observar o panorama, porque nenhum trecho das Escrituras é um mero estacionamento. Toda a Escritura é inspirada pelo mesmo Deus que cria crepúsculos no final de todos os dias. Até mesmo as genealogías têm pontos de inspiração!

Como desenvolver pontos de inspiração

Procure uma verdade que se tornou conhecida demais. Procure uma expressão que todos tomam por certa. Procure uma metáfora que ponha um pincel na sua mão e um painel diante do seu povo. Procure uma fotografia tocante em que você pode destacar o que as pessoas talvez não perceberam no preto no branco da impressão. Qual é a melodia desse trecho? O que um poeta veria? Peça a Deus que cure a sua cegueira e libere a sua língua!

Mirantes não estão à beira das estradas por acaso. Alguém enxergou a possibilidade e projetou um espaço amplo na estrada, cortou os arbustos que atrapalhavam a visão e colocou sinais que nos avisam o que vem pela frente. Pregar um ponto de inspiração também requer um pouco de projeção retórica. Diversas ferramenta; estão à nossa disposição:

História

Devemos usar ilustrações em todos os pontos da mensagem, mas, para esse propósito, uma história precisa fazer mais do que esclarecer um ponto; precisa inspirar. Precisa ser uma história com ternura, mas não pode ser melosa. Uma história que tenha gosto de melado não é nada mais que uma injeção de glicose. Uma história inspiradora precisa ter o toque da verdade, e, antes de mais nada precisa ter inspirado o pregador primeiro como uma janela para a verdade bíblica.

Citação

Como no caso das ilustrações, algumas citações são ferramentas que usamos somente para esclarecer — uma definição incisiva, por exemplo, ou um resume bem formulado feito por uma autoridade reconhecida no assunto. Mas, às vezes

cruzamos com uma jóia preciosa de eloqüência que ajuda nossos ouvintes a ver a beleza na Palavra. De vez em quando, leio Alexander Maclaren só por essa razão. Todos já nos beneficiamos de autores prediletos como C. S. Lewis e Spurgeon, e, entre os contemporâneos, Frederick Buechner, Max Lucado e Martin Luther King Jr-

Empilhar

E como chamo o método que aprendi ouvindo pregadores afro-americanos, em que séries de diversas orações gramaticais com estrutura sintática semelhante são empilhadas uma sobre a outra.

C. L. Franklin (pai da cantora de *soul* Aretha Franklin) foi um notável pregador. Em um sermão sobre o incrédulo Tomé, ele escolheu como ponto de inspiração a declaração de Jesus aos seus discípulos quando ele apareceu na sala trancada: "Paz seja com vocês!" (Jo 20.21,26). Podem-se ouvir a cadência crescendo e se empilhando nestas palavras: "Ele sabia como alguns deles estavam incrédulos. E ele sabia quão medrosos alguns deles tinham sido. E ele sabia como a fé deles tinha sido provada. E ele sabia que terrível aflição eles tinham passado. E pense em como foi reconfortante a sua palavra. Ouça o que ele disse: 'Paz seja com vocês!' ".

Extrapolação

Essa é uma ferramenta muito simples de imaginação em que tomamos uma expressão bíblica e afirmamos algumas das suas maravilhosas implicações. Quando pintamos quadros, em vez de explicá-los, fazemos disso um ponto de inspiração.

Billy Sunday poderia ter dito: "No céu, vamos viver para sempre". Em vez disso, transformou essa verdade em um ponto de inspiração: "No céu, eles nunca desfiguram as encostas das colinas com pás, porque lá não cavam túmulos. [...] No céu, ninguém leva lenços, porque ninguém chora. No céu, ninguém chama o agente funerário, porque lá ninguém morre".

Expandindo a metáfora bíblica

Muitas figuras de linguagem ocorrem em toda a Bíblia. Se nos deparamos com tal metáfora no nosso texto, podemos captar o fio dela no restante das Escrituras. Por exemplo, Efésios 2.20 diz que os cristãos estão "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular". O pregador poderia dizer:

> Ali, muito abaixo de nós está a grande pedra fundamental que é Jesus Cristo, o Filho de Deus, sua poderosa cruz e sua extraordinária ressurreição. Vinculado àquela pedra está a aliança de Deus com Abraão e a lei esculpida de pedra, a lei de Moisés.
>
> Ali estão os grandes blocos de granito do profeta Isaías: "E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz";

e os do apóstolo Paulo: "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé"; e os de João, em Apocalipse: "Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu".
E ali, em cima desses grandes blocos, os tijolos vermelho-sangue dos mártires e os tijolos queimados pelo fogo dos reformadores. E depois, acima deles, surgem nossos pais na fé e, finalmente, nossa própria vida, pois também somos parte desse grande templo que se ergue para Deus, pois estamos "sendo edificados juntos, para [nos tornarmos] morada de Deus por seu Espírito".

Amo a caligrafia, a arte visual, das palavras. Tenho na minha sala no escritório da igreja um quadro emoldurado com uma parte de uma oração escrita por James Weldon Johnson em *God's Trombones,* porque ele me lembra que devo ser um pregador de pontos de inspiração:

E agora, oh Senhor, este homem de Deus, que parte o pão da vida nesta manhã [...] coloca o olho dele no telescópio da eternidade e deixa-o olhar por sobre as paredes de papel do tempo. Senhor, lustra a imaginação dele. Põe gestos perpétuos nos braços dele. Enche-o completamente com a dinamite do teu poder. Unge-o totalmente com o óleo da tua salvação, e põe fogo na língua dele.

Capítulo 163

SIMPLIFIQUE

Como dominar o poder da economia

Charles Swindoll

A cena estava densa. As nuvens, pesadas, cor cinza-escuro. O clima, tenso. Não era hora de sair para uma caminhada ou passear pela avenida Pensilvânia. O cheiro da morte estava no ar. Uma decisão era essencial. Com papel e caneta na mão, o longo e magro corpo de um homem solitário estava sentado silenciosamente à sua escrivaninha. A missiva que ele escreveu foi despachada imediatamente. Ela determinou o destino de uma nação em guerra consigo mesma.

Era uma mensagem simples — em um estilo exclusivamente dele. Sua nota não continha adornos de retórica. Sem enfeites de cetim, sem eloqüência enigmática. Era simples, breve, direta ao ponto. Um oficial barbado do exército logo leu e franziu a testa. Ela dizia:

7 de abril, 1865, 11 horas da manhã.
Tenente-General Grant,
General Sheridan diz: "Se a coisa for apressada, penso que Lee se renderá".
Que a coisa seja apressada.
A. Lincoln

Grant acenou com a cabeça em sinal de concordância. Ele fez como lhe foi ordenado. Exatamente dois dias depois em Appomattox Court House, o General Robert E. Lee se rendeu. "A coisa foi apressada", e a guerra, encerrada.

Simplicidade. Profunda, minuciosa, rara simplicidade. Lincoln era mestre nela. Suas palavras sobrevivem por causa dela. Quando foi acossado por seus críticos implacáveis, muitos esperavam uma defesa extensa e complexa das suas ações. Ela nunca veio. Quando questionado acerca dos seus sentimentos, respondeu: "Estou acostumado a isso". Quando interrogado se o fim da guerra ou algum programa de reabilitação governamental seria a resposta para as necessidades dos Estados Unidos, ele admitiu muito simplesmente: "A natureza humana não vai mudar". Em resposta a uma carta que exigia a demissão do diretor geral dos correios, ele escreveu: "Em geral a verdade é a melhor defesa contra a calúnia".

Quando encorajado a mudar suas convicções e forçar a aprovação de parte de uma legislação derrotada por meio do artifício de lhe dar outro título, ele reagiu com simplicidade típica: "Se você chamar o rabo de perna, quantas pernas tem um cachorro? Cinco? Não, chamar o rabo de perna não o transforma em uma perna!".

Simplicidade. E a diferença entre alguma coisa ser elegante ou elaborada. A diferença entre classe e comum. Entre exatamente o suficiente e demais. Entre concentrado e diluído. Entre comunicação e confusão.

Entre: *"Portanto, saia da minha vista — tampouco me deixe poluir assim os meus olhos ao olhar para um canalha como tu, tu que és a causa dos meus males; eu fico doente diante da tua presença repugnante... "*

E: *"Fora!"*

Simplicidade. *Economia* de palavras combinada com *qualidade* de pensamento unidas pela *sutileza* de expressão. E praticar uma limitação difícil de definir assim que algumas coisas sejam deixadas para que o ouvinte ou leitor conclua por si mesmo. Claro e preciso, mas não exageradamente. Charles Jehlinger, antigo diretor da Academia Americana de Artes Dramáticas, costumava instruir todos os aprendizes de ator com este simples e sábio conselho: "Queira dizer mais do que você diz".

Tenho observado que nós, os pregadores, falamos exageradamente. Em vez de concluirmos com uma afirmação concisa sobre a floresta — explícita e clara — sentimo-nos compelidos a analisar, filosofar, inspecionar e moralizar sobre cada árvore individual — deixando o ouvinte aborrecido, incontestado, confuso e (o pior de tudo) entediado. Zelosos para sermos extremamente precisos, descarregamos tantas coisas triviais que o ouvinte perde o fio da meada, sem falar da sua paciência. Desnorteado, ele prossegue com muita dificuldade através da floresta dos detalhes desnecessários, tendo perdido o caminho como também o interesse. Em vez de ficar empolgado para explorar as coisas por conta própria, seduzido pela expectativa da descoberta, desespera-se para conseguir respirar no refluxo das nossas ondas intermináveis de verbosidade, clichês e asneiras domésticas.

Uma preciosa senhora idosa disse a respeito do pregador Galés John Owen: "Ele levou tanto tempo para pôr a mesa, que perdi o apetite pela refeição'. Particularmente gosto da forma que William Sangster colocou isso: "Quando voce terminou de bombear, solte a alavanca da bomba".

Quanto mais estudo o método de comunicação de Jesus, mais convicto estou de que a sua sagacidade estava na habilidade de simplificar e esclarecer as questões que os outros complicavam. Ele usava palavras que qualquer pessoa podia entender, não somente os iniciados. Ele dizia só o suficiente para inspirar e motivar os outros a pensarem por si só, a serem curiosos, a investigarem mais. E ele pontuava os seus ensinos com ilustrações conhecidas, práticas e até humorísticas que cravavam alavancas mentais em verdades abstratas. O melhor de tudo foi que ele nao tentava impressionar as pessoas. Esse estilo tão cativante conduziu outros a buscarem o seu conselho e a prosperarem com base nas suas instruções

Por eu ser alguém como você, que luta para obter o direito de ser ouvido domingo após domingo, deixe-me oferecer-lhe este resumo:

- Torne a coisa clara.
- Mantenha a coisa simples.
- Destaque as coisas essenciais.
- Esqueça a vontade de querer impressionar.
- Deixe algumas coisas por dizer.

Lutero tornava isso ainda mais simples: Comece forte. Fale alto. Seja breve.

É privilégio nosso declarar a melhor mensagem da terra. A maioria das pessoas ou ainda nunca a ouviu ou ficou confusa porque alguém deturpou as questões. Jesus sugere: "Se a coisa for simplificada, eles se renderão .

Que a coisa seja simplificada.

Capítulo 164

USANDO O SERMÃO DE OUTRA PESSOA

O que éplágio?

Haddon Robinson

Plágio é roubar o material de outra pessoa. No mundo acadêmico, quando as coisas são publicadas de forma impressa, qualquer idéia tomada de outra pessoa precisa receber o crédito por meio de uma nota de rodapé. No mundo da pregação, o pastor que toma sermões de outros pregadores - palavra por palavra sem dar crédito ao autor do sermão - é culpado de plágio. Isso é roubar o que nao e seu Se o meu preparo regular de sermão consiste em entrar na Internet e tomar o sermão de outra pessoa a fim de pregá-lo como está, então isso é um problema ético.

A motivação e a honestidade são as questões-chave. Citamos os outros por duas razões: ou a pessoa tem mais autoridade do que nós ou a pessoa expressou a idéia melhor do que nós conseguiríamos expressá-la. No segundo caso, requer-se que demos o crédito à outra pessoa. Se eu tomo o sermão de Timothy Keller e o prego como se fosse meu, isso é engano. Se eu o cito palavra por palavra, devo lhe dar o crédito. A regra geral que deveríamos seguir é, sempre que nossa motivação por citar o material de outra pessoa for que ela disse isso melhor do que poderíamos fazê-lo, então a honestidade exige que lhe demos o crédito. Você não é diminuído por citar outra pessoa.

Isso não quer dizer que não deveríamos obter material de muitas fontes no preparo do sermão. Ocasionalmente, o ímpeto de outra pessoa, sua idéia principal ou o desenvolvimento trabalha a seu favor, e você acha que isso ajudará seus ouvintes. Mas, de alguma forma, você precisa transformar esse sermão em seu sermão. Usar o material de outra pessoa não pode tomar o lugar do seu estudo e meditação sobre o texto bíblico. O sermão precisa ser expresso nas suas palavras. Pode até ser a idéia de outra pessoa, mas é expresso nas suas palavras. Você faz dele o seu sermão, ou você afirma que é o seu sermão quando, na verdade, pertence a outra pessoa? Ele precisa se encaixar na sua experiência.

Quando transformamos as idéias dos outros em nossas idéias, fica difícil discernir a linha entre o que é "original" (nada é realmente original) e o que é plagiado. Mas, certamente, se, para nosso sermão, tomamos a maior parte de outro pregador, então é uma questão de honestidade e integridade que demos crédito à pessoa de direito.

Em casos em que tomamos a maior parte do material de outra pessoa, seria sábio discutir isso com a liderança da igreja. Eles precisam fazer parte da nossa consciência, compreender por que queremos fazê-lo e concordar com isso.

As exigências para as notas de rodapé variam grandemente entre a escrita e a pregação. Se um sermão é impresso, as notas de rodapé devem ser detalhadas.

Se usamos o esboço do sermão de outra pessoa, uma forma de dar crédito é esta: "Encontrei uma abordagem de um sermão de tal pessoa, e quero compartilhar isso com vocês".

Capítulo 165

COMO PLANEJAR UMA SÉRIE DE SERMÕES MAIS RICA E PROFUNDA

A pregação expositiva requer reflexão antecipada

Haddon Robinson

Somente com o planejamento antecipado você pode pregar uma seleção ampla de material bíblico. E difícil imaginar alguém querer encarar o livro de Jeremias e começar a estudá-lo no sábado à noite. Assim, como podemos desenvolver um plano de pregação para uma série de sermões de três ou de doze meses?

Na sua maioria, os pastores que planejam seu trabalho de púlpito se retiram para um lugar solitário por pelo menos uma semana. Em primeiro lugar, eles perguntam a si mesmos e a outros: "O que gostaríamos de atingir por meio da pregação e do ensino nos próximos meses?". Com base na resposta a essa pergunta, eles pensam sobre diferentes livros da Bíblia que poderiam tratar desses alvos.

Para o retiro de estudos, leve a sua Bíblia e alguns bons comentários acerca dos livros escolhidos da Bíblia. Leia o texto bíblico diversas vezes (de preferência em algumas versões distintas) e se possível também nas línguas originais. Procure as divisões e subdivisões principais do material bíblico e determine os textos de pregação e do que cada texto trata. É útil dar a cada trecho um título geral que resuma o seu tópico. Os comentários podem ajudar você a determinar os tópicos mais amplos e mais específicos de um livro como também ajudar você a descobrir do que trata cada trecho e como ele desenvolve isso. Você certamente quer entender o pensamento do autor bíblico, seu público-alvo e o propósito do autor ao escrever esse livro.

Depois, pegue diversas folhas de papel e marque os domingos dos meses à frente. A seguir, estabeleça as datas e observe qualquer data especial que caia em cada dia ou perto dele (dia do trabalho, dia dos pais, dia das mães, advento e assim por diante). Depois mapeie seu calendário de sermões. Uma série longa pode ser interrompida por datas especiais.

Mesmo que você esteja pregando uma série, cada sermão precisa ter identidade própria. (E rara a congregação hoje em que as mesmas pessoas vêm domingo após domingo. O pastor não pode pressupor que todos tenham ouvido os sermões anteriores ou mesmo que os que os ouviram se lembrarão do que foi dito). Pode ser útil dar à série um título que promete o assunto que cada sermão da série tratará.

Se você criar uma pasta para cada domingo no seu calendário, poderá, nas semanas à frente, aproveitar qualquer material que encontrar que pareça pertinente e colocá-lo na pasta. Se você tiver feito um bom trabalho de base, estando, portanto, familiarizado com o livro que planeja expor, coisas que você nem tinha notado aparecerão subitamente. Quando você se sentar para preparar cada sermão, com freqüência já terá ilustrações e artigos que o ajudarão a ensinar e a aplicar os trechos.

Planejar seu trabalho de púlpito lhe dá o "tempo de cozimento" que torna os sermões mais ricos e profundos.

Parte nove

PREGANDO O SERMÃO

Como eu falo de forma que cative a atenção dos ouvintes?

Capítulo 166

A FONTE DA PAIXÃO

Focalizar a emoção não gera a pregação verdadeiramente fervorosa

Paul Scott Wilson

A maioria dos pregadores que desejam ser mais fervorosos comete um erro comum: Eles pensam no fervor na pregação como uma questão primeiramente sentimental, e não teológica. O fervor na pregação é primeiramente uma questão teológica que surge da percepção forte do pregador de que Deus quer atingir algo por meio do sermão. Os pregadores têm boas razões para serem fervorosos quando estão facilitando um encontro com Deus e quando oferecem à congregação o que ela está esperando: uma experiência de Deus julgando e reconciliando o mundo com amor e graça.

Obviamente ninguém tem a capacidade de apresentar a Deus à parte da ação do Espírito Santo no sermão e por meio dele. Visto que esse é o caso, os pregadores poderiam ser tentados a concluir que podem fazer muito pouco para ajudar o Espírito Santo a esse respeito, quando na verdade há muito que eles podem fazer.

Os pregadores precisam tentar focalizar em Deus em vez de focalizar constantemente nos seres humanos e o que se espera que estes façam para Deus. Muitos sermões são centrados no homem. Eles podem até parecer falar de Deus, e a congregação pode pensar que está recebendo a ajuda de que precisa, mas, geralmente, o pregador está lançando os seus ouvintes à própria sorte para realizarem o que Deus requer; em vez de oferecer a ajuda de Deus como ela é revelada no texto bíblico. Essa ajuda não está separada da cruz, da ressurreição e da ascensão de Jesus Cristo.

Contudo, focalizar Deus em si, com freqüência, não é suficiente, pois o sermão pode se transformar facilmente em um ensaio ou estudo, em vez de ser uma palavra de proclamação. Podemos apresentar a Deus de maneira tal que sugira que a coisa mais importante que a congregação tenha a receber é informação acerca de Deus, em vez de transmissão de Deus como um evento na sua vida. Podemos apresentar a Deus como uma idéia abstrata que a congregação precisa compreender ou como doutrina teológica que ela precisa aceitar — ambas são importantes e têm o seu lugar em um sermão — em vez de apresentá-lo como Deus conhecido em três Pessoas, que deseja um relacionamento com suas amadas criaturas.

O fervor certamente inclui a exortação, mas não deve ficar restrito a ela. O fervor na pregação também precisa transmitir o amor de Deus e o prazer no Senhor.

Estou convencido de que Deus não pode ser apropriadamente o tema do sermão se Deus não for também o sujeito da frase-tema do sermão. Visto que ela representa o sermão em microcosmo, o ponto em que estiver o foco da frase-tema aí estará o foco do sermão.

Por exemplo, Paulo escreve: "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1). Visto que Paulo tem seres humanos como tema da sua frase, podemos naturalmente decidir manter os seres humanos como tema dos nossos sermões acerca desse texto. Enquanto as ações humanas forem o foco, é difícil para o pregador se tornar fervoroso em qualquer coisa a não ser a exortação, pois a mensagem rapidamente se transforma em um esforço de demonstrar um ponto, nesse caso o ponto de Paulo de que fomos justificados pela fé. Desenvolver esse argumento tem o seu mérito, mas o sermão não precisa focalizar exclusivamente aí quando também pode oferecer algo mais. Como pregadores, somos chamados a proclamar o poder, o mistério e a graça salvadora de Deus. O potencial para o fervor aumenta quando o pregador põe lentes teológicas e coloca Deus em foco. Paulo está dizendo isto: Deus nos justifica por meio de Jesus Cristo.

Quando chegamos a um ponto no sermão em que falamos do poder de Deus, da sua grandeza, atividade e propósitos, temos algo mais com que nos empolgar. Aí também os nossos ouvintes têm algo com que se empolgar. Eles podem sair do culto sustentados pela água do Espírito, e não afogados pelos seus pecados e fracassos. Não é que estes não foram mencionados, mas antes não se lhes deu o direito de terem a última palavra, assim como a cruz não foi o fim da nossa história.

Recentemente ouvi a pregação de um ex-aluno meu. Ele e sua família haviam passado por muitas dificuldades desde que o conheci, e isso era perceptível. Havia uma reverência na sua forma de se portar no púlpito, um profundo respeito por sua tarefa, um sentimento profundo pelas palavras das Escrituras enquanto as lia. O seu sermão não foi eloqüente, mas ele foi sincero; o seu humor foi natural, pois ele tinha uma mensagem maravilhosa e cheia de esperança, cujo foco era Cristo. Esse pregador era fervoroso no melhor sentido da palavra: autêntico, exortativo às vezes, mas também jubilante.

Capítulo 167

A COMPAIXÃO E NECESSÁRIA

Por que pregadores racionais têm consideração por sentimentos

Jeffrey Arthurs

Páthos significa "sentimento ou emoção" (Conley, 1990, p. 317). Quando usado em discussões de persuasão, significa "todos aqueles materiais e artifícios projetados para conduzir a platéia a uma disposição mental adequada para a recepção das idéias do orador" (Thonssen e Baird, 1948, p. 358). Páthos merece um lugar central na teoria e na prática da homilética — um lugar mais elevado do que ocupa atualmente.

Argumentarei a favor disso na primeira seção deste artigo e farei algumas sugestões na segunda seção, mas primeiro preciso fazer uma ressalva: não estou opondo páthos a lógos. A pregação precisa incluir um forte elemento cognitivo, ou então não é pregação. Sem uma idéia dominante extraída de um texto bíblico, complementada por outras idéias, um sermão é meramente "ruído e frenesi que não significam nada" (Referência a uma expressão em "Macbeth", de Shakespeare: *" ...full of sound and jury, signifying nothing.).*

No entanto, se, por um lado, a pregação não pode ser menos do que a transmissão de uma idéia bíblica, por outro, deve ser mais. De Quincey comparou as duas artes da retórica, lógos e páthos, ao leme e à vela. O primeiro conduz o discurso, e o segundo o provê de energia (Thonssen e Baird, 1948, p. 358). Mesmo um tradicionalista como John Broadus argumentou que os pregadores precisam "da capacidade do raciocínio claro, com fortes sentimentos, e de uma imaginação vigorosa" para produzir "declarações impetuosas" (McDill, 1994, p. 10).

Visto que o apelo emocional é a matéria dos demagogos, deixe-me estender a minha ressalva para dizer que nenhum comunicador ético usa páthos para induzir uma platéia a agir de forma contrária à razão. Isso é manipulação, não persuasão. Jonathan Edwards se debateu com essa questão na resposta às acusações de sensacionalismo durante o Grande Avivamento. Sua resposta dá o tom para este artigo: "Devo imaginar que isso seja a minha tarefa, elevar as emoções dos meus ouvintes o máximo que puder, contanto que eles estejam empolgados com nada mais do que a verdade, e com emoções que não são contrárias à natureza daquilo com que estão empolgados" (citação em Piper, 1986, p. 80).

O meu argumento não é um apelo para diminuir ou lograr o lógos. Tampouco é um apelo para ignorar o papel do Espírito Santo na pregação. Estou convicto de que é o Espírito Santo quem converte e santifica a pessoa toda, não só a mente, e o Espírito Santo apela à mente e às emoções para mover a vontade.

Páthos influencia a tomada de decisões

A antiga dicotomía entre lógica e emoções, entre cabeça e coração, não reflete adequadamente a forma em que os seres humanos tomam decisões. Como o estudioso da retórica Roderick Hart argumenta: "Contrastar as tendências 'lógicas das pessoas com suas tendências 'emocionais' é separar características humanas que não deveriam ser separadas na análise visto que não podem ser separadas de fato. Quando as pessoas reagem a qualquer coisa [...], elas reagem com todo o seu ser" (1990, p. 121-122). Arnold e Wilson afirmam simplesmente que "as pessoas não racionalizam ou sentem, elas racionalizam porque sentem, elas sentem porque pensam que racionalizam" (1963, p. 318). A dicotomía entre páthos e lógos pode ser útil na academia, mas na praça e no mercado elas não podem ser separadas.

Mesmo se permitirmos essa dicotomía, descobrimos que o páthos influencia a vontade mais do que o lógos. Cícero já observou isso: "A humanidade toma

muito mais determinações por meio de ódio, do amor, do desejo, da raiva, da tristeza, da alegria, da esperança, do medo, do erro ou de outro sentimento da mente do que por consideração pela verdade, ou qualquer máxima estabelecida ou qualquer princípio de direito" (Thonssen e Baird, 1948, p. 360).

O que é "razoável" para os ouvintes depende mais de quão bem eles acham que a proposta satisfará seus desejos ou quão condizente ela é com suas presentes atitudes do que com cânones de lógica formal. C. S. Lewis afirma: "As pessoas não pedem fatos para tomar resoluções. Elas preferem um sentimento agradável que satisfaça a alma a uma dezena de fatos" (Martindale and Root, 1989, p. 482).

Nas Escrituras, Deus usa páthos

Páthos é fundamental para a tomada de decisões humana porque Deus nos fez de tal forma que reagimos a apelos emocionais, e ele mesmo usa páthos. Ele nos motiva por meio da admiração pela sua imensidade, temor pela sua santidade, confiança em sua bondade e alegria em sua graça. Páthos é crucial, não incidental, para o processo que Deus usa na comunicação. Como diz Robinson:

> Alguns textos são intensos de esperança, outros calorosos, alguns criam um senso de alegria, outros faíscam de raiva diante da injustiça, outros ainda vibram com o triunfo. Um sermão verdadeiramente expositivo deve criar no ouvinte a disposição que produziu no leitor [...] As tarefas do poeta, do dramaturgo, do artista, do profeta e do pregador se sobrepõem nesse ponto — fazer com que as pessoas vejam e sintam (1999, p. 82-83).

A começar pela súplica ardente de Charles Spurgeon, passando pela ternura pastoral de Jack Hayford, e chegando à exuberância de E. V. Hill, pregadores eficientes representam a Deus — suas idéias e emoções. Quando os pregadores usam páthos (e lógos e éthos), manejam bem a Palavra.

Antes de nos voltarmos às sugestões de como pregadores podem incorporar mais emoção na sua pregação, outra observação ajuda a estabelecer o lugar do páthos na pregação.

A mudança cultural atual

A bem-documentada mudança para o pós-modernismo na cultura ocidental inclui o ceticismo em relação à lógica racionalista. Os modernistas confiavam na lógica e se sentiam confortáveis com a verdade proposicional, mas os pós-modernos são mais propensos a adotar uma "perspectiva imaginativa/sentimental que considera o 'sentimento' e a 'imaginação' uma chave mais integrativa ao todo da realidade do que o 'conhecimento' ou a 'vontade' " (Sims, 1995, p. 332). Os pós-modernos desejam uma experiência de realidade, não simplesmente de afirmações acerca dela. Nesse aspecto, o pós-modernismo está mais próximo do cristianismo bíblico do que o modernismo.

Infelizmente, a maior parte do nosso treinamento nos capacita a fazer a exegese e a transmitir as idéias do texto, não os sentimentos. Por isso, na seção seguinte, sugiro três formas de elevar a posição do páthos na nossa pregação para que assim os nossos sermões não sejam como Ralph Waldo Emerson descreveu suas próprias palestras: "Coisas belas, coisas lindas, coisas sábias, mas sem flechas, sem machado, sem néctar, sem rosnado, sem perfurações, sem amor, sem encanto" (Larsen, 1989, p. 71).

Como elevar a posição do páthos

As três sugestões estão relacionadas às três áreas-padrão da pregação: exegese, transmissão e organização.

Inclua a identificação da disposição emocional como parte da exegese

A literatura bíblica induz a emoções assim como transmite idéias. Mensageiros eficientes tentam incorporar toda a mensagem de Deus; por isso, devem identificar a disposição emocional predominante no texto: "Embora seja mais difícil identificar as emoções de um autor, todo texto tem sua disposição emocional (Robinson, 1999, p. 82).

Podemos identificar essa disposição por meio de uma leitura lenta e imaginativa. Mesmo que textos de hermenêutica forneçam poucas ferramentas para a exegese da natureza sentimental de um texto, creio que a maioria dos pregadores possui sensibilidade suficiente para identificar a disposição emocional predominante em um texto. Simplesmente ao pensar que o texto tem como alvo criar uma experiência, não somente transmitir uma idéia, os pregadores deveriam ser capazes de identificar a disposição emocional predominante do texto.

No entanto, se um pregador se sente "literariamente desafiado", sugiro que faça leituras nas disciplinas de retórica e de interpretação oral. A retórica identifica o propósito de um autor e a mediação simbólica para atingir tal propósito, e a interpretação oral trata da incorporação desse propósito para a platéia. Obras igualmente úteis são as que mostram como determinar e comunicar o conteúdo afetivo. Dois outros campos a serem prospectados são "a Bíblia como literatura" e a teoria da reação do leitor (embora muito difamada nos círculos evangélicos, a crítica da reação do leitor ajuda os intérpretes a identificar os efeitos que os textos geram no; leitores). Fontes acerca desses campos de estudo estão enumeradas no apêndice deste capítulo.

Mas, reforçando, creio que o estudo especializado na "exegese afetiva" não é necessário para a maioria dos pregadores. Simplesmente precisamos acrescentar mais algumas perguntas à nossa lista de tudo em que devemos prestar quando estamos fazendo a exegese: "O que Deus está tentando fazer com este texto?", e: "Como o páthos ajuda a atingir esse alvo?". Não deveríamos perguntar somente: "O que significa o texto?", mas também: "Como o texto me faz sentir". A identi-

ficação da disposição emocional é o primeiro passo para a transmissão dessa disposição emocional, e o passo seguinte é incorporar essa disposição na transmissão da mensagem.

Corporifique a disposição emocional no sermão

Depois que o pregador identificou o conteúdo afetivo do texto, então deve corporificá-lo. Eu uso a palavra "corporificar" porque grande parte da transmissão do páthos ocorre de forma não-verbal. Quando o pregador sente genuinamente a disposição emocional do texto, a platéia estará mais propensa a reagir a isso. O retórico e pregador Hugh Blair escreve: "O único método eficaz [de tocar as emoções dos ouvintes] é que você esteja tocado [...] Há um óbvio contágio entre os sentimentos" (Thonssen e Baird, 1948, p. 364).

Estudiosos da interpretação oral explicam esse "contágio" pela teoria da "empatia". Quando o ator "sente a" literatura, ocorre a reação física. A platéia percebe essa reação (embora a percepção com freqüência seja inconsciente) e adota a mesma atitude (Lee e Gura, 1987, p. 126-128; Aggertt e Bowen, 1963, p. 146-150).

Esse "contágio" é indispensável para o pregador. Dabney diz que a "lei da empatia" é "o braço direito do pregador na obra de persuasão" (veja a seção Retórica Sacra em Hogan). Mensageiros eficientes demonstram que a verdade se apossou deles e que deve se apossar dos ouvintes. Mensageiros eficientes corporificam o texto.

Mas é mais fácil falar disso do que pôr em prática. Cada um de nós tem o seu estado emocional habitual. Esse estado pode corresponder ou não à disposição emocional do texto. Um pregador brando e meloso terá dificuldades em corporificar o clímax do fim dos tempos em Apocalipse 21. Um pregador sentimentalmente inflexível que não "se submete à atmosfera e ao espírito de" 1 Pedro 1.3-9 transformará a esperança radiante em culpa por não possuir tal esperança (Robinson, 1999, p. 83).

Além do problema dos estados emocionais habituais, os estados emocionais oscilantes do pregador podem corresponder ou não ao tom do texto. Em uma semana estamos deprimidos, em outra estamos gratos. A única solução é pensarmos e orarmos e nos imaginarmos dentro do texto tão profundamente que ele governe nosso coração e mente, e depois devemos falar naturalmente, não temendo revelar nossos sentimentos em público.

E evidente que a corporificação do estado emocional do texto será diferente para cada um de nós visto que a pregação é a verdade por meio da personalidade, mas os ouvintes ainda assim estarão em condições de perceber se estamos emocionalmente sintonizados com a mensagem de Deus.

A "corporificação" pode ser ensinada? Sim e não. Há algum valor em exercícios repetitivos que depuram a transmissão, e os exercícios podem ajudar o orador

a se sentir mais seguro em projetar a emoção, mas a chave não é a técnica. É o sentimento genuíno. Os professores deveriam elevar a conscientização acerca do páthos na pregação, ajudar os seus alunos a identificar os elementos afetivos do texto, modelar a "corporificação" e estimular pregadores em treinamento a "soltar os sentimentos". Eles precisam saber que "pessoas comuns prestam atenção nos sentimentos do pregador tanto quanto nas suas idéias, talvez até mais. Isso simplesmente faz parte do poder da palavra falada" (Shelley, 1998, p. 102).

A necessidade à superfície

Para elevar o poder do páthos nos nossos sermões, devemos dar atenção especial à necessidade que está à superfície logo na introdução. Essa sugestão, como a anterior, é simplesmente um lembrete, mas é um lembrete que vale a pena ser dado mais uma vez. Logo no início do sermão, a platéia precisa sentir sua necessidade pela Palavra, se não o motor do páthos pára.

Retóricos clássicos falavam da necessidade de "peroração" (a conclusão), ma¿ os teóricos modernos, como Monroe com sua "seqüência motivada", argumentam de forma convincente que os ouvintes só concedem atenção ao que lhes interessa, e o que lhes interessa é o que eles sentem que precisam. Por isso, para levar o mundo do texto para o mundo dos ouvintes, o pregador precisa mostrar no início do sermão como a verdade trata de necessidades percebidas. Todo o aprendizado começa no nível dos sentimentos.

Que ferramentas há para a identificação das necessidades? Muitas, como a solicitação de *feedforward,* mas talvez a ferramenta mais poderosa seja simplesmente a imaginação. Henry Ward Beecher chegou a ponto de argumentar que o primeiro elemento do qual a sua pregação depende grandemente para ter impacto e fazer sucesso [...] é a imaginação, aspecto que considero o mais importante dc elementos necessários para a formação do pregador" (Larsen, 1989, p. 108). DEvemos imaginar as emoções do texto; e também devemos imaginar as necessidade: do nosso povo. A imaginação aumenta a identificação, e a identificação é praticamente sinônima da comunicação eficaz.

Páthos merece um lugar elevado na teoria homilética e na pregação. Quando anda de mãos dadas com lógos e éthos, ocorre a comunicação holística e de grande impacto. Os mensageiros eficientes identificam e corporificam os estados emocionais do texto enquanto pregam às necessidades. Os pregadores eficientes valorzam o páthos e o usam para a glória de Deus.

Fontes citadas

AGGERT, Otis J. e Elbert R. BOWEN. 1963. *Communicative Reading,* 2.ed. Nova York Macmillan.

ARNOLD, Carroll, e John F. WILSON. 1963. *Public Speaking as a Liberal Art,* 3.ed. NOVA York: Macmillan.

BUTTRICK, David. 1994. *A Captive Voice*: The Liberation of Preaching. Louisvile Westminster John Knox.

CONLEY, Thomas M. 1990. *Rhetoric in the European Tradition*. Nova York: Longmans.
HART, Roderick P. 1990. *Modem Rhetorical Criticism*. Glenview, IL.: Scott, Foresman & Little, Brown.
Hogan, William L. 1997. "White Guys Can't Preach (What I Have Learned From African American Preachers)". Trabalho não-publicado apresentado na *Evangelical Homiletics Society*, outubro de 1997, South Hamilton, MA. Transcrição eletrônica.
LARSEN, David L. 1989. *Anatomy of Preaching*. Identifying the Issues in Preaching Today. Grand Rapids: Kregel.
LEE, Charlotte I. e Timothy GURA. 1987. *Oral Interpretation*, 7.ed. Boston: Houghton Mifflin.
MARTINDALE, Wayne, e Jerry ROOT. 1989. *The Quotable Lewis*. Wheaton, IL: Tyndale.
MCDILL, Wayne, 1994. *The 12 Essential Skills for Great Preaching*. Nashville: Broadman & Holman.
PIPER, John. 1986. *Desiring God* \ Meditations of a Christian Hedonist. Portland, OR: Multmonah. (*Em busca de Deus*, Shedd Publicações, 2008).
PITT-WATSON, Ian. 1976. *Preaching*. A Kind of Folly. Filadélfia: Westminster.
REÍD, Robert Stephen. 1995. "Postmodernism and the Function of New Homiletic in Post-Christendom Congregations". *Homiletic* 20/2, p. 1-13.
ROBINSON, Haddon W. 1999. *Making a Dijference in Preaching*. Ed. Scott M. Gibson. Grand Rapids: Baker.
SHELLEY, Bruce. 1998. "The Big Idea and Biblical Theology's Grande Theme". P. 95-107 em *The Big Idea of Biblical Teaching*. Connecting the Bible to People. Ed. Keith Willhite e Scott M.Gibson. Grand Rapids: Baker.
SIMS, John A. 1995. "Postmodernism: The apologetics Imperative". P. 324-43 em *The Challenge of Postmodernism'*. An Evangelical Encounter. Ed. David S. Dockery. Wheaton, IL: Victor.
THONSSEN, Lester, e Baird A. CRAIG. 1948. *Speech Criticism-*. The Development of Standards for Rhetorical Appraisal. Nova York: Roland.
WALZER, Arthur E. 1999. "Campbell on Passions: A rereading of the Philosophy of Rhetoric". *Quarterly Journal of Speech* 85: p. 72-85.

Apêndice

Acerca da retórica, especificamente do ato da retórica, veja John L. AUSTIN, *How to Do Things with Words* (Nova York: Oxford Univ. Press, 1970). Acerca da interpretação oral, veja Charlotte I. LEE e Timothy GURA, *Oral Interpretation*, 7.ed. (Boston: Houghton Mifflin, 1987); Todd V. LEWIS, *CommunicatingLiterature*, 2.ed. (Dubuque, IA: Kendall/Hunt, 1991). Acerca da determinação e transmissão eficaz de conteúdo, veja Michael A. BULLMORE, "Re-examining Author's Intent: The Nature of Scripture, Exegesis, and the Preaching Task", trabalho não-publicado, Evangelical Homiletical Society (outubro de 1997); Jay ADAMS, *Preaching with Purpose* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1982); Mike GRAVES, *The Sermón as Symphony*. Preaching the Literary Forms of the Bible (Filadélfia: Judson, 1997); e Thomas G.Long, *Preaching and the Literary Forms of the Bible* (Filadélfia: 1989). Acerca da Bíblia como literatura, veja Leland RYKEN, *How to Read the Bible as literature* (Grand Rapids: Zondervan, 1984). Acerca da teoria da reação do leitor, veja Stanley E. FISH, *SelfConsuming Artifacts*: The Experience of Seventeenth-Century Literature (Berkeley, CA: Univ. of California Press, 1972).

Capítulo 168

PREGANDO COM INTENSIDADE

Como transmitir a mensagem de tal forma que os ouvintes sintam a emoção do pregador

Kevin A. Miller

Eu mal conseguia esperar esse sermão. O texto, de 1 Samuel 20, focaliza um dos momentos mais intensos e dolorosos de toda a Bíblia — Davi se despedindo pela última vez do seu mais caro amigo, Jônatas. "Davi [...] inclinou-se três vezes perante Jônatas", diz a Bíblia. E continua: "Então despediram-se beijando um ao outro e chorando; Davi chorou ainda mais do que Jônatas" (v. 41). Fiquei com um nó na garganta quando estudei o texto. No mês anterior, eu tinha ajudado um dos meus melhores amigos a carregar todos os seus pertences em um grande caminhão de mudanças. A porta traseira do caminhão tinha fechado com um estrondo metálico. Então meu amigo tinha partido para outro estado, e eu sabia que não o veria novamente por muito tempo.

No preparo para a minha mensagem, eu tinha estudado grande parte de 1 Samuel para ter uma boa idéia do contexto. Tinha devorado comentários. Naquela manhã, sentia-me como um velocista na quadra pronto para a arrancada, esperando que o culto chegasse ao momento em que eu pudesse pregar essa mensagem da Bíblia e do meu coração em chamas.

Enquanto pregava, incluí ilustrações de eventos atuais, da história e da minha vida. Até engasguei um pouco na hora de contar a história de ter perdido o meu caro amigo em virtude da mudança dele para longe.

Na semana seguinte, em uma quase bravata de pregador, enviei o sermão para a série de mensagens em áudio *Preaching Today* da revista *Leadership.* Um dos avaliadores experimentados da *Preaching Today* analisou devidamente o meu sermão, e porque eu trabalhava como editor para a revista *Leadership,* tive oportunidade de ver os comentários. O sermão era bom, o avaliador disse, mas não o suficiente para obter um lugar na *Preaching Today.* O conteúdo em geral obteve notas altas. Mas a transmissão — o meu cartão de avaliação do sermão continuava dizendo — era um pouco chata.

Transmissão chata? Mal pude acreditar. Mais tarde, naquela mesma semana, coloquei a fita do sermão no toca-fitas do carro e o ouvi mais uma vez. Enquanto ouvia o sermão dessa distância, surpreendentemente tive de concordar: faltava-lhe vibração. Embora eu tivesse sentido a mensagem de forma tão profunda, de alguma maneira minhas convicções e emoções não foram passadas com a intensidade que eu queria. Fiquei perplexo com aquilo.

Por que será que às vezes nós, os pregadores, temos sentimentos tão profundos acerca da nossa mensagem, mas os nossos ouvintes não sentem da mesma forma:

Por que algo que é tão intensamente relevante para nós nem sempre é transmitido de forma tal que tome conta da congregação com a mesma intensidade?

Por que a intensidade não é transferida

Ao menos quatro fatores impedem a emoção do pastor de tocar a congregação.

O fator personalidade

Quando ouço os sermões de muitos dos pregadores mais conhecidos deste país, sou tocado e fico comovido. Parte do impacto vem da percepção, a habilidade com que esses ministros transmitem a verdade de Deus. Mas parte da razão de os seus sermões serem tão eficazes é que esses pregadores são tão intensos. A energia deles me atrai.

No meu trabalho com *Leadership,* à medida que interagia com alguns desses talentosos comunicadores, descobri algo surpreendente: eles são exatamente tão intensos quando não estão no púlpito. Até depois de uma conversa a dois, eles deixam você um tanto esbaforido e com o sentimento de que você precisa agir agora. A linha básica é esta: aí estão pessoas muito intensas. A sua vibração pela mensagem do evangelho transparece, em parte, simplesmente por causa da sua personalidade que receberam de Deus.

Sou do tipo mais calmo. Não posso esperar que a minha postura pessoal transmita adequadamente a profundidade da minha fé na Palavra de Deus, o tamanho do meu amor por Jesus Cristo, o quanto considero crítico que as pessoas lhe obedeçam. Preciso aprender e usar os meios testados pelo tempo de me comunicar com um grupo para que eles tenham as mesmas convicções, emoções e energia que eu sinto interiormente.

O fator tempo

Na hora que subo ao púlpito, já estudei para essa mensagem a semana toda. Meditei sobre o texto. Li comentários. Orei acerca da mensagem. Dediquei a esse sermão entre oito e vinte horas dos meus melhores esforços mentais, oração e energia.

Mas as pessoas que estão me ouvindo e prestando atenção em meu sermão estão frias; não tiveram esse tempo de aquecimento. O que se tornou tão significativo para mim não teve tempo para penetrar no coração delas. Não posso esperar que as verdades que tomaram conta de mim e me tocaram profundamente durante horas de estudo automaticamente toquem com tal profundidade a congregação — a não ser que eu pratique as habilidades que descreverei a seguir.

O fator posição

A forma em que um pregador experimenta a mensagem e a forma em que o ouvinte experimenta exatamente a mesma mensagem são pólos opostos. Por exem-

pio, quando faço uma pausa na hora de pregar, parece que a minha pausa dura para sempre. Mas depois quando ouço a gravação da mensagem, o que parecia uma pausa de dez segundos, na verdade, só durou dois ou três segundos. Da mesma forma, o que parece um ponto importante para mim pode não parecer tão grande e importante para os meus ouvintes.

Por quê? Estou parado na frente de dezenas ou centenas de pessoas, o que torna o momento da pregação intenso para mim; a adrenalina está acelerando todo o meu sistema, intensificando minhas emoções, minhas energias e memória. Lamento dizer, mas meus ouvintes não acham que simplesmente ouvir um sermão seja uma injeção de adrenalina. O horário do culto de domingo provavelmente não é o momento de pico emocional da semana deles, e eles entraram para o culto cansados do trabalho na grama ou quintal no dia anterior, de assistir a vídeos na noite anterior, ou depois de um dia no parque ou da volta do jogo. Eles não trazem por si mesmos um foco intenso ou fortes emoções, assim eles precisam que eu transmita a mensagem de tal maneira que passe intensidade.

O fator distância

Um sermão é como uma pedra lançada no lago — as ondas se propagam a partir do ponto em que a pedra tocou a água, tornando-se cada vez mais fracas à medida que se propagam. A expressão facial de emoção intensa parece poderosa de perto, mas como um rabisco indistinto para o sujeito sentado na última fileira (e a mulher que fechou os olhos por um segundo, nem a percebeu). O movimento do braço que a você parecia um grande gesto pareceu como o movimento do dedo mindinho para as pessoas mais distantes de você.

Questões de convicção

Para ajudar a compensar esses quatro fatores, desenvolvi algumas perguntas acerca da pregação para me assegurar de que minhas convicções são transmitidas com intensidade. Faço essas perguntas quando recapitulo as minhas anotações.

O fator da ousadia

Estou transmitindo com ousadia as declarações ousadas? Poucos elementos no sermão carregam tanto ímpeto quanto uma simples afirmação ou ordem declarativa. Mas leia alguns sermões recentes, e você encontrará pouquíssimas delas. Por quê?

Pessoas cultas — e muitos ministros estão entre as pessoas mais cultas do mundo — foram ensinadas na faculdade e na pós-graduação a qualificar sua; declarações. Por exemplo, se você escrever em um trabalho escolar no seminário que "Nas suas 95 teses, Lutero atacou as indulgências com veemência", o professo: marca a afirmação em vermelho e escreve na margem: "Mas nessa época inicial do seu desenvolvimento teológico, Lutero atacou somente o abuso das indulgências, não a idéia delas em si — veja Tese 73". Depois de receber dois ou três comentário;

desses, você se sente intimidado e não faz mais declarações ousadas, porque você não quer ser olhado de cima para baixo como alguém que faz declarações radicais ou simplificadas demais. Você quer mostrar que fez a lição de casa e compreende as nuanças e sutilezas.

E fácil incorporar no seu púlpito essa prática acadêmica tão enraizada. Em vez de dizer com ousadia: "Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma" (Lc 3.11), conseguimos transformar isso em: "Esse texto nos adverte contra os prazeres excessivos. E importante perceber, no entanto, que isso não significa que temos de parar de desfrutar a vida, ou que todos precisamos nos tornar monges no deserto". As nuanças da segunda declaração podem parecer necessárias, mas também podem apagar o fogo das palavras de João Batista.

Toda nuança ou qualificador, embora possa acrescentar exatidão técnica, também abranda a força da afirmação que estamos tentando fazer. Mesmo que acreditemos em algo intensamente, podemos drenar a energia da nossa afirmação de tal forma que a congregação nem perceba. E bom ser exato, usar nuanças, contrabalançar. Mas não podemos permitir que essas boas práticas façam com que o fio da espada de dois gumes, a Bíblia, fique cego.

Decidi que se a ousadia simples afasta as pessoas mais cultas, que assim seja. Certa vez, Martinho Lutero disse: "Quando prego, não considero doutores nem magistrados, dos quais tenho mais de 40 na minha congregação; dirijo todos os meus olhos às servas e às crianças. E se os homens cultos não estão satisfeitos com o que estão ouvindo, bem, a porta é serventia da casa".

Se o desejo de ser tecnicamente cuidadoso pode, às vezes, diminuir a nossa intensidade, assim também pode o amor que Deus nos deu pelas pessoas. Sentimo-nos desconfortáveis dizendo: "Deus odeia o divórcio" (cf. Ml 2.16), porque olhamos e vemos na terceira fila uma mulher que acaba de passar por um divórcio dolorido depois de anos de ser maltratada pelo marido. Ou nos desencorajamos de usar a frase: "Não acumulem para vocês tesouros na terra" (Mt 6.19), porque não queremos assustar desnecessariamente um membro que é um planejador financeiro diplomado e gasta seus dias ajudando as pessoas a fazer exatamente isso. Precisamos mostrar compaixão, mas diminuímos a nossa intensidade e eficiência como pregadores se permitimos que a sensibilidade exagerada nos impeça de fazer afirmações ousadas.

O fator volume e emoção

Estou variando suficientemente meu volume e emoção? Não fazer isso é uma das principais razões, assim concluí, que o meu sermão sobre Davi e Jônatas pareceu chato. Quando eu estava explicando a informação de pano de fundo sobre o texto, falei em um volume moderado e tom de voz nivelado. Mas quando cheguei ao cerne crucial do texto, quando Davi se curva no chão diante de Jônatas e se levanta para abraçá-lo, chorando, eu ainda estava falando no mesmo volume moderado e tom de voz sem grandes variações.

Uma das razões que fazem a pregação afro-americana acertar em cheio é que essa pregação usa todo o espectro do volume da voz humana, desde o sopro até o grito, e o espectro completo das emoções humanas, desde a ira até a alegria. Um dos sermões de maior impacto que ouvi foi a mensagem que se tornou famosa, "Quando Deus estava na sua melhor forma?" de E. V. Hill. Em estilo tipicamente afro-americano, Hill começa lentamente, com voz grave e calma — quase que com uma neutralidade emocional, como se estivesse à distância. Ao longo do seu sermão, ele analisa diversos momentos possíveis em que Deus pudesse ter estado na sua melhor forma — quando criou o mundo, quando criou o ser humano, quando salvou o povo de Israel do Egito e assim por diante — e Hill aumenta gradativamente a intensidade. No final do sermão, quando Hill revela o momento em que Deus estava realmente na sua melhor forma — "quando salvou um pecador como eu" — Hill conta a história da sua própria conversão de forma alegre e no máximo do volume, com um grito.

Pergunto-me: "Qual é a seção mais importante desse sermão? Qual é o pico?". E, a seguir, esforço-me para que a minha maior intensidade seja transmitida nesse ponto.

O fator ampliação

Estou tornando amplos os meus movimentos?^ocê já percebeu o que faz quando está conversando com alguém e você quer dizer algo que é crucialmente importante ou muito delicado? Percebo que inclino um pouco a minha cabeça para mais perto da outra pessoa, diminuindo o volume da voz e encolhendo um pouco os braços. Até o meu pescoço e os ombros se inclinam levemente, porque quero me tornar próximo e pessoal para contar essa notícia. Tudo isso é natural e perfeitamente apropriado quando estamos falando intensamente a dois.

É fácil, no entanto, usar instintivamente o mesmo tipo de linguagem corporal quando estamos falando intensamente a 175 pessoas. E quando encolhemos o; braços e inclinamos um pouco a nossa cabeça para frente, pode ser que nossa aparência se torne menor e rígida, exatamente no momento em que o nosso corpo deveria estar transmitindo o seguinte: "Aí está uma notícia fantástica! Ouçam isso! .

Haddon Robinson, autor de *Pregação Bíblica,* sabiamente aconselha os pregadores a fazer de tudo para que seus movimentos sejam naturais. Mas dentro do seu espectro de movimentos naturais, tente ampliar. Quando você quiser transmitir a vastidão da misericórdia de Deus, abra completamente os seus braços. Quando você quiser deixar claro o momento crucial em que Jesus disse: *"Eli, Eli, lama sabachth",* incline a sua cabeça para trás e olhe lá longe para o céu escurecido.

O fator velocidade

Estou fala?ido com velocidade suficiente? É verdade que falar lentamente pode se: uma ferramenta fundamental para dar destaque. E verdade também que o sermão

funciona melhor quando há diversidade: ritmo veloz, lento e médio. Mas como regra geral, posso aumentar a intensidade da minha comunicação se elevo o valor padrão no meu metrónomo. O aumento da velocidade não deve ser muito grande, nem deve ir além do que faz você se sentir confortável. Mas um ritmo mais rápido transmite energia, entusiasmo e, portanto, importância. Pode ser mais uma maneira que você usa para que a intensidade que você sente seja passada à congregação.

O fator vida

Finalmente, o mais importante, faço esta pergunta: *Estou tentando viver o que estou prestes a dizer?* O fator intensificador de maior impacto da nossa comunicação não é o nosso conteúdo e não é a forma com que o transmitimos. E nossa vida.

Se visitamos as pessoas no hospital, então quando pregamos sobre compaixão, nossas afirmações acertam o alvo. Se resistimos fielmente às dificuldades de uma tragédia— um acidente de carro, a perda de um filho — então qualquer coisa que dissermos depois disso acerca de confiar em Deus durante o sofrimento entra diretamente no coração dos nossos ouvintes.

Suponho que desde Roe v. Wade em 1973, centenas de milhares de sermões contra o aborto tenham sido pregados neste país. Alguns descreveram o processo físico e repulsivo do aborto no estágio avançado da gravidez, o que nos faria pensar que isso os transformou nos sermões mais intensos pregados acerca do tópico. Mas acho que o sermão mais intenso que já foi pregado contra o aborto foi uma mensagem falada de forma simples e hesitante, pregada por uma mulher albanesa idosa e enrugada, que falou no Café da Manhã Nacional de Oração em 1994. Suas frases foram dolorosamente simples: "Por favor, não matem a criança. Eu amo essa criança. Dê a criança para mim". Suas palavras acertaram com a intensidade de um raio laser porque o nome dela era Madre Teresa.

Capítulo 169

SEM ANOTAÇÕES, MUITAS ANOTAÇÕES, ANOTAÇÕES BREVES

Os prós e contras da pregação sem anotações e da pregação com anotações

Jeffrey Arthurs

Os Hatfields *versus* os McCoys; a Casa de Lancaster *versus* a Casa de York. Rixas entre clãs não estão limitadas à literatura, ao folclore ou à história. A homilética também tem sua rixa: pregar sem anotações *versus* pregar com anotações. Cada lado tem os seus heróis, e cada lado defende a sua posição com fervor.

Este capítulo tenta dar equilíbrio à rixa ao adotar a posição de Fred Craddock:

> Cada método paga um preço pelas suas vantagens. Aqueles que preferem a liberdade de relacionamentos disponíveis ao pregador sem as suas notas

> geralmente não valorizará tanto a elaboração cuidadosa e a riqueza do conteúdo. Aqueles que preferem o tecido firmemente trançado de um sermão escrito precisam [...] aceitar o fato de que o sermão escrito é menos pessoal e o seu uso menos evocativo de participação intensa dos ouvintes" (1985, p. 216).

Este capítulo descreve os prós e contras de cada método como também algumas sugestões para cada um. Antes de considerar os três métodos — sem anotações, muitas anotações, anotações breves — três esclarecimentos são necessários.

Esclarecimento n.° 1: ninguém recomenda que preguemos *totalmente* sem anotações. Até mesmo o clã dos "sem anotações" permite que levemos estatísticas e citações ao púlpito. Se não tivermos nada mais, ao menos levaremos conosco nossa Bíblia, que podemos ter marcado para a pregação.

Esclarecimento n.° 2: este capítulo não trata de dois métodos de transmissão muito discutidos em livros-texto de oratória (discurso memorizado e discurso improvisado), visto que nenhum desses deveria ser o método-padrão do pastor. A memorização toma tempo e esforço demais para um retorno não correspondente. Como diz John Stott: "O esforço [de memorizar] é enorme, o risco de esquecer alguma linha é considerável e a energia mental necessária tão grande que o pregador tem de se concentrar no script memorizado em vez de na sua mensagem e na congregação" (1982, p. 256). A boa mordomia nos orienta a gastar o nosso tempo em outras coisas.

Mensagens improvisadas são necessárias ocasionalmente no ministério da Palavra para tratar de questões e falar em tempos de crise, mas esse método não é apropriado para o ministério regular de ensino. A terapia intravenosa é necessária numa emergência, mas não deve substituir uma dieta equilibrada.

Esclarecimento n.° 3: a pregação sem anotações não deve ser confundida com a pregação improvisada. A maioria dos estudiosos de homilética define a pregação sem anotações como pregação que faz um preparo cuidadoso da mensagem mas que escolhe grande parte da linguagem no momento da transmissão (e.g., Jay Adams, 1975, p. 113).

Sem anotações

Por que usar esse método?

(1) Parece que Jesus e todos os pregadores bíblicos usaram esse método. Embora esse fato seja mais descritivo do que prescritivo, ainda assim é um fato a ser considerado. Deveríamos desenvolver nossa teologia da pregação de afirmações *e* exemplos da Bíblia.

Foi só a partir da Reforma que um número considerável de pregadores começou a levar o sermão escrito para o púlpito. Isso aconteceu em parte porque os valores da tipografia influenciaram a comunicação oral no mundo pós-Gutenberg. Os

sermões se tornaram detalhadamente fundamentados, complexos e obras de arte permanentes, mas hoje somos pós-pós-Gutenberg. Alguns estudiosos chamam a nossa época de *oralidade secundária.* Já não nos comunicamos com o estilo livresco dos séculos XVI e XVII. Na oralidade secundária, os oradores públicos não soam como ensaios escritos. Eles soam como uma conversa.

(2) Ê atraente para a platéia. Com poucas exceções, os ouvintes preferem sermões que sejam diretos, em tom de conversa e possuem um ar de espontaneidade. Eles não gostam que se leia para eles. Assista aos conferencistas populares na TV pública quando falam de temas como sucesso ou espiritualidade, e você nunca verá um deles ler o seu discurso para a sua platéia. Sem dúvida, os discursos são bem planejados e ensaiados, mas os oradores não usam anotações visíveis. No mundo pós-pós-Gutenberg, as platéias foram socializadas para esperar falas sem anotações assim que até quando as falas são transmitidas com base num texto escrito, como o noticiário da noite ou a palavra do presidente, os comunicadores usam *teleprompters* para que pareça como se não usassem anotações.

(3) Melhora a comunicação e a persuasão. Parte da força de não se usar anotações provém do contato visual. Os seres humanos enviam e decodificam grande número de mensagens com os olhos. Os bebês olham instintivamente para os olhos para discernir relacionamentos e intenções. Os animais também fazem isso. Os poetas descrevem regularmente o poder dos olhos. Considere a séria afirmação em Lucas 22.61,62 depois que Pedro traiu a Jesus: "O Senhor voltou-se e olhou diretamente para Pedro. Então Pedro se lembrou [...] [saiu e] chorou amargamente".

A pregação exige contato visual, e o método mais adequado para o contato visual é o que não usa anotações.

> A pregação, acima de tudo, é conversacional [...]. Aqueles ouvintes, se você realmente olhar para eles, afetarão você. A atenção deles estimulará a sua concentração. A concordância expressa deles inflamará a sua convicção. A frustração deles fará você diminuir o ritmo e pode levá-lo a falar de forma mais reflexiva e em um tom menos agressivo [...] Você não pode olhar para os seus ouvintes e "ler" a reação deles a você, ao que você está dizendo, e a como você o está dizendo, sem se sentir tocado de alguma forma (Charles Bartow, 1980, p. 99-100).

Embora seja possível usar contato visual eficaz em meio ao uso de muitas anotações, fazer isso é difícil. Poucos pregadores lêem bem, um ponto que destacarei mais tarde.

Além de desatrelar o impacto comunicativo do contato visual, a pregação sem anotações também permite o estilo oral na linguagem e sintaxe, e as pessoas na oralidade secundária têm maior compreensão quando ouvem mensagens em estilo oral do que em estilo escrito (Adams, 1975, p. 113). Embora seja possível que pregadores que usam muitas anotações escrevam em um estilo oral, poucos o fazem (veja abaixo).

(4) Inspira preparo cuidadoso. A pregação sem anotações exige simplicidade implacável na organização. Uma idéia precisa fluir para outra idéia, ou você não conseguirá se lembrar do que vem em seguida. Como os pregadores experimentados sabem, desenvolver mensagens simples (não simplistas) exige mais do que desenvolver uma coletânea aleatória de idéias que incluem até a pia da cozinha. Ilustrações que malmente ilustram, analogias que não se encaixam e trilhos de lebres que são interessantes, mas subservientes, são tabu quando se prega sem anotações.

O resultado dessa simplicidade implacável é a pregação de maior impacto. Aliás, creio que esse é o benefício principal da pregação sem anotações. Quando o pregador pensa tanto até tudo ficar perfeitamente claro, os ouvintes são os maiores beneficiados.

(5) Aumenta a liberdade. A pregação sem anotações dá a liberdade de acrescentar ou subtrair idéias no momento da transmissão. Quantos de nós já recebemos a promessa de que teríamos trinta minutos, mas terminamos falando só vinte depois que as outras partes do culto passaram do tempo? Além disso, a pregação sem anotações dá liberdade para você se afastar do púlpito, gerando liberdade física e psicológica.

Essa questão de liberdade é crucial para a pregação vivida e entusiástica. Jay Adams usa o termo *cristalização* para descrevê-la:

> O fator cristalização é a culminação do preparo cuidadoso e da longa reflexão antes da pregação do sermão. Durante a concentração completa devida à tensão da experiência da pregação, no momento da transmissão algumas idéias cristalizam. A cristalização gera a espontaneidade e confere a faísca à fala que a calma composição de um sermão escrito somente na sala de estudos é incapaz de produzir (1975, p. 114).

Por que evitar esse método?

(1) Você pode esquecer! Como todos sabemos, essa é uma péssima sensação. Pior que isso, o seu apagão pode prejudicar a clareza e o impacto da sua mensagem. Os defensores da pregação sem anotações tendem a minimizar esse fato, mas os fatos são coisas teimosas. Os que pregam sem anotações, mesmo tendo muita experiência, *acabam por esquecer* às vezes. É claro, o clã dos "sem anotações' é rápido em argumentar que isso acontece raramente, e eles estão certos. Geralmente você é o único que percebe que esqueceu um ponto, mas você pode esquecer um ponto crucial, ou o seu esquecimento pode levar você a se atrapalhar e murmurar alguma coisa.

(2) Conduz à fala superficial ou imprecisa. Repito, essa cilada não é certa, mas é mais provável do que quando pregamos *com* anotações. Recaímos em clichés quando ficamos à procura de expressões, e clichês raramente encontram o seu alvo no coração humano.

Como usar esse método

Koller (1962, p. 85-97) sugere um processo em três estágios para pregar sem anotações.

(1) Saturação. Isso toma em torno de 50% do seu tempo de preparo. A chave é estudar bastante e pensar e orar tanto que você se sinta imerso no texto. Como diz Haddon Robinson, precisamos pensar até termos clareza total. Semelhantemente, Cícero afirmou: "Nenhum homem pode ser eloqüente em um tópico que ele não compreenda" (em Koller, p. 85). Se você fez uma boa exegese e orou pelo seu sermão, você ficará surpreso ao perceber o quanto internalizou a mensagem. Você está a meio caminho de pregar sem anotações!

(2) Organização. Isso toma em torno de 40% do seu tempo de preparo. A chave é organizar o seu sermão de forma tão simples e natural que seja fácil de se lembrar do fluxo. Quanto melhor o esboço, menor é a probabilidade de que seja necessário no púlpito. Esse estágio toma 40% do seu tempo porque é difícil ser simples. Ao comentar acerca dessa questão de organização, Lloyd-Jones diz:

> O preparo do sermão inclui suor e trabalho. Pode ser extremamente difícil às vezes encaixar todo esse conteúdo que você encontrou nas Escrituras nessa forma particular. É como um [...] ferreiro que faz a ferradura para o cavalo; você precisa continuar colocando o material no fogo e depois na bigorna e bater nele de novo e de novo com o martelo. A cada batida fica um pouco melhor, mas ainda não ficou bom; assim você o faz passar pelo processo vez após vez até estar satisfeito, ou até não poder melhorá-lo mais (1972, p. 80).

Um amigo me contou recentemente que está se preparando para pregar sobre Apocalipse com a seguinte seqüência de idéias: (1) Deus vence. (2) Satanás perde (3) Não está nem perto. (4) E permanente. Fui capaz de lembrar essa seqüência de um único *e-mail,* e não fui nem eu que preguei o sermão!

Aqui estão alguns padrões naturais de pensamento que se transformam em padrões simples para formas de sermão:

- Cronologia (como passado-presente-futuro)
- Espaço (como interior-exterior)
- Causa e efeito (como sintomas-doenças)
- Problema-solução (como doença-cura)
- Antítese (como não isso-mas aquilo)

Para ajudar você a lembrar os pontos principais, use uma ilustração com cada um. Também considere usar imagens literais como objetos e figuras. Estes permanecerão na mente dos ouvintes depois do sermão, e permanecerão na sua mente (pregador) antes do sermão.

Uma das maneiras mais fáceis de pregar sem anotações é fazer sermões narrativos. Com sua seqüência causai de idéias como também sua seqüência psicológica

de tensão em crescimento, as histórias são facilmente lembradas. O texto de Alan H. Monroe, "Motivated Sequence", e de Eugene L. Lowry, "Homiletical Plot", fornecem uma forma de narrativa até para sermões didáticos.

Memorização. Isso toma em torno de 10% do tempo de preparo. A chave é praticar em voz alta sem anotações, ver em que pontos você teve as lacunas e, a seguir, voltar e corrigir esses lugares na sua mente.

Se você nunca pregou sem anotações, porque não fazer uma tentativa? Ponha um esboço no final da sua Bíblia como segurança, mas acho que você não precisará disso. Você pode se surpreender com a facilidade desse método, e pode se surpreender com a melhora do seu impacto.

Com muitas anotações

Com "muitas anotações" quero dizer a pregação com base em um sermão escrito ou um esboço bem detalhado. Pregadores como Jonathan Edwards, John Henry Jowett e Richard Baxter usaram esse método com grande eficácia.

Por que usar esse método?

(1) Cria segurança. Que sensação maravilhosa ir ao púlpito e saber exatamente o que você dirá! Que sensação maravilhosa saber com margem de um minuto ou dois exatamente a extensão do seu sermão!

(2) Gera fraseados precisos. Essa é a razão citada com muita freqüência pelo clã das "muitas anotações", e é um argumento fortíssimo. Algumas ocasiões de pregação, como o estabelecimento de um incidente de disciplina na igreja, exigem uma linguagem tão cuidadosa que o uso do sermão escrito é não somente permitido, mas aconselhável. Assim como o presidente dos Estados Unidos não ousa apresentar um programa de ação do governo sem um texto escrito para que seus comentários espontâneos não o comprometam mais tarde, assim os pregadores deveriam, em algumas situações, preparar afirmações precisas para a igreja. Até mesmo o clã dos "sem anotações" afirma a importância do fraseado preciso em porções do sermão como a introdução. Pelo visto, esse clã recomenda a memorização (ou algo próximo da memorização) da introdução.

O desejo pela formulação precisa assume diversas formas. A pessoa com o dom para o idioma tem prazer na palavra precisa no lugar exato; a pessoa meticulosa se sente compelida a incluir tudo do seu plano de sermão na transmissão do sermão; e a pessoa conscienciosa não quer enganar os ouvintes. Essas motivações são compreensíveis e louváveis.

(3) Fornece um registro permanente. O trabalho do preparo está registrado no papel e está disponível para futuras revisões e pregações. É verdade, alguns membros do clã dos "sem anotações" recomendam escrever um manuscrito como parte do seu preparo, assim esse pessoal também tem um registro permanente, ao menos um registro permanente do que eles *planejaram* dizer.

Por que evitar esse método?

(1) A maioria dos leitores não sabe ler com habilidade. O fato é (e lembre que os fatos são coisas teimosas) que a maioria das pessoas soa como se estivessem lendo quando lêem, e ler não é conversar. Um dos sinais da leitura é um ritmo constante. O ritmo geralmente não é rápido demais nem lento demais, mas é constante demais. Preste atenção na conversa das pessoas e acabará por ouvir que o ritmo da fala delas está em oscilação constante à medida que a voz reflete o que vai no coração e na mente delas. Mas quando lemos, o nosso ritmo se torna tão constante como um metrónomo, transmitindo cada palavra enquanto os nossos olhos fazem a varredura de cada linha. E visto que palavra segue palavra com a regularidade do estalido de um trem em movimento, os ouvintes começam a vaguear. Eles não conseguem identificar quais idéias são centrais e quais são subordinadas, assim eles esmorecem. Charles Finney disse que "qualquer som monótono, forte ou fraco, se contínuo, predispõe as pessoas ao sono" (im Duduit, ed., 1992, p. 413).

Embora o ritmo monótono possa ser vencido com a prática, o fato ainda é que a maioria dos leitores não lê bem. Além disso, com freqüência não estamos conscientes do quanto a nossa voz influencia a recepção da mensagem. Visto que a mensagem está clara para nós, pressupomos que está clara para os outros. Mas não está.

(2) O contato visual é difícil ou impossível. Outra instância de má leitura está relacionada à falta de contato visual. Na Suíça em 1667, o problema da falta de contato visual foi considerado tão grave que as autoridades da igreja instituíram o "Decreto do Pregador de Berna", que estipulava que os pregadores tinham de pregar sem anotações: "Não lerão [sermões] em frente da congregação das suas anotações no papel; ser obrigado a assistir a isso se constitui numa zombaria que elimina todo o fruto e graça do pregador aos olhos dos ouvintes" (em McDill, 1999, p. 137).

Como o problema do ritmo monótono, esse problema também pode ser superado, mas a maioria dos pregadores de anotações não o supera porque nós não temos a percepção de nós mesmos que a congregação tem de nós. Wayne McDill conta de um homem que pediu a um professor de homilética avaliar o seu sermão. Quando mais tarde discutiram o sermão, o professor perguntou ao pregador quantas vezes ele achava que tinha olhado para suas anotações. O pregador conjecturou talvez vinte ou vinte e cinco vezes. Ficou chocado ao saber que o professor tinha contado 161 vezes (1999, p. 142).

(3) A maioria dos escritores escreve em um estilo escrito. Mas é lógico que fazem isso! Como deveriam escrever? Em um estilo *oral.* Precisamos transcrever linguagem falada, mas isso é difícil. Alistair Cooke, patriarca da difusão por rádio, aprendeu isso já bem cedo na sua carreira:

> Na época do final da guerra, a BBC em Nova York convidou diversos exilados famosos, principalmente franceses, a vir e falar com os defensores do movimento da resistência na Franca; famosos, muito famosos, grandes

> homens das letras. Tive o privilégio de me sentar na sala de controle, e pensei que aprenderia acerca de difusão de rádio ao ouvir esses homens [...]. O que eu aprendi foi que eles eram terríveis radialistas. Eles escreviam ensaios, ou palestras, ou sermões e os liam em voz alta. E de repente percebi que havia uma nova profissão por vir. Que é escrever para falar. Colocar tudo na página na confusão normal e sintaticamente quebrada que é a conversa normal ("Letter from America", 19 de novembro, 1998).

Como no caso dos outros problemas, o problema do estilo escrito não é endêmico à pregação baseada no texto escrito. É simplesmente pandémico. Dou sugestões a seguir de como escrever em um estilo oral.

(4) Ler o sermão é uma barreira para o bom relacionamento. Consigo ouvir o clã dos "muitas anotações" objetar: "Não na minha igreja; o meu povo me conhece; e me ama; e sabe que eu os amo". Talvez você esteja certo. Sua igreja talvez tenha um gosto estranho, mas a maioria das pessoas na maioria das igrejas quer que o pregador converse, não leia. Estamos vivendo na época da oralidade secundária. As normas da tipografia estão desaparecendo.

(5) Limita a compreensão e retenção da platéia. Koller cita um estudo em que psicólogos mediram a retenção quando um certo material era lido e quando era expresso por fala direta: 49% *ver sus* 67% (1962, p. 39). Suspeito que os leitores leram normalmente (i.e., mal), mas o clã das "muitas anotações" ainda assim precisam lidar com esse fato.

(6) Atrapalha a adaptação, espontaneidade e interação. "O papel é um péssimo condutor de eletricidade" (McDill, 1999, p. 145).

Em resumo, temo que os contras superem os prós. As habilidades abaixo podem ajudar a abrandar os pontos fracos, mas não posso recomendar que você use muitas anotações como seu modo normal de transmissão do sermão.

Como usar esse método?

(1) Escreva em um estilo oral. Sua escrita pode parecer redundante e entrecortada, mas é assim que falamos. Na página, o seu sermão pode parecer prolixo. Além disso, lembre-se que a sua voz — como você diz algo — carrega boa parte do significado. Quando C. S. Lewis publicou pela primeira vez a sua "Broadcast Talk" (Conversa no rádio), simplesmente transcreveu as conversas, usando itálico para palavras que ele destacou com a voz. Depois, percebeu que isso era um erro. "um híbrido indesejado entre a arte da fala e a arte da escrita", assim revisou os programas de rádio em estilo escrito para o livro *Cristianismo puro e simples.* Ele sentiu que uma " conversa no rádio deveria [...] ser tão real quanto possível, e não deveria soar como um ensaio sendo lido em voz alta" (prefácio de *Cristianismo puro e simples).*

Para aprender a escrever no estilo oral, ouça a si mesmo enquanto escreve o seu texto para o sermão. No caso de pregadores experimentados, esse ouvir pode ocorrer na mente, mas a maioria dos pregadores deveria falar em voz alta enquanto escrevem. Aqui estão algumas marcas da oralidade:

- Menos formal do que o texto escrito; use coloquialismos, contrações, pedaços de frases e porcentagem maior de frases curtas
- Pressuponha encontro face a face; use primeira e segunda pessoas, e diálogo/resposta
- Designado para ser ouvido, não lido; usa muita repetição e reafirmações (veja o artigo de Sunukjian, "Habilidades de Clareza Oral" na parte 5 deste volume) e para-linguagem (sons, não palavras, que comunicam, como "hmmmm" e "shhbh")

(2) Prepare o texto para a fácil leitura. Use fontes e cores diferentes e espaços para ajudar os seus olhos a focalizar rapidamente e sua voz a destacar o significado. Desenvolva o seu próprio conjunto de marcas e sinais como asteriscos vermelhos para aplicações. Numere as suas páginas. Digite as anotações de tal forma que não precise virar a página no meio de uma frase.

(3) Pratique! Trabalhe no ritmo e no contato visual. "Vocês precisa olhar para as pessoas! Seus olhos conseguem cuspir fogo, derramar compaixão e pregar o Cristo em você. Quando você nega os seus olhos às pessoas, você lhes nega a si mesmo. Ninguém nunca fala aos outros sem olhar para eles — a não ser para insultá-los" (Chapell, 1994, p. 319).

Anotações breves

Com "anotações breves" eu quero dizer anotações bem limitadas, em forma de esqueleto.

Por que usar esse método?

A maioria dos pregadores usa esse método, e por boas razões. É o melhor dos dois mundos, combinando os pontos fortes da pregação sem anotações e da pregação com anotações e minimizando os seus pontos fracos. Esse método capacita você a se lembrar dos seus pontos; presta-se ao estilo oral, e mesmo assim pode empregar linhas ocasionais de fraseado preciso; estimula a espontaneidade e a "cristalização"; e assim por diante. Sem dúvida, qualquer método pode ser empregado de forma medíocre (você poderia estar grudado no seu esboço de meia página!), mas neste artigo tentei não caricaturar os métodos.

Por que evitar esse método?

Não consigo pensar em razão alguma, especialmente se você escrever um manuscrito como parte do seu preparo ou para salvar suas extensas anotações exegéticas.

Como usar esse método

Coloque as anotações numa página única que caiba na sua Bíblia. Você não precisará nem do púlpito, se este não estiver disponível, ou você escolherá não ficar atrás dele. Use um cartão ou uma meia folha de papel, ou mesmo uma folha

inteira, mas não mais do que isso. Isso é tudo de que você precisará. Alguns pregadores simplesmente marcam a sua Bíblia. Também considere o uso de projetor de multimídia ou de observações no boletim. Isso ajuda você a ficar no trilho.

Desenvolva o seu próprio sistema de marcas e sinais. Faça com que as anotações possam ser lidas facilmente com as mesmas ferramentas que sugeri acima quando tratamos de "muitas anotações". Ouvi falar que Billy Sunday escrevia suas anotações em letras garrafais de mais de dois centímetros. Pensando que Billy talvez'tivesse visão deficiente, alguém perguntou à sua esposa, "Ma Sunday, por que as letras eram tão grandes. Ela respondeu: "Bem, Billy não passava pelo pulpito com muita freqüência, e ele tinha de captar o ponto seguinte quando tinha oportunidade".

Sem anotações, muitas anotações, anotações breves — a escolha é sua. A Bíblia não estipula um método. Faça a escolha de forma sábia de acordo com os seus próprios dons e necessidades para cada ocasião.

Bibliografia

ADAMS, Jay. 1975. *Pulptt Speech.* Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformei

BARTOW, Charles. 1980. *The Preaching Moment.* Nashvil e: Abingdon, p. 99-100.

CHAPELL, Bryan. 1984. *Christ-Centered Preaching.* Grand Rapids: Baker, p. ÁU.

CRADDOCK, Fred. 1985. *Preaching.* Nashville: Abingdon, P 216

DUDUIT, Michael. 1992. *Handbook of Contemporary Preaching.* Nashville: Broadman.

KOLLER³ Charles. 1962. *Expository Preaching without Notes.* Grand Rapids: Baker.

LEWIS C S 1952 *Mere Christianity.* Nova York: Macmillan, prefácio.

LLOYD-JONES, Martyn. 1972. *Preaching and Preachers.* Grand Rapids: Zondervan, p. 80

MCDILL Wayne 1999. *The Moment ofTruth.* Nashville: Broadman & Holman

STOTT, John R. W. 1982. *Between Two Worlds.* Grand Rapids: Eerdmans, p. 256.

Capítulo 170

NO OLHO DO OUVINTE

Auxílios visuais que apoiam e não desviam a atenção da Palavra

Kenton C. Anderson

A ferramenta principal dos pregadores é a sua voz. Mesmo assim, pregadores eficientes sempre compreenderam a força adicional de um auxílio visual bem escolhido. Certa vez, Jeremias escondeu um cinto de linho debaixo de uma pedra para ajudar os seus ouvintes a entender o declínio espiritual de Jerusalém (Jr 13). Os métodos visuais de hoje são tecnológicamente mais avançados, mas servem ao mesmo propósito.

PowerPoint

Como pode ser útil. Projetar imagens sem movimento ajuda o pregador a focalizar a atenção dos seus ouvintes em idéias-chave. Pode nos auxiliar a tornar o foco mais exato, a aprofundar o impacto e a estimular a retenção dos ouvintes.

Como pode atrapalhar. Montar uma apresentação eficaz de *PowerPoint* toma muito tempo. Para muitos, o tempo e a energia gastos no preparo dessas apresentações vêm à custa do estudo no preparo do sermão. No final, podemos ter uma bela apresentação sem muito que apresentar.

Além disso, as pessoas estão acostumadas a ver apresentações de qualidade profissional na sua TV e também no seu trabalho. Poucas igrejas podem chegar perto de satisfazer a expectativa visual das pessoas sem investir enormes somas de tempo. A resposta poderia ser delegar a tarefa, mas isso não é tão fácil quanto parece. Apresentações eficazes requerem a integração da perspicácia técnica, gráfica e teológica. Um gênio de computador talvez não tenha um bom olho para a parte gráfica. O designer gráfico talvez não tenha a percepção teológica necessária para saber como realçar os pontos do sermão. No final, talvez o pregador decida fazê-lo ele mesmo à custa de outros aspectos do desenvolvimento do sermão.

Como usá-lo bem. Apesar dos desafios, a projeção de imagem sem movimento está sendo usada cada vez mais. O pregador pode fazê-lo funcionar e lhe ser útil se ele prestar atenção em alguns pontos básicos.

(1) Comece com o sermão. A melhor forma de montar uma ótima apresentação de *PowerPoint* é ter bom conteúdo. Lixo no papel vai ser lixo na tela. Uma boa apresentação começa com um bom sermão, claramente concebido e cuidadosamente construído. Faça de tudo para obter uma boa percepção da grande idéia do sermão. O *PowerPoint ex*.põe qualquer coisa nebulosa no planejamento do sermão, assim, as palavras precisam ser exatas. Declarações temáticas têm de ser breves (doze palavras ou menos), simples (sem conjunções), afirmações declarativas (não frases) que possam ser ditas pelo pregador. O título desta seção, "Comece com o sermão", é um exemplo do tipo de formulação focalizada que transmite bem uma idéia na tela.

(2) Crie metáforas visuais. O pregador precisa usar menos palavras e mais metáforas visuais nas suas apresentações de *PowerPoint*. As imagens vêm de uma série de fontes. Algumas imagens podem ser encontradas gratuitamente na Internet. Outros portais pagos como *photos.com* ou *worshipphotos.com* podem ser muito úteis.

Alguns pregadores usam suas próprias fotos digitais para garantir exatamente a imagem mais adequada. O *PowerPoint* é o programa que permite você usar essa imagem. Os melhores *slides* com freqüência são criados usando-se o *Adobe Photo Elements* (a versão mais barata do *Photoshop*) ou algum outro programa de desenvolvimento de imagens que permita ao *designer* combinar de forma criativa palavras com imagens de forma que transmitam um conceito global. A imagem concluída pode, a seguir, ser importada pelo *PowerPoint*.

(3) Menos é mais. Como uma criança que ganha um brinquedo novo, os pregadores inicialmente querem fazer uso de todos os sinos, e bips, e transições que a tecnologia oferece. Mas mais não é necessariamente melhor. Imagens e construções simples quase sempre causam maior impacto. Como regra geral, vinte e cinco palavras em um *slide* deveriam ser o máximo, e doze a quinze *slides* deveriam ser o teto em uma apresentação. Para mais dicas de como preparar *slides,* veja *powerpointers. com.*

(4) O alvo é que seja visível. Todos os nossos esforços não valerão muito se os *slides* não forem visíveis na tela. Tente sentar na última fileira com iluminação normal do horário do culto de domingo e veja se consegue ler facilmente o que está na tela. Tamanho de fonte menor que 28 pontos pode complicar a leitura de algumas pessoas. Em geral, fontes brancas sobre fundos escuros são bem legíveis. As cores devem contrastar sem se chocar. Às vezes a própria tecnologia gera um problema. Um projetor fraco que projete uma imagem muito escura para ser vista da última fileira frustrará mais do que ajudará. Se você quiser gastar esse dinheiro, gaste o suficiente. Um projetor de 1.800 lumens é o padrão mínimo para um prédio de igreja pequeno.

(5) Faça parcerias. Poucos pregadores dominam os campos da homilética, teologia, tecnologia computacional e do *design* gráfico. Um trabalho em parceria, no entanto, pode combinar todos esses esforços. Em vez de considerar isso um fardo, podemos vê-lo como uma oportunidade de colaboração no desenvolvimento do sermão. A equipe de preparo pode servir como um grupo consultivo, dándonos retorno útil para o sermão enquanto o cimento ainda está fresco.

(6) Mantenha os aspectos visuais em segundo plano. Durante todo o sermão, o pregador precisa manter o foco do ouvinte. A tecnologia sempre precisa estar a serviço do evento humano, isto é, o sermão. Por exemplo, não devemos ignorar a tela. Referir-se à tela, apontar para a tela e ler da tela pode ajudar a manter o ouvinte centrado no pregador humano ao mesmo tempo em que faz uso da imagem projetada. Além disso, a tela não precisa estar iluminada o tempo todo. Pode, aliás, ajudar na seqüência dramática da apresentação escurecer a tela em momentos estratégicos, como quando pedimos uma resposta dos ouvintes.

Vídeos

O sistema de projeção por computador também fornece ao pregador a oportunidade de mostrar clipes de filmes, ou de vídeos produzidos domesticamente ou tomados de filmes populares ou de outras fontes públicas.

Como isso pode ajudar. O uso de vídeos nos ajuda a conectar com ouvintes no campo deles. O vídeo é a linguagem da cultura contemporânea em praticamente todo o mundo hoje. Ele não só acrescenta variedade, cor e movimento à experiência de pregação, como também mostra que o pregador é relevante e está em contato com a cultura.

O acesso, não muito dispendioso, às cameras de vídeo digitais e a programas de edição permite que as igrejas personalizem sermões com produções locais de entrevistas feitas "na rua", dramatizações e auxílios para vídeos musicais. Essas abordagens ajudam o pregador a envolver as pessoas no processo de colocar a verdade no contexto da vida. Câmaras de vídeo e pacotes simples de edição de vídeo podem ser encontrados bem em conta, tornando-se, assim, acessíveis a muitas igrejas. A Apple acrescenta gratuitamente o seu *iMovie,* um programa simples e intuitivo de edição, aos seus computadores.

Como pode atrapalhar. Um clipe de vídeo é uma ilustração de sermão turbinada, sujeita a todos os pontos fortes e fracos de tais ilustrações e mais alguns. O vídeo tem o potencial de consumir tempo precioso e interromper a seqüência cuidadosamente preparada do sermão. Além disso, o clipe de vídeo cria um mundo em que o ouvinte pode se fixar. Muitas vezes, aquele mundo é mais atraente do que o mundo do próprio sermão. Os ouvintes podem se perder ali, e acabam perdendo o contato com o propósito do sermão. O pregador precisa ser especialmente cuidadoso com clipes de filmes que podem ser vistos e com sua referência dar o seu consentimento a ouvintes que assistam a coisas que seriam substancialmente menos do que puras e amáveis e de boa fama que Paulo descreve em Filipenses 4.8.

Como usá-lo bem. O pregador que quer fazer bom uso do vídeo deve considerar alguns princípios muito simples.

(1) Mantenha a legalidade. Temos de respeitar os direitos autorais. Usar clipes de filmes com direitos autorais reservados sem o consentimento da fonte é roubo. Obter o consentimento geralmente implica em pagar uma taxa. Licenças de catálogos podem ser obtidas nas associações de direitos autorais. Não importa o preço, isso custa menos do que perder a integridade.

(2) Mantenha o vídeo breve. Usar um clipe de filme com freqüência requer o preparo do contexto da cena, como ela se encaixa na trama geral. Se o clipe requer muita explicação, provavelmente não vale a pena usá-lo. Um clipe de mais de dois ou três minutos (10% do tempo do sermão) provavelmente prejudica o sermão. Mais curto é sempre melhor.

(3) Mantenha a fluência. Transições suaves para o vídeo e de volta para o sermão são cruciais. Em muitos casos, é melhor usar o clipe como uma introdução ao sermão ou como peça pós-sermão. De qualquer maneira, os vídeos precisam se encaixar na seqüência geral da experiência de adoração, ou podem gerar mais problemas do que valem.

(4) Mantenha o vídeo limpo. Lembre que mostrar um clipe de filme na igreja é equivalente a uma recomendação incondicional a todo o filme. O clipe que mostramos talvez esteja limpo, mas e aquela cena de sexo 45 minutos adiante no mesmo filme? Se não podemos recomendar o filme como um todo, então não devemos usar nada dele.

Outros meios

Imagens e filmes são somente dois dos meios contemporâneos usados para auxílio visual na pregação. Embora não esteja tão na moda, a antiga lição com um objeto visual ainda causa impacto. Usar seres humanos reais no sermão é mais um meio, que não requer tecnologia, para melhorar a experiência do sermão. Por meio de breves encenações teatrais, testemunhos pessoais ou entrevistas, o pregador pode usar a experiência de pessoas reais para humanizar, contextualizar, aprofundar e dar crédito às idéias que o sermão apresenta.

Elementos de auxílio visual são valiosos, mas devem ser usados com a certeza de que o maior efeito visual inerente à pregação é a imagem do pregador que se levanta diante da congregação e transmite a mensagem. O pregador terá dificuldades se quiser competir com Hollywood, mas ninguém suplanta o pregador quando levanta e anuncia a verdade do evangelho. O poder da pregação está no fato de que um ser humano, tendo ouvido de Deus, ajuda outros a ouvir a mesma coisa. A energia e entusiasmo de tal pregador podem ser estímulos visuais suficientes.

Capítulo 171

SEM VOZ, SEM PREGAÇÃO

Como proteger e melhorar a sua voz

Emily Shive

Muitos pregadores enchem a sua semana com sermões, reuniões de comissões e incontáveis conversas. Involuntariamente, abusam da sua voz. Instala-se a fadiga vocal. Mesmo que não desenvolvam rouquidão crônica, fraqueza vocal ou nodulos nas cordas vocais, sua eficiência como oradores pode diminuir em virtude de voz enfraquecida ou forçada.

Nem todos têm "tubos dourados", mas todos podem melhorar o som da sua voz. O ponto não é desenvolver uma voz extraordinária, mas fortalecer a voz natural que nos foi dada. Aqui estão algumas coisas que podem ajudar você a melhorar a sua voz.

Boa postura

Visto que o nosso corpo é a casa da nossa voz, a boa postura se torna um importante pré-requisito para o melhor uso do nosso instrumento vocal. A postura *exterior* apropriada significa que a sua cabeça precisa estar alinhada com as suas costas, fazendo com que sua caixa torácica se eleve, não seus ombros. Seus pés precisam estar completamente apoiados no chão com o peso distribuído, os joelhos não travados. A postura inadequada comprime o processo da respiração. Depois de adotar a boa postura, a voz de um pregador se manteve forte até o fim do seu sermão pela primeira vez.

A postura *interior* mantém espaço no interior da sua boca para um continuo "Ahh". Isso ajuda a relaxar a sua mandíbula e sua língua, e abre a garganta. O volume da fala determina o tamanho do seu "Ahh" — quanto mais suave a voz, menor o "Ahh".

Tensão muscular reduzida

A tensão é inimiga da boa apresentação, não importa se estamos falando, cantando ou dando uma tacada no golfe. Tensão reduzida significa que estaremos livres de rigidez no corpo em geral, rigidez nos ombros, nas mandíbulas e na língua especificamente. Se os músculos acima e abaixo das cordas vocais estão relaxados, então o ar pode fazer vibrar livremente as cordas vocais na laringe e na caixa vocal.

É bom acrescentar que o espelho funciona bem como um professor eficiente e barato. O orador pode usar o espelho diariamente para monitorar sua postura e observar sinais de músculos tensos.

Respiração apropriada

O processo vocal que produz a voz pode ser dividido em três aspectos básicos: (1) a técnica de respiração — o ativador do som; (2) as cordas vocais — a fonte do som; (3) os ressonadores — os elementos que reforçam o som, acrescentando qualidade, volume e controle.

A respiração deve ser livre e silenciosa, sem obstruções no caminho. Qualquer aperto dos músculos acima ou abaixo da laringe pode inibir a respiração e impedi-la de levar o som aos ressonadores. Aqui estão alguns passos que podem ajudar a garantir o uso eficiente da respiração:

- Abra a sua boca como que para começar a bocejar ("Ahh").
- Relaxe, depois abra sua mandíbula, inspirando através do nariz e da boca.
- Imagine apontar para o ar em movimento aproximadamente um metro à sua frente. Isso ajuda a impedir que o som permaneça suspenso no fundo da sua boca, e ajuda a projetá-lo, em vez disso.
- Ajuda também se você imaginar seus lábios não tocando os dentes. Isso impede que os seus músculos em volta da boca se comprimam e permite espaço suficiente para que as consoantes fluam sobre a sua língua e as vogais ressonem nas cavidades.

Boa saúde vocal

O médico Friedrich S. Brodnitz diz: "A nenhum grupo a preservação da saúde física deveria ser mais importante do que a homens e mulheres que fazem uso profissional da sua voz na fala e no canto". Aqui estão algumas coisas que você pode fazer para manter seu corpo e voz em bom estado:

- Descanse o suficiente para renovar as energias do seu corpo.
- Nunca grite ou force a sua voz.
- Beba quantidades grandes de líquidos, preferencialmente nem quentes nem frios demais. Muitos cantores pedem água gelada, mas água morna seria melhor. O frio contrai os músculos — e as cordas vocais são músculos. Elas funcionam melhor se mantidas quentes e flexíveis.
- Evite limpar a garganta. Com freqüência isso é apenas um tique nervoso, mas irrita suas cordas vocais.
- Evite pastilhas, menta ou mentol. Eles secam a garganta e tendem a produzir mais catarro. Em vez disso, beba chá ou água morna.
- Evite períodos longos em ambientes barulhentos, como jogos em ginásios de esportes. Quando vou ao jogo de basquete dos Portland Trad Blazers, levo tampões de ouvido. Isso protege tanto a minha audição quanto a minha voz. Os tampões de ouvido automaticamente me fazem diminuir o volume da voz. Visto que ouço a minha voz com volume maior dentro da cabeça, não tendo a forçá-la para que seja ouvida acima do barulho.
- Se parece haver um problema crônico na voz, consulte um especialista.

Exercite a sua voz

Os exercícios vocais ajudam você a desenvolver sua voz. Devem ser feitos regularmente, mesmo em dias que você não prega. Gaste cinco a dez minutos fazendo os seguintes exercícios antes de falar em público ou cantar:

- Relaxe a sua mandíbula. Coloque a sua mandíbula entre o seu polegar e o indicador e balance-a rapidamente para cima e para baixo sem mexer a cabeça. Repita "Yah, yah, yah" vigorosamente. Movimente a sua mandíbula para os lados.
- Massageie a sua face desde as articulações da mandíbula até as têmporas. Coloque um dedo em cada articulação da mandíbula, movimente seus dedos em círculo a partir daí até o lado da testa.
- Incline a sua cabeça lentamente até um lado o quanto puder e, depois, para o outro lado. Incline a cabeça lentamente para trás sobre os ombros e, depois, para frente sobre o peito. Esse exercício isométrico deve ser feito com freqüência. Faço isso no carro quando estou parada no farol ou na minha escrivaninha.
- Mantendo a boa postura, inspire lentamente. Então solte um suspiro, começando em tom agudo e descendo, como uma sirene de bombeiros descendente.
- Faça o mesmo exercício de respiração descendente com uma frase curta: "Como vai você? Eu vou bem". Se você produzir esses sons livremente, deve ter a sensação de que suas cordas vocais não estão fazendo absolutamente nada. A sua respiração deve mover a sua voz, e os ressonadores devem reforçar os sons. Aprenda a confiar nessas sensações. Quando você conseguir visualizar a técnica correta, o som cuidará de si mesmo.

- Exercite a escala de boca fechada (de alto a baixo) mantendo a mandíbula e a língua relaxadas, e deixando espaço para o "Ahh" dentro da sua boca. Mantenha os lábios fechados, mas não comprimidos. Se a sua respiração mover livremente a sua voz, seus lábios vibrarão de forma notória. O meu marido, pregador, sempre canta à *boca chiusa* o hino antes do seu sermão para garantir que seus lábios estejam tinindo. Isso lhe assegura de que está dando espaço adequado para que a respiração leve a sua voz à frente da boca.
- Leia em voz alta quando estiver ensaiando um sermão ou uma fala. Isso ajuda a fazer dos procedimentos uma parte natural do seu processo de oratória.

Com a prática diária dessas técnicas, sua voz pode ser fortalecida e revitalizada. Talvez você queira avaliar o seu progresso por meio da gravação da sua voz.

Rick, estudante pastoral, ouviu atentamente à sua voz numa gravação. Como resultado, obteve novo apreço pelo valor da boa técnica vocal. Sua voz soou mais relaxada na pregação seguinte, e sua esposa percebeu uma diferença marcante no seu som.

Se possível, estudar com um professor de voz pode prover mais um par de ouvidos para ajudar você a perceber coisas que não consegue ouvir. Visto que as técnicas para o canto são tão parecidas às da oratória, instrutores de canto podem ajudar os oradores.

Capítulo 172

ELIMINANDO OS MEUS TIQUES DO PÚLPITO "ÃÃ...ÃÃ"

Não posso permitir que tiques pessoais atrapalhem a mensagem

Kenneth Quick

Como menino enfadado no banco, lembro ter contado o número de vezes que o pastor empurrou os seus óculos nariz acima — em um domingo foram mais de 50 vezes, em média uma vez a cada 30 segundos. Também me lembro do jovem pastor que disse "Deus" como se a palavra tivesse três sílabas e o pastor que pronunciava uma palavra de tal jeito que soava como outra palavra com significado totalmente diferente.

Como a estática na linha telefônica, os tiques irritantes do púlpito podem dificultar a atenção na mensagem. Sinto-me responsável por eliminar distrações que prejudiquem as pessoas na sua compreensão do evangelho, assim me esforcei em reduzir as minhas ao mínimo possível.

Lutando com demônios pessoais

Aprendi que não posso deixar que minhas inseguranças me impeçam de encarar maneirismos desagradáveis. Durante anos lutei com uma auto-imagem

complicada antes de levantar para falar em público. Na faculdade, quase reprovei em um curso de oratória que era obrigatório.

Algo mudou depois que encontrei a Cristo; recebi o dom e o chamado para transmitir a Palavra de Deus. Mas foram necessários anos para que eu me tornasse emocionalmente confortável com o meu dom. Toda vez, eu temia que o meu sermão terminasse como minhas falas na faculdade. Antes do sermão, eu regularmente me curvava com cãibras excruciantes. Às vezes, eu quase corria do palco para o banheiro.

Mas no momento em que me levantava para falar, as dores cessavam. Assim tenho que me esforçar para não parecer constrangido no púlpito. Meus esforços, no entanto, tornaram-se solo fértil para a distração, para maneirismos nervosos.

Quem é esse sujeito com o sorriso tonto? Foi o que pensou alguém que depois se tornaria um dos meus melhores amigos quando me candidatei para a minha segunda igreja. Eu tinha ficado ali sentado no palco com um sorriso largo cimentado no rosto. Somente o compromisso ardente de transmitir a Palavra me colocou na estrada para vencer minhas inseguranças.

Pedir o feedback

Na pregação, precisamos de pessoas que nos amem tanto que nos digam a verdade, mesmo que doa. Mas pessoas amorosas em geral não estão propensas a apontar ao pastor os seus maneirismos irritantes.

Certa vez, usei uma forma interativa de ensino nos domingos à noite. Enquanto alguém respondia às perguntas, eu me encostava no púlpito e descansava meu queixo na minha mão. Eu tinha o hábito de colocar o meu dedo indicador sobre o meu nariz. (Isso definitivamente era melhor do que colocar o dedo dentro do nariz, mas não muito). Um dia, vi o líder dos anciãos dirigindo o estudo e fazendo a mesma coisa — de propósito. Todos riram, pois sabiam a quem ele estava imitando. Tive de admitir: parecia ridículo!

É difícil alguém vencer o medo e ser franco comigo. Deveria ser mais fácil para a minha esposa, mas não é. Não faz muito tempo ela perguntou: "Por que você sempre fica no altar com o seu queixo levantado? Você parece que ficou entalado!".

"O que você quer dizer com isso, querida?", reagi irritado.

"Por alguma razão, sempre que você está no altar, levanta o seu queixo. Você não faz isso enquanto fala, mas praticamente sempre o faz antes de começar a falar".

Eu não tinha idéia de que fazia isso, mas comecei a me pegar com o queixo levantado a alturas vistosas. Tenho feito grande esforço para mantê-lo mais baixo. É desencorajador pensar que eu fiz isso durante anos. Estimulei à minha esposa a não esperar tanto para me dizer algo assim novamente.

Ela me respondeu no ato que a minha aparência melhora quando meu paleto está desabotoado.

Dois caminhos para o sofrimento

Aqui estão duas formas seguras de identificar maneirismos irritantes na pregação.

Grave sua mensagem — em áudio ou vídeo. Enquanto ouvia uma gravação, eu observei que quando começava uma mensagem, eu preenchia cada pausa com um "ah": "Outro dia eu estava pensando ... ah ... sobre a natureza da influência da mídia ... ah ...". Eu sentia a necessidade de preencher cada espaço vazio com som, um maneirismo comum que distrai os ouvintes.

Três ou quatro frases depois de começar a mensagem, eu parava com os "ahs". Fico imaginando quantos adolescentes na igreja devem ter cochichado um para o outro: "Hoje ele bateu o recorde: Foram 14 ahs".

Use questionários anônimos. Alguns abusarão disso, aproveitando a oportunidade para criticar, por isso, qualquer coisa por demais negativa descarto imediatamente. Uma forma de limitar as respostas exageradamente negativas é dar o questionário somente aos líderes da igreja como parte da avaliação anual do seu trabalho como pastor.

No questionário, peço uma resposta franca acerca da extensão das mensagens, tópicos que gostariam que eu tratasse no futuro e a série predileta das mensagens que já preguei e por quê. Então acrescento: "Visto que quero ser o melhor comunicador pela capacitação do Espírito Santo, há algum maneirismo (chaves tilintando no meu bolso, pigarrear para limpar a voz etc.) que incomodam você? Se você não consegue se lembrar de nada, imagine alguém me imitando: que gestos ou comportamentos essa pessoa exageraria? Obrigado por me ajudar a ser o melhor que posso para Cristo".

Levando a pregação a sério

Para eliminar maneirismos, concentro-me em um por mês. Às vezes a solução é uma simples mudança mecânica, como aplicar uma fita antiderrapante aos meus óculos. Começo a suar só de piscar os olhos. No verão, mesmo sem paletó, suo copiosamente. Isso exige enxugar o rosto constantemente com um lenço — mais uma distração. Já ameacei pregar de faixa na testa para absorver o suor. Então alguém sugeriu uma alternativa — um pequeno ventilador para fazer circular o ar em volta de mim.

Mudanças na voz são mais difíceis. Sempre tive um grande espectro no volume de voz. Minha voz se projeta bem quando estou falando normalmente ou com volume alto, mas o problema está quando falo baixo; às vezes falo tão baixo que o responsável pelo som aumenta o volume do meu microfone, e todos se inclinam para frente para conseguirem pegar o que estou dizendo.

Tenho trabalhado no controle da minha voz durante anos, com sucesso apenas relativo, tentando me tornar mais consciente de quando ocorrem as falhas e tenho tentado fortalecer o meu diafragma. Estou aprendendo que as minhas ha-

bilidades dadas por Deus têm limitações e também tenho tempo limitado. Eu me recuso a me martirizar por não conseguir comunicar como os pregadores de fama mundial. Mas mesmo assim, trabalho duro para eliminar maneirismos que impeçam as pessoas de ouvir a mensagem.

Capítulo 173

LENDO AS ESCRITURAS EM PÚBLICO

Como fazer uma boa leitura do Bom Livro

Jeffrey Arthurs

"Dedique-se à leitura pública da Escritura" (lTm 4.13).

Como fundador de igreja experiente, Paulo sabia quais eram os elementos essenciais para o crescimento do corpo, e ele instou Timóteo a se concentrar nesses elementos. A leitura bíblica das Escrituras é um desses elementos. No século I, a leitura pública era indispensável para a vida cristã porque poucas pessoas possuíam uma Bíblia. Os textos eram raros, assim a palavra de Deus tinha de ser transmitida oralmente. Hoje, é verdade, temos Bíblias suficientes (tenho sete na minha sala de estudos), mas a ordem ainda é essencial porque a maioria das pessoas não lê a sua Bíblia. Isso inclui muitos crentes.

Assim como pregamos e ensinamos expositivamente, devemos ler expositivamente. Precisamos dar vazão às idéias e emoções que Deus colocou no texto. Fazemos isso ao combinarmos a comunicação não-verbal com a mensagem verbal — a palavra do texto. O termo *não-verbal* significa literalmente "que não trata de palavras". A maneira como dizemos uma palavra (tom de voz e assim por diante) é um aspecto não-verbal. Divido a comunicação não-verbal em duas partes: como parecemos e como soamos quando pronunciamos as palavras.

O que a pesquisa mostra

Como parecemos e como soamos influencia a forma em que os ouvintes reagem a palavras. O poder da comunicação não-verbal está bem documentado na erudição que trata da comunicação. Por exemplo, em um artigo de 1968 em *Psychology Today*, Albert Mehrabian defendeu que, quando os canais verbal e não-verbal pareciam se contradizer, os ouvintes decidiam o que o orador estava tentando dizer com base na sua expressão facial e no seu tom de voz. Os ouvintes só baseavam 7% da sua interpretação nas palavras em si. Se franzimos a testa através do Salmo 23, suspiramos por ITessalonicenses 4 e descrevemos de forma indiferente a fuga do Egito, estamos fazendo *eisegese* oral, ou seja, estamos acrescentando elementos estranhos ao texto.

A comunicação não-verbal afeta não somente a percepção do *conteúdo* do que é lido, mas também o *contexto* da leitura. Se a leitura bíblica é feita num culto na igreja, os ouvintes fazem juízos de toda a igreja com base em como parece e soa a

pessoa que faz a leitura. Os estudiosos da comunicação estimam que 65% de todo o "significado social" e 93% de todo o "significado emocional" sao transmitidos pelo canal não-verbal. As pessoas têm impressões como: "Esta é uma igreja agradável", ou: "Aqui eles prezam a excelência", ou: "Esta é uma ocasião solene" com base no canal não-verbal da leitura bíblica e outros elementos de comunicação que ocorrem.

Duas qualidades de leitura em público eficaz

Sabendo o poder da transmissão e desejando "dedicar-nos à leitura", como devemos ler? Duas qualidades marcam a leitura em público eficaz.

Leia de forma conversacional. Os dias antigos da oratória já se foram. Gestos amplos, vozes bombásticas e inflexão exagerada eram necessários nos salões de conferências, mas estão fora de lugar em um mundo dominado pela mídia íntima da televisão, dos filmes e do rádio. As platéias foram socializadas a esperar que toda comunicação pública soe como a da TV — conversacional. Os comunicadores públicos de hoje deveriam adotar um estilo que seja conversacional e natural.

Leia com convicção. Enquanto a leitura pública deve ser conversacional, não deve ser em tom de bate-papo casual. A comunicação de um sentido dirigida a um grupo requer mais energia do que um bate-papo. A transmissão pública eficaz evidencia convicções profundas. Os leitores devem internalizar as idéias e os sentimentos do texto assim que, quando falam, falem da plenitude do seu coração.

Silêncio, dicção, contato visual

Os princípios gerais da conversa e da convicção podem ser exercitados por meio de três técnicas especificas: silêncio, dicção e contato visual.

Silêncio. O silêncio é uma ferramenta poderosa, mas pouco usada para a leitura expositiva. Dá aos ouvintes tempo para pensar, permite tempo para resposta, eleva a tensão e destaca as idéias. Pessoas que fazem a leitura tendem a negligenciar o silêncio porque faz com que elas se sintam expostas, mas precisam vencer esse sentimento. Platéias se sentem confortáveis com o silêncio. Ajuda-as a processar e imaginar.

O silêncio pode ser usado, por exemplo, para dar vazão às idéias e disposições emocionais de Gênesis 22 (Abraão sacrificando a Isaque) ao se inserir uma pausa após a primeira linha: "Passado algum tempo, Deus pôs Abraão à prova". Visto que essa linha funciona como manchete de toda a história, uma pausa destacará essa idéia dos detalhes da história em si que seguem. Uma pausa também ajudará a platéia a internalizar a verdade de que Deus testa os seus amigos.

Dicção. A dicção e a entonação são cruciais para ajudar a platéia a compreender as idéias do texto. Leitores eficientes gastam tempo suficiente preparando a leitura para que saibam como as idéias subordinadas se relacionam com as principais. Ao usarem um volume de voz mais forte, voz mais aguda ou ritmo mais lento, destacam as idéias principais. Uma breve pausa antes e depois de uma idéia-chave a

destaca de idéias subordinadas que devem ser expressas mais rapidamente ou com volume mais baixo.

Preste atenção em uma conversa e você perceberá que é assim que falamos naturalmente. Mas pessoas que fazem leitura em público com freqüência soam como se estivessem lendo porque lhes faltam as mudanças de ritmo normais. Somente alguns leitores são monótonos, mas muitos leitores são monorrítimicos.

Contato visual. O contato visual é uma técnica muito difícil de ser usada na leitura em público. Mas precisa ser usada. Dos canais de comunicação não-verbal, o contato visual talvez seja aquele ao qual atribuímos maior significado. Pelo contato visual avaliamos o preparo, a sinceridade, o equilíbrio e o interesse pelos leitores. Os comunicadores devem usar muito o contato visual mesmo quando estão lendo.

Quanto? Os seus olhos devem se relacionar com os seus ouvintes mais do que com a página. Isso evidentemente requer prática, mas pode tomar menos esforço do que você imagina. Se você ler o texto em voz alta de cinco a dez vezes, você o sabera quase de cor, e a essa altura já estará confortável em tirar os olhos da página por alguns segundos. Quando fizer o contato visual, olhe diretamente para os olhos da pessoa durante um segundo ou pouco mais. Um contato mais longo geralmente e desnecessário e pode até distrair a pessoa. Em auditórios grandes, olhe para indivíduos em cada seção. Cada pessoa naquela seção sentirá o contato com você.

Ocasionalmente o contato visual não é apropriado, como quando o texto e uma oração ou algo altamente pessoal como os salmos de lamento. Nesses casos, olhe acima da cabeça dos ouvintes ou focalize na platéia sem olhar diretamente para os olhos de ninguém. Essa técnica ajuda a platéia a não dar atenção às idéias e aos sentimentos pessoais.

W. E. Sangster diz: "Quando o Livro é lido de maneira agradável e tornado vivido para as pessoas, ele consegue atingir o que os sermões às vezes não conseguem: pode ser a própria voz de Deus para a alma das pessoas" (em Fásol, *A Guide to Self-Improvement in Sermón Delivery*, Baker, 1983). Ao darmos atenção e alguns minutos de prática à nossa leitura pública das Escrituras, podemos corporificar a mente e o coração de Deus para os nossos membros.

Capítulo 174

A IMPORTÂNCIA DE SER INSISTENTE

Vencendo as coisas que neutralizam a verdadeira paixão

John Ortberg

Uma das formas em que a carnalidade se expressa em mim é estar automaticamente com meu foco em demasia em *Como estou indo? Estou conseguindo conectar com as pessoas? Elas estão prestando atenção? Elas pensam que a mensagem está boa:*

Uma área em que quero crescer é aprender a me desprender disso. Quero que o meu alvo seja simplesmente ajudar pessoas a dar o passo seguinte em direção a Deus.

Quando consigo fazer isso, por um lado grande parte da tensão pessoal é aliviada porque já não é meu bem estar ou valor que está em jogo. Por outro lado, torna a pregação muito mais importante, porque se a pregação é somente tentar convencer as pessoas a gostar de mim, é uma tarefa trivial. Mas se a pregação é proclamar a Palavra de Deus e permitir que o Espírito forme Cristo no coração das pessoas, então é uma tarefa autenticamente urgente.

Quando a pregação está no seu auge, não é uma série de afirmações compartimentalizadas. "Aqui temos uma proposição didática... Aqui temos um exemplo... Aqui está uma piada para aliviar a tensão... Aqui está a aplicação...". Esse tipo de pregação em geral soa formal, enlatada e artificial. Quando a pregação é feita da melhor forma possível, tudo se funde, e o coração é profundamente tocado. Com freqüência há uma sensação de alegria ardente e de desafio profundo combinados.

Quando isso acontece, isso é pregação.

Capítulo 175

O DIA EM QUE PERDI AS ESTRIBEIRAS

E como me recuperei de novo

Lee Eclov

Em um domingo desses, no meio do terceiro ponto do meu sermão, perdi as estribeiras. Durante dois dias, dúvidas sobre a utilidade da mensagem tinham sussurrado baixinho na minha mente, mas eu tinha avançado, como bom soldado, sempre lembrando que o domingo estava chegando.

Mas no domingo, em um momento exato do tempo, empaquei mentalmente! Por fora, continuei pregando — mais rápido, acho, e, talvez, sem vida; eu estava mirando a bênção final. Interiormente, no entanto, estava em abstinência sem licença. Desliguei.

O que aconteceu?

Eu tinha perdido a fé — o ato deliberado de crer que Deus está nesse sermão — que ele pode usar até as minhas palavras. Eu tinha perdido as estribeiras. Depois da bênção final, peguei o caminho mais curto pelo corredor para a minha sala no escritório da igreja, com não mais do que um aceno para um dos introdutores. Fechei a porta, tranquei-a e desmoronei. O culto seguinte começaria em alguns minutos, e eu não sabia o que fazer. O que eu fiz, é claro — o que todos os pregadores fazem — foi pregar de novo, da melhor maneira que consegui com dependência renovada (uma dependência desesperada) de Deus para tornar sua Palavra clara apesar daquela confusão que era o meu sermão.

Muitas vezes tenho refletido acerca daquela experiência, e diversas coisas se tornaram claras: (1) Não há pregação se não houver fé ativa em funcionamento. Aí é uma palestra, uma fala. A pregação é, por definição, um ato de fé. Isso significa que precisa haver espaço para fé e fracasso. Parte do preparo, tão certamente como o são a exegese e o esboço, é ativar a nossa fé em que Deus agirá por meio dessa mensagem pelo seu Espírito. Isso inclui não somente crer que Deus pode agir por meio do sermão como um todo, mas por meio de cada parte individual. Agora coloco em oração cada elemento do sermão, testando-o diante de Deus, e depois o confiando a Deus.

(2) Sentir-se vulnerável faz parte do pacote. Essa é uma razão por que a pregação pode ter um impacto tão grande. Não é uma preleção acadêmica que relata resultados de pesquisas. O sermão é a nossa resposta pessoal à "viva e ativa' Palavra de Deus. Não encontrar palavras — e assim expor o nosso coração — é algo com que precisamos contar.

(3) A segurança vem de fora. Até mesmo o pregador mais devotado à Bíblia corre o risco de freqüentar demais no âmbito dos pensamentos e das reflexões pessoais. Esses pensamentos podem ser teológicamente sólidos e pastoralmente sábios, mas o texto bíblico é a nossa matéria prima. A nossa tarefa é tornar o texto claro e então permitir que Deus fale por Deus.

A pregação não é para os covardes. Agora, a segurança na pregação não vem da autoconfiança, mas da confiança na Palavra. Quando me esqueço disso, começo a afundar, de olhos arregalados, nas ondas da dúvida. Quando me lembro disso, posso andar sobre a água.

Parte dez

TEMAS ESPECIAIS

Como prego em datas especiais e acerca de difíceis de forma nova e confiável?

Capítulo 176

QUANDO VOCÊ NÃO ESTÁ ANSIOSO PARA QUE VENHAM OS DIAS ESPECIAIS

Como falar com prazer em datas especiais seculares e religiosas

John Beukema

Foi no Dia das Mães. Sabia que as duas senhoras idosas bem vestidas me encarando eram visitantes porque estavam sentadas na primeira fileira. No meio do meu sermão, uma disse em voz alta para a outra: "Mas o tema não é o Dia das Mães". A outra respondeu: "Que tipo de igreja é essa?", e juntas lançaram um olhar de censura aos familiares que as tinham convidado.

Escolher não concentrar um sermão inteiro na data especial, como às vezes faço, pode gerar um descontentamento. E em contraste com isso, há também aqueles que evitam ir à igreja em uma data especial em virtude das fortes emoções associadas a ela. Certa vez, um homem idoso me disse: "Faltei no domingo passado porque era Dia das Mães". Quando perguntei a razão para isso, ele respondeu: "Não tinha sentido. A minha mãe já se foi faz muitos anos".

Datas especiais apresentam desafios especiais ao pregador

(1) Quando ignoramos um dia especial, podemos sofrer as conseqüências de frustrar as pessoas. Minha experiência tem sido que se escolho não tratar do tema da data especial, a maioria das pessoas se contenta desde que o sermão seja bom. Mas como mostra a história acima, esse nem sempre é o caso. Dependendo do dia. encontramos expectativas de diversas fontes:

- Expectativas congregacionais. Alguns membros da congregação podem ^ficar frustrados se não houver um sermão patriótico no dia da Independência ou um sermão de Natal em cada um dos quatro domingos de advento.
- Expectativa dos visitantes e participantes que não vèm com regularidade Algumas datas especiais trazem um grande número de visitantes ou o aparecimento de freqüentadores esporádicos. Eles estão ali por causa do feriado e acham estranho se não se tocar no assunto. Outras vezes, o feriado significa menos pessoas no culto, o que pode atrapalhar uma série de sermões.
- Expectativas denominacionais. Além dos dias no calendário comum, sua denominação tem as suas expectativas acerca de temas especiais que devem ser tratados, projetos que precisam ser divulgados e ofertas a serem levantadas.
- Expectativas litúrgicas. Embora nunca tenha feito parte de uma tradição litúrgica, em certo ano, um presbítero convocou uma reunião urgente para descobrir por que tínhamos ignorado o Pentecostes no domingo

anterior. Dependendo da igreja a que você pertence, não gostará de esquecer o Dia da Reforma, o Dia de Martin Luther King Jr. ou o Dia de São Patrício.

(2) As pessoas correm o risco de se concentrar na data especial, e não em Deus. Esse é provavelmente o maior perigo de qualquer data especial. Humanismo, patriotismo exagerado e a idolatria aberta podem roubar a adoração. O pregador bíblico precisa evitar vestir o evangelho de uniforme patriótico, ao amarrar a bandeira à cruz no dia da Independência, ou ao transformar o Natal em uma mera festa sentimental familiar.

Depois de um culto na igreja, uma irmã cruzou comigo na porta com uma suave censura: "Fiquei um pouco desapontada por não ouvir um sermão sobre as mães hoje".

"Por que será?", perguntei tentando soar o mais natural possível, espantado que tantas pessoas no *hall* pareciam estar prestando atenção a nossa conversa.

"É que hoje é Dia das Mães", respondeu ela. "Um domingo por ano não deveria ser das mães?".

Como um raio (e espero que foi inspiração), respondi: "Negativo. Todos os domingos são de Deus".

Esse *é* o cerne da questão. Há muitos feriados e datas especiais que requerem atenção, mas a única coisa que importa é que Deus seja honrado. Como escreve Stephen Rummage: "O propósito do sermão da data especial não é glorificar a data especial, mas glorificar a Jesus" (*Planning Your Preaching [Planejando sua pregação],* 2002, p. 124).

(3) A celebração acaba colocando de lado o sermão. A palavra de Deus corre o risco de ser eclipsada pela extravagância musical, por um teatro de grande impacto ou por lindas crianças abanando ramos de palmeira. O reconhecimento do pai mais idoso no culto ou uma longa música especial reduz o tempo para a pregação. Em um culto de Páscoa, nosso palco estava tão cheio de apetrechos para as apresentações que tive de pregar do corredor.

(4) Corremos o risco de usar as Escrituras de forma errada para tratar do tema do feriado. Quando tentamos falar de uma data especial, podemos fazer um texto dizer o que nunca foi o seu propósito. Por exemplo, podemos apresentar personagens bíblicos como estudos de caso de paternidade quando essa não era a intenção originária do texto.

- "Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade" (Ec 4.12) não é o texto certo para o domingo da Trindade.
- "Deste um estandarte aos que te temem, para fugirem de diante do arco" (SI 60.4, ARA) não é uma referência à bandeira do nosso país e a um chamado ao patriotismo.

(5) O tema da data especial não é o que percebemos que Deus quer que preguemos dessa vez. Alguma vez você já enfrentou uma data especial e teve a sensação de

que o tema era o contrário do que Deus queria? A estação do calendário não era a estação espiritual da igreja. Era dia de Ações de Graça, mas você teve a percepção de que o Senhor queria que fosse pregado sobre relacionamentos desfeitos. O clima do feriado era de celebração, mas você percebeu que havia a necessidade de arrependimento.

Melhor do que eliminar um dos temas, é tentar combinar os dois. Lomo o que você sente se relaciona com o feriado? Outra opção é ignorar o feriado e explicar a razão para isso. Essa atitude fortalece a urgencia da mensagem.

(6) Acabou nosso estoque de coisas novas a dizer. De todas as datas especiais, as mais relevantes são Natal e Páscoa, e isso também faz delas as mais desafiadoras. Visto que ambas têm o costume de aparecer todos os anos, o pastor precisa encontrar formas de declarar de forma impactante a mensagem fundamental da encarnação e da ressurreição de Cristo à mesma platéia. O pregador precisa ser capaz de fazer mais do que dizer: "idem".

O que fazer para não ficar sem conteúdo

A seguir apresento nove sugestões para a elaboração de material fresco para qualquer data especial.

(1) Planeje e estude antecipadamente. Quando, de repente, você percebe que falta uma semana para o domingo de Ramos, é difícil elaborar algo novo. Planejar com antecedência lhe dá tempo para pensar, orar e ser criativo.

Também permite as correções de meio do caminho. Há alguns anos, passei o verão pregando 1 e 2Tessalonicenses de forma expositiva. Enquanto planejava a série, percebi que 2Tessalonicenses 3.6-15 (sobre preguiça e trabalho) estava programado para duas semanas antes do fim de semana do Dia do Trabalho. Decidi fazer uma pausa de duas semanas na série para que o tema encaixasse com o feriado. Nunca preguei um sermão acerca do Dia do Trabalho antes ou depois, mas aquele causou impacto inesperado.

(2) Junte material de outros. Depois de alguns anos na mesma igreja, pregando cinco sermões de advento por ano, comecei a me preocupar em ficar sem conteúdo. Já desesperado, tentei descobrir como outros tinham pregado sobre esses temas. Por conta disso, ouvi e li alguns grandes sermões que me deram nova direção. Já os títulos eram bastante úteis. Dois que sobressaíram foram: "Sangue em Belém", de William Willimon, e "Glória a Deus nos lugares mais baixos", de Bruce Thielemann.

(3) Colete conteúdo o ano todo. Junte material nesse Natal para o seguinte. O que você não usar agora guarde para o ano seguinte. Abra pastas no seu computador ou no arquivo para dias especiais. Durante o ano todo, guarde material que se encaixe nas datas especiais de meses adiante.

(4) Pregue temas relacionados à data especial, mas não sobre a data. O tópico: "Vivendo Acima dos seus Medos", pode se encaixar no Natal ou na Páscoa, por exemplo, porque o medo é citado repetidas vezes em toda a narrativa da natividade e da ressurreição. Para qualquer uma dessas datas, Hebreus 2.14,15 pode servir

como texto, declarando liberdade àqueles que estão escravizados pelo medo da morte. Ou em vez de tratar de necessidades percebidas, podemos explorar diversas facetas da natureza e das obras de Deus associadas ao feriado, como a humildade ou a providência de Deus no Natal, ou o poder de Deus na Páscoa, e a ternura de Deus no Dia das Mães.

O resultado talvez não seja um típico sermão de data especial, mas pode ser mais eficaz.

(5) Expanda o espectro dos seus estilos de pregação. Se você é como eu, você tem a tendência de usar um estilo de pregação na maioria das vezes. Uma data especial pode ser uma boa oportunidade para ampliar os seus horizontes.

Pregadores textuais podem tentar usar o método temático — mudando do estudo de uma perícope para um estudo temático sobre paz, por exemplo. Expositores seqüenciais podem levar em consideração fazer uma tentativa de narrativa em primeira pessoa — completa com manto e sandálias. Os que pregam sermões doutrinários poderiam tentar a abordagem versículo por versículo.

Essa diversidade de estilos lhe dará diferentes opções na hora de escolher o texto. E desafiará você e avivará a sua igreja à medida que os membros experimentarem a apresentação da verdade de diferentes maneiras.

(6) Use textos incomuns. Alguns textos são tão conhecidos que as pessoas já descartam ao bater os olhos somente na referência, por isso fique atento para descobrir textos usados não tão freqüentemente para tomar como base nessas datas mais especiais.

Embora não devamos negligenciar narrativas do nascimento, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus, palavras de textos inesperados podem lançar nova luz sobre a verdade. Um que nunca ouvi ninguém pregar é "O Dragão do Natal", de Apocalipse 12.1-6. Você já usou Gênesis 3.15 para pregar a morte e ressurreição de Cristo, ou já explorou as muitas outras profecias do Antigo Testamento acerca dele? A história de Rute sugere a vinda do parente resgatador.

(7) Fale de diferentes pontos de vista. Mesmo ao usarmos os textos mais conhecidos, podemos considerar o mesmo evento de outra perspectiva. Podemos contar a história de Natal por meio dos olhos dos anjos, dos pastores, de Herodes, e a história da Páscoa por meio de Pedro, Pilatos ou Simão, o Cireneu. No entanto, para manter a ênfase em Cristo, evito colocar o foco nas personagens menos importantes; elas são simplesmente o ponto de vista do qual olho para o Salvador. E para manter a autoridade bíblica, não crio autoridades imaginárias e extrabíblicas.

Certa vez preguei sobre Mateus 2 com o tema: "Os *Grinches* que Ameaçam o Natal" ("Grinch" é uma personagem criada pelo 'dr. Seuss' no seu livro *How the Grinch Stole Christmas [Como Grinch Roubou o Natal]*, em que conta as suas tentativas de atrapalhar a celebração do Natal em uma cidadezinha imaginária.). O rei Herodes ameaçou o nascimento de Jesus por medo, enquanto os líderes religiosos reagiram ao nascimento de Jesus com indiferença, nem se dando ao trabalho de sair oito quilômetros ao sul de Jerusalém para verificar a profecia. Semelhantes

grinches da alma estão vivos e ativos hoje. Nosso próprio medo da perda de poder ameaça o lugar de Jesus na nossa vida. A indiferença nascida da complacência religiosa ameaça a realidade de Cristo para nós.

(8) Esclareça o objetivo. As perguntas: *O que estou tentando fazer?;* e: *Por que estou faze?ido isso?,* são necessárias para cada sermão, mas em datas especiais talvez esqueçamos de fazê-las. "Porque é Natal", não é uma resposta válida.

Por exemplo, durante uma época dei um destaque apologético aos meus sermões de Natal e Páscoa, gastando várias dessas épocas especiais defendendo **o** nascimento virginal e a ressurreição corpórea de Jesus. Certamente há lugar para esse tipo de pregação ocasionalmente, mas poucos dos meus ouvintes pareciam tão abençoados por ela como estava sendo. De repente me veio a idéia: *Pare a-: tentar provar a ressurreição e fale mais sobre o que ela conquistou.* Essa é uma mudança sutil, mas importante no propósito.

Você tem destacado principalmente a evangelização de visitantes nesses dias: Mude a sua ênfase e encoraje os santos. Você tem considerado essa época um tempo especial para dar conforto? Mude a sua abordagem e ponha como alvo o arrependimento e a purificação. Talvez o clima sempre tenha sido de alegria, e um tom mais solene seria eficaz.

(9) Use as datas especiais como uma ponte. Quando estou fazendo o estudo de um livro ou uma série especial, prefiro não interromper a seqüência em virtude dessa data especial. Mas descobri que posso usar a data especial como uma ponte para o meu sermão. Por exemplo, no Dia dos Pais, posso começar uma mensagem de uma série em Provérbios ao dizer: "Uma das coisas de que um pai mais precisa é sabedoria. Encontramos isso no texto de hoje sobre o tema...".

Visto que a obra de Cristo é o foco das datas especiais mais importantes, e todo sermão deveria se conectar com o evangelho, ir para a data especial ou vir dela deveriam ser uma travessia natural.

As oportunidades especiais

Embora datas especiais tenham os seus desafios, elas têm oportunidades muito maiores. Há um clima de expectativa no ar que pode ser usado por Deus. Ha visitantes no culto que talvez nunca tenham ouvido o evangelho. Dificilmente é um culto como os demais.

Certa vez, no quarto domingo de advento preguei sobre 2Coríntios 1.20. sobre o "Sim" de Cristo. Minha grande idéia era: "Tudo que Deus nos prometeu foi entregue com Jesus". Depois, uma senhora idosa me contou que, embora o seu divórcio já tivesse acontecido havia muito tempo, ela lutava constantemente com a solidão e em se sentir abandonada por Deus. Naquele dia ela soube que precisava confiar nas promessas de Deus. Avós vieram para contar como estavam felizes porque os filhos e netos tinham vindo visitá-los naquele dia. Eles tinham se sentido tentados a ficar em casa e celebrar o feriado, mas, por terem vindo ao culto, tinham ouvido a voz de Deus. Um casal jovem veio para me contar que eram

cristãos visitantes, provenientes de outro estado, e tinham conseguido convencer seus parentes incrédulos a visitar a igreja com eles. O casal estava jubiloso que os seus parentes tinham ouvido a boa notícia.

Os que pregam em datas especiais podem fazê-lo com a certeza de que Deus pode de fato transformar uma data especial em uma data realmente sagrada.

Capítulo 177

PREGANDO OS HORRORES

Quando o seu texto é uma má notícia

Barbara Brown Taylor

Não faz muito tempo, fui convidada a falar a um grupo de pessoas da terceira idade sobre o tema: "Mulheres no Antigo Testamento". Tinham estudado diversas personagens bíblicas e queriam que lhes apresentasse algumas heroínas de Israel, e foi o que fiz.

Contei-lhes acerca de Jael, "a mais bendita das mulheres" (Jz 5.24), que atravessou as têmporas de Sisera com uma estaca de tenda.

Contei-lhes acerca de Ester, que obteve permissão para que os judeus do império do seu marido destruíssem, matassem e aniquilassem 75.000 dos seus inimigos (Et 8.11).

No final da minha palavra, os olhos da minha platéia estavam arregalados, e até eu mesma estava me sentindo um pouco desconfortável. Elas me agradeceram muito, e nunca mais me convidaram.

E verdade, poderia simplesmente ter falado acerca de Sara, Rute e da viúva de Sarepta, mas vem uma época na vida de todo pregador em que as partes da Bíblia que nos deixam desconfortáveis já não podem ser ignoradas, quando está na hora de admitir que a Bíblia não é um livro que trata de pessoas admiráveis, nem mesmo de um Deus convencionalmente admirável. Em vez disso, é um livro que trata da aliança do Deus soberano com um povo escolhido, tão repleto de horrores sagrados quanto de maravilhas sagradas, e não podemos omitir nenhuma dessas partes sem omitir parte da verdade.

Como um todo, não conseguimos ser muito bem-sucedidos com a parte dos horrores. Não se encaixa no retrato de Deus que queremos divulgar; contraria as boas novas que queremos proclamar. Quem está ansioso por lembrar a congregação de como o profeta Elias amaldiçoou os meninos escarnecedores no nome do Senhor e como as duas ursas obedientemente saíram da mata e andaram em círculos para depois matar 42 deles (2Rs 2.23-25)? Ou como Ananias e Safira foram feridos e caíram mortos por reterem parte do seu dinheiro da comunidade cristã antiga e por mentirem acerca disso (At 5.1-11)?

Feliz ou infelizmente há poucas razões para se envolver com textos tão periféricos acerca de horrores quando temos textos muito mais centrais de horrores à

nossa mão. No Antigo Testamento, Deus pede a Abraão que asse o seu próprio filho; no Novo Testamento, a obediência à vontade de Deus envia o Filho de Deus para uma cruz. Nesses dois piores cenários, e em todos os seus derivados, a questão para nós permanece a mesma: Como pregamos um Deus amoroso que faz coisas tão desamorosas? Como podemos pregar os horrores?

O horror no centro

Visto que estou falando com base em textos bíblicos neste artigo, estou adotando a perspectiva bíblica, a de que a vontade de Deus age em todos os eventos da nossa vida. Embora haja boas razões teológicas para tratar dos horrores como balas perdidas fora do plano de Deus, a Bíblia se inclina para o outro lado: 'Eu formo a luz e crio as trevas", diz o Senhor, "promovo a paz e causo a desgraça" (Is 45.7)

Na prática, tendemos a pregar os horrores tornando-os menos horríveis. E verdade que Deus enviou um carneiro para tomar o lugar de Isaque no último momento, dizemos; é verdade que Deus ressuscitou Jesus dos mortos e fez dele o Senhor sobre tudo. Assim, o primeiro relato se transforma em uma historia de como a obediência resulta na salvação, e o segundo, em uma história de como a obediência resulta na ressurreição.

Mas o que se perde enquanto se destaca essa moral da história é o verdadeiro pavor de se obedecer a Deus sem que se tenha a menor idéia de como as coisas terminarão — o que é, afinal, a situação humana. As coisas terminarão de acordo com a vontade de Deus, é certo, e, com fé, confessamos que isso é suficiente para nós. Mas na medida em que a vontade de Deus é tão radicalmente diferente da nossa, há espaço suficiente para horror na nossa vida.

Cada pregador tem o seu próprio catálogo de horrores. O meu inclui tres tipos de textos: primeiro, aqueles em que Deus sanciona a violência — por exemplo, quando mata todos os primogênitos na terra do Egito (Ex 11.5) ou ordena a Saul que mate os amalequitas incluindo mulheres, crianças e até jumentos (lSm 15.3); segundo, aqueles em que Deus tem como objetivo me separar das minha, coisas' —^sugerindo que entregue até a última mão cheia de farinha (lRs 17.U-13) ou venda tudo que tenho para segui-lo (Mc 10.21); terceiro, os textos em que Deus exerce o juízo final — negando-se a abrir a porta às virgens tolas (Mt 25.12) ou expulsando o convidado do casamento que não está com a roupa adequaci lançando-o fora na escuridão, onde há choro e ranger de dentes (Mt 22.13).

Esses textos são terríveis para mim porque expõem a minha vulnerabilidade. Deus pode condenar bebês amalequitas por causa dos pecados dos seus pais, então não há esperança para mim. Tampouco posso encontrar segurança em seguir a Jesus, se vender tudo que tenho é o caminho. Assim, sem dúvida, perceberei que estou dc lado errado da porta quando vier a hora, ouvindo a minha sentença pronunciada e abafada através do trinco da porta: "A verdade é que não as conheço!".

Esses textos terríveis me lembram o quanto sou indefesa, como sou fraca e como não estou no controle. Ao passo que claramente há coisas que posso fazer

para melhorar a minha vida e coisas que posso fazer para barateá-la, o meu destino final está fora do meu controle. Não posso controlar a disposição de Deus para comigo, e isso é apavorante.

Uma forma de me esconder de tal conhecimento é me refugiar na justiça, sugerindo que os que se comportam apropriadamente estão isentos do horror. Obedeça a Deus e evite a espada. Dê generosamente e previna-se contra o infortúnio. Seja uma boa ovelha e fuja da escuridão lá fora. As igrejas ficam aliviadas em ouvir sermões desse tipo e os pregadores gostam de pregá-los porque fornecem algum apoio em um mundo que de outra maneira é tão amedrontador, mas, no final, não passam no teste da experiência humana nem do testemunho bíblico. Jó está de um lado do púlpito balançando a cabeça, e Jesus do outro, ambos confirmando o nosso medo de que a forma correta de viver não consegue dissuadir a Deus de testar os fiéis pelo fogo e pelo gelo.

A própria morte de Jesus é o horror principal do evangelho. Aqui está o amado de Deus, que não fez nada senão o que é certo em toda a sua vida, e qual é a sua recompensa? Não foi uma morte em idade avançada, com netos se agarrando nas mangas, mas uma morte violenta na cruz. Essa morte arruina todos os nossos esforços para transformar a Bíblia em um manual para a boa vida.

Ninguém que ouviu a história de Jesus Cristo pode se enganar acerca de onde chegaremos se o seguirmos, o que faz do próprio evangelho um texto de horror para todos os que querem evitar o sofrimento e a morte. As boas novas de Deus em Cristo são ouvidas de maneira melhor e mais forte por aqueles que estão do outro lado de um túmulo novo. É isso que, no final das contas, torna um texto horrível para mim: não o que ele expõe acerca de mim, mas o que expõe acerca de Deus — um Deus soberano que é radicalmente diferente de mim, cuja mente não consigo ler, cujas decisões não posso prever e cujas ações não consigo controlar.

"Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!", escreve o autor da carta aos Hebreus (10.31). Mas não é como se nós tivéssemos a escolha. Esse é aquele em cujas mãos estamos; a nossa única escolha é como lidaremos com o nosso medo.

Consolações escondidas

Como pregadores, temos mais uma escolha, e essa é como lidamos com o medo daqueles que nos ouvem. Jonathan Edwards, o grande pastor e teólogo estado-unidense do século XVIII, foi um dos pregadores mais amedrontadores de todos os tempos. No seu livro *Thoughts on the Revival of Religión in New England [Pensamentos sobre o Reavivamento da Religião na Nova Inglaterra*], ele se levantou em defesa dos que estavam sendo acusados de "falar em horror para aqueles que já estavam debaixo de grande horror". Era, segundo ele, uma questão de salvar aqueles que estavam se afogando com a terra plenamente à vista.

E uma imagem alarmante, contudo, é o que textos de horror fazem. Eles afastam nossos dedos das nossas próprias idéias acerca de quem Deus deveria ser e como Deus deveria agir para que assim fiquem somente duas coisas que podemos

fazer com o nosso medo: Usádo para nos impulsionar em direção ao Deus que é ou nos deixar afogar como uma pedra.

Pregar textos de horror requer o mesmo tipo de escolha. Podemos tentar proteger a nós mesmos e a nossa congregação desses textos ao lançar partículas infláveis de conforto e conselho, ou então podemos encontrar a coragem para desprezar esses gravetos e nadar em direção a Deus para salvar a nossa vida. Por mais amedrontador que isso possa ser, no final das contas é menos amedrontador do que a alternativa.

O que parece um paradoxo é que os textos de horror trazem em si mesmos sua própria consolação. Há alguns dias, um amigo e eu assistimos a Laurence Olivier no *Rei Lear* de Shakespeare. Nenhum de nós tinha visto ainda a peça, assim estávamos despreparados para a tragédia implacável da obra, em que pais rejeitam seus filhos, filhos traem seus pais, irmãos conspiram contra irmãos, e irmãs envenenam irmãs. No final da última cena, o palco estava repleto de corpos — Lear. Cordélia, Goneril, Regan, Edmundo — todos mortos. Quando as luzes se apagaram e foram apresentados os créditos, o meu amigo se virou para mim com lágrimas nos olhos e disse: "O que poderia ser mais maravilhoso do que isso?".

Quando pedi a ele que se explicasse, ele não conseguiu, a não ser dizer que reconhecia a sua própria vida na peça, e que ela, de alguma forma, o ajudou a ver os seus piores medos representados no palco. Aquilo era *real*— foi a melhor expressão que ele conseguiu encontrar — e para ele era algo redentor testemunhar a dor real sendo sofrida de uma forma que lhe parecia verdadeira.

Da mesma forma, creio que os textos de horror são identificáveis para nós. Juízo, violência, rejeição, morte — todos esses aspectos estão muito presentes no nosso mundo, se não também na nossa vida, e há um tipo estranho de consolo no fato de que estão presentes também na Bíblia. Eles nos lembram de que a Bíblia não é só feita de ovelhinhas e arco-íris. Se assim fosse, não seria o nosso livro. Nosso livro contém tudo — maravilhas e horrores, os piores medos e as melhores esperanças — tanto para nós mesmos quanto para o nosso relacionamento com Deus.

A melhor esperança de todas é que pelo fato de esses horrores estarem incluídos aí, como parte da história da aliança, eles podem acabar sendo redentores no final, quando não enxergarmos mais de maneira obscura, mas face a face. Essa e a esperança fundamental para a qual todos os textos nos conduzem: por incorretos que nos pareçam, por mal-concebidos e inutilmente cruéis, Deus, ainda assim, pode estar presente neles, operando a redenção de formas que não conseguimos discernir agora porque não estamos capacitados para isso.

O nosso medo do método de Deus talvez seja como o nosso medo do bisturí do cirurgião, que precisa ferir antes que possa curar. Embora quiséssemos evitar a dor por completo — ou, ao menos fazer a nossa cirurgia nós mesmos, muito obrigada — a nossa sobrevivência nos horrores depende da nossa confiança na habilidade do cirurgião. Se crermos que aquele a quem nos entregamos é competente, então "tudo vai ficar bem, e tudo vai ficar bem, e toda a forma das coisas vai ficar bem" (Julián de Norwich).

Se estamos abertos para essa possibilidade de interpretação das Escrituras, então abrimos a possibilidade de ela ser verdadeira também na interpretação da nossa vida. Se o terror é ouvido no domingo ou na 2ª feira, a pergunta hermenêutica continua a mesma: confiamos que Deus age em todos os eventos da nossa vida, ou somente naqueles que recebem a nossa aprovação?

Há alguns verões, passei três dias em uma ilha com bancas de areia em que tartarugas marinhas gigantes estavam botando os seus ovos. Em uma noite, enquanto a maré estava baixa, observei uma enorme tartaruga fêmea se arrastar pela praia para cavar o seu ninho e se esvaziar nela enquanto lágrimas de sal corriam dos seus olhos. Por medo de atrapalhá-la, fui embora antes de ela terminar o seu trabalho, mas voltei na manhã seguinte para ver se conseguia achar o lugar na areia em que estavam escondidos os seus ovos. O que achei foram as suas pegadas, só que apontavam para a direção errada. Em vez de ter se dirigido para o mar, ela tinha vagueado para as dunas, que no sol da manhã já estavam quentes como o asfalto.

Andei um pouco e a encontrei, exausta e já quase assada, sua cabeça e membros natatorios cobertos de areia. Depois de derramar água nela e a cobrir com arbustos da região, busquei um guarda do parque, que voltou com um jipe para salvá-la. Enquanto observava horrorizada, ele a virou de costas, amarrou as suas pernas dianteiras com correntes de pneus e engatou as correntes no gancho de reboque do seu jipe. Aí ele partiu, arrastando e sacudindo o corpo dela com tanta velocidade que a boca aberta dela se encheu de areia e desapareceu debaixo do corpo e o seu pescoço se encurvou tanto que temi que quebrasse.

O guarda a transportou sobre as dunas e desceu à praia; segui o rastro que o casco dela deixou na areia. Na beira do mar, ele a desengatou e a virou de barriga para baixo novamente. Ela ficou deitada imóvel na espuma das ondas enquanto a água batia no seu corpo, lavando a areia dos olhos e fazendo a sua pele brilhar novamente.

Aí uma onda especialmente grande quebrou sobre ela, e ela levantou a cabeça um pouco, mexendo as pernas traseiras. Enquanto observava, ela reviveu. Cada nova onda lhe devolvia um pouco de vida até que uma das ondas a tornou suficientemente leve para ela encontrar um apoio e se empurrar de volta para a água que era o seu lar.

Ao observá-la se afastando lentamente na água e lembrar o pesadelo dela na aventura pelas dunas, percebi que, às vezes, é difícil saber se estou sendo morta ou salva pelas mãos que viram a minha vida de cabeça para baixo.

Lutando até obter as bênçãos

A nossa esperança, em todos os nossos próprios horrores, é que estamos sendo salvos. Não importa o que cremos acerca de por que as coisas acontecem do jeito que acontecem, estamos unidos pela nossa esperança de que Deus está presente nelas, operando a redenção na luz ou na escuridão, na alegria ou na tristeza.

No entanto, ter essa esperança não significa entregar os pontos diante dos horrores. Pois enquanto tivermos forças para lutar, é tanto nossa natureza quanto

nosso privilégio fazê-lo. Às vezes a bênção de Dens não vem anres do alvorecer, depois de toda uma noite de anjos batalhando, e às vezes leva bem mais tempo do que isso. Como pregadores e crentes, é nossa tarefa lutar com os horrores, negando-nos a deixá-los ir até que tenham entregue as suas bênçãos.

Se somos tentados a bater em retirada diante dessa tarefa e procurar um caminho mais fácil, não estamos sozinhos. O mundo está cheio de ex-discipulos. Voces também não querem ir?", Jesus pergunta aos poucos que ficaram com ele em certo momento da caminhada (Jo 6.67,68).

"Senhor", Simão Pedro responde, "para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna".

Capítulo 178
PREPARANDO AS PESSOAS PARA O SOFRIMENTO

Que expectativas os nossos sermões criam?

John Piper

Se o alvo da pregação é a glória de Deus por meio de Jesus Cristo, e se Deus e mais glorificado nos nossos ouvintes quando estão mais satisfeitos nele e se a experiência humana universal do sofrimento ameaça minar a sua fe na bondade de Deus e a sua satisfação na glória dele, então a pregação precisa ter como alvo ajudar nosso povo a estar satisfeito em Deus durante o sofrimento. Alias precisamos ajudá-los a incluir o sofrimento como parte das razões pelas quais deveriam estar satisfeitos em Deus.

Precisamos incutir na mente e no coração dos nossos membros uma visão de Deus e de seus caminhos que os ajude a enxergar o sofrimento não meramente como uma ameaça à sua satisfação em Deus (que de fato é), mas também como um meio para a sua satisfação em Deus (que de fato é). Precisamos pregar de tal forma que torne o sofrimento parecer normal nesta era caída - algo propositado. e não surpreendente.

As forças propulsoras da cultura estado-unidense são quase todas designadas para construir uma cosmovisão oposta a isso: maximizar o conforto, a facilidade e a segurança. Evite todas as escolhas que porventura trouxerem desconforto, problemas, dificuldades, dor e sofrimento. Acrescente a essas forças culturais o desejo natural por gratificação imediata e prazeres passageiros, e assim se torna enorme o poder combinado para minar a satisfação superior da alma na gloria de Deus por meio do sofrimento.

Se queremos ver Deus sendo honrado na vida dos nossos membros como o valor supremo e a satisfação mais profunda da sua vida, então precisamos nos empenhar com todas as nossas forças para mostrar o significado do sofrimento e ajuda-los a enxergar a sabedoria, o poder e a bondade de Deus por trás dele, ordenando; acima dele governando; por baixo dele, sustentando; e antes dele, preparando. Essa e a

tarefa mais difícil no mundo — mudar a mente e o coração de seres humanos caídos e tornar Deus tão precioso para eles para que considerem grande alegria o fato de passarem por várias provações, para que se alegrem nas aflições, jubilem quando suas propriedades são roubadas e digam no final: "Morrer é lucro".

Pregar tem que ver com fazer o impossível: fazer com que o jovem rico se desencante com o seu estilo de vida confortável e se apaixone pelo Rei dos reis para que assim venda, com alegria, tudo que tem para ganhar tal tesouro (Mt 13.44). Jesus disse: "Para o homem é impossível" (Mt 19.26). O alvo da pregação é impossível. Nenhuma técnica pode garantir o sucesso. "Mas para Deus todas as coisas são possíveis".

Precisamos pregar para preparar o nosso povo para o sofrimento porque vir a Cristo significa mais sofrimento, e não menos. O sofrimento é normal, não excepcional. O sofrimento é certo. A maioria dos cristãos estado-unidenses não está preparada no coração nem na mente para acreditar nisso ou experimentá-lo. Por isso, a glória de Deus, a honra de Cristo, a estabilidade da igreja e a força do compromisso com as missões mundiais estão em jogo. Se a pregação não prepara nossos membros a se satisfazerem em Deus por meio do sofrimento, a igreja será um corpo fraco em um mundo escapista que só procura facilidades, e a conclusão da Grande Comissão, com a sua exigência para o martírio, fracassará.

Veja nos textos a seguir a certeza do sofrimento que sobrevirá aos seus ouvintes se eles aceitarem o Salvador:

- "O Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mt 8.20).
- "O justo passa por muitas adversidades" (SI 34.19).

- "... pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos" (lPe 2.21).
- "Amados, não se surpreendam com o fogo que surge entre vocês para os provar, como se algo estranho lhes estivesse acontecendo" (lPe 4.12).
- "E necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus" (At 14.22).
- "... para que ninguém seja abalado por essas tribulações. Vocês sabem muito bem que fomos designados para isso" (ITs 3.3).

O que faz o coração pastoral da sabedoria quando descobre que a morte é certa, a vida, breve, e o sofrimento, inevitável e necessário? A resposta está em Salmos 90; é uma oração: "Tem compaixão dos teus servos! Satisfaze-nos pela manhã com o teu amor leal, e todos os nossos dias cantaremos felizes" (SI 90.13,14). Diante do labor e das dificuldades, diante do sofrimento e da morte, o pregador sábio clama com o salmista: "Satisfaze-nos pela manhã com o teu amor leal". Ele pede isso tanto para si mesmo quanto para o seu povo: "Oh Deus, faça com que estejamos sempre satisfeitos com o teu amor leal, e nunca precisemos de nada mais". Aí ele prega com esse alvo em mente.

Por quê? Porque se você deixa os seus membros onde estão, buscando a satisfação na família, e no emprego, e no lazer, e nos brinquedos, e no sexo, e no dinheiro, e na comida, e no poder, e na estima, o que eles farão quando o sofrimento e a morte arrancar tudo isso deles? Ficarão amargurados, irados e deprimidos. E o valor, a beleza, a bondade, o poder e a sabedoria de Deus — isto é, a glória de Deus — tudo isso desaparecerá na nuvem de murmuração, de queixas e de xingamentos.

Pregar tem que ver com a hora certa. Pregue toda a verdade acerca do sofrimento e da bondade soberana de Deus enquanto é dia, e quando vier a noite em que você estiver ao lado da poça de sangue da vítima de suicídio, ou do corpo gelado e pálido de um bebê de um ano, você não precisará dizer nada. Esse será o tempo do abraço. Nesse momento, os santos sofredores estarão felizes que seu sofrimento, como pregador, ensinou você a pregar as coisas difíceis e então, na hora certa, a ficar calado.

Capítulo 179

PREGANDO O INFERNO EM UMA ÉPOCA DE TOLERÂNCIA

Enxofre para os liberais

Timothy Keller

O homem ainda muito jovem, no meu escritório, estava vestido de forma impecável e era bem articulado. Era estudante de MBA da Ivy League, bem-sucedido no mundo financeiro, e já tinha morado em três países antes dos 30 anos de idade. Criado em uma família com laços apenas superficiais com uma igreja tradicional histórica, tinha pouca compreensão do cristianismo.

Por isso, fiquei bem feliz ao saber do seu grande interesse espiritual, despendo havia pouco tempo quando começou a participar da nossa igreja. Ele disse que estava pronto para abraçar o evangelho. Mas havia um último obstáculo

"Você tem dito que se não crermos em Cristo", disse ele, "estamos perdidos condenados. Desculpe, mas não consigo engolir isso. Trabalho com algumas pessoas de fino trato que são muçulmanas, judias ou agnósticas. Não posso acreditar que elas estão indo para o inferno só porque não crêem em Jesus. Aliás, não posso harmonizar nem mesmo a idéia de inferno com um Deus amoroso — mesmo que ele seja também santo".

Esse jovem expressou o que talvez seja a principal objeção que as pessoas seculares da atualidade fazem à mensagem cristã. (Quase empatado com isso está na minha experiência, o problema do sofrimento e do mal). Muitos hoje rejeitam a idéia do juízo final e do inferno.

Assim, é tentador evitar esses tópicos na nossa pregação. Mas negligencia doutrinas desagradáveis da fé histórica trará conseqüências antiintuitivas. Há um equilíbrio ecológico da verdade bíblica que não pode ser transtornado.

Se uma área está livre de seus predadores ou animais indesejáveis, o equilíbrio desse meio-ambiente pode ficar tão perturbado que as plantas e os animais desejáveis ficam perdidos — por meio de procriação acima da provisão de alimento. O predador odioso que foi eliminado na verdade mantinha em equilíbrio o número dos outros animais e plantas necessários para aquele ecossistema específico. Da mesma forma, se negligenciarmos doutrinas "más" ou duras da fé cristã histórica, descobriremos que esvaziamos também todas nossas crenças agradáveis e confortáveis.

A perda da doutrina do inferno e do juízo e da santidade de Deus causa uma perda irreparável aos nossos mais profundos consolos — nossa compreensão da graça de Deus e do seu amor, e da nossa dignidade humana e do valor que damos a ele. Para pregarmos as boas novas precisamos pregar as más novas.

Mas nesta época de tolerância, como fazer isso?

Como pregar o inferno a tradicionalistas

Antes de pregar sobre o tópico do inferno, preciso reconhecer que hoje uma congregação comum é constituída de dois grupos: os tradicionalistas e os pós-modernos. Os dois ouvem a mensagem sobre o inferno de maneira totalmente diferente.

As pessoas de culturas e cosmovisões tradicionais tendem a ter (1) fé em Deus e (2) um sentimento forte de absolutos morais e a obrigação de serem boas. Essas pessoas tendem a ser mais velhas, de origem fortemente católica ou oriundas de um contexto religioso judaico, de origem evangélica/pentecostal protestante, do sul dos Estados Unidos, e imigrantes de primeira geração de países não-europeus.

A forma de mostrar a pessoas tradicionais a sua necessidade do evangelho é dizer: "Os seus pecados separam você de Deus! Você não pode ser suficientemente justo para ele". A imperfeição é o pavor da pessoa que adora por obrigação. Os tradicionalistas são motivados para seguir a Deus pela idéia do castigo no inferno. Eles percebem a seriedade do pecado.

Mas os tradicionalistas talvez respondam ao evangelho apenas por medo do inferno, a não ser que lhes mostre que Jesus experimentou não somente a dor em geral na cruz, mas o inferno em particular. Isso precisa ser destacado até que eles sejam atraídos a Cristo pela beleza do amor precioso do que ele fez. Para a pessoa tradicional, o inferno precisa ser pregado como a única forma de se conhecer o quanto Cristo amou você.

Aqui está um exemplo de como preguei essa verdade:

> A não ser que lidemos de forma satisfatória com essa terrível doutrina, nunca vamos nem mesmo começar a compreender a profundidade do que Jesus fez por nós na cruz. O seu corpo estava sendo destruído da pior forma possível, mas isso foi uma picada de mosca em comparação ao que estava acontecendo à sua alma. Quando ele gritou que o seu Deus o havia abandonado, ele estava experimentando o próprio inferno.

> Se um conhecido denuncia e rejeita você — isso dói. Se um amigo faz a mesma coisa — a dor é muito pior. No entanto, se a sua esposa ou marido vira a cara para você e diz: "Nunca mais quero ver você", isso é muito mais devastador ainda. Quanto mais longo, profundo e íntimo for o relacionamento, tanto mais dolorida será a separação.
> Mas o relacionamento do Filho com o Pai não teve começo e era infinitamente mais significativo do que o relacionamento humano mais íntimo e apaixonado. Quando Jesus foi cortado da comunhão com Deus, entrou no abismo mais profundo e na fornalha mais potente, além de toda imaginação. E ele fez isso voluntariamente, por nós.

Como pregar o inferno a pós-modernos

Em contraste com os tradicionalistas, a pessoa pós-moderna é hostil até mesmo à idéia do inferno. Pessoas com a cosmovisão mais secular e pós-moderna tendem a (1) ter somente uma crença vaga no divino, se é que tem, e (2) pouca percepção dos absolutos morais, mas antes um sentimento de que precisam ser fiéis aos seus sonhos. Tendem a ser mais jovens, de origem católica nominal ou de origem judaica não-religiosa, oriundos de igrejas denominacionais protestantes históricas liberais, do oeste e nordeste dos Estados Unidos e de origem européia.

Quando prego o inferno a pessoas com essa cosmovisão, descobri que preciso usar quatro argumentos:

1. **O pecado é escravidão**

Não defino o pecado simplesmente como a violação de regras, mas também como "tornar algo além de Deus o meu valor definitivo". Essas coisas boas, que se tornam deuses, perseguem-nos implacavelmente, escravizando-nos mental e espiritualmente, até mesmo para o inferno eterno, se permitirmos.

Digo: "Você, na verdade, está tentando ser religioso, embora você mesmo não o perceba — você está tentando encontrar a salvação por meio da adoração de coisas que acabam controlando você de forma destrutiva". A escravidão é o pavor da pessoa que adora por escolha.

Os retratos que C. S. Lewis faz do inferno são importantes para pessoas pós-modernas. Em *O Grande Abismo,* Lewis descreve um ônibus cheio de pessoas do inferno que vêm às cercanias do céu. Ali são instadas a deixar para trás os pecados que as fizeram cair na armadilha do inferno. As descrições que Lewis faz das pessoas no inferno são tão marcantes porque reconhecemos a negação e o auto-engano da dependência química. Quando viciados em álcool, somos miseráveis, mas culpamos os outros e temos pena de nós mesmos; não assumimos responsabilidade pelo nosso comportamento nem vemos a raiz do nosso problema. Lewis escreve:

> O inferno [...] começa com uma atitude de murmuração, e você mesmo ainda se mantém distinto dela: talvez até criticando-a [...]. Você pode se arrepender e sair disso de novo. Mas pode vir um dia em que você não

mais conseguirá fazê-lo. E aí não sobrará nada de você para criticar a atitude nem mesmo para desfrutá-la, mas só a própria murmuração que não pára nunca, como uma máquina.

Pessoas modernas têm dificuldade com a idéia de Deus desenvolver castigos para infligir a pessoas desobedientes. Quando o pecado é visto como escravidão e o inferno como a região dos vagabundos do universo habitado eternamente pelos que o escolheram, o inferno se torna muito mais compreensível.

Aqui está um exemplo de um sermão recente de como tento explicar isso:

> Primeiro, o pecado nos separa da presença de Deus (Is 59.2), que é a fonte de toda a alegria (SI 16.11), amor, sabedoria ou coisa boa de qualquer tipo (Tg 1.17) [...]
> Em segundo lugar, para entendermos o inferno precisamos entender o pecado como escravidão. Romanos 1.21-25 nos conta que fomos feitos para viver para Deus da melhor maneira possível, mas, em vez disso, vivemos para o amor, o trabalho, a realização ou a moralidade para nos dar sentido e valor. Assim, todas as pessoas, religiosas ou não, estão adorando alguma coisa — ídolos, pseudo-salvadores — para obterem o seu valor. Mas essas coisas nos escravizam com culpa (se não as obtemos) ou raiva (se alguém nos impede de obtê-las) ou medo (se são ameaçadas) ou compulsividade (visto que precisamos obtê-las). Culpa, raiva e medo são como o fogo que nos destrói. Pecar é adorar qualquer coisa além de Jesus — e o salário do pecado é a escravidão.

Talvez o maior paradoxo de todos seja que as pessoas no ônibus do inferno de que fala Lewis sejam escravas porque livremente fizeram essa escolha. Preferiram ter a sua liberdade (como elas a definem) à salvação. A ilusão implacável delas é que se glorificassem a Deus, perderiam a sua grandeza humana (Gn 3.4,5), mas, na verdade, a sua escolha arruinou a sua grandeza humana. O inferno é, como diz Lewis, "o maior monumento à liberdade humana".

2. O inferno é menos exclusivo do que a chamada tolerância

Nada caracteriza melhor a cosmovisão moderna do que a afirmação: "Penso que Cristo é ótimo, mas creio que um muçulmano ou budista devoto, ou mesmo um bom ateu, certamente vão achar a Deus". Outra versão ligeiramente diferente é: "Não acho que Deus iria enviar uma pessoa que vive uma vida correta ao inferno só porque ela tem a crença errada". Essa abordagem é considerada mais inclusiva.

Ao pregar sobre o inferno, então, preciso contrariar esse argumento:

> A religião universal da humanidade é: nós desenvolvemos um bom histórico e o entregamos a Deus, e aí ele fica devendo para nós. O evangelho é: Deus desenvolve um bom histórico e o entrega a nós, e, depois, ficamos devendo para ele (Rm 1.17). Em resumo, dizer que pessoas boas, não somente os cristãos, podem achar a Deus é dizer que as boas obras são suficientes para se achar a Deus.

Você pode crer que a fé em Cristo não é necessária ou pode crer que somos salvos pela graça, mas não pode crer nas duas coisas ao mesmo tempo.
Assim a abordagem aparentemente inclusiva é, na verdade, bem exclusiva. Ela diz: 'As pessoas boas podem achar a Deus, e as más não conseguem". Mas e nós, fracassos morais? Nós estamos fora.
O evangelho diz: "As pessoas que sabem que não são boas podem achar a Deus, e as pessoas que pensam que são boas não podem". Mas então o que dizer dos não-cristãos, todos os quais precisam, por definição, crer que os seus esforços morais podem ajudá-los a achar a Deus? Eles estão fora. ^
Assim, ambas as abordagens são exclusivas, mas o evangelho é a exclusividade mais inclusiva. Ele declara com alegria: "Não importa quem você é ou o que você fez. Não importa se você esteve na porta do inferno. Você pode ser recebido e abraçado total e instantaneamente por meio de Cristo".

3. A perspectiva que o cristianismo tem do inferno é mais pessoal do que a perspectiva alternativa

Com freqüência, encontro pessoas que dizem: "Tenho um relacionamento pessoal com um Deus amoroso, e mesmo assim não creio em Jesus Cristo de forma alguma".

"Por que não?", pergunto.

Elas respondem: "O meu Deus é amoroso demais para descarregar sofrimento infinito sobre alguém por causa do pecado".

Mas ainda assim fica uma pergunta: "O que custou a esse tipo de Deus no. amar e nos abraçar? O que ele sofreu para nos receber? Onde esse Deus agonizou, gritou? Onde estavam os seus pregos e espinhos?".

A única resposta é: "Eu não penso que isso foi necessário".

Como isso é irônico. Nos nossos esforços de tornar Deus mais amoroso, tornamos Deus menos amoroso. O seu amor, no final, não precisou agir. Foi sentimentalismo, e de forma alguma amor. A adoração de um Deus assim é impessoal, cognitiva e ética. Não há entrega jubilosa, ousadia humilde, nem sensação constante de maravilhar-se. Não estaríamos cantando a tal ser: "Amor tão admirável, tão divino, busca a minha alma, minha vida, meu tudo".

A abordagem "sensível" pós-moderna do tópico do inferno na verdade é impessoal. Ela diz: "Não importa se você crê na pessoa de Cristo, desde que siga o seu exemplo".

Mas dizer isso é dizer que a essência da religião é intelectual e ética, nãc pessoal. Se qualquer pessoa boa pode achar a Deus, então o cerne essencial d. religião é entender e seguir as regras.

Quando prego sobre o inferno, tento mostrar como é impessoal essa abordagem

Dizer que qualquer pessoa boa pode achar a Deus é criar uma religião sem lágrimas, sem experiência, sem contato.
O evangelho certamente não é menos do que a compreensão de verdades e princípios, mas é infinitamente mais. A essência da salvação é conhecer

uma pessoa (Jo 17.3). Assim como acontece quando conhecemos uma pessoa, há arrependimento e choro e alegria e encontros. O evangelho nos convida a um relacionamento de amor íntimo e intensamente apaixonado com Jesus Cristo, e chama isso de "cerne da verdadeira salvação".

4. Não há amor sem ira

O que irrita as pessoas é a idéia do juízo e da ira de Deus: "Não posso crer em um Deus que manda as pessoas ao sofrimento eterno. Que tipo de Deus amoroso está cheio de ira?".

Assim, ao pregarmos sobre o inferno, temos de explicar que um Deus que não tem ira não pode ser um Deus amoroso. A seguir, apresento um exemplo de como tentei fazer isso em um sermão:

> As pessoas perguntam: "Que tipo de Deus amoroso é esse que está cheio de ira?". Mas qualquer pessoa amorosa tem momentos em que está cheia de ira. Em *Hope Has Its Reasons [A Esperança Tem Suas Razões]*, Becky Pippert escreve: "Pense como nos sentimos quando vemos que alguém que amamos está sendo devastado por ações tolas ou maus relacionamentos. Reagimos com tolerância benigna como poderíamos reagir para com estranhos? Longe disso... A ira não é o contrário do amor. O ódio o é, e a forma final do ódio *é* a indiferença".
>
> Pippert então cita E. H. Gifford: "O amor humano aqui nos fornece uma analogia verdadeira: quanto mais um pai ama seu filho, mais odeia nele o bêbado, o mentiroso, o traidor".
>
> Ela conclui: "Se eu, uma mulher falha, narcisista e pecaminosa, consigo sentir tanta dor e raiva pela condição de alguém, quanto mais um Deus moralmente perfeito que fez essas pessoas? A ira de Deus não é uma explosão mal-humorada, mas sua oposição firmada ao câncer do pecado que está comendo as entranhas da raça humana que ele ama com todo o seu ser".

Um Deus como esse

Após um sermão recente sobre a parábola de Lázaro e o rico, a sessão de perguntas e respostas do posto de correio estava cheia, com mais pessoas do que o normal. As perguntas e os comentários se concentraram no tópico do juízo eterno.

Meu coração tremeu quando uma jovem estudante universitária disse: "Participei da igreja toda a minha vida, mas não consigo acreditar em um Deus desses". O tom dela era mais triste do que desafiador, mas a disposição dela para ficar depois e conversar a respeito do assunto mostrou que sua mente estava aberta.

Geralmente as perguntas são dirigidas a mim, e as respondo da melhor maneira possível. Mas dessa vez, as pessoas começaram a responder umas às outras.

Uma mulher de negócios de mais idade disse: "Bem, não sou lá de ir muito à igreja, e estou um tanto chocada agora. Sempre recusei a idéia do inferno, mas nunca pensei sobre ele como uma medida do quanto Deus esteve disposto a sofrer para me amar".

Então um cristão maduro fez a conexão com o sermão de um mês antes sobre Jesus no túmulo de Lázaro em João 11. "O texto nos conta que Jesus chorou", disse ele, "mas ele também ficava extremamente irado diante do mal. Isso tem me ajudado. Ele não é somente um Deus irado, ou um Deus amoroso que chora — ele é os dois. Ele não somente julga o mal, mas ele também sofre o inferno e o julgamento por nós na cruz".

A segunda mulher sinalizou em concordância: "Sim. Sempre pensei que o inferno me mostrava o quanto Deus estava irado conosco, mas não sabia que ele também nos mostra o quanto Deus esteve disposto a sofrer e chorar por nós. Nunca soube o quanto o inferno me mostrava o amor de Jesus. Isso é comovente

É somente por causa da doutrina do juízo e do inferno que a proclamação da graça e do amor de Jesus é tão brilhante e espantosa.

Capítulo 180

PREGANDO COM VISTAS AO COMPROMISSO TOTAL

O que é necessário para convencer as pessoas a se tornarem seguidores de Jesus Cristo totalmente comprometidos?

Bill Hybels

Recentemente, um homem comentou sobre os "temas difíceis" que tinha ensinado ao longo dos anos — inferno, dinheiro, sexo, confrontos relacionais autodisciplina. Ele perguntou: "De todos os tópicos que você já pregou, qual foi o mais difícil?".

Não precisei nem pensar: "Como tornar-se totalmente consagrado a Cristo Meu maior desafio no ensino é transmitir o que Paulo estava tentando mostrar em Atos 20.24 e outros trechos em que passou a idéia: Já não considero valiosa a minha vida; abandonei minhas aspirações e ambições pessoais; ofereci-me como sacrifício vivo a Cristo. Quando ensino isso a pessoas com mentalidade secular, elas pensair. que sou de Marte. A idéia de viver de acordo com a agenda de outra pessoa é ridícula

Para muitas pessoas, viver para Cristo *é* um tipo de fanatismo do qual o mundo pode prescindir. *Quem seria tão tolo,* assim pensam, *a ponto de sofrer perdas voluntariamente, abrir mão do prazer, ou diminuir o nível de conforto da sua vida?* Eles pensam que a devoção total a Cristo representa desperdiçar a única vida que têm.

Um homem da minha igreja nos fornece um exemplo perfeito. O seu maior problema, na minha opinião, é a sua empresa bem-sucedida. Clientes cujos negocios ele não está nem buscando estão entrando na fila pelos serviços dele. Só o fato de responder a eles já está tiranizando a vida dele. Há alguns meses, perguntei-lhe por que o seu coração não estava tão aquecido pelas coisas de Deus como tinha estado anteriormente.

O negócio tem controlado a minha vida", confessou ele, mas acrescentou em sua defesa: "mas não estou procurando isso. Só estou tentando administrar o que está entrando. O que você quer que faça?".

Sugeri que estabelecesse um limite. Ele me olhou como se fosse louco. Que homem de negócios em suas faculdades mentais normais diria não a um cliente cujo pedido geraria um lucro maior? Você não faz isso neste mundo. Mais é sempre melhor; é o jeito estado-unidense de ser. O desejo por mais tinha uma atração maior sobre esse homem do que seguir a Cristo, usar seus dons espirituais, servir a sua esposa ou ser pai para os seus filhos.

Se é tão difícil convencer as pessoas a se comprometer incondicionalmente com Cristo, por que se incomodar? Por que não se contentar com a freqüência nos cultos, ou com um bom rol de membros, ou ao menos com a ida esporádica a um culto?

Como ministros, todos temos de lidar com a questão da qualidade de frutos que estamos produzindo. Temos de decidir que tipo de compromisso esperamos das pessoas que estamos conduzindo.

A história da igreja nos ensinou que um líder é capaz de fazer mais com um pequeno grupo de crentes totalmente consagrados do que com uma igreja cheia de crentes mornos. Assim, precisamos responder à seguinte pergunta: como podemos ensinar de tal forma que produzamos seguidores de Jesus Cristo totalmente comprometidos, quando sabemos que a maioria das pessoas não quer saber do discipulado radical?

Deixe-me sugerir cinco princípios que me servem de guia quando prego sobre o compromisso 100%.

Descreva o compromisso total

O primeiro passo é desenvolver uma clara compreensão do compromisso total. Um mestre precisa definir e redefinir constantemente esse conceito: o que realmente significa ser completamente dedicado a Cristo? Se não quer dizer simplesmente comparecer aos cultos, assinar um cheque e ir para casa, então o que isso quer dizer?

Diversos trechos bíblicos definem o compromisso total para mim e dão forma à minha pregação sobre o assunto.

As palavras de Paulo em 1 Corintios 15.31: "Todos os dias enfrento a morte". Nunca encontrei um seguidor de Cristo totalmente consagrado que não tivesse de morrer diariamente para uma miríade de coisas que gostariam de ter controle sobre ele — ambições pessoais, prazeres mundanos, aplauso popular, ganância. Essa cultura ferozmente defende que você pode ter tudo, mas essa máxima está longe da mentalidade e do ensino de Cristo. É difícil para mim estar em uma sociedade afluente de uma região de classe média alta e dizer às pessoas para quais coisas elas precisam morrer, de quais precisam fugir, ou de quais precisam abrir mão, mas preciso fazê-lo.

A ordem de Jesus em Lucas 10.27: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento". Isso

significa que precisamos obedecer à palavra de Deus e ordenar a nossa vida de tal forma que consigamos viver com a percepção constante da sua presença.

O comentário de João: "Quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amara Deus, a quem não vê" (l j o 4.20). Vivemos em uma época em que o ódio é a norma, e por excessivas vezes essa atitude transborda para dentro da igreja. Mas as Escrituras deixam claro que a devoção total a Jesus Cristo inclui viver em paz com os nossos irmãos. Os verdadeiros cristãos, especialmente os líderes, precisam levar mais a sério o texto de Mateus 5.23,24 (a necessidade de nos reconciliarmos com o nosso irmão antes de irmos a Deus). Precisamos fazer da integridade relacionai a nossa prioridade e buscar intencional e intensamente a reconciliação sempre que surgir um problema. Isso deveria ser um pré-requisito para o ministerio.

O *ensino repetido de Jesus sobre o tempo, os talentos e os bens.* Depois de uma pessoa gastar 30 anos da sua vida dedicando seu tempo e talentos ao mercado, é difícil começar a dedicar tudo isso repentinamente ao Senhor. E difícil ouvir versículo, como: "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus"; "Sejam sempre dedicados à obra do Senhor"; "Mantenham o pensamento nas coisas do alto , ou: 1 ois. que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?".

Precisamos dispor de tempo para desenvolver disciplinas espirituais pessoais - estudo bíblico, diário espiritual, oração, jejum, meditação. Precisamos dispor de tempo para estar em um grupo pequeno de irmãos que proporcionem desafio e prestação de contas. Precisamos dispor de tempo para desenvolver o reino por meio de serviço prático. Mas esses compromissos do uso do nosso tempo sao uma boa medida da nossa devoção a Cristo.

Um profissional da área médica da nossa igreja decidiu organizar a sua semana de trabalho em quatro dias, para que assim tenha os outros três dias para a sua liderança leiga na igreja e para se dedicar ao seu relacionamento com a familia. O tempo de serviço de que ele abriu mão lhe custa uma redução razoável nas entradas financeiras. Mas ele decidiu morrer para isso para que possa viver para o que Cristo o chamou a fazer fora da sua profissão. Ele já havia usado suas habilidade para ajudar pessoas necessitadas; mas agora, além disso, ele pode usar os seus dom de administração e liderança na igreja de forma relevante. Ele está colocando seu tempo, talentos e posses à disposição de Deus.

Sirva de modelo

O segundo passo na pregação sobre o compromisso total é mais difícil: vivê-lo nós mesmos. Está claro, na minha opinião, que não podemos conduzir uma igreja ao compromisso total a não ser que nós estejamos tentando servir de modelo.

Todo pastor já esteve do lado errado da cerca do compromisso total em algum ponto da sua vida. É como perguntar a um atleta: "Você sempre esteve em perfeitas condições físicas?".

Inevitavelmente a resposta será: "Nem sempre".

Quando você pergunta: "Como você se sentiu quando não estava?", ele diz: "Preguiçoso. Aquém do desejado. Menos do que profissional".

Recentemente li a respeito de um líder de ponta a quem perguntaram: "Qual é o seu principal objetivo ao liderar a sua organização?".

Ele disse: "Interromper a entropia". Isso me fascinou, porque é isso que tento fazer na minha própria vida. Olho para mim mesmo e digo: *Onde estou escorregando? Onde estou perdendo a minha condição? Onde estou ficando preguiçoso? Antas* de olhar para a condição espiritual de outra pessoa, examino a mim mesmo.

Uma das minhas grandes frustrações é não ser capaz de administrar a minha vida de tal forma que esteja completamente comprometido. Mas se estou disposto a ouvir a verdade a respeito de mim mesmo, o Espírito apontará áreas de descuido e inconsistência. Aí posso me arrepender e interromper a entropia em um estágio relativamente precoce.

Além de tentarmos ser modelo do compromisso total, precisamos de mais líderes da igreja que estejam completamente consagrados, que possam manter o padrão elevado. Ontem à noite olhei o círculo de presbíteros em volta da mesa da nossa reunião e pensei: *Cada presbítero da nossa igreja é alguém comprometido com Jesus Cristo e enfrentaria uma bala por ele agora mesmo.* Isso significa que quando prego sobre o compromisso total, eles são os primeiros a me encorajar: "Não se satisfaça com menos. Estamos 100% com você". Seria muito difícil, para mim, apresentar um desafio forte a favor do discipulado mais profundo se meus presbíteros e outros líderes-chave não estivessem de acordo.

O que é empolgante é que quanto mais comprometidos o pastor e os líderes leigos se tornam, mais consagrada a igreja se torna. O crescimento da igreja então inspira os líderes ao compromisso ainda mais profundo, e isso induz a um ciclo contínuo de crescimento. O discipulado total se torna contagiante e agradável.

Temos um homem na igreja cujo único dia de folga é a 4ª feira; naquela manhã ele vem para limpar os bebedouros da igreja. Outro homem vem no seu dia de folga para fazer a manutenção dos aspiradores de pó. Outros voluntários tiram o mato e plantam flores nos canteiros da igreja. Recentemente vi uma jovem mãe cuidando de um dos canteiros de flores. Seu bebê estava no carrinho, enquanto ela ouvia uma fita-cassete e revirava a terra. Quando vejo o discipulado se manifestar dessa forma, fico motivado a ser mais consagrado como servo.

Pregue de todas as perspectivas

O terceiro passo é pregar sobre o compromisso total dos mais diversos ângulos possíveis. O que quero dizer com isso?

Escolha séries que conduzam naturalmente a um chamado ao compromisso. Em certo sentido, todos os sermões que prego definem algum aspecto do compromisso, seja acerca do casamento, seja acerca do desenvolvimento do caráter, seja acerca do cuidado pelo nosso corpo, seja acerca de outro tópico qualquer. Ainda assim, acredito que o chamado à devoção é mais bem apresentado quando feito de forma aberta, e algumas séries não se prestam tão naturalmente a isso quanto outras.

Por exemplo, preguei uma série que tratava da honestidade nos relacionamentos. Foi uma série muito útil, mas não forneceu uma boa oportunidade para chamar as pessoas ao compromisso mais profundo com Jesus Cristo. Fazer isso teria sido algo manipulador, uma propaganda enganosa para as pessoas que vieram esperando outra coisa. Em alguns tópicos, se quero guardar a integridade, preciso me ater ao assunto e esperar outra hora para falar sobre discipulado.

Mas outros tópicos naturalmente conduzem ao desafio do compromisso 100%. No ano passado, preguei uma série chamada: "Alternativas ao cristianismo", na qual discuti o Movimento da Nova Era, mormonismo, Testemunhas de Jeová, hinduísmo, o islamismo e o budismo, e os contrastei com o cristianismo. Depois de fazer uma comparação honesta desses sistemas de crenças, terminei a série dizendo:

> Depois de ter ouvido tudo isso, você não concorda que a mensagem cristã é absolutamente convincente? Quando você a compara com os outros sistemas de crenças, ela não se revela como um caminho mais excelente? Se esta série convenceu você de que o cristianismo é convincente nas suas verdades, na pessoa de Jesus Cristo e no que ele produz na vida individual, se, de fato, ele é o vencedor indiscutível; então, abrace-o com todo o seu coração, alma, mente e forças. Não guarde nada.

Essa série naturalmente se prestou para o desafio ao compromisso, e não me inibi em fazê-lo. Quando estou planejando a minha pregação, analiso e monitoro a série que estou escolhendo para ver se a série conduz sem manipulação à mensagem sobre o compromisso total com Cristo.

Apresente o serviço engajado e comprometido como uma reação alegre ao que Deus fez por nós, não como um meio para a obtenção da salvação. Nós ministros precisamos fazer de tudo para que nossos membros percebam que o discipulado é uma forma de dizer obrigado a Deus, e não uma forma de obter méritos.

Às vezes, tenho interrompido um desafio ao compromisso e dito: "Se você está fora da família de Deus, por favor entenda que o discipulado é uma resposta à graça maravilhosa de Deus. Não é uma tentativa de melhorar sua posição diante de Deus. Paulo diz que você pode até entregar o seu corpo para ser queimado, mas não pode salvar-se a si mesmo por meio do discipulado. O compromisso é um meio de expressar gratidão, não de ganhar a entrada para o céu".

Ilustre as alternativas ao compromisso sincero. Quando estou tentando desafiar a pessoa dominada pela mentalidade secular a se tornar um seguidor devoto de Jesus Cristo, considero eficaz a descrição do cenário oposto.

Por exemplo, em uma série chamada "Virtudes raras e notáveis", a mensagem final foi acerca do contentamento. Comecei dizendo:

> Tudo o que ele realmente queria na vida era mais. Ele queria mais dinheiro, assim apostou a riqueza recebida por herança em uma pilha de ações de bilhões de dólares. Ele queria mais fama, assim entrou no cenário de Hollywood e logo se tornou diretor de cinema e grande estrela. Ele queria mais

> prazeres sensuais, assim pagou grandes somas de dinheiro para se abandonar a todos os desejos sexuais. Ele queria mais emoção, assim projetou, construiu e pilotou o avião mais veloz do mundo. Ele queria mais poder, assim secretamente negociou favores políticos de forma tão habilidosa que presidentes dos Estados Unidos se tornaram seus fantoches. Tudo que ele sempre quis foi mais. Ele estava totalmente convencido de que mais lhe daria a verdadeira satisfação. Infelizmente, a história mostra que as coisas são diferentes.

Então passei a descrever como esse homem terminou sua vida — definhado; pálido; peito afundado; unhas grotescas, compridas, em forma de saca-rolhas; dentes pretos e podres; tumores; inúmeras marcas de agulhas da sua dependência das drogas. "Howard Hughes morreu", disse, "crendo no mito do mais. Ele morreu como viciado bilionário, demente segundo todos os padrões razoáveis".

Ao retratar o caminho de uma vida centrada em si mesma, podemos mostrar seu vazio e futilidade final. Podemos dizer: "Amigos, é loucura. Você consegue enxergar isso? Talvez esses homens tenham ido mais longe nessa estrada rumo à ilusão do que você, mas imagine isso até o fim. Pense sobre para onde está apontando a sua vida. Mais cedo ou mais tarde você estará tão cansado de beber copos de areia que dirá: 'Estou pronto para um copo de água. Você pode fazer isso daqui a 15 anos, depois de passar por mais dois ou três casamentos e ter deixado um rastro de filhos destruídos. Ou, você pode aprender com a demência de outros, e se curvar agora mesmo e confiar em Cristo".

Prossigo e pergunto: "A mais recente aquisição matou a sede da sua alma? A sua mais recente emoção, a sua promoção, seu casamento, seu novo filho, seus livros publicados satisfizeram completamente o seu interior?". As pessoas precisam admitir que o que elas pensavam que as satisfaria, quando obtido, geralmente não causa tal efeito.

Para os que atualmente estão satisfeitos, ofereça sua ajuda para uma data posterior. As vezes as pessoas dizem: "Ei, estou feliz com quem sou. Não tenho fome ou sede de nada. Não tenho maiores problemas, estou indo bem. Não há nada que possa dizer a pessoas que estão de tal forma auto-enganadas. Não resulta em nada tentar convencê-las da sua necessidade. Mas publicamente ou em particular, posso oferecer minha ajuda para o dia em que elas finalmente perceberem sua necessidade de Cristo.

Durante anos fui capelão dos Chicago Bears e dirigi um estudo bíblico no Halas Hall, onde eles treinavam. Um dos jogadores costumava passar pela porta, balançar a cabeça e me cumprimentar, e aí continuava no seu rumo. Um dia, disse a ele: "Você está no topo do mundo agora. Você tem todo o dinheiro e fama que poderia pedir. Aí você passa e me cumprimenta, pensando que eu e o restante dos caras aqui somos loucos". Ele só sorriu.

Disse-lhe: "Não estou tentando ser profeta de mau agouro, mas um dia o teto vai cair sobre a sua cabeça. De repente você vai perceber que não é dono do mundo. Quando isso acontecer, me liga".

Três semanas depois, ele me ligou. "Acabou de nascer o primeiro filho do meu único irmão. Nasceu deformado. O meu irmão está arrasado, e eu também. Não sei o que fazer ou dizer. Posso conversar com você?".

Para os que estão satisfeitos agora, nossa melhor estratégia é divulgar nossa disponibilidade para o dia em que eles perceberem a sua necessidade.

Pacientemente deixe o Espírito agir

Bill Hybels falando de paciência é como Imelda Marcos falando de moderação. Mas tive de aprender a ser paciente, a pregar sobre o discipulado e permitir que o Espírito o produza.

Tornar-se totalmente consagrado é um processo. Colossenses 1 diz que as pessoas precisam se tornar completas em Cristo, mas 1 Corintios 3.1-4 me lembra de que elas começam como bebês espirituais. A minha responsabilidade não é forçar e apressar o crescimento, mas monitorar a dieta. Será que o menu que estou oferecendo fornece a nutrição que as conduzirá à maturidade? Será que a dieta contém muita carne e assim as faz engasgar? Ou será que a dieta é comida rápida e fraca que dá cócegas no paladar, mas não supre o sustento para a saúde?

Todos os crentes a certa altura deveriam se entregar ao compromisso total com Cristo. No entanto, nem todos os crentes podem fazer isso no mesmo ritmo. Algumas pessoas no nosso corpo são tímidas e metódicas por temperamento. Se elas estão tendo aula de tênis, elas participam de uma aula de 45 minutos por semana e em oito anos jogarão um bom jogo. Quando se trata do compromisso total com Cristo, elas seguem o mesmo ritmo. Elas não estão lutando contra Deus ou sendo rebeldes; o seu progresso lento em relação ao compromisso está em harmonia com a velocidade geral da sua vida. Com elas, preciso diminuir o ritmo e avançar de acordo com isso.

Outras pessoas são exatamente o contrário. Não faz muito tempo, um homem me escreveu: "Sou dono de duas empresas. Aceitei a Jesus em um dos seus cultos há duas semanas. Já achei dois homens que vão tocar as minhas empresas. Estou pronto para dedicar o resto da minha vida para servir na igreja de Willow Creek. Liga para mim".

Nós o chamamos imediatamente — para verificar se não estava agindo muito rápido. Sua velocidade nos deixou tensos, mas algumas pessoas são assim por natureza. Ele provavelmente pediu a sua esposa em casamento uma semana depois de conhecê-la!

Em virtude dessas diferenças na personalidade, nunca digo: "Decida isso ate o próximo domingo". Ultimatos e prazos fixos talvez não estejam em harmonia com os temperamentos individuais. Em vez disso, digo: "Você ouviu a verdade das Escrituras hoje. Por favor, não seja somente ouvinte, mas praticante. Quanto a mim e à minha casa, nós decidimos fazer isso (o que acabei de pregar). Você. também, tem decisões a tomar. Que o Espírito Santo tenha liberdade em você para que você tome as decisões corretas".

Esteja preparado a viver com oposição

Preciso destacar um aspecto dolorido da vida pastoral. Pregar um cristianismo incondicional atrai a desaprovação de franco-atiradores que tentarão qualquer coisa para nos persuadir a diminuirmos o padrão.

Crentes indiferentes reagem à mensagem do compromisso total da mesma forma que pecadores rebeldes reagem à mensagem sobre o arrependimento. Suponha que você estivesse diante de 100 mil jovens em um *show* de rock e dissesse: "Vocês estão na estrada errada. Por favor, repensem o rumo da sua vida. Caiam de joelhos, arrependam-se da sua rebeldia contra Deus, e recebam Cristo como o seu Salvador". Você pode apostar que haveria hostilidade.

Tenho encontrado resistência semelhante quando desafiei cristãos indiferentes, que vivem de aparências, a serem completamente dedicados a Cristo. Sempre que você expõe a dependência que uma pessoa tem da satisfação, você pode contar com uma reação defensiva.

Os pastores sentem isso. Pregamos uma mensagem dura sobre o discipulado, e a reação nos mostra que "faz 3 graus, e a temperatura está caindo". Na semana seguinte pregamos sobre como reconstruir a auto-estima e de repente percebemos que "faz 30 graus e muito sol". O que tendemos a pregar na terceira semana?

Como as pessoas expressam a sua resistência? "Você está sendo muito ríspido. Você está sendo irrealista. Ainda não estamos prontos para isso. E o que dizer de: Deus ama você como você é'?". Se não tivesse apoio dos meus presbíteros, não suportaria, porque às vezes a resistência se torna muito forte.

Não faz muito tempo, fizemos uma pesquisa entre as pessoas comprometidas que fazem parte do cerne da igreja. Uma pergunta que fizemos foi: "Você está usando os seus dons espirituais neste corpo para a glória de Deus semanalmente?", Em torno de 53% das pessoas disseram que sim. Em termos bíblicos, isso não é suficiente. Então, em uma mensagem citei essa estatística e disse: "Sou grato a Deus por aqueles que estão usando os seus dons espirituais. E oro por aqueles que faram tão profundamente feridos no passado que precisam de um tempo de cura antes que possam começar a servir. Mas aos outros, preciso fazer uma pergunta dura: o que está acontecendo? Se você foi redimido e recebido na família de Deus, deveria passar noites em claro pensando em como mostrar a Deus a sua gratidão. Uma forma de fazer isso é identificar e usar os seus dons espirituais. Se você não está fazendo isso, tem algo errado!".

Preciso confessar, até usei a palavra *parasitas* para me referir a pessoas "que ¿tão comendo e correndo, que desfrutam dos benefícios do corpo de Cristo, mas não contribuem para o seu bem-estar".

Um dos presbíteros veio falar comigo depois e disse: "Ótimo. Tinha que ser dito". Precisava desse tipo de apoio, porque no dia seguinte os mísseis começaram . chegar pelo correio. "Só porque escolhi não servir neste corpo não quer dizer que sou um parasita."

"Você não tinha o direito de fazer esse tipo de pressão contra nós."

"Você é um ególatra que acha que pode mandar todo mundo viver como você vive."

Respondi a todas as cartas e me coloquei à disposição para conversar. No entanto, reforcei a minha compreensão de 1 Corintios 12: se você afirma ser parte do corpo, então precisa agir como parte do corpo.

O ponto importante aqui é este: quando sentimos que precisamos confrontar a congregação, é aí que precisamos estar cercados pelos presbíteros que possam dizer: D"É a mensagem correta, pregada com a atitude correta. Não deixe que os mísseis o acertem".

Por isso, dou um alerta aos presbíteros sempre que estou pensando em pregar uma mensagem especialmente desafiadora. Às vezes eles dizem: "Bill, isso parece mais um motivo seu de irritação do que uma preocupação coletiva. Seja cuidadoso". Então geralmente deixo a questão de lado ou espero até obter uma perspectiva melhor sobre ela. Outras vezes, eles confirmam o meu desejo de pregar a mensagem, e posso subir ao púlpito com segurança.

Por que continuo pregando essa mensagem

O que me ajudou a vencer a minha hesitação para pregar um evangelho de Cristo genuíno do tipo tudo ou nada? A percepção de que viver uma vida genuína do tipo tudo ou nada para Deus é o único caminho para a satisfação.

Todos os dias faço o meu diário espiritual, escrevo as minhas orações e me submeto novamente a Deus. Digo com o autor de um hino: "Toma a minha vida. e que ela seja consagrada, Senhor, a ti". Ou: "Tu és o Oleiro; sou o barro. Toma o controle absoluto sobre a minha vida". Então, com a ajuda do Espírito Santo, tento seguir esses compromissos durante o dia.

Nunca me arrependi das minhas tentativas de ser entregue a Deus. Aliás, meus períodos de maior entrega têm sido meus períodos de maior alegria. Eles têm me estimulado a perguntar como o salmista: "Como posso retribuir ao Senhor toda a sua bondade para comigo?" (SI 116.12).

Em contraste com isso, em geral pago muito caro pelos períodos em que não vivi rendido ao Senhor, quando segui a minha vontade, quando fui carnal, rebelde ou medroso. Lembrar isso me ajuda quando chego ao ponto da mensagem em que desafio as pessoas ao compromisso total com Cristo. É fácil ficar relutante quando percebo que talvez esteja pedindo a um homem que abra mão de um alto salário, a uma mulher que renuncie a um relacionamento do qual ela depende, ou a um adolescente que tome uma decisão que fará com que seja rejeitado pela sua turma. O maligno anuvia a minha mente e me faz pensar que não deveria colocar desafios tão pesados sobre os ombros das pessoas.

Então me lembro: é no compromisso total que nós encontramos a bênção, a paz, a vibração e a aventura para as quais fomos feitos. É na busca do discipulado radical que experimentamos o companheirismo e o sorriso constantes de Deus Lembrar-me disso me faz querer gritar do alto das montanhas: "A melhor coisa

que você tem a fazer é cair de joelhos agora mesmo e dizer: 'Senhor, aqui estou, totalmente disponível. Rendo-me a ti' ".

Nunca encontrei ninguém que se arrependesse da sua decisão de se tornar um cristão comprometido. Mas poderia encher um estádio de pessoas que arruinaram a sua vida porque se negaram a aceitar o chamado de Deus. Pessoas me escrevem dizendo: "Ah, se só pudesse voltar no tempo; se só não tivesse sido tão teimoso no meu relacionamento com Deus; se só tivesse ouvido".

O compromisso radical com Jesus Cristo é um duro desafio, mas conduz à vida em toda a sua plenitude. Visto que sabemos que isso é verdade, precisamos nos perguntar somente uma coisa: recuaremos e deixaremos de desafiar as pessoas a fazer o que será melhor para elas e dará a maior glória a Deus, ou seremos servos fiéis que anunciam a poderosa e transformadora verdade de Deus?

Capítulo 181

PREGANDO EM SITUAÇÕES DE CRISE

O que podemos aprender de dois pastores — Bonhoeffer e Thielicke — que ministraram em tempos terríveis

Gordon MacDonald

Já faz muito tempo que estou encantado com a história da ousada intervenção de Paulo entre os soldados e marinheiros responsáveis pelo navio que estava rachando no meio de uma tempestade do Mediterrâneo. Tendo usado de todos os recursos de rotina em reação a situações adversas, eles tinham perdido a esperança de se salvar.

Que entre Paulo! Homens" (estou parafraseando aqui), "vocês deveriam ter me dado ouvidos antes quando disse para não sairmos do porto, mas não me ouviram. Mas não tenham medo. Recebi uma palavra de Deus. A boa notícia é que ninguém vai perder a vida; a má notícia é que o navio fez a sua última viagem. Coragem, homens; Deus vai fazer o que ele prometeu".

Aqui se fez ouvir uma voz que falava com segurança em uma crise, apresentando uma mensagem que fortaleceu as pessoas e forneceu orientações confiáveis. É um tópico apropriado para os nossos dias em que as pessoas estão assustadas, apreensivas quanto ao futuro e especulam acerca da própria segurança Nem sempre estão se preocupando com as questões mais importantes, mas, ainda assim, são questões que estão tomando conta da sua mente.

Em tempos de crise, as pessoas estão à busca de uma voz. Elas estão sintonizadas para receber mensagens de esperança, coragem, propósitos de Deus e significado. A voz de Agostinho era uma voz assim quando Roma estava desmoronando. A voz de Lutero foi ouvida quando o Sacro Império Romano estava se desintegrando. A voz de Wesley falou em uma época turbulenta da revolução industrial.

Mais recentemente, duas vozes perspicazes se fizeram ouvir em crises na Alevilla durante as décadas de 1930 e 1940. Durante os distúrbios econômicos,

políticos e militares, somente algumas vozes se mantiveram firmes falando de Deus — entre elas, a de Dietrich Bonhoeffer e a de Helmut Thielicke. Os dois estão como marcos humanos que destacam o início e o fim da Segunda Guerra Mundial. Os anos mais relevantes de Bonhoeffer foram os de 1932 a 1945, enquanto Thielicke subiu ao seu ápice nos anos intermediários da guerra e nos que se seguiram.

Bonhoeffer recebeu a tarefa de advertir o povo alemão das conseqüências políticas e morais de escolher Hitler como seu líder nacional e de segui-lo até o seu túmulo. A tarefa de Thielicke foi desafiar o povo alemão à tarefa da reconstrução espiritual e moral. Ambos fizeram o seu trabalho de forma admirável.

O preço do discipulado de Dietrich

Em 1933, só dois dias depois de Hitler se tornar chanceler da Alemanha, Bonhoeffer pregou no rádio, advertindo acerca de um líder "que se permite sucumbir aos desejos daqueles a quem lidera, que sempre tenta se transformar no ídolo deles, e então a imagem do líder vai gradualmente se tornando na imagem de um enganador [...]. Esse é o líder que faz um ídolo de si mesmo e de seu governo, e que assim zomba de Deus .

Bonhoeffer foi tirado do ar enquanto ainda falava, supostamente por simpatizantes de Hitler, e foi forçado a divulgar a sua fala por escrito para garantir que seus ouvintes tivessem entendido tudo que ele tinha a dizer. Mas ele tinha declarado a sua posição, e logo houve aqueles que questionaram o seu patriotismo.

A sua pregação e ensino aos pregadores em treinamento logo assumiu um tom de confronto: "Não tente tornar a Bíblia relevante", ele disse. "Sua relevância é axiomática [...] Não defenda a Palavra de Deus, mas testifique dela [...]. Confie na Palavra. Ela é um navio carregado até o limite máximo da sua capacidade".

Os maiores livros de Bonhoeffer resultaram dessa época. *Discipulado* [Ou: "Preço do Discipulado"] chama a pessoa a buscar a vida altruísta; usando uma expressão mais atual, Bonhoeffer estava tentando dizer: "Não sou importante!".

"A cruz está posta sobre todo cristão", Bonhoeffer escreveu. "Quando embarcamos no discipulado [...] entregamos a nossa vida à morte".

Em 1939, Dietrich Bonhoeffer visitou Nova York, e amigos no mundo cristão das igrejas de lá tentaram ardentemente impedi-lo de voltar à Alemanha com medo de que, se voltasse, perderia a sua vida. Mas Bonhoeffer fez a escolha de navegar de volta para a Alemanha. "Não terei direito algum de participar da reconstrução da vida cristã na Alemanha depois da guerra se não compartilhar das provações desta época com o meu povo", ele disse.

"Os cristãos na Alemanha vão encarar a terrível opção entre escolher a derrota da sua nação para que a civilização cristã sobreviva e escolher a vitória da sua nação e, por meio disso, destruir a nossa civilização. Sei qual dessas opções preciso escolher, mas não posso fazer essa escolha em segurança".

Durante os anos da guerra que se seguiram, a lógica de Bonhoeffer o conduziu a relacionamentos com pessoas (incluindo membros da sua família ampliada

que tramaram tirar a vida de Hitler. Quando quase atingiram o seu propósito, muitos foram presos em toda a Alemanha, inclusive BonhoefFer, e ele passou os seus últimos anos na cadeia antes de ser executado em Flossenburg em 1945, pouco antes do fim da guerra.

Mesmo na prisão, Bonhoeffer foi sempre o pregador. Em certa ocasião, refletiu acerca da esperança gerada em um casamento recente. "Recebam um ao outro, portanto, como Cristo recebeu vocês, para a glória de Deus", citou das Escrituras, e então expôs: "Em resumo, vivam juntos no perdão dos seus pecados, pois sem o perdão nenhum relacionamento humano sobrevive, muito menos o casamento. Não insistam nos seus direitos, não culpem um ao outro; não julguem nem condenem um ao outro, não achem defeito um no outro, mas aceitem um ao outro como vocês são, e perdoem um ao outro todos os dias do fundo do seu coração".

O sentido mais amplo desses comentários é que Bonhoeffer nunca aceitou a noção de que a vida se resume à crise. Antes, a vida continua, e quanto mais afirmações de esperança e orientadas para um novo começo pudermos fazer — como o casamento — tanto melhor.

Bonhoeffer foi um pregador vigoroso e valente, e desafiou as pessoas à resistência contra o mal, à coragem, à nobreza de vida, ao testemunho e à pura comunhão entre pessoas que seguem a Cristo.

"Quem está firme?", Bonhoeffer escreveu em 1943. "Somente aquele cujo padrão final não é a sua razão, seus princípios, sua consciência, sua liberdade ou sua virtude, mas que está disposto a sacrificar tudo isso quando chamado à ação obediente e responsável em fé e em lealdade exclusiva a Deus — o homem responsável, que tenta fazer de toda a sua vida a resposta ao desafio e ao chamado de Deus. Onde estão essas pessoas responsáveis?".

Bonhoeffer estava pregando quando vieram levá-lo para o lugar da execução. Em suas últimas horas, pediram-lhe que pregasse aos presos. Primeiro relutante, depois Bonhoeffer cedeu. O texto, de Isaías, foi o que diz que pelas suas pisaduras fomos sarados.

Depois foi conduzido ao patíbulo, quando, depois da sua execução, o seu biógrafo registra: "O seu corpo foi baixado e queimado, junto com sua mala e seu manuscrito". Seu manuscrito! Bonhoeffer nunca parou de pregar e escrever, mesmo nos piores momentos.

Sermões em uma igreja bombardeada

Se o chamado de Bonhoeffer foi o de advertir o povo alemão a respeito das conseqüências da filosofia política de Hitler, o chamado de Helmut Thielicke foi sustentar as pessoas durante a guerra e, depois, ajudá-las a reconstruir a sua vida espiritual e moral no pós-guerra.

Em 1936, Thielicke recebeu uma cadeira na universidade de Heidelberg. Mas quatro anos depois, perdeu sua posição quando os nazistas se tornaram sensíveis à sua crítica crescente ao regime de Hitler. A certa altura, mudou-se para a

igreja de São Marcos em Stuttgart, onde pregou apesar de mudanças de local semana após semana em virtude dos danos causados pelo bombardeio aliado. John Doberstein, o tradutor de Thielicke para o inglês, diz que depois de cada sermão "centenas de estenógrafos voluntários permaneciam no local e tomavam nota de excertos ditados, que eles então copiavam em segredo. A publicação era proibida, mas essas cópias da mensagem cristã, passadas de pessoa a pessoa, acharam o seu caminho para milhares de ávidos leitores".

A certa altura da guerra, Thielicke sentiu uma necessidade desesperadora de descanso. Ele propôs que algumas semanas em uma vila sossegada no interior seriam um bom remédio. Mas o retiro no campo não surtiu o efeito desejado e logo ele voltou à cidade. Sim, a vila tinha sido sossegada. Mas faltava algo que o deixava inquieto.

Ele concluiu que as pessoas na vila tinham uma mentalidade diferente, não tocada profundamente (ainda!) pela guerra. Ele ansiou por voltar à cidade onde as pessoas estavam se agarrando com unhas e dentes à sobrevivência. Entre elas, ele encontrou a força e a vitalidade espirituais que eram bem mais renovadoras do que a vida "escapista" no interior. Assim Thielicke voltou às bombas, aos destroços e ao sofrimento, porque ali ele encontrava a realidade e a coragem e a comunidade. Esse lugar se tornou a sementeira de grande parte da sua pregação.

"Tenho me interessado pela questão teológica acerca das mudanças que ocorrem no homem", escreve Thielicke, "quando ele encontra a Deus e assim também se encontra a si mesmo. Pois de uma coisa sempre tive certeza, de que quando o homem procura a si mesmo, ele não se encontra, e que ele se encontra e se realiza somente quando se rende e perde a sua vida em Deus".

Ele foi ousado quando chamou homens e mulheres a Cristo. "Eu creio", disse ele, "que só se pode fazer justiça ao que busca quando não se dá a ele ilusão alguma acerca da existência de um muro alto diante do qual decisões precisam ser tomadas. Ele precisa ser conduzido a enfrentar a enorme grandeza de uma mensagem que não tolera evasão".

Em outro trecho, diz: "Qualquer pessoa que olha para baixo e se mede segundo os pontos fracos de seus companheiros torna-se imediatamente orgulhosa". E ainda: "Quando um homem se volta de verdade para Deus com a consciência pesada, ele não pensa em outras pessoas de forma alguma. Ali está ele totalmente só com Deus".

Será que os seus comentários estão ultrapassados? Ou eles nos chamam de volta a algo que talvez esteja perdido na nossa época de sermões que soam mais como auto-ajuda do que o evangelho profundamente elaborado e inspirado pelo Espírito? Quando prestamos atenção nas vozes que falaram de forma mais eloqüente e espiritual desde o 11 de setembro, ouviremos algo do conteúdo que esses dois marcos deram ao povo alemão?

Depois da guerra, Thielicke visitou os Estados Unidos e passou pelo prédio das Nações Unidas em Nova York. Quando lhe mostraram a "capela" no prédio

das Nações Unidas, ficou atônito. Era uma sala decorada com holofotes e algumas poucas coisas mais.

> Os holofotes não sabem o que devem iluminar, e os homens responsáveis que são convidados a vir a essa sala não recebem instrução acerca de para quem devem dirigir os seus pensamentos. É um templo de desolação total e estranha, um campo de fé arruinado há muito tempo abandonado [...]. Justo aqui, onde o que é definitivo está em jogo, justo aqui só há vazio e desolação. Não teria sido mais honesto riscar todo esse pseudotemplo do projeto e usar o espaço para um banheiro ou um bar?

O homem era profeta.

O que eles dizem hoje?

O que podemos dizer desses dois marcos da Segunda Guerra Mundial? Certamente eles tinham o que dizer à crise em que viveram. Eles eram duros com os seus ouvintes; esperavam muito das pessoas a quem pregavam e escreviam. Sua pregação não era paroquial, nem submissa aos temores e ao patriotismo superficial do seu povo, e eles estavam dispostos a sofrer as conseqüências que resultavam de proclamar a verdade bíblica.

Para Bonhoeffer, isso significou não somente proclamar a mensagem de que o ministério é mais importante do que a segurança, mas também expressar isso em sua vida. Em vez de fugir do lugar do perigo, ele permaneceu onde podia fazer o maior bem e pagou o preço mais alto por isso.

Da mesma forma, ouço Thielicke dizendo que a pregação mais impactante provavelmente venha dos lábios de um pregador que sofre junto com o seu povo. Não fomos chamados — nem pregador nem ouvinte — a fugir medrosamente da aflição ou a amaldiçoá-la (nem aqueles que a causam), mas antes a ficar e enfrentá-la, a espremer dela tudo que Deus quiser nos dizer.

Falar em situações de crise significa focalizar em temas como:

- esperança porque as pessoas se perguntam se há amanhã
- coragem porque as pessoas se entregam muito facilmente ao medo
- nobreza na vida cristã normal porque viver para a glória de Deus é o nosso chamado todos os dias, mas especialmente em tempos de crise, e porque amar (e perdoar) os nossos inimigos é imperativo
- arrependimento nas circunstâncias em que nos colocamos como uma nação arrogante e materialista
- justiça bíblica porque tão poucos entre nós realmente entendem o que é isso
- como é a oração verdadeira — orar por líderes deste mundo, por paz, por aqueles que sofrem muito mais do que nós sofremos

Mas o tema mais importante a ser desenvolvido em situações de crise é teológico na sua base. É pregar a soberania do Deus grande e poderoso, do Cristo que chora

pela cidade (ou pelo país, e não somente pelo nosso) e que anseia por vir novamente e criar o novo céu e a nova terra. Esse sonho do Reino salta das Escrituras desde o seu início e nos conta que a vida e os relacionamentos serão melhores, muito melhores do que o que conhecemos hoje, quando todos se curvarem e o confessarem como Senhor de Todos e de Tudo.

Capítulo 182

QUANDO CHEGA A NOTÍCIA

O que você diz do púlpito sobre crises e tragédias nacionais

Eric Reed

Quando o presidente Kennedy foi assassinado em 22 de novembro de 1963. Walter Cronkite interrompeu o programa **AÍ** *the World Turns [Enquanto o Mundo Gira*] com o trágico anúncio.

O pastor Gene Boutellier subiu à torre da sua igreja em Fresno e começou a puxar a corda do sino. Muito mais tarde, exausto dos seus esforços, desceu e viu que o santuário estava cheio de pessoas chorando. Rostos listrados de lágrimas se levantaram na direção dele, esperando o que ele diria. Boutellier contou a sua história a JosephPeterJr. em *Crisis Preaching[Pregação na Crise*] (Abingdon, 1998). A cena se repetiu no domingo seguinte em praticamente todas as igrejas do país. As pessoas que precisavam de esperança se voltaram aos seus pastores. Os pregadores daquela geração chamaram aquele dia de "O domingo com Deus".

Quando o filho do presidente Kennedy morreu em um acidente de avião em 1999, a mídia das notícias subiu às suas torres e tocou o alarme. Depois de testemunharem uma semana de cobertura ininterrupta, os pastores subiram ao púlpito pensando: *O que preciso dizer? Será que devo dizer alguma coisa?* E se eles são como eu, pensaram: *Como prego nessa maré interminável de desastres naturais, ataques terroristas, mortes de celebridades e intrigas políticas? Por que parece que isso está acontecendo com tanta freqüência?*

Pregar à velocidade do satélite

Eu assisti à famosa perseguição ao Bronco em velocidade lenta de um hotel Holiday Inn em Tallahassee, Flórida. Ao voltar de uma semana de férias, tinha ligado a TV para ver sobre o que os membros da nossa igreja estariam conversando. O que descobri foi uma mudança fundamental na forma em que as notícias são processadas e transmitidas.

Com sua reportagem interminável sobre o julgamento por assassinato de O J. Simpson, as redes descobriram um apetite insaciável do público pela repetição tediosa de fatos escassos. Com a proliferação de canais de notícias por satélites e de noticiários atualizados a cada minuto, as tragédias antes tão distantes agora se desenrolam sem interrupção na nossa sala de estar e em nossos escritórios. E atos

insensatos, antes embutidos em algum contexto pelos que os transmitiam, são apresentados cada vez mais crus, deixando para o ouvinte a tarefa interminável de discernir e pesar as manchetes.

Há mais guerras hoje do que havia antigamente? Ou é porque todos temos acesso por televisão a cabo a todos os rumores de guerra? Os terremotos são mais severos? Ou somos mais abalados pelas reportagens com som *surrouncfi* Seja o que for, o mundo como é visto na TV faz menos sentido do que em qualquer época. Será que os membros que trazem horas de notícias e análises zunindo na cabeça vêm ao culto domingo esperando que o pregador faça sentido de tudo isso?

Falar ou não falar

Como um jornalista que virou pastor, tenho usado as notícias regularmente para ilustrar os meus sermões, mas somente uma vez preguei um sermão inteiro sobre um evento do noticiário. Em uma semana inesquecível, nossa cidade foi abalada pelo tiroteio aleatório que vinha de dentro de carros, matando várias crianças, e um desses tiroteios aconteceu no nosso bairro; um traficante de drogas suspeito foi encontrado morto, pelo jeito executado, a quatro quadras da nossa igreja; e a polícia relatou que Nova Orleans mais uma vez liderava o índice de assassinatos no país. Tive de falar do medo que tinha tomado conta de todos nós.

Precisamos tratar de tragédias quando são nossas próprias, mas mesmo que estejam distantes, os ataques terroristas ou as guerras podem forçar o pregador a reconsiderar o seu calendário de sermões. Se as minhas conversas com pastores são um indicativo seguro, poucos se sentem confortáveis em fazer isso.

Timothy Keller pastoreia a Igreja Presbiteriana do Redentor em Manhattan. "Alguns dos nossos membros têm dito que gostariam de me ouvir falar mais acerca de eventos atuais , ele diz francamente. "Não estou seguro se sou sábio o suficiente para fazer isso".

Keller tem duas preocupações. Uma é que a notícia do momento eclipsará sua mensagem. "Quando falo de algo que está saindo nas manchetes, a ilustração se torna o ponto principal", Keller conta aos seus ouvintes, incluindo não-cristãos. "Eles querem ouvir verdades eternas e não interpretações de eventos do noticiário". Ele também questiona a confiabilidade de relatos precoces. Ele, geralmente, espera um ano ou mais até se referir a um evento marcante das notícias. "Muitas vezes são necessários meses até que se consiga uma perspectiva adequada", diz Keller.

Keller aponta para os sermões dos antigos mestres como exemplos. Os únicos sermões de Jonathan Edwards e outros que parecem irrelevantes agora são os pregados acerca de eventos nacionais, diz Keller. "É impressionante como é fraca a argumentação desses sermões. Foi isso que originariamente me fez hesitar a pregar acerca de eventos atuais".

"Mas quem disse que um sermão precisa durar 100 anos?", objeta Joseph Jeter Jr,, professor na Brite Divinity School na Texas Christian University e autor do livro *Crisis Preaching [Pregação na Crise}*. "Todos nós gostaríamos de pregar um sermão que tivesse 500 anos de impacto, mas então teria de ser um sermão muito geral".

Na sua pesquisa, Jeter encontrou muitos pregadores que se negavam a pregar sobre eventos do noticiário. "Alguns disseram que não sabiam o que dizer, outros não queriam fazer sensacionalismo. Mas se os seus membros trazem uma preocupação acerca da qual estão confusos e perturbados e não se diz nada a respeito, é como procurar pão e receber uma pedra". Decidir tratar de um evento das notícias recentes requer discernimento: da possível duração do impacto do evento, das necessidades emocionais da congregação naquele momento e da condução do Espírito no preparo do sermão.

Lições aprendidas

Um furacão destruiu a Igreja Metodista Unida de Goshen (Alabama) durante a apresentação do teatro de Páscoa no domingo de ramos de 1994. O prédio simplesmente explodiu, diz o pastor Kelly Ciem, sepultando os participantes do culto no santuário debaixo de um metro de alvenaria. Depois de retirar o entulho, havia 20 pessoas mortas, incluindo Hannah, a filha de quatro anos de Ciem. A mídia caiu sobre a pequena comunidade na vizinhança de Birmingham.

"Eles nos perguntaram: 'Por quê?' ", Ciem diz. "O templo não deveria ser um lugar seguro? Isso não vai abalar a sua fé?". E a pergunta mais ampla e mais dura: "Por que Deus permitiu que isso acontecesse com uma igreja? A crise não é o momento para se fazer a pergunta: 'Por quê?' ", Ciem continua. "A verdadeira pergunta é: 'O que vou fazer com a vida que tenho hoje, com os membros da família que tenho hoje, com a igreja que tenho hoje?' ".

A tentação do pastor em um sermão estimulado pela crise é oferecer respostas. Embora as pessoas digam que querem respostas, elas, na verdade, precisam de ajuda para lidar com a suas emoções.

Pouco mais de seis meses após o assassinato dos 15 estudantes da escola de Columbine, a igreja West Bowles Community, próxima dali, continuava a lutar com a catástrofe, enquanto ao mesmo tempo assistia a um grande avivamento em Littleton e na sua igreja. "Algumas pessoas queriam encontrar o sentido das mortes . diz o pastor George Kirsten. "Não acho que vamos conseguir isso. Outros perguntavam: 'Para onde posso ir? Há alguma esperança? Há algum conforto?'. Essa é a questão que tratamos de forma aberta e clara".

A igreja de Kirsten se tornou um lugar de intercâmbio de conselhos sábios Muitos estudantes de Columbine vieram a West Bowles dois dias depois daquela, mortes para falar sobre o seu trauma. Não escolheram os conselheiros enviados pelo sistema escolar, de acordo com Kirsten, mas, em vez disso, procuraram outros adolescentes e jovens da igreja que estavam dispostos a ouvir e chorar com eles.

Tanto Kirsten quanto Ciem abordaram a tarefa da pregação como co-sofredores. Eles expressaram o que o seu povo estava sentindo e o que eles mesmo, estavam sentindo. "Às vezes é tudo que podemos fazer — chorar com o nosso povo", Jeter conjectura.

Craig Barnes chama isso de "conversa da sala de emergências". Barnes, autor e pastor, recomenda a abordagem da sala de emergências a situações emocionalmente tensas e críticas. "Você não desenvolve muita teologia construtiva na sala de emergências. Você só lembra as pessoas que vivemos nas mãos de Deus, e este é um lug ar maravilhoso para se estar. A pregação construtiva vem na segunda onda".

Notícias urgentes podem esperar

"A crise arranca o verniz", diz Barnes. "Pode ser muito útil". Mas em 20 anos de ministério pastoral, Barnes não consegue se lembrar de mais de cinco vezes em que o noticiário nacional se tornou combustível para o sermão. A maioria delas, ele tratou brevemente — as mortes de princesa Diana e madre Teresa na mesma semana resultaram em dois parágrafos para concluir uma mensagem acerca do preço de seguir a Cristo.

Pastorear nove anos na capital do país levou Barnes a sentir a pressão de incluir o noticiário nas suas pregações. Ele resistiu. Durante muitos meses recusou-se a mencionar a investigação que conduziu ao *impeachment* do presidente. "Eu falei às pessoas que estava escolhendo o caminho melhor e mais fácil, mas quando tudo desmoronou tive de falar".

O âncora de notícias Peter Jennings ligou quando Barnes estava preparando o seu sermão. "Ele estava fazendo uma pesquisa de como as igrejas estavam lidando com o assunto. Ele queria saber se estava exigindo a cabeça do presidente ou a cabeça do promotor. Essas eram as únicas opções."

"Expliquei que o evangelho é um pouco mais amplo do que isso. Minha intenção com esse tipo de sermão é transcender as opções. Quero dizer algo que seja claro e ajude as pessoas a processar a questão. O sermão em momento de crise deve conduzir as pessoas a Jesus, o Salvador, e não deixar com elas a resposta certa ".

"Vivemos para os momentos em que podemos nos colocar na plataforma e dizer: 'Eu tenho uma palavra do Senhor'. Se realmente é uma palavra do Senhor, então não é só para o presidente ou para o promotor. É para todos nós".

A tentação do pregador é fazer a exegese da crise em vez de fazer a exegese das Escrituras. Barnes evita isso ao começar com as emoções da congregação e prosseguir rapidamente para o texto.

"Toda pregação precisa contemplar ambos os lados dessa sagrada conversa", diz Barnes. "Você precisa contar ao Senhor como as coisas são feitas aqui. O povo precisa ouvir isso. Eles precisam ver você como Moisés, como a pessoa que está talando a favor delas diante do Senhor, para que também ouçam a palavra do Senhor vinda de você".

Na maioria das vezes, Barnes se atém ao seu esboço do sermão. Ele descobriu que o seu texto, escolhido às vezes já um ano antes, falou às necessidades nas raras ocasiões em que pregou tratando as situações de crise. Assim como Keller, Barnes geralmente também espera antes de tratar de eventos traumáticos. "Há algumas

historias bastante heroicas que surgem em uma segunda onda da cobertura da mídia. Penso que aí há informações mais valiosas para o pregador".

Ao passo que crises que afetam a igreja local precisem ser tratadas imediatamente, outras, como eventos nacionais ou mundiais, podem esperar até que mais informações estejam disponíveis e o impacto duradouro do vento tenha sido determinado. Uma crise real merece atenção mesmo algumas semanas ou meses depois. Até então, a inclusão do assunto na oração pastoral é suficiente para reconhecer a percepção dos sentimentos das pessoas da igreja.

Outras crises — e muitos dos incidentes que geram cobertura ininterrupta da mídia se enquadram nessa categoria — são simplesmente distrações.

Angustiar-se por pessoas que você não conhece

"Estou surpresa de quanto isso me machuca", minha esposa disse alguns meses depois da morte de John Kennedy Jr.

"Que isso machucou você em primeiro lugar? Ou que ainda está doendo?". perguntei.

"Os dois, acho. Vejo a foto deles na banca de jornais e sinto uma dor profunda. A morte de algumas celebridades você até espera que vão afetar você. Diana, por exemplo. [Minha esposa tinha passado a noite em claro para garantir que não perderia o casamento real na TV]. Mas não esperava sentir isso nesse caso".

Eu compreendi os sentimentos dela. Na nossa cultura marcada pelas estrelas, fazemos vigílias eletrônicas ao lado do leito de muitas pessoas, e a morte de pessoas que nunca encontramos se torna muito real para nós. Os nossos ouvintes precisam de ajuda para passar o luto de pessoas tanto reais quanto imaginárias. Mas as mortes trágicas e amplamente divulgadas merecem atenção do púlpito?

Alguns incidentes deveriam ser mencionados, mas, na maioria, são distrações das questões reais, de acordo com Argile Smith, professor de homilética do Seminário Teológico Batista de New Orleans. "O que os diferencia de eventos realmente catastróficos é que são eventos do dia a dia que acontecem com pessoas famosas". As pessoas nascem, vivem e morrem, e, se não fosse por sua fama, i maioria nunca seria notícia. E também não deveriam chegar ao púlpito.

Mesmo assim, Smith admite, as emoções dos seus ouvintes precisam ser levadas em consideração. "Eu tinha me preparado para pregar sobre a morte e a ressurreição em um certo domingo. Na noite anterior, a princesa Diana foi morta. Visto que todos estavam falando disso, ajeitei a minha introdução e comecei com a morte dela. A mensagem não foi acerca dela, mas tratou de algumas coisas em que as pessoas estavam pensando".

Smith é muito cuidadoso quanto a citar nomes dos famosos. "Tome muito cuidado em não dar opiniões de valor sobre pessoas que morreram ou especular acerca da salvação delas", avisa ele. "O pregador pode ajudar os seus membros a lidar com seus sentimentos sem expressar suas opiniões sobre os que partiram" Em outras palavras, não diga nada que você não diria no funeral da celebridade

Com o passar do tempo, Smith diz, o pregador desenvolve um mecanismo interior que ajuda a discernir quais eventos são dignos de menção.

Como as coisas realmente são

O perigo de tratar demasiadas vezes de situações de crise na pregação é que o temporal, e não o eterno, comece a determinar o calendário de pregação. O pregador se torna reacionário, um galinho *Chicken Little* no púlpito. Por outro lado, ignorar a crise, não importa se ela é real ou sentida, pode ser interpretado pelos nossos ouvintes como falta de tratar de necessidades deles.

Ao pregarmos apropriadamente quando a notícia nos pega de surpresa, podemos mostrar aos nossos ouvintes que Deus ainda se importa e que podemos confiar nele mesmo no período pós-catátrofe. O nosso alvo, sempre, é ajudar as pessoas a enxergar as questões de vida e morte à luz de Cristo. "Se queremos que este mundo faça sentido", diz Smith, "isso só acontecerá quando o enxergarmos pelos olhos de Jesus".

Capítulo 183

SERMÕES REDENTORES PARA CASAMENTOS E FUNERAIS

Quando o sermão é a última coisa na mente do ouvinte

Stephen N. Rummage

Uma das honras de ser ministro é ser convidado à vida das pessoas em momentos profundamente pessoais. Uma dessas honras *é* pregar em funerais e casamentos. Essas mensagens são diferentes de quase qualquer outro tipo de sermão porque são dirigidas a pessoas específicas — os participantes do casamento ou a família enlutada — como também são dirigidas para a congregação mais ampla reunida.

Embora esses cultos sejam muito diferentes em tom e propósito, os princípios para pregar em casamentos e funerais são surpreendentemente semelhantes. Ao prepararmos sermões para casamentos e funerais, devemos pedir uma palavra de Deus que seja apropriada para esses ajuntamentos singulares e esse dia especial, e então devemos nos empenhar em preparar mensagens que ressaltem as seguintes características.

Conteúdo bíblico

Quando somos chamados a pregar em um casamento ou funeral, somos mais do que mestres de cerimônia; somos os mensageiros de Deus para aquela hora. Devemos resistir à tentação de meramente elogiar a pessoa que partiu ou dar aos noivos recomendações para uma vida feliz juntos. Embora haja hora e espaço para esses tipos de fala, o nosso sermão deve ter como alvo um propósito mais profundo: comunicar uma mensagem oportuna da Palavra de Deus. Mesmo que o sermão para o casamento ou funeral seja breve, precisa ser bíblico.

Toque pessoal

Alguns aspectos de casamentos e funerais estão presentes todas as vezes em que se celebram esses cultos. Em cada casamento, no entanto, duas pessoas singulares estão sendo unidas diante de Deus. Devemos honrar a individualidade da noiva e do noivo com um sermão de casamento talhado especialmente para eles. Da mesma forma, cada sermão de funeral merece um tratamento distintivo e pessoal. Os tópicos e textos dos sermões serão repetidos, mas devemos evitar a impressão de que estamos tirando do arquivo um sermão geral de casamento ou funeral e recitando-o mais uma vez, só trocando os nomes.

Para tornar o sermão pessoal, podemos incluir uma breve menção de como o casal se encontrou, a fé que o casal tem em Deus, ou alguma outra referência pessoal. A mensagem deve incluir uma aplicação dirigida ao casal, em que tratamos a noiva e o noivo pelo nome.

Podemos personalizar um culto fúnebre ao citar um trecho bíblico predileto da pessoa que partiu, ou ao relatar uma experiência que tivemos com ela. Podemos compartilhar algumas das lembranças e impressões da família e dos amigos do falecido. Mesmo que não tenhamos conhecido o falecido, podemos coletar lembranças pessoais da família no preparo para o funeral. Devemos nos empenhar em nos referir, durante o sermão, à pessoa falecida e aos membros mais próximos da família pelo nome.

A pregação da mensagem também pode tornar o sermão mais pessoal. Reconhecendo o sentido emocional desses cultos, devemos falar de forma conversacional e com carinho. Embora possamos considerar usar algumas anotações breves para controlar a extensão do sermão, devemos pregar essa mensagem com o máximo possível de contato visual e de empada.

Tornar a mensagem especial não quer dizer que temos de começar um sermão do zero cada vez que conduzimos um casamento ou funeral. Aliás, essas cerimônias podem ser melhores se modificarmos mensagens existentes que foram lapidadas ao longo do tempo. Certo pastor adotou a prática de manter no arquivo uma dezena de bons sermões fúnebres que exponham clara e concisamente a perspectiva cristã acerca da morte e da esperança em Cristo. Ele pregou algumas dessas mensagens anteriormente em cultos normais da igreja, mas então os condensou e lapidou para uso em funerais. Usar esse método nos permite preparar uma mensagem pessoal rapidamente, personalizando o sermão para se encaixar na ocasiãc particular com relevantes detalhes pessoais.

Extensão abreviada

Sermões para casamentos e funerais devem ser relativamente breves. O sermão não é central na atenção da maioria das pessoas que estão presentes. Poucas pessoas — especialmente a noiva e o noivo ou a família enlutada — vão a essas cerimônias pensando: *O que será que o pastor vai pregar hoje?* Um bom e bem-planejado sermão de casamento ou funeral *pode* ter impacto sobre os ouvintes, no

entanto, temos de levar em consideração que a mensagem tende a aumentar em eficácia à medida que diminui em extensão.

Na maioria dos casos, devemos colocar como alvo que todo o culto de casamento ou funeral dure aproximadamente 60 minutos. Os itens da cerimônia e as músicas devem tomar mais da metade desse tempo, especialmente no caso de casamentos. Por isso, o sermão de casamento não deve ser mais longo do que vinte ou no máximo vinte cinco minutos. O sermão fúnebre pode durar um pouco mais, mas, em geral, não deve passar de 30 minutos.

Um sermão de casamento em geral não deveria conter múltiplos pontos. Em vez disso, é melhor destacar uma idéia principal de um texto da Bíblia, que então explicamos, ilustramos e aplicamos. Para o sermão fúnebre, podemos escolher um esboço mais convencional. Mas até aí, devemos condensar o conteúdo do sermão. Visto que os ouvintes provavelmente não trazem sua Bíblia para casamentos e funerais, devemos limitar os detalhes da exposição técnica.

Propósito redentor

Em muitas igrejas, casamentos e funerais estão entre os maiores ajuntamentos a que falamos. Além disso, com freqüência, há mais incrédulos presentes nessas ocasiões do que em cultos normais. No fim das contas, o propósito de sermões em casamentos e funerais deveria ser o mesmo que em qualquer sermão — mostrar aos ouvintes o caminho para Jesus Cristo. Todos os temas bíblicos ligados a casamentos e funerais podem ser facilmente associados à fé no Filho de Deus. Devemos encontrar oportunidades de focalizar Jesus em todo o sermão e proclamar a redenção disponível pela fé em Cristo.

Capítulo 184

O SERMÃO QUE ESTABELECE UM MARCO

Uma palavra clara na hora certa pode proteger a igreja de rachar

Jack Hayford

Não importa a posição do pastor acerca de beber bebidas alcoólicas, não é difícil reunir textos para provar a sua opinião. E é certo que algumas pessoas discordarão de seja lá qualquer posição que você adotar. Apesar da discordância que sabia que revelaríamos, há alguns anos enfrentei a necessidade de tratar diretamente desse assunto com o nosso "Conselho de Servos", um grupo de algumas centenas de pessoas-chave da nossa igreja.

Enquanto me debatia com a questão na minha sala de estudo, senti a pressão interior de ser responsável por esses líderes e por sua influência sobre toda a igreja. Eles precisavam de um espírito pastoral instilado no seu coração para que conduzissem corretamente todos a quem ensinavam e tocavam. Isso tinha de ser ex-

plicado de maneira amorosa, e não legalista. O meu coração sussurrava: *E melhor você ajudá-los a ver isso claramente. A maioria dos membros da sua igreja vai decidir entre o certo e o errado com base no que você vai dizer e como você vai agir.*

Eu também estava preocupado com a pressão exterior, a comunidade cristã mais ampla, que outros talvez me condenassem. Já conseguia ouvi-los: "O Hayford pega leve em termos de bebida" (por não adotar uma posição de abstinência completa), ou: "Hayford é legalista" (por estar preocupado com a questão).

Líderes fortes são conhecidos por seus sermões que marcaram época (e às vezes são linchados por eles). Sermões que marcam época são os momentos decisivos de uma igreja e de um pastor. Sem eles, não há limites, não há bandeiras na areia; não há nada para comunicar a visão e os alvos, a filosofia de trabalho e os procedimentos, as crenças e os padrões.

Assim como a recitação da lei que marcou época no caso de Josué, junto com as bênçãos e maldições no monte Ebal, os sermões que marcam época são memoráveis, densos e conclusivos. Alguns vão lembrar do seu sermão que marcaram época como um "carvalho" conhecido na paisagem da igreja, que os conduz no caminho que devem andar; outros, considerando o sermão um cartaz luminoso berrante, gostariam que não marcasse o terreno. Mas ninguém consegue ignorar tais sermões e suas conseqüências.

Os *propósitos de sermões que marcam época*

Sermões que marcam época são intensamente visíveis por uma boa razão. Eles se elevam como uma torre acima dos sermões semanais normais porque atingem ao menos um de seis propósitos.

Tratar de questões que pesam na consciência dos membros. Questões éticas e teológicas são um fardo pesado nas costas de muitas pessoas.

Por exemplo, dezenas de mulheres que fizeram aborto entregaram a sua vida a Cristo na nossa igreja. Mais cedo ou mais tarde, a maioria delas aceita o perdão, mas então pensa: *Se o que abortei realmente era uma pessoa, onde ele ou ela está agora?* A culpa e a preocupação podem se tornar insuportáveis. Os que tiveram um aborto involuntário podem ter a mesma indagação.

Depois de aconselhar diversas mulheres, decidi pregar um sermão sobre o que acontece com a alma de uma criança abortada. Em uma mensagem intitulada: "Enviado ao céu por um curto-circuito", tomei uma clara posição a favor da santidade da vida, mas não em um tom condenatorio. Deixei claro que a criança não tinha atingido a idade da responsabilidade.

Muitos cristãos se preocupam em silêncio acerca de outras questões perturbadoras: "Será que cometi o pecado imperdoável? Deus vai perdoar o meu divórcio e o novo casamento? Um "desviado da fé" pode ser perdoado? E se o meu patrão exigir que trabalhe no domingo?" A pregação sobre esses tópicos pode dar direção clara aos nossos ouvintes na sua confusão.

Preparar os membros para um projeto da igreja. Há alguns anos, compramos um complexo de 11 milhões de dólares para a igreja como um segundo endereço nosso. Antes de propor esse passo, preguei durante dez semanas no livro de Josué sobre o tópico: "Tome posse dos seus amanhãs". A idéia principal dessa série — Deus nos promete muitas coisas, mas temos de entrar nelas e "tomar posse" delas —tornou-se a base da argumentação racional a favor da compra da propriedade. É evidente, também encorajou indivíduos a "tomar posse" do que Deus tinha ordenado para eles pessoalmente.

Não importa se a questão é construir uma igreja, começar mais ministérios para crianças ou começar grupos pequenos, as pessoas na igreja precisam de motivação, percepção e desafio que só podem vir dos sermões do seu pastor.

Colocar os momentos marcantes na perspectiva divina. Quando o grande terremoto atingiu São Francisco em 1989, ouvi algumas pessoas dizendo que Deus estava castigando a comunidade homossexual dessa cidade. Momentos marcantes requerem sermões marcantes, não importa se o assunto é o juízo de Deus, profecia acerca do final dos tempos ou a moralidade da guerra.

Na semana após o terremoto, escolhi como texto os comentários de Cristo acerca de duas tragédias: o desabamento da torre de Siloé que matou 18 pessoas e o fato de Pilatos misturar o sangue de algumas de suas vítimas com os sacrifícios delas. O consenso era que essas vítimas eram mais pecaminosas do que os outros. Mas Jesus rejeitou a sabedoria convencional (Lc 13.1-5).

O meu ponto principal foi: "Se Deus está julgando São Francisco, é melhor que todos nós nos escondamos debaixo das cadeiras agora mesmo". Reconheci que, embora tal catástrofe pudesse ser uma expressão do juízo de Deus, era um erro concluir que aconteceu porque algumas pessoas eram mais merecedoras do juízo do que outras. Embora tivesse verbalizado muitas daquelas idéias em partes e fragmentos anteriormente, o momento marcante fez dela uma mensagem marcante.

Mudar filosofias de trabalho. Ao longo do tempo, uma igreja pode mudar sua filosofia em relação à aceitação de novos membros, da qualificação para a liderança, de posições acerca de quem casar, sepultar ou batizar, ou a quem servir os sacramentos. Esses tópicos controvertidos exigem um sermão marcante, ou uma série de sermões que marquem época.

No início da década de 1970, a posição predominante na minha tradição tinha sido de que a Bíblia proíbe qualquer pessoa divorciada de casar de novo. Ao me debater com toda a verdade das Escrituras, e ao ser conduzido aí por questões difíceis que eram levantadas na minha alma enquanto conversava com pessoas arrasadas, cheguei a uma conclusão diferente: que pessoas divorciadas antes da sua decisão de seguir a Cristo eram elegíveis ao casamento com base no fato de que o seu passado tinha sido perdoado por Deus.

Preguei um sermão sobre o tópico em um culto de domingo à noite e concluí a mensagem com a realização do casamento de um casal em que ambos tinham

sido divorciados nessas condições. (A nossa filosofia, contudo, não é simplista ou arbitrária; há procedimentos específicos que determinam cada situação).

Confrontar tendências culturais. Um ano depois do escândalo da PTL (Organização "Praise the Lord", encabeçada por Jim Bakker, nos Estados Unidos.) e cinco semanas depois que os problemas de Jimmy Swaggart vieram à tona, decidi pregar um sermão acerca da restauração de líderes caídos. Tinha ouvido tantas pessoas defendendo o ponto de que, visto que Deus perdoa o líder caído, seus pecados não deveriam impedi-lo de continuar o seu ministério, e que, se ele se arrependesse, poderia continuar na liderança sem um período de teste. Questionei essa posição.

No meu sermão, apresentei o que considero uma distinção bíblica: Deus nos perdoa instantaneamente, mas ser perdoado não é a única qualificação para a liderança cristã. Ser perdoado não é a mesma coisa que correção de caráter. A Bíblia diz que líderes em potencial precisam ser testados e aprovados ao longo do tempo para se verificar se algumas qualidades essenciais estão presentes na sua vida. Concluí que um líder que transgrediu as qualificações para a liderança precisa novamente ser testado e aprovado ao longo de um período antes que seja recolocado em uma posição na igreja.

Levar cura em época de fracasso humano. Quando um membro-chave fica aquém da moralidade bíblica, isso abala a igreja. Há alguns anos, a filha de um de nossos presbíteros deu à luz uma criança fora do casamento. Mais tarde, quando a questão da sua imoralidade tinha sido resolvida, ela pediu que a criança fosse consagrada na igreja. Fizemos isso em um domingo à noite. Preguei um sermão acerca da justiça e da misericórdia, afirmando que somos obrigados a nos posicionar do lado da misericórdia mesmo quando corremos o risco de darmos a impressão de que sacrificamos a justiça.

Concluí o sermão chamando a jovem e seu filho à frente, e a igreja se uniu a mim na dedicação dessa criança ao Senhor. Ninguém achou que os padrões haviam sido sacrificados, e todos reconheceram que a misericórdia de Deus havia sido manifesta.

Também chamei ao palco o avô do bebê, o nosso presbítero. "João (não é o seu nome verdadeiro) apresentou a sua renúncia da função de presbítero ao conselho de presbíteros", então anunciei. "Nós não pedimos a sua renúncia, mas ele sabe que nesse momento a sua família precisa da sua atenção especial, e assim ele fez a coisa certa ao apresentar a sua renúncia".

Ninguém naquele culto conseguiu conter as lágrimas.

Erros que devem ser evitados

Sermões que marcam época têm as suas tentações especiais. Aqui estão alguns erros que tento evitar.

Sensacionalismo ou exploração. Quando saiu a notícia de que Magic Johnson tinha o vírus da AIDS, pensei em pregar sobre a moralidade sexual. Quanto mais pensava a respeito, no entanto, menos gostava da idéia.

Era um chamado ao juízo; muitos ministros de fato pregaram sobre o tópico, e talvez tenha perdido a oportunidade de pregar um sermão de marcar época. Mas especialmente porque moro na região de Los Angeles, onde Johnson mora, senti que estaria sendo sensacionalista com o tópico ou me beneficiando da tragédia de outra pessoa.

Para testar se estou sendo sensacionalista com um tópico, faço a mim mesmo estas três perguntas:

- Estou me ocupando com esse tema simplesmente para atrair uma multidão ou para realmente edificar o meu rebanho?
- Estou tratando do tema de forma substancial e bíblica, ou simplesmente "agarrando um tópico" e depois passo voando pelo problema e só dou uma solução superficial com um texto breve ou dois?
- A questão é crucial para o momento? Posso esperar — devo esperar — até um momento mais proveitoso e adequado?

Pregar a mensagem ao grupo errado. Algumas mensagens são mais adequadas para grupos menores dentro da igreja por causa das diferenças entre seguidores e líderes, homens e mulheres, crianças e adultos, cristãos novos e cristãos maduros, jovens e idosos, comprometidos e os que estão na periferia. O que será uma mensagem marcante para um grupo na igreja pode ser irrelevante ou desconcertante a alguns dos que participam somente do culto de domingo.

Na verdade, preguei uma mensagem na época do incidente de Magic Johnson, mas somente para o nosso grupo de homens. Achei que a mensagem seria mais adequada ali.

Falta de equilíbrio. Quando falei aos nossos líderes acerca do tópico de beber vinho, mostrei-lhes os textos bíblicos que apoiam os dois lados da questão, mas então tomei a minha posição: "Não posso fundamentar uma posição bíblica contra o beber vinho, mas acho que essa é uma das raras situações em que a Bíblia tem um padrão diferenciado para líderes e seguidores. É por isso que, pessoalmente, assumi o compromisso de nunca beber bebida alcoólica de qualquer tipo".

Sempre me empenho para levar em consideração todos os aspectos e descobri que as pessoas reagem bem a isso. Diversos dos presbíteros da nossa igreja são advogados, e alguns têm comentado especialmente: "Pastor, gosto muito da forma em que você trata de todos os aspectos envolvidos nessas questões controvertidas. Sinto que podemos tomar decisões válidas porque o ponto em questão foi descrito e considerado de todos os lados". Uma mensagem equilibrada mostra respeito pela inteligência das pessoas e pela sua confiança nas habilidades espirituais de tomada de decisão. Isso não significa que não levo a questão a um ponto conclusivo, mas falo com respeito de posições a que me oponho.

As chaves para a eficiência

Tenho uma forte percepção de unção quando preparo e prego sermões que marcam época. Sinto que essas mensagens são mais do que simplesmente ensi-

namentos ou exortações; são proféticas. Estou apresentando os desígnios de Deus de forma conclusiva e categórica acerca de uma questão crítica.

Mesmo assim, reconheço a dimensão humana. Muitos fatores podem tornar as pessoas mais ou menos receptivas ao que estou dizendo. Aqui estão algumas coisas que faço para tornar os meus sermões marcantes mais eficientes.

Mantenho a tensão. Nossa tendência é tentar aliviar a tensão dinâmica da verdade ou simplificar demais ou ir a extremos. Mas descobri que a verdade se encontra na tensão.

Há dez anos, um dos integrantes da nossa equipe de louvor de solteiros tinha um problema recorrente com profunda depressão. Ele tomava remédios para combatê-la, mas às vezes esquecia a sua receita, e o desequilíbrio químico resultava em sofrimentos terríveis. Em uma dessas vezes, ele se suicidou — pulando de um prédio perto do centro. Embora somente uma pequena parte da igreja toda o conhecesse, ele era um líder significativo para um grupo relativamente grande de solteiros; e assim senti que devia tratar do assunto do suicídio.

No meu sermão, destaquei os fundamentos reconfortantes da nossa salvação — a graça de Deus e a morte de Cristo — mas também ressaltei a nossa responsabilidade moral como mordomos do presente da vida que Deus nos deu. Essas tensões podem fazer com que sermões marcantes sejam controvertidos — mas eles também se tornam inescapavelmente confrontantes e memoráveis.

Aponto para os princípios gerais e mais abrangentes das Escrituras. Os princípios universais são cruciais para todas as questões, perguntas ou problemas que sermões marcantes tratam. A minha tarefa é encontrar o quadro mais amplo em uma situação particular, pois princípios mais abrangentes fornecem as percepções mais profundas e as perspectivas mais amplas.

Em 1990 e 1991, quando a guerra do Golfo tomou as manchetes, preguei acerca de tópicos como: "Deus quer a guerra?"; "Que intensidade deve ter o meu patriotismo quando o meu país está em guerra?"; "Qual é a minha responsabilidade cristã durante a guerra?". Não posso responder a grandes perguntas sobre a guerra sem tocar em grandes temas: como Deus vê a nação e como Deus vê a autoridade secular. Marcos são feitos de grandes pedras e fundamentos profundos.

Tomo tempo suficiente. Não há sermõezinhos que possam marcar época. Meus sermões que definem um marco geralmente levam de uma hora a uma hora e quinze minutos (geralmente os prego no domingo à noite, pois nosso culto principal é domingo de manhã). Quando estou pregando uma palavra definitiva, não posso apresentar algo aguado ou raso, não posso ser breve, superficial ou simplista. Esforço-me ao máximo em fazer a exegese do texto, escolher e definir termos, pôr no seu contexto as questões mais amplas e focalizar no ponto principal. Faço a distinção clara entre o que quero dizer e o que não quero dizer.

Quando preguei uma perspectiva geral do livro de Ezequiel em cinco partes nos cultos de domingo à noite, decidi pregar um sermão inteiro sobre o capítulo 18 (pais e filhos devem ser castigados pelos seus próprios pecados, não pelos pecado;

do outro). Tinha ficado cada vez mais preocupado com a tendência que surgiu de se racionalizar os nossos erros ao culpar a nossa família de origem ou atribuir a culpa dos nossos pecados ou nossa imaturidade a pessoas abusivas no nosso passado. Com freqüência via as pessoas usando essas idéias como fuga, em vez de perseguirem vigorosamente uma vida transformada em Cristo.

Eu não queria dar a impressão de combater programas de Dez ou Doze Passos, nem de apoiá-los (não faço isso). Tampouco quis parecer impaciente com "tartarugas" espirituais, os filhos de Deus de crescimento lento. Mas, de fato, desenvolvi um contraste de 14 pontos entre o sistema que Deus usa para curar as pessoas e o sistema de cura do mundo (por exemplo, "Justifique-se ou perdoe-se a si mesmo" *versus* "Deus já justificou você e vai perdoá-lo", e "Quebre a co-dependência e libere-se" *versus* "Submeta-se ao arrependimento e à libertação de Deus"). Quando preguei a mensagem, distribuímos folhas com um quadro-resumo desses pontos.

Essa seriedade e profundidade também são necessárias quando tratamos de tópicos embaraçosos e desconfortáveis. Certa vez, preguei um sermão sobre a masturbação. Embora normalmente leve somente um esboço ao púlpito, para aquele sermão levei um manuscrito quase completo. As possibilidades de duplos sentidos ou momentos desconfortáveis eram tão grandes que gastei horas extras para garantir que tivesse não somente as idéias certas, mas também as palavras certas.

Embora isso seja trabalho duro para mim — e para a igreja — descobri que as pessoas ouvem uma mensagem mais didática com paciência e com interesse se elas se importam profundamente com o tópico.

Depois da minha mensagem sobre Ezequiel, quando estava me preparando para despedir o povo no fim do culto, inclinei-me sobre o púlpito e disse: "Preciso dizer a vocês que, em momentos como esse, sinto um verdadeiro peso. Não estou pedindo desculpas por nada do que disse, mas sinto por segurá-los por tanto tempo hoje à noite". A mensagem tinha levado mais de 90 minutos e praticamente ninguém tinha se mexido. Depois do culto e durante toda a semana seguinte, recebi uma enxurrada de comentários de pessoas que valorizaram o fato de tomar tempo para fazer justiça ao tema.

Planejo uma série. Às vezes simplesmente não consigo dizer tudo que preciso em um sermão. Assim ocasionalmente prego uma série de marcar época. Alguns temas especialmente irritadiços são mais bem tratados em estágios, isto é, com meses ou anos de intervalo entre os sermões. Talvez tenha de empurrar a igreja para dentro da verdade, para deixar os membros processar as Escrituras um passo de cada vez.

Foi assim que aconteceu com os meus sermões acerca do divórcio e do novo casamento. O primeiro sermão tratou do tópico de cristãos que se divorciaram antes da sua conversão; o segundo sermão, três anos mais tarde, tratou de raras situações em que cristãos que se divorciaram depois da conversão podem casar de novo. Não planejei esse desenvolvimento, mas o tempo e a compreensão ajudaram as pessoas a digerir os ensinamentos.

Quando é adequado, ramifico o tópico em questões e aplicações relacionadas. Visto que já foram colocados tantos fundamentos, a hora é ótima para mostrar como esse tópico está associado a outras doutrinas e práticas.

Na mensagem sobre Ezequiel que tratou da "cláusula de fuga" da família de origem, apliquei as verdades sobre o poder que Cristo tem para nos transformar em relação a como e por que fazemos "apelos/convites à decisão" e "cultos de apelo". Descobrimos que esses momentos, em que chamamos as pessoas à frente da igreja para fazer ou renovar o seu compromisso ou para a imposição de mãos, são os passos de maior transformação de vida que um cristão pode dar. Consegui desenvolver o tópico de forma mais significativa do que se tivesse pregado um sermão intitulado: "O propósito do apelo no culto" como uma mensagem isolada.

Alivio a tensão. Sermões que marcam época abordam tópicos sérios, sensíveis e às vezes desconfortáveis. A tensão pode ser exaustiva tanto para mim quanto para a igreja. Aliviar essa tensão duas ou três vezes durante uma mensagem longa pode tornar as águas bem mais navegáveis, e isso aumenta a capacidade de absorção das pessoas.

O humor discreto e oportuno não somente quebra a tensão como também faz com que mostre que sou humano e pessoal. Na ocasião em que tratei de um tópico sexual particularmente sensível, o introduzi com uma leitura que ilustrou a confusão de um diretor de acampamento: Um puritano vitoriano perguntou de forma muito indireta acerca dos banheiros do acampamento. A precaução exagerada da mulher para não arriscar uma linguagem sugestiva preparou a cena para uma troca hilária de cartas; a falta de clareza não levou a resposta alguma. Isso criou a atmosfera para que pudesse ser direto e também gerou uma sensação de "humanidade' no ambiente enquanto chegávamos a um tópico muito humano.

Quando o humor é inadequado para o momento, peço que as pessoas se virem à pessoa do lado e repitam alguma afirmação positiva. Comecei a mensagem sobre o suicídio anunciando o título do meu sermão à igreja e explicando sobre a morte do indivíduo. Sabia que todos estavam com sentimento de grande pesar. Assim disse: "Embora vamos falar hoje sobre o pecado do suicídio, quero lembrar a todos que servimos a um Deus poderoso e misericordioso. Quero que vocês se virem agora para a pessoa do seu lado e digam: 'Nós servimos a um Deus poderoso e misericordioso' ".

Enquanto diziam essas palavras, em todo o auditório era possível ver como os rostos se descontraíam um pouco e as pessoas assumiam uma posição um pouco mais confortável. Depois disso, todos estavam em melhores condições emocionais de enfrentar o que tínhamos de tratar.

Às vezes fazemos uma pausa de 15 segundos de louvor e gratidão para ressaltar alguma verdade encoraj adora: "Vamos tirar um momento e louvar a Deus pela esperança da vida eterna com Jesus".

Associo com a experiência pessoal. Às vezes contar experiências pessoais que provocaram a minha mensagem ajuda a tornar o sermão mais pessoal, autêntico e de

maior impacto. Quando discuti o assunto do vinho com os nossos líderes, expliquei-lhes a razão para isso. Fui criado em um ambiente de abstinência total. Anos atrás, no entanto, percebi como quantidades moderadas de vinho acompanhando massas ou carne vermelha ajudavam na minha digestão. Por essa razão, ocasionalmente bebia uma taça de vinho.

Em um sábado de manhã, em torno de três anos depois de ter começado essa prática, dois eventos mudaram esse hábito. Primeiro, de manhã cedo, quando estava orando, o Senhor me "disse" claramente que não deveria mais beber vinho. Nada de que estivesse consciente tinha motivado essa "palavra" a mim. Foi direta, e a minha resposta foi absolutamente resoluta. Mas, algumas horas depois, naquele mesmo dia, fui para uma sessão de aconselhamento não sabendo por que a esposa de um jovem líder da nossa igreja tinha marcado aquela hora. Ela contou como um líder cristão que ambos conhecíamos tinha ido ao restaurante com o marido dela, tinha bebido vinho demais e convencido o seu marido a nem se importar com isso. Ela estava compreensivelmente perturbada.

Eu não disse nada a ela de como o Senhor tinha tratado esse assunto comigo apenas algumas horas antes, mas a coincidência daqueles dois eventos ocorrendo na mesma manhã não passou despercebida para mim. Senti que Deus estava dizendo inconfundivelmente: "Estou tratando com você primeiro".

Quando contei isso aos nossos líderes, não ordenei que eles agissem com base na minha experiência; apresentei-lhes as Escrituras. Mas a minha história ilustrou o cerne da minha mensagem e mostrou o que o Senhor estava ensinando acerca do preço do discipulado.

Escolho o momento mais oportuno. Visto que um sermão que marca época é um sermão profético, não posso marcá-lo no calendário como faria com qualquer outra mensagem. Diversos fatores sinalizam quando o tempo está maduro para isso.

Os meus sermões que se comprovaram como sermões marcantes foram pregados com um forte sentimento pelo coração de Deus. Às vezes sacrificamos o amor de Deus no altar da sua verdade. Mas tenho tentado apresentar tanto a paixão pela santa verdade de Deus (refletindo sua natureza justa) quanto sua compaixão infinita (refletindo sua natureza misericordiosa e amorosa). Se qualquer dessas faltar, a mensagem fica aquém do que Deus quer.

Enquanto preparo uma mensagem marcante, também tenho uma sensação crescente da unção mais bem descrita como uma sensação de missão e autoridade. Antes mesmo de subir ao púlpito, sinto-me revestido de um manto de graça para anunciar uma palavra vital. A mensagem, completamente gestada, está pronta para nascer.

Contudo, alguns eventos podem exigir reação imediata. Quando aquele líder de louvor do nosso grupo de solteiros cometeu suicídio, senti que devia pregar aquela mensagem em duas semanas. Eventos mundiais ou locais também requerem uma palavra marcante em prazo curto. Quando respondo às manchetes, preciso malhar o ferro enquanto está quente.

Sermões marcantes requerem muito de nós. Eles drenam as minhas emoções e o meu tempo de estudo. Eles me forçam a me debater com questões de grande relevância. Elas atraem crítica. E sei que enfrentarei alguma repercussão pelo de algumas pessoas seguirem incorretamente o que digo (geralmente pessoas que não prestaram atenção em tudo que disse).

Apesar dessas pressões, no entanto, enquanto preparo e prego sermões que marcam época, geralmente tenho uma sensação tão profunda da presença de Deus como em nenhum outro momento no ministério. Como resultado, considero os sermões que marcam época um dos pontos altos do meu ministério pastoral. Administrar a pressão é um preço pequeno a pagar por um sermão que do tipo "você não pode perdê-lo" e que serve como um carvalho inabalável na nossa igreja durante anos por vir.

Capítulo 185

VOCÊ TINHA DE TRAZER O ASSUNTO À TONA

Todo pregador fiel às vezes precisa causar controvérsias

Stuart Briscoe

Duas vezes passei cartões à minha igreja com as seguintes palavras: "Eu gostaria de ouvir um sermão que não dure mais do que_____minutos sobre o tema: O que a Bíblia tem a dizer sobre_____". Os que se acham grandes humoristas aproveitaram a ocasião. Um sujeito disse que gostaria de ouvir um sermão com menos de cinco minutos sobre o que a Bíblia tem a dizer sobre Deus.

Mas, muitas vezes, as pessoas pedem os temas complicados. As pessoas querem saber se a mensagem da Bíblia está à altura de um confronto com as pressões modernas. Quero assegurar às pessoas que sim.

Seria muito mais fácil se pudéssemos pregar a vida toda sem tocar em assuntos como pecado, moralidade, sexualidade, estilo de vida ou qualquer conjunto de outros estimulantes de adrenalina. A controvérsia faz da pregação uma proposição mais difícil. Mas, como qualquer pastor sabe, a igreja precisa dos assuntos mais temperados, se não por outra razão, então ao menos pelo fato de que Deus enche a sua Palavra com essa dieta. No entanto, uma crise não é inevitável. Podemos pregar tópicos controvertidos sem encarar uma briga.

Diminua a temperatura e aumente a luminosidade

Precisamos dar às pessoas o crédito da maturidade para administrarem a apresentação equilibrada de uma questão. Ao longo dos anos, tenho tratado do papel da mulher, da segurança eterna de salvação, do batismo no Espírito, de diversas questões acerca da sexualidade e da igreja e da política. Concluí que o que é crucial não é tanto o tópico quanto o método.

Quando mergulho em uma área de controvérsia, não espero concordância total. E por isso que, para começo de conversa, há uma disputa. Os sistemas de fé das pessoas são complexos. Há muito mais em jogo do que a questão específica. Reconheço desde o início que provavelmente não mudarei as convicções de ninguém.

Assim, tento ampliar o pensamento mais do que mudá-lo. Embora as pessoas provavelmente não abram mão da sua posição, podem ao menos reconhecer o outro lado. Isso é progresso. Talvez, ao longo dos anos elas mudem. Talvez não. De todo o modo, concordo com Oliver Wendell Holmes, que disse: "Depois que uma mente foi esticada por uma idéia nova, ela nunca mais volta à sua forma originária".

Quando tento *mudar* as pessoas, no entanto, só acrescento calor e diminuo a claridade. Por exemplo, tenho opiniões fortes acerca de como os dons das mulheres têm sido desperdiçados na igreja. Assim preciso ser cuidadoso quando falo sobre o assunto. As pessoas com freqüência me dizem que penso assim por causa da esposa que tenho. Em geral respondo: "Você alguma vez já pensou que tenho a mulher que tenho porque penso assim?". Nem sempre essa resposta cai bem.

Pregar com base na raiva pode dar boas sensações no momento, especialmente se você já acumulou bastante energia. Mas, a longo prazo, não cumpre o que temos como objetivo.

Também tenho de ressaltar que fiquei na mesma igreja durante quase 25 anos. Isso me deu um nível de credibilidade que um pastor recém-formado do seminário não tem. Sempre tomei muito cuidado e gastei muito tempo em reflexão antes de pregar sobre temas controvertidos nos meus primeiros anos em uma igreja. E uma questão de detectar as necessidades e a maturidade da igreja. Mas nunca provoquei a controvérsia por causa da controvérsia.

Produzir um tópico controvertido não é difícil. Atualmente os cristãos estado-unidenses estão debatendo o relacionamento entre igreja e Estado. Alguns cristãos crêem que o estado está impondo a sua posição em questões da igreja e tentando tomar a liberdade dos cristãos. Outros insistem em que os crentes precisam ser politicamente mais ativos. A questão do aborto é um exemplo primordial: A proporção em que a igreja deveria desafiar o estado acerca das leis sobre o aborto é profundamente controvertida. Em muitas circunstâncias, a espiritualidade das pessoas é medida pelo seu nível de envolvimento nessa questão.

Recentemente tratei disso em uma mensagem sobre a igreja e a política. Comecei dizendo que a política de muitos cristãos, com freqüência, é mais intensamente determinada pela economia do que pela teologia. Ressaltei que vivemos em um país específico em um grupo socioeconómico específico e que as pessoas que vivem em outros países em grupos socioeconómicos muito distintos talvez considerem a Bíblia de outra forma.

Dei um exemplo: Se vivemos em uma região confortável de classe média no meio-oeste, então provavelmente não gastamos muito tempo lendo o Antigo Testamento em que se fala sobre a preocupação de Deus pelos pobres. Mas se tivéssemos crescido em um país pobre da Africa ou Ásia, certamente estaríamos ocupados

com o Antigo Testamento. Se estivéssemos vivendo em um regime totalitário ou em uma ditadura de direita, então possivelmente estaríamos interessados no que a Bíblia diz sobre a liberdade.

Para ampliar ainda mais o contexto, mapeei o pano de fundo histórico, desde os dias da igreja primitiva quando o Estado controlava a igreja até o período moderno em que a igreja e o Estado vivem em um relacionamento desconfortável. Concluí que a igreja e o Estado deveriam estar separados, mas deveriam respeitar-se e influenciar-se mutuamente. Também concluí que a igreja deveria encorajar cristãos individuais a reconhecer as limitações da democracia participativa e exercer sua cidadania cristã de forma responsável em uma situação que não é a ideal. Dei sugestões específicas de como poderiam fazer isso.

Percebi que tinha tocado em um assunto sensível naquele domingo pelo debate que causou na nossa congregação. Nossa igreja está repleta de pessoas que gostam de pensar e não têm medo de debater tópicos controvertidos. Aliás, essa e uma forma em que avalio o impacto dos meus sermões: Eles geram discussões? A discussão é um indicador de que as luzes foram ligadas.

Faça a sua lição de casa

Poucas controvérsias na igreja são novas. Sempre que toco no assunto da segurança eterna da salvação, lembro o povo que se Whitefield e Wesley brigaram em torno disso a vida toda, é bem provável que não consiga concluir o debate em um sermão de 35 minutos. Contudo, se me preparar bem, ao menos posso dar-lhes um panorama de todas as questões envolvidas. Um pregador que trata de temas polêmicos precisa fazer a pesquisa adequada.

Para me preparar para um sermão recente acerca de valores, li o livro *A Question of Valúes [Uma Questão de Valor],* que esboça três maneiras em que as pessoas chegam a um sistema de valores. Um é o método individualista — é o método "isso não é da conta de ninguém". O segundo é o que a sociedade pensa — por exemplo, o debate da Suprema Corte para definir a pornografia. Finalmente decidiram que pornografia é aquilo que ofende os padrões da comunidade local. O terceiro método está fundamentado na pressuposição de um Senhor soberano, em cujo caráter e em cuja natureza residem valores absolutos.

Além de *A Question of Valúes [Uma Questão de Valor],* também achei muito útil o trabalho de Robert Bellah em *Habits ofthe Heart [Hábitos do Coração*]. Visto que nos últimos anos uma quantidade enorme de material sobre esse assunto tem sido divulgada — nas revistas *Time, Newsweek* e em *Atlantic Monthly* — não faltaram recursos. Pregar de forma eficaz acerca de assuntos polêmicos requer muito trabalho de base.

Toque o músculo do riso

O humor ajuda a aliviar a tensão, embora você sempre corra o risco de ofender alguém. Mesmo assim, corro o risco, e assim ocasionalmente incluo histórias mais leves e gracejos em um sermão polêmico.

Recentemente preguei sobre um trecho que, em geral, os pregadores evitam ou usam como cavalo de batalha. "Portanto, 'saiam do meio deles e separem-se', diz o Senhor" (2Co 6.17). Falei do assunto da separação. "O que Paulo quis dizer", disse-lhes, "é que a identificação está evidentemente errada — mas que o isolamento é totalmente contraproducente". Expliquei como os cristãos, com freqüência, desenvolvem subculturas que determinam o que é e que não é separação adequada.

Para ilustrar, contei a história dos presbíteros holandeses que enviaram pessoas para verificar as condições morais da igreja estado-unidense. Os observadores ficaram horrorizados. Eles relataram aos presbíteros holandeses que as mulheres estado-unidenses usavam maquiagem e roupas caras. Os estado-unidenses também usavam carros grandes, tinham tapetes nas igrejas, além de terem um piano e um órgão. Ficou evidente para os holandeses a quantia enorme de dinheiro que os estado-unidenses estavam gastando consigo mesmos. E quando os velhos presbíteros holandeses ouviram esse relato, alguns deles se derramaram em lágrimas — e as lágrimas escorreram pelo seu charuto e caíram na cerveja.

Uma vez ao contar essa história o tiro saiu pela culatra. Diversas pessoas disseram: "Aqueles presbíteros holandeses não podiam ser cristãos, porque fumavam e bebiam. Você não está sugerindo que eles realmente eram cristãos, está?".

Outras vezes, no entanto, o humor tem me servido bem. No sermão que preguei sobre a igreja e a política, concluí dizendo: "A igreja fazendo política não é diferente de Michael Jordán jogando beisebol". Dessa vez, todos riram.

Dê um tratamento equilibrado

Quando prego sobre um assunto controvertido, penso que só é justo apresentar mais do que um lado. Não estou dizendo que se deva armar um espantalho para depois derrubá-lo, mas que se apresentem os dois lados com honestidade e empatia.

Com freqüência, depois de esboçar os dois lados da questão, posso apresentar o que penso ser o ponto de vista bíblico. Outras vezes não posso. Nesse caso, desafio as pessoas a chegar à sua própria conclusão. Preciso me lembrar de que essas pessoas acreditam na Bíblia. Se apresento o que a Bíblia diz, então ela continua como a autoridade sobre todos nós, e todos precisamos nos debater com as implicações. Se me apresento como a autoridade, então eles debatem comigo.

Preguei sobre Efésios 5, com referência particular à expressão: "Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido". Tive grandes lutas no preparo dessa mensagem, porque, em alguns casos extremos, homens abusam da sua esposa e fundamentam isso nesse versículo. E muitas mulheres consideram desagradável qualquer menção de submissão.

Assim, para ser equilibrado, primeiro ressaltei que em Efésios 5.22, a palavra grega "sujeitar-se" não está lá. Paulo usa uma elipse; a expressão depende do versículo anterior, que diz: "Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo". Literalmente, então, o texto diz: "Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo, mulheres a seus maridos", o que significa que é apropriado acrescentar "sujeitar-se" no versículo 22, mas é inapropriado separar o versículo 22 do versículo 21. Gramaticalmente, não é possível fazer isso.

"Seja lá o que significa que as mulheres devam se sujeitar aos seus maridos", disse, "isso não pode ser separado de dois outros tipos de sujeição — ambos precisam se sujeitar ao Senhor, e ambos precisam estar sujeitos um ao outro. Agora, isso coloca esse princípio em um contexto totalmente diferente". A exegese meticulosa me ajudou a apresentar o que creio ser uma perspectiva mais equilibrada do polemico tópico da submissão.

Considere as necessidades pastorais

Sempre que prego sobre um tópico polêmico, tento lembrar que o que está em jogo é mais do que teoria. Pessoas reais na minha congregação estão lutando com as implicações. Algumas fizeram abortos. Algumas estão confusas acerca de desejos homossexuais. Algumas são alcoólatras. Não posso só apresentar a questão e "deixar por isso mesmo". Preciso refletir profundamente sobre a questão para que possa sugerir um curso de ação.

Quando preguei sobre o plano de Deus para o casamento, levei em consideração os casais na igreja que estavam vivendo em concubinato. Poderia ter dito a eles que isso simplesmente não é da vontade de Deus. Mas percebi que alguns desses casais estão com dificuldades financeiras. Eles podem economizar centenas de dólares todos os meses por viverem juntos. Nesse caso, eles precisam saber que a igreja os ajudará a encontrar moradia mais em conta.

É verdade que, de qualquer forma, eles devem se separar. Mas se conseguir transmitir a eles que compreendo a sua situação, eles estarão mais propensos a mudar.

Também tento lembrar que por trás de tópicos como aborto, divórcio ou abuso infantil há uma dor muito grande. Preciso ser sensível à experiência das pessoas sem destruí-las com a verdade. Levei tempo para aprender isso.

Quando comecei a tratar de tópicos sensíveis, a questão do aborto estava causando grande distúrbio. Parecia que todos na igreja estavam discutindo o assunto. Embora os nossos membros estivessem basicamente em acordo, alguns estavam confusos acerca dos detalhes e da resposta bíblica adequada. Decidi que era hora de enfrentar a questão, por mais polêmica que fosse.

Assim estudei os textos relativos ao assunto, li a literatura atual e preguei o que achei que foi uma mensagem inspiradora acerca da santidade da vida. Senti-me bem até que ouvi os comentários honestos de reservas de um bom amigo meu. "Você sabe", disse ele, "pela lei da probabilidade, você falou a três ou quatro mulheres não casadas que estavam pensando em fazer aborto". Então ele disse: "Eu sinto que o que você disse hoje só vai aprofundar o dilema delas".

Eu as tinha desafiado veementemente a fazerem a escolha certa, mas não tinha mostrado sensibilidade pela dor da sua situação e pela vergonha que elas provavelmente estavam sentindo. Não tinha oferecido ajuda para lidarem com as duras responsabilidades de conduzir um bebê ao nascimento. Foi um lembrete vivido de como é fácil ferir pessoas com a verdade. A verdade pode ser cortante, mas nós não precisamos ser.

Aproveite a oportunidade

Não quero dar a impressão de que falo de temas polêmicos todos os meses. Se o fizesse, seria culpado de sensacionalismo. Não quero que os meus sermões sejam o equivalente aos tabloides das bancas de jornal. Na maioria das vezes, trato de temas polêmicos enquanto estou pregando sobre outro tópico.

Quando preguei uma série sobre o estabelecimento de Israel em Canaã, chegamos ao trecho em Deuteronômio que fala dos pecados dos pais sendo passados para os filhos. Vi isso como uma bela oportunidade de tratar a tendência em algumas igrejas em que os pais são culpados pelos erros dos filhos e em que as pessoas não assumem responsabilidade pelo seu pecado. Quando preguei sobre esse tópico, ninguém veio esperando um sermão polêmico, mas eles o receberam mesmo assim.

Certa vez, preguei um sermão baseado em Colossenses 3.16 e Efésios 5.19, que falam de cantar salmos e hinos e cânticos espirituais. Tive de tratar da controvérsia acerca dos estilos musicais na adoração. Disse:

> No século XVI, Zuínglio não permitia música alguma. Lutero fazia questão de ter música, mas dizia que tinha de ser simples. Calvino dizia que somente os salmos deviam ser cantados, mas usava a música da época que foi caluniosamente chamada de "os *jingles* de Genebra".
> No século XVII, os pietistas diziam que devia haver música, mas precisava ser sem acompanhamento. No século XVIII, os cristãos tinham orquestras, mas sem violino, porque era chamado de "violino do diabo". No século XIX, o órgão foi introduzido e começou a expulsar a orquestra.
> Então apareceu William Booth que disse: "Por que o diabo deveria ter as melhores melodias?", assim introduziu orquestras de instrumentos de metal. Os escandinavos vieram para os Estados Unidos e trouxeram o violão. No século XX, a cultura jovem trouxe o *rock*-, do sul, recebemos a música folclórica; os carismáticos começaram a destacar os cânticos de louvor; e da Inglaterra recebemos as marchas de celebração.
>
> Então, qual é a sua posição sobre o que é a música adequada para a adoração? Está baseada na sua teologia ou no seu gosto?

E certo que pregar sobre tópicos polêmicos traz consigo um risco. No entanto, aprendi que, se ignorar os tópicos polêmicos, também perderei uma grande oportunidade de argumentar a favor da relevância do cristianismo. E essa é uma oportunidade que não quero perder.

Capítulo 186

PREGANDO ACERCA DE QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Como pregar com sabedoria sobre tendências e tópicos sociais

Grant Lovejoy

Pregar sobre questões contemporâneas pode cobrir um vasto territorio: tecnologia e vida médica moderna, questões que surgem das crises e catástrofes, tendências sociais, debates acerca de políticas públicas e questões teológicas contemporâneas. Além disso, há questões que surgem em uma congregação específica que ameaçam a sua comunhão e testemunho, mas não seriam questões relevantes em outro lugar. Não ousamos calar acerca dessas questões.

O processo associado a preparar sermões sobre tais questões começa pela pergunta: Qual é a relação da nossa platéia com tal questão? "O que eles sabem acerca dela? Qual é o seu envolvimento com o assunto e quais são a natureza e a extensão do seu envolvimento? De que forma eles poderiam reagir?".

Pergunte, também, como eles enxergam você e o seu ministério? O ministério depende em grande parte da sua própria credibilidade e confiabilidade como ministro. Se você não tem esse tipo de confiança, a probabilidade de você causar um impacto relevante é diminuída. A questão pode ser importante, mas talvez você não seja o porta-voz apropriado, ou talvez essa não seja a melhor época.

Depois pergunte: "Essa é uma questão que dividiria os membros da igreja ou afetaria o testemunho da sua igreja para a comunidade em volta?". A questão talvez ainda precise ser tratada, mas é sábio você escolher cuidadosamente a colina em que morrerá.

Você obviamente também pergunta: "O que Bíblia diz?". Aliás, o melhor seria pensar: *Na verdade não vou pregar sobre uma questão atual, vou pregar sobre o que a Bíblia diz acerca dessa questão.* Se a igreja percebe que sua mensagem está fundamentada na Bíblia, estará mais propensa a prestar atenção nas suas palavras. Mas, se o sermão soa como um editorial ao qual se acrescentou a Bíblia, pode ser que a congregação trate isso apenas como a sua opinião.

Para onde você está apontando?

Talvez haja uma série de alvos que você deseja atingir quando prega acerca de uma questão atual. Você pode dizer: "Eu sei que a minha igreja defende uma posição que não é a que um cristão deveria defender". Você, a seguir, pode querer pregar periodicamente acerca de diferentes aspectos do tópico para avançar e conduzi-la pelos estágios da mudança. Inicialmente, leve a igreja a reconhecer: "Talvez haja outro ponto de vista que um cristão deveria defender". Depois, leve-a para o estágio seguinte, considerando seriamente que o ponto de vista que você está apresentando é mais verdadeiramente cristão. Em tempo, os membros podem

concluir: "Agora percebemos que o que defendemos a vida toda talvez não seja certo". Então você pode conduzi-los a, de fato, apoiar a perspectiva que é cristã. Finalmente, pode levá-los a aceitar o ponto de vista correto e a agir de acordo com ele.

Você pode descobrir que a sua igreja está em algum lugar daquela rota e talvez você queira apontar o seu sermão para atingir um desses alvos. Sem dúvida, há épocas em que você também trata de questões em que todos concordam, tendo como alvo reforçar o que eles já crêem.

Escolha o seu papel

Uma forma de ajudar você a planejar um sermão sobre uma questão contemporânea é perguntar: "Que papel me vejo ocupando como pregador?". Há quatro possibilidades.

Primeiro, há o "*principlista*", que fala de princípios bíblicos: "Ame o seu próximo"; "como você quer que os outros façam a você, faça aos outros"; "odeie o mal, apegue-se ao bem". Sermões que ficam no nível da abstração permitem aos ouvintes conectar a questão ao princípio. O principal risco desse método é que o "principlista" pode ser considerado irrelevante se a igreja não está fazendo as conexões entre o princípio e o problema específico.

Em segundo lugar, o pregador pode enfrentar a questão mais como um *analista.* Nesse caso, o sermão serve para destrinchar o assunto, na tentativa de encontrar pontos fortes e fracos em uma determinada abordagem do assunto. Isso dá às pessoas mais ajuda para pensarem de forma cristã sobre o assunto, mas ainda requer que elas pensem.

Em terceiro lugar, o *catalisador* trabalha especialmente bem nas situações em que há pessoas na igreja que compreendem a questão melhor que o pregador. O catalisador expõe os princípios gerais, mas então diz: "Alguns de vocês estão na posição de agir em relação a isso. Vocês têm conhecimento ou acesso especializado a instâncias e processos decisorios. Vocês podem fazer algo a respeito disso, e devem fazê-lo".

O quarto papel é o do *estrategista,* que não somente sabe qual é o problema, mas planeja em como encaminhar um curso de ação. Nesse modo, é especialmente bom se você pode usar o sermão para apontar as pessoas para um ministério específico na sua igreja ou comunidade que trata do problema. É frustrante para os membros da igreja quando o pastor os leva a quererem se envolver em uma questão, mas não lhes dá uma forma concreta de aplicarem o que ele disse. É como uma locomotiva a vapor que está pronta para zarpar, mas não tem trilho. Está explodindo o seu apito, mas não consegue puxar nada. No entanto, quando a ação exigida está no domínio da legislação e das políticas públicas, a única opção realista pode significar fazer concessões. Quando um pregador endossa a concessão, alguns podem dizer: "Você abandonou o elevado idealismo das Escrituras e está se tornando alguém que faz concessões teológicas".

Simplifique e fale sobre o que é mais importante

Aqui estão alguns princípios que podem ajudar você a enfrentar de forma sábia as questões contemporâneas.

Não arme uma emboscada para as pessoas com um tópico polêmico. A maioria das igrejas não gosta de ser surpreendida. Quando for falar sobre um tópico controvertido, entre em contato com a liderança da igreja e coloque um artigo no boletim da igreja, dizendo: "Por favor, orem por mim enquanto estou preparando um sermão sobre tal e tal assunto para pregar dentro de algumas semanas". As pessoas talvez não concordem com você, mas, ao menos, você não as surpreendeu negativamente.

Mantenha os canais abertos. Quando chegar ao final de uma mensagem polêmica, diga: "Eu sei que nem todos vocês concordam com esse ponto de vista; no entanto, creio que seja um ponto de vista cristão, fundamentado na Bíblia. Terei prazer em conversar com vocês sobre o assunto, e quero que vocês saibam que os amo, não importa se concordarmos ou não sobre esse assunto". Esse tipo de afirmação tem grande impacto e é importante para manter o seu relacionamento pastoral com a igreja. Além disso, se você não os convenceu com essa mensagem, você quer que eles voltem para continuar o processo; para a maioria das pessoas, a mudança é um processo.

Dê oportunidades às pessoas para que interajam com você. Depois de uma mensagem sobre um assunto polêmico no domingo de manhã, por exemplo, separe tempo no culto da noite de domingo para a interação, planeje uma classe especial ou convide o pessoal a escrever cartas ou *e-mails*. Ter à disposição um lugar de discussão ajuda as pessoas a se sentirem ouvidas, e isso as capacita a conviverem mais facilmente com a discordância.

Use exemplos concretos e locais sempre que possível. Falar sobre a fome no mundo é uma coisa. Falar sobre um sujeito chamado Bill da sua comunidade que não tem o que comer ajuda a trazer o assunto para perto. Isso ajuda as pessoas a dizerem: "Não posso dar comida suficiente a um bilhão de pessoas do outro lado do oceano, mas posso ajudar o Bill". "Pense globalmente, aja localmente" é um lema que se aplica aqui.

Use as estatísticas de forma econômica e cuidadosa. Acerca de muitas questões contemporâneas, você corre o risco de enterrar as pessoas com uma avalanche de estatísticas. É melhor usar cuidadosamente alguns dados estatísticos.

Pressuponha que os que discordam de você estejam agindo de boa fé. Não demonize os que por acaso discordarem de você. As pessoas em geral respeitam o pastor que diz: "Eu acredito que você está bem-intencionado e vai fazer o que é certo quando entender o que é certo". Isso torna as pessoas mais sensíveis à mudança. Gosto do adágio popular que diz: "Aumente a luminosidade e diminua a temperatura .

Declare o que você é a favor e o que você é contra. Tantas vezes na pregação profética nós somente condenamos os males da sociedade, e isso com a linguagem

mais intensa possível. Ao passo que os profetas faziam isso, eles também usavam de linguagem vivida e intensa para descrever o mundo como ele poderia ser. Isso pode ajudar os cristãos a avançar além de ser vistos pela sociedade como prioritariamente negativos e transmitirá a mensagem de que somos construtivos. Tantas vezes concluímos apressadamente dizendo: "Somos contra todas essas coisas, e é isso". Não temos clareza do que poderia acontecer.

O sermão de Martin Luther King Jr.: "Eu tenho um sonho" extraiu grande parte da sua intensidade desse aspecto. Ele disse: "Esse é o meu sonho. Esse é o dia pelo qual anseio". Ele tornou isso bem concreto e específico na sua imagem, assim as pessoas puderam dizer: "Ah sim, é por isso que precisamos mudar. Nós precisamos o que você está descrevendo". A capacidade de pintar imagens do que poderia ser se a vontade de Deus fosse feita confere uma qualidade ao quadro que é de grande intensidade e eficácia.

Capítulo 187

PREGANDO ACERCA DAQUELE TÓPICO TÃO SENSÍVEL

Como falar sobre o sexo deforma clara e redentora

Bill Hybels

Certa vez tive um professor que perguntou: "Com que freqüência você pensa em idéias sobre a profecia?".

Um estudante respondeu o que a maioria de nós estava pensando: "Umas duas vezes ao ano — uma vez no Natal e outra lá perto da Sexta-Feira da Paixão, quando ouço Isaías 53".

"Muito bem", disse o professor. "Agora, quantas vezes ao dia você tem pensamentos sobre sexo?". Silêncio. O professor tinha atingido o seu propósito. Quantas vezes você ouve uma pregação biblicamente relevante sobre a sexualidade humana — algo em que as pessoas estão pensando o tempo todo?

Essa pergunta não me largou mais, e quando comecei o ministério com jovens, coloquei o seu conselho em prática. Afinal, o que está na cabeça dos adolescentes?

Mas, à medida que ia ficando mais velho, percebi que ainda estava interessado na sexualidade, mesmo que estivesse casado e pastoreando uma igreja e já tivessem passado anos das batalhas hormonais da puberdade. Sei que não estou sozinho nisso, porque toda vez que prego sobre uma questão sexual, a igreja fica quieta em um segundo.

O sexo está na nossa mente. Qualquer coisa que ocupe tanto os nossos pensamentos e motive tanto a nossa personalidade dever ser tratado do púlpito, porque alguns desses pensamentos estão mal-orientados e precisam da correção de Deus. Não pregar sobre o sexo seria abandonar o meu posto em uma das frentes de batalha mais intensas na nossa cultura.

Por que entrar de sola onde os anjos andam na ponta dos pés?

Reconheço que a pregação sobre questões sexuais está carregada de possíveis problemas. Posso ofender as pessoas. Posso constranger alguém, incluindo a mim mesmo. Posso até distrair o pensamento dos que estão me ouvindo.

Contudo, não posso ignorar o tópico. Casamentos enfrentam dificuldades em virtude de informações incorretas acerca desse assunto. Os jovens estão cometendo erros porque estão recebendo indicações de comportamento de todas as fontes erradas. Os solteiros estão se debatendo com dilemas sexuais. O sexo é um tópico clamando por uma clara palavra cristã.

Por exemplo, se fôssemos perguntar aos casais casados sentados no culto no domingo: "Quantos de vocês a essa altura da sua vida estão tendo um ótimo relacionamento físico com o seu cônjuge?", meu palpite é que 30% ou menos deles diriam que estão tendo um relacionamento vital. Se isso for verdade, pois minha avaliação e experiência diriam que 70% dos diáconos, e dos professores de escola dominical, e dos membros da diretoria, e dos membros em geral, e dos pastores estão experimentando uma medida considerável de frustração sexual.

As pessoas podem até propor a si mesmas: *Não vou deixar que a frustração sexual me afete.* Mas, de alguma forma, em algum momento, a frustração acha o seu escape. O que estou tentando fazer por meio da minha pregação e de outros ministérios em Willow Creek é provocar o diálogo, porque conversar pode ser um escape aceitável. Digo: "Vamos conversar sobre isso. Não vamos deixar que a frustração acumule até que um dos dois saia correndo com um parceiro disposto, porque essa é uma péssima forma de resolver o problema". Estamos comprometidos a falar sobre o sexo de forma responsável, em vez de ignorá-lo até que ele cause prejuízo desnecessário.

Preguei uma série de sermões intitulada: "Dizendo a verdade uns aos outros", e uma das ilustrações de sermão contava de um marido falando abertamente com sua esposa acerca da frustração sexual que ele estava tendo no relacionamento. Essa ilustração telegrafou a mensagem de que é legítimo no casamento falar sobre o sexo dessa forma. As frustrações não precisam ser suprimidas e mantidas no subsolo até que surjam no lugar errado. Sim, dizer a verdade pode se tornar algo confuso e complicado, mas precisamos ao menos tentar. A resposta que obtive da igreja foi a concordância. Falar sobre isso do púlpito, ousar trazer o sexo à tona, deu aos membros a sensação de que tal comunicação poderia ocorrer no seu casamento também.

Minha esperança é que essa conversa franca no domingo no culto conduza a mais expressões francas durante a semana, assim que pessoas possam obter a ajuda de que precisam.

Além de tornar o sexo um tópico permitido na conversa, minha preocupação como um todo é que as pessoas entendam a sexualidade humana como um dos dom de Deus, parte do seu grande desígnio para nós. Prego todas as semanas para não-cristãos que buscam a Cristo na nossa comunidade. Muitos estereotiparam os cristaos, como vitorianos — pessoas reprimidas, sem alegria, que pensam na sexualidade

como algo sujo e vulgar. Quero que eles pensem que os impulsos sexuais — mesmo os mais intensos — não são maus em si mesmos.

Quando falo abertamente e sem constrangimentos sobre o projeto maravilhoso de Deus para a sexualidade humana, falando de forma positiva e que glorifica a Deus, isso é uma notícia fantástica para muitas pessoas. Isso rompe os seus estereótipos de um cristianismo sombrio e de pregadores acusadores.

E claro, prossigo e explico que a sexualidade é um desejo de alta voltagem e projetado por Deus, mas que precisamos entender o senhorio de Jesus Cristo e nos submeter a ele porque ela pode ser usada para grandes benefícios ou terrível destruição.

Pregação direta e indireta

Prego sobre o sexo de duas formas: direta e indiretamente. Se quero fazer justiça aos muitos aspectos da sexualidade humana, preciso adotar uma abordagem direta. Mergulho no tópico, desenvolvo e explico. É por isso que ocasionalmente dedico toda uma série de sermões ao tópico.

Por exemplo, tenho encarado tópicos como a realização sexual no casamento, o romance, a infidelidade, a homossexualidade, o abuso sexual, a pornografia, a gravidez indesejada e o sexo e os solteiros.

No entanto, embora o sexo não seja tabu em Willow Creek, de fato limito os tópicos que trato. Visto que tenho muitos ouvidos novos de jovens e adolescentes no culto, nunca tratei de temas como masturbação ou experimentação sexual por parceiros casados ou aberrações sexuais. Esses assuntos são duplamente explosivos porque 90% dos pais provavelmente nunca falaram com os seus filhos sobre esses tópicos. Não quero ser o primeiro a levantar essas questões com os seus filhos presentes. Isso violaria os direitos dos pais. Em vez disso, encorajo pessoas a ler livros sugeridos sobre os assuntos ou a ficar depois do culto para conversar comigo ou algum dos nossos conselheiros. E em situações particulares como essas, as pessoas podem ser francas.

O segundo método que uso na pregação sobre tópicos sexuais é mais indireto, o que chamo de afirmações de manutenção. Essas acabo por espalhar pelo restante da minha pregação para lembrar as pessoas. No meio de um sermão sobre, por exemplo, a mulher no poço, lanço uma afirmação de manutenção: "A mulher estava toda atrapalhada; ela havia perdido o significado da fidelidade ao seu marido, assim como nunca tinha conhecido fidelidade ao Senhor".

Essa abordagem dupla me protege de pensar: *Tratei o tema da sexualidade humana naquele sermão sobre Davi e Bate-seba.* Consigo cobrir tópicos de forma substancial por meio de sermões diretos e depois reforço os meus pontos continuamente por meio de comentários esparsos em outras mensagens.

Contudo, mesmo que tenha razão suficiente para pregar sobre o sexo, ainda assim subo ao púlpito com temor e tremor, porque sei o quanto é difícil. Mas encontrei ajuda em quatro princípios que aprendi ao longo dos anos.

Colocar o sexo em perspectiva

Sempre que falo sobre o sexo, há uma impressão que definitivamente não quero deixar — de que o sexo fora do contexto é o único pecado que a igreja e Deus não podem tolerar. Não quero dar a isso esse tipo de mídia, porque não tenho certeza se a Bíblia o faz.

Quando prego sobre o sexo ilícito, de fato o chamo de pecado, como faço com qualquer outro pecado. Digo que é errado quebrar o código sexual do Senhor. Mas a minha ênfase principal é no lado adverso da desobediência: Não: "Deus nunca vai perdoar você por isso!", mas antes: "Se você não obedecer ao Senhor nessa área da vida, a certa altura você vai acabar em um emaranhado complicado". Tiro a ênfase da obediência às regras simplesmente pelas regras em si e destaco, em vez disso, terríveis conseqüências de transgredir as regras de Deus. "Deus nos deu as regras para nossa proteção. Você as transgredi para o seu próprio prejuízo. E nos dias de hoje, é possível morrer por causa da promiscuidade".

Pinto o quadro mais vivido possível da sexualidade vivida às cegas, e nunca tenho problema de falta de atenção nessas horas. As pessoas já tropeçaram o suficiente para saberem que não estou exagerando. Não é incomum ver pessoas chorando durante esses sermões. Elas sabem.

Mas depois sempre toco no lado positivo: "Se você respeitar essas regras benévolas e experimentar o sexo nos limites tão bem-definidos por Deus, ele pode ser um presente maravilhoso de intimidade e êxtase".

Infelizmente, pregar dessa forma não é fácil. É relativamente fácil pregar contra algum pecado, mas tenho de trabalhar horas extras para desenvolver mensagens positivas e edificantes sobre a sexualidade. Por exemplo, pregar sobre: "Não adulterarás", é muito mais fácil do que pregar uma mensagem sobre o aspecto positivo: "Como tornar o seu casamento à prova de um caso extraconjugal".

Se tiver pouco tempo para preparar um sermão e estiver me arrastando em determinada semana, a minha tentação é desenvolver uma mensagem no estilo: "Não farás ...". Mas se estou disciplinando melhor a minha agenda, e se estou realmente orando pelos nossos membros e pensando em como eles receberão o sermão, investirei as horas extras para mostrar a recompensa dos justos e inspirar as pessoas à obediência, e não só castigá-las pelos seus maus procedimentos.

Ser sensível à dor

As pessoas são muito sensíveis acerca da sua sexualidade. Por exemplo, tente questionar a minha masculinidade, e veja o que farei! Levantarei muros emocionais, se não meus punhos. Somos assim quando a nossa sexualidade é questionada. Assim, tento ser carinhoso quando trato desses assuntos do coração. Visto que a compreensão que as pessoas têm da sua sexualidade — e a prática dela ao longo dos anos — chega tão próximo à essência do seu ser, elas estão particularmente conscientes das suas falhas e pecados.

Na área da sexualidade, a culpa é inacreditável. Não posso simplesmente falar sobre "pecados contra o corpo" ou cuspir: "Não farás isso", e: "Não farás aquilo", sem ser sensível à profundidade da dor que a maioria das pessoas já sente com relação ao sexo. Se não conseguir incluir uma palavra de graça, posso causar danos irreparáveis.

Além disso, se as mulheres na nossa igreja são típicas — e não tenho razões para acreditar que não — ao menos metade delas teve uma experiência sexual destrutiva ou indesejada que lhes foi imposta. Diversos estudos comprovam isso. Isso significa que sempre que falo sobre o sexo, ao menos metade das mulheres precisa lidar com a dor, a culpa e os sentimentos não resolvidos causados por esses episódios. Por isso, não ouso tratar o assunto de forma leviana.

No início do meu ministério, fui ingênuo em relação a essa realidade e muito negligente para com a elevada sensibilidade das pessoas. Falava de como era maravilhosa a sexualidade humana. Continuava dizendo como era prazerosa a experiência que ela nos dá e por que Deus nos projetou como criaturas sexuadas.

Finalmente algumas mulheres foram atenciosas o suficiente para me puxar de lado e dizer: "Bill, isso é ótimo para a maioria das pessoas, mas a verdade é que algumas de nós ficaram com marcas doloridas por causa desse 'maravilhoso presente de Deus'. Francamente, para nós o sexo foi uma idéia terrível".

Foi difícil ouvir aquilo. Essas atitudes eram estranhas para mim. No enclave holandês protegido em que fui criado, os homens teriam enforcado qualquer um que tivesse botado um dedo em uma menina! Mas hoje cruzamos com as cicatrizes do sexo mal-usado o tempo todo.

Tive de aprender que sempre que falo da beleza da sexualidade humana, preciso qualificar as minhas palavras: "Mas alguns de vocês viram o outro lado dessa boa dádiva; vocês se tornaram vítimas daqueles que expuseram a sua depravação por meio do abuso sexual". E então preciso falar muitas palavras de conforto e compreensão.

Prover o meio de graça

Confirmações de que a graça de Deus cobre os pecados sexuais são ótimas, como também o são outras expressões de conforto. Mas tenho outra responsabilidade quando prego sobre o sexo: preciso oferecer meios palpáveis para que pessoas violadas por experiências sexuais adversas possam encontrar cura.

Um tempo atrás estudei o problema da pornografia antes de pregar sobre o tópico. Enquanto chegava ao fim de um demorado período de preparo, percebi quantas pessoas estão viciadas em pornografia. Tive de olhar no espelho e perguntar: *Vou tratar desse tema com integridade, ou vou apenas expressar opiniões deforma dogmática e categórica e deixar um monte de pessoas presas e feridas se sentindo ainda pior sobre o que estão fazendo?* Oferecer a palavra de graça — mostrando o perdão de Deus — foi uma coisa, mas, de fato, baixar uma corda para tirá-las do buraco foi algo diferente.

Decidi pedir a um conselheiro cristão que desenvolvesse um grupo de apoio no estilo dos Alcoólicos Anônimos para aqueles que estivessem dispostos a lidar

com sua dependência da pornografia. Esse grupo teria de funcionar sob supervisão próxima em virtude da natureza do problema. Quando preguei sobre o tema da pornografia, anunciei a formação do grupo "com o propósito da prestação de contas entre pessoas que estão se libertando dessa dependência tão destrutiva". Mais de 50 pessoas apareceram. O grupo continuou e tem tido um ministério muito eficiente.

A não ser que dê algo em que as pessoas possam se apegar para deixar os seus problemas sexuais, elas têm somente o seu equilíbrio desorientado para impedi-las de cair de volta no seu problema. Grupos de crescimento para o casamento, programas de aconselhamento, grupos de prestação de contas mútua, programas de discipulado com líderes maduros — são elementos que oferecem às pessoas uma forma de começar a curar sua sexualidade desnaturada.

Injetar humor

Eu me esforço muito na questão do humor; é uma das partes mais difíceis no preparo de sermões. Se for usado apropriadamente, sua importância na pregação não pode ser exagerada. Algumas pessoas não vêm ao culto achando que gostarão da experiência. Se posso fazê-las rir, elas relaxam e se tornam mais abertas para o que tenho a dizer.

Particularmente na pregação sobre sexo, o humor é o contrapeso da densidade do tópico. Com toda a dor e culpa e linguajar de pecado flutuando no ar, com pessoas se sentindo apreensivas e talvez esperando ser ofendidas, qualquer coisa que puder dizer que as desarme por um momento é preciosa.

Em um sermão, quis transmitir a idéia de que às vezes até os planos mais bem-elaborados no casamento dão errado. Contei a história de um aniversário de casamento em que peguei minha esposa, Lynn, e a levei à suíte nupcial de um hotel luxuoso. Contei como antes lhe levei flores, a levei para jantar, encomendei uma surpresa especial que foi levada ao quarto do hotel — e tudo mais. E claro que estava preparando tudo para o momento romântico que tinha em mente. Quando finalmente desligamos a luz, Lynn percebeu uma fresta na cortina pela qual entrava a luz do estacionamento. Ela levantou no escuro, atravessou o quarto, fechou a cortina, e voltou pelo quarto ainda mais escuro. Mas assim que chegou à cama, tropeçou e caiu sobre um pé da cama e abriu um corte na testa. O corte era tão profundo que tive de levá-la à sala de emergências para sutura, o que meio que tirou o brilho dos meus olhos naquela noite.

A igreja inteira riu, e consegui entrar na vida dos meus ouvintes naquele momento porque tinha tocado um ponto de conexão universal: o humor.

Mas o humor precisa ser apropriado. Certa vez em uma tentativa de estabelecer o contato com homens que não eram da igreja e estavam no culto, deixei escapar um comentário impertinente. Estava falando de um homem tremendamente bem-sucedido, que não pensa que precisa de Cristo porque "tem uma casa grande, um ótimo salário, uma casa em um condomínio na Flórida, uma bela

esposa e dois filhos, e uma coisinha acontecendo em paralelo". Disse isso apenas registrando um fato e continuei para sublinhar o meu ponto.

O que negligenciei, e algo de que fui lembrado por diversas mulheres na nossa igreja, foi que ser vítima de um relacionamento extraconjugal é uma experiência devastadora. Muitas pessoas nunca conseguem vencer isso. Minha observação improvisada sobre "uma coisinha acontecendo em paralelo" tinha mostrado como tinha subestimado drasticamente o impacto das palavras. Não podemos pestanejar e fazer graça de algo realmente dolorido. Prefiro não usar o humor a usá-lo à custa de alguém.

Ser transparente

Uma forma garantida de arruinar a minha eficácia quando prego sobre o sexo é falar como se não fosse suscetível ao pecado sexual: "Consegui resolver essa coisa do sexo. Para mim, já não é mais problema, e vou explicar a vocês agora em 20 minutos como vocês vão conseguir controlar as suas paixões como estou conseguindo". Isso é falar de forma categórica e dogmática; portanto, isso não é comunicar.

Nos anos antes de começar a igreja Willow Creek, não lembro ter ouvido uma única vez um pastor fazer menção da sua própria sexualidade. Isso significa que pastores não são seres sexuados? Essa é uma área em que não queremos que os outros nos imitem? Quanto mais tempo nos calarmos, maiores ficarão esses pontos de interrogação. Quando prego sobre sexo, em geral quero estar em condições de dizer: "Amigos, aqui estou como sou. Amo vocês mais do que valorizo a impressão que vocês têm de mim, e temos de falar sobre algumas coisas importantes hoje".

Eu me incluo na conversa, porque, como pastor, não fui chamado apenas para alimentar o rebanho, mas também para modelar da melhor maneira que puder o tipo de vida que Cristo quer que eu viva. Como parte dessa vida é minha sexualidade, ocasionalmente faço referência a assuntos pessoais, como o fato de que Lynn e eu temos tido um relacionamento físico satisfatório em algumas épocas e não satisfatório em outras. Então ressalto os fatores por trás de um relacionamento satisfatório.

As pessoas me dizem que apreciam essa franqueza. Isso mostra que não precisamos ter sempre experiências sexuais maravilhosas, mesmo que gostaríamos de nos gabar que sim. Gosto de dar às pessoas a sensação de que podemos ser homens e mulheres que acabaram com as aparências e pararam de fazer de conta.

Há, no entanto, épocas no meu casamento em que, por causa das pressões e das dificuldades no nosso relacionamento, seria destrutivo para mim pessoalmente tentar tratar o assunto do sexo nas mensagens. Se estou em um redemoinho acerca disso, não preciso da pressão adicional de falar sobre o tema como se tudo estivesse bem.

Isso não quer dizer que só tenho coragem de falar quando estou forte, porque há épocas em que falo mesmo estando fraco. Mas preciso estar razoavelmente saudável antes de falar, ou percebo que começo a escorregar para barulhentos: "Não faça isso",

"Não faça aquilo", baseados nas minhas frustrações. Serei mais pastoral e eficiente se esperar um pouco até que tenha esfriado e possa ser mais equilibrado.

Talvez mais uma precaução seja apropriada: A transparência pessoal é para um propósito — identificação com a igreja — não para mero exibicionismo verbal. Antes de fazer referências pessoais, peço a permissão de Lynn, porque nunca compartilharia uma ilustração que violasse a intimidade e integridade do nosso casamento. Também testo ilustrações duvidosas com os nossos presbíteros e lhes pergunto como eles se sentem a respeito delas. Eles vetam qualquer anedota pessoal que seja inadequada.

Mas eles me encorajam a ser franco. Eles, assim como eu, querem que minhas mensagens digam de forma autêntica: "Eu preciso ouvir essa mensagem tanto quanto preciso pregá-la, porque vivo onde você vive. Estou ouvindo a mim mesmo enquanto prego".

A recompensa

Pregar sobre o tópico do sexo é uma das coisas mais difíceis que faço, assim seria muito mais fácil fugir disso. Aí estaria livre da sondagem da minha alma, da controvérsia, da possibilidade de ofender as pessoas. Mas então não haveria o resgate de pessoas da devastação da sexualidade mal-usada e não poderia conduzi-las à alegria das intenções de Deus com essa dádiva.

Descobri que quando prego sobre o tema do sexo, invariavelmente vou para casa encorajado. A última fez que preguei sobre o casamento, falei com diversos casais depois que fizeram eco ao que um deles disse: "Já não vamos nos contentar com um relacionamento sexual menos do que satisfatório. Vamos trabalhar nisso, e se necessário com um conselheiro, até que floresça a nossa relação física. Não queremos frustrar um ao outro a ponto de termos um caso fora sobre o qual talvez nunca mais tenhamos vitória".

Quando prego sobre a pureza sexual, ouço, com freqüência, de pessoas que foram convencidas do seu pecado pelo Espírito Santo e estão determinadas a eliminar a impureza. Falei com um cristão novo da nossa comunhão que tinha vivido com uma mulher durante três anos. Disse-lhe que por mais dolorido que fosse, ele não tinha escolha a não ser separar-se dela. Ouvi a história dele, orei com ele e lhe prometi ajudá-lo a passar por essa experiência.

Quando saiu, ele disse: "Não consigo agradecer o suficiente por você ter forçado o assunto, pois há um lado em mim que diz: *não quero cortar esse relacionamento,* mas há outro lado que diz: *Mas tenho que fazê-lo.* Só precisava de alguém que me pressionasse. Obrigado por fazer isso".

É isso que acontece quando pregamos — com humildade, em oração e com amor — a verdade sobre o sexo.

Capítulo 188

PREGANDO COM COMPAIXÃO E CONVICÇÃO ACERCA DO SEXO

Como transmitir a visão bíblica do sexo sem se tornar a dra. Ruth (*Autora e terapeuta sexual)*

Craig Barnés

Está na mente de praticamente todo mundo, mas o tema do sexo geralmente não recebe muita atenção na igreja. A razão para isso não é de surpreender. Pregar sobre esse tema tão sensível requer coragem, compaixão e convicção.

Para começar, não quero fazer denúncias ameaçadoras, mas quero deixar claro que na igreja há muito mais atividades sexuais fora dos padrões bíblicos do que as pessoas estão dispostas a admitir. Muitos já fizeram ou estão fazendo sexo pré-marital. Alguns tiveram casos que não confessaram a ninguém. Muitos estão gastando muito tempo na Internet vendo pornografia. Quando falo sobre a imoralidade sexual, não estou falando sobre os que estão vindo à igreja. Quero que as pessoas saibam que essas realmente são as nossas questões.

Não leva a nada saturar sem piedade o assunto. Quando fazemos isso, perdemos a essência da pregação, que é dizer algo redentor para aqueles que têm desejos sexuais, confusão sexual e enorme culpa sexual. O pregador cristão precisa oferecer esperança. Do contrário, se as estatísticas estão corretas de que 70% das pessoas religiosas fizeram sexo pré-marital, estamos só batendo severamente nelas. Pressuponho que as pessoas nas fileiras no culto queiram ser justas.

Também pressuponho que os meus ouvintes estejam confusos acerca da sexualidade. As pessoas pensam que você, se não for sexualmente ativo, é menos do que completo. Isso faz parte de todo o debate em torno da homossexualidade — "Porque tenho um anseio sexual, isso deve vir de Deus. E se vem de Deus, ele quer que o use". Mas as pessoas são mais do que seres sexuados. Grande parte do debate sobre o sexo tem reduzido as pessoas à sua sexualidade. Isso é verdade não importa se são *gays* ou heterossexuais. Fomos criados como seres sexuados, mas isso não quer dizer que tenhamos de ser sexualmente ativos.

Não exagere

Tipicamente trago o tópico do sexo à tona em uma série de sermões acerca de um tema mais amplo. Assim é visto como parte de um quadro mais amplo da nossa vida. Se ficamos por demais preocupados em falar acerca do sexo, então o pregador também é culpado de reduzir as pessoas à sua sexualidade. A tentação para o pregador é ou ignorá-la ou ficar por demais preocupado com ela.

Por exemplo, quando pregamos sobre a solidão, também temos a oportunidade de falar sobre o sexo. Em sua maioria, as pessoas com que falei e que se envolveram em sexo fora do casamento não são promíscuas, mas se sentem solitárias. O erro que cometeram foi pensar que o sexo resolveria a sua solidão. Mas isso só complicou a sua vida.

A doutrina do corpo é mais um tema amplo; assim também é o tema das escolhas. A atividade sexual, por exemplo, é fundamentalmente uma questão de escolhas. Também tenho falado sobre o sexo como um subtema da mordomia.

A forma menos indicada de falar sobre o sexo é como um tema em si mesmo. Você pode acabar só provocando a sua congregação. Quero falar sobre esse tema de forma pastoral por meio de alguns desses temas humanos, dando às pessoas alívio de suas batalhas.

Seja cuidadoso!

Há formas erradas de abordar esse tema sensível. Por exemplo, é perigoso para o pastor falar demais sobre seus próprios desejos ou tentações sexuais. Compreendo o valor da ilustração pessoal, mas você está chamando problemas se fizer isso com relação a esse tópico. E vulnerabilidade demais que a congregação não consegue administrar. A vulnerabilidade do pregador com relação ao tema do sexo simplesmente diz: "Venha conversar comigo sobre seus desejos".

Ao falar sobre o sexo, nego-me a limitar a discussão ao lecionário da sociedade secular. Não quero abordá-lo com os termos do mundo. O melhor é apegar-se às imagens bíblicas e à própria linguagem teológica da igreja. E por isso que usei o termo *sacramento* para descrever a relação sexual. Não digo que o sexo em si é um sacramento, mas ele é sacramentai no fato de que foi dado para um propósito sagrado.

Prefiro usar a linguagem da igreja não somente porque é nossa linguagem, mas porque é bela. Por exemplo, posso usar ou a expressão "relação sexual" ou a expressão bíblica "tornar-se uma carne", mas a expressão bíblica é muito mais elegante do que aquela.

Tenho uma opinião elevada do sexo, e parto da pressuposição de que as pessoas não valorizam suficientemente o sexo. Estou tentando elevar a opinião delas acerca da sexualidade — é por isso que não quero usar linguagem terrena. Também pressuponho que muitos foram feridos sexualmente, e nunca viram a grandeza dele.

Quando proclamamos a Palavra de Deus, chamamos as pessoas a algo maior mesmo reconhecendo que elas estão abatidas. O pregador precisa encontrar o equilíbrio entre a compaixão e a convicção. Sempre precisamos levar adiante os dois lados da conversa.

Capítulo 189

O SERMÃO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL: CASAMENTO

Numa época de divórcio e novo casamento, como pregar de forma agradável acerca do compromisso para a vida toda?

Bob Russell

Eu não costumava pregar sobre casamento. Como jovem pastor, não tinha muita experiência pessoal no assunto, e tinha crescido com pais que realmente se amavam. Não tinha idéia de como o casamento podia ser tenso para muitas pessoas.

À medida que comecei a pregar sobre casamento, contudo, descobri que pessoas feridas tinham sentado nos bancos da igreja havia muitos anos, colocando uma máscara, e pensando: *Será que o nosso casamento é anormal?* Depois de um sermão sobre casamento, ouvia: "Como é bom saber que não somos os únicos com lutas aqui".

Concluí que a maioria das pessoas quer ajuda no seu casamento, mesmo quando elas acreditam que não há mais nada que fazer, por isso decidi pregar mais intencionalmente sobre o tema.

Os desafios

Enquanto fazia isso, descobri que é fácil pregar sobre o casamento, mas é difícil fazer isso com qualidade. E está ficando cada vez mais difícil. Um dos grandes desafios é saber como fazer com que todos na igreja de hoje se sintam incluídos. Alguns têm um casamento feliz, outros tiveram uma entrevista com o advogado para falar sobre o divórcio nessa semana; alguns já foram casados três vezes, enquanto outros nunca se casaram.

Outra dificuldade é como ilustrar as mensagens. As histórias trazem consigo um impacto emocional forte, e cada pessoa na igreja tem opiniões fortes acerca do casamento — seja o seu casamento, o dos seus pais, um casamento fracassado ou o casamento que gostaria de ter.

Um terceiro desafio é como falar sobre o meu próprio casamento sem me apresentar melhor ou pior do que sou e sem invadir a privacidade da minha família. Alguns pastores estão se debatendo com a necessidade de pregar sobre o casamento quando o seu casamento está com problemas ou quando eles mesmos não são casados.

Princípios

Aqui estão alguns princípios que descobri serem muito úteis.

Use exemplos positivos, sem glamorização. Em uma época em que tantos casamentos desmoronam, é mais importante do que nunca destacar casamentos bem-sucedidos como exemplos. Uma idéia, que peguei de um amigo, é que, quando prego sobre casamento, digo ocasionalmente: "Todos aqui que estão casados mais do que 50 anos, por favor fiquem em pé". Enquanto eles estão em pé, digo: "Estes são os heróis da nossa igreja". E aí se ouve uma explosão de aplausos.

Falo da vida de homens e mulheres que foram fiéis ao seu cônjuge. Contei a história de Jim Irby, pregador da igreja em que servi como pastor de jovens há muitos anos. Vi esse homem com sua esposa em um congresso há pouco tempo. Sempre uma mulher elegante, uma doença deteriorou os seus músculos a ponto de malmente conseguir andar. Enquanto observava esse honrado casal com quase 80 anos entrando no salão, vi que Jim estava andando no mesmo passo lento da sua esposa, encurvado nos mesmos pontos em que ela estava para poder melhor segurá-la e lhe dar apoio. "Isso é o que todos nós queremos", disse. "Um companheiro que realmente crê no que disse — 'Prometo ser fiel a você na saúde ou na doença ".

Também uso os exemplos fortes de fidelidade. Quando o meu amigo Russ Blowers se aposentou recentemente, alguém lhe perguntou: "Qual foi a maior realização do seu ministério?". Ele tinha sido presidente da nossa convenção das igrejas cristãs. A sua igreja era uma das maiores de Indianápolis. Ele encabeçou a cruzada Billy Graham na cidade. Mas ele não mencionou nenhuma dessas coisas.

Russ disse: "A coisa de que mais me orgulho é o fato de que nunca tive de ir ao quarto dos meus filhos para tentar explicar a eles por que tinha sido infiel à mãe deles".

Contudo, também é possível glamorizar demais o casamento. Uso uma caricatura que achei há anos de uma bonita moça dirigindo um carro esportivo italiano. O teto do carro conversível está abaixado, ela está sorrindo, o cabelo esvoaçante na brisa. Há duas mulheres rústicas de aspecto descuidado olhando a cena, cada uma com um bebê em cada braço, e uma diz para a outra: "Pobre da Nancy. Não conseguiu achar marido".

Inclua a todos. Quando pregar sobre o casamento, é fácil fazer com que algumas pessoas se sintam excluídas. Costumava ouvir comentários como este: "Por que você nunca fala nada sobre o divórcio?", ou: "Como é que você nunca prega aos solteiros?'.

Em anos recentes, já não tenho ouvido isso tanto, porque agora faço essas duas coisas. (1) Dou ouvidos aos *experts.* Nunca passei por um divórcio, mas isso não quer dizer que não esteja autorizado por Deus para pregar sobre o divórcio. Contudo, visto que a minha experiência é limitada, converso com aqueles que o experimentaram. Há alguns anos, preguei um sermão sobre o divórcio e outro sobre o novo casamento. No preparo, reuni seis ou sete pessoas que tinham se debatido pessoalmente com essas questões, e lhes disse: "Tenho algumas perguntas a fazer a vocês . Depois, quando preguei, disse: "Nunca passei por um divórcio, mas tenho amigos que tiveram essa experiência. Vou contar a vocês o que eles me disseram".

Além disso, folheio as revistas direcionadas a solteiros, pessoas divorciadas e pais solteiros. Ali há uma avalanche de informações à disposição acerca dessas questões. Não tenho desculpa alguma se me mostro ignorante nessas coisas. Recentemente, duas mulheres vieram falar comigo e disseram: "Fazemos parte de um grupo de apoio para mulheres abusadas fisicamente. Você poderia tratar desse tópico um pouco mais nas suas mensagens?".

Fiquei com receio. O tópico era tão estranho à minha experiência. Mas duas semanas depois, enquanto falava sobre o perdão e a vitória sobre as pressões do passado, disse: "Talvez você tenha um marido que já bateu em você". No silêncio que se seguiu, daria para ouvir uma agulha cair no chão. Depois do culto, uma mulher veio a mim e disse: "Estou sendo abusada atualmente, e não sei para onde correr. Você pode me ajudar?".

(2) Incluo ilustrações específicas de uma linha acerca de diversas situações. As pessoas precisam saber que sei que elas estão presentes, e que a mensagem é para elas também.

E fácil ser genérico na pregação: "Talvez tenha alguém na sua família a quem você precisa perdoar". Pode ser que leve mais 15 minutos de reflexão para desenvolver uma ilustração específica: "Seu pai abandonou você e sua mãe quando você tinha seis anos. Quando você vai perdoá-lo por isso?".

Ao ser mais específico, transmito o seguinte: "Eu sei que você está aí. Esse sermão é para você também". Essas ilustrações de uma linha também transmitem a idéia: "Eu reconheço que os seus pais se divorciaram. Há outras pessoas aqui exatamente como você, e você é bem-vindo e aceito aqui".

Equilibre o herói e o bandido. Tento equilibrar as ilustrações em que sou o herói, ou nossa família é ideal, com ilustrações que me mostram como o bandido ou que destacam as lutas do nosso dia a dia.

Certa vez contei uma viagem que estávamos fazendo pela costa leste e discordamos acerca do sentido em que estava dirigindo. Judy disse: "Estamos indo para o oeste".

Eu disse: "Não mesmo. Estamos indo para o leste". Cada um de nós estava convicto de que o outro estava errado.

Então vi uma placa na estrada que ela não viu e que me mostrou que estava indo no sentido errado. Continuei e passei os dois retornos seguintes tentando pensar em algum jeito de sair da estrada para pegar gasolina e voltar sem dizer a ela que tinha mudado o sentido.

Com freqüência, é mais difícil para mim usar uma ilustração que revele a ternura no nosso casamento. Há alguns anos, passamos uma época muito difícil por causa de dificuldades na saúde de Judy. Esse período da nossa vida foi sensível demais para poder falar dele por algum tempo, mas finalmente cheguei ao ponto em que conseguia falar disso sem desabar. Uma das primeiras vezes em que consegui fazer mais do que uma menção rápida a ele foi com esta história:

> Quando comemoramos o nosso 13° aniversário de casamento, queria dar à Judy um anel que custava mais do que achava que poderia pagar. Sempre tinha me sentido um pouco constrangido acerca do anel que tinha dado a ela no noivado. Mesmo quando peguei o anel do noivado dela e o anel novo para colocar as pedras, fiquei relutando se devia ter gasto tanto dinheiro.
> Mas somente algumas semanas depois, quando Judy estava em uma cama de hospital depois de um derrame, com a mão esquerda parcialmente paralisada, olhei para a sua mão e disse: "Que anel lindo esse que você tem aí no seu dedo".
> Ela respondeu: "Eu também acho".

Eu queria que a história lembrasse as pessoas de demonstrarem o seu amor antes que seja tarde.

Às vezes, é verdade, o pregador talvez não possa usar ilustrações pessoais por causa de dificuldades no casamento. Tenho um amigo pastor que tem se agarrado ao seu casamento com as pontas dos dedos por mais de 20 anos. Ele tem pavor de

pregar sobre o casamento, porque se sente um hipócrita. Mas ele range os dentes e procura ilustrações do casamento de outras pessoas. Aí ele diz: "O meu amigo, o Bob Russell, conta uma historia em que ...". Essa técnica pode até limitar a sua eficácia, mas o respeito, porque ele se supera e prega sobre um tópico que precisa ser tratado.

Traga à tona o sexo — discretamente. Quando qualquer pessoa fala sobre problemas, necessidades e expectativas no casamento, o sexo sempre está quase no topo da lista. Prego sobre esse tópico porque creio na pregação de todo o desígnio de Deus e porque quero falar da vida real.

Nós encorajamos os pais a levar os seus filhos ao culto para crianças, mas hoje sou mais discreto sobre como discuto a questão do sexo do que há 15 anos. Naquele tempo talvez usasse a palavra "relação sexual" em um sermão. Agora uso a palavra "intimidade". Isso pode parecer na contramão da intuição, dada a exposição do tópico na cultura *pop.* Por exemplo, há 15 anos, muitas pessoas se constrangiam ao ouvir a palavra "camisinha". Poucas se chocam com ela hoje. Mas porque as pessoas são expostas frontalmente a esses termos pela televisão e pelos filmes, quero que a minha abordagem seja diferenciada e agradável.

Uso ilustrações pessoais sobre esse tópico somente com cautela, discrição e permissão. Compartilhei que uma coisa que realmente amo na Judy é que ele é carinhosa. Ela é um tanto formal em público, e algumas pessoas ficam surpresas ao saberem que ela é afetiva em casa.

Certa noite, Judy e eu estávamos comendo *pizza* com os jovens na cozinha da igreja depois do culto. A Judy estava linda naquela noite. Ela olhou para mim, e pisquei para ela. Ela desviou os olhos como se estivesse constrangida, mas, depois, em casa, à noite, enquanto estava lendo na cadeira de balanço, ela veio por trás e me abraçou. Ela perguntou: "Você sabe o que você faz comigo quando pisca assim para mim em público?".

"Não tenho idéia".

Bem, descobri, e farei isso com mais freqüência!

Uma história dessas tem um propósito importante: Sinaliza aos casados que é bom ser carinhoso, desejar o seu cônjuge e tomar a iniciativa da intimidade.

Aponte para ajuda prática. Quero que um sermão sobre o casamento mostre às pessoas o caminho para a Fonte da esperança. Mas muitas pessoas precisam de ajuda adicional e prática. Sempre que possível, oriento as pessoas a isso. Em uma mensagem, toquei no tema de ser pai solteiro. Disse:

> Nossa sociedade está desenvolvendo a compreensão pelas mães solteiras; quando você ouve acerca de pais solteiros, geralmente são pais ociosos que abandonaram a sua família. Mas, segundo a estatística, 14% dos responsáveis pela guarda dos filhos são homens. E aí há também os pais [os homens] que gostariam de voltar e reviver sua situação, mas não podem. Então, se você está nessa situação, há um grupo de apoio que pode ajudar você.

Creia no poder da pregação. Apesar dos desafios, continuo pregando sobre o casamento.

Certo casal, agora casado já há mais de 25 anos, estava com sérias dificuldades no casamento há mais ou menos seis anos. Eles não eram membros da nossa igreja. Estavam separados, ele a tinha abandonado, e o divórcio estava em processo. Alguém deu à esposa a gravação de um sermão meu sobre o casamento, e ela o ouviu. Quando o homem veio para pegar suas coisas, ele viu a fita da mensagem na cômoda e disse: "O que é isso?".

Ela disse: "É de algum pregador da Southeast Christian Church".

"Posso ouvi-la?".

"Pode levar", respondeu ela. "Eu já ouvi". Ele entrou no carro para ir ao seu apartamento e começou a ouvir a mensagem. Ele continuou dirigindo pela cidade até terminar a fita. E então voltou para casa e disse à esposa: "Eu quero trabalhar no nosso casamento de novo".

Começaram a vir à nossa igreja com regularidade, trabalharam nas suas dificuldades e hoje ainda estão juntos. E como são felizes. Recentemente me apresentaram a sua filha.

Quando vejo a Palavra de Deus causar uma reviravolta em um casamento, isso faz o árduo trabalho da pregação valer a pena.

Capítulo 190

QUANDO O SERMÃO COMEÇA A AGIR

A vida no emprego ê importante demais para receber tratamento superficial

Haddon Robinson

Será que vender seguro, tocar uma lavanderia, dirigir um táxi ou entregar cartas de casa em casa importa para Deus? A julgar pela nossa pregação, a resposta é: "Não muito". Em uma pesquisa, 90% dos cristãos disseram que nunca tinham ouvido um sermão que aplicasse a teologia bíblica ao seu trabalho. Mas os cristãos chegam a gastar entre 40% e 75% do seu tempo em tarefas relacionadas ao emprego. Infelizmente, eles têm razão em suspeitar que, nos planos de Deus, o seu trabalho é um vasto solo improdutivo.

Há alguns anos, participei de um café da manhã com um grupo de homens de negócio cristãos. Talvez porque eu estava lá, eles começaram a falar sobre os seus pastores. Eles respeitavam os seus ministros e apreciavam a dedicação deles, mas sentiam que seus pastores estavam desconectados deles. Os pastores tinham visitado a eles ou alguém da família no hospital, e alguns ministros tinham visitado dois ou três deles em casa. Outros dois disseram que o seu pastor tinha jogado golfe com eles. Mas, nenhum dos pastores tinha gasto um dia com eles no seu

trabalho, nem feito ao menos uma visita ao seu local de trabalho. Como disse um dos homens: "Entro no mundo dele uma ou duas vezes por semana, mas ele não se incomoda com o meu mundo".

E quando os pastores falam sobre o local de trabalho, geralmente o mencionam somente como uma plataforma para o evangelismo. A idéia aqui é que o trabalhador do cais ou o alfaiate encontrem o significado no seu trabalho ao compartilharem o evangelho com os seus colegas de trabalho.

Alguns cristãos se entregaram a essa atitude. "Ganho a vida como contador", elas dizem, "mas o meu verdadeiro trabalho é falar de Jesus às pessoas". Será que é mesmo? Será que Deus não se importa nem um pouco sobre como se faz a contabilidade?

Seria estranho se pastores ordenassem homens e mulheres para o trabalho do ministério no mercado de trabalho? Seria um sacrilégio enviá-los não simplesmente como evangelistas, mas também como testemunhas que honram a Jesus Cristo pela maneira em que fazem o seu trabalho?

A quem honramos? Quando alguém deixa o seu emprego para ir ao campo missionário, essa pessoa sempre fez a escolha mais espiritual? Ou suponha que um pastor deixe o trabalho na igreja para gerenciar a joalheria. Seria possível que ele na verdade não tivesse deixado o ministério?

Lembre-se do dia de trabalho

Leia novamente os textos no Novo Testamento dirigidos aos escravos. Paulo os encoraja. Eles estão fazendo a vontade de Deus; eles estão servindo ao seu Senhor, a Jesus, e receberão a recompensa por aquilo que fazem no seu trabalho. Esses trechos já não são suficientes para desafiar o nosso silêncio sobre o trabalho?

A linha de penetração deveria ser do púlpito para o banco da igreja para o calçamento. Precisamos quebrar a parede entre o sagrado e o secular. Precisamos ajudar os que são seguidores de Cristo para "lembrarem do dia de trabalho para o santificar".

O mundo real do dia a dia

Quando um dos executivos naquele estudo bíblico comentou que em todos aqueles anos o pastor nunca o tinha visitado no seu escritório, outro homem disse: "Mas está certo. Um pastor se sentiria deslocado no meu escritório". Visto que me considero pastor, pedi que ele explicasse sua idéia.

"A maioria dos ministros que conheço se sente melhor no hospital ou trabalhando nas dependências da igreja. Esse é o campo deles". Ele continuou dizendo que enxergava o mundo do pastor e o mundo das pessoas de negócios como muito diferentes: "O pastor está acostumado a trabalhar sozinho ou com uma equipe pequena, e o seu interesse está nos relacionamentos. O mundo dos negócios é uma atmosfera mais impessoal dominada por pessoas que destacam as coisas básicas do dia a dia".

"Os pastores se saem muito bem com questões de luto e solidão e a ética interpessoal — não roubar, não cobiçar, não adulterar e assim por diante", disse ele. "Mas não conheço muitos pastores que tratem dos problemas das lealdades conflitantes de um indivíduo dentro de grupos e organizações".

Outro homem, que ajuda na administração de uma grande construtora, concordou e deu um exemplo: "Um sujeito nos devia 500 mil dólares quando morreu. Ele e a esposa possuíam uma casa que valia 150 mil dólares. A pergunta é: processamos o espólio por causa do dinheiro que temos a receber, mesmo que custe à mulher a casa como parte do pagamento da dívida do seu marido?".

Ele continuou: "Se você é o proprietário da companhia, você pode tomar uma decisão e demonstrar compaixão, se assim desejar. Mas se precisa prestar contas a acionistas e o seu trabalho é cobrar dívidas difíceis de cobrar, onde está a sua maior lealdade? Agora, você pode argumentar: 150 mil dólares não valem a pena. Mas suponha que a casa valesse 500 mil dólares; agora você vai atrás dessa quantia? Ou um milhão? É ético ir atrás de uma casa de 500 mil dólares, mas não é ético ir atrás de uma de 150 mil dólares?

Os executivos concordaram — raramente se ouve na igreja nem mesmo a menção de tais assuntos. Mas é disso que é feita a vida do dia a dia. Questões difíceis e moralmente ambíguas estão à espera de pessoas de negócios ali no lugar em que elas precisam pôr em prática a sua fé. "Enquanto o pastor fala dos absolutos do que é certo e errado", disse um homem, "a maioria de nós lida com situações em áreas cinzentas".

Outro disse: "O meu pastor falou sobre o bom sendo o inimigo do melhor de Deus', mas as pessoas no meu mundo não estão lidando com escolhas morais entre a primeira e a segunda melhor opção, mas entre a décima segunda e décima terceira".

"Por mais que goste do meu pastor e dos seus sermões", o executivo concluiu, "não é freqüente ele falar do meu mundo".

Fiquei desanimado com essa conversa. Nem todos concordariam com esses homens de negócios; algumas pessoas vêm ao culto esperando que o seu pastor diga algo que as ajude a compreender um pouco melhor as grandes questões da vida. Mas não são muitos os que esperam que o pregador seja capaz de falar com propriedade ao mundo particular em que muitos deles vivem.

Sermões que tratem das questões difíceis

Encaremos o fato. A vida é complexa. Mas às vezes pregamos como se não fosse. Aqui está o exemplo de um dos meus sermões. Certa vez depois de pregar um sermão sobre o amor, um homem veio falar comigo: "Você disse que amar é sempre ter em mente o bem maior das outras pessoas".

CCP-

Sim.

"Tudo bem. Mas a minha empresa me faz competir com um homem desta igreja. Administro uma operação eficiente que me permite vender o meu produto

mais barato do que ele. Qual é a coisa certa a fazer — oferecer um preço melhor do que o dele e assim tomar alguns dos clientes dele? Ou devo manter o meu preço aproximadamente na mesma faixa?".

Antes que pudesse responder, ele continuou.

"Mas essa não é a parte mais difícil. Uma grande empresa acabou de entrar no mercado aqui e começou a vender o mesmo produto. Eu mesmo vou ter que me contorcer para sobreviver no mercado. Talvez tenha que cortar os preços de forma tão drástica que isso leve o meu irmão da igreja à falência".

"Eu quero amar esse homem. Estamos na mesma classe de Escola Dominical. Sou técnico do filho dele na liga das crianças. Quero fazer o melhor para ele. Mas o nome do jogo lá fora é sobrevivência", disse ele. "Por que os pregadores não falam desse tipo de coisa quando pregam sobre o amor?".

Para falarmos com autoridade, precisamos vestir os sapatos desses cristãos que estão em casa e no mercado de trabalho. Não importa o quão nebulosas forem as questões aí fora, precisamos estar dispostos a dizer: "Como pastor, preciso tratar das questões difíceis". Na nossa pregação, precisamos reconhecer a complexidade das questões. Como fazemos isso?

Primeiro, é útil simplesmente admitir a tensão e destacá-la. Toda a verdade existe em tensão. O amor de Deus existe em tensão com a sua santidade. Aplicar o amor e a justiça de forma hábil não é fácil.

Creio que Deus honra a tentativa honesta. As pessoas precisam saber disso. As vezes ressalto que tomamos uma decisão errada com a motivação correta, o que é diferente de tomar uma decisão certa com a motivação errada. Se não estou enganado, a Bíblia nunca chama nenhuma ação em si de certa. Nenhuma ação é certa sem a sua motivação. Evidentemente há algumas ações que a Bíblia chama de erradas: assassinato, mentira, adultério. Mas não é tão fácil classificar o comportamento certo.

Por exemplo, Jesus fala dos dois homens que foram ao templo para orar — o que parece um bom ato religioso. Mas somente um deles foi justificado, o outro não foi. Jesus fala acerca de pessoas fazendo contribuições — e isso é uma coisa boa exceto pelo fato de que algumas pessoas fazem suas contribuições para serem vistas pelos outros. E isso não é bom.

Assim, no sistema de Deus, a motivação é um fator-chave. Uma das coisas que nós pregadores podemos dizer às pessoas, com autoridade, é: "Nessas situações, é importante administrar a vida com habilidade para tomar as decisões certas. Mas a decisão primeira mais importante é a seguinte: *o que está motivando você? Você está disposto a ser o representante de Deus nessa situação? As,* vezes essas decisões são desconcertantes. Precisamos de sabedoria. É isso que amigos cristãos e o conselho cristão fornecem a você".

Capítulo 191

TRANSPONDO O ABISMO DO MERCADO

Como nós, que vivemos dentro da igreja, podemos ouvir as pessoas — os especialistas do mercado de trabalho — sobre levar Cristo ao trabalho?

Andy Stanley

A maioria de nós gasta a maior parte das horas que estamos acordados e em que somos produtivos no trabalho. Até os nossos estudantes pensam na carreira e em como entrar no mercado de trabalho. É algo tão relevante e há tanto material e recursos à disposição que sinto que é um tema que preciso tratar anualmente.

Conteúdo bíblico

Só há poucos trechos bíblicos que tratam especificamente do trabalho, mas, em vez de focalizar somente esses temas, pergunto-me: *quais princípios bíblicos são desafiadores para serem aplicados no ambiente de trabalho?* A questão para a maioria das pessoas não é: "No que creio?", ou: "O que devo fazer?", mas: "Como faço isso em um ambiente hostil aos valores cristãos?". Já é duro viver de forma coerente em casa, onde todos concordam mais ou menos em torno dos princípios espirituais, mas como você entra um ambiente neutro ou às vezes hostil e vive o cristianismo na prática?

Assim prego os textos que tratam dos princípios básicos do cristianismo e os aplico especificamente ao mercado de trabalho. Falo sobre a competência, sobre fazer o melhor, o caráter e como trabalhar sob a liderança de autoridades de quem discordamos. Há muitos princípios que precisamos levar ao mercado de trabalho, mas sem um cabo para manuseá-los, a tendência é deixar esses valores no carro.

Os textos que prego já usei em contextos diferentes, mas enxergá-los novamente através da lente do mercado lhes dá nova aplicação e relevância renovada. Quando você força os antigos princípios para encaixá-los em uma perspectiva diferente, nesse caso o mundo dos negócios, eles tomam nova vida.

Estabelecendo credibilidade

Em todas essas mensagens, mostro, geralmente no meio da mensagem, o vídeo de uma entrevista de cinco minutos com alguém da nossa igreja cuja vida e histórias do trabalho ilustram o princípio que está sendo ensinado. Por exemplo, uma mulher na nossa igreja é proprietária de uma imobiliária. Entrevistei-a sobre como ser um empregador cristão e como evangelizar sem desgastar o negócio ou queimar os empregados.

Uma das razões de usar vídeos é porque a maioria das pessoas de negocios olha para o pastor e pensa: *O que você entende das coisasO pastor não lida com acionistas, fatias de mercado, economia. Não presta contas a um chefe nove horas por dia.*

Percebo que preciso construir a credibilidade logo cedo. E não posso cometer o erro de dizer: "Entendo o que é isso", porque não entendo. Então escolho a outra abordagem e digo: "Não entendo. Não trabalho no seu mundo, e não vou fazer de conta. Mas aqui estão algumas pessoas que trabalham aí — diretores executivos, proprietários de pequenos negócios, administradores e gerentes". O testemunho do vídeo dá credibilidade ao que estou dizendo.

Enxergando o mercado de trabalho como ministério

Nessas entrevistas, faço questão de ter homens e mulheres, coordenadores e chefes, e também executivos de alto escalão. Gosto de mostrar que esses são princípios que se aplicam em todo o espectro das posições de trabalho porque precisamos viver a nossa fé com a mesma honestidade e dedicação independentemente de onde trabalhamos ou estamos em uma organização.

Aprendi que precisamos lembrar as pessoas constantemente de que são ministros, com o chamado e a oportunidade para ministrar no trabalho. Para a maioria das pessoas, os seus vizinhos já não são as pessoas que vivem perto da sua casa, mas as pessoas que estão intimamente ligadas a elas no trabalho, pessoas com que estão dia após dia. O campo missionário já não é necessariamente a pessoa da porta ao lado, mas a pessoa no trabalho. Quando homens e mulheres começam a ver as responsabilidades do seu trabalho como ministério, isso lhes dá energia e capacitação. Qualquer linguajar do ministério pastoral profissional sendo um "ministério de chamado singular" em contraste com o chamado de todas outras pessoas destrói a motivação.

Um dos temas de que falamos é como alavancar a sua influência na sua empresa para o ministério. Uma das pessoas que entrevistei, por exemplo, paga o almoço dos seus colegas de trabalho se eles forem à sala de conferências assistir ao DVD do nosso culto. Ele chama isso de "Lições de Vida no Almoço". Isso despertou todo o tipo de idéias criativas na nossa igreja.

Às vezes prego uma série inteira sobre os medos do mercado de trabalho. Concentro a atenção na tensão entre o trabalho e a família. Precisamos pregar anualmente sobre a prioridade que a família tem sobre o trabalho, porque a tendência, já há longa data, da nossa cultura é colocar o trabalho em primeiro lugar.

Tenho um bom amigo cujo patrão queria que ele se mudasse para outra cidade, mas ele não queria por causa da esposa. Seu chefe lhe disse: "Então arranje outra esposa!". Em outras palavras, você só terá uma oportunidade como essa, mas há muitas mulheres por aí. Esse é o tipo de pressão que as pessoas sofrem.

Capítulo 192

SERMÕES SOBRE OS DÍZIMOS QUE AS PESSOAS DE FATO GOSTAM!

Tudo depende da sua abordagem

Bob Russell

Durante anos me orgulhei diante da nossa igreja de que só pregava sobre a mordomia uma vez ao ano. Quando chegava aquele sermão temido, desculpava-me no começo: "Se você está nos visitando hoje, por favor entenda que só pregamos sobre as contribuições uma vez ao ano". Em resumo, estava dizendo: "Que pena que vocês vieram justo hoje — sei que esse é um tópico desastroso. Mas, por favor, mesmo assim voltem, e prometo que vocês não vão ouvir outro sermão sobre o dinheiro nas próximas 51 semanas!".

Ê fácil entender por que andamos em volta do tema da mordomia na ponta dos pés. O dinheiro ainda é um deus para muitos membros da igreja, e muitos visitantes suspeitam da motivação da igreja. Alguns vigaristas espirituais tosquiaram suas igrejas e espalharam uma má reputação dos pregadores, e não queremos ser identificados com eles.

Mesmo que a pregação sobre o dinheiro choque algumas pessoas, outras se chocam quando pregamos sobre o adultério ou perdão também. Mas não pedimos desculpas: "Se você está vivendo um caso extraconjugal, entenda, por favor, que raramente falamos sobre a pureza sexual. Volte na próxima semana e você vai se sentir mais confortável". Não colocamos um pedido de desculpas no boletim: "Hoje o pregador vai falar sobre liberar a mágoa. Por favor, entenda que esse sermão é para membros somente. Se você está nos visitando hoje, não esperamos de você que libere perdão. Se no momento você está guardando um ressentimento, temos tampões de ouvido à disposição".

Há mais ou menos uma década, mudei a minha prática de pedir desculpas por ensinar um tema sensível e passei a fazer dele uma parte essencial do meu calendário de pregação. Agora quase todos os anos, em janeiro, prego uma série de três ou quatro sermões sobre a mordomia.

Os resultados me surpreenderam — a freqüência tem sido boa, o número de pessoas aceitando a Cristo na verdade aumentou no mês da mordomia, e as ofertas aumentaram em 15% anualmente! A minha transição me ensinou diversas lições sobre a pregação da mordomia sem alienar a platéia.

O sermão de seis mil dólares

Muitos crentes imaturos e visitantes se sentem alienados quando pregamos sobre a mordomia cristã porque muitos pregadores falam quase exclusivamente sobre a necessidade de contribuir para a igreja. Nossos sermões são incorreta-

mente vistos como pregados em causa própria — um mal necessário para gerar as receitas da igreja — mas não são considerados espirituais ou úteis.

Mas quando um pastor encoraja uma família a se livrar das dívidas, a se abster de gastos extravagantes, a evitar desperdiçar o dinheiro em juros de cartão de crédito, a ser generosa com seus filhos ou a aprender o contentamento com pouco, a igreja considera a mensagem muito útil. Não é vista como campanha de angariação de fundos, mas como um desafio relevante, bíblico e muito necessário. Uma discussão sobre as contribuições contra o pano de fundo da mordomia total dos recursos é muito mais eficiente do que pregar somente sobre as contribuições.

Certa vez, em um sermão sobre acumular riquezas, ressaltei a tolice de esperar até a morte para dar aos filhos a sua herança. Expliquei: "Quando morremos, os nossos filhos provavelmente já passaram dos 50 ou até dos 60. É bem provável que aí já não precisem do nosso dinheiro! E assim, até a nossa morte, acumulamos posses das quais privamos nossos netos".

"O tempo de ajudar os nossos filhos é quando eles são jovens e precisam do dinheiro. Nossos filhos vão de fato se beneficiar dele, e podemos ouvi-los expressando sua gratidão a nós, em vez de pensar em segredo se eles já não estão esperando que batamos as botas! E visto que podemos fazer doações até certo valor sem que os receptores paguem impostos, é mais sábio transferir o dinheiro enquanto estamos vivos".

Algumas semanas depois, recebi uma carta de agradecimento de um casal jovem cujos pais por acaso tinham visitado a nossa igreja naquele fim de semana. A esposa explicou que depois de ouvirem aquele sermão, os seus pais enviaram a ela e ao seu irmão cheques no valor de seis mil dólares. Nunca tinha acontecido algo assim, nem parecido, na vida deles. A jovem esposa escreveu: "Meu irmão e eu chamamos aquela mensagem de 'Sermão de seis mil dólares! Por favor, continue pregando sobre a mordomia cristã — especialmente quando meus pais estiverem por aqui!".

A melhor hora para ensinar

A escolha do momento do sermão sobre a mordomia influencia dramaticamente como ele é recebido. Se as pessoas estão reconsiderando suas prioridades de gastos, estão mais propensas a aceitar o ensino bíblico sobre o dinheiro. Mas se estão sobrecarregadas com ajuda a assistência social, eventos, gastos com a escola, por exemplo, provavelmente também se ressentirão de que a igreja esteja pedindo mais dinheiro.

Durante 40 anos, o ano fiscal da nossa igreja ia de Iº de julho até 30 de junho. Aprovávamos o nosso orçamento e fazíamos as nossas promessas de contribuições no terceiro domingo de maio. Era aí que pregava o temido sermão sobre a mordomia.

Mas poucas pessoas estavam interessadas em rever seus compromissos financeiros em maio. Competíamos com o Derby do Kentucky (que é enorme em

Louisville), o Dia das Mães e o fim de semana do Dia Memorial. Outras coisas exigiam o tempo, os pensamentos e o compromisso das pessoas.

Janeiro acabou se mostrando como um mês muito melhor para considerar a mordomia. Durante janeiro, as pessoas fazem propósitos de ano novo, são perseguidas pelas contas do Natal e, assim, consideram a possibilidade de ser mais sábias na administração do seu dinheiro, e sentem pouca pressão de outras atividades da igreja e da comunidade.

E mesmo que mudemos o nosso ano fiscal para começar em janeiro, paramos de pedir promessas de contribuições para o orçamento. Não queremos que as pessoas considerem os sermões como campanha de angariação de fundos. Queremos que elas vejam a sua atitude para com as posses como uma questão pessoal e espiritual, alg o vital para o seu relacionamento com Deus. Para nós, o começo do ano é a melhor época para isso.

As pessoas querem *doar*

Quando parei de pedir pelas promessas de contribuições, isso sinalizou uma mudança em como prego sobre dinheiro. A maioria das pessoas não está motivada a dar do seu melhor para que possam fechar o orçamento da igreja. Em vez de dizer: "Precisamos que cada membro aumente as suas contribuições para que possamos fechar o nosso orçamento", agora digo: "Quando você contribui, o seu dinheiro é usado para levar o evangelho a povos não-alcançados de países do Terceiro Mundo; é usado para comprar comida e roupa para os pobres no centro da cidade; vai fazer com que nossas crianças aprendam mais de Jesus no acampamento cristão". Lembro as pessoas repetidamente de que elas estão dando para o ministério de Cristo, não só para fechar um orçamento.

Os exemplos que uso são com maior freqüência acerca de pobres que fizeram sacrifícios, e não de ricos que deram enormes quantias. Até os abastados são motivados mais pelo sacrifício genuíno do que pelas ofertas grandes dos afluentes.

Há alguns anos, Jackie Nelson deu um testemunho comovente que tenho repetido muitas vezes. Jackie disse: "Sou mãe e crio sozinha meus três filhos adolescentes. Meu ex-marido não ajuda em nada. Malmente fecho as contas. Nós realmente queremos fazer a nossa parte nessa campanha de três anos para que esse prédio novo possa ser construído. Mas quando discutimos o assunto em família, percebemos que não poderíamos dar mais do que o dízimo. Assim decidimos que a nossa oferta seria orar todos os dias pelo sucesso desse programa.

"Mas no meio da nossa conversa, o meu filho mais velho disse: 'Mãe, nós temos TV por assinatura. Nós não precisamos disso'. Assim, decidimos abrir mão da nossa TV por assinatura por três anos para podermos fazer a nossa parte".

A igreja concluiu: "Se ela pode fazer esse tipo de sacrifício para dar um pouco, nós que somos tão abençoados podemos fazer ainda mais". Como os cinco pães e os dois peixes que Jesus usou para alimentar uma multidão, Deus tomou a pequena oferta de Jackie e a multiplicou muitas vezes.

Também procuro exemplos que ensinam por meio da convicção, e não da culpa e da obrigação. Por exemplo, tenho pregado assim:

> Quando o meu primeiro filho nasceu, fomos abençoados por termos uma excelente babá que morava do lado da nossa casa. A Patty não so cuidava do bebe, mas também lavava a louça, dobrava as roupas e procurava outras formas de ajudar na casa. Ela era confiável, e meu filho a adorava.
> Quando ela começou a cuidar de bebês, perguntei à Patty quanto ela cobrava, e ela disse: "Cinqüenta centavos por hora". (E claro que isso ,a faz muito tempo). Paguei aquele valor com alegria
> Alguns anos depois, nasceu o nosso segundo filho, e disse: Patty, suas responsabilidades aumentaram bastante agora. O que voce cobra por cuidar de duas crianças?". ,
> A essa altura, tínhamos um bom relacionamento, e ela disse: Olha, sr. Russell, pode me dar o que o senhor quiser".
>
> Vocês acham que dei mais ou menos do que cinqüenta centavos por hora. No Antigo Testamento, Deus ordenou o dízimo ao seu povo — lü/o das suas colheitas e rebanhos eram devolvidos a Deus. Na nossa época, ele nos deu Jesus Cristo, o Espírito Santo que habita em nós a comunhão da igreja, o privilégio de viver no país mais afluente do mundo alem de muitas coisas pessoais. Contudo, quando perguntamos quanto deveríamos dar, ele só diz: "Dê conforme ao que você prosperou. Você decide se isso vai ser mais ou menos do que o dízimo".

A maioria das pessoas quer ser generosa. Assim, não hesito em usar isso como motivação para a mordomia sábia. Quando digo: "Quando você é um mordomo sábio, isso honra a Deus, alivia a tensão, dá a você autoconfiança, elimina a culpa, reforça o seu testemunho e capacita você a dar mais generosamente , as pessoas não se sentem ofendidas. Elas entendem que não estou falando acerca de anganação de fundos, mas de uma melhor mordomia da vida.

Quando eles ainda se queixam

Não importa quanto você se esforce para tentar tornar o tema da mordomia útil e palatável, algumas pessoas ainda se opõem. Muitas pessoas simplesmente amam demais o dinheiro, e quando você toca esse nervo sensível, provoca emoçoes fortes. Mas muitas vezes lembro um antigo provérbio: "Quando você joga uma pedra em um bando de cachorros, o que sai uivando geralmente é o que levou a pedrada".

As críticas precisam ser avaliadas o mais objetivamente possível, mas elas nao devem nos desencorajar a pregar a verdade. Ao contrário, a crítica com freqüência ilustra a necessidade de pregarmos sobre a mordomia mais vezes.

Jesus falou muito sobre dinheiro, mas nem todos reagiram de forma favoravei. Quando o jovem rico perguntou: "Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?" Jesus não tentou desenvolver um relacionamento de longo prazo com ele

antes de discutir o tema da generosidade. Ele disse de cara: "Vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me" (Mc 10.21). Isso não foi muito simpático para com uma pessoa em busca da vida eterna, e o jovem se virou e foi embora, porque tinha muitas posses. Mas o problema estava na ganância do jovem, não na mensagem de Jesus.

Jesus deixou claro que há um elo próximo entre o bolso das pessoas e seu coração. Ele não disse: "Se o coração de uma pessoa está certo, ela vai dar". Ele disse: "Quando você investe o seu dinheiro em algo, o seu coração vai seguir". Quando motivamos as pessoas a contribuir, estamos ajudando-as a colocar o seu coração no lugar certo.

Apesar das críticas, algumas das experiências mais gratificantes que tive no ministério ocorreram durante períodos em que ressaltamos a mordomia. Jerry Nichter, por exemplo, que agora serve como líder dos nossos presbíteros, aponta para um compromisso financeiro sacrificial que ele e sua esposa fizeram no ponto de virada de sua caminhada com Cristo. "Aquela foi a experiência espiritual mais profunda da minha vida", ele declara. Muitos dão eco a esse testemunho.

Depois de fazer um compromisso sacrificial para uma grande campanha, Bill Beauchamp, outro presbítero, secou as lágrimas dos seus olhos e disse: "Acabei de dar dinheiro que não tenho, para pessoas que nunca vi, por um Deus que amo demais".

Prepare-se: Estou pregando sobre dinheiro

Aqui estão cinco maneiras de preparar o seu povo para o sermão sobre a mordomia.

Não peça desculpas. Um pregador que fez assinatura do nosso ministério de gravações ficou desconcertado que tinha pregado quatro sermões seguidos sobre as contribuições sacrificiais. "Se você não parar de pregar sobre dinheiro, não vai sobrar ninguém com quem encher o novo prédio que você está tentando financiar", ele escreveu.

Minha esposa respondeu assim: "Prezado senhor, durante o mês em que Bob pregou sobre contribuições, o entusiasmo cresceu, e o dobro de pessoas aceitou a Cristo em comparação com os meses normais. Mais da metade das parábolas de Jesus fala de posses materiais. Talvez se você pregasse mais sobre dinheiro, sua igreja estaria melhor. No amor de Jesus, Judy Russell".

Somos embaixadores de Cristo, não negociantes. Assegure-se de que pregar sobre dinheiro é a vontade de Deus e que isso fortalecerá o relacionamento das pessoas com Cristo.

Obtenha o apoio dos líderes da igreja antes de pregar a série. O endosso da liderança da igreja dá a você segurança, apoio e credibilidade junto à congregação. Isso também inclui e silencia alguns dos seus críticos de maior potencial de destruição — os próprios líderes.

Inclua exemplos relativos à mordomia em sermões que não falam de mordomia. Uma linha ou duas em um sermão não relativo à mordomia lembra os membros que a vida fiel sempre inclui a contribuição fiel.

Na última Páscoa, em um sermão sobre o céu, falei sobre a nossa recompensa lá: "A jovem cristã que se guarda pura vai receber uma recompensa maior do que a jovem que cede à tentação. O marido que cuida da sua esposa doente vai receber uma recompensa maior no céu do que o marido que toma por certo sua esposa saudável. E o casal que dá o dízimo de cada contracheque desde o início do casamento vai ter um tesouro maior no céu do que o casal que dá a Deus apenas as sobras".

Ninguém podia dizer que o sermão de Páscoa era sobre contribuições. Mas a mordomia é uma parte tão vital da vida que deveria ser incluída naturalmente de forma regular.

Ressalte que o dinheiro da igreja é administrado com integridade. Queremos evitar que alguém nos critique quanto ao nosso modo de administrar essa generosa oferta, pois estamos tendo o cuidado de fazer o que é correto, não apenas aos olhos do Senhor, mas também aos olhos dos homens" (2Co 8.20,21). Durante cada campanha de mordomia, explico como as doações são administradas.

> As ofertas são depositadas em um cofre. Na manhã seguinte, o dinheiro é contado e registrado por um grupo de voluntários. Depois é levado ao banco pelo tesoureiro, que é acompanhado por um policial. Duas pessoas precisam assinar todos os cheques, e o pastor não é uma delas. O ministro precisa passar pelo mesmo processo de pedidos ao orçamento, notas de compra e recibos que os outros passam. A nossa igreja é associada ao Evangelical Council on Financial Accountability (Organização estado-unidense que, entre outras coisas, prescreve padrões e procedimentos para a transparência das contas de igrejas e organizações evangélicas [veja o portal www.ecfa.org]). E há uma auditoria anual e independente da nossa contabilidade. O pessoal que trabalha para a igreja é lembrado que deve gastar os recursos da igreja de forma mais parcimoniosa do que se o dinheiro fosse seu.

As pessoas se sentem motivadas a dar quando têm certeza que estão dando diretamente para necessidades legítimas.

Dê títulos aos sermões que mostrem que o seu conteúdo ultrapassará o tema das contribuições. Títulos de mensagens que refletem uma ênfase em ajudar as pessoas a compreender o dinheiro, em vez de em dar mais dinheiro, tiram o pavor das mensagens sobre dinheiro. Uma série sobre "Questões relativas ao dinheiro" poderia incluir: "Como você pode extrair o máximo do que você tem?"; "Onde está o limite?"; e: "Você pode ganhar mais do que o seu vizinho e ainda assim ser cristão?".

Parte onze

AVALIAÇÃO

Como obtenho o feedback construtivo de que preciso para continuar crescendo?

Capítulo 193

A PREGAÇÃO BEM FOCADA

Fazer um retrato nítido da sua pregação requer uma lente objetiva grande angular e outra objetiva *zoom*

Bill Hybels

Quando comecei a ensinar publicamente como ministro de jovens na década de 1970, ensinava de maneira conversacional, em estilo de diálogo. Afinal, só tínhamos ali 25 jovens. Quando o meu material não era lá tão interessante e útil, um dos alunos levantava a mão e dizia: "Dá pra ir pro próximo assunto?". Aí percebia que estava errando o alvo, ou tinha permanecido tempo demais na abertura do livro de Levítico, e então prosseguíamos.

Usei esse estilo durante mais de um ano, mas então começamos a realizar eventos de evangelismo, e de repente o grupo saltou de 25 para 150. O meu estilo de ensino logo se tornou inadequado para o grupo maior; na verdade, tive de começar a preparar mensagens formais. Em pânico, fui conversar com um amigo e pastor experiente e lhe disse: "Tenho que começar a pregar mensagens completas para 150 estudantes do ensino médio. O que você sugere?".

Ele disse: "Se fosse você, pegaria um exemplar do *Manual da Doutrina Cristã* de Berkhof e simplesmente começaria a ensinar esses jovens a partir do capítulo 1". Pareceu-me uma boa idéia. Assim, li o primeiro capítulo de Berkhof, sublinhei algumas partes durante o meu preparo e, naquela noite, comecei a passar isso a uma sala cheia de estudantes.

Cinco minutos depois do início, comecei a ver olhos vidrados. Alguns estudantes estavam olhando pela sala para ver quem estava lá. Outros estavam olhando para o seu relógio, passando bilhetes, desenhando no espaldar da cadeira à sua frente.

Na hora percebi que esse ensino não estava ajudando em nada. Fiquei tão desencorajado com o que estava acontecendo que parei antes de chegar à metade da mensagem.

"Preciso pedir desculpas", disse, "porque estou errando o alvo hoje à noite. O que preparei para dizer a vocês evidentemente não está os atingindo. E quero assumir um compromisso com vocês, estudantes. Se vocês voltarem na próxima semana, vou falar sobre algo extraído diretamente da Bíblia que faça diferença na compreensão que vocês têm de Deus, na sua apreciação da fé cristã e na forma em que vocês vivem a vida cristã".

Na semana seguinte, a maioria deles voltou, generosamente, talvez só para me agradar. Mas a partir daquele dia, tenho convivido com o pavor santificado de entediar pessoas ou de tornar irrelevantes as Escrituras tão relevantes. Essa experiência me ajudou a morrer para o orgulho acerca da questão de ter meu ensino avaliado.

Todo pregador é avaliado, de uma forma ou de outra, por todos os ouvintes. Quero obter avaliações que me ajudem a ser o mais eficiente em atingir pessoas com a verdade de Deus. Considero como parte do meu trabalho o fato de ser avaliado de forma precisa e séria.

As perguntas certas

A avaliação construtiva não acontece, no entanto, não importa o quanto me dispuser a recebê-la, a não ser que faça às pessoas certas as perguntas certas na hora certa.

Com *pessoas certas* quero dizer as pessoas com ótimo discernimento e em quem aprendi a confiar. Receber sugestões de todos é algo que só acaba por me distrair, confundir e prejudicar. Em vez disso, quero ir a conselheiros sábios.

Com *perguntas certas* quero dizer que quero descobrir como estou transmitindo em diversos níveis:

- Cada ilustração — ela transmitiu o que tinha em mente?
- Cada mensagem — ela cumpriu o seu propósito na série?
- O conjunto de mensagens de um ano — elas estão cobrindo os temas e textos que essa congregação quer e precisa ouvir?
- A minha pregação como um todo — ela está ajudando a atingir o alvo do meu ministério?

Finalmente, com *hora certa* quero dizer que quero receber a minha avaliação quando for o momento mais eficaz. Evidentemente, isso é quando posso fazer o máximo com as sugestões que recebo. Descobrir logo depois que preguei um sermão que ele estava levemente fora do trilho é um tanto útil. Mas quanto mais produtivo seria descobrir isso *antes* de gastar 24 horas em algo que não teve um alvo claro. Assim, cada vez mais faço perguntas de "avaliação" durante os estágios de planejamento antes de pregar. Cada fim de semana, por exemplo, prego a mesma mensagem três vezes — uma vez no sábado à noite e duas vezes no domingo de manhã. Tento obter avaliações imediatamente apos o culto de sábado à noite, assim posso fazer ajustes antes de pregar a mesma mensagem mais duas vezes. Como resultado, algumas manhãs de domingo me viram no escritório da igreja às 5h30. Mas receber logo a avaliação me protege de cometer o mesmo erro algumas vezes.

Pedir a alguém que avalie sua pregação é uma operação muito sensível, e as pessoas, as perguntas e a hora variam de acordo com cada pastor e igreja. Mas deixe-me compartilhar como tenho tentado obter as informações que têm melhorado a minha pregação.

Avaliando um sermão

Os presbíteros em Willow Creek sempre respondem sinceramente quando lhes pergunto acerca da correção e relevância da minha pregação. Mas se não perguntasse, eles não falariam nada.

Assim, ao longo do tempo, formalizamos esse processo. Agora os presbíteros avaliam todas as mensagens que prego, e eles me dão uma resposta por escrito em alguns minutos depois do culto. Um presbítero — o nosso presbítero mais perspicaz no que concerne à avaliação de sermões — coleta as respostas dos outros presbíteros, resume-as e anota tudo isso na parte da frente do nosso boletim e me entrega antes de sair.

Por exemplo, recentemente em uma quarta-feira à noite fiz um desafio forte a que os ouvintes honrassem o senhorio de Cristo. Um dos presbíteros me chamou (embora geralmente os seus comentários estejam por escrito no boletim) e disse: "Realmente gostei de tudo que você disse e do estilo e do tom com que você transmitiu a mensagem na quarta-feira à noite. Agora que você deu essa ênfase, sinto que é importante que você lembre as pessoas regularmente nas próximas mensagens da obra de auxílio do Espírito Santo. Precisamos do poder dele para nos submetermos a esse tipo de senhorio".

Disse-lhe: "Muito bem". Esse é o tipo de correção de que preciso, porque às vezes tenho convicções tão fortes acerca de um tópico que a mera força da minha personalidade causa complicações que não tinha em mente. As pessoas acham que estou irado acerca de algum assunto. E assim ouvir como meu tom de voz e minha expressão são percebidos é muito importante para mim.

Na última quarta-feira, falei sobre o senhorio de Cristo novamente, e diversos presbíteros comentaram que gostaram do espírito e do tom com que falei. Nessa mensagem, disseram eles, não fui estridente, mas fiz um chamado amoroso ao discipulado. Isso significou muito para mim.

Reconheço que a idéia de ser avaliado pelos presbíteros em cada mensagem — mesmo que só em uma mensagem — é amedrontadora para muitos pastores. Preciso admitir que a primeira razão por que esse sistema de prestação de contas e de avaliação funciona no nosso contexto é a enorme confiança e o amor que foram desenvolvidos entre os meus presbíteros e mim. Quando às vezes trabalho de 25 a 30 horas em um sermão, derramo a minha vida nessa mensagem, e escrevo três rascunhos. Se a avaliação não fosse feita com grande cuidado e isenta de motivos dissimulados dos avaliadores, o sistema estaria em perigo. Se percebesse mesmo uma única vez uma agenda oculta de algum presbítero em particular ou um deles tentando fazer cavalo de batalha sobre algo, essa forma de avaliação que usamos e de que gostamos correria riscos.

Tendo dito isso, no entanto, demos alguns passos para garantir a avaliação eficiente.

(1) reconheço abertamente diante dos meus presbíteros que sou sensível acerca do assunto de ver meus sermões sendo avaliados. Provavelmente já lhes disse cem vezes: "Sou extremamente vulnerável quanto a essas avaliações nos primeiros quatro minutos depois de descer do púlpito. Gostaria muito que a pessoa que está fazendo a avaliação gastasse bastante tempo pensando em como me apresentará críticas construtivas". Os presbíteros entenderam isso e realmente têm se esforçado.

(2) Filtramos todas as avaliações por meio de uma pessoa. Antigamente era assim: se tivesse dito alguma coisa meio fora do trilho em uma ilustração, até chegar à minha sala na igreja já tinha ouvido isso sete ou oito vezes. Depois de o terceiro presbítero fazer o seu comentário, dizia: "Já chega; já peguei a idéia". Mas cada um se sentia responsável por dizer alguma coisa. Assim finalmente cheguei aos presbíteros e disse: "Gente, me dá uma trégua. Os sete tapinhas no ombro quando prego bem são ótimos, mas os sete tapas na cara quando erro são excruciantes. Por isso, vamos filtrar todos os comentários por meio de um presbítero para que ouça as coisas somente uma vez".

Escolhemos como responsável por coletar todas as respostas um homem que tem a rara capacidade de confirmar o que precisa ser confirmado. O acordo é este: se um presbítero percebe que a mensagem acertou o alvo em cheio, então não há necessidade de procurar o presbítero responsável pela avaliação e falar disso a ele. Se a mensagem foi extremamente profunda e esclarecedora — acho que isso aconteceu uma ou duas vezes — então faça questão de contar àquele presbítero. E se há algum problema na mensagem, então naturalmente o presbítero apontado deve ouvir acerca disso. Mas não há uma reunião formal depois de cada mensagem, porque ao longo dos anos a avaliação desse presbítero em particular tem sido reconhecida quase sempre como ilustrativa e representativa das opiniões e sentimentos do grupo. Geralmente ele fala com dois ou três dos presbíteros antes de falar comigo.

(3) A avaliação é uma via de duas mãos. Muitas vezes, o presbítero responsável diz algo assim: "Você poderia reconsiderar a forma em que você usa tal e tal palavra, visto que temos tantos ex-católicos conosco". Penso a respeito e digo: "Eu nem tinha pensado que isso os chocasse. Não tem problema algum em substituir essa palavra. Posso usar outra palavra, e todo o mundo fica feliz".

Mas outras vezes ele diz: "Você poderia reconsiderar e talvez não fazer menção do jogador de futebol?". E digo: "Bom, se essa pergunta é se poderia reconsiderar', acho que não, pois é algo muito importante para os homens incrédulos que estou tentando alcançar". E, na maioria das vezes, o presbítero diz: "Eu consigo entender isso".

E verdade que periodicamente há os comentários como: "Por favor, mude isso; apague o uso dessa palavra; por favor, omita aquela ilustração. Podemos falar sobre isso mais tarde, ou me ligue em casa, mas temos fortes restrições com esse conceito". E, nesses casos, mudo. Os presbíteros (e membros da diretoria ou outras pessoas que trabalham em tempo integral na igreja a que ocasionalmente peço que façam a avaliação) são pessoas perspicazes que sabem quando acertei o alvo e quando esqueci de carregar a espingarda.

Por exemplo, certa vez usei uma ilustração em que mencionei que sentei do lado de um advogado negro em um avião na viagem de volta de Washington, D.C., e continuei a contar sobre a nossa conversa. Um dos membros da nossa

diretoria veio falar comigo depois do culto, sorriu e disse: "Era necessário dizer que o advogado no avião era negro? Você estava tentando provar que você é imparcial? O que você estava tentando dizer?".

"Isso nunca tinha passado pela minha cabeça", disse. "Eu só estava relatando os fatos. Ele era negro".

Ele disse: "Eu suponho que o número de pessoas que se beneficiou do ponto da sua ilustração é também o número de pessoas que ficou pensando por que você fez a observação de que ele era negro".

Eu disse: "Bem, isso é uma conclusão muito válida". Para mim, estava só relatando os fatos, mas relatar aquele fato confundiu a ilustração na mente de muitas pessoas; aquela palavra em específico fez com que elas perdessem o ponto da ilustração.

Eu me lembro que ouvi outros oradores fazendo um comentário improvisado em uma ilustração como: "E então vi essa mulher obesa", e me dói só de pensar que, se dissesse isso, muitas pessoas na minha igreja teriam sua auto-estima destruída. Elas estariam fora de sintonia durante o restante do sermão e não ouviriam mais nada do que dissesse. E aquele comentário improvisado não tinha nada que ver com o ponto da ilustração!

Aliás, fiquei tão cansado de ver que questões subordinadas estavam se tornando questões predominantes na minha pregação, simplesmente por causa de falta de cuidado, que agora escrevo os meus sermões por extenso em três rascunhos e incluo cada palavra de todas as ilustrações. Agora, não estou sugerindo de forma alguma que outros pregadores se inflijam a disciplina que escolhi voluntária e alegremente para mim. Simplesmente fiquei cansado de ler: "Você percebeu quem você poderia ter ferido com a sua referência a tal coisa? Seu comentário espontâneo sobre isso pode ser entendido como...".

Se, depois de ler o sermão que estou preparando, ainda tenho perguntas sobre a adequabilidade de um certo ponto, posso conversar sobre isso com um dos presbíteros. Isso se aplica especialmente a mensagens de quarta-feira à noite, quando não há uma segunda oportunidade para consertá-las. Os presbíteros e eu nos reunimos para orar antes dos cultos, e se há algo problemático em que estou me metendo, digo: "Sinto que preciso mencionar esse tópico específico, e pensei em tratar isso da seguinte forma. Vocês estão confortáveis com isso?"

Pedir a avaliação de presbíteros ou de outras pessoas para cada sermão parece muito trabalhoso. E é. Mas essa avaliação me salvou tantas vezes de dizer algo de que me arrependeria depois que atingi o estágio em que não gostaria de pregar sem isso.

Avaliando o conjunto de sermões de um ano

Às vezes, no entanto, preciso dar um passo atrás para poder enxergar mais do que uma mensagem ou uma série. A lente objetiva *zoom* é ótima, mas, às vezes, você precisa usar a objetiva grande angular para conseguir incluir tudo. Para mim

se tornou natural observar de uma vez só o conjunto de mensagens de um ano inteiro.

A única maneira para poder fazer isso, contudo, é sair e ficar longe da igreja por um período mais extenso em que possa orar, ler e observar a minha pregação do ano que passou. Comecei a tirar um período especial de estudo no verão todos os anos e estou convencido de que isso melhorou o meu ensino. Somente quando estou longe da correria da rotina diária é que vejo padrões de pontos fortes ou áreas negligenciadas. De repente percebo tópicos ou temas que obtiveram muita atenção e outros que foram omitidos.

Mas quando a pregação de um ano inteiro está em discussão, não quero esperar até que o ano termine para dar ouvido às pessoas na congregação. Depois de cem mensagens, a avaliação chega quase atrasada. Preciso mais é de ouvir os interesses e as preocupações das pessoas antes de começar o ano. Como resultado, desenvolvi uma forma em três passos de planejar os sermões do ano que está à frente, e recebo sugestões das pessoas em cada passo.

Em abril, seleciono oito ou nove pessoas da igreja. Escolho pessoas que fazem parte do nosso público-alvo principal (pessoas de negócios de classe média que não se sentiriam confortáveis em muitos contextos de igrejas tradicionais). Às vezes acrescento alguém que é extremamente criativo ou que representa um grande segmento da igreja em termos de sua idade, carreira, situação familiar ou outra coisa qualquer. Dou a essas pessoas uma tarefa: "Circule em seu meio social e descubra que questões as pessoas gostariam de ver tratadas à luz do claro ensino da Palavra de Deus. Depois, com base nisso, prepare o que você considera ser uma série ideal de sermões que trate dessas questões. Crie um título para a série, pense em como você subdividiria o tópico e quais seriam suas ênfases. Você pode trabalhar com qualquer pessoa que quiser, e tem 30 dias para fazê-lo".

As pessoas pensam: *Ei, isso pode mudar o que tenho de ouvir na igreja.*e aí se motivam. Elas falam com seus amigos e com as pessoas com que trabalham. Algumas delas convidam grupos de conhecidos à sua casa para pedir suas sugestões.

Depois esse grupo e eu saímos para um retiro de dois dias e meio. Nós nos reunimos das 8 horas da manhã até a meia noite, com algumas horas de intervalo para comer e deixar esfriar os motores. A principal coisa que faço nesse tempo é ouvir e escrever. Pergunto à primeira pessoa: "Leia para mim um dos títulos da sua série e os títulos dos sermões que fariam parte dessa série", e então discutimos. Geralmente uma idéia se sobrepõe a outra, e no final temos 30 ou 40 séries de sermões viáveis.

Por exemplo, acabei de pregar uma série intitulada: "Estações da vida espiritual", que incluía quatro mensagens: "A estação da busca espiritual", "A estação da infância espiritual", "A estação da adolescência espiritual" e "A estação da fase espiritual adulta". Esse título e subdivisões das mensagens vieram diretamente desse grupo.

Na próxima primavera, quero pregar uma série sobre Jesus, intitulada: "Alguém que você deveria conhecer". Que título formidável! Mais tarde, trabalharei com mais uma idéia desse grupo: "As famílias na pista rápida".

Durante o mês que segue esse retiro, processo todas as idéias que o grupo sugeriu. Deixo de lado os tópicos que acabei de tratar durante os últimos meses como também os que são estranhos ao escopo do ministério de Willow Creek. Dentre as séries de sermões propostas remanescentes, escolho 20 que acho que realmente posso usar ou que estimulam o meu interesse.

Depois reúno um segundo grupo constituído de presbíteros e integrantes da equipe pastoral. Nós nos retiramos durante três dias e fazemos as escolhas finais para o ano seguinte — quais das vinte séries possíveis devemos pregar e em que ordem.

Para mim, é extraordinária a riqueza de sabedoria que surge da pluralidade de pessoas tementes a Deus que enxergam a vida de maneira diferente da minha. No ano passado, na primeira reunião de planejamento, alguém tinha proposto uma série de mensagens sobre o medo: uma mensagem sobre o medo do fracasso outra sobre o medo de viver sozinho, outra sobre o medo de morrer e assim por diante. Quando a pessoa propôs essa série, pensei: *Essa série nunca vai ser escolhida.* Esses medos simplesmente não eram coisas que tiravam o meu sono. Mas a deixei como uma das vinte séries postulantes para que o segundo grupo de planejamento a considerasse. Quando os presbíteros e os pastores começaram a discuti-la, disse-lhes francamente que isso não funcionaria. Mas essas pessoas tão perspicazes olharam para mim e disseram: "Bill, só porque você não tem esses medos não quer dizer que as pessoas também não os tenham. As pessoas têm esses medos — as pessoas normais. Pode confiar na nossa palavra que esse tópico está pedindo para ser pregado .

Assim concordei em pregar a série, mesmo que não fosse uma que teria escolhido. Mas como eles suspeitaram, ela foi tremendamente benéfica para a nossa igreja. Aliás, "O medo de morrer" foi uma das gravações mais requisitadas nos últimos anos.

Como estamos nos saindo no cumprimento de nosso alvo geral

Até aqui não mencionei os barómetros gerais que usamos para medir a nossa pregação: comentários informais de pessoas após os cultos, cartas que elas mandam, o número de fitas das gravações que são pedidas, ou comentários do nosso cônjuge em casa. Não que ache que esses padrões de avaliação não sejam importantes. O problema é que as pessoas (eu e outros pregadores, suspeito) tendem a dar importância exagerada a eles. E se não formos cuidadosos, isso pode conduzir a um desequilíbrio sutil na nossa pregação.

E isso aconteceu comigo. Foi assim.

Durante o período em que Willow Creek se desenvolveu, a sociedade tem se fragmentado em um ritmo alucinante. Quando começamos a nossa igreja, talvez 5% dos membros eram pessoas que estavam tão seriamente feridas que eram disfun-

cionais. Elas haviam crescido em casas de alcoólicos, ou tinham sido abusadas sexual ou verbalmente e abandonadas, eram divorciadas ou vítimas de alguma outra desgraça. Agora, como resultado das tendências na sociedade, essa porcentagem se multiplicou.

Nesse tempo, tenho sido cuidadoso em usar as formas normais de ouvir as pessoas e obter o retorno acerca da minha pregação. Assumi o compromisso de ficar depois do culto tanto tempo quanto alguém queira conversar. Depois de um culto normal, tenho conversas sérias com provavelmente 30 pessoas. Além disso, as pessoas me escrevem; entre 100 e 150 pessoas fazem contato comigo durante cada semana.

Mas não fui suficientemente esperto para perceber, até recentemente, que essa amostra de conversas e cartas não reflete a igreja como um todo. É uma distorção. Por quê? Porque as pessoas que gastam tempo para ficar depois do culto para conversar, ou que gastam tempo para escrever uma carta, são do segmento da igreja que tende a ser disfuncional. Elas estão tão feridas que escrevem cartas comoventes e foram tão machucadas que estão dispostas a ficar em pé esperando durante 45 minutos para conversar comigo.

O que não percebi, porque aconteceu de forma tão sutil ao longo do tempo, foi que não estava sendo procurado por 85% da igreja formada por pessoas relativamente funcionais e normais que querem progredir na vida espiritual e crescer. A preponderância da minha interação era com os 15% de pessoas feridas e necessitadas que estavam gritando e pedindo a minha ajuda. Elas não queriam conversar comigo sobre tomar sobre si a cruz e carregá-la para servir a Jesus Cristo. Elas não queriam falar comigo sobre negar-se a si mesmas. Elas não queriam falar comigo sobre fazer diferença com a sua vida. Elas queriam ser ajudadas, e amadas, e encorajadas, e alimentadas.

Assim quando pregava uma mensagem sobre "Deus está com você mesmo no seu sofrimento", ou algo parecido, todos os indicadores normais de eficácia na pregação subiam a níveis altíssimos. Começavam a vir cartas e telefonemas que diziam: "Muito obrigado por essa mensagem tremendamente encorajadora". As pessoas ficavam em uma fila longa para me dizer que essa mensagem era exatamente do que estavam precisando. Olhei para tudo aquilo e pensei: *Se realmente amo o rebanho, se estou aqui para servir o rebanho, esse é o tipo de mensagem que vou pregar.*

Aí fui para o meu período de estudos de verão. Ao avaliar os últimos cinco sermões, comecei a observar mudanças sutis. *Há cinco anos,* percebi, *70% das minhas mensagens eram o que chamava de sermões de discipulado intenso e voltados ao evangelho. Somente 30% eram mensagens mais gerais e encoraja dor as. Mas, ao longo dos anos, esses números quase se inverteram.* Fiquei desconcertado.

Reli o livro *Loving God [Amando a Deus],* e, quando terminei, caiu a ficha: *Chuck Colson pensa que devemos produzir seguidores de Jesusfrutíferos e completamente dedicados a ele nas nossas igrejas. Tudo que estou tentando fazer é remendar a vida das pessoas. Tudo que estou tentando fazer é levantar fardos de ombros cansados.*

Comecei a me perguntar: *E o que fazer com os 85% dos membros de nossa igreja? Quem está desafiando essas pessoas ao discipulado integral? E quem está convidando essas pessoas a serem homens e mulheres do reino? Quem está convidando essas pessoas a entregarem a sua vida pela causa de Cristo? Não estou fazendo isso. E sou o único pregador que eles têm.*

Eu podia dizer honestamente que não havia feito nada intencional para pregar um evangelho barato. Estava tentando pregar um evangelho compassivo. Deixe qualquer pastor sensível falar com 125 pessoas por semana, pessoas essas que, em sua grande maioria, estão feridas, fustigadas e clamam por ajuda, e isso começa a pesar no preparo. Você começa a pensar: *Como posso acrescentar o fardo da responsabilidade do reino aos ombros das pessoas que já estão arqueadas? Não tenho a coragem de fazê-lo.* Minha motivação autêntica a essa mudança sutil foi ser mais responsivo a um povo destruído. Mas enquanto gastei dias honestamente buscando a mente de Deus, tornou-se claro para mim que mesmo que a minha motivação para essa mudança sutil fosse admirável, continuar naquela trilha seria desastroso.

Quando tudo isso desabou sobre mim, fiquei feliz e devastado ao mesmo tempo. Durante semanas, lutei com o que tinha acontecido. Voltei e falei com os presbíteros sobre isso, e no momento que os alertei para isso, todos conseguiram enxergá-lo. Eles disseram: "Nós também sabíamos que algo estava acontecendo". Mas ninguém teve o privilégio e o tempo que tive de gastar algumas semanas tentando ouvir o que Deus estava dizendo. Os presbíteros são pessoas tementes a Deus; bastou mencionar a mudança de forma superficial, e eles disseram: "E isso mesmo. Precisa mudar".

Nossa solução tem sido oferecer seminários e oficinas regulares de ensino e terapia que tratam de todas essas áreas de sofrimentos e aflições. Podemos dizer aos 15%: "Há um lugar para você. Há esperança para você; há um contexto para você receber o tratamento e a ajuda qualificada que realmente vão resolver o seu problema". Mas tudo isso acontece principalmente no nosso centro de aconselhamento, não no culto de domingo. E isso faz sentido. Alian McKechnie, chefe do nosso centro de aconselhamento, destacou para mim que mudanças duradouras raramente resultam de terapia de grupo grande, o que estava tentando fazer. Elas ocorrem no contexto dos grupos pequenos ou nas conversas dois a dois.

Isso me liberta para poder exercer o tipo de ensino que me alegra e realiza, e essa é uma real representação do propósito para o qual Deus me criou. E com os 85% de membros da igreja.

Veja, por exemplo, uma mensagem de um culto de quarta-feira à noite há pouco tempo. O tema para todo esse ministério, extraído de Lucas 15, é: "Você é importante para Deus". Durante aquela mensagem, a primeira ou segunda depois do meu período de estudo, disse: "Falamos muito aqui na igreja sobre o fato de que você é importante para Deus. E isso é verdade. Mas deixe-me perguntar a você: Deus é importante para você?".

E interessante observar o que aconteceu como resultado do nosso foco mais nítido. Antes, costumava ir para casa no domingo com o sentimento de ter sido atropelado por um caminhão. Depois do culto falava com pessoas que estavam lutando para conseguir viver um dia de cada vez, e me sentia totalmente derrotado. Entrava em casa, e Lynne dizia: "Seu sermão foi fantástico!". E dizia: "Que sermão? Nem me lembro que preguei".

Mas desde que veio toda essa compreensão, falo com o mesmo tanto de pessoas, mas por causa do tópico de que estou pregando esses dias, as conversas me revigoram. As pessoas estão lutando com o que significa ser um homem ou uma mulher de Deus. Até as pessoas feridas enxergam a sua necessidade de forma espiritual. Não estou fazendo terapia, estou fazendo discipulado. E esse tipo de conversas não me deixa exausto, mas me enche de novas forças.

Aprendi algumas lições importantes dessa experiência. Primeira: para que minha pregação seja eficaz, é imperativo que saiba o objetivo geral do meu ministério — e continue comprometido com ele.

Em Willow Creek, nós nos perguntamos: "Qual produto final queremos alcançar? Há toda essa máquina — prédios e funcionários. Mas depois que as pessoas passam pelo nosso ministério, com que elas devem se parecer?". Temos respondido assim: "Queremos desenvolver seguidores totalmente consagrados a Jesus Cristo. Eles devem pensar de forma cristã, agir de forma cristã e se relacionar de forma cristã".

Eu sei que não desenhei com freqüência esse alvo na parede. Por vezes demais me peguei pregando como se o alvo do meu ministério fosse ajudar as pessoas a levar uma vida feliz, bem ajustada e a se ajudarem mutuamente. Bobagem! Temos de mirar em um alvo muito mais elevado do que isso. Quero pregar de tal forma que ajude a produzir pessoas que podem superar problemas mesquinhos e progredir no seu alvo de seguir a Jesus Cristo.

Segunda lição: preciso, de forma rigorosa e regular, medir a minha pregação segundo esse alvo. As mensagens que prego estão de fato contribuindo para isso? Elas realmente estão conduzindo as pessoas a se tornarem mais consagradas a Cristo? E tão fácil ficar à deriva e se afastar inconsciente e progressivamente desse alvo. Mas quando isso acontece, a minha pregação — não importa se sábia, se banhada em oração ou se bem-preparada — está minada.

Por que tentar se enganar com a avaliação?

As vezes sou tentado a pensar: *Seria muito melhor se não tivesse esses presbíteros na minha cola reprovando cada uma das minhas escorregadelas, e se pudesse simplesmente pregar do jeito que gostaria de pregar e esquecer que alguém está fazendo avaliações.*

Mas, a seguir, percebo por que preciso levar a sério as avaliações. E porque prego, assim como todos os pregadores, diante de um Deus justo e santo, e sei que ele avalia a minha obra. Cada vez que puxo um bloco de papel novo e escrevo nele

um título com um trecho bíblico, oro: "Senhor, gostaria que isso fosse um cordeiro sem defeito, um sacrifício de louvor de que o Senhor realmente se orgulhe. Não vou me contentar e o Senhor não vai se contentar com um cordeiro doente, moribundo, cego, manco e dilacerado. Não vou oferecê-lo; o Senhor não vai recebê-lo". Assim, para mim é uma coisa sagrada começar uma nova mensagem. Se Deus deu a você dons de fala e o chamou ao ministério, ele espera cordeiros imaculados.

Mas isso, para mim, também é uma percepção boa e libertadora. Prego uma série de mensagens que não acho que satisfizeram o padrão que gostaria. Mas então posso parar e perguntar: *Será que de fato fiz um bom preparo? Orei de joelhos como deveria ter feito? Foi um sermão bíblico? Os presbíteros disseram que foi aprovado?* Se posso dizer sim a essas perguntas, então terminei a mensagem, e posso prosseguir, não importa o que qualquer pessoa pense. Se as pessoas que passaram pela fila no final do culto disseram que não gostaram, e se fui destruído por um extremista em qualquer lado da mensagem, isso não me atinge. Fiz o melhor que pude na tentativa de oferecer um cordeiro imaculado. A minha responsabilidade vai até aí.

O restante da responsabilidade é de Deus. Nunca tenho a última palavra sobre qualquer trecho ou tópico. Quando chego ao fim de mim mesmo, é aí que começa a verdadeira mensagem. A minha oração, quando estou no carro voltando do culto para casa, é: "Espírito Santo, agora que terminei e saí do caminho, faze a sua verdadeira obra. Tentei dar ao Senhor as verdades e as oportunidades suficientes para que use no seu trabalho. Mas o resultado na vida dessas pessoas é responsabilidade sua".

Capítulo 194

A AGONIA E O ÊXTASE DO *FEEDBACK*

O que as avaliações de sermões me ensinaram

John Vawter

A minha pregação estava ficando cada vez melhor. Todos os domingos, as pessoas eram cativadas pelos meus sermões. Estava me aproximando do meu potencial máximo de comunicador cristão — ao menos era o que pensava.

A minha esposa me fez cair de volta na realidade de forma bastante dolorida. "Querido, você desenvolveu alguns maus hábitos nos seus sermões que realmente distraem e tiram a atenção das pessoas do conteúdo e da apresentação".

Feedback ... ai como dói!

Eu realmente rechacei a sugestão de que precisa de melhorias. Não tinha lá toda essa certeza se queria ouvir o que ela queria me dizer. Era muito mais fácil ver a igreja crescendo — domingo — do que reconhecer que precisava depurar as minhas habilidades.

Mesmo assim, o *feedback* é necessário.

Quando finalmente ouvi minha esposa, percebi que ela estava certa. Tinha desenvolvido o hábito de fechar as minhas mãos, uma na outra, de forma sonora para destacar algum ponto. Parecia um belo toque, mas estava batendo um anel contra o outro e produzindo um tinido alto e irritante. E para ajudar as pessoas a entender um ponto difícil da Bíblia, apontava para a minha cabeça dizendo: "Precisamos pensar nisso juntos".

Ei, mas aqueles gestos eram espetaculares! Fui eu que os inventei. Não roubei de ninguém. E realmente gostava deles. Nem sabia que estavam levando a platéia à loucura. E ninguém queria me contar, a não ser a minha esposa.

Em busca de avaliação

Com isso em mente, e como parte do meu programa de estudos, pedi avaliação das minhas habilidades homiléticas. Pelo correio, mandei formulários de avaliação a 35 pessoas na igreja que pensei que seriam francas. Cada uma delas tinha ouvido ao menos dois anos de pregações minhas. A carta de abertura explicava o meu projeto e destacava o meu compromisso com o anonimato — sem nomes nas pesquisas, envelopes de retorno já selados.

Minha reação inicial ao *feedback* foi de raiva e dor. Embora a maior parte do *feedback* fosse positiva, só vi a parte negativa. *Por que essas pessoas querem me machucar desse jeito? Quem elas pensam que são? O que elas entendem de pregação?*

Mas quando comecei a pensar de forma madura sobre a situação, percebi que elas haviam feito exatamente o que esperava que fizessem — tinham me dado um retorno honesto. Elas se importavam tanto comigo que queriam me ver crescer, mesmo que o processo fosse dolorido no momento. Provérbios 27.6 me ajudou nesse ponto: "Quem fere por amor mostra lealdade, mas o inimigo multiplica beijos".

Também percebi que tinha pedido a opinião de pessoas perspicazes e inteligentes que observam muitos oradores no dia a dia do seu trabalho. Elas não me dariam respostas que não fossem diretas e úteis.

Pedi avaliação em seis áreas:

- Causo uma primeira boa impressão com minhas introduções?
- Estabeleço uma boa relação com a platéia?
- Reflito humildade?
- Escolho bem as minhas apresentações e elas são propícias para conduzir ao aprendizado?
- Estou sendo lógico?
- Estou sendo bíblico?

Em cada categoria, os meus avaliadores fizeram sugestões muito úteis que melhoraram os meus sermões. Aqui está um exemplo do que eles disseram e de como depurei minha apresentação de sermão de acordo com as sugestões.

Várias pessoas disseram que precisava projetar mais a minha voz durante a introdução.

Eu decidi passar para outras pessoas algumas das tarefas do culto, como, por exemplo, a oferta, para que durante a primeira parte do culto pudesse me concentrar nas minhas primeiras palavras. Por meio do *feedback* dos meus amigos, percebi que o sermão não era a minha única preocupação quando subia ao púlpito. Agora faço um esforço redobrado para captar a atenção de todas as pessoas durante a introdução. Sei que isso é essencial, mas tinha perdido a perspectiva correta.

Eu precisei melhorar o meu contato inicial com a platéia ao não falar com eles de cima para baixo.

Assim, passei a me esforçar para sorrir durante toda a introdução, usar anedotas que não ressaltassem os pontos fracos da platéia e usar o pronome *nós* em vez de *vocês.* Fiz isso ao me lembrar constantemente durante o preparo de que estamos todos juntos nesse processo de crescimento.

As reações foram mistas acerca do tópico em que perguntei se demonstro humildade. Mas visto que um grupo de pessoas comentou da minha falta de humildade, aceitei a palavra delas. Pedi a Deus que me purificasse de qualquer orgulho acerca da saúde da igreja.

Ao orar e pensar sobre essa área, também percebi que algumas pessoas compreendiam mal o meu humor. Os meus amigos me dizem que o meu senso de humor é sarcástico, beirando a mordacidade, e, às vezes, mal-compreendido por aqueles que não me conhecem bem ou não vêem a piscada no meu olho. Achava que estava sendo espirituoso, mas estava sendo visto como alguém sarcástico. Por exemplo, um dia quando estava tropeçando nas minhas palavras e não conseguia explicar o meu ponto, disse: "As pessoas inteligentes vão me entender". Queria que isso fosse engraçado, porque evidentemente era o culpado da hora, mas muitos na platéia entenderam essa observação como uma humilhação. Comecei a omitir algumas coisas que eram muito melhores quando não ditas.

Não houve comentários negativos acerca da pergunta se meus sermões conduziam ao aprendizado. As pessoas disseram que era honesto ao admitir as minhas limitações. Elas me avaliavam como alguém que quer aprender, e isso as inspirava a aprender. Isso confirmou que estava no caminho certo ao compartilhar de mim mesmo nos meus sermões.

Os avaliadores também me consideraram bíblico e cuidadoso em discernir entre minhas percepções e a sabedoria de Deus. Eles me consideraram lógico e estruturado no que faço e digo. Esse retorno positivo na verdade me fez trabalhar mais ainda para garantir que permaneceria no trilho.

Como romper o sistema fechado

Scott Peck, no livro *A trilha menos percorrida,* diz: "Uma vida de dedicação total à verdade também significa uma vida de disposição a ser pessoalmente desafiada. A única forma de termos certeza de que o nosso mapa da realidade é válido é expô-lo à crítica e opinião dos outros cartógrafos. De outra forma, vivemos em

um sistema fechado [...], respirando repetidas vezes nosso próprio ar fétido, cada vez mais sujeitos à ilusão".

As pessoas me dizem que me tornei um pregador melhor desde que comecei a pedir avaliações. O *feedback* apontou outras áreas em que não sabia que precisava de crescimento e confirmaram pontos fortes que pensava que tinha. Aliás, o processo tem sido tão útil que estou fazendo uma nova lista de pessoas para entregar a pesquisa. Tenho a intenção de pedir que pessoas avaliem regularmente a minha pregação para o equilíbrio do meu ministério.

E, por falar nisso, eliminei aqueles dois hábitos dos quais a minha esposa me alertou. Mas só para garantir que ela ainda está prestando bastante atenção, estou desenvolvendo alguns novos hábitos irritantes. Quero ver se ela os descobre.

Capítulo 195

COMO OBTER O *FEEDBACK* DE QUE VOCÊ PRECISA

Como ser receptivo à crítica construtiva

William Willimon

"Belo sermão, pastor."

Para a maioria de nós, esse é o máximo que recebemos dz *feedback* para a nossa pregação. Mas nós ansiamos por algo mais substancial: Como somos vistos pelas pessoas? Que aspectos do nosso estilo de pregação, da pregação em si, da organização e da interpretação bíblica precisam ser melhorados para que o evangelho seja transmitido de forma mais eficiente?

Para podermos crescer, precisamos de avaliação honesta, mas como podemos ir além do casual e espontâneo: "Belo sermão, pastor", sem cairmos na armadilha das freqüentes queixas dos "reclamões" de carteirinha?

Desenvolvendo bons ouvintes

Há alguns anos, o dr. John K. Bergland, que na época estava lecionando na Duke Divinity School, conduziu uma série de entrevistas com pessoas nas Igrejas Metodistas Unidas da região rural da Carolina do Norte, pedindo que avaliassem os sermões dos seus pastores. Bergland descobriu que esses leigos eram por demais relutantes em criticar a pregação do pastor. Elas pressupunham, aparentemente, que visto que o pastor foi chamado por Deus para pregar e estudou a pregação para se preparar para o ministério, os comentários de pessoas leigas comuns não teriam propósito.

As pessoas também hesitaram em criticar a pregação do seu pastor porque, de acordo com Bergland, mesmo que o pregador não seja o melhor do mundo, ele é o nosso pregador. A maioria das pessoas da igreja tende a ser intensamente leal à sua congregação local; elas querem se orgulhar dela. Chamar a atenção para os pontos fracos do pastor só gera uma imagem negativa da sua igreja.

Ao longo dos anos, tentei — às vezes, de maneira bem-sucedida e, às vezes, não — evocar reações honestas e úteis à minha pregação. Às vezes, os leigos não estão certos se o seu ministro realmente quer a sua crítica, e assim as respostas iniciais tendem a ser positivas. No entanto, à medida que o tempo passa e as pessoas compreendem que sinceramente quero as suas respostas, até as respostas críticas, elas se tornam mais honestas.

Por exemplo, quando distribuí o questionário padrão que acompanha este artigo e pedi às pessoas que o preenchessem cada domingo durante algumas semanas, minhas notas de fato caíram em uma série de áreas!

Por quê? As pessoas estavam se tornando mais francas. O que antes era um simples: "Belo sermão, pastor", agora estava se tornando uma afirmação mais direta: "Belo sermão, pastor, mas...". Em virtude da minha persistência, eles perceberam que estava determinado a obter reações honestas, mesmo que as respostas fossem negativas.

Além disso, no processo de avaliar os meus sermões, as pessoas se tornaram melhores ouvintes. Por exemplo, uma série delas, quando inicialmente perguntadas: "Este sermão foi bíblico?", rapidamente responderam: "Sim". É claro que o sermão era bíblico: um texto bíblico foi lido no começo do sermão.

No entanto, à medida que semana após semana eles continuaram a avaliar a minha pregação, deram um passo atrás e se perguntaram: *Isso realmente foi um sermão bíblico?* Começaram, então, a perceber que, embora alguns versículos fossem lidos no início do sermão, nem sempre o texto controlava os movimentos e as idéias do sermão.

Ao insistir com os leigos da nossa igreja a reagirem de forma sistemática e atenta à minha pregação, estava, desse modo, fazendo deles melhores ouvintes. Ouvintes críticos consideram os sermões com alguns critérios em mente. Embora estivesse recebendo respostas verdadeiras (e às vezes doloridas para mim), tinha-lhes dado critérios para ajudá-los a terem "ouvidos para ouvir".

Um questionário que seja útil

No início da década de 1970, Boyd E. Stokes, como parte do seu trabalho doutorai na Universidade Emory, realizou muitos meses de pesquisa entrevistando grandes grupos de leigos, pregadores e professores de homilética, perguntando-lhes o que eles esperavam de um "bom" sermão. Ele, a seguir, selecionou os critérios citados com maior freqüência. O resultado foi o "Questionário de reação ao sermão", uma versão do qual mostramos neste capítulo.

Tenho usado esse questionário em três igrejas diferentes, com bons resultados. E facilmente compreendido. Pode ser respondido e preenchido em apenas alguns minutos, e oferece um gabarito padronizado, cujos resultados podem ser comparados ao longo de um período de semanas ou meses.

Esse questionário me ajudou a focalizar alguns problemas específicos. Por exemplo, visto que sempre tinha me orgulhado de não precisar das minhas ano-

taçÕes, fiquei surpreso em saber que os meus ouvintes achavam que olhava demais para as anotações. Assim, durante as semanas seguintes, disciplinei-me a olhar ainda menos para as minhas anotações, e as notas melhoraram.

O questionário também me ajudou a ver como diferentes grupos dentro da igreja reagem à minha pregação. Em geral, os jovens gostam mais da minha pregação do que os mais velhos, e as mulheres reagem de forma mais positiva à minha pregação do que os homens. Nem sempre consigo fazer as mudanças na minha pregação com base no que aprendo, mas saber como sou visto e como minha mensagem é recebida é algo que tem me tornado um pregador mais sensível.

Uso o questionário de diversas maneiras. Em uma igreja, dei o questionário a um seleto grupo de leigos para que avaliassem os meus sermões nas duas primeiras semanas em que estava na igreja. Aí, dois anos depois, dei o mesmo questionário aos mesmos leigos por mais duas semanas. Isso me ajudou a medir o meu progresso a longo prazo.

Também escolhi aleatoriamente um grupo de aproximadamente 20 pessoas, pedindo a elas que participassem do culto todos os domingos durante cinco semanas. (Isso é importante, porque até mesmo uma ausência pode distorcer os resultados). Dei-lhes os questionários e pedi que os preenchessem e devolvessem no final de cada culto.

Depois de cinco semanas, encontrei-me com todos os respondentes e compartilhei os resultados da pesquisa. Juntos analisamos os sermões individualmente e as avaliações que cada um recebeu, e pedi às pessoas que esclarecessem algumas de suas respostas. Essa discussão aumentou em muito o valor do questionário para mim.

Em cada caso, os questionários são computados pela somatória e a média das notas em cada item e no questionário como um todo.

Alguns itens (3, 5 e 7, por exemplo) são formulados de maneira negativa para impedir que os respondentes simplesmente passem o questionário e, sem pensar muito, marquem o mesmo número em cada questão. Isso significa, contudo, que, quando somo os resultados, preciso inverter a avaliação; por exemplo, a nota 1 no item 3, "não me inspirou", receberia o valor 5. Dessa forma, todos os resultados avançam na mesma direção.

Para permanecer leal a Cristo, os sermões precisam estar conformes às Escrituras e à tradição da igreja, mas, de alguma maneira, também precisam levar em consideração a igreja local, e isso significa os homens e mulheres que estão sentados nas nossas fileiras todos os domingos. Por meio desse questionário, esses homens e mulheres têm melhorado a minha pregação e melhorado a igreja.

Questionário de reação ao sermão

Não coloque o seu nome.

Forneça as seguintes informações:

Sexo:_____masculino; feminino

Idade: Abaixo de 20:_____20-29:_____30-39:_____40-49:_____50-59:_____Acima de 59:

Com relação ao sermão que você acabou de ouvir, indique se você concorda com a afirmação ou discorda dela. Circule 1 se você concorda intensamente, 2 se você concorda, 3 se você não tem certeza, 4 se você discorda, 5 se você discorda intensamente.

Sua honestidade e franqueza serão apreciadas.

1. Meu interesse foi mantido. 1 2 3 4 5
2. O sermão estava integrado no todo do culto. 1 2 3 4 5
3. Não me inspirou. 1 2 3 4 5
4. A personalidade do pregador apareceu. 1 2 3 4 5
5. O texto bíblico não foi usado ou esclarecido. 1 2 3 4 5
6. O pregador usou linguagem contemporânea. 1 2 3 4 5
7. O pregador não demonstrou fé pessoal. 1 2 3 4 5
8. O sermão foi longo demais. 1 2 3 4 5
9. Não compreendi bem o sermão. 1 2 3 4 5
10. O pregador recorreu às anotações de forma excessiva. 1 2 3 4 5
11. O pregador deixou transparecer que nos ama. 1 2 3 4 5
12. O sermão tratou de algumas das minhas necessidades pessoais. 1 2 3 4 5
13. O sermão não destacou suficientemente a grandeza de Cristo. 1 2 3 4 5
14. O pregador mostrou autoconfiança. 1 2 3 4 5
15. O sermão não me deixou mais desejoso de servir a Deus do que já estou ao servi-lo. 1 2 3 4 5
16. Identifiquei-me com o pregador. 1 2 3 4 5
17. O pregador falou para nós de cima para baixo. 1 2 3 4 5
18. O sermão não apresentou uma conclusão suficientemente forte. 1 2 3 4 5
19. O sermão não me ajudou a encontrar a Deus. 1 2 3 4 5
20. Consigo lembrar a maioria ou todos os pontos do sermão. 1 2 3 4 5

Capítulo 196

UM *CHECK-UP* ABRANGENTE

Perguntas para assegurar a você de que está cobrindo os pontos essenciais

Haddon Robinson

ORGANIZAÇÃO

Introdução

- A mensagem prende a atenção?
- Ela toca alguma necessidade direta ou indiretamente?
- Ela direciona os ouvintes para o tópico? Ou para a idéia principal? Ou ainda para o primeiro ponto?
- Tem a extensão adequada? Há um propósito específico?

Estrutura

- O desenvolvimento está claro? A estrutura geral está clara?
- O sermão tem uma *idéia central*? Você pode formulá-la?
- As transições estão claras? Elas fazem a recapitulação?
- Há um vínculo lógico ou psicológico entre os pontos?
- Os pontos principais estão relacionados à idéia principal?
- Os tópicos estão claramente associados aos pontos principais?

Conclusão

- O sermão conduz a um clímax?
- O sermão contém um resumo adequado das idéias?
- Ele traz sugestões ou apelos conclusivos eficientes?

CONTEÚDO

- Esse tópico é relevante? É apropriado?
- O sermão está edificado sobre *exegese sólida?*
- O pregador mostra em que ponto ele está no texto?
- A análise do tópico é profunda? Lógica?
- O pregador convence você de que ele está certo?
- O conteúdo mostra originalidade?

Material de apoio

- O material de apoio está *logicamente* associado ao ponto do sermão?
- Ele é interessante? Diversificado? Específico? Suficiente?

Estilo

- O pregador usa a gramática corretamente?
- O vocabulário do pregador é concreto? Vivido? Diversificado?
- As palavras são usadas corretamente?
- A escolha das palavras intensifica a eficácia do sermão?

PREGAÇÃO

Integridade intelectual

- O pregador quer ser ouvido? O pregador está alerta?
- Você sente que o pregador está falando com você?
- O pregador se esforça para ser simpático?
- A pregação soa como uma conversa vivida e alegre?
- As palavras são *pronunciadas* corretamente?

Apresentação oral

- A voz é fácil de ser ouvida? Há articulação clara?
- Há diversidade vocal? A posição da voz é diversificada e equilibrada entre agudos e graves?
- Há variação de intensidade? O ritmo varia o suficiente?
- O pregador usa pausas de forma eficiente?

Apresentação física

- O corpo todo do pregador está envolvido na apresentação?
- O pregador usa gestos?
- Os gestos são espontâneos? Amplos? Definidos? Há maneirismos que distraem?
- A postura é boa? O pregador parece estar desperto?
- Há boa expressão facial?

ADAPTAÇÃO À PLATÉIA

- O sermão está adaptado ao interesse dos ouvintes? Às atitudes?
- A mensagem está relacionada ao conhecimento dos ouvintes? Satisfaz as necessidades?
- O pregador olha nos olhos dos ouvintes?
- Você sente que o pregador está consciente da reação dos ouvintes?

Capítulo 197

A CIÊNCIA DAS PESQUISAS

Procedimentos formais conduzem a resultados mais objetivos

Virginia Vagt

Para ser eficiente ao máximo, a pesquisa requer planejamento e análise cuidadosos.

As pesquisas fornecem não somente comentários acerca das áreas em que deve haver melhorias, mas também dois resultados enriquecedores: o que os seus ouvintes ganharam com os seus sermões e o *feedback* representativo. Os comentários representativos — de um corte estatístico transversal das pessoas da igreja — ajudam a proteger você de dar valor excessivo aos comentários individuais sarcásticos que, de tempos em tempos, todo pastor recebe.

Amostra de pesquisa

Para começar, recomendo uma pesquisa escrita, de uma página e anônima para cada sermão específico. É mais fácil as pessoas responderem a algo concreto, como o sermão do culto de hoje. E você acaba por obter *feedback* específico. Aqui está uma amostra de pesquisa. (Uma pesquisa real daria espaço para as respostas.)

Pesquisa de sermão

O pastor está buscando o *feedback* das pessoas da igreja. Por favor, tome um minuto ou dois agora mesmo para preencher essa pesquisa. Obrigado.

1. Em geral, como você avalia o sermão de hoje?

   Excelente Bom Razoável Ruim

2. Como você compara o sermão de hoje aos outros sermões do pastor?

   Melhor Aproximadamente igual Pior

   Se o sermão de hoje pareceu melhor ou pior do que o normal, por quê?

3. Quais são os *pontos principais* de que você se lembra do sermão de hoje?
4. O que você ganhou — se houve algo — com o sermão?
5. O que você achou que foi fraco — se houve algo — no sermão?
6. Você acha que o sermão de hoje pode mudar a sua vida de alguma forma concreta? (Por exemplo, mudar uma atitude, levar você a fazer algo de forma diferente etc.).

   Sim, sem dúvida Provavelmente sim Talvez Provavelmente não

   Se você respondeu sim, o que você acha que mudará?

7. Se você pudesse contar ao pastor uma coisa positiva sobre os sermões dele, o que seria?
8. Se você pudesse dar ao pastor uma sugestão sobre o conteúdo do sermão ou o ato da pregação, o que seria?
9. Por favor, acrescente qualquer outro comentário que você tem sobre o sermão de hoje ou qualquer outro sermão.
10. Você é: Homem:_____ Mulher:_____
11. Sua idade: Abaixo de 30:_____ 30-49:_____ 50 ou mais:_____
12. Por quanto tempo você já freqüenta esta igreja?

    Menos de 1 ano Entre 1 e 3 anos Mais de 3 anos

Procedimentos sugeridos

Número de pesquisas

Não importa o tamanho da sua igreja, menos do que 20 questionários devolvidos podem não ser um *feedback* suficiente, e mais de 50 por domingo não são necessários para se obter uma opinião representativa. Você não receberá de volta todos os questionários, portanto distribua de 25 a 50 deles.

Distribuição

Escolha uma pessoa confiável e com boas relações para distribuir a pesquisa. Sugiro que essa pessoa faça contato com as outras na saída do culto, perguntando se elas gostariam de ajudar o pastor gastando alguns minutos para preencher um questionário sobre o sermão que acabaram de ouvir. (A forma mais precisa de obter bons resultados é se as pessoas preenchem a pesquisa *imediatamente.)*

A pessoa responsável deve distribuir a pesquisa a uma mescla de pessoas idosas e jovens, homens e mulheres, líderes e outros e também membros novos e membros mais antigos. A pessoa responsável pode coletar os questionários pessoalmente ou pode indicar às outras pessoas onde deixá-los. Uma caixa de papelão com a indicação *Pesquisa* garantiria o anonimato.

Essa pessoa responsável deve agradecer a colaboração das outras pessoas.

É possível que algumas pessoas não sejam honestas ou justas, assim recomendo que se faça a pesquisa com um grupo de diversos segmentos da igreja em ao menos três ou quatro domingos.

Tabulando e analisando os resultados

Embora você talvez queira só ler todos os questionários devolvidos, a tabulação das respostas fornece uma compreensão melhor do que realmente representa o *feedback*. Você sentirá qual porcentagem dos seus respondentes teve impressão positiva ou negativa acerca do sermão.

Algumas dicas:

- Use uma cópia em branco da sua pesquisa para registrar a sua tabulação e análise.
- Se você perceber diferenças fundamentais na forma em que as pessoas responderam com base em sexo, idade ou tempo de igreja, talvez você queira tabular cada grupo separadamente. Por exemplo, faça a tabulação separada de pesquisas de respondentes homens e mulheres, ou dos abaixo de 30 e dos acima de 30.
- Para os pontos 1, 2a e 6a, encontre a porcentagem para cada resposta. Salve essas porcentagens e compare-as com as respostas da sua pesquisa do sermão seguinte. Se a mensagem seguinte for de outro tipo, e você receber uma nota significativamente maior ou mais baixa (mais do que dez pontos percentuais), você pode concluir algo sobre a receptividade da sua igreja a esses dois tipos de sermões.

- Nos outros pontos, seria útil contar o número de vezes em que uma resposta é repetida. Por exemplo, no ponto 3, conte qual ponto na sua mensagem foi lembrado pelo *maior* número de pessoas e qual foi lembrado pelo *menor* número de pessoas.
- Em toda a tabulação, preste atenção nos comentários repetidos. Eles representam a resposta típica aos seus sermões. Não dê peso exagerado a uma queixa isolada. Talvez seja impossível não ser sensibilizado por esse tipo de comentário, mas lembre-se, ele só representa o ponto de vista de uma pessoa, não da igreja como um todo.

Usando os resultados

Recapitule. Usando a pergunta 3 de novo, o ponto mais lembrado foi o primeiro ponto? Ele foi associado à imagem gráfica mais intensa? Talvez haja mais de uma razão para que ele fosse mais lembrado. Essas razões dirão algo a você acerca da sua igreja e de como melhor se comunicar com ela.

Os resultados podem fazer sentido, de forma intuitiva, para você. Talvez não. Se há algo realmente desconcertante acerca dos resultados de alguma questão, talvez você queira conversar sobre isso com um presbítero de sua confiança. Sempre é útil obter mais de uma interpretação dos resultados de pesquisas.

Capítulo 198

LIÇÕES DO PORTAL *PREACHING TODAY*

Dez critérios usados pelos nossos especialistas para escolher os melhores sermões

Lee Eclov

Tenho o privilégio de ser um dos avaliadores de sermões que ouvem e analisam aproximadamente 250 gravações de sermões enviadas ao *Preaching Today Audio* todos os anos. É uma oportunidade rara poder ouvir a grande diversidade das melhores pregações (geralmente) estado-unidense. O que segue são as dez perguntas segundo as quais avaliamos todos os sermões recebidos pelo *Preaching Today*, e algumas das lições que aprendemos ao ouvi-los.

Esse sermão está fundamentado nas Escrituras?

Os sermões que ouvimos são, em sua maioria, bíblicos, mas muitos não "seguram o dedo no texto". Os ouvintes não são levados ao texto bíblico com grande freqüência durante o sermão. O efeito é sutil — a fonte a autoridade parece mudar silenciosamente da Bíblia para o pregador. Poucos sermões tentam de fato seguir a argumentação — a lógica — do texto.

Levo comigo um PDA, um desses pequenos computadores de mão. A tela é clara e colorida, mas se não toco a tela a luz se apaga depois de um minuto mais ou

menos. As palavras ainda estão ali, mas não há luz. É difícil ler. Sermões são assim. Precisamos continuar tocando as Escrituras enquanto pregamos — lendo a frase seguinte no texto, destacando uma expressão específica, pedindo aos ouvintes que observerm um determinado versículo — se esperamos manter a luz centrada na Bíblia, e não em nós mesmos.

A exegese e a teologia são sadias?

A minha reação mais freqüente a essa pergunta depois de ouvir um sermão é: "Sadio?"; "Sim." "Profundo?", "Não". Alg uns sermões descarregam tanta exegese que você pensa que isso foi um exame oral final no seminário. Mas os sermões, em sua maioria, embora verdadeiros, não revelam bem as surpresas, a criatividade ou a profundidade das Escrituras. Suspeito que o pregador não estudou o suficiente.

Para a mente natural (em contraste com a mente espiritual), a Bíblia sempre vai no sentido contrário da intuição. Os bons sermões nos mostram como o texto nos ensina a pensar de forma diferente, mostrando-nos como a verdade e a lógica de Deus desafiam o modo de pensar do nosso "velho homem".

O avaliador Jeffrey Arthurs, professor adjunto de pregação e de comunicação no Seminário Teológico Gordon Conwell, destaca mais uma questão: "Às vezes me preocupo com o sermão cujo estilo é 'Três passos para...' do movimento que tenta ir ao encontro das necessidades dos visitantes. Com freqüência, esses sermões tiram os versículos do seu contexto e elevam outras fontes de autoridade (especialmente o *éthos)* ao mesmo patamar das Escrituras".

Em relação à teologia de um sermão, os pregadores às vezes são surpreendentemente descuidados na escolha das palavras, expelindo uma teologia vaga. Mas com maior freqüência, tenho a sensação de que o pregador não percebeu as riquezas das nuanças teológicas no texto que escolheu, como alguém que está diante do Grand Canyon e prega: "Rapaz, como isso é grande!". Nós defraudamos o povo de Deus quando obscurecemos os seus olhos da glória da teologia.

Você descreveria o sermão como tendo unção?

Essa é a pergunta mais difícil de ser respondida. O avaliador Scott Wenig, professor adjunto de teologia aplicada do Seminário de Denver, diz: "Se o sermão realmente 'conecta, então respondo sim. Conjecturo que menos de 15% dos sermões que avalio satisfazem esse critério".

Uma sensação de paixão é uma possível pista para a unção, mas, às vezes, isso é mais uma questão de personalidade e estilo do que obra do Espírito Santo. No final das contas, o sinal mais seguro para mim é se a Bíblia fala de forma clara e alta, se não só o sentido completo do texto é esclarecido, mas também a paixão do autor bíblico. Quando parece que o autor originário do texto e o pregador estão em sintonia, isso é uma obra singular do Espírito Santo, e nesse sermão há unção.

O sermão cativou a sua mente do começo ao fim?

Scott Wenig diz: "A maioria dos sermões que ouço não faz isso. O sermão precisa avançar e zunir para cativar a atenção". Um dos benefícios dos pregadores que seguem o manuscrito é que seus sermões tendem a ser mais bem-costurados e bem-editados. Mas a maioria dos pregadores prefere a pregação menos presa às anotações. Os sermões deles tendem a atolar em algum ponto. Uma ilustração insossa pode causar isso, detalhar demais um ponto que já está claro ou tentar extrair o humor de uma história a fórceps.

O avaliador John Koessler, chefe do departamento de estudos pastorais no Instituto Bíblico Moody, destaca um outro fator de forma muito simples: "As idéias são interessantes?". Algo que certamente pode cativar nossa mente e nosso coração são grandes idéias bíblicas bem formuladas. São necessários tempo e suor para afiar uma idéia para levá-la à expressão vivida.

O sermão é viçoso?

Pense em hortaliças frescas. O sermão não precisa ser algo que você nunca ouviu antes, mas precisa ser expresso de forma viçosa, saborosa e recém-colhida. Parece que, às vezes, os pregadores estão contando coisas aos seus ouvintes que estes já sabem muito bem e em que crêem, e o fazem em termos que a igreja provavelmente considera muito familiares. Koessler identifica um teste-chave de viço: "Quero que o pregador evite clichês". Os clichês aparecem quando o pregador não pensou o suficiente acerca de como dizer uma coisa e assim recai naturalmente em palavras e expressões bem calejadas. Recentemente ouvi um belo sermão e me peguei pensando repetidas vezes: *Esse homem pensou bem em como dizer isso de forma tão bonita.* Como resultado, um tema conhecido se tornou novo.

O sermão é bem estruturado e claro?

John Koessler explica o seguinte: "Sou capaz de discernir os movimentos principais em um sermão. Prefiro ver os pontos do esboço formulados e destacados. Acho que são mais claros quando formulados como frases completas e não apenas expressões. Em uma narrativa, quero ser capaz de seguir a trama claramente e ver uma transição suave para a aplicação".

Jeffrey Arthurs acrescenta: "A chave para a clareza é a reafirmação, a recapitulação e a repetição. Os momentos-chave no sermão em que essas técnicas são necessárias são as transições".

O sermão é bem-ilustrado?

Koessler responde: "Minha primeira pergunta é se o sermão em geral é bem-ilustrado". Muitos sermões não são bem-ilustrados, e penso que a razão é que preparar ilustrações demanda tempo e trabalho, acrescentado a todos os outros elementos do preparo do sermão. Muitas ilustrações que ouvimos são fáceis; elas

vieram rapidamente à mente do pregador e não foram lapidadas suficientemente. Com freqüência, parece que a ilustração não foi suficientemente focada — ela é um tanto geral demais. Cabe no sermão como aquela calça *bag* em um menino adolescente. O que está aumentando é o uso de clipes de vídeo para ilustrar o sermão. Alguns funcionam muito bem, mas tendem a ser gerais; às vezes fico pensando por que será que o pastor estava assistindo àquele filme.

E raro ouvir o uso correto de *metáforas.* Elas requerem tempo e imaginação, mas são janelas maravilhosas. O puritano John Owen é um mestre do passado de quem podemos aprender. Por exemplo, em um sermão, ele disse: "O mundo é uma grande hospedaria em que devemos ficar uma noite ou duas e depois partir. Que loucura é fixar o nosso coração na hospedaria e esquecer a nossa casa!".

As *analogias* também funcionam bem por nos dar uma nova compreensão de uma idéia. Por exemplo, recentemente separei uma história do noticiário de uma carcaça de baleia que se despedaçou no meio de uma rua e a arquivei na pasta "vida bagunçada". Essa é uma ilustração feita por analogia. Acaba por evocar sorrisos *e* acenos de compreensão e concordância.

Os *exemplos* são histórias de pessoas que estão de fato colocando em prática os princípios do sermão — como Deus deu provisão para um doador generoso, por exemplo, ou a citação de uma mulher que percebe que o mundo está desabando sobre ela. Koessler acrescenta: "Eu quero ouvir o pregador aplicar a ilustração, mostrar o seu significado".

A mensagem desafiou você?

Os sermões que desafiam ouvintes que são tão duros quanto nós avaliadores são muito especiais! E aí também a regra geral é esta: quanto mais bíblico for, tanto mais desafiador. Os bons sermões contêm um tipo de remédio de efeito prolongado que é pressionado para o meu subconsciente e depois continua tratando a minha alma, e fica lançando doses do remédio no meu sistema horas ou dias depois de ter ouvido a mensagem.

Com freqüência, fico pensando quanto tempo ele se preparou em oração para esse sermão que estou ouvindo. Embora não saiba como medir isso, creio que um sermão que foi preparado com muita oração carrega em si uma potencialidade de longo prazo. A oração é um agente da unção.

Para que um sermão nos desafie, precisa conter grandeza de coração e uma idéia extraordinária. Alguns sermões parecem pesos-pena.

A pregação do sermão ê eficaz?

Todos os avaliadores observam algo em que a maioria dos pregadores em geral não pensa: o som da nossa voz. Scott Wenig diz: "A maioria dos sermões em que dou atenção especial à qualidade do som deixa a desejar". Ele aponta para a "falta de diversidade em termos de voz, inflexão e ritmo".

Eu tento prestar atenção a um bom domínio da linguagem e das emoções. Alguns pregadores são tão despreocupados com isso que barateiam um tópico tão substancial. No esforço de colocar os temas ao alcance de todos, acabam colocando-os no chão. Se, por exemplo, um sermão que trata do pecado é engraçado, está faltando alguma coisa. Os sermões podem ser calorosos e humanos sem que se sacrifique a dignidade.

No subconsciente do processo de ouvirmos uma mensagem, fazemos esta pergunta: "Esse pregador é uma pessoa temente a Deus? Consigo ver nele um coração e uma mente de Cristo?". De alguma forma, conseguimos discernir isso durante a pregação do pastor.

A aplicação é coerente com as Escrituras e adaptada à vida?

Muitos pregadores trabalham duro nisso, mas John Koessler adverte: "Não me conte o óbvio. Se é algo que já sei e deveria estar fazendo, ajude-me a entender por que não o estou fazendo. O que espero especialmente na mensagem é que o pregador me ajude a explorar a natureza dos problemas que enfrento na implementação da aplicação".

Geralmente pensamos na aplicação em termos do que deveríamos *fazer*, mas grande parte das Escrituras trata de como deveríamos *pensar*. Romanos 12.2 diz que seremos transformados pela "renovação da [nossa] mente". Mostre às pessoas como a forma típica de elas pensarem é contrária às Escrituras e, a seguir, use ferramentas santificadas da retórica para persuadi-las a pensar com a mente de Cristo. Isso é aplicação, mesmo que não falemos de *fazer* alguma coisa.

Capítulo 199

COMO MANTER OS OUVINTES ATENTOS

Três coisas que fazem com que dificilmente os ouvintes fujam do sermão

Craig Brian Larson

O que torna o sermão cativante, uma mensagem que não seja somente verdadeira e bíblica, mas uma que as pessoas façam questão de ouvir? Ao avaliarmos as nossas próprias mensagens, especialmente quando as ouvimos na gravação, esse é um dos importantes critérios que devemos considerar.

E claro, se tratamos de necessidades doloridas que as pessoas estão passando, elas ouvem, mas e o que fazer com todos aqueles sermões importantes que fundamentam os crentes, mas que não tratam de tormentos nem de ambições? Como conseguimos cativar os ouvintes, independentemente do tópico?

Após ouvir centenas, talvez milhares, de gravações de sermões para *Preaching Today*, acho que sei a resposta. Ouvir uma gravação de sermão é o teste mais rigoroso.

Na gravação, o pregador perde a vantagem da sua simpática expressão facial, dos movimentos físicos e dos gestos, da emoção da multidão e da presença de Deus no encontro. Sermões gravados reduzem o pregador à voz e às palavras utilizadas. Ouvi muitos sermões ao vivo que achei que eram de primeira grandeza, para depois ouvi-los na gravação e não me sentir tocado. Portanto, se você consegue cativar as pessoas na gravação, então você realmente sabe pregar.

O que cativa as pessoas até mesmo na gravação é a energia. Quando você ouve o seu próprio sermão, sente uma eletricidade na mensagem? Tenho observado três tipos de energia nos sermões. Se você tem ao menos um desses três tipos, suas mensagens podem cativar os ouvintes para que eles consigam ouvir plenamente a Palavra.

Energia emocional

Raramente consigo desligar de um pregador que fala com o coração — mesmo que falte organização ao sermão. A paixão cobre uma multidão de pecados homiléticos. (Sei, a paixão também faz tremular algumas bandeiras vermelhas. Mas só porque manipuladores e hereges abusam das emoções não quer dizer que oradores éticos a devam evitar. Muito pelo contrário!)

A vitalidade emocional surge dos sentimentos tanto do pregador quanto do ouvinte, à medida que coração toca coração. Nas minhas observações, a energia emocional vem das seguintes fontes:

- Percebo que no coração do pregador pulsam as virtudes cristãs: fé; amor por Deus e por pessoas; paixão pela santidade; zelo pela igreja, pelos perdidos e pelo reino. Em outras palavras, o pregador está cheio do Espírito Santo.
- O pregador fala de um tópico importante, crê claramente que é importante e mostra por que é fundamentalmente importante para mim. Quanto maiores as conseqüências de um sermão, maior a emoção.
- O pregador expressa sentimentos em um nível adequado e maduro. As emoções expressas do pregador funcionam como um termostato emocional na congregação. Contudo, a congregação precisa perceber que o pregador mantém os sentimentos sob controle. Ao contrário, os ouvintes se tornam desconfortáveis e pensam mais na necessidade de que o seu pastor precisa de ajuda do que pensam na mensagem. Evidentemente, os sentimentos do pregador também precisam ser autênticos.
- O pregador apela diretamente à vontade dos ouvintes. "Hoje, estou convidando você a focalizar os seus recursos nas pessoas necessitadas". Pedir às pessoas que mudem eletriza uma mensagem porque a idéia de mudança traumatiza a congregação, mas também a estimula. Desafiar a congregação também é algo que energiza o pregador porque ministros experientes conhecem os riscos.
- Quando for adequado, o sermão traz uma história inspiradora de amor, fé e vitória sobre obstáculos. Não devemos tirar uma história da manga

gratuitamente. Se, no entanto, a historia se encaixa genuinamente no nosso coração, no texto e no sermão, devemos usá-la.

Energia intelectual

Alguns pregadores têm idéias particularmente interessantes, e tenho de ouvi-los porque preciso saber o que eles pensam. Eles desenvolvem sermões de tal maneira que transformam idéias em música.

O dinamismo intelectual vem naturalmente de uma mente em crescimento e da longa meditação em um texto e na sua aplicação para os ouvintes de hoje sob a condução do Espírito Santo. A seguir estão algumas disciplinas pessoais e passos de preparo de mensagens que aumentam a energia mental nos sermões:

- Busque a verdade, a sabedoria e o entendimento todos os dias da sua vida. Faça perguntas honestas, busque as respostas em atitude de oração, faça um diário das suas idéias — e não somente para o sermão desta semana.
- Provoque a curiosidade. Alguns pregadores não conseguem provocar tensão nem perguntas.
- Cuidado com os extremos. Há o perigo de escorregarmos para uma de duas valetas: simplificar demais as questões, tornando-as preto no branco; ou exagerar a complexidade e a ambigüidade, raramente chegando a conclusões fortes e claras. A energia intelectual vem da tensão de dois pólos, da consideração equilibrada pela tensão entre idéias e pela convicção. (Sim, essa é uma resposta "tanto-quanto".)
- Como um romancista, escreva os seus sermões com um olho no conflito e no contraste. Isso não é difícil, pois as maiores guerras do mundo são travadas no campo de batalhas da verdade: dúvida *versus* fé; Satanás *versus* Deus; o bem *versus* o mal. A pregação sobre a mansidão, por exemplo, pode dar sono nas pessoas, até que contrastemos a mansidão com um coração egoísta que não se importa com ninguém.
- Seja criativo. Elementos imaginativos disparam foguetes na mente. As percepções e as idéias criativas prosperam no âmbito da imaginação e da metáfora. Isso não requer habilidades de um grande gênio. Pergunte ao Criador como você pode expressar os elementos principais do sermão de maneira que você nunca tinha ouvido antes.
- Na devocional e no preparo do sermão, leia a Bíblia lentamente e em atitude de oração. Observe tudo no texto. Faça perguntas. Quando está no trânsito, na atividade física ou simplesmente sonhando acordado, medite no significado e nas implicações do texto.
- Se Deus abençoou você com um senso de humor, use-o (de forma sábia e intencional), pois ele também contém energia inerente.
- Atenha-se ao que é mais importante. Pregadores imperdíveis se parecem com um diretor executivo inteligente que pesa cada decisão nos negócios em termos da missão mais ampla da companhia. Por meio da sua leitura e da conversa com Deus e com as pessoas, os pregadores com idéias reple-

tas de energia têm um senso profundo do que é importante, do que está em jogo, do que importa para os ouvintes, do que importa para Deus.

Energia vocal

Meu lado idealista gostaria de dizer que podemos transmitir a Palavra de Deus em qualquer apresentação vocal, e a pregação dará frutos. Mas a pregação inclui tanto elementos divinos quanto humanos, e entre os fatores humanos um dos mais importantes é a voz.

Esqueça os aspectos se sua voz é aguda ou grave, forte ou fraca, ou se você fala de maneira conversacional ou como um orador. O que a voz do pregador precisa ter não é beleza, mas vitalidade. Alguns pregadores com emoções e pensamentos oscilantes têm uma desconexão entre aquela energia interior e a voz, e assim precisam trabalhar na energia vocal.

Os seguintes fatores afetam a vitalidade vocal:

Colocar como alvo apenas o conforto. Se você está tentando dar conforto aos ouvintes, corre o risco de perdê-los. Um pregador que conheço e que tem idéias intensas fala em tom familiar do começo ao fim. Os sermões dele são simplesmente enunciados, porque quando queremos acalmar os ouvintes, baixamos o volume, arredondamos os cantos ásperos da nossa pronúncia, diminuímos o ritmo — em outras palavras, paramos de fazer tudo que energiza a voz.

Com freqüência, ouço pregadores que diminuem o ritmo da mesma forma na conclusão, mesmo quando não estão tentando dar conforto. Eles tentam concluir o sermão e, inconscientemente, talvez, começam a diminuir a intensidade da pregação. A moral da história: use tons de conforto para variação, mas não por muito tempo.

O uso do dinamismo vocal.

- Volume. Mesmo usando o sistema de som, quando pregamos precisamos falar mais alto do que o faríamos em uma conversa normal. O que me ajuda nesse sentido é pensar mais em projetar a voz para os que estão sentados no fundo do salão do que em falar alto.
- Espectro no diapasão. Todos falamos de forma melodiosa, variando entre agudos e graves. Compare a melodia da sua voz com a de oradores com voz dinâmica.
- Velocidade. Como um carro veloz, a velocidade na fala é dinâmica e emocionante. Até mesmo um pequeno aumento na velocidade faz maravilhas. Quanto mais velhos ficamos, mais temos de nos esforçar para manter o ritmo animado.
- Pronúncia enfática. Enfatizar alguns sons, e não outros, é um dos segredos menos usados na oratória dinâmica. Enfatizamos os sons por meio do volume, de agudos e graves, de pausas antes ou depois, da articulação.
- Variedade em todos os elementos acima. Por exemplo, usada de forma esparsa, uma pausa em meio à fala rápida pode ser o momento mais emocionante do sermão.

Formalidade. Pregadores que tentam falar de maneira séria, com freqüência, perdem vivacidade na sua voz. Tornam-se rígidos. Se usamos nossa voz de orador, ainda assim tem de ser nossa voz elevada a outro nível, e não a voz de outro orador.

Em uma recente volta para casa de carro, ouvi um sermão gravado que mexeu fundo com minha mente e com meu coração. Quando estacionei o carro na entrada de casa, o sermão não tinha terminado, e continuei ouvindo, com minha face banhada em lágrimas. Quando o pregador acabou, fiquei no carro pensando e orando. O Espírito e a Palavra me transformaram a ser mais parecido com Cristo por meio de um sermão que possuía uma energia da qual não consegui escapar.

Capítulo 200

O MEU PIOR E O MEU MELHOR SERMÃO DE TODOS OS TEMPOS

Como fui libertada da necessidade de julgar a minha pregação

Barbara Brown Taylor

O pior sermão que já preguei foi em Canajoharie, Nova York, a capital mundial da goma de mascar, onde fui convidada a falar ao que me foi descrito como uma congregação enferma.

A lição do evangelho para aquele domingo da Trindade era a história de João acerca da busca de Nicodemos pelo novo nascimento. Era um sinal promissor, pensei, e comecei a elaborar uma obra de arte de oito páginas acerca da fé e da dúvida. O domingo chegou, o hino processional da entrada começou, e entrei marchando em uma igreja com três pessoas presentes, cinco se considerarmos o meu anfitrião e eu.

Duas delas eram mulheres idosas que ainda estavam chorando a perda de um amigo que morrera no dia anterior. O outro era um homem pesado, de rosto irado, que ocupava o outro lado da igreja, sozinho. Quando veio a hora do sermão, rastejei para o púlpito, pensando o que deveria fazer. Tentei a primeira página do meu manuscrito, e o abandonei; era como recitar poesia a uma parede. Depois de uma rápida oração ao Espírito Santo, coloquei de lado minhas anotações e tentei resumir o que tinha planejado dizer. O resultado foram cinco minutos de puro blá-blá-blá. O Espírito Santo não apareceu, e enquanto a congregação olhava para mim, com olhos vazios, rapidamente confirmei todos os seus temores acerca de mulheres no púlpito.

Do ar rarefeito

Um dos melhores sermões que já preguei foi no funeral de uma menininha, ainda bebê. Sua morte, que veio somente três meses depois de seu conturbado nascimento, testou a fé e a confiança de todos que conheciam a ela e a seus pais,

inclusive eu. Tentei com todas as forças preparar algo para dizer, mas qualquer direção que tomava, dava no beco sem saída da minha tristeza. Quando chegou a hora do culto, entrei, com nada mais do que cerca de meia página de anotações, em uma igreja cheia. Tentei colher as palavras do ar rarefeito à medida que apareciam diante dos meus olhos. De alguma forma, elas foram eficazes. Deus consentiu em estar presente nelas.

Quando recebi uma transcrição do sermão mais tarde, era como se tivesse sido escrito com tinta que se apagava. Nada estava ali, a não ser uma mixórdia de expressões e imagens, apagando-se no final em um silêncio desconfortável. Visto que o Espírito Santo estava nelas, elas estavam vivas. Depois, não eram mais do que caixas vazias, deitadas onde o vento as tinha deixado.

Estanho transformado em ouro

Essas duas experiências me lembram que não posso me levar a sério demais. Também me tornam relutante a falar sobre os "melhores" ou os "piores" sermões. Algo acontece entre os lábios do pregador e os ouvidos da congregação que está além da predição e da explanação. O mesmo sermão tem efeitos totalmente diferentes às 9 horas e às 11 horas. Sermões que me fazem chorar deixam os meus ouvintes desconcertados, e sermões que me parecem frios encontram reação calorosa. Mais tarde, durante a semana, alguém cita para mim partes do meu sermão que para ela foram extremamente relevantes — só que nunca disse aquilo.

Há algo mais acontecendo aqui que ninguém pode explicar. A pregação é, no final das contas, mais do que arte ou ciência. É alquimia, em que, sob a influência do Espírito Santo, o estanho se transforma em ouro, e as pedras do quintal, em diamantes. E um processo de transformação tanto para o pregador quanto para os ouvintes, à medida que os detalhes comuns do seu dia a dia são traduzidos em elementos extraordinários da criação contínua de Deus. Quando soa o gongo e o pregador toma o seu posto, podemos contar com isso. Onde estiver a Palavra de Deus, aí Deus estará — soltando nossa língua, afinando nossos ouvidos, descongelando nosso coração e fazendo de nós um povo que pode falar e ouvir a Palavra da Vida.

Capítulo 201

APRENDENDO COM GIGANTES

Embora não possa simplesmente imitar grandes pregadores, posso me beneficiar grandemente do seu exemplo.

Kevin Miller

Como podemos aprender com pregadores extraordinários e continuar a ser nós mesmos? Tenho me debatido com essa pergunta ao longo dos anos, e desenvolvi alguns princípios que têm sido úteis para mim.

Cuidado

O primeiro princípio vai contra a intuição: não aplique a primeira coisa que você observa em um grande pregador. É porque o que você primeiro observa em um grande pregador é o seu dom mais forte.

Por exemplo, quando ouço as mensagens de John Ortberg, fico admirado diante do seu senso de percepção do momento cômico. Esse sujeito tem uma habilidade extraordinária de enunciar a frase-clímax exatamente no momento certo. Ou então quando ouço Haddon Robinson. Haddon tem essas mãos incríveis. Ele usa as suas mãos como nunca vi ninguém usar na pregação. Elas são muito habilidosas e sempre agem no momento certo. Ou Timothy Keller. Ele tem essas percepções intelectuais sutis e distintas, e quando o ouço, penso: *Quero pregar como ele.*

Todos nós temos esse tipo de reações a grandes pregadores, mas não queira aplicar aquela primeira coisa que você observa neles. Você não quer olhar para esse grande dom, porque você não tem um dom grande como esse — ao menos não tenho, nos três casos que mencionei — assim não quero olhar para o carisma deles, mas para a arte deles, algo que possa imitar.

Correto. Não quero perguntar: *Qual é o dom extraordinário deles?*, porque talvez não o tenha. Quero olhar para a arte deles: *Como eles conseguem obter um bom efeito?*

Posso lhe dar uma ilustração. Ao longo dos anos, tenho ouvido muitos sermões de Bill Hybels, e uma das primeiras coisas que observo é sua grande paixão. Ele é uma pessoa muito intensa, que bebe combustível de motor a jato, de alta octanagem, e isso transparece de forma intensa na sua pregação. Esse é o carisma de Bill. Esse é um dos dons que ele tem como pregador, mas não tenho esse mesmo tipo de temperamento. Sou intenso, mas não nesse nível de intensidade, assim não posso aplicar isso a mim. Mas veja o que posso aplicar. Uma técnica da arte de pregar que Bill usa bem é que, nos primeiros cinco minutos do sermão, ele convence você da razão pela qual é absolutamente imprescindível que você ouça o seu sermão. Esse tópico é tão importante que você não pode se dar ao luxo de ignorá-lo. Isso é para você e afetará sua vida. Assim ele gasta um bom tempo no início da mensagem desenvolvendo a importância do tópico.

Posso fazer isso, embora não tenha o mesmo nível de intensidade no meu temperamento que Bill tem. Por exemplo, recentemente ensinei sobre o perdão. E, em vez de entrar logo no tema pressupondo que as pessoas sabiam o quanto era importante, disse:

> O perdão é um dos tópicos mais importantes da vida cristã. Se você não aprender a perdoar, vai se tornar uma pessoa amarga. Você vai ser engolido pela raiva. Você vai acabar se ocupando só consigo mesmo. Vai prejudicar o seu relacionamento com Deus. Mas se aprender a perdoar e, corajosa-

mente, fizer a escolha consciente de perdoar, vai se tornar uma pessoa mais agradável e bondosa. Vai se tornar uma pessoa alegre e vibrante. Vai ser o tipo de pessoa de quem os outros querem estar perto, e o tipo de pessoa que Deus pode usar. Você quer aprender a perdoar hoje?

Essencialmente disse: "Esse é um tópico tão crucial que você precisa prestar atenção. Você não pode se dar ao luxo de não ouvir". De repente, acrescentei paixão à minha mensagem, acrescentei um nível de intensidade, e aprendi isso de Bill Hybels. Não posso imitar o carisma dele, mas posso aprender com a arte dele.

Adoção

A segunda maneira em que podemos nos beneficiar de grandes pregadores, em vez de tomar emprestado tudo que eles fazem ou desprezar tudo o que fazem, é perguntar: *Até que ponto posso adotar algumas abordagens da pregação deles? A* maneira de você saber quanto pode adotar é fazer a si mesmo a seguinte pergunta: *Se fizer isso, vou me sentir bem com isso, e os meus ouvintes vão se sentir bem com isso?*

Não faz muito tempo, tivemos um sermão maravilhoso do falecido E. K. Bailey no *Preaching Today Audio* em que ele assumiu o papel do profeta Oséias. Ele entrou em uma explosão de retórica que foi absolutamente fenomenal. Era algo assim: "Que acordo há entre o profeta e a prostituta? Que unidade pode haver entre o sagrado e o secular? Que relação pode haver entre a pureza e a profanação?".

Ele estava só aquecendo. Ele continuou e apresentou mais três desses contrastes aliterantes entre o sagrado e o profano. Fiquei comovido. Conseguia sentir o impacto daquilo. Adorei isso, e algo dentro de mim dizia: *Ah, se só pudesse pregar assim.*

Mas a verdade é que se levantar no domingo na minha igreja e disser: "Que acordo há entre o profeta e a prostituta? Que unidade pode haver entre o sagrado e o secular?", as pessoas olhariam para mim e coçariam a cabeça. Elas diriam: "O que há de errado com ele hoje? Ele está querendo impressionar?", porque elas sabem que isso não faz parte do meu estilo comum. Assim, mesmo que funcione de forma brilhante para E. K. Bailey, não poderia fazer isso e esperar que as pessoas na nossa igreja se sentissem confortáveis. Elas começariam a se concentrar mais na técnica do que na mensagem. Agora — e aqui está o meu ponto principal — em vez de descartar isso de cara, e dizer: *Nunca poderia usar nada disso,* pergunto: *Quanto disso poderia adotar e ainda me sentir bem em fazê-lo e saber que os meus ouvintes também se sentiriam bem?*

Contarei a você quanto poderia adotar no meu exemplo particular. No domingo pregarei sobre a viúva persistente de Lucas 18. Quero adotar de E. K. Bailey uma certa dose do poder da aliteração, assim usarei no sermão a expressão: "O poder da persistência". Poderia partir daí e dizer algo como: "O potencial da perseverança". Não farei isso porque não soaria natural para mim, mas posso usar

uma expressão aliterante: "O poder da persistência". Além disso, posso usar um tercilho de expressões sobre a viúva persistente em que posso dizer: "Ela nao vai desistir Não vai arredar o pé. Não vai se calar". Sinto-me confortável com essa medida de retórica, e isso funcionará na minha igreja. Se tentasse forçar além disso, não funcionaria.

Assim, você precisa desenvolver um nível de abordagens que pode ser medido pelo que parece confortável a você e é aceitável para a sua igreja.

Adaptação

O terceiro princípio para aprender com os grandes pregadores trata de quanto conteúdo você pode adaptar deles. *Que tipo de conteúdo poderia pegar emprestado ou adaptar e isso funcionaria para mim? Assim,* meu terceiro princípio é que voce precisa saber quem você é antes de poder saber que conteúdo você pode adaptar.

Tenho de aceitar o fato de que há alguns tipos de ilustrações que conseguirei usar de forma eficaz, mas há outros tipos de ilustrações que não conseguirei usar de forma eficaz. Antes pensava que qualquer pregador poderia usar qualquer tipo de ilustração, e isso funcionaria. Mas percebi que não é assim, pois há certas categorias de ilustrações que posso usar com grande eficácia, e outras que nao posso.

Por exemplo, não posso usar de forma eficaz o que chamo de historias do Joãozinho", que são essas histórias do interior que incluem meninos, cachorros, avós e mamães. Bob Russell, no entanto, tem uma abordagem calorosa e popular quando prega, e ele pode contar essas histórias com grande impacto. Elas contêm esse poder natural, essa qualidade mítica, e adoro quando Bob as conta. Quando tento contá-las, soa como se estivesse com a data de validade vencida.

Mas há certas ilustrações que funcionam muito bem para mim. Uso bem as histórias do mundo dos negócios. Sei usar bem histórias de eventos atuais. Assim preciso saber que tipos de ilustrações se adaptam bem a mim a fim de não tentar ir além disso na adaptação ou no empréstimo de conteúdo de outras mensagens.

Deixe-me dar-lhe mais um exemplo de uma área em que isso é crítico. Isto e, preciso perguntar: *Que tipo de tom tem esse conteúdo na forma em que éapresentado por esse pregador, e esse tom se harmoniza com meu tom?*

Darei uma ilustração disso. Adoro o jeito que James MacDonald prega, porque arde nele uma chama profética. Ele simplesmente diz o que tem para dizer. Lembro-me de um sermão que ele pregou sobre o perdão que apareceu no *Preaching Today Audio.* Ele disse: "Você me diz: 'Mas pastor, já me arrependi tantas vezes e não mudei. Como isso pode acontecer?' ". E MacDonald diz: "E porque na verdade você não se arrependeu. Se você realmente tivesse se arrependido, seria diferente . Ele simplesmente fala isso desse jeito. Ele joga isso na sua cara, e ganha pessoas por meio desse desafio ousado e profético.

Amei quando o vi fazendo isso, e pensei: *Como gostaria de poder levantar e dizer isso desse jeito, abrir a boca e deixar sair essa verdade nua e crua.* Mas sabe de

uma coisa? Se fizesse isso, não estaria em harmonia com meu tom. As pessoas diriam: "O Kevin está um tanto irado hoje", porque meu tom é diferente. Tenho um tom de misericórdia, assim ganho as pessoas menos com desafios ousados e proféticos, e mais com um tom encorajador que diz: "Você pode ter uma mudança duradoura no seu temperamento e comportamento e atitude, e vou mostrar como isso pode acontecer". E uma abordagem diferente.

Assim aprendi com James MacDonald a desafiar as pessoas e, quando você for desafiar as pessoas, seja ousado. Mas não posso adotar o tom dele por completo; preciso desafiar as pessoas em um tom que se harmonize comigo. Assim, é um desafio, com sabor de misericórdia. É um desafio repleto de estratégias práticas. Assim, não posso adaptar as coisas sem compreender qual é meu tom.

Aplicação

Além disso, você precisa se certificar de que aplica o que quer aprender. Nunca incorporarei a arte ou o conteúdo de outra pessoa no meu sermão ou na minha vida a não ser que isso faça parte do meu processo de preparo do sermão. É tão fácil ouvir uma grande gravação de sermão, pensar nele e depois esquecê-lo. Assim abri uma pasta no meu computador que contém uma lista de verificação da pregação. Ali anoto idéias e estratégias que aprendi com outros pregadores. E antes de levantar para pregar, examino essa lista de verificação e digo: *Estou incluindo uma grande idéia clara e simples na minha mensagem, ou estou tentando fazer demais?* Depois vou ao ponto seguinte e pergunto: *Estou dizendo às pessoas nos primeiros cinco minutos da mensagem por que é importante que elas ouçam o sermão?* E vou incluindo todas essas coisas diferentes que aprendi com grandes pregadores. Não incluo tudo isso de forma obrigatória todos os domingos, mas é um lembrete que agora faz parte do meu processo de preparo de sermões.

Assim, se você ouviu a mensagem de um grande pregador e diz: "Gostei demais do jeito que ele fez isso, seria muito bom se conseguisse fazer algo assim", então descubra o que é e anote em algum lugar. Talvez você queira colocar uma nota em um *post-it* na tela do computador, ou colocar um bilhete nas primeiras páginas da sua Bíblia que diz: "Um lembrete. Estou fazendo isso?". Se você não fizer isso, pode ficar impressionado pela idéia, mas não a colocará em prática. Você precisa de algum sistema, estratégia, lembrete ou lista de verificação para que faça com que isso faça parte da sua rotina.

Atitude

A última coisa de que quero falar é da atitude que temos quando ouvimos grandes pregadores. Nunca quero estar satisfeito, mas quero sempre estar seguro.

Explicarei. Quando tiver 65, 66 ou 67 anos, e, se o Senhor quiser voltar e demorar para fazer isso, e eu ainda estiver pregando o evangelho, espero ainda estar melhorando. Ainda estou acrescentando idéias a minha lista de verificação.

Ainda estou tentando coisas novas e tentando me tornar mais eficiente. Assim, nunca quero estar satisfeito com o nível de habilidade na pregação que estou exercendo atualmente. Mas sempre quero pregar com base em uma atitude de segurança. Sei que Deus me deu esse nível de dons e me sinto confortável com isso. Não estou tentando ser alguém que não sou.

Não há muitas pessoas que sabem isso, mas quase todas as vezes que preparo um sermão, chego a um ponto emocional escuro e difícil e penso: *Esse sermão não está com nada. Não consigo juntar as partes. Essa mensagem não vai sair.* E então isso se transforma em: *Não tenho tanta certeza de que sou um bom pregador. Nem sei por que estou fazendo isso.* Vêm essas dúvidas e a autocrítica. É algo muito difícil para mim, e algumas vezes tenho pedido à minha filha, Ann, que ore por mim nesses momentos. Digo: "Papai está em grande luta por causa do sermão de domingo. Você pode orar por mim?". Já aconteceu tantas vezes que Ann chama isso de "O curto-circuito do papai". Ela diz: "Ah, pai, você só está tendo esse curto-circuito de novo. Não se preocupe. Tudo sempre termina bem".

Recentemente estava orando sobre isso. Disse: "Senhor, por que tenho esses momentos de angústia?". Uma das percepções que Deus me deu foi que ainda estava muito preocupado com o que as pessoas pensariam de mim. Elas gostariam do sermão? Elas reagiriam com entusiasmo? Elas estariam ansiosas para me ouvir de novo? E isso não dá segurança alguma para a pregação.

Enquanto orava e meditava sobre isso, senti como se Deus me mostrasse que há somente dois pilares sobre os quais você pode estar seguro como pregador. Aqui estão eles.

Um é o pilar da obediência. Estou pregando porque Deus me chamou para pregar. Ele me ordenou que pregasse sua Palavra, assim, se não pregar o evangelho, ai de mim (como diz Paulo em 1 Co 9.16). Preciso fazê-lo. Estou fazendo isso por obediência. E bem ou mau, preciso pregar a Palavra de Deus porque preciso obedecer ao chamado do Senhor. Assim, o primeiro pilar da segurança é a obediência.

O segundo pilar é a confiaiiça em que a Palavra de Deus tem um poder além das minhas habilidades. Em Isaías 55.10,11, Deus diz que a palavra dele nunca volta vazia. Sempre realizo o que ele a enviou a realizar. É infalível. A palavra dele tem um poder inerente de transformar, formar e influenciar as coisas. Sempre acaba por causar um impacto.

Para ser honesto, o último sermão que preguei não foi muito bom. Comecei a pregar e percebi que não estava conectando com a congregação. Rapidamente, tentei reformular e condensar muitas coisas, deixar fora uma grande parte. Cheguei à história final, que não funcionou tão bem quanto esperava. Terminei o sermão. Ninguém veio para me dizer: "Belo sermão". Ninguém disse: "Cara, que mensagem poderosa".

Normalmente, teria descido em uma espiral de frustração emocional por causa das dúvidas e do desânimo. Em vez disso, controlei-me e disse: *Preguei esse sermão*

por obediencia ao Senhor, porque Deus me chamou para pregar? Sim. *Subi ao pulpito com a confiança de que a Palavra de Deus nunca volta vazia e que vai realizar o propósito para o qual Deus a enviou?* Sim. E sabe o quê? Saí dali liberto. Não refiz aquela mensagem. Não me torturei com recriminações e dúvidas. Senti grande liberdade e leveza no Espírito. Era a segurança.

Assim sempre que olho para outros grandes pregadores, penso: *Cara, eles pregam tão bem e seria ótimo se pudesse pregar assim,* nunca quero perder a minha segurança. Nunca quero estar satisfeito, quero crescer, mas sempre quero estar seguro.

Assim nos comparamos com outros de forma construtiva, e não destrutiva. É libertador ser capaz de aprender com eles sem a seguinte insegurança: *Por que não prego melhor?* Em vez disso, se posso aprender com eles de uma posição de segurança, então posso aprender com essas pessoas com uma tremenda sensação de libertação. Posso me alegrar com o extraordinário conjunto de dons deles. É maior que o meu. Provavelmente é maior do que o meu jamais será. Mas isso não significa que não posso aprender livre e seguramente com eles para crescer.